

L&PM POCKET

GUERRA E PAZ

LEON TOLSTÓI

Edição em 4 volumes – Volume 1





TOLSTOI GUERRA E PAZ



Primeira Parte

Capítulo I

— Pois bem, meu príncipe. Gênova e Luca mais não são do que apanágios, domínios, da família Bonaparte. Não, previno-o de que, se me diz que não teremos guerra, se se permitir ainda atenuar todas as infâmias, todas as atrocidades desse — Anticristo (palavra de honra, para mim, é o que ele é), desconheço-o, deixo de considerá-lo meu amigo, meu fiel escravo, como costuma dizer. Vamos, vejamos, como está, como está? Bem vejo que lhe meto medo. Sente-se e conte-me novidades.

Foi com estas palavras que em julho de 1805 a conhecida dama de honor, íntima da imperatriz Maria Fiodorovna, Ana Pavlovna Scherer, acolheu o príncipe Vassili, pessoa importante e de alta estirpe, o primeiro dos convidados a chegar à sua recepção daquela noite. Havia algum tempo já que Ana Pavlovna tossicava, estava com gripe, como ela dizia — gripe era então um novo vocábulo, que poucas pessoas ainda empregavam. Nessa mesma manhã tinha ela mandado entregar, por um laçao de libré encarnada, a toda a gente, indistintamente, um bilhetinho redigido nestes termos:

Se não tem nada melhor a fazer, Senhor Conde — ou então: meu príncipe -, e se a perspectiva de passar a noite em casa de uma pobre doente não o assusta muito, sentir-me-ei encantada de o ver em minha casa entre as 7 e as 10 horas.
Ana Scherer

— Meu Deus, que violência! — retorquiu o príncipe no seu uniforme de gala, o peito coberto de condecorações, na face achatada um ar florescente, sem ligar a mínima importância a semelhante acolhimento.

Exprimia-se nesse francês precioso, que falavam e em que até pensavam os nossos avós, e a que adicionavam esse sotaque protetor, essas entoações suaves tão naturais a quem envelheceu na sociedade e com prestígio na corte. Aproximou-se de Ana Pavlovna, beijou-lhe a mão, exibindo a calva perfumada e reluzente, e sentou-se, tranquilamente, num divã.

— Antes de mais nada, diga-me, como tem passado, querida amiga? Tranquelize este seu amigo — prosseguiu ele no mesmo tom e numa voz em que, sob a cortesia e a afabilidade, transpareciam a indiferença e até mesmo uma certa mofa.

— Como é que uma pessoa há de passar bem de saúde..., quando, moralmente, não pode deixar de sofrer? Quem é que no nosso tempo há de estar sereno, desde que seja pessoa de coração? — redarguiu Ana Pavlovna. — Vai ficar toda a noite, não é verdade?

— E a festa na Embaixada de Inglaterra? É hoje quarta-feira. Não posso deixar de aparecer — disse o príncipe. — Minha filha ficou de passar por aqui para me levar.

— Julguei que a festa tinha sido adiada. Confesso-lhe que todas estas festas e todos estes jogos de artifício começam a tornar-se insípidos.

— Se tivessem sabido que era esse o seu desejo, teriam adiado a festa — tornou o príncipe, o qual, como um relógio certo, tinha por hábito dizer, em determinadas circunstâncias, frases que ele próprio não esperava que fossem acreditadas.

— Não me atormente. Afinal, que decidiram em relação ao telegrama de Novosiltzov? O senhor costuma saber tudo.

— Que lhe hei de eu dizer? — volveu o príncipe num tom frio e enfatiado. — Que decidiram? Decidiram que Bonaparte chegou a ponto de não poder recuar e eu acho que está aqui, está a acontecer-nos o mesmo.

O príncipe Vassili falava sempre com indolência, como um ator que recita um papel há muito decorado. Ana Pavlovna, pelo contrário, apesar dos seus quarenta anos, toda ela era vivacidade e expansão.

Ser entusiasta era a sua função social, e até mesmo quando não era essa a sua disposição natural procurava sê-lo, para que as pessoas suas conhecidas se não sentissem desapontadas. O sorriso constrangido que lhe andava sempre no rosto, conquanto não dissesse muito bem com os seus traços já fatigados, denunciava, como acontece nas crianças mimadas, a existência de um pecadilho, pecadilho de que ela não queria, nem podia, nem mesmo julgava útil corrigir-se.

No decurso da conversa sobre política. Ana Pavlovna exaltou-se.

— Ah! Não me fale da Áustria! Talvez eu seja uma parva, mas estou convencida de que a Áustria não quis nem quer a guerra. Está a atraiçoar-nos. É a Rússia sozinha que compete salvar a Europa. O nosso Benfeitor conhece a alta missão a que está destinado e cumpri-la-á. É a única coisa em que tenho confiança. O nosso sublime imperador tem um grande papel a desempenhar no mundo, e é tão virtuoso e tão nobre que Deus não o abandonará e há de cumprir a sua missão: esmagar a hidra da Revolução, ainda mais terrível desde que encarnou nesse assassino e nesse salteador. É a nós, e só a nós, a quem compete resgatar o sangue do justo... E pergunto-lhe eu agora: com quem poderemos nós contar? A Inglaterra, com o seu espírito comercial, não compreende nem pode compreender toda a grandeza da alma do imperador Alexandre. Recusou-se a evacuar Malta. O que ela quer é ver, procurar na nossa conduta ideias reservadas. Que é que eles disseram a Novosiltzov?... Nada. Não compreenderam, não podem compreender o desinteresse do nosso imperador, que nada quer para ele e tudo faz

para bem da humanidade. E que prometeram eles? Nada. E até aquilo que prometeram acabará por não vir a realizar-se. A Prússia já declarou que Bonaparte era invencível e que a Europa inteira nada podia contra ele... E eu por mim, não acredito numa só palavra do que dizem Hardenberg ou Haugwitz. Essa famosa neutralidade prussiana não passa de uma armadilha. Só em Deus confio e no alto destino do nosso augusto imperador. Ele salvará a Europa!...

De súbito calou-se, sorrindo ela mesma, antes de mais ninguém, da veemência das suas próprias palavras.

— Estou persuadido — disse o príncipe com um sorriso — de que se a tivessem mandado a si, minha querida amiga, em lugar do nosso muito querido Wintzengerode, a esta hora tínhamos tomado de assalto a adesão do rei da Prússia. Quer dar-me uma xícara de chá?

— Com certeza. A propósito — acrescentou ela num tom sereno -, tenho hoje duas pessoas muito interessantes: o visconde de Mortemart; está aparentado com os Montmorency pelos Rohans, um dos mais ilustres nomes da França. É um dos nossos bons emigrados, autêntico! E também o abade Morio. Conhece este espírito profundo? Foi recebido pelo imperador. Conhece-o?

— Terei um grande prazer! Diga-me uma coisa — acrescentou, negligentemente, e como se só naquele momento se tivesse lembrado disso, quando, realmente, esse era o objetivo principal da sua visita. — É verdade que a imperatriz-mãe se interessa pela nomeação do barão de Funke para o lugar de primeiro-secretário em Viena? Esse barão, ao que parece, é uma triste personagem.

O príncipe Vassili pretendia ver nomeado para esse posto um filho seu, e o barão era a pessoa indicada para tal cargo pelas pessoas que procuravam ganhar a influência da imperatriz Maria Fiodorovna.

— O Senhor Barão de Funke foi recomendado à imperatriz pela irmã — foi tudo quanto ela disse em resposta, secamente, e com um ar triste.

Quando Ana Pavlovna pronunciou o nome da imperatriz pintou-se-lhe no rosto, subitamente, a dedicação e o respeito mais profundos e sinceros, ao mesmo tempo que lhe desceu sobre a máscara aquele ar de tristeza que nunca a abandonava sempre que, no decurso de uma conversa, se falava na sua augusta protetora. E acrescentou que Sua Majestade se tinha dignado testemunhar ao barão de Funke muita estima, enquanto o olhar novamente se lhe velava de tristeza.

O príncipe, como que indiferente, mantinha-se calado.

Ana Pavlovna, com a sua finura especial de dama da corte e o seu tato feminino, ao mesmo tempo que dirigia um remoque ao príncipe por ter

ousado exprimir-se tão livremente a respeito da conduta de uma pessoa recomendada à imperatriz, procurava de certo modo consolá-lo.

— Mas, a propósito da sua família — disse-lhe ela -, não sei se sabe que a sua filha, desde que frequenta a sociedade, faz as delícias de toda a gente. Dizem que é linda como os deuses.

O príncipe curvou-se em sinal de estima e gratidão.

— Costumo dizer muitas vezes de mim para comigo — continuou Ana Pavlovna, depois de um momento de silêncio, aproximando-se do príncipe com um sorriso gracioso, como se quisesse significar que estavam terminadas as conversas sobre assuntos políticos e mundanos e que as confidências íntimas iam principiar -, muitas vezes digo a mim mesma que a felicidade neste mundo é coisa muito desigualmente repartida. Por que seria que o destino lhe deu a si, meu amigo, dois filhos tão belos, à parte o Anatole, o seu benjamim, que não me agrada por aí além — tinha lançado esta observação num tom que não admitia réplica, franzindo as sobrancelhas... -, tão encantadores? Sim, quando o senhor, na verdade, é a pessoa que menos importância liga aos filhos; não os merece.

E teve um sorriso vitorioso.

— Que quer? Lavater diria que eu não tenho a bossa da paternidade — respondeu o príncipe.

— Deixemo-nos de brincadeiras. Quero falar-lhe a sério. Sabe? Estou descontente com o seu filho mais novo. Aqui entre nós — e um ar de tristeza lhe perpassou pelo rosto -, falaram dele perante Sua Majestade, e lamentam-no, a si...

O príncipe não respondeu, mas ela, lançando-lhe um olhar significativo, aguardava, sem dizer palavra, que ele dissesse qualquer coisa. O príncipe Vassili franziu as sobrancelhas.

— Que quer que eu faça? — acabou por dizer. — Bem sabe que fiz tudo o que um pai pode fazer pela educação dos seus filhos, e o que é certo é que ambos não passam de dois imbecis. O Hipólito, pelo menos, é um imbecil sossegado, enquanto o Anatole é um imbecil turbulento. É a única diferença entre os dois — acrescentou com um sorriso mais constrangido e acentuado que de costume, enquanto as rugas que se lhe formavam em torno da boca denunciavam mais claramente do que nunca a amargura e a irritação que inopinadamente o invadiam.

— Para que é que as pessoas como o senhor hão de ter filhos? Se não fosse pai, nada teria a censurar-lhe — disse Ana Pavlovna, erguendo os olhos cismadores.

— Sou o seu fiel escravo, e só a si o posso confiar. Os meus filhos são os empecilhos da minha existência. São a minha cruz, compreendo-o

perfeitamente. Que quer?...

Calou-se, mostrando com um gesto que se submetia ao cruel destino. Ana Pavlovna assumiu uma atitude cismadora.

— Nunca se lembrou, meu caro príncipe, de casar o seu filho pródigo, o Anatole? Dizem que as solteironas têm a mania do casamento. Não creio que eu já esteja em idade de ter fraquezas semelhantes, mas o que é certo é que conheço uma criaturinha que é muito infeliz com o pai, uma nossa parente, uma princesa Bolkonskaia.

O príncipe Vassili não respondeu, embora, com o seu golpe de vista e a sua finura de homem de sociedade, desse a entender, num simples movimento de cabeça, que não esqueceria o fato.

— Pois a verdade é que o Anatole me custa por ano à volta de quarenta mil rublos — disse ele, sem que, evidentemente, lhe fosse possível refrear o curso dos pensamentos. Esteve alguns instantes calado. — Que será feito dele, dentro de uns cinco anos, se as coisas continuarem da mesma maneira? Aqui tem a vantagem de se ser pai. É rica, essa sua princesa?

— O pai é riquíssimo e avaro. Vive no campo. Deve ter ouvido falar nele. É um tal príncipe Bolkonski, que se reformou ainda em vida do falecido imperador e a quem chamavam o “rei da Prússia”. É um homem bastante inteligente, mas com as suas manias. Não é nada cômodo. A pobre pequena é infeliz como tudo. Tem um irmão que casou há pouco com Lisa Meinen, um ajudante-de-campo de Kutuzov. Deve aparecer hoje por aí.

— Ouça, querida Ana — disse o príncipe, pegando, subitamente, na mão da sua interlocutora e puxando-a a si. — Arranje-me isso e eu serei o seu muito fiel escravo para sempre: o seu “escrafo”, como o meu estaroste costuma escrever nos seus relatórios: com um f. Se é de excelente família e rica, não é preciso mais nada.

E com os seus gestos fáceis, familiares e graciosos que tanto o distinguiam, o príncipe inclinou-se, apertou a mão da dama de honor, beijou-a, e de novo se enterrou na sua macia poltrona, desviando a vista.

— Espere — disse Ana Pavlovna, pensativa. — Ainda hoje mesmo falarei à Lisa, a mulher do jovem Bolkonski. E talvez as coisas se arranjem. Na sua família começarei a aprender para solteirona.

Capítulo II

O salão de Ana Pavlovna foi-se enchendo a pouco e pouco. Toda a aristocracia de Petersburgo tinha aparecido, gente de idades e caracteres muito diversos, mas toda do mesmo mundo. Chegou também a filha de Vassili, a bela Helena, que vinha buscar o pai para a festa da Embaixada de Inglaterra. Exibia o seu monograma imperial e trazia um vestido de noite. E também apareceu a jovem e pequenina princesa Bolkonskaia, conhecida por a mulher mais sedutora de Petersburgo, que casara no último inverno e ainda não aparecera na sociedade por causa do seu estado de gravidez, mas que costumava frequentar as reuniões íntimas. Por fim também surgiu o príncipe Hipólito, o filho do príncipe Vassili, na companhia de Mortemart, a quem apresentou, e em seguida o abade Morio e muitos outros.

— Ainda a não viram, não a conhecem? Não conhecem minha tia? — dizia Ana Pavlovna para os seus convidados, e com a maior gravidade ia-os conduzindo um por um, à medida que chegavam, — até junto de uma minúscula senhora de idade, enfeitada de grandes fitas, que estava na sala contígua. Depois, pronunciando o nome de cada um deles, passeava, lentamente, os olhos entre os seus convidados e minha tia, e daí a pouco desaparecia.

Todos eram obrigados a cumprir aquele ritual, saudando esta tia desconhecida e inútil, que a ninguém interessava. Ana Pavlovna, muito séria e solene, assistia à cerimônia dos cumprimentos, dando a sua aprovação, sem abrir a boca. Minha tia falava a toda a gente, invariavelmente, nos mesmos termos, do estado da saúde de cada um, do estado da sua própria saúde e do estado da saúde de Sua Majestade, o qual, graças a Deus, passava agora melhor. E todos, sem mostrar, por decoro, que se davam pressa, se iam despedindo da idosa senhora com a sensação de alívio que se tem depois de se cumprir uma enfadonha obrigação e, claro está, para a não tornarem a ver em toda a roda da noite.

A jovem princesa Bolkonskaia tinha trazido consigo o seu bordado num pequenino saco de veludo lavrado a ouro. O seu bonito labiozinho superior, ligeiramente sombreado por uma breve penugem, era um pouco curto, mas nem por isso parecia menos gracioso entreaberto nem era menos delicioso no momo que fazia ao apoiar-se no lábio inferior. Como em geral acontece com todas as pessoas realmente sedutoras, estas suas pequeninas imperfeições, o lábio curto demais e a boca entreaberta, tinham nela um atrativo especial, uma beleza própria. Era uma alegria para todos a presença desta futura mãe tão bonita, cheia de saúde e de vida, suportando perfeitamente os incômodos do seu estado. Os velhos e os jovens entediados e cheios de enfado imaginavam-se como ela só por

terem passado alguns momentos na sua intimidade. Todos os que conversavam alguns instantes com a princesinha podiam ver como o seu luminoso sorriso cintilava após cada uma das suas palavras e como os seus dentes sempre à mostra eram de uma brancura esplendorosa, quanto bastava para que todos se sentissem naquele momento de uma particular afabilidade. E era assim a ilusão que ela criava em toda a gente.

A princesinha, no seu andar ondulante, caminhando em passinhos rápidos, deu a volta à sala, o saco de trabalho na mão, e depois de imprimir um jeito gracioso à toilette veio sentar-se num divã, junto do samovar de prata, como se tudo que ela fizesse fosse uma espécie de divertimento não só para ela própria, mas também para aqueles que a cercavam.

— Trouxe comigo o meu trabalho! — exclamou ela, abrindo o saquinho bordado a ouro e como se se dirigisse a toda a gente ao mesmo tempo. — Cuidado. Ana, não me faça uma partida — prosseguiu ela, desta vez para a dona da casa. — Mandou-me dizer que era apenas uma pequena reunião; olhe como eu venho vestida.

Dizendo o quê, estendeu os braços para melhor deixar ver o seu elegante vestido cinzento, guarnecido de rendas, com uma larga fita a servir de cinto, um pouco abaixo do seio.

— Esteja descansada. Lisa, será sempre a mais bela — replicou Ana Pavlovna.

— Sabe, o meu marido vai abandonar-me — prosseguiu ela no mesmo tom, dirigindo-se a um general. — Vai procurar a morte. Diga-me: para que serve esta maldita guerra? — disse ao príncipe Vassili, e, sem esperar qualquer resposta, voltou-se para a filha deste, a bela Helena.

— Que pessoa deliciosa, aquela princesinha! — murmurou o príncipe Vassili, em voz baixa, para Ana Pavlovna.

Pouco depois da princesinha, entrou na sala um jovem corpulento e maciço, de cabelo rapado, lunetas, calças claras, à moda da época, um alto jabot e fraque pardacento. Este moço era filho natural de uma célebre personagem do tempo de Catarina, o conde Besukov, naquela altura moribundo em Moscou. Ainda não tinha qualquer ocupação, acabava de chegar do estrangeiro, onde fora educado, e era a primeira vez que aparecia na sociedade. Ana Pavlovna acolheu-o com a saudação que costumava usar para com as pessoas de mais baixa classe. No entanto, apesar deste seu acolhimento de inferior qualidade, ao vê-lo entrar deixou transparecer no rosto medo e inquietação, como quando nos vemos perante qualquer coisa de desmedido e fora do seu lugar. Pedro era, realmente, um pouco maior que as outras pessoas, mas o receio que se pintara no rosto de

Ana Pavlovna podia ser antes motivado por esse olhar ao mesmo tempo tímido e penetrante, observador e franco, que o distinguia de todos os demais convidados.

— É muito amável da sua parte, Senhor Pedro, ter vindo visitar uma pobre doente — disse-lhe Ana Pavlovna, trocando um olhar de pânico com a tia, a quem o ia conduzindo.

Pedro resmungou uma frase incompreensível enquanto com os olhos continuava à procura de qualquer coisa. Teve um sorriso jovial ao cumprimentar a princesinha, como se ela fosse um conhecimento íntimo, e aproximou-se da tia. O medo de Ana Pavlovna não era destituído de fundamento, pois a verdade é que Pedro afastou-se dessa senhora sem esperar que a tia concluísse as suas considerações acerca da saúde de Sua Majestade. Ana Pavlovna, horrorizada, deteve-o.

— Não conhece o abade Morio? É uma pessoa muito interessante... — disse-lhe ela.

— Sim, ouvi falar do seu plano de paz perpétua, que é aliciante. Mas será possível?...

— Acha que sim?... — observou Ana Pavlovna, para dizer alguma coisa, pronta a voltar ao cumprimento dos seus deveres de dona de casa.

Pedro, porém, cometeu uma segunda indelicadeza: primeiro afastara-se da sua interlocutora antes de ela ter acabado de falar; agora retinha esta, dirigindo-lhe a palavra, quando ela precisava de o deixar. De cabeça baixa e afastando as suas grandes pernas, pôs-se a demonstrar a Ana Pavlovna a razão por que considerava quimérico o plano do abade Morio.

— Falaremos disso mais tarde — disse Ana Pavlovna, sorrindo.

E, libertando-se daquele jovem sem hábitos de sociedade, regressou às suas ocupações de dona de casa, continuando a ouvir e a observar, pronta sempre a intervir onde a conversa esmorecesse. Tal qual como um contramestre de uma fábrica de fiação que, depois de instalar cada um dos seus operários diante do seu tear, se põe a andar de um lado para o outro, observando se os fusos param ou se estão a produzir qualquer ruído anormal, rangente ou áspero demais, e incansavelmente os retém ou lhes imprime o andamento necessário, assim Ana Pavlovna ia e vinha pelo salão, se aproximava dos grupos que se calavam ou falavam demais, e com uma palavra pronunciada a tempo obrigava a máquina a comportar-se nos justos limites das conveniências mundanas. Mas todos estes múltiplos cuidados não a impediam de deixar perceber aos outros o receio especial que lhe causava o comportamento de Pedro. Ia-o seguindo atentamente com os olhos quando ele se aproximava para escutar o que se dizia ao pé de Mortemart e depois dirigia-se para o outro grupo onde pontificava o abade. Para Pedro, que tinha sido educado no estrangeiro, esta soirée em casa de Ana

Pavlovna era a primeira reunião mundana a que assistia na Rússia. Não ignorava que nestas salas estava reunida a fina flor da gente instruída de Petersburgo e por isso abria muito os olhos, como uma criança diante de uma loja de brinquedos. Só receava perder qualquer sábia observação que lhe fosse dado ouvir.

Ao ver reunidas ali todas aquelas personagens de aspecto distinto e cheias de certezas, estava sempre à espera de qualquer coisa particularmente espiritual. Por fim, aproximou-se de Morio. A conversa tinha-lhe parecido interessante. Deteve-se, aguardando o momento de expor o seu ponto de vista, como costuma fazer a gente nova.

Capítulo III

A soirée de Ana Pavlovna atingia o auge. Os fusos esparsos pela sala roncavam sem atritos e constantemente. Se se abstraísse de minha tia, junto da qual não estava senão uma senhora idosa, de rosto esquelético e como que consumido pelas lágrimas, algo deslocada no meio daquela brilhante sociedade, todos os demais convidados se haviam repartido em três grupos. Um deles, formado especialmente de homens, tinha por centro o abade; no outro, uma roda de gente nova, pontificava a princesa Bolkonskaia, toda rosada e de formas um tudo-nada amplas demais, atendendo à sua juventude; o terceiro era dirigido por Mortemart e Ana Pavlovna.

O visconde era um jovem amável, de traços finos e maneiras suaves, que a si mesmo, visivelmente, se considerava uma figura sensacional, embora, por mera boa educação, se oferecesse, modestamente, à curiosidade da sociedade em que se encontrava. Ana Pavlovna, visivelmente também, dele tirava partido para regalo dos seus convidados. À semelhança do chefe de mesa, que gosta de apresentar, como coisa superlativamente delicada, uma posta de carne em que ninguém ousaria tocar numa cozinha sórdida, assim, na sua reunião, Ana Pavlovna ia servindo aos seus convidados, primeiro o visconde, e em seguida o abade, como se se tratasse de iguarias superlativamente requintadas. No grupo de Mortemart tinha vindo à baila, imediatamente, o assassinio do duque de Enghien. O visconde era de opinião de que o duque fora vítima da sua magnanimidade e que havia razões particulares para o ressentimento de Bonaparte.

— Ah! vejamos. Conte-nos isso, visconde — exclamou Ana Pavlovna, apercebendo-se com júbilo de que esta simples frase: Conte-nos isso, visconde, tinha um sabor a Luís XV.

O visconde inclinou-se em sinal de obediência e sorriu com toda a cortesia. Ana Pavlovna fez que o grupo o rodeasse e convidou toda a gente a ouvir a sua história.

— O visconde conheceu monsenhor pessoalmente — segredou ela ao ouvido de um dos convidados. — O visconde é um narrador perfeito — garantia a outro. — Vê-se logo nele o homem de sociedade — dizia a um terceiro. E o jovem foi apresentado à sociedade sob o seu ângulo mais distinto e favorável, como um rosbife, num prato bem quente, todo guarnecido de salsa.

O visconde preparou-se para dar princípio à sua narrativa e sorriu com finura.

— Venha cá, querida Helena — disse Ana Pavlovna à bela princesa, que estava a distância, no centro do outro grupo.

A princesa Helena sorriu: levantou-se, conservando nos lábios esse sorriso imutável de mulher impecavelmente bela com que entrara no salão. No ligeiro roçar do seu vestido de baile todo branco, guarnecido de hera e musgo, no esplendor das suas brancas espáduas, no brilho da sua cabeleira e no cintilar dos seus brilhantes, avançou por entre uma ala de cavalheiros, e, empertigada, sem fitar ninguém em especial, embora sorrindo a todos, como se assim fosse dando a cada um o direito de admirar a beleza da sua cintura, dos seus ombros cheios, do seu decote muito pronunciado, conforme a moda da época, levando após si, na sua esteira, todo o esplendor da reunião, aproximou-se de Ana Pavlovna. Helena era tão bela que não traía a mais pequena sombra de coquetterie; pelo contrário, parecia ter vergonha da sua incontestável, da sua por demais poderosa e por demais triunfante beleza. Dir-se-ia ser seu desejo, sem o conseguir, amortecer-lhe o próprio esplendor.

— Que bela mulher! — eis a frase que vinha aos lábios de toda a gente quando ela passava. Como ao peso de uma estranha impressão, o visconde curvou-se um pouco e baixou os olhos no momento em que ela se instalava diante dele e o iluminava, a ele também, com o seu imutável sorriso.

— Minha senhora, diante de um tal auditório, receio não ser capaz — disse ele, inclinando-se e sorrindo.

A princesa apoiou num guéridon um dos seus braços nus, bem modelados, sem pensar que seria útil responder. Esperava, sorridente. Enquanto durou a história manteve-se com o busto ereto, contemplando, uma vez por outra, o seu lindo braço, cuja forma perfeita se esmagava contra a mesa, ou o próprio colo, mais encantador ainda, sobre o qual ajeitava a gargantilha de diamantes; várias vezes procurou acertar as pregas do vestido, e, quando a narrativa produzia algum efeito, trocava um olhar com Ana Pavlovna, copiando, imediatamente, a expressão da dama de honor, para depois imobilizar, de novo, a máscara no seu resplandecente sorriso. Como Helena, a princesinha tinha também abandonado a sua mesa de chá.

— Espere, vou buscar o meu bordado — disse ela. — Então, em que está a pensar? — acrescentou, dirigindo-se ao príncipe Hipólito. — Traga-me o meu saquinho.

A princesa, que sorria, e dirigia a palavra a todos, produziu um certo burburinho ao sentar-se, alegremente, enquanto ajeitava as pregas do vestido.

— Agora, sim! — exclamou, e, pedindo que se principiasse, pôs-se ela própria a trabalhar.

O príncipe Hipólito, que veio trazer-lhe o saquinho, acompanhou-a na sua mudança de lugar, e, aproximando dela um fauteil, sentou-se a seu lado.

O encantador Hipólito impressionava pela sua extraordinária parecença com a irmã, tanto mais que, apesar dessa semelhança, era muitíssimo feio. Os seus traços pareciam-se, de fato, com os da irmã, mas nesta tudo resplandecia iluminado pelo seu eterno sorriso, jovem, satisfeito, pleno de vida, e pela rara perfeição da sua beleza clássica; no irmão, pelo contrário, o rosto era como que entenebrecido pela falta de inteligência e por uma constante expressão a um tempo suficiente e azeda. Quanto à figura, era de corpo magro e enfezado. Tinha os olhos, o nariz, a boca continuamente contraídos numa careta indefinida e desagradável; os braços e as pernas tomavam-lhe sempre posições pouco naturais.

— Não se trata de uma história de fantasmas? — murmurou ele, ao sentar-se ao lado da princesa, enquanto assestava o lorgnon, como se não pudesse dispensar esse acessório para abordar uma conversa.

— Não, meu caro! — exclamou o narrador, surpreendido, encolhendo os ombros.

— É que detesto as histórias de fantasmas — tornou ele, num tom de que se depreendia que ele falava e só depois de falar compreendia o que queria dizer.

Tamanha era a segurança que punha nas suas palavras que ninguém poderia dizer se essas palavras eram muito sensatas ou muito estúpidas. Vestia um fraque verde-carregado, uns calções cor-de-rosa-pálidos, meias de seda e escarpins.

O visconde contava com muito agrado a história, então muito divulgada, segundo a qual o duque de Enghien tinha ido secretamente a Paris encontrar-se com Mademoiselle Georges e aí se lhe deparara Bonaparte, que, por essa altura, também era íntimo da famosa atriz. Na presença do duque. Napoleão tinha tido, de súbito, um pequeno desmaio, coisa que lhe acontecia frequentes vezes, e ficara à mercê do duque, circunstância de que este não quisera tirar partido. Bonaparte, mais tarde, vingara-se desta magnanimidade do duque mandando matar o adversário.

A história era muito bonita e cheia de interesse, sobretudo naquele ponto em que os dois rivais se reconheciam de repente, e as senhoras pareceram muito emocionadas com isso.

— Encantador — exclamou Ana Pavlovna, lançando um olhar interrogativo à princesinha.

— Encantador — murmurou a princesinha, espetando a agulha no bordado, como para mostrar que o interesse e o encanto da história a impediam de trabalhar.

O visconde mostrou apreciar esta homenagem muda, e, sorrindo, grato, prosseguiu na sua narrativa; mas nesse momento Ana Pavlovna, que ainda não tinha deixado de observar o jovem que tanto a assustava, ao ver que ele punha calor demasiado na sua conversa com o abade, falando muito alto, deu-se pressa em comparecer no local ameaçado. Efetivamente, Pedro tinha-se embrenhado com o abade numa conversa sobre o equilíbrio político, e este, visivelmente interessado pelo ingênuo entusiasmo do jovem, pusera-se a desenvolver perante ele as suas teorias favoritas. Ambos ouviam e respondiam com grande vivacidade e muito espontaneamente, e isso não agradava a Ana Pavlovna.

— A solução é o equilíbrio europeu e o direito dos povos — dizia o abade. — É de toda a conveniência para um Estado poderoso como a Rússia, reputado bárbaro, colocar-se generosamente à frente de uma liga que tenha por objetivo o equilíbrio da Europa, e é assim que a Rússia salvará o mundo!

— E como é que se obterá esse equilíbrio? — principiou Pedro.

Mas neste momento Ana Pavlovna aproximou-se, e, fitando este com severidade, perguntou ao italiano como é que ele achava o clima do país.

O rosto do abade mudou repentinamente, tomando aquela expressão mortificada e doce que era a sua expressão habitual quando falava com senhoras.

— Tão encantado ando com a gentileza de espírito e a distinção da gente da sociedade, sobretudo do elemento feminino, em cujo meio tive a felicidade de ser recebido, que ainda não tive tempo de pensar no clima — respondeu ele.

Sem abandonar o abade nem Pedro, Ana Pavlovna, para melhor os observar, arrastou-os consigo para o grupo em que estava.

Capítulo IV

Nessa altura um novo convidado penetrou no salão. Era o jovem príncipe André Bolkonski, o marido da princesinha, um belo moço, de pequena estatura e traços acentuados e secos. Tudo nele, desde o olhar lasso e enfadado ao andar tranquilo e circunspecto, oferecia o mais violento contraste com a sua mulherzinha, a inquietação em pessoa. Conhecia tão bem por dentro e por fora a gente da sociedade, que tanto o enfadava, que bastava vê-la e ouvir-lhe o ruído das vozes para a sentir insuportável. E entre todas as pessoas que mais o exasperavam contava-se, precisamente, a sua linda mulherzinha. Com um ricto que lhe alterou os traços regulares, afastou-se dela assim que a viu. Depois, beijando a mão de Ana Pavlovna e piscando os olhos, perpassou a vista pela assistência.

— Alistou-se para ir para a guerra, meu príncipe? — disse Ana Pavlovna.

— O general Kutuzov — volveu Bolkonski, acentuando a última sílaba zov, como os franceses — teve a condescendência de me chamar para ajudante-de-campo...

— E Lisa, sua mulher?

— Irá para o campo.

— E não tem escrúpulos de nos privar da presença da sua encantadora mulher?

— André — exclamou esta última, dirigindo-se ao marido com a mesma coquetterie com que se dirigia aos estranhos -, que história é essa de Mademoiselle Georges e Bonaparte que o visconde acaba de nos contar?

O príncipe André franziu as sobrancelhas e desviou a cara. Pedro, que desde o momento em que André entrara no salão não mais tinha deixado de o seguir com o seu olhar alegre e amistoso, aproximou-se dele e pegou-lhe no braço. O príncipe André, sem se voltar, teve uma visagem de descontentamento para com aquele que lhe pegava no braço, mas, ao deparar-se-lhe o rosto sorridente de Pedro, um sorriso inesperado, amável e bom se lhe pintou também na figura.

— Que vejo?! Também tu na alta-roda?! — exclamou.

— Tinha a certeza de que o havia de encontrar aqui — retorquiu Pedro. — Queria pedir-lhe que me desse de cear — acrescentou em voz baixa, para não perturbar o visconde, que continuava a sua história — É possível?

— Não, é impossível — respondeu André, rindo e fazendo compreender a Pedro, pela maneira como lhe apertou a mão, que isso era coisa

que nem se perguntava.

Quis dizer mais, mas nessa altura o príncipe Vassili e a filha levantaram-se, e os jovens abriram alas para os deixar passar.

— Desculpe, meu caro visconde — disse em francês o príncipe Vassili, segurando-o amistosamente pela manga, para que ele se não levantasse. — Esta estopada da festa em casa do embaixador priva-me do prazer de o ouvir e obriga-me a interrompê-lo. Lamento muito ter de abandonar a sua maravilhosa recepção — disse ele, dirigindo-se a Ana Pavlovna.

Sua filha, a princesa Helena, soerguendo ligeiramente a cauda do vestido, passou entre uma ala de cadeiras e o sorriso ainda lhe iluminou mais o belo rosto. Pedro contemplou esta beldade, ao vê-la passar diante de si, com olhos onde havia admiração e quase receio.

— É muito bela — disse o príncipe André.

— É — repetiu Pedro.

Ao passar, o príncipe Vassili pegou no braço de Pedro, e voltando-se para Ana Pavlovna:

— Domestique-me este urso — disse. — Há um mês que o tenho em minha casa e é a primeira vez que o vejo na sociedade. Não há nada melhor para os rapazes que o convívio das mulheres inteligentes.

Ana Pavlovna teve um sorriso e prometeu tomar conta de Pedro, o qual, como ela muito bem sabia, era aparentado com o príncipe Vassili pelo lado paterno. A senhora idosa que estava a fazer companhia a minha tia levantou-se, apressadamente, e correu para falar com o príncipe Vassili, que já estava no vestíbulo. Perdera por completo o falso ar de interesse mundano que aparentara até então. O seu bondoso rosto macerado pelas lágrimas só refletia receio e inquietação.

— Que me diz, príncipe, do meu Bóris?! — exclamou ela, correndo atrás dele. Pronunciava o nome Bóris acentuando particularmente o o. — Já não posso estar mais tempo em Petersburgo. Diga-me, que hei de eu comunicar ao meu desventurado filho?

Conquanto o príncipe Vassili estivesse a ouvi-la com desprazer e quase que impolidamente, dando a perceber, mesmo, uma certa impaciência, a senhora que o perseguia sorria-lhe com uma amabilidade enternecedora e, para o não deixar afastar-se dela, pegava-lhe, inclusivamente, num braço.

— Não lhe custava nada dizer uma palavrinha ao imperador, estou convencida de que ele seria logo transferido para a Guarda — prosseguiu ela.

— Esteja certa de que farei tudo o que puder, princesa — respondeu o príncipe Vassili -, mas não me é fácil dirigir-me assim ao imperador. Achava

melhor que pedisse antes a Rumiantsov por intermédio do príncipe Galitzine. Era bem melhor.

A senhora idosa era a princesa Drubetskaia, um dos mais ilustres nomes da aristocracia russa, mas, pobre, há muito que não frequentava a sociedade e tinha perdido as suas antigas relações. Viera àquela reunião para tentar obter a transferência do seu filho único para a Guarda. Não se apresentara na recepção de Ana Pavlovna senão para falar ao príncipe Vassili e não fora por outra razão que escutara a história do visconde. Mas as palavras do príncipe Vassili tinham-na desolado; no belo rosto pintou-se-lhe, por instantes, uma espécie de irritação, mas não por muito tempo. Logo se pôs a sorrir, e apertando muito o braço do príncipe:

— Ouça, príncipe — disse -, nunca lhe pedi coisa alguma, nunca mais lhe tornarei a pedir seja o que for, nunca lhe falei na amizade de meu pai por si. Mas agora peço-lhe em nome de Deus que faça isso por meu filho e ficar-lhe-ei reconhecida até ao fim da vida — acrescentou, precipitadamente. — Não se zangue e prometa-me interessar-se. Já pedi a Galitzine, e ele não me quis atender. Seja bom menino como antigamente — e procurava sorrir, embora as lágrimas lhe boiassem nos olhos.

— Pai, vamos chegar tarde! — exclamou a princesa Helena, que esperava à porta, inclinando a bela cabeça sobre o ombro de estátua antiga.

A influência de que se desfruta na sociedade é um capital que convém salvaguardar para que se não dissipe. O príncipe Vassili sabia-o muitíssimo bem, e, por isso, persuadido de que, se se pusesse a interceder por toda a gente, nada mais poderia pedir para si próprio, raramente lançava mão do crédito de que dispunha. No caso da princesa Drubetskaia, no entanto, sobretudo depois do seu último apelo, viera-lhe ao espírito uma espécie de remorso. Tinha ela evocado qualquer coisa de muito verdadeiro. Os primeiros passos na carreira devia-os ele, efetivamente, ao pai da princesa. Além disso, pela forma como ela agia, verificava estar em presença de uma dessas mulheres, ou, antes, de uma dessas mães, que, quando se lhes mete qualquer coisa na cabeça, só desistem desde que conseguem o que desejam, ou então, no caso de uma negativa, são muito capazes de teimar, dia após dia e a toda a hora, chegando inclusivamente a recorrer a cenas públicas. Foi esta última consideração que o demoveu.

— Querida Ana Mikailovna — disse ele, no seu tom familiar habitual e ao mesmo tempo desprendido -, é-me quase impossível fazer o que me pede; mas, para lhe demonstrar quanto a estimo e como respeito a memória do seu falecido pai, prometo-lhe que farei tudo quanto estiver na minha mão. Dou-lhe a minha palavra de que o seu filho será transferido para a Guarda. Está contente?

— Meu querido amigo, meu benfeitor! Não esperava outra coisa de si; eu bem sabia que era bom.

O príncipe fez menção de partir.

— Espere, mais duas palavras. Uma vez na Guarda... — hesitou. — Como está em boas relações com Mikail Ilarionovitch Kutuzov, peço-lhe que lhe fale de Bóris para ajudante-de-campo; ficarei assim mais tranquila e nada mais lhe pedirei...

O príncipe Vassili teve um sorriso.

— Nada lhe prometo. Mal imagina os pedidos que chovem sobre Kutuzov desde que foi nomeado general-chefe. Ele próprio me disse que todas as senhoras de Moscou tinham armado um complot para lhe oferecer os filhos como ajudantes-de-campo.

— Ah! prometa-me. Não o deixarei partir, meu querido amigo, meu benfeitor...

— Pai — voltou a bela Helena, no mesmo tom -, vamos chegar tarde.

— Bem, até à vista, adeus. Está a ver?

— Então fala amanhã ao imperador?

— Sem falta, mas no que diz respeito a Kutuzov não prometo nada.

— Ah! prometa, prometa, Basile — exclamou Ana Mikailovna, perseguindo-o com um sorriso de mulher coquette, outrora natural nela, certamente, mas que então estava longe de se harmonizar com a sua máscara decrépita.

Evidentemente que tinha esquecido a idade e, pela força do hábito, pusera em campo todos os seus expedientes femininos. No entanto, mal o príncipe Vassili saiu, logo ela retomou o aspecto frio e constrangido que aparentava anteriormente. Voltou ao grupo em que o visconde continuava a contar as suas histórias e fingiu que escutava, aguardando a oportunidade de se eclipsar, pois o assunto que a levava ali estava resolvido.

Capítulo V

— Mas que me diz dessa última comédia da sagração de Milão? — observou Ana Pavlovna. — E a nova comédia dos povos de Gênova e Luca, que iam apresentar as suas homenagens ao senhor Bonaparte sentado no trono e recebendo as homenagens das nações! Adoráveis! Não, mas é de endoidecer! Dir-se-ia que o mundo inteiro perdeu a cabeça!

O príncipe André pôs-se a sorrir olhando nos olhos Ana Pavlovna.

— É Deus quem ma dá, ai de quem lhe tocar — disse ele. Foram estas as palavras que Bonaparte proferiu na coroação. Dizem que estava muito belo quando pronunciou estas palavras — acrescentou, e repetiu a frase em italiano — *Dio me l'ha data e guai a chi la tocca*.

— Espero, enfim — prosseguiu Ana Pavlovna — que esta seja a gota que fará transbordar o vaso. Os soberanos já não podem mais com este homem, que a todos ameaça.

— Os soberanos? Não falo da Rússia — observou o visconde com o seu ar cortês e desencantado. — Os soberanos, minha senhora! Que fizeram eles por Luís XVI, pela rainha, por Madame Elisabeth? Nada — continuou com animação. — E pode crer, estão a receber o castigo pela traição à causa dos Bourbons. Os soberanos? Mandam embaixadores cumprimentar o usurpador.

E, suspirando, retirou-se com uma expressão desdenhosa. O príncipe Hipólito, depois de ter estado a fitar longamente o visconde com o seu lorgnon, ao ouvir estas palavras, desviou-se subitamente, voltando-se para a princesinha, e, pedindo-lhe uma das suas agulhas, pôs-se a indicar-lhe, desenhando-as em cima da mesa, as armas dos Condés! E explicava-lhas com uma tal seriedade que dir-se-ia que ela lhe pedira um tal serviço.

— Bastão de goles, denteado de goles de bleu, é a casa de Condé — murmurou ele.

A princesa ouvia-o, sorrindo.

— Se Bonaparte ficar ainda um ano no trono da França — prosseguiu o visconde com ar de quem não ouve o que os outros dizem e está apenas a seguir o fio das suas ideias a respeito de um assunto que conhece melhor do que ninguém -, não sei onde iremos parar. Com tantas intrigas, tantas violências, tantos exílios, tantos suplícios, não tarda que a sociedade francesa, a alta sociedade, claro está, se veja completamente aniquilada e para sempre, e então...

Teve um movimento de ombros ao afastar os braços. Pedro quis dar a sua opinião, pois a conversa interessava-o, mas Ana Pavlovna, que o vigiava de

perto, interrompeu-o.

— O imperador Alexandre — disse ela com aquele tom sério com que se referia sempre à família imperial — declarou que deixaria os próprios franceses escolherem a sua forma de governo. E estou convencida de que não há dúvida de que toda a nação, uma vez liberta do jugo do usurpador, se lançará nos braços do seu soberano legítimo — acrescentou ela, para se mostrar amável para com um emigrado e um realista.

— Duvido — observou o príncipe André. — O Senhor Visconde tem toda a razão ao pensar que as coisas já foram longe demais. Creio que será muito difícil voltar ao passado.

— Pelo que eu tenho ouvido dizer — interveio Pedro, corando -, quase toda a nobreza está já do lado de Bonaparte.

— Isso é o que dizem os bonapartistas — observou o visconde sem olhar para Pedro. — É muito difícil, atualmente, conhecer a opinião pública em França.

— Bonaparte disse-o — objetou o príncipe André, sorrindo.

Via-se muito bem que o visconde lhe não agradava e que, sem olhar para ele, era ele que visava como seu adversário.

— “Mostrei-lhes o caminho da glória” — acrescentou ele, depois de uma ligeira pose, citando as próprias palavras de Napoleão: “eles não o quiseram; abri-lhes as minhas antecâmaras, entraram por ali dentro aos montes”.., não sei até que ponto teve o direito de o dizer.

— Nenhum — replicou o visconde. — Depois do assassinato do duque, até os seus mais fiéis partidários deixaram de ver nele um herói. Se essa peste chegou a ser um herói para certa gente — acrescentou, dirigindo-se a Ana Pavlovna -, depois do assassinato do duque há mais um mártir no céu, um herói de menos na terra.

Mal tiveram tempo, Ana Pavlovna e os outros, de aprovar estas palavras com um sorriso, e já Pedro se tinha lançado, uma vez mais, no meio da conversa. Ana Pavlovna, conquanto pressentisse que ele ia dizer coisas fora de propósito, não foi capaz de o deter.

— A execução do duque de Enghien — disse o Senhor Pedro — foi uma necessidade pública; e para mim o fato de Napoleão não ter receio de assumir a responsabilidade de um tal ato só atesta precisamente a sua grandeza de alma.

— Oh! Meu Deus! — murmurou Ana Pavlovna, aterrorizada.

— Como, Senhor Pedro, acha que o assassinato é grandeza de alma? — disse a princesinha, sorrindo e debruçando-se sobre o seu bordado,

— Ah! Oh! — exclamaram várias pessoas.

— Capital! — disse em inglês o príncipe Hipólito, dando palmadas na coxa.

O visconde contentou-se em encolher os ombros. Pedro olhou triunfantemente os seus interlocutores através das suas lunetas.

— Eu falo assim — prosseguiu ele, pondo de lado todos os rodeios de linguagem -porque os Bourbons fugiram da Revolução abandonando o povo à anarquia; só Napoleão soube compreender a Revolução e dominá-la. E aí está porque, em nome do bem-estar de todos, ele não podia deter-se perante a vida de um homem.

— Não quereria sentar-se aqui a esta mesa? — interrogou Ana Pavlovna. Mas Pedro, sem lhe responder, continuou:

— Sim — disse ele, cada vez mais animado -, Napoleão é grande porque soube elevar-se acima da Revolução, porque sufocou os abusos a que ela tinha levado, aproveitando o que nela havia de bom, isto é, a igualdade dos cidadãos e a liberdade do pensamento e da imprensa. E não foi por outro motivo que subiu ao poder.

— Realmente — interrompeu o visconde -, se, tomando conta do poder, ele o não tem aproveitado para cometer um crime, e confiasse o trono ao seu rei legítimo, era justo chamar-lhe um grande homem.

— Napoleão nunca podia ter agido dessa maneira. O povo confiara-lhe o poder exatamente para que ele o livrasse dos Bourbons, e por isso mesmo é que o povo viu nele o estofado de um grande homem. A Revolução foi uma grande coisa — continuou o Senhor Pedro, demonstrando, com esta audaciosa e provocante afirmação, não só a sua muita juventude, mas também o seu desejo de dizer tudo de uma vez.

— A Revolução e o regicídio, grandes coisas?... Depois disso... Mas não seria melhor sentar-se aqui a esta mesa? — repetia Ana Pavlovna.

— O Contrato social — disse o visconde com um sorriso condescendente.

— Eu não falo do regicídio, falo de ideias.

— Sim, sim, as ideias de pilhagem, de assassinio, de regicídio — interrompeu ainda uma voz irônica.

— Claro que se praticaram excessos, mas não era isso que tinha importância; o que importava eram os direitos do homem, a abolição dos privilégios, a igualdade dos cidadãos. E estas ideias manteve-as Napoleão integralmente,

— A Liberdade e a Igualdade — exclamou, desdenhosamente, o visconde, que parecia querer, finalmente, mostrar a sério àquele mancebo a tolice dos seus argumentos -, tudo isso são frases sonoras de há muito sem sentido.

Quem é que não gosta da liberdade e da igualdade? Já o Salvador pregava a liberdade e a igualdade. Foram os homens mais felizes depois da Revolução? Pelo contrário, nós é que queríamos a liberdade, e Napoleão foi quem acabou com ela.

O príncipe André, sorrindo, ora fitava Pedro, ora o visconde, ora a dona da casa. No primeiro momento, quando Pedro pronunciou as primeiras palavras, Ana Pavlovna ficou como fulminada, não obstante todos os seus hábitos de sociedade. Mas, ao verificar que, apesar dos sacrílegos argumentos de Pedro, o visconde não perdia as estribeiras, quando se convenceu de que não era possível sufocar tais palavras, ganhou ânimo e, unindo as suas forças às do visconde, caiu sobre o orador.

— Mas, meu caro Senhor Pedro — exclamou -, como é que o senhor explica que esse grande homem mandasse executar o duque, um simples cidadão afinal, sem julgamento prévio e sem que ele fosse culpado?

— E eu — acrescentou o visconde — atrever-me-ei a perguntar como é que o senhor explica o 18 de Brumário. Não acha que foi um logro? É um logro que não parece próprio da maneira de proceder de um grande homem.

— E os deportados de África chacinados à ordem dele? É horrível! — exclamou a princesinha, fazendo um gesto de pânico.

— É um plebeu, diga o senhor o que disser — corroborou o príncipe Hipólito.

O Senhor Pedro não sabia a quem prestar atenção; fitava-os a todos, sorrindo. O seu sorriso não era como o das demais pessoas, à mistura com qualquer coisa de sério. Ele, pelo contrário, quando se lembrava de sorrir, perdia, de repente, toda a seriedade, e a máscara, sempre um pouco enfadonha, transfigurava-se-lhe: ficava com o seu quê de infantil, de pobre diabo, um pouco estúpido até, com o ar de quem quer pedir perdão.

O visconde, que o via pela primeira vez, compreendeu imediatamente que aquele jacobino não era tão terrível nos atos como nas palavras. Todos se calaram.

— Como querem que Pedro responda a toda a gente ao mesmo tempo? — interrogou o príncipe André. — Além disso, nos atos de um homem de Estado é preciso saber distinguir os que ele pratica como simples particular dos que ele pratica como chefe do exército ou como imperador. Parece-me da mais elementar justiça.

— Claro, claro — interveio Pedro, satisfeito com a ajuda que recebia.

— É impossível não o reconhecer — continuou o príncipe André. — Napoleão, o homem, é grande na ponte de Arcole, no hospital de Jafa, quando

aperta a mão aos pestíferos, mas..., mas há outros atos seus difíceis de justificar.

O príncipe André, que manifestamente pretendia atenuar o embaraço que tinham provocado as palavras de Pedro, ergueu-se para se retirar, e fez sinal à mulher.

De súbito, o príncipe Hipólito, levantando-se, pediu a todos, com um gesto, que se conservassem sentados e principiou a dizer:

— Contaram-me hoje uma anedota moscovita encantadora; têm de a ouvir. Queira perdoar-me, visconde, tenho de a contar em russo. De outra maneira, perde o sal.

E o príncipe Hipólito pôs-se a falar russo como o falam os franceses chegados à Rússia há menos de um ano. Todos prestaram atenção, tão viva e insistentemente o príncipe reclamara que lhe fizessem esse favor.

— Em Moscou há uma senhora. E é muito avara. E precisava de arranjar dois lacaios para a sua carruagem. E de grande estatura. Era assim que ela gostava. E tinha uma criada de quarto também de grande estatura. E então disse...

Neste ponto, o príncipe Hipólito teve um momento de reflexão, mostrando certa dificuldade em combinar as frases.

— E então disse... sim, disse: “Menina (para a criada de quarto) enfia a libré e vem daí comigo fazer visitas.”

Nesta altura o príncipe Hipólito deu uma gargalhada, rindo antes de mais ninguém, o que criou um pouco de embaraço ao narrador. Entretanto, várias pessoas, entre as quais a senhora idosa e Ana Pavlovna, sorriram.

— Lá foram. De repente levantou-se um grande vendaval. A rapariga ficou sem o chapéu e a cabeleira desprendeu-se-lhe... Aqui não pôde aguentar-se mais e um grande acesso de riso o tomou, ao mesmo tempo que dizia:

— E toda a gente soube...

E assim terminou a anedota, ainda que ninguém pudesse compreender por que a tinha ele contado e a que propósito lhe parecera indispensável narrá-la em russo. Ana Pavlovna e os demais convivas apreciaram a cortesia mundana do príncipe Hipólito, que assim tinha posto ponto final ao penoso e pouco cortês despropósito do Senhor Pedro. A conversa dispersou-se em seguida por miúdos e insignificantes dizeres a propósito de bailes em perspectiva ou já passados, em alusões a espetáculos ou então em referências a circunstâncias ou a locais onde as pessoas poderiam vir a encontrar-se.

Capítulo VI

Depois de felicitarem Ana Pavlovna pela sua encantadora reunião, os convidados principiaram a retirar-se.

Pedro era um desajeitado. Gordo, estatura acima de mediana, largo de ombros, com enormes mãos vermelhuscas, se não sabia estar numa sala, como se costuma dizer, muito menos sabia sair dela, quer dizer, muito menos sabia pronunciar, antes de partir, as palavras atenciosas da praxe. Além disso, era distraído. Quando se levantou, em vez de pegar no chapéu que lhe pertencia, pegou num tricórnio empenachado de general e assim esteve, com ele na mão, sacudindo o penacho, até que o proprietário veio pedir-lhe que lho restituísse. É certo que estas suas distrações e o seu desconhecimento de usos e costumes da sociedade eram largamente compensados por um ar ingênuo, simples e modesto. Ana Pavlovna virou-se para onde ele estava, e cheia de indulgência cristã perdoou-lhe a intempestiva saída, dizendo-lhe, enquanto meneava a cabeça:

— Espero tornar a vê-lo, mas também desejo que mude de ideias, meu caro Senhor Pedro.

Pedro nada teve para responder a estas palavras, contentando-se em inclinar-se e em mostrar mais uma vez o seu sorriso, um sorriso em que se lia: “As minhas ideias são as minhas ideias, mas, no entanto, reparem como eu sou bom rapaz.”. Ora era isso exatamente o que Ana Pavlovna e todos os demais estavam a dizer com os seus botões.

O príncipe André saiu para o vestíbulo, e ao mesmo tempo que voltava as costas ao lacaio que lhe vestia o sobretudo ouvia, distraidamente, a frívola tagarelice da mulher com o príncipe Hipólito, que também se preparava para abalar. O príncipe Hipólito, ao lado da linda princesinha grávida, fixava-a obstinadamente com o lorgnon.

— Vá-se embora, Ana, está a apanhar frio — disse ela, despedindo-se de Ana Pavlovna. — Está decidido — acrescentou em voz baixa. Ana Pavlovna já tivera tempo de dizer duas palavras a Lisa sobre o projeto de casamento entre Anatole e a cunhada da princesinha.

— Conto consigo, querida amiga — respondeu Ana Pavlovna igualmente em voz baixa -, escreva-lhe e diga-me depois como encarará o pai o caso. Até à vista — e saiu do vestíbulo.

O príncipe Hipólito aproximou-se da princesinha e, debruçando-se muito para ela, murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido.

Dois lacaios, o da princesa e o do príncipe, aguardando que os amos acabassem de falar, ali estavam, um com um xale, o outro com um sobretudo, e

ouviam-nos falar francês, língua que desconheciam, mas dando-se ares de quem compreende e o não quer dar a perceber.

A princesa, como de costume, sorria enquanto falava e escutava sorrindo,

— Estou radiante por não ter ido à Embaixada — dizia o príncipe Hipólito. — Que estopada... Encantadora noite, não é verdade? Um encanto.

— Dizem que o baile vai ser uma beleza — retorquiu a princesa, desenhando-se-lhe um trejeito no lábio sombreado pela ligeira penugem. — Vão lá aparecer todas as nossas belezas mundanas.

— Nem todas, visto que a princesa lá não estará; nem todas — disse o príncipe Hipólito com jovialidade, e, pegando no xale, que tirou das mãos do laçaio, a quem deu mesmo um encontrão, lançou-o sobre os ombros da princesa.

Por falta de jeito ou de propósito, quem o poderia dizer?, ficou-se muito tempo sem baixar as mãos, embora o xale já estivesse no seu lugar. Dir-se-ia enlaçar a jovem princesa.

Evitando-o graciosamente, e sem deixar de sorrir, a princesa voltou-se e olhou para o marido. O príncipe André, de olhos fechados, parecia fatigado e sonolento.

— Está pronta? — perguntou ele à mulher, envolvendo-a num olhar.

O príncipe Hipólito enfiou apressadamente o sobretudo, que lhe descia até aos tacões, à última moda, e, tropeçando nas pregas do casacão, deu-se pressa em seguir a princesa, escadaria abaixo, que subia para a carruagem, auxiliada pelo laçaio.

— Princesa, até à vista! — gritou ele, tropeçando nas palavras como tinha tropeçado nas dobras do sobretudo.

A princesa, soerguendo o vestido, entrou na obscuridade da carruagem; o marido afivelava o sabre; o príncipe Hipólito, com o pretexto de ser útil, incomodava toda a gente.

— Com licença — disse em russo o príncipe André, num tom seco e pouco amável, dirigindo-se a Hipólito, que lhe vedava a passagem.

— Pedro, espero-te em casa — articulou a mesma voz com um ar afável e carinhoso.

O postilhão pôs a equipagem em andamento, que arrancou com fragor. O príncipe Hipólito ficara na escadaria, rindo ainda, aos sacões, enquanto esperava pelo visconde, a quem prometera reconduzir a casa.

— Pois bem, meu caro, a sua princesinha é um encanto, um encanto — dizia o visconde, ao sentar-se ao lado de Hipólito. — Mas o que se chama um encanto. — E atirando um beijo com a ponta dos dedos: — E francesa até à medula.

Hipólito riu estrepitosamente.

— Sabe que é terrível com o seu arzinho inocente — prosseguiu o visconde. — Lamento o pobre marido, esse oficialzito, que se dá ares de príncipe reinante.

Hipólito continuava a rir a bom rir, e, mesmo rindo, foi dizendo:

— E dizia o senhor que as damas russas não chegavam aos calcanhares das francesas. É preciso é saber tratar com elas.

Pedro, que chegara primeiro, como íntimo da casa que era, entrou no gabinete do príncipe André, e mal se sentou no divã tirou da estante o primeiro livro que lhe veio à mão — calhou ser os Comentários, de César -, pondo-se a ler, ao acaso, apoiado sobre os cotovelos.

— Fizeste-la bonita em casa de Mademoiselle Scherer! É certo e sabido que a pobre senhora vai cair doente — disse o príncipe André, ao entrar no gabinete, enquanto esfregava as mãos brancas.

Pedro voltou-se com todo o peso do seu corpo, e de tal maneira que o divã rangeu debaixo dele. O seu rosto animado fixou-se no do seu companheiro e com um sorriso aberto fez-lhe um gesto amistoso.

— Realmente, o abade é uma pessoa muito interessante, mas não compreende as coisas como elas são... Na minha opinião, a paz perpétua é possível, mas, como direi?..., não por meio do equilíbrio político...

André, visivelmente, não apreciava estas discussões abstratas.

— Ah, não, meu caro, não podemos dizer em toda a parte o que pensamos. Ora conta-me lá, já te resolveste, finalmente, a fazer qualquer coisa? Que queres tu ser, cavaleiro da Guarda ou diplomata? — perguntou o príncipe André, depois de alguns instantes de silêncio.

Pedro voltou a sentar-se no divã, encolhendo as pernas debaixo de si.

— Veja lá, não sei, realmente. Nem uma nem outra dessas situações se me dá com o feitio.

— No entanto, precisas de tomar uma resolução. Teu pai está à espera que te decidas.

Pedro fora enviado para o estrangeiro, aos dez anos, na companhia de um padre, seu preceptor. E por lá ficara até aos vinte. Quando voltou para Moscou, o pai despediu o padre e disse ao jovem: “Agora vai até Petersburgo, observa e escolhe. Estou de acordo desde já com o que tu decidires. Aqui tens uma carta para o príncipe Vassili e dinheiro. Vai-me dando notícias, e conta comigo.” Havia já três meses que Pedro procurava decidir-se por uma carreira e não chegava a conclusão alguma. Era a tal escolha que o príncipe André aludia. Pedro passou a mão pela testa.

— Estou convencido de que o homem é maçã — murmurou, pensando no abade que encontrara na recepção.

— Basta de frioleiras — voltou André, interrompendo-o. — Falemos de coisas sérias. Estás decidido pela Guarda montada?...

— Não, mas vou dizer-lhe uma coisa que me veio à cabeça. Estamos atualmente em guerra com Napoleão. Se se tratasse de uma guerra de libertação, então, sim, compreendia, seria mesmo o primeiro a alistar-me. Mas ajudar a Inglaterra e a Áustria contra o maior homem que há no mundo.., não está certo.

O príncipe André contentou-se em encolher os ombros perante as infantis considerações de Pedro. O seu ar queria dizer que nada tinha a replicar a uma tal patetice; e, com efeito, seria difícil responder de outra maneira a uma tal ingenuidade.

— Se as pessoas fossem para a guerra só por convicção, não haveria guerra — disse ele.

— E era isso que convinha — respondeu Pedro.

O príncipe André sorriu.

— É muito possível, mas aí está uma coisa que nunca acontecerá.

— E então por que diabo é que o André vai para a guerra? perguntou Pedro.

— Por quê? Não sei. É assim. Além disso, eu vou... — Calou-se. — Eu vou porque esta vida que levo aqui, esta vida não me convém.

Capítulo VII

Na sala contígua ouviu-se o ruje-ruje de um vestido. André teve um sobressalto, como se recuperasse os sentidos, e a sua máscara tomou a expressão com que se exhibira nos salões de Ana Pavlovna. Pedro tirou os pés de cima do divã. A princesa entrou. Tinha outro vestido, um vestido íntimo, mas nem por isso menos fresco e elegante. O príncipe André levantou-se e ofereceu-lhe, cortesmente, uma cadeira.

— Uma coisa eu nunca deixo de perguntar a mim mesma — disse ela, como sempre, em francês, sentando-se com prontidão — por que é que a Ana se não teria casado? Que tolos vocês foram, senhores, não casando com ela! Desculpem, mas vocês não percebem nada de saias. Muito gosta de discutir. Senhor Pedro...

— Precisamente, não faço outra coisa senão discutir com o seu marido. Não compreendo por que é que ele quer ir para a guerra — disse Pedro, dirigindo-se à princesa sem o mais pequeno acanhamento, coisa, aliás, perfeitamente natural, tratando-se de um rapaz e de uma senhora jovem.

A princesa estremeceu. Evidentemente que as palavras de Pedro a tinham atingido no ponto sensível.

— É o que eu lhe estou sempre a dizer! — redarguiu ela. Não compreendo, decididamente não compreendo como é que os homens não podem passar sem a guerra! E que nós, mulheres, não possamos fazer nada, não tenhamos voz nesse capítulo! Ora, ouça, faça de conta que é um juiz. Passo a vida a dizer-lhe a mesma coisa. O André é ajudante-de-campo do tio, tem aqui uma brilhante situação. Toda a gente o conhece, toda a gente o aprecia. No outro dia, em casa dos Apraxine, ouvi uma senhora perguntar: “Este é que é o famoso príncipe André? Palavra!” — Ele pôs-se a rir. — É assim que o recebem em toda a parte. Tinha toda a facilidade em vir a ser ajudante-de-campo do imperador. Sabe que o imperador lhe dirigiu graciosamente a palavra? A Ana e eu estamos convencidas de que era tão fácil! Que acha?

Pedro olhou para o príncipe André, e, vendo que a conversa não agradava ao amigo, nada respondeu.

— Quando parte? — interrogou ele.

— Ah! Não me fale dessa partida, não me fale. Não quero ouvir falar nisso! — exclamou a princesa nesse mesmo tom de coquetterie satisfeita de si que ela mostrara quando, no salão de Ana Pavlovna, conversava com Hipólito, mas que naquele ambiente de intimidade familiar em que Pedro era recebido não caía nada bem. — Atualmente, quando me lembro de que temos de interromper

todas as nossas queridas relações... E, além disso, não sei, sabes, André? — Teve para o marido um ligeiro piscar de olhos. — Tenho medo, tenho medo! — acrescentou muito baixo, estremecendo.

O marido olhou para ela com o ar surpreso que teria se estivesse mais alguém presente que não fosse Pedro e ele próprio, André. Depois, com uma fria polidez, disse:

— Que receias. Lisa? Não compreendo...

— Ora aqui está o egoísmo dos homens! Não há um que se salve: são todos, todos egoístas, para satisfazerem os seus caprichos! Só Deus sabe por que é que ele me vai deixar enclausurada no campo.

— Com meu pai e minha irmã, não te esqueças — articulou, tranquilamente, o príncipe André.

— Nem por isso estarei menos só, sem as minhas amigas... E ainda ele quer que eu não tenha medo.

Tinha adotado um tom de amuo e fazia um trejeito que lhe dava um ar já não alegre, mas quase animal, um ar de um pequenino esquilo. Calou-se, pensando não ser conveniente falar diante de Pedro do seu estado, no fundo a causa de tudo.

— Continuo a não compreender de que é que tens medo — disse, lentamente, o príncipe André, sem deixar de a fitar.

A princesa corou e fez um gesto impetuoso.

— Não. André, eu acho é que mudou tanto, tanto...

— O teu médico aconselhou-te a que te deitasses cedo — disse o príncipe André. — Era melhor que te retirasses.

A princesa nada disse, mas, de súbito, o seu lábio, sombreado por uma penugem ligeira, pôs-se a tremer; André levantou-se, encolhendo os ombros, e começou a andar de um lado para o outro.

Pedro, com um ar espantado e ingênuo, olhava por detrás das lunetas ora um ora outro, e agitava-se, como se ele também quisesse levantar-se, mas continuava indeciso.

— Quero lá saber que esteja aqui o Senhor Pedro — disse, abruptamente, a princesinha, e pelo seu delicado rosto perpassou, de súbito, um ricto como de quem vai chorar. — Há muito tempo que eu te queria dizer, André. Por que é que mudaste tanto para comigo? Que te fiz eu? Vais para a guerra e não tens pena de mim. Por quê?

— Lisa! — foi tudo quanto disse André.

Mas nesta palavra havia ao mesmo tempo uma súplica e uma ameaça, e sobretudo qualquer coisa em que se lia que ela havia de arrepender-se de ter proferido aquelas palavras. Precipitadamente, ela continuou:

— Tratas-me como uma doente ou como uma criança. Eu bem vejo. Achas que eras assim há seis meses?

— Lisa, peço-te que te cales — disse André numa voz cortante.

Pedro, cada vez mais perturbado com aquela troca de palavras, levantou-se e aproximou-se da princesa. Dir-se-ia não poder suportar a vista das lágrimas e ele próprio estava quase a chorar.

— Sossegue, princesa. É o que lhe parece; porque eu próprio tive a mesma impressão... porque... é que... Ah! desculpe-me, sinto que estou aqui a mais... Ah! sossegue... Adeus...

O príncipe André segurou-o por um braço.

— Um momento, Pedro. A princesa é tão boa que não querará privar-me do prazer de passar a noite contigo.

— Vê, vê, não pensas senão nele! — exclamou a princesa, sem poder reter as lágrimas, onde havia revolta.

— Lisa — disse o príncipe secamente, erguendo o tom da voz a uma altura tal que significava ter perdido por completo a paciência.

Subitamente, o arzinho de esquilo furioso que se pintara no rosto da princesa converteu-se num medo impressionante, digno de piedade. Lançou, furtivamente, com os seus belos olhos um rápido olhar ao marido e teve essa expressão tímida e submissa de um cão batido que foge com a cauda entre as pernas.

— Meu Deus, meu Deus! — murmurou, pegando na cauda do vestido, e, aproximando-se do marido, beijou-o na testa.

— Boa noite, Lisa — disse o príncipe André erguendo-se e beijando-lhe a mão com cortesia, como se fosse uma estranha.

Capítulo VIII

Os dois amigos ficaram silenciosos. Nem um nem outro ousavam falar. Pedro tinha os olhos pousados no príncipe André, que passava a fina mão pela testa.

— Vamos cear — disse ele, suspirando. Levantou-se e dirigiu-se para a porta.

Entraram na sala de jantar, elegantíssima, recém-arranjada e ricamente posta. Tudo, desde os guardanapos às pratas, à baixela e aos cristais, tinha esse aspecto novo característico das casas dos recém-casados. No meio do repasto o príncipe André apertou a cabeça entre as mãos, e, como alguém muito preocupado que finalmente resolve abrir-se, principiou a dizer, com um nervosismo que Pedro lhe não conhecia:

— Não te cases nunca, nunca, meu amigo; é o conselho que te dou. Não te cases antes de estares convencido de que fizeste tudo de que eras capaz, antes de teres deixado de amar a mulher que escolheste, antes de a teres visto bem; sem isso, enganar-te-ás cruelmente e sem remissão. Casa-te quando fores velho e já não prestares para coisa alguma... Se o não fizeres, perder-se-á tudo quanto houver em ti de bom e de grande. Tudo irá por água abaixo. Sim, sim, sim! Não me olhes com essa cara de espanto. Se estás convencido de que serás capaz de fazer alguma coisa no futuro, verificarás que tudo acabou para ti, que tudo te está vedado, salvo o salão onde virás a encontrar-te ao nível de qualquer laçao ou de qualquer imbecil... E aqui tens!

Teve um gesto enérgico.

Pedro tirou as lunetas, ficando com outra cara, ainda mais bondosa, e fitou o amigo com espanto.

— A minha mulher — continuou o príncipe André — é uma excelente senhora. É uma dessas raras pessoas que não fazem perigar a nossa honra. Mas, Deus meu, o que daria eu para me não ter casado! És tu a primeira e a única pessoa a quem o digo, porque sou teu amigo.

Enquanto falava, o príncipe André cada vez se parecia menos com esse Bolkonski enterrado numa cadeira em casa de Ana Pavlovna deixando passar por entre dentes, de olhos piscos, frases francesas. Todos os músculos da sua seca máscara estavam agitados por movimentos nervosos; os seus olhos, em que o fogo da vida, até então, parecia extinto, brilhavam agora com um fulgor luminoso e claro. Dir-se-ia que quanto menos vida nele havia habitualmente mais enérgico parecia nestes instantes de uma excitação quase anormal.

— Tu não compreendes por que eu falo assim. No entanto estás diante da história de toda uma existência. Tu dizes Bonaparte e a sua carreira — continuou ele, embora Pedro nada tivesse dito acerca de Bonaparte. — Dizes: Bonaparte. Mas Bonaparte, quando trabalhava, quando caminhava, passo a passo, para o seu fim era livre, não tinha mais nada em vista senão esse objetivo, e atingiu-o. Porém, se tu te ligares a uma mulher, como um forçado com uma braga aos pés, perderás toda a liberdade. E tudo quanto em ti possa haver de esperança e de energia tornar-se-á um peso morto, que te oprimirá de desgosto. Os salões, a má-língua, os bailes, a vaidade, as futilidades, eis daí por diante o círculo vicioso de que é impossível uma pessoa evadir-se. Vou partir para a guerra, para a maior das guerras, e não sei nada, e não presto para nada. Sou muito amável e muito cáustico e as pessoas ouvem-me quando eu falo em casa de Ana Pavlovna. E aí tens essa estúpida sociedade mundana sem a qual não podem passar nem a minha mulher nem essas mulheres... Se tu ao menos pudesses fazer uma ideia do que são todas as mulheres distintas e todas as mulheres em geral. Meu pai tem razão. O egoísmo, a vaidade, a tolice, a nulidade em tudo, aí tens a mulher quando se mostra tal qual é. Quando a gente a vê na sociedade, julga que vale alguma coisa, e não vale nada, nada, nada! É o que te digo: não te cases, meu caro, não te cases — concluiu.

— Que vontade de rir que isto me dá — disse Pedro. — Pois é o André, o André, precisamente, que se considera a si próprio um incapaz, que considera falhada a sua vida? O André que tem o futuro diante de si, todo um futuro? O André...

“De que não será capaz?”, pensou, mas o tom da sua voz denunciava claramente a alta estima em que ele tinha o amigo e o que esperava dele para mais tarde.

“Como pode ele falar assim!”, dizia Pedro de si para consigo.

E efetivamente Pedro via no príncipe André como que um modelo de todas as perfeições, precisamente porque ele era dotado no mais alto grau das qualidades que ele próprio não tinha, essas qualidades que mais do que quaisquer outras exigem força de vontade. Sempre lhe causara admiração a serenidade que o príncipe André sabia manter nas relações com as pessoas mais diversas e a sua memória extraordinária, as suas vastas leituras — tinha lido tudo, sabia tudo, compreendia tudo — e sobretudo a sua capacidade de trabalho e de assimilação. E, se é verdade que frequentes vezes o impressionava, a ele, Pedro, a pouca tendência que o príncipe André manifestava pela reflexão e pela filosofia, coisas para que Pedro sentia mais inclinação, estava longe de pensar que isso constituísse um defeito; pensava até que representava uma força.

Nas melhores relações, nas mais amistosas e mais simples relações, a adulação ou os louvores são coisas indispensáveis, tal qual como o azeite é indispensável nas rodas dos carros.

— Sou um homem liquidado — murmurou o príncipe André. Para que havemos nós de perder tempo a falar de mim? Falemos antes de ti — acrescentou depois de um curto silêncio e sorrindo, como se regressasse, finalmente, a um assunto mais consolador.

Nessa altura um sorriso apareceu nos lábios de Pedro.

— E para que havemos nós de falar de mim? — disse abandonando-se a uma despreocupada alegria. — Que sou eu, no fim de contas? Sou um bastardo! — E, subitamente, corou até às orelhas. Via-se bem que fizera um grande esforço para pronunciar estas palavras. — Sem nome, sem fortuna... E, de resto, para falar francamente... — Queria ter dito tanto melhor, mas não concluiu a frase. — Enquanto espero, sou livre, estou satisfeito com a minha sorte. Mas o certo é que não sei o que hei de fazer. Seriamente, queria pedir-lhe que me aconselhasse.

O príncipe André olhou-o com bondade, mas, apesar disso, no seu olhar amável e amigoso sentia-se-lhe a superioridade.

— Gosto de ti, sobretudo porque és tu, entre toda a gente das nossas relações, o único ser vivo. Dizes que estás satisfeito. Escolhe o que quiseses, é indiferente. Em toda a parte serás feliz. Só te peço uma coisa: deixa de conviver com esses Kuraguine, deixa a vida que levas. Isso não te convém: toda essa devassidão, esse convívio com húsares, tudo que...

— Que quer, meu caro? — disse Pedro encolhendo os ombros. — As mulheres, meu caro, as mulheres!

— Não compreendo — retorquiu André. — As verdadeiras senhoras, sim, essas são outra coisa, mas as mulheres de Kuraguine, as mulheres e o vinho, confesso-te que não compreendo!

Pedro vivia em casa do príncipe Vassili Kuraguine e acompanhava nas suas orgias o filho deste, Anatole, esse mesmo Anatole que queriam casar, para o corrigir, com a irmã do príncipe André.

— Quer saber? — disse Pedro, como se acabasse de ter uma feliz ideia. — Seriamente, há muito tempo que penso nisto. Com a vida que levo, nem posso decidir-me por coisa alguma, nem refletir seja sobre o que for. Só dores de cabeça e o nosso dinheiro perdido. O Anatole convidou-me para esta noite, mas não vou.

— Dás-me a tua palavra de honra?

— Palavra de honra!

Capítulo IX

Eram quase duas horas da madrugada quando Pedro saiu de casa do amigo. Era uma noite de junho, uma noite típica de Petersburgo, sem obscuridade. Meteu-se numa carruagem de aluguer, decidido a voltar para casa. Mas à medida que se aproximava, ia sentindo que lhe não era possível dormir numa noite daquelas, que mais parecia um crepúsculo ou uma aurora. A vista perdia-se ao longe pelas ruas desertas. No caminho, Pedro lembrou-se de que em casa de Anatole Kuraguine deviam estar reunidos os convivas habituais, os jogadores, que depois do jogo se entregavam, normalmente, ao prazer da bebida, um dos seus divertimentos favoritos.

“Se eu fosse à casa de Kuraguine?”, disse ele para consigo mesmo.

De súbito, porém, lembrou-se de que tinha dado a palavra de honra a André. Mas, de repente também, coisa natural nas pessoas que é de uso considerar-se sem caráter, sentiu um tão intenso desejo de voltar uma vez ainda a gozar aquela louca vida, que ele tão bem conhecia, que se decidiu. E então veio-lhe à mente que o compromisso tomado não valia nada, visto que antes de o ter assumido para com o príncipe André tinha prometido ao Anatole que iria à casa dele; e depois, em conclusão, dizia de si para consigo: “Todas estas palavras de honra são coisas convencionais, sem qualquer fundamento sério, sobretudo quando uma pessoa pensa que amanhã pode estar morta ou em circunstâncias tais que as palavras de honra e desonra não tenham o mais pequeno significado.” Pedro costumava fazer muitas vezes raciocínios deste gosto, que tornavam nulos todos os seus projetos e todas as suas resoluções. E dirigiu-se para casa de Kuraguine.

Quando chegou à escadaria da vasta mole formada pelas casernas da Guarda montada, onde Anatole vivia, subiu os degraus iluminados e deparou-se-lhe a porta aberta. Não havia ninguém no vestíbulo; por um lado e pelo outro só se viam garrafas vazias, sobretudo, galochas; cheirava a vinho. Ouviam-se ruídos de vozes e gritos distantes.

O jogo e a ceia tinham acabado, mas os convivas ainda se não haviam dispersado. Pedro despiu o sobretudo e entrou na primeira dependência, em que se viam ainda os restos do festim e onde um lacaios, julgando-se só, bebia, às escondidas, os restos de vinho dos copos. Da sala contígua saía um alarido: risos, gritos de pessoas conhecidas e grunhidos de ursos. Oito rapazes comprimiam-se, muito excitados, junto da janela aberta. Três outros entretinham-se com um ursinho novo, que um deles puxava por uma corrente para atemorizar os companheiros.

— Eu aposto por Stevens cem rublos! — gritou uma voz.

— Que ideia essa de apostar por ele! — exclamou um terceiro. — Kuraguine, sê tu o árbitro.

— Está bem, então deixem o Michka¹; vamos lá fazer a aposta.

— De um só trago, ou então perde! — gritou uma quarta voz.

— Iakov, traz uma garrafa, Iakov! — clamou o dono da casa, um rapagão magnífico, que estava no meio de todos os outros, envergando apenas uma ligeira blusa toda aberta no peito. — Um momento, meus amigos! Eh! Até que enfim. Petrucha, meu caro! — exclamou dirigindo-se a Pedro.

Uma outra voz, a de um homem de pequena estatura, de olhos azuis-claros, que contrastava pelos seus modos cordatos no meio de todas aquelas vozes avinhadas, gritou da janela: — Vamos, serve de árbitro na aposta! — Era Dolokov, um oficial do regimento Seminovski, famoso jogador e não menos famoso espadachim, que compartilhava dos aposentos de Anatole.

Pedro sorria, lançando um olhar alegre a toda a companhia.

— Não há maneira de ninguém se entender. De que se trata?

— Esperem, ele não está bêbado. Venha de lá uma garrafa — disse Anatole, e, pegando num copo de cima da mesa, deu dois passos para Pedro. — Antes de mais nada, bebe.

Pedro pôs-se a beber copo sobre copo, olhando de soslaio para toda aquela gente embriagada que se tinha juntado ao pé da janela e escutava o que se dizia. Anatole deitava-lhe vinho no copo e contava que Dolokov apostara com o inglês Stevens, oficial de marinha ali presente, que ele, Dolokov, seria capaz de beber uma garrafa de rum sentado na janela do segundo andar com as pernas dependuradas para a parte de fora.

— Então, despeja-me lá essa garrafa! — exclamou Anatole, apresentando a Pedro o último copo. — Enquanto o não beberes, não te largo.

— Não, já basta — tornou Pedro recusando, ao mesmo tempo que se aproximava da janela.

Dolokov segurava o inglês por uma mão e explicava claramente, com precisão, as condições da aposta, dirigindo-se de preferência a Anatole e a Pedro.

Dolokov era de estatura meã, frisado, com olhos azuis-claros. Tinha aproximadamente vinte e cinco anos. Não usava bigode, como os outros oficiais de infantaria daquela época, e tinha a boca, o traço mais característico da sua figura, completamente descoberta. Era uma boca com um desenho extraordinariamente fino. O lábio superior descia sobre o forte lábio inferior formando dois ângulos agudos, em cujos cantos se via sempre esboçado uma espécie de duplo sorriso, um sorriso de cada lado. No seu conjunto, sobretudo

com os seus olhos decididos, impudentes e inteligentes, dava uma impressão que obrigava as pessoas a fitá-lo. Dolokov não era rico nem tinha qualquer parente. E, conquanto Anatole gastasse dezenas de milhares de rublos, Dolokov compartilhava das suas instalações e sabia arranjar as coisas de tal maneira que o próprio Anatole e todos os seus conhecidos o estimavam mais que ao próprio dono da casa. Sabia todos os jogos e ganhava quase sempre. Por mais que bebesse, tinha sempre a cabeça no seu lugar. Kuraguine e Dolokov eram naquela época, tanto um como o outro, verdadeiras celebridades no mundo das cabeças loucas e dos boêmios de Petersburgo.

Trouxeram a garrafa de rum. Dois lacaios, azafamados e visivelmente estupefatos, desnorteados no meio dos gritos e das ordens que lhes davam, procuravam demolir o caixilho que impedia que uma pessoa se sentasse sobre o parapeito exterior da janela.

Anatole aproximou-se com ares vitoriosos. Tinha necessidade de quebrar fosse o que fosse. Afastou os lacaios e pôs-se a puxar pelo caixilho, o qual não cedeu. Quebrou um vidro.

— Experimenta tu, valentão — exclamou dirigindo-se a Pedro. Pedro agarrou-se à couceira, puxou e arrancou com fragor o enquadramento de castanho.

— Tudo fora, senão depois são capazes de dizer que eu me agarrei a alguma coisa — intimou Dolokov.

— O inglês perdeu a cabeça... Eh! Não é verdade? — inquiriu Anatole.

— Com certeza — disse Pedro olhando para Dolokov, que, com a garrafa na mão, se aproximava da janela, através da qual se via o céu claro e a aurora, que se confundia com o crepúsculo.

Dolokov, sempre com a garrafa na mão, saltou para cima da janela.

— Ouçam! — gritou de pé sobre o parapeito, voltado para a assistência. Todos se calaram. — Aposto — falava em francês para que o inglês o compreendesse, embora este não fosse um portento nessa língua -, aposto cinquenta imperiais; quer apostar cem? — acrescentou, para o inglês.

— Não, cinquenta — retorquiu este.

— Bom, aposto cinquenta imperiais em como sou capaz de beber a garrafa de rum até à última gota, de um só trago, sentado na janela, neste sítio — debruçou-se e apontou para o parapeito inclinado no sentido da rua — e sem me segurar a coisa alguma... Está apostado?

— Perfeitamente — volveu o inglês.

Anatole voltou-se para este, e, segurando-o por um botão da farda, olhou-o de cima, pois o outro era de pequena estatura, e pôs-se a repetir-lhe em

inglês as condições da aposta.

— Atenção! — gritou Dolokov, batendo com a garrafa na janela, para que o ouvissem. — Um momento, Kuraguine. Ouçam. Se houver alguém capaz de fazer o mesmo, dou-lhe cem imperiais. Estão a compreender?

O inglês disse “sim” com a cabeça, sem com isso querer dizer que tinha intenção de aceitar a nova aposta. Anatole não o largava, e, embora ele tivesse dado a entender que compreendera, traduzia-lhe para inglês as palavras de Dolokov. Um rapazola escanzinado, um húsar da Guarda, que toda a noite estivera a perder ao jogo, trepou à janela, debruçou-se e olhou lá para baixo.

— Ui! Ui! Ui! exclamou, apontando as pedras da calçada.

— Fora daí! — gritou Dolokov, obrigando a descer da janela o oficial, que, embaraçado nas esporas, tropeçou.

Depois de ter colocado a garrafa no parapeito da janela, para assim a ter à mão, Dolokov, com prudência e serenidade içou-se para o rebordo do janelão. Depois de ter passado as pernas por cima do alizar e de haver avançado, com o auxílio das mãos, até ao extremo do parapeito, escolheu o lugar, sentou-se, deixou pender as pernas, deslocou-se para a direita e para a esquerda e pegou na garrafa. Anatole trouxe duas velas e pousou-as sobre o parapeito, embora já fizesse dia claro. O dorso de Dolokov, de camisa branca, a cabeça anelada, recebia luz dos dois lados. Toda a gente se tinha juntado em volta da janela. O inglês estava na primeira fila. Pedro sorria sem dizer nada. Um dos presentes, mais velho do que os outros, furioso e apavorado, arremeteu, de súbito, para a janela e quis agarrar Dolokov pela camisa.

— Meus senhores, isto é uma loucura; o rapaz vai matar-se! — exclamou esta criatura, mais razoável que as restantes.

Anatole deteve-o.

— Não lhe toques; se o assustas, ele mata-se. Hem!... E nesse caso?... Hem!

Dolokov voltou-se, compôs-se e colocou-se em posição com o auxílio das mãos.

— Se mais alguém mete o bedelho na minha vida — disse, deixando cair as palavras dos lábios finos e cerrados -, obrigo-o a descer imediatamente por aqui. Está combinado?...

Ao dizer “Está combinado?”, voltou-se ainda, soltou as mãos, pegou na garrafa e levou-a à boca, atirando a cabeça para trás e erguendo no ar a mão livre para estabelecer o equilíbrio. Um lacaio que se tinha posto a apanhar os pedaços de vidro da janela deteve-se, sempre debruçado para o chão, sem perder de vista a janela e as costas de Dolokov. Anatole conservava-se direito, de olhos arregalados. O inglês, mordendo os lábios, desviava os olhos. Aquele que tentara

intervir tinha-se afastado para um canto e estirara-se num divã com a cara para a parede. Pedro tapou a cara e um ligeiro sorriso parecia errar-lhe na máscara, onde se estampavam agora susto e terror. Todos se calavam. Pedro tirou a mão dos olhos. Dolokov mantinha-se na mesma posição, mas com a cabeça de tal modo caída para trás que os cabelos anelados, pela retaguarda, afluíam-lhe o colarinho, e a mão com que segurava a garrafa cada vez se erguia mais, animada por um certo tremor, e como se fizesse esforço. A garrafa, que se esvaziava a olhos vistos, elevava-se ao mesmo tempo no ar, obrigando a cabeça a descair para trás. “Que tempo que isto leva!”, murmurou Pedro consigo mesmo. Afigurava-se-lhe haver decorrido mais de meia hora. Subitamente Dolokov teve um movimento de espinha para a retaguarda e a mão foi-lhe sacudida por um tremor nervoso, quanto bastou para fazer avançar o corpo sentado no parapeito resvaladiço. Todo ele se deslocou, e as mãos e a cabeça, com o esforço, estremeceram-lhe ainda mais. Uma das mãos ergueu-se para se agarrar ao alizar da janela, mas logo descaiu. Pedro voltou a fechar os olhos e prometeu não tornar a abri-los. Subitamente percebeu que tinha havido um movimento na assistência. Abriu os olhos: Dolokov estava de pé sobre o parapeito, o rosto pálido e alegre.

— Vazia!

Atirou com a garrafa ao inglês, que a agarrou no ar. Deu um pulo da janela. Todo ele cheirava a rum.

— Muito bem! Que valentão! Bela aposta, cos diabos! — dizia-se por todos os lados.

O inglês tinha puxado da bolsa e contava o dinheiro. Dolokov franzia as sobrelhas sem dizer palavra. Pedro precipitou-se para a janela.

— Meus senhores. Quem é que quer apostar comigo? Estou pronto a fazer o mesmo! — gritou ele, de chofre. — De resto, dispenso as apostas. Venha de lá uma garrafa. Exatamente!... Uma garrafa.

— Isso mesmo! Isso mesmo! — exclamou Dolokov, rindo.

— Que mosca é que te mordeu? Estás maluco? Quem é que vai consentir nisso? Até a subir uma escada tens vertigens — dizia-se por aqui e por ali.

— Vão ver como eu a bebo. Deixem-me ver uma garrafa! gritava Pedro, batendo no tampo duma mesa, com uma teimosia de bêbado. E trepou para cima da janela.

Agarraram-no por um braço; mas ele era tão forte que sacudia de si os que tentavam aproximar-se dele.

— É inútil, não desiste — disse Anatole. — Esperem aí, que eu ensino-o. Ouve lá, eu aposto contigo, mas fica para amanhã. Agora vamos todos para casa da...

— Está bem — exclamou Pedro. — Vamos embora!... Mas o Michka também vai conosco. — Apoderou — se do urso, e agarrando nele com ambas as mãos para o obrigar a levantar-se, pôs-se a rodopiar com o bicho pelo meio da sala.

Capítulo X

O príncipe Vassili cumpriu a promessa que tinha feito à princesa Drubetskaia na reunião em casa de Ana Pavlovna relativamente a seu único filho, Bóris. Falaram nele ao imperador, e a título excepcional foi promovido a alferes do regimento Seminovski. Mas não foi nomeado ajudante-de-campo, nem adido ao quartel-general de Kutuzov, apesar dos pedidos e das intrigas de Ana Mikailovna. Pouco tempo depois da reunião em casa da dama de honor, Ana Mikailovna voltou para Moscou e foi instalar-se em casa dos Rostov, seus ricos parentes, onde sempre se hospedava. Era ali que tinha sido educado desde criança e onde ainda vivia o seu Bóris adorado, só agora admitido no exército e que acabava de ser promovido a alferes da Guarda. O regimento tinha saído de Petersburgo a 10 de agosto, e o rapaz, que ficara em Moscou por causa do equipamento, devia ir ao encontro dele em Radzivilov.

Em casa dos Rostov celebrava-se o aniversário das duas Natálias, a mãe e a filha mais nova. Desde manhã que era um chegar e partir de carruagens sem fim com visitas para o palácio da condessa Rostov, na Povarskaia, palácio que toda a gente conhecia em Moscou.

A condessa, acompanhada pela filha mais velha, uma linda mulher, estava no salão, rodeada das suas visitas, que não cessavam de chegar.

Era a condessa Rostov uma senhora de rosto magro, tipo oriental, dos seus quarenta e cinco anos, visivelmente esgotada por doze partos sucessivos. A lentidão do seu passo e a morosidade da sua fala, consequências do quebranto das suas forças, davam-lhe um ar de dignidade que inspirava respeito. A princesa Ana Mikailovna Drubetskaia também se encontrava presente, íntima da casa que era, ajudando-a a receber as visitas e a manter a conversação. A gente nova estava nas dependências das traseiras, desinteressada das visitas. O conde lá se encarregava de as acolher e de as conduzir, convidando toda a gente para jantar.

— Estou-lhe muito reconhecido, muito, meu caro ou minha cara — dizia a toda a gente, sem exceção, minha cara ou meu caro, sem pôr nisso qualquer distinção, quer as pessoas fossem de uma classe inferior ou superior -, estou-lhe muito reconhecido em meu nome e em nome das festejadas. Não deixe de vir jantar conosco: ficaria melindrado, meu caro. Peço-lhe, cordialmente, em nome da família, minha cara.

Estas mesmas palavras, com uma expressão sempre igual no rosto cheio e sorridente, bem escanhado, e um aperto de mão enérgico, sempre o mesmo, e breves e frequentes flexões, repetia-as ele a todos, sem exceção e sem alterar uma vírgula. Depois de acompanhar aquele que partia, ei-lo que voltava

para junto daquele ou daquela que ficava no salão. Puxava de uma cadeira, e com os modos de um homem à vontade em sociedade, estendia as pernas desprendidamente, e, de mãos assentes nos joelhos, meneava a cabeça com um ar entendido, fazendo conjecturas sobre o estado do tempo, dando conselhos higiênicos, ora em russo, ora em francês, num francês bastante mau, mas pronunciado com segurança, e depois, como uma pessoa que se sente fatigada mas quer cumprir a sua obrigação até ao fim, acompanhava as pessoas, assentando as farripas brancas sobre a calva e tornando a repetir o eterno convite. Uma que outra vez, no regresso do vestíbulo, atravessava o jardim de inverno e a sala de espera, dirigindo-se a uma grande dependência pavimentada de mármore, onde se preparava uma mesa de oitenta talheres: lançava uma olhadela aos criados, afadigados a acarretar pratos e porcelanas, a arranjar a mesa e a estender as toalhas adamascadas, e mandava chamar Dimitri Vassilievich, um jovem fidalgo, uma espécie de seu factótum, a quem dizia: — Atenção, Mitenka, é preciso que tudo esteja em ordem. Ótimo! ótimo! — Depois acrescentava, inspecionando, satisfeito, a imensa mesa elástica. — O mais importante é uma mesa bem posta. Bom, bom... — E voltava, contente, ao salão.

— Maria Lvovna Karaguine e sua filha! — anunciou em voz de baixo o imenso escudeiro às ordens da condessa penetrando no salão. A condessa, pensativa, tomou uma pitada de rapé da sua caixa dourada com o retrato do marido.

— Ah! Que maçada estas visitas! — exclamou ela. — É a última que eu recebo. Que pessoa tão amaneirada! Manda entrar — ordenou para o laçao numa voz áspera que queria dizer: “Bom, acabemos com isto!”

Uma senhora, alta, de grande corpulência, ar altivo, acompanhada de sua filha, uma menina de nédias bochechas, toda sorridente, entrou na sala no meio de um ruge-ruge de vestidos.

— Querida condessa, há tanto tempo... tem estado de cama, pobre criança... no baile dos Rasumovski... e a condessa Apraksine... fiquei tão contente!... — exclamavam vozes femininas muito animadas, interrompendo-se umas às outras mutuamente e confundindo-se com o sussurrar dos tecidos e o arrastar das cadeiras. Entabulou-se uma conversa tão pouco importante que permitia, assim que havia uma pausa, que as pessoas se levantassem e dissessem, no meio do burburinho da partida: “Estou encantada; a saúde da mãe... e a condessa Apraksine”, e, em seguida, no meio de um novo ruge-ruge, passassem para o vestíbulo, pusessem os seus agasalhos e partissem. A conversa travou-se sobre a grande novidade do dia, a doença do velho e riquíssimo conde Bezukov, um dos mais belos homens do tempo de Catarina, e o comportamento do filho

ilegítimo do mesmo, Pedro, que se tinha portado pessimamente na recepção em casa de Ana Pavlovna.

— Muito lamento o pobre conde — disse a visita que acabava de chegar -; está tão mal e, ainda por cima, com o desgosto daquele filho, acaba por morrer!

— Que aconteceu? — inquiriu a condessa, fingindo ignorar o assunto a que aludia a interlocutora, embora já tivesse ouvido contar a história pelo menos umas quinze vezes.

— São aquilo as educações modernas! Aquele tempo no estrangeiro fez com que o rapaz se tornasse insubmisso, e agora, em Petersburgo, segundo dizem, tais horrores fez que tiveram de recorrer à policia.

— Que me diz! — murmurou a condessa.

— São as más companhias — interveio a princesa Ana Mikailovna. — O filho do príncipe Vassili, ele e um tal Dolokov fizeram trinta por uma linha. Dois deles sofreram-lhe as consequências: Dolokov foi obrigado a descer de posto e o filho do conde Bezukov, esse, mandaram-no para Moscou. Quanto a Anatole Kuraguine, valeu-lhe o pai, que conseguiu abafar o escândalo. Mas também foi afastado de Petersburgo.

— Que fizeram eles, afinal? — perguntou a condessa.

— São uns autênticos bandidos. Principalmente esse Dolokov — disse a visita. — É o filho de Maria Ivanovna Dolokov, uma senhora da maior respeitabilidade. Pois não sabem? Imaginem que arranjaram um urso e levaram-no com eles de carruagem para casa de umas atrizes. A polícia foi atrás deles, e eles não estiveram com meias medidas: apanham um guarda, amarram-no, costas com costas, com o urso, e atiram com os dois para o Moika². O urso pôs-se a nadar com o polícia às costas.

— Só queria ver a cara do polícia, minha amiga! — exclamou o conde, rindo a bom rir.

— Parece impossível! Que horror! Como é que o conde pode achar graça a uma coisa destas?

Mas as próprias senhoras não podiam sustentar o riso.

— Foi difícil salvá-lo, àquele desgraçado — continuou a visita. — E dizer que é o filho do conde Cirilo Vladimirovitch Bezukov quem se dedica a divertimentos tão intelectuais! E há quem o ache bem educado e espiritual. Ora aqui têm o resultado dessas educações no estrangeiro! Tenho a certeza de que ninguém aqui o vai receber, apesar de toda a sua fortuna. Quiseram-mo apresentar. Mas eu disse redondamente que não: tenho filhas.

— Por que diz que esse homem é assim tão rico? — perguntou a condessa, debruçando-se para ela, de maneira a que as raparigas a não ouvissem,

e estas logo fingiram nada entender. — Dizem que só tem filhos naturais. Com certeza... o Pedro também é filho natural.

A visita teve um gesto evasivo.

— Dizem que tem um caterva de ilegítimos.

A princesa Ana Mikailovna interveio, desejosa, é claro, de mostrar que tinha relações e que conhecia em pormenor todas as intrigas mundanas.

— A verdade é esta — disse ela, com um ar entendido e quase em voz baixa. — A reputação do conde Cirilo Vladimirovitch toda a gente a conhece... Nem sequer sabe o nome dos filhos que tem, mas este Pedro era o seu preferido.

— Que belo homem esse velho — murmurou a condessa — ainda o ano passado! Nunca vi um homem mais belo!

— Agora está muito mudado — observou Ana Mikailovna. — O que eu queria dizer é que o príncipe Vassili, parente dele pelo lado materno, é que devia ser o seu herdeiro direto, mas ele gosta muito do Pedro; mandou-o educar e até escreveu a recomendá-lo ao imperador... Por isso ninguém sabe para quem irá a sua imensa fortuna, se para o Pedro se para o príncipe Vassili. Quarenta mil almas e milhões, milhões! Sei isto de fonte limpa, pois foi o próprio príncipe Vassili quem mo contou. De resto, Cirilo Vladimirovitch também é meu primo afastado pelo lado materno. E é padrinho do Bóris — insinuou ela, como se não ligasse a mais pequena importância ao fato.

— O príncipe Vassili está desde ontem em Moscou. Dizem que anda em inspeção — murmurou a visita.

— Sim, mas, aqui entre nós — disse a condessa -, isso é um pretexto. O que ele veio fazer foi visitar o conde Cirilo Vladimirovitch logo que o soube muito mal.

— Seja como for, minha amiga, é uma rica história — disse, de chofre, o conde, e, ao verificar que a interlocutora o não ouvia, voltou-se para as raparigas. — Estou a ver a cara do polícia!

E, mimando os gestos desesperados do pobre diabo, pôs-se de novo a rir, com grandes gargalhadas sonoras e profundas, que lhe faziam estremecer todo o rechonchudo corpo, um corpo de quem come bem e bebe melhor. — Então, está combinado, janta conosco — disse ele.

Capítulo XI

Houve um momento de silêncio. A condessa olhava para a sua visita com um sorriso amável, sem esconder, aliás, que lhe não seria desagradável vê-la erguer-se para se ir embora. A filha já se preparava para se despedir, depois de lançar um olhar interrogativo à mãe, quando, de súbito, se ouviram na sala contígua passos precipitados de homens e senhoras, ao mesmo tempo que uma cadeira era arrastada e caía, impelida por alguém que passava. Então entrou na sala uma menina dos seus treze anos, que trazia fosse o que fosse na saia de musselina, e que parava no meio do salão. Era evidente que fora por engano e sem premeditação que viera até ali. Simultaneamente, à porta, apareceram um estudante, de gola cor de framboesa, um oficial da Guarda, uma rapariguinha dos seus quinze anos e um rapazinho, gordo e rubicundo, com um casaquito curto.

O conde precipitou-se para a pequenita e impediu-lhe a entrada abrindo os braços.

— Ah! aí vem ela! — gritou ele, rindo — A heroína da festa. Minha querida fadazinha!

— Minha querida, há horas para tudo — disse a condessa, fingindo-se severa. — Estragas a pequena Elie — acrescentou dirigindo-se ao marido,

— Bom dia, minha querida, felicito-a — disse a senhora Karaguine.

— Que criança encantadora! — prosseguiu ela para a mãe.

Era uma rapariguinha de olhos negros, a boca muito grande, não bonita, mas cheia de vida, com os ombros infantis descobertos, palpitando no corpete, graças à rapidez com que caminhara, os caracóis negros repuxados para trás, os braços pequeninos nus, as perninhas a sair de uma calças de rendas, e nos pés sapatos abertos. Estava naquela idade graciosa em que uma rapariga já não é criança e em que a criança ainda não é rapariga. Depois de ter conseguido escapar-se dos braços do pai, correu para a mãe e, sem prestar a mais pequena atenção às suas severas reprimendas, escondeu a cara buliçosa nas rendas da mantilha materna e pôs-se a rir. Enquanto ria ia falando, com palavras sincopadas, para a boneca que levava metida na saia.

— Vês?... Mimi... Vês?

E Natacha mais não pôde dizer — tudo a fazia rir. — Deixou-se pender contra a mãe e rompeu a rir com tanta vontade e tão alto que ninguém, inclusivamente a visita de maneiras afetadas, pôde resistir ao riso. Todos riram também.

— Vai-te embora, vai-te embora com esse horror! — exclamou a mãe, repelindo-a com uma cólera fingida. — É a minha filha mais nova — disse

ela à visita.

Natacha deixou ver a cara por momentos, no meio do fichu de rendas da mãe, olhou aquela de alto a baixo, rindo até às lágrimas, e voltou a esconder-se.

A visita, obrigada a admirar esta cena de família, pensou ser necessário dizer qualquer coisa.

— Dize-me cá, minha linda — perguntou a Natacha -, que parentesco tens tu com esta Mimi? É tua filha, naturalmente.

Este tom de condescendência para se pôr ao seu nível de criança não agradou a Natacha, que nada disse e fitou a senhora com um ar sério.

Entretanto, todo o grupo jovial: Bóris, o oficial, filho da princesa Ana Mikailovna, o estudante Nicolau, filho mais velho do conde, Sônia, sua sobrinhita de quinze anos, e o pequeno Petrucha, seu filho mais novo, procurava manter, adentro dos limites das conveniências, a animação e a alegria que fulguravam nos seus rostos. Via-se perfeitamente que lá para trás, nos aposentos das traseiras, donde eles tinham surgido tão repentinamente, se falava de coisas bem mais agradáveis que intrigas mundanas, ou o estado do tempo, ou a condessa Apraksine. Entreolhavam-se todos, rompendo a rir.

Os dois rapazolas, o estudante e o oficial, amigos de infância, eram da mesma idade, ambos bonitos moços, mas sem se parecerem um com o outro. Bóris era um rapagão louro, de traços finos e regulares, de uma beleza serena; Nicolau, um rapazinho frisado, com uma expressão aberta. No seu lábio superior apontava já um ligeiro buço e o todo da sua máscara exprimia impetuosidade e entusiasmo. Nicolau ficou todo corado assim que entrou no salão. Via-se que procurava dizer qualquer coisa, mas não conseguia. Bóris, pelo contrário, mostrou-se logo à vontade e começou a contar, tranquilamente e com um ar satisfeito, que tinha conhecido a Mimi muito nova, com o nariz ainda intacto, que nos últimos cinco anos, se bem se lembrava, a pobre tinha envelhecido terrivelmente, e que tinha agora a cabeça rachada de alto a baixo. Ao mesmo tempo que falava ia olhando para Natacha. Esta voltara a cara e olhava para o irmãozito, que ria perdidamente, com os olhos cheios de lágrimas; de súbito, sem poder mais, despediu correndo. Bóris ficou muito sério.

— Naturalmente também se quer ir embora. Mamã? Precisa do carro? — disse ele para a mãe, sorrindo.

— Pois sim, manda atrelar — respondeu a mãe sorrindo igualmente.

Bóris, sem nada dizer, dirigiu-se para a porta e seguiu atrás de Natacha. O rapazinho gordo correu após eles, pouco contente por ter sido perturbado nos seus entretenimentos.

Capítulo XII

À exceção da filha primogênita da condessa, a qual, quatro anos mais velha que a segunda, já podia dar-se ares de pessoa crescida, e das filhas da senhora que viera de visita, juventude era coisa que não havia no salão, se excluíssemos, além delas, Nicolau e a sobrinha Sônia. Esta era uma morenita magra, uma miniaturazinha, com uns olhos doces, sombreados por longas pestanas, e uma farta trança negra que lhe dava duas voltas à cabeça, a tez olivácea acentuava-se-lhe mais ainda nos braços e no colo nus, magros, mas graciosos. A ligeireza dos seus passos, a languidez e a flexibilidade dos seus braços, os seus modos um pouco ardilosos e reservados davam-lhe ares de um lindo felino ainda não domesticado, mas prometendo vir a ser um bichano encantador. Evidentemente que ela sabia ser conveniente tomar parte, com o seu sorriso, na conversa geral, mas, sem dar por isso, por debaixo das longas pestanas, os olhos fugiam-lhe para o seu primo, que ia partir para a tropa. No seu olhar havia uma adoração tão apaixonada que ninguém se iludiria com aquele sorriso. Toda a gente via que se o bichano ali estava tão sossegado era apenas para, mal saísse do salão, logo pôr-se a correr e a saltar com o primo, tal como Bóris e Natacha.

— Sim, minha cara — dizia o velho conde para a visita, apontando Nicolau. — Como o seu amigo Bóris saiu oficial, ele, por amizade para com o primo, não lhe quer ficar atrás. E lá vai deixar a Universidade e a mim, seu velho pai; vai alistar-se, minha cara. E já lhe tínhamos arranjado um lugar no serviço dos arquivos. Ao que leva a amizade!

— E dizem que a guerra já foi declarada — observou a visita.

— Há muito tempo que isso se diz — volveu o conde. — Sim, diz-se e volta a dizer-se, e tudo fica na mesma. Minha cara, o que é que a amizade não faz? — repetia ele. — Vai para os húsares.

A visita, como não sabia que dizer, meneava a cabeça.

— Mas não, não se trata de amizade — interrompeu Nicolau, entusiasmando-se, como quem repele uma calúnia que lhe fosse odiosa. — Não se trata de amizade, mas apenas de que tenho a vocação de soldado.

Envolveu num olhar a prima e a filha da visita; ambas lhe dirigiram um sorriso de aprovação.

— Temos hoje a jantar o coronel Schubert, do regimento de húsares de Pavologradski. Está aqui de licença, e é ele quem o leva consigo. Que havemos nós de fazer? — disse o conde, encolhendo os ombros e falando, em

tom prazenteiro, de um assunto que visivelmente lhe causava um grande desgosto.

— Já lhe disse, pai — replicou o filho -, que se me não quer deixar ir eu não partirei. Mas tenho a certeza de que não sirvo para mais nada senão para soldado; não nasci para ser nem diplomata nem funcionário; não sei esconder os meus sentimentos — acrescentou sem deixar de fitar as raparigas com a bonita desenvoltura própria da sua idade.

A gatinha, que o comia com os olhos, parecia pronta a brincar e a mostrar a sua natureza felina.

— Bem, bem! — disse o velho conde. — Está sempre pronto a exaltar-se. Bonaparte deu volta à cabeça de toda esta gente. Lá porque ele passou de simples tenente a imperador... Seja o que Deus quiser — rematou, sem reparar no sorriso escarninho da visita.

As pessoas crescidas puseram-se a falar de Bonaparte. Júlia, o filha da princesa Karaguine, voltou-se para o jovem Rostov:

— Que pena que não tenha estado na quinta — feira passada em casa dos Arkarov. Não calcula a falta que me fez! — disse-lhe ela, sorrindo com afabilidade.

O rapaz, lisonjeado, veio sentar-se junto dela. E sorrindo com a coquetterie própria da sua idade, entabulou uma conversa íntima, sem reparar que as suas amabilidades eram como um gládio de ciúme a trespassar o coração de Sônia, a qual, disfarçando a sua confusão, fingia estar alegre. No meio da sua conversa com Júlia, deteve os olhos em Sônia. Esta lançou-lhe um olhar cheio de amargura, retendo a custo as lágrimas, embora ainda lhe flutuasse um sorriso nos lábios, e levantando-se saiu. Toda a animação de Nicolau se desvaneceu. Aproveitou a primeira oportunidade para interromper o seu diálogo, e, inquieto, lá foi à procura de Sônia.

— Oh, como toda esta juventude traz o coração na boca! — exclamou Ana Mikailovna apontando para Nicolau, que saía da sala. — Primos, maus vizinhos! — acrescentou.

— É verdade! — disse a condessa, assim que desapareceu o raio de sol que a mocidade trouxera consigo ao salão. E, respondendo a uma pergunta que ninguém lhe tinha feito, mas que a preocupava: — Que contrariedades, que contrariedades as nossas para agora podermos gozar de uma certa alegria! E o certo é que ainda hoje sentimos muito mais terror que prazer. Estamos sempre com medo, sempre com medo! E é precisamente nesta idade que as raparigas e os rapazes correm maior perigo.

— Tudo depende da educação que se recebe — disse a visita.

— Sim, tem razão — continuou a condessa. — Até agora tenho sido sempre a amiga íntima dos meus filhos e eles têm sempre confiado em mim. — E, ao falar assim, caía no erro de muitos pais, persuadidos de que os filhos não têm segredos para eles. — Sei que serei sempre a primeira confidente dos meus filhos, e que Nikolenka, com o seu feitio ardente, se um dia fizer uma asneira — os rapazes estão sempre sujeitos a isso -, nunca se comportará como esses senhores de Petersburgo.

— Sim, são muito bons pequenos — afirmou o conde, que resolvia sempre os problemas embaraçosos dizendo que tudo estava bem. — Imagine! Quis assentar praça nos húsares! Que lhe havemos de fazer, minha cara!

— Que linda rapariga é a sua filha mais nova! — disse a visita. — Que azougada!

— É, é — replicou o conde. — Parece-se comigo! E que linda voz! Não é por ser minha filha! A verdade diga-se. Vai ser uma verdadeira cantora, uma Salomoni. Anda a tomar lições com um italiano.

— Não será cedo demais? Não é bom para a voz, segundo ouço dizer, aprender canto nesta idade.

— Cedo demais? — volveu o conde. — Então as nossas mães não se casaram dos doze para os treze anos?

— E já está enamorada do Bóris! Veja isto! — disse a condessa, sorrindo, disfarçadamente, e lançando um olhar à mãe do rapaz. Depois, como que respondendo a um pensamento que não deixava de a preocupar, continuou: — Imagine que eu a educava com severidade, que a proibia... Só Deus sabe o que ela seria capaz de fazer às escondidas. (A condessa queria dizer que se beijariam.) Mas, assim, conheço-lhe todos os pensamentos. É ela própria quem me vem contar todas as noites. É possível que eu a estrague: mas estou convencida de que é esta a melhor maneira. Já a mais velha a eduquei com mais severidade.

— Pois é, a mim educaram-me de maneira muito diferente — disse, sorrindo, a filha mais velha, a linda condessa Vera.

O sorriso não tornava Vera mais bonita, como em geral acontece, pelo contrário, dava-lhe uma expressão pouco natural e desagradável até. Vera, a filha mais velha dos Rostov, era bonita, não era tola, tinha sido muito bem instruída, tinha uma educação excelente e uma bela voz; o que ela acabava de dizer era muito justo e a propósito, mas, coisa estranha, toda a gente, a principiar pela visita e pela própria condessa, a fitou como que surpreendida que ela tivesse falado daquela maneira, e todos sentiram um certo embaraço.

— Em geral somos sempre mais rigorosos com os filhos mais velhos; pensamos sempre fazer deles pessoas excepcionais — disse a visita.

— Para que havemos de esconder os nossos erros, minha cara! A minha querida condessa quis ser exemplar com a educação de Vera — observou o conde. — Mas que se perdeu com isso? O resultado não foi nada mau — acrescentou, piscando o olho amistosamente a Vera.

As visitas ergueram-se, finalmente, para se despedirem, prometendo vir jantar.

— Isto é que são maneiras! Parecia que nunca mais se iam embora! — exclamou a condessa, ao ver, finalmente, as visitas pelas costas.

Capítulo XIII

Quando Natacha saiu do salão a correr não foi muito longe; ficou no jardim de inverno. E ali permaneceu ouvindo o que se dizia no salão e aguardando que Bóris chegasse. Principiava a impacientar-se, e já batia com os pés no chão, quase a chorar por o não ver aparecer, quando se principiaram a ouvir os passos do rapaz, uns passos nem muito lentos nem muito precipitados, compassadamente. Natacha correu a esconder-se atrás dos vasos das plantas.

Bóris ficou parado no meio da dependência, olhou em tomo de si, sacudiu a manga do uniforme e aproximou-se de um espelho para mirar a sua linda figura. Muito quieta, Natacha espreitava lá do seu esconderijo, curiosa de ver o que ele faria. Bóris esteve alguns momentos diante do espelho, sorriu e dirigiu-se para a porta. Natacha quis chamá-lo, mas de si para consigo disse: “Ele que me procure.” Mal Bóris saíra, entrou Sônia, por outra porta, muito corada, e soltando palavras coléricas por entre um fio de lágrimas. Natacha conseguiu reprimir o seu primeiro movimento, que a impelia a correr para ela, e ficou no seu esconderijo como se estivesse debaixo do chapéu que torna as pessoas invisíveis, observando o que se passava. Tirava disso um prazer muito especial. Sônia balbuciava fosse o que fosse de indistinto, sem desviar os olhos da porta do salão. A porta abriu-se e apareceu Nicolau.

— Sônia, que tens tu? Será possível?! — exclamou ele, correndo para ela.

— Não é nada, não é nada, deixa-me.

As lágrimas correram-lhe em fio.

— Sim, bem sei o que foi.

— Se sabes, é o que importa. Vai ter com ela.

— Sônia! Ouve-me. Só uma palavra. Como é possível que estejamos os dois a atormentar-nos por causa de uma patetice? volveu Nicolau, pegando-lhe nas mãos.

Sônia deixou-as ficar e enxugou as lágrimas. Natacha, sem um movimento, e retendo a respiração, olhava-os do seu canto com os olhos brilhantes. “Que se irá passar?”, pensava ela.

— Quero lá saber das outras, Sônia. Só tu és tudo para mim — disse Nicolau. — Hei de provar-to.

— Por amor de Deus, não me digas essas coisas.

— Não volto mais, perdoa-me. Sônia!

Puxou-a para si e beijou-a.

“Sim, senhor, assim mesmo!”, exclamou para si mesma, e, quando Sônia e Nicolau partiram, seguiu-os — e chamou Bóris.

— Bóris, venha cá — disse-lhe ela, com um arzinho de significativa astúcia. — Preciso de lhe dizer uma coisa. Venha daí, venha daí — prosseguiu ela, conduzindo-o para o jardim de inverno, para o sítio onde estivera escondida atrás dos vasos das plantas.

Bóris seguiu-a sorridente.

— De que se trata? — perguntou ele.

Natacha perturbou-se, olhou em torno de si, e vendo a boneca que ficara em cima de um dos vasos pegou nela.

— Dê um beijo à minha boneca — ordenou.

Bóris fitou-lhe o rosto animado com um enternecedor interesse, mas nada disse.

— Não quer? Então venha daí. — Desapareceu no meio da verdura, atirando fora a boneca. — Chegue-se mais, chegue-se mais — murmurou.

Passou o braço pelo canhão da manga do oficial e no seu rosto purpurizado havia um ar ao mesmo tempo sério e medroso.

— E a mim, quer-me beijar a mim? — balbuciou numa voz quase imperceptível, olhando-o de viés, com um sorriso nos lábios e as lágrimas quase a saltarem-lhe dos olhos, tão grande era a emoção.

Bóris corou.

— Que estranha que a menina é! — exclamou ele, debruçando-se para ela, mas sem se decidir, e como que à espera.

Subitamente, Natacha saltou para cima de uma cadeira, ficando mais alta do que ele, envolveu-lhe o pescoço nos seus pequeninos braços nus e, inclinando a cabeça para trás, beijou-o em plenos lábios.

Em seguida esgueirou-se por entre os vasos do lado oposto e deteve-se, de cabeça baixa.

— Natacha — disse Bóris. — Bem sabe que gosto de si, mas...

— Gosta de mim? — perguntou ela, interrompendo-o.

— Sim, gosto de si, mas, por amor de Deus, não voltemos a fazer o que fizemos agora... Daqui a quatro anos... Então virei pedir a sua mão.

Natacha ficou a pensar.

— Treze, catorze, quinze, dezasseis... — disse, contando pelos seus pequeninos dedos. — Está bem. Fica assim combinado?

E no seu rosto cheio de animação resplandeceu uma tranquila alegria.

— Combinado! — repetiu Bóris.

— Para sempre? — voltou a pequena. — Até à morte?

E, dando-lhe o braço, dirigiu-se com ele, toda ela felicidade, para a sala contígua.

Capítulo XIV

A condessa estava tão cansada de atender as visitas que disse que não receberia mais ninguém, e o guarda-portão recebeu ordem de convidar para jantar todas as pessoas que viessem apresentar felicitações. Estava morta por se ver a sós com a sua amiga de infância, a princesa Ana Mikailovna, que mal tinha visto desde que ela voltara de Petersburgo. Ana Mikailovna, com o seu bonito rosto como que intumescido de chorar, veio colocar-se muito junto da cadeira da condessa.

— Vou ser absolutamente sincera contigo — disse-lhe ela. Acabaram-se-nos as velhas amigas de outrora. É por isso que eu aprecio tanto a tua amizade.

Ana Mikailovna, ao ver aproximar-se Vera, calou-se. A condessa apertou a mão da amiga.

— Vera — disse ela para a filha primogênita, que evidentemente não era a preferida -, vocês não percebem nada? Então ainda não compreendeste que estás aqui a mais? Vai ter com as tuas irmãs, ou então...

A formosa Vera teve um sorriso um pouco desdenhoso, sem dar a perceber, de maneira alguma, que se sentia ofendida.

— Se me tivesse dito mais cedo, mãe, já me teria ido embora — disse ela, afastando-se.

Mas, ao passar pela sala do divã, viu que as duas janelas estavam simetricamente ocupadas pelos dois pares. Parou a olhar e teve um sorriso de desdém. Sônia estava sentada muito juntinha de Nicolau, que copiava uns versos para ela, os primeiros que tinha escrito na sua vida. Bóris e Natacha estavam na outra janela, e calaram-se quando a viram entrar. Sônia e Natacha olharam-na com um ar feliz, e ao mesmo tempo como se tivessem sido surpreendidas em flagrante.

Estas garotas, que então viviam a sua primeira história de amor, eram ao mesmo tempo divertidas e comovedoras para quem as contemplasse. Mas a verdade é que não foi grande a satisfação de Vera quando deu com elas.

— Quantas vezes já lhes pedi que se não apoderassem do que é meu? As meninas também têm um quarto.

Tirou o tinteiro das mãos de Nicolau.

— Espere, espere — exclamou ele, molhando a caneta.

— Não há dúvida de que não sabem fazer nada com jeito — prosseguiu ela. — Foi uma vergonha aquela vossa entrada no salão.

Apesar da justeza da observação, ou até, precisamente, por isso mesmo, ninguém abriu a boca, e os quatro limitaram-se a olhar uns para os outros. Vera continuou, com o tinteiro na mão:

— Sempre gostava de saber que segredinhos é que a Natacha e o Bóris têm para dizer um ao outro... nessa idade, e vocês também. Que patetice!

— E tu que tens com isso. Vera? — disse Natacha, com a voz mais pachorrenta deste mundo, para dizer alguma coisa.

Era evidente estar, como nunca, nesse dia disposta a ser boa e afetuosa para toda a gente.

— Tudo isto é uma patetice — continuou Verá. — Sinto vergonha por vocês. Que segredos são esses?

— Toda a gente tem segredos. Nós também não nos metemos na tua vida e na do Berg — disse Natacha, que principiava a exaltar-se.

— Acho muito bem que se não metam na minha vida nem na dele, tanto mais que nada têm a dizer de nós. Deixa estar que hei de contar à mãe como tu te portas com o Bóris.

— Natália Ilinitchna porta-se muito bem comigo — disse Bóris. — Nada tenho a censurar-lhe.

— Deixe-a lá, Bóris, está a ser diplomata...

A palavra “diplomata” estava então em moda entre as crianças, com o significado particularíssimo que elas lhe davam.

— Que maçada! — exclamou Natacha, com a voz trêmula de irritação. — Por que é que ela se está sempre a meter comigo?... Tu não percebes nada — acrescentou, dirigindo-se a Verá — não admira: nunca gostaste de ninguém. Não tens coração, não passas de uma Madame de Genlis (era uma alcunha, com todo o ar de muito ofensiva, inventada por Nicolau)... Aquilo de que mais gostas é de más-criações para com os outros. Deixa-nos em paz e vai lá fazer-te coquette com o Berg.

— Mas eu nunca andei a correr atrás de um rapaz diante de gente de fora...

— Era isso que tu querias, não é verdade?, dizer-nos coisas desagradáveis — disse Nicolau. — Conseguiste que todos ficássemos zangados. Vamos embora para a nursery.

E todos eles, como um bando de pássaros assustados, bateram as asas e despediram.

— A mim é que vocês disseram coisas desagradáveis; eu, por mim, não disse coisas desagradáveis a ninguém — replicou Vera.

— Madame de Genlis! Madame de Genlis!³ — gritaram já detrás da porta as suas vozes alegres.

A linda Vera, que acabara por irritar toda a gente, pôs-se a sorrir, e, completamente indiferente ao que lhe tinham dito, aproximou-se de um espelho e compôs a écharpe e o penteado. Ao ver a sua imagem no espelho, voltou à serenidade e à frieza habituais.

No salão falava-se ainda.

— Ah, minha querida — dizia a condessa -, também na minha vida nem tudo é cor-de-rosa. Não vês que pelo caminho que levamos, a nossa fortuna não dura muito? E é tudo por causa do clube e da bondade dele. Julgas que descansamos quando vamos para o campo? Lá temos os espetáculos, as caçadas, e só Deus sabe que mais. Mas para que hei de eu estar a falar de mim? E tu, como é que conseguiste tudo quanto querias? O que eu admiro, às vezes, Ana. é como tu podes, na tua idade, ir sozinha, por essas estradas, a Moscou, a Petersburgo, procurar os ministros, a gente importante, e como tu sabes falar a todos! O que eu te admiro! Conta, conta, como é que conseguiste? Não percebo nada.

— Ah, minha filha — replicou a princesa Ana Mikailovna. Deus queira que nunca venhas a saber o que é ficar viúva, desamparada, com um filho nos braços a quem se quer doidamente. A idade pouco importa para a gente aprender — prosseguiu com altivez. — Aprendi à minha custa. Quando tenho de me dirigir a qualquer graúdo, mando-lhe uma palavrinha: “A princesa fulana deseja avistar-se com Sicrano ou Beltrano.” E meto-me num carro de praça e apresento-me uma, duas, três, quatro vezes, as precisas para conseguir o que pretendo. Pouco me importa o que eles possam pensar de mim.

— Conta-me lá, a quem te dirigiste para pedir pelo Bóris? perguntou a condessa. — Aí o tens já oficial da Guarda, enquanto o meu Nicolau ainda não passou de junker. Não tenho ninguém a quem o recomendar. A quem te dirigiste?

— Ao príncipe Vassili. Foi muito amável. Pôs-se logo à minha disposição. Falou ao imperador — disse a princesa Ana com um ar vitorioso, esquecendo por completo as humilhações a que tivera de sujeitar-se para alcançar os seus fins.

— Que tal está o príncipe Vassili? Envelheceu? — inquiriu a condessa. — Nunca mais o vi desde o tempo das nossas teatradadas em casa dos Rumiantsov. Naturalmente já não se lembra de mim. Fazia-me a corte — acrescentou, sorrindo.

— Está a mesma pessoa — replicou Ana Mikailovna — amável, atencioso. As grandezas não lhe fizeram perder a cabeça. “Lamento poder tão pouco, querida princesa”, disse-me ele, “mas dê-me as suas ordens.” É o que te digo, é uma excelente pessoa e um bom parente. Tu bem sabes. Natália, o que o meu filho representa para mim. Nem eu sei o que seria capaz de fazer pela sua felicidade. Mas estou em circunstâncias tão penosas — continuou ela, num tom

acabrunhado, e baixando a voz -, tão penosas, que me vejo atualmente numa situação terrível. Aquele infeliz processo em que eu me meti leva-me tudo quanto tenho, e não há maneira de andar para diante. Imagina que estou, como se diz, sem vintém, e não sei como hei de arranjar dinheiro para pagar o equipamento do Bóris. — Puxou do lenço e pôs-se a chorar. — Preciso de quinhentos rublos, e tudo quanto tenho de meu, neste momento, é uma nota de vinte rublos. Aqui tens a minha situação... A minha única esperança, agora, é o conde Cirilo Vladimirovitch Bezukov. Se ele não vier em auxílio do afilhado — como sabes, é padrinho do Bóris — e não fizer alguma coisa por ele, tudo quanto eu consegui até agora não serve para nada: não poderei pagar o equipamento do rapaz.

A condessa, de lágrimas nos olhos, ficou calada e pensativa.

— Muitas vezes digo de mim para comigo, e talvez não seja bonito: ali está o conde Cirilo Vladimirovitch Bezukov, um homem que vive sozinho — e tem uma fortuna imensa... Para que é que aquele homem vive? A vida para ele é um fardo, enquanto que o Bóris, coitado, agora é que principia a viver.

— Naturalmente não deixa de se lembrar dele no testamento — disse a condessa.

— Quem sabe lá, querida amiga! Estes ricaços, estes nababos, são tão egoístas! Em todo o caso estou disposto a ir visitá-lo com o Bóris e dizer-lhe francamente o que se passa. Pensem de mim o que quiserem, tanto se me dá. Nada tem importância para uma mãe quando está em risco o destino de filho. — Levantou-se para sair. — São duas horas, o vosso jantar é às quatro. Tenho tempo.

E como mulher ativa, da capital, que era, para quem o tempo é dinheiro, Ana Mikailovna mandou chamar o filho e saiu com ele.

— Adeus, minha querida — disse para a condessa, que a acompanhou até à porta, — Deseja-me sorte — segredou-lhe, a ocultas do filho.

— Vai visitar o conde Cirilo Vladimirovitch, minha cara? — inquiriu o conde, da sala de jantar, e aparecendo na antecâmara. — Se ele estiver melhor, convide o Pedro em meu nome. Ele já cá esteve em casa, já dançou com as pequenas. Convide-o em meu nome, sem falta, minha cara. Vamos a ver como se porta hoje o Taraska. Está farto de me dizer que o conde Orlov nunca deu um jantar como o que ele me está a preparar.

Capítulo XV

— Meu querido Bóris — disse a princesa Ana Mikailovna para o filho quando a carruagem da condessa Rostov, que os tinha conduzido, chegou à rua atapetada de palha e penetrou no grande pátio do conde Cirilo Vladimirovitch Bezukov. — Meu querido Bóris — repetiu, enquanto retirava a mão da velha romeira de peles e a pousava no braço do filho, num gesto ao mesmo tempo tímido e enternecido — sê amável, mostra-te atencioso. O conde Cirilo Vladimirovitch sempre é teu padrinho e é dele que depende o nosso futuro. Lembra-te disso, meu querido, sê amável, como tu sabes, quando queres...

— Se eu tivesse a certeza de que de tudo isto sairia alguma coisa além da humilhação que nos espera... — replicou o filho com frieza. — Mas, visto que lhe prometi, cumprirei a minha palavra; é por si que o faço.

O criado, embora tivesse visto a quem pertencia a carruagem parada diante da escada, quis ver quem entrava, mas mãe e filho, sem se fazerem anunciar, penetraram, diretamente, no vestíbulo guarnecido de espelhos, entre duas fileiras de estátuas perfiladas nos seus nichos. O criado, observando com um olhar significativo a velha romeira de peles, perguntou quem procuravam — as princesas ou o conde? -, e, ao verificar ser o conde, disse que, como Sua Excelência estava pior, Sua Excelência não recebia ninguém.

— Vamos-nos embora — disse o filho em francês.

— Meu amigo! — implorou a mãe, tocando-lhe de novo no braço, como se quisesse tranquilizá-lo e dar-lhe coragem.

Bóris não disse nada, e sem despir o casacão olhou para a mãe com um ar inquiridor.

— Ouve — disse Ana Mikailovna para o criado, num tom insinuante -, eu bem sei que o conde Cirilo Vladimirovitch está muito mal... e é precisamente por isso que eu aqui estou... Somos parentes... Não quero incomodar ninguém, meu amigo... Apenas desejava falar com o príncipe Vassili Serguievitch; sei que ele está aqui. Vai anunciar-nos, fazes favor.

O criado, com toda a solenidade, voltou costas e puxou o cordão da campainha que tocava no andar superior.

— A princesa Drubetskaia para o príncipe Vassili Serguievitch — gritou ele a um escudeiro, de calção, escarpins e sobrecasaca, que acorrera e se debruçava da balaustrada da escadaria.

A princesa ajeitou as pregas do vestido de seda tingida, mirou-se no grande espelho de Veneza que pendia da parede e pôs-se a subir a escada, altivamente, ao longo da passadeira, com os seus sapatos cambados.

— Meu caro, prometeu-me — voltou ela para o filho, pegando-lhe no braço para encorajá-lo. O filho, de olhos baixos, seguia-a sem dizer palavra.

Penetraram num salão que conduzia aos aposentos reservados para o príncipe Vassili.

No momento em que mãe e filho, tendo chegado ao centro da sala, se dispunham a perguntar a um velho criado que viera ao seu encontro qual o caminho a seguir, o batente de bronze de uma das portas girou e o príncipe Vassili, de samarra de veludo, só com uma condecoração, como era próprio da intimidade, apareceu, acompanhando um sujeito moreno, de muito bom aspecto. Era o famoso Dr. Lorrain, de Petersburgo.

— É então positivo?

— Meu príncipe, *errare humanum est*, mas... — volveu o médico, gaguejando e pronunciando o latim à francesa.

— Está bem, está bem...

Ao ver Ana Mikailovna e o filho, o príncipe Vassili despediu-se do médico e avançou em direção a eles, calado, mas com uma expressão interrogadora. O filho deu-se conta de que, repentinamente, os olhos da mãe exprimiam uma profunda aflição, e um ligeiro sorriso lhe aflorou aos lábios.

— É verdade, em que penosas circunstâncias nos havíamos de tornar a ver, príncipe... E como vai o nosso querido doente? inquiriu ela, sem parecer notar o olhar frio e ultrajante que ele lhe lançara.

O príncipe Vassili olhou para ela e depois para Bóris, como quem interroga, sem saber o que há de fazer. Bóris inclinou-se polidamente. O príncipe Vassili, sem corresponder ao seu cumprimento, voltou-se para Ana Mikailovna e respondeu-lhe com um aceno de cabeça e um momo de lábios nada otimista para o doente.

— Será possível?! — exclamou Ana Mikailovna. — Oh, é terrível! — Não pode uma pessoa pensar numa coisa dessas... É o meu filho — acrescentou, apontando Bóris. — Quis vir agradecer-lhe pessoalmente.

Bóris inclinou-se outra vez com toda a correção.

— Acredite, príncipe, um coração de mãe nunca mais esquecerá o que fez por nós.

— Sinto-me feliz por lhe poder ter sido prestável, minha cara Ana Mikailovna — volveu-lhe o príncipe Vassili, compondo o jabot e pondo no seu gesto e na sua voz, em Moscou, e na presença da sua protegida, não menos importância que em Petersburgo, na soirée de Ana Scherer. — Faça por ser um bom oficial e por se mostrar digno — acrescentou, dirigindo-se a Bóris. — Tenho muito prazer. — Está de licença? — interrogou, num tom totalmente indiferente.

— Aguardo ordens, Excelência, para me apresentar no meu novo regimento — replicou Bóris, sem mostrar quer ressentimento perante os modos abruptos do príncipe, quer desejos de prosseguir na conversa, mas respondendo com uma tão respeitosa compostura que o príncipe olhou para ele atentamente.

— Está em casa de sua mãe?

— Vivo em casa da condessa Rostov — tornou Bóris, sem se esquecer de acrescentar: — Excelência.

— Ilia Rostov, que casou com Natália Chinchina — elucidou Ana Mikailovna.

— Bem sei, bem sei — disse o príncipe Vassili, com a sua voz inexpressiva. — Nunca pude compreender como a Natália se decidiu a casar com esse burgesso! Uma pessoa estúpida e ridícula. E ainda por cima jogador, pelo que dizem.

— Mas uma excelente pessoa, meu príncipe — acrescentou Ana Mikailovna, com um certo sorriso, como se ela fosse também de opinião que o conde Rostov era digno de um tal juízo, mas entendesse que as pessoas deviam mostrar indulgência para com um pobre velho. — Que dizem os médicos? — perguntou, depois de um breve silêncio, e afivelando, de novo, uma expressão de grande pesar no rosto cavado pelas lágrimas.

— Há pouca esperança — volveu o príncipe.

— E eu que tanto queria uma vez ainda agradecer a meu tio todas as atenções que ele tem tido para comigo e para com meu filho. É o seu afilhado — acrescentou, como se esta informação devesse causar uma grande alegria ao príncipe Vassili.

Este franziu as sobrancelhas, sem dizer nada. Ana Mikailovna percebeu que ele receava ver nela uma rival na disputa da herança do conde Bezukov, e procurou logo tranquilizá-lo.

— É apenas por muita estima e dedicação por meu tio — disse deixando cair, negligentemente, e com convicção, esta última palavra. — Conheço-lhe muito bem o caráter nobre e franco; mas ele não tem junto de si senão as princesas... Tão novas... Inclinou-se-lhe ao ouvido e acrescentou em voz baixa: — Ele já se preparou para a jornada, príncipe? Estas últimas horas são tão preciosas! Não há momento mais grave, é indispensável prepará-lo, visto estar tão mal. Nós, mulheres, príncipe — sorriu carinhosamente -, nós sabemos melhor do que ninguém falar destas coisas. É indispensável que eu o veja. Por mais penoso que isso seja para mim... mas estou habituada ao sofrimento.

O príncipe compreendia, e mais do que nunca, que, como na soirée de Ana Scherer, não lhe ia ser fácil desembaraçar-se de Ana Mikailovna.

. Não acha que esta entrevista lhe seria muito penosa, querida Ana Mikailovna? — voltou ele. — É melhor esperarmos para amanhã. Os médicos previram uma crise.

— Mas não se deve esperar em tais momentos, príncipe. Lembre-se que se trata da salvação da sua alma... Ah! são terríveis, os deveres de um cristão...

Uma porta dos aposentos interiores abriu-se e uma das sobrinhas do conde entrou, uma rapariga de aspecto triste e frio, com o tronco completamente desproporcionado em relação às pernas.

O príncipe Vassili voltou-se para ela.

— Então, como está ele?

— Sempre na mesma. Não admira, com este barulho... disse a princesa, olhando para Ana Mikailovna, como se ela fosse uma desconhecida.

— Ah! querida, não a conhecia! — exclamou Ana Mikailovna, com um sorriso feliz e avançando, ligeira, para a sobrinha do conde. — Acabo de chegar e estou às suas ordens para a ajudar e tratar de meu tio. Calculo o que deve ter sofrido — acrescentou com um ar compadecido.

A princesa não disse nada, nem sequer sorriu, e voltou, logo a, desaparecer. Ana Mikailovna descalçou as luvas e instalou-se numa cadeira, em posição conquistada, fazendo sinal ao príncipe Vassili para sentar-se ao lado dela.

— Bóris! — disse para o filho, sorrindo-lhe. — Eu vou ver o conde, meu tio: tu, entretanto, meu amigo, procura o Pedro, e não te esqueças de lhe transmitir o convite dos Rostov. Querem-no lá para jantar. Naturalmente não vai, penso eu — acrescentou, para o príncipe.

— Por que não? — observou este, que não parecia lá muito bem disposto. — Ficar-lhe-ei muito grato se me desembaraçar deste jovem. Está aqui instalado. O conde ainda não pediu uma única vez para o ver.

Encolheu os ombros. Um escudeiro acompanhou Bóris, fazendo-o descer a escada e conduzindo-o depois por outra aos aposentos de Pedro Kirilovitch.

Capítulo XVI

Pedro, que não conseguira decidir-se por uma carreira em Petersburgo, havia sido, de fato, recambiado para Moscou por causa do seu mau comportamento. A história que se contava em casa dos Rostov era exata. Pedro tinha tomado parte na cena da amarração do polícia ao lombo do urso. Regressara havia apenas breves dias e, como era seu costume, instalara-se em casa do pai. Embora calculasse que a história já seria conhecida em Moscou e que as senhoras da roda do pai, sempre mal dispostas para com ele, já teriam aproveitado a ocasião para indispor o conde consigo, nem por isso deixara de se apresentar nos aposentos do pai assim que chegara. Ao entrar no salão, quartel-general das princesas, cumprimentou as senhoras que estavam a bordar enquanto uma delas lia um livro em voz alta. Eram três. A mais velha era uma rapariga severa e de aspecto cuidado, de tronco muito alto, a mesma que aparecera a Ana Mikailovna; essa era a leitora; as duas mais novas, frescas e bonitas, tão parecidas que apenas se distinguiam pelo sinalzinho que uma delas tinha sobre o lábio e que a tornava ainda mais bonita, bordavam ao bastidor. Pedro foi recebido como um morto que ressuscita ou como um pestífero. A mais velha interrompeu a leitura e, sem dizer nada, fitou-o de olhos espavoridos; a segunda, a que não tinha sinal, reproduziu exatamente a expressão da irmã; a mais nova, de feitio jovial e trocista, mergulhou a cabeça no trabalho para esconder o riso que lhe iria provocar a divertida cena com que já contava. Levantou o bastidor e inclinou-se para o bordado, como se estivesse absorta no seu trabalho, mal podendo suster o riso.

— Bom dia, prima — disse Pedro. — Já não me conhece?

— Conheço-o demais, conheço-o demais, sim, demais.

— Como está o conde? Posso vê-lo? — continuou, embaraçado, como sempre, mas sem se perturbar.

— O conde está mal física e moralmente, e, pelo que sei, o Pedro tem feito o possível para lhe agravar os seus padecimentos morais.

— Posso vê-lo? — repetiu Pedro.

— Hum... Se o quer matar, sim; se o quer matar, então, faça favor. Olga, vai ver se o caldo do tio está pronto; estamos quase na hora — acrescentou ela, mostrando com isso a Pedro que não faziam outra coisa senão aliviar os sofrimentos do pai, enquanto ele só servia, evidentemente, para o desassossegar.

Olga saiu. Pedro olhou as duas irmãs e disse, pedindo licença para se retirar:

— Então vou-me embora. Quando eu puder vê-lo, espero que me mandem chamar.

Saiu e o riso meio abafado da mais nova ressoou-lhe nas costas.

No dia seguinte, o príncipe Vassili chegava e instalava-se em casa do conde. Mandou chamar Pedro e disse-lhe:

— Meu caro, se se vai comportar aqui como em Petersburgo, acabará mal, é tudo quanto tenho a dizer-lhe. O conde está muitíssimo doente: deve evitar vê-lo por completo.

A partir desse momento nunca mais ninguém pensou em Pedro, que passava os dias nos seus aposentos, no andar de cima.

Quando Bóris entrou no quarto, Pedro passeava de um lado para o outro, detendo-se, de vez em quando, num dos ângulos da sala, gesticulando ameaçadoramente diante da parede, como se desafiasse qualquer inimigo invisível, e lançando olhares severos por cima das lunetas. Depois, retomava a sua caminhada, pronunciava palavras incompreensíveis, encolhia os ombros, agitava os braços.

— A Inglaterra está liquidada — articulava ele, franzindo as sobancelhas, e apontando fosse o que fosse com o dedo. — O Senhor Pitt, como traidor da nação e do direito dos povos, está condenado a...

Não pôde concluir a sentença que condenava Pitt. Julgava-se Napoleão e na companhia do seu herói atravessava já o perigoso Pas de Calais, a caminho da conquista de Londres, quando viu entrar um jovem e garboso oficial. Calou-se. Tinha deixado de ver Bóris ia este nos seus catorze anos, e não se lembrava realmente dele. Apesar disso, travou-lhe do braço, com os seus modos atenciosos e espontâneos, sorrindo-lhe amistosamente,

— Lembra-se de mim? — perguntou Bóris, serenamente, e com um sorriso gracioso. — Vim com minha mãe visitar o conde, mas, segundo parece, ele não está bem de saúde.

— Sim, digamos, está doente. Estão sempre a incomodá-lo — replicou Pedro, procurando lembrar-se donde conhecia aquele mancebo.

Bóris via perfeitamente que Pedro o não reconhecia, mas não se achava na obrigação de lhe dizer quem era. E fitou-o sem o menor embaraço.

— O conde Rostov pede-lhe que vá hoje jantar à casa dele — disse, após uma pausa assaz longa e algo embaraçosa para Pedro.

— Ah, o conde Rostov! — exclamou Pedro muito contente. — Então é o Ilia, o filho do conde. E eu que o não tinha reconhecido no primeiro momento. Lembra-se quando íamos passear ao Monte dos Pardais⁴ com Madame Jacquot... Já lá vai há muito.

— Está enganado — disse Bóris, sem pressa, e com um sorriso protetor e um pouco trocista. — Sou Bóris, o filho da princesa Ana Mikailovna

Drubetskaia. Ilia é o Rostov pai. O filho chama-se Nicolau. E não conheço qualquer Madame Jacquot.

Pedro abanou a cabeça e gesticulou, como se quisesse enxotar moscas ou abelhas importunas.

— Ah! que estou eu a dizer? Confundo tudo. Há tantos parentes em Moscou! Já sei, o Bóris... perfeitamente. Até que enfim que estamos de acordo. Ora, diga-me, que pensa da expedição de Bolonha? Não acha que os ingleses ficarão em maus lençóis se Napoleão conseguir atravessar o canal? Na minha opinião, a expedição é coisa viável. Desde que Villeneuve não faça alguma asneira.

Bóris não sabia absolutamente nada acerca da expedição de Bolonha; não lia os jornais, e era a primeira vez que ouvia falar em Villeneuve.

— Nós, aqui, em Moscou, preocupamo-nos mais com jantares e mexericos do que com política — disse ele no seu tom sereno e escarninho. — Nada sei a esse respeito, nem tenho opinião sobre o assunto. Moscou é uma cidade que presta sobretudo atenção aos escândalos. Neste momento não se fala noutra coisa senão de si e do conde.

Pedro sorria, e o seu sorriso bom parecia traduzir o receio de que o interlocutor se descaísse com qualquer palavra de que pudesse vir a arrepender-se. Mas Bóris falava distintamente, com nitidez e secura, fitando-o nos olhos.

— Moscou não tem mais que fazer senão coscuvilhar — continuou. — Toda a gente está morta por saber a quem é que o conde vai deixar a sua imensa fortuna, embora muito bem possa acontecer que ele cá fique para nos enterrar a todos, e faço votos para que assim seja.

— Sim, tudo isto faz tristeza — murmurou Pedro. — Muita tristeza.

Ainda não deixara de temer que o oficial, estouvadamente, abordasse qualquer conversa embaraçosa para ele.

— Como deve calcular — continuou Bóris, corando ligeiramente, mas sem alterar o seu tom e o seu semblante reservados -, como deve calcular, o que toda a gente espera de um rico é vir a receber dele qualquer coisa.

“Ora aí está”, disse Pedro com os seus botões.

— E era precisamente isso que eu lhe queria dizer, para evitar equívocos: que está muito enganado se nos considera, a minha mãe e a mim, na categoria dessa gente. Nós somos bastante pobres, mas posso garantir-lhe, pelo menos no que me diz respeito, que é precisamente porque seu pai é rico que eu me não considero seu parente, e que tanto eu como minha mãe nunca lhe pediremos seja o que for, nem nada aceitaremos dele.

Levou seu tempo antes que Pedro compreendesse, mas assim que o conseguiu deu um pulo do divã, pegou em Bóris por debaixo do braço, com a sua

vivacidade de gestos e a sua habitual maneira desajeitada, e, corando ainda mais que o seu interlocutor, pôs-se a dizer-lhe, num misto de pudor e embaraço:

— Que está a dizer? Será possível que... Quem é que seria capaz de pensar... Eu sei perfeitamente...

Mas Bóris mais uma vez lhe cortou a palavra.

— Estou satisfeito por ter-lhe dito tudo isto. Naturalmente não lhe foi muito agradável de ouvir, desculpe-me — acrescentou, para tranquilizar Pedro, quando quem devia esperar ser tranquilizado era ele próprio. — Mas espero que o não tenha ofendido. Tenho por princípio usar de franqueza... Que resposta quer que eu dê? Sempre vai ao jantar dos Rostov?

Bóris, depois de assim se ter desembaraçado de um penoso dever e de ter transferido para outrem a falsa situação em que se encontrava, tomou-se muito amável, como era seu costume.

— Ouça cá — disse Pedro, tranquilizado. — Você é uma pessoa extraordinária. O que acaba de me dizer é bonito, muito bonito. Claro que me não conhece. Há tantos anos que nos não vemos... desde crianças... Talvez suponha que eu... Sim, compreendo-o perfeitamente. Não teria feito uma coisa dessas, não teria tido coragem, mas acho muito bem. Gostei muito de o conhecer. É curioso — acrescentou, após uma breve pausa e sorrindo — o que foi capaz de pensar de mim! — Pôs-se a rir. — Mas que importância tem isso? Havemos de ter ocasião de nos conhecermos melhor, não é verdade? — Apertou-lhe a mão. — Fique sabendo que eu ainda não pus os pés no quarto do conde. Não me mandou sequer chamar... Tenho pena dele... Mas que hei de eu fazer?

— Acha que Napoleão será capaz de levar a cabo a travessia? — perguntou Bóris, com um sorriso.

Pedro disse de si para consigo que Bóris queria mudar de conversa, e, fazendo-lhe a vontade, pôs-se a descrever-lhe, pormenorizadamente, as vantagens e as dificuldades da tentativa de Bolonha.

Um criado veio procurar Bóris, mandado pela princesa, a qual ia partir. Pedro prometeu aparecer no jantar, e, para mais estreitar os seus laços com Bóris, apertou-lhe energicamente a mão. Fitando-o amistosamente através dos cristais das suas lunetas... Depois de Bóris sair continuou por muito tempo a passear no quarto, já não a rachar, de alto a baixo, inimigos invisíveis, mas sorrindo à lembrança daquele rapaz amável, ao mesmo tempo inteligente e resolutivo.

Como é vulgar com a gente muito moça, e especialmente se vive isolada, Pedro sentia por aquele rapaz um enternecimento sem razão de ser, prometendo de si para consigo fazer dele um verdadeiro amigo.

O príncipe Vassili acompanhava a princesa. Esta levava o lenço nos olhos e tinha o rosto coberto de lágrimas.

— É horrível, é horrível! — exclamava ela. — Mas hei de cumprir o meu dever custe o que custar. Hei de vir tomar conta dele. Não o podem deixar neste estado. Cada minuto que passa é tempo perdido. Não sei por que estão à espera as princesas. Que Deus me inspire a maneira de o preparar... Adeus, meu príncipe, que Deus o ajude!...

— Adeus, minha amiga — replicou o príncipe Vassili, ao deixá-la.

— Oh, que situação terrível — disse a mãe para o filho, ao subirem para a carruagem. — Quase já não conhece ninguém.

— Não chego a compreender, mãe, quais são as relações dele com o Pedro — observou o filho.

— O testamento nos há de dizer, meu amigo. E o nosso destino depende disso...

— Mas, o que é que a leva a pensar que ele nos deixa alguma coisa?

— Ah, meu filho! Ele é tão rico e nós somos tão pobres!

— Isso não é uma razão, mãe...

— Ai, meu Deus, meu Deus, o estado em que ele está! — suspirava ela.

Capítulo XVII

Depois que Ana Mikailovna e o filho saíram para se dirigir à casa do conde Cirilo Vladimirovitch Bezukov, a condessa Rostov ficou por muito tempo sozinha, de lenço nos olhos. Por fim, tocou a campainha.

— Que andas tu a fazer? — disse ela, irritada, para a criada, que tinha tardado alguns minutos a aparecer. — Não queres fazer as tuas obrigações? Nesse caso, posso arranjar-te outra casa.

A condessa tão perturbada ficara com as aflições e a humilhante pobreza da amiga que estava de mau humor, e quando se irritava falava sempre assim à pobre rapariga.

— Peço desculpa, minha senhora.

— Vai dizer ao senhor conde que venha cá.

O conde, no seu passo claudicante, veio ao encontro da mulher, com o ar habitual de quem é surpreendido a fazer qualquer coisa mal feita.

— Oh, condessinha! Aquilo é que é um sauté de galinhas au Madère que nós lá temos, minha querida! Já o provei. Fiz muito bem em dar mil rublos ao Taraska. Vale-os bem!

Sentou-se ao lado da condessa, apoiando os cotovelos nos joelhos, os cabelos brancos em desordem.

— Que deseja, condessa?

— Olhe lá, querido... Que nódoa é essa? — disse ela, apontando-lhe o colete. — Naturalmente, foi o sauté — acrescentou, sorrindo. — É que preciso de dinheiro.

Tinha assumido uma expressão tristonha.

— Ah, condessinha!...

O conde deu-se pressa em ir buscar a carteira.

— Preciso de muito dinheiro, conde; de quinhentos rublos.

E, puxando do seu lencinho de cambraia, pôs-se a esfregar o colete do marido.

— É já, é já. Eh lá! Quem é que está aí? — gritou, no tom de um homem que sabe que basta chamar para logo acorrerem ao seu apelo. — Manda cá o Mitenka.

Mitenka, o jovem de boa família, a educar em casa do conde, e, que estava à testa de todos os seus negócios, entrou na sala calmamente.

— Ouve cá — disse o conde para o jovem, que se aproximou em atitude respeitosa. — Traz-me... — Ficou um momento a pensar. — Sim,

setecentos rublos. Mas, toma cuidado, não me tragas dessas notas rasgadas e sujas, como da outra vez. Quero notas novas, são para a condessa.

— Sim, Mitenka, que sejam limpas — apoiou a condessa, com um profundo suspiro.

— Quando precisa desse dinheiro, Excelência? — perguntou Mitenka. — É bom que Sua Excelência saiba que... Mas não se aflija — acrescentou, notando que a respiração do conde se tornava opressa, sinal de que principiava a encolerizar-se. — Tinha-me esquecido, precisamente... Quer já essa importância?

— Quero, quero, trá-la. É para a dares à condessa.

— Isto é que é um tesouro, este Mitenka — prosseguiu ele, sorrindo, assim que o rapaz saiu. — Não me venham dizer que é impossível. Isso é que eu não posso tolerar. Tudo é possível.

— Ah, o dinheiro, conde, o dinheiro, as aflições que o dinheiro causa neste mundo! — exclamou a condessa. — E eu preciso muito deste dinheiro.

— Pois, sim, condessinha, toda a gente sabe que é uma perdulária — disse o conde; e, depois de beijar a mão da mulher, retirou-se para o seu gabinete.

Quando Ana Mikailovna voltou de casa de Bezukov, já a condessa tinha em seu poder o dinheiro, todo em notas novas, em cima de uma mesa, debaixo do lenço de assoar, e Ana Mikailovna viu perfeitamente que a amiga estava preocupada.

— Então, minha amiga? — inquiriu a condessa.

— Ah! que situação horrível a dele! Está irreconhecível. E tão mal, tão mal! Estive junto dele apenas uns momentos, e não lhe pude dizer uma única palavra...

— Annette, por amor de Deus, não digas que não! — exclamou, de súbito, a condessa corando muito, o que era estranho naquele rosto magro e grave, nada novo já, e tirou o dinheiro que tinha debaixo do lenço.

Ana Mikailovna compreendeu imediatamente de que se tratava e debruçou-se para beijar a amiga no momento propício.

— Aqui tens, da minha parte, para o uniforme do Bóris.

Ana Mikailovna abraçou-se então a ela a chorar. A condessa também chorou. Ambas choravam, porque ambas estavam de acordo e também porque eram pessoas de bom coração e excelentes amigas de infância e se viam obrigadas a preocupar-se com essa coisa desprezível que é o dinheiro e ainda também porque já não eram novas... Mas as suas lágrimas não eram amargas...

Capítulo XVIII

A condessa Rostov estava sentada no salão, no meio de suas filhas, já entre um grande número de convidados. O conde tinha levado consigo os homens para mostrar — lhes, no gabinete, a sua coleção de cachimbos turcos. De vez em quando vinha cá fora perguntar se ela ainda não tinha chegado. Estava-se à espera de Maria Dmitrievna Akrosimova, conhecida na sociedade por o terrível dragão, uma senhora a quem não distinguiam nem a fortuna nem os títulos, mas a inteireza e a franca simplicidade de maneiras. Maria Dmitrievna era conhecida da família imperial, e toda Moscou e toda Petersburgo a conheciam igualmente, e as duas cidades, posto a admirassem, nas costas dela zombavam do seu ar rude, contando anedotas a seu respeito. Toda a gente, sem exceção, a estimava e a temia um pouco.

No gabinete, cheio de fumo, a conversa tinha por assunto guerra, que um manifesto acabava de anunciar, e o serviço de recrutamento. Ainda ninguém tinha lido esse manifesto, mas toda a gente sabia da sua existência. O conde estava sentado numa otomana, entre dois fumadores, que conversavam. Quanto a ele, não fumava nem falava. Voltando a cabeça ora para um lado ou para o outro, olhava para os interlocutores com viva satisfação e ouvia o que diziam aquelas duas criaturas que ele pusera em contacto.

Um deles era civil, de rosto magro, escanhado, bilioso e cheio de rugas. Pendia já para a velhice, conquanto vestisse como um rapaz à moda. Sentava-se à turca na otomana, como se estivesse em sua própria casa, e, com a boquilha de âmbar ao canto da boca, lançava rolos de fumo, de tempos a tempos, piscando os olhos. Era um velho celibatário. Chinchine de nome, primo da condessa, um má-língua, como se dizia nos salões moscovitas. Conversando, parecia conceder uma alta distinção ao seu interlocutor. Este era um oficial da Guarda, rosado e fresco, bem apertado, bem penteado e irrepreensível na sua farda. De cachimbo na bonita boca, soltava ligeiros rolos de fumo, por entre os lábios rosados, que subiam no ar em pequenos círculos. Era o tenente Berg, do regimento Seminovski, atual camarada de Bóris, aquele a quem Natacha chamara, para irritar a irmã, o noivo da Vera. O conde tinha-se sentado entre os dois e ouvia-os atentamente. A ocupação de que ele mais gostava, à parte o boston, que adorava, era precisamente o papel de auditor, sobretudo quando conseguira defrontar dois tagarelas.

— Hem, como é isso, meu mui venerável Afonso Karlitch — dizia Chinchine, trocista, misturando as expressões o mais tipicamente russas com as

frases francesas mais rebuscadas. — Conta tirar rendimentos do Estado, quer tirar lucros do seu esquadrão?

— Não, Piotre Nikolaitch, apenas queria mostrar-lhe que a cavalaria oferece muito menos vantagens que a infantaria. Considere a minha posição, Piotre Nikolaitch...

Berg falava sempre com precisão, num tom calmo e cortês. Tudo quanto dizia lhe tocava a ele próprio de perto. E era capaz de estar calado horas sem se enfadar com isso nem causar aos outros o mínimo enfado. Mas desde que a conversa o tocasse pessoalmente, logo ele intervinha com exuberância e visível prazer.

— Considere a minha posição, Piotre Nikolaitch. Se eu estivesse na cavalaria não teria mais de duzentos rublos de três em três meses, mesmo no posto de tenente, e atualmente tenho duzentos e trinta... — Um alegre e afetuoso sorriso acompanhava as suas palavras, e olhava para Chinchine e para o conde como se fosse a própria evidência os seus próprios êxitos, dele, Berg, serem como que a preocupação suprema de toda a humanidade. — Além disso, Piotre Nikolaitch, passando para a Guarda — continuou ele -, estou mais em evidência e as vagas são em muito maior número na infantaria. E, depois, pode calcular como eu me arranjo com os duzentos e trinta rublos. Pois fique sabendo que faço economias e ainda mando dinheiro a meu pai — disse, entre duas fumaças.

— Aí é que está a habilidade. — O Alemão malha o milho em cima do cabo de um machado, como diz o provérbio⁵. — disse Chinchine, piscando o olho ao conde e mudando a posição do cachimbo.

O conde soltou uma gargalhada. Alguns dos convidados, verificando que Chinchine era a alma da conversa, aproximaram-se para ouvir. Berg, que não dava nem pela zombaria nem pela frieza que acolhiam as suas considerações, continuava a historiar que, graças à sua passagem pela Guarda, já ganhara um número sobre os seus camaradas de promoção; que, em tempo de guerra, um comandante de esquadrão pode morrer e que ele, na sua qualidade de mais antigo, muito facilmente poderia vir a substituí-lo; que no seu regimento toda a gente o adorava, e que o pai estava muito contente com ele. Berg deliciava-se claramente com todas estas revelações e parecia não passar-lhe sequer pela cabeça que os demais pudessem ter também os seus interesses. A verdade, porém, é que tudo quanto ele dizia tinha um ar tão decente e tão gracioso, era tamanha a candura do seu egoísmo juvenil que os seus interlocutores se sentiam desarmados.

— Bom, bom, meu filho, garanto-lhe que tanto na infantaria como na cavalaria, seja onde for, o seu futuro está garantido, isso prometo-lhe eu — disse Chinchine, batendo-lhe nas costas e erguendo-se da otomana.

Berg sorriu com um ar feliz. O conde, e com ele os seus hóspedes, penetraram no salão.

Estava-se naquele momento que antecede os jantares de cerimônia em que os convidados, à espera da hora dos zakuski, não se embrenham em grandes conversas, sentindo-se obrigados a agitar-se e a não estarem calados, para assim darem a impressão de não terem pressa de ir para a mesa. Os donos da casa lançavam, de vez em quando, o seu olhar para a porta, e entreolhavam-se depois. Por sua vez, os convidados procuravam discernir nesses olhares quem se aguardava e o que ainda se aguardava: seria alguma importante pessoa de família retardatária ou alguma iguaria que ainda não estivesse pronta?

Pedro chegara um pouco antes de começar o jantar e, desajeitado, foi sentar-se, no meio do salão, na primeira cadeira que se lhe deparou, embaraçando o caminho a toda a gente. A condessa quis obrigá-lo a falar, mas ele lançou um olhar ingênuo em torno de si por detrás das lentes, como se procurasse alguém, e não respondeu às suas investidas senão por monossílabos. Era incomodativo e só ele não compreendia que o estava a ser. A maior parte dos convidados, que tinha sabido da sua história com o urso, observava, curiosamente, aquele rapagão, corpulento e pacífico, perguntando cada um a si mesmo como é que um simplório daqueles, gordo e modesto, podia ter sido o autor da proeza em que um polícia se vira envolvido.

— Só agora chegou? — inquiriu a condessa.

— Sim, minha senhora — respondeu ele, distraidamente.

— Não viu ainda meu marido?

— Não, minha senhora. — Pôs — se a rir sem saber por quê.

— Ouvi dizer que esteve há pouco tempo em Paris? É interessante, não é?

— Muito interessante.

A condessa trocou um olhar com Ana Mikailovna, que percebeu aquela pedir-lhe que tomasse conta do rapaz. Sentando-se junto dele, pôs-se a falar-lhe do pai. Mas ele, como acontecera com a condessa, apenas lhe respondia por monossílabos. Os convidados estavam muito ocupados. Ouviam-se fragmentos de frases: “Os Razumovski...”, “Foi encantador...”, “É muita bondade da sua parte...”, “A condessa Apraksine”. A condessa levantou-se e entrou no grande salão.

— Maria Dmitrievna? — ouviu-se perguntar.

— É, é ela mesma — respondeu uma grossa voz de mulher, e nesse mesmo momento Maria Dmitrievna entrava na sala.

Todas as raparigas, e até as senhoras, à exceção das mais idosas, se levantaram.

Maria Dmitrievna deteve-seno limiar da porta. Grande e maciça, a cabeça erguida, onde os caracóis brancos mostravam bem rondar ela a casa dos cinquenta, envolveu num olhar toda a assembleia, e, como se quisesse arregaçá-las, arranhou, sem pressa, as largas mangas do seu vestido. Maria Dmitrievna exprimia-se sempre em russo.

— As minhas felicitações à festejada e aos seus filhos — disse na sua voz alta e grave, que dominava todos os demais ruídos. E tu, velho pecador — acrescentou, dirigindo-se ao conde, que lhe beijava a mão. — Hem! Aborreces-te em Moscou? Não se pode arranjar aqui uma boa caçada? Nada a fazer, meu velho, enquanto estes pintainhos não crescerem... — E apontava para as filhas do conde. — Quer queiras quer não, tens de lhes arranjar casamento.

— Então, meu cossaco! (Chamava sempre a Natacha meu cossaco.) — Acariciou com a mão Natacha, que se aproximou, para lha beijar com um ar desembaraçado e alegre. — Bem sei que és uma peste, mas eu gosto de ti.

Retirou de uma enorme saca uns brincos de âmbar, em forma de pera, e, dando-os a Natacha, radiante com o seu aniversário e rubra de satisfação, voltou-lhe instantaneamente as costas para dirigir-se a Pedro.

— Eh, eh! meu caro amigo! vem cá — disse ela numa voz que procurava tornar suave e delicada. — Vem cá, meu caro...

E arregaçou ainda mais as mangas do vestido num ar terrível. Pedro aproximou-se, olhando-a com candura através das lentes das suas lunetas.

— Aproxima-te, aproxima-te, meu caro! Mesmo a teu pai só eu era capaz de lhe dizer a verdade, quando ele estava disposto a ouvi-la, e Deus queira que tu, tu também a entendas.

Calou-se. Todos se calaram igualmente; aguardavam o que ia acontecer, sentindo que aquilo não passava de preâmbulo.

— Um lindo menino, não há dúvida! Um lindo menino!... O pai no seu leito de agonia, e ele a fazer loucuras, a obrigar um polícia a andar a cavalo num urso. É uma vergonha, meu filho, uma vergonha! Farias bem melhor se fosses para a guerra.

Voltou-lhe as costas e deu a mão ao conde, que mal podia suster o riso.

— Bom, suponho que são horas de irmos para a mesa — concluiu Maria Dmitrievna.

O conde e Maria Dmitrievna abriram a marcha; atrás deles seguia a condessa, acompanhada do coronel de húsares, pessoa de acarinhar, porque era na sua companhia que Nicolau regressava ao seu regimento. Ana Mikailovna ia pelo braço de Chinchine. Berg ofereceu o dele a Vera. Júlia Karaguine, toda sorridente, acompanhava Nicolau. Os outros pares vinham depois, estendendo-se

pelo salão além, e atrás de todos, um pouco à parte, as crianças, os preceptores e as governantas. Os lacaios deram-se pressa, houve um rumor de cadeiras e uma orquestra principiou a tocar no momento em que os convivas se sentavam.

As notas da orquestra particular do conde misturavam-se ao tilintar das facas e dos garfos, ao ruído das conversas, às idas e vindas discretas dos criados. À cabeceira da mesa sentava-se a condessa, dando a direita a Maria Dmitrievna, e a esquerda a Ana Mikailovna e às demais senhoras. Na outra cabeceira estava o conde, que tinha à sua esquerda o coronel de húsares e à direita Chinchine e outros convidados masculinos. De um dos lados da grande mesa ficava a mocidade já crescida: Vera, ao lado de Berg. Pedro, com Bóris; do outro lado, as crianças, os preceptores, as governantas. O conde via a mulher, com a sua touca alta, de fitas azuis, através dos cristais das garrafas e das taças cheias de fruta, e ia enchendo os copos dos vizinhos, sem esquecer o seu próprio. A condessa, igualmente oculta por detrás dos ananases, sem descuidar dos seus deveres de dona de casa, trocava a sua piscadela de olhos com o marido, cujas calvície e face rubicunda lhe pareciam particularmente vermelhas em contraste com o cabelo branco. No lado das senhoras havia uma vozeria bem ritmada; no dos homens, as vozes iam-se tornando cada vez mais ruidosas, principalmente a do coronel de húsares, que, cada vez mais corado, tanto comia e tão bem que o conde o exhibia como exemplo aos demais convidados. Berg, com um enternecido sorriso, falava a Vera do amor, esse sentimento não deste mundo, mas do céu. Bóris ia dizendo ao seu novo amigo Pedro o nome dos convivas, enquanto trocava olhares com Natacha, sentada diante dele. Pedro falava pouco, examinando todas estas caras novas, e comia abundantemente. Desde as duas qualidades de sopa, de que ele preferiu a de tartaruga, e dos kulebiaks⁶, até às galinholas, de todos os pratos e de todos os vinhos que o chefe de mesa, com a garrafa envolta num guardanapo, parecia extrair misteriosamente do ombro do seu vizinho de mesa, murmurando: “Madeira seco”, “Húngaro” ou “Vinho do Reno”, de tudo se serviu. Pedro pegava no primeiro dos copos que lhe vinham à mão, de entre os quatro ornados com o monograma do conde, em fila diante de cada talher, e despejava-o, gulosamente, aumentando, de momento a momento, de afetuosidade para com os seus vizinhos de mesa. Diante dele, Natacha olhava para Bóris como as garotas de treze anos costumam olhar para os rapazes que acabam de as beijar e de quem elas se julgam apaixonadas. Por vezes até o próprio Pedro recebia dela um olhar desse gênero, e esse olhar de rapariga risonha e animada dava-lhe a ele vontade de rir sem que soubesse por quê.

Nicolau estava longe de Sônia, junto de Júlia Karaguine, e com ela se entretinha a conversar com o mesmo sorriso constrangido. Sônia sorria para todos, mas a verdade era estar visivelmente consumida de ciúme: ora

empalidecia, ora corava, fazendo o possível para conseguir perceber o que Nicolau e Júlia estavam dizendo. A preceptora lançava em torno de si olhares inquietos, pronta a cair a fundo sobre o primeiro que se lembrasse de se meter com as crianças. O preceptor alemão procurava gravar na memória toda a espécie de pratos, de sobremesas e de vinhos que iam sendo servidos para depois poder falar em tudo isso pormenorizadamente na carta que enviaria para a Alemanha. Sentia-se mortificado quando o chefe de mesa, com a garrafa envolta no guardanapo, passava por ele sem o servir. Franzia as sobrancelhas, fingindo não querer vinho, mas a verdade é que se sentia ofendido por ninguém compreender que o vinho lhe era necessário, não para o desalterar ou para lhe satisfazer a gula, mas apenas pelo desejo bem mais sério de se instruir.

Capítulo XIX

No setor dos homens a conversa ia-se animando cada vez mais. O coronel contava que o manifesto da declaração de guerra já era conhecido em Petersburgo e que um exemplar, que ele próprio vira, fora expedido pelo correio ao comandante-chefe.

— E por que diabo é que nós havemos de declarar guerra a Bonaparte? — disse Chinchine. — Ele já abateu as fumaças à Áustria. Receio que tenha chegado agora a nossa vez.

O coronel era um alemão sólido, de grande estatura, aspecto sanguíneo, sem dúvida bom militar e bom patriota. As palavras de Chinchine magoaram-no.

— Por quê, meu caro senhor? — tornou ele, com o seu sotaque estrangeiro — Por quê? Aí está o que o imperador sabe muitíssimo bem. No seu manifesto, lá diz que não pode continuar indiferente aos perigos que ameaçam a Rússia e que a segurança do império, a sua dignidade e a santidade das alianças...

Acentuou particularmente esta última palavra, como se nela estivesse a chave do problema.

E com a sua impecável memória de personalidade oficial repetiu as palavras do princípio do manifesto: “E o desejo do imperador, o seu único e invariável objetivo — que é o restabelecimento da paz na Europa assente em bases sólidas -, decidiram-no a dar ordens a uma parte do exército para atravessar a fronteira e a realizar esta nova aliança para dar cumprimento aos seus objetivos.”

— E aqui tem porquê, meu caro senhor! — concluiu ele, levando o copo à boca cheio de compunção, enquanto com os olhos pedia a aprovação do conde.

— Conhece o provérbio: “Erema, Erema, melhor era que ficasses em casa a fiar a lã”?⁷ — disse Chinchine, franzindo as sobrancelhas e sorrindo. — Isso calha mesmo bem. Suvorov já foi apanhado e batido em toda a linha. E onde estão os nossos Suvorovs hoje em dia? Dê-me licença que lhe pergunte. — Chinchine estava sempre a transitar do russo para o francês.

— Temos de nos bater até à última gota de sangue — disse o coronel, deixando cair a mão em cima da mesa — e morrer pelo nosso imperador. E assim deve ser. Mas nada de raciocínios, raciocinar o menos possível. — Engrossou a voz, especialmente ao pronunciar a palavra menos, e voltando-se de novo para o conde. — É assim que nós, velhos húsares, encaramos as coisas em última instância. E o senhor, que pensa o senhor disto, jovem húsar? — prosseguiu,

dirigindo-se a Nicolau, que, ao perceber que se falava da guerra, esquecera a interlocutora, todo ouvidos.

— Penso exatamente da mesma maneira — replicou Nicolau, que se entusiasmou e se pôs a mexer no prato e a deslocar os copos de forma tão brusca e incoerente que dir-se-ia correr naquele momento um grande perigo... Estou convencido de que os russos só têm duas soluções: vencer ou morrer — continuou com o sentimento, em que todos os outros comungavam, de que aquilo mesmo, que já fora dito, ele o estava a exprimir por palavras demasiado enfáticas e pomposas, e isso lhe causava uma espécie de embaraço.

— É muito bonito o que acaba de dizer — observou Júlia, que estava sentada a seu lado.

Sônia pôs-se a tremer e corou até às orelhas. Até mesmo a nuca e os ombros se lhe ruborizaram ao ouvir Nicolau falar assim.

Pedro prestara atenção às considerações do coronel, e aprovava-as com a cabeça.

— Ora aí está uma coisa acertada — observou.

— É verdade, um autêntico hússar, meu rapaz — exclamou ainda o coronel, batendo de novo na mesa.

— Que barulho é esse que vocês para aí estão a fazer? — perguntou, do outro lado da mesa, a voz grave de Maria Dmitrievna. — Que estás tu a bater na mesa? — disse ela ao hússar. Contra quem é que estás tão exaltado? Até parece que tens diante de ti os franceses.

— O que eu estou a dizer é o que é — retrucou o coronel, sorrindo. — É verdade, um autêntico hússar, meu rapaz! — exclamou ainda — Tenho um filho que vai para a guerra, Maria Dmitrievna; sim, vai para a guerra.

— E eu, que tenho quatro filhos no exército, não estou a chorar por isso. Deus é grande. Podemos morrer tranquilamente na nossa cama e nada nos acontecer no campo de batalha — disse Maria Dmitrievna, elevando a sua grossa voz, que chegava, sem esforço, de extremo a extremo da mesa.

— E é verdade.

E a conversa lá continuou, a das senhoras a um lado, a dos homens a outro.

— Aposto que não és capaz de perguntar — disse a Natacha o irmãozito. — Aposto!

— Vais ver — respondeu Natacha.

O rosto animou-se-lhe repentinamente de uma audácia rebelde e resoluta. Levantou-se, fez um sinal com os olhos a Pedro, que estava diante dela, convidando-o a escutar, e dirigiu-se à mãe:

— Mãe! — lançou ela, à toa, na sua clara voz infantil.

— Que aconteceu? — perguntou a condessa assustada. Mas, ao ver no rosto da filha que se tratava de uma brincadeira, ameaçou-a severamente com a mão, enquanto lhe mostrava uma expressão descontente.

As conversas interromperam-se.

— Mãe! Que doce vamos ter? — interrogou a vozita de Natacha, irrefletidamente e num tom ainda mais decidido.

A condessa quis franzir as sobrancelhas, mas debalde. Maria Dmitrievna ameaçou-a com o seu dedo grosso.

— Eh, cossaco! — gritou-lhe.

A maior parte dos convidados observava os pais de Natacha para ver como eles iam encarar aquela aventura.

— Espera — disse a condessa.

— Mãe! Que doce vamos ter? — voltou Natacha, atrevidamente e no tom de uma criança caprichosa, certa de antemão de que a sua audácia não teria consequências.

Sônia e o gordo Pedro riam perdidamente.

— Como vês, perguntei — dizia ela, baixo, ao irmãozito e a Pedro, a quem voltou a lançar uma olhadela.

— Há gelado, mas tu não comes — disse Maria Dmitrievna.

Natacha viu que nada tinha a recear e, de resto, a própria Maria Dmitrievna não lhe metia medo algum.

— Maria Dmitrievna! Gelado de quê? Não gosto de gelados de nata.

— É de cenoura.

— Não é verdade. De quê? Maria Dmitrievna, de quê? — quase gritou. — Quero saber que gelado é!

Maria Dmitrievna e a condessa romperam a rir e, à imitação deles, todos os demais. Riam-se não da resposta de Maria Dmitrievna, mas da audaciosa obstinação e da presença de espírito daquela garota que sabia defrontá-la e ousava fazê-lo.

Natacha apenas se submeteu quando lhe disseram que o gelado era de ananás. Antes do gelado foi servido o champanhe. A música ressoou de novo, o conde trocou um beijo com a sua condessinha e os convidados ergueram-se para felicitá-la. Os copos tocaram-se, ao longo da mesa, com o do conde, com o das crianças e entre si. Os criados de novo principiaram a agitar-se, ouviu-se o rumor das cadeiras e na mesma ordem de entrada, apenas com as faces mais vermelhas, os convidados voltaram a dar entrada no salão e no gabinete do conde.

Capítulo XX

Prepararam-se as mesas de jogo, organizaram-se os parceiros para o boston e toda a gente se espalhou pelos dois salões, a sala do divã e a biblioteca.

O conde, com as suas cartas em leque, a custo se mantinha, resistindo à tentação de dormir, como de costume, depois do jantar, e sorria a toda a gente. A mocidade, arrastada pela condessa, reunia-se em volta do cravo e da harpa. Júlia foi a primeira, instada por todos, a tocar umas variações na harpa, e ela e as demais raparigas pediram a Natacha e a Nicolau, de quem todos gabavam o talento musical, que cantassem qualquer coisa. Natacha, a quem tratavam como uma pessoa crescida, sentia-se, claro está, muito orgulhosa com isso, mas, ao mesmo tempo, tomava-a uma grande timidez.

— Que havemos nós de cantar? — perguntou.

— A fonte — replicou Nicolau.

— Então, depressa, andem. Bóris, vem cá. Onde está a Sônia?

Natacha olhou à sua roda, e, ao ver que a amiga não estava presente, correu a buscá-la.

Tendo-a procurado no seu próprio quarto e não a encontrando aí, Natacha foi ver se ela estaria no quarto das crianças e também ali a não encontrou. Pensou então que devia estar no corredor, sentada na arca. A arca do corredor era o local onde se derramavam as dores de toda a jovem geração feminina da casa Rostov. E, efetivamente, Sônia lá estava, com o seu vestidinho cor-de-rosa vaporoso, que amarrotava entre os dedos, estendida na arca, o rosto escondido no sujo edredão listado da ama, e a cara nas mãos, chorando, sacudida por grandes soluços que lhe faziam estremecer os ombrozinhos decotados. Natacha, que durante todo o dia tinha andado com uma expressão festiva, mudou, repentinamente, de parecer: os olhos tornaram-se-lhe fixos, um frêmito lhe percorreu o colo, os cantos da boca descaíram-lhe.

— Sônia! Que tens tu?... Ah! Ah! que te aconteceu?...

E Natacha, fazendo um momo com a sua grande boca, que logo a tornou feia, pôs-se a soluçar, sem razão, apenas por ver que Sônia chorava. Sônia queria levantar a cabeça, queria responder-lhe, mas não pôde e ainda escondeu mais profundamente o rosto. Envolvendo a amiga nos seus braços, sentada sobre o edredão azul, Natacha chorava, continuava a chorar. Por fim, tendo Sônia serenado um pouco, ergueu-se, pôs-se a enxugar as lágrimas e abriu-se em confidências.

— O Nicolau vai partir dentro de oito dias... foi chamado por um papel... ele é que me disse... E mesmo assim eu não choraria... — Mostrou um

bilhete que tinha apertado na mão e em que estavam escritos versos de Nicolau. — Não choraria; mas tu não podes imaginar, ninguém pode imaginar... o bom coração que ele tem.

E de novo se pôs a chorar pensando no bom coração de Nicolau.

— Tu, tu és feliz — Não tenho ciúmes... Gosto muito de ti, e Bóris também — continuou ela, ganhando coragem pouco a pouco. — Que gentil que ele é... e para vocês não há obstáculos. Mas o Nicolau é meu primo... É preciso que o próprio metropolita... e mesmo assim não pode ser. E depois, se disserem alguma coisa à mãe... — Sônia considerava a condessa sua mãe e como tal a tratava... — ela vai dizer que eu prejudico a carreira do Nicolau, que não tenho coração, que sou uma ingrata, e, no entanto, tão certo como Deus estar nos céus... — Persignou-se. Eu gosto tanto dele, dele e de todos vocês também... Só a Vera... E por quê? Que lhe fiz eu? Estou-vos tão reconhecida que daria de bom grado tudo, e a verdade é que não tenho nada para dar.

Sônia não pôde dizer mais, e de novo escondeu a cabeça nas mãos e no edredão. Natacha pôs-se a consolá-la, mas via-se, pela sua atitude, que ela compreendia a gravidade do sofrimento da sua amiga.

— Sônia! — exclamou ela, de repente, como se adivinhasse a verdadeira razão do sofrimento da prima. — É verdade? A Vera falou contigo depois do jantar? É verdade?

— Estes versos foi o Nicolau quem os escreveu; eu copiei outros. Ela encontrou-os em cima da minha mesa e disse que havia de os mostrar à mãe, e disse também que eu era uma ingrata, que a mãe nunca o deixaria casar comigo e que ele havia de casar com a Júlia. Não viste como ele esteve ao lado dela todo o dia... Natacha? Por que é que há de ser assim?

E de novo chorou mais amargamente do que nunca. Natacha obrigou-a a levantar-se, abraçou-se a ela, e sorrindo por entre as lágrimas procurou consolá-la.

— Não acredites, Sônia, minha querida, não acredites no que ela diz. Lembra-te do que nós dizíamos, o Nicolau e nós as duas, na sala do divã? Lembra-te, depois do jantar? Como sabes, combinamos como tudo se havia de passar. Já me não lembro dos pormenores, mas deves lembrar-te como tudo se arranjava, como tudo era fácil. O irmão do tio Chinchine, por exemplo, casou com a prima em primeiro grau, e nós somos apenas segundos primos. E o Bóris dizia que era muito fácil. Tu bem sabes que eu lhe contei tudo. E ele é tão inteligente e tão gentil! Deixa-te disso, Sônia, não chores mais, minha queridinha, minha Soniazinha. — E pôs-se a abraçá-la muito risonha — A Vera é má, não queiras saber dela. Tudo se há de arranjar, e ela não vai dizer nada à mãe. O Nicolau te há de dizer que não pensa na Júlia.

E beijou-a na testa. Sônia parecia outra, a gatinha que ela era reanimou-se, os olhos faiscaram-lhe, dir-se-ia pronta a dar ao rabo, a saltar sobre as suas patinhas elásticas, a correr atrás do novelo de lã, coisas próprias da sua natureza.

— Achas que sim? Realmente! Juras? — disse ela, recompondo com vivacidade o vestido e os cabelos.

— Podes estar certa! — respondeu Natacha, ao mesmo tempo que lhe ajeitava na trança uma mecha de cabelos rebeldes.

Ambas desataram a rir.

— E agora vamos cantar A fonte.

— Vamos.

— Viste aquele rapaz gordo, o Pedro, que estava sentado diante de mim? Que patusco que ele é! — disse Natacha, de súbito, detendo-se. — O que eu me diverti!

E Natacha despediu, numa carreira, corredor além.

A Sônia, depois de sacudir as penas do edredão que lhe tinham ficado agarradas ao vestido e de esconder no colo magricela os versos do jovem Nicolau, reanimou-se-lhe a expressão, e lá foi correndo também ligeira e jovial, atrás de Natacha, na direção da sala do divã. A pedido dos seus convidados, a gente nova cantou o quarteto de A fonte, que foi recebido com muito entusiasmo. Depois Nicolau entoou uma romança que aprendera havia pouco:

*Por uma linda noite, à luz do luar,
Que ventura poder dizer-te a ti
samente
Que ainda há alguém cá neste
mundo
Que não pensa nem sonha senão
contigo!
Que os seus dedos tão bonitos,
Errantes por sobre as cordas da
harpa de oiro,
Em apaixonadas ondas de
harmonia
Te chame, te chame ainda!*

*Ainda um dia, mais dois dias, e o
Paraíso abrir-se-á...*

*Mas, ai de nós, a tua amiga, já lá
não a encontrarás...*

Ainda as últimas palavras da canção não tinham findado, já a juventude se preparava para o baile e a orquestra lançava as primeiras notas no meio do ruído de pés e de tossezinhas.

Pedro estava no salão, onde Chinchine se lançara numa discussão política com aquele rapaz chegado havia pouco do estrangeiro, discussão essa que enfadava imenso o próprio Pedro, e em que tomavam parte muitos outros convidados. Quando a música principiou, Natacha entrou na sala e, dirigindo-se imediatamente a Pedro, disse-lhe, rindo e corando ao mesmo tempo:

— A mãe disse-me que o convidasse para dançar.

— Tenho medo de fazer confusão com os passos — murmurou Pedro —, mas se quiser ter a bondade de ser minha professora...

E, inclinando-se profundamente, deu a larga mão à esbelta rapariguinha.

Enquanto os pares se organizavam e os músicos afinavam os seus instrumentos, Pedro conservou-se sentado ao lado da sua pequena dama. Natacha sentia-se inteiramente feliz: ia dançar com uma pessoa importante, que voltava do estrangeiro. E ela lá estava, exibindo-se diante de toda a gente, pronta a conversar, como se fosse uma pessoa crescida, e exatamente como ele. Tinha um leque que lhe havia emprestado uma amiga. E tomando a pose mais conforme ao código mundano — e só Deus sabe onde e quando ela tinha aprendido tudo aquilo —, abanava-se e sorria, com um ar rebelde, enquanto conversava com o companheiro.

— Que rapariga! Olhe para ela — disse a velha condessa, atravessando o grande salão e apontando para Natacha.

Natacha corou e pôs-se a rir.

— Por quê, mãe? Por que é que se está a rir? Que tem isso de extraordinário?

No meio da terceira escocesa, ouviu-se um rumor de cadeiras no salão onde o conde e Maria Dmitrievna estavam a jogar, e a maior parte dos convidados importantes e das pessoas de idade, para estenderem as pernas, meteram na algibeira carteiras e bolsinhas de dinheiro e vieram postar-se à porta do grande salão. A frente estavam Maria Dmitrievna e o conde, ambos muito bem

dispostos. O conde, mimando uma cortesia joco-séria, à imitação do que é de uso nos bailes, ofereceu a mão, recurvando o braço, à sua dama. Depois, soergueu o busto e o rosto iluminou-se-lhe com um sorriso agarotado e amável, e, assim que findaram as últimas marcas da escocesa, bateu as palmas e gritou para a orquestra, dirigindo-se ao primeiro violino:

— Semione! Sabes tocar o Danilo Cooper?

Era a dança favorita do conde, que ele dançara na juventude. Danilo Cooper era especialmente uma marca da inglesa.

— Olhem para o pai! — gritou Natacha no meio da sala.

Tinha-se esquecido por completo de que estava num baile como uma pessoa crescida. Dobrou-se em duas, a cabecinha coberta de caracóis junto aos joelhos, e rompeu a rir tão cristalinamente que toda a casa ficou cheia do seu riso alegre.

E com efeito toda a gente olhava, divertida, aquele velho jovial que ao lado da sua venerável dama, a quem ele dava pelo ombro, arqueava os braços para marcar o compasso, descaía os ombros, encurvava as pernas, sapateava ligeiramente, e, com um sorriso cada vez mais franco no seu rosto cheio, mais não fazia que preparar os espectadores para o que ia passar-se. Assim que ressoaram os compassos alegres e excitantes do Danilo Cooper, muito parecidos com os do ultrajovial trepak russo, todas as portas da sala se encheram de criados risonhos — os homens a um lado, as mulheres a outro — que acorriam para ver dançar o amo.

— Ah! O nosso paizinho! Que águia que ele é! — exclamou a ama, em voz alta, a uma das portas.

O conde dançava muito bem e sabia o que estava a fazer, mas a sua dama, essa, não percebia nada e recusava-se a dançar corretamente. A sua corpulenta figura ali estava toda direita, os grandes braços bamboleando, já sem bolsinha, que confiara à condessa. Apenas o seu belo e severo rosto tomava parte na dança. Todo o movimento que animava a redonda silhueta do conde se lhe concentrava a ela na fisionomia, cada vez mais risonha, e no narizinho arrebitado. Se o conde, cada vez mais excitado, era a surpresa de todos, graças à ligeireza e à agilidade nas piruetas e nos rodopios a que se atreviam as suas pernas já pouco firmes, Maria Dmitrievna, por menos que a isso se desse, mercê dos movimentos dos ombros ou dos braços no curso das suas reviravoltas ou no sapateado, não produzia menos efeito sobre os assistentes, que muito apreciavam naquela mulher o contraste entre a sua desenvoltura e a sua habitual severidade. A dança cada vez estava mais animada. Os pares frente a frente não conseguiam chamar para eles as atenções ou nem sequer com isso se importavam. Toda a gente seguia com o olhar o conde e Maria Dmitrievna. Natacha puxava pela manga a toda a gente,

embora ninguém tirasse os olhos dos dois dançarinos, pedindo que olhassem para o pai. Nos intervalos, o conde, enquanto tomava fôlego, acenava aos músicos e pedia-lhes que acelerassem o ritmo. Quando mais rápido era o compasso, mais depressa girava o conde em torno do par, ora nos bicos dos pés ora nos calcanhares, e por fim, no momento em que ia reconduzi-lo, esboçou um último passo: levantou a perna cheia à retaguarda, inclinou, com um ar radiante, a cabeça perlada de suor, descrevendo, por fim, com a mão direita um largo círculo no meio de uma tempestade de aplausos e de gargalhadas, especialmente de Natacha. Os dois dançarinos detiveram-se, anelantes, enxugando o suor com seus lenços de cambraia.

— Ora aqui tens como se dançava no nosso tempo, minha querida!
— exclamou o conde.

— Bravo! Danilo Cooper! — replicou Maria Dmitrievna, respirando estrepitosamente e arregaçando as mangas do vestido.

Capítulo XXI

Quando em casa dos Rostov se dançava a sexta inglesa ao som de uma orquestra, que já desafinava, tal a fadiga dos músicos, e os criados e cozinheiros, igualmente extenuados, se azafamavam nos preparativos da ceia, era o conde Bezukov acometido do seu sexto ataque. Os médicos tinham declarado não haver esperanças de salvação. Confessaram o doente, já em coma, ministraram-lhe a comunhão, fizeram os preparativos para a extrema-unção e a casa assumiu o aspecto habitual em tais circunstâncias, com idas e vindas em todos os sentidos. Cá fora, ao portão, juntavam-se, escondendo-se à chegada das carruagens, os agentes das casas funerárias, na esperança de bom negócio. O governador militar da praça de Moscou, que a cada momento enviava os seus ajudantes-de-campo a saber novas do estado de saúde do doente, veio pessoalmente, nessa noite, despedir-se daquela famosa personagem do tempo de Catarina: o conde Bezukov.

A suntuosa sala de visitas estava cheia. Toda a gente se levantou respeitosamente quando o governador militar, que se demorara quase meia hora à cabeceira do doente, saiu do quarto e atravessou a dependência, muito apressado, retribuindo, negligentemente, os cumprimentos, sempre seguido pelos olhos dos médicos, dos sacerdotes e da parentela do conde. O príncipe Vassili, que naqueles últimos dias tinha empalidecido e afilara, acompanhava o governador militar, segredando-lhe, por vezes, qualquer coisa.

Quando voltou de o acompanhar, foi sentar-se sozinho no salão, de pernas cruzadas, cotovelos sobre os joelhos e cabeça nas mãos. Alguns instantes depois levantou-se, e a passo rápido, contrariamente aos seus hábitos, olhando em torno de si como que assustado, seguiu ao longo do grande corredor que conduzia às dependências da retaguarda, direito aos aposentos da mais velha das princesas.

As pessoas que se encontravam numa sala quase às escuras falavam entre si, de longe em longe, em voz muito baixa, calavam-se a cada momento, e dirigiam olhares interrogativos e de quem espera qualquer coisa para a porta que conduzia ao quarto do moribundo, a qual rangia ligeiramente sempre que alguém entrava ou saía.

— Todo o homem tem os seus dias contados, e ninguém pode fugir daí — dizia um eclesiástico velhinho à senhora que parecia não ter a tal respeito qualquer ideia precisa.

— Não será já tarde demais para a extrema-unção? — observou, acrescentando a estas palavras um título eclesiástico, a senhora que parecia não ter a tal respeito qualquer ideia precisa.

— É um grande sacramento, minha senhora — replicou o sacerdote, passando a mão pela cabeça calva, onde só havia já algumas, poucas, farripas de cabelos grisalhos cuidadosamente penteadas.

— Quem é? É o próprio governador militar? — perguntava-se a outro canto da sala. — Que novo que ele é!...

— Quem há de dizer que tem perto de setenta anos! Mas parece que o conde já não conhece as pessoas. Dizem que lhe vão dar a extrema-unção.

— Uma pessoa conheci eu a quem ministraram sete vezes a extrema-unção.

A segunda das jovens princesas, que acabava de sair do quarto do doente, os olhos cheios de lágrimas, foi sentar-se ao lado do Dr. Lorrain, que se colocara numa posição que lhe ficava bem, debaixo do retrato de Catarina, encostado a uma mesa.

— Muito bonito — dizia ele, referindo-se ao tempo -, muito bonito, princesa, e depois, em Moscou, é como se estivéssemos no campo.

— Não é verdade? — respondeu a princesa, suspirando. Acha então que se lhe pode dar de beber?

Pareceu refletir.

— Tomou o remédio?

— Tomou.

O médico consultou o seu livro de notas.

— Tome um copo de água fervida e deite-lhe dentro uma pitada — e com os dedos finos fingiu o gesto — de cremortartari.

— Não se conhece nenhum caso — dizia um médico alemão a um ajudante-de-campo — em que se fique vivo depois do terceiro ataque.

— Mas que boa saúde ele tinha! — disse o oficial. — E quem será o herdeiro de todas estas riquezas? — acrescentou, em voz muito baixa.

— Não hão de faltar pretendentes — retorquiu o alemão sorrindo.

Todos os olhares voltaram a fixar-se na porta. A porta rangeu, e a jovem princesa, que tinha preparado o remédio prescrito por Lorrain, foi levá-lo ao doente. O médico alemão aproximou-se do médico francês.

— Acha que ele se vai aguentar até amanhã de manhã? — perguntou em francês, com um pronunciado sotaque.

Lorrain, de lábios apertados, fez com o dedo polegar um gesto negativo diante do nariz.

— Esta noite, o mais tardar — murmurou ele, em voz baixa, sorrindo com prudência, orgulhoso de tão claramente ter diagnosticado o estado do doente. E afastou-se.

Enquanto isto se passava, o príncipe Vassili abria a porta do quarto da princesa.

Era quase noite lá dentro; apenas as duas lamparinas em frente dos ícones o iluminavam. Cheirava bem a incenso e a flores. O mobiliário do quarto era todo em miniatura: pequeninos armários, pequeninas estantes e pequeninas mesas. Um biombo ocultava as cobertas brancas de uma cama alta de penas. Um cãozinho pôs-se a ladrar.

— Ah, é o senhor, meu primo?

A princesa levantou-se, alisando os cabelos, que usava sempre, e até naquele momento, excessivamente repuxados, como se formassem uma peça única com o casco da cabeça e andassem envernizados.

— Que foi? Que aconteceu? — perguntou ela. — Assustou-me.

— Não aconteceu nada. Sempre a mesma coisa. Vim apenas procurar-te para falarmos de negócios. Katicha — disse o príncipe, sentando-se, com um ar lasso, na cadeira que ela acabava de deixar devoluta. — Que quente que aqui está! Anda cá, senta-te. Temos de conversar.

— Julguei que tinha acontecido alguma coisa — disse a princesa, e, com o seu ar fechado e severo, sentou-se diante do príncipe, disposta a ouvi-lo. — Quis ver se dormia um bocado, meu primo, mas não foi possível.

— Então, minha querida? — disse o príncipe, pegando-lhe na mão e puxando-a para si, como era seu costume.

Era evidente que estas breves palavras significavam coisas que eles dois compreendiam perfeitamente sem as dizer.

A princesa, do alto do seu busto seco e estreito, alto demais para as suas curtas pernas, olhava fixamente o príncipe sem qualquer aparente emoção, os olhos cinzentos à flor da pele. Sacudiu a cabeça e lançou um olhar, acompanhado de um suspiro, às imagens sagradas. O seu gesto tanto podia exprimir mágoa e espírito de sacrifício como fadiga e a necessidade de descanso. O príncipe Vassili interpretou-o como um sinal de cansaço.

— E supões tu — disse ele — que eu também não estou cansado? Estou esfalfado como um cavalo de posta. Apesar disso, é absolutamente necessário que eu tenha uma conversa contigo, Katicha, uma conversa muito importante.

O príncipe Vassili calou-se, e as suas duas faces, sucessivamente, foram tomadas de um movimento nervoso que lhe dava um aspecto desagradável, aspecto esse que ele nunca tinha quando conversava em sociedade. Também os olhos não eram os seus olhos habituais: havia neles ora uma expressão escarninha e cínica, ora uma expressão aterrorizada.

A princesa segurava com os braços secos e magros o cãozito que tinha nos joelhos, enquanto fixava o príncipe atentamente. Via-se que ela estava disposta a não ser a primeira a falar, ainda que tivesse de ficar calada até ao dia seguinte.

— Como vê, cara princesa e minha prima, Katerina Semionovna — prosseguiu ele, não sem uma evidente luta interior, pensando no que ia dizer. — Em momentos como este é preciso pensar em tudo. É preciso pensar no futuro, em si. Quero-vos a todas como se vocês fossem minhas filhas, bem sabes.

A princesa continuava a fitá-lo, impassível e impenetrável.

— Numa palavra, eu também tenho de pensar na minha família — continuou, repelindo, de mau humor, a mesinha e sem olhar para ela. — Como sabes. Katicha, vocês as três, as irmãs Mamontov, e minha mulher são as únicas herdeiras diretas do conde. Bem sei, bem sei que te é penoso pensar nestas coisas e falar nelas. A mim também me custa. Mas, minha amiga, estou quase com sessenta anos e tenho de estar preparado para tudo. Sabes que mandei chamar o Pedro, e que o próprio conde, apontando para o retrato dele, quis que lho trouxessem?

O príncipe Vassili interrogava-a com os olhos, mas não conseguia perceber se ela estava a pensar no que ele acabava de dizer-lhe ou se apenas olhava para ele.

— Há só uma coisa que eu estou sempre a pedir a Deus, meu primo — replicou ela — é que Deus o proteja e que faça com que a sua bela alma deixe em paz este...

— Pois claro — prosseguiu o príncipe com impaciência, afagando a calvície e puxando a si, colericamente, a mesinha que começara por repelir. — Mas o que é certo... o que é certo, o fato é que, como tu sabes, o conde, no inverno passado, redigiu um testamento pelo qual, em prejuízo dos seus herdeiros diretos e de todos nós, lega toda a sua fortuna ao Pedro.

— Sim, ele já fez vários testamentos — disse serenamente a princesa. — Mas o Pedro não pode herdar: é um filho ilegítimo.

— Minha querida — disse bruscamente o príncipe Vassili, puxando para si a mesinha e falando com animação e volubilidade. — E se houvesse uma petição ao imperador para a legitimação do Pedro? É evidente que em face dos serviços prestados, o apelo do conde seria atendido...

A princesa teve um sorriso em que se deixava perceber que sabia muito mais sobre o assunto que o seu interlocutor.

— Digo-te mais — continuou Vassili, pegando-lhe na mão — O apelo está feito, embora não tenha sido enviado, e o imperador teve conhecimento do fato. Só resta saber se esse apelo foi ou não anulado. Se o não foi, assim que

tudo tenha acabado — e soltou um suspiro, para deixar perceber o que queria dizer com aquelas palavras — logo que os papéis do conde sejam conhecidos, tanto o testamento como a carta serão transmitidos ao imperador, e o seu apelo será sem dúvida alguma satisfeito. Pedro, na sua qualidade de filho legítimo, será o único herdeiro.

— E a nossa parte? — disse a princesa, num tom irônico, como se tudo pudesse acontecer menos isso.

— Mas, minha pobre Katicha, é claro como a luz do dia. Nessa altura será ele o único herdeiro legítimo de toda a fortuna e vocês nada receberão. É preciso que tu procures saber, minha querida, se o testamento e o apelo existem ou se foram destruídos. E se por qualquer motivo foram esquecidos, é preciso que saibas onde estão e descobri-los, pois...

— Ah! Isso agora é novidade! — interrompeu a princesa com um sorriso sardônico e sem que a sua expressão se alterasse. — Eu sou mulher; na sua opinião, todas as mulheres são estúpidas; mas o que eu muito bem sei é que um filho ilegítimo não pode herdar... Um bastardo — acrescentou, pensando com esta palavra demonstrar definitivamente ao príncipe que ele não tinha razão.

— Não há maneira de compreenderes. Katicha! Mas tu és inteligente. Como é que tu não compreendes que se o conde pediu ao imperador que o autorizasse a reconhecer o filho como legítimo, Pedro, nesse caso, deixa de ser o Pedro e passa a ser o conde Bezukov, e pelo testamento é ele quem tem direito a tudo? Se o testamento e a carta não foram destruídos, nada mais te restará além da consolação de teres sido virtuosa e tudo o que daí se entende. É certo e sabido.

— Sei perfeitamente que ele fez um testamento, mas também sei que esse testamento não tem valor. Pelo que vejo, julga-me pateta, meu primo — disse a princesa com esse ar que tomam as mulheres quando supõem ter dito qualquer coisa de espirituoso ou de ofensivo.

— Minha querida princesa Katerina Semionovna — exclamou com impaciência o príncipe Vassili -, eu não vim procurar-te para um duelo de palavras, mas na intenção com que se visita uma parente, uma boa, excelente, uma verdadeira parente, a fim de lhe falar dos seus interesses. Repito-te pela décima vez que se a carta ao imperador e o testamento a favor de Pedro se encontram entre os papéis do conde, nem tu nem as tuas irmãs, minha querida filha, herdarão seja o que for. Se me não acreditas, acredita ao menos nas pessoas competentes. Acabo de falar com Dmitri Onufreitch — o advogado da família — e ele disse-me a mesma coisa.

Houve, claramente, uma mudança rápida na maneira de pensar da princesa. Se a expressão dos olhos se lhe não alterou, os seus finos lábios

empalideceram e quando começou a falar a voz passou-lhe por transições que nem ela própria esperava.

— Pois muito bem — disse. — Nunca pretendi nada, e nada pretendo.

Enxotou o cão do regaço e ajeitou as pregas do vestido.

— É assim que as pessoas reconhecem, é assim que testemunham a sua gratidão àqueles que tudo sacrificaram por elas! — exclamou. — Muito bem! Excelente! Não preciso de nada, príncipe!

— Sim, mas tu não és a única. E as tuas irmãs? — voltou ele.

A princesa não o ouvia.

— Sim, há muito tempo que eu sei isso, mas tinha-me esquecido que nesta casa não podia esperar outra coisa senão baixeza, duplicidade, inveja, intriga, ingratidão, a mais negra ingratidão.

— Sabes ou não sabes onde está o testamento? — perguntou o príncipe Vassili com o tremor das faces ainda mais acentuado.

— Sim, tenho sido uma parva, tenho tido confiança nas pessoas, gostei delas e sacrifiquei-me por elas. Mas só triunfam os cobardes e os maus. Bem sei donde vêm estas intrigas.

A princesa fez um movimento para se erguer, mas o príncipe reteve-a. Ela dava a impressão de uma pessoa que perdeu subitamente todas as ilusões sobre os outros seres. Lançou um olhar mau ao interlocutor.

— Ainda, estamos a tempo, minha amiga. Lembra-te. Katicha, de que tudo isto foi feito de improviso, num momento de cólera, ou então doente, e que depois tudo esqueceu. O nosso dever, minha querida, é reparar esta falta, suavizar-lhe os últimos momentos, não permitindo que ele leve a cabo esta injustiça, de o não deixar morrer com a ideia de que tornou alguém infeliz...

— Alguém que tudo sacrificou por ele — voltou a princesa, impaciente por se levantar; mas o príncipe deteve-a. — E isso é que ele nunca soube apreciar. Não, meu primo — acrescentou, suspirando — isto leva-me, a pensar que neste triste mundo ninguém pode esperar recompensa, que neste triste mundo não há honra nem equidade. Neste mundo só a maldade e a mentira triunfam.

— Bom, vejamos, sossega. Eu conheço o teu excelente coração.

— Não, eu tenho mau coração.

— Eu conheço o teu coração — repetiu ele -, aprecio a tua amizade e gostaria que tu tivesses a mesma opinião a meu respeito. Sossega, e sejamos razoáveis enquanto é tempo: talvez vinte e quatro horas, uma hora talvez. Conta-me tudo quanto sabes do testamento e principalmente diz-me se sabes onde ele está: tu deves saber. Pegaremos nele imediatamente e levá-lo-emos ao conde. Ele

com certeza se esqueceu dele, e quererá destruí-lo. Tu sabes que o meu único desejo é cumprir religiosamente a sua vontade; não é para outra coisa que estou aqui. Eu não estou aqui senão para vos auxiliar, a vós e a ele.

— Agora já sei tudo. Já sei donde partem as intrigas. Vejo-o claramente — disse a princesa.

— Não é disso que se trata, minha querida.

— A alma de tudo isto é a sua protegida, a sua querida princesa Drubetskaia. Ana Mikailovna, que eu nem para criada de quarto querería, essa horrível, essa ignóbil mulher.

— Não percamos tempo.

— Oh, não me diga nada! No inverno passado introduziu-se aqui em casa e contou tantas coisas horríveis ao conde, tantas vilanias a nosso respeito, e principalmente sobre a Sofia — não as posso repetir -, que ele ficou doente e durante quinze dias não nos quis ver. Foi nessa altura, tenho a certeza, que o tio redigiu esse sujo, esse infame papel. Mas eu supunha que não tinha importância.

— Ora aí está. Por que é que me não falaste logo nisso?

— Está na pasta de couro que tem debaixo da almofada. Agora compreendo — disse ela, sem responder à pergunta do príncipe. — E se eu tenho qualquer pecado na consciência, um grande pecado, é o ódio que essa miserável me inspira — gritou, e tornou-se quase irreconhecível. — Que apareça outra vez por aí! Ajustarei contas com ela. É uma questão de tempo.

Capítulo XXII

Enquanto decorriam todas estas conversas na sala de visitas e nos aposentos da princesa, uma carruagem com Pedro, enviada para o trazer, e Ana Mikailovna, que entendera por bem acompanhá-lo, penetrava no pátio da residência do conde Bezukov. No momento em que o carro deslizava maciamente por cima da palha estendida debaixo das janelas, Ana Mikailovna, que procurava consolar o companheiro, verificou que ele adormecera, encolhido no seu canto e acordou-o. Pedro, tendo voltado a si, apeou-se atrás de Ana Mikailovna, e só então se lembrou da entrevista que ia ter com o pai moribundo. Tinha notado que a carruagem parara não junto da escadaria nobre, mas em frente da escada das traseiras. No momento em que punha os pés no chão, dois homens com aspecto de comerciantes acolheram-se apressadamente à sombra da parede.

Enquanto se deteve, Pedro pôde ver na sombra, de cada lado da entrada, outros homens do mesmo gênero. Mas nem Ana Mikailovna, o trintanário, ou o cocheiro, que não podiam ter deixado de dar por eles, lhes prestaram a mais pequena atenção, “Naturalmente, tem de ser assim”, decidiu de si para consigo, e lá foi na peugada da sua condutora. Ana Mikailovna, em passinhos rápidos, subia a estreita escada de pedra, fracamente iluminada, chamando Pedro, que ficava para trás: embora este não compreendesse por que lhe era absolutamente indispensável apresentar-se junto do conde, e muito menos ainda por que tinha de subir pela escada de serviço, a segurança e a pressa de Ana Mikailovna persuadiram-no da urgência do que ia fazer.

A certa altura ia sendo derrubado por um grupo de homens, carregados com uns baldes, cujas grossas botas ressoavam no chão. Mas eles encostaram-se à parede para dar passagem aos visitantes sem mostrar qualquer surpresa.

— É este o caminho para os aposentos das princesas? — perguntou Ana Mikailovna a um deles.

— É — replicou um dos lacaios, numa grossa voz atrevida, como se naquela altura tudo fosse permitido — a porta à esquerda, minha senhora.

“Talvez que o conde não me tenha mandado chamar”, pensou Pedro na altura do patamar. “Era bem melhor eu ir para o meu quarto.”

Ana Mikailovna deteve-se, para que Pedro a pudesse alcançar.

— Ah! meu amigo! — exclamou ela, pegando-lhe num braço, como tinha feito ao filho nessa mesma manhã. — Pode crer que sofro tanto como o Pedro, mas precisa de ser homem.

— Realmente, era melhor eu não ir — disse Pedro, olhando para ela através das lentes das lunetas, com um ar afetuoso.

— Ah! meu amigo, esqueça-se das injustiças que lhe fizeram, lembre-se que seu pai... está talvez na agonia. — Solto um suspiro. — Gostei logo de si como se fosse meu filho. Confie em mim, Pedro. Não me esquecerei dos seus interesses.

Pedro não compreendia nada; o mais claro para ele era pensar que as coisas deviam ser assim, e seguiu docilmente Ana Mikailovna, que já abria a porta.

A porta dava para o vestíbulo dos aposentos das traseiras. O velho criado das princesas estava sentado a um canto a fazer meia. Pedro nunca entrara naquela parte da casa, ignorava mesmo a existência de tais dependências. Ana Mikailovna perguntou pela saúde das princesas a uma rapariga que trazia uma garrafa em cima de uma bandeja, e que se tinha juntado a eles, chamando-lhe “minha cara” e “minha boa rapariga”, e em seguida conduziu Pedro ao longo de um corredor lajeado. A primeira porta à esquerda que abria para esse corredor levava aos aposentos das princesas.

De tão apressada que ia — em circunstâncias daquelas tudo se fazia apressadamente — a criada de quarto que levava a bandeja com a garrafa não fechou a porta, e tanto Pedro como Ana Mikailovna, ao passarem, olharam involuntariamente para o quarto onde a princesa mais velha e o príncipe Vassili conversavam muito animadamente. Ao vê-los, este teve um movimento de impaciência e recuou; a princesa deu um pulo e fechou a porta com um gesto violento.

Esta atitude condizia tão pouco com a habitual serenidade da princesa, e o pânico que se pintou no rosto do príncipe Vassili era tão imprevisto na sua grave postura, que Pedro parou, lançando, através das lentes das suas lunetas, um olhar inquiridor à sua condutora. Ana Mikailovna, sem trair qualquer surpresa, contentou-se em sorrir vagamente, suspirando, como se tudo aquilo para ela fosse coisa natural.

— Mostre-se homem, meu amigo, eu zelarei pelos seus interesses — disse ela, ao mesmo tempo que apressava o passo ao longo do corredor.

Pedro não percebia do que se tratava e muito menos compreendia o que queria dizer: zelar pelos seus interesses, mas de si para consigo pensava que assim mesmo devia ser. O corredor conduziu-os a uma dependência mal iluminada que dava para a sala de visitas do conde. Era um dos compartimentos frios e luxuosos que Pedro conhecia muitíssimo bem, mas onde nunca entrava senão pela escada nobre. No centro desta sala via-se uma banheira vazia e havia água entornada no tapete. Aí cruzaram com um criado e um sacristão com um

turíbulo, que caminhavam em bicos de pés, os quais nem neles sequer repararam. Depois penetraram na sala de visitas, que Pedro conhecia muito bem, com as suas duas janelas à italiana e a sua porta para o jardim de inverno, onde havia um grande busto de Catarina e um retrato em corpo inteiro da mesma soberana. Eram as mesmas pessoas, por assim dizer nas mesmas atitudes, que ainda ali estavam conversando em voz baixa. Todos se calaram e fitaram Ana Mikailovna, que entrava, com o seu rosto pálido e como sulcado de lágrimas, e aquele grande e corpulento rapaz, que, de cabeça baixa, a seguia com toda a docilidade.

Podia ler-se nos traços de Ana Mikailovna que ela tinha a certeza de que se aproximava o momento decisivo. Com a segurança de uma petersburguesa a tudo habituada, entrou na sala, bem agarrada a Pedro, com um ar ainda mais ousado que o dessa manhã. Tinha a certeza de que se trouxesse consigo a pessoa a quem o moribundo queria ver, logo seria recebida. Lançou um rápido olhar às pessoas ali presentes, e, ao ver o confessor do conde, aproximou-se dele em passinhos miúdos, sem propriamente se inclinar, mas tornando-se como que mais pequena, e dois eclesiásticos presentes lançaram-lhe a bênção.

— Graças a Deus que chegamos a tempo — disse ela aos sacerdotes — todos nós, que somos da família, estávamos com tanto medo! Este rapaz é filho do conde — acrescentou em voz baixa. — Que instantes medonhos!

Ao dizer estas palavras, aproximou-se do médico.

— Caro doutor — principiou — este rapaz é o filho do conde.. Ainda há esperanças?

O médico, sem dizer palavra, ergueu os olhos e encolheu os ombros, num ar de dúvida. Ana Mikailovna copiou exatamente a sua mímica, teve um suspiro quase que fechando os olhos e voltou-se para o lado onde estava Pedro. Parecia testemunhar-lhe uma atenção particularmente respeitosa e uma ternura contristada.

— Tende confiança na divina misericórdia! — exclamou ela indicando-lhe um divã onde pudesse esperar, enquanto ela se dirigia, sem fazer barulho, para a porta em que estavam fitos todos os olhares. Depois de a abrir silenciosamente, desapareceu.

Pedro, disposto a obedecer em tudo ao seu guia, encaminhou-se para o divã indicado. Assim que Ana Mikailovna desapareceu, afigurou-se-lhe que todos os olhares se dirigiam para ele com algo mais que curiosidade e simpatia. Viu que toda aquela gente cochichava entre si, apontando-o com os olhos, numa espécie de medo servil. Tiveram para com ele atenções que anteriormente nunca haviam tido. A senhora, para ele desconhecida, que conversava com o sacerdote levantou-se e ofereceu-lhe o seu lugar. O ajudante-de-campo baixou-se para lhe apanhar a luva que tinha caído. Quando ele passou, os médicos calaram-se

respeitosamente e abriram alas para o deixar passar. Pedro tinha pensado, primeiro, em sentar-se em qualquer parte, para não incomodar a senhora, pensara em apanhar a luva e evitar os médicos, que aliás lhe não impediam a passagem; mas, de súbito, compreendeu que naquela noite se tornara uma personagem com a obrigação de cumprir uma espécie de rito terrível, aguardado por toda a gente, e por conseguinte devia aceitar as solitudes de todos. Recebeu em silêncio a luva que lhe estendia o oficial, sentou-se no lugar da senhora desconhecida, apoiando as grandes mãos nos joelhos, simetricamente colocadas numa posição ingênua de estátua egípcia, e de si para consigo decidiu que tudo aquilo se devia justamente passar assim e que naquela noite, para não perder a cabeça e não fazer disparates, não deveria agir como era sua vontade, mas confiando-se em absoluto à vontade daqueles que o guiavam.

Ainda se não tinham passado dois minutos, já o príncipe Vassili, com o seu cafetã decorado com três estrelas, o ar majestoso, a cabeça erguida, entrava na sala. Dir-se-ia ter emagrecido desde essa manhã; os seus olhos pareceram crescer quando viu Pedro e percorreu a sala com o olhar. Aproximou-se dele, apertou-lhe a mão, coisa que até aí nunca fizera, e sacudiu-lha energicamente, como se quisesse experimentar-lhe a resistência.

— Coragem, coragem, meu amigo. Ele disse que o queria ver. Está certo.

E quis afastar-se.

Mas Pedro julgou necessário perguntar-lhe:

— Como está...?

Hesitou, sem saber como seria conveniente referir-se ao conde, o moribundo; teve vergonha de dizer: “meu pai”.

— Ainda há meia hora teve um ataque. Coragem, meu amigo.

Pedro estava num tal estado de semiconsciência que a palavra ataque lhe deu a ideia imediata de que alguém o tinha atacado. Olhou perplexo para o príncipe Vassili, e só depois lhe ocorreu que aquela palavra podia significar uma doença. O príncipe Vassili, ao passar, disse umas palavras a Lorrain e encaminhou-se para a porta em bicos de pés. Não se pode dizer que fosse muito destro em caminhar dessa maneira; todo o seu corpo oscilava desajeitadamente. Atrás dele passou a mais velha das princesas, depois os padres e os sacristães; seguiram-se alguns criados do conde. Atrás da porta ouviu-se um burburinho e Ana Mikailovna, sempre muito pálida, mas decidida no cumprimento do seu dever, apareceu, correndo, e tocando no braço de Pedro murmurou:

— A bondade divina é inesgotável. Vai começar a cerimônia da extrema-unção. Venha.

Pedro penetrou no quarto, enterrando os pés no tapete fofo, e verificou que o ajudante-de-campo, a senhora desconhecida e alguns criados também o seguiam, como se já não fosse preciso pedir licença para se entrar naquele aposento.

Capítulo XXIII

Pedro conhecia muito bem aquela grande dependência cortada por um arco e algumas colunas e forrada de tapetes persas. A parte que ficava por detrás das colunas, de um lado tinha uma grande cama de mogno com cortinados de seda, e do outro um oratório com as suas imagens, o qual, todo iluminado, era como uma igreja preparada para os ofícios da noite. Debaixo do enquadramento dos ícones iluminados estava uma grande cadeira de doente, com o espaldar coberto de almofadas brancas como neve, ainda não amarrotadas, e que acabavam de ser mudadas. Nessa cadeira perfilava-se a majestosa figura do pai, o conde Bezukov, muito sua conhecida, coberto até à cintura por uma manta verde-clara e os cabelos brancos, em que havia qualquer coisa de leonino, a coroar-lhe a testa ampla e as características linhas daquele rosto amarelento sulcado de pequenas rugas. Estava estendido mesmo por debaixo das imagens, com as grossas mãos espessas emergindo da coberta, e sobre ela pousadas. Na mão direita, espalmada, entre o polegar e o indicador, erguia-se uma vela que um velho criado amparava debruçado sobre a cabeceira. Em torno, os padres, de pé, revestidos com os seus magníficos paramentos, muito brilhantes, os longos cabelos soltos, e de velas acesas, oficiavam com uma lentidão solene. Um pouco mais atrás viam-se as duas princesas mais novas, de lenço nos olhos, e, diante delas, Katicha, a mais velha, com uma expressão má e resoluta, os olhos fixos nos ícones, o que queria dizer que não poderia responder por si caso viesse a olhar para outro lado. Junto à porta. Ana Mikailovna, com o seu ar de resignada tristeza e imploração, bem como a senhora desconhecida. O príncipe Vassili, do outro lado desta mesma porta, mais perto da cadeira, por detrás de um cadeirão de talha guarnecido de veludo, cujo espaldar voltara para si, apoiando nele a sua mão esquerda, em que segurava uma vela, enquanto com a direita se benzia e erguia os olhos ao céu, de cada vez que tocava na testa. Na sua máscara havia uma devoção tranquila e submissão à vontade divina, “Se tu não compreendes estes sentimentos, tanto pior para ti”, parecia dizer a sua expressão.

Atrás dele encontravam-se o ajudante-de-campo, os médicos e o pessoal masculino: como na igreja, havia separação de sexos. Toda a gente estava calada, persignando-se. Apenas se ouviam as orações litúrgicas, um canto baixo, profundo e contínuo, e nos momentos de silêncio movimento de pés e suspiros. Ana Mikailovna, com aquele ar significativo com que mostrava saber o que estava fazendo, atravessou o quarto para entregar uma vela a Pedro. Este acendeu-a, e, entretido com as observações que fazia sobre os assistentes, pôs-se a persignar-se com a mesma mão com que segurava o círio.

A jovem, princesa Sofia, a da pele rosada, ar trocista e um sinalzinho, olhava para ele. Depois sorriu, escondeu o rosto no lenço, e assim esteve muito tempo; daí a pouco, voltando a olhar para ele, pôs-se a rir. Evidentemente que ela se não sentia capaz de o olhar sem rir, mas como, ao mesmo tempo, não podia deixar de o olhar, para não ter essa tentação foi postar-se, sem ruído, atrás de uma coluna. A meio da cerimônia, as vozes dos sacerdotes calaram-se, repentinamente, e os padres puseram-se a dizer qualquer coisa ao ouvido uns dos outros; o velho criado que segurava a vela do conde ergueu-se e voltou-se para o lado das senhoras. Ana Mikailovna avançou e, debruçando-se para o doente, tomou entre as suas mãos brancas e finas a mão livre pousada sobre a coberta verde, e, virada de lado, pôs-se a tomar-lhe o pulso com um ar recolhido. Deram de beber ao doente; foi uma agitação em volta dele; depois cada um retomou o seu lugar e a cerimônia prosseguiu. Durante esta pausa, Pedro notou que o príncipe Vassili tinha saído de trás do cadeirão e com o ar de quem sabe muito bem o que anda a fazer, e lhe é completamente indiferente a presença dos outros, em vez de se aproximar do moribundo, passara ao lado dele, encaminhando-se para onde estava a mais velha das princesas, juntamente com quem se dirigira para o fundo do quarto, em que estava o leito alto com cortinados de seda.

Tanto um como outro, depois, tinham desaparecido por uma porta no extremo do aposento, e só no fim da cerimônia haviam reaparecido, um por cada vez, retomando os seus lugares. Pedro não prestou mais atenção a este pormenor que a qualquer outro, persuadido como estava de que tudo quanto se passasse naquela noite diante dos seus olhos assim tinha de ser e nunca de outra maneira.

Os cantos litúrgicos cessaram e ouviu-se então a voz de um dos sacerdotes felicitando o doente por haver recebido o sacramento. O moribundo continuava estendido sem dar sinais de vida e sem fazer o mais pequeno movimento. Toda a gente se aproximou dele. Ressoaram passos, e ouviu-se o ciciar das vozes, entre as quais se distinguia a de Ana Mikailovna.

Pedro ouviu-a dizer:

— É indispensável levá-lo outra vez para a cama. Aqui é impossível.

O moribundo estava de tal modo rodeado pelos médicos, pelas princesas, pelos criados, que Pedro já lhe não via a cabeça vermelho-amarelada com a coroa de cabelos brancos que não perdera de vista durante toda a cerimônia, apesar da presença de toda aquela gente. Pelo movimento prudente das pessoas que o cercavam percebeu que o estavam a soerguer para o transportar.

— Firma-te no meu braço, vais deixá-lo cair — dizia a voz abafada de um dos criados. — Mais baixo... Outro aqui... — murmuravam as vozes.

O resfolgar das respirações oprimidas e o andar arrastado pareciam mostrar que o peso que transportavam era superior às forças dos que o conduziam.

Toda aquela gente, de que fazia parte Ana Mikailovna, passou diante do jovem, que durante alguns segundos, através das nucas e das costas, pôde ver os grossos e fortes peitorais nus e os ombros vigorosos do moribundo soerguidos pelas pessoas que lhe pegavam pelas axilas, e a cabeça branca, crespa, leonina. A cabeça, com a sua fronte extraordinariamente espaçosa e a face musculada, a bela boca sensual, o olhar frio, ainda majestoso, não estavam desfigurados pela morte. Era a mesma pessoa que ele tinha conhecido três meses antes, quando o conde o mandara para Petersburgo. Mas esta cabeça balouçava, inerte, a cada passada dos que transportavam o moribundo e o seu olhar frio, insensível, não sabia onde fixar-se.

Durante alguns minutos houve agitação em volta da cama, depois as pessoas que tinham transportado o conde afastaram-se. Ana Mikailovna tocou no braço de Pedro e disse-lhe: — Venha daí. — Pedro, sempre junto dela, aproximou-se da cama em que tinham estendido o doente, numa postura solene, de acordo com o sacramento que acabava de receber. Uma pilha de almofadas soerguia-lhe o busto. As mãos estavam dispostas simetricamente sobre a coberta de seda verde, com as palmas para baixo. Quando Pedro se aproximou, o conde olhou-o fixamente, mas com um olhar de que ninguém seria capaz de discernir o significado e a intenção. Ou esse olhar não queria dizer absolutamente nada além de significar que enquanto os nossos olhos estão abertos para algures têm de olhar, ou então muito queriam dizer. Pedro ficou imóvel sem saber o que fazer, interrogando com o olhar a sua cicerone. Esta teve um rápido movimento de olhos, indicando-lhe a mão do moribundo, e com a boca mimou um beijo.

Pedro, inclinando a cabeça com precaução, para não se embaraçar na coberta, seguiu o conselho dela e aplicou os lábios sobre a mão carnuda e de grandes ossos. Nem a mão nem nenhum dos músculos do rosto do conde deram sinal de vida. Pedro continuou a olhar Ana Mikailovna interrogativamente, para lhe perguntar o que tinha a fazer. Esta indicou-lhe com a vista a cadeira ao lado da cama. Pedro aí se instalou, com toda a docilidade, continuando a perguntar-lhe, por acenos, se estava a proceder bem. Ana Mikailovna disse-lhe “sim” com um aceno de cabeça. Pedro retomou a sua pose ingênua da estátua egípcia, visivelmente incomodado por ver a sua desastrada pessoa ocupar tão largo espaço, e recorrendo a todos os estratagemas de espírito para parecer o mais pequeno possível. Olhou para o conde. Este tinha os olhos pousados no lugar onde se encontrava a figura de Pedro antes de se sentar. Ana Mikailovna, pela sua atitude, traduzia a importância tocante que atribuía a estes derradeiros momentos

de despedida entre pai e filho. Isto prolongou-se por dois ou três minutos, que a Pedro se lhe afiguraram horas. Subitamente, um estremecimento perpassou pelas rugas da máscara do conde. O estremecimento acentuou-se, a boca, de contornos regulares, deformou-se. Só então Pedro compreendeu quão perto da morte estava seu pai. A boca toda contorcida soltou um estertor rouco e indistinto. Ana Mikailovna fixara o moribundo atentamente, na esperança de adivinhar o que ele queria, e mostrava-lhe ora Pedro, ora a poção, ora lhe mencionava em voz baixa o nome do príncipe Vassili, ora lhe indicava a coberta. O olhar e a fisionomia do moribundo traduziam impaciência. Fazia esforços para fixar o criado constantemente à cabeceira da cama.

— Quer que o virem para o outro lado — murmurou este, que se levantou para voltar para o lado da parede o pesado corpo doente.

Pedro ergueu-se para ajudar o criado.

Enquanto o mudavam de posição, um dos braços do conde ficou inerte para trás, fazendo ele baldados esforços para o trazer ao seu lugar. O conde ou viu o olhar aflito que Pedro teve para o braço sem vida, ou outro qualquer pensamento perpassou nesse instante pela cabeça do moribundo: olhou para o seu próprio braço, que, já lhe não obedecia, depois para a expressão aflitiva de Pedro, em seguida de novo para o braço e pelo seu rosto passou um débil e doloroso sorriso, que, destoava na sua máscara, parecendo, por isso mesmo, escarnecer da sua própria impotência. Ao deparar-se-lhe este sorriso. Pedro sentiu uma súbita crispação no peito, um formigueiro nas narinas e as lágrimas vieram turvar-lhe a vista. Tinham colocado o moribundo voltado para a parede. Ouviu-se que suspirava.

— Adormeceu — disse Ana Mikailovna, ao ver uma das princesas que vinha substituí-la. — Vamo-nos.

Pedro saiu.

Capítulo XXIV

Na sala de visitas não estava já mais ninguém senão o príncipe Vassili e a mais velha das princesas, conversando animadamente debaixo do retrato de Catarina. Assim que viram chegar Pedro e a sua companheira, calaram-se. A princesa dissimulou qualquer coisa, pelo menos foi isso que Pedro pareceu distinguir, e murmurou:

— Não posso ver esta mulher.

— Katicha mandou servir o chá na salinha — disse o príncipe a Ana Mikailovna. — Vá, minha pobre Ana Mikailovna, tome qualquer coisa, caso contrário não aguentará.

Nada disse a Pedro, limitando-se a apertar-lhe o braço com emoção. Pedro e Ana Mikailovna dirigiram-se para a salinha.

— Não há nada melhor para levantar as forças que uma xícara deste excelente chá russo depois de uma noite em claro! — exclamou Lorrain com uma vivacidade refreada, enquanto bebia, em pequenos goles, por uma chávena da China, sem asa, de pé, na salinha redonda, diante de uma mesa onde estavam alguns pratos frios e um serviço de chá. Em volta da mesa tinham-se juntado, para recuperar forças, todos quantos haviam passado a noite em casa do conde Bezukov. Pedro lembrava-se muitíssimo bem daquela salinha circular com os seus espelhos e os seus guéridons. Aquando dos bailes que havia lá em casa, ele, que não sabia dançar, gostava de vir sentar-se naquela pequenina saleta, donde ficava a ver as senhoras de vestido de noite e os ombros nus cobertos de pérolas e diamantes, as quais, ao atravessar aquela dependência, se miravam vivamente nos espelhos iluminados em que as imagens se multiplicavam indefinidamente. Naquele momento a saleta estava apenas iluminada por duas velas, e na obscuridade, em cima de um guéridon, havia, pousados desordenadamente, pratos e chávenas de chá, enquanto pessoas da mais variada natureza, em trajes comuns, falando entre si em voz baixa, se sentavam, exprimindo, em todos os seus movimentos e em todas as suas palavras, a ideia de que não esqueciam um só momento o que estava a passar-se naquela noite e o que devia passar-se ainda no quarto de dormir. Pedro nada comeu, embora muito lhe apetecesse fazê-lo. Ia interrogar com os olhos a sua condutora, mas viu que ela tornava a entrar, na ponta dos pés, na sala de visitas, em que ficara o príncipe Vassili e a mais velha das princesas.

Pedro pensou mais uma vez que assim tinha de ser, e, depois de hesitar alguns instantes, seguiu atrás dela. Ana Mikailovna estava de pé junto da princesa e ambas falavam ao mesmo tempo, em voz baixa, com animação.

— Perdão, minha senhora, eu julgo saber o que se deve fazer e o que se não deve fazer — dizia a princesa, certamente na mesma agitação em que se encontrava no momento em que tinha fechado violentamente a porta do quarto,

— Mas, minha querida princesa — voltou Ana Mikailovna, num tom modesto e insinuante, vedando à princesa o caminho para o quarto de dormir -, não seria penoso para o seu pobre tio, num momento destes, em que tanto necessita de repouso? Falar-lhe numa hora destas das coisas deste miserável mundo, quando a sua alma está já preparada...

O príncipe Vassili estava sentado numa cadeira, as pernas cruzadas uma em cima da outra, numa das suas posições habituais. No seu rosto havia movimentos convulsivos, e as faces moles pareciam, na parte inferior, mais largas do que de costume; e fingia estar pouco atento à conversa das duas senhoras.

— Então, minha boa Ana Mikailovna, deixe proceder Katicha. Bem sabe quanto o conde a estima.

— Não sei o que há aqui dentro — disse a princesa, dirigindo-se ao príncipe Vassili, e apontando para a pasta de couro que tinha na mão. — O que eu sei é que o verdadeiro testamento está no escritório dele e que só se encontra aqui papelada esquecida...

Quis passar, contornando Ana Mikailovna, mas esta fez um movimento rápido e de novo se lhe atravessou no caminho.

— Bem sei, minha boa, minha querida princesa — disse, apoderando-se da pasta, e segurando-a com tanta força que se via não estar disposta a largá-la de mão tão depressa. — Minha querida princesa, peço-lhe, suplico-lhe, poupe o doente. Imploro-lhe...

A princesa não deu resposta. Apenas se ouvia o ruído da luta que se travava para a conquista da pasta. Era evidente que se ela falasse não seria para dizer coisas amáveis a Ana Mikailovna. Mas esta resistia energicamente, embora a sua voz conservasse um tom suave e carinhoso.

— Pedro, venha cá, meu amigo. Suponho que não será a mais no conselho de família. Não é isto verdade, príncipe?

— Por que é que não diz alguma coisa, primo? — gritou, subitamente, a princesa, e tão alto que em toda a sala se lhe ouviu a voz. — Fica calado quando uma pessoa estranha se atreve a intervir nos nossos assuntos e fazer uma cena no limiar do quarto de um moribundo? Intriguista! — exclamou ela com ódio, puxando pela pasta, com todas as suas forças.

Para não ser obrigada a abandonar a presa, e sob a violência do puxão, Ana Mikailovna viu-se forçada a dar alguns passos avante, e pegou-lhe no braço.

— Oh! — exclamou Vassili com espanto e num tom de censura — É ridículo — prosseguiu ele, erguendo-se — Vejamos, largue, faça favor.

A jovem princesa abriu as mãos.

— Largue — repetiu-lhe. — Eu encarrego-me de tudo. Vou já falar com ele. Sim, eu... Deixe isso comigo.

— Mas, meu príncipe — disse Ana Mikailovna -, depois de um sacramento tão solene, deixe-o descansar um momento. Pedro, vá, dê a sua opinião — prosseguiu ela, dirigindo-se ao jovem, o qual, tendo-se aproximado, observava, espantado, a figura da princesa conturbada pela cólera e os movimentos nervosos do rosto do príncipe.

— Lembre-se de que será responsável por tudo o que vier a acontecer — disse o príncipe Vassili com severidade. — O senhor não sabe o que faz.

— Mulher infame! — gritou a princesa, lançando-se sobre ela, repentinamente, e arrancando-lhe a pasta das mãos.

O príncipe Vassili, baixando a cabeça, deixou cair os braços para mostrar que nada podia fazer.

Neste momento, a porta, aquela porta horrível em que os olhos de Pedro se haviam fixado durante tanto tempo e que antes se tinha aberto tão suavemente, escancarou-se, de súbito, com fragor e veio bater de encontro à parede, enquanto a segunda das princesas se lançava na sala torcendo as mãos.

— Que estão aqui a fazer? — disse ela, num desespero — Ele vai-se embora e todos me deixam só.

A princesa mais idosa deixou cair a pasta. Ana Mikailovna baixou-se, lépida, e, pegando no corpo de delito, desapareceu no quarto de dormir. A princesa e o príncipe Vassili, recuperando a serenidade, foram-lhe no encalço. Daí a pouco, a mais velha das princesas voltou a aparecer na sala de visitas, o rosto pálido e seco, mordendo o lábio inferior. Ao ver Pedro, veio-lhe um ataque de cólera, que deixou expandir livremente,

— Agora pode estar satisfeito! — exclamou. — Aí tem o que esperava.

E rompendo a soluçar, escondeu o rosto no lenço, desaparecendo da sala. O príncipe Vassili foi quem veio depois. Aproximou-se cambaleando do divã em que Pedro estava sentado e deixou-se cair com a cara entre as mãos. Pedro viu que ele estava pálido e que o queixo lhe tremia convulsivamente, como se tivesse febre.

— Ah, meu amigo! — exclamou, pegando no braço de Pedro, e a sua voz exprimia uma sinceridade e uma doçura que este nunca lhe tinha notado. — Os pecados que nós cometemos, tanto equívoco, e tudo isso para quê? Estou

quase com sessenta anos, meu amigo... E eu... A morte é o fim de tudo. Ah, que coisa terrível é a morte!... — E principiou a soluçar.

Ana Mikailovna foi a última a sair do quarto. Aproximou-se de Pedro em passos lentos e sem fazer ruído.

— Pedro! — exclamou ela.

Pedro interrogou-a com os olhos. A princesa beijou o rapaz na testa, cobrindo-o de lágrimas. Esteve calada alguns momentos.

— Acabou...

Pedro olhou para ela através das suas lunetas.

— Vamos, eu acompanho-o. Procure chorar. Não há nada como as lágrimas para aliviar.

Levou-o para uma sala escura e Pedro sentiu-se contente por ninguém poder ver-lhe a expressão. Ana Mikailovna afastou-se, e quando voltou a entrar na sala encontrou-o, de cabeça encostada ao braço, dormindo profundamente.

No dia seguinte disse-lhe:

— Sim, meu caro, é uma grande perda para todos nós. Não falo de si. Mas Deus o ajudará, é novo e ei-lo à frente de uma imensa fortuna, assim o espero. O testamento ainda não foi aberto. Conheço-o muito bem para saber que isso não lhe dará volta à cabeça, mas impõe-lhe deveres, e é preciso ser homem.

Pedro ficou calado.

— Talvez mais tarde lhe conte, meu caro, que se eu ali não estivesse, só Deus sabe o que poderia ter acontecido. Ainda antes de ontem meu tio me prometia não se esquecer de Bóris. Mas não teve tempo. Espero, meu caro, que saiba cumprir os desejos de seu pai.

Pedro não percebia nada, contentando-se em olhar para Ana Mikailovna sem dizer palavra e corando com um ar embaraçado. Esta, depois da sua conversa com Pedro, voltou para casa dos Rostov e deitou-se. No dia seguinte pela manhã contou aos Rostov e aos seus demais conhecimentos os pormenores da morte do conde Bezukov. Segundo dizia, o conde tinha morrido como ela própria desejaria morrer, e que o seu passamento fora não só emocionante, mas até mesmo edificante; a última entrevista entre pai e filho, então, tinha sido de tal modo comovente que ela não podia lembrar-se dessa cena sem chorar, e lhe era impossível dizer qual dos dois se portara melhor naqueles terríveis momentos: se o pai, que nos últimos instantes se tinha referido a todos os acontecimentos importantes, recordando-se de toda a gente e dizendo coisas tão comovedoras ao filho; se Pedro, que metia dó, de tal modo estava comovido, não obstante ter feito tudo para esconder a sua dor, para que o moribundo se não impressionasse. “É penoso, mas faz bem; eleva a alma ver homens como o velho conde e o seu digno

filho.” Ana Mikailovna aludiu também à atitude da princesa e do príncipe Vassili num tom de censura, mas pedindo muito segredo e falando ao ouvido das pessoas.

Capítulo XXV

Em Lissia Gori, domínio do príncipe Nicolau Andreivitch Bolkonski, aguardava-se, de dia para dia, a chegada do jovem príncipe André e de sua mulher. Mas esta expectativa não alterava a ordem admirável que pautava a existência, no solar do velho príncipe. O general-chefe príncipe Nicolau Andreivitch, aquele a quem a gente da sociedade tinha apelidado do “rei da Prússia”, desde que, no reinado de Paulo I, se recolhera às suas terras, nunca mais deixara a sua Lissia Gori, onde vivia com sua filha Maria e a dama de companhia desta, Mademoiselle Bourienne. E quando viera o novo reinado, embora lhe tivesse sido permitido regressar à capital, ali continuara a viver, sem nunca mais de lá sair, dizendo que se alguém precisasse dele era natural que se dispusesse a percorrer as cento e cinquenta verstas que separavam Moscou do seu domínio, pois, quanto a ele, a verdade é que não precisava de nada nem de ninguém. Era sua opinião não haver senão duas fontes do vício humano: a ociosidade e a superstição, e senão duas virtudes: a atividade e a inteligência. Ele próprio se encarregava pessoalmente da educação da filha, e para desenvolver nela estas virtudes cardinais, a partir dos vinte anos dava-lhe lições de álgebra e de geometria, não permitindo que ela estivesse desocupada o mais breve instante da sua vida. Quanto a ele, passava todo o seu tempo, quer a escrever as suas memórias, quer a resolver problemas de alta matemática, quer a tornear caixas de rapé num torno mecânico, quer a trabalhar de jardineiro e a vigiar as construções que andava sempre a fazer no seu domínio. Partindo do princípio de que a ordem é a primeira condição de toda a atividade, na sua vida a ordem era levada ao extremo. As pessoas sentavam-se à mesa segundo ritmos inalteráveis e sempre iguais, e não somente sempre à mesma hora, mas, até mesmo, no mesmo minuto. Para com as pessoas que o cercavam, quer fosse a filha, quer os criados, era rígida e invariavelmente exigente.

Esta a razão por que, não sendo propriamente violento, inspirava um terror e um respeito em que lhe não levavam a palma os homens mais brutais. Embora ele se encontrasse na inatividade e nenhuma influência tivesse já nos negócios públicos, não havia governador de província onde dispusesse de propriedades que se não sentisse na obrigação de se apresentar em sua casa, sujeitando-se, à semelhança do arquiteto, do jardineiro ou da própria princesa Maria a aguardar o momento em que o príncipe comparecia na sua vasta sala de visitas. E o certo é que todos naquela sala sentiam o mesmo receio e o mesmo respeito quando se abriam as altas portas maciças do gabinete e surgia a pequena figura do príncipe, com a sua cabeleira empoadada, as suas mãozinhas secretárias e

as suas sobrancelhas brancas, proeminentes, as quais, por vezes, quando ele as franzia, lhe velavam o fulgor do olhar brilhante, inteligente e sempre jovem.

No dia da chegada do casal, pela manhã, segundo o costume, a princesa Maria. à hora habitual, entrou na sala de visitas para apresentar os seus cumprimentos matinais, benzendo-se, medrosa, enquanto orava, em voz baixa. Todos os dias entrava naquela sala e nem uma só vez deixava de rezar, pedindo a Deus que fizesse correr bem a entrevista que ia ter com o pai.

O velho criado de cabeleira branca que estava na sala levantou-se sem fazer ruído e disse em voz baixa:

— Faça o favor de entrar.

Atrás da porta ouvia-se o monótono rolar do torno. A princesa empurrou timidamente o batente e a porta abriu-se sem esforço, deixando-a parada no limiar. O príncipe, que trabalhava ao torno, depois de ter voltado a cabeça para trás prosseguiu na sua tarefa.

O enorme gabinete transbordava de objetos que, evidentemente, estavam a todo o momento a ser precisos. A grande mesa coberta de livros e plantas, as altas estantes da biblioteca, com as chaves nas respectivas fechaduras, a secretária alta para se escrever de pé, sobre a qual estava aberto um caderno, o torno, com as ferramentas espalhadas e as aparas de madeira pelo chão, tudo denunciava uma atividade constante, variada e metódica. Os movimentos das curtas pernas do príncipe, que calçava botas tártaras pregueadas de prata, e a pressão enérgica das suas mãos magras e nervosas proclamavam a força tenaz e bem mantida de uma velhice vigorosa.

Depois de ter feito girar ainda algumas vezes a roda do torno, levantou o pé do pedal, limpou a goiva, guardando-a depois numa bolsa de couro pendente daquele e aproximando-se da mesa, chamou a princesa. Nunca abençoava os filhos, e estendendo à filha a cara eriçada de pelos e ainda por barbear disse-lhe severamente, embora com um olhar meigo e cuidadoso:

— Como vai isso?... Bom, então senta-te!

Pegou num caderno de exercícios de geometria, escrito com a sua própria caligrafia, e puxou a cadeira com o pé.

— Para amanhã! — exclamou, procurando rapidamente a página e marcando com a unha robusta os períodos que era preciso estudar.

A princesa debruçou-se para o caderno.

— Espera... uma carta para ti — disse de repente o velho, tirando de um saco suspenso da mesa um sobrescrito com letra feminina e pousando-o em cima do tampo da mesa.

Assim que a princesa viu a carta, toda ela se ruborizou. Pegou-lhe, pressurosa, fazendo uma grande vênica.

— É da tua “Heloísa”?⁸ — perguntou o príncipe, mostrando, num frio sorriso, os dentes amarelados, mas ainda sólidos.

— É, é da Júlia — replicou a princesa, com um olhar tímido e um sorriso receoso.

— Ainda vou deixar passar mais duas cartas, mas a terceira hei de lê-la — disse o pai severamente. — Tenho cá os meus receios de que vocês escrevam muita tolice. A terceira leio-a.

— Pode ler esta, meu pai — respondeu a rapariga, corando ainda mais e apresentando-lhe a carta.

— A terceira, eu disse a terceira — interrompeu o príncipe, repelindo a carta; e apoiando o cotovelo à mesa, puxou para si o caderno de geometria.

— Como vê, menina — principiou o velho, debruçando-se muito para a filha por cima do caderno e apoiando-se com uma das mãos nas costas da cadeira onde se sentava a princesa, que se sentiu envolta numa onda de cheiro a tabaco e desse aroma especial das pessoas idosas, muito do seu conhecimento. — Como vê, menina, estes triângulos são iguais: olhe, o ângulo A-B-C...

A jovem princesa fitava, assustada, os olhos brilhantes do pai muito perto da sua cara. As maçãs do rosto cobriram-se-lhe de manchas vermelhas. Via-se perfeitamente que não compreendia e que estava cheia de medo: isso era o bastante para não poder apreender as longas explicações do pai, por mais claras que fossem. Ou por culpa do professor ou da aluna, o certo é que todos os dias acontecia o mesmo. Os olhos da jovem turvavam-se, não via, não ouvia mais nada, para ela nada mais existia além daquele rosto seco e severo muito perto do seu, daquele hálito e daquele aroma, e o seu único desejo seria fugir o mais depressa possível do gabinete para, sozinha, resolver com tranquilidade o problema que o pai lhe propunha. O velho exaltava-se, afastava e aproximava com estrépido a cadeira em que estava sentado, procurando não se deixar encolerizar, mas não raramente acabava a ferro e fogo, no meio de injúrias e até, por vezes, atirando fora o caderno.

A princesa enganou-se na resposta que deu.

— Que estúpida que tu me saíste! — gritou-lhe o pai, empurrando o caderno e voltando-se bruscamente. De chofre, ergueu-se, deu alguns passos de um lado para o outro, pousou a mão na cabeça da filha e tornou a sentar-se. Aproximando a cadeira, continuou a explicar. — Assim não fazemos nada, princesa, assim não fazemos nada — disse quando a filha fechava o caderno, depois da lição, disposta a partir. — Mas a verdade é que as matemáticas são uma coisa importante, menina. E o que eu não quero é que tu fiques como todas as nossas estúpidas senhoras. Com tempo e paciência hás de acabar por gostar da

matemática. — Bateu-lhe na cara. — Hei de tirar-te da cabeça toda a estupidez que lá tens dentro.

Ela quis abalar mas ele deteve-a com um gesto, e tirou de cima da secretária um livro novo com as folhas ainda por abrir.

— Aqui tens um livro que te manda a tua “Heloísa”, um tal A chave do mistério. É um livro religioso. Eu não gosto de interferir nas crenças religiosas de ninguém... Passei a vista pelo livro. Toma lá. E agora vai-te, vai-te embora.

Bateu-lhe no ombro e foi ele próprio quem fechou a porta depois de ela sair.

A princesa Maria voltou para o seu quarto, com aquele seu ar triste e receoso que raramente a abandonava e que ainda mais feios tornava os seus traços doentios e pouco regulares; sentou-se à sua mesa de trabalho, coberta de retratos, miniaturas, cadernos e livros. O sentimento da ordem que a ela lhe faltava tinha-o o pai em excesso. Pousou o caderno de geometria e abriu a carta com impaciência. Era da sua mais íntima amiga de infância: precisamente essa tal Júlia Karaguine, que estivera na festa em casa dos Rostov.

Júlia escrevia, em francês:

Querida e excelente amiga. — Que coisa terrível e pavorosa é a ausência! Por mais que eu me diga a mim própria que a metade da minha existência e da minha felicidade está contigo, que, apesar da distância que nos separa, os nossos corações estão unidos por laços indissolúveis, o meu coração revolta-se contra o destino e é-me impossível, não obstante os prazeres e as distrações que me cercam, vencer uma certa tristeza oculta que sinto no fundo do coração, desde que nos separamos. Por que não estamos nós juntas como no verão passado no teu gabinete, sentadas no teu canapé, o canapé das confidências? Por que é que eu não posso, como há três meses, colher novas forças morais no teu olhar, tão meigo, tão calmo e tão penetrante, olhar de que eu tanto gostava e que julgo ainda ver diante de mim enquanto te vou escrevendo!

Ao chegar a este ponto da carta, a princesa Maria soltou um suspiro e lançou um olhar para o espelho que estava à sua direita. O cristal devolveu-lhe uma desajeitada e enfezada figura. Os seus olhos, sempre tristes, fixavam o espelho com uma expressão particularmente desencantada. “Tudo para me lisonjear”, pensou, e afastou os olhos do espelho, prosseguindo na leitura da carta. Realmente, Júlia não lisonjeava a amiga: esta tinha, com efeito, uns olhos grandes, tão profundos e tão luminosos que dir-se-ia irradiarem, de vez em quando, quentes raios de luz, olhos tão belos que a cada momento, apesar da fealdade dos traços do seu rosto, lhe emprestavam mais atrativos que se ela fosse,

de fato, bonita. A princesa nunca seria, porém, capaz de descobrir esta bela expressão do seu olhar, essa expressão que lhe vinha aos olhos quando ela menos sonhava. Acontecia consigo o que tantas vezes se dá com outras pessoas: sempre que olhava para o espelho, vinha-lhe à cara um ar afetado e pouco natural que a tornava feia.

Continuou a ler:

Em Moscou não se fala noutra coisa senão em guerra. Um dos meus dois irmãos já seguiu para o estrangeiro, o outro está na Guarda, que vai partir para a fronteira. O nosso querido imperador saiu de Petersburgo e segundo consta está disposto a expor a sua preciosa existência aos perigos da guerra. Deus queira que o monstro corso que acabou com a tranquilidade na Europa venha a ser esmagado pelo anjo que o Todo-Poderoso, na sua infinita misericórdia, nos deu por soberano. Sem falar nos meus irmãos, esta guerra privou-me de um dos conhecidos mais queridos do meu coração. Refiro-me ao jovem Nicolau Rostov, que no seu entusiasmo não pôde resignar-se a manter-se inativo e abandonou a Universidade para se alistar no exército. Pois bem, querida Maria, devo confessar-te que, apesar de muito novo, a sua partida para a guerra foi para mim motivo de grande desgosto. Este rapaz, de quem te falei no verão passado, tem tanta nobreza e tanta juventude que é difícil encontrar-se alguém como ele, no tempo em que vivemos, entre os nossos velhos de vinte anos. É sobretudo tão franco e tão bom de coração! E tão puro e tão poético que as minhas relações com ele, embora fossem passageiras, as considero das mais doces alegrias do meu coração, que tanto já tem sofrido. Hei de contar-te um dia as nossas despedidas e o que dissemos no momento em que nos separamos. Por agora tudo isto ainda está muito fresco. Que feliz és, querida amiga, visto não conheceres alegrias tão grandes e dores tão pungentes! És feliz, porque estas são geralmente mais fortes do que aquelas. Bem sei que o conde Nicolau é muito novo para poder vir a ser para mim mais que um amigo, mas esta afetuosa amizade, estas nossas reações, tão poéticas e tão puras, o meu coração estava a pedi-las. Não falemos, porém, mais nisso. A grande nova do momento, assunto de toda Moscou, é a morte do conde Bezukov e a história da sua herança. Imagina que as três princesas não vieram a receber quase nada, o príncipe Vassili nada recebeu, e quem tudo herdou foi Monsieur Pierre, que, ainda, por cima, foi reconhecido filho legítimo, herdando, portanto, também o título de conde Bezukov, e é hoje possuidor da maior fortuna de toda a Rússia. Dizem que o príncipe Vassili desempenhou um feio papel em toda esta história da herança do conde e que regressou a Petersburgo de orelha murcha.

Devo confessar-te que muito pouco percebo destas histórias de legados e de testamentos; o que te sei dizer é que desde que o rapaz por todos nós conhecido por Monsieur Pierre se tomou conde de Bezukov e passou a dispor de uma das maiores fortunas da Rússia muito me divirto a observar a mudança no tom e nas maneiras das mães com várias filhas para casar e até no tom e nas maneiras das próprias meninas em relação a este indivíduo, o qual, aqui para nós, sempre me pareceu um zé-ninguém. Como, de há dois anos a esta parte, toda esta gente se entretém a arranjar-me noivos que na maior parte dos casos eu nem sequer conheço, a crônica nupcial de Moscou neste momento faz de mim condessa Bezukov. Mas deves compreender que nada faço para vir a gozar dessa honra. A propósito de casamentos. — queres saber? Há dias, a tia de toda a gente, Ana Mikailotna, contou-me, pedindo-me o maior segredo, que se preparava aqui um casamento para ti. Trata-se, nem mais nem menos, do filho do príncipe Vassili, o Anatole, rapaz que o pai gostaria de arrumar, casando-o com uma menina rica e distinta. Foi em ti que recaiu a escolha dos pais. Não sei como encararás tu a história, mas sinto-me na obrigação de te avisar. Dizem que é bonito rapaz e muito má pessoa; é tudo quanto pude apurar a seu respeito.

Mas basta de tagarelices. Estou no fim da minha segunda folha de papel, e minha mãe mandou-me chamar para irmos jantar à casa dos Apraksine. Lê o livro místico que junto te envio, e que neste momento está aqui a fazer furor. Embora neste livro haja coisas difíceis de compreender para o fraco entendimento humano, é um livro admirável, cuja leitura serena eleva a alma. Adeus. Os meus respeitos ao senhor teu pai e cumprimentos a Mademoiselle Bourienne. Um abraço amigo.

JÚLIA.

P. S.: Manda-me notícias de teu irmão e da sua encantadora mulher.

A princesa refletiu, sorriu pensativamente, e, iluminada pelos seus brilhantes olhos, toda a sua expressão se lhe transformou naquele instante. Levantou-se de chofre, aproximou-se da mesa no seu passo moroso. Pegou numa folha de papel e a mão deslizou-lhe, rápida. Eis a resposta à carta de Júlia:

Querida e excelente amiga.

— A tua carta de 13 deu-me muita alegria. Ainda gostas então de mim, minha poética Júlia? Quer dizer que a ausência de que tanto mal dizes não teve sobre ti a sua habitual influência. Queixas-te da ausência! Que diria eu, se tivesse coragem para me lamentar, eu, que me vejo privada de todos aqueles que me são queridos! Se não fosse a religião, nosso consolo, que triste seria a nossa vida. Por que julgas ver em mim olhar severo quando me falas do teu afeto pelo

rapaz? Neste capítulo só para mim sou dura. Compreendo muito bem esses sentimentos nas outras pessoas e, se me não é permitido aprová-los, por nunca ter passado por eles, a verdade é que os não condeno. Parece-me apenas que o amor cristão, o amor do próximo, o amor pelos nossos inimigos é mais meritório, mais suave e mais belo que os sentimentos inspirados pelos lindos olhos de um jovem a uma rapariga poética e amável como tu.

A notícia da morte do conde Bezukov já aqui tinha chegado antes da tua carta, e meu pai sentiu-a muito. Segundo ele, era o último representante do grande século, e agora só falta chegar a sua vez, embora esteja disposto — diz — a fazer quanto puder para que esse momento chegue o mais tarde possível. Que Deus nos proteja contra tamanha desgraça! Não sou da tua opinião a respeito do Pedro, pessoa que eu conheci em criança. Pareceu-me sempre ter um bom coração, e esta é a qualidade que eu mais prezo nas pessoas. Quanto à herança e ao papel que nela desempenhou o príncipe Vassili acho isso muito triste para os dois. Ah, querida amiga, as palavras do nosso Divino Salvador — é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus — estas palavras são tremendamente verdadeiras; lastimo o primo Vassili e ainda lamento mais o Pedro. Tão novo e já esmagado ao peso de tamanha fortuna, que grandes não irão ser para ele as tentações deste. Se me perguntassem o que eu desejo mais nesta vida, diria que queria ser mais pobre que o mais pobre dos indigentes. Muito e muito obrigada, querida amiga, pelo livro que me mandaste e que tanto êxito tem tido aí. No entanto, visto dizeres-me que no meio de muitas coisas boas outras há que o fraco entendimento humano não pode atingir, parece-me inútil perdermos tempo com uma leitura ininteligível, que por isso mesmo se tornará infrutífera. Nunca pude compreender a paixão que têm certas pessoas em perturbar o espírito consagrando-se a leitura de livros místicos que apenas servem para levantar dúvidas nas suas almas, exaltando a imaginação e dando-lhes um temperamento exagerado, em tudo contrario à simplicidade cristã. É bom lermos os Apóstolos e o Evangelho. Não procuremos compreender o que neles há de misterioso, pois, como ousaríamos nós, miseráveis pecadores que somos, iniciar-nos nos terríveis segredos da Providência enquanto estivermos ligados a este despojo carnal que levanta entre nós e o Eterno um impenetrável véu? Limitemo-nos, pois, a estudar os princípios sublimes que o nosso Divino Salvador nos confiou para nosso governo na terra; procuremos conformar-nos com eles e segui-los; persuadamo-nos de que quanto mais asas dermos ao nosso fraco espírito humano mais isso agrada a Deus, que rejeita toda a sabedoria que dele não vem; e que quanto menos procurarmos aprofundar aquilo que ele houve por bem esconder do nosso entendimento, tanto mais depressa ele no-lo revelará graças ao seu divino espírito.

Meu pai não me falou em qualquer pretendente; disse-me apenas que tinha recebido uma carta e que aguardava a visita do príncipe Vassili. Quanto ao projeto de casamento em que falas, dir-te-ei, querida e excelente amiga, que o casamento, na minha opinião, é uma instituição divina a que nós nos devemos suspeitar. Por mais penso que isso seja para mim, se Deus Todo-Poderoso algum dia vier a impor-me os deveres de esposa e de mãe, fica certa de que procurarei cumpri-los tão fielmente quanto puder, sem me preocupar com o exame dos meus sentimentos em relação àquele que ele me destinar para marido.

Recebi uma carta de meu irmão anunciando-me a sua chegada a Lissia Gori na companhia da mulher. Será breve a minha alegria, pois que ele segue daqui a tomar parte nesta guerra infeliz, para que nós somos arrastados só Deus sabe como e por quê. Não é só aí, turbilhão dos negócios e centro do mundo, que se não fala senão em guerra, mas até aqui, no meio dos trabalhos agrícolas e da paz da natureza, que é assim que o homem das cidades em geral vê o campo, se fazem sentir os boatos de guerra. Meu pai só fala em marchas e contramarchas, coisas de que nada compreendo: e aqueles de ontem, no decurso do meu passeio habitual pelas ruas da aldeia, assisti a uma cena dilacerante... Passava um comboio de recrutas, alistados nestas terras, que seguiam para os quartéis... Era de ver o estado das mães, das mulheres e dos filhos daqueles que partiam, e de ouvir os soluços de uns e outros! Dir-se-á que a humanidade esqueceu as leis do seu Divino Salvador, que não fez outra coisa senão pregar o amor e o perdão das ofensas, para não pensar senão na arte de nos matarmos uns aos outros.

*Adeus, querida e boa amiga, que o nosso Divino Salvador e a sua santa mãe vos tenham na sua santa e poderosa guarda. -
MARIA.*

— Ah, estava a expedir o seu correio, princesa; eu já expedi o meu. Escrevi à minha pobre mãe — disse, sorrindo, Mademoiselle Bourienne, com a sua voz cheia e agradável, em que qualquer coisa arranhava. Na atmosfera triste e sombria em que a princesa vivia a presença de Mademoiselle Bourienne era uma nota de alegre frivolidade e de autossatisfação.

— Princesa, preciso de a prevenir — acrescentou ela, baixando a voz. — O príncipe teve uma alteração. — E o seu defeito de pronúncia acentuou-se especialmente ao pronunciar a palavra “alteração”. Dir-se-ia que se estava a ouvir a si mesma. — Uma alteração com Michel Ivanoff. Está muito mal disposto, muito zangado. Seja prudente, sim?

— Ah! querida amiga — replicou a princesa -, já lhe pedi que nunca me falasse no estado de espírito de meu pai. Não me atrevo a julgá-lo e não gosto que os outros o façam.

A princesa olhou para o relógio, e, ao ver que já passavam cinco minutos da hora fixada para o seu cravo, precipitou-se no salão, diligentíssima. Entre o meio-dia e as duas horas, de acordo com o horário estabelecido, o príncipe dormia a sesta e ela devia estudar cravo.

Capítulo XXVI

O velho criado cabeceava, sentado na sala de espera, ouvindo o ressonar do príncipe no seu imenso gabinete de trabalho. Do outro extremo da casa, através das portas fechadas, chegavam até ali, pela vigésima vez, os compassos difíceis da sonata de Dusseck.

Nesse momento parava diante da escadaria principal uma carruagem e um pequeno carro. Da carruagem apeou-se o príncipe André, que ajudou a sua mulherzinha a descer, deixando-a subir a escada diante de si. O velho Tikon, com a sua cabeleira postiça, espreitou pela porta da sala de espera e disse, em voz baixa, que o príncipe estava a descansar, dando-se pressa em fechar a porta. Tikon sabia muitíssimo bem que nada, absolutamente nada, nem mesmo a chegada do filho ou qualquer outro acontecimento imprevisto, deveria perturbar a rotina do seu amo. O príncipe André, claro está, sabia isso tão bem como o próprio Tikon. Consultou o relógio, para verificar se os hábitos do pai não tinham sido alterados desde que o não via, e, persuadido de que tudo estava na mesma, disse para a mulher:

— Dentro de vinte minutos estará de pé. Vamos ver a princesa Maria.

A princesinha engordara um pouco, mas os seus olhos e o seu lábio sorridente, que um ligeiro buço sombreava, continuavam a ter o ar alegre e gentil sempre que falava.

— Mas é um palácio — disse para o marido, olhando em roda, no mesmo tom em que se felicita o organizador de um baile. — Vamos, depressa, depressa!

Falando, ia sorrindo para toda a gente, para Tikon, para o marido, para o criado que a conduzia.

— É a Maria que está a estudar? Não façamos barulho, quero surpreendê-la.

O príncipe André seguiu-a com o seu ar cortês e triste.

— Estás mais velho, Tikon — disse ele, de passagem, ao velho, que lhe beijava a mão.

Antes de terem chegado à dependência onde se ouvia o cravo, viram sair de uma porta lateral uma bonita francesinha loura. Mademoiselle Bourienne parecia louca de contentamento.

— Ah! que alegria para a princesa! — disse ela. — Enfim, preciso de a prevenir.

— Não, não, por favor... é Mademoiselle Bourienne, já a conheço pela amizade que a minha cunhada lhe tem — disse a mulher de André, beijando-

a. — Ela não nos espera!

Aproximaram-se da porta da saleta, donde continuavam a sair sempre os mesmos compassos indefinidamente repetidos. André parou, franzindo as sobrancelhas, como se sentisse uma penosa impressão.

A princesa sua mulher entrou, o motivo da sonata foi interrompido no meio; ouviu-se um grito, os passos pesados de Maria e beijos ressoaram. Quando André entrou, por sua vez, viu as duas cunhadas, que pouco se tinham conhecido na altura do casamento, abraçadas uma à outra, beijando-se mutuamente, sem escolher onde. Mademoiselle Bourienne ali estava, com a mão no coração, sorrindo cheia de beatitude, e tão pronta a rir como a chorar. André encolheu os ombros e franziu as sobrancelhas, como costumam fazer os amadores de música quando um instrumento desafina. Por fim, as duas mulheres separaram-se, e, em seguida, para recuperarem o tempo perdido, recomeçaram a estreitar-se nos braços uma da outra, a beijarem-se mutuamente, rompendo em soluços, com grande surpresa do príncipe, e abraçando-se de novo. Mademoiselle Bourienne pôs-se também a soluçar. O príncipe André deu sinal de uma certa impaciência; mas elas achavam tão natural chorar assim que lhes não era possível imaginarem o seu mútuo encontro de outra maneira.

— Ah! minha querida!... Ah! Maria!... — disseram, de repente, transitando das lágrimas para o riso. — Sonhei esta noite... — Não nos esperava... Ah! Maria, emagreceu... E a minha amiga recuperou...

— Conheci logo a senhora princesa — interveio Mademoiselle Bourienne.

— E eu que não desconfiava de nada!... — exclamou a princesa Maria. — Ah! André, não o via.

André apertou a irmã contra si e disse-lhe que ela ainda não deixara de ser a mesma choramingas. Maria olhou para o irmão, e no meio das suas lágrimas deteve nele o quente e suave olhar cheio de enternecimento dos seus grandes olhos luminosos, lindíssimos naquele momento.

A princesa Lisa falava sem descanso. O seu labiozinho superior não fazia outra coisa senão agitar-se continuamente, de cima para baixo, sobre o lábio inferior, e um perpétuo sorriso lhe iluminava os dentes e os olhos. Historiava um incidente que lhe tinha acontecido na muda de Spass, o qual poderia ter sido perigoso para ela no estado em que estava, e imediatamente se pôs a dizer que deixara todos os seus vestidos em Petersburgo e que não iria ter nada que vestir, que André tinha mudado muito, que Kitty Odintsova casara com um velho, e que ela arranjava para Maria um noivo a sério, mas que disso haviam de conversar mais tarde. A princesa Maria, calada, não deixara de fitar o irmão, e os seus lindos olhos estavam plenos de afetuosidade e tristeza. Via-se bem que os seus

pensamentos tomavam um caminho muito diverso dos da sua cunhada. Enquanto esta falava da última festa a que assistira em Petersburgo, a princesa Maria voltou-se para o irmão.

— Está então resolvido a ir para a guerra, André? — interrogou ela, no meio de um suspiro. Lisa estremeceu também.

— Sim, e amanhã mesmo — replicou ele.

— Abandonou-me aqui, e só Deus sabe por quê, quando ele podia ser promovido...

A princesa Maria não a deixou acabar e, seguindo o curso dos seus pensamentos, disse para a cunhada, indicando afetuosamente com os olhos o volume do seu ventre.

— É realmente verdade? — perguntou.

Lisa mudou de expressão. Teve um suspiro.

— Sim, é verdade — volveu ela. — Ah, é assustador...

Os lábios contraíram-se-lhe. Aproximou a cara do rosto da cunhada e subitamente principiou a chorar.

— Precisa de descansar — disse o príncipe André franzindo as sobrancelhas. — Não é verdade, Lisa? Leva-a contigo, que eu vou ver o pai. Como vai ele? Sempre na mesma?

— Sim, está sempre na mesma; não sei como tu o vais achar — respondeu Maria com jovialidade.

— Sempre as mesmas horas e os passeios pelas avenidas? E o torno? — perguntou André, com um sorriso imperceptível que queria dizer que, apesar de todo o seu amor e o seu respeito filiais, conhecia as fraquezas do pai.

— Sim, sempre as mesmas horas, e o torno e, ainda por cima, as matemáticas e as minhas lições de geometria — replicou jovialmente a princesa Maria, como se estas lições de geometria fossem uma das maiores alegrias da sua vida.

Passados que foram os vinte minutos necessários para o descanso do velho, Tikon veio buscar o príncipe para o conduzir junto do pai. O velho dispensara-se de cumprir o seu programa em honra do filho: mandara-o entrar para os seus aposentos enquanto se vestia para o jantar. Conservava os velhos costumes: o cafetã e o pó. E quando André apareceu, já não com o aspecto e as maneiras entediadas que costumava aparentar nos salões, mas com o ar animado que mostrava em suas conversas com o Pedro, o velho estava no seu gabinete de toilette, enterrado numa poltrona de marroquim, de penteador, confiando a cabeça aos cuidados de Tikon.

— Eh, o guerreiro! Então queres-te bater com o Bonaparte? — exclamou, abanando a cabeça empoadada tanto quanto lho consentia Tikon, que

estava a entrançar-lhe o rabicho.

— Trata de te portares à altura, ou então não tarda muito que também nós estejamos a fazer parte do número dos seus súditos. Como vai isso? — acrescentou, oferecendo-lhe a face.

O velho estava de ótima disposição, depois do sono que costumava fazer antes de jantar. Tinha por hábito dizer que a sesta depois de jantar era prata e antes de jantar ouro. Por debaixo das suas espessas sobrancelhas ia lançando ao filho olhadelas matreiras. O príncipe André aproximou-se e beijou o pai no sítio designado. Não respondeu ao tema favorito da conversa paterna, aos seus gracejos sobre os militares do tempo e especialmente sobre Bonaparte.

— Sim, viemos vê-lo, meu pai; minha mulher, que está no seu estado interessante, e eu — disse, observando, com o seu vivo olhar, nem por isso menos respeitoso, todos os movimentos da fisionomia paterna. — Como tem passado de saúde?

— Só estão doentes, meu rapaz, os imbecis e os estroinas, e tu conheces-me. Estou sempre ocupado, da manhã à noite, e sou pessoa sóbria; por conseguinte, tenho saúde.

— Louvado seja Deus! — exclamou o filho, sorrindo.

— Deus não é para aqui chamado. Então conta-me cá — prosseguiu, voltando à sua cisma familiar — como é que os alemães vos ensinaram a combater o Bonaparte segundo a vossa nova ciência, a chamada estratégia?

O príncipe André sorriu.

— Deixe-me tomar fôlego, meu pai — dizendo o que, não deixava de mostrar, pela sua expressão, que as manias do pai o não impediam de o adorar e de o venerar. — Nem sei ainda onde é que nos vai instalar.

— Tolice, tolice — exclamou o ancião, sacudindo o rabicho, para ver se estava a seu gosto, e dando o braço ao filho. — Os aposentos da tua mulher estão preparados. A Maria se encarregará de a conduzir até lá, e ela lhos mostrará, e hão de ter muito que dizer. Isso é lá com elas. Estou muito contente que ela tenha vindo. Senta-te, senta-te e conta-me. O exército de Mikelson, sim, bem sei, e o de Tolstói também... Operações simultâneas... e o exército do sul, o que vai fazer? A Prússia, a neutralidade, sim, bem sei. E a Áustria?

Enquanto falava, tinha-se levantado da poltrona e andava de um lado para o outro, seguido por Tikon, que lhe ia apresentando as diversas peças de vestuário.

— E a Suécia? Como é que vamos atravessar a Pomerânia?

O príncipe André, perante a insistência do pai, primeiro contrariado, depois numa animação crescente, e deixando de falar russo, para falar francês, como era seu costume, principiou a expor o plano da futura campanha. Aludiu à

forma como um exército de oitenta mil homens deveria ameaçar a Prússia, para obrigá-la a abandonar a neutralidade e arrastá-la para a guerra, a maneira como uma parte deste exército viria juntar-se ao sueco, em Stralsund, como duzentos e vinte mil austríacos, reunidos a cem mil russos, deviam agir em Itália e sobre o Reno, como cinquenta mil russos e o mesmo número de ingleses viriam a desembarcar em Nápoles e como no seu total um exército de quinhentos mil homens deveria atacar os franceses em diversas frentes. O príncipe não mostrava o mais pequeno interesse por esta exposição e nem parecia mesmo ouvi-la, continuando a vestir-se enquanto andava de um lado para o outro. Por três vezes interrompeu o filho de maneira assaz inesperada. A primeira foi para gritar: — O branco! o branco!

Com isto queria dizer que Tikon não estava a dar-lhe o colete que ele queria. A segunda, deteve-se, para perguntar:

— E é para breve o parto? — Depois abanou a cabeça reprovadoramente. — É mau! Continua, continua.

A terceira vez foi quando o príncipe André chegava ao cabo da sua exposição. Pôs-se então a cantarolar, numa voz de velho em falsete:

— Malbroug vai para a guerra. Sabe Deus quando voltará.

O filho contentou-se em sorrir.

— Não posso dizer que estou de acordo com este plano — disse ele — Limito-me a expor-lho tal como ele é. Napoleão também já tem o seu, que é tão bom como este.

— Bom, não me disseste nada de novo. — E, pensativamente, o velho príncipe repetiu, resmungando entre dentes: — Sabe Deus quando voltará. E agora para a mesa.

Capítulo XXVII

À hora precisa, o príncipe, empoado e barbeado, deu entrada na sala de jantar, onde o aguardavam a nora, a princesa Maria, Mademoiselle Bourienne e o arquiteto, que, por estranha fantasia, se sentava com o príncipe à mesa, embora esse homem, insignificante pessoa que era, no ponto de vista social, não contasse com tanta deferência. O príncipe, que era muito respeitador da etiqueta e das diferenças de classe e só muito raramente sentava à sua mesa os mais importantes funcionários da província, quando menos se esperava, quisera mostrar, na pessoa do arquiteto, Mikail Ivanovitch, o qual tinha por hábito assoar-se, disfarçadamente, a um grande tabaqueiro, que os homens para ele eram todos iguais. Várias vezes explicara à filha que Mikail Ivanovitch em nada era inferior a qualquer deles. À mesa era muito vulgar o príncipe dirigir a palavra ao pouco falador Mikail Ivanovitch.

Na sala de jantar, imensa como todas as dependências da casa, as pessoas de família e os criados aguardavam a chegada do príncipe, de pé, atrás de cada cadeira; o chefe, de guardanapo no braço, vigiava a mesa, piscando o olho aos lacaios, enquanto ia e vinha, no seu passo tranquilo, entre o grande relógio e a porta por onde o príncipe devia entrar.

André contemplava um grande quadro de moldura dourada, novo para ele, com a árvore genealógica dos príncipes Bolkonski, simétrico com outro quadro, do mesmo tamanho, que representava muito mal — obra, claro está, de qualquer pintor criado no solar — um príncipe soberano, com a coroa, provavelmente um descendente de Rurik e antepassado da família dos Bolkonski. O príncipe André observava esta árvore genealógica, abanando a cabeça. A certa altura principiou a rir, como quando se olha para uma caricatura.

— Ora aqui está ele! — exclamou para a princesa Maria, que se aproximara.

Maria encarou com o irmão sem esconder estar surpreendida. Não percebia por que ele estava a rir. Tudo quanto o pai fazia era para ela motivo de veneração, e não admitia críticas.

— Cada um lá tem o seu calcanhar-de-aquiles — prosseguiu André — Um homem tão inteligente e prestar-se a uma coisa tão ridícula!

A princesa não podia admitir a audácia destas observações, e preparava-se para responder quando se ouviram os passos, que todos esperavam, vindos do gabinete de trabalho do príncipe. O velho militar entrou na sala de jantar com o seu passo rápido e vivo, como se quisesse opor-se, com aqueles seus modos animados, à ordem severa que reinava na casa. Na mesma altura o grande

relógio deu duas horas, e outro, retinindo fracamente, respondeu-lhe, lá de dentro, do salão. O príncipe deteve-se. Por sobre as suas espessas sobranceiras proeminentes as suas pupilas severas, vivas e brilhantes, observaram todas as pessoas presentes, fixando-se na mulher do príncipe André. Esta sentiu nesse momento a impressão que costumam sentir os cortesãos no ato da chegada do soberano, um sentimento misto de temor e de respeito, que o príncipe inspirava a todos quantos dele se aproximavam. Depois passou a mão pelos cabelos da jovem princesa e deu-lhe umas pancadinhas na nuca um pouco atabalhoadamente.

— Estou muito contente, estou muito contente de a ver — disse, olhando-a fixamente uma vez mais, e, de chofre, voltou-se para sentar-se à mesa. — Tomem os seus lugares, tomem os seus lugares! Mikail Ivanovitch, sente-se.

O velho príncipe indicou à nora um lugar a seu lado. Um criado ajudou-a a sentar.

— Sim, senhor, sim, senhor! — exclamou, ao ver as amplas formas da princesa. — Chama-se a isto não perder tempo! Hem, que marota!

E rompeu num riso seco, frio e desagradável, o riso que tinha sempre, um riso só da boca, não dos olhos.

— É preciso andar, andar o mais possível, o mais possível — acrescentou.

A princesinha não ouvia ou não queria ouvir o que ele dizia. Estava calada e parecia preocupada. Só quando o príncipe lhe perguntou pelo pai, principiou a falar e a sorrir. Interrogou-a acerca das pessoas que ambos conheciam. Então ela sentiu-se à vontade e pôs-se a tagarelar, transmitindo-lhe os cumprimentos de alguns conhecidos, contando-lhe casos de má-língua da cidade.

— A condessa Apraksine, coitada, perdeu o marido e está farta de chorar — dizia ela, cada vez mais animada.

À medida que se entusiasmava, o príncipe ia-a olhando cada vez mais severamente, e, de súbito, como se a tivesse estudado o suficiente e acabasse por fazer dela um ideia exata, desviou para outro lado a sua atenção, dizendo a Mikail Ivanovitch:

— Pois é verdade, Mikail Ivanovitch, as coisas não vão correr bem para o nosso Bonaparte. Como me contou o príncipe André — falava sempre de André na terceira pessoa -, estão a juntar-se forças contra ele. E nós que sempre o consideramos uma nulidade.

Mikail Ivanovitch, que desconhecia por completo o momento em que ambos tinham falado de Bonaparte, mas que percebia que se estavam a servir dele para abordar a conversa do costume, lançou um olhar surpreso ao moço príncipe, sem saber o que ia passar-se.

— Sim, é um grande estratega — disse o príncipe ao filho, apontando-lhe o arquiteto.

E a conversa de novo incidiu sobre a guerra, sobre Bonaparte, os generais e os estadistas do tempo. O fato é que o velho príncipe estava realmente convencido não só de que todos os grandes homens do momento eram crianças, ignorando, inclusivamente, o bê-á-bá da guerra e da política, mas também, que Bonaparte não passava de um insignificante francês, que triunfara apenas por não haver para se lhe opor um Potemkine ou um Suvorov. Estava mesmo convencido de que não haveria na Europa dificuldades políticas nem realmente haveria guerra. Estava-se apenas a representar uma comédia de fantoches, em que os homens da época fingiam desempenhar um papel muito sério. O príncipe André acolhia com grandes gargalhadas estas trocas, e, é claro, divertia-se a excitar o pai e a ouvi-lo.

— Tudo o que é de outros tempos lhe parece excelente — disse ele -, mas não é verdade que o próprio Suvorov caiu na armadilha que lhe preparou Moreau e não foi capaz de se ver livre dela?

— Quem te disse isso? Quem te disse isso? — interrogou o príncipe. — Suvorov! — E afastou de diante de si o prato, que Tikon pressurosamente levantou. — Suvorov!... Pensa um pouco, príncipe André. Eram dois homens: Frederico e Suvorov... Moreau!... Mas este Moreau teria ficado prisioneiro se Suvorov tivesse as mãos livres, e as suas mãos estavam ligadas pelo Hofskriegswurstschnappsath. Nem o Diabo teria sido capaz de se ver livre dele. Ora, ainda os há de ver, esses Hofskriegswurstschnappsath! Se Suvorov não pôde levar a melhor, como é que Mikail Kutuzov o conseguirá? Sim, meu amigo — prosseguiu -, com os generais que temos nada podemos contra Bonaparte. O que nós precisávamos era de franceses — ladrão para roubar outro ladrão. Lá mandaram o alemão Pahiem a Nova Iorque, à América, para apanhar o francês Moreau para o exército russo. Lindo serviço!... Eram, porventura, alemães os Potemkines, os Suvorovs ou os Orlovs? Não, meu rapaz, ou vocês, lá para os vossos lados, perderam a cabeça, ou então sou eu quem está a ficar maluco. Deus vos acuda, mas cá estamos para ver. E dizem eles que Bonaparte é um grande general! Hum! Hum!...

— Não tenho a pretensão de pensar que todas as medidas tomadas sejam de primeira ordem — replicou o príncipe André -, mas não posso compreender que o pai tenha uma tal opinião acerca de Bonaparte. Pode rir-se à vontade. O que não há dúvida é que Bonaparte é um grande general!

— Mikail Ivanovitch! — exclamou o velho príncipe, dirigindo-se ao arquiteto, o qual, todo absorvido a comer o assado, teria preferido que o

esquecessem. — Eu disse-lhe que Bonaparte era um grande estrategista? Aqui está um da mesma opinião.

— Mas com certeza, Excelência — replicou o arquiteto.

E o príncipe riu de novo com o seu frio riso.

— Bonaparte nasceu num sino. Tem soldados. E principiou por se atirar aos alemães. Desde que o mundo é mundo que toda a gente venceu os alemães. E eles nunca venceram ninguém, a não ser quando se batem uns contra os outros. Foi combatendo contra eles que Napoleão se tomou glorioso.

E o príncipe pôs-se a expor todos os erros que, segundo ele, tinham sido cometidos por Bonaparte em todas as suas campanhas, e até, inclusivamente, nos negócios públicos. O filho não o contrariava, mas era claro que, apesar de toda aquela argumentação, ele, tal como o velho pai, nunca mudaria de opinião. André ouvia, procurando dominar-se, para não fazer qualquer objeção, surpreendido, no entanto, que aquele velho, há tantos anos para ali isolado no meio das suas terras, fosse capaz de julgar e de conhecer, em todos os seus pormenores e com tanta finura, a situação militar e política da Europa dos últimos anos.

— Julgas que um velho como eu nada percebe dos problemas atuais? — concluiu ele. — Que queres tu então que eu faça? De noite não durmo. Vamos lá a saber onde é que esse teu grande general já demonstrou que o era de fato?

— Isso levaria tempo — replicou o filho.

— Que tenhas muita saúde mais o teu Bonaparte. Mademoiselle Sourienne, aqui tem mais um admirador do grosseiro do seu imperador! — exclamou ele num francês excelente.

— Sabe que eu não sou bonapartista, meu príncipe.

— Sabe Deus quando voltará... — cantarolou o príncipe, na sua voz de falsete, e, foi a rir, num riso igualmente em falsete, que se levantou da mesa.

A princesinha estivera calada durante toda a discussão e até ao fim do jantar, olhando, alarmada, primeiro a princesa Maria e depois o sogro. Quando se levantaram da mesa, travou do braço da cunhada e levou-a consigo para a sala contígua.

— Como o seu pai é um homem inteligente! — observou ela. — É por isso, talvez, que me mete medo.

— Oh, é tão bom! — replicou a cunhada.

Capítulo XXVIII

O príncipe André devia partir no dia seguinte à tarde. O velho príncipe, sem alterar os seus hábitos, retirou-se depois do jantar. A princesinha estava nos aposentos da cunhada. André vestiu uma farda de viagem, sem dragonas, e pôs-se a fazer as malas, com o auxilio do criado de quarto, no aposento que lhe fora reservado. Após haver examinado ele próprio a carruagem em que ia partir e a instalação das bagagens, deu ordem para atrelarem. No quarto apenas conservava os objetos que levaria consigo: um pequeno cofre, um estojo de toilette de viagem, de prata, duas pistolas turcas e um sabre, presente do pai, que este lhe trouxera de Otchakov. Todos estes objetos estavam em perfeito estado: tudo como novo e limpo, cada coisa no seu estojo de pano cautelosamente afivelado.

No momento em que um homem parte para uma viagem, ou se prepara para mudar de vida são muitos os pensamentos que o assaltam, desde que seja pessoa capaz de reflexão. Todo o passado lhe ocorre e faz projetos sobre o futuro. André parecia preocupado e comovido. Com as mãos atrás das costas, ia e vinha, em passo rápido, de um extremo ao outro do quarto, o olhar fixo e abanando a cabeça. Quer sentisse medo de partir para a guerra, quer sofresse por ter de deixar a mulher, e talvez as duas coisas o preocupassem, era natural que não quisesse que o vissem naquele estado, pois, ao ouvir passos no vestíbulo, mudou rapidamente de atitude, deteve-se diante da mesa, como para afivelar a cobertura da mala, e de novo no seu rosto transpareceu a expressão séria e impenetrável de sempre. Eram os pesados passos da princesa Maria.

— Disseram-me que tinhas mandado atrelar — articulou ela, arquejante (via-se que viera a correr). — E eu que tanto queria conversar contigo a sós. Só Deus sabe quanto tempo vamos estar separados! Não estás zangado por eu ter vindo? É que mudaste tanto, Andriucha — acrescentou, como para justificar a sua pergunta.

A princesa Maria sorriu ao tratá-lo por Andriucha. Via-se que achava estranho aquele belo homem de aspecto severo ser o mesmo Andriucha, esse garoto magricela e travesso seu companheiro de infância.

— E a Lisa onde está? — perguntou ele, que apenas lhe respondera com um sorriso.

— Estava tão cansada que adormeceu no meu quarto num divã. Ah! André! Que tesouro que é a sua mulher! — exclamou sentando-se num canapé, diante do irmão. — É uma verdadeira criança, tão gentil, tão alegre! Gosto tanto dela.

O príncipe André nada disse, mas a irmã viu a expressão irônica e um pouco desdenhosa que lhe invadiu o rosto.

— Temos de ser indulgentes para com as suas pequenas loucuras. Quem as não têm? André, não te esqueças de que foi criada e educada na sociedade. E a verdade é que a sua situação está longe de ser cor-de-rosa. Temos de nos colocar na posição dos outros. Tudo compreender é tudo perdoar. Pensa na sorte que a espera, coitadinha. Depois da vida que tem feito, ficar para aqui, no campo, separada do marido, e sozinha, sobretudo no estado em que está. É penoso!

André sorria, olhando para a irmã, como costumamos sorrir ao ouvir alguém em que julgamos ler como num livro aberto.

— Mas tu também vives no campo e não achas que a vida aqui seja assim uma coisa tão terrível! — observou ele.

— Comigo é outra coisa. Para que havemos de falar de mim? Não quero outra vida, e não posso desejar vida diferente, porque não conheço senão esta. Mas pensa, André, o que representa para uma senhora de sociedade enterrar-se numa aldeia, nos melhores anos da sua vida, e só, pois o pai está sempre ocupado, e eu... tu bem sabes como eu sou pobre de recursos aos olhos de uma mulher habituada à melhor sociedade. Só Mademoiselle Bourienne...

— Não posso com a vossa Bourienne — replicou André.

— Não digas isso! É uma rapariga gentil e boa, e ainda por cima tão infeliz! Já não tem ninguém no mundo, absolutamente ninguém. Para dizer a verdade, não só já me não é precisa, como até me incomoda. Tu bem sabes que fui sempre um pouco selvagem, e agora ainda mais. Aprecio estar só... O meu pai gosta muito dela. Tanto ela como o Mikail Ivanovitch são as duas pessoas para quem ele tem sido sempre amável e bom. É para eles um verdadeiro benfeitor. Como diz Sterne, “nós gostamos das pessoas menos pelo bem que elas nos fizeram que pelo bem que lhe fizemos a elas”. O meu pai tomou conta desta rapariga, órfã sem casa. Tem muito bom coração. E o meu pai adora a maneira como ela lê. É ela quem lhe faz a leitura em voz alta, todas as tardes. Lê muito bem.

— Confessa. Maria, tu deves passar o teu mau bocado, penso eu, por causa do feitio do pai — disse, de súbito, André.

Maria principiou por mostrar-se surpreendida e depois sentiu-se assustada com a pergunta.

— Eu? Eu? Passar um mau bocado — tartamudeou.

— Ele foi sempre irascível, mas agora ainda se tomou mais difícil, creio eu — e exprimia-se tão à vontade sobre o carácter do pai que só podia ter um fim: irritá-la ou experimentá-la.

— Tu és muito bom, André, mas tens um certo orgulho — observou a princesa, seguindo antes o curso dos seus pensamentos que propriamente o fio da conversa — e isso é um grande pecado. Achas que se pode permitir a um filho julgar o seu pai? E, mesmo que se admita uma coisa dessas, achas que um homem como o meu pai possa inspirar outros sentimentos que não sejam de veneração? Sinto-me tão satisfeita e feliz ao pé dele! Só queria uma coisa: que todos vocês fossem tão felizes como eu.

O príncipe André abanou a cabeça como quem não está muito convencido.

— A única coisa que me é penosa, vou dizer-te a verdade, André, é a opinião de meu pai em assuntos religiosos. Não compreendo que um homem tão inteligente não veja o que é claro como a luz do dia e se desoriente até ao ponto a que chegou. Só isto me faz infeliz. Mas nos últimos tempos verifiquei que está um pouco melhor. Ultimamente as suas troças são menos acerbadas e até consentiu em receber um frade e esteve muito tempo a conversar com ele.

— Pois bem, minha querida, receio que tu e o teu frade estejam a perder o vosso latim — observou André em tom trocista, mas amável.

— Ah! meu amigo. Não faço outra coisa senão pedir a Deus, e espero que ele me ouça. André — acrescentou ela, timidamente, depois de uma breve pausa -, tenho de te fazer um grande pedido.

— De que é que se trata, minha amiga?

— Promete-me, antes de mais nada, que me não recusarás o que te vou pedir. Não é nada que te custe a fazer e nem é coisa indigna de ti. Promete-me, Andriucha — suplicou ela, metendo a mão na bolsinha de trabalho e apalpando fosse o que fosse sem tirar a mão, como se tivesse entre os dedos precisamente o objeto em questão, objeto que ela não podia mostrar senão depois de ter obtido a promessa que pedira.

Olhava para o irmão timidamente e com olhos suplicantes.

— Ainda mesmo que isso me custasse muito?... — replicou o príncipe André, que parecia desconfiar do que se tratava.

— Podes pensar o que quiseses. Sim, eu bem sei, tu és como o meu pai. Podes pensar o que quiseses, mas faz isso por mim. Peço-te. O pai do meu pai, o nosso avô, trouxe-a consigo em todas as campanhas... — E continuava sem tirar da bolsinha o objeto que tinha entre os dedos. — Então, prometes?

— Claro! De que se trata?

— André, que esta imagem te proteja. Promete-me que não a deixarás mais. Prometes?

— Se ela não pesar muito e me não derrancar o pescoço... Já que isso te dá prazer... — disse ele, e, verificando, ao mesmo tempo, que a sua atitude

causava uma penosa impressão na irmã, mudou de tom. — Com muito prazer, podes crer, com muito prazer, minha amiga — acrescentou.

— Mesmo contra tua vontade. Ele salvar-te-á, conceder-te-á a Sua graça e chamar-te-á para Si, pois é verdade e consolação — murmurou, numa voz trêmula, erguendo nas duas mãos, diante do irmão, num gesto solene, uma antiga imagem oval do Salvador, com o rosto negro, numa moldura de prata suspensa de uma cadeia de filigrana do mesmo metal.

A princesa Maria benzeu-se, beijou a imagem e entregou-a ao irmão.

— Aceita-a. André, aceita-a por mim...

Os seus grandes olhos esplendiam de bondade e de doçura. Iluminavam-lhe o rosto magro e doentio, embelezando-o. O irmão quis pegar na imagem, mas ela deteve-o. André compreendeu, benzeu-se também e beijou-a. Havia nele uma expressão ao mesmo tempo enternecida — estava comovido — e trocista.

— Obrigada, meu amigo.

Beijou-o na testa e voltou a sentar-se no divã. Ficaram calados.

— Sim, André, já te disse, sê bom e generoso como sempre foste. Não julgues Lisa com tanta severidade. Ela é gentil e boa e está neste momento numa bem triste situação.

— Creio nada te ter dito, Macha, que possa ser interpretado como uma censura a minha mulher ou mostrar-te que esteja descontente com ela. Por que é que me estás sempre a dizer a mesma coisa?

A princesa Maria corou, calando-se, como se se sentisse culpada.

— Por mim, não te disse nada, mas outras pessoas, sem dúvida, já te falaram no caso. E isso é-me penoso.

Manchas vermelhas cobriram a testa e as faces de Maria. Quis dizer qualquer coisa, mas não pôde articular palavra. O irmão adivinhara. A princesinha, depois do jantar, chorara e dissera que receava um parto difícil, que estava cheia de medo e lamentara-se da sua sorte, do sogro, do marido. Depois de chorar, adormecera. O príncipe André teve pena da irmã.

— Podes ter a certeza. Macha, não a censurei, nunca a censurei por qualquer coisa e nunca censurei a minha mulher em coisa alguma. E eu próprio nada tenho a censurar-me no meu comportamento para com ela. E sempre assim será, seja qual for a situação em que venha a encontrar-me. Mas queres saber a verdade... queres saber se eu sou feliz, se ela é feliz? Pois bem, não, não sou, não somos. Por quê? Não sei...

Ao dizer estas palavras, levantou-se, aproximou-se da irmã e, inclinando-se para ela, beijou-a na testa. Os seus belos olhos incendiaram-se, e

neles brilhou um invulgar lampejo de lucidez e bondade. Não era na irmã que o seu olhar se fixava, mas nas trevas, para além da porta aberta por detrás dela.

— Vamos ter com ela. É preciso dizer-lhe adeus. Ou, antes, vai tu sozinha, acorda-a, eu já lá vou ter. Petrushka! — gritou ele, chamando o criado de quarto. — Anda cá, leva estas coisas. Põe isto ao pé do assento, aquilo à direita.

A princesa Maria levantou-se e encaminhou-se para a porta. Aí deteve-se.

— André, se fosses crente, ter-te-ias dirigido a Deus a pedir-lhe que te desse o amor que tu não sentes, e a tua oração seria ouvida.

— Sim, é possível — volveu André. — Vai, Macha, vou já ter convosco.

Quando se dirigia aos aposentos da irmã, na galeria, que estabelecia a comunicação entre os dois corpos da casa, o príncipe encontrou Mademoiselle Bourienne, que lhe sorriu graciosamente. Era a terceira vez naquele dia que ele encontrava no seu caminho, e nos lugares mais solitários, o seu sorriso simples e entusiasta.

— Ah! Julgava-o nos seus aposentos! — exclamou ela, corando um pouco e baixando os olhos.

O príncipe lançou-lhe um olhar severo; tomara repentinamente uma expressão irritada. Não lhe respondeu, e, sem a fixar nos olhos, dirigiu-lhe um olhar tão desdenhoso que a francesa ficou toda corada, retirando-se sem dizer mais nada. Quando o príncipe entrou nos aposentos da irmã, sua mulher já estava acordada e através da porta aberta ouvia-se a sua vozita alegre, que desfiava com volubilidade o rosário das palavras. Dir-se-ia que procurava recuperar o tempo perdido depois de uma longa abstenção.

— Não, mas imagine a velha condessa Zuboff, com postiços no cabelo e a boca cheia de dentes postiços, como se quisesse desafiar os anos... Ah! ah! ah!. Maria!

Era a quinta vez que André ouvia a mulher diante de estranhos pronunciar esta mesma frase sobre a condessa Zuboff, acompanhada do mesmo riso. Entrou sem fazer ruído. A mulher, redondinha e rosada, o trabalhinho na mão, estava sentada numa poltrona e falava ininterruptamente, contando coisas de Petersburgo e repetindo, inclusivamente, verdadeiras frases feitas. André aproximou-se dela, acariciou-lhe os cabelos e perguntou-lhe se se sentia refeita da viagem. Ela respondeu-lhe e continuou a tagarelar.

Uma carruagem tirada por seis cavalos estava diante da escada. Lá fora era noite, uma noite sombria de outono. O cocheiro nem sequer podia ver os varais do carro. Na escada agitavam-se pessoas com lanternas na mão. A imensa casa tinha todas as suas grandes janelas iluminadas. No vestíbulo juntavam-se,

acotovelando-se, os criados servos, que todos queriam dizer adeus ao jovem príncipe. Na grande sala estava reunida toda a gente da casa: Mikail Ivanovitch, Mademoiselle Bourienne, a princesa Maria e a jovem esposa de André. Este último tinha sido chamado ao gabinete do pai, que queria despedir-se dele a sós. Todos os estavam aguardando.

Quando André penetrou no gabinete do pai, o velho príncipe, de óculos e roupão branco, traje com que não recebia ninguém, a não ser o filho, estava sentado a sua mesa e escrevia. Voltou-se.

— Vais-te embora? — interrogou ele, continuando a escrever.

— Vim dizer-lhe adeus.

— Dá cá um beijo, aqui. — Indicava-lhe o local. — Obrigado, obrigado.

— Por que é que me está a agradecer?

— Porque tu não és homem para fazer amanhã o que podes fazer hoje... Não te agarras às saias das mulheres. A tropa antes de tudo. Obrigado! Obrigado! — Continuava a escrever e a pena ia-lhe salpicando o papel. — Se tens seja o que for para me dizeres, fala. Posso fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

— Queria falar-lhe de minha mulher... Estou bastante apoquentado por ter de a deixar entregue a si.

— Que estás tu para aí a dizer? Vamos, de que precisas?

— Quando chegar a hora do parto, peço-lhe que mande vir de Moscou um médico parteiro... Para que ele esteja presente nesse momento.

O velho príncipe pousou a pena, e, como se não compreendesse, fitou no filho um olhar severo.

— Bem sei que nada se pode fazer quando a natureza não obra por si mesma — disse André, visivelmente perturbado. — Reconheço que num milhão de casos deste gênero só um, talvez, não corre bem, mas ela tem lá essa mania, e eu também. Temos de acreditar que a embruxaram. Teve sonhos e tem medo.

— Hum! Hum!... — tartamudeou o velho, continuando a escrever. — Está bem, farei o que me pedes.

Firmou, com uma larga assinatura, a carta que escrevera e depois voltou-se bruscamente para o filho. Pôs-se a rir.

— Espetaste-te, hem?!

— Que diz, meu pai?

— A tua mulher — respondeu ele, conciso e sem subterfúgios.

— Não compreendo — replicou o filho.

— E nada a fazer, meu velho. São todas a mesma coisa: não nos podemos descasar. Não tenhas receio; não direi nada a ninguém; mas tu sabes

com o que podes contar.

Agarrou o filho com a mão ossuda e delgada, abanou-o, olhando-o, fixamente, com as suas pupilas vivas, como se o quisesse atravessar de lado a lado. Depois, de novo soltou uma gargalhada fria.

O filho teve um suspiro, e com isso confessava que o pai tinha adivinhado, o velho continuou a dobrar e a lacrar a carta, manejando o lacre, o sinete e o papel com a sua agilidade habitual.

— Nada a fazer! É uma bela mulher! Farei tudo o que for preciso, está descansado — disse ele, continuando a sua tarefa.

André calou-se. Estava ao mesmo tempo contente e descontente de que o pai o tivesse compreendido. O velho ergueu-se e entregou a carta ao filho.

— Ouve — disse-lhe ele. — Não te preocupes com a tua mulher. O que se puder fazer, far-se-á. E agora ouve. Aqui tens uma carta para Mikail Ilarionovitch. Peço-lhe aqui que te mande para onde for necessário e não te conserve muito tempo no estado-maior: é um lugar detestável. Diz-lhe que me lembro sempre dele e da nossa velha amizade. Depois manda-me dizer como é que ele te recebeu. Agora anda cá.

Falava com tanta volubilidade que não acabava, sequer, a maior parte das palavras, mas o filho estava muito habituado a ouvi-lo. Conduziu-o até junto de uma papeleira, abriu-a, puxou uma gaveta e tirou de lá um caderno verde coberto pelos caracteres da sua caligrafia alongada, cerrada e ágil.

— Naturalmente, eu morrerei antes de ti. Quero que saibas que estão aqui os meus apontamentos. É necessário transmiti-los ao imperador depois da minha morte. Aqui está um papel de crédito e uma carta: é um prêmio para aquele que escrever a história das campanhas de Suvorov. Manda isto para a Academia. Aqui está o meu diário. Lê-o depois de eu me ir embora, tens que aprender.

André não disse ao pai que ainda teria certamente muitos anos para viver. Compreendia que o momento não era para dizer coisas dessas.

— Tudo farei, meu pai — disse ele.

— E agora adeus! — Deu-lhe a mão a beijar, e apertou-o nos braços. — Lembra-te de uma coisa, príncipe André: se fores morto, eu, velho, como sou, sentirei uma grande dor... — Calou-se bruscamente e continuou em seguida numa voz firme e sonora: — Mas se eu vier a saber que tu não te portas como filho, que és, de Nicolau Bolkonski, isso para mim será... uma vergonha! — rematou.

— Aí está uma coisa que meu pai podia ter evitado dizer-me — observou o filho sorrindo.

O velho ficou calado.

— Há ainda outra coisa que lhe queria pedir — prosseguiu André. — Se eu for morto e se me nascer um filho, não o afaste de sua casa, e, como ontem

lhe disse, deixe-o crescer a seu lado. Peço-lhe, pai.

— Não será necessário entregá-lo a tua mulher? — disse o velho, soltando uma gargalhada.

Estavam calados em frente um do outro. O pai olhava o filho bem nos olhos e o queixo tremia-lhe, num movimento nervoso.

— A despedida acabou... vai! — disse repentinamente — Vai — repetiu, numa voz forte e colérica, abrindo a porta.

— Que foi? O que aconteceu? — perguntaram as duas princesas, ao verem André e a furtiva silhueta do velho, de roupão branco, sem cabeleira, de óculos, com fulgurações de voz irritada.

André limitou-se a suspirar, sem responder.

— Bom — disse ele, dirigindo-se à mulher.

Pôs nesta simples palavra um acento trocista, que parecia dizer: “Chegou agora o momento de tu fazeres as tuas choraminguices.”

— Já. André?! — exclamou a princesinha empalidecendo e olhando-o com terror.

André tomou-a nos braços. A princesa soltou um grito e caiu-lhe desmaiada no ombro.

O príncipe André, com todo o cuidado, afastou-a, examinou o estado da mulher e fê-la assentar, docemente, numa poltrona.

— Adeus, Maria — disse para a irmã em voz baixa; beijou-a, pegando-lhe nas mãos, e afastou-se em passos rápidos.

A jovem princesa continuava estendida na poltrona; Mademoiselle Bourienne aspergia-lhe a cara. A princesa Maria, enquanto amparava a cunhada, com os seus lindos olhos rasos de lágrimas não deixava de olhar a porta por onde o príncipe André desapareceu, traçando sobre ele o sinal da cruz. Do gabinete vinham, como se fossem tiros de pistola, as explosões furiosas, e muito repetidas, do velho, que se assoava estrepitosamente. Mal André saiu, abriu-se a porta do gabinete e apareceu uma figura severa de roupão branco.

— Foi-se embora? Bom, está bem! — disse o velho, lançando um olhar irritado à princesinha, ainda estendida, desmaiada. Depois abanou a cabeça, furioso, e bateu com a porta.

Segunda Parte

Capítulo I

Em outubro de 1805 os exércitos russos ocupavam um certo número de cidades e de aldeias do arquiducado da Áustria, onde estavam chegando constantemente regimentos frescos, vindos da Rússia, grande encargo para a população, indo concentrar-se ao pé da fortaleza de Braunau. Braunau era o quartel-general do comandante-chefe Kutuzov. A 11 de outubro de 1805, um dos regimentos de infantaria acabado de chegar estacionava a cerca de meia milha da cidade, aguardando a visita do comandante-chefe. Embora as localidades e a paisagem nada tivessem de russo — eram pomares, muros de pedra, telhados, montanhas ao longe -, e não obstante o caráter estrangeiro da população, que olhava os soldados cheia de curiosidade, o regimento tinha exatamente o aspecto de qualquer outro regimento russo que se estivesse preparando para uma revista fosse onde fosse em plena Rússia.

Na véspera à noite, na última etapa, o regimento recebera a comunicação de que o general-chefe viria inspecioná-lo. Embora as próprias palavras da ordem do dia tivessem parecido pouco claras ao comandante do regimento e delas se não pudesse inferir que as tropas deveriam envergar fardamento de campanha, foi resolvido, em conselho dos comandantes de batalhão, apresentar o regimento de grande uniforme, partindo do princípio de que mais vale tudo do que nada. E foi assim que os soldados, depois de uma marcha de trinta verstas, passaram a noite em claro, arranjando-se e polindo-se, enquanto os oficiais comandantes de companhia contavam os do estado-maior e homens e os repartiam. Pela manhã o regimento deixara de ser uma massa desordenada e em tropel, como na véspera, durante a última etapa, para se transformar numa massa compacta de dois mil homens em que todos sabiam o lugar que lhes competia e o que tinham a fazer e em que cada botão, cada correia, estava onde devia estar, luzindo de asseio. Nem só no exterior reinava a ordem; se o general comandante se lembrasse de espreitar por debaixo das fardas, poderia verificar que cada soldado vestia camisa lavada, e em cada uma das mochilas havia os objetos da ordem — “savão e sovela”, como diziam os soldados. Apenas um pormenor causava uma certa preocupação. Era o calçado. Mais de metade do regimento tinha as botas rotas. A culpa, no entanto, não era do comandante, pois, apesar das constantes reclamações, a intendência austríaca nada fornecera do que se pedira e o regimento já caminhara mil verstas.

O general comandante era um militar já idoso, de pele sanguínea, sobancelhas e suíças grisalhas, de sólida estatura, largo de peito e de ombros.

Envergava um uniforme novo, todo flamante, bem vincado, com grandes dragonas douradas, que em vez de lhe esmagarem os ombros maciços lhos soerguiam. Dava a impressão de alguém contentíssimo de desempenhar um dos atos mais solenes da sua vida. Passeava de cá para lá diante dos cordões de tropa, um pouco trôpego no andar e as costas algo vergadas. Via-se bem que admirava o seu regimento, que estava orgulhoso dele e que lhe dera a própria alma. Apesar disso, o seu andar hesitante parecia querer dizer que além dos interesses militares o preocupavam ideias puramente mundanas, a que não era estranho o belo sexo.

— Bom, Mikafia Mitritch — disse ele para um dos comandantes de batalhão. Este oficial deu um passo em frente sorrindo; via-se bem que ambos estavam de muito boa disposição. — Não tivemos mãos a medir esta noite. Sim, senhor, de qualquer maneira o regimento não é dos piores... hem!

O comandante de batalhão percebeu o gracejo e pôs-se a rir.

— Até no campo de manobras do czar faria figura.

— Hem?! — exclamou o comandante.

Nesta altura, na estrada que vinha da cidade, onde haviam colocado sentinelas, apareceram dois cavaleiros: um ajudante-de-campo seguido de um cossaco.

Era o estado-maior que o enviava para esclarecer o general sobre o ponto pouco claro da ordem do dia, a saber, que o general-chefe desejava encontrar o regimento exatamente no mesmo estado em que ele se apresentava durante as marchas, de capote, as armas nas gualdrapas, sem preparativos de qualquer espécie. Kutuzov recebera na véspera um membro do Conselho Superior de Guerra, chegado de Viena, que vinha propor-lhe e pedir-lhe que operasse o mais depressa possível a sua junção com os exércitos do arquiduque Fernando e de Mack, e Kutuzov, que considerava esta junção desvantajosa, entre outros argumentos favoráveis ao seu ponto de vista tinha a intenção de mostrar ao general austríaco o estado lamentável do exército que chegava da Rússia. Era por isso que ele desejava passar revista ao regimento, e, deste modo, quanto mais deplorável o estado dos homens maior a sua satisfação. Conquanto o ajudante-de-campo não fosse conhecedor de todos estes pormenores, transmitiu ao comandante do regimento o desejo expresso do general-chefe no sentido de encontrar os homens de capote e gualdrapas e acrescentou que, no caso contrário, seria grande o seu descontentamento. Ao ouvir estas palavras, o comandante baixou a cabeça, encolheu os ombros, e deixou cair os braços, num gesto de lassidão.

— Fizemo-la bonita! — exclamou. — Era o que eu lhe dizia. Mikalia Mitritch. Estamos em campanha, quer dizer de capotes às costas. Ah, meu Deus! — acrescentou, avançando com um ar decidido. — Senhores comandantes de

companhia! — gritou, na sua voz de comando. — Sargentos!... Sua Excelência demora-se? — prosseguiu, dirigindo-se ao ajudante-de-campo com um acento de respeitosa deferência para com a pessoa a quem aludia.

— Dentro de uma hora, segundo creio.

— Teremos tempo de mudar de fardas?

— Não sei, meu general...

O comandante do regimento, avançando ele próprio pelo meio das fileiras, tratou de mandar envergar os capotes. Os comandantes de companhia começaram a correr, os sargentos mexiam-se. Os capotes não estavam em muito bom estado. Instantaneamente, as fileiras, até então silenciosas e em ordem, principiaram a ondular, a debandar; ouviu-se um burburinho de vozes. Por toda a parte havia soldados que iam e vinham, atarefados, movimentos de ombros que sacudiam as mochilas, sacos que se punham à cabeça, capotes que se extraíam dos sacos ou braços que se levantavam para enfiar as mangas.

Meia hora depois tudo voltara ao estado primitivo, e de tal maneira que as fileiras negras estavam cinzentas. O comandante, no seu trôpego andar, apresentou-se diante do regimento e, a distância, percorreu-o com os olhos.

— Que vem a ser isto ainda? Que significa isto? — gritou ele, detendo-se. — Comandante da 3ª companhia!...

— Ao general o comandante da 3ª companhia! Ao general o comandante da 3ª companhia! — ouviu-se repetir nas fileiras, e um ajudante-de-campo deslocou-se para procurar o oficial, que tardava em aparecer.

Quando as vozes prestáveis gritando que o general perguntava pela 3ª chegaram, a pouco e pouco, ao seu destino, o oficial procurado saiu das fileiras, e, embora fosse já de certa idade e pouco habituado a correr, tomou a marcha acelerada, desajeitadamente, na ponta dos pés, em direção ao general.

Os traços do capitão exprimiam o desassossego do estudante a quem o professor pergunta uma lição que ele não estudou. O nariz vermelhusco, natural consequência de certa intemperança, cobrira-se-lhe de manchas e a boca tremia-lhe. O comandante do regimento olhava-o dos pés à cabeça enquanto ele, meio sufocado, se aproximava, encurtando o passo, pouco a pouco.

— Não tarda que mande os seus homens vestir sarafanas! Que quer isto dizer? — gritou o comandante, com o queixo saliente, apontando para as fileiras da 3ª companhia, onde se via um soldado com um capote que não era da cor da ordem, o qual se salientava no meio de todos os outros. — E você, onde é que você estava? Estamos à espera do general-chefe e você abandona o seu posto? Hem?... Eu vou-lhe ensinar a vestir os seus soldados para se apresentarem à revista!... Hem!...

O comandante da companhia, sem tirar os olhos do general, apertava cada vez mais os dois dedos contra a pala do quépi, como se só aquele gesto o pudesse salvar.

— Então, o que tem a dizer? Quem é que na sua companhia anda mascarado de húngaro? — prosseguiu o comandante do regimento, em tom ao mesmo tempo severo e gracioso.

— Excelência...

— O quê. Excelência? Excelência! Excelência! Que quer isso dizer? Excelência. Ninguém sabe o que isso vem a ser.

— Excelência, é o Dolokov, que foi degradado... — volveu o oficial, em voz muito baixa.

— E então, foi degradado em marechal ou em soldado? Se é soldado deve vestir-se como toda a gente, de acordo com o regulamento.

— Excelência! Foi Vossa Excelência quem o autorizou para a marcha...

— Autorizei-o? Autorizei-o? Ora aí está, são todos assim, vocês, os rapazes! — exclamou o comandante do regimento, serenando um pouco. — Eu autorizei-o? Dizem-vos uma coisa, e vocês, imediatamente... — Calou-se. — Dizem-vos uma coisa e vocês... — E então? — concluiu, de novo furioso. — Queira mandar vestir os seus homens convenientemente.

E o comandante do regimento, depois de lançar um olhar ao ajudante-de-campo, prosseguiu na sua inspeção, caminhando sempre vacilante. Via-se bem que até o próprio furor lhe era agradável e que, percorrendo as fileiras, procurava ainda qualquer outro pretexto para se encolerizar. Tendo passado uma descompostura a um oficial por causa de uma gorjeira mal polida e a outro por virtude de um mau alinhamento, avançou para a 3ª companhia.

— Isto é que é posição? Onde tens o teu pé? Onde tens o teu pé? — gritou, em voz furibunda, ainda o separavam cinco homens de Dolokov, vestido com um capote azulado.

Dolokov retificou imediatamente a posição da sua perna, na fileira, e fixou o general com os seus olhos brilhantes e escarninhos.

— Por que é que tu estás com um capote azul? Tira isso... Sargento! Dispam-no!... Cana... — Não teve tempo de acabar.

— General! Eu devo executar as ordens que me dão, mas não suportar... — disse precipitadamente Dolokov.

— Não se fala na forma!... Não se fala, não se fala!...

— Não sou obrigado a tolerar injúrias — concluiu Dolokov, em voz alta e inteligível.

Os olhos do general e os do soldado encontraram-se. O general não respondeu, contentando-se em repuxar, colérico, a bandoleira muito esticada.

— Mude de capote, se faz favor — disse ele, afastando-se.

Capítulo II

— Aí vem! — gritou nesta altura a sentinela.

O comandante do regimento, corando, correu para o seu cavalo; trêmulo, pousou o pé no estribo, montou, desembainhou a espada, e, com ar radioso e decidido, abrindo a boca de lado, preparou-se para dar as vozes de comando. O regimento sacudiu-se, como um pássaro que espaneja as asas, e ficou imóvel.

— Sentido!... — gritou, numa voz vibrante, onde havia para ele, general, satisfação, para o regimento severidade e para o comandante que chegava deferência.

Uma caleche vienense, alta e azul, tirada por seis cavalos, vinha avançando, com um ligeiro ruído de ferragens, num trote rápido, ao longo da larga estrada desempedrada, que dois renques de árvores ladeavam. Atrás da caleche galopavam os oficiais às ordens e uma escolta croata. Sentado ao lado de Kutuzov vinha um general austríaco, de uniforme branco, que contrastava no meio dos uniformes negros dos oficiais russos. A caleche parou em frente das fileiras do regimento. Kutuzov e o companheiro conversavam em voz baixa, e aquele teve um vago sorriso no momento em que, no seu andar pesado, punha os pés no estribo do carro, dando a impressão de não perceber estarem ali dois mil homens que, de respiração suspensa, fitavam nele os olhos, nele e no comandante do regimento,

Uma voz de comando ressoou, o regimento ondulou de novo e apresentou armas. No meio de um silêncio de morte, ouvia-se a voz débil do general-chefe. O regimento soltou um urro: “Saúde para Sua Ex... celência... lência... lência...” E de novo tudo ficou silencioso. Kutuzov, de princípio, deixou-se estar parado enquanto o regimento desfilava; depois, ao lado do general de farda branca, a pé e seguido da comitiva, percorreu de um lado para o outro as fileiras dos soldados.

Pela maneira como o general comandante do regimento saudava com a sua espada o general-chefe, comendo-o com os olhos, sempre hirto e correto, e pela forma como ele, inclinando-se para diante, seguia o general na sua marcha através das fileiras de soldados, só com dificuldade dominando o andar claudicante, e ainda pelo modo como se aproximava, a galope, à mínima palavra ou ao mínimo gesto do seu superior, era evidente estar cumprindo as suas obrigações de subordinado com mais satisfação ainda do que cumpria as suas obrigações de comandante. O regimento, graças à severidade e ao zelo do seu general comandante, apresentava-se em muito melhor estado do que os demais regimentos chegados na mesma altura a Braunau. Ao todo havia apenas, entre

doentes e retardatários, duzentos e dezassete homens. E tudo estava em perfeito estado, salvo as botas dos soldados.

Kutuzov percorreu as fileiras, detendo-se, de tempos a tempos, para dirigir algumas palavras amáveis aos oficiais seus conhecidos da guerra da Turquia, e, por vezes, dirigia-se também aos soldados. Ao inspecionar as botas, encolheu os ombros por mais de uma vez, apontando-as ao general austríaco, como a dizer que, se a ninguém podia censurar, nem por isso devia deixar de verificar o mau estado em que se encontrava o calçado do regimento. O comandante a todo o momento se precipitava para a frente, com receio de perder qualquer palavra do que se dizia a respeito do seu regimento. Na retaguarda de Kutuzov, a uma distância que permitia ouvir todas as palavras pronunciadas em voz baixa, seguia a comitiva, composta de vinte pessoas, que, falavam umas com as outras e por vezes até se riam. O militar que seguia na primeira fila atrás do general-chefe era um garboso ajudante-de-campo: nem mais nem menos que o príncipe Bolkonski. A seu lado marchava Nesvitski, oficial superior de alta estatura e muito gordo, de belo rosto sorridente e bom, com os olhos sempre úmidos. Nesvitski não podia deixar de se rir dos modos de um oficial de húsares morenaço que marchava ao seu lado. Este, impassível, de ar imperturbável, fitava, muito sério, as costas do comandante do regimento, copiando cada um dos seus movimentos. De cada vez que este vacilava em cima das pernas ou dobrava a espinha, ele imitava-lhe tal qual o gesto e a curvatura. Nesvitski ria e acotovelava os outros, chamando-lhes a atenção para a pantomima.

Kutuzov passava lenta e pesadamente por diante daqueles milhares de olhos como que desorbitados no esforço de o não perderem de vista. Ao chegar por alturas da 3ª companhia, o general-chefe parou bruscamente. A comitiva, que não contava com aquela paragem, não pôde evitar de colidir com ele.

— Eh, Timokine! — exclamou ele, reconhecendo o comandante do nariz vermelhusco que fora repreendido por causa do capote azul.

Teria parecido impossível que alguém pudesse tomar uma posição mais hirta que aquela que Timokine assumira quando das observações que lhe fizera o comandante do regimento, mas a verdade é, que no momento em que o general-chefe o interpelou tal era a sua rigidez na posição de sentido que, se a cena se prolongasse, lhe teria sido impossível conservar essa atitude. Por isso mesmo, Kutuzov, compreendendo a sua posição, e porque lhe não queria senão bem, seguiu adiante com um sorriso imperceptível na sua face inchada e desfigurada pela cicatriz de uma velha ferida.

— Mais um camarada de Ismail² — disse ele — Um valente militar! Estás contente com ele? — perguntou ao comandante do regimento.

O comandante do regimento, sem saber que a sua imagem se estava a refletir no espelho do oficial de húsares que seguia atrás dele, deu um passo em frente, estremeceu e disse:

— Contentíssimo, Alta Excelência!

— Todos nós temos as nossas fraquezas — observou Kutuzov, sorrindo, e afastando-se. — Aquele tinha a sua predileção por Baco.

O comandante do regimento teve receio de ser censurado por isso e não respondeu. O oficial de húsares neste momento reparou na cara do capitão do nariz vermelhusco e na rigidez com que ele apresentava o ventre na posição de sentido e imitou-o com tal flagrância que Nesvitski não pôde conter o riso. Kutuzov voltou-se. Era evidente que o oficial de húsares tinha uma mobilidade de expressão extraordinária. No mesmo instante em que Kutuzov voltava a cabeça, mimava ele uma máscara apropriada à circunstância e assumia imediatamente o ar mais sério, mais respeitoso e mais inocente deste mundo.

A 3ª companhia era a última e Kutuzov ficara pensativo, como que a procurar lembrar-se fosse do que fosse. O príncipe André, saindo da comitiva do general, aproximou-se dele e disse-lhe em francês, em voz baixa:

— Permito-me dizer-lhe que me pediu lhe lembrasse o degradado Dolokov, deste regimento.

— Onde que está o Dolokov? — perguntou Kutuzov.

Dolokov, que tinha envergado um capote cinzento de soldado, não esperou que o chamassem. A silhueta bem desenhada de um soldado louro e de olhos azuis saiu das fileiras. Aproximou-se do general-chefe e apresentou armas.

— Alguma queixa? — perguntou Kutuzov, franzindo um pouco as sobrancelhas.

— É o Dolokov — esclareceu o príncipe André.

— Ah! — exclamou Kutuzov. — Espero que a lição te sirva de emenda. Cumpre o teu dever de soldado. O imperador é clemente. E eu não te esquecerei, se o mereceres.

Os brilhantes olhos azuis fixaram-se no general-chefe com a mesma arrogância com que se tinham pousado no comandante do regimento, como se Dolokov quisesse desse modo rasgar o véu de convenções que tanto distanciava um general-chefe de um simples soldado.

— O único favor que peço, Mui Alta Excelência — disse ele, na sua voz lenta, sonora e firme — é que me seja permitido apagar a minha falta e mostrar a minha dedicação ao imperador e à Rússia.

Kutuzov fez meia volta. Houve nos seus olhos um sorriso no gênero daquele que por eles perpassara depois da sua entrevista com o capitão Timokine. Franziu as sobrancelhas, como se com isso quisesse significar que tudo quanto

Dolokov lhe tinha dito, que tudo quanto ele próprio lhe poderia ter respondido era coisa desde há muito, muito tempo, conhecida, que tudo isso o enfadava grandemente e que não era nada disso que seria preciso dizer. Voltou costas e encaminhou-se para a caleche.

O regimento formou por companhias e dirigiu-se para os acantonamentos, não distantes de Braunau, onde devia reabastecer-se de botas e de fardamentos e descansar depois de tão duras jornadas.

— Não tem razão de queixa de mim, Prokor Ignatich? — interrogou o comandante do regimento no momento em que se avizinhou da 3ª companhia, que partia para o seu destino, e ao aproximar-se do capitão Timokine, que ia na vanguarda. Depois de uma revista tão bem sucedida, a cara do general transbordava de mal reprimida alegria. — É serviço do czar... Não pode ser de outra maneira... Às vezes, durante as inspeções, uma pessoa está um bocadinho excitada... Eu sou o primeiro a pedir desculpa, conhece-me bem... Os meus agradecimentos! — E estendeu a mão ao capitão.

— Desculpe-me, meu general, se eu ouse — replicou o capitão, com o seu nariz muito vermelho, sorrindo, e mostrando deste modo que lhe faltavam dois dentes da frente, partidos, com uma coronhada, em Ismail.

— E a propósito, comunique ao Dolokov que eu me não esquecerei dele se tiver juízo. E diga-me, se faz favor, que é que ele faz, como é que ele se comporta? E...

— É muito pontual no serviço, Excelência... mas quanto ao caráter... — redarguiu Timokine.

— Quê? Que há quanto ao caráter? — inquiriu o general.

— Há dias. Excelência... Às vezes é bem educado, bom rapaz, sensível. Outras vezes é uma verdadeira fera. Dizem que matou um judeu na Polônia, como sabe...

— Sim, sim, é verdade; mas ainda assim é preciso que a gente seja tolerante para um rapaz que caiu em desgraça. Tem muito boas relações... E também é preciso...

— Eu compreendo, Excelência — disse Timokine, com um sorriso em que se lia que compreendera o desejo do superior.

— Sim, sim.

O comandante do regimento foi em busca de Dolokov, pelo meio das fileiras, e estacou o cavalo.

— No primeiro recontro podes ganhar os teus galões — disse-lhe.

Dolokov fitou-o sem dizer palavra e sem alterar o seu ar sorridente e trocista.

— Bom, agora está tudo em ordem. Um copo de aguardente a cada homem — acrescentou, de maneira a que todos o ouvissem. — A todos obrigado! Louvado seja Deus! — E, ultrapassando a companhia, aproximou-se de outra.

— Sim, apesar de tudo, é boa pessoa; é um tipo com quem a gente se entende — disse Timokine a um oficial subalterno que marchava a seu lado.

— Numa palavra, um rei de copas! — comentou este rindo. Era a alcunha do comandante do regimento entre os seus homens.

A boa disposição dos oficiais depois da revista propagou-se aos soldados. As companhias marchavam alegremente. Havia ditos nas fileiras.

— Diziam que Kutuzov era cego de um olho...

— E é... Não tem um olho.

— Não é verdade... rapazes, vê melhor do que tu. Viu tudo, até as botas e meias...

— Ah, rapazes, quando ele me olhou para as pernas — eu disse cá comigo...

— E o outro, o austríaco, que vinha com ele? Parecia que lhe tinham despejado em cima uma lata de cal. Estava todo enfarinhado. Aposto que eles dão lustro na farda, como nós damos às espingardas.

— Eh. Fedechu!... Ouviste-o dizer quando principiava a batalha? Estavas tão perto dele. Dizem que o Bonaparte em pessoa esta em Brunov.

— Bonaparte? Que tolice! É só isso que tu sabes? Desconheces que os prussianos já se revoltaram? Os austríacos estão a tratar-lhes da saúde. Quando eles acabarem, então é que principia a guerra com o Bonaparte. E aquele a dizer que o Bonaparte está em Brunov! É um imbecil, claro está! Abre-me melhor essas orelhas!

— Ah, esses malditos furriéis! A 5^a, como tu estás a ver, já lá está na aldeia. A esta hora já eles estão a fazer o kacha, e nós ainda tão longe.

— Não tens um biscoito?

— E ontem deste-me tabaco? Está bem, rapaz. Bom, bom. Deus seja contigo!

— Se ao menos fizessem alto... Assim, ainda vamos andar mais umas cinco verstas de barriga vazia.

— Hem! Era bem melhor que os alemães nos oferecessem carruagens. Vai ou não vai? Colossal!

— Isto por aqui, rapazes, é tudo gente de pé descalço. Ao menos lá para cima eram polacos, súditos da coroa russa, enquanto agora, rapazes, são tudo alemães.

— Os cantores à frente! — gritou o capitão.

E na vanguarda do batalhão reuniram-se, vindos de diversos lados, uns vinte homens. O tambor-mor voltou a cabeça para os cantores, e, com um aceno, entoou a lenta canção dos soldados, que começa assim:

“Não é a aurora, o sol que está a nascer...”, e termina: “É, é, rapazes, é a glória que nos espera com o tio Kamenski...” Esta canção tinha sido composta na Turquia e atualmente cantavam-na na Áustria, apenas com esta pequena variante: onde estava “tio Kamenski” estava agora “tio Kutuzov”.

Depois de ter entoado o último verso, com um ar marcial e fazendo um amplo gesto com a mão, o gesto de quem atira qualquer coisa para longe, o tambor, um belo soldado dos seus quarenta anos, grande e seco, envolveu num olhar severo os seus cantores, franzindo as sobrancelhas. Depois, bem certo de que todos os olhos estavam fitos nele, deu a impressão de erguer, com as duas mãos, à altura da cabeça qualquer objeto precioso e invisível, conservou-o aí alguns segundos e, de repente, foi como se o tivesse atirado para longe:

*Ai, minha casa, minha
casa,
Minha casa nova em
folha.*

Vinte vozes entoaram o refrão e o tocador de ferrinhos, apesar do peso do equipamento, saltou para a frente do batalhão e, de costas, sempre a andar, agitando os ombros, parecia ameaçar quem quer que fosse com o seu instrumento. Os soldados marcavam o compasso com os braços, cantando, e a sua marcha acompanhava o ritmo da canção. Lá para trás ouviu-se um rolar de rodas, um chiar de molas, um trote de cavalos. Era Kutuzov e a sua comitiva que regressavam à cidade. O general-chefe fizera um sinal indicando que os soldados podiam continuar a marchar livremente, e na sua cara, assim como na dos membros da sua comitiva, lia-se contentamento, o contentamento que lhes causava ouvir aquelas canções, ver o soldado que dançava e o aspecto jovial dos seus camaradas. Na segunda fileira, no flanco direito, por onde a caleche ultrapassou o regimento em marcha, chamava a atenção, sem dar por isso, o soldado de olhos azuis, Dolokov, que, marcial e gracioso como poucos, marchava ao ritmo da canção, olhando para toda a gente que passava com o ar de quem tem pena de que não fossem todos com ele, de que não fizessem todos parte da sua companhia. Um oficial de húsares da comitiva de Kutuzov, aquele mesmo que parodiara o comandante do regimento, deixou passar a caleche e aproximou-se de Dolokov.

Durante algum tempo, em Petersburgo, este oficial, Jerkov, fizera parte do grupo de boêmios de que o Dolokov fora o chefe. Já o tinha encontrado no estrangeiro naquela situação de soldado, mas achara melhor não o conhecer.

Agora, depois da conversa de Kutuzov com o ex-oficial, veio para ele com a satisfação de quem encontra um velho amigo.

— Meu querido amigo, como vais tu? — lançou, no meio do alarido das vozes, procurando acertar o passo da sua montada com o dos soldados.

— Eu? — redarguiu Dolokov friamente. — É como estás vendo.

A galharda canção parecia sublinhar a alegre despreocupação das palavras de Jerkov e a deliberada frieza de Dolokov.

— Bom, e então, que tal te dás com os teus chefes? — perguntou Jerkov.

— Muito bem. É boa gente. E tu, conseguiste meter-te no estado-maior?

— Estou em missão. Sou adido.

Calaram-se.

Lá vai o falcão, lá vai.

Da minha manga direita partiu.

dizia a canção, acordando uma involuntária sensação de coragem e bravura. A conversa dos dois teria sido muito diferente, com certeza, se não decorresse ao som daquela canção.

— Sempre é verdade que os austríacos foram derrotados? — perguntou Dolokov.

— Quem diabo o sabe? É o que dizem.

— Tanto melhor — replicou Dolokov, seco e breve, ao ritmo da cadência.

— Aparece uma destas noites. Jogamos uma partida de faraó — disse Jerkov.

— Estás então cheio de dinheiro?

— Aparece.

— Não posso. Fiz uma promessa. Não bebo nem jogo enquanto me não reintegrarem no meu posto.

— Bom, então no primeiro recontro...

— É o que vais ver.

Calaram-se ambos outra vez.

— Se precisares de alguma coisa aparece no estado-maior; estou às tuas ordens... — volveu Jerkov.

Dolokov pôs-se a rir.

— É melhor não te preocupares comigo. Aquilo de que precisar não o pedirei a ninguém; eu próprio me encarregarei de o obter.

— Bom, sim, eu apenas...

— Bom, e eu também...

— Até à vista.

— Adeus.

E bem longe e bem livre

Na nossa terra natal.

Jerkov cravou as esporas no seu cavalo; este, excitado, deu duas ou três voltas no mesmo lugar, sem saber como havia de partir. Depois, sacudiu a cabeça e largou a trote, contornando o batalhão, para se aproximar da caleche, seguindo ao ritmo do canto.

Capítulo III

De regresso da inspeção, Kutuzov, acompanhado do general austríaco, penetrou no seu gabinete, e, chamando um ajudante-de-campo, ordenou-lhe que lhe trouxessem certos papéis relativos ao estado das tropas em campanha e a correspondência emanada do arquiduque Fernando, que comandava a vanguarda. O príncipe André Bolkonski entrou daí a pouco, com os papéis pedidos, no gabinete do general-chefe. Diante de um mapa estendido sobre a mesa sentavam-se Kutuzov e o general austríaco membro do Conselho Superior de Guerra.

— Ah!... — exclamou Kutuzov, olhando para Bolkonski, como se lhe quisesse dizer que esperasse, continuando, porém, em francês a conversa principiada,

— Só tenho uma coisa a dizer, general — Kutuzov punha na sua linguagem expressões e entoações distintas, destacando nítida e lentamente cada palavra, e via-se bem que tinha prazer em ouvir-se a si próprio. — Só tenho uma coisa a dizer. Se isso não dependesse senão da minha vontade, de há muito que teriam sido satisfeitos os desejos de Sua Majestade o Imperador Francisco. De há muito que eu teria operado já a minha fusão completa com o arquiduque. E, acredite na minha palavra de honra, entregar o alto comando do exército a um general mais competente e mais hábil do que eu, coisa que não falta na Áustria, e ver-me livre de uma responsabilidade tão pesada, eis o que seria um grande alívio para mim. Mas as circunstâncias são mais fortes do que nós, general.

Kutuzov sorriu com o ar de quem quer dizer: “Você está no seu pleno direito de não acreditar em mim, e o certo é que isso me não dá o mais pequeno cuidado, mas o que você não tem é motivo para pretender tal coisa. E aí é que está a questão.”

O general austríaco não tinha cara de muito satisfeito, mas via-se obrigado a responder a Kutuzov no mesmo tom.

— Pelo contrário — volveu ele, numa voz irritada e desabrida, em perfeita contradição com as palavras lisonjeiras que pronunciava — Pelo contrário, a participação de Vossa Excelência na obra comum é altamente apreciada por Sua Majestade, mas nós somos de opinião de que os adiamentos atuais privam os gloriosos exércitos russos e o seu general-chefe dos louros que eles estão habituados a conquistar nos campos de batalha — Era evidente que esta última frase já a trazia ele preparada.

Kutuzov inclinou-se, sem deixar de sorrir.

— Nesse caso, fundamentando-me, especialmente, na última carta com que me honrou Sua Alteza o Arquiduque Fernando, tenho razão para crer que as tropas austríacas sob o comando de um colaborador tão hábil como o

general Mack obtiveram uma vitória decisiva e já não têm necessidade da nossa ajuda.

O general franziu as sobrancelhas. Embora ainda não houvesse notícias seguras de uma derrota austríaca, já havia muitas indicações que confirmavam os boatos desfavoráveis postos a correr; por isso a suposição de Kutuzov de que os austríacos estavam vitoriosos tinha mais um ar de mofa que outra coisa. Kutuzov continuava a sorrir disfarçadamente, sempre com o mesmo ar de quem diz que havia razões para crer que assim fosse. Efetivamente, a última carta que recebera do exército de Mack falava em vitória e numa situação estratégica a todos os títulos excelente.

— Deixe ver essa carta — disse Kutuzov para o príncipe André. — Queira fazer o favor de ouvir.

E Kutuzov, com o seu sorriso trocista aos cantos dos lábios, leu em alemão ao general austríaco o passo seguinte da carta do arquiduque Fernando:

Todas as nossas forças, cerca de setenta mil homens, estão já concentradas, de sorte que nós podemos atacar e esmagar o inimigo no caso de ele vir a atravessar o Lech. Visto que Ulm está em nosso poder, temos a vantagem de conservar as duas margens do Danúbio, e deste modo, em qualquer altura, desde que o inimigo não atravesse o Lech, somos nós quem pode atravessar o Danúbio, lançando-nos sobre as linhas de comunicação, e voltar a atravessar o Danúbio mais abaixo; se o inimigo se lembrasse de lançar todas as suas forças contra os nossos fiéis aliados, nós não o deixaríamos realizar essa operação. Deste modo, aguardaremos, corajosamente, o momento em que o exército imperial russo esteja inteiramente preparado para encontrar, em seguida, muito facilmente, as possibilidades de dar ao inimigo o destino que ele merece.

Kutuzov, concluída que foi a leitura de toda esta fraseologia, soltou um suspiro de alívio e fitou com amabilidade e atenção o membro do Conselho Superior de Guerra.

— Mas Vossa Excelência sabe muito bem que uma das regras da prudência é prever sempre o pior — observou o general austríaco, que estava morto por acabar com aquela brincadeira e chegar aos fatos.

Não pôde impedir-se de lançar um olhar ao ajudante-de-campo.

— Perdoe-me, general — interrompeu Kutuzov, voltando-se igualmente para o príncipe André. — Ouça, meu amigo, vá pedir ao Kozlovski todos os relatórios dos nossos espões. Aqui tem duas cartas do conde de Nostitz, aqui tem a carta do arquiduque Fernando e mais isto — acrescentou, entregando-lhe diversos papéis. — Com tudo isto faça-me um memorando, uma nota, bem

clara, em francês, mencionando tudo o que sabemos acerca das operações do exército austríaco. Depois, entregue tudo a Sua Excelência.

O príncipe André inclinou-se de modo a fazer compreender que tudo compreendera desde as primeiras palavras: não só o que fora dito, como também o que Kutuzov teria desejado dizer-lhe. Pegou nos papéis e, depois de uma continência circular, dirigiu-se para a sala de visitas, pisando silenciosamente o tapete.

Embora ainda se não tivesse passado muito tempo depois que André deixara a Rússia, já tinha mudado bastante. Os seus traços fisionômicos, os seus gestos, o seu andar, não conservavam já quase nada daquele ar afetado de outrora, do seu falso ar de fadiga e de indolência. Dava a impressão de um homem que não tem tempo de pensar na opinião que os outros possam ter a seu respeito, ocupado que está a fazer seja o que for que ele considera muito interessante. Parecia mais satisfeito consigo próprio e com os outros que dele se aproximavam. No seu sorriso e no seu olhar havia mais alegria e sedução.

Kutuzov, que ele fora encontrar já na Polônia, acolhera-o muito amavelmente, prometera-lhe não o esquecer, distinguira-o entre todos os demais ajudantes-de-campo, trouxera-o consigo a Viena e confiara-lhe missões muito sérias. De Viena escrevera ao seu velho camarada, o pai do príncipe André.

“O teu filho promete vir a ser um oficial fora do vulgar, pelos serviços prestados e pela firmeza da sua pontualidade no serviço. Considero-me feliz por ter ao meu dispor um tal subordinado.”

No estado-maior de Kutuzov, entre os seus camaradas e em geral no exército, o príncipe André, tal como acontecia na sociedade de Petersburgo, gozava de duas reputações absolutamente opostas. Uns — a minoria — consideravam-no um ser diferente de todos os demais, esperavam dele grandes coisas, ouviam-no, admiravam-no e imitavam-no: e com estes ele era simples e amável. Os outros — a maioria — não gostavam dele, consideravam-no um indivíduo inchado de orgulho, com um caráter frio e desagradável. Mas de tal modo André se comportava para com eles que estes o estimavam e até mesmo o temiam.

Ao penetrar na sala de visitas, depois de ter deixado o gabinete de Kutuzov, o príncipe André, com os papéis na mão, aproximou-se do seu camarada, o ajudante-de-campo de serviço, Kozlovski, que estava a ler um livro ao pé da janela.

— Então, príncipe? — perguntou Kozlovski.

— Ordem para redigir uma nota explicando a razão pela qual não avançamos.

— E por quê?

André fez-lhe sinal de que também não sabia.

— Não há notícias de Mack? — perguntou Kozlovski.

— Não.

— Se fosse verdade ele ter sido derrotado já haveria notícias.

— Provavelmente — redarguiu André, dirigindo-se para a porta de serviço.

Nessa altura entrava, num repente, batendo com a porta, um general austríaco de grande estatura, de capote, um lenço preto amarrado à cabeça, e pendente do pescoço o colar de Maria Teresa: acabava, evidentemente, de chegar. O príncipe André deteve-se.

— O general-chefe. Kutuzov? — disse rapidamente o recém-chegado com um duro sotaque alemão, olhando em roda, e dirigindo-se, sem se deter, para a porta do gabinete.

— O general-chefe está ocupado — replicou Kozlovski, interceptando os passos do general desconhecido e vedando-lhe o caminho. — Quem devo anunciar?

O general desconhecido mediu com um olhar de desdém Kozlovski, que era de pequena estatura, como que surpreendido de o não terem reconhecido.

— O general-chefe está ocupado — repetiu tranquilamente Kozlovski.

O general franziu as sobancelhas e os lábios tremeram-lhe de cólera. Puxou de uma agenda, traçou apressadamente algumas palavras a lápis, rasgou a folha, entregou-a, aproximou-se da janela a passos rápidos, deixou-se cair numa cadeira e ficou-se a olhar os circunstantes, como que a dizer: “Com que direito é que me olham assim?” Em seguida ergueu a cabeça, estendeu o pescoço, como se fosse falar, e depois, como se fosse cantarolar qualquer coisa, negligente, emitiu um som estranho, que logo saiu estrangulado. A porta do gabinete abriu-se e no limiar apareceu Kutuzov. O general da cabeça amarrada, com o ar de quem procura evitar um perigo, aproximou-se de Kutuzov em largos passos rápidos das suas magras pernas, fazendo uma vênica ao general russo.

— Eis na sua frente o infeliz Mack — articulou, numa voz alterada.

Kutuzov, de pé à porta do seu gabinete, conservou durante instantes uma expressão absolutamente impassível. Depois, um vinco, como uma vaga, lhe perpassou pela máscara e as rugas da testa desapareceram-lhe; inclinou-se com deferência, fechou os olhos, deixou passar Mack adiante, sem dizer palavra, e em seguida puxou a porta.

O boato já então espalhado da derrota dos austríacos e da rendição do exército inteiro em Ulm era exato. Meia hora depois eram enviados ajudantes-de-

campo em todas as direções anunciando que dentro em pouco também o exército russo, até aí inativo, se iria defrontar com o inimigo.

O príncipe André era um dos raros oficiais do estado-maior a quem interessava, antes de mais nada, a marcha geral das operações militares. Ao ver Mack e tendo conhecido por miúdo os pormenores da sua derrota, compreendeu que metade da campanha estava perdida, que os exércitos russos se encontravam numa situação bastante crítica e anteviu com nitidez o destino reservado às tropas e o papel que a ele próprio competiria. Sem querer, experimentou uma alegria violenta ao pensar que a presunçosa Áustria estava humilhada e que dentro de uma semana talvez lhe fosse dado tomar parte num recontro entre russos e franceses, o primeiro desde Suvorov para cá. Mas receava o gênio de Bonaparte, capaz de vencer a bravura dos exércitos russos, e ao mesmo tempo não podia admitir que o seu herói fosse posto em xeque.

Emocionado e transtornado pelos seus pensamentos, André retirou-se para os seus aposentos na intenção de escrever ao pai a sua carta quotidiana. No corredor encontrou-se com o seu camarada Nesvitski e o jocoso Jerkov; como sempre, estavam ambos muito alegres:

— Por que é que estás tão macambúzio? — perguntou Nesvitski, ao ver o rosto pálido e os olhos brilhantes do príncipe André.

— Não há grande motivo para estarmos contentes — redarguiu Bolkonski.

Na mesma altura em que os três camaradas se encontravam, cruzavam-se com eles, vindos do outro lado do corredor, o general austríaco Strauch, adido ao estado-maior de Kutuzov para efeitos de abastecimento das tropas russas, e um membro do Conselho Superior de Guerra, que chegara na véspera. O largo corredor tinha espaço suficiente para que os generais passassem livremente, apesar da presença dos três oficiais, mas Jerkov, acotovelando Nesvitski, segredou-lhe, num frouxo de riso:

— Eles aí estão!... Eles aí estão!... Em linha, deixem-nos passar! Façam favor de os deixar passar!

Era evidente que os generais queriam passar sem chamar a atenção para honras supérfluas. O burlesco Jerkov assumiu de súbito um ar de estúpida alegria que afetava não poder dominar.

— Excelência — disse ele em alemão, dando um passo em frente e dirigindo-se ao general austríaco. — Tenho a honra de o felicitar.

Numa vênia e desastradamente, como as crianças quando aprendem a dançar, fez deslizar um pé, depois o outro.

O general membro do Conselho Superior de Guerra mediu-o de alto a baixo com um olhar severo; mas ao reparar na gravidade daquele sorriso parvo

não pôde recusar-lhe um momento de atenção. Semicerrou os olhos, atento.

— Tenho a honra de o felicitar. Chegou o general Mack, em muito bom estado, apenas com uma feridazinha aqui — acrescentou, abrindo-se em sorrisos e apontando para a sua própria testa.

O general franziu as sobancelhas, voltou costas e continuou o seu caminho.

— Meu Deus, que ingenuidade!¹⁰ — exclamou, furioso, depois de ter dado alguns passos.

Nesvitski, rindo, passou o braço por detrás do príncipe André, mas este, empalidecendo ainda mais, sacudiu-o, tomando um ar descontente, e voltou-se para o lado de Jerkov. O nervosismo em que o puseram a presença de Mack e as notícias sobre a situação, além da lembrança do que aguardava o exército russo, fizeram-no explodir perante o gracejo despropositado de Jerkov:

— Meu caro senhor — exclamou numa voz incisiva, com um ligeiro tremor no queixo -, se lhe dá prazer fingir de palhaço, não serei eu quem o impeça disso, mas devo adverti-lo de que se torna a ter a audácia de fazer de histrião na minha presença eu lhe ensinarei como deve comportar-se.

Nesvitski e Jerkov ficaram tão surpreendidos com estas palavras que fitaram Bolkonski sem dizer palavra, os olhos muito abertos.

— Por quê? Limitei-me a apresentar-lhe as minhas felicitações — balbuciou Jerkov.

— Eu não estou a brincar consigo, peço-lhe que se cale! — gritou-lhe Bolkonski, e, tomando o braço de Nesvitski, seguiu em frente, deixando Jerkov no meio do corredor, sem saber que responder.

— Então, que é isso? — disse Nesvitski para o sossegar.

— Quê?! — exclamou o príncipe André, detendo-se, tomado ainda de exaltação. — É preciso que compreendas que nós ou somos oficiais ao serviço do nosso czar e da pátria, que nos regozijamos com os êxitos gerais e deploramos os fracassos, ou então não passamos de simples lacaios, indiferentes à vida dos nossos amos. Quarenta mil homens massacrados e o exército dos nossos aliados dizimado, e acha que é caso para rir — acrescentou, como se esta frase em francês viesse fortalecer o seu raciocínio. — Está certo num rapaz insignificante como esse indivíduo que elegeu para seu amigo, mas não em si, não em si. Só os garotos é que se divertem desta maneira — continuou em russo, pronunciando a palavra “garotos” com um sotaque francês, pois receou que Jerkov o pudesse ouvir.

Ficou um momento silencioso, como que à espera de ouvir o que o oficial replicaria. Mas este fez meia volta e saiu do corredor.

Capítulo IV

O regimento dos húsares de Pavlogrado estava acantonado a umas duas milhas de Braunau. O esquadrão de que era junker Nicolau Rostov ocupava a aldeia alemã de Saltzeneck. Na mais confortável casa da povoação fora alojado o comandante do esquadrão, o capitão Denissov, a quem toda a gente conhecia, na divisão de cavalaria, por Vaska Denissov. O junker Rostov, desde que se juntara ao regimento, na Polônia, estava aboletado com o comandante do esquadrão.

A 11 de outubro, no mesmo dia em que a notícia do desastre de Mack pusera o quartel-general em sobressalto, a vida de campanha do esquadrão prosseguia tão tranquilamente como até essa data. Denissov, que perdera a noite, ainda não regressara a casa, quando Rostov, de manhãzinha, voltou a cavalo da distribuição da forragem. No seu uniforme de junker, Rostov aproximou-se dos degraus da porta, impelindo o cavalo, depois passou a perna por cima da garupa, num gesto rápido e juvenil, ficou um momento com o pé no estribo, como se o deixasse com saudades, e por fim saltou para o chão, chamando a ordenança.

— Eh! Bondarenko, amigo do meu coração! — exclamou ele para um húsar que se tinha precipitado para o cavalo. — Passeia-o, meu velho! — continuou, com essa ternura fraterna e jovial que os rapazes, quando se sentem felizes, testemunham a toda a gente.

— Às suas ordens, Excelência — respondeu o pequeno russo, sacudindo alegremente a cabeleira.

— Toma atenção, dá-lhe um bom passeio.

Outro húsar se tinha igualmente precipitado, mas Bondarenko já tomara conta do bridão. Era evidente que o junker costumava dar boas gorjetas e que valia a pena servi-lo. Rostov passou a mão pela cernelha do cavalo, acariciando-o depois pela garupa e ficou alguns instantes parado nos degraus da entrada. “Esplêndido! Isto é que vai dar um cavalo!”, disse de si para consigo, sorrindo, com o sabre suspenso da mão. Depois galgou rapidamente os degraus, fazendo tilintar as esporas. O alemão em casa de quem estava aboletado, de colete de flanela e boné de algodão, empunhando uma forquilha para apanhar estrume, olhava para a cena plantado na soleira da porta do estábulo. Assim que viu Rostov, o rosto iluminou-se-lhe. Sorriu alegremente e piscou-lhe o olho:

— Bom dia! Bom dia!¹¹ — repetiu, com visível satisfação por ter oportunidade de saudar o rapaz.

— Já a trabalhar! ¹² — exclamou Rostov com o mesmo ar amistoso e jovial que lhe andava sempre na cara. — Vivam os austríacos! Vivam os austríacos! Viva o imperador Alexandre! — acrescentou, dirigindo ao proprietário as próprias palavras que este muita vez tinha repetido.

— E viva toda a gente!¹³.

Rostov, imitando o alemão, agitou no ar a barretina e gritou, rindo:

— E viva toda a gente!¹⁴ — Embora o alemão, que andava a limpar a estrebaria, não tivesse qualquer motivo para estar alegre, o que, aliás, se dava também com Rostov, que fora com o seu pelotão buscar forragens, os dois homens olharam um para o outro cheios de entusiasmo e de fraternal afeto, trocaram sinais amistosos com a cabeça e separaram-se, aquele para regressar à cavalaria, este para entrar na casa onde habitava na companhia de Denissov.

— Que é do teu amo? — perguntou Rostov a Lavruchka, o velhaco impedido de Denissov, muito popular no regimento.

— Desde ontem à noite que ninguém lhe põe a vista em cima. Está claro que jogou e perdeu — replicou Lavruchka. — Quando ganha, já sei, volta para casa cedo, para se gabar, mas quando não aparece logo pela manhã, isso só quer dizer que está sem cheta. Aparece aí furioso. Devo servir o café?

— Está bem, traz, traz.

Dez minutos mais tarde, Lavruchka trazia o café.

— Lá vem ele — disse o impedido. — Isto vai ser bonito!

Rostov olhou para a janela e viu Denissov, que regressava a casa. Denissov era um homenzinho vermelhusco de cara, com uns olhos muito negros e brilhantes, de bigodes e cabelos desgrenhados. Trazia o dólman desabotoado e as pregas das largas calças flutuavam-lhe nas pernas; a barretina, toda amarrotada, caía-lhe para a nuca. Macambúzio, de cabeça baixa, aproximou-se da escada.

— Lavruchka! — gritou, colérico, escamoteando o r. — Anda cá, tira-me isto, idiota!

— Bom, lá vou, sim senhor — disse a voz de Lavruchka.

— Epa, já estás levantado! — exclamou Denissov, ao entrar em casa.

— Há quanto tempo! — tomou-lhe Rostov. — Já fui à forragem e já vi a Fräulein Matilde.

— Caramba! Pois eu, meu rapaz, ontem fiquei limpo! — exclamou Denissov, que não pronunciava os rr. — Que azar! Que azar! Começou logo que te foste embora. Eh! chá!

Denissov, de sobrancelhas franzidas, com uma espécie de sorriso que lhe descobria os dentes curtos e sólidos, pôs-se a desgrenhar os cabelos com as duas mãos, metendo os dedos curtos pela espessa floresta das guedelhas pretas.

— Foi o diabo que me levou à casa daquele Rato! (era a alcunha de um dos camaradas de regimento) — disse ele, passando as duas mãos pela testa e pelas faces. — Imagina tu que não tive uma única carta, uma única.

Denissov pegou no cachimbo aceso, que o criado lhe entregara, apertou-o na mão, e fê-lo crepitar; depois bateu com ele no sobrado, continuando a gritar.

- Vaza simples ganha, paroli perdido: vaza simples ganha, paroli perdido!¹⁵

- O tabaco a arder do cachimbo tinha ido todo para o chão; quebrou o cachimbo e atirou-o fora. Depois ficou calado, fitando Rostov alegremente, com os olhos pretos cintilantes.

— Ainda se ao menos tivesse havido mulheres... Mas não, além do copo, não havia mais nada que fazer. Ah! Se a gente em breve se pudesse bater! E a valer! Eh! Quem está aí? — Voltara-se para a porta, ao ouvir uns passos pesados, que se detiveram, um ressoar de botas e de esporas e uma tosse respeitosa.

— É o sargento! — disse Lavruchka.

Denissov ainda mostrou um ar mais descontente.

— Que estopada! — exclamou, atirando com uma bolsa em que havia algumas moedas de ouro. — Conta, meu velho, conta. Rostov, conta o dinheiro que lá está e esconde-me aí a bolsa debaixo da almofada. — Em seguida saiu da sala ao encontro do sargento.

Rostov pegou no dinheiro e maquinalmente começou a separar as moedas novas das moedas velhas, em montinhos, pondo-se a contá-las.

— Ah! Telianine! Bom dia! Ontem à noite fiquei limpo! — dizia Denissov na sala contígua.

— Onde, onde? Em casa do Bikov ou do Rato?... Calculava isso — respondeu outra voz, esta aflautada, e em seguida entrou o tenente Telianine, um oficial de pequena estatura, do mesmo esquadrão.

Rostov atirou para debaixo da almofada a bolsa de Denissov e apertou a mão úmida que lhe estendiam. Telianine fora expulso da Guarda, antes da campanha, por um motivo qualquer. Era um oficial bem comportado, mas ninguém gostava dele; Rostov em especial, que não podia vencer nem dissimular a insensata aversão que aquele homem lhe inspirava.

— Então, moço cavaleiro, está contente com o meu Gratchik? — perguntou ele. (Gratchik era um cavalo de sela, para passeio, que Telianine vendera a Rostov.)

O tenente nunca olhava a direito para o interlocutor; os olhos giravam continuamente de um lado para o outro,

— Vi-o passar há bocado...

— Oh, é ótimo, é um bom cavalo — retorquiu Rostov, embora o animal que ele comprara por setecentos rublos nem metade valesse. — Mas está a

coxear da mão direita... — acrescentou.

— Tem o casco fendido. Não tem importância. Hei de lhe ensinar como se põe um cravo.

— Obrigado — tornou Rostov.

— Fica combinado. Não é segredo. Mas ainda há de vir a agradecer-me o cavalo que lhe vendi.

— Então o melhor é mandar buscar o cavalo — disse Rostov, morto por se ver livre do oficial, e saiu da sala para dar ordens nesse sentido.

No vestíbulo, Denissov, de cachimbo na boca, acorocado à turca no limiar da porta, ouvia o relatório do sargento. Ao ver Rostov, franziu as sobrancelhas, mostrando-lhe, por cima do ombro, com o dedo polegar, Telianine, que ficara sentado no quarto atrás dele, e abanou a cabeça em sinal de aversão.

— Ali está um tipo que eu não tolero! — exclamou sem se importar com a presença do sargento.

Rostov teve um gesto de ombros que queria dizer: “Também eu não, mas que havemos de fazer?” e, depois de dar as suas ordens, voltou para o pé de Telianine.

Telianine continuava sentado na atitude indolente que mostrara momentos antes, esfregando as pequenas mãos brancas.

“Sempre há cada cara neste mundo!”, dizia de si para consigo Rostov, ao voltar ao quarto.

— Então mandou buscar o cavalo? — inquiriu Telianine, levantando-se e lançando um olhar distraído à sua roda.

— Mandeí.

— Ora vamos lá ver isso. Vim apenas para pedir ao Denissov as ordens de ontem. Tem-nas consigo, Denissov?

— Não, ainda não. Eh! Onde é que vai?

— Vou ensinar a este rapaz como se ferra um cavalo — disse Telianine.

Desceram a escada e dirigiram-se à cavaleriça. O tenente ensinou a Rostov como convém pregar os cravos numa ferradura e voltou para casa.

Quando Rostov regressou, em cima da mesa havia uma garrafa de aguardente e uma salsicha. Denissov estava sentado e a pena rangia sobre o papel. Olhou para Rostov com uma expressão sombria.

— Estou a escrever-lhe — disse.

Pôs o cotovelo na mesa, apoiou-se, com a caneta na mão, e, evidentemente contentíssimo por ter oportunidade de dizer de uma só vez tudo o que tinha intenção de escrever, pormenorizou a Rostov o conteúdo da carta entre mãos.

— Como vêς, meu velho — comentou -, enquanto não gostamos de alguém é como se estivéssemos a dormir. Não somos mais que pó... Mas assim que um homem começa a amar, é como se fosse Deus, sente-se puro, é como nos primeiros dias da criação... Que temos ainda? Manda-o para o diabo que o carregue! Não tenho tempo — gritou para Lavruchka, que se aproximava, sem se perturbar.

— Que quer que eu faça? Foi o senhor quem o mandou. O sargento vem pelo seu dinheiro.

Denissov franziu as sobrancelhas, quis levantar a voz, mas calou-se.

— Ora esta! Que estopada! — disse como para consigo mesmo. — Que dinheiro há ainda na bolsa? — perguntou a Rostov.

— Sete moedas novas e três velhas.

— Isto é que é uma espiga! Que estás tu aí a fazer, idiota? Vai chamar o sargento — gritou Denissov para Lavruchka.

— Se tu quiseses, Denissov, eu empresto-te dinheiro. Eu tenho dinheiro — disse Rostov corando.

— Não gosto de pedir dinheiro emprestado aos amigos, não, não gosto — balbuciou Denissov.

— Se não aceitares o meu dinheiro, como camarada que és, fico contrariado. Realmente tenho dinheiro — repetiu Rostov.

Denissov aproximou-se da cama, para tirar a bolsa de baixo da almofada.

— Onde é que puseste a bolsa, Rostov?

— Aí sob a almofada.

— Não está cá nada.

Denissov atirou para o chão as duas almofadas. A bolsa não estava.

— É extraordinário!

— Espera. Naturalmente não procuraste bem! — interveio Rostov, pegando nas almofadas, uma por uma e sacudindo-as.

Levantou igualmente a colcha e sacudiu-a. A bolsa, nada.

— Ter-me-ia eu esquecido? Qual quê? Até disse de mim para comigo que tu a punhas debaixo da cabeça, como se fosse um tesouro. Foi aí que eu pus a bolsa. Onde está ela? — acrescentou, dirigindo-se a Lavruchka.

— Eu não pus os pés no quarto. Onde a pôs é que ela deve estar.

— Mas não está!

— É sempre assim, deixa as coisas em qualquer parte e depois esquece-se delas. Veja nas algibeiras.

— Não, se eu não tivesse pensado que era como fosse um tesouro — repetiu Rostov. — Lembro-me perfeitamente de que a arrumei.

Lavruchka desfez a cama, espreitou por debaixo das barras, sob a mesa, revolveu a casa inteira e acabou por ficar parado no meio do quarto. Denissov seguia, sem dizer palavra, todos os movimentos de Lavruchka, e quando o viu, parado no meio do quarto, os braços abertos, declarando que a bolsa não estava em parte alguma, olhou para Rostov.

— Rostov, deixa-te de brincadeiras

Rostov sentiu pousado nele o olhar de Denissov, ergueu os olhos e voltou logo a baixá-los. Todo o sangue das veias, que lhe estava parado na garganta, lhe subiu à cara. Não podia respirar.

— Aqui não estiveram senão o tenente e os senhores. Tem de estar em qualquer parte — disse Lavruchka.

— Pois então, filho de uma velha, mexe-te, procura — subitamente Denissov, corando muito e lançando-se sobre o impedido com um gesto ameaçador. — A bolsa já ou, então, o chicote! Vai tudo corrido a chicote!

Rostov, olhando Denissov bem de frente, abotoou o dólman, afivelou o sabre e pôs a barretina.

— É o que eu te digo, é preciso que a bolsa apareça — gritava Denissov, sacudindo a ordenança pelos ombros e encostando-a à parede.

— Basta, Denissov: eu sei quem a levou — disse Rostov, que avançou para a porta, sem erguer os olhos.

Denissov soltou Lavruchka, refletiu um momento e compreendendo, certamente, a quem Rostov aludia, agarrou-o por um braço.

— Que imbecilidade! — gritou com tamanha violência que as veias do pescoço e da testa se lhe intumesceram. — É o que eu te digo: estás doido, não te consentirei uma coisa dessas! A bolsa tem de estar aqui! Ainda que eu tenha de arrancar a pele a este miserável, a bolsa há de aparecer.

— Eu sei quem a levou — repetia Rostov, em voz trêmula, encaminhando-se para a porta.

— E eu repito-te que não te atrevas a fazer uma coisa dessas! — gritou Denissov, lançando-se sobre o junker, para o não deixar partir.

Mas Rostov soube evitá-lo, olhando-o fixamente e bem de frente com tamanho rancor que dir-se-ia ser Denissov o seu maior inimigo.

— Estás a perceber o que dizes? — articulou, com a voz trêmula.

— Além de mim mais ninguém havia neste quarto. Por isso, se não foi o outro...

Não pôde concluir, e desapareceu.

— Diabos te levem a ti e a todos os outros! ouviu Rostov, quando se afastava.

Rostov dirigiu-se à casa de Telianine.

— O meu amo não está, foi ao estado-maior — disse-lhe a ordenança. — Aconteceu alguma coisa? — acrescentou, ao ver os traços descompostos do junker.

— Nada.

— Por pouco que o apanhava aqui — continuou o impedido.

O estado-maior ficava a três verstas de Saltzeneck. Rostov, sem voltar a casa, montou a cavalo e para lá se dirigiu. Na aldeia onde estava instalado o estado-maior havia um albergue frequentado pelos oficiais.

Foi para aí que Rostov se encaminhou. À porta estava o cavalo de Telianine.

Na segunda sala do albergue encontrou o tenente abancado diante de um prato de salsichas e de uma garrafa de vinho.

— Ah! então por aqui, meu rapaz? — disse ele, sorrindo e erguendo as sobrancelhas.

— É verdade — voltou Rostov, como se dizer coisa tão simples lhe custasse muito, e sentou-se a uma mesa vizinha.

Ambos ficaram calados. Estavam presentes dois alemães e um oficial russo. Ninguém falava, e apenas se ouvia o tinir das facas de encontro aos pratos e o ruído das maxilas do tenente, que mastigava. Quando Telianine acabou de almoçar, puxou de uma bolsa. Com os dedos delicadamente soerguidos fez deslizar a argola, pegou numa moeda de ouro e, franzindo as sobrancelhas, pagou ao criado.

— Depressa, se fazes favor — recomendou.

A moeda era nova. Rostov levantou-se e aproximou-se de Telianine.

— Deixe-me ver essa bolsa — disse em voz muito baixa, quase ininteligível.

Com o olhar esquivo e o ar sempre preocupado, Telianine deu-lhe a bolsa.

— É bonita, não é?... É... é... — disse, empalidecendo repentinamente. — Pode vê-la, meu rapaz.

Rostov pegou na bolsa, examinou-a, fez o mesmo ao dinheiro que ela continha, e depois fitou Telianine. O tenente, como de costume, deixou errar os olhos, sem o fixar, e de repente pareceu divertir-se.

— Se chegarmos a Viena, tenho a impressão de que deixamos lá tudo, mas por agora não há onde gastar o nosso dinheiro senão nestes antros. Dê cá a bolsa, meu rapaz, vou andando.

Rostov não disse palavra.

— Que é que vai fazer? Vem almoçar? Não se come nada mal aqui — prosseguiu Telianine. — Deixe ver.

Estendeu a mão para a bolsa. Rostov deixou que ele a tomasse. Telianine pegou-lhe e enfiou-a na algibeira dos calções de montar, enquanto erguia as sobrancelhas, despreocupadamente, e abria a boca como para dizer. “Pois claro, meto a minha bolsa na algibeira, não há nada mais simples, e ninguém tem nada com isso.”

— Então, meu rapaz? — disse, com um suspiro, e por debaixo das sobrancelhas erguidas lançou um olhar a Rostov.

Faíscas elétricas correram e saltaram entre os olhos de ambos, duas, três vezes, num relâmpago.

— Venha daí — disse Rostov, pegando-lhe num braço. E conduziu-o quase à força para o pé da janela,

— Esse dinheiro é do Denissoff. O senhor fez-lhe mão baixa — murmurou-lhe ao ouvido.

— O quê?... O quê... Atreve-se?... O quê?... — disse Telianine.

Saíra nestas palavras qualquer coisa de desesperado, como a pedir perdão. Ao ouvir esta voz, Rostov sentiu que lhe tiravam como que um grande peso de cima dos ombros. Uma grande alegria o tomou, ao mesmo tempo que sentia piedade pelo infeliz que estava diante dele. Mas era preciso ir até ao fim.

— Só Deus sabe o que esta gente vai pensar — balbuciou Telianine, pegando na barretina e dirigindo-se para uma salinha que estava vazia. — Temos de nos explicar.

— Eu sei o que digo e posso prová-lo — afirmou Rostov.

— Eu...

Todos os músculos do rosto assustado e pálido de Telianine estremeceram. O seu olhar continuava fugidio, mas fíto no chão, e não ousava levantar os olhos para Rostov; abafou uma espécie de soluço.

— Conde!... Não perca um homem... Aqui tem este miserável dinheiro, tome conta dele... — Atirou-o para cima da mesa. — Tenho um pai, que é velho, tenho um mãe!...

Rostov pegou no dinheiro, evitando o olhar de Telianine, e, sem dizer palavra, abalou. Mas ao chegar ao limiar da porta, deteve-se e voltou atrás.

— Meu Deus! — exclamou com as lágrimas nos olhos. — Como é que pôde?

— Conde — disse Telianine, aproximando-se do junker.

— Não me toque — tornou Rostov, recuando. — Se está precisado de dinheiro, tome o que aí está.

Atirou-lhe com a bolsa e saiu a correr da estalagem.

Capítulo V

Na noite do mesmo dia, em casa de Denissov, travava-se uma animada conversa entre os oficiais do esquadrão.

— E eu, na minha opinião, acho que o Rostov deve apresentar as suas desculpas ao comandante do regimento — dizia para o próprio Rostov, vermelho como uma papoula, e emocionadíssimo, um capitão, muito alto, de cabelos grisalhos, grandes bigodes e um rosto duro, sulcado de rugas.

O capitão Kirsten já por duas vezes fora degradado em soldado raso, por questões de honra, e das duas vezes recuperara o seu antigo posto.

— Não consinto a ninguém que me chame mentiroso! — exclamou Rostov. — Ele disse-me que eu estava a mentir, e eu retorqui-lhe que quem mentia era ele. E é assim que as coisas ficarão. Está no seu direito, se, quiser, pôr-me de serviço todos os dias e mandar-me deter até. Eu é que lhe não apresentarei desculpas, visto que se ele, como comandante do regimento, entende que lhe não fica bem dar-me satisfações...

— Calma, calma, meu rapaz; ouça lá — interrompeu o capitão, na sua voz de baixo, coíando tranquilamente os longos bigodes. — Disse ao comandante do regimento, na presença de outros oficiais, que um oficial tinha roubado...

— Não tenho culpa que a conversa se tivesse passado diante de outros oficiais. Talvez que eu, realmente, não devesse ter falado diante deles; falta-me o jeito diplomático. Se escolhesse os húsares, é porque estava convencido de que aqui ninguém se preocupava com essas finezas; e vai ele e diz que eu estava a mentir... Então é ele quem me deve apresentar desculpas...

— Tudo isso está certo, ninguém diz que o senhor é um poltrão. Não é disso que se trata. Pergunte ao Denissov se isso é conveniente, se um junker deve pedir satisfações ao comandante do seu regimento.

Denissov, mordiscando o bigode, ouvia a conversa de sobrecenho carregado, sem querer, ao que parecia, intervir na discussão. Quando o capitão formulou a sua pergunta, ele meneou a cabeça negativamente.

— O senhor falou nessa vilania ao comandante diante dos oficiais — prosseguiu o capitão. — Bogdanitch (era o nome do comandante do regimento) mandou-o calar.

— Não me mandou calar, mas disse-me que eu não falava verdade.

— Sim, mas o senhor respondeu-lhe umas tolices, e é preciso pedir-lhe desculpa.

— De maneira alguma! — exclamou Rostov.

— Não esperava isto de si — disse o capitão num tom ao mesmo tempo sério e severo. — O senhor não quer apresentar desculpas; mas, meu

amigo, não há dúvida de que é culpado, não só perante ele, mas perante o regimento inteiro, perante todos nós. Ouça: se ao menos o senhor tivesse pensado dois minutos e se se tivesse aconselhado, mas não, foi logo às do cabo, e diante dos oficiais. Que é que o comandante tinha a fazer? Entregar um oficial à justiça e enlamear todo o regimento? Desonrar o regimento inteiro por causa de um miserável? Era isto que se devia ter feito, na sua opinião? Mas nós não pensamos assim: Bogdanitch teve razão: disse-lhe que o senhor não falava verdade. É desagradável, mas que quer, meu velho, foi o senhor quem assim o quis. E agora, que se pretendem abafar as coisas, o senhor, por amor-próprio, não quer apresentar desculpas e deseja pôr tudo em pratos limpos. Está furioso por o terem posto de serviço permanente, mas que é que lhe custava apresentar desculpas a um oficial velho e honesto? Seja qual for, de resto, a atitude de Bogdanitch neste caso, o certo é que é um velho coronel digno e valente; e o senhor sente-se ofendido, e, quanto a manchar o regimento, isso não o incomoda? — A voz do capitão tremia, comovida. — O senhor não vai ficar aqui muito tempo. Se hoje está neste regimento, amanhã já estará em qualquer outra parte, como ajudante-de-campo. Pouco lhe importa que venha a dizer-se: “Entre os oficiais do Pavlogrado há ladrões!” Mas a nós, a nós, isso não nos é indiferente. Não é verdade, Denissov? Isso a nós não nos é indiferente.

Denissov calava-se e não se mexia, fitando Rostov, de tempos a tempos, com os seus olhos pretos muito vivos.

— O senhor preza acima de tudo o seu amor-próprio e não quer apresentar desculpas — continuou o capitão -, mas aos velhos, àqueles que têm envelhecido no regimento, e se Deus quiser nele hão de morrer, a esses, a honra do regimento importa muito, e Bogdanitch sabe-o bem. Queremos-lhe muito! Não está certo! Que o senhor esteja ou não ofendido, eu, por mim, gosto de dizer a verdade. Não está certo!

O capitão levantou-se e voltou costas a Rostov.

— Ele tem razão, diabos me levem! — exclamou Denissov, erguendo-se de um salto. — Vamos, Rostov, vamos!

Rostov, corando e empalidecendo ao mesmo tempo, fitava ora um oficial ora outro.

— Não, meus senhores, não... Não devem pensar... Eu compreendo muito bem, fazem mal em pensar que eu seria capaz... Eu... por mim... sou pela honra do regimento... Mas falar nisso para quê?... Hei de o mostrar com ações, e para mim a honra da bandeira... Bem, pouco importa, é verdade, sou culpado!... Tinha as lágrimas nos olhos. — Sou culpado, inteiramente culpado!... Que é que querem mais?

— Bom, está bem, conde — disse, voltando-se, o capitão, e bateu-lhe no ombro com a sua grande manápula.

— Eu tinha-te dito — acrescentou Denissov — que ele era um bom camarada.

— Assim está bem, conde — repetiu o capitão, que o tratava pelo título como se isso fosse uma recompensa do seu gesto. — Vá apresentar as suas desculpas a Sua Excelência, está bem?

— Meus senhores, estou pronto a tudo, nunca mais ninguém ouvirá falar deste caso — protestou Rostov, numa voz comovida. — Mas desculpas não, cos diabos, desculpas não. Que querem que eu faça? Que peça desculpa, como um garoto, que implore perdão?

Denissov pôs-se a rir.

— Tanto pior para si. O Bogdanitch é rancoroso. Há de lhe fazer pagar cara a sua obstinação — disse Kirsten.

— Com mil diabos, não, não é obstinação! Não lhes posso dizer o que sinto... não posso.

— Bom, faça o que entender! — exclamou o capitão-adjunto. — E esse miserável, onde é que ele se meteu? — perguntou a Denissov.

— Deu parte de doente; amanhã a ordem de serviço há de dá-lo como doente — respondeu este.

— A doença; não há outra desculpa — disse o capitão-adjunto.

— Doente ou não, que me não caia nas mãos, dou cabo dele! — gritou Denissov, feroz.

Jerkov entrou na sala.

— O que há? — perguntaram os oficiais imediatamente.

— Ordem de marcha, meus senhores. Mack rendeu-se com todo o seu exército.

— Não pode ser!

— Vi-o com os meus próprios olhos.

— Quê? Tu viste o Mack vivo? Em carne e osso?

— Para a guerra! para a guerra! Vamos beber pela boa nova. E tu, que estás aqui a fazer?

— Mandaram-me regressar ao meu regimento precisamente por causa desse diabo do Mack. O general austríaco queixou-se de mim; felicitei-o pelo seu regresso... Que é isso, Rostov? Que tens tu? Parece que acabas de sair de um banho quente.

— Temos estado metidos num tal sarilho estes últimos dois dias!

Um ajudante-de-campo do regimento entrou nesse momento e confirmou a notícia trazida por Jerkov. Havia ordem para se porem em marcha no

dia seguinte de manhã.

— Para a guerra, meus senhores!

— Graças a Deus; estávamos a criar bolor.

Capítulo VI

Kutuzov tinha retirado para Viena, fazendo saltar as pontes do Inn em Braunau e a do Traun em Lintz. No dia 23 de outubro, o exército russo atravessava o Enns. As bagagens, a artilharia e as colunas de tropas atravessaram-no em pleno dia, formando colunas dos dois lados da ponte.

O tempo estava suave, uma atmosfera de outono, mas chuvosa. A longa perspectiva que se descobria das eminências ocupadas pelas baterias que defendiam a ponte ora se estendia por detrás das cortinas de musselina formada pela chuva oblíqua, ora se alargava, e na luz brilhante do sol podiam distinguir-se os objetos a distância como cobertos por uma camada de verniz. Lá em baixo via-se a cidadezinha, com as suas casas brancas de tetos vermelhos, a sua catedral e a sua ponte, em cujos flancos corria, em fileiras apressadas, a onda dos exércitos russos. Na curva que o Danúbio ali formava viam-se barcos, uma ilha e um castelo com um parque cercado pelas águas da confluência do Enns e do Danúbio. Depois via-se a margem esquerda do rio, escarpada e coberta de pinheirais, misteriosos horizontes de cumeadas verdejantes e de desfiladeiros azulados; um pouco mais adiante, as torres de um convento emergindo de um pinheiral selvagem, tão cerrado que parecia uma floresta virgem; na distância, e defronte, na outra margem do Enns, numa eminência, entreviam-se as patrulhas inimigas.

À frente da bateria, lá no alto, estava o comando da retaguarda: um general, com um oficial às ordens, que examinava o terreno pelo óculo. Um pouco mais para trás, sentado sobre a carreta de uma peça de artilharia, via-se Nesvitski, enviado à retaguarda pelo general-chefe. O cossaco que o acompanhava apresentava-lhe um saco de provisões e um frasco, e Nesvitski regalava os oficiais com pastéis e kümmel autêntico. Estes formavam roda em torno dele, muito alegres, uns de joelhos, outros escarranchados, à turca, na erva molhada.

— Não era qualquer imbecil o príncipe austríaco que mandou ali construir um castelo. Que sítio magnífico! Eh! Então? Os senhores não comem? — dizia Nesvitski.

— Obrigado, príncipe — respondeu um dos oficiais, que parecia encantado de se ver assim a conversar com um membro tão importante do estado-maior. — Soberbo local, realmente! Passamos diante do parque e vimos lá dentro dois veados; que magnífica residência!

— Olhe, príncipe — disse outro oficial, desejoso de comer mais um pastel, mas sem coragem de o pedir e, por isso mesmo, fingindo examinar a paisagem. — Olhe, a nossa infantaria acabou agora mesmo de lá chegar. Lá diante, ao pé daquele prado, por detrás da aldeia, três soldados estão a puxar

qualquer coisa. Vão fazer uma rica limpeza no palácio — acrescentou com evidente aprovação.

— Sem dúvida — disse Nesvitski — Não, cá por mim, o que eu gostava — acrescentou, metendo um pastel pela boca abaixo — era de ir até ali.

Apontava para o convento torreado que se descobria no alto da colina. Sorriu; os olhos fizeram-se-lhe pequenos e brilhantes.

— Não há dúvida, devia ser uma beleza, meus senhores!

Os oficiais puseram-se a rir.

— Meter um susto às freirinhas. Parece que são italianas, e novas, segundo dizem. Palavra de honra, dava cinco anos de vida para ir até lá.

— Tanto mais que elas devem estar aborrecidíssimas — disse, rindo, um oficial mais atrevido do que os outros.

Entretanto, o oficial às ordens, de serviço, apontava fosse o que fosse ao general. Este pôs-se a observar pelo óculo.

— Sim, senhor, lá estão eles, lá estão eles! — exclamou, encolerizado, afastando o óculo e encolhendo os ombros. — Lá estão eles e vão-nos cair em cima na altura da travessia do rio. Que estarão eles para ali a fazer?

Do outro lado do rio via-se o inimigo a olho nu e uma das suas baterias, por cima da qual se elevava um fumozinho leitoso. O fumo foi acompanhado, momentos depois, de uma detonação longínqua e viram-se as tropas russas estugar o passo na passagem do rio.

Nesvitski, para se fazer valer, levantou-se e, sorrindo, aproximou-se do general.

— Não quer Vossa Excelência comer também um bocadinho? — disse-lhe ele.

— A coisa vai mal — declarou o general, sem lhe responder. — Os nossos estão atrasados.

— Quer que vá lá, Excelência? — inquiriu Nesvitski.

— Vá, sim, faça favor — tornou o general, repetindo-lhe as ordens dadas já em pormenor -, e diga aos húsares que sejam os últimos a atravessar e que queimem a ponte, como eu ordenei, e que voltem a inspecionar as matérias inflamáveis que lá estão.

— Muito bem — respondeu Nesvitski.

Chamou o cossaco que lhe segurava o cavalo, disse-lhe que guardasse as provisões e o cantil, e, ligeiro, instalou a sua pesada corpulência em cima do cavalo.

— Palavra de honra, que vou fazer uma visita às freiras — disse para os oficiais, que olhavam para ele sorrindo, e pôs-se a descer a colina ao longo de um caminho que serpenteava.

— Ouça, capitão, veja até onde isso vai — gritou o general, dirigindo-se ao comandante dos artilheiros. — Vamos, para entreter o tempo,

— Serventes, a postos! — comandou o oficial.

Momentos depois os artilheiros acorriam alegremente, saindo dos seus bivaques, e punham-se a carregar as peças.

— Primeira peça! — exclamou o comandante.

A primeira peça deu um salto à retaguarda. Ouviu-se o estampido de um trovão metálico e o projétil passou, assobiando, por cima da cabeça dos russos, no sopé da colina; muito longe do lugar onde estava o inimigo uma nuvem de fumo veio assinalar o sítio onde o projétil tinha caído.

Soldados e oficiais rejubilaram ao ouvir a detonação.

Todos se levantaram e puseram-se a observar, lá no fundo, os movimentos das tropas russas, tão visíveis como se estivessem na palma de uma mão, e mais adiante o movimento do inimigo, que se aproximava. Nessa altura, o sol rompeu as nuvens e aquele belo tiro de canhão isolado fundiu-se com o seu fulgor radioso, criando uma sensação de bravura jovial.

Capítulo VII

Por cima da ponte já tinham passado dois projéteis inimigos e o tumulto ali era grande. No meio da ponte estava Nesvitski. Tinha-se apeado e eilo ali, com a sua corpulenta pessoa, cerrado contra o parapeito. Voltava-se para o cossaco, que, com os dois cavalos pela arreata, ficara alguns metros mais atrás. De cada vez que tentava avançar, os soldados e as viaturas obrigavam-no a retroceder, e comprimiam-no de novo de encontro às guardas da ponte. Nada mais podia fazer do que rir.

— Eh, tu, lá de diante — dizia o cossaco para um soldado que conduzia uma grande viatura, forçando a marcha por cima dos próprios pés dos soldados, contra os quais avançavam rodas e cavalos. — Eh, tu, não podes esperar? O general quer passar.

O soldado do comboio, sem prestar atenção à palavra general que lhe atiravam, gritava para os soldados que lhe impediam a marcha: “Eh, camaradas, pela esquerda, esperem um bocado!” Mas os camaradas, ombro com ombro, embaraçando-se nas baionetas, avançavam pela ponte fora em massa compacta. Debruçando-se sobre o parapeito, o príncipe Nesvitski via as pequenas vagas rápidas e rumorosas do Enns, que, misturando-se e quebrando-se de encontro aos pegões da ponte, se perseguiam umas às outras. Em cima da ponte também se espriavam ondas vivas e monótonas de soldados; barretinas, com grandes cordões, envoltas em suas capas, mochilas, baionetas, lanças e, debaixo das barretinas, figuras poderosamente musculadas, de faces cavadas, um ar de fadiga e despreocupação, pernas que se moviam na lama viscosa colada às pranchas da ponte. De onde em onde, por entre as vagas iguais dos soldados, emergia, tal a espuma branca nas águas do Enns, um oficial com o seu casacão e uma máscara que ressaltava no meio das dos soldados; de quando em quando, como se fosse um feixe de palha levado pelas águas, flutuava, por cima das vagas da infantaria, um húsar a pé, uma ordenança ou um civil; e outras vezes, como uma prancha flutuante, via-se sobrenadar, cercado por todos os lados, um furgão de regimento ou uma viatura de oficial cobertos de couro, carregadíssimos.

— Parece que se rompeu um dique — disse o cossaco, detendo-se desesperado. — Ainda faltam muitos?

— Metade e outros tantos! — exclamou, piscando o olho, um soldado folgazão que naquele momento passava, de capote esfarrapado; atrás dele surgiu um soldado já velho.

— Se ele (ele era o inimigo) se lembrasse agora de nos dar um calor em cima da ponte — murmurou para um camarada, taciturno — não tínhamos tempo de nos coçar.

E seguiu adiante. Atrás dele vinha outro a guiar uma carroça.

— Onde é que diabo meteram a chave? — gritava uma ordenança, que acompanhava a viatura, espiolhando-lhe as traseiras.

Tanto o homem como a carroça afastaram-se. Depois apareceu um grupo de soldados muito alegres e que se via bem estarem embriagados.

— É o que te digo, meu velho, quando ele lhe atirou com a coronha da espingarda... — dizia, rindo, um dos militares, que tinha o cabeção do capote levantado e fazia grandes gestos.

— Ah, sim, que rico presunto — respondeu outro soldado, escancarando a boca.

E foram andando, de modo que Nesvitski não conseguiu perceber quem é que tinha sido agredido nem o que é que queria dizer aquele presunto.

— Por que é que se puseram agora a correr? Lá porque ele lhes mandou um balázio, já pensam que estão todos perdidos — disse um sargento, furioso.

— Quando ela passou por mim, a granada — exclamou um soldado muito novo que, a rir, abria uma boca enorme -, julguei ir desta para melhor. Caramba, sempre tive um destes medinhos! — acrescentou, como que orgulhoso de ter tido medo.

E também este foi andando para diante. Depois chegou uma viatura que se não parecia com qualquer das que tinham passado. Era uma carroça alemã tirada por dois cavalos, carregada, ao que parecia, com o recheio de uma casa inteira. Atrás da carroça, guiada por um alemão, vinha amarrada uma bela vaca malhada, de grandes tetas. Sobre um colchão de penas ia deitada uma mulher que dava de mamar a uma criança, uma velha e uma rapariga sadia e rubicunda. Via-se perfeitamente que aqueles emigrantes tinham sido autorizados a circular mercê de uma licença especial. Os olhos de todos os soldados seguiam as duas mulheres e, enquanto o comboio ia passando, a passo, todas as observações as tinham por objeto. Em todas as máscaras se notava a expressão agarotada que a presença daquelas mulheres sugeria.

— Então, minha salsicha, mudamos de casa?

— Está à venda a tiazinha? — interrogou outro soldado, acentuando a última sílaba¹⁶ e dirigindo-se ao alemão, que caminhava, de cabeça baixa, com grandes passadas e um ar ao mesmo tempo furioso e assustado.

— Olha para o vestido dela! Ah! Com mil diabos!

— Hem! Agradava-te estares aboletado lá em casa, Fedotov?

— Tenho visto muita mulher, meu filho!

— Onde é que vais? — perguntou um oficial de infantaria, que comia uma maçã, e que também estava de olhos arregalados, todo sorridente, para a mocetona.

O alemão, cerrando os olhos, fazia menção de não perceber.

— Queres? — disse o oficial, oferecendo uma maçã à rapariga.

A moça sorriu e pegou na maçã. Tanto Nesvitski, como os demais em cima da ponte, não perderam de vista as mulheres enquanto elas não passaram. Atrás delas continuaram a passar os mesmos soldados, dizendo sempre as mesmas coisas, e finalmente houve uma paragem geral. Como costuma acontecer frequentemente à saída das pontes, os cavalos embaraçaram-se nas viaturas do regimento e toda aquela massa de tropa ficou detida.

— Que diabo de paragem é esta? Não há ordem? — gritavam os soldados. — Vê lá onde pões os pés! Cos demônios, não sei por que é que esperam! O bom e o bonito seria se ele deitasse fogo à ponte. Olha, lá fica esmagado aquele oficial... — E de todos os lados choviam comentários deste gênero: cada um olhava para o vizinho e ia fazendo pressão no sentido da saída da ponte.

Estando a olhar para as águas do Enns, que corriam por debaixo da ponte. Nesvitski sentiu, de repente, um ruído novo para ele, fosse o que fosse que se aproximava muito depressa... qualquer coisa muito grande veio cair com estrondo nas águas.

— Hem! Boa pontaria! — exclamou, carrancudo, um soldado, ali a dois passos, que se voltara ao ouvir o estampido.

— Dá-nos coragem para andarmos mais depressa — disse outro soldado com inquietação.

A multidão voltou a mover-se. Nesvitski compreendeu que aquilo fora bala de canhão.

— Eh! Cossaco! O cavalo — gritou. — Vamos, rapazes, afastem-se! Mexam-se! Deixem passar!

Foi com dificuldade que conseguiu chegar até ao pé da montada. Sem nunca deixar de gritar à multidão, conseguiu avançar. Os soldados cerravam fileiras para lhe dar lugar, mas acabavam por se comprimir contra ele de tal modo que lhe imobilizavam as pernas, sem querer, eles próprios vítimas da compressão dos outros.

— Nesvitski! Nesvitski! Eh, malandro! — exclamou, nessa altura, atrás dele uma voz rouca.

Nesvitski voltou-se e viu, a uns quinze passos de distância, separado dele pela massa viva da infantaria em marcha, uma criatura muito vermelha, muito negra, a barretina atirada para a nuca, com um dólman garbosamente aos ombros: era Vaska Denissov.

— Diz-lhes que nos deixem passar, a esses demônios, a esses filhos do diabo! — gritava Denissov, visivelmente num dos seus acessos de fúria. Os

olhos negros e brilhantes como carvão rolavam-lhe nas órbitas inflamadas. Brandia o sabre, que não tirara da bainha, na pequena mão nua, tão vermelha como a cara.

— Ah! Vaska! — volveu-lhe, alegremente. Nesvitski. — Que fazes aqui?

— É impossível fazer avançar o esquadrão — gritava Vaska Denissov, mostrando os dentes brancos e esporeando o belo murzelo, um beduíno de puro sangue, que, ao picar-se nas baionetas, eriçava as orelhas, resfolgado, espargindo de espuma tudo à sua volta, escarvava com as patas as tábuas da ponte, pronto a saltar por cima do parapeito se o cavaleiro que o montava consentisse.

— O quê? Como carneiros, sim, como autênticos carneiros! Ao largo!... Deixem passar!... Façam alto, viaturas! Com mil diabos! Esperem, que eu lhes digo, vai à espadeirada... — E, com efeito, arrancando o sabre da bainha, pôs-se a agitá-lo no ar.

Os soldados, aterrorizados, encolheram-se uns contra os outros, e Denissov pôde aproximar-se de Nesvitski.

— Quê, que dizes tu? Ainda hoje não bebeste nada? — exclamou Nesvitski para Denissov, assim que o viu perto dele.

— Que queres, eles nem para isso nos dão tempo! — replicou Vaska Denissov — Todo o dia temos andado com o regimento em bolandas, de um lado para o outro. Se é preciso que a gente se bata, vamos a isso. Mas, assim, que é que isto quer dizer?

— Que elegante estás hoje! — observou Nesvitski, olhando para o seu dólman novo e para a gualdrapa do seu cavalo.

Denissov sorriu-se, tirou o lenço da algibeira, todo perfumado, e levou-o ao nariz de Nesvitski.

— Claro que não pode ser de outra maneira, vamos para o campo de batalha! Barbee-me, lavei os dentes e perfumei-me.

A imponente estatura de Nesvitski, acompanhada do seu cossaco, assim como o ar decidido de Denissov, que espadeirava para a direita e para a esquerda, em altos gritos, deram tal resultado que os dois conseguiram esgueirar-se para o outro lado da ponte, detendo os peões. Nesvitski, à saída, foi encontrar o coronel a quem devia entregar a mensagem, e, depois de cumprida a sua missão, voltou para trás.

Denissov, que tinha conseguido abrir caminho, deteve-se à entrada da ponte. Segurando, negligentemente, o seu cavalo, que escoicinhava e resfolgava, via passar diante dele o seu esquadrão. Sobre as pranchas da ponte ressoavam ferraduras; eram alguns cavalos que vinham a trote. O esquadrão, com

os oficiais à frente, alinhado a quatro, surgiu na ponte e começou a sair do outro lado.

Os homens da infantaria, obrigados a parar em cima da lama espezinhada da ponte, olhavam para os húsares, asseados e elegantes, que diante deles iam desfilando galhardamente, com essa hostilidade especial, misto de inveja e de troça, que em geral se observa entre os vários corpos de um exército.

— Isto é que é uma tropa catita! Parece mesmo que vai a caminho da parada de Podnovinskoie!

— Para que serve esta gente? Só para vista! — exclamou outro soldado.

— Eh! infantaria! Isso não é poeira? — zombou um húsar, cujo cavalo, caracolando, salpicara de lama um dos peões.

— Gostava de te ver depois de duas boas marchas de mochila às costas. Deviam ficar bonitos os teus alamares! — ripostou o soldado de infantaria, limpando a lama da cara com a manga. — Aí empoleirado pareces mais um pássaro do que gente!

— E tu, Zikine, devias ficar bem a cavalo. Tens boa figura — dizia, trocista, um cabo a um pobre soldado de infantaria, muito magro, ajoujado ao peso da mochila.

— Monta num pau e já terás cavalo — zombou um húsar.

Capítulo VIII

O resto da infantaria dava-se pressa em atravessar a ponte, comprimida à entrada, como num funil. Por fim, tendo passado todas as viaturas, houve menos precipitação, e o último batalhão penetrou na ponte. Apenas os húsares de Denissov permaneciam na outra extremidade, frente ao inimigo. Este, que se via perfeitamente ao longe da colina oposta, ainda não era visível do nível da ponte, pois, na ravina por onde corriam as águas do rio, o horizonte era limitado pelas cumeadas vizinhas a uma meia versta de distância. Ali defronte ficava um baldio, onde evoluçionavam, por aqui e por ali, patrulhas de cossacos. De súbito, nos cabeços em frente da estrada surgiram soldados de túnica azul e artilharia. Eram os franceses. A patrulha de cossacos, a trote, retirou-se do sopé das colinas. Oficiais e soldados do esquadrão de Denissov, procurando falar sobre outra coisa e olhar para outro lado, não deixavam de pensar no que ali estava, naqueles cabeços, e a todo o momento olhavam as manchas que se iam formando no horizonte, e que sabiam perfeitamente serem soldados inimigos. O tempo, para a tarde, clareara, o sol dardejava os seus raios sobre as águas do rio e as montanhas sombrias que o cercavam. Tudo estava sereno; dos montes vizinhos chegavam, de quando em quando, toques de clarins e vozes do inimigo. Entre o esquadrão e os franceses nada mais havia além de algumas pequenas patrulhas. Um espaço vazio de cerca de trezentas sagenas¹⁷ os separava. O inimigo tinha cessado fogo, e isso mesmo ainda tornava mais agudo o sentimento da grave ameaça que representava aquela inacessível e insondável faixa de terreno entre os dois adversários.

“Um passo para além daquela linha que lembra a que separa os vivos dos mortos e eis-nos no mundo desconhecido do sofrimento e da morte. E lá adiante que é que está? Lá adiante, para além deste campo e desta árvore e daquele telhado iluminado pelos raios do sol? Ninguém sabe e ninguém o deseja saber. Toda a gente tem medo de transpor aquela linha e ao mesmo tempo há como que uma tentação de o fazer; e o certo é que todos sabem que mais tarde ou mais cedo haverá que transpô-la e que conhecer o que lá existe, do outro lado da linha, exatamente como é inevitável virmos a saber o que fica do outro lado da morte. E no entanto todos nós nos sentimos fortes, saudáveis, cheios de vida.” Eis o que sente, sem dar por isso, todo o soldado diante do inimigo, e esta sensação, naquele instante, dá um brilho particular, um sentimento de rude alegria ao mais pequeno incidente.

Sobre o outeiro ocupado pelo inimigo surgiu o fumo de um tiro de peça e a bala passou, assobiando, por cima da cabeça dos soldados do esquadrão de húsares. Os oficiais, que estavam em grupo, retomaram os seus lugares. Os homens procuraram fazer alinhar as suas montadas. O silêncio reinou. Todos

olhavam o inimigo, ao longe, aguardando uma ordem. Passaram uma segunda e uma terceira balas. Era evidente que faziam pontaria sobre os húsares: mas os projéteis, com um assobio monótono, passavam-lhes sobre as cabeças e iam cair, algures, lá para trás deles. Os húsares não se voltavam, mas de cada vez que se ouvia o sibilar da bala, todo o esquadrão, como a uma voz de comando, todas aquelas feições, tão variadas na sua uniformidade, retinham a respiração enquanto o projétil passava, e viam-se os homens fincar-se nos estribos e depois encurvar-se. Os soldados, sem mexer a cabeça, entreolhavam-se de viés, examinando, curiosos, a impressão que sentiam os camaradas. Todos os rostos, desde o de Denissov até ao do clarim, denunciavam, por qualquer coisa de nervoso nos lábios e no queixo, um desejo de luta, certo enervamento, certa emoção. O sargento franzia as sobrancelhas fitando os soldados, como se os ameaçasse de os castigar. O junker Mironov curvava-se sempre que o projétil passava. Rostov, no flanco esquerdo, no seu Gratchik, um belo cavalo, apesar do seu casco fendido, tinha o aspecto feliz de um colegial chamado a prestar provas de exame diante de uma grande assembleia e confiante no seu triunfo. Olhava para todos com os seus olhos claros e luminosos, como se quisesse mostrar a toda a gente a sua perfeita serenidade sob a metralha. Mas o certo é que, sem que desse por isso, também ele, como os demais, mostrava, na expressão, que qualquer coisa de novo e de grave se estava a passar.

— Quem é que está a fazer sinais lá em baixo? Junker Mironov! Não está certo! Olhem para mim! — gritou Denissov, que, não podendo sossegar, evolucionava, no seu cavalo, à frente do esquadrão.

O rosto de nariz esborrachado e os cabelos negros de Vaska Denissov, a sua minúscula pessoa já bastante trabalhada pela vida, as suas mãos nodosas, de dedos curtos e peludos, empunhando o sabre nu, eram os mesmos de sempre, sobretudo quando à noite já tinha despejado duas ou três garrafas. Apenas parecia um pouco mais corado que de costume. Erguendo a cabeça hirsuta, como as aves quando bebem, e esporeando impiedosamente, com as pernas curtas, o seu bom beduíno, ei-lo que se põe a galopar, o corpo atirado para trás, ao longo do outro flanco do esquadrão, e, numa voz rouca, grita que preparem as pistolas. Aproximou-se de Kirsten. O capitão, sobre a sua égua vasta e majestosa, veio, a passo, ao encontro de Denissov. De grande bigodeira, estava sério, como sempre; só os olhos lhe brilhavam mais que habitualmente.

— Então! — exclamou — Parece-me que isto não dá nada. Vais ver, acabamos por bater em retirada.

— Não sei que diabo é que eles estão a fazer! — resmungou Denissov. — Ah! Rostov! — gritou para o junker, ao ver o ar jovial. — Ah! Até que enfim, não tiveste que esperar muito!

E sorria, como para o encorajar, vendo-se que estava contente por vê-lo. Rostov sentia-se feliz. Nessa altura na ponte estava o coronel. Denissov dirigiu-se para ele a galope.

— Excelência, deixe-me atacar! Dou cabo deles.

— É de atacar que se trata, realmente — volveu o coronel numa voz enfadada, franzindo as sobrancelhas, como quem sacode uma mosca importuna. — Que diabo estão vocês aqui a fazer? Bem vê que os flancos já retiraram. Leve o esquadrão.

O esquadrão voltou a atravessar a ponte e saiu da zona de fogo sem perder um único homem. Atrás dele seguiu igualmente o segundo esquadrão, exposto também ao fogo do inimigo, e os últimos cossacos evacuaram a margem.

Depois de terem passado a ponte, os dois esquadrões de Pavlogrado bateram em retirada, um atrás do outro, para as cumeadas. O comandante do regimento, Karl Bogdanitch Schubert, aproximou-se do esquadrão de Denissov e seguiu a passo não longe de Rostov, sem lhe prestar a mais pequena atenção, embora fosse a primeira vez que o via desde o caso de Telianine. Rostov, consciente do seu papel, na dependência do homem perante o qual agora se sentia culpado, não perdia de vista a estatura atlética, a nuca loura e o pescoço vermelho do comandante do regimento. Ora se convencia de que Bogdanitch se fingia indiferente e que não pensava senão em experimentar a sua bravura de junker, e então empertigava-se e lançava em torno de si um olhar jovial; ora supunha que Bogdanitch fazia de propósito, conservando-se junto dele, para assim lhe mostrar o quanto era corajoso; ora ainda pensava que o seu inimigo enviava deliberadamente o esquadrão a um ataque duro para o castigar a ele, Rostov, e de si para consigo ia dizendo que depois da refrega iria ter com ele e generosamente lhe estenderia a mão, a ele, ferido, em sinal de reconciliação.

Jerkov, cuja alta estatura e largos ombros eram bem conhecidos dos húsares de Pavlogrado, regimento que ele abandonara havia pouco, aproximou-se do coronel. Depois de ter sido expulso do estado-maior, tinha deixado o regimento dizendo que não era tão parvo que fosse condenar-se a trabalhos forçados nas fileiras quando podia ganhar muito mais sem fazer coisa alguma nas ordenanças, e tivera artes de conseguir ser nomeado oficial de ordenança do príncipe Bagration. Era portador de uma ordem para o seu velho coronel da parte do comandante da retaguarda.

— Coronel! — exclamou, com um ar sério e sombrio, dirigindo-se ao inimigo de Rostov e trocando um olhar com os camaradas. — Há ordem para voltar para trás e lançar fogo à ponte.

— Ordem? E quem a deu? — perguntou o coronel, num tom grosseiro.

— Não sei, meu coronel, não sei quem deu a ordem — replicou Jerkov, muito sério. — O príncipe só me disse: “Monta e vai dizer ao coronel que os húsares devem retirar o mais depressa possível e queimar a ponte.”

Depois de Jerkov chegou um oficial de ordenança com a mesma ordem. Atrás deste oficial aproximou-se igualmente o corpulento Nesvitski, montado num cavalo de cossaco, que só muito a custo fazia galopar.

— Que é isto, coronel?! — exclamou assim que chegou. Eu disse-lhe que queimasse a ponte, e agora diz que não sabe quem deu esta ordem? Está tudo doido, ninguém percebe nada.

O coronel, sem pressa, deu ordem ao regimento para fazer alto, e dirigindo-se a Nesvitski:

— Falou-me em matérias inflamáveis — disse — Mas, quanto a deitar fogo à ponte, nada me comunicou.

— Que me diz, camarada? — exclamou Nesvitski, que tinha refreado o seu cavalo, tirando a barretina e passando a gordurosa mão pelos cabelos ensopados de suor. — Que me diz? Não lhe comuniquei que queimasse a ponte depois de derramar as matérias inflamáveis?

— Eu não sou seu “camarada”, senhor oficial do estado-maior, e o senhor não me disse que deitasse fogo à ponte! Sei muito bem o que estou a fazer e tenho por hábito cumprir rigorosamente as ordens que me dão. O senhor disse que se queimaria a ponte, mas não quem o faria. Ora, eu não poderia sabê-lo por obra do Espírito Santo,

— Ah! É sempre a mesma coisa — volveu Nesvitski com um gesto de indiferença. — Que fazes tu aqui? — interrogou, dirigindo-se a Jerkov.

— O mesmo que tu. Estás encharcado! Deixa, que eu torço-te a roupa.

— O senhor disse, senhor oficial do estado-maior... — continuou o coronel, num tom ofendido.

— Coronel — interrompeu o oficial de ordenança -, é preciso agir, de outra maneira o inimigo acaba por colocar a sua artilharia ao alcance da ponte.

O coronel olhou sem dizer palavra o oficial de ordenança, o corpulento oficial do estado-maior Jerkov, e franziu as sobrancelhas.

— Deitarei fogo à ponte — volveu ele, num tom solene, como se com isso quisesse dizer que, apesar de todas as maçadas que lhe davam, cumpriria o seu dever.

Esporeando os flancos do seu cavalo com as suas grandes pernas musculosas, como se o pobre animal fosse o culpado de tudo, o coronel avançou e deu ordens ao segundo esquadrão, aquele, precisamente, a que pertencia Rostov, e estava sob as ordens de Denissov, para voltar à ponte.

“Sim, é isto mesmo”, pensou Rostov, “quer-me experimentar!” Sentiu um aperto no coração e o sangue subiu-lhe à cara. “Vai ver se eu sou poltrão”, pensou.

De novo, a máscara jovial dos homens do esquadrão retomou a expressão preocupada que tinha quando sob o fogo das peças de artilharia. Rostov, sem baixar os olhos, olhava para o seu inimigo, o comandante do regimento, tentando descobrir-lhe nos traços a confirmação das suas suspeitas. Mas o coronel nem uma só vez olhou para ele. Como sempre, no campo de batalha era severo e solene. Uma ordem de comando se ouviu.

— Depressa! Depressa! — exclamaram algumas vozes em volta dele.

Embainhando os sabres, com grande barulho de esporas, e a toda a pressa, os húsares apeavam-se, sem que eles próprios soubessem o que tinham a fazer. Persignaram-se. Rostov já não se preocupava com o coronel. Não tinha tempo. Nele havia medo, um medo cheio de ansiedade, receoso de ficar para trás dos seus húsares. Tremia-lhe a mão quando entregou o cavalo ao soldado encarregado de tomar conta dele e sentia bater violentamente o coração dentro do peito. Denissov, o corpo atirado para trás, passou, gritando, junto dele. Rostov não via nada além dos húsares a correrem apressados à sua volta, embaraçando-se nas esporas no meio do retinir de sabres.

— Uma maca! — gritou uma voz à sua retaguarda.

Rostov não percebeu o que é que aquilo queria dizer, pedir uma maca; corria, e não pensava senão em chegar primeiro do que outro qualquer. Mas, já perto da ponte, como não via onde punha os pés, enterrou-se num lamaçal mole e espezinhado e, desequilibrando-se, caiu com as mãos para a frente. Os outros continuaram, ultrapassando-o.

— Dos dois lados, capitão — dizia a voz do comandante do regimento, que, depois de ter tomado uma certa dianteira, se conservava, a cavalo, a pequena distância da ponte, com um ar alegre e triunfante.

Rostov, limpando as mãos cheias de lama ao calção de montar, lançou os olhos ao seu inimigo e quis avançar ainda mais; entendia que quanto mais adiante fosse melhor seria. Mas Bogdanitch, sem olhar para ele, sem o reconhecer sequer, gritou-lhe furioso: — Quem é aquele que vai a correr pelo meio da ponte? A direita! Junker, para trás!... — Depois, dirigindo-se a Denissov, que para exibição da sua coragem avançava, a cavalo, pelo tabuleiro da ponte: — Para que é que se há de expor, capitão? Desmonte.

— Tem sempre qualquer coisa a dizer — replicou Vaska Denissov, voltando-se no selim.

Entretanto, Nesvitski, Jerkov e o oficial da comitiva tinham-se reunido, ao abrigo do tiro do inimigo, e observavam ora este pequeno grupo de homens de barretina amarela, de jaquetas verde-escuras, com alamares e calções azuis de montar, que se agitava perto da ponte, ora, do outro lado, ao longe, as túnicas azuis, que se aproximavam, e grupos à mistura com cavalos, que se via logo serem batarias.

“Conseguiremos ou não deitar fogo à ponte? Quem o conseguirá primeiro? Serão eles capazes de chegar a tempo, ou serão os franceses que conseguirão aproximar-se tanto que os possam alvejar, dizimando-os a todos?” Eis as perguntas que a si próprios formulavam involuntariamente, na maior angústia, todos aqueles homens do exército imobilizado perto do rio, contemplando, à clara luz do Sol, que ia descendo no horizonte, tanto os húsares em cima da ponte como, na outra margem, as baionetas e as peças de artilharia dos túnicas azuis em marcha.

— Caramba! Os húsares vão apanhar uma coça! — dizia Nesvitski. — Já não estão longe do alcance da metralha.

— Foi um erro mandar tanta gente — observou o oficial do estado-maior.

— Efetivamente — comentou Nesvitski -, ali apenas teriam sido precisos dois valentes.

— Ah! Excelência! — interveio Jerkov, sem perder de vista os húsares, e sempre com aquele seu ar ingênuo, que levava os outros a perguntar-se a si próprios se ele estava a falar ou não a sério. — Ah! Excelência! Que é que está a dizer? Mandar lá dois homens, e depois, quem é que nos havia de condecorar com a Ordem de Vladimiro? Enquanto que assim, se eles forem dizimados, poderemos citar todo o esquadrão na ordem do dia, propondo-o para a condecoração, e apanhá-la nós também. O nosso Bogdanitch sabe muito bem o que faz.

— Olhem! — exclamou o oficial do estado-maior. — Lá começa a metralha.

Apontou para as peças de artilharia francesas, que acabavam de ser desatreladas e que apressadamente principiavam a ser distribuídas.

Do lado francês, nos grupos onde estavam as peças, apareceu um fumozinho, a seguir outro e quase simultaneamente um terceiro, e quando o estampido do primeiro tiro chegou onde estavam os oficiais russos viu-se um quarto fumo. Houve duas detonações, uma atrás da outra, e por fim uma terceira.

— Oh! Oh! — gemeu Nesvitski, como se sentisse uma dor pungente, agarrando no braço do oficial de ordenança. — Olhe, olhe, lá caiu um!

— Dois, creio eu!

— Se eu fosse o czar, nunca faria guerra — disse Nesvitski, voltando os olhos.

Os canhões franceses foram apressadamente carregados de novo. A infantaria de túnica azul avançou para a ponte em passo acelerado. Ainda se viam núcleos de fumo; em diversos pontos crepitava a metralha e rebentava sobre a ponte. Mas desta vez Nesvitski não pôde distinguir o que se passava. Subiu da ponte uma fumarada espessa. Os húsares tinham conseguido lançar-lhe fogo, e as baterias francesas já não disparavam para impedir a operação, mas simplesmente por estarem em linha de fogo e aquele ser um alvo sobre o qual podiam lançar metralha.

Antes que os húsares pudessem voltar para junto dos cavalos, ainda os franceses fizeram três descargas. Duas delas tinham sido mal dirigidas, e haviam-se perdido; a terceira caíra no meio de um grupo de húsares e abatera três.

Rostov, sempre absorvido pela ideia de Bogdatnitch, parara no meio da ponte, sem saber que fazer. Sempre se tinha representado a guerra como um acutilar alguém, mas a verdade é que não via ninguém a quem espadeirar; de resto, quanto a cooperar no incêndio da ponte, também o não podia fazer, pois não se havia munido, como os outros, de tições de palha. Continuava de pé na ponte, indeciso, quando, de repente, sentiu crepitar sobre o pavimento como que uma saraivada de nozes, e viu um húsar perto dele cair gemendo sobre o parapeito. Rostov correu para ele, com os outros. Alguém gritou de novo: “Uma maca!” Quatro homens agarraram-no e ergueram-no.

— Oh! Oh!... Deixem-me, por Deus! — gritava o ferido; mas nem por isso eles o largaram, e estenderam-no na maca.

Nicolau Rostov afastou-se, e, como se procurasse qualquer coisa, pôs-se a olhar ao longe as águas do Danúbio, o céu, o sol, que cintilava. Que lindo lhe parecia o céu! Que azul estava, e que sereno e profundo! Como o fulgor do sol em declínio era vivo e solene! Como cintilavam, amistosas, as águas do longínquo Danúbio! E as montanhas azuladas mais para além, o mosteiro, as misteriosas ravinas, os pinheirais envoltos até ao alto pelo nevoeiro!... Lá adiante era a serenidade, a felicidade... “Se eu lá estivesse nada teria a desejar, não, nada teria a desejar”, dizia Rostov de si para consigo. “No meu coração e neste sol há tanta felicidade, enquanto que neste lugar... só há gemidos, dor, terror, e esta confusão, esta pressa... E lá estão a gritar outra ordem e todos começam a recuar, correndo, e eu também corro com eles, e ela aí está, a morte em cima de mim, em volta de mim... Um segundo, e nunca mais verei este sol, estas águas, estes desfiladeiros...”

Neste momento o sol escondeu-se por detrás das nuvens; Rostov viu passar diante dele outras macas. O horror que lhe inspiravam a morte e aquelas macas, o seu amor pelo sol e pela vida, tudo se confundia numa só impressão de desordem e de angústia.

“Oh! meu Deus! Tu, que estás lá no alto, no céu, salva-me, perdoa-me e protege-me!”, murmurou.

Os húsares corriam para os seus cavalos, as vozes eram mais fortes e mais calmas, as macas tinham desaparecido.

— Eh, camarada, cheiraste a pólvora? — gritou-lhe ao ouvido a voz de Vaska Denissov.

“Tudo acabou; mas eu sou um poltrão, sim, sou um poltrão”, disse para si mesmo Rostov, e, soltando um profundo suspiro, pegou no bridão do seu Gratchik, que arrastava uma pata, tomando-o das mãos de quem o tinha ficado a guardar, e saltou para a sela.

— Que era aquilo? Era metralha? — perguntou a Denissov.

— E que metralha! — exclamou este. — Eles sabem afinar as peças pela última moda. Mas aquilo não é o meu gênero! Um ataque da cavalaria é outra coisa, é ali cara a cara! Mas isto, cos diabos, é atirar ao alvo, nada mais!

E Denissov lá se foi reunir a um grupo parado a pequena distância de Rostov, onde estavam o coronel, Nesvitski, Jerkov e o oficial de ordenança,

“No entanto, parece-me que ninguém deu por nada”, pensou Rostov. E, realmente, ninguém tinha dado por nada, pela simples razão de que todos sabiam muitíssimo bem qual a impressão que sente um junker no dia do seu batismo de fogo.

— Agora já têm que dizer a nosso respeito — disse Jerkov. — Vão-me promover num abrir e fechar de olhos.

— Peço que comuniquem ao príncipe que fiz saltar a ponte, disse o coronel com um ar jovial e triunfante.

— E se ele perguntar pelas perdas?

— Uma bagatela! — replicou ele, na sua voz de baixo — Dois húsares feridos e outro morto no seu posto... — Não pôde esconder um sorriso de satisfação e frisou muito as últimas palavras “no seu posto”.

Capítulo IX

Perseguido por um exército francês de cem mil homens, comandados por Bonaparte, acolhido hostilmente pelas populações, que tinham perdido a confiança nos seus aliados, causticado pela falta de abastecimentos e obrigado a agir completamente à margem das previstas condições da guerra, o exército russo, os trinta e cinco mil homens de Kutuzov, retirava apressadamente para jusante do Danúbio, não se detendo senão naqueles pontos onde o inimigo o atacava e não procedendo senão a operações de retaguarda na medida em que se tornavam necessárias para poder continuar a retirar sem perda de material e de bagagens. Houve os recontros de Lambach, de Amsteten e de Melk, mas, não obstante a bravura e a resistência das tropas russas, aliás reconhecidas pelo próprio inimigo, estas escaramuças de nada mais serviram que não fosse para acelerar a retirada.

As tropas austríacas salvas da capitulação de Ulm, e que se tinham juntado às de Kutuzov em Braunau, separaram-se agora do exército russo e Kutuzov via-se reduzido às suas fracas forças, já esgotadas. Não se podia pensar sequer em defender Viena.

Em vez de uma guerra ofensiva, maduramente refletida segundo as regras dessa nova ciência que se chamava a estratégia, cujo plano lhe tinha sido comunicado durante a sua estada em Viena pelo Conselho Superior de Guerra, o único e quase inacessível objetivo que se oferecia agora a Kutuzov consistia, para não perder o seu exército, à imitação do que fizera Mack em Ulm, em reunir-se às tropas que chegavam da Rússia.

A 28 de outubro, Kutuzov atravessa com o seu exército para a margem esquerda do Danúbio e pela primeira vez faz alto, depois de ter deixado o rio entre ele e as principais forças francesas. A 30 ataca a divisão de Mortier, que se encontrava na margem esquerda, e esmaga-a. Nesta operação tomaram-se pela primeira vez troféus de guerra: umas bandeiras e peças de artilharia. Dois generais inimigos foram feitos prisioneiros. Pela primeira vez desde que tinham batido em retirada, havia quinze dias, as tropas russas faziam alto e depois do combate não só tinham conservado o campo de batalha, mas, inclusivamente, haviam perseguido os franceses. Embora as tropas estivessem cobertas de andrajos, extenuadas, reduzidas de um terço, em virtude dos retardatários, dos feridos, dos mortos e dos doentes; embora os doentes e os feridos da outra margem do Danúbio tivessem sido abandonados com uma nota de Kutuzov confiando-os à humanidade do inimigo; embora os grandes hospitais e as casas de Krems, transformados em lazaretos, já não pudessem abrigar todos os feridos e doentes; apesar de tudo isto, a paragem em Krems e a vitória sobre Mortier tinham levantado muito o moral dos soldados. No exército em peso e no quartel-general corriam os boatos mais animadores, ainda que mal fundamentados, sobre

a imaginária aproximação de colunas chegadas da Rússia, de uma vitória dos austríacos e de um recuo de Napoleão, aterrorizado.

O príncipe André, durante o combate, permanecera ao lado do general austríaco Schmidt, que tinha sido morto nessa operação. O cavalo que o príncipe montava fora ferido e ele próprio recebera uma escoriação num braço produzida por uma bala.

Graças a uma mercê especial do general-chefe, fora encarregado de transmitir a nova desta vitória à corte austríaca, que já se não encontrava em Viena, ameaçada pelos franceses, mas em Brünn. Na própria noite da batalha, emocionado, mas não fatigado, a despeito da sua compleição assaz delicada — suportava melhor as fadigas físicas que muitos homens de forte constituição —, chegava a Krems, a cavalo, com um relatório de Dokturov, dirigido a Kutuzov. André fora imediatamente expedido para Brünn, como correio. A sua escolha, além da distinção que implicava, equivalia a uma importante promoção.

Estava uma noite escura e cheia de estrelas; a estrada desenhava-se a negro na neve que caíra na véspera, o dia do combate. Ora rememorando as impressões que a batalha lhe deixara, ora pensando com alegria no efeito que iriam produzir as novas da vitória, e lembrando-se do acolhimento que lhe tinham feito o general-chefe e os seus camaradas, deixava-se levar pela britchka de viagem na sensação de um homem que, depois de muito esperar, vê, finalmente, raiar a aurora de uma felicidade muito desejada. Mal fechava os olhos, logo lhe crepitavam nos ouvidos a fuzilaria e as descargas da artilharia, à mistura com o fragor do rodar das viaturas e a sensação da vitória. Outras vezes pensava que os russos tinham sido derrotados e que ele próprio fora morto em combate; mas logo acordava, num sobressalto, contente por poder verificar que nada disso era verdade, e que, pelo contrário, tinham sido os franceses quem debandaram. De novo se recordava de todos os pormenores da vitória, da sua calma e da sua bravura durante o combate, e, tranquilizado, adormecia... À noite sombria e estrelada sucedia agora uma manhã clara e alegre. A neve fundia aos primeiros raios de sol, os cavalos galopavam, rápidos, e à direita e à esquerda, indefinidamente, desfilavam constantemente novos campos, florestas, povoados.

Numa das estações de posta cruzou-se com um comboio de feridos russos. O oficial que o dirigia, deitado numa carroça da vanguarda, cobria de grosseiras injúrias um soldado. Compridos carros alemães lá iam aos solavancos pela estrada esburacada. Cada um deles levava entre seis e sete feridos, sujos e pálidos, todos envoltos em ligaduras. Alguns deles falavam, e pareceu-lhe que se exprimiam em russo, outros comiam pão, os mais atingidos olhavam, sem nada dizer, com uma curiosidade tranquila e infantil própria de doentes, para o correio que ia passando por eles a galope.

O príncipe mandou parar a britchka e perguntou a um dos soldados em que recontro é que ele tinha sido ferido. “Anteontem, no Danúbio”, respondeu o soldado. Sacando da bolsa, o príncipe deu-lhe três ducados de ouro.

— É para todos — disse ele ao oficial que se aproximou. — Tratem de se curar, rapazes, ainda há muito que fazer.

— Que novidades há? — interrogou o oficial, desejoso de conversar, dirigindo-se ao ajudante-de-campo.

— Boas! Vamos embora! — gritou para o postilhão, e prosseguiu no seu caminho.

Já era escuro quando chegou a Brünn e se viu cercado de altas construções, com lojas e janelas vivamente iluminadas, olhando todos aqueles revérberos, aquelas belas carruagens, que rolavam, estrepitosas, pelos pavimentos, aquela atmosfera animada de grande cidade, que tão atraente era para o militar depois da vida em campanha. Apesar da sua rápida viagem e de não ter dormido, ao chegar ao palácio ainda se sentia mais excitado do que na véspera. Nos seus olhos havia um brilho de febre e os pensamentos atravessavam-lhe o cérebro com uma rapidez e uma nitidez extraordinárias. Os mais pequenos pormenores do combate se lhe pintavam, vivos, no espírito, não já confusos, mas muito nítidos, no relatório conciso que ele pensava fazer ao imperador Francisco. Entretanto iam-se representando as perguntas ocasionais que lhe seriam feitas e pensando nas respostas que lhes daria. Supunha que iria ser imediatamente apresentado ao imperador. Mas à entrada nobre do palácio um funcionário correu ao seu encontro, e, ao ver que se tratava de um correio, conduziu-o para outra porta.

— No corredor à direita. Aí encontrará Sua Alta Nobreza o ajudante-de-campo de serviço — disse-lhe o funcionário. — Ele o conduzirá até junto do ministro da Guerra.

O ajudante-de-campo de serviço veio ao encontro do príncipe André; pediu-lhe que esperasse e foi avisar o ministro da Guerra. Cinco minutos depois voltou a aparecer, e, fazendo uma vênia cheia de deferência e deixando-o passar adiante, levou-o, ao longo de um corredor, até ao gabinete de trabalho do ministro. O ajudante-de-campo, com a sua requintada cortesia, parecia querer impedir qualquer familiaridade, da parte do oficial russo. A jovial disposição do príncipe André foi diminuindo à medida que se aproximava do gabinete do ministro da Guerra. Sentia-se melindrado, e, sem que ele próprio se desse conta disso, esta irritação breve se tornou em profundo desdém, desdém, aliás, que nada justificava. O seu espírito inventivo sugeriu-lhe imediatamente algumas reflexões que lhe davam o direito de tratar com um certo desprezo tanto o ajudante-de-campo como o próprio ministro.

“Não há dúvida, a eles não lhes custa nada obterem vitórias sem lhes cheirar a pólvora!”, dizia com os seus botões. Piscava o olho com uma expressão trocista e foi propositadamente que penetrou negligente no gabinete do ministro. As suas impressões desfavoráveis ainda mais se acentuaram quando se lhe deparou aquela personagem, sentada a uma grande mesa, que permaneceu pelo menos dois minutos sem prestar qualquer atenção ao visitante. O ministro inclinava a cabeça calva, com as suas têmporas grisalhas, no meio de dois brandões de cera, enquanto lia, anotando-os a lápis, uns papéis que tinha diante de si. Acabava a leitura desses papéis, sem nunca ter levantado a cabeça, quando a porta se abriu e uns passos se aproximaram.

— Tome e transmita — disse ele para o ajudante-de-campo, dando-lhe os papéis, sem prestar ainda a mais pequena atenção ao correio.

O príncipe André depreendeu que ou o ministro da Guerra prestava menos atenção ao que se passava com o exército de Kutuzov do que a qualquer outro assunto que o solicitava, ou então que era isso mesmo que ele pretendia fazer compreender ao correio russo. “Mas isso é-me completamente indiferente”, murmurou para si mesmo o príncipe André. O ministro da Guerra juntou os papéis que ficaram em cima da mesa, acertou-os bem, depois levantou os olhos. Tinha uma expressão enérgica e inteligente. Mas, precisamente no momento em que se voltou para o príncipe, este ar de homem inteligente e decidido transformou-se, evidentemente consequência de um hábito muito consciente. Apenas conservou o sorriso simplório, hipócrita, que não vale a pena ocultar, o sorriso do homem que se vê obrigado a receber, uns após outros, muitos petiçãoários.

— Da parte do marechal Kutuzov? — perguntou ele. — São boas notícias, não é verdade? Teve um combate com Mortier? Uma vitória? Já era tempo!

Pegou no ofício que lhe era pessoalmente dirigido — e pôs-se a lê-lo, dando sinais de mortificação.

— Oh, meu Deus! Meu Deus. Schmidt! — exclamou em alemão. — Que desgraça! Que desgraça!

Tendo lido o ofício, pousou-o em cima da mesa e olhou para o príncipe André, com uma expressão evidentemente muito preocupada.

— Oh, que desgraça! A operação, diz o senhor, é decisiva? No entanto, Mortier não foi feito prisioneiro. — Ficou um momento pensativo. — Felicito-o por me ter trazido boas notícias, ainda que a morte de Schmidt nos faça pagar cara a vitória. Sua Majestade vai querer vê-lo, naturalmente, mas hoje não. Muito obrigado. Pode retirar-se. Esteja amanhã à saída, depois da parada. De resto, eu o mandarei prevenir.

O sorriso simplório, que desaparecera durante a conversa, tornou de novo ao rosto do ministro.

— Até à vista, muito agradecido! O imperador há de naturalmente querer vê-lo — repetiu, numa reverência.

Quando deixou o palácio, o príncipe André deu-se conta de que todo o interesse e toda a satisfação que a vitória lhe tinha comunicado estavam agora a desvanecer-se, prejudicados pela indiferença de um ministro da Guerra e de um ajudante-de-campo assaz cortês. Todo o seu tesouro de bons sentimentos desaparecera num abrir e fechar de olhos: a batalha, para ele, já não era mais que uma recordação longínqua de outrora.

Capítulo X

O príncipe André tinha-se hospedado em Brünn em casa de um dos seus amigos, o diplomata russo Bilibine.

— Meu querido príncipe, nem imagina o prazer que me dá, disse Bilibine, vindo ao encontro do seu hóspede.

— Franz, leva a bagagem do príncipe para o seu quarto de dormir! — prosseguiu, dirigindo-se ao criado que acompanhava Bolkonski — Que me diz? Um mensageiro da vitória? ótimo! Mas eu estou doente, como vê.

O príncipe André, depois de se ter lavado e preparado, penetrou no luxuoso gabinete do diplomata e dispôs-se a fazer as honras a uma refeição expressamente preparada para ele. Bilibine sentou-se, calado, junto do fogão.

Depois daquela viagem, e sobretudo desde que se encontrava em campanha, privado de todo o conforto de asseio e elegância, o príncipe André sentia agora, no meio daquele luxo a que estava habituado desde pequeno, uma agradável impressão de alívio. Além disso, experimentava uma grande satisfação, depois da recepção dos austríacos, em conversar, não em russo, visto que ambos falavam francês, mas com um russo que, como ele supunha, compartilhava da aversão geral dos seus compatriotas, naquele momento particularmente viva, por todos os austríacos.

Bilibine era um homem dos seus trinta e cinco anos, celibatário, e que pertencia à mesma sociedade que o príncipe André. Tinham-se conhecido em Petersburgo, mas as suas relações haviam-se estreitado aquando da última estada do príncipe André em Viena, na comitiva de Kutuzov. André era um moço a quem esperava um brilhante futuro na carreira das armas, mas Bilibine ainda estava destinado a ir mais longe na da diplomacia. Era ainda novo, mas não como diplomata, uma vez que ingressara na carreira com dezasseis anos de idade e que tinha estado em Paris e em Copenhague e que em Viena, agora, desempenhava um posto importante.

O chanceler e o embaixador russo em Viena conheciam-no e estimavam-no. Não fazia parte do número desses diplomatas, bastante vulgares, que julgam necessário não se ter senão qualidades negativas, absterem-se de certas coisas e falarem bem francês para serem excelentes funcionários. Ele era desses que gostam de trabalhar e sabem trabalhar, e, não obstante a indolência de que era dotado, acontecia passar noites inteiras sentado à mesa de trabalho. Fosse qual fosse a tarefa que tivesse a executar, fazia-a sempre bem. O que o interessava não era o “porquê” das coisas, mas o “como”. Pouco lhe importava a questão diplomática a tratar: mas redigir habilmente com finura e elegância uma circular, um memorando ou um relatório, isso dava-lhe um grande prazer. Além

da perícia na redação, apreciava-se nele igualmente o savoir-faire quando era necessário apresentar-se e falar nas altas esferas.

Bilibine gostava tanto da conversa como do trabalho, desde que ela fosse espirituosa e distinta. Quando em sociedade, estava sempre à espreita do momento de dizer fosse o que fosse digno de ser notado e só com essa condição consentia embrenhar-se numa conversa. A sua conversação era toda salpicada de frases originais e espirituosas, e de interesse geral. Preparava as suas frases no silêncio do gabinete, expressamente para que elas pudessem vir a ser espalhadas, para que as mais significativas pessoas da sociedade pudessem lembrar-se delas facilmente e repeti-las de salão em salão. E, efetivamente, os ditos de espírito de Bilibine espalhavam-se nos salões de Viena, e por vezes tinham influência nos assuntos considerados sérios.

Era magro de cara, pálido e fatigado. Tinha o rosto sempre coberto de grossas rugas regulares e como que bem lavadas, como costuma acontecer às extremidades do corpo depois do banho. O movimento destas rugas constituía o seu principal jogo fisionômico. Ora a fronte se lhe cavava em largas pregas e as sobrancelhas se lhe franziam, ora, pelo contrário, se lhe abaixavam e nas faces se lhe formavam grossas rugas. Nos seus pequenos olhos, profundamente enterrados nas órbitas, havia sempre um olhar alegre e franco.

— Então, conte-nos agora as suas proezas — disse ele.

Bolkonski, muito modestamente, sem nunca referir o seu próprio nome, contou o que se tinha passado e a recepção que tivera da parte do ministro da Guerra.

— Fui recebido com bem pouco entusiasmo, eu e as minhas notícias — concluiu.

Bilibine pôs-se a rir e as pregas do rosto desvaneceram-se-lhe.

— No entanto, meu caro — voltou ele, contemplando as unhas a distância e piscando o olho esquerdo — apesar da alta estima que eu professo pelo exército ortodoxo russo, confesso que a vossa vitória não é das mais famosas.

Continuou assim a falar francês, não pronunciando em russo senão as frases a que queria atribuir intenção irônica.

— Como assim? Vocês precipitaram-se com toda a massa das vossas tropas sobre o desgraçado do Mortier e da sua única divisão, e o tal Mortier fugevos das mãos? Onde é que está então a vitória?

— Em todo o caso, falando a sério — replicou o príncipe André — o certo é que podemos dizer, sem nos vangloriarmos, que sempre foi um pouquinho melhor do que em Ulm...

— E por que é que então não souberam trazer-nos ao menos um marechal, pelo menos um marechal?

— Porque nem tudo acontece como é nosso desejo, e regularmente, como na parada de um quartel. Nós pensávamos, como lhe dissemos, estar na retaguarda dos franceses às sete horas da manhã, e às cinco da tarde ainda lá não tínhamos chegado.

— E por que é que vocês não conseguiram estar lá às sete horas da manhã? Era a essa hora que deviam ter chegado — disse, sorrindo, Bilibine — Era preciso ter chegado às sete horas da manhã.

— E por que é que vocês não sugeriram a Bonaparte, pelas vias diplomáticas, que teria sido melhor vê-lo deixar Gênova? — disse o príncipe André no mesmo tom.

— Sim, bem sei — interrompeu Bilibine. — Bem sei, está a pensar que não há nada mais fácil que aprisionar marechais sem sair do canto do fogão. É verdade, mas, ainda assim, por que diabo é que vocês não aprisionaram um? Não se mostre surpreendido de ver que o ministro da Guerra, assim como o seu augusto soberano, o imperador e rei Francisco, não ficam extraordinariamente contentes com a vossa vitória, e que eu próprio, um pobre secretário da Embaixada da Rússia, não me sinto na necessidade, em sinal de satisfação, de presentear o meu criado Franz com um thaler para que ele vá passear com a sua liebchen até ao Prater... embora seja verdade que aqui não há nenhum Prater...

Fitou nos olhos o príncipe André e de súbito toda a pele da testa se lhe desenrugou.

— Agora, meu caro, cabe-me a vez de lhe pôr um “porquê” — disse Bolkonski. — Confesso-lhe que não percebo... É possível que haja aqui qualquer sutileza diplomática muito acima do meu fraco entendimento, mas uma coisa há que eu não compreendo: Mack perde todo o seu exército, o arquiduque Fernando e o arquiduque Carlos não dão sinais de vida e cometem erros sobre erros; enfim, apenas Kutuzov consegue obter uma verdadeira vitória, quebrar o charme dos franceses e o ministro da Guerra não se interessa sequer por conhecer pormenores.

— Ora aí está precisamente o problema, meu caro. Está a ver, meu caro: hurra pelo czar, pela Rússia, pela fé! Tudo isso é muito bonito, mas a nós que nos importam, quero dizer, à corte da Áustria, que nos importam a nós as vossas vitórias? Tragam-nos uma boa vitória dos arquidukes Carlos ou Fernando, vale tanto um como o outro, como muito bem sabe, ainda que não seja senão uma vitória contra uma companhia de bombeiros de Bonaparte, e, então, isso seria outra coisa, e cá estaríamos nós para a proclamar a salvas de canhão. Enquanto que o presente caso parece de propósito para nos irritar. O arquiduque

Carlos nada faz, o arquiduque Fernando cobre-se de opróbrio. Abandona-se Viena, não se defende mais Viena; é como se nos dissesse: Deus está conosco, mas vocês, vocês vão lá passear com a vossa capital. Vocês tinham um general, chamado Schmidt, de quem todos nós gostávamos. Vocês mandam-no para a linha de fogo, e depois vêm-nos cantar vitória! Tem de concordar que não há nada mais exasperante que estas notícias que você nos traz. É como se fosse de propósito, como se fosse de propósito. E, além disso, mesmo que vocês tivessem obtido realmente uma brilhante vitória, mesmo que o arquiduque Carlos tivesse obtido uma vitória, em que é que isso iria alterar a marcha geral dos acontecimentos? Agora é tarde, agora que Viena já foi ocupada pelas tropas francesas.

— Ocupada, como? Pois Viena está ocupada?

— Não só ocupada, mas Bonaparte está em Shoenbrunn e o conde, o nosso querido conde Wrba, está pronto a receber as suas ordens.

Bolkonski, depois das impressões de viagem, do acolhimento que recebera, sobretudo depois do jantar que acabava de digerir, tão fatigado estava que se dava conta de que já não compreendia muito bem o sentido das coisas que lhe diziam.

— Esta manhã mesmo esteve aqui o conde Lichtenfeld — prosseguiu Bilibine -, que me mostrou uma carta onde se descrevia em pormenor a parada dos franceses em Viena. O príncipe Murat e toda a sua pompa... Como vê, a vossa vitória não é grande motivo de alegria. O príncipe não podia ser recebido como um salvador.

— A falar verdade, para mim isso é-me indiferente, absolutamente indiferente — disse o príncipe André, que acabava de compreender que o combate de Krems tinha realmente pouca importância ao pé de acontecimentos magnos como a tomada da capital austríaca. — Que me diz? Então Viena foi tomada! E a ponte, e a famosa testa de ponte e o príncipe Auersperg? Entre nós tinha corrido o boato de que o príncipe Auersperg era o defensor da cidade.

— O príncipe Auersperg está do lado de cá do rio, do nosso lado, e defende-nos a nós. Na minha opinião, acho que ele nos defende muito mal, mas defende-nos. Viena, porém, fica na outra margem. Não, a ponte ainda não foi tomada, e espero que o não seja, visto estar minada e haver ordem para a fazer ir pelos ares. Se assim não fosse, há muito tempo que nós estaríamos nas montanhas da Boêmia, e o vosso exército já teria passado um mau quarto de hora, apanhado entre dois fogos.

— Mas, em todo o caso, isso não quer dizer que a campanha tenha acabado — observou o príncipe André,

— Na minha opinião já acabou. E é o que pensam os graúdos destas paragens, embora não tenham coragem de o dizer. Acontecerá o que eu dizia no princípio da guerra, que não será o vosso fracasso de Dürenstein e, de maneira geral, a pólvora, que resolverão a questão, mas aqueles que a inventaram... — acrescentou Bilibine, repetindo um dos seus ditos espirituosos; após o que desfranziu a pele da testa e fez uma pausa.

— O problema está em saber o que se vai decidir na entrevista de Berlim entre o imperador Alexandre e o rei da Prússia. Se a Prússia entrar na aliança, leva-se a Áustria à parede, e haverá guerra. Se o não fizer, tudo consistirá em as partes se entenderem para formular os primeiros artigos de um novo Campo Fórmio.

— Mas que gênio extraordinário! — exclamou, subitamente, o príncipe André, cerrando o seu pequeno punho e batendo com ele em cima da mesa. — E que sorte tem esse homem!

— Buonaparte? — perguntou Bilibine, franzindo a testa e sugerindo assim que ia chegar um dito de espírito — Buonaparte? — repetiu, acentuando especialmente o u. — Em todo o caso, visto que ele agora, de Schoenbrün, dita leis à Áustria, concedamos-lhe a queda do u... Decididamente, faço uma inovação e chamo-lhe Bonaparte simplesmente

— Zombaria à parte — interrompeu o príncipe André. — Acha que a campanha está terminada?

— Eis a minha opinião: a Áustria é o peru da farsa, e a verdade é que não está habituada a isso. E ela acabará por se vingar. Encontra-se nesta situação, antes de mais nada, porque as suas províncias estão devastadas — dizem que o exército ortodoxo é terrível no saque -, o exército está vencido, a capital foi tomada e tudo isto pelos lindos olhos de Sua Majestade da Sardenha. Por isso mesmo, entre nós, meu caro, cheira-me que nos estão a enganar, cheira-me a um entendimento com a França e a projetos de paz, uma paz secreta feita separadamente.

— Isso não pode ser! — exclamou o príncipe André. — Seria indigno.

— Quem viver verá — replicou Bilibine, desfranzindo de novo a testa, para indicar que tinha acabado a conversa.

Quando o príncipe André se recolheu ao quarto que lhe tinham preparado e se estendeu entre os lençóis brancos, numa cama de penas, e pousou a cabeça em almofadas tépidas e perfumadas, teve a impressão de que a batalha cuja vitória viera anunciar estava longe, muito longe. A aliança prussiana, a traição da Áustria, o recente triunfo de Bonaparte, a revista militar a que o

imperador iria assistir e a recepção que o esperava para o dia seguinte tudo isso lhe ocupava o espírito.

Fechava os olhos, mas, nesse mesmo instante, enchiam-se-lhe os ouvidos do ruído da fuzilaria, das descargas dos canhões, do rodar das viaturas, e eis que de novo desciam das montanhas os mosqueteiros; os franceses disparavam, o coração batia-lhe e dirigia-se para as primeiras linhas com Schmidt, enquanto as balas assobiavam alegres em torno dele, e ele, príncipe André, sentia como que uma sensação da vida multiplicada, coisa que não tornara a sentir desde a infância.

Acordou...

“Ah, tudo isto já vai longe!...”, murmurou, sorrindo para si mesmo, com um sorriso feliz e infantil, e voltou a adormecer, mergulhando num sono despreocupado e profundo.

Capítulo XI

No dia seguinte acordou tarde. Ao recordar as impressões passadas, a primeira coisa de que se lembrou foi que seria nesse dia apresentado ao imperador Francisco: depois pensou no ministro da Guerra, no ajudante-de-campo austríaco, todo oficioso, em Bilibine e na conversa que com ele tivera na véspera. Tendo envergado o seu uniforme de gala, que há muito não vestia, a fim de se apresentar no palácio, com a sua tez fresca e remoçada, com um belo aspecto moço, o braço em bandeirola, penetrou no gabinete de Bilibine. Ali estavam quatro personalidades do corpo diplomático. Bolkonski já conhecia o príncipe Hipólito Kuraguine, secretário da Embaixada; Bilibine apresentou-o aos restantes.

Estes cavalheiros, pessoas da sociedade, jovens, ricos e alegres companheiros, tanto em Viena como em Brünn formavam uma roda à parte a que Bilibine, como que o seu chefe, chamava os nossos... Esta roda, quase exclusivamente composta de diplomatas, não se interessava pelos assuntos militares e políticos, e só uma coisa a preocupava: a vida da alta sociedade, algumas relações femininas e problemas de carreira. Acolheu no seu seio o príncipe André com vivo prazer e como se fosse um dos seus, honra que concedia a muito poucas pessoas. Por cortesia, e para entabular conversa, dirigiram-lhe algumas perguntas sobre o exército e a batalha que se tinha travado e de novo a conversa se dispersou em ditos sem continuidade, gracejos e mexericos.

— Mas o cúmulo — disse um deles, que estava a contar a história, de um camarada que fora posto em xeque —, o cúmulo é que o chanceler lhe disse cara a cara que a sua nomeação para Londres era uma promoção, e que ele como tal a considerava. Imaginem a cara dele ao ouvir estas palavras...

— Mas o que é mais grave, meus senhores, é que eu vou atraiçoar o Kuraguine — aqui está este D. Juan, este homem terrível, que aproveita a infelicidade dos outros!

O príncipe Hipólito estava afundado numa poltrona, com as pernas apoiadas nos braços da cadeira. Pôs-se a rir.

— Fale-me disso — disse ele.

— Oh! D. Juan! Oh! Serpente! — exclamaram várias vozes.

— Talvez não saiba, Bolkonski — disse Bilibine, dirigindo-se ao príncipe André —, que todas as atrocidades cometidas pelo exército francês, e ia a dizer pelo russo, nada são comparadas com as devastações que este homem tem feito entre as mulheres,

— A mulher é a companheira do homem — declarou Hipólito, contemplando as suas próprias pernas por detrás dos vidros do lorgnon.

Bilibine e os nossos romperam a rir, olhando curiosamente para Hipólito. O príncipe André compreendeu que este Hipólito, de que quase sentira ciúmes por causa da sua atitude para com a mulher, coisa que, ele intimamente reconhecia, era o bobo daquela sociedade.

— Ah! tenho de lhe apresentar uma amostra de Kuraguine — disse muito baixo Bilibine a Bolkonski. — É impagável quando fala de política. É preciso ver os ares importantes que toma.

Sentou-se ao pé de Hipólito e chamando à testa as pregas das coisas sérias pôs-se a conversar com ele sobre política. André e os outros formaram círculo em volta deles.

— O Gabinete de Berlim não pode exprimir um sentimento de aliança — principiou Hipólito Kuraguine, fitando o auditório com um olhar de entendido — sem exprimir... como na sua última nota... compreende... compreende... e depois Sua Majestade o Imperador não anula o princípio da nossa aliança... Espere, ainda não acabei — disse para o príncipe André, pegando-lhe num braço. — Acho que a intervenção será mais forte que a não intervenção. — Calou-se um momento. — E não poderão invocar por fim não terem recebido o nosso ofício de 28 de outubro. Aqui têm como tudo acabará.

Soltou o braço de Bolkonski para indicar que tinha concluído.

— Demóstenes, reconheço-te pelo calhau que escondeste na tua boca de ouro — exclamou Bilibine, cujo topete estremecia com as gargalhadas.

Todos se puseram a rir. Hipólito ainda mais do que os outros. Não podia mais, sufocava, mas não conseguia reter o estrépito desordenado de um riso que lhe distendia todos os traços do rosto, ordiariamente inexpressivo.

— Vou fazer-lhes uma proposta, meus senhores — disse Bilibine. — Bolkonski é meu hóspede, e temo-lo aqui, em Brünn, e é meu desejo que lhe façamos as honras, tanto quanto nos seja possível, de todas as distrações que se podem encontrar aqui. Se estivéssemos em Viena, a coisa era fácil. Mas aqui, neste horrível buraco morávio, é mais difícil e peço-vos a todos que me ajudem. É preciso fazer as honras de Brünn. Vocês encarreguem-se do teatro; eu trato do problema mundano. Tu, Hipólito, claro está, encarregas-te das mulheres.

— Temos de lhe mostrar a Amélia; é uma pérola! — interrompeu um dos nossos, beijando a ponta dos dedos.

— Numa palavra, este sanguinário militar — disse Bilibine -, temos de o tornar homem de sentimentos mais humanitários.

— Mal tive tempo de gozar o prazer da vossa companhia, meus senhores, e já sou obrigado a deixá-los — disse Bolkonski, consultando o relógio.

— E aonde vai?

— Ver o imperador.

— Oh! Oh!

— Bom, até à vista, Bolkonski! Até à vista, príncipe! Venha então jantar cedo! — exclamaram várias vozes. — Contamos consigo.

— Não deixe de fazer o elogio da intendência para o serviço dos abastecimentos e de transportes na sua entrevista com o imperador — disse Bilibine ao reconduzir Bolkonski.

— Gostaria muito, mas sinto-me incapaz — respondeu este, sorrindo.

— Enfim, faça o que puder e fale muito. Ele adora as audiências e não gosta de falar, nem sabe, como vai ter ocasião de verificar.

Capítulo XII

Na parada, o imperador Francisco contentou-se em conceder um olhar ao príncipe André, que se encontrava no local indicado no meio dos oficiais austríacos, e em dirigir-lhe um aceno com a sua grande cabeça. Mas, depois desta cerimônia, o ajudante-de-campo que o recebera na véspera aproximou-se do príncipe, cortesmente, para lhe comunicar que o imperador desejava conceder-lhe uma audiência. O monarca recebeu-o de pé no meio do seu gabinete. Antes mesmo de se proferirem as primeiras palavras, o príncipe André notou o embaraço do imperador, que corava e não sabia que dizer.

— Diga-me cá, quando é que principiou a batalha? — inquiriu com precipitação.

O príncipe André respondeu-lhe. Outras perguntas vieram atrás desta, e tão banais como ela: “Está Kutuzov de saúde?” “Já chegou há muito tempo a Krems?”, etc. Dir-se-ia que o imperador não tinha outro objetivo senão formular um número determinado de perguntas. Quanto às respostas, era evidente que elas não lhe interessavam.

— A que horas principiou a batalha? — perguntou.

— Não passo precisar a Vossa Majestade a que horas começaram as hostilidades na frente militar, mas em Dürenstein, onde eu me encontrava, as tropas atacaram às dez da noite — replicou Bolkonski com animação, supondo que naquela altura lhe seria dado fazer a descrição verídica, já preparada na sua mente, de tudo quanto sabia e vira.

Mas o imperador sorriu e interrompeu-o:

— Quantas milhas?

— Desde onde e até que ponto Majestade?

— De Dürenstein a Krems.

— Três milhas e meia, Majestade.

— Os franceses abandonaram a margem esquerda?

— Segundo o que sabemos pelos nossos informadores, os últimos atravessaram o rio de noite em jangadas.

— Em Krems há forragens com abundância?

— Não as forneceram em tais quantidades...

O imperador cortou-lhe a palavra:

— A que horas foi morto o general Schmidt?

— Às sete, segundo parece.

— Às sete horas! Muito triste! Muito triste!

Acrescentou que lhe agradecia e fez uma vênia. O príncipe André saiu e viu-se imediatamente cercado pelos cortesãos. De todos os lados lhe lançavam olhares amáveis: só ouvia gentilezas em torno de si. O ajudante-de-

campo da véspera censurou-o por se não ter hospedado no palácio e ofereceu-lhe a sua casa. O ministro da Guerra aproximou-se para o felicitar pela cruz de Maria Teresa, de 3ª classe, que o imperador lhe conferira. O camarista da imperatriz convidou-o a apresentar-se nos aposentos de Sua Majestade. A arquiduquesa também o quis ver. Não sabia a quem prestar atenção e durante alguns minutos procurou concentrar-se. O embaixador da Rússia tomou-o pelo braço, arrastou-o para o vão de uma janela e pôs-se a fazer-lhe perguntas.

A despeito das previsões de Bilibine, a notícia que ele trazia fora recebida com alegria. Deu-se ordem para se realizar um Te Deum em ação de graças. Kutuzov foi agraciado com a grã-cruz de Maria Teresa e todo o exército recebeu condecorações e louvores. Bolkonski teve convites de toda a parte e durante toda a manhã viu-se obrigado a fazer visitas aos principais dignitários austríacos. Depois de terminadas estas visitas, às cinco horas da tarde, ruminando já a carta que tinha de escrever a seu pai, a propósito da batalha e da jornada a Brünn, regressou à casa de Bilibine. Diante da escadaria estava parada uma britchka, meio carregada de bagagens, e Franz, o criado de Bilibine, apareceu à porta sobraçando uma grande mala.

Antes de voltar para casa de Bilibine, o príncipe André fora a uma livraria abastecer-se de livros para se distrair durante a campanha e ali se tinha demorado bastante.

— Que se passa? — perguntou.

— Ah! Excelência! — disse Franz, instalando, com dificuldade, a mala em cima da britchka. — Mudamos de casa. O bandido está já em cima de nós¹⁸.

— Que aconteceu? O que é? — interrogou o príncipe André.

Bilibine veio ao seu encontro. O seu rosto, sempre tão calmo, estava emocionado.

— Não, não, confessemos que é encantadora — disse ele — esta história da ponte de Thabor. (Era uma ponte de Viena). Atravessaram-na sem disparar um tiro.

O príncipe André, não percebia nada.

— Mas donde vem que não sabe uma coisa que todos os cocheiros da cidade já conhecem?

— Venho de casa da arquiduquesa. Nada me disseram.

— E não viu que toda a gente está a fazer as malas?

— Não... De que se trata? — perguntou o príncipe André com impaciência.

— De que se trata? Trata-se de que os franceses atravessaram a ponte que Auersperg defendia. Não a fizeram ir pelos ares, de modo que Murat já aí

vem a galope pela estrada de Brünn e que ainda hoje ou amanhã estará aqui.

— Quê? Aqui? E por que é que não fizeram saltar a ponte, se estava minada?

— É isso que eu lhe pergunto. É o que ninguém sabe, nem mesmo Bonaparte.

Bolkonski encolheu os ombros.

— Então, se a ponte foi atravessada, isso quer dizer que o exército está perdido. Vai ter a retirada cortada — disse ele.

— É precisamente isso — replicou Bilibine — Ouça. Os franceses entram em Viena, como eu lhe disse. Está certo. No dia seguinte, quer dizer, ontem, os senhores marechais Murat, Lannes e Belliard montam a cavalo e dirigem-se para a ponte. Note que são todos três gascões. “Meus senhores”, diz um deles, “os senhores sabem que a ponte de Thabor está minada e contraminada e que é precedida de uma terrível testa de ponte, com quinze mil homens que receberam ordens de a fazer saltar e de nos impedir de a atravessar. Mas ao nosso imperador Napoleão seria muito agradável que nós a tomássemos. Vamos nós os três e tomemos a ponte.” “Vamos”, responderam os outros. E lá vão os três, e tomam a ponte, atravessam-na, e agora, com todo o seu exército deste lado do Danúbio, dirigem-se sobre nós, sobre vocês e sobre as vossas comunicações.

— Basta de gracejos — disse o príncipe André, num tom grave e triste. A notícia, para ele, era ao mesmo tempo penosa e agradável.

Desde que soubera que o exército russo se encontrava numa situação perigosa, viera-lhe ao espírito ser ele a pessoa destinada a salvá-lo da situação em que se encontrava, que aquilo seria o seu Toulon, que o arrancaria à obscuridade de simples oficial para lhe abrir o caminho da glória. Ouvindo Bilibine, via-se já de volta do exército, no conselho de guerra, onde exporia a única sugestão que salvaria as tropas e seria encarregado de pôr em prática o seu plano.

— Basta de gracejos — repetiu,

— Não estou a gracejar — continuou Bilibine — Nada há de mais verdadeiro e mais triste. Aqueles cavalheiros chegam sozinhos à ponte e acenam com lenços brancos. Afirmam que existe um armistício e que eles, os marechais, vêm parlamentar com o príncipe Auersperg. O oficial de serviço fá-los penetrar na testa de ponte. Eles contam-lhe uma enfiada de bazófias: dizem-lhe que a guerra acabou, que o imperador Francisco marcou uma entrevista com Bonaparte, que eles precisam de se encontrar com o príncipe Auersperg, numa palavra, todas as bazófias deste e do outro mundo. O oficial manda procurar Auersperg. Aqueles senhores abraçam os oficiais, dizem facécias. Cavalgam as peças de artilharia e entretanto um batalhão francês penetra por debaixo da ponte, sem ser visto, lança à água os sacos com as matérias incendiárias e avança para a testa de ponte. Por

fim, chega o próprio tenente-general, o nosso príncipe Auersperg von Mautern. “Caro amigo! Flor do exército austríaco, herói das guerras turcas! A nossa inimizade acabou, podemos apertar as nossas mãos... O imperador Napoleão está morto por conhecer o príncipe Auersperg.” Numa palavra, aqueles cavalheiros, para alguma coisa são gascões, tão bonitas palavras dizem a Auersperg, tão lisonjeado ele se sente com esta súbita intimidade com os marechais franceses, está tão deslumbrado com a presença do manto e das plumas de avestruz de Murat, que só vê o fogo dele e se esquece do que devia fazer contra o inimigo. (Apesar do interesse da sua história, Bilibine não se esqueceu de fazer uma pausa depois de pronunciar a frase, para dar tempo a ser bem apreciada). O batalhão francês entra em passo acelerado na testa de ponte, encrava os canhões e a ponte é tomada. Mas, ainda falta o melhor da história — prosseguiu ele, deixando à graça que encontrava na sua própria narrativa o cuidado de serenar a sua própria emoção -, o que ainda é mais curioso é que o sargento de guarda ao canhão que devia dar o sinal da inflamação da mina, ao ver chegar os franceses, quis disparar, mas Lannes segurou-lhe no braço. O sargento, que naturalmente era mais inteligente do que o general, aproximou-se de Auersperg e disse-lhe: “Príncipe, estão a ludibriá-lo, aqui estão os franceses!” Murat, vendo que perderia a partida se deixasse prosseguir o sargento, dirige-se a Auersperg com uma surpresa fingida, como verdadeiro gascão que é: “Não estou a reconhecer a disciplina austríaca tão apregoada”, observa; “consente que um subalterno lhe fale nestes termos?”. É genial. O príncipe Auersperg sente-se ofendido e manda prender o sargento. Não, mas confessem que é encantadora esta história da ponte de Thabor. Não é estupidez nem cobardia.

— É talvez traição — disse o príncipe André, vendo diante dos seus olhos os capotes cinzentos, os feridos, o fumo da pólvora, o crepitar da fuzilaria e a glória que o aguardava.

— Também não. Isso põe a Coroa em maus lençóis — prosseguiu Bilibine. — Não é traição, nem cobardia, nem estupidez; é como em Ulm... — Fez menção de refletir, procurando o que havia de dizer. — É... é estilo Mack. Estamos “mackés” — disse, por fim, contente com a palavra que descobrira, uma palavra novinha em folha, uma dessas palavras que deveriam ser repetidas.

As rugas que até ali se lhe tinham acumulado na testa desapareceram subitamente, o que traduzia a sua satisfação, e, com um ligeiro sorriso, pôs-se a olhar para as unhas.

— Aonde vai? — lançou ele, de repente, ao príncipe André, que se levantara para retirar-se.

— Vou-me embora.

— Para onde?

— Para o exército.

— Mas tinha dito que ainda ficaria dois ou três dias!

— Disse, mas agora resolvi partir imediatamente.

E o príncipe André, depois de ter dado ordens para se preparar a partida, retirou-se para os seus aposentos.

— Quer saber, meu caro — disse Bilibine entrando nos aposentos do príncipe. — Pensei melhor. Por que é que se vai embora?

E para prova de que o seu raciocínio era indiscutível, todas as rugas do rosto se lhe desvaneceram.

O príncipe André interrogou com os olhos o interlocutor, sem responder.

— Por que é que se vai embora? Sei que entende que o dever lhe impõe que se apresse a juntar-se às tropas, agora que o exército russo está em perigo. E eu compreendo isso, meu caro, é heroísmo.

— De maneira nenhuma — replicou o príncipe André.

— Mas o senhor é um filósofo. Seja então um verdadeiro filósofo integralmente: encare as coisas de outro ponto de vista e chegará à conclusão de que o seu dever, pelo contrário, é proteger-se contra o perigo. Deixe isso para aqueles que não têm préstimo para coisa alguma... Não lhe deram ordens para regressar e não o despediram ainda daqui. Por isso pode ficar e ir conosco para onde nos levar a nossa pouca sorte. Parece que vamos para Olmütz. É uma linda cidade. E faremos os dois a viagem juntos, tranquilamente, na minha caleche.

— Deixe-se de brincadeiras, Bilibine — disse Bolkonski.

— Falo-lhe com toda a sinceridade, e como se falasse a um amigo. Raciocinemos. Por que é que vai partir quando pode perfeitamente ficar aqui? De duas, uma (as rugas formaram-se-lhe em volta da fronte esquerda): ou a paz será assinada antes que tenha tempo de chegar ao seu destino, ou então irá assistir ao desastre e à vergonha de todas as forças de Kutuzov.

E Bilibine desfranziu a testa, persuadido de que o seu dilema era irrefutável.

— Não posso raciocinar dessa maneira — replicou, friamente, o príncipe André, e para si mesmo murmurou: “Eu parto exatamente para salvar o exército.”

— Meu caro, o senhor é um herói — concluiu Bilibine.

Capítulo XIII

Nessa mesma noite, depois de se ter despedido do ministro da Guerra. Bolkonski partiu para se juntar ao exército, sem saber sequer onde poderia encontrá-lo e correndo o risco, inclusivamente, de ser feito prisioneiro pelos franceses em plena estrada.

Em Brünn toda a corte preparava as suas malas, e as bagagens pesadas já tinham sido expedidas para Olmütz. Perto de Etzelsdorf, o príncipe André encontrou-se na estrada por onde retirava a toda a pressa, e na maior desordem, o exército russo. A estrada estava tão atravancada com as viaturas que a carruagem não podia avançar. Depois de ter pedido um cavalo ao comandante dos cossacos, o príncipe André, esfomeado e a cair de fadiga, ultrapassou as viaturas e partiu à procura do general-chefe e da sua carruagem. Ao longo do caminho chegavam-lhe aos ouvidos os boatos mais sinistros e o certo é que a desordem daquele exército em fuga confirmava esses boatos.

“A esse exército russo, transportado dos confins do universo pelo ouro da Inglaterra, vamo-lo sujeitar ao mesmo destino” (o destino do exército de Ulm). Lembrava-se destas palavras da proclamação de Bonaparte às tropas no princípio da campanha e estas palavras despertavam nele um sentimento de admiração por esse herói de gênio, à mistura com o orgulho ferido e o desejo de glória, “E se me não resta senão morrer?”, pensava ele. “E então! Se assim for preciso, saberei morrer tão bem como os outros!”

O príncipe André contemplava com tristeza essas filas intermináveis de destacamentos, de carroças, de parques de artilharia ainda de galeras, e viaturas de todos os modelos possíveis que se confundiam, se ultrapassavam umas às outras, em três, quatro filas, obstruindo a estrada enlameada. De todos os lados, atrás, adiante, tão longe quanto o permitia a transmissão do som, só se ouvia o estrondo de rodas, carroças, galeras, patas de cavalo, estalidos de chicote, gritos, injúrias dos soldados, das ordenanças e dos oficiais. Nas bermas da estrada viam-se a todo o instante quer cavalos rebentados ou meio mortos, quer viaturas despedaçadas, ao pé das quais, esperando não se sabia quê, soldados isolados se sentavam, quer tropas em debandada, que se dirigiam em grupo para os povoados vizinhos e de lá traziam galinhas, carneiros, forragens ou sacos a abarrotar. Nas subidas e nas descidas a multidão tornava-se mais densa e ouvia-se um clamor constante. Soldados com lama até aos joelhos procuravam agarrar-se aos canhões e às viaturas enquanto os chicotes estalavam, as patas dos cavalos escorregavam, os freios se partiam e as vociferações pareciam rebentar os peitos. Os oficiais que vigiavam a marcha iam e vinham pelo meio das viaturas. As suas vozes de comando perdiam-se no meio do alarido geral e via-se, pela expressão dos seus rostos, que se sentiam impotentes para impedir a desordem.

“Eis aqui o querido exército ortodoxo!”, dizia Bolkonski de si para consigo, lembrando-se das palavras de Bilibine.

Na esperança de perguntar a um desses homens onde se encontrava o general-chefe, aproximou-se de uma viatura. Precisamente do seu lado oposto avançava uma estranha carruagem, tirada por um único cavalo, evidentemente arranjada pelos soldados com o que lhes viera às mãos, e que era um misto de telega, de cabriolé e de caleche. Conduzia-a um soldado, e uma mulher toda embrulhada em xales ia sentada debaixo do tejadilho de couro. O príncipe André aproximou-se e dispunha-se já a dirigir-se ao soldado quando reparou nos gritos desesperados que essa mulher soltava. O oficial que dirigia o comboio chicoteava o soldado que conduzia a caleche porque ele queria ultrapassar os demais, e o chicote tinha atingido a cobertura da carruagem. A mulher soltava gritos agudíssimos. Ao ver o príncipe André, deitou a cabeça fora da cobertura, agitando os braços magros libertos dos xales, e gritou:

— Senhor ajudante-de-campo, senhor ajudante-de-campo... Por piedade... Proteja-me... Que vai ser de nós?... Sou a mulher do médico do 7 de caçadores... Não nos deixam passar: ficamos para trás, perdemo-nos dos nossos...

— Volta para trás ou esborracho-te como uma carocha! — gritava ao soldado o oficial iracundo. — Volta para trás com a tua caranguejola.

— Senhor ajudante-de-campo, proteja-me! Que quer isto dizer? — gritava a mulher do médico.

— Deixem passar este carro. Não veem que leva uma mulher? — disse o príncipe André, avançando para o oficial. Este olhou para ele e sem responder voltou-se para o soldado:

— Eu vou ensinar-te como elas cantam... Para trás!

— Deixe-o passar, já lhe disse — repetiu o príncipe, de dentes cerrados.

— E tu, quem és tu? — lançou, de repente, o oficial, voltando-se para o príncipe num ataque de fúria. — Quem és tu? Tu. (E era com uma entoação particularmente ofensiva que ele pronunciava esta palavra.) És o comandante, talvez? Aqui o comandante sou eu, e não tu. Para trás, tu — repetia -, ou esborracho-te como uma carocha.

A expressão tinha-lhe agradado, sem dúvida.

— É espevitado, o ajudantezinho-de-campo! — exclamou uma voz atrás dele.

O príncipe André viu perfeitamente que o oficial estava num desses paroxismos de cólera em que as pessoas já não sabem o que dizem. Percebeu que a sua intervenção em defesa da mulher da carripana estava a dois passos de o lançar naquilo que ele mais receava no mundo: o ridículo. Mas o seu instinto

venceu-o. Assim que o oficial acabou de falar, aproximou-se dele com uma expressão transtornada pela ira, puxando do chicote.

— Queira deixar passar! — gritou, escandindo as palavras.

O oficial esboçou um gesto e deu-se pressa em afastar-se.

— É tudo por causa deles, destes tipos do estado-maior — resmungou ele. — Faça o que quiser.

O príncipe André, apressadamente, sem erguer os olhos, afastou-se da mulher do médico, que lhe chamava seu salvador, e, lembrando-se com desgosto dos mínimos pormenores desta cena confrangedora, galopou até à povoação onde, como lhe tinham dito, se encontrava o general-chefe.

Assim que chegou, apeou-se e dirigiu-se à primeira casa que viu, na intenção de descansar um instante, de comer qualquer coisa e de pôr um pouco de ordem nos penosos pensamentos que o assaltavam. “É uma leva de bandidos, não é um exército”, dizia ele de si para consigo, aproximando-se de uma janela. Nessa altura uma voz conhecida chamou-o pelo nome.

Voltou-se. A uma janelinha assomava a bonita máscara de Nesvitski, que estava a comer, na companhia de outro ajudante-de-campo. Apressou-se, a perguntar a Bolkonski se ele não sabia nada de novo. Naquelas máscaras muito suas conhecidas lia o príncipe André preocupação e inquietude. Era sobretudo a expressão habitualmente risonha de Nesvitski que mais o impressionava.

— Onde está o general-chefe? — perguntou Bolkonski.

— Aqui mesmo, naquela casa — respondeu o ajudante-de-campo, com um gesto.

— Então é verdade que vão assinar a paz e a capitulação? — perguntou Nesvitski.

— É isso que eu lhes pergunto. Nada sei senão que me vi e desejei para vos encontrar.

— E o que se passa aqui, camarada, é horroroso! Tenho de pedir desculpa, camarada. Fizemos troça de Mack, mas o certo é que a nossa situação é bem pior — disse Nesvitski. — Senta-te e como qualquer coisa.

— A esta hora, príncipe, já não encontrará nem uma carroça nem nada, e o seu Piótre¹⁹ só Deus sabe onde está — disse o outro oficial.

— Então onde é que está o quartel-general?

— Vamos dormir em Znaim.

— Cá por mim, tratei de carregar tudo de que preciso em cima de dois cavalos — disse Nesvitski — e arranjam-me umas ótimas albardas. Estou preparado para atravessar os montes da Boêmia. As coisas estão feias, meu filho. Mas que tens tu? Pareces pálido. Por que é que estás a tremer? — perguntou

Nesvitski, ao ver que o príncipe André estremecia, como se tivesse tocado numa garrafa de Leyde.

— Não tenho nada — replicou.

Recordara-se naquele momento do recente encontro com a mulher do médico e do oficial do comboio.

— Que faz aqui o general-chefe? — inquiriu.

— Não percebo nada — disse Nesvitski.

— Tudo o que eu posso compreender é que isto é uma vergonha, e vergonha a dobrar! — exclamou o príncipe André e dirigiu-se para a habitação onde estava o general-chefe.

Ao passar viu a carruagem de Kutuzov, os cavalos de sela da comitiva, extenuados, e os cossacos que conversavam em voz baixa. Depois penetrou no vestíbulo. Tal qual como lhe tinham dito, o próprio Kutuzov lá estava na companhia do príncipe Bagration e de Weirother. Weirother era o general austríaco que tinha substituído Schmidt. No vestíbulo, o pequeno Kozlovski estava de cócoras diante de um escriba. Este escrevia precipitadamente sobre uma cuba voltada de fundo para o ar, com as mangas do uniforme arregaçadas. Kozlovski tinha um aspecto desfeito. Via-se perfeitamente que também ele não pregara olho em toda a noite. Olhou para o príncipe André sem lhe fazer sequer um aceno de cabeça.

— Na segunda linha... Está escrito? — continuou ele, ditando — os regimentos de granadeiros de Kiev, de Podolski...

— Não consigo acompanhá-lo, Vossa Alta Nobreza — interrompeu o escriba, sem grande respeito, colérico, erguendo os olhos para o oficial. Através da porta ouviu-se nesta altura a voz animada e descontente de Kutuzov, interrompida por outra voz desconhecida. Pelo tom destas vozes, pela pouca atenção que Kutuzov lhes prestara, pelo desrespeito deste escriba que caía de cansaço, por este mesmo escriba e Kozlovski estarem sentados no chão, junto de uma cuba, tão perto do general-chefe, pelo fato de os cossacos que guardavam os cavalos rirem alto mesmo junto da janela, por tudo isto, o príncipe André concluiu que se deviam ter passado coisas sumamente lamentáveis.

Interrogou Kozlovski com impaciência.

— Já vou, príncipe — replicou Kozlovski. — A disposição das tropas de Bagration...

— Que há a respeito da capitulação?

— Não há capitulação. Estão tomadas as disposições para a batalha.

O príncipe André avançou até à porta donde vinham as vozes. Mas no momento em que ia abri-la, estabeleceu-se o silêncio lá dentro, a porta abriu-se, e Kutuzov, com o seu nariz aquilino no rosto inchado, apareceu no limiar. O

príncipe André ficou mesmo diante dele; mas a expressão do olho intacto do general-chefe indicava claramente que os pensamentos e as preocupações o absorviam tão completamente que o não deixavam ver fosse o que fosse. Olhou de frente o seu ajudante-de-campo sem o reconhecer.

— Então, está pronto? — perguntou a Kozlovski.

— É já, Excelência.

Bagration, um homenzinho de rosto duro e imóvel, de tipo oriental, seco, de meia-idade, surgiu por detrás do general-chefe.

— Tenho a honra de me apresentar — repetiu o príncipe André, em voz alta, exibindo um sobrescrito.

— Ah! é de Viena? Bom. Mais tarde.

Kutuzov saiu para a escada exterior na companhia de Bagration.

— Bom, príncipe, adeus — disse-lhe ele — Que Cristo seja contigo. Abençoo-te para que tenhas grandes êxitos.

Os traços de Kutuzov enterneceram-se; de súbito as lágrimas vieram-lhe aos olhos. Puxou Bagration com a mão esquerda, e com a direita, onde tinha um anel, num gesto evidentemente familiar, traçou sobre ele o sinal da cruz, apresentando-lhe, ao mesmo tempo, a face inchada. Mas Bagration beijou-o no pescoço.

— Que Cristo seja contigo! — repetiu Kutuzov, dirigindo-se para a sua caleche. — Sobe comigo — disse a Bolkonski.

— Excelência, eu queria ser útil aqui. Consinta que eu fique no destacamento do príncipe Bagration.

— Sobe — repetiu Kutuzov; e, ao ver que Bolkonski hesitava: — Tenho grande necessidade de bons oficiais, grande necessidade.

Sentaram-se os dois na caleche, e durante alguns instantes rolaram em silêncio.

— Há ainda muito, muito que fazer — disse ele, como se, com a sua perspicácia de velho, compreendesse tudo quanto naquele instante se estava a passar na alma de Bolkonski. — Se ele amanhã conseguir salvar a metade do seu destacamento, darei graças a Deus — acrescentou como se falasse a si mesmo.

O príncipe André olhou para Kutuzov e involuntariamente reparou, ali tão perto dele, nas escaras muitíssimo bem lavadas da cicatriz que o general-chefe tinha na testa, no sítio onde uma bala, em Ismail, lhe atravessara a cabeça e o olho. “Ah, sim, este tem o direito de falar com tanta calma da perda de tantos homens!”, murmurou Bolkonski para si mesmo.

— É precisamente por isso que eu lhe pedi que me deixasse fazer parte daquele destacamento — disse o príncipe André.

Kutuzov não respondeu. Parecia ter esquecido o que lhe diziam, e para ali estava cismador. Cinco minutos depois, suavemente embalado pelas molas da caleche, Kutuzov voltou-se para o príncipe André. Na sua expressão já não havia a mais pequena sombra de sofrimento. Perguntou, com fina ironia, pormenores sobre a entrevista com o imperador, inquiriu dos comentários que se faziam na corte a respeito do caso de Krems e interrogou o príncipe acerca de certas senhoras que ambos conheciam.

Capítulo XIV

Kutuzov tinha recebido no dia 1º de novembro, do seu serviço de informações, a indicação de que o exército que ele comandava se encontrava numa situação quase irremediável. O relatório dizia que os franceses, com forças imensas, depois de terem atravessado a ponte de Viena, marchavam sobre as linhas de comunicação de Kutuzov com as tropas procedentes da Rússia. Se Kutuzov decidisse continuar em Krems, os cento e cinquenta mil homens de Napoleão cortar-lhe-iam todas as suas comunicações, cercar-lhe-iam o exército inteiro de quarenta mil homens, absolutamente extenuados, e ele ver-se-ia na situação em que Mack se encontrara em Ulm. Se resolvesse abandonar a linha de comunicação com a Rússia, ver-se-ia obrigado a meter-se pelas regiões desconhecidas das montanhas da Boêmia, sem estradas, lutando contra um inimigo superior em número e a abandonar toda a esperança de vir a operar a sua junção com Boekshevden. Se, enfim, decidisse bater em retirada pela estrada de Krems a Olmütz, a fim de se reunir aos exércitos que vinham da Rússia, corria o risco de ser ultrapassado pelos franceses, que já tinham atravessado a ponte de Viena, e assim ser obrigado a aceitar a batalha durante a marcha, com todas as viaturas e as bagagens, tendo diante de si um inimigo três vezes mais numeroso e que o atacaria por dois lados.

Kutuzov escolheu esta última alternativa.

Os franceses, segundo o relatório do informador, depois de terem atravessado a ponte de Viena, dirigiam-se, em marchas forçadas, para Znaim, que ficava na linha de retirada de Kutuzov, mais de cem verstas para além do ponto onde ele estava. Atingir Znaim, antes dos franceses era proporcionar ao seu exército uma grande oportunidade de salvação; consentir que os franceses o ultrapassassem em Znaim era, com certeza, expor todo o exército a uma derrota comparável à de Ulm, ou então a destruição total. A verdade, porém, é que preceder os franceses com todo o seu exército seria impossível. A estrada que o inimigo seguia de Viena para Znaim era mais curta e melhor do que a que os russos seguiam, a que ia de Krems a Znaim.

Na mesma noite em que Kutuzov recebeu esta informação mandou a guarda avançada de Bagration, ou seja quatro mil homens, pela montanha, à direita, passar da estrada que ia de Krems a Znaim para a que ia de Viena a Znaim. Bagration devia executar esta marcha sem se deter, passar em frente de Viena, voltando costas a Znaim, e, no caso de passar à frente dos franceses, demorá-los o tempo que lhe fosse possível. Quanto a Kutuzov, esse dirigir-se-ia a Znaim com todos os abastecimentos.

Depois de ter percorrido quarenta e cinco verstas, com soldados esfomeados e descalços, sem caminhos, através das serras, por uma noite de

tempestade, e abandonando a terça parte dos seus efetivos, Bagration chegou a Hollabrünn, na estrada de Viena-Znaim, algumas horas antes dos franceses, que de Viena se dirigiam àquela cidade.

Kutuzov ainda precisava, pelo menos, de vinte e quatro horas de marcha, com as bagagens, para chegar a Znaim; e por isso, para salvar o exército, Bagration, com quatro mil soldados extenuados e cheios de fome, devia deter durante vinte e quatro horas todo o exército inimigo, que se encontrava em Hollabrünn, o que era, evidentemente, impossível. A fortuna, porém, sempre caprichosa, tomou possível o impossível. O bom êxito do ardil que havia dado aos franceses, sem um tiro, a ponte de Viena levou Murat a tentar um ardil semelhante junto de Kutuzov. Ao encontrar, na estrada de Znaim, o fraco destacamento de Bagration, Murat convenceu-se de que estava na presença de todo o exército de Kutuzov. Para mais completamente o desbaratar, resolveu aguardar que chegassem de Viena os seus soldados retardatários, e nessa intenção propôs aos russos um armistício de três dias, com a condição de tanto de um lado como do outro não haver qualquer deslocação de tropas e se conservarem as respectivas posições.

Murat afirmou haver já propostas de paz e que, para evitar um inútil derramamento de sangue, melhor seria um armistício. O general austríaco conde de Nostitz, que se encontrava na vanguarda, acreditou nas propostas do parlamentar de Murat e recuou, deixando sem cobertura o destacamento de Bagration. Outro parlamentar levou às linhas russas a notícia das propostas de paz, oferecendo às tropas um armistício de três dias. Bagration replicou não poder responder quer negativa, quer afirmativamente, e enviou o seu ajudante-de-campo a Kutuzov com um relatório sobre as propostas apresentadas.

Um armistício para Kutuzov era a única maneira de ganhar tempo e de permitir ao destacamento de Bagration algum descanso enquanto as bagagens, cujo movimento os franceses desconheciam, faziam, pelo menos, mais uma etapa a caminho de Znaim. Aquela proposta dava aos russos um meio único e inesperado de salvarem o seu exército. Assim que recebeu essa notícia, Kutuzov enviou imediatamente ao campo inimigo o único oficial do estado-maior que tinha à sua disposição, o general Wintzegeerode. Este devia não só aceitar a proposta de armistício, mas oferecer mesmo propostas de capitulação, enquanto Kutuzov enviava à retaguarda os seus ajudantes-de-campo com instruções no sentido de se apressar o mais possível a evacuação das viaturas pela estrada de Krems-Znaim. Só o destacamento de Bagration, sempre esfomeado e derreado, devia continuar imóvel diante de um inimigo oito vezes superior, escondendo o movimento das bagagens e do exército inteiro.

Kutuzov não se enganou no que dizia respeito à proposta de capitulação, que não obrigava a coisa alguma e dava tempo de pôr a salvo grande parte das bagagens, tanto mais que não tardaria que o erro de Murat fosse descoberto. Bonaparte, então em Schoenbrünn, a vinte e cinco verstas de Hollabrünn, assim que recebeu o relatório de Murat e o projeto de armistício e de capitulação, percebeu logo tratar-se de um ardil e endereçou-lhe a carta seguinte:

Ao Príncipe Murat

Schoenbrünn, 25 de Brumário, ano de 1805, às oito horas da manhã.

Não tenho palavras com que lhe possa exprimir o meu descontentamento. Apenas está sob o seu comando a minha guarda avançada, e não tem o direito de propor tréguas sem ordem minha. Rompa imediatamente o armistício e avance contra o inimigo. Far-lhe-ei saber que o general que assinou esta capitulação não tinha poderes para isso, que só o imperador da Rússia tem esse direito.

Sempre, contudo, que o imperador da Rússia ratificar a dita convenção, eu próprio a ratificarei; mas trata-se apenas de um ardil. Marchai, aniquilai o exército russo... sua posição permite-lhe tomar todas as bagagens e toda artilharia russas.

O ajudante-de-campo do imperador da Rússia é um... Os oficiais nada são sem poderes; este não tinha nenhuns... Os austríacos deixaram-se burlar na passagem da ponte de Viena; o senhor Murat deixa-se ludibriar por um ajudante-de-campo do imperador.

NAPOLEÃO

Esta tremenda carta foi enviada a Murat por um ajudante-de-campo de Bonaparte expedido a toda a brida. O próprio Bonaparte, sem confiança nos seus generais, fez-se transportar, com toda a sua guarda, para o local das operações, a fim de não deixar fugir a vítima esperada. Quanto aos quatro mil homens do destacamento de Bagration, esses armavam alegremente as suas tendas de campanha, secavam-se, aqueciam-se, e, pela primeira vez havia três dias, preparavam o seu kacha sem que ninguém entre eles pudesse saber ou sequer suspeitar o que os aguardava.

Capítulo XV

Às quatro horas da tarde, o príncipe André, que reiterara com insistência o seu pedido junto de Kutuzov, dirigiu-se a Grunt e apresentou-se a Bagration. O ajudante-de-campo de Bonaparte ainda ia ao encontro de Murat e a batalha ainda não principiara. No destacamento de Bagration nada se sabia do que se passava: falava-se da paz, sem que, de resto, pessoa alguma acreditasse nisso. Falava-se também de uma batalha próxima sem que igualmente ninguém acreditasse que ela estava para tão breve. Bagration, que conhecia Bolkonski e o sabia ajudante-de-campo seletto e de toda a confiança, recebeu-o com uma distinção particular e atenções de comandante, dizendo-lhe que muito provavelmente, nesse dia ou no dia seguinte, seria necessário baterem-se e que lhe dava inteira liberdade para ele escolher: podia ficar a seu lado durante a batalha ou na retaguarda, dirigindo a retirada, “o que também era muitíssimo importante”.

— De resto, hoje é provável que não se passe coisa alguma — acrescentou Bagration, como para sossegar o príncipe André.

“Se és um desses petimetres do estado-maior para aqui destacado na esperança de uma condecoração, até à retaguarda a conseguirás, mas se quiseses acompanhar-me, anda daí... Se fores um bom oficial, poderás prestar bons serviços”, dizia Bagration de si para consigo. O príncipe André, sem nada responder, pediu licença para percorrer a posição e dar-se conta da disposição das tropas, a fim de saber, caso viesse a ter uma missão a cumprir, aonde dirigir-se. Um oficial de serviço, um belo homem, irrepreensivelmente vestido, com um anel de diamantes no dedo indicador, que falava mal francês, embora com visível prazer, ofereceu-se para acompanhar o príncipe André.

Por toda a parte havia oficiais completamente encharcados, de caras franzinas, como à procura fosse do que fosse, e soldados que traziam da aldeia portas, bancos, tabiques.

— Não podemos acabar com esta gentinha, príncipe — disse o oficial apontando os soldados. — Os comandantes dispersam-nos. Olhe — acrescentou, indicando a barraca de um cantineiro -, é ali que essa gente se reúne e passa os seus dias. Ainda esta manhã tive de correr com eles, e, como vê, a barraca está outra vez cheia. Venha daí, príncipe, vamos pregar-lhes um susto. É um momento,

— Pois, sim, vamos, e já agora aproveito para comer um bocado de pão com queijo — disse o príncipe André, que ainda não tivera tempo de comer fosse o que fosse.

— Por que é que me não disse, príncipe? Ter-lhe-ia oferecido qualquer coisa.

Desmontaram e dirigiram-se para a barraca do cantineiro. Sentados às mesas havia alguns oficiais, muito corados e de aspecto cansado, que comiam e bebiam.

— Mas que quer isto dizer, meus senhores? — exclamou o oficial do estado-maior num tom repreensivo, de quem já devia ter repetido várias vezes a mesma coisa. — Não se podem ausentar assim. O príncipe deu ordens para ninguém aqui estar. Vamos, capitão, realmente — disse ele a um insignificante oficial de artilharia, magro e sujo, sem botas (tinha-as dado ao cantineiro, para que este as pusesse a secar, e estava em palmilhas), que se levantara, ao ver entrar os dois oficiais superiores, e sorria com certo embaraço.

— Não tem vergonha, capitão Tuchine? — prosseguiu o oficial. — O senhor, como artilheiro, devia dar o exemplo, e afinal está para aí descalço. Seria bonito se agora tocassem a reunir, com o senhor aí em palmilhas. — O oficial teve um sorriso. — Queiram recolher às suas unidades, meus senhores, todos, todos — acrescentou, em voz de comando.

O príncipe André não pôde deixar de sorrir ao ver o capitão Tuchine, que, saltando a pé-coxinho, ia interrogando com seus olhos, bons e inteligentes, ora o príncipe ora o oficial do estado-maior.

— Os soldados costumam dizer que correm melhor descalços — disse Tuchine, embaraçado, na esperança de disfarçar aquela penosa situação com um dito chistoso.

Percebendo, porem, que o seu tom brincalhão não agradava, ainda se sentiu mais embaraçado.

— Volte para a sua unidade — disse o oficial do estado-maior, procurando manter um ar sério.

André olhou ainda uma vez para a figura do artilheiro. Havia nela qualquer coisa de especial, um aspecto nada militar, cômico até, mas que não deixava de ser simpático.

O oficial e o príncipe André montaram de novo a cavalo e prosseguiram o seu caminho.

À saída da povoação, sempre no meio de soldados e oficiais de vários corpos, que se iam dispersando, viram, à esquerda, em construção, entrincheiramentos de greda avermelhada, ainda fresca. Alguns batalhões de soldados, em mangas de camisa, apesar do vento frio, agitavam-se lá dentro como se fossem formigas brancas. Do fundo do fosso aberto braços invisíveis iam atirando continuamente pazadas de terra vermelha. Ambos se aproximaram das obras, examinaram-nas e seguiram um pouco mais adiante. Na retaguarda do entrincheiramento depararam-se-lhes algumas dezenas de soldados que iam e

vinham a caminho das trincheiras. Tiveram de tapar o nariz e esporear os cavalos para evitarem aquela atmosfera pestilencial.

— É este o atrativo dos acampamentos, Senhor Príncipe — articulou o oficial do estado-maior.

Chegavam à eminência que se erguia do outro lado. Dali já se podiam descobrir os franceses. O príncipe André parou e pôs-se a observar,

— Aqui estão instaladas as nossas baterias — explicou o oficial do estado-maior, apontando para o cabeço -, é àquela que pertence o nosso pândego sem botas. Dali pode ver-se tudo. Venha daí, príncipe.

— Muito obrigado, mas agora vou muito bem sozinho — disse o príncipe André, que desejava ver-se livre do companheiro -, não se preocupe, faça favor.

O oficial afastou-se e o príncipe André seguiu o seu caminho.

Quanto mais avançava, quanto mais se aproximava do inimigo, mais o aspecto das tropas se lhe apresentava em ordem, e mais alegres se lhe afiguravam os homens. No comboio das bagagens, em Znaim, que o príncipe visitara nessa manhã, a dez verstas dos franceses, é que a desordem era grande e a disposição menos alegre. Em Grunt também se sentia uma certa flutuação e um vago medo. Mas quanto mais o príncipe André se aproximava das linhas francesas mais as forças russas lhe davam a impressão de confiança. Os soldados, formados em fileiras, envergavam capotes, sargentos e capitães procediam à contagem dos seus homens, pousando o dedo no peito dos que rompiam o alinhamento no momento em que levantavam a mão. Alguns, espalhados nas imediações, arrastavam pedaços de madeira ou ramos de árvores e construía abrigos, rindo e conversando alegremente. Em volta das fogueiras, despidos uns, vestidos outros, procuravam secar as camisas e as ceroulas, limpavam as botas ou os capotes, agrupados em torno das marmitas e dos caldeirões de kacha. Numa das companhias, a refeição estava pronta e os soldados fitavam, gulosos, as marmitas a fumegar, aguardando o momento em que o sargento daria a sopa a provar, numa tigela de madeira, ao oficial, sentado numa viga diante da sua barraca.

Noutra companhia — com melhor aspecto, pois nem todas tinham vodka -, os soldados haviam-se reunido em volta de um sargento de cara bexigosa e grandes ombros, que ia tombando uma vasilha e enchendo as marmitas que lhe apresentavam, em volta. Os soldados, com um ar reverente, levavam-nas à boca, despejavam-nas na goela, limpavam os beiços às mangas do capote e afastavam-se, de cara satisfeita. Todos se mostravam tranquilos, como se realmente não estivessem em frente do inimigo, na véspera de uma batalha em que pelo menos metade do destacamento ficaria no campo, mas, pelo contrário, na sua pátria,

descansando num pacífico acampamento. Depois de ter atravessado pelo meio de um regimento de caçadores e de passar pelas fileiras dos granadeiros de Kiev, soldados de aspecto marcial, todos entretidos, igualmente, em pacíficas tarefas, o príncipe André, não longe de uma alta barraca, diferente das outras, pois era a do comandante do regimento, cruzou um pelotão de granadeiros onde havia um homem estendido despojado de toda a sua roupa. Seguravam-no duas praças, e duas outras, brandindo varas flexíveis, batiam a compasso nos ombros nus do soldado. A vítima soltava gritos que nada tinham de humano. Um corpulento major andava de um lado para outro, diante das tropas, e continuamente, sem prestar a mais pequena atenção aos gritos do supliciado, ia dizendo:

— É uma vergonha para um soldado roubar; um soldado deve ser humilde, nobre e valente, e quando rouba os seus camaradas, deixa de ser digno, é um miserável. Mais, mais!

E lá continuavam as vergastadas e os gritos desesperados, em que não havia nada de fingido.

— Mais, mais! — repetia o maior.

Um moço oficial, com um ar embaraçado e lastimoso, afastou-se do soldado supliciado e interrogou com os olhos o ajudante-de-campo, que ia passando.

O príncipe André, ao atingir as posições avançadas, seguiu ao longo das fileiras. A linha russa e a do inimigo, tanto no flanco esquerdo como no direito, afastavam-se muito uma da outra, mas no centro, no ponto em que os parlamentários tinham passado nessa mesma manhã, as linhas estavam tão próximas que os soldados se viam cara a cara e podiam, inclusivamente, conversar. Além dos soldados que constituíam as linhas, nesse ponto, de um lado e outro, viam-se curiosos, que, rindo, miravam esses inimigos estrangeiros que nunca tinham visto.

Desde madrugada, apesar da proibição de se aproximarem das linhas, que os comandantes procuravam debalde afastar os curiosos. Os soldados das linhas, dando-se ares de exibidores de curiosidades de feira, já nem sequer olhavam para os franceses, e trocavam entre si ditos sobre os basbaques, aguardando impacientes a hora de render. O príncipe parou para ver os franceses.

— Olha, olha — dizia um soldado para o camarada, mostrando-lhe um mosqueteiro russo, que, na companhia de um oficial, se aproximava das linhas e contava qualquer coisa, com volubilidade e calor, a um granadeiro francês. — Olha, olha para ele, olha para a língua dele! Nem os franceses são capazes de o apanhar. Que dizes tu a isto, Siderov?

— Cala-te, escuta. Nada mau! — replicou Siderov, que tinha fama de falar francês na ponta da língua.

O soldado que os franceses apontavam rindo era Dolokov. O príncipe André reconheceu-o e prestou atenção à conversa. Dolokov, com o seu capitão, vinha do flanco esquerdo, onde estava o seu regimento.

— Vamos, continue, continue — dizia o capitão, que se debruçava, procurando não perder uma única palavra da conversa, aliás incompreensível para ele. — Vamos, continue, faça favor. Que diz ele?

Dolokov não parecia preocupado em responder ao capitão. Estava numa calorosa discussão com o granadeiro francês. Falavam, claro está, da campanha. O francês queria provar, misturando austríacos e russos, que estes se tinham rendido e haviam fugido de Ulm; Dolokov, pelo contrário, afirmava que os russos não se tinham rendido e haviam derrotado os franceses.

— Recebemos ordens para correr com vocês, e havemos de os correr — protestava Dolokov.

— É melhor que vocês não se deixem apanhar todos, cossacos e tudo — replicava o granadeiro.

Os mirones de um lado e do outro puseram-se a rir.

— São vocês que hão de dançar na corda bamba, como já dançaram com o Suvorov! — exclamava Dolokov.

— Que está ele a dizer? — perguntou um francês.

— É história antiga — comentou outro, que calculava que eles estivessem a falar das guerras passadas. — O imperador lhe tratará da saúde, ao vosso Suvara, como já fez aos outros...

Dolokov quis falar, mas o francês interrompeu-o.

— Não é Bonaparte. É o imperador! Maldito nome... — gritou, colérico.

— Diabos o levem ao teu imperador!

E Dolokov pôs-se a proferir, em russo, grosseiras injúrias, e, pondo a espingarda às costas, afastou-se.

— Vamos embora, Ivan Lukitch — disse para o capitão.

— Isto é que é falar francês — diziam os soldados. — Vamos, agora tu, Siderov!

Siderov piscou o olho e, dirigindo-se aos franceses, pôs-se a sibilar muito depressa palavras incompreensíveis:

— Kari-ma-la-ta-sa-fi-mu-ter-kess-ka — algaraviava ele, fingindo, pelo seu tom de voz, estar a dizer coisas sensatas.

— Ah! Ah! Ah! Hi! Hi! Hi! — Os soldados romperam a rir, num riso tão franco e tão contagioso que até os franceses, do outro lado das linhas, riam também. Dir-se-ia que depois disto nada mais havia a fazer que descarregar as

espingardas, fazer saltar as munições e cada um voltar o mais depressa possível para casa.

Mas a verdade é que as espingardas continuaram carregadas, as seteiras das casas e os entrincheiramentos conservaram o seu aspecto ameaçador e as peças de artilharia, desatreladas das carretas, continuaram apontadas umas contra as outras.

Capítulo XVI

Depois de ter percorrido as linhas do flanco direito até ao flanco esquerdo, o príncipe André subiu até à bateria donde, no dizer do oficial, se abrangia toda a área do campo. Uma vez ali, desmontou e parou ao pé da última das quatro peças desgatadas da sua carreta. No primeiro plano, um artilheiro fazia sentinela. Apresentou armas ao oficial, e, em seguida, a um aceno deste, continuou a sua ronda monótona e fastidiosa. Atrás dos canhões estavam as carretas das peças e ainda por detrás os muares e o bivaque dos artilheiros. À esquerda, não muito longe da peça que ficava na extremidade, via-se uma barraca, recentemente levantada, onde se ouvia uma animada conversa de oficiais.

Realmente, da bateria descobriam-se quase todas as posições russas e uma grande parte das do inimigo. Diretamente do outro lado, na linha do horizonte de um cabeço, via-se a povoação de Schöngraben; à esquerda e à direita podiam distinguir-se, em três sítios distintos, por entre o fumo dos acampamentos, a massa das tropas francesas, cuja maior parte, evidentemente, ocupava a própria povoação e o declive por trás do cabeço. À esquerda da povoação, no meio da fumarada, divisava-se qualquer coisa que parecia uma bateria, sem que a olho nu se pudesse ter a certeza disso. O flanco direito russo estava disposto sobre uma colina, assaz escarpada, que dominava a posição francesa. Era aí que se instalava a infantaria moscovita. Na extremidade dessa mesma colina ficavam os dragões. No centro, onde se encontrava, também, a bateria de Tuchine, o ponto donde o príncipe André examinava as posições, um declive suave e em linha reta conduzia à torrente que separava as tropas de Schöngraben. À esquerda, as tropas russas apoiavam-se numa floresta onde se via, subindo no ar, o fumo das fogueiras da infantaria, que cortava lenha. A linha francesa era mais extensa do que a russa e era evidente que os franceses podiam com toda a facilidade cercar o exército pelos dois lados. Por detrás da posição russa existia um barranco abrupto e profundo, por onde seria difícil retirar artilharia e a cavalaria. O príncipe André, o cotovelo apoiado numa das peças, e o livro de apontamentos na mão, esboçou, para seu governo, o plano da disposição das tropas. Em dois pontos tomou algumas notas a lápis, na intenção de comunicá-las a Bagration. Propunha, em primeiro lugar, concentrar no centro toda a artilharia e depois retirar a cavalaria para a retaguarda, para o outro lado do barranco. O príncipe, sempre ao pé do general-chefe, acompanhando os movimentos de tropas e a execução das disposições gerais, e interessado pelos pormenores do desenvolvimento das batalhas no ponto de vista histórico, via já, no caso que tinha diante, a marcha futura das operações, pelo menos em seus traços gerais, e encarava já, de certo modo, importantes hipóteses neste gênero:

“Se o inimigo atacar pelo flanco direito, os granadeiros de Kiev e os caçadores de Podolski devem manter-se até que cheguem os reforços do centro. Neste caso, os dragões poderão atacá-los de flanco e destroçá-los. Na hipótese de o inimigo atacar pelo centro, nós colocaremos neste cabeça a bateria central e a coberto dela retiramos o flanco esquerdo, recuando, por degraus, até ao barranco.”

Durante todo o tempo em que se conservara na bateria, junto à peça, não deixara de ouvir o tagarelar dos oficiais na barraca, mas, como tantas vezes acontece, não tinha compreendido uma só palavra de tudo quanto eles diziam. De repente, ouviu uma voz cuja tonalidade era tão sincera que se pôs involuntariamente a escutar:

— Não, meu rapaz — dizia essa voz agradável, que o príncipe André parecia conhecer -, garanto-lhe que se fosse possível uma pessoa saber o que acontece depois da morte, ninguém teria medo de morrer. É o que lhe digo, meu amigo.

Outra voz, mais jovem, interrompeu a primeira:

— Com medo ou sem medo, ninguém escapa à morte.

— Isso não impede que se tenha medo! Eh! Vocês aí, os sabichões — interrompeu uma terceira voz, mais máscula, — Sim, vocês, os artilheiros, são uns sabichões a apropriarem-se de tudo que podem: comidas e bebidas.

E o detentor desta voz grossa, evidentemente oficial de infantaria, soltou uma gargalhada.

— Isso não impede que se tenha medo — prosseguiu a primeira voz.

— Temos medo do desconhecido, é o que é. Por mais que a gente diga que a alma vai para o céu... a verdade todos nós sabemos que céu é coisa que não existe na atmosfera.

A voz máscula voltou a interromper o artilheiro.

— Venha de lá um bocadinho da vossa aguardente, Tuchine.

“Ah! É o capitão que estava em palmilhas na casa do cantineiro”, disse o príncipe André para si mesmo, ao reconhecer, satisfeito, a simpática voz do artilheiro filósofo.

— Aguardente, se quiserem — disse Tuchine -, isto de conceber a vida futura...

Não concluiu a sua frase. Nesse momento um assobio rasgou o ar, mais próximo, cada vez mais próximo,. Sempre mais próximo, mais rápido, cada vez mais rápido e mais e um projétil, num gemido prolongado e como que de todo interrompido, veio enterrar-se no chão, com uma força colossal, fazendo saltar estilhaços em toda a roda, a pequena distância da barraca dos oficiais. Dir-se-ia que a terra soltara um gemido ao receber aquela pancada colossal.

Nesse instante saltou da barraca, com todos os outros oficiais, o insignificante Tuchine, que vinha de cachimbo na boca: a sua cara, boa e inteligente, parecia um pouco pálida. Atrás dele vinha o homem da voz grossa, um vigoroso oficial de infantaria, que se pôs a correr, em direção à sua companhia, enquanto abotoava o capote.

Capítulo XVII

O príncipe André, que tinha voltado a montar, deteve-se na bateria para observar, pelo fumo da peça, donde vinha o projétil. Percorreu com os olhos um largo espaço. Apenas lhe foi dado perceber que as massas francesas, até então imóveis, principiavam a mover-se, e que à esquerda, realmente, havia uma bateria. Uma nuvenzinha de fumo pairava ainda nesse sítio. Dois franceses a cavalo, provavelmente dois ajudantes-de-campo, galopavam pela encosta. No sopé da colina, naturalmente para reforçar as linhas, avançava uma pequena coluna inimiga, que se distinguia nitidamente. Ainda o fumo da primeira detonação se não havia dissipado e já um novo traço de fumo aparecia seguido de uma segunda detonação. Era a batalha que principiava. O príncipe André sacudiu as rédeas do seu cavalo e voltou a galope para Grunt, a juntar-se a Bagration. Atrás dele o tiroteio ia redobrando de violência. Era evidente que as forças russas principiavam a ripostar. Lá em baixo, no local onde os parlamentários se tinham encontrado, via-se perfeitamente a fuzilaria.

Lamarrois, portador da terrível carta de Bonaparte, acabava de chegar ao pé de Murat. Este, vexado, desejoso de dissipar o seu erro, dera ordens para que as suas tropas atacassem imediatamente ao centro, na intenção de cercar os dois flancos e de esmagar o destacamento insignificante, diante dele, antes da chegada do imperador.

“Começou! Aí está!” dizia de si para consigo o príncipe André, sentindo o sangue afluir-lhe ao coração, “mas onde desencantarei eu o meu Toulon?”

Ao passar diante dessas mesmas companhias que um quarto de hora antes comiam a sua kacha e bebiam a sua vodka, por toda a parte se lhe depararam soldados que, à pressa, formavam em linha de batalha e verificavam as espingardas, e em todos os rostos havia aquela mesma excitação que ele próprio sentia dentro de si mesmo. “Começou! Aí está! É terrível e é divertido!”, lia-se em todas as máscaras, quer de soldados quer de oficiais.

Antes de chegar às trincheiras que andavam a abrir viu, à frouxa luz de uma sombria tarde de outono, um grupo de cavaleiros que cavalgava ao seu encontro. O que vinha à frente envergava um burka e um barrete guarnecido de astracã e montava um cavalo branco. Era o príncipe Bagration. André estacou, a espera. Bagration refreou o cavalo e, reconhecendo-o, fez-lhe um aceno de cabeça. Enquanto o príncipe André lhe relatava o que tinha visto, Bagration continuava a olhar em frente.

A expressão “Começou! Aí está!” também se via estampada no duro rosto trigueiro de Bagration, de olhos baixos, semicerrados, como que mal despertos. O príncipe André contemplava, com uma curiosidade inquieta, esta

máscara imóvel, e teria gostado de saber se ele pensava e sentia e em que pensava e sentia aquele homem naquele instante. “E haverá mesmo alguma coisa ali, por detrás desta máscara imóvel?”, perguntava a si mesmo enquanto o fitava. O príncipe Bagration aquiescia, meneando afirmativamente a cabeça, às palavras de Bolkonski, e dizia: “Está bem”, com um ar que significava ter previsto tudo o que estava a acontecer e tudo o que lhe comunicavam. O príncipe André, sufocado pelo rápido galope que fizera, falava com precipitação. Bagration, com o seu sotaque oriental, particularmente lento, dir-se-ia querer sugerir que não havia necessidade de pressas. No entanto, meteu a trote na direção da bateria de Tuchine. O príncipe André formou junto dos oficiais da escolta, que era constituída por um oficial às ordens, ajudante-de-campo pessoal de Bagration. Jerkov, oficial do estado-maior, destacado ao seu serviço, que montava um belo cavalo inglês, e um funcionário civil, o auditor, que tinha pedido para acompanhar a batalha de perto, por simples curiosidade. O auditor, um homem gordo, de cara cheia, olhava em torno de si com um ingênuo sorriso de alegria, estremecendo em cima da sela, e o seu aspecto era estranho, debaixo do capote de camelo, em cima do selim de soldado raso, no meio de todos aqueles húsares, daqueles cossacos e daqueles ajudantes-de-campo.

— Este cavalheiro queria ver uma batalha — disse Jerkov para Bolkonski, apontando-lhe o auditor — e já está cheio de dores de barriga.

— Vamos, então, basta! — exclamou o auditor, com um sorriso aberto, ao mesmo tempo ingênuo e malicioso, como se se sentisse muito lisonjeado com os gracejos de Jerkov e propositadamente fingisse parecer ainda mais estúpido do que era na realidade.

— É engraçado, meu príncipe — dizia o oficial do estado-maior às ordens, que se lembrava perfeitamente que em francês o título de príncipe tem uma determinada colocação, embora nunca fosse capaz de o empregar no seu lugar próprio.

Entretanto tinham chegado à bateria de Tuchine e diante deles acabava de cair um projétil.

— Que foi aquilo que caiu? — perguntou o auditor, sorrindo ingenuamente.

— Um pastel francês — tornou-lhe Jerkov.

— Ah! É então com isso que eles matam as pessoas? — retorquiu o auditor. — Que coisa horrível!

E, dizendo isto, parecia rir de satisfação. Mal ele tinha acabado, ouviu-se de novo um medonho assobio, de súbito interrompido por uma queda em cima fosse do que fosse de fofa. E, de repente, um cossaco que seguia um pouco à direita e na retaguarda do auditor caía por terra com o seu cavalo. Jerkov

e o oficial do estado-maior debruçaram-se das suas selas e afastaram os seus cavalos. O auditor parou diante do cossaco e pôs-se a observá-lo com grande curiosidade. O cossaco estava morto e o cavalo ainda estrebuchava.

Bagration voltou a cabeça, piscando os olhos, e, ao ver a causa da confusão que se tinha estabelecido, retomou o seu ar indiferente, como se dissesse: “Valerá a pena a gente preocupar-se com semelhantes frioleiras?” Puxou as rédeas do cavalo e, com a ligeireza de um bom cavaleiro, inclinou-se um pouco e libertou a espada, presa na burka. Era uma espada antiga, diferente das que então se usavam. O príncipe André lembrou-se de uma anedota em que se contava que Suvorov, na Itália, dera de presente a Bagration a sua própria espada, e esta lembrança naquele momento foi-lhe de bom augúrio. Aproximavam-se, precisamente, da bateria em que Bolkonski estivera quando observara o campo de batalha.

— Que companhia é esta? — perguntou Bagration ao servente de bateria de sentinela às caixas de munições.

Perguntava: “Que companhia é esta?”, quando, na realidade, o que ele dizia era: “Há medo por aqui?” E o servente de bateria percebeu-o.

— Do capitão Tuchine, Excelência — disse, numa voz forte e alegre, pondo-se em sentido, o servente de bateria, um ruivo, de cara cheia de sardas.

— Bom, bom — murmurou Bagration, num tom de quem reflete, e passou diante das carretas, aproximando-se da peça do extremo.

No momento preciso em que se aproximava desta ouviu-se uma detonação, que o ensurdeceu, a ele e aos da sua escolta, e no meio da fumarada que de repente envolveu a peça viram-se artilheiros que, com grande esforço, se davam pressa de a voltar a pôr no seu lugar. O soldado nº 1, um rapagão de largos ombros, que empunhava o taco, deu um salto para o lado da roda. O nº 2, de mão trêmula, carregou a peça. Um homenzinho atarracado, o oficial Tuchine, tropeçando em direção à carreta, seguiu para diante, sem reparar no general, e pôs-se a olhar, protegendo a vista com a mão.

— Dois pontos ainda mais alto e damos no vinte! — gritou, na sua voz aflautada, a que procurava imprimir um acento grave, que não condizia com a sua pessoa. — A segunda! — guinchou ele. — Fogo, Medviedev!

Bagration chamou o oficial, e Tuchine, num movimento tímido e desajeitado, não como é costume perfilar-se um oficial para uma continência militar, mas antes como um sacerdote que lança a sua bênção, levou dois dedos à pala da barretina e aproximou-se do general. Embora as peças de Tuchine tivessem por missão varrer o desfiladeiro, este estava a bombardear a aldeia de Schöngraben, que se via do outro lado, e onde se agitavam grandes massas de tropas francesas.

Ninguém tinha dito a Tuchine contra que objetivo é que devia dirigir o tiro das suas peças, mas, depois de ter consultado o seu sargento Zakartchenko, a quem muito considerava, resolvera que seria acertado incendiar a povoação.

— Muito bem! — exclamou Bagration, ao ouvir o relato do oficial, e pôs-se a examinar o campo de batalha que se lhe apresentava à vista, como se estivesse a combinar um plano qualquer. Era pela direita que os franceses se aproximavam. Ao fundo da eminência onde estava o regimento de Kiev, nos alcantis sobranceiros ao rio, ouvia-se um tiroteio ininterrupto, que confrangia o coração, e, muito mais para a direita, para além do regimento de dragões, o oficial às ordens mostrava ao príncipe uma coluna francesa que envolvia o flanco russo. À esquerda limitava o horizonte a floresta próxima. O príncipe Bagration deu ordens para que dois batalhões do centro fossem reforçar a ala direita. O oficial às ordens permitiu-se observar-lhe que, em virtude da deslocação destes dois batalhões, as peças ficavam sem cobertura. Bagration voltou-se para o oficial e fitou-o com os seus olhos nublados, sem dizer palavra. Ao príncipe André afigurou-se-lhe que a observação era justa e que efetivamente nada havia a responder. Mas no mesmo instante surgiu a galope um ajudante-de-campo do comandante do regimento que se encontrava no declive do ribeiro com a informação de que massas imensas de franceses se lançavam sobre ele, que o regimento estava disperso e que recuava para se juntar aos granadeiros de Kiev. Bagration acenou com a cabeça, a dar o seu consentimento e a sua aprovação. A passo, dirigiu-se para a direita e enviou o ajudante-de-campo com ordem de ataque ao regimento de dragões. O ajudante-de-campo destacado voltou, daí a meia hora, a anunciar que o comandante de dragões já tinha recuado para o outro lado da escarpa, pois fora recebido por um tiroteio violento e estava a perder homens inutilmente, de modo que assim concentrara os seus soldados na floresta, donde eles faziam fogo.

— Bom! — exclamou Bagration.

No momento em que se afastava da bateria, ouviu-se igualmente à esquerda fuzilaria na floresta. Como o flanco esquerdo ficava bastante longe para que ele pudesse deslocar-se até lá a tempo, mandou Jerkov dizer ao general que o comandava, aquele mesmo que tinha apresentado o regimento a Kutuzov em Braunau, que recuasse o mais depressa possível para a retaguarda da escarpa, visto o flanco direito não poder conter por muito tempo o inimigo. E, quanto ao batalhão que cobria a bateria de Tuchine, esse foi esquecido. O príncipe André prestou uma grande atenção às conversas de Bagration com os oficiais comandantes e às ordens que ele dava, e com grande espanto seu verificou que ele não dava ordem alguma: tudo quanto fazia era apenas dar a entender que o que se passava por força das circunstâncias, em consequência do acaso ou mercê

da intervenção dos diferentes comandantes acontecia, se não graças às ordens que ele dava, pelo menos de acordo com os seus planos. Mercê do tato de que Bagration dava provas, André notava que, não obstante os acontecimentos estarem confiados ao acaso e de qualquer maneira não dependerem da vontade dos chefes, bastava a presença deste para o resultado ser extraordinário. Os comandantes que dele se aproximavam com uma expressão transtornada afastavam-se confiantes; soldados e oficiais saudavam-no alegremente, readquiriam na sua presença um aspecto animado e diante dele era visível que se sentiam orgulhosos do seu heroísmo.

Capítulo XVIII

O príncipe Bagration, depois de atingir a extremidade norte do flanco russo, principiou a descer naquele ponto onde rompera um fogo rolante e onde nada se via no meio da fumarada. Quanto mais ele e a sua escolta avançavam pela escarpa abaixo, menos podiam ver, mas mais vivamente sentiam aproximar-se do verdadeiro campo de batalha. Encontraram os primeiros feridos. Um deles, a cabeça ensanguentada e sem barretina, era levado por dois homens que o amparavam por debaixo dos braços. Golfava sangue e sentia-se-lhe o estertor. A bala, evidentemente, havia-lhe atingido a boca ou a garganta. Outro que encontraram caminhava galhardamente sozinho, sem espingarda, ululando, com toda a força dos pulmões, fustigado pela dor que lhe causava uma ferida recente e agitava um braço donde manava um veio de sangue, como se fosse um frasco a escorrer, que se lhe ia espalhando pelo capote. No seu rosto havia mais espanto que sofrimento. Acabara naquele instante de ser ferido. Depois de atravessarem a estrada, desceram uma ladeira abrupta e viram alguns homens prostrados no caminho. Cruzou-se com eles um bando de soldados, entre os quais alguns sem estarem feridos. Outros subiam a ladeira e, não obstante a presença do general, falavam em alta voz, com grandes gestos. Lá diante, no meio da fumarada, lobrigavam-se já fileiras de capotes cinzentos, e um oficial, ao ver Bagration, correu, interpelando a turbamulta dos soldados que debandavam para os obrigar a voltar para trás. Bagration seguiu em frente, na direção das fileiras donde, aqui e ali, partiam descargas que abafavam as conversas e os gritos dos comandantes. Toda a atmosfera era de fumo. As caras dos soldados estavam excitadas e negras de pólvora. Alguns deles carregavam as espingardas com as respectivas varetas, outros deitavam pólvora nas caçoletas, sacavam os cartuchos, outros, ainda, disparavam. Mas sobre quem é que disparavam? Eis o que se não podia ver por causa do fumo que o vento não dissipava. Muito frequentemente ouvia-se como que um zumbido de abelhas, uma espécie de assobio agradável. “Que vem a ser isto?”, perguntava o príncipe André aos seus botões, à medida que se aproximava. “Não é um ataque, visto que eles continuam imóveis; também não pode ser uma formação em quadrado; não é esta a atitude.”

Um velhito magro, de aspecto doentio, o comandante do regimento, com um sorriso amável e semicerrando as pálpebras enrugadas, o que lhe dava um ar afável, aproximou-se de Bagration e recebeu-o como quem recebe um hóspede de cerimônia. Participou-lhe que o seu regimento fora atacado pela cavalaria francesa e que, embora esta tivesse sido repelida, o regimento perdera mais de metade dos seus efetivos. Dizia que o ataque fora repellido, imaginando ser esse o termo militar para o que tinha acontecido com o seu regimento. Mas a verdade é que nem ele próprio sabia o que é que naquela meia hora tinham feito

as tropas que lhe haviam sido confiadas e não podia dizer com precisão se o ataque fora repellido ou se o seu regimento fora aniquilado pelo ataque. No principio da ação sabia apenas que as balas e os obuses tinham chovido sobre o seu regimento, matando homens, e que depois alguém havia gritado: “A cavalaria!”, e que os seus tinham principiado a fazer fogo. E agora já não disparavam sobre a cavalaria, que se afastara, mas sobre a infantaria francesa, que aparecia na escarpa fazendo fogo contra os russos. O príncipe Bagration acenou com a cabeça, como que a dizer que tudo se passava exatamente como ele desejava e como havia previsto. Voltou-se para o seu ajudante-de-campo, deu-lhe ordens para que mandasse descer ao vale dois batalhões do 6 de caçadores, diante do qual acabavam de passar. O príncipe André reparou com surpresa, nesse instante, na mudança de expressão que se operara no rosto de Bagration. Havia nele a decisão concentrada e jovial de um homem que, num dia quente de verão, se dispõe a atirar-se à água e prepara o mergulho. Já não se lhe viam os olhos embaciados, sonolentos, nem aquele seu falso ar de pensador profundo: os seus olhos redondos e duros de gavião olhavam em frente com solenidade e um ligeiro desdém, não se detendo, aparentemente, em coisa alguma, embora os seus movimentos conservassem a mesma lentidão e a mesma firmeza.

O comandante do regimento pedia-lhe que se afastasse, pois o local era muito perigoso. — Peço-lhe, excelência, por amor de Deus! — dizia-lhe ele, implorando com o olhar a aprovação do oficial às ordens, que se afastara. — Olhe! Fazia-lhe notar as balas que continuamente zumbiam, cantavam e assobiavam em torno deles. Na sua voz havia aquele tom de imploração e de censura cortês que costuma ter um carpinteiro para falar ao patrão a quem ocorre a veleidade de manejar o machado: “Nós estamos acostumados, mas o patrão, o patrão vai fazer calos nas palmas das mãos!” Falava como se aquelas balas o não pudessem matar a ele, e os olhos semicerrados davam-lhe às palavras um acento ainda mais persuasivo. O oficial do estado-maior associou-se às diligências do comandante do regimento; mas Bagration não lhes respondeu, contentando-se em dar ordem de cessar fogo e de tomarem disposições para receber os dois batalhões que se aproximavam. Enquanto ele falava, como que corrida por mão invisível, a cortina de fumo que escondia a escarpa levantou-se da direita para a esquerda, impelida pelo vento que se pôs a soprar, e diante dos olhos surgiu-lhe a serra fronteira, coberta de franceses em marcha. Todos os olhos se dirigiram involuntariamente para a coluna francesa que avançava para eles, acompanhando os altos e baixos do terreno. Já se viam as barretinas de pele dos soldados, já se podiam distinguir os oficiais dos simples soldados de linha. Via-se já palpar a bandeira.

— Que bem que marcham — disse alguém da comitiva de Bagration.

A testa da coluna mergulhava já na planície. O recontro ia dar-se do lado de cá da ladeira...

Os restos do regimento russo empenhado na luta, que se reagruparam à pressa, retiraram-se pela direita; na sua retaguarda, dispersando os retardatários, avançavam, alinhados, os dois batalhões do 6 de caçadores. Ainda não tinham chegado ao nível de Bagration e já se ouvia o passo arrastado, pesado, cadenciado de toda essa massa. No flanco esquerdo marchava, mais perto de Bagration que qualquer outro, um comandante de companhia, um homem de rosto redondo, bem constituído, com um ar de parva satisfação, aquele mesmo que saíra a correr da barraca. Evidentemente que naquele momento só pensava em desfilar com marcialidade diante do seu general, nisso e em mais nada.

Com o ar favorecido de todo o soldado que marcha em forma, agitava airoso as pernas musculadas, como se estivesse a nadar, estendendo-as sem o mais pequeno esforço e distinguindo-se por essa ligeireza do andar pesado dos soldados, que marchavam acertando o passo pelo dele. No flanco trazia uma espada desembainhada, fina e estreita, uma pequenina espada recurva. Que não parecia uma arma, e, voltando os olhos, ora para o comandante ora para trás, sem desacertar o passo, ia balançando o corpo flexível e vigoroso. Dir-se-ia que todas as forças da sua alma se empenhavam no mesmo objetivo: desfilar o melhor possível perante os seus superiores. E, sentindo que cumpria perfeitamente o seu papel, era feliz. “Esquerdo... esquerdo... esquerdo...”, parecia repetir de si para consigo, marcando o passo; e naquela cadência, aquela muralha de soldados, de traços tão diferentes, mas todos sérios, pesados sob o fardo das mochilas e das espingardas, movia-se como se todos aqueles centos de homens fossem dizendo igualmente para si mesmos: “Esquerdo... esquerdo... esquerdo.” Um gordo major, ofegante, e com o passo trocado, teve de contornar um silvado que se lhe deparou no caminho; um soldado retardatário, a deitar os bofes pela boca fora, atarantado por ter ficado para trás, veio apanhar a companhia em passo ginástico. Rasgando o espaço, uma bala de artilharia passou por cima da cabeça de Bagration e do seu séquito e veio cair sobre a coluna sem romper a cadência da marcha: “Esquerdo... esquerdo!! Cerrar, fileiras!”, gritou, distintamente, a voz de um oficial da companhia. Os soldados fletiram em arco no lugar onde havia caído o projétil. Um velho sargento condecorado, que se retardara, ao pé dos mortos, reocupou o seu lugar, trocando o passo, e retomou a cadência, rolando os olhos, furioso, “Esquerdo... esquerdo — esquerdo...”, dir-se-ia ouvir ainda no silêncio ameaçador e no meio do ruído dos passos que pisavam o terreno ao mesmo tempo.

— Bravo, rapazes! — exclamou o príncipe Bagration.

— É a nossa obrigação. Ex... celên, celên, celência! — ouviu-se nas fileiras.

Um soldado de cara franzida, que marchava à direita, gritando, dirigiu um olhar ao general em que parecia dizer: “Nós bem sabemos!” Outro, sem se voltar, e, como se receasse distrair-se, abriu muito a boca para gritar e passou.

Gritaram ordens de: “Alto” e “Arriar mochilas”.

Bagration passou revista às fileiras que tinham desfilado diante dele e desmontou. Entregou as rédeas a um cossaco, tirou a burka e deu-lha, estirou as pernas e compôs a barretina. A testa da coluna francesa, com os oficiais à frente, surgia no sopé da encosta.

— Que Deus nos ajude! — exclamou Bagration numa voz firme e inteligível. Voltou-se alguns momentos para a primeira linha das tropas, e com um gesto rápido, num andar desajeitado de cavaleiro, com certa dificuldade, ao que parecia, avançou pelo terreno acidentado. O príncipe André sentiu como que uma força irresistível que o impelia para a frente e uma sensação de felicidade se apoderou dele!.²⁰ Os franceses já estavam muito perto; o príncipe André, que caminhava ao lado de Bagration, já distinguia nitidamente o correame, as charlateiras vermelhas e até as caras. Reparou mesmo, com toda a precisão, num velho oficial francês que subia a encosta, com dificuldade, embaraçado nas polainas muito largas. Bagration, sem dar qualquer outra ordem, continuava, calado, a percorrer as fileiras. De súbito, do lado dos franceses ouviu-se um tiro, depois outro, e outro ainda... e ao longo de todas as fileiras dispersas levantou-se uma fumarada e crepitou a fuzilaria. Alguns dos russos caíram, e entre eles o oficial da cara cheia que marchava com tanta alegria e animação. Mas no mesmo instante em que troava a primeira salva. Bagration, olhando em volta, gritou — Hurra!

— Hurra! — O grito ressoou ao longo de toda a linha, e, ultrapassando o general, adiantando-se, mesmo, uns aos outros, os russos, em formações pouco ordenadas, mas cheias de jovial ardor, precipitaram-se para o fundo da colina, na perseguição dos franceses em debandada.

Capítulo XIX

O ataque do 6 de caçadores garantia a retirada do flanco direito. No centro, a intervenção da bateria de Tuchine, que conseguira incendiar Schöngraben, retivera o movimento dos franceses. As tropas de Napoleão tinham-se visto obrigadas a apagar o incêndio que o vento propagara, permitindo, assim, a retirada dos russos. A retirada no centro, através do barranco, fizera-se apressada e ruidosamente. No entanto, as tropas, ao retirarem, não tinham alterado a boa ordem das suas fileiras. Mas o flanco esquerdo, que fora atacado e cercado ao mesmo tempo pelas excelentes tropas francesas de Lannes, e era constituído pelos regimentos de infantaria de Azovskí e Podolovski e pelos húsares de Pavlogrado, esse estava desconjuntado. Bagration mandou Jerkov ao general do flanco esquerdo com ordens para recuar imediatamente.

Jerkov, galhardamente e sempre com a mão em continência, esporeou o cavalo e partiu a trote. Mas assim que desapareceu da vista de Bagration, a coragem faltou-lhe. Sentiu que um terror invencível se apoderava dele e não teve ânimo de seguir para a zona de perigo. Ao aproximar-se das tropas do flanco esquerdo, não se encaminhou para o local da fuzilaria, mas pôs-se à procura do general e dos comandantes onde eles não podiam estar, e foi assim que não transmitiu a ordem que recebera.

O comando do flanco esquerdo pertencia, por antiguidade, ao general daquele mesmo regimento que fora apresentado a Kutuzov em Braunau e onde Dolokov servia como soldado raso. Quanto ao comando do extremo flanco esquerdo, esse fora entregue ao coronel do regimento de Pavlogrado, onde Rostov servia, o que veio a provocar um mal-entendido. Os dois comandantes não se podiam ver um ao outro, e enquanto no flanco direito a ação já tinha principiado há muito e os franceses já esboçavam um movimento de retirada, ambos continuavam a discutir, irritando-se mutuamente. Os regimentos — tanto o de cavalaria como o de infantaria — não estavam de maneira alguma preparados para um combate iminente. Os homens, desde o soldado ao general, não contavam com a batalha e entretinham-se tranquilamente em pacíficas ocupações, como a de dar de comer aos cavalos, na cavalaria, ou apanhar lenha, na infantaria.

— Visto que ele, em todo o caso, é mais antigo do que eu no seu posto — dizia o coronel alemão dos húsares, muito corado, dirigindo-se a um ajudante-de-campo que se aproximava -, que faça o que entender. Cá por mim, não estou disposto a sacrificar os meus húsares. Clarins! Toquem a retirar!

Mas a situação pedia urgência, a maior urgência. O canhoneio e a fuzilaria confundiam-se, as balas rebentavam à direita e à esquerda, e os capotes dos atiradores de Lannes ultrapassavam já a linha do moinho e alinhavam do lado de cá quase à distância de um tiro de espingarda. O general de infantaria, no seu

andar claudicante, dirigiu-se para o seu cavalo, montou e, bem direito e hirto na sela, aproximou-se do comandante do regimento de Pavlogrado. Os dois comandantes, antes de dirigirem a palavra um ao outro, fizeram uma continência cortês, mas com uma secreta irritação.

— Mais uma vez lhe afirmo, coronel — disse o general -, seja como for, eu não posso deixar aqui, nesta floresta, metade dos meus homens. Peço-lhe, volto a pedir-lhe pela segunda vez, que ocupe a posição e que se prepare para o ataque.

— Pois eu peço-lhe que se não meta em assuntos que lhe não dizem respeito — replicou o coronel, exaltando-se. — Se fosse da cavalaria...

— Não sou da cavalaria, coronel, mas sou um general russo, e se o não sabe...

— Sei-o muitíssimo bem, Excelência! — exclamou, subitamente, o coronel, que se adiantou a cavalo e se fez muito encarnado. — Faça favor de ir a primeira linha e verá que esta posição não se pode defender. Não estou disposto a deixar exterminar o meu regimento para lhe dar prazer.

— Esquece-se de quem é, coronel. Não está em causa o que me dá satisfação e não consinto que me fale nesse tom.

Aceitando o convite do coronel para um torneio de bravura e arqueando o peito e franzindo as sobrancelhas, o general dirigiu-se com ele para a frente do combate, como se o debate que entre eles se travava houvesse de resolver-se precisamente ali, nas primeiras linhas, sob a metralha. Ao chegarem aí, algumas balas lhes passaram por cima da cabeça e ambos pararam, calados. Nada podia distinguir-se ali, no lugar em que eles estavam, uma vez que até mesmo do ponto onde se encontravam anteriormente era evidente que a cavalaria nada tinha a fazer naquelas bouças e naqueles barrancos e que os franceses cercavam a ala esquerda. O general e o coronel olharam um para o outro com uma expressão severa e significativa, como dois galos que se preparam para a luta, esperando, debalde, de um lado ou do outro, qualquer indício de covardia. Ambos mantiveram o desafio. Como nada havia que dizer e nenhum queria dar motivo ao companheiro para pensar que fora ele o primeiro a retirar-se da linha de fogo, ali teriam ficado por muito tempo, a demonstrar a sua mútua valentia, se no mesmo instante, na floresta, quase por detrás deles, se não tivesse ouvido um retinir de armas e gritos surdos e prolongados. Eram os franceses que caíam sobre os soldados que andavam à lenha. Os húsares já se não podiam retirar com a infantaria. Tinham a retirada cortada à esquerda pela frente francesa. Agora, apesar das dificuldades do terreno, era mister atacar para abrir caminho.

O esquadrão a que pertencia Rostov mal tinha montado a cavalo logo se vira cara a cara com o inimigo. Como já acontecera na ponte de Enns, entre o

esquadrão e o inimigo nada havia, nada, a não ser, a separá-los, essa terrível linha do desconhecido e do terror como a que separa os vivos dos mortos. Todos os soldados tinham consciência dessa linha e se interrogavam a si mesmos angustiosamente: transpô-la-iam ou não, e como é que a transporiam?

O coronel aproximou-se das suas tropas, respondeu, colérico, aos oficiais que o interrogavam, e deu as suas ordens como um homem disposto a cumprir desesperadamente aquilo que se propõe. Não deu nenhuma voz de comando precisa, mas pelo esquadrão correu o boato de que iam atacar. Ouviu-se a voz: — Sentido! — e logo um retinir de sabres que eram arrancados das bainhas. Mas ninguém se movia. As tropas do flanco esquerdo, infantaria e húsares, tinham a impressão de que o próprio comandante não sabia o que devia fazer e a indecisão dos superiores comunicava-se aos soldados.

“Depressa, se ao menos eles decidissem depressa!”, dizia Rostov para si mesmo, ao ver chegar, finalmente, com alegria, o momento do ataque em que tantas vezes lhe tinham falado os húsares, seus camaradas.

— Com a ajuda de Deus, rapazes — gritou Denissov — a trote. Marcha!

As garupas dos cavalos da primeira fila principiaram a ondular. Gratchik sacudiu as rédeas e por si mesmo começou a trotar.

À direita, Rostov via as primeiras fileiras dos seus húsares e mais para diante, na sua frente, entrevia uma linha escura, que não podia distinguir bem, e que supunha ser o inimigo. Ouviam-se tiros, mas na distância.

— Trote acelerado! — gritou uma voz de comando, e Rostov sentiu que o seu Gratchik levantava as traseiras e metia a galope.

Sentia a vertigem do movimento apossar-se dele e cada vez o tomava uma maior euforia. Notou uma árvore isolada diante de si. Esta árvore ocupava primeiro o centro daquela linha que lhe tinha parecido tão terrível. E eis que ela lhe ficava já para trás, que a tinha transposto, a essa linha, e que ela não só já nada tinha de terrível para ele, mas cada vez se sentia mais alegre e animado. “Ah, como eu os vou espadeirar!”, murmurava, apertando o punho da espada.

— Hur... r... a... a! — gritaram vozes.

“Ai daquele que me cair nas mãos, seja ele quem for!”, murmurou Rostov, esporeando o seu Gratchik, e, adiantando-se a todos os seus camaradas, lançou-se a todo o galope. Diante dele estava o inimigo. De súbito, foi como se uma imensa verdasca tivesse chicoteado todo o esquadrão. Rostov brandiu a espada pronta a ferir, mas no mesmo momento o soldado Nikitenko, que galopava na sua dianteira, afastou-se dele, e Rostov sentiu, como num sonho, que continuava a ser levado para diante com uma rapidez incrível e ao mesmo tempo que continuava parado no mesmo lugar. Na sua retaguarda o húsar Bondartchuk,

seu conhecido, saltou por cima dele, lançando-lhe um olhar de cólera. O cavalo de Bondartchuk empinou-se e passou.

“Que vem a ser isto? Não me mexo?... Caí, estou morto?”, perguntou Rostov, num repente, a si próprio e no mesmo repente a si próprio respondeu. Estava já completamente só no campo. Em vez dos cavalos a galope e das costas dos húsares, em torno de si apenas via a terra imóvel e as barracas. Sentia-se banhado por um sangue quente. “Não, estou ferido, e o meu cavalo está morto.” Gratchik procurou erguer-se nas patas dianteiras, mas voltou a cair, prendendo a perna do cavaleiro. O sangue corria-lhe da cabeça. Debateu-se, mas não foi capaz de se levantar. Rostov quis também erguer-se, mas voltou também a cair: tinha a patrona engatada na sela. Onde estavam os russos? Onde estavam os franceses? Não sabia. Não havia ninguém nas proximidades.

Depois de conseguir desembaraçar a perna, endireitou-se. “Onde estava, de que lado ficava agora a linha que dividia tão nitidamente os dois exércitos?” Era isto que ele a si próprio perguntava, sem conseguir qualquer resposta. “Que é que me teria acontecido de desastroso? Isto dá-se, mas que deve fazer-se nestes casos?”, perguntava-se a si mesmo enquanto se erguia; e ao mesmo tempo reparava que qualquer coisa de supérfluo lhe pendia do braço esquerdo, paralisado. Dir-se-ia que o punho lhe não pertencia. Examinou o braço procurando, atentamente, sinais de sangue. “Ah! Já vejo gente”, disse de si para consigo, satisfeito, ao ver certo número de pessoas que se dirigiam para ele... “Vêm-me socorrer!” A frente vinha um homem com uma estranha barretina na cabeça e capote azul. Era escuro, de pele tisonada, e tinha o nariz recurvo. Mais dois, e ainda mais dois o seguiam. Um deles falou numa língua estranha, que não era a russa. No meio de uns homens semelhantes, com as mesmas barretinas na cabeça, mais atrás, havia um húsar russo. Amparavam-no por um braço e atrás vinha o cavalo puxado pela arreata.

“Deve ser um dos nossos, prisioneiro... Sim. Naturalmente vão-me aprisionar a mim também! Que gente é esta?”, continuou Rostov no seu solilóquio, não podendo crer no que via. “Serão franceses?” Via os desconhecidos aproximar-se, e embora, momentos antes, tivesse lançado o seu cavalo a galope para cair sobre eles e espadeirá-los, o vê-los agora causava-lhe tal pânico que não podia acreditar nos seus olhos. “Quem são? Por que correm? Correm para mim? E por quê? Para me matar? Para me matar a mim, de quem toda a gente gosta?” E então, recordando-se do amor que lhe tinham a mãe, a família e os amigos, pareceu-lhe impossível que os inimigos o quisessem matar. “Ah! Será possível? Para me matar?” Assim ficou, mais de um minuto, sem se mexer e sem se dar conta da situação. O francês que vinha à frente, o do nariz recurvo, já estava tão perto que se lhe distinguiam perfeitamente os traços. E a fisionomia exasperada e

estranha daquele homem que, de baioneta calada, os dentes cerrados, se precipitava sobre ele, aterrorizava Rostov. Pegou na pistola, e, em vez de disparar, atirou com ela aos franceses, deitando a fugir para as bouças. Já não sentia o mesmo que na ponte de Enns, esses sentimentos de incerteza sobre o futuro e esse desejo de luta que então o animavam; fugia como uma lebre perseguida por uma matilha. Era unicamente o terror de perder a vida jovem e feliz que o dominava por completo. Saltando agilmente por cima dos fossos, com a ligeireza que costumava ter ao jogar às gorielkis ²¹, lá ia levado na sua carreira através dos campos, voltando para trás, de quando em quando, o rosto jovem e belo, muito pálido, ao mesmo tempo que o percorria um calafrio de medo. “Ah! Mais vale não ver”, pensava. Assim que chegou perto das bouças, mais uma vez olhou para trás. Os franceses tinham ficado longe, muito longe e, precisamente no momento em que se voltou, viu o que vinha à frente retardar o passo, em vez de o acelerar, e interpelar em alta voz o camarada que o seguia. Rostov parou. “Não é isso”, dizia ele de si para consigo, “não é possível que eles me queiram matar.” No entanto, a mão esquerda pesava-lhe, como se dela pendesse um peso de muitas arrobas. Não pôde ir mais além. Os franceses também tinham parado e alvejaram-no. Rostov fechou os olhos e baixou-se. Uma ou duas balas lhe passaram, silvando, por cima da cabeça. Fez um esforço derradeiro, pegou na mão esquerda com a mão direita e de novo correu, agora em direção às bouças. Ali encontrou atiradores russos.

Capítulo XX

Os regimentos de infantaria atacados de improviso na floresta punham-se em fuga e as companhias, misturadas, já não eram mais que tropas desordenadas. Um soldado, enlouquecido, pronunciou esta palavra, terrível na guerra, embora sem significação: — Estamos cortados! — e a frase, grávida de terror, propagou-se por toda a massa dos soldados.

— Cercados! Cortados! Perdidos! — gritavam os fugitivos.

Quando o general, ao ouvir a fuzilaria e os gritos na retaguarda, compreendeu que qualquer coisa de grave se estava a passar no seu regimento, e lhe passou pela cabeça que ele, um oficial exemplar, com uma longa folha de serviços, que nunca cometera qualquer falta, podia vir a ser acusado, perante os seus superiores, de negligência ou de incúria, de tal modo se sentiu transtornado que no mesmo momento, sem pensar mais na indisciplina do coronel de cavalaria, e esquecendo-se do seu próprio papel de general, e, principalmente, com um desprezo completo do perigo e do instinto de conservação, agarrou-se ao arção da sela, e, esporeando o cavalo, largou a galope em direção ao seu regimento, sob uma saraivada de balas que, felizmente, o não atingiram. Só uma coisa o preocupava: saber o que se tinha passado, remediar a situação, reparar, tanto quanto possível, a falta cometida, caso houvesse erro da sua parte, e ficar isento de toda a censura, ele, que tinha vinte e dois anos de serviço, ele, um oficial exemplar e a quem nunca fora feita a menor observação.

Depois de ter atravessado incólume as linhas francesas, atingiu o campo de batalha por detrás da floresta que os russos atravessavam, precipitando-se pelo desfiladeiro, sem ouvirem ordens de ninguém. Estava-se, então, naquele grave minuto em que a sorte de uma batalha pode depender de uma hesitação moral: ouvirão as tropas em debandada a voz do seu superior, ou, limitando-se a olhar para ele, prosseguirão na fuga? Apesar dos loucos berros de uma voz até aí temida dos soldados, apesar da presença daquela cara rubra, descomposta pela ira e já sem configuração humana, apesar da espada que brandia, as tropas continuavam a fugir, a interpelar-se, a disparar para o ar, sem obedecerem. A hesitação moral que decide da sorte das batalhas pendia visivelmente para o lado do pânico.

O general sufocava, a gritar, no meio da fumarada, parando desesperado. Tudo parecia perdido. Mas, nesse momento, os franceses, que iam no encalce dos russos, fizeram, subitamente, meia volta, sem razão aparente, desaparecendo na orla da floresta, e foi então que na própria floresta apareceram atiradores russos. Era a companhia de Timokine, a única que mantivera até ali intactas as suas fileiras e que, entrincheirada num fosso, atacara os franceses de surpresa. Timokine lançara-se sobre eles soltando gritos tão terríveis, caíra sobre

o inimigo com uma tão desvairada audácia, apenas com a sua pequena espada em punho que os franceses, desorientados, lançaram fora as armas e despediram em debandada. Dolokov, ao lado de Timokine, matou um francês à queima-roupa e foi o primeiro a pegar pela gola num oficial que se rendia. Os fugitivos russos voltaram para trás, os batalhões reagruparam-se, e o inimigo, prestes a cortar em dois o flanco esquerdo, foi momentaneamente repellido. As reservas puderam reunir-se e os fugitivos detiveram-se. Estava o general na ponte com o major Ekonomov, vendo desfilar diante de si os batalhões em retirada, quando se aproximou dele um soldado, que lhe pegou nos estribos e se virou para ele. Esse soldado vestia um capote azul, regulamentar, não trazia nem mochila nem barretina: tinha a cabeça amarrada e aos ombros uma cartucheira francesa. Empunhava uma espada de oficial. Estava pálido, e os seus olhos azuis fixavam-se descaradamente no superior. Sorria. Posto o general estivesse ocupado a transmitir ordens ao major Ekonomov, não pôde deixar de lhe prestar atenção.

— Excelência! Aqui tem dois troféus — disse Dolokov, tirando a espada e a cartucheira... — Fiz prisioneiro um oficial... Está no batalhão. — Dolokov arquejava, as suas palavras eram entrecortadas. — É testemunha o batalhão inteiro. Peço-lhe que se não esqueça, Excelência!

— Está bem, está bem — volveu o general, que continuava a sua conversa com Ekonomov.

Mas Dolokov não o largou. Desatou as ligaduras, puxou pela manga do general e mostrou-lhe o sangue coagulado nos cabelos.

— Uma ferida de baioneta, não abandonei as fileiras. Não se esqueça. Excelência.

Tinham-se esquecido da bateria de Tuchine, e foi só no fim do recontro, ao continuar a ouvir o canhoneio do centro, que o príncipe Bagration enviou o oficial do estado-maior às ordens, e depois o príncipe André, com instruções para que a bateria retirasse o mais depressa possível. A linha de proteção que se encontrava nas imediações da bateria de Tuchine desaparecera, em virtude de uma ordem dada no meio da batalha; mas a bateria continuava a disparar e não fora tomada até então unicamente porque os franceses nunca poderiam imaginar que quatro peças sem qualquer cobertura tivessem a audácia de continuar a fazer fogo. Pelo contrário, pensavam, em virtude da enérgica ação desta bateria, que ali, no centro, se encontravam concentradas as principais forças dos russos; por duas vezes tinham tentado atacar a posição e de ambas as vezes haviam sido repellidos pela metralha das quatro peças colocadas naquela eminência.

Pouco depois da partida de Bagration, conseguira Tuchine incendiar Schöngraben.

— Que rebuliço que lá vai! Como aquilo arde! Hem, que fumarada! Rica pontaria! Famoso! Que fumarada! Que fumarada! — gritavam os artilheiros, excitadíssimos.

Todas as peças, sem instruções, disparavam na direção do incêndio. E os soldados, como se estivessem a assistir a um concurso, exclamavam a cada tiro: — Bem apontado! É isso mesmo, é isso mesmo! Eh! Olhem para aquilo! De primeira ordem! — O fogo, que o vento ativava, propagava-se rapidamente. As colunas francesas instaladas na povoação recuaram, mas, para se vingar deste revés, o inimigo instalou à direita da aldeia dez peças de artilharia que faziam fogo sobre Tuchine.

No meio da alegria infantil que lhes despertava o incêndio, e entusiasmados com o êxito dos seus tiros contra os franceses, os artilheiros de Tuchine não deram por esta bateria senão quando dois projéteis, e logo em seguida mais quatro, caíram no meio das suas peças. Um deles derrubou dois cavalos e outro arrancou uma perna a um condutor de munições. O ardor que se apoderara de cada um deles não se desvaneceu com isso e apenas mudou de objetivo. Os cavalos foram substituídos pelos da carreta de reserva, os feridos levados e as quatro peças voltaram o seu tiro contra as dez do inimigo. Um oficial camarada de Tuchine foi morto no princípio da ação, e no espaço de uma hora, dos quarenta artilheiros, dezassete tinham sido postos fora de combate. Mas nem por isso o outro pessoal da bateria parecia menos alegre e cheio de entusiasmo. Por duas vezes viram surgir lá em baixo, a pequena distância, soldados franceses, e por duas vezes os metralharam.

O homenzinho dos gestos indecisos e sem jeito só dizia para o seu impedido: — Mais uma cachimbada em cima deles. — E corria à primeira linha, aticando o fogo, e olhava para os franceses com a mão em pala sobre os olhos.

— Fogo em cima deles, rapazes! — gritava, e ele próprio pegava nas rodas das peças, para faze-las girar, e fazia manobrar as alavancas.

No meio da fumarada, ensurdecido pelas detonações ininterruptas, que o faziam estremecer a cada tiro, Tuchine, sem nunca abandonar o seu cachimbo, corria de uma peça à outra, ora fazendo pontaria, ora contando os projéteis, ora ocupado em mandar desatrelar os cavalos mortos ou feridos, e sempre dando ordens com a sua vozinha fraca, suave e indecisa. Cada vez tinha uma expressão mais excitada. Só quando alguns dos seus homens eram mortos ou feridos franzia as sobrancelhas e, afastando-se dos que morriam, increpava os outros que, como sempre, não se davam pressa de amparar os feridos ou de levar os cadáveres. Os soldados, na sua maior parte belos rapagões, como é costume na artilharia, duas cabeças mais altos que o seu oficial e duas vezes mais largos de ombros, interrogavam com os olhos o seu superior, como se fossem crianças

atrapalhadas com o que tinham de fazer, e copiavam, invariavelmente, a expressão que lhe liam no rosto.

Neste terrível fragor, no meio daquele inferno e da necessidade de fazer frente a tudo, Tuchine não sentia a mais pequena impressão de medo e não lhe passava pela cabeça a ideia de que poderia ser morto ou ficar gravemente ferido. Pelo contrário, cada vez era maior a sua alegria. Parecia-lhe que já fora há muito, que datava do dia anterior, pelo menos, o momento em que vira o inimigo pela primeira vez e que sobre ele havia disparado o primeiro tiro e afigurava-se-lhe que a pequena área de terreno em que se encontrava lhe era um local de há muito conhecido e familiar até. Embora se lembrasse de tudo, pensasse em tudo, fizesse tudo que poderia fazer o melhor oficial na sua situação, dir-se-ia estar como que em delírio de febre ou completamente embriagado.

O barulho ensurdecador das peças que disparavam por todos os lados, o silvar e rebentar dos projéteis inimigos, a presença dos artilheiros todos suados e vermelhíssimos numa azáfama em volta das peças, o sangue que corria dos homens e dos animais, aquela fumarada que se erguia no céu do lado do inimigo, sempre acompanhada de um projétil, que vinha cair ora em terra, ora em cima de um homem, ora sobre uma peça ou um cavalo, a vista de todas estas cenas não o impedia de encher a cabeça de todo um mundo fantástico, naquele instante os seus encantos. Os canhões inimigos, na sua imaginação, não eram canhões, mas cachimbos, donde partiam as raras fumadas de invisíveis fumadores.

“Lá está outro a fumar”, murmurava Tuchine enquanto um penacho de fumo trepava pela montanha acima e era levado pelo vento para a esquerda... “Esperemos pela bala para lha tornarmos a mandar.”

— Que lhes havemos de mandar, Excelência? — perguntava o artilheiro que estava mais perto dele e que o tinha ouvido rabujar.

— Nada, um obus... — respondia ele. — Vamos a isso, Matvievna duma cana.

Matvievna era o nome que ele dava à grande peça do extremo, de fundição antiga. Os franceses em torno dos canhões pareciam-lhe formigas. O rapagão bêbedo, o nº 1 da segunda peça, para ele era o “tio”. Gostava mais de olhar para ele do que para os outros, e qualquer movimento seu o encantava. O ruído da fuzilaria junto à montanha, ora esmorecendo, ora reanimando-se, figurava-se-lhe a respiração de um ser vivo. Prestava atenção às variações de intensidade desses ruídos.

“Eh! Lá toma ela ar outra vez”, pensava.

E ele próprio se imaginava um poderoso gigante, de imensa estatura, atirando as suas balas aos franceses com ambas as mãos.

— Anda. Matvievna, minha velha, não me atrações! — dizia, recuando alguns passos, quando ouviu por cima da cabeça uma voz estranha e desconhecida.

— Capitão Tuchine! Capitão!

Tuchine voltou a cabeça, surpreso. Era aquele mesmo oficial do estado-maior que o tinha expulsado, no acampamento de Grount. Gritava-lhe, numa voz sufocada.

— Que faz aqui? Está doido? Já lhe deram, por duas vezes, ordem de recuar, e o senhor...

“Que querem eles de mim ainda?”, disse Tuchine de si para consigo, fitando, mal-humorado, o superior.

— Eu... nada... — balbuciou, levando dois dedos à pala da barretina.
— Eu...

O coronel não pôde chegar a cumprir a sua missão. Um projétil que naquele momento se aproximava obrigou-o a mergulhar sobre a cabeça do cavalo. Calou-se, e preparava-se para dizer mais alguma coisa quando um novo projétil lhe cortou a palavra. Fez meia volta e despediu a galope.

— Retirar! Todos! — gritou de longe.

Os soldados puseram-se a rir. Um minuto depois chegou um ajudante-de-campo com a mesma ordem.

Era o príncipe André. O que este viu antes de mais nada, ao penetrar no terreno ocupado pelas peças de Tuchine, foi um cavalo desatrelado, com uma perna partida, que escoiceava no meio dos varais. O sangue corria-lhe da perna como a bica de uma fonte. Entre os trens de artilharia jaziam alguns mortos. Os projéteis, uns atrás dos outros, voavam-lhe por cima da cabeça enquanto se aproximava, e sentiu como que um estremecimento nervoso percorrer-lhe o corpo. Mas a própria ideia de que tinha medo lhe dava coragem. “Eu não posso ter medo”, dizia de si para consigo, e, sem pressa, saltou do cavalo no meio da bateria. Transmitiu as ordens sem se afastar. Decidiu mandar atrelar as peças da posição na sua presença e mandá-las levar dali. Ao lado de Tuchine, pisando cadáveres, e sob o violento fogo dos franceses, ocupou-se da mudança dos canhões.

— O oficial que veio há bocado tratou logo de se pôr a andar — disse o artilheiro ao príncipe André. — Não era como Vossa Mercê.

O príncipe André não trocou uma só palavra com Tuchine. Estavam ambos tão atarefados que dir-se-ia nem sequer se verem um ao outro. Quando, mais tarde, desciam a colina, depois de terem engatado às carretas as duas peças ainda intactas — tiveram de abandonar uma peça desmantelada e um licorne — o príncipe André aproximou-se de Tuchine.

— Bom, até à vista — disse-lhe, estendendo-lhe a mão.

— Até à vista, meu caro — respondeu Tuchine -, meu bom amigo!

Adeus, meu caro — acrescentou, sentindo, sem que soubesse por quê, que as lágrimas lhe subiam aos olhos.

Capítulo XXI

O vento deixara de soprar; nuvens negras passavam, baixas, sobre o campo de batalha, confundindo-se, no horizonte, com o fumo da pólvora. Principiou a escurecer, e os clarões do incêndio, em dois sítios, viam-se agora melhor. O tiroteio começava a enfraquecer, mas na retaguarda e à direita a fuzilaria tornava-se cada vez mais frequente e mais próxima. Assim que Tuchine, com as suas peças abrindo caminho através dos feridos, saiu da zona de fogo e desceu para o barranco, encontrou a oficialidade e os ajudantes-de-campo, entre os quais o oficial de estado-maior Jerkov, que duas vezes lhe fora expedido e que nem uma só chegara à bateria. Todos, interrompendo-se uns aos outros, discutiam as ordens sobre a direção a tomar. Dirigiram-lhe censuras e observações. Tuchine não tomara qualquer disposição, e em silêncio, receoso de falar, pois à mais pequena palavra romperia em soluços, sem que ele próprio soubesse por quê, lá ia atrás, montado no seu rocim de artilheiro. Posto houvesse ordem de abandonar os feridos, muitos deles tinham-se arrastado atrás das tropas, pedindo assento em cima das peças. Aquele galhardo oficial de infantaria que antes do combate saíra da barraca de Tuchine lá ia deitado, com uma bala no ventre, em cima da carreta da Matvievna. No sopé da colina, um junker de húsares, muito pálido, amparando uma das suas mãos com a outra, aproximou-se de Tuchine e pediu-lhe um lugar.

— Capitão, faça favor, estou com este braço contuso — disse, timidamente. — Por amor de Deus, não posso andar!

Via-se que aquele jovem oficial já pedira mais do que uma vez que o recolhessem e toda a gente lhe recusara auxílio. Tinha uma voz hesitante e lamentosa.

— Deixe-me sentar, por amor de Deus.

— Arranjem-lhe lugar, arranjem-lhe lugar! — exclamou Tuchine. — Eh! tio, estende-lhe um capote — acrescentou, dirigindo-se ao seu artilheiro favorito. — Mas onde é que está o oficial ferido?

— Levaram-no, estava morto — respondeu alguém.

— Arranjem-lhe lugar. Sente-se, meu caro, sente-se. Estende o capote, Antonov.

O junker era Rostov. Amparava o braço ferido, estava pálido e o queixo tremia-lhe de febre. Instalaram-no em cima da Matvievna, sobre aquela mesma peça donde acabavam de tirar o oficial morto. Sobre o capote estendido havia sangue, que manchou as calças e as mãos de Rostov.

— Quê, está ferido, meu caro? — disse Tuchine, aproximando-se da peça onde estava instalado Rostov.

— Não, apenas contuso.

— E que sangue é esse que está em cima da carreta? — perguntou Tuchine.

— Foi o oficial, Vossa Mercê, que lá deixou sangue — replicou o artilheiro, limpando o sangue com a manga do capote, como que a desculpar-se da falta de asseio.

Dificilmente, com o auxílio da infantaria, lá levaram as peças para a montanha, e, ao atingirem a aldeia de Gunthersdorf, fizeram alto. Estava tão escuro que a dez passos não podia distinguir-se o uniforme dos soldados, e a fuzilaria acabara. Subitamente, a pouca distância, à direita, ressoaram novamente gritos e salvas. A obscuridade foi iluminada pelos tiros. Era um último ataque dos franceses, a que respondiam os soldados entrincheirados nas casas. Todos abandonaram de novo a povoação, mas as peças de Tuchine, essas, não podiam mover-se dali, e os artilheiros, Tuchine e o junker trocavam olhares entre si, sem dizerem nada, confiando-se à sorte. A fuzilaria serenou, e, por uma estrada lateral, veio até eles uma conversa de soldados muito animada.

— Tu não estás ferido, Petrov? — perguntava um deles.

— Chegamos-lhe bem, irmão. Não se metem noutra — respondeu outro soldado.

— Não se vê nada. E que coça eles pregaram na sua gente! Não é verdade? Não se vê nada, meninos. Não poderíamos beber qualquer coisa?

Os franceses tinham sido definitivamente repelidos. E foi então que, pela noite de breu, as peças de Tuchine, enquadradas por um enxame ruidoso de soldados de infantaria, voltaram a pôr-se em andamento.

Nas trevas, era como um rio escuro e invisível que corria na mesma direção, entre o murmúrio das vozes, das conversas, do tropear dos cavalos e do ruído das rodas. No meio de todos estes rumores, os mais diferentes, ouviam-se mais distintamente os gemidos e os gritos dos feridos que subiam na noite. Estes gemidos só por si pareciam encher as trevas em que todos mergulhavam. Gemidos e trevas confundiam-se. Daí a algum tempo, um remoinho se produziu no meio desta multidão em movimento. Alguém montava um cavalo branco, acompanhado de um séquito, e ao passar pronunciavam-se algumas palavras. “Que é que ele disse? Onde é que nós vamos agora? Devemos ficar no mesmo lugar? Concedeu recompensas?” De todos os lados se entrecruzavam estas ávidas interrogações e a massa em movimento começava a cerrar-se, pois, evidentemente, os que iam na frente tinham parado e corria o boato de que fora dada ordem para fazer alto. Todos, efetivamente, pararam no sítio onde estavam, no meio da estrada lamacenta.

Brilharam luzes e puderam distinguir-se vozes. O capitão Tuchine, depois de ter tomado as suas disposições nas companhias, mandou um soldado

em busca da ambulância ou de um médico para o junker, e sentou-se junto de uma fogueira que os soldados tinham acendido na estrada. Rostov arrastou-se também para o pé das chamas. O tremor febril que o seu estado lhe causava, o frio e a umidade prostravam-no por completo. Sentia uma vontade irresistível de dormir, mas não podia, por virtude da dor terrível no braço, para que não encontrava posição. Ora fechava os olhos, ora fitava a fogueira, que tinha cintilações escarlates, ora erguia os olhos para a mísera silhueta corcovada de Tuchine, escarranchado no chão a seu lado. Os papudos olhos do capitão, bons e inteligentes, fixavam-no com simpatia e compaixão. Rostov sentia que Tuchine gostaria de o poder ajudar, de todo o seu coração, mas que nada podia fazer.

Por todos os lados se ouviam passos e vozes de gente que desfilava, a pé e a cavalo, e de soldados de infantaria que se instalavam nas imediações. As vozes, o ruído dos passos, das ferraduras dos cavalos patinhando na lama, o crepitar próximo e distante das fogueiras, tudo isto formava como que uma vaga estrondeante.

Já não era, como até ali, um rio invisível correndo nas trevas, mas um oceano caliginoso que se aquieta e palpita depois da tempestade. Rostov olhava e ouvia, sem pensar, tudo o que se passava diante dele e à sua volta. Um soldado de infantaria avançou para a fogueira, pôs-se de cócoras, estendendo as mãos para as chamas e desviando a cara.

— Dá licença, Sua Mercê? — disse ele, dirigindo-se a Tuchine — É que eu perdi-me da minha companhia, Sua Mercê. Não consigo saber onde ela está. Que desgraça!

Ao mesmo tempo que o soldado, aproximou-se também um oficial de infantaria, com a cara amarrada, o qual, dirigindo-se a Tuchine, pediu que fizesse avançar um pouco as peças para deixar passar as bagagens. Atrás deste comandante de companhia precipitaram-se dois soldados. Renhiam violentamente, puxando cada um para o seu lado por uma bota.

— Não tenhas medo! Foste tu que a apanhaste! Tens a mão leve! — gritava um deles, numa voz rouca.

Chegou depois um soldado pálido e magro, o pescoço envolto numa ligadura ensanguentada, que, raivoso, pediu água aos artilheiros.

— O quê? Temos de morrer como cães? — dizia ele.

Tuchine mandou que lhe dessem água. Em seguida apareceu um soldado, um jogral, que pediu lume para os soldados de infantaria.

— Lume, bem aceso, para os da infantaria. Encantado com a companhia! Obrigado pelo lume. Havemos de vos pagar com juro — disse ele, levando consigo, para o meio das trevas, um tição aceso.

Depois, quatro soldados que traziam num capote um objeto pesado passaram junto do acampamento. Um deles tropeçou.

— Diabos os levem mais a fogueira no meio do caminho — resmungou.

— Ele está morto, para que o havemos de levar? — observou outro.

— Eh, rapazes!

E desapareceram com o fardo na escuridão.

— Então? Dói-lhe muito? — perguntou Tuchine em voz baixa.

— Dói.

— Sua Excelência o general chama-o. Está ali, naquela isbá — disse um artilheiro aproximando-se de Tuchine.

— Vou já, meu amigo.

Tuchine ergueu-se, e, abotoando o capote e ajeitando-o, afastou-se da fogueira.

Não muito longe do acampamento dos artilheiros, numa isbá preparada para ele, o príncipe Bagration estava sentado diante de uma mesa, conversando com alguns comandantes de destacamento reunidos em volta dele. Lá estava o velhito de olhos semicerrados, o general com vinte e dois anos de serviço impecável, muito vermelho, por causa da vodka que bebera e do jantar que ingerira, o oficial do estado-maior, com o seu anel, Jerkov, que olhava com inquietação para toda a gente, e por fim o príncipe André, muito pálido, os lábios cerrados e os olhos a brilharem, febris.

A um canto estava uma bandeira tomada aos franceses e o auditor, com o seu ar ingênuo, palpava-lhe o tecido e abanava a cabeça, talvez porque a bandeira o preocupava, ou então por lhe ser penoso, a ele, com fome, assistir a um repasto em que não tomava parte. No quarto ao lado estava o coronel francês feito prisioneiro pelos dragões. Os oficiais russos juntavam-se em volta dele para o verem. O príncipe Bagration agradecia aos comandantes de seção e pedia pormenores sobre a batalha e as perdas. O comandante do regimento que lhe fora apresentado em Braunau contava que desde o começo da ação tinha evacuado a floresta, reunira os seus homens, que andavam à lenha, e, lançando na refrega os seus dois batalhões, atacara à baioneta e repelira os franceses.

— Quando me dei conta, Excelência, de que o meu batalhão estava disperso, parei no meio da estrada e disse com os meus botões: “Deixemo-los passar, e depois abramos fogo sobre eles.” E foi isso que eu fiz.

Este coronel tinha desejado tanto agir deste modo, e lamentava tão profundamente não o ter conseguido, que acabara por imaginar sinceramente que tudo quanto dizia era exato. E no fim de contas talvez as coisas se tivessem

passado assim. Seria possível, no meio de toda aquela confusão, reconhecer o que se tinha ou não tinha passado?

— Além disso, devo observar-lhe, Excelência — prosseguiu ele, lembrando-se da conversa de Dolokov com Kutuzov e do seu último encontro com o degradado -, que Dolokov, soldado raso, fez prisioneiro, à minha vista, um oficial francês, e se distinguiu entre todos.

— Eu vi, Excelência, o ataque dos soldados de Pavlogrado — interveio Jerkov, sempre com o seu ar inquieto. Não tinha visto nesse dia os húsares, e apenas ouvira falar no caso a um oficial de infantaria... — Romperam dois quadrados, Excelência.

Ao ouvirem estas palavras de Jerkov alguns dos presentes sorriram, como sempre à espera de qualquer gracejo, mas, ao verificarem que o que ele estava a dizer apenas tinha em vista a glória das tropas e daquela jornada, assumiram uma expressão sisuda, embora a maior parte deles soubesse perfeitamente que tudo aquilo não passava de palavras atiradas ao ar. O príncipe Bagration dirigiu-se ao velho militar.

— Agradeço-vos a todos, meus senhores: todos os corpos se comportaram com heroísmo: infantaria, cavalaria e artilharia. Como é que se compreende que se tenham abandonado no centro duas peças? — perguntou, procurando alguém com o olhar. Bagration não inquiria do destino das peças do flanco esquerdo; ele sabia, que aí, desde o princípio da batalha, todos os canhões tinham sido abandonados. — Parece-me que já lhe perguntei isso — disse ao oficial de estado-maior em serviço.

— Uma estava desmantelada — replicou este. — Quanto à outra, não sei o que aconteceu; estive presente durante toda a operação e tomei as medidas necessárias. Mal tinha saído dali... Fazia lá um calor, realmente — acrescentou com modéstia.

Alguém disse que o capitão Tuchine estava ali, nas imediações, e que o tinham mandado chamar.

— Mas o senhor, o senhor esteve lá — disse Bagration ao príncipe André.

— Precisamente partimos quase ao mesmo tempo — atalhou o oficial de estado-maior, dirigindo-se a Bolkonski, com um sorriso amável.

— Não tive o prazer de o ver — replicou o príncipe André, com frieza, e martelando as palavras.

Toda a gente se calou. Tuchine aparecera no limiar da porta, deslizando timidamente por detrás das costas dos generais. Ao passar ao pé de todas estas personalidades, na acanhada isbá, como sempre muito conturbado com a presença dos superiores, não reparou na haste da bandeira e tropeçou.

Alguns dos presentes puseram-se a rir.

— Como é que se compreende que tenham abandonado uma peça?
— perguntou Bagration, franzindo a testa, não tanto dirigindo-se ao capitão como aos que se riam, entre os quais Jerkov se distinguia muito particularmente.

Somente agora, diante do severo comandante, Tuchine media, em toda a sua monstruosidade, o crime e a infelicidade de ainda estar vivo depois de ter perdido dois canhões. Passara por tantas emoções que até ali ainda não tivera tempo de pensar no caso. O riso dos oficiais ainda o tornava mais desgraçado. Ali ficou, diante de Bagration, a tremer, a tremer, e apenas conseguiu articular:

— Não sei, Excelência... Excelência... Não tinha mais homens, Excelência.

— Podia tê-los ido buscar ao batalhão que o cobria!

Cobertura era coisa que a sua bateria não tinha, eis o que Tuchine ignorava, embora, de fato, fosse essa a verdade. Receoso de comprometer com isso outro comandante, sem dizer palavra, olhou para Bagration, de olhos fitos, como um colegial que, não sabendo o que há de responder, fica a olhar para o examinador.

O silêncio prolongou-se por bastante tempo. Bagration, que, evidentemente, não queria mostrar-se severo, não achava que dizer; os demais não ousavam intervir. O príncipe André olhava disfarçadamente para Tuchine e as suas mãos tinham estremecimentos nervosos.

— Excelência — disse ele, rompendo o silêncio com a sua voz cortante — dignaste-vos enviar-me à bateria do capitão Tuchine. Estive lá e fui encontrar dois terços dos homens e dos cavalos mortos, duas peças desmanteladas, e, quanto a cobertura, nada.

Bagration e Tuchine fitavam agora Bolkonski, que revelava uma emoção refreada.

— E se consente que eu exprima a minha opinião, Excelência — prosseguiu ele — devo dizer-lhe que devemos em grande parte o êxito desta jornada à intervenção desta bateria e à firmeza estoica do capitão Tuchine e da sua companhia. — E, sem aguardar qualquer resposta, levantou-se e abandonou a mesa.

O príncipe Bagration olhou para Tuchine, e como não queria dar a impressão de que não acreditava no juízo peremptório de Bolkonski nem, ao mesmo tempo, de que estava disposto a acreditar plenamente nele, fez um aceno com a cabeça e disse para Tuchine que podia retirar-se.

O príncipe André saiu atrás dele.

— Obrigado, o senhor salvou-me, meu caro — disse-lhe Tuchine,

André envolveu-o num olhar e afastou-se sem dizer nada. Sentia a alma triste e pesada. Tudo aquilo era tão anormal, tão diferente do que ele tinha esperado.

“Que gente é esta? Que faz aqui? Que quer? Quando é que tudo isto acabará?”, pensava Rostov, vendo desfilar todas aquelas sombras diante de si. Cada vez lhe era mais penosa a dor que sentia no braço. Apoderava-se dele um sono invencível, círculos vermelhos dançavam-lhe diante dos olhos e a recordação de todas estas vozes, destas caras, a consciência do isolamento em que estava, misturavam-se à dor que sentia. Eram eles, aqueles soldados, feridos ou não feridos, eram eles que o esmagavam, que pesavam em cima de si, lhe torciam os tendões, lhe assavam as carnes do braço e do ombro partidos. Para se libertar da sua presença, fechou os olhos.

Adormeceu alguns momentos e durante esse breve intervalo de inconsciência viu desfilar diante toda uma fantasmagoria. Eram a mãe e as suas grandes mãos brancas, os ombros delgados de Sônia, os olhos risonhos de Natacha, e Denissov, com a sua grossa voz e os seus bigodes, e Telianine, e toda a sua aventura com este e com Bogdanitch. E estas cenas identificavam-se com a figura desse soldado de voz rude que ele tinha ouvido, e as duas imagens confundidas agarravam-lhe o braço brutalmente sem piedade e sacudiam-lho constantemente no mesmo sentido. Fazia esforços para se libertar destes fantasmas, mas eles não lhe abandonavam o ombro por um segundo que fosse. E o ombro não lhe teria doído mais, ter-se-ia curado, se eles deixassem de lho puxar. Era-lhe impossível, porém, ver-se livre deles.

Abriu os olhos e olhou para o ar. A cortina negra da noite estendia-se a poucos centímetros por cima da claridade das fogueiras. Via-se flutuar nessa claridade uma ligeira neve pulverizada. Tuchine não voltava, o médico não aparecia. Estava só; agora apenas ali havia um soldadito, com o tronco nu, do outro lado da fogueira, que aquecia o corpo amarelento e descarnado.

“Ninguém se importa comigo”, pensava Rostov... “ninguém para me socorrer, ninguém para me lamentar. E lembrar-me eu que outrora, lá em casa, todo eu era força, e era alegre, e querido.” Soltou um suspiro e esse suspiro, sem que desse por isso, terminou num gemido.

— Sente-se mal, hem? — perguntou o soldado, que sacudia a camisa por cima das chamas, e sem esperar resposta, acrescentou, numa voz rouca: — Ah, a gente que hoje para aí ficou em pedaços! Foi terrível!

Rostov não ouvia as palavras do soldado. Olhava para os pequeninos flocos de neve que rodopiavam por cima da fogueira e lembrava-se do inverno russo, da casa quente e clara, da peliça suave, dos trenós rápidos; via-se cheio de

saúde, rodeado da ternura e dos cuidados da família. “Ah! para que vim eu para aqui?”, dizia de si para consigo.

No dia seguinte, os franceses não renovaram o ataque e os restos do destacamento de Bagration puderam juntar-se ao exército de Kutuzov.,,,,,

Terceira Parte

Capítulo I

O príncipe Vassili não preparava de antemão os seus planos. E muito menos pensava em fazer mal às pessoas para daí extrair proveito. Era apenas um homem de sociedade bem sucedido, e que se habituara a ter êxitos. Consoante as circunstâncias, de acordo com as suas relações, diversos planos e combinações se arquitetavam constantemente na sua cabeça, sem que ele próprio se desse perfeita conta disso, e eis em que consistia, para ele, o interesse da sua existência. Não eram uma nem duas as combinações que ele constantemente tinha em mente, mas dúzias: umas apenas em esboço, outras realizadas, e havia ainda as que caíam por terra. É claro que ele não costumava dizer de si para consigo, por exemplo: “Este indivíduo é atualmente uma pessoa poderosa, há toda a vantagem em que eu conquiste a sua confiança e a sua amizade, para poder vir a tirar daí algum proveito.” Também não costumava dizer para si: “Ora aqui temos rico o Pedro, é preciso que eu o leve a casar com minha filha, para lhe pedir emprestados os quarenta mil rublos de que tenho necessidade.” Apresentava-se o indivíduo importante: instantaneamente o seu instinto lhe segredava que este homem podia ser-lhe útil, e ei-lo que se relacionava com ele e na primeira ocasião, sem que se tivesse preparado para isso, instintivamente por assim dizer, lisonjeava-o, tornava-se-lhe familiar, insinuava-lhe algumas palavras sobre as suas necessidades.

Pedro estava ao seu alcance em Moscou; fez que ele fosse nomeado camarista da corte, o que então correspondia ao cargo de conselheiro de Estado, e insistiu para que o rapaz o acompanhasse a Petersburgo e se hospedasse em sua casa. Desprendidamente, na aparência, e ao mesmo tempo com a perfeita convicção de que assim devia agir, o príncipe Vassili fazia tudo quanto era preciso para que Pedro desposasse sua filha. Se tivesse arquitetado previamente os seus planos não lhe teria sido possível imprimir às suas maneiras um ar tão natural, nem dispor de tanta simplicidade e familiaridade nas suas relações com as pessoas de uma situação mais importante do que a sua ou com os seus inferiores. Era constantemente atraído para as pessoas mais poderosas e mais ricas do que ele, e possuía a arte pouco vulgar de aproveitar o momento favorável para delas extrair o que lhe era vantajoso.

Pedro, que, de um momento para o outro e sem contar, se tornara tão rico e conde Bezukov, depois daqueles seus últimos tempos de isolamento e despreocupação, de tal modo se sentia perseguido pelas pessoas e enfronhado em ocupações que só na cama lhe era dado encontrar-se consigo mesmo. Tinha-se visto obrigado a assinar papéis, a entrar em comunicação com repartições cuja importância não conseguia perceber muito bem, a interrogar sobre este ou aquele assunto o seu principal intendente, a visitar os seus domínios perto de Moscou e a

receber uma infinidade de pessoas que nunca tinham querido saber sequer da sua existência e que se teriam mostrado agora muito pesarosas e ofendidas caso ele, porventura, as não quisesse ver. Todas estas variadas personalidades: homens de negócios, parentes, conhecimentos, todas se mostravam, unanimemente, de uma grande amabilidade para com o moço herdeiro, todas estavam incontestável e evidentemente convencidas das suas altas qualidades. A cada passo ouvia estas palavras: “com a sua extraordinária bondade”, ou então: “uma pessoa de coração tão excelente”, ou: “o senhor, que tem uma tão bela alma, conde...”, e outras coisas do mesmo gênero. E de tal maneira que, no fim de contas, principiou a acreditar sinceramente na sua extraordinária bondade, na sua extraordinária inteligência, tanto mais que no fundo do seu coração sempre se julgara muito bom e muito inteligente. Até mesmo as pessoas que anteriormente se tinham mostrado para com ele malévolas ou hostis agora eram todas ternura e amabilidade. A mais velha das princesas, aquela de alta estatura e cabelos lisos como os de uma boneca, que sempre se mostrara tão colérica, veio procurar Pedro depois dos funerais. De olhos baixos e muito corada, declarou-lhe que lastimava muito o que se tinha passado entre os dois e que não se sentia agora no direito de lhe pedir fosse o que fosse além da autorização, depois da desgraça que a atingira, de ficar ainda algumas semanas numa casa que tanto estimava e por que tanto se tinha sacrificado. Ao dizer estas palavras, não pôde conter-se e rompeu a soluçar. Muito comovido perante semelhante mudança numa pessoa habitualmente tão impassível como uma estátua, Pedro apertou-lhe a mão e pediu-lhe perdão, sem que ele próprio soubesse de quê. A partir desse dia, a princesa passou a tricotar-lhe um cache-nez de riscas e tornou-se outra para ele.

— Faça isso por mim, meu amigo; o certo é que ela passou muito mal por causa do defunto — dissera-lhe o príncipe Vassili, apresentando-lhe um papel a assinar para a princesa.

Vassili decidira lançar aquele osso à pobre princesa para ela roer, um título de crédito de trinta mil rublos. Era a maneira de evitar que lhe passasse pela cabeça dizer qualquer coisa a respeito da participação dele, príncipe Vassili, no negócio da pasta. Pedro endossou o título de crédito, e desde esse momento a princesa redobrou de atenções para com ele. As irmãs mais novas da princesa foram igualmente muito amáveis para com Pedro, especialmente a mais jovem e a mais bonita, a que tinha um sinalzinho na cara, e Pedro sentia-se muitas vezes perturbado com os sorrisos dela e a emoção que manifestava na sua presença.

A Pedro afigurava-se-lhe tão natural que toda a gente gostasse dele, ter-lhe-ia parecido tão contrário à natureza que alguém o não estimasse, que não podia deixar de acreditar na sinceridade das pessoas que o cercavam. Aliás, não tinha tempo de se interrogar a respeito da sua muita ou pouca sinceridade. Não

tinha tempo para nada, sentia-se constantemente num estado de suave e alegre embriaguez. Percebia que era o centro de uma importante agitação de toda aquela gente; sentia que esperavam dele a todo o momento fosse o que fosse e que se ele não fizesse isto ou aquilo causaria com isso a aflição de muitos, privando-os do que eles esperavam, e que, se fizesse isto ou aquilo, tudo seria perfeito. Por isso fazia sempre o que esperavam dele, mas os bons resultados aguardados deixavam sempre a desejar.

Nos primeiros momentos foi o príncipe Vassili, mais do que ninguém, quem monopolizou os interesses de Pedro e a sua própria pessoa. A partir da morte do conde Bezukov, não o abandonou mais. Deu-se ares de alguém que está esmagado de trabalho, atarefado, até mais não poder, mas que, por compaixão, não pode entregar aos caprichos da sorte, abandonar aos ladrões, um adolescente indefeso, o filho do seu amigo acima de tudo, sobretudo com uma tão imensa fortuna. Durante os dias que passou em Moscou depois do falecimento do conde convocou Pedro ou apresentou-se em casa dele para lhe prescrever o que devia fazer, tomando para isso um tom ao mesmo tempo de lassidão e de confiança que parecia dizer: “Bem sabe que estou cheio de trabalho e que é por mera caridade que eu me preocupo consigo, e além disso sabe bem que aquilo que eu lhe proponho é a única coisa viável.”

— Bom, meu amigo, enfim, nós partimos amanhã — disse-lhe um dia, com os olhos semicerrados, dando-lhe pancadinhas amistosas no braço, no tom de quem dava a entender que o assunto de há muito fora decidido entre os dois e que não valia a pena falarem mais no caso. — Nós partimos amanhã, reservo-te um lugar no meu carro. Estou muito contente. Aqui todos os assuntos importantes estão arrumados. Por mim, há muito já que devia ter partido. Ah! recebi resposta do chanceler. Tinha-a pedido para ti: foste nomeado para o corpo diplomático e és camarista da corte. Tens aberta a carreira diplomática.

Apesar do poder que sobre ele exercia o tom de lassidão e de confiança que acompanhava estas palavras, Pedro, que tanto pensava na sua carreira, teria querido fazer objeções. Mas o príncipe Vassili cortou-lhe o discurso naquele tom gorjeado de baixo que parecia excluir toda a possibilidade de o interromperem e que não costumava empregar senão nos casos em que era preciso dominar uma convicção.

— Mas, meu caro, eu tomei esta iniciativa por mim mesmo, para descanso da minha consciência e não tens nada que me agradecer. Nunca ninguém se queixou de ser querido demais; e, depois, és livre, podes renunciar um dia a tudo isto. Tu verás, quando estiveres em Petersburgo. E já é tempo de te afastares destas horríveis recordações. — Vassili deu um suspiro. — Mas tudo está assente, meu filho. Deixa ir o meu criado no teu carro. Ah! já me esquecia —

acrescentou ainda — não sei se sabes, meu caro, que eu tinha umas contas em aberto com teu pai, por isso recebi umas pequenas rendas do domínio de Riazan e fiquei com elas: não precisas, não é verdade? Depois faremos contas.

Aquilo a que Vassili chamava umas “pequenas rendas do domínio de Riazan” eram, nada mais nada menos, que alguns milhares de rublos de rendas de servos, que metera na sua algibeira.

Em Petersburgo Pedro viu-se cercado pela mesma atmosfera de amabilidades e gentilezas que conhecera em Moscou. Não pôde recusar o lugar, ou antes, o título, que lhe ofereciam, visto não o obrigarem a desempenhar qualquer função, e tantos foram os convites, as pessoas conhecidas, as obrigações mundanas a enfrentar, que, ainda mais do que em Moscou, teve a impressão de estar mergulhado num nevoeiro, num turbilhão, sem que a ambicionada felicidade, que parecia aproximar-se a todo o momento, chegasse a tornar-se realidade. De entre os seus conhecidos celibatários muitos não se encontravam em Petersburgo. A Guarda estava em campanha. Dolokov tinha sido degradado. Anatole encontrava-se no exército, na província, o príncipe André, esse, fora para o estrangeiro. Eis por que Pedro não pôde passar as suas noites como antigamente gostava, nem lhe era possível aliviar, de tempos a tempos, o seu coração nas longas conversas com esse seu amigo mais velho, a quem tanto venerava. Passava todo o seu tempo em jantares, em bailes, principalmente em casa do príncipe Vassili, na companhia da gorda princesa, sua mulher, e da bela Helena.

Ana Pavlovna Scherer compartilhou, como todos os outros, da mudança de opinião da sociedade relativamente ao novo conde.

Até aí, Pedro, na sua presença, tinha sempre a impressão de que o que dizia não era conveniente, carecia de tato, não era o que se devia dizer, e os seus discursos, que a ele se lhe afiguravam sensatos quando os formulava para si próprio, tornavam-se estúpidos assim que os pronunciava em voz alta, enquanto, pelo contrário, as mais absurdas observações de Hipólito pareciam espirituosas e encantadoras. Agora tudo quanto ele dissesse, fosse o que fosse, imediatamente era considerado encantador. Se Ana Pavlovna lho não dizia, Pedro via ser isso mesmo que ela lhe queria dizer e que apenas se coibia de falar para lhe não ferir a modéstia.

No princípio do inverno de 1805-1806, Pedro recebeu de Ana Pavlovna o habitual bilhete de convite cor-de-rosa, com o post-scriptum: “Encontrará em minha casa a bela Helena, que nunca nos cansamos de ver.”

Ao ler esta frase, Pedro, pela primeira vez, sentiu que entre ele e Helena se formava uma espécie de união reconhecida por todos, e esta ideia, ao mesmo tempo que o apavorava, como se lhe impusesse obrigações que ele não

podia cumprir, também lhe dava um certo prazer, como que uma lisonjeira eventualidade.

O serão de Ana Pavlovna foi tal qual o primeiro, exceto na novidade com que ela brindou os seus convidados, que já não era Mortmart, mas um diplomata que chegara havia pouco de Berlim e trouxera as notícias mais frescas sobre a chegada do imperador Alexandre a Potsdam e sobre a energia com que os dois augustos amigos haviam jurado um ao outro estabelecer uma aliança indissolúvel para defender o direito contra o inimigo do gênero humano. Pedro foi acolhido por Ana Pavlovna com um matiz de tristeza, evidentemente alusão à perda recente que atingira o jovem, o falecimento do conde Bezukov — o certo é que toda a gente julgava dever-se mostrar a Pedro quanto sentia a morte de um pai que ele quase não chegara a conhecer, uma tristeza profunda que se parecia muito com a que a sua expressão traduzia quando falava de sua augusta ama, a imperatriz Maria Feodorovna. Pedro sentiu-se extraordinariamente lisonjeado. Ana Pavlovna organizou, com a sua arte habitual, os grupos no salão. O principal, onde pontificava o príncipe Vassili e os generais, usufruía da presença do diplomata. Outro grupo se formou em volta de uma mesa de chá. Pedro teria gostado de reunir-se ao primeiro, mas Ana Pavlovna, que experimentava a excitação de um grande general no campo de batalha quando lhe vem ao espírito uma infinidade de inspirações brilhantíssimas que não tem tempo de pôr em prática, tocou-lhe na manga assim que o viu aparecer.

— Espere, tenho cá as minhas ideias para si esta noite. — Lançou um olhar a Helena, sorrindo-lhe: — Minha boa Helena, precisa de ser caridosa para a minha pobre tia, que a adora. Vá fazer-lhe companhia dez minutos. E para que não se aborreça muito, aqui tem o querido conde, que não vai recusar, certamente, acompanhá-la.

A bela Helena foi ao encontro da tia, mas Ana Pavlovna conservou ainda Pedro ao pé dela, fingindo ter de lhe fazer umas últimas recomendações.

— Não é realmente encantadora? — disse ela para Pedro, mostrando-lhe aquela beleza de majestoso porte. — E que porte! Uma rapariga tão nova e com tamanho tato, com uma tal perfeição de maneiras! Vem-lhe tudo do coração! Feliz do homem que a merecer! Com ela, o menos mundano dos maridos virá a ocupar, sem querer, a mais brilhante posição na sociedade! Não é verdade? Muito gostava que me dissesse a sua opinião — e Ana Pavlovna pôs Pedro à vontade.

Pedro era inteiramente sincero ao concordar com Ana Pavlovna sobre a perfeição de maneiras de Helena. Se porventura lhe acontecia pensar nela era para apreciar a sua beleza e o seu extraordinário talento de conservar em sociedade uma atitude calma, silenciosa e digna.

A tia, no seu canto, acolheu os dois jovens, mas via-se bem que queria esconder a adoração que tinha por Helena e mostrar sobretudo o medo que lhe inspirava Ana Pavlovna. Interrogou a sobrinha com o olhar, como a perguntar-lhe qual a atitude que devia assumir. Ao deixá-los, Ana Pavlovna tocou de novo, ligeiramente, na manga de Pedro, dizendo-lhe:

— Espero que não volte a dizer que as pessoas se aborrecem em minha casa. — Ao mesmo tempo olhava para Helena.

Esta teve esse sorriso que queria dizer não consentir fosse a quem fosse que a visse não ficar deslumbrado. A tia tossicou, engoliu a saliva e disse em francês que estava encantada de ver Helena, depois dirigiu a Pedro o mesmo cumprimento, tomando a mesma expressão. No decurso desta conversa, bem pouco interessante e com longas interrupções, Helena encarou Pedro dedicando-lhe aquele lindo sorriso sereno que tinha para toda a gente. Pedro estava-lhe tão habituado, esse sorriso tinha para ele tão pouco significado, que lhe não prestou a mais pequena atenção. A tia falou então da coleção de caixas de rapé do falecido pai de Pedro, o conde Bezukov, e mostrou a sua própria caixa. Helena pediu-lhe que a deixasse ver o retrato do marido, que ornava a tampa.

— Deve ser obra de Vinesse — disse Pedro, citando o nome de um miniaturista célebre; debruçou-se sobre a mesa para pegar na caixa de rapé, sempre com o ouvido atento para o que se dizia na mesa vizinha.

Levantou-se para dar a volta à mesa, mas a tia passou-lhe diretamente a caixa de rapé por detrás das costas de Helena. Esta inclinou-se para diante a fim de facilitar o movimento e voltou a cabeça, sorrindo. Vestia, como sempre que vinha a festas à noite, um vestido muito decotado, como se usava então, tanto à frente como atrás. O seu busto, cuja brancura lembrava a Pedro a alvura do mármore, estava tão perto dele que, apesar da sua má vista, podia observar-lhe perfeitamente a beleza dos ombros e do colo, e tão perto dos seus lábios que bastava inclinar-se um pouco para os aflorar. Sentia-lhe a tepidez do corpo, respirava-lhe os perfumes, ouvia-lhe o leve estalar do espartilho. E o que o atraía não era aquela beleza marmórea, que formava um todo com o vestido, mas o encanto desse corpo jovem que adivinhava por debaixo da toilette. E, desde que fizera esta descoberta, já lhe não era possível ver mais nada, pela mesma razão que já não somos capazes de aceitar um erro uma vez que o conhecemos.

“Com que então até agora ainda não tinhas reparado quanto eu era bonita?”, parecia dizer-lhe Helena... “Ainda não tinhas visto que eu era uma mulher? É verdade, sou uma mulher, uma mulher que pode pertencer a qualquer, e a ti principalmente.” Era assim que o olhar dela lhe falava. E naquele momento Pedro sentiu não só que ela podia, mas que devia vir a ser sua mulher, e que não podia ser de outra maneira.

Estava tão persuadido disso como se naquele momento já se encontrassem os dois sob a coroa. Como e quando é que isso iria acontecer? Não sabia. Não podia dizer também se seria uma felicidade para ele; pressentia mesmo vagamente que podia vir a ser uma desgraça, mas sabia que tinha de ser assim.

Pedro baixou os olhos, depois voltou a erguê-los, e teria querido tornar a vê-la como uma beleza longínqua e estranha aos seus olhos, como a via todos os dias até então; mas já lhe não era possível. Não lhe era possível, como aquele que, tendo entrevisto, no meio do nevoeiro, uma erva seca das estepes, que tomou por uma árvore, depois disso não mais, quando voltar a vê-la, a tomará pelo que ela não é. Sentia-a terrivelmente próxima de si. Já tinha poder sobre ele. Entre os dois já não havia mais obstáculos além dos que aí introduzia a sua própria vontade, dele.

— Bom, deixo-o no seu cantinho. Vejo que está aqui muito bem — disse Ana Pavlovna.

E Pedro, perguntando-se, de súbito, se não teria feito qualquer coisa de repreensível, olhou em volta de si, corando. Afigurava-se-lhe que toda a gente sabia, tão bem como ele, o que nele se estava a passar. Alguns momentos depois, ao aproximar-se do grupo principal. Ana Pavlovna disse-lhe: — Dizem que anda a embelezar a sua casa de Petersburgo.

Era verdade, com efeito. O arquiteto dissera-lhe ser isso necessário, e Pedro, sem mesmo saber por quê, tinha mandado arranjar a sua imensa casa de Petersburgo.

— Está bem, mas não se mude de casa do príncipe Basílio. É bom ter-se um amigo como o príncipe — disse ela com um sorriso para o príncipe Vassili... — Eu entendo alguma coisa disso. Não é verdade? E ainda é tão novo. Ainda precisa de conselhos. Não me leve a mal por eu usar dos meus direitos de velha.

Calou-se, como fazem sempre as mulheres quando aludem à sua própria idade, aguardando um cumprimento. “Mas, se se casar, então é diferente.” E abrangeu-os aos dois num mesmo olhar. Pedro não olhava para Helena. Mas esta continuava tremendamente próxima dele. Balbuciou qualquer coisa, corando.

De regresso a casa, Pedro levou tempo para adormecer, pensando no que lhe tinha acontecido. Que lhe tinha acontecido? Nada. Apenas percebia que aquela mulher que conhecera criança, de quem dizia, negligentemente: “Sim, é bonita” quando lhe falavam da sua beleza, que aquela mulher podia pertencer-lhe.

“Mas ela é estúpida, eu próprio já disse que ela é estúpida”, dizia de si para consigo. “Portanto há qualquer coisa de baixo no sentimento que ela me inspira, qualquer coisa de proibido. Contaram-me que Anatole, o irmão, estava

enamorado de Helena, e que ela própria gostava dele, que a este respeito havia uma grande história, e era por isso mesmo que tinham afastado Anatole. Seu outro irmão era o Hipólito, e o pai, o príncipe Vassili... Não, isto não está certo”, concluía Pedro, e ao mesmo tempo que assim pensava, sem ir, de resto, até ao fundo do seu pensamento, surpreendia-se a sorrir e confessava a si próprio que uma outra série de raciocínios sobrenadava os primeiros, que ao mesmo tempo que cismava na nulidade de Helena pensava que ela podia vir a ser sua mulher, que a podia amar, que ela era, talvez, muito diferente, e que tudo o que ele pensava dela, tudo que se dizia dela, era mentira. E então entrevia, de novo, não uma filha qualquer do príncipe Vassili, mas a mulher senhora daquele corpo e daquele vestido. “E, então, como é que se explica que tais ideias me não tenham vindo ao espírito?” E de novo voltava a dizer para si mesmo que isso seria impossível; havia qualquer coisa de sujo, de antinatural, afigurava-se-lhe, qualquer coisa de desonesto naquele casamento. Recordava-se das frases que Helena pronunciava, dos seus olhares e das suas maneiras, e dos olhares daqueles que os viam juntos. Lembrava-se das palavras e dos olhares de Ana Pavlovna quando lhe falava da casa de Petersburgo, de mil outras alusões tanto do príncipe Vassili como de muitos outros, e sentiu-se aterrorizado ao pensar que de qualquer maneira já se havia comprometido a cumprir um ato que evidentemente não estava certo e não devia fazer. Mas no mesmo momento em que a si próprio impunha esta resolução, noutro recanto do seu coração representava-se-lhe a imagem de Helena em toda a sua esplendente beleza de mulher.

Capítulo II

Em novembro de 1805 o príncipe Vassili teve um serviço de inspeção a quatro províncias. Assim arranjava as coisas para poder visitar os seus domínios, então no maior abandono. De caminho tencionava passar pela cidade da guarnição de seu filho Anatole para o levar consigo à casa do príncipe Nicolau Andreitch Bolkonski, na esperança de conseguir casá-lo com a filha desse riquíssimo proprietário. Mas antes de partir e de pôr em prática esta sua nova intriga, desejava arrumar o caso de Pedro, que, em verdade, nesses últimos tempos passava os dias junto dele, vivendo, inclusivamente, sob o mesmo teto, ridículo, comovido e estúpido, coisa corrente entre os namorados, na presença de Helena, sem que por isso se decidisse pela esperada declaração.

— Tudo isto está muito bem, mas é preciso que acabe! — murmurava o príncipe, uma bela manhã, soltando um fundo suspiro. Tinha de reconhecer que Pedro, que tantas obrigações lhe devia — Deus o abençoasse! — não estava a proceder bem naquele caso. “Sim, a mocidade, a frivolidade... Bom, que Deus o abençoe!”, pensava, verificando com satisfação quão grande era a sua indulgência. “Mas é preciso que isto acabe. Depois de amanhã é o aniversário da Helena. Vou convidar algumas pessoas, e se ele não perceber que deve tomar uma atitude então eu me encarregarei disso. Sim, sou eu quem deve agir. O pai dele sou eu!”

Pedro, mês e meio após a recepção em casa de Ana Pavlovna, e depois da noite desassossegada e de insônia que se lhe seguira, durante a qual concluíra que aquele casamento seria uma infelicidade e que o que tinha a fazer era retirar-se, continuara em casa do príncipe Vassili, embora compreendesse, aflito, que de dia para dia, aos olhos do mundo, mais ligado parecia a Helena, que não podia voltar a sentir por ela o que sentia antes, que já não queria separar-se dela, que seria horrível, mas que teria de ligar ao dela o seu destino. Talvez ainda fosse a tempo de se retirar, mas não se passava um dia sem que o príncipe Vassili, que habitualmente não costumava receber, desse uma festa, a que Pedro se sentia na obrigação de assistir, incapaz de fazer o papel de desmancha-prazeres, desiludindo a expectativa geral. O príncipe, nos raros momentos em que estava em casa, ao passar junto de Pedro, apertava-lhe a mão, dava-lhe a beijar distraidamente a face enrugada, escanhoadada de fresco, dizendo-lhe: “Até amanhã”, ou então: “Vem jantar, que é a única maneira de eu te poder ver”, ou ainda: “Fico em casa exclusivamente por tua causa”, e outras coisas no mesmo gênero. Mas, embora o príncipe, que ficara em casa exclusivamente por causa do Pedro, como dava a entender, não trocasse duas palavras com ele, este não se sentia com coragem de o desapontar. Todos os dias repetia para si mesmo as mesmas palavras: “O que é preciso, no fim de contas, é que eu a compreenda, e

me capacite do que ela é. Mas quando estava eu enganado: antes ou agora? Não. Ela não é estúpida; é uma rapariga encantadora!”, dizia, de si para consigo, às vezes... “Erros grosseiros não os pratica, não diz nada estúpido. Fala pouco, mas o que diz é digno, simples e decente. Sim, não se pode dizer que seja estúpida. Nunca teve complicações, nunca as terá. Por consequência não é o que se chama uma mulher má!” Por vezes, acontecia-lhe formular um raciocínio diante dela, pensar em voz alta; sempre ela lhe respondia com uma observação breve, mas a propósito, que significava isso não lhe interessar, ou com um sorriso silencioso, um piscar de olhos, operações em que mostrava, sutilmente, a sua superioridade sobre ele. Não lhe faltavam motivos para considerar pueris todos os raciocínios do mundo quando comparados ao seu próprio sorriso.

Dirigia-se-lhe sempre com um sorriso divertido, confiante, especial, em que havia alguma coisa mais do que no sorriso que lhe andava sempre nos lábios para uso de toda a gente. Pedro sabia que todos aguardavam que ele dissesse enfim alguma coisa, que transpusesse determinado limite, estava certo de que, mais tarde ou mais cedo, o transporia, mas sempre que pensava nesse terrível passo apoderava-se dele um terror incompreensível. Centenas de vezes no decurso desse mês e meio, durante o qual, de dia para dia, se ia vendo mais arrastado para esse abismo pavoroso, Pedro dissera consigo mesmo: “Que significa isto? Decisão! Quando terei eu decisão?”

Queria decidir-se, mas sentia, com espanto, que no caso presente lhe faltava aquela resolução que ele não ignorava ter em si e que realmente possuía. Pedro era uma dessas criaturas somente fortes quando sentem a consciência completamente pura. E a verdade é que desde que se sentira possuído pelo desejo, desde aquele momento em que olhara para a caixa de rapé, em casa de Ana Pavlovna, a malícia inconfessada dos seus sentimentos paralisava-lhe os esforços da decisão,

No dia do aniversário de Helena, o príncipe Vassili apenas convidara para cear um pequeno numero de íntimos, como dizia a princesa, isto é, parentes e amigos. Fora dado a entender a esses parentes e amigos dever decidir-se naquela noite o destino da festejada. Os convidados sentaram-se à mesa para a ceia. A princesa Kuraguine, mulher maciça, que fora bela e era muito representativa, ocupava o lugar da dona da casa. À sua direita e à sua esquerda distribuíam-se os convidados de maior respeitabilidade, um velho general, a mulher e Ana Pavlovna Scherer: na extremidade da mesa sentavam-se as pessoas menos idosas e menos importantes, além da gente da casa. Pedro e Helena estavam juntos. O príncipe Vassili não participava do repasto. Ia e vinha em volta da mesa, muito bem disposto, sentando-se agora ao pé deste, logo ao pé daquele. A todos dizia, negligentemente, qualquer palavra amável, exceto a Pedro e a

Helena, cuja presença, dir-se-ia, lhe passava despercebida. Animava toda a gente. As velas davam uma luz alegre; as pratas e os cristais esplendiam, bem como os vestidos das senhoras e o ouro e a prata das dragonas; em volta da mesa giravam os criados, de cafetã vermelho; o tinir das facas, dos copos, dos pratos, misturava-se ao ruído das conversas cheias de animação. Ouvia-se, a uma das cabeceiras da mesa, um idoso camarista garantir a uma velha baronesa que sentia por ela um apaixonado amor, e ela ria; na outra cabeceira contavam-se anedotas sobre os dissabores de uma tal Maria Victorovna. Ao centro, rodeava o príncipe Vassili um grupo de auditores. Contava ele às senhoras, num tom divertido, a última sessão, a de quarta-feira, do Conselho do Império, consagrada à recepção e à leitura, por Sérgio Kuzmitch Viazmitinov, o novo general governador militar de Petersburgo, do rescrito famoso do imperador Alexandre Pavlovitch, remetido da frente de batalha, em que o soberano, dirigindo-se a essa personalidade, dizia receber de toda a parte testemunhos da devoção do povo, e que o de Petersburgo, esse lhe era particularmente agradável, e que se sentia orgulhoso de se encontrar à frente dos destinos de uma tal nação, fazendo por ser digno dessa honra. O rescrito abria com estas palavras: “Sérgio Kuzmitch! Vindos de todos os lados, chegam até mim os ecos, etc.”

— Com que então não pôde ir além de “Sérgio Kuzmitch”? — inquiriu uma senhora.

— É verdade, é verdade, nem mais uma sílaba — respondeu o príncipe, rindo. — “Sérgio Kuzmitch.... Vindos de todos os lados... De todos os lados. Sérgio Kuzmitch...” O pobre Viazmitinov, decididamente, não pôde dizer mais. Várias vezes tentou recomeçar a leitura, mas assim que dizia: “Sérgio”, logo rompia em soluços... Kuz... mitch... e mais lágrimas... Em “vindos de todos os lados” sufoca e não pode continuar. E puxa do lenço e volta a ler: “Sérgio Kuzmitch, vindos de todos os lados...”, e lá surgiam de novo as lágrimas... De tal modo que teve de pedir a outro que tomasse o seu lugar.

— Kuzmitch... vindos de todos os lados... e mais lágrimas... — repetiu um dos convivas, rindo também.

— Não seja mau — murmurou Ana Pavlovna, ameaçando-o com o dedo, lá da outra cabeceira da mesa -, é um valente e excelente homem, o nosso bom Viazmitinoff...

Todos riam a bom rir. Ao fundo da mesa toda a gente parecia muito animada, pelos mais diversos motivos. Só Pedro e Helena continuavam calados, lado a lado, no seu lugar. Ambos tinham um sorriso radioso, em nada relacionado com Sérgio Kuzmitch, um sorriso em que se denunciavam os seus íntimos sentimentos. Conversava-se, ria-se, gracejava-se, comia-se com apetite, saboreava-se o vinho do Reno, o sauté, os sorvetes, e todos evitavam olhar para

aquele par, afetando indiferença, não lhe prestando atenção. Ressaltava, porém, dos olhares que de vez em quando lhe lançavam, que a anedota relativa a Sérgio Kuzmitch, os risos, o repasto, tudo era fingimento, e que a atenção de toda a gente apenas estava concentrada num ponto, no par Pedro e Helena. O príncipe Vassili, enquanto ia macaqueando as choraminguices de Sérgio Kuzmitch, envolvia a filha num olhar e, ao engasgar-se, no seu rosto lia-se claramente: “Sim, sim, tudo vai bem: hoje vai decidir-se tudo.”

Ana Pavlovna ameaçava-o amistosamente por causa do nosso bom Viazmitinoff, e nos seus olhos, que dardejavam sobre Pedro furtivos olhares, lia Vassili votos de felicidade para o futuro genro e a filha. A velha princesa, enquanto oferecia vinho à vizinha, suspirava, olhando a filha com irritação, e os seus suspiros queriam dizer: “Sim, sim, minha querida, a nós nada nos resta que beber vinho doce; agora é a vez de a mocidade se mostrar feliz.” — “Oh, que estúpidas coisas eu estou para aqui a dizer! Como se isto me pudesse interessar”, pensava um diplomata ao olhar para a radiosa face dos namorados. “Aquilo, sim, é a verdadeira felicidade!”

No meio da vulgaridade de todas aquelas preocupações mesquinhas e artificiais vinham subitamente à luz os sentimentos elementares de dois jovens belos e saudáveis, atraídos um para o outro. Estes sentimentos puramente humanos abafavam todos os demais, pairando acima de toda aquela tagarelice convencional. Os gracejos perdiam o sal, as novidades o interesse, toda a animação parecia fictícia. Não só os convidados, mas até os próprios lacaios que serviam à mesa pareciam sob a mesma influência, esquecendo os preceitos da etiqueta, a olhar para a bela Helena e o seu rosto resplandecente e para a grossa e rubicunda fisionomia de Pedro, onde ao mesmo tempo havia inquietação e alegria. Inclusivamente, dir-se-ia que a luz das velas estava ali para iluminar apenas aquelas duas venturosas criaturas.

Pedro percebia ser o ponto de mira de toda a gente e isso dava-lhe ao mesmo tempo satisfação e embaraço. Estava com o ar de um homem concentrado a fazer qualquer coisa. Nada via com nitidez, não compreendia nem ouvia ninguém. Apenas, por momentos, de improviso, pedaços de impressões ou de pensamentos vindos do real lhe atravessavam o espírito.

“Ora aí está o que eu esperava!”, dizia ele de si para consigo... “E como é que isto aconteceu? E tão depressa? Vejo agora que não é só por ela, mas por todos eles, que tudo isto, inevitavelmente, tem de se dar. Todos tão claramente esperam isto, estão todos tão convencidos de que isto tem de acontecer, que eu não posso, que eu realmente não os posso desiludir. Como é que se irão passar as coisas? Não sei. Mas a verdade é que isto se vai dar, isto vai-

se dar com certeza!” E estas reflexões perpassavam pelo espírito de Pedro enquanto fitava os belos ombros resplandecentes ali tão perto de si.

De súbito sentia-se tomado de uma espécie de vergonha. Incomodava-o a ideia de monopolizar a atenção de toda a gente, de aos olhos dos outros se apresentar como um rapaz feliz, de, com a sua cara feia, ser uma espécie de Páris conquistador da bela Helena. “Mas é provável que seja sempre assim e que assim tenha de ser”, consolava-se a si próprio... “De resto, que fiz eu para que assim seja? Quando é que isto principiou? Vim de Moscou com o príncipe Vassili. Então ainda nada havia. E, depois, teria eu qualquer motivo para me não hospedar em casa dele? Em seguida joguei as cartas com ela, apanhei-lhe o saquinho, passeamos os dois de carruagem. Quando principiou isto então? Quando é que isto aconteceu?” E ei-lo agora sentado ao lado dela como noivo; escuta-a, vê-a, sente-lhe a presença, respira-lhe o hálito, espia-lhe os movimentos, admira-lhe a beleza. De súbito afigura-se-lhe que não é ela, mas ele, que quem é de uma beleza extraordinária é ele e é essa a razão por que o estão a olhar e, feliz com aquela geral admiração, arqueia o peito, ergue a cabeça, todo ele respira a alegria de tamanha felicidade. Uma voz, a voz de alguém que ele conhece, ressoa e repete-lhe a mesma coisa muitas vezes; mas tão absorto está que não compreende o que lhe dizem.

— Estou a perguntar-te se recebeste uma carta de Bolkonski — repetiu pela terceira vez o príncipe Vassili. — Que distraído és, meu rapaz!

O príncipe sorri, e Pedro vê que todos os demais lhe sorriem, a ele e a Helena. “Afim, visto que vocês estão todos ao corrente”, dizia Pedro para si próprio. “Que importa, se é a verdade?” E ele próprio sorri, com o seu suave sorriso infantil, e Helena sorri também.

— Não recebeste uma carta? De Olmütz? — voltou mais uma vez o príncipe, que parecia necessitar dessa informação para resolver um problema.

“Como é que há alguém capaz de falar e de preocupar-se com semelhantes tolices?”, disse Pedro de si para consigo.

— Sim, de Olmütz — replicou num suspiro.

Depois da ceia, Pedro, na esteira dos demais, conduziu o seu par ao salão. Os convidados principiaram a dispersar, e alguns deles partiram sem dizerem adeus a Helena. Como se não quisessem distraí-la das suas graves ocupações, alguns aproximaram-se dela um momento e despediram-se proibindo-a de os acompanhar. O diplomata, ao sair do salão, ia calado e aflito. Representava-se-lhe toda a futilidade da sua carreira ao pé da ventura de Pedro. O velho general rouquejou algumas palavras coléricas para a mulher, que lhe perguntava como se sentia ele da perna. “Eh, velha tonta!”, pensava, “olha para a

Helena Vassilievna, aquela, aos cinquenta anos, ainda há de ser uma beleza de mulher!”

— Creio que posso tomar a liberdade de os felicitar — murmurou Ana Pavlovna, dirigindo-se à princesa-mãe, e abraçando-a efusivamente. — Se não fosse a minha enxaqueca, ficava mais um bocadinho.

A princesa não respondeu; estava a invejar a felicidade da filha.

Pedro, enquanto reconduziam os convidados, ficou por muito tempo só com Helena no salão pequeno. Naquele último mês várias vezes ficara sozinho com ela, mas nunca lhe falara de amor. Agora sentia isso indispensável, e não era capaz de se decidir a dar esse último passo. Tinha vergonha; afigurava-se-lhe ocupar, junto de Helena, um lugar que pertencia a outro. “Esta felicidade não é para ti”, dizia-lhe uma voz íntima. “É uma felicidade para quem não tem o que tu tens em ti.”

Mas era preciso dizer alguma coisa, e Pedro falou. Perguntou-lhe se ela tinha gostado da noite. Como sempre, Helena respondeu-lhe, com a sua habitual candura, que o dia do seu aniversário era sempre, para ela, o mais agradável do ano.

Ficaram ainda alguns parentes chegados. Estavam no grande salão. O príncipe Vassili aproximou-se de Pedro, no seu passo indolente. Pedro levantou-se e disse que era tarde. O príncipe lançou-lhe um olhar interrogativo, severo, como se o que ele acabava de dizer fosse tão estranho que melhor seria não o ter ouvido. Mas imediatamente esse ar severo se dissipou e o príncipe apertou-lhe a mão, obrigou-o a sentar-se, sorriu-lhe amavelmente.

— Então, Helena? — disse ele para a filha, nesse tom habitual de agradável ternura que os pais costumam adotar para com os filhos amimados desde crianças e que o príncipe Vassili só imitando os outros pais conseguira reproduzir.

E voltou-se de novo para Pedro.

— “Sérgio Kuzmitch, vindos de todos os lados...” — recitou, desabotoando a parte alta do colete.

Pedro sorriu, mas o seu sorriso dizia claramente que compreendia não ser a anedota de Sérgio Kuzmitch que naquele momento interessava o príncipe, e o próprio príncipe compreendeu que Pedro se não enganava. De súbito, rosnou qualquer coisa e saiu. Pedro percebeu que o príncipe estava comovido. A emoção desse homem mundano perturbou-o; fitou Helena, que também parecia emocionada, e lhe disse com o olhar: “Então, a culpa é sua!”

“É preciso, é indispensável que eu dê este passo, mas não posso, não posso”, pensava Pedro, e de novo se pôs a falar de coisas sem importância, de Sérgio Kuzmitch, perguntando em que é que consistia, afinal, a anedota que ele

não tinha percebido. Helena respondeu-lhe sorrindo que também ela lhe não sabia explicar.

Quando o príncipe Vassili penetrou no grande salão, a princesa falava de Pedro com uma senhora de idade.

— Evidentemente, é um brilhante partido, mas a felicidade, minha querida...

— Os casamentos no céu se fazem — replicava a senhora de idade.

O príncipe, como se não tivesse ouvido a conversa, encaminhou-se para o recanto mais afastado e sentou-se num divã. Fechou os olhos, parecia dormir. A cabeça principiou a pender-lhe para diante, mas subitamente despertou.

— Aline — disse para a mulher -, vai ver o que eles estão a fazer.

A princesa encaminhou-se para a porta, estendeu a cabeça com o ar mais indiferente deste mundo e espreitou para dentro do pequeno salão. Pedro e Helena ainda lá estavam e conversavam.

— A mesma coisa — disse ela para o marido.

O príncipe Vassili franziu as sobrancelhas, fez um ricto com a boca, pelas faces perpassou-lhe um movimento nervoso, enquanto assumia um ar contrariado e duro, muito seu; sacudiu-se, levantou-se, atirou a cabeça para trás, e num passo decidido, passando diante das senhoras, penetrou no pequeno salão. Dirigiu-se a Pedro, num passo rápido, afivelando uma máscara prazenteira. No seu rosto havia uma expressão tão particularmente solene que Pedro se ergueu, assustado, assim que o viu.

— Louvado seja Deus! — exclamou o príncipe. — Minha mulher contou-me tudo! — e com um dos braços enlaçou Pedro e com o outro a filha. — Helena, minha querida filha! Sinto-me muito, muito feliz. — A voz tremia-lhe de emoção. — Fui muito amigo de teu pai... e ela será para ti uma excelente esposa.. Que Deus vos abençoe!...

Beijou a filha e depois Pedro, exalando o seu mau hálito. Corriam-lhe pelo rosto lágrimas sinceras.

— Princesa, venha cá! — gritou.

A princesa assomou à porta, toda lavada em lágrimas também. A senhora idosa também enxugava os olhos com o lenço. Ambas abraçaram Pedro, e ele, pelo seu lado, e por várias vezes, beijou a mão da bela Helena. Pouco depois, voltaram a deixá-los sós de novo.

“Tudo isto tinha de ser assim mesmo, e não podia ser de outra maneira”, dizia Pedro consigo; “não vale a pena, por isso mesmo, que uma pessoa se pergunte se está bem ou mal. Está bem, visto ser um caso arrumado e terem deixado de persistir as dúvidas angustiosas que existiam.” Segurava na sua, sem

dizer nada, a mão da noiva e tinha os olhos fitos no seu belo colo, que arfava, lentamente.

— Helena — disse de chofre, e calou-se.

“É costume dizer qualquer coisa especial num caso destes”, pensou; mas não foi capaz de se lembrar com precisão o que se costumava dizer em tais circunstâncias. Olhou-a bem de frente. Helena aproximou-se dele. Corou.

— Ah, tire, tire... sim, isso — disse ela, apontando-lhe para as lunetas.

Pedro tirou as lunetas, e nos seus olhos, além do olhar estranho que têm as pupilas das pessoas habituadas a lentes, houve uma expressão assustada e interrogativa. Quis inclinar-se para lhe beijar a mão, mas ela, graças a um movimento rápido e quase brutal, fez com que os lábios de Pedro, de passagem, encontrassem os dela. E a sua fisionomia completamente transformada, quase cínica, impressionou Pedro desagradavelmente.

“Agora é tarde, tudo acabou, e, de resto, eu gosto dela”, disse ele de si para consigo.

— Amo-a! — murmurou, lembrando-se do que era conveniente dizer-se em casos tais; mas as suas palavras ressoaram tão infelizes que ele se sentiu envergonhado.

Seis semanas depois estava casado, e era o feliz possuidor, como diziam, de uma bela mulher e muitos milhões, e foi instalar-se no grande e belo palácio, todo arranjado de novo, dos condes Bezukov em Petersburgo.

Capítulo III

O velho príncipe Nicolau Andreitch Bolkonski recebeu em novembro de 1805 uma carta do príncipe Vassili em que lhe anunciava a sua visita na companhia do filho. “Estou encarregado de uma inspeção, e está claro que cem verstas nada são para mim, desde que as faço para o ir visitar, meu mui venerado benfeitor”, escrevia-lhe ele. “E o meu Anatole vai comigo: parte para a guerra e espero lhe permita que lhe exprima de viva voz o profundo respeito que lhe consagra, a exemplo do pai.”

— Bom, já não é preciso levar daqui a Maria. Aí estão os pretendentes que nos vêm procurar em nossa própria casa — disse, estouvadamente, a princesinha, ao saber da notícia.

O príncipe Nicolau Andreitch franziu as sobrancelhas, sem responder.

Quinze dias depois da recepção da carta, uma tarde, chegaram os criados do príncipe Vassili, antecipando-se aos amos, que apareceram no dia seguinte.

O velho Bolkonski nunca tivera em grande apreço o caráter do príncipe Vassili, e nos últimos tempos, sobretudo, tal opinião fora reforçada ao ver que ele obtivera tão altos cargos e dignidades nos reinados de Paulo e Alexandre. Daí ter compreendido muito bem, graças às alusões da carta e às insinuações da princesinha, o que ele pretendia, e a ruim opinião que já formava do príncipe tornou-se em hostilidade desdenhosa. Sempre que falava dele era resmungando. No dia em que o príncipe Vassili chegou esteve especialmente mal disposto e quezilento. Ou que estivesse mal disposto porque o príncipe chegava, ou descontente com a sua vinda por estar mal disposto, o certo é que estava de muito mau humor e desde manhã que Tikon, inclusivamente, desaconselhara o arquiteto de apresentar o seu relatório ao príncipe.

— Ouça-o caminhar — dizia Tikon ao arquiteto, ouvindo os passos do seu amo. — Lá está ele a bater com os calcanhares no chão, e nós sabemos que...

No entanto, como de costume, às nove horas, o príncipe saiu para dar o seu passeio, com a sua peliça de veludo de gola de zibelina e barrete igual. Na véspera tinha nevado. A avenida que o príncipe Nicolau Andreitch costumava tomar para ir ao laranjal fora varrida e ainda se viam os vestígios da vassoura na neve. Uma pá estava enterrada no talude esborado que corria dos dois lados do caminho. O príncipe percorreu o laranjal, as instalações dos criados e as dependências sorumbático e silencioso.

— Pode-se andar de trenó? — perguntou o príncipe ao intendente, que o acompanhava até casa, personagem respeitável, por uma pena o seu amo, na fisionomia e nas maneiras.

— A neve está espessa, Excelência. Já a mandei varrer na avenida.

O príncipe teve um aceno de aprovação e aproximou-se da escadaria de entrada. “Louvado seja Deus”, disse de si para consigo o intendente, “a tempestade passou!”

— Teria sido difícil de passar, Excelência — acrescentou o intendente. — Segundo dizem, é um ministro que aí vem visitar Vossa Excelência.

O príncipe voltou-se bruscamente e fixou-o, franzindo as sobrancelhas.

— Quê? Um ministro? Que ministro? Quem é que te deu ordens? — disse, na sua voz penetrante e rude. — Para minha filha, a princesa, ninguém desimpediu o caminho, e fizeram-no para um ministro. Aqui não há ministros!

— Excelência, eu julguei...

— Tu julgaste — gritou, em palavras ofegantes e entrecortadas. — Tu julgaste... Ladrões! Verdugos! Vou ensinar-te a julgares! — e, erguendo a bengala, brandiu-a sobre a cabeça de Alpatitch, e ter-lhe-ia batido se o intendente não tivesse fugido involuntariamente ao golpe.

— Julgou... Verdugos! — gritou ele de novo.

Embora Alpatitch, assustado com a ideia de ter tido a ousadia de evitar a bengalada, se tivesse aproximado do amo, vergando diante dele a cabeça calva, ou, então, precisamente por isso mesmo, o príncipe continuou a gritar: — Verdugos!... Quero outra vez a neve no caminho!... — mas não voltou a levantar a bengala e deu-se pressa em penetrar em casa.

Antes do jantar, a princesa e Mademoiselle Bourienne, sabendo que o príncipe estava de mau humor, aguardaram-no de pé; a preceptora, com o seu ar radioso que parecia dizer: “Não quero saber de nada, eu sou como sou”, e a princesa Maria, muito pálida, aterrada, de olhos baixos. O mais grave é que Maria sabia muitíssimo bem que naquelas circunstâncias era precisa a atitude de Mademoiselle Bourienne, mas imitá-la era-lhe impossível. Para si mesma dizia: “Se eu fingir que não dou pela sua má disposição, o pai vai pensar que não tenho estima por ele; e se eu proceder como se estivesse aborrecida e mal disposta, dirá o que já tantas vezes tem dito, que estou de trombas...”

O príncipe olhou para a cara aterrada da filha e soltou um grunhido.

— Asneira... ou talvez estúpida — resmungou.

“E a outra não está cá! Já lhe devem ter contado histórias”, disse ele com os seus botões, pensando na princesinha ausente.

— A princesa? — perguntou. — Está escondida?

— Não se sente lá muito bem — disse Mademoiselle Bourienne, sorrindo. — Não vem à mesa. Compreende-se, no seu estado...

— Hum! Hum! — resmungou o príncipe, sentando-se.

Um dos pratos não lhe pareceu limpo; viu nele uma mancha de gordura e recusou-o. Tikon pegou no prato e deu-o ao criado.

A princesinha não estava doente, mas tanto medo o príncipe lhe inspirava que, ao sabê-lo mal disposto, decidira não vir à mesa.

— Tenho medo por causa do meu filho — dissera ela a Mademoiselle Bourienne. — Só Deus sabe o que pode acontecer por causa de um susto.

Aliás, a princesinha em Lissia Gori vivia constantemente com medo do velho príncipe, que só antipatia lhe inspirava, coisa de que, aliás, ela se não apercebia, pois nela o medo sufocava qualquer outra impressão. No sentimento do príncipe por ela havia mais desdém que propriamente antipatia. A princesa, obrigada a viver naquela casa, afeiçoara-se particularmente a Mademoiselle Bourienne; com ela passava os seus dias, pedia-lhe que passasse as noites junto dela e muitas vezes lhe falava do sogro, criticando-o.

— Vêm aí visitas, meu príncipe — disse Mademoiselle Bourienne, desdobrando o seu branco guardanapo com a ponta dos rosados dedos. — Sua Excelência o príncipe Kuraguine com o filho, pelo que ouvi dizer? — inquiriu ela.

— Hum!... É um garoto, essa Excelência... Fui eu quem lhe arranjou um lugar no colégio²² — disse o príncipe, desdenhoso. — E que vem aqui fazer o filho? Não percebo nada. É natural que a princesa Elizabeth Karlovna e a princesa Maria o saibam, talvez; quanto a mim, ignoro por que é que ele nos traz o filho. Eu, por mim, dispenso-o.

Lançou um olhar à filha, que corara.

— Estarás tu também doente? Será com receio do ministro, como disse esse imbecil do Alpatitch?

— Não, meu pai.

Embora Mademoiselle Bourienne não tivesse sido muito feliz na escolha que fizera do assunto da conversa, não se deu por batida e pôs-se a falar do laranjal, da beleza de uma flor que acabava de abrir, e tão bem que o príncipe, depois da sopa, amaciou.

Assim que o jantar acabou, dirigiu-se aos aposentos da nora. A princesinha estava diante de uma pequena mesa, tagarelando com Macha, a sua criada de quarto. Ao ver o sogro empalideceu.

A princesinha tinha mudado muito. Estava mais feia do que bonita naquele momento. Emagrecera de cara, mal se lhe levantava o lábio, tinha os olhos com olheiras.

— Sim, que pesada estou — respondeu ela ao príncipe, que lhe perguntou como se sentia.

— Não precisa de nada?

— Não, obrigada, meu pai.

— Bom, está bem, está bem.

Saiu e penetrou na antecâmara. Alpatitch lá estava, de cabeça baixa.

— Voltaram a deitar a neve no caminho?

— Voltaram, Excelência; queira perdoar-me, por amor de Deus... foi uma estupidez.

O príncipe interrompeu-o e pôs-se a rir com o seu riso forçado.

— Bom, bom, está bem.

Estendeu a mão, que Alpatitch beijou, e encaminhou-se para o gabinete.

Nessa tarde chegou o príncipe Vassili. Cocheiros e lacaios foram esperá-lo à *prechpekt*²³ e conduziram-lhe as bagagens e o trenó, entre grandes gritos, para o pavilhão da casa, no caminho propositadamente juncado de neve outra vez.

Haviam preparado aposentos separados para o príncipe e Anatole.

Anatole, depois de despir o dólman, sentara-se com os cotovelos em cima da mesa e os grandes e bonitos olhos distraidamente fitos no tampo. Toda a sua vida se lhe representava como uma série ininterrupta de divertimentos que, dir-se-ia, alguém se encarregava de lhe proporcionar. Nessa mesma ordem de ideias estava ele considerando a sua atual viagem à casa daquele velho extravagante e daquela rica e feia herdeira. E tudo isso, assim o imaginava, devia ser bastante alegre e bastante divertido. “E por que não hei de eu casar com ela, se ela é tão rica? O dinheiro faz esquecer tudo”, pensava.

Barbeou-se, perfumou-se, com os cuidados e os requintes a que estava habituado e com a sua característica expressão de rapaz a quem nada resiste, e, a bela cabeça erguida, entrou nos aposentos do pai.

Dois criados davam-se pressa em vestir o príncipe Vassili. Ele próprio parecia muito animado, e ao ver o filho fez-lhe um alegre aceno de cabeça, que parecia querer dizer-lhe: “ótimo, é assim mesmo que gosto de te ver.”

— A sério, a sério, meu pai, ela é realmente assim tão feia? Diga, — perguntou ele, como se prosseguisse uma conversa muitas vezes abordada durante a viagem.

— Cala-te! Que tolices! O principal é que saibas ser respeitoso e sensato diante do velho príncipe.

— Se ele se põe a ralar, vou-me embora — disse Anatole. Não estou disposto a aturar velhos.

— Lembra-te de que o teu futuro depende disso.

Entretanto, no quarto das criadas, não só correra a notícia da chegada do ministro e do seu filho, como já se sabiam todos os pormenores do trajar dos dois. A princesa Maria, sozinha no seu aposento, só a muito custo conseguia dominar a sua agitação.

“Por que é que eles escreveram uma coisa daquelas, por que é que Lisa me falou nisso? Isso não pode ser!”, dizia de si para consigo, mirando-se ao espelho. “E tenho de aparecer no salão! Ainda mesmo que ele me agradasse, não me seria possível neste momento mostrar-me diante dele tal como sou.” Bastava lembrar-se do olhar que o pai lhe lançaria para sentir-se gelada de medo.

Tanto a princesinha como Mademoiselle Bourienne já haviam recebido todas as informações necessárias pela criada de quarto, Macha: o filho do ministro era um lindo rapaz, de faces coradas e sobrancelhas negras; ao pai custara-lhe a subir a escada; mas ele galgara três degraus de cada vez, leve como uma águia nova. E uma e outra, senhoras de todos estes pormenores, prossequindo, corredor além, esta animada discussão, penetraram no quarto da princesa Maria.

— Já chegaram, Maria, já sabe?! — exclamou a princesinha, que a gravidez tornava pesada, deixando-se cair numa poltrona.

Já não trazia a blusa que vestia pela manhã, mas uma das suas mais lindas toilettes; o penteado era impecável, mas, embora se lhe estampasse no rosto uma grande animação, via-se perfeitamente que tinha os traços fatigados e pisados. A toilette, a mesma que ela costumava levar às festas de sociedade em Petersburgo, ainda fazia ressaltar mais quanto estava disforme. Mademoiselle Bourienne introduzira também na toilette algumas discretas alterações, graças às quais o seu rosto fresco e bonito ainda parecia mais sedutor.

— E a princesa fica tal como está!? — disse ela. — Vão anunciar que aqueles senhores estão no salão; teremos de descer, e não se arranja sequer um pouco?

A princesinha levantou-se da poltrona, tocou para chamar a criada de quarto e, diligente e animada, pôs-se a passar revista ao guarda-roupa da princesa Maria, a fim de lhe arranjar qualquer coisa que vestir. Maria, no seu amor-próprio, humilhava-se por sentir uma certa emoção com a chegada do noivo anunciado e ainda mais por ver que as duas amigas não pareciam estranhar essa emoção. Confessar que se sentia um pouco embaraçada por si e pelos outros seria

precisamente trair os sentimentos que a tomavam; recusar, por outro lado, arranjar-se como elas lhe sugeriam era favorecer ainda mais os gracejos e as instâncias.

Corou muito, os seus lindos olhos perderam o brilho, o rosto encheu-se-lhe de manchas vermelhas, e, assumindo esse ar de vítima resignada, nela frequente, confiou-se à iniciativa de Mademoiselle Bourienne e de Lisa. As duas mulheres deram-se sinceramente ao trabalho de a embelezar. Tão pouco bonita era que nenhuma delas se lembraria de a considerar como rival; e foi francamente por isso, com essa convicção sólida e ingênua das mulheres no poder que tem a toilette para as fazer belas, que se puseram a vesti-la.

— Não, realmente, minha boa amiga, este vestido não lhe fica bem — dizia Lisa, olhando a princesa de perfil, a uma certa distância. — Pede que te tragam o outro, o massacat. É que realmente tens de te lembrar de que é talvez o teu destino que se vai decidir. Este é muito claro, não te fica bem, não, não te fica bem.

O que lhe não ficava bem não era o vestido, mas, antes, a figura e o conjunto da sua própria pessoa; contudo nem Mademoiselle Bourienne nem a princesinha davam por isso. Afigurava-se-lhes que uma fita azul nos andaimes do cabelo — o tirar a charpa azul do vestido castanho, etc., seria o bastante para a embelezar. Esqueciam-se de que era impossível modificar uma cara espantada ou um corpo deselegante. Daí por mais que modificassem a moldura e a ornamentação, aquela cara continuava a ser a mesma, triste e feia. Depois de lhe terem feito experimentar duas ou três toilettes, ao que a princesa submissamente se sujeitou, depois de lhe terem feito um penteado alto, o que lhe mudava por completo a expressão e lhe desfeava ainda mais a cara, assim que pôs a charpa azul e o lindo vestido massacat, a princesinha veio passar duas ou três vezes em volta dela, com a sua mãozinha ajeitou-lhe uma prega, puxou aqui e ali a charpa azul e pôs-se a contemplá-la, primeiro de um lado, depois do outro, abanando a cabeça.

— Decididamente, não, não é possível! — exclamou com desespero. — Não, Maria, francamente, não lhe fica bem. Prefiro vê-la com o seu vestidinho cinzento de todos os dias. Não, por amor de Deus, faça isso por mim, Katia — disse para a criada de quarto -, traz o vestido cinzento à princesa. Vai ver, Mademoiselle Bourienne, como eu vou arranjar bem tudo isto. — Sorria antecipadamente da alegria artística que ia experimentar.

Quando Katia voltou com o vestido. Maria continuava sentada, imóvel, diante do toucador, e no espelho viu que os olhos se lhe enchiam de lágrimas e que os lábios, com a aproximação dos soluços, se lhe começavam a revolver, nervosos.

— Vamos, querida princesa — disse Mademoiselle Bourienne -, mais um pequeno esforço.

A princesinha, tomando o vestido das mãos da criada de quarto, aproximou-se de Maria.

— Bem, agora vamos experimentar uma coisa muito simples, muito galante — disse ela.

A sua voz, a de Mademoiselle Bourienne e a de Katia, que ria sem saber por quê, misturadas, pareciam um chilrear de pássaros.

— Não, deixe-me — disse a princesa.

Havia na sua voz um acento tão grave e tão doloroso que o chilrear cessou imediatamente. Todas três compreenderam, pela expressão dos seus olhos grandes e belos, cheios de lágrimas e de gravidade, olhando-as, suplicantes, ser inútil e até cruel insistirem.

— Ao menos, mude de penteado — intercedeu a princesinha. — Eu não lhe dizia? — acrescentou ela, dirigindo-se a Mademoiselle Bourienne. — Este gênero de penteado não fica bem com a figurinha de Maria. Nada, nada bem. Por amor de Deus, mude.

— Deixe-me, deixe-me, tudo isso me é indiferente — replicou ela com a voz afogada em soluços.

Mademoiselle Bourienne e a princesinha foram obrigadas a reconhecer que Maria, naquele traje, ficava muito feia, mais feia do que nunca; mas era tarde. E ela olhava-as com aquele ar que elas muito bem conheciam, o seu ar triste e cismático. Não que aquela expressão lhes metesse medo. Medo, eis o que Maria nunca lhes poderia inspirar. Mas elas sabiam perfeitamente que quando ela ficava com aquele ar se fechava, calada e imutável nas suas resoluções.

— Vai mudá-lo, não vai? — disse-lhe a princesinha. Não obtendo, porém, qualquer resposta saiu do quarto.

Maria ficou só. Não atendeu o conselho e não só não mudou de penteado como nem sequer se dignou olhar para o espelho. Ali ficou calada e sem forças, os olhos baixos e as mãos inertes. E pôs-se a sonhar. Via diante de si o marido, esse ser poderoso, dominador, dotado de uma incompreensível sedução, que a levava consigo, subitamente, para outro mundo, um mundo de venturas muito diferente daquele em que ela vivia. E via um filho, colado ao bico do seio, como aquela criança que lobrigara ainda na véspera em casa da filha da que fora sua ama. O marido, ao pé dela, olhava-os com ternura, a ela e ao filho. “Não, não, não é possível. Sou muito feia!”, exclamava para si mesma.

— O chá está na mesa. O príncipe vem aí — disse atrás da porta a criada de quarto.

Estremeceu, apavorada com o sonho que tivera. Antes de descer, dirigiu-se ao oratório, e, pousando os olhos no negro perfil da imagem do Salvador, que a lamparina iluminava, assim ficou algum tempo, de mãos postas. Na sua alma tremendas dúvidas se levantavam. Estaria ela, realmente, fadada para as alegrias do amor, do amor terreno, do amor de um homem? Em seus sonhos matrimoniais entrevia a felicidade do lar, dos filhos, mas o seu sonho mais secreto e poderoso era o próprio amor. E esse sentimento era nela tanto mais forte quanto era certo escondê-lo quer aos olhos dos outros, quer aos seus próprios. “Deus meu”, dizia ela, “como poderei eu sufocar no meu coração estes pensamentos diabólicos? Que hei de eu fazer para renunciar definitivamente a estes maus pensamentos e cumprir em paz a Tua vontade?” E, mal balbuciara a sua súplica, já Deus lhe respondia no fundo do seu coração: “Não desejes nada para ti própria; não procures nada, não te perturbes, não invejes ninguém. Tanto o futuro, como o teu destino, devem conservar-se-te ocultos; mas comporta-te de maneira a estares preparada para tudo. Se aprover a Deus fazer-te passar pelas obrigações do matrimônio, bom será estares pronta para cumprir a Sua vontade.” Tranquilizada por estes pensamentos, sem perder a esperança de ver realizado o seu sonho de amor terreno, benzeu-se suspirando e preparou-se para descer ao salão, sem pensar mais na toilette, nem no penteado, nem na maneira como ia apresentar-se, nem no que iria dizer. Que importância poderiam ter todas essas misérias ao pé dos desígnios de Deus, daquele sem a vontade do qual nem um só cabelo pode cair da cabeça do homem?

Capítulo IV

Quando a princesa Maria chegou, já o príncipe Vassili e o filho se encontravam no salão, conversando com a princesinha e Mademoiselle Bourienne. Entrou com o seu passo pesado, batendo os tacões. Os senhores e Mademoiselle Bourienne levantaram-se enquanto a princesinha, apontando para ela, exclamava: — Cá está a Maria! — Maria percorreu-os com um olhar e nenhum pormenor lhe escapou. Viu o príncipe Vassili, que tomara, por momentos, um ar grave ao vê-la e se pusera em seguida a sorrir, e viu a princesinha, que procurava ler nos olhos dos visitantes a impressão que ela, Maria, lhes causava. Viu Mademoiselle Bourienne, com a sua fita no cabelo e a sua tez colorida, o olhar mais animado do que nunca, fixado nele; mas ele, ele não lhe foi possível a ela vê-lo: entreviu vagamente uma criatura alta, de pele clara, bonito rapaz, que avançava ao seu encontro. O príncipe Vassili foi o primeiro a beijar-lhe a mão: Maria pousou os lábios sobre a testa calva inclinada para ela e em resposta aos cumprimentos do príncipe disse conservar dele uma excelente recordação. Anatole aproximou-se em seguida. Maria continuava sem o ver. Sentiu apenas uma mão suave e forte que lhe tomava a dela, e com os lábios aflorou uma testa branca sobre a qual belos cabelos castanhos cheiravam a cosmético. Quando, por fim, olhou para ele, a beleza de Anatole impressionou-a. O filho do príncipe Vassili, o dedo polegar da mão direita enfiado na lapela do uniforme, o peito arqueado, o busto bem direito, balançando a perna livre e a cabeça ligeiramente inclinada, fitava a princesa com olhos joviais, sem dizer palavra, pensando, evidentemente, noutra coisa. Anatole nem era inventivo nem de compreensão rápida, nem sequer eloquente a conversar, mas tinha, no entanto, uma qualidade preciosa em sociedade: serenidade e segurança, uma segurança que nada seria capaz de abalar. Quando um homem pouco seguro de si se cala a primeira vez que vê alguém, com plena consciência do que há de indecoroso no seu silêncio e dando tratos à imaginação para encontrar um tema de conversa, o efeito não é bom; Anatole, porém, ali estava, sem dizer nada, balançando a perna e observando, jovial, o penteado da princesa. Era evidente ser-lhe fácil conservar-se assim calado por muito tempo. “Se o meu silêncio os incomoda, por que não falam? Cá por mim, não me interessa”, parecia querer dizer. Além disso, no seu trato com mulheres, Anatole procedia sempre de maneira que começava por despertar nelas curiosidade, depois perturbação e por fim amor: afirmava, desdenhoso, a sua superioridade. Dir-se-ia proclamar: “Ah, sim, eu conheço-vos muitíssimo bem, muitíssimo bem, mas para que me hei de eu incomodar com isso? Grande prazer lhes dava, está claro!” É muito possível que não pensasse nada disto quando ao pé das mulheres, e mesmo muitíssimo provável que nada pensasse de todo, visto a reflexão não ser o seu forte. Todavia era isso mesmo que

o seu aspecto e as suas maneiras diziam. Tudo isso a princesa adivinhou, e, desejosa de lhe demonstrar quão longe dela estava o pretender ocupar-lhe os ócios, voltou-se para o velho príncipe. Estabeleceu-se uma conversa animada e geral, graças, principalmente, à tagarelice da princesinha e à ação do seu labiozinho de buço ligeiro, que lhe descobria os dentes brancos. Trocava então com o príncipe Vassili essa espécie de gracejos, moeda corrente entre pessoas loquazes, que consistiam em ditos de espírito desde muito admitidos entre os dois interlocutores, em graciosas e divertidas reminiscências pressupostas do conhecimento de ambos somente, embora não houvesse, nem nunca tivesse havido, entre a princesinha e Vassili recordações de tal gênero. Vassili prestava-se de bom grado a esse jogo; a princesinha apresentava como reminiscências casos facetos, que nunca se haviam dado, em que aparecia o nome de Anatole, que ela, por assim dizer, não conhecia. Mademoiselle Bourienne tomava parte na conversa geral e até a princesa Maria se sentia prazenteiramente arrastada naquela incontinência de alegres historietas.

— Aqui, pelo menos, temo-lo todo para nós, meu caro príncipe — dizia a princesinha, claro está que em francês. — Não é como nas soirées em casa de Annette; aí consegue sempre escapar-se-nos. Lembra-se da querida Annette?

— Ah! Mas não diga que vai falar de política como Annette! — E a nossa mesinha de chá?

— Ah, sim!

— Por que é que nunca ninguém o via em casa dela? — perguntou a princesinha a Anatole. — Ah! já sei, já sei — prosseguiu, piscando o olho. — O seu irmão Hipólito contou-me as suas aventuras. Oh! — Ameaçou-o com o dedo. — E em Paris, também. Sei de todas as suas rapaziadas.

— E o Hipólito não te contou — interrompeu o príncipe Vassili, dirigindo-se ao filho e detendo a princesinha por um braço, como se ela quisesse fugir e ele a retivesse a tempo. — Não te contou que andava louquinho por uma encantadora princesa e que ela correu com ele?

— Oh! É a pérola das mulheres, princesa! — acrescentou, dirigindo-se à princesa Maria.

Pelo seu lado Mademoiselle Bourienne, ao ouvir falar de Paris, não perdeu a oportunidade para aludir às suas recordações, misturando-se na conversa geral.

Permitiu-se perguntar se havia muito já que Anatole estivera em Paris, e que pensava dessa estada. Anatole respondeu-lhe com muita satisfação, e fitando-a, a sorrir, pôs-se a falar-lhe da pátria.

A presença da bonita Bourienne levava-o a pensar que, decididamente, até mesmo ali, em Lissia Gori, se não aborreceria. “Não é nada

mal!”, dizia de si para consigo, mirando-a, “não é nada mal esta dama de companhia. É de crer que a há de conservar quando estivermos casados. A pequena é gentil.”

O velho príncipe, no seu gabinete, não se dava pressa em vestir-se; franzia as sobrancelhas, pensando no que ia fazer. A chegada dos hóspedes irritara-o. “Quero lá saber do príncipe Vassili e do filho! Vassili é um fanfarrão, um vazio, e o filho, deixa estar, há de ser fresco!”, resmungava de si para consigo. O que sobretudo o irritava era que aquela visita vinha levantar um problema, ainda não resolvido e a todo o momento adiado, um problema em relação ao qual ele se ia iludindo a toda a hora: o problema de saber se alguma vez se decidiria a separar-se de Maria e a arranjar-lhe marido. Nunca se resolvia a enfrentá-lo a sério, sabendo de antemão não lhe dar uma solução que não fosse equitativa, e que essa equidade ainda lhe contrariava mais os hábitos de vida que os sentimentos íntimos. Não lhe era possível conceber a existência sem a filha, embora aparentemente não a estimasse muito. “E então por que casá-la?”, pensava, “para ser infeliz, naturalmente. Aí está a Lisa, que casou com o André, e onde encontrar hoje em dia um melhor marido? Pois bem, quem pode dizer que ela está contente com a sorte? E quem é que vai casar com Maria por amor? É feia, é desajeitada. Com ela só casa quem lhe agrade a sua posição, o seu dinheiro. Pois não há solteironas que se arranjam? Mais feliz seria realmente!” Eis o que ia ruminando, entre dentes, enquanto se vestia, o príncipe Nicolau Andreitch, ao mesmo tempo que o problema sempre adiado pedia uma solução imediata. Evidentemente que o príncipe Vassili trouxera o filho consigo na intenção de apresentar um pedido, e, na melhor das hipóteses, hoje ou amanhã, exigiria dele uma resposta clara. Claro, tanto o nome como a situação, tudo estava certo. “Sim, não me oponho”, dizia de si para consigo, “mas será ele digno dela? Enfim, é o que vamos ver.”

“Sim, é o que vamos ver!”, concluiu em voz alta, “é o que vamos ver.”

E no seu passo, decidido como sempre, penetrou no salão, lançou rapidamente um olhar em roda, notando a mudança de toilette da princesinha, as fitas de Mademoiselle Bourienne, o medonho penteado da princesa Maria, os sorrisos da francesa e do Anatole e o isolamento da filha no meio da conversa geral. “Arranjou-se como uma parva!”, pensou olhando iracundo para Maria. “E não tem vergonha; e ele, que nem sequer se preocupa com ela.” Encaminhou-se para o príncipe Vassili.

— Como está? Como está? Muito prazer em vê-lo.

— Para ver um amigo, sete verstas não se pode dizer que seja muito — disse o príncipe Vassili, falando rápido, como sempre, com segurança e num

tom familiar. — Aqui tem o meu benjamim, deixe que eu lho apresente.

O príncipe Nicolau Andreitch mirou Anatole dos pés à cabeça.

— Um rapagão! Um rapagão! — exclamou. — Dá cá um beijo. — E apresentou-lhe a cara.

Anatole beijou o velho, observando-o curioso e com perfeita serenidade, sempre à espera de uma dessas suas excentricidades de que o pai tanto lhe falara,

O príncipe Nicolau Andreitch sentou-se no seu lugar habitual, num dos cantos do divã, puxou uma poltrona para que o príncipe Vassili viesse sentar-se junto dele, apontou-lha, e pôs-se a interrogá-lo sobre a política e as últimas novidades. Parecia escutar com atenção as palavras de Vassili; a cada passo, porém, olhava para a princesa Maria.

— Isto é, estão já a escrever de Postdam? — inquiriu, repetindo o que acabava de dizer Vassili, mas de súbito levantou-se e aproximou-se da filha.

— E foi por causa das visitas que te vestiste desta maneira? — disse-lhe. — Realmente estás linda, muito linda. Arranjaste um novo penteado para os nossos hóspedes e eu tomo a liberdade de te dizer na presença deles que será bom que de futuro te não tornes a lembrar de te mascarares sem o meu consentimento.

— Fui eu, meu pai, quem teve a culpa — interveio a princesinha corando.

— O seu caso é outro, pode fazer o que quiser — disse Nicolau Andreitch, com uma reverência. — A Maria não precisa de se fazer feia; feia já ela é.

E retomou o seu lugar, sem se preocupar com as lágrimas que saltavam dos olhos da filha.

— Não, não, acho que este penteado fica muito bem à princesa — interveio o príncipe Vassili.

— Bom, meu jovem príncipe, como é que te chamas? — disse Nicolau Andreitch, dirigindo-se a Anatole. — Vem cá, vamos conversar um pouco, travar relações.

“Lá vai principiar a farsa”, murmurou Anatole entre dentes, e foi sentar-se, sorrindo, ao pé do velho príncipe.

— Com que então, segundo ouvi dizer, foi educado no estrangeiro. Não foi como nós, teu pai e eu, que aprendemos as primeiras letras com um diácono. Dize-me cá, então estás atualmente na Guarda montada? — inquiriu o velho, fitando Anatole de perto e fixamente.

— Não. Passei para o exército ativo — replicou Anatole, perdido de riso.

— Ah! muito bem! Quer dizer que estás disposto a servir o czar e a pátria. Estamos em guerra. Um rapagão como tu deve alistar-se no exército. E estás na frente?

— Não, príncipe, o meu regimento é que já foi. Mas eu faço parte... De que é que eu faço parte, pai? — perguntou, rindo, ao pai.

— Bom soldado, bom soldado, não há dúvida, mas um soldado que pergunta: “De que é que eu faço parte?” Ah! Ah! Ah! — e Nicolau Andreitch pôs-se a rir.

Anatole ainda riu com mais vontade. De súbito, o príncipe Nicolau Andreitch franziu as sobrancelhas.

— Bom, podes ir, agora podes ir — disse ele.

Anatole, sorrindo, voltou para junto das senhoras.

— Com que então mandaste-o educar no estrangeiro, príncipe Vassili, não é verdade? — perguntou o velho príncipe.

— Fiz o que pude; de resto, sempre lhe direi que a educação lá fora é muito preferível à nossa.

— Sim, hoje tudo é diferente, tudo é à moda nova. É um belo rapaz! Um rapagão. Agora anda daí para o meu gabinete.

Tomou o príncipe Vassili por um braço e levou-o consigo para dentro.

Mal se viu a sós com o velho príncipe, Vassili pôs-se logo a falar-lhe do seu desejo e das suas intenções.

— Que é que tu supões? — disse o velho príncipe furioso. — Que eu a prendo, que me não posso separar dela? Que ideia! protestou zangado. — Amanhã, se quiseses, posso dar-te uma resposta. Mas deixa-me dizer-te que quero examinar melhor o meu genro. Conheces os meus princípios: tudo às claras. Amanhã interrogá-la-ei na tua presença. Se ela estiver de acordo, então ele que fique aí. Que fique aí, quero examiná-lo... — Resfolegou, como era seu hábito. — Pois que case com ele, para mim tanto me faz! — gritou, com aquela voz retumbante com que dissera adeus ao filho,

— Devo falar-lhe francamente — disse o príncipe Vassili, no tom de um homem hábil, mas convencido da inutilidade de qualquer manha perante um interlocutor perspicaz. — Vejo que sabe conhecer as pessoas. O Anatole não é um gênio, mas é honesto e bom rapaz, excelente filho e parente.

— Bem, bem, depois veremos.

Como costuma acontecer com as mulheres que vivem muito tempo isoladas, longe do convívio dos homens, as três senhoras da casa do príncipe Nicolau, diante de Anatole, sentiram que a vida que até ali tinham levado não era vida. Foi como se repentinamente se lhes multiplicasse a faculdade de pensar, de

sentir, de observar. Dir-se-ia que a existência lhes havia decorrido até então no meio das trevas e que de um momento para o outro uma nova e poderosa luz a iluminara.

A princesa Maria deixara de pensar na sua feia figura e no seu penteado. A bela e aberta expressão daquele homem, talvez um dia seu marido, absorveu-lhe por completo os sentidos. Parecia-lhe bom, grave, decidido, corajoso e magnânimo: e sobre isso não havia dúvidas. Milhares de sonhos futuros a cada momento lhe enchiam a imaginação. Repelia-os e esforçava-se por dissimulá-los.

“Mas não estarei eu a ser muito fria para com ele?”, dizia consigo mesma. “Faço o que posso por me conter, porque no fundo do meu coração já me sinto muito perto dele. Mas, claro está, ele ignora tudo o que eu penso dele e pode supor que me não agrada.” E Maria fazia o possível, sem o conseguir, por se mostrar amável com o recém-chegado. “Que horrivelmente feia é esta pobre rapariga!”, dizia Anatole consigo mesmo, pensando em Maria.

Mademoiselle Bourienne, muito excitada também com a chegada de Anatole, fervilhava de pensamentos, mas de outra natureza. Claro está que esta linda rapariga, sem situação bem definida na sociedade, sem pais, sem amigos, até mesmo sem pátria, não estava disposta a acabar os seus dias ao serviço de Nicolau Andreitch, lendo-lhe livros e fazendo companhia à princesa Maria. Desde há muito que Mademoiselle Bourienne esperava a chegada de um príncipe russo capaz de perceber repentinamente a sua superioridade sobre as princesas da sua pátria, feias, mal vestidas, acanhadas, e que dela se enamoraria e a raptaria, e eis que, finalmente, o príncipe russo ali estava em carne e osso. Mademoiselle Bourienne tinha à sua disposição todo um romance que ouvira contar a uma tia e a que ela própria se encarregava de dar um desfecho; tinha-o ali pronto na imaginação. Era esse romance a história de uma jovem seduzida perante quem aparece a pobre mãe, que a censura por se ter dado a um homem fora do casamento. Mademoiselle Bourienne comovia-se por vezes até às lágrimas quando, em imaginação, lhe contava esta história, a ele, ao sedutor. E eis que, finalmente, ali estava o sedutor, o esperado príncipe russo. Ia raptá-la, depois aparecia a minha pobre mãe, e acabava por casar com ele. Era assim que todo o seu futuro romance se lhe arquitetava na cabeça enquanto falava de Paris com Anatole. Não era o interesse que guiava Mademoiselle Bourienne; nem um só momento tinha pensado no que faria, mas estava tudo já tão bem preparado em seu cérebro que a história inteira não tinha mais que agrupar-se em torno da personagem que subitamente aparecera e a quem ela de todo o coração procurava agradar o mais possível.

A princesinha, como um velho cavalo de batalha ao ouvir o clarim, preparava-se, inconscientemente e sem pensar na sua posição, para tomar o galope ordinário da coquetterie, sem qualquer pensamento reservado, sem esforço, mas com uma ingênua e jovial frivolidade.

Embora Anatole no meio das mulheres assumisse habitualmente a atitude de um homem farto da sua corte, o certo é que sentia uma certa vaidade em ver o efeito que causava naquelas três. Além disso, não tardou a sentir pela bonita e provocante Bourienne um movimento de paixão bestial, que nele se desenvolveu com uma rapidez extraordinária, e capaz de o arrastar aos atos mais brutais e audaciosos.

Depois do chá passaram à sala, do divã. A princesa foi instada para que tocasse. Anatole, diante dela, apoiado nas mãos e os cotovelos em cima do cravo, ao lado de Mademoiselle Bourienne, fixava em Maria os olhos risonhos e alegres. Esta sentia-lhe os olhos pousados nela com uma alegria em que se misturava certa angústia. A sua sonata favorita, transportava-a a um mundo pleno de poesia íntima e o olhar pousado nela ainda a tornava mais poética. De fato, esse olhar procurava-a, mas na realidade não a fixava a ela, fixava Mademoiselle Bourienne, a quem Anatole, debaixo do piano, pisava o pequenino pé nervoso. Mademoiselle Bourienne olhava também a princesa. Nos seus lindos olhos havia como que um alegre receio e uma espécie de expectativa, coisas que a princesa nunca tinha visto neles.

“Como ela gosta de mim!”, ia dizendo Maria para si mesma. “Que feliz que eu sou neste momento e quão mais feliz hei de vir a ser com um tal companheiro e um tal marido! Virá ele a ser meu marido?”, repetia consigo mesma, sem ousar olhá-lo de frente, persuadida de que ele continuava a fitá-la.

À noite, quando, depois da ceia, tiveram de se separar, Anatole beijou a mão da princesa. Sem saber donde lhe viera a audácia, Maria ergueu a vista para o formoso rosto que se aproximava de seus olhos míopes. Depois de ter beijado a mão de Maria, Anatole beijou igualmente a de Mademoiselle Bourienne: não era muito correto, mas tudo quanto ele fazia era tão desprendido e tão simples! Mademoiselle Bourienne corou muito, fitando, receosa, a princesa. “Que delicadeza!”, pensou Maria. “Passará pela cabeça da Amélia (assim se chamava Mademoiselle Bourienne) que eu possa ter ciúmes dela e não lhe aprecie a ternura e a dedicação?” E, aproximando-se, beijou-a afetuosamente. Anatole acercou-se em seguida da princesinha, para lhe beijar a mão.

— Não, não e não! Quando o seu pai me mandar dizer que se porta bem, dar-lhe-ei a minha mão a beijar. Antes, não. — E abalou, sorrindo, enquanto o ameaçava com o dedo.

Capítulo V

Cada qual foi para o seu quarto, e a não ser Anatole, que logo adormeceu, ninguém pôde dormir bem naquela noite. “Virá ele a ser meu marido, este homem, que me não é nada neste momento, mas é tão belo e tão bom, sim, sobretudo tão bom?”, dizia Maria consigo mesma, sentindo que um grande terror, um terror desconhecido, se apossava dela. Não tinha coragem de voltar a cabeça. Afigurava-se-lhe estar alguém ali atrás do biombo, no canto escuro. E esse alguém devia ser o demônio, esse homem de testa branca, sobrancelhas pretas e boca rosada.

Tocou para a criada e pediu-lhe que ficasse ali, no seu quarto.

Mademoiselle Bourienne, nessa noite, passeou longamente no jardim de inverno, esperando debalde alguém, e ora sorria, ora os olhos se lhe enchiam de lágrimas, pensando na pobre mãe imaginária a dirigir-lhe amargas censuras.

A princesinha ralhou com a criada de quarto porque a cama estava mal feita. Não podia deitar-se nem de lado nem de qualquer outra maneira. Sentia-se mal e incomodada em todas as posições. Pesava-lhe o fardo que trazia consigo. E pesava-lhe tanto mais naquele dia quanto era certo Anatole lembrar-lhe uma época da sua vida em que ela assim não estava e em que para ela tudo era divertimento e alegria. Sentara-se numa poltrona de roupão e touca de dormir. Katia, cheia de sono, a trança caída, batia e revolia pela terceira vez o grosso colchão de penas, resmungando fosse o que fosse.

— Estou farta de te dizer que está cheio de tortumelos — protestava — tomara eu poder dormir, não é minha a culpa... — E a voz tremia-lhe, como a de uma criança prestes a chorar.

Também o velho príncipe não podia sossegar. Tikon, mesmo a dormir, ouvia-o de um lado para o outro, furioso, resfolegando pelo nariz.

Afigurava-se ofendido na pessoa da filha. E essa era maior das ofensas, porque o visava não a ele, mas a outrem, essa filha a quem ele queria mais do que a si próprio. De si para consigo ia dizendo que iria pensar em tudo aquilo e que acabaria por encontrar o que seria justo e necessário dizer, mas não conseguia senão enervar-se mais ainda. “Basta aparecer o primeiro e esquece-se de tudo, inclusivamente do seu pai, e vá de se meter no quarto, de arranjar o penteado, de estar toda desassossegada e de não parecer sequer já um ser humano! Ah! que contente em deixar o pai! E sabia perfeitamente que eu logo daria por isso. — Resfolegou várias vezes pelo nariz. — Como se eu não visse que aquele imbecil só tem olhos para a Bourienne. Temos de a pôr na rua! Como é que uma pessoa pode ter tão pouco pudor que não dá por isso? Já que o não tem por ela, ao menos que o tivesse por mim. É preciso fazer-lhe ver que aquele idiota

não lhe liga importância alguma, que só pensa na Bourienne. Se não tem pudor, eu me encarrego de lhe abrir os olhos...”

Dizer à filha que estava enganada, que Anatole não queria senão arrastar a asa à Bourienne, eis o que seria espicaçar o amor-próprio de Maria, e o velho príncipe sabia-o, e sabia que assim a causa estava ganha, isto é, que assim o seu desejo de se não separar da filha acabaria por triunfar. E acabou por se sentir tranquilo. Chamou o Tikon e principiou a despir-se. “Foi o diabo que no-lo trouxe aqui!”, dizia de si para consigo, enquanto Tikon lhe enfiava a camisa de dormir no corpo descarnado, por cima do peito coberto de um velo de cabelos brancos. “Não fui eu quem os mandou vir. Vieram para me perturbar a vida, a mim, que já pouca tenho para viver.”

— Diabos os levem! — vociferou, enquanto enfiava a camisa.

Tikon estava habituado a ouvir o amo falar sozinho, por isso acolheu, sereno, o olhar interrogador e furioso que emergia da camisa.

— Foram-se deitar? — perguntou o príncipe.

Tikon, como todo o bom criado, conhecia à légua a direção dos pensamentos do amo. Compreendeu que se referia ao príncipe Vassili e ao filho.

— Sim, Excelência, dignaram-se deitar e apagar a luz.

— Que tenho eu com isso, que tenho eu com isso?! — exclamou o velho, e enfiando as pantufas e envergando o roupão estendeu-se em cima do divã onde costumava dormir.

Embora se não tivesse trocado uma palavra entre Anatole e Mademoiselle Bourienne, ambos se tinham compreendido perfeitamente, pelo menos no que toca à primeira parte do romance, antes da intervenção da minha pobre mãe. Os dois haviam compreendido que muita coisa gostariam de dizer em segredo um ao outro. Eis por quê, no dia seguinte logo pela manhã, procuraram uma oportunidade de se verem a sós. À hora em que a princesa costumava visitar o pai em seus aposentos encontrava-se Mademoiselle Bourienne com Anatole no jardim de inverno.

Nesse dia Maria toda era tremuras ao aproximar-se do gabinete do pai. Afigurava-se-lhe não só toda a gente saber que ia decidir-se do seu destino, mas que toda a gente sabia também não pensar ela noutra coisa. Eis o que ela leu na cara de Tikon, que ia com água quente, e com quem cruzou no corredor, e a cumprimentou cheio de humildade.

Nessa manhã o príncipe foi muito amável e atencioso para com a filha. A princesa conhecia muitíssimo bem os modos amenos do pai. Costumava mostrar-se-lhe assim quando cerrava os punhos, colérico por ela não compreender qualquer problema de aritmética, levantando-se, dando alguns passos e vindo depois repetir-lhe as explicações numa voz aparentemente calma.

Entrou logo no assunto e principiou a conversa tratando-a por “senhora”.

— Fizeram-me uma proposta a seu respeito — disse ele, sorrindo contrafeito. — Já deve ter adivinhado que não é pelos meus bonitos olhos que o príncipe Vassili me veio visitar e trouxe consigo o pupilo. — Não se sabe bem por que é que Nicolau Andreitch se obstinava em chamar a Anatole “pupilo”. — Ontem fizeram-me uma proposta a seu respeito. E como conhece os meus princípios, julguei-me no dever de lhe falar.

— Como é que eu o hei de compreender, meu pai? — disse a princesa, corando e empalidecendo ao mesmo tempo.

— Como é que me hás de compreender?! — exclamou o pai, colérico. — O príncipe Vassili acha-te boa para nora e faz-te uma proposta para o pupilo. É isto que há que compreender. Como é que hás de compreender-me?... Mas é a ti que eu estou a interrogar.

— Não sei como o senhor, meu pai — murmurou a princesa.

— Eu? Eu? Mas trata-se de mim? Não te incomodes comigo. Não sou eu quem se casa. Que é que pensas? É isto que eu gostaria de saber.

A princesa viu perfeitamente que o pai não encarava o caso de maneira favorável, mas naquele momento percebeu que o destino de toda a sua vida se tinha de decidir então ou nunca mais. Baixou os olhos, para evitar o olhar que a privava de todo da faculdade de pensar, não lhe deixando mais que a da sujeição, e disse:

— Não pretendo senão uma coisa; cumprir a sua vontade, meu pai, mas se fosse necessário exprimir o meu desejo...

Não teve tempo de acabar. O príncipe interrompeu-a.

— Muito bem! — gritou. — Ele levar-te-á com o teu dote ao mesmo tempo que irá beliscando a Mademoiselle Bourienne. Ela é que será a mulher; quanto a ti...

O príncipe calou-se. Viu o efeito que as suas palavras produziam na filha. Esta baixou a cabeça; estava quase a chorar.

— Bem, bem, estou a brincar, estou a brincar — articulou ele. — Lembra-te bem disto, princesa: o meu princípio é que a filha tem pleno direito de escolher. E dou-te inteira liberdade. Lembra-te apenas que da tua decisão dependerá a felicidade de toda a tua vida. Não tens de te preocupar comigo.

— Mas eu não sei... meu pai.

— Não, não tens nada que te preocupar! Ele casará com quem lhe disserem que há de casar; se não fores tu, será qualquer que apareça; mas tu, tu tens a liberdade de escolher... Vai para o teu quarto, pensa, pensa bem, e volta dentro de uma hora, para dizeres diante dele sim ou não. Bem sei que vais orar a

Deus. Reza, se é essa a tua vontade, mas farias melhor se pensasses. Bom, vai... Sim ou não, sim ou não, sim ou não! — gritou-lhe enquanto ela, cambaleando, como no meio de um nevoeiro, saía do gabinete.

O destino estava decidido, e decidido favoravelmente. A alusão que o pai fizera a Mademoiselle Bourienne era terrível. Era falsa, com certeza, mas ainda assim medonha, e o certo é que ela não podia deixar de pensar nisso. Seguia, avançando a direito pelo jardim de inverno, quando o sussurrar de uma voz muito sua conhecida — a de Mademoiselle Bourienne — lhe chamou a atenção. Ergueu os olhos e a dois passos viu Anatole com a francesa enlaçada, murmurando-lhe fosse o que fosse de terno ao ouvido. Anatole encarou Maria. Uma expressão de furor se lhe pintou no formoso rosto, e no primeiro momento não soltou sequer a cintura de Mademoiselle Bourienne, que não tinha visto a princesa.

“Quem está aí? Que me querem? Esperem um bocado!”, era o que se lhe lia na cara. A princesa olhou para os dois sem dizer palavra. Não conseguia compreender o que se estava a passar. Por fim, Mademoiselle Bourienne soltou um grito e fugiu. Anatole, muito sorridente, fez uma reverência a Maria, como se a estivesse a convidar a rir com ele daquele acontecimento estranho, e, encolhendo os ombros, dirigiu-se para a porta que conduzia aos seus aposentos.

Uma hora depois, Tikon veio chamar a princesa Maria. Pedia-lhe que se apresentasse ao príncipe, acrescentando estar presente também o príncipe Vassili. No momento em que Tikon chegou estava a princesa Maria sentada no divã, com Mademoiselle Bourienne nos braços, que soluçava. Passava-lhe carinhosamente a mão pelos cabelos. Os seus lindos olhos, tão serenos e luminosos como antes, pousavam-se com uma enternecida compaixão na linda carinha de Mademoiselle Bourienne.

— Não, princesa, estou perdida para sempre no seu coração — dizia esta.

— Por quê? Cada vez gosto mais de si — replicava Maria — e tudo farei que esteja nas minhas mãos para que seja feliz.

— Mas despreza-me, tão pura como é, nunca poderá compreender estes desvarios da paixão. Ah! só a minha pobre mãe...

— Compreendo tudo — respondeu a princesa sorrindo tristemente. — Sossegue, minha amiga. Tenho de ir ter com meu pai — disse ela, erguendo-se.

O príncipe Vassili, sentado, de pernas cruzadas, a caixa de rapé na mão, fingia-se extraordinariamente comovido, mas, rindo intimamente da sua extrema sensibilidade, teve um sorriso enternecido ao ver entrar Maria. Deu-se pressa em tomar a sua pitada de rapé.

— Oh! querida, querida! — exclamou, levantando-se e tomando-lhe as duas mãos. Depois de soltar um suspiro, continuou: — O destino de meu filho está nas suas mãos. Decida, minha querida, minha doce Maria, a quem sempre quis como a uma filha.

Afastou-se dela. Aos olhos afloravam-lhe verdadeiras lágrimas.

O príncipe Nicolau Andreitch pôs-se a resfolegar pelas narinas.

— O príncipe, em nome do seu pupilo, não, do seu filho, acaba de me pedir a tua mão — pronunciou ele, numa voz forte. — Queres, sim ou não, ser a mulher do príncipe Anatole Kuraguine? Responde por um sim ou por um não, que depois eu me reservo o direito, pela minha vez, de exprimir a minha opinião. Sim, a minha opinião, e apenas a minha opinião — acrescentou para o príncipe Vassili, que assumira uma expressão de súplica. — Diz sim ou não!

— O meu desejo, meu pai, é não o deixar nunca, e de nunca separar a minha vida da sua. Não me quero casar — disse com decisão, fitando com os seus belos olhos o pai e o príncipe Vassili.

— Tolices! Loucuras! Parvoíces, parvoíces! — exclamou o pai, franzindo as sobrancelhas. Pegou na mão da filha, puxou-a para si e, sem a beijar, aproximou da sua a cara dela, aflorou-a e apertou-lhe a mão, e com tanta força que ela não pôde deixar de soltar um grito de dor.

O príncipe Vassili levantou-se.

— Minha querida, dir-lhe-ei que é este um momento que eu nunca esquecerei; mas, minha querida, será possível que não nos dê um pouco de esperança, que um dia não possa vir a conquistar um lugar nesse coração tão bom, tão generoso? Diga que talvez... O futuro é grande. Diga: talvez.

— Príncipe, o que acabo de dizer é aquilo que sinto no meu coração. Agradeço-lhe a honra que me dá, mas nunca serei a mulher de seu filho.

— Bom, está tudo acabado, meu caro. Muito prazer em ver-te. Bom, vai-te embora, princesa. É verdade, gostei muito, muito de te ver — repetia o velho príncipe, abraçando o príncipe Vassili.

“A minha vocação não é esta”, pensava a princesa Maria, “a minha vocação está em sentir outra felicidade, a felicidade que dá o amor e o sacrifício. E, custe o que custar, hei de fazer a felicidade da pobre Amélia. Como ela gosta dele! Está tão arrependida! Hei de fazer tudo para os casar. Se ele não é rico, eu me encarregarei de lhe arranjar recursos a ela. Hei de pedir a meu pai! Hei de pedir ao André! Sentir-me-ei tão feliz quando eles casarem! Que infeliz ela é, estrangeira, isolada, sem o auxílio de ninguém! Ah! meu Deus! É preciso que ela goste muito dele para ter perdido a cabeça a este ponto. E quem sabe se eu, no seu lugar, não faria a mesma coisa!...”

Capítulo VI

Há muito tempo já que os Rostov estavam sem notícias de Nicolau. Só em meados do inverno entregaram ao conde uma carta em cujo endereço ele reconheceu a caligrafia do filho. Ao receber esta carta, o conde, muito comovido, mas fazendo o possível para que ninguém o visse, correu, em bicos de pés, para o seu gabinete e aí se fechou a lê-la. Ana Mikailovna, ao saber do sucedido, pois dava por tudo o que acontecia em casa, penetrou no gabinete, em passos furtivos, e foi surpreendê-lo com a carta na mão, chorando e rindo ao mesmo tempo.

Ana Mikailovna, conquanto tivesse melhorado de situação econômica, continua a viver em casa dos Rostov.

— Meu bom amigo?! — exclamou ela, num tom interrogativo e que traduzia uma simpatia a toda a prova.

O conde soluçou mais fortemente que nunca.

— É do Nikoluchka... Uma carta... Está ferido... Sim, minha querida, ferido. A condessinha... Foi promovido a oficial... Louvado seja Deus!... Como é que havemos de dizer isto à condessinha?...

Ana Mikailovna sentou-se ao lado do conde, enxugou-lhe as lágrimas com o lenço, as lágrimas que escorriam pelo papel, e depois as suas próprias. Leu a carta, consolou o conde e decidiu que ela própria prepararia a condessa antes do jantar e antes do chá, mas que depois lhe diria tudo, se Deus a ajudasse.

Durante todo o repasto falou Ana Mikailovna dos acontecimentos da guerra e de Nikoluchka. Por duas ou três vezes inquireu quando haviam recebido a sua última carta, embora o soubesse muitíssimo bem, e deu a entender que talvez naquele mesmo dia viessem a receber nova carta. Todas as vezes que, ao ouvir estas alusões, a condessa manifestava inquietação e se punha a olhar, com olhos alarmados, quer para o conde, quer para Ana Mikailovna, esta, sem dar a impressão de intervir, procurava orientar a conversa para assuntos insignificantes. Natacha, a qual, como nenhum outro membro da família, apreendia os mais pequenos matizes da voz, do olhar e da expressão das pessoas, apurara o ouvido desde o princípio do jantar e via perfeitamente existir um segredo qualquer entre o pai e Ana Mikailovna, que esse segredo dizia respeito ao irmão e que Ana Mikailovna preparava o terreno. Apesar de toda a sua ousadia, sabendo quanto a mãe era sensível a tudo o que dizia respeito a Nikoluchka, não se decidiu, durante o repasto, a formular qualquer pergunta, e tão impaciente estava que não comeu e passou o tempo a voltar-se na cadeira, sem querer saber das observações da preceptora. Porém, assim que a refeição terminou, ela aí vai como uma perdida atrás de Ana Mikailovna, e, sempre a correr, ao chegar à sala do divã, atirou-se-lhe ao pescoço.

— Tia, minha querida tia, diga lá o que aconteceu.

— Nada, minha filha.

— Ah! tiazinha, minha pomba, minha querida, meu pesseguinho, não a largo, eu sei perfeitamente que sabe alguma coisa.

Ana Mikailovna abanou a cabeça.

— És muito esperta, minha filha — disse ela.

— É uma carta do Nikoluchka, não é verdade? — interrogou Natacha, lendo a confirmação na cara da tia.

— Mas, por amor de Deus, sê prudente! Tu bem sabes o que isso pode representar para tua mãe!

— Bem sei, bem sei, mas diga. Se não me diz tudo já, vou daqui direitinha...

Ana Mikailovna, em poucas palavras, resumiu-lhe o conteúdo da carta, com a condição de ela não contar a ninguém.

— Palavra de honra! — exclamou Natacha, benzendo-se. — Nada direi a ninguém.

E foi logo dali ter com Sônia.

— Nikolenka... está ferido... escreveu — anunciou muito contente e orgulhosa.

— Nicolau! — exclamou Sônia, empalidecendo.

Natacha, ao ver o efeito que a notícia do ferimento do irmão causava em Sônia, principiou a compreender o que havia de triste no que anunciava.

Lançou-se ao pescoço de Sônia, desfeita em lágrimas.

— Está um bocadinho ferido, mas foi promovido a oficial; já está bem, é ele próprio quem escreve — dizia ela, entre soluços.

— Bem se vê que vocês, mulheres, são todas umas choramingas — interveio Pétia, que andava de um lado para o outro no quarto. — Por mim, estou contentíssimo, muito contente que o meu irmão se tenha distinguido assim. Vocês são todas umas choramingas! Não percebem nada.

Natacha, continuando a chorar, sorriu.

— Não leste a carta? — perguntou Sônia.

— Não, mas a tia disse-me que já tinha passado tudo e que ele agora era oficial.

— Louvado seja Deus! — exclamou Sônia, benzendo-se. — Mas talvez ela tenha estado a fazer pouco de ti. Vamos ter com a mãe.

Pétia continuava a caminhar de um lado para o outro do quarto.

— Se eu estivesse no lugar do Nikoluchka, ainda havia de, matar mais desses franceses — disse ele -, desses canalhas! Tantos havia de matar que faria um grande monte!

— Cala-te, Pétia! És parvo!...

— Eu não sou parvo, parvas são vocês, que choram por ninharias.

— Lembras-te dele? — perguntou, de súbito, Natacha, depois de um momento de silêncio.

Sônia sorriu.

— Se eu me lembro do Nicolau?

— Não, não é isso que eu quero dizer. Lembras-te de maneira a lembrares-te bem, a lembrares-te de tudo? — voltou Natacha, procurando fazer-se compreender bem, mesmo por gestos, e com um ar muito sério. — Eu lembro-me muito bem do Nikolenka, lembro-me muito bem. Já do Bóris me não lembro tão bem como isso. Não me lembro nada, mesmo...

— Quê? Não te lembras do Bóris? — perguntou Sônia, com espanto.

— Não é que eu me não lembre; sei muito bem como ele é, mas não me lembro dele como do Nikolenka. Quando fecho os olhos, vejo-o, mas ao Bóris não sou capaz. — E ao mesmo tempo ia fechando os olhos. — Não, não sou capaz.

— Ah! Natacha! — exclamou Sônia, fitando a amiga com um ar solene e sério. Dir-se-ia considerá-la indigna de ouvir o que ela queria dizer e dirigir-se a qualquer outra pessoa com quem não se brinca. — Gosto do teu irmão, e aconteça o que acontecer nunca deixarei de gostar enquanto for viva.

Natacha, sem dizer palavra, fixou Sônia com um olhar curioso e surpreendido. Duvidava de que fosse verdade o que Sônia acabava de dizer, de que houvesse um amor como aquele de que ela falava. Mas por si não acreditava poder sentir nada parecido. Admitia que aquilo fosse possível, mas não o compreendia.

— Vais escrever-lhe? — perguntou.

Sônia pôs-se a pensar. Como havia ela de escrever ao Nicolau? Deveria fazê-lo? E que lhe havia de escrever? Eis perguntas que a atormentavam. Agora que ele era oficial, um herói e estava ferido, ficava-lhe bem, da sua parte, fazer-se lembrada e, de qualquer maneira recordar-lhe o compromisso que ele tinha tomado para com ela?

— Não sei. Mas penso que desde que ele escreva, eu também lhe posso responder — retorquiu, corando.

— E não terás acanhamento de o fazer?

Sônia sorriu-se.

— Não.

— Eu teria vergonha de escrever ao Bóris; não o faria.

— E por que hás de ter vergonha?

— Não sei. É assim. Custava-me, teria vergonha.

— Bom! Eu cá sei por que é que ela teria vergonha — interveio Pétia, ferido pelo que Natacha acabava de dizer -, é porque esteve embeijada pelo gordo das lunetas. — Era assim que Pétia se referia ao seu homônimo, o novo conde Bezukov. — E agora está apaixonada por esse cantor. — Queria referir-se a um italiano, um professor de Natacha. — É por isso que ela tem vergonha.

— Pétia, tu és parvo! — disse ela.

— Tanto como tu, minha menina — tornou o garoto de nove anos que era Pétia, nem mais nem menos como um velho brigadeiro.

A condessa estava preparada pelas alusões de Ana Mikailovna durante o jantar. Recolhida ao seu quarto, não tirava os olhos da miniatura do filho na tampa da caixa de rapé e as pupilas enchiam-se-lhe de lágrimas. Ana Mikailovna, já com a carta na mão, aproximou-se em bicos de pés do quarto da condessa e deteve-se.

— Não entre — disse ela ao velho conde, que a seguia de perto. E fechou a porta.

O conde aproximou o ouvido da fechadura, para escutar. Primeiro apenas ouviu o ruído de uma conversa indiferente, em seguida a voz de Ana Mikailovna, que pregava um longo sermão, depois um grito, a que se seguiu um prolongado silêncio, finalmente duas vozes, cheias de joviais entoações, à mistura com um passarinhar. Daí a pouco, Ana Mikailovna veio abrir. Na sua cara transparecia o orgulho de um cirurgião que acaba de concluir uma amputação difícil e acolhe o público para que ele aprecie a sua destreza.

— Já está — disse ela para o conde, apontando, com um gesto vitorioso, a condessa, que numa mão tinha a caixa de rapé com a miniatura e na outra a carta, e que ia beijando ora uma ora outra coisa. Ao ver o conde, estendeu para ele as suas duas mãos, envolveu nos seus braços a sua cabeça calva, sem deixar de contemplar a carta e o retrato e, para mais à vontade poder beijá-los, teve de afastar um pouco a cabeça do marido. Vera, Natacha, Sônia e Pétia entraram então no quarto e a leitura principiou. A carta descrevia em poucas palavras a campanha e as duas batalhas em que Nikoluchka tomara parte; dizia que fora promovido a oficial e que beijava as mãos do pai e da mãe, pedindo-lhes a sua bênção, e que enviava beijos para a Vera, a Natacha e o Pétia. Além disso mandava cumprimentos ao Sr. Scheling, a Madame Schoss e à ama, e pedia que abraçassem por ele a sua querida Sônia, de quem muito gostava e de quem sempre se lembrava. Nesta altura Sônia corou tanto que as lágrimas lhe vieram aos olhos, e, incapaz de sustentar os olhares que nela se fixavam, refugiou-se no salão, a que deu a volta a correr. Depois fez uma pirueta, e, alargando a saia, acabou por se sentar no chão, muito corada, comovidíssima e sorrindo muito. A condessa chorava.

— Por que está a chorar, mãe? — perguntou Vera. — Tudo que ele diz nos deve alegrar e não entristecer.

Nada mais exato, mas o conde, a condessa e Natacha olharam para ela com um ar de desaprovação. “Com quem é que ela se parece?”, disse consigo a condessa.

A carta de Nikoluchka foi lida uma centena de vezes, e todos que eram considerados dignos de a ouvir foram convocados perante a condessa, que a tinha sempre consigo. Quando vieram os preceptores, a ama, Mitenka e muitas outras pessoas conhecidas a condessa leu-lhes a carta sempre com renovada satisfação e de cada vez descobria novas qualidades no seu Nikoluchka. Era para ela qualquer coisa de estranho e de extraordinário e ao mesmo tempo um motivo de alegria que aquele filho, que ela sentira remexer nas suas entranhas vinte anos antes, aquele filho, motivo de não poucas discussões com o conde, que o estragava com mimos, aquele filho a quem ela ensinara a dizer “grucha” e “baba”, aquele filho estivesse agora lá longe, num país estrangeiro, no meio de estranhos, e que só, sem ninguém que o ajudasse ou guiasse, se comportasse como um guerreiro corajoso e aí desenvolvesse uma atividade de soldado destemido. Para ela, a experiência dos séculos, que nos ensina que as crianças se fazem homens por um insensível pendor, era coisa que não existia. A transformação operada no filho afigurava-se-lhe tão extraordinária que era como se milhões e milhões de homens não houvessem obedecido ao mesmo destino. Tal qual como vinte anos antes, quando aquele pequeno ser andava, dentro dela, e ela pensava que nunca ele se lhe dependuraria do seio ou que nunca seria capaz de vir a falar, também agora lhe parecia impossível que esse mesmo pequenino ser fosse um homem vigoroso e valente, modelo de filhos, soldado exemplar como se depreendia das palavras da sua carta.

— Que estilo! Que bem que ele escreve! — exclamava ela, ao reler os passos descritivos da carta. — E que grande coração! E a seu próprio respeito nada, nada diz... Só fala de um tal Denissov e o certo é que naturalmente é ele o mais valente de todos. Não diz nada sobre o que terá sofrido. E que coração! Está aqui todo! E recorda-se de toda a gente. Não se esqueceu de ninguém! Eu sempre disse que seria assim, disse-o sempre, mesmo quando ele era pequenino, sim, disse-o sempre...

Durante mais de uma semana foi uma azáfama na casa a preparar cartas para o Nikoluchka: fizeram-se rascunhos, passaram-se a limpo. À vista da condessa e por diligência do conde preparou-se uma encomenda com as coisas mais necessárias e arranjou-se uma determinada importância para o equipamento e a nova instalação do oficial. Ana Mikailovna, mulher prática que era, conseguira arranjar para ela e para o filho uma boa proteção no exército,

inclusivamente para efeitos de correspondência. Era-lhe permitido enviar as suas cartas ao grão-duque Constantino Pavlovitch, comandante da Guarda. Pelo seu lado, os Rostov pensavam que o endereço “Guarda russa no estrangeiro” era mais do que suficiente e que desde que a carta fosse às mãos do grão-duque comandante da Guarda não havia razões para não chegar ao regimento de Pavlogrado, que devia ficar por ali nas vizinhanças. E assim foi resolvido mandar as cartas e o dinheiro, pelo correio do grão-duque, ao Bóris, que se encarregaria de fazer chegar tudo às mãos de Nikoluchka. Houve cartas do velho conde, da condessa, de Pétia, de Vera, de Natacha, de Sônia, e às cartas juntaram a importância de seis mil rublos para o equipamento e muitas outras coisas que o conde enviou ao filho.

Capítulo VII

No dia 12 de novembro, o exército de Kutuzov, acampado em Olmütz, preparava-se para a revista que no dia seguinte lhe passariam os dois imperadores, o da Rússia e o da Áustria. A Guarda, recentemente chegada da Rússia, acampava a quinze verstas de Olmütz, e no dia seguinte, exatamente para a revista, às dez horas da manhã, encontrava-se no campo de manobras da cidade.

Nicolau Rostov nesse dia tinha recebido um recado de Bóris informando-o de que o regimento de Ismail acampava a quinze verstas, sem se deslocar até Olmütz, e que o aguardava ali para lhe entregar as cartas e o dinheiro. Rostov estava então muito necessitado de fundos, pois as tropas, no regresso da campanha, acampavam nos arredores de Olmütz, onde os cantineiros e os judeus austríacos, bem abastecidos, invadiam o acampamento, oferecendo toda a espécie de bugigangas. Entre os oficiais do regimento de Pavlogrado os festins sucediam-se aos festins, e havia comezainas para celebrar as recompensas obtidas durante a campanha e frequentes visitas a Olmütz, à casa de certa Carolina, uma húngara chegada havia pouco que tinha aberto uma estalagem servida por mulheres. Rostov, que havia celebrado dias antes a sua promoção a alferes, comprara a Denissov um cavalo, o Beduíno, e estava a dever dinheiro a toda a gente: aos seus camaradas e aos cantineiros. Assim que recebeu o bilhete de Bóris, dirigiu-se a Olmütz com um dos seus camaradas, comeu, bebeu uma garrafa de vinho e apresentou-se só no acampamento da Guarda à procura do seu amigo de infância. Ainda não tivera tempo de se equipar. Vestia um dólman coçado de junker com a cruz de soldado, umas calças de montar, com fundilhos de coiro, muito usadas, e um sabre de oficial com cordões. O animal que ele montava era um cavalo do Don comprado a um cossaco durante a campanha. Tombada para uma das orelhas e atirada para trás, galhardamente, trazia uma barretina de húsar. Quando chegou ao bivaque do regimento de Ismail, ia a pensar no espanto de Bóris e dos seus camaradas ao deparar-se-lhe o seu ar sabido e marcial de húsar.

A Guarda fizera toda a campanha como se não houvesse saído da parada, muito orgulhosa dos seus brilhantes uniformes e da sua ordem impecável. As etapas tinham sido curtas, com as mochilas em cima das viaturas, e as autoridades austríacas haviam preparado excelentes repastos para os oficiais em cada uma das etapas. Os regimentos entravam nas povoações de banda à frente; durante as tiradas, conforme a ordem do grão-duque, os soldados deviam marchar formados, o que os tornava ainda mais orgulhosos, e os oficiais no seu lugar nas fileiras. Bóris, durante todo o trajeto, estivera sempre ao lado de Berg, já comandante de companhia. Tendo obtido, no decurso da campanha, esse comando, soubera merecer a confiança dos seus superiores e obter vantagens

materiais muito apreciáveis, graças à sua pontualidade e à sua exatidão. Quanto a Bóris, esse, durante o mesmo período, travara muitas relações suscetíveis de lhe virem a ser úteis, e, graças à carta de recomendação que Pedro lhe enviara, relacionara-se com André Bolkonski, por cujo intermédio esperava conseguir ser adstrito ao estado-maior do generalíssimo. Berg e Bóris, com os seus uniformes muito cuidados e limpos, descansavam da última etapa na habitação assaz confortável que lhes tinha sido atribuída, sentados em volta de uma mesa redonda, jogando o xadrez. Berg tinha o cachimbo entre os joelhos, e com os cuidados que o distinguiam ia empilhando as pedras do jogo com as suas mãos brancas, aguardando que Bóris jogasse, e observava o parceiro, o qual era evidente só pensar de momento no xadrez, consoante o seu costume de se não preocupar senão com o que estava a fazer,

— Sempre quero ver como é que se vai sair desta! — exclamou ele.

— Faremos o que pudermos — replicou Berg, tocando num peão, para logo o abandonar.

Entretanto a porta abriu-se.

— Ora aí está ele finalmente! — exclamou Rostov — E o Berg também! Eh! então, meninos, vamos deitar, dormir! — acrescentou, repetindo as palavras que a ama costumava dizer, e que outrora tanto os faziam rir, a Bóris e a ele, Rostov.

— Santos Padres! Como estás mudado!

Bóris levantou-se para receber Rostov, sem se esquecer de conservar no seu lugar os peões que iam a cair. Quis beijar o amigo, mas Nicolau evitou-o. Por uma tendência característica da juventude, que detesta os caminhos trilhados, não quer imitar o que está feito, antes, pelo contrário, gosta de exprimir os seus sentimentos de maneira nova, a seu modo, desde que, pelo menos, não seja como o costumam fazer as pessoas de idade, muitas vezes, aliás, pouco sinceramente. Nicolau queria traduzir num ato especial a sua alegria de tornar a ver o amigo, quanto mais não fosse beliscando-o ou empurrando-o, mas nunca beijando-o, como toda a gente. Bóris, pelo contrário, muito tranquila e afetuosamente, beijou-o e abraçou-o duas ou três vezes seguidas.

Havia quase seis meses que se não viam. Naquela idade, em que se dão os primeiros passos na vida, verificavam um no outro mudanças consideráveis, uma interpretação completamente nova do meio em que ambos haviam sido educados. Tinham ambos mudado muito do seu último encontro para cá e ambos tinham pressa de mostrar um ao outro a que ponto já não eram as mesmas pessoas.

— Ah, seus polidores de calçadas! Vocês estão aí limpinhos e asseados que é uma beleza, como se tivessem voltado agora de um passeio pela

cidade. Não são como nós, pobres diabos do exército ativo — dizia Rostov, na sua voz de barítono, ainda desconhecida de Bóris, com uma verdadeira desenvoltura militar exibindo os calções todos sujos de lama.

A hospedeira, uma alemã, ao ouvir a voz estentórea de Rostov, veio espreitar à porta.

— Rica mulher, hem! — exclamou ele, piscando um olho.

— Por que é que gritas tanto? Até lhe metes medo — observou Bóris. — Não te esperava hoje. Só ontem te mandei entregar o meu bilhete por um ajudante-de-campo de Kutuzov, que eu conheço, o Bolkonski. Não sabia que ele to faria chegar às mãos tão depressa... Então! Que fazes tu? Como vais? Já estiveste na linha de fogo? — perguntou.

Rostov, sem responder, pôs-se a brincar com a cruz de S. Jorge, de soldado, que lhe pendia dos alamares do uniforme, e, mostrando o braço entapado, fitou Berg, sorridente.

— É como vês! — sublinhou.

— Sim, sim, ótimo! — exclamou Bóris — Também nós, nós também fizemos uma bela campanha. Sabes? Sua Alteza acompanhou sempre o nosso regimento; por isso tivemos todas as facilidades e gozamos de todas as regalias. Na Polônia, houve recepções, jantares, bailes! Não se pode descrever! E o Tsarevitch foi ótimo para todos os oficiais.

E ambos se puseram à compita a contar histórias narrando um as suas partidas de húsar e a sua vida de campanha, o outro a sua existência cheia de distrações e de bem-estar, sob as ordens de personagens altamente cotadas.

— Oh! a Guarda! — exclamou Rostov. — Mas ouve lá, e se tu mandasses vir uma garrafa?

Bóris franziu as sobancelhas.

— Se fazes questão disso... — retorquiu.

Encaminhou-se para a cama onde dormia, tirou debaixo das almofadas muito limpas a bolsa do dinheiro e mandou que fossem comprar vinho.

— A propósito, vou dar-te as cartas e o dinheiro — acrescentou ele.

Rostov pegou nas cartas e, pousando o dinheiro em cima do divã, encostou-se à mesa e pôs-se a ler. Passou a vista por algumas linhas, depois olhou para Berg com irritação. Sentindo-lhe os olhos fitos nele, escondeu a cara com a folha de papel.

— Assim mesmo mandaram-lhe uma boa maquia — disse Berg, observando o volumoso saco enterrado no divã. — Ah! a nós não nos pesa muito o pré. Por mim, posso dizer-lhe...

— Ouça cá, meu caro Berg — disse Rostov -, se eu o visse receber uma carta da família ou encontrar um amigo a quem quisesse perguntar qualquer

coisa, trataria logo de me ir embora para o não incomodar. Pois então, vá-se embora, peço-lhe, vá para qualquer parte, para qualquer parte... para o diabo!...

Tinha engrossado a voz; e pegando-lhe por debaixo do braço, com um olhar amável, para suavizar a dureza das palavras, acrescentou:

— Sabe? Não se zangue, meu caro, meu bom amigo, é francamente que lhe falo, como a um velho camarada.

— Quê? Claro, compreendo muito bem, conde — balbuciou Berg, na sua voz de ventríloquo, erguendo-se.

— Vá até junto dos donos da casa, eles convidaram-no — acrescentou Rostov.

Berg enfiou o seu redingote muito asseado, sem a mais pequena nódoa nem qualquer grão de poeira, repuxou, diante do espelho, o cabelo na testa, à maneira de Alexandre Pavlovitch, e persuadido, graças ao olhar que Rostov lhe lançava, que o seu redingote estava a ter êxito, saiu, esboçando um amável sorriso.

— Ah! Que animal que eu sou! — exclamou Rostov, lendo a carta.

— Por quê?

— Ah! Que animal que eu fui em não lhes ter escrito uma vez que fosse antes de lhes ter pregado este susto! Ah! Que animal! — repetiu corando muito. — Então, sempre mandaste o Gravila buscar uma garrafa? Mandaste? Tanto melhor!

Dentro da carta dos pais vinha outra, uma carta de recomendação para o príncipe Bagration, carta que a velha condessa, a conselho de Ana Mikailovna, conseguira, através de umas pessoas conhecidas, e que enviava ao filho para que ele a entregasse ao destinatário e tirasse dela o melhor partido.

— Que tolice! Como se eu precisasse disto! — murmurou Rostov, atirando com a carta para cima da mesa.

— Por que é que a deitas fora? — inquiriu Bóris.

— É uma espécie de carta de recomendação. Diabos me levem se eu tenho necessidade disso!

— Quê, não tens precisão disso? — interrompeu Bóris, apanhando a carta e lendo o sobrescrito. — Esta carta pode ser-te muito útil.

— A mim? De modo nenhum! Não sou eu quem irá procurar seja quem for na esperança de ser ajudante-de-campo.

— Por que não? — perguntou Bóris.

— São funções de lacaios.

— Continuas a ser o mesmo idealista, pelo que vejo — observou o amigo, abanando a cabeça.

— E tu, sempre o mesmo diplomata. Mas não é disso que se trata... E tu, que fazes? — perguntou Rostov.

— O que vês. Até agora tudo tem corrido bem; mas tenho de confessar-te que não desejava outra coisa senão ser ajudante-de-campo; preferia isso a ficar nas fileiras.

— Por quê?

— Porque, desde o momento em que uma pessoa escolhe a carreira militar, deve esforçar-se por torná-la o mais brilhante possível.

— Ah! realmente! — exclamou Rostov, pensando claramente noutra coisa.

Olhava o amigo fixamente, e bem nos olhos, como se lhe estivesse a pedir debalde a solução de um problema.

O velho Gravila apareceu com o vinho.

— E se nós mandássemos vir o Afonso Karlitch? — interveio Bóris. — Fazia-te companhia a beber; cá por mim, não posso.

— Isso mesmo, isso mesmo! Mas quem diabo é esse alemão? — perguntou Rostov, sorrindo desdenhosamente.

— É um rico tipo, bom e honesto!

Rostov fitou mais uma vez Bóris nos olhos e suspirou. Berg voltou a aparecer, e em volta da garrafa tornou-se mais afetuosa a conversa dos três amigos. Os oficiais da Guarda contavam a Rostov as campanhas que tinham feito, as recepções que lhes tinham oferecido na Rússia, na Polónia e no estrangeiro, o que tinha dito e feito o seu grande chefe, o grão-duque, e repetiam anedotas reveladoras da sua bondade e do seu entusiasmo. Berg, como de costume, calava-se quando não se tratava pessoalmente do seu caso, mas, a propósito do que se dizia dos acessos de cólera do grão-duque, contou, com visível prazer, ter-lhe acontecido encontrar-se ele na Galícia no momento em que o grão-duque passava revista aos regimentos e se zangara por causa da irregularidade dos movimentos de tropas. E referia, sorrindo amavelmente, como o grão-duque, muito zangado, se aproximara dele gritando: “Arnaútas!” — a expressão favorita do Tsarevitch quando estava furioso — e mandara chamar o comandante da companhia.

— Pode crer, conde, não tive medo algum, sabia perfeitamente que tinha razão. Sabe, conde, eu, sem me vangloriar, sei de cor as ordens do dia do regimento e conheço os regulamentos tão bem como o padre-nosso. E era por isso, conde, que não havia qualquer irregularidade na minha companhia. Tinha a consciência tranquila. Apresento-me. — Nesta altura Berg levantou-se e mimou a cara que tinha nesse momento, com a mão na pala da barretina. De fato, não era fácil exhibir uma atitude mais deferente e mais satisfeita. — E põe-se ele então a insultar-me, a dizer-me as últimas. Foi um nunca acabar de injúrias e de

“arnaútas” e de “diabos” e de “a Sibéria!”. — Nesta altura teve um fino sorriso. — Eu sabia perfeitamente que tinha razão, por isso me calava. Compreende, não é verdade, conde? No dia seguinte não havia nada na ordem do dia, é a isto que se chama não perder a cabeça. Não é verdade, conde? — concluiu, soltando baforadas de fumo do cachimbo.

— Sim, não há dúvida — observou Rostov, sorrindo.

Mas Bóris, percebendo que Rostov se preparava para chasquear de Berg, desviou habilmente a conversa. Perguntou a Rostov onde e quando fora ferido. Eis o que lhe não desagradou, e principiou a sua história, entusiasmando-se a pouco e pouco. Contou a aventura de Schöngraben, tal qual como o costumam fazer os comparsas de uma batalha, isto é, da maneira que mais lhes agradaria que se tivessem passado as coisas, consoante as ouviram contar por outros, numa palavra, fazendo um relato muito bem composto, mas de maneira alguma de acordo com a realidade. Rostov era um rapaz muito franco, e por nada desta vida seria capaz de desnaturar conscientemente a verdade. Principiou com a intenção de contar tudo tal qual se tinha passado, mas, sem dar por isso, involuntária e fatalmente, alterou a verdade em seu proveito. Se ele se tivesse limitado a referir simplesmente a verdade aos seus ouvintes, os quais, mais do que uma vez — e esse era o seu caso — tinham ouvido contar as peripécias de um ataque, e disso tinham uma ideia muito nítida, e esperavam, precisamente, da parte dele uma história à imagem e semelhança do que eles próprios pensavam, ninguém o teria acreditado, ou então, o que seria mais grave, teriam pensado ser culpa dele as coisas consigo não se terem passado como geralmente acontecia nos ataques de cavalaria. Era-lhe impossível dizer, simplesmente, terem-se posto a galopar, que caíra do cavalo, que recompusera o braço e que se pusera a correr para a floresta, a fim de escapar aos franceses. Além disso, para contar as coisas tal qual, seria necessário um grande esforço sobre si próprio para não acrescentar fosse o que fosse. É muito difícil narrar uma história verídica e os rapazes raramente o conseguem. Esperavam ouvi-lo contar que, ardente de entusiasmo, sem saber o que fazia, se precipitara como um tufão sobre o quadrado, que o perfurara, espadeirada para a direita e para a esquerda, que a espada arrancava carne aos pedaços e que, por fim, acabara por cair esgotado e ainda muitas outras coisas do mesmo quilate. E, com efeito, foi uma descrição nesse gênero que ele lhes fez.

Em plena história, quando dizia: “Não podes calcular o furor estranho que se apossa de nós durante o ataque”, entrou na sala o príncipe André Bolkonski, que Bóris aguardava. O príncipe André, protetor do jovem, sentia-se lisonjeado quando lhe procuravam o apoio e, simpatizando com Bóris, que soubera agradar-lhe na véspera, estava desejoso de lhe ser prestável. Encarregado

por Kutuzov de levar uns documentos ao Tsarevitch, passara por casa de Bóris na esperança de o encontrar só. Ao ver, à entrada na sala, um húsar do exército contando aventuras de guerra — aí estava um gênero de pessoas que ele detestava —, dirigiu um amável sorriso a Bóris, franziu as sobrancelhas, piscando o olho na intenção de Rostov, e, com um ligeiro cumprimento, sentou-se no divã, indolente e fatigado. Nada lhe era tão desagradável como cair no meio de uma sociedade que detestava. Rostov, adivinhando-lhe os pensamentos, corou; mas a verdade é que, no fim de contas, pouco se lhe dava: aquele homem nada tinha de comum com ele. Entretanto, tendo reparado em Bóris, leu-lhe no rosto que também parecia envergonhado da presença daquele húsar. Conquanto o príncipe André lhe tivesse mostrado uma atitude desagradável e irônica, e apesar do profundo desdém que lhe inspiravam todos os ajudantes-de-campo do estado-maior, a cuja categoria, naturalmente, o recém-chegado devia pertencer, Rostov, no fundo, sentiu-se confuso, não pôde deixar de corar e acabou por se calar. Bóris perguntou se havia notícias do estado-maior e se, sem indiscrição, se falava de disposições futuras.

— Naturalmente continuarão a avançar — replicou Bolkonski, que parecia sem grande vontade de falar diante de desconhecidos.

Bóris aproveitou a oportunidade para perguntar, com a sua habitual polidez, se a ração de forragem dos comandantes da companhia não seria duplicada, como constava. O príncipe André respondeu, sorrindo, não estar nas suas mãos resolver problemas administrativos de tal magnitude e Berg pôs-se a rir.

— Falaremos depois do seu problema — disse André a Bóris, lançando um olhar para o lado de Rostov. — Venha visitar-me depois da revista, faremos o que for possível.

Deixou errar a vista pela sala em que se encontrava e sem parecer notar o ar de confusão pueril em que caíra Rostov, o qual, pouco a pouco, se ia transformando em verdadeira cólera, disse-lhes:

— Creio que estava a falar do recontro de Schöngraben? — Esteve lá?

— Estive — respondeu Rostov, com uma certa exasperação, num tom que procurava ferir o ajudante-de-campo.

Bolkonski percebeu o estado de espírito em que o húsar se encontrava e isso divertiu-o muito. Sorriu com um ar ligeiramente desdenhoso.

— Sim, são muitas as histórias que se contam agora desse recontro!

— É verdade — volveu Rostov, numa voz forte, lançando a Bóris e Bolkonski olhares subitamente furiosos. — É verdade, contam-se histórias de toda a espécie, mas as que nós contamos, nós, são histórias de quem esteve sob o

fogo do inimigo: as nossas histórias têm sumo, não as desses meninos do estado-maior, condecorados sem nada terem feito.

— E a cujo número supõe que eu pertenço — retrucou o príncipe André, o mais tranquilamente deste mundo, e com um sorriso amável.

Rostov experimentou um curioso misto de mau humor e consideração perante a serenidade daquele homem.

— Não me refiro ao senhor — respondeu ele. — Não o conheço e confesso-lhe que o não quero conhecer. Falo de maneira geral dos oficiais do estado-maior...

— Pois eu, aqui tem o que me permito dizer-lhe — interrompeu André, num tom de tranquila autoridade. — Vejo que tem a intenção de me ofender, e não me custa dizer-lhe que é tudo quanto há de mais fácil desde que não tem respeito por si próprio; mas espero que reconheça que escolhe mal a ocasião e o lugar para semelhantes insinuações. Não tarda que todos nós estejamos envolvidos num duelo muito mais importante e muito mais sério, e além disso Drubetskoi, que diz ser seu velho amigo, não é culpado de a minha cara ter a pouca sorte de lhe ser desagradável. Aliás — acrescentou, levantando-se — o senhor não desconhece o meu nome e onde me pode encontrar, mas não se esqueça de que eu me não considero de modo algum ofendido, estou tão pouco ofendido como o senhor. O meu conselho de pessoa mais velha é que o melhor é não pensar mais nisto. Portanto, sexta-feira, depois da parada, espero por si, Drubetskoi. Até à vista! — rematou em alta voz, e saudando-os a ambos saiu.

Rostov não se lembrou de retorquir senão quando ele já tinha desaparecido e tanto mais furioso se sentiu quanto era certo não ter respondido. Ordenou logo que lhe trouxessem o cavalo, e, depois de se ter despedido secamente de Bóris, voltou para casa. Que fazer? Ir no dia seguinte ao quartel-general desafiar para um duelo o petulante ajudante-de-campo ou não pensar mais no caso? Eis o problema que o atormentou durante todo o percurso. Ora se dizia a si próprio, iracundo, que seria grande o prazer que teria em ver a cara assustada desse homenzinho débil e vaidoso diante da sua pistola carregada, ora tinha a surpresa de verificar que entre todos os seus conhecidos a nenhum desejaria tanto tornar a ver como àquele ajudantezinho-de-campo a quem tão profundamente ficara a odiar.

Capítulo VIII

No dia seguinte ao da entrevista de Bóris e de Rostov foi a revista das tropas austríacas e russas, tanto das forças frescas acabadas de chegar da Rússia como das que vinham do campo de batalha com Kutuzov. Os dois imperadores, o da Rússia, com o príncipe herdeiro, e o da Áustria, com o arquiduque, passavam revista a um exército aliado de oitenta mil homens.

Desde a aurora que as tropas, de grande uniforme e escrupulosamente engraxadas, se haviam posto em marcha para formar na esplanada diante da fortaleza. Primeiro viram-se mover milhares de pés e de baionetas, bandeiras desfraldadas, que, à voz dos oficiais, faziam alto, se moviam e formavam com intervalos regulares, ultrapassando outras massas de soldados de infantaria com uniformes diferentes. Em seguida, ao passo cadenciado dos cavalos e ao retinir dos sabres, apareceu a cavalaria em traje de parada, com uniformes bordados, azuis, vermelhos e verdes, a banda militar à frente, montada em murzelos, alazões e cinzentos. Entre a infantaria e a cavalaria vinha a artilharia, com longas colunas de canhões bem polidos e reluzentes, que estremeciam sobre as rodas, num trepidar metálico, de mechas acesas, dirigindo-se para os locais designados. Os generais, de grande uniforme, corpulentos e muito cingidos, para darem a impressão de mais magros, a nuca apertada nas golas, com as bandas e todas as condecorações; os oficiais, rebrilhantes e janotas; os soldados, de cara barbeada e lavada, com o seu correame a brilhar; os cavalos, bem arreados e nédios, brilhavam como cetim, as crinas alisadas pelo a pelo, tudo, numa palavra, dizia ir passar-se um acontecimento importante e solene, que nada tinha de brincadeira. Generais e soldados sentiam não serem nada, não passarem de grãos de areia de um oceano humano, bem conscientes da sua força enquanto elementos daquele todo imenso.

Desde que luzira o dia que a azáfama principiara e às dez horas tudo estava a postos. Sobre a enorme esplanada formavam as colunas. Todo o exército formava três corpos. À frente a cavalaria, depois a artilharia e por último a infantaria.

Entre cada coluna de tropas abria-se uma clareira. Os três corpos do exército estavam nitidamente separados; primeiro, as tropas de campanha de Kutuzov, entre as quais, no flanco direito e no primeiro plano, o regimento de Pavlogrado; depois os regimentos das tropas de linha e a Guarda que chegara da Rússia, por fim o exército austríaco. Mas todos estavam sob o mesmo comando e sob uma única disciplina.

Como vento na folhagem perpassou um murmúrio. “Lá vêm eles! Lá vêm eles!”, disseram vozes ansiosas, e, como uma vaga, um fervilhar de preparativos supremos percorreu as tropas.

Vindo dos lados de Olmütz surgiu um grupo em movimento. No mesmo instante, conquanto não houvesse vento, um sopro ligeiro percorreu o exército, as flâmulas das lanças ondularam e os estandartes estremeceram nas hastes. Dir-se-ia o exército inteiro a dar a entender neste frêmito a alegria que sentia com a chegada dos imperadores. Uma voz ressoou: “Sentido!” Em seguida, como os galos ao nascer do sol, vozes diversas, aqui e ali, foram repetindo a mesma voz. E tudo voltou a serenar.

Naquele silêncio de morte só se ouviam as patas dos cavalos. Era a comitiva dos imperadores que se aproximava das tropas. Os clarins do primeiro regimento de cavalaria entoaram uma marcha. Dir-se-ia não serem os clarins que tocavam, mas o próprio exército, para festejar a aproximação dos soberanos, que soltava espontaneamente a sua voz. E em seguida, distintamente, ouviu-se a voz jovem e simpática do imperador Alexandre, que gritava a sua saudação às tropas. E o primeiro regimento soltou um “Hurra!”, um “hurra” tão ensurdecador, tão alegre e prolongado que os próprios homens pareceram assustados com o número e o poder que representavam.

Rostov estava na primeira linha do corpo do exército de Kutuzov, para onde se dirigia o imperador. Também ele sentia o que todos os demais soldados sentiam: olvido de si próprio, orgulho de um tal poder, entusiasmo apaixonado por aquele que era o objeto de tamanho triunfo:

“Uma só palavra daquele homem”, pensava, “e aquela massa inteira, de que ele não era mais que uma ínfima partícula, lançar-se-ia ao fogo ou à água, precipitar-se — ia no crime ou na morte, praticaria os mais heroicos atos.” E por isso não podia dominar um estremecimento íntimo, um quase desfalecimento, à aproximação daquela voz potente.

“Hurra! Hurra! Hurra!”, rebentava de todos os lados; e os regimentos, uns após outros, recebiam o imperador, ao som da marcha militar, e depois vinham os “hurras!”, e em seguida outra vez a marcha, e ainda de novo os “hurras!”, alternadamente, de tal modo que o todo, constantemente ampliado, se fundia num trovão ensurdecador.

Antes da aproximação do imperador cada regimento, silencioso e imóvel, parecia um corpo sem vida; mas assim que ele se aproximava, o regimento animava-se, de súbito, e juntava os seus gritos aos das fileiras que o soberano acabava de percorrer. No meio deste clamor tremendo e ensurdecador, desta massa de soldados imóveis, como que petrificados nas suas formações, iam evolucionando as centenas de cavaleiros da comitiva, negligentemente, simetricamente, em perfeito à-vontade; na vanguarda, a cavalo, os dois imperadores. E era neles que se concentrava a atenção apaixonada e retensa de toda aquela mole.

O jovem e belo imperador Alexandre, no seu uniforme da Guarda montada, o tricórnio ligeiramente pendido sobre a orelha, atraía todos os olhares, graças ao seu ar amável e à sua voz sonora, mas não muito forte.

Rostov, na vizinhança dos clarins, de longe, com os seus penetrantes olhos, reconheceu logo o imperador, que seguia em todos os seus movimentos. Quando o soberano estava a uns vinte passos e Nicolau pôde ver distintamente, nos seus mais pequenos pormenores, esse rosto belo, jovial e jovem, apossou-se dele um enternecimento e um entusiasmo como nunca sentira em toda a sua vida. Os traços, os gestos, toda a pessoa do imperador se lhe afiguraram maravilhosos. Parando diante do regimento de Pavlogrado, Alexandre disse algumas palavras em francês ao imperador da Áustria e esboçou um sorriso. Ao ver isso, Rostov também sorriu, sem perceber que sorria, e o entusiasmo que sentia já pelo imperador foi maior ainda. Teria querido testemunhar de qualquer maneira o amor que ele lhe inspirava. E reconhecendo que isso era impossível, teve vontade de chorar. O imperador, chamando o comandante do regimento, disse algumas palavras.

“Meu Deus, e se ele se dirigisse a mim!”, murmurou. “Morreria de felicidade!”

O imperador falou também aos oficiais:

— A todos, meus senhores — cada uma das suas palavras era como que uma voz descendo do céu — a todos agradeço do coração.

Que feliz Rostov se sentiria naquele momento se pudesse morrer pelo seu soberano...

— Mereceram as insígnias de S. Jorge e serão dignos delas.

“Pudesse eu morrer, morrer por ele”, pensava Rostov.

O imperador disse ainda qualquer coisa que ele não percebeu e os soldados, a plenos pulmões, berram: “Hurra!”

Rostov, inclinado sobre a sela, gritava também a plenos pulmões. Teria desejado ferir-se a si próprio gritando, desde que pudesse exprimir completamente o seu entusiasmo.

O imperador deteve-se alguns instantes diante dos húsares, como que indeciso.

“Como é que o imperador pode hesitar?”, disse Rostov consigo mesmo, mas no mesmo instante pareceu-lhe sublime e cheia de encanto aquela hesitação, como tudo o que do imperador emanasse.

Mas a hesitação pouco durou. O pé do imperador, com a sua bota estreita e pontiaguda, à moda da época, aflorou o flanco da égua baia inglesa: a mão enluvada de branco apanhou as rédeas, e o soberano seguiu adiante, acompanhado de uma esteira de ajudantes-de-campo disseminados atrás dele. Foi

andando, para de novo se deter junto dos outros regimentos, e Rostov, por fim, já só lhe via a pluma branca que emergia do meio da comitiva dos dois soberanos.

Entre as personagens que seguiam os imperadores Rostov fixou Bolkonski, montado com elegância e negligência. Lembrou-se da disputa da véspera e perguntou-se a si mesmo se valeria ou não a pena provocá-lo. “Claro que não”, concluiu. “Vale a pena pensar numa coisa dessas, vale lá a pena falar nisso numa hora como esta? Num tal momento de amor, de entusiasmo e de sacrifício que importam as nossas discussões e as ofensas que recebemos? Amo todos os homens, perdoo a todos neste momento.”

Assim que o imperador acabou de passar revista a todos os regimentos puseram-se as tropas a desfilar em passo de parada, e Rostov, montado no seu Beduíno, havia pouco comprado a Denissov, desfilou também, no coice do esquadrão, isto é, sozinho e bem à vista do imperador.

Antes de passar em frente do czar, Rostov, excelente calção que era, por duas ou três vezes esporeou o seu cavalo, conseguindo pô-lo a galope, esse belo galope quando excitado. Arqueando sobre os peitorais, a cabeça coberta de espuma, a cauda eriçada, como suspenso, sem tocar no terreno, atirando alternadamente com as patas, Beduíno, que parecia também sentir o olhar do imperador, desfilou, soberbo, diante do monarca.

Rostov, as pernas repuxadas para trás e o ventre atirado para a frente, uma só peça ele e o cavalo, o rosto crispado, mas feliz, passou diante do czar como um verdadeiro demônio, no dizer de Denissov.

— Bravo, hússares de Pavlogrado! — exclamou o imperador.

“Meu Deus! Que feliz eu me sentiria se ele neste momento me mandasse atirar a uma fogueira”, pensou Rostov.

Quando a revista findou, os oficiais que tinham acabado de chegar juntamente com os de Kutuzov reuniram-se em grupos e houve animadas conversas por causa das condecorações, dos austríacos mobilizados e dos seus uniformes, de Bonaparte e da sua situação crítica quando chegasse o corpo de Essen e a Prússia se aliasse à Rússia.

Mas de quem se falava principalmente por toda a parte era do imperador Alexandre; repetiam-se as suas mais insignificantes palavras e toda a gente se sentia fascinada por ele.

O desejo de todos era só um: lançarem-se, sob o seu comando, contra o inimigo. “As ordens do imperador seria impossível que não vencessem fosse quem fosse”, eis o que pensavam, depois da parada, tanto Rostov como a maior parte dos oficiais.

Agora todos se sentiam mais certos da vitória do que se tivessem ganho duas batalhas.

Capítulo IX

No dia seguinte, Bóris, depois de envergar o seu belo uniforme e de ter recebido os mais efusivos votos de boa sorte da parte do seu camarada Berg, dirigiu-se a Olmütz para se apresentar a Bolkonski, visto a boa disposição em que este se mostrava para com ele, na esperança de melhorar de situação, e, na melhor das hipóteses, conseguir o lugar de ajudante-de-campo de qualquer importante personagem, cargo que muito especialmente o atraía. “É bom para o Rostov, a quem o pai manda seis mil rublos de uma assentada, isso de se não querer vergar diante de quem quer que seja, de não querer ser lacaios de ninguém. Mas eu, que só comigo posso contar, tenho de tratar da vida e de não perder as boas oportunidades.”

Nesse dia não encontrou o príncipe André em Olmütz. Mas o aspecto da cidade, onde se estabelecera o quartel-general, onde estava instalado o corpo diplomático e onde habitavam os dois imperadores, com as suas comitivas de cortesãos e familiares, ainda mais radicou nele o desejo de fazer parte daquele mundo superior.

Não conhecia ali ninguém, e o certo é que, apesar do seu elegante uniforme da Guarda, todas aquelas altas personalidades que iam e vinham pelas ruas, em magníficas carruagens, com os seus penachos, os seus grandes cordões e as suas medalhas, quer cortesãos, quer militares, se lhe afiguravam tanto acima dele, insignificante oficial da Guarda, que ele e a sua existência não podiam deixar de lhes passar despercebidos.

Na sede do quartel-general de Kutuzov, aonde foi procurar Bolkonski, todos os ajudantes-de-campo e até mesmo os subalternos pareciam dar-lhe a entender, pela forma como o olhavam, que oficiais como ele era coisa que não faltava por ali e que principiavam a estar fartos disso. Apesar de tudo, ou talvez até precisamente por essa razão, logo no dia seguinte, dia 15, voltou a Olmütz depois de jantar, e, dirigindo-se às dependências ocupadas por Kutuzov, perguntou por Bolkonski. O príncipe André estava e Bóris foi conduzido a um salão espaçoso onde naturalmente outrora se dançava e em que se viam agora cinco camas e vários móveis desirmanados: mesas, cadeiras e um cravo. Ao pé da porta, um ajudante-de-campo, com o seu roupão oriental, escrevia sentado diante de uma mesa. Outro, o corpulento e vermelhusco Nesvitski, deitado numa das camas, os braços debaixo da cabeça a fazerem de travesseiro, ria com o oficial sentado ali perto. Um terceiro, sentado ao cravo, tocava uma valsa vienense; um quarto, meio estendido sobre o mesmo cravo, acompanhava-o cantando. Não viu Bolkonski. Nenhum dos oficiais, ao ver Bóris, mudou de atitude. O que escrevia, e a quem Bóris interpelara, voltou-se pouco satisfeito e disse-lhe que Bolkonski estava de serviço; por isso, se lhe queria falar, não tinha mais que dirigir-se à

porta da esquerda, na sala de visitas. Bóris agradeceu e voltou costas. Na sala de visitas foi encontrar uma dezena de oficiais e generais.

Quando Bóris entrou, o príncipe André, com esse ar especial de polida lassidão, em que se lia que, se o dever a isso o não obrigasse, aquela conversa não teria durado mais que um minuto, ouvia, piscando os olhos, algo desdenhoso, um velho general russo condecorado, que, quase em bicos de pés, rigidamente ereto, lhe fazia um relatório, com uma obsequiosa expressão marcial no rosto vermelho.

— Muito bem, queira ter a bondade de esperar um momento — dizia Bolkonski ao general com o sotaque francês que costumava pôr nas suas palavras russas quando queria falar desdenhosamente, e, ao ver Bóris, não prestou mais atenção ao militar, que lhe foi no encalço, pedindo-lhe que o escutasse ainda, e dirigiu-se para o jovem com um sorriso jovial e um amistoso aceno de cabeça.

Bóris compreendeu naquele momento o que, de resto, já presumia: que no exército, acima da disciplina e da subordinação inscritas nos códigos e ensinadas nos regimentos, coisa que ele tão bem conhecia, havia uma outra hierarquia mais sutil que obrigava aquele general de face rubicunda a aguardar respeitosamente e numa atitude militar que se dignassem ouvi-lo, desde que um príncipe André, simples capitão, a seu belo prazer, resolvesse conversar com o alferes Drubetskoi. E Bóris, mais do que nunca, a si próprio prometeu, de futuro, obedecer não aos regulamentos, mas às leis desta hierarquia não prevista. Dava-se conta naquele momento de que o mero fato de ter sido recomendado ao príncipe André o punha imediatamente mais alto do que um general, que noutras circunstâncias, nas fileiras, estaria em condições de o esmagar a ele, mero alferes da Guarda. O príncipe André aproximou-se e deu-lhe o braço.

— Lamento que me não tenha encontrado ontem. Passei o dia inteiro com os alemães. Fomos com Weirother verificar as disposições tomadas. Quando estes alemães resolvem ser miudinhos, nunca mais nos largam!

Bóris sorriu, como se fosse coisa que toda a gente soubesse isso a que o príncipe André se estava a referir. No entanto era a primeira vez que ouvia pronunciar quer o nome de Weirother, quer a palavra “disposições”.

— Com que então, meu amigo, continua a querer ser ajudante-de-campo? Tenho pensado muito em si desde que o vi a última vez.

— Quero; até pensei em dirigir uma petição ao general-chefe — respondeu Bóris, corando sem saber por quê. — Tenho uma carta do príncipe Kuraguine. Quero fazer este pedido — acrescentou, à guisa de desculpa — porque receio muito que a Guarda não venha a bater-se.

— Bem! Muito bem! Voltaremos a falar nisso — disse o príncipe André. — Deixe-me só resolver o caso deste senhor e estou inteiramente às suas

ordens.

Enquanto o príncipe ia comunicar ao comandante-chefe o assunto do general rubicundo, este, que, está claro, não compartilhava das ideias de Bóris acerca da hierarquia não prevista pelos regulamentos, fitava com tanta insistência o insolente alferes que o não deixara concluir a sua conversa com o ajudante-de-campo que este se sentiu incomodado. Voltando a cara, esperou, impaciente, o regresso do príncipe André.

— Bom, meu caro, foi isto o que eu pensei a seu respeito — disse o príncipe quando entraram no salão do cravo. — Não ganha nada em procurar o general-chefe. Vai-lhe dizer uma série de amabilidades, convidá-lo para jantar (“o que”, pensou Bóris, “já não seria mau no ponto de vista da tal hierarquia”), mas pouco mais adiantará. Não tarda que nós, ajudantes-de-campo e oficiais às ordens, formemos um verdadeiro batalhão. Por isso, aqui tem o que, em minha opinião, devemos fazer. Tenho um bom amigo, um general do estado-maior, aliás um homem encantador, o príncipe Dolgorukov; e embora você não saiba, com certeza, o certo é que nós, os do estado-maior, não temos influência alguma: agora está tudo concentrado nas mãos do imperador. Por isso, o melhor é irmos procurar Dolgorukov. Tenho precisamente necessidade de me encontrar com ele. Já lhe falei de si. Vamos a ver se ele arranja maneira de o instalar a seu lado ou em qualquer outro sítio mais perto do astro-rei.

O príncipe André, sempre que tinha de guiar um moço e ajudá-lo a abrir carreira, mostrava-se muito animado. Sob o pretexto de ajudar a outrem, auxílio que ele, por orgulho, não pedia para si próprio, alegrava-o aproximar-se do meio que garantiria o êxito. Chamou a si a causa de Bóris e com a melhor boa vontade acompanhou-o junto do príncipe Dolgorukov.

Já a tarde ia adiantada quando entraram no palácio de Olmütz ocupado pelos imperadores e seus familiares.

Nesse mesmo dia houvera um conselho em que tinham tomado parte os membros do Conselho Superior de Guerra e os dois imperadores. Decidira-se, contra o parecer dos velhos generais Kutuzov e príncipe Schwartzenberg, tomar imediatamente a ofensiva e travar uma batalha geral com Bonaparte. Acabava a sessão do Conselho de Guerra quando André, acompanhado de Bóris, entrava no palácio para falar ao príncipe Dolgorukov.

Todas as personalidades do quartel-general rejubilavam com a decisão tomada, a qual era a garantia da vitória do partido dos novos. A voz dos contemporizadores, que aconselhavam esperar-se para se tomar a ofensiva, fora abafada tão unanimemente, as objeções que levantavam haviam sido repelidas com provas tão incontestáveis das vantagens da ofensiva que a batalha futura de que se falara no Conselho, e que sem dúvida alguma terminaria por uma vitória,

já não parecia pertencer ao futuro, mas sim ao passado. Havia todas as vantagens: as enormes forças aliadas, incontestavelmente muito superiores às de Napoleão, estavam todas concentradas num mesmo ponto; as tropas estavam entusiasmadas com a presença dos imperadores e não queriam senão bater-se; a posição estratégica sobre a qual convinha atuar conhecia-a, nos seus mais pequenos pormenores, o general austríaco Weirother, que comandava os exércitos. Um feliz acaso permitira que no ano anterior as manobras do exército austríaco se tivessem desenrolado precisamente no terreno onde agora este tinha de se medir com os franceses. Havia cartas da região, a qual era conhecida nos seus mais pequenos pormenores, e Bonaparte, evidentemente enfraquecido, não tomaria qualquer iniciativa.

Dolgorukov, um dos partidários mais ardentes da ofensiva, acabava precisamente de sair do Conselho, fatigado, exausto, mas todo entusiasmado e orgulhoso com a vitória que obtivera. O príncipe André apresentou-lhe o seu protegido, mas Dolgorukov contentou-se em apertar-lhe polidamente a mão, sem nada mais dizer, e depois, não podendo calar os pensamentos que naquele momento o preocupavam, declarou em francês:

— Ah, meu caro! Que batalha acabamos de ganhar! Deus queira que a verdadeira batalha que aí vem finde tão vitoriosa. Devo reconhecer, no entanto, meu amigo — acrescentou, animado, e exprimindo-se aos sacões —, as minhas lacunas quando me comparo com os austríacos, e especialmente com Weirother. Que exatidão, que minúcia, que conhecimento do terreno, que previsão de todas as eventualidades, de todas as condições, dos mais pequenos pormenores! Sim, meu caro, é impossível imaginar condições mais favoráveis do que aquelas em que nos encontramos. Que poderíamos nós desejar mais que a aliança da pontualidade austríaca com a bravura russa?

— Então a ofensiva está definitivamente assente? — inquiriu Bolkonski.

— E sabe, meu caro, tenho a impressão de que Bonaparte perdeu decisivamente o seu latim. Pois não recebeu hoje mesmo o czar uma carta dele? — disse Dolgorukov, com um sorriso significativo.

— Que me diz? E que escreveu Bonaparte?

— Que havia ele de escrever? Patarati, patarata... Tudo apenas para ganhar tempo. É o que eu lhe digo, temo-lo nas mãos, é um fato! Mas o mais engraçado — prosseguiu, rindo com bonomia — é que ninguém sabia como escrever o endereço da resposta. Se não se lhe pode chamar cônsul, muito menos imperador, em minha opinião, devia ter-se escrito Buonaparte.

— No entanto, entre não o reconhecer como imperador e chamar-se-lhe general Buonaparte há a sua diferença — observou Bolkonski.

— É precisamente esse o ponto — voltou Dolgorukov rindo com volubilidade. — Conhece Bilibine? É um homem de muito espírito. Propôs que se endereçasse a carta assim: “Ao usurpador e ao inimigo do gênero humano.”

E Dolgorukov pôs-se a rir a bom rir.

— Nada mais? — observou Bolkonski.

— Foi ainda Bilibine quem encontrou uma fórmula séria. É um homem muito fino e muito inteligente.

— E qual?

— Ao chefe do governo francês — explicou Dolgorukov, retomando o ar sisudo. — Não acha que é perfeito?

— Acho, mas não lhe vai agradar nada — disse Bolkonski.

— Pelo contrário! Meu irmão conhece-o, jantou mais do que uma vez com ele, quer dizer, com o atual imperador, em Paris, e disse-me que nunca houve diplomata mais refinado e manhoso: sabe?, um misto da habilidade francesa e do cabotinismo italiano. Já ouviu as anedotas a propósito de Markov²⁴? Só o conde Markov chegou para ele. Já ouviu contar a história do lenço? É maravilhosa!

E o tagarela do Dolgorukov, dirigindo-se ora a Bóris ora ao príncipe André, contou que Bonaparte, querendo experimentar o embaixador russo Markov, deixara cair de propósito o lenço na sua presença e ficara à espera que Markov o apanhasse. Então este deixara cair também o seu lenço ao lado do de Bonaparte e, apanhando o seu, não tocara no do imperador.

— Encantador — disse Bolkonski. — Mas ouça cá, príncipe, vim procurá-lo para lhe pedir um favor para este jovem. Sabe...

O príncipe André não teve tempo de acabar: apresentou-se um ajudante que vinha convocar Dolgorukov para se apresentar ao imperador.

— Ah, que maçada! — exclamou Dolgorukov, levantando-se precipitadamente e apertando a mão ao príncipe André e a Bóris. — Fique certo de que terei muito prazer em fazer tudo que dependa de mim tanto por si como por este rapaz encantador. — Voltou a apertar a mão de Bóris, com um ar desprendido, cheio de bonomia e de animação. — Mas, como vê... Para a outra vez!

Bóris sentia-se impressionado por se encontrar naquele momento tão perto do poder supremo. Tinha a impressão de estar em contacto com as alavancas que acionavam todas aquelas enormes massas, de que ele, no seu regimento, não passava de uma mínima partícula obediente e insignificante. Seguiram atrás do príncipe Dolgorukov para o corredor e, saindo da porta do gabinete do imperador por onde desaparecera o seu companheiro, viram um homem de pequena estatura, à paisana, de aspecto inteligente, com uma cicatriz

no queixo, a qual, não o desfeando, lhe dava uma expressão de vivacidade e de astúcia. Este homenzinho acenou familiarmente a Dolgorukov e fitou atentamente e com frieza o príncipe André, com quem cruzou no caminho, esperando certamente que aquele o cumprimentasse ou se afastasse para o deixar passar. O príncipe André não fez nem uma nem outra coisa; teve uma expressão contrariada, e o outro, afastando-se, tomou por um dos lados do corredor.

— Quem é? — perguntou Bóris.

— É um homem dos mais notáveis, mas também dos mais desagradáveis que conheço. É o ministro dos Negócios Estrangeiros, o príncipe Adão Czartoriski. São estes indivíduos — disse Bolkonski, soltando um suspiro, que lhe fora impossível reprimir, no momento em que saíam do palácio -, são estes indivíduos que decidem do destino dos povos.

No dia seguinte as tropas puseram-se em marcha; não foi possível a Bóris, antes da batalha de Austerlitz, voltar a ver Bolkonski nem Dolgorukov, e ficou à espera no seu regimento, em Ismail.

Capítulo X

Na madrugada de 16, o esquadrão de Denissov, em que servia Nicolau Rostov, e que fazia parte do destacamento de Bagration, deixou o seu acampamento noturno para entrar em ação, segundo se dizia. Cerca de uma versta mais adiante, na esteira das outras colunas, encontrou-se na estrada real. Rostov tinha visto desfilar os cossacos, o primeiro e o segundo esquadrões de húsares, os batalhões de infantaria com a artilharia, depois vira passar os generais Bagration e Dolgorukov, seguidos de seus ajudantes-de-campo. O medo que, como da primeira vez, tinha sentido antes do combate, a luta interior com que procurava dominar esse medo, o desejo de cumprir o seu dever no meio da confusão, como um verdadeiro húsar, tudo desaparecera de repente. O seu esquadrão ficara de reserva e Rostov passara todo o santo dia triste e aborrecido. Às nove horas da manhã ouviu na sua frente fuzilaria e gritos de “Hurra!” e viu alguns poucos feridos que eram trazidos para a retaguarda, e no meio de uma centena de cossacos deparara-se-lhe finalmente um destacamento de cavalaria francesa. Os soldados e os oficiais, de regresso à retaguarda, falavam de uma brilhante vitória, da tomada de Wischau e de um esquadrão francês feito prisioneiro. O céu estava claro e soalheiro depois da geada que caíra durante a noite, e o alegre esplendor daquele dia de outono harmonizava-se com a notícia de uma vitória, proclamada não só pelo relato dos que nela haviam tomado parte, mas também pela alegria que se pintava na cara dos soldados, dos oficiais, dos generais, dos ajudantes-de-campo que passavam, para cá e para lá diante de Rostov.

Nicolau parecia, contudo, tanto mais triste quanto era certo ter sentido inutilmente a angústia de quem vai para o combate, pois o dia lhe decorrera em inação.

— Anda dai, Rostov, vamos beber qualquer coisa para esqueceres a tua tristeza! — gritou-lhe Denissov, sentado na berma da estrada, diante de um cantil e de algumas vitualhas.

Em volta de Denissov havia um magote de oficiais que comiam e bebiam falando.

— Olha, lá trazem outro! — exclamou um deles, apontando para um dragão francês prisioneiro que era conduzido, a pé, por dois cossacos. Um deles levava pelo bridão um belo e corpulento cavalo tomado ao prisioneiro.

— Vende-me esse cavalo — disse Denissov para o cossaco.

— Se o fidalgo o quiser...

Os oficiais levantaram-se e vieram fazer roda em volta dos cossacos e do francês. O dragão francês era um rapazola, um alsaciano, que falava com sotaque alemão. A emoção embargava-lhe a voz, tinha as faces muito vermelhas,

e, ao ouvir falar francês, pôs-se a tagarelar com os oficiais, ora com um, ora com outro. Dizia que nunca se teria deixado aprisionar, que a culpa não fora dele, mas do cabo, que o havia mandado apanhar as gualdrapas dos cavalos, embora ele o tivesse avisado de que os russos já ali estavam. E ia repetindo a cada momento: “mas não façam mal ao meu cavalinho”, enquanto lhe passava a mão pelo lombo. Via-se que não compreendia lá muito bem onde se encontrava. Ora pedia desculpa de se ter deixado aprisionar, ora, julgando encontrar-se perante os superiores, se vangloriava da exatidão e da pontualidade com que cumpria os seus deveres. Com ele chegava até à retaguarda russa em toda a sua frescura a atmosfera do exército francês, então completamente estranha aos russos. Os cossacos venderam o cavalo a troco de dois ducados, e Rostov, que tinha recebido dinheiro fresco e era o mais abonado, foi quem fez a transação.

— Mas que não façam mal ao meu cavalinho! — repetia o alsaciano, dirigindo-se a Rostov, com um ar bonacheirão, quando lhe entregaram o cavalo.

Rostov, sorrindo, tranquilizou o dragão e deu-lhe algum dinheiro.

— É andar! É andar! — exclamou o cossaco, pegando no braço do prisioneiro para o obrigar a caminhar.

— O imperador! O imperador! — gritaram de repente.

Toda a gente se pôs a correr, e Rostov, voltando-se, viu, avançando pela estrada, um grupo de cavaleiros que se aproximava, os penachos brancos ao vento. Num abrir e fechar de olhos, cada um retomara o seu lugar nas fileiras e esperava.

Rostov não compreendia como tinha podido retomar tão depressa o seu lugar e montar a cavalo. De súbito, desvanecera-se-lhe o desgosto de não ter tomado parte no combate e o mau humor de se ver no meio dos homens de todos os dias; de chofre, tudo que nele era sentimento pessoal desaparecera. Não pensava senão na alegria de ir ver de perto o imperador. Sentia que a presença dele só por si o compensaria bem do dia que perdera. Tomava-o uma felicidade idêntica à do apaixonado que por muito tempo esperou a mulher amada. Sem se atrever a voltar-se nas fileiras, e sem que realmente se voltasse, sentia, cheio de júbilo, a aproximação do czar. E o certo é que não era só o tropear dos cavalos que lhe anunciava a próxima vinda do imperador, mas uma como que claridade, um ar de alegria, uma espécie de atmosfera de festa espalhada por todos os lados. À medida que o imperador se acercava, era como se, a seus olhos, um sol fosse irradiando uma luz suave e magnífica, e eis que se sentia como que envolto nos seus raios de luz, que ouvia a sua voz, a sua voz cariciosa, calma, majestosa, e ao mesmo tempo tão simples. Como, de resto, já o esperava, fez-se um silêncio de morte e no meio desse silêncio ouviu-se a voz do imperador.

— Os húsares de Pavlogrado? — perguntou o czar.

— A reserva, Sire! — respondeu uma voz, num tom tão humano quanto o tom da outra se lhe afigurara sobre-humano.

Ao chegar à altura em que se encontrava Rostov fez alto. Os seus traços fisionômicos ainda eram mais belos que três dias antes, por ocasião da parada. Tamanhas eram a alegria e a juventude, tamanha a inocente mocidade que se lhe espelhavam no rosto que dir-se-ia ter a petulância de uma criança de catorze anos sem deixar de ser um soberano majestoso. Percorrendo distraidamente com a vista o esquadrão encontrou os olhos de Rostov e deteve-se, fitando-o alguns segundos. Teria surpreendido o que se estava a passar na alma de Rostov? (Rostov estava persuadido de que ele compreendia tudo.) O certo é que o fitou por instantes com seus olhos azuis, donde escorria uma luz suave e enternecida. Depois, repentinamente, soergueu as sobrancelhas, cravou bruscamente no cavalo a espora do pé esquerdo e despediu a galope.

O jovem imperador não tinha querido deixar de assistir à batalha, e, contra os conselhos dos cortesãos, ao meio-dia separara-se da terceira coluna, atrás da qual seguia, para se dirigir à primeira linha.

Ainda não chegara ao pé dos húsares e já alguns ajudantes-de-campo lhe anunciavam o venturoso resultado da ação.

Este combate, de que resultou apenas o aprisionamento de um destacamento francês, foi considerado uma grande vitória; por isso o imperador e todo o exército, sobretudo no momento em que o fumo da batalha ainda se não dissipara, julgaram os franceses vencidos e a recuar. Alguns minutos após a passagem do imperador, a divisão do regimento de Pavlogrado recebeu ordem de avançar. Foi em Wischau, nessa pequena cidade alemã, que Rostov pôde ver ainda uma vez mais o imperador. No meio da praça da cidade, onde houvera antes fuzilaria assaz violenta, viam-se prostrados mortos e feridos que ainda não tinha havido tempo de retirar. O imperador, cercado por uma comitiva de civis e militares, montava numa égua alazã inglesa, não já a mesma do dia da parada: inclinado de lado, e empunhando, com graciosidade, o lorgnon de ouro, olhava para um soldado, com a cabeça ensanguentada e sem barretina, estendido a seus pés, com a cara contra o solo. O soldado ferido estava tão sujo, tão grosseiro, tão sebento, que Rostov se afligiu de vê-lo tão perto do imperador. Viu os ombros possantes do czar percorridos por uma espécie de tremura febril, notou a perna esquerda esporear nervosamente a montada, e esta já habituada, parecer indiferente e ficar imóvel. Um ajudante-de-campo desmontou, pegou no soldado pelos ombros e pôs-se a ajeitá-lo numa maca que nesse momento apareceu. O ferido soltou um gemido.

— Cuidado, cuidado, não se pode ter mais cuidado? — recomendou o imperador, que parecia sofrer ainda mais do que o soldado moribundo, e

prosseguiu o seu caminho.

Rostov viu os olhos do imperador cheios de lágrimas, e ouviu-o dizer para Czartoriski, enquanto se afastava:

— Que terrível coisa, a guerra! Que coisa terrível!

As tropas da vanguarda haviam-se estabelecido adiante de Wischau, à vista da linha do inimigo, que durante todo o dia cedera terreno à mais ligeira fuzilaria. O imperador testemunhou o seu reconhecimento à vanguarda das tropas, prometeram-se recompensas e os homens receberam dupla ração de vodka. Ainda mais alegres que na noite anterior, crepitavam as fogueiras dos acampamentos e os soldados cantavam. Denissov nessa noite festejou a sua promoção a major, e Rostov, bem bebido, propôs, no fim do repasto, uma saúde ao imperador, mas “não”, insistiu ele, “não à saúde de Sua Majestade o Czar, como se diz nos banquetes oficiais, mas à saúde do imperador, que é um homem bom, encantador e grande: bebamos à sua saúde e à vitória sobre os franceses!”

— Se nós nos batemos sempre bem até aqui — disse ele e se não deixamos passar os franceses em Schöngraben, o que não seremos capazes de fazer agora, que o temos a comandar-nos? Estamos todos prontos, todos, a morrer por ele alegremente. Não é verdade, meus senhores? Talvez não esteja a falar tão bem como seria necessário, pois já lhe bebi um bocado: mas a verdade é que estes são os meus sentimentos e os vossos também. À saúde de Alexandre I! Hurra!

— Hurra! — repetiram, em eco, as vozes entusiastas dos oficiais.

E o certo é que o velho capitão Kirsten pôs no seu hurra tanto ou mais entusiasmo e não menor sinceridade que o jovem Rostov, oficial de vinte anos.

Quando os oficiais acabaram de beber e partiram os copos, Kirsten encheu outros, e, em mangas de camisa e calção de montar, avançou de copo na mão e aproximou-se do acampamento dos soldados; numa atitude majestosa e grandes gestos deteve-se, iluminado pela fogueira, que lhe incendiava os grandes bigodes grisalhos e a brancura do peito, visível através da camisa entreaberta.

— Rapazes, à saúde do czar, pela vitória sobre os nossos inimigos, hurra! — gritou na sua voz grave e máscula de velho húsar.

Os húsares formaram grupos e responderam, como uma só voz, soltando ruidosas aclamações.

Já tarde, pela noite dentro, quando, por fim, se separaram. Denissov bateu no ombro de Rostov, seu favorito, com a sua pequena mão.

— Com que então, na guerra, como não há ninguém para a gente gostar cá bem de dentro, toca uma pessoa a enamorar-se do czar — disse ele.

— Denissov, deixa-te de brincar com coisas sérias — gritou Rostov — é um sentimento muito elevado, muito belo...

— Bem sei, bem sei, meu amigo; e eu compartilho dele, sou o primeiro a aprová-lo...

— Não, tu não compreendes!

E Rostov, erguendo-se, pôs-se a deambular pelo meio do acampamento e a sonhar com a felicidade que seria para ele morrer, não para lhe salvar a vida a ele, coisa em que nem sequer ousava pensar, mas simplesmente morrer diante do imperador. Realmente, era um fato: estava apaixonado pelo seu czar e pela glória dos exércitos russos, e todo ele era esperança num triunfo próximo. E o certo é que nem só Rostov experimentava tais sentimentos nos memoráveis dias que precederam a batalha de Austerlitz: noventa mil homens estavam igualmente apaixonados, embora não no mesmo grau, pelo czar e pela glória dos exércitos russos.

Capítulo XI

No dia seguinte o imperador dormiu em Wischau. O seu médico às ordens, Villiers, foi chamado várias vezes. No quartel-general e nos círculos afetos espalhou-se a notícia de que o soberano tivera uma indisposição. Nada comeria e dormia mal de noite, segundo diziam os íntimos. A causa era a violenta impressão que lhe produzira na alma sensível a vista dos feridos e dos mortos.

No dia 17, de madrugada, um oficial francês, protegido por uma bandeira branca, foi conduzido a Wischau, às guardas avançadas, e pediu audiência ao imperador russo. Este oficial era Savary. O czar acabava de adormecer; Savary viu-se obrigado a esperar. Ao meio-dia era recebido pelo imperador, e uma hora depois regressava às guardas avançadas francesas acompanhado pelo príncipe Dolgorukov.

O objetivo desta missão, segundo corria, era a proposta para uma entrevista do imperador Alexandre com Napoleão. A entrevista pessoal fora recusada, com grande alegria e grande orgulho de todo o exército, e o príncipe Dolgorukov, o vencedor de Wischau, foi enviado com Savary para entrar em contacto com Napoleão, na hipótese de a entrevista solicitada, contra a geral expectativa, ter, realmente, a paz por objetivo.

A noitinha estava Dolgorukov de regresso, e, tendo-se dirigido imediatamente para junto do imperador, ficou muito tempo a sós com o czar.

Nos dias 18 e 19 de novembro, as tropas avançaram ainda duas etapas, e as guardas avançadas inimigas, depois de uma ligeira escaramuça, retiraram-se. A partir da tarde do dia 19 houve um importante movimento para cá e para lá nas altas esferas do comando, que se prolongou até à manhã do dia seguinte, 20, jornada da memorável batalha de Austerlitz.

Antes da tarde de 19, a inusitada agitação, as conversas animadas, as deslocações, as missões dos ajudantes-de-campo, limitaram-se apenas ao quartel-general dos imperadores; mas depois este movimento estendeu-se igualmente ao quartel-general de Kutuzov e aos estados-maiores dos comandantes de coluna. Para a tarde, graças às ordenanças, uma verdadeira agitação percorreu todos os corpos do exército; na noite de 19 para 20, nos acampamentos ouvia-se um murmúrio de vozes, notava-se uma agitação geral e aquela massa de oitenta mil homens pôs-se em marcha, numa enorme cortina de nove verstas.

O movimento que de manhã se concentrara no quartel-general dos imperadores e que impulsionara tudo o mais fazia lembrar o da roda motriz de qualquer relógio monumental. Lentamente uma das rodas põe-se em movimento, depois outra, e uma terceira começa a girar, e cada vez mais depressa entram em movimento engrenagens, eixos e roldanas; retinem as campainhas, as figurinhas

desfilam e os ponteiros principiam a mover-se regularmente: este o resultado final.

Tal qual o mecanismo de um relógio, a máquina militar tem de ir até ao fim desde que se verifique o primeiro movimento e também se conserva imóvel até ao momento em que o impulso inicial atinge as engrenagens até aí insensíveis. As rodas rangem nos eixos, as charneiras encadeiam-se, os carretes, graças à rapidez da rotação, gemem, enquanto a roda vizinha se mostra tão tranquila, tão imóvel como se essa imobilidade fosse para durar centenas de anos. O momento chega, porém: um dente apanhou-a, e, obediente ao resto, range, rodando, fundindo-se na ação geral cujo resultado e cuja finalidade se lhe mantêm desconhecidos.

Da mesma maneira que no relógio o movimento distribuído por inúmeras e diferentes engrenagens e roldanas entra numa lenta deslocação, assim as múltiplas evoluções daqueles cento e sessenta mil russos e franceses, o amálgama de todas aquelas paixões, de todos aqueles desejos, de todos aqueles pesares, de todas aquelas humilhações, de todas aquelas dores, de todos aqueles acessos de orgulho, de medo, de entusiasmo, não vieram a ter por resultado senão o desastre de Austerlitz, aquela batalha que passou à história como a dos três imperadores, quer dizer, uma deslocação insensível da agulha da história universal no quadrante da história da humanidade.

O príncipe André, nesse dia, estava de serviço, e manteve-se constantemente junto do general-chefe.

Às seis horas da tarde chegou Kutuzov ao quartel-general dos imperadores e, depois de estar algum tempo com Alexandre, dirigiu-se para junto do grande marechal da corte, o conde Tolstói.

Bolkonski aproveitou esse momento para colher pormenores dos acontecimentos junto de Dolgorukov. Percebia Kutuzov distraído e descontente e sentia que no quartel-general também estavam descontentes com ele, que toda a gente aí tinha tomado para com Kutuzov o tom das pessoas que sabem o que os outros ignoram. Por isso muito desejava falar com Dolgorukov.

— Oh, boa tarde, meu caro — disse-lhe Dolgorukov, que tomava chá com Bilibine. — Então a festa é para amanhã! Como vai o seu velhote? Não está lá muito bem disposto, não é verdade?

— Não direi que não esteja bem disposto, mas acho que gostaria que lhe prestassem atenção.

— Mas prestaram-lhe atenção no conselho de guerra e toda a gente está pronta a ouvi-lo quando falar com bom senso; mas demorarmo-nos e esperar, agora que o Bonaparte mais do que nunca receia uma batalha geral, não é possível.

— Falou-lhe? — inquiriu o príncipe André. — E então? Que impressão lhe fez Bonaparte?

— Falei-lhe e fiquei convencido de que não há nada que ele mais tema no mundo que uma batalha geral — repetiu Dolgorukov, frisando sobretudo esta conclusão, súmula da sua entrevista com Bonaparte. — Se ele não temesse a batalha, por que iria pedir esta entrevista, por que recorreria aos seus parlamentares, e sobretudo por que recuaria quando o recuo é a coisa mais contrária aos seus métodos de guerra? Pode crer: ele receia uma batalha geral. Chegou a sua hora, sou eu quem lho diz.

— Mas conte-me, como é ele? — perguntou de novo o príncipe André.

— É um cavalheiro de casação cinzento, que se pela por ouvir-se chamar de “Vossa Majestade”, mas eu é que lhe não dei título algum, com grande desapontamento seu. Eis o homem, e é tudo — redarguiu Dolgorukov, trocando um sorriso com Bilibine — Apesar do meu profundo respeito pelo velho Kutuzov — Prosseguiu -, seríamos anjinhos se continuássemos à espera e lhe déssemos oportunidade de se nos escapar e de nos enganar, quando é certo que neste momento nos está nas mãos. Não, não devemos esquecer Stivorov e os seus princípios: nunca nos colocarmos na posição de atacados, mas de atacantes. Pode crer, na guerra, a energia dos jovens é muito mais uma garantia do verdadeiro êxito do que a experiência dos velhos cunctators.

— Mas em que situação é que vamos atacar? Fui hoje aos postos avançados e verifiquei não ser possível saber exatamente onde estão as forças principais do inimigo — observou o príncipe André.

O seu propósito era comunicar a Dolgorukov o plano de ataque que ele próprio congeminara.

— Ah! Tudo isso não tem a mais pequena importância — apressou-se a dizer Dolgorukov, levantando-se e abrindo um mapa em cima da mesa. — Todas as hipóteses estão previstas: se ele estiver em Brünn...

E o príncipe Dolgorukov, fluente e pouco claro, expôs o movimento de flanco previsto por Weirother.

O príncipe André levantou as suas objeções e expôs o seu plano, que podia ser tão bom como o de Weirother, mas que tinha apenas uma desvantagem: a de o outro já estar adotado. Desde o momento em que o príncipe se pusera a mostrar as vantagens do seu plano e os inconvenientes do segundo, Dolgorukov deixou de o ouvir e não voltou a olhar para o mapa senão distraidamente. Por fim, fitando nos olhos o interlocutor, observou:

— Bom! Há hoje conselho de guerra no quartel-general de Kutuzov. Pode expor aí o seu plano.

— E é isso mesmo que eu vou fazer — disse o príncipe André, deixando o mapa.

— Mas o que vos preocupa, meus senhores? — interveio Bilibine, que até então estivera a ouvir, em silêncio, e naquele momento se preparava para fazer um gracejo. — Quer seja um desastre ou uma vitória o que amanhã nos espera, a glória dos exércitos russos está garantida. A não ser o seu Kutuzov, nem um só general é russo. Os chefes, aqui os têm: Herr general Wimpfen, o conde de Langeron, o príncipe de Lichtenstein, o príncipe de Hohenlohe, e por fim Trsch. Prsch... e assim por diante, como todos os nomes polacos...

— Cale-se, língua danada! — exclamou Dolgorukov. — De resto, é falso; agora, pelo menos, há dois russos: Miloradovitch e Dokturov e ainda podíamos mencionar um terceiro, o conde Araktcheev, se não fossem os seus fracos nervos.

— Creio que Mikail Ilarionovitch está de volta — disse o príncipe André. — Que a sorte vos seja propícia, meus senhores. — E saiu, depois de apertar a mão a Dolgorukov e a Bilibine.

Uma vez junto de Kutuzov não resistiu a perguntar ao general, que estava sentado sem dizer palavra, qual a sua opinião sobre a batalha do dia seguinte.

Kutuzov olhou severamente o seu ajudante-de-campo, e após um silêncio respondeu:

— Penso que perderemos a batalha, e foi isso que eu disse ao conde Tolstói, pedindo-lhe que transmitisse a minha opinião ao imperador. Queres saber o que ele me respondeu? “Ora, meu caro general, eu trato do arroz e das costeletas, ocupe-se o senhor das coisas da guerra.” Sim... foi isto que me responderam!

Capítulo XII

Às dez horas da noite Weirother chegou com os seus planos à residência de Kutuzov, onde tinha ficado assente que se realizaria o conselho de guerra. Todos os generais comandantes de coluna haviam sido convocados para comparecer perante o general-chefe, e à exceção de Bagration, que se recusara a fazê-lo, todos se apresentaram à hora marcada.

Weirother, que fora o exclusivo organizador da futura batalha, na sua animação e agitação, apresentava o mais completo contraste com Kutuzov, nada satisfeito e cheio de sono, pois fora forçado, contra sua vontade, a desempenhar o papel de presidente e diretor do conselho de guerra. Weirother sentia-se, evidentemente, à cabeça de um movimento que se tornava irresistível. Parecia um cavalo atrelado a uma carroça que desliza por uma ladeira abaixo. Se era ele quem puxava o veículo ou se o veículo o arrastava, eis o que ele ignorava; mas o certo é que lá ia em marcha acelerada, sem ter possibilidade de reparar no terreno para onde era arrastado. Nessa noite, por duas vezes, fora inspecionar a linha inimiga, e por duas vezes apresentara o seu relatório aos dois imperadores, o russo e o austríaco, e lhes dera esclarecimentos, indo igualmente ao seu gabinete para ditar o seu dispositivo em alemão. Chegava agora, extenuado, ao quartel-general de Kutuzov.

Tão preocupado estava, evidentemente, que se esquecia até de ser respeitoso para com o general-chefe: interrompia-o, falava-lhe bruscamente, com pouca clareza, sem encarar com o interlocutor, sem responder às perguntas que lhe fazia; estava coberto de lama e tinha um ar lamentável, moído, hirsuto, embora, no entanto, estivesse cheio de segurança e de orgulho.

Kutuzov estava instalado num pequeno castelo dos arredores de Austerlitz. No grande salão que lhe servia de gabinete encontravam-se reunidos Kutuzov, Weirother e os membros do conselho de guerra. Tomavam chá. Aguardavam apenas a chegada de Bagration para darem começo aos trabalhos. Às oito horas chegou um oficial de ordenanças de Bagration a anunciar que o príncipe não podia assistir ao conselho. O príncipe André é que fora encarregado desta missão, e, aproveitando a autorização que Kutuzov antecipadamente lhe dera, ficou na sala.

— Uma vez que o príncipe Bagration não vem, podemos começar — disse Weirother, levantando-se apressadamente e aproximando-se da mesa onde estava, estendido, um imenso mapa dos arredores de Brünn.

Kutuzov, com o uniforme desabotoado, com o grosso e adiposo pescoço descoberto, sentara-se numa poltrona baixa, as duas mãos, rechonchudas, de velho, pousadas simetricamente de cada lado: dormitava. Ao ruído da voz de Weirother entreabriu com esforço o olho que lhe restava.

— Pois sim. Pois sim, façam favor, começa a ser tarde — disse ele; meneou a cabeça, depois deixou-a descair e fechou os olhos.

Se no primeiro momento os membros do conselho puderam pensar que Kutuzov fingia dormir, não há dúvida de que o ruído ribombante que lhe prorrompia do nariz quando se procedeu à leitura imediata claramente veio demonstrar que naquele instante o preocupava qualquer coisa muito mais importante que exprimir a sua opinião favorável ou desfavorável sobre o dispositivo ou assunto quejando, pois o certo era que se tratava, para ele, de satisfazer uma necessidade imperiosa: a do sono. Efetivamente. Kutuzov dormia. Weirother, com um movimento de impaciência de alguém demasiado ocupado para se dar ao trabalho de perder um minuto que fosse, lançou um olhar ao general-chefe, e, convencido de que efetivamente ele dormia, pegou num papel, e em voz alta e num tom monótono pôs-se a ler o dispositivo da futura batalha, sem esquecer o título, que também leu:

Dispositivo para o ataque à posição inimiga na retaguarda de Kobelnitz e de Sokolnitz no dia 20 de novembro de 1805.

Este dispositivo era assaz complicado e difícil de compreender. O original rezava assim:

*Como o inimigo se apoia, na sua ala esquerda, em colinas cobertas de matagal e na ala direita se estende ao longo de Kobelnitz e de Sokolnitz por detrás dos pântanos que existem aí, e nós, pelo contrário, pela nossa ala esquerda ultrapassamos largamente a sua direita, é de toda a vantagem para nós atacarmos esta ala inimiga, principalmente se ocuparmos as povoações de Sokolnitz e de Kobelnitz, o que nos dará a possibilidade de cair sobre o flanco inimigo e de o perseguir na planície entre Schlapanitz e a floresta de Thurass, evitando, ao mesmo tempo, os desfiladeiros entre Schlapanitz e Bellowitz, que protegem a frente inimiga. Para alcançar este objetivo é necessário... A primeira coluna marcha... a segunda coluna marcha... etc.*²⁵

Os generais não pareciam ouvir com grande prazer este dispositivo complicado. O general Boekshevden, um louro, grandalhão, estava de pé, de costas contra a parede, os olhos fitos nas velas acesas; não só parecia não ouvir, mas até não querer que se pudesse pensar que ouvia. Mesmo diante de Weirother, com os seus olhos brilhantes muito abertos voltados para ele, numa pose marcial, as mãos nos joelhos, com os cotovelos para fora, sentava-se Miloradovitch,

rosado, de bigodes retorcidos, ombros largos. Calava-se obstinadamente, os olhos fitos em Weirother, e não baixou a vista senão quando o chefe do estado-maior austríaco acabou a leitura. Então, virou os olhos significativamente para os outros generais. Mas este olhar significativo não deixava perceber se ele estava de acordo ou não, se aprovava ou reprovava o dispositivo. O general mais próximo de Weirother era o conde de Langeron: com o seu fino sorriso de meridional francês, presente durante toda a leitura, contemplava os seus afilados dedos, fazendo girar entre eles rapidamente uma caixa de rapé de ouro guarnecida de miniaturas. No meio de um dos períodos mais longos, suspendeu a rotação da caixa de rapé, levantou a cabeça, e com uma fria polidez, com a ponta dos delgados dedos procurou interromper Weirother, querendo dizer fosse o que fosse; mas o general austríaco, sem deixar de ler, franziu o sobrolho, colérico, e fez com o braço um gesto que queria dizer: “Depois, depois dirá da sua justiça, mas por agora queira seguir pelo mapa e escutar.” Langeron ergueu os olhos ao alto, numa expressão de espanto, lançou um olhar a Miloradovitch como que a pedir-lhe explicações e, ao deparar-se-lhe nada mais que uma expressão que nada significava, baixou os olhos com tristeza, voltando a fazer girar a caixa de rapé entre os dedos.

“Uma lição de geografia”, disse ele com os seus botões, mas suficientemente alto para ser ouvido.

Przebyszewski, com respeitosa mas digna, cortesia, voltou para Weirother a concha da orelha, como a dar-se ares de ser todo ouvidos. O pequeno Dokturov, sentado precisamente diante de Weirother, concentrado e modesto e de braços sobre o mapa, estudava conscienciosamente o dispositivo e o terreno que não conhecia. Várias vezes pediu a Weirother que repetisse passos difíceis que ouvira mal e nomes difíceis de algumas povoações. Weirother aquiescia e Dokturov tomava notas.

Quando a leitura, que durou quase uma hora, chegou ao fim. Langeron, detendo o movimento da caixa de rapé, e sem olhar para Weirother nem para ninguém em particular, pôs-se a explicar quão difícil seria executar semelhante dispositivo em que a situação do inimigo se pressupunha conhecida, quando era certo que talvez o não fosse de maneira alguma, visto estar em movimento. Estas objeções, posto fundamentadas, era evidente terem por principal objetivo fazer sentir a Weirother, que lera os seus papéis com tanta segurança que dir-se-ia dirigir-se a colegiais, que não estava perante imbecis, mas de pessoas que muito lhe poderiam ensinar do ponto de vista militar. Quando a voz monótona de Weirother se calou, Kutuzov abriu o olho, como um moleiro que desperta em sobressalto ao deixar de ouvir o ruído sonolento das rodas do moinho, prestou atenção às palavras de Langeron e, como quem diz: “Ah, os

senhores ainda estão à volta dessas tolices!”, deu-se pressa em cerrar de novo a pálpebra. A cabeça descaiu-lhe mais ainda sobre o peito.

Procurando ferir Weirother o mais vivamente possível na sua vaidade de autor, Langeron mostrava que Napoleão podia muito bem atacar em vez de ser atacado, o que tornaria o dispositivo completamente inútil. Weirother replicava a todas as críticas com um sorriso desdenhoso, de plena segurança, preparado, evidentemente, de antemão para responder a tudo, fossem quais fossem as objeções que lhe fizessem.

— Se ele nos pudesse atacar já o tinha feito — lançou ele.

— Imagina-o, talvez, impotente... — redarguiu Langeron.

— Se tiver quarenta mil homens, já é muito — replicou Weirother, sorrindo, como o médico a quem uma pobre mulher recomenda uma tisana.

— Nesse caso é como se se condenasse a si próprio, se espera o nosso ataque — observou Langeron com um sutil sorriso de ironia, procurando de novo o olhar de aprovação da parte de Miloradovitch.

Mas este, claro está, de momento estava longe de se ocupar do assunto que dividia as opiniões dos generais.

— Palavra — disse ele. — Amanhã tudo isso se verá no campo de batalha.

Weirother teve de novo um sorriso que queria dizer parecer-lhe ridículo e estranho encontrar objeções junto dos generais russos e dar provas de coisas de que não só ele estava absolutamente convencido, mas de que se haviam persuadido, inclusivamente, os próprios imperadores.

— O inimigo apagou as fogueiras e no seu acampamento ouve-se um ruído ininterrupto — tornou ele — Que quer isto dizer? Afastar-se-á, a única coisa que nós devemos recear, ou altera as suas posições? — Isto fê-lo sorrir. — Mas ainda mesmo que viesse a ocupar a posição de Thurass, com isso apenas nos evitava grandes maçadas, e todas as disposições tomadas, nos seus mais pequenos pormenores, continuariam as mesmas.

— Como assim? — perguntou o príncipe André, que de há muito esperava a oportunidade de expandir as suas dúvidas.

Kutuzov despertou, tossicou e olhou os generais.

— Meus senhores, o dispositivo de amanhã, quer dizer, de hoje, visto ser quase uma hora, não se pode modificar — disse ele. — Já o ouviram ler e todos nós cumprimos o nosso dever. E antes da batalha nada é mais importante (hesitou um momento) que dormir bem.

Fez menção de se levantar. Os generais, com uma vênia, afastaram-se. Era já bastante mais da meia-noite. O príncipe André saiu.

O conselho de guerra em que o príncipe André não pudera exprimir a sua opinião, conforme seu desejo, deixou-lhe uma impressão confusa e nublada. Quem teria razão? Dolgorukov e Weirother, ou Kutuzov, Langeron e os outros, que não aprovavam o plano de ataque? Eis o que ele ignorava. Mas teria sido, de fato, impossível a Kutuzov comunicar diretamente a sua opinião ao imperador? Não poderiam as coisas vir a passar-se de outra maneira? “Será legítimo, para dar satisfação às ideias particulares de simples cortesãos, arriscar a vida de dezenas de milhares de homens, e a minha também?”, pensava de si para consigo.

“Sim, pode muito bem acontecer que me matem amanhã”, prosseguiu. E subitamente, ao pensar na morte, toda uma cadeia de reminiscências as mais longínquas, as mais íntimas, lhe invadiu a imaginação. Lembrou-se do seu último adeus ao pai e à esposa; lembrou-se dos seus primeiros tempos de namoro com Lisa! Lembrou-se da gravidez da mulher e uma grande piedade por ela e por ele próprio o invadiu, e num estado de tensão nervosa e intensa emoção saiu da cabana que partilhava com Nesvitski e pôs-se a andar de um lado para o outro diante da porta.

A noite estava enevoadada, e através da bruma filtrava-se, misteriosamente, um raio da lua. “Sim, amanhã, amanhã!”, disse para si mesmo... “Amanhã talvez tudo tenha acabado para mim; de todas estas recordações nada restará, todas estas recordações deixarão de ter para mim o mais pequeno sentido. Amanhã, talvez, com certeza amanhã, é que eu prevejo que pela primeira vez me será dado, por fim, mostrar de quanto sou capaz. — E por diante dos seus olhos perpassava a batalha, o seu resultado desastroso, a concentração do combate num único ponto e o embaraço de todos os seus superiores. E eis que surgia o minuto que o destino lhe reservava, esse seu Toulon há tanto esperado, e que por fim se lhe propiciava. Ei-lo que diz, firme e claramente, tudo quanto pensa a Kutuzov, a Weirother e aos imperadores. A precisão dos seus planos impressiona-os a todos, mas ninguém assume a responsabilidade de os pôr em prática, e ei-lo que toma o comando de um regimento, de uma divisão, que impõe como condições ninguém intervir nas suas disposições: e leva a divisão até ao ponto critico e é ele sozinho quem consegue a vitória. “E a morte e a agonia?”, diz uma outra voz. Mas nada responde a esta voz, e os seus triunfos continuam. É ele, só ele, quem estabelece o dispositivo da futura batalha. Mero oficial às ordens de Kutuzov, é ele e só ele quem tudo faz. A batalha que se segue ele a ganha. Kutuzov é transferido e é ele norteado para o seu posto... “E depois?”, segreda-lhe ainda a segunda voz, “e depois, se tu não tiveres sido antes dez vezes ferido, morto ou traído; e depois?” “E então depois?!”, replica André. “Ignoro o que acontecerá depois, não quero nem posso sabê-lo; mas se é isto que eu desejo, se quero o glória, se quero ser célebre entre os homens, se quero vir a ser um ídolo, que culpa realmente tenho

eu de querer que as coisas sejam assim, de não querer senão isto, de não viver senão para isto? Sim, só para isto! Nunca o direi a ninguém, mas, meu Deus, que hei de eu fazer se a única coisa a que realmente aspiro é a glória e a idolatria dos homens! A morte, os ferimentos, a perda da minha família, nada me mete medo. Por mais queridas que me sejam todas estas pessoas, meu pai, minha irmã, minha mulher, e outros, outros mais, por mais que os estime, e ainda que isso possa parecer terrível e contra a natureza, a todos estou pronto a sacrificar por um minuto de glória, por um instante de triunfo, pelo amor que inspirarei a pessoas que não conheço e a quem nunca conhecerei, pelo amor, precisamente, dessas mesmas pessoas.” E em tudo isto pensava enquanto ia ouvindo um ruído de vozes no pátio do alojamento de Kutuzov. Era a conversa dos impedidos que se deitavam. Um deles, provavelmente um cocheiro, para arreliar o velho cozinheiro de Kutuzov, que o príncipe André conhecia muito bem e se chamava Tito, dizia:

— Tito, eh, Tito!

— O que aconteceu? — inquiria o velho.

— Tito, vai malhar o teu trigo²⁶ — dizia o gracioso.

— O diabo te leve! — gritava a outra voz, logo abafada pela risota dos alegres camaradas.

“E apesar de tudo só uma coisa me interessa, só uma coisa me absorve: o desejo de triunfar sobre todos; só me interessa esta força misteriosa, esta glória que eu sinto pairar aqui por cima de mim, no meio desta neblina!”

Capítulo XIII

Rostov, nessa noite, encontrava-se com o seu pelotão na linha dos flaqueadores na vanguarda do destacamento de Bagration. Os húsares estavam divididos dois a dois, formando a primeira linha; ele próprio a percorria a cavalo, procurando dominar o sono que o prostrava. Na retaguarda descobria-se uma vasta área ocupada pelos acampamentos noturnos do exército russo, visão confusa no meio do nevoeiro; na vanguarda, completa opacidade. Por mais que Rostov procurasse ver para além dessa distante neblina, nada podia distinguir: ora era qualquer coisa cinzenta, ora qualquer coisa vagamente negra; por vezes dir-se-ia ver fogueiras no local onde devia encontrar-se o inimigo; outras acreditava não passarem de clarões que lhe perpassavam pela vista. Fechava os olhos e a imaginação representava-lhe ora o czar, ora Denissov, ora recordações de Moscou, e logo procurava reabri-los, para ver ali mesmo, diante de si, mesmo contra si, a cabeça e as orelhas do cavalo que montava, outras vezes negras silhuetas de húsares quando passava a pouca distância deles, e ao longe sempre o mesmo nevoeiro opaco. “Quem sabe?”, pensava. “Pode muito bem acontecer que o czar, encontrando-me no seu caminho, me venha a dar, como a qualquer outro oficial, uma missão a cumprir e me diga: ‘Vai ver o que se passa lá adiante!’ Não ouvi eu já contar que ele, por mero acaso, reconhecendo um oficial, o chamou para junto de si? E se ele me chamasse para junto dele? Oh! Como eu o protegeria, como eu lhe diria toda a verdade, como eu desmascararia os impostores!” E Rostov, para se representar a si próprio, ao vivo, a sua dedicação e o seu amor pelo czar, via-se a contas com um inimigo ou um traidor alemão, a quem abatia, cheio de júbilo, ou a quem esbofeteava perante o seu senhor. De súbito, um grito distante fê-lo estremecer e despertar daquela abstração.

“Onde estou eu? Ah! Sim, na linha de fogo. O santo e a senha é: Timão. Olmütz. Que pena o nosso esquadrão estar amanhã de reserva...”, disse de si para consigo. “Vou pedir que me deixem tomar parte na batalha. É talvez a única maneira de ver o czar. E agora devo estar quase a ser rendido. Vou dar ainda mais uma volta, e no regresso procurarei o general para lhe fazer o meu pedido.” Empertigou-se na sela e esporeou o cavalo disposto a inspecionar uma vez mais os seus húsares.

Pareceu-lhe a manhã um pouco mais clara. À esquerda via-se uma vertente suave iluminada e em frente um cabeço negro que parecia abrupto como uma muralha. Sobre o cabeço havia uma mancha clara que Rostov não pôde definir: seria uma clareira na floresta iluminada pelo luar ou neve perpétua ou um grupo de casas brancas? Pareceu-lhe, mesmo, que alguma coisa mexia. “Com certeza é neve aquela mancha. Uma mancha”, parafusava ele; “mas, não, não é uma mancha...”

“É Natacha, a minha irmã, são os seus olhos negros... Natacha... Ficaré ela admirada quando eu lhe disser que vi o imperador? Não há dúvida, é a Natacha... aquela manchazinha...” — Meta à direita. Excelência, aqui há uma moita — disse de súbito a voz do húsar diante do qual Rostov ia passando, sonolento.

Rostov ergueu a cabeça, que tinha deixado pender sobre o pescoço do cavalo, e parou ao pé do húsar. Prostrava-o um sono de criança. “Mas, então, em que, é que eu estava a pensar? Preciso de me não esquecer. Quando falar ao imperador? Não, não se trata disso, mas é amanhã. Sim, sim! Natacha... ataque, ataque... quem? O húsar. Ah! o húsar com os bigodes... Pelo Tverskaia²⁷ lá vai andando aquele húsar dos bigodes, sim, estou a pensar nele mesmo defronte da casa Guriev... O velho Guriev. Eh! grande compincha, o Denissov! Mas tudo isto são disparates. Agora o importante é o imperador estar aqui. Quando olhou para mim, quis falar-me, mas não teve coragem... Não, fui eu, eu é que não tive coragem. Tudo isto continua a ser disparate; o principal é que eu me não esqueça de qualquer coisa muito importante em que estava a pensar. Natacha, ataque... sim, sim. É isso!” E de novo voltou a cabecear sobre o pescoço do cavalo. De súbito, pareceu-lhe que disparavam contra ele. “Quê? Quê?... Acutilem-nos! O quê?”, gritou, sobressaltado. No momento precisamente em que abria os olhos ouviu diante dele, do lado do inimigo, gritos prolongados de milhares de vozes. O cavalo de Rostov e o do húsar que lhe ficava mais próximo eriçaram as orelhas. Na direção donde provieram os gritos acendeu-se e apagou-se uma luz, depois outra, e ao longo de toda a linha francesa, no alto do cabeçaço, brilharam luzes e os gritos tornaram-se cada vez mais intensos. Rostov conseguia perceber que se falava francês, sem poder compreender. Falava muita gente ao mesmo tempo. Nada mais se discernia senão: aaa! rrr!

— Que vem a ser isto? Que te parece? — perguntou ao húsar a seu lado. — É do campo do inimigo, com certeza!

O húsar não respondeu.

— Quê, então tu não ouves? — perguntou de novo Rostov, depois de ter esperado muito tempo por uma resposta.

— Quem sabe lá, meu fidalgo? — replicou o húsar contra vontade.

— Pela direção que trazem deve ser o inimigo — voltou a dizer Rostov.

— Se calhar, pode muito bem ser que sim — disse o húsar. — É de noite!... Eh, tu lá, cautela! — gritou para o cavalo, que parecia inquieto.

A montada de Rostov impacientava-se também, escarvava a terra gelada, eriçava as orelhas ao ouvir barulho e olhava de soslaio para o lado das luzes. O som das vozes ia-se tornando cada vez mais intenso, fundindo-se num

rumor geral, que só podia provir de uma massa de muitos milhares de homens. As luzes propagavam-se mais e mais, naturalmente seguindo a linha do campo francês. Rostov já não tinha vontade de dormir. Aqueles gritos de alegria e triunfo no exército inimigo agiam sobre ele como um revulsivo. “Viva o imperador, viva!”, ouvia agora distintamente.

— Não é longe daqui, naturalmente é por detrás do rio — disse Rostov ao seu húsar.

Este limitou-se a suspirar, sem nada responder, depois pôs-se a tossir furiosamente. Ao longo da linha dos húsares ouvia-se um trote de cavalaria, e de súbito emergiu do nevoeiro noturno, como se fosse um, grande elefante, a figura de um sargento.

— Meu fidalgo, os generais! — disse ele, aproximando-se de Rostov.

Rostov, sem deixar de observar as luzes e os gritos, acompanhou o sargento ao encontro de um certo número de cavaleiros que se dirigiam para eles ao longo da linha. Um deles montava um cavalo branco. Eram Bagration e Dolgorukov, com os seus ajudantes-de-campo, que vinham observar aquela estranha manifestação de luzes e de clamores no exército inimigo. Rostov, aproximando-se de Bagration, fez-lhe o seu relato e reuniu-se aos ajudantes-de-campo, ouvindo o que diziam os generais.

— Acredite no que eu lhe digo — dizia o príncipe Dolgorukov para Bagration. — Tudo isto não passa de um ardil. Bate em retirada e deu ordens às forças da retaguarda para que acendessem fogueiras e fizessem todo este rebuliço para nos iludir.

— Não creio — tornou Bagration. — Desde o princípio da noite que eu os vejo em cima daquele morro. Se retirassem, teriam levantado o acampamento. Senhor oficial — disse ele para Rostov -, eles ainda lá têm os flanqueadores?

— Ontem à noite tinham, mas agora não os vejo, Excelência. Se assim o ordenar, irei lá ver com os húsares — disse Rostov.

Bagration parou e, sem responder, procurou ver através do nevoeiro a cara de Rostov.

— Bom, então vá — disse, depois de um curto silêncio.

— Às suas ordens!

Rostov esporeou o cavalo, chamou o sargento Fedtchenko e dois húsares, ordenou-lhes que o acompanhassem e principiou a descer o cabeço, a trote, orientado pelos gritos que continuavam. Experimentava um misto de angústia e de alegria ao sentir que ia assim, apenas com três húsares, a caminho daquelas paragens distantes, brumosas, misteriosas e perigosas onde ninguém fora antes dele. Bagration gritou-lhe do alto da colina que não passasse além do

rio, mas Rostov fingiu nada ouvir, e, sem se deter, seguiu sempre em frente, enganando-se a cada momento, tomando arbustos por árvores e moitas por homens, reconhecendo daí a pouco o engano em que caíra. Depois de ter descido a trote a vertente deixou de ver tanto as linhas russas como as luzes inimigas, mas ouvia os gritos cada vez mais fortes e mais distintos. Lá no fundo do vale encontrou-se diante de qualquer coisa que lhe pareceu um rio, mas assim que se aproximou mais verificou ser a estrada real. Uma vez aí fez estacar o cavalo indeciso: que devia fazer? Seguir a estrada ou atravessá-la e depois marinhar pelos campos em frente, no escuro? Seguir ao longo da estrada iluminada, no meio do nevoeiro, era menos perigoso, pois, mais depressa se reconheciam as pessoas. “Venham atrás de mim”, disse ele; atravessou a estrada e, a galope, pôs-se a subir a colina, em direção àqueles postos onde no começo da noite havia um piquete francês.

— Meu fidalgo! Lá está um! — exclamou um dos húsares atrás dele.

Rostov mal teve tempo de ver surgir do nevoeiro fosse o que fosse de negro, e logo uma chama brilhou, um tiro zuniu, uma bala passou, como um lamento, alta no meio da neblina, depois desapareceu. Um segundo tiro falhou, mas os fechos da espingarda cintilaram. Rostov fez meia volta e retomou, a galope, o caminho que fizera. Quatro tiros explodiram ainda com pequenos intervalos e as balas assobiaram, em tons diferentes, perdendo-se algures no meio das trevas. Rostov refreou o cavalo, excitado, como ele, pelas detonações, e seguiu a passo. “Então, vamos, mais outro! Outro ainda!”, dizia de si para consigo, alegremente. Mas a fuzilaria cessou.

Ao aproximar-se de Bagration, Rostov voltou a esporear o cavalo, que partiu a galope, e foi com a mão na viseira da barretina, em continência, que o abordou.

Dolgorukov continuava a sustentar a sua ideia de que os franceses retiravam, e que só tinham acendido aquelas luzes para os enganar.

— Que prova isso? — dizia ele quando Rostov se acercou. — Podem muito bem ter retirado, deixando um piquete.

— Evidentemente, ainda não partiram todos, príncipe — dizia Bagration. — Amanhã de manhã, amanhã de manhã, saberemos tudo.

— No alto da colina há um piquete, Excelência, no mesmo sítio de ontem à noite — disse Rostov, debruçando-se para diante, com a mão na viseira, e sem poder dominar a alegria que lhe causara a sua expedição, e sobretudo o zumbir das balas.

— Bom, bom — disse Bagration — os meus agradecimentos, senhor oficial.

— Excelência — atalhou Rostov. — Consinta que eu lhe faça um pedido.

— De que se trata?

— Amanhã o nosso esquadrão está de reserva: consinta que eu lhe peça que me destaque para o primeiro esquadrão.

— Como se chama?

— Conde Rostov.

— Ah! muito bem. Fique comigo como oficial de ordenança.

— O filho de Ilia Andreitch? — perguntou Dolgorukov.

Rostov não respondeu.

— Então, posso contar, Excelência...

— Eu darei as minhas ordens.

“Amanhã pode ser que me mandem levar um despacho ao imperador”, pensou. “Louvado seja Deus!”

Os gritos e as luzes no exército inimigo eram por causa da leitura às tropas da ordem do dia de Napoleão, enquanto o imperador em pessoa percorria a cavalo os acampamentos. Os soldados, que o tinham descoberto, haviam acendido archotes de palha e acorriam gritando: “Viva o imperador!” A ordem do dia de Napoleão era a seguinte:

Soldados!

O exército russo está diante de vós disposto a vingar o exército austríaco de Ulm. Estais diante dos mesmos batalhões que batestes em Hallabrünn, e que depois disso tendes vindo a perseguir até hoje.

As posições que nós ocupamos são formidáveis, e quando eles marcharem para contornar a nossa direita, apresentar-me-ão o seu flanco. Soldados, eu próprio comandarei os vossos batalhões. Conservar-me-ei longe da linha de fogo se vós, com a vossa costumada bravura, levardes a desordem e a confusão às fileiras inimigas; mas se a vitória se apresentar incerta um momento que seja, vereis o vosso imperador expor-se nas primeiras linhas, pois da vitória não podemos duvidar nesta jornada, em que se trata, antes de mais nada, da honra da infantaria francesa, tão importante para a honra de toda a nação.

Que as fileiras não fiquem desguarnecidas com o pretexto de recolher os feridos e que cada um se compenetre bem do pensamento de que é preciso vencer estes estipendiados da Inglaterra, que tão grande ódio sentem contra a nossa nação!

Esta vitória será o fim da campanha, e poderemos depois dela recolher aos nossos quartéis de inverno, onde virão ao nosso encontro os novos exércitos

que se estão a formar em França, e então a paz que eu farei será digna do meu povo, de vós e de mim.

NAPOLEÃO

Capítulo XIV

Às cinco horas da manhã ainda era completamente escuro. O centro, as reservas e o flanco direito de Bagration ainda se mantinham imóveis, mas no flanco esquerdo as colunas de infantaria, de cavalaria e de artilharia, que seriam as primeiras a assaltar a ravina para atacar o flanco direito dos franceses e repeli-los, de acordo com o dispositivo, para as montanhas da Boêmia, principiavam a agitar-se e a deslocar-se dos seus acampamentos. O fumo das fogueiras, onde se lançava tudo que podia servir de empecilho, tornava-se sufocante. O tempo estava frio e sombrio. Os oficiais tomavam chá, comiam qualquer coisa à pressa, os soldados rilhavam os seus biscoitos, batiam com os pés no chão para aquecer e apinhavam-se diante das fogueiras, para onde atiravam com os restos das tendas, cadeiras, mesas, rodas, tinas, tudo que não podiam levar. Os oficiais guias austríacos disseminavam-se por entre as tropas russas e transmitiam as ordens de partida. Assim que um oficial austríaco aparecia à porta da tenda do comandante do regimento, logo este entrava de se preparar para o combate: os soldados abandonavam as fogueiras, guardavam os cachimbos no cano das botas, atiravam com as mochilas para cima das carroças, desensarilhavam as espingardas e alinhavam-se na forma. Os oficiais abotoavam os seus uniformes, afivelavam os cinturões, prendiam as suas sacolas e percorriam as fileiras, gritando vozes de comando. Os comboiadores e os impedidos atrelavam, ordenavam, limpavam as carroças. Os ajudantes-de-campo, os comandantes de batalhão e de regimento montavam a cavalo, benziam-se, dando as últimas ordens e indicações e instruções aos comboiadores retardatários, e ouvia-se o ruído monótono de milhares de passos martelando o chão. As colunas punham-se em marcha, sem saberem aonde iam e sem verem, cegas pela multidão que as envolvia, o fumo e o nevoeiro cada vez mais espesso, o lugar donde saíam, nem aquele aonde se dirigiam.

O soldado em marcha está enquadrado, limitado nos seus recursos, arrastado pelo seu regimento como o marujo a bordo do navio que o leva. Onde quer que se dirija, por mais longe que vá, qualquer que seja a estranha e perigosa latitude desconhecida em que se encontre, o marujo tem sempre diante dos olhos as mesmas pontes, os mesmos mastros, os mesmos cabos; assim também o soldado tem sempre presentes os mesmos camaradas, as mesmas fileiras, o mesmo sargento Ivan Mitritch, o mesmo cão da companhia, Jutchka²⁸, os mesmos comandantes. É raro que ao soldado interesse saber em que latitude navega o navio a bordo do qual vai embarcado; mas no momento sente oportuno ressoar nele uma advertência severa e igual para todos, e que vem só Deus sabe donde; é um aviso que lhe faz ressoar no íntimo a aproximação de um momento decisivo e solene, e que nele desperta uma curiosidade a que não está habituado. O soldado

no dia da batalha sente-se como que transportado para fora do círculo dos pequenos interesses do seu regimento; ouve, olha, interroga avidamente, quer saber o que está a passar-se em torno de si.

O nevoeiro tornara-se tão espesso que, apesar da aurora, nada se via a dez passos. Os arbustos pareciam árvores imensas; superfícies planas dir-se-iam cortadas de ravinas e cheias de declives. Por toda a parte, tanto à direita como à esquerda, havia um inimigo invisível, a pequena distância, no qual se podia embater. Mas por muito tempo as colunas foram marchando sempre através do mesmo nevoeiro, subindo e descendo encostas, atravessando jardins e vedações, em terreno novo e desconhecido, sem em parte alguma encontrar inimigos. Pelo contrário, tanto para a frente como para trás, por todos os lados, só se viam tropas russas caminhando na mesma direção. E o soldado sentia um grande alívio ao verificar que para onde seguia, embora, de resto, ignorasse o seu destino, muitos, muitos dos seus seguiam também.

— Olha, os de Kursk também aí vão — dizia-se nas fileiras.

— Eh! rapazes, o que aí vai de gente nossa! Esta noite, quando se acenderam os fogueiras, não se lhe via o cabo. Palavra, até parecia Moscou!

Embora nenhum dos comandantes de coluna se aproximasse das fileiras e falasse aos soldados (os comandantes de coluna, como se vira no conselho de guerra, não estavam lá muito bem dispostos, desagradava-lhes a ação iniciada e limitavam-se a executar ordens, sem se preocuparem em reanimar os soldados), estes marchavam alegremente, como sempre que um soldado marcha para a linha de fogo, e sobretudo quando ataca. No entanto, depois de cerca de uma hora de marcha, no meio do nevoeiro, a maior parte dos homens teve de fazer alto e nas fileiras sentia-se a penosa impressão da desordem e da confusão que principiavam a alastrar. Como é que esta impressão se tinha transmitido, eis o que não era fácil de dizer; mas não havia dúvida de que se propagava com segurança, que submergia tudo, insensível e irresistivelmente, como a água que vai inundando um terreno alagadiço. Se as tropas russas estivessem sozinhas no campo de batalha, e não na companhia dos aliados, ter-se-ia passado bastante tempo antes que esta sensação de desordem viesse a transformar-se numa certeza; mas na situação presente, como podiam lançar, com um prazer não dissimulado, e absolutamente legítimo, sobre os imbecis dos alemães a causa da desordem, eis que todos estavam convencidos da existência de uma confusão assaz lamentável devida aos devoradores de salsichas.

— Por que é que eles pararam? Está impedida a estrada? Demos com os franceses?

— Não, não se ouve nada. Se fossem eles, disparavam.

— Quê? Fizeram-nos levantar arraiais, e agora deixam-nos para aqui no meio do campo, sem que a gente saiba para quê? Estes malditos alemães são uns trapalhões. Que grandes imbecis!

— Cá por mim tinha-os obrigado a ir adiante. Mas é o vais, estão todos lá para trás. E nós para aqui estamos de barriga a dar horas.

— Bom, isto não vai demorar! Dizem que a cavalaria impede o caminho — observou um oficial.

— Quê! Então estes raios destes alemães nem ao menos conhecem a terra deles? — comentou outro.

— A que divisão é que vocês pertencem? — gritou um ajudante-de-campo que nesse momento apareceu.

— A décima oitava.

— Então que fazem vocês aqui? Há que tempo vocês deviam estar lá diante; agora já lá não conseguem chegar antes da noite.

— Chama-se a isto uma estupidez; nem eles próprios sabem o que estão a fazer! — exclamou o oficial, que partiu a galope.

Daí a pouco passou um general, que gritou, furioso, uma ordem numa língua que não era a russa.

— Tafalafa, que está ele para ali a dizer? — arremedou um soldado, imitando o general que se afastava... — Eu mandava fuzilar estes canalhas!

“A ordem era que estivéssemos na nossa posição às nove horas, e ainda nem sequer andamos metade do caminho. Bonita maneira de fazer as coisas!”, ouvia-se dizer de vários lados. E a energia com que as tropas se tinham posto em marcha principiava a transformar-se em desalento e cólera contra as ordens estúpidas e contra os alemães.

A causa da desordem era que quando a cavalaria austríaca entrara em movimento no flanco esquerdo, o alto comando entendera que o centro russo estava muito afastado do flanco direito e fora dada ordem a toda a cavalaria para que atravessasse para o lado direito. Alguns milhares de cavaleiros tinham de passar por diante da infantaria, e esta era obrigada a esperar.

Na linha da frente deu-se um conflito entre um guia de coluna austríaco e um general russo. Este gritava, pedindo que mandasse parar a cavalaria; o austríaco alegava não ser ele o culpado, mas o alto comando. E entretanto as colunas estacionavam, enfadavam-se, perdiam a coragem. Após uma hora de paragem, as tropas retomaram por fim a sua marcha e puseram-se a descer a encosta. O nevoeiro, que se havia dissipado nos cabeços, adensava-se, mais espesso, nos vales onde os soldados iam penetrando. Na frente ressoaram, no meio da neblina, um tiro, depois outro, primeiro irregularmente e com um

certo intervalo, “tra... ta... ta”, depois, mais regularmente e mais nutrido, e uma escaramuça ocorreu nas margens do Goldbach.

Como não esperavam encontrar o inimigo nas margens do rio, era um pouco ao acaso que o atacavam, no meio do nevoeiro, sem uma palavra de encorajamento dos comandantes, com o sentimento, que todos tinham, de que se perdera tempo, e sobretudo sem que se visse fosse o que fosse, nem na vanguarda nem aos lados. Os Russos ripostavam à fuzilaria com lentidão e moleza, avançavam, depois paravam, sem receberem em devido tempo ordens dos comandantes e dos ajudantes-de-campo, que erravam, no meio do nevoeiro, em terreno desconhecido, à procura das suas respectivas seções.

Foi assim que se iniciou a luta na primeira, na segunda e na terceira colunas, as que haviam descido para o vale. A quarta, onde se encontrava Kutuzov, estava ainda no planalto de Pratzen.

Nos pontos mais baixos, onde a ação tinha principiado, o nevoeiro continuava espesso; nas eminências estava mais claro, mas continuava a não poder ver-se o que se passava um pouco adiante. Estariam todas as forças inimigas, como se supunha, a dez verstas daquele ponto, ou encontrar-se-iam naquela linha de bruma? Eis o que ninguém soube antes das nove horas.

A essa hora o nevoeiro alongava-se, como um compato oceano, pelos vales, mas para os lados de Schlapanitz, na eminência onde estava Napoleão, rodeado dos seus marechais, tudo era claro. O céu ali era azul e sereno e o disco imenso do sol, como uma formidável boia flutuante, vermelho-viva, vogava à superfície daquele mar leitoso.

Todo o exército francês, e até o próprio Napoleão, com o seu estado-maior, não só não se encontravam na outra margem do rio e dos pântanos das aldeias de Sokolnitz e Schlapanitz, para lá dos quais os russos se dirigiam e onde pensavam travar batalha, mas, pelo contrário, achavam-se tão perto que a olho nu o imperador francês podia distinguir tanto a cavalaria como a infantaria russas. Ele ali estava um pouco mais à frente dos seus marechais, montado num pequeno cavalo árabe cinzento, com o seu capote azul, o mesmo com que fizera a campanha de Itália. Contemplava, silencioso, as colinas que pareciam emergir do oceano de neblina e sobre as quais, ao longe, se viam as tropas russas em marcha, e escutava o tiroteio na ravina. Naquele momento nem um só músculo da cara lhe estremecia: tinha os olhos brilhantes fixos, imóveis, num único ponto. O que previra resultava certo. Os russos, por um lado, já desciam para as regiões alagadiças dos pântanos e dos lagos, pelo outro, evacuavam as cumeadas de Pratzen, que era sua intenção atacar, e que considerava a chave da posição. E eis que ele via, através da neblina, no pano de fundo formado pelas duas eminências vizinhas da aldeia de Pratzen, as colunas russas em marcha, todas em direção aos

pântanos, de baionetas caladas, desaparecendo, sucessivamente, no mar de brumas. Segundo as informações recebidas ao fim da tarde, a avaliar pelo ruído dos passos e o fragor das viaturas que se ouviam nos postos avançados durante a noite, pela confusão dos movimentos das colunas russas, seguindo todas as previsões, via claramente que os aliados estavam convencidos de que ele, Napoleão, se encontrava muito longe, na sua vanguarda, e que as colunas em marcha perto de Pratzen formavam naturalmente o centro do exército russo, e que esse centro era já fraco demais para atacar com êxito. Mas, apesar disso, não se decidia ainda pelo ataque. Aquele dia era para ele uma data solene, o do aniversário da sua coroação. Pela manhã dormira algumas horas, e bem disposto, alegre, repousado, naquela disposição de espírito em que tudo parece possível e em que tudo resulta bem, montou a cavalo e dirigiu-se para o campo. E lá estava, imóvel, os olhos fixos nas cumeadas que se descortinavam através do nevoeiro e no seu rosto frio refletia-se essa felicidade cheia de confiança e bem ganhada tão própria dos que são novos e felizes ao amor. Os marechais conservavam-se na sua retaguarda, sem ousarem distrair-lhe a atenção. Napoleão ora olhava para o planalto de Pratzen ora para o sol, que emergia da bruma.

Quando o sol surgiu inteiro das nuvens e inundou a campina com a sua estonteante claridade, como se fosse aquele o momento que Napoleão aguardava para dar ordens de ataque, descalçou a luva da sua bela mão branca, fez um aceno aos marechais e deu ordem de principiar. Os marechais, acompanhados pelos seus ajudantes-de-campo, largaram a galope em direções diferentes e dentro de breves minutos as forças principais do exército francês estavam a avançar rapidamente em direção às eminências de Pratzen, as quais as tropas russas, que à esquerda desciam para os vales, iam deixando completamente abandonadas.

Capítulo XV

Às oito horas, Kutuzov chegou a cavalo a Pratzen, à frente da quarta coluna de Miloravitch, que devia tomar o lugar das colunas de Przebiszewski e de Langeron, que já tinham descido. Depois da continência aos soldados do regimento da vanguarda, deu ordem de marcha, querendo significar com isso ser sua intenção comandar essas tropas. Assim que chegou à aldeia de Pratzen, fez alto. O príncipe André, na companhia de grande número de personalidades da comitiva do general-chefe, conservava-se na retaguarda. Sentia-se emocionado, irritado, e ao mesmo tempo cheio de serenidade, como um homem que vê chegar o momento há muito esperado. Estava firmemente convencido de que chegara o seu Toulon ou a sua Ponte d'Arcole. Como se iam passar as coisas não sabia, mas com firmeza acreditava que assim tinha de ser. O terreno e a situação das tropas russas conhecia-os ele tão bem ou melhor que qualquer outro oficial. O seu plano estratégico particular, que evidentemente não seria de aplicar naquele momento, fora posto de lado, e atualmente, adotando o plano de Weirother, considerava os imprevistos que porventura poderiam surgir e formava novas combinações que punham à prova a rapidez do seu golpe de vista e da sua decisão.

À esquerda, lá em baixo, no meio do nevoeiro, ouvia-se tiroteio entre tropas invisíveis. Ali, afigurava-se ao príncipe André, está a concentrar-se a batalha, há ali um obstáculo, e “se me mandassem lá”, dizia para si mesmo, “com uma brigada ou uma divisão, eu avançaria à frente, de bandeira em punho, e tudo derrubaria à minha passagem”.

A vista dos estandartes dos batalhões que desfilavam não lhe podia ser indiferente. Dizia de si para consigo a todo o momento: “Sim, talvez seja com aquela mesma bandeira que me há de vir a ser dado marchar diante das tropas.”

O nevoeiro noturno nas cumeadas deixara apenas pela manhã uma camada de geada, que se ia transformando em orvalho, mas nos vales continuava a alongar-se como um mar de leite. Nada se via na planura à esquerda onde as tropas russas se batiam e donde vinha o eco da fuzilaria. Nas alturas o céu estava claro, mas de um azul carregado, e à direita lá estava o enorme disco do sol. Em frente, na distância, na margem oposta do mar de brumas, colinas cobertas de matas limitavam o horizonte: ali estavam, sem dúvida, os exércitos inimigos, pois alguma coisa lá se distinguia. À direita, a Guarda penetrava na zona de nevoeiro com um fragor de rodas, um tropear de cavalos, e as baionetas a cintilar furtivamente. À esquerda, por detrás da aldeia, massas de cavalaria aproximavam-se, fundindo-se no nevoeiro. À cabeça e no coice marchava a infantaria, o general-chefe, postado à saída da povoação, via as tropas desfilar diante dele. Naquela manhã Kutuzov parecia irritado e exausto. A infantaria, que

desfilava, fez alto sem que ninguém o ordenasse, evidentemente porque na sua dianteira surgira qualquer obstáculo.

— Diga aos homens, enfim, que formem em colunas de batalhão e que contornem a aldeia — gritou Kutuzov, colérico, a um general que apareceu. — Como é que, meu caro senhor, não compreende que não convém formar em fileiras nas ruas de uma aldeia em marcha contra o inimigo?

— Pensava formar através da povoação, Alta Excelência — respondeu o general.

Kutuzov pôs-se a rir com azedume.

— Devia ser bonito o senhor a estender a sua frente à vista do inimigo, sim, devia ser bonito!

— O inimigo ainda está longe, Alta Excelência. Segundo o dispositivo...

— O dispositivo! — gritou Kutuzov de má catadura. — E quem é que lhe disse?... Trate de fazer o que lhe mandam.

— Às suas ordens.

— Meu caro — disse, em voz baixa, Nesvitski ao príncipe André -, o velho está insuportável.

Um oficial austríaco, de uniforme branco, com uma pluma verde na barretina, avançou para Kutuzov e perguntou-lhe, da parte do imperador, se a quarta coluna entrara em ação.

Kutuzov, sem responder, voltou a cabeça e por acaso fixou o seu olhar no príncipe André, que estava a seu lado. Ao ver Bolkonski, moderou-se e no seu rosto amenizou-se-lhe a expressão, deixando perceber com isso que o seu ajudante-de-campo não era culpado do que estava a acontecer. Sem se dirigir ao oficial austríaco, disse a Bolkonski:

— Vá ver, meu caro, se a terceira divisão já ultrapassou a aldeia. Diga-lhe que pare e que aguarde as minhas ordens.

Ia partir o príncipe André, quando ele o deteve.

— E pergunte-lhe se os atiradores estão a postos — acrescentou. — O que eles fazem! O que eles fazem! — exclamou em aparte, continuando a não responder ao austríaco.

O príncipe André despediu a cumprir a missão de que fora incumbido. Depois de ter ultrapassado os batalhões que prosseguiram na sua marcha, fez estacar a terceira divisão e verificou que, com efeito, na vanguarda das colunas russas não havia linha de atiradores. O comandante do regimento da vanguarda mostrou-se surpreso com a ordem do general-chefe que o mandava dispor em linha os atiradores. Continuava absolutamente convencido de que havia outras tropas diante dele e de que o inimigo não devia estar a menos de dez

verstas. Efetivamente, diante dele havia apenas um terreno deserto que ia descendo, pouco a pouco, e mergulhava no nevoeiro espesso. Depois de lhe ter comunicado, da parte do general-chefe, que era preciso reparar a negligência cometida, o príncipe André fez meia volta. Kutuzov continuava no mesmo sítio e não fazia outra coisa senão bocejar, fechando o único olho, deixando pender o pesado corpo sobre a sela. As tropas tinham suspenso a marcha e mantinham-se de arma em descanso.

— Bom, bom! — exclamou para o príncipe André, e voltou-se para o lado do general, que, de relógio em punho, dizia ser tempo de avançar, pois todas as colunas do flanco esquerdo já tinham operado a mesma manobra.

— Temos tempo, Excelência — observou Kutuzov, entre dois bocejos. — Temos tempo!

Neste momento, por detrás de Kutuzov, estrondearam, ao longe, aclamações das tropas e as vozes aproximaram-se, rápidas, ao longo das colunas russas, em marcha. Era evidente que a personagem a quem os soldados aclamavam ia passando célere. Quando os soldados do regimento à frente do qual estava Kutuzov principiaram a gritar, este afastou-se um pouco de lado e voltou-se olhando. Pela estrada de Pratzen galopava uma espécie de esquadrão de cavalaria variegadamente condecorado. Dois dos cavaleiros avançavam, a todo o galope, à frente. Um deles, de uniforme preto, com um alto penacho branco, cavalgava um alazão inglês, o outro, de branco, montava um cavalo murzelo. Eram os dois imperadores e as respectivas comitivas. Kutuzov, afetando ser bom subordinado, comandou: “Sentido!” às tropas em descanso, e fazendo a continência aproximou-se do imperador. A sua atitude e as suas maneiras tinham mudado por completo. Dir-se-ia um inferior que obedece sem raciocinar. Foi numa afetação de respeito, que, evidentemente, não agradou ao imperador, que se aproximou fazendo a continência.

Aquela impressão desagradável, fiapos de bruma num céu sereno, perpassou pelo rosto do jovem e feliz imperador, para logo desaparecer. Nesse dia, depois da indisposição que tivera, parecia um pouco mais magro que na parada de Olmütz, em que Bolkonski o vira pela primeira vez depois do seu regresso do estrangeiro: mas nos seus olhos cinzentos havia o mesmo misto arrebatador de majestade e de doçura e nos seus lábios finos a mesma mobilidade de expressão, dominada, no entanto, por um sentimento de mocidade e de inocência.

Na parada de Olmütz parecia mais majestoso, agora mais alegre e mais enérgico. Depois daquelas três verstas de galope rasgado tinha cor na cara, e ao fazer estacar o cavalo respirou, num suspiro de alívio, olhando em torno de si para as caras dos oficiais da comitiva, jovens e animadas como a sua. Czartoriski

e Novosiltsov, o príncipe Bolkonski, Stroganov e outros ainda, todos esses moços ricamente fardados e joviais, montados em belos cavalos folgados, muito bem ajaezados, ligeiramente suados, conversando entre si e sorrindo, tinham-se apinhado atrás do imperador. O imperador Francisco, jovem, de pele rosada e alta figura, estava firme na sela de um belo garanhão murzelo e lançava olhares ansiosos e taciturnos em torno de si. Chamou um dos seus ajudantes-de-campo, de uniforme branco, e disse-lhe qualquer coisa. “Naturalmente está a perguntar-lhe a que horas partiram”, observou de si para consigo o príncipe André fitando o seu velho conhecido com um sorriso que mal pôde esconder ao lembrar a audiência que o imperador lhe concedera. As comitivas eram formadas por oficiais de ordenança, cavaleiros de escol, russos e austríacos, pertencentes aos regimentos da Guarda e do exército. Escudeiros conduziam pela arreata magníficos cavalos de reserva provenientes das cavaliças imperiais, cobertos com gualdrapas bordadas. Assim como através de uma janela aberta subitamente entra num quarto onde se sufoca um sopro de campesino ar fresco, também uma rajada de mocidade, de energia, de confiança no exército, emanando daquela brilhante cavalgada, perpassou pelo bem pouco alegre estado-maior de Kutuzov.

— Então? Quando é que principia, Mikail Larionovitch? — apressou-se a dizer o imperador Alexandre a Kutuzov, ao mesmo tempo que lançava um olhar de deferência ao imperador Francisco.

— Estava à sua espera, Majestade — replicou Kutuzov, numa reverência respeitosa.

O imperador apurou o ouvido, franzindo ligeiramente as sobrancelhas e fazendo menção de não ter ouvido bem.

— Estava à sua espera, Majestade — repetiu o general-chefe.

O príncipe André notou em Kutuzov um estremecimento anormal do lábio inferior enquanto pronunciava estas palavras. — Ainda não estão reunidas todas as colunas, saiba Vossa Majestade.

O imperador compreendeu, mas era evidente não ser a resposta muito do seu agrado; encolheu os ombros quadrados e lançou um olhar a Novosiltsov, que estava a seu lado, como a queixar-se de Kutuzov.

— Mas nós não estamos em Czaritsin, Mikail Larionovitch, onde as paradas só principiam depois de formados todos os regimentos... — E o czar trocou de novo um olhar com o imperador Francisco, se não a convidá-lo a tomar parte na discussão, pelo menos a escutá-la. Mas Francisco continuava de olhar errante, sem ouvir coisa alguma.

— É precisamente por isso, Sire — disse Kutuzov, numa voz forte, para bem se fazer ouvir, enquanto de novo lhe perpassava pelo rosto um

movimento nervoso. — É por isso que eu não começo, Sire, precisamente por não estarmos na parada e na de Czaritsin... — Falava de maneira clara e desenvolta.

Os oficiais da comitiva entreolhavam-se, exprimindo no seu olhar censura e descontentamento. “Lá por ser velho não tinha o direito, não, não tinha o direito de falar assim”, lia-se-lhes na expressão.

O imperador olhou, fixa e atentamente, Kutuzov, esperando que ele acrescentasse mais alguma coisa. Mas dir-se-ia que este esperava também fosse o que fosse respeitosamente fletido. O silêncio prolongou-se por cerca de um minuto.

— Aliás, se Vossa Majestade o ordena... — acrescentou Kutuzov, reerguendo a cabeça e retomando o tom de um general de espírito tacanho, que não discute, mas obedece.

Deu de esporas ao cavalo, e chamando o comandante de coluna, Miloradovitch, transmitiu-lhe as ordens de ataque.

As tropas começaram de novo a desfilar, e dois batalhões do regimento de Novgorod, seguidos do batalhão de Apcheron, marcharam passando diante do imperador.

Quando chegou a vez do batalhão de Apcheron, Miloradovitch, o rosto rosado, sem capote, de grande uniforme, condecorações e barrete empenachado caído para a orelha, desfilou a todo o galope, e, saudando arrogantemente, fez estacar o cavalo diante do imperador.

— Deus seja convosco, general! — exclamou este.

— Palavra, faremos o que pudermos, Sire — replicou, com galhardia, sem que tivesse deixado de despertar um sorriso de mofa entre as personagens da comitiva, graças ao seu mau francês.

Miloradovitch, fazendo meia volta, bruscamente veio postar-se um pouco na retaguarda do imperador. Os soldados de Apcheron, arrebatados pela presença do imperador, desfilaram perante este em marcha marcial e arrogante, num ritmo cadenciado.

— Rapazes! — gritou Miloradovitch, numa voz forte, confiante e alegre, visivelmente excitado pelo fragor da fuzilaria, pela proximidade da batalha e pela vista dos bravos de Apcheron, seus antigos camaradas do tempo de Suvorov, que desfilavam com a maior galhardia, a tal ponto que esqueceu a presença do imperador. — Rapazes! Não é a primeira povoação que vocês vão tomar!

— Faremos o melhor que pudermos! — respondiam os soldados.

Ao ouvir aquele vozear inesperado, a montada do imperador empinou-se. Este cavalo, que o imperador já montava nas suas revistas, na Rússia, ali, no campo de batalha de Austerlitz, continuava a servir o dono e a

sentir os golpes discretos da sua espora esquerda, mas eriçava as orelhas ao ruído da fuzilaria, exatamente como costumava fazer na parada de Czaritsin, sem dar conta dos tiros que ouvia, do que significava a vizinhança do garanhão murzelo do imperador Francisco e sempre sem suspeitar o que dizia, pensava e sentia nessa hora o cavaleiro que o montava.

O imperador, sorridente, voltou-se para um dos seus íntimos apontando os bravos de Apcheron e disse-lhe qualquer coisa.

Capítulo XVI

Kutuzov, acompanhado pelos seus ajudantes-de-campo, seguia a passo os carabineiros.

Depois de ter andado cerca de meia versta no coice da coluna, fez alto ao pé de uma casa solitária e abandonada, um albergue, com certeza, na encruzilhada de dois caminhos. Os dois caminhos desciam a encosta e as tropas seguiam por ambos ao mesmo tempo.

O nevoeiro principiava a dissipar-se e a umas duas verstas de distância, vagamente, viam-se já as tropas inimigas nos cabeços fronteiros. À esquerda, no vale, a fuzilaria tornava-se mais distinta. Kutuzov parou, trocando algumas palavras com um general austríaco. O príncipe André, um pouco à retaguarda, observava-os, e, dirigindo-se a um ajudante-de-campo, pediu-lhe o óculo.

— Olhe, olhe — disse-lhe este, indicando-lhe, não um ponto afastado, mas o sopé da colina em frente. — São os franceses!

Os dois generais e os ajudantes-de-campo pegaram no óculo, passando-o de mão em mão. Subitamente todos mudaram de expressão e o terror veio estampar-se-lhes na cara. Julgavam os franceses ainda a umas duas verstas, e inopinadamente ali estavam diante deles.

— É o inimigo?... Não pode ser!... Mas, olhe, olhe... é, com certeza — Que quer isto dizer? — diziam algumas vozes.

O príncipe André, a olho nu, distinguia, em baixo, à direita, uma poderosa coluna francesa que avançava ao encontro dos soldados de Apcheron, a menos de quinhentos passos do local onde estava Kutuzov.

“Eis finalmente o minuto decisivo! Eis o combate que vem ao meu encontro!”, murmurou o príncipe André, e, esporeando o cavalo, aproximou-se de Kutuzov.

— É preciso mandar parar os regimentos de Apcheron — gritou. — Excelência.

Mas nesse mesmo instante tudo se cobriu de fumo; muito próximo rebentou uma salva e uma voz, uma voz de ingênuo terror, a dois passos dali, gritou: “Rapazes, estamos perdidos!” Esta voz teve o efeito de uma ordem. Ao ouvi-la, deram todos às de vila-diogo.

Uma multidão caótica, que crescia de momento a momento, refluiu, correndo, para o local onde cinco minutos antes os soldados haviam desfilado perante os imperadores. Era não só muito difícil deter aquela multidão, mas impossível mesmo não ser arrastado no seu movimento de debandada. Bolkonski fazia por não ceder à torrente e parecia estupefato, sem poder compreender o que se passava. Nesvitski, com ar furioso, muito vermelho, e já sem figura humana,

gritava a Kutuzov que se se não afastasse rapidamente acabaria certamente prisioneiro. Kutuzov, sempre no mesmo sítio, sem responder, sacou de um lenço. Corria-lhe sangue pela cara abaixo. O príncipe André conseguiu abrir caminho até junto dele.

— Está ferido? — perguntou, com um estremecimento nervoso no maxilar.

— A ferida não está aqui, mas ali! — replicou Kutuzov, enxugando a cara, ao mesmo tempo que apontava para os fugitivos. — Façam-nos parar! — gritou ele, e, no mesmo instante, sem dúvida persuadido da impossibilidade de uma tal tentativa, esporeou o cavalo e partiu pela direita.

A turba dos fugitivos, como uma vaga, envolveu-o e atirou com ele para trás.

Tão compacta era a massa dos que fugiam que quem fosse apanhado por ela muito dificilmente conseguiria libertar-se. Uns gritavam: “Toca a andar! Parastes por quê?”; outros, voltando-se, disparavam para o ar; um deles fustigou o cavalo de Kutuzov. Depois de se ter arrancado penosamente pela esquerda a esta torrente desencadeada, Kutuzov e a sua comitiva, então já reduzida a menos de metade, seguiram na direção dos tiros de peça ali próximos. André, que escapara da vaga dos fugitivos, procurando não se distanciar de Kutuzov, viu, ao longo da encosta, no meio da fumarada, uma bateria russa que disparava ainda e os franceses que corriam sobre ela. Mais acima a infantaria russa não arredava pé, sem avançar em socorro da bateria e sem recuar com os fugitivos. Um general montado destacou-se do regimento e aproximou-se de Kutuzov. A comitiva deste já estava reduzida apenas a quatro pessoas. Todos haviam empalidecido e entreolhavam-se, calados.

— Faça parar esses miseráveis! — gritou Kutuzov, sufocado pela cólera, ao comandante do regimento, apontando para os fugitivos. Mas nesse momento, dir-se-ia que em resposta a esta ordem, um enxame de balas veio cair, assobiando, sobre o regimento e a comitiva de Kutuzov.

Os franceses atacavam a bateria, e, ao verem Kutuzov, disparavam sobre ele. Ao ouvir a descarga, o comandante do regimento levou a mão a perna. Alguns soldados caíram e o porta-bandeira que empunhava o estandarte largou-o das mãos; a bandeira vacilou um momento e veio cair sobre as espingardas dos soldados vizinhos. A infantaria, sem comando, disparou uma salva.

— Oh! — gemeu Kutuzov, em voz desesperada, e olhou em torno de, si. — Bolkonski — murmurou numa voz trêmula, consciente da sua impotência senil — Bolkonski, que vem a ser isto? — disse, mostrando o batalhão disperso e o inimigo.

Antes de ter tempo de acabar, o príncipe André, sentindo lágrimas de vergonha e de cólera, saltava do cavalo e corria para a bandeira.

— Rapazes! Para a frente! — gritou com a sua voz penetrante, onde havia alguma coisa de infantil.

“Chegou o momento!”, pensou, lançando mão da haste da bandeira e ouvindo, numa espécie de alegria, soprar as balas evidentemente dirigidas contra si. Alguns soldados caíram ainda.

— Hurra! — gritou, e, segurando com dificuldade o pesado estandarte, lançou-se para a frente, firmemente convencido de que todo o batalhão o seguiria.

E, efetivamente, só deu alguns passos sozinho. Primeiro seguiu-o um soldado, depois outro, e logo todo o batalhão, gritando: “Hurra!”, se precipitou, ultrapassando-o daí a pouco. Um sargento pegou na bandeira, pesadíssima, que vacilava nas mãos do príncipe, mas logo caiu varado. O príncipe André voltou a pegar no estandarte e, enrolando o pano em volta da haste, seguiu em frente com o batalhão. Diante dele via os artilheiros, uns batendo-se ainda, outros abandonando as peças para se precipitarem para ele; via também soldados de infantaria francesa que se apoderavam dos cavalos da artilharia e voltavam as peças contra os russos. Juntamente com o batalhão, já o não separavam da bateria mais que vinte passos. Em torno dele ouvia o assobiar ininterrupto das balas e constantemente, à direita e à esquerda, gemidos, e via soldados que caíam varados. Mas não prestava atenção a coisa alguma: só o preocupava o que se estava a passar em frente, na bateria. Via já nitidamente a silhueta de um artilheiro ruivo, a barretina à banda, que puxava para si o taco da peça enquanto um soldado francês lho disputava do outro lado. André distinguia com toda a nitidez o ar alucinado e furioso daqueles dois homens, que, evidentemente, não sabiam sequer o que estavam a fazer.

“Que estão eles a fazer?”, pensava o príncipe André. “Por que é que o artilheiro ruivo não foge, visto já não ter armas consigo? Por que é que o francês o não mata? Se este se lembra da espingarda e o abate, já não terá tempo de fugir!”

De fato, viu outro francês, de arma aperrada, correr para os dois adversários, e o destino do artilheiro, que não dava pelo que o aguardava, e que brandia, triunfal, o taco da peça, ia decidir-se. Porém o príncipe André não viu como o pleito acabou. Pareceu-lhe que recebia na cabeça uma cacetada vibrada em toda a força por um dos soldados que o cercavam. A pancada não lhe produziu dor muito violenta, mas fê-lo desviar a atenção e impediu-o de ver o fim da cena que o interessava.

“Que é isto? Vou cair? As pernas tremem-me?”, disse de si para consigo, e caiu de costas. Reabriu os olhos na esperança de ver o resultado da luta dos franceses com o artilheiro e de saber se sim ou não este fora morto e se as peças tinham sido tomadas ou salvas. Mas nada mais viu. Por cima da sua cabeça nada mais havia além do céu, um céu muito alto, não claro, mas imensamente alto, onde erravam tranquilamente pequeninas nuvens cinzentas. “Que calma, que paz, que majestade!”, pensava. “Não era assim aquando da nossa louca corrida, no meio dos gritos e da batalha; não era assim quando, o furor e o medo pintados no rosto, o francês e o nosso artilheiro disputavam entre si o taco da peça: então não havia, como agora, nuvens errantes neste céu profundo e infinito. Como é que eu nunca tinha visto isto, este céu sem limites? E que feliz me sinto de o ver finalmente. Sim, tudo é vaidade, tudo é mentira, à exceção deste céu sem fim. Não há nada, absolutamente nada, além dele. E até mesmo isto não existe, nada existe senão a calma e o repouso. E Deus louvado seja por isso mesmo!..”

Capítulo XVII

No flanco direito do exército de Bagration, às nove horas, ainda a batalha não tinha principiado. Não querendo aceitar o parecer de Dolgorukov, de opinião de que se devia desencadear o ataque, e para se livrar de responsabilidades, o príncipe Bagration propôs-lhe consultarem o general-chefe. Sabia o príncipe que em virtude das dez verstas que separavam os dois flancos, e no caso de o emissário não vir a ser morto, coisa mais do que verossímil, conseguindo chegar até junto do general-chefe, o que era muito difícil, nunca poderia estar de regresso antes da noite.

Bagration, olhando um por um os oficiais da sua comitiva com os seus grandes olhos sem expressão e meio adormecidos, acabou por se fixar no rosto infantil de Rostov, quase desfalecido de emoção e de esperança. Foi ele o escolhido.

— E se eu encontrar Sua Majestade antes do general-chefe, Excelência? — interrogou Rostov com a mão em continência.

— Pode entregar a mensagem a Sua Majestade — apressou-se a intervir Dolgorukov.

Tendo sido transferido do seu serviço na frente, Rostov pudera dormir algumas horas pela manhã e sentia-se jovial, decidido, resolutivo, numa disposição de espírito em que tudo lhe parecia fácil e possível.

Todos os seus desejos se estavam a realizar naquela manhã. Travava-se uma batalha geral, e ele tomava parte nessa batalha; mais ainda: era oficial de ordenança do mais bravo dos generais; e ainda mais: via-se encarregado de uma missão junto de Kutuzov, e talvez mesmo junto do próprio imperador. A manhã estava serena. Rostov montava um bom cavalo. Na sua alma tudo era alegria e felicidade. Assim que recebeu ordens, esporeou o cavalo e lançou-se a galope ao longo da linha de batalha. Principiou por percorrer a frente do exército de Bagration, que permanecia imóvel, depois penetrou no terreno ocupado pela cavalaria de Uvarov, e aí pôde notar um certo movimento e sinais de preparativos de combate. Tendo ultrapassado a cavalaria, ouviu distintamente o ruído das descargas de artilharia e de mosquetaria que continuamente aumentava de intensidade.

O ruído no ar fresco da manhã não era agora, como antes, formado por dois ou três tiros de espingarda ou uma ou duas detonações de artilharia. Lá para o fundo das encostas, antes de se chegar a Pratzen, pôde ouvir o fragor da fuzilaria interceptado por tiros de peça tão frequentes que por vezes um estampido não se podia distinguir do outro, fundindo-se numa espécie de contínuo trovejar.

Rostov pôde ver, pelas vertentes, os rolos de fumo dos mosquetes que pareciam correr uns atrás dos outros, enquanto a fumarada das peças flutuava e acabava por misturar-se no ar em grandes nuvens. Viu, pelo cintilar das baionetas, no meio da fumarada, as massas da infantaria em movimento e estreitas filas de artilharia com as suas carretas verdes.

Rostov deteve por momentos o seu cavalo no alto de um montículo, para observar o que se passava; mas por mais que observasse, nada podia compreender do que via. Havia gente que se deslocava no meio da fumarada, linhas de tropas moviam-se para trás e para diante. Mas para quê? Aonde iam aqueles soldados? Era impossível compreender. Este espetáculo, porém, em lugar de o desanimar ou deprimir, redobrava-lhe a energia e a decisão.

“Pois, fogo, fogo sobre eles!”, dizia para consigo, e de novo se pôs a galopar ao longo das linhas, penetrando cada vez mais na zona das tropas que entravam em combate. “O que se passa lá adiante não sei, mas tudo deve estar certo!”, pensava.

Depois de ter ultrapassado algumas tropas austríacas. Rostov pôde ver que as tropas restantes — a Guarda — já haviam entrado em ação.

“Tanto melhor! Mais de perto verei a batalha!”

Quase que seguia ao longo da primeira linha. Um corpo de cavaleiros cavalgava na sua direção. Eram soldados ulanos da Guarda, que regressavam, em desordem, do combate. Ao passar junto deles não pode deixar de ver que um dos homens estava coberto de sangue, mas continuou a galopar.

“Isto nada tem a ver comigo!”

Ainda não dera cem passos quando, à esquerda, cortando-lhe o caminho, surgiu, em toda a extensão do campo livre, uma imensa mole de cavaleiros, de brilhantes uniformes brancos, montando cavalos murzelos que avançava a trote para ele. Rostov esporeou o seu cavalo, que largou num galope doido, para lhes dar passagem, e tê-lo-ia conseguido se os cavaleiros viessem no mesmo andamento, mas eles apressaram a marcha, e alguns até se puseram a galope. Rostov cada vez distinguia melhor o tropear dos animais e o tinir das armas e notava com nitidez crescente os cavalos, a cara dos cavaleiros e até os seus traços fisionômicos. Eram os cavaleiros da Guarda russa que corriam a atacar a cavalaria francesa marchando ao seu encontro.

Todos galopavam mantendo ainda as suas montadas em boa forma. Rostov via-lhes agora as caras e ouvia a voz de comando “À carga!” de um oficial que esporeava o seu cavalo num galope desenfreado. Rostov, temendo ser esmagado ou arrastado, pôs-se a galopar ao longo da sua frente a todo o fôlego do seu cavalo, mas, no entanto, sem poder evitar uma colisão.

O cavaleiro da extremidade, um soldado bexigoso, de grande estatura, franziu as sobrancelhas, colérico, ao ver que era inevitável o choque com Rostov. E tê-lo-ia naturalmente deitado por terra, tanto a ele como ao seu Beduíno (Rostov sentiu-se minúsculo ao pé daqueles dois gigantes: soldado e cavalo), se Rostov não tivesse tido a presença de espírito de fustigar a cabeça da montada do cavaleiro da Guarda com o seu chicote. Este cavalo, um pesado murzelo de cinco verchoks de altura, empinou-se, as orelhas eriçadas, mas o cavaleiro, com um golpe das grandes esporas, lançou-o numa carreira doida, cauda ao vento e pescoço estendido. Mal os cavaleiros ultrapassaram Rostov, logo este ouviu gritos de “Hurra!” e, voltando-se, viu que as fileiras da vanguarda eram invadidas por cavaleiros estrangeiros, franceses, sem dúvida, de charlateiras vermelhas. E mais não pôde ver, pois logo em seguida uma peça fez fogo e tudo ficou submerso em fumo.

Naquele momento em que os guardas montados desapareciam no meio da fumaça, Rostov teve uma hesitação: não sabia se devia galopar atrás deles ou prosseguir no seu caminho, dirigindo-se onde era mister. Foi esta brilhante carga de cavalaria que provocou a admiração dos próprios franceses. Mais tarde Rostov sentiu-se aterrado quando soube que de toda aquela massa de rapazes soberbos, de mancebos ricos e brilhantes, montados em cavalos de milhares de rublos, que de todos aqueles oficiais e de todos aqueles junkers que haviam passado a galope diante dele, após o ataque não restavam mais de dezoito homens.

“Para que invejá-los? A minha vez há de chegar, e talvez de um momento para o outro eu venha a ter a felicidade de ver o imperador”, disse Rostov de si para consigo, retomando o caminho.

Ao chegar por alturas da infantaria da Guarda, verificou que estava a ser o ponto de mira das balas inimigas, não só por ouvi-las assobiar aos ouvidos, mas também ao ver o rosto inquieto dos soldados e a expressão entre grave e marcial dos oficiais.

Quando passou junto de uma coluna ouviu uma voz pronunciar-lhe o nome:

— Rostov!

— Que é? — respondeu, sem reconhecer Bóris.

— Hem? Estivemos na primeira linha. O nosso regimento aguentou a pé firme um duro ataque! — disse Bóris com um desses sorrisos de felicidade tão próprio dos jovens no seu batismo de fogo.

Rostov deteve-se.

— Estiveram?! — exclamou. — E então?

— Foram repelidos! — replicou Bóris, com animação, e mostrando-se palrador. — Imagina tu...

Pôs-se a contar como a Guarda, ao chegar à linha de fogo, ao ver tropas na sua frente, julgou tratar-se dos austríacos, e de repente percebeu, graças às balas disparadas contra ela, que se encontrava na primeira linha e que entrava na luta de improviso. Rostov nada mais quis ouvir e de novo deu de esporas ao cavalo.

— Aonde vais? — perguntou Bóris.

— Vou numa missão junto de Sua Majestade.

— Olha, ali o tens — disse Bóris, que julgara que o amigo ia em missão junto de Sua Alteza o Grão — Duque, e não de Sua Majestade o Czar. E apontou-lhe o primeiro, que, a uns cem passos, com o capacete e a farda de cavaleiro da Guarda, os ombros quadrados e as sobrancelhas franzidas, gritava uma ordem a um oficial austríaco, muito pálido na sua farda branca.

— Quê? Aquele é o grão-duque. Quem eu procuro é o general-chefe ou o imperador — replicou Rostov, sem se deter.

— Conde, conde — gritou Berg, surgindo de outro lado, e tão excitado como Bóris. — Conde, fui ferido na mão direita. — E mostrava o antebraço ensanguentado, envolto no lenço de assoar. — E apesar disso cá estou no meu posto. Conde, agarrei na espada com a mão esquerda. Na nossa família os Von Berg são todos heróis!

Berg disse o que quer que fosse, mas Rostov nada mais ouviu e continuou.

Depois de ultrapassar a Guarda e de atravessar um espaço vazio, para não vir a encontrar-se na primeira linha, como lhe acontecera aquando da carga dos guardas montados, seguiu ao longo da vanguarda das reservas, afastando-se do local em que a fuzilaria e o canhoneio eram mais intensos. De súbito, na sua frente e na retaguarda das tropas russas, num ponto onde lhe era impossível supor que o inimigo se encontrasse, ouviu fuzilaria muito próxima.

“Que será isto?”, pensou com os seus botes. “Estará o inimigo na retaguarda das nossas tropas? Não pode ser.” E um terror louco se apoderou dele, ao mesmo tempo por si e ao lembrar-se do que poderia ser o resultado da batalha. “Aconteça o que acontecer, o certo é que não há agora maneira de escapar. É preciso que eu descubra o general-chefe, e, se tudo estiver perdido, o meu dever é morrer como todos os outros.”

Os negros pressentimentos que assaltavam Rostov iam-se confirmando à medida que penetrava na zona ocupada pela massa de tropas de toda a procedência que se estendia por detrás de Pratzen.

— Que se passa? Que se passa? Contra quem é que se faz fogo? Quem faz fogo? — perguntava ele, sempre em marcha, aos soldados russos e austríacos, que, em grande confusão, lhe vedavam o caminho.

— Só o demo é que sabe! Estamos fritos! Está tudo perdido! — responderam-lhe em russo, em alemão, em checo, todos aqueles fugitivos, que, tal como ele, também não compreendiam o que estava a passar-se.

— Morram os alemães! — gritou um deles.

— Raios os partam, traidores!

— Que os leve o diabo a esses russos!²⁹ — rouquejou um alemão.

Feridos arrastavam-se — ao longo do caminho. As injúrias, os gritos, os gemidos, fundiam-se na vozeria geral. A fuzilaria havia serenado, e, assim Rostov depois o veio a saber, soldados russos e austríacos faziam fogo uns contra os outros.

“Meu Deus! Que é isto?”, dizia Rostov consigo mesmo. “E aqui, onde o imperador os pode ver de um momento para o outro... Mas não... São por certo apenas alguns poltrões. É coisa passageira. Não pode ser. Não pode ser. Ah! deixá-los para aí, depressa!”

A ideia de um desastre ou de uma derrota não podia entrar-lhe na cabeça. Embora estivesse a ver as baterias e as tropas francesas instaladas no planalto de Pratzen, onde devia procurar o general-chefe, não podia e não queria render-se à evidência.

Capítulo XVIII

Rostov tinha recebido ordem para descobrir Kutuzov ou o imperador nos arredores de Pratzen. Mas aí não estavam; aí nem sequer havia qualquer comandante, só se via uma turbamulta de tropas desorganizadas. Esporeou o cavalo, já estafado, na intenção de ultrapassar o mais depressa possível aqueles bandos, mas quanto mais avançava mais a debandada se acentuava. Na estrada real, onde chegou por fim, amontoavam-se caleches, equipagens de toda a espécie, soldados russos e austríacos de todas as armas, feridos e não feridos. Toda esta multidão confundida estrondeava e formigava, ao mesmo tempo que o troar sinistro das balas das baterias francesas instaladas nas alturas de Pratzen.

— Onde está o imperador? Onde está Kutuzov? — perguntava a todos quantos lograva deter, e ninguém lhe respondia.

Por fim agarrou um soldado pela gola e obrigou-o a falar.

— Ai, irmão! Há muito tempo que lá estão para diante. Deram às de vila-diogo! — replicou o soldado, rindo, enquanto tentava esgueirar-se.

Rostov largou o soldado, bêbado evidentemente, depois obrigou a parar o cavalo de um impedido ou de um estribeiro de qualquer graúda personagem e interrogou-o. O impedido explicou-lhe que cerca de uma hora antes tinham levado o imperador de carruagem, a todo o galope, por aquela mesma estrada, e que Sua Majestade ia gravemente ferido.

— Isso não pode ser — disse Rostov. — Foi certamente outra pessoa.

— Vi-o eu com estes que a terra há de comer — garantiu-lhe o homem, com um sorriso afoito. — Como se eu não conhecesse o imperador! Estou farto de o ver em Petersburgo! Lá ia, pálido, muito pálido, puxado pelos seus quatro cavalos pretos. Que de vezes, Pai do céu, eu os tenho visto passar! Não conheço eu agora os cavalos do czar e o Ilia Ivanitch. Parece-me que nunca ninguém se lembrou de dizer que o cocheiro do czar não é o Ilia Ivanitch!

Rostov soltou o bridão do cavalo e quis prosseguir o seu caminho. Um oficial ferido que passava dirigiu-se-lhe.

— Quem procura? O general-chefe? Foi morto por uma bala de artilharia em pleno peito, em frente do nosso regimento.

— Não foi morto, foi ferido — retificou outro oficial.

— Mas quem? Kutuzov? — perguntou Rostov.

— Kutuzov não! Como o diabo é que ele se chama? E, depois, tanto faz. Não há para aí muitos com vida. Vá lá diante, àquele povoado, lá estão reunidos todos os comandantes — disse o oficial, apontando para a aldeia de Gostieradek, e afastou-se.

Rostov continuou a passo, sem saber o que faria e a quem iria agora procurar. O imperador estava ferido, a batalha perdida. Não era possível acreditar em semelhante coisa. Dirigiu-se para o local que lhe indicavam, onde, na distância, avultava o campanário de uma igreja... Para que ter pressa agora? Que tinha ele agora a dizer ao imperador ou a Kutuzov, no caso de eles realmente estarem sãos e salvos e não feridos?

— É por aqui, meu fidalgo; se vai por aí, lá adiante matam-no — gritou-lhe um soldado. — Matam-no.

— Que estás tu a dizer? — disse outro soldado. — Que caminho lhe estás tu a apontar? Por ali é mais perto.

Rostov refletiu e meteu precisamente pelo caminho onde lhe diziam que seria morto.

“Agora tanto me faz. Se o imperador está ferido, para que hei de eu poupar-me?”, disse de si para consigo. Penetrou na zona onde houvera uma grande chacina de fugitivos de Pratzen. Os franceses ainda não ocupavam esta povoação, e os russos, pelo menos os sãos e salvos ou feridos, de há muito a tinham evacuado. No solo, como feixes num campo fértil, por cada desiatine, entre mortos ou feridos, jaziam dez a quinze homens. Os feridos arrastavam-se, em grupos de dois ou três, e ouviam-se os seus gritos e os seus gemidos, dolorosos e por vezes fingidos, assim, pelo menos, se afigurava a Rostov. Para não ver todos esses sofrimentos, deu de esporas ao cavalo e trotou. O horror apossava-se dele. Não receava pela vida, mas temia perder a coragem, a coragem de que tanto precisava, e que, sabia-o, acabaria por amolecer diante de tantas desgraças.

Os franceses, que haviam deixado de varrer com os seus projéteis o campo semeado de mortos e feridos desde que lá não viam ninguém de pé, ao descobrirem o ajudante-de-campo abrindo caminho pelo meio dele, apontaram-lhe uma das peças e dispararam algumas balas. Esses silvos espantosos e a vista dos cadáveres que o cercavam encheram-no de horror e de piedade por si próprio. Lembrou-se da última carta da mãe: “Que diria a mãe”, pensou Rostov, “se me visse agora no meio deste campo de batalha, ponto de mira destes canhões?”

Na povoação de Gostieradek havia tropas russas fugitivas do campo de batalha em melhor ordem que as demais, ainda que em grande confusão. As balas francesas não chegavam até ali, e o ruído da fuzilaria ouvia-se ao longe. Aí já toda a gente tinha uma visão nítida dos acontecimentos e todos eram de opinião de que a batalha estava perdida.

A Rostov, por mais que interrogasse, ninguém sabia dizer onde o imperador se encontrava ou onde estava Kutuzov. Uns eram de parecer de ser verídico o ferimento do czar, outros desmentiam e explicavam o falso boato com

o fato de ser verdade terem visto passar na grande carruagem do imperador, fugindo do campo de batalha, o marechal da corte conde de Tolstói, que acompanhava o czar com outras personalidades da comitiva. Um oficial disse a Rostov que por detrás da aldeia, à esquerda, vira fosse quem fosse do alto comando: Rostov para aí se encaminhou, ninguém esperando encontrar já, mas apenas por descargo de consciência. Depois de ter andado três verstas e de ter ultrapassado os últimos soldados russos, viu dois cavaleiros junto de uma horta ladeada por um fosso. Um deles tinha um penacho branco na barretina e não lhe era desconhecido; o outro, que ele nunca vira, montava um belo cavalo alazão, que Rostov se recordava de ter visto algures. Esse aproximou-se do fosso, esporeou o cavalo, e, soltando as rédeas, fê-lo transpor a horta. As patas traseiras ergueram pedaços de terra. Numa brusca meia volta o cavaleiro de novo saltou o fosso e dirigiu-se respeitosamente ao seu camarada do penacho branco, convidando-o, evidentemente, a fazer o mesmo. O cavaleiro que Rostov parecia reconhecer e que principiava a absorver-lhe a atenção fez um aceno negativo. Esse gesto levou-o a reconhecer imediatamente o seu imperador adorado, cuja desdita tanto deplorava.

“Mas não pode ser ele”, disse de si para consigo; “sozinho neste campo deserto.” Nesse momento. Alexandre voltou a cara e Rostov viu esses tão queridos traços profundamente gravados na sua memória. O imperador estava pálido, tinha as faces sulcadas, os olhos cavados, e assim ainda era maior o seu encanto e a sua doçura. Rostov sentia-se feliz por lhe ser dado verificar serem inexatos os boatos postos a correr sobre o ferimento do czar. Grande felicidade era o tê-lo visto. Sabia que podia, e que devia até, dirigir-se-lhe diretamente e transmitir-lhe a mensagem de Dolgorukov.

Mas assim como um jovem enamorado, trêmulo e comovido, não ousa exprimir os sentimentos que lhe povoaram as noites, e lança em volta de si olhares assustados como que à procura de auxílio ou da maneira de adiar ou de fugir quando chega o almejado instante em que finalmente se encontra a sós com ela, assim Rostov, agora, que era chegado o momento tão ardentemente desejado, não sabia se devia abordar o imperador e passavam-lhe pela cabeça mil ideias sobre a maior ou menor conveniência do seu ato.

“Quê? É como se eu aproveitasse a ocasião em que está só e triste. Talvez lhe seja penoso e desagradável ter de enfrentar neste momento uma cara desconhecida. E depois, que lhe poderia eu dizer, quando um dos seus olhares é quanto basta para me fazer desmaiar e perder a voz?” Nem uma só das numerosas frases que mentalmente havia preparado para lhe dirigir lhe vinha aos lábios. De resto, pela sua maior parte, tinha-as ele composto em vista de circunstâncias muito diferentes, ou para a hipótese de uma vitória ou de um triunfo, ou então

para o caso em que ele próprio no seu leito de agonia, mortalmente ferido, lhe dissesse todo o seu amor, que a própria morte confirmava, enquanto o soberano lhe agradeceria os seus feitos heroicos.

“E, além disso, que lhe vou eu perguntar a respeito do flanco direito, agora, que são quatro horas da tarde e a batalha está perdida? Não, decididamente não devo falar-lhe. Não devo perturbá-lo nas suas meditações. Antes mil vezes a morte que receber dele um mau olhar, que inspirar-lhe uma má opinião.” Rostov tomara uma decisão, e com tristeza e desespero na alma afastou-se, voltando-se para trás a todo o momento, para o seu imperador, que lá continuava imóvel e irresoluto.

No mesmo instante em que Rostov se dava a todas estas reflexões e tristemente prosseguia o seu caminho chegava o capitão Von Toll, inopinadamente, e, ao ver o imperador, aproximou-se dele e ofereceu-se para o ajudar a transpor o fosso. O imperador, que muito precisava de descanso, sentindo-se indisposto, sentou-se debaixo de uma macieira; Von Toll ficou a seu lado. Rostov, de longe, num misto de inveja e tristeza, viu Von Toll falar longa e calorosamente e o imperador, com os olhos cheios de lágrimas, tapar a cara e apertar-lhe a mão.

“E lembrar-me que podia estar no lugar dele!”, pensou, e quase sem poder reter as lágrimas condoídas pelo destino do imperador prosseguiu o seu caminho em completo desespero, sem saber que fazer ou aonde se dirigir.

E tanto maior era o desespero de Rostov quanto era certo dar-se conta de que a sua própria fraqueza era causa da sua dor.

Ele teria podido... não só teria podido, mas deveria ter-se aproximado. Eis uma ocasião única para lhe testemunhar a sua devoção. E não o tinha feito... “Que fiz eu?”, interrogou-se a si próprio. Apanhou o bridão e voltou ao local onde vira o imperador; mas já não estava ninguém junto do fosso. Ali já não havia senão carroças e equipagens. Por um soldado do trem soube que o estado-maior de Kutuzov se encontrava na vizinhança, na povoação para onde se dirigiam os comboios. Rostov seguiu-os.

À frente marchava o picador de Kutuzov, que conduzia uns cavalos cobertos com mantas. Atrás dele vinha uma carroça e depois um velho servo, de barrete redondo, meia peliça e pernas tortas.

— Tito! eh, Tito! — gritou o picador.

— Que é? — respondeu o velho sem pensar em coisa alguma.

— Tito, vai malhar o teu trigo.

— Eh, imbecil! Diabos te levem! — replicou o velho, escarrando, colérico.

Durante algum tempo seguiram em silêncio, depois de novo começaram com a mesma brincadeira.

Às cinco horas da tarde a batalha estava perdida em toda a frente. Mais de cem peças de artilharia tinham já caído nas mãos dos franceses.

Przebyszewky e o seu corpo de exército haviam deposto as armas. As outras colunas, depois de terem perdido quase metade dos seus efetivos, retiravam em bandos desordenados e confusos.

Os destroços dos corpos de Langeron e de Dokturov, em massas caóticas, comprimiam-se contra os diques e nas margens das albufeiras, nas cercanias da povoação de Augezd.

Às seis horas só no dique de Augezd prosseguia o canhoneio dos franceses, que tinham instalado numerosas baterias nas vertentes do planalto de Pratzen e faziam fogo sobre as tropas russas em retirada.

À retaguarda, Dokturov e outros, depois de conseguirem reorganizar alguns batalhões, defendiam-se contra a cavalaria francesa, que perseguia os russos. Já era escuro. Neste estreito dique de Augezd, onde, durante tantos anos, o velho moleiro de barrete de algodão tranquilamente pescara à linha, enquanto o neto, de mangas arregaçadas, remexia num regador buliçosos peixes de prata; neste dique, onde, durante tantos anos, tinham rodado pacíficas carroças carregadas de trigo, guiadas por bons morávios de barrete de pele e vestes azuis, para depois voltarem a passar, brancos de farinha, com os seus alvos carregamentos, neste mesmo dique homens comprimiam-se, no meio das carroças e dos canhões, por entre rodas e cavalos, e, de caras desfiguradas pelo terror, pisavam-se entre si, caminhavam por cima de cadáveres e de moribundos, matavam e passavam, para acabarem, mortos também, alguns passos mais adiante.

De dez em dez segundos, rasgando os ares, caía uma bala ou explodia um obus no meio daquela multidão compacta, matando e salpicando de sangue toda a gente nas imediações. Dolokov, ferido numa mão, a pé, com uma dúzia de soldados da sua companhia — já ganhara de novo os galões de oficial — e o coronel, a cavalo, eram os únicos sobreviventes do regimento. Arrastados pela multidão, comprimiam-se à entrada do dique, e, cercados por todos os lados, tinham feito alto, porque diante deles um cavalo caíra debaixo de um canhão e tiravam-no de lá. Uma bala matou um homem atrás deles, outra veio rebentar na sua frente, cobrindo de sangue Dolokov. A massa dos soldados precipitou-se desesperadamente, avançou alguns passos e de novo se deteve.

“Se ainda pudermos andar uns cem passos, estaremos salvos com certeza; se estacionamos aqui mais dois minutos, estamos perdidos pela certa”, era o pensamento de todos.

Dolokov, bloqueado, esgueirou-se pela extremidade do dique, derrubou dois soldados e fugiu por cima do gelo escorregadio que cobria a albufeira.

— Vira a peça! — gritou, ao saltar para cima da neve, que estalava.
— Volta-a.

Era evidente que o gelo, que ia abrir-se sob o seu peso, com muito mais razão se quebraria sob o peso da peça e da multidão. Os homens olhavam para ele e comprimiam-se contra a margem, sem ousarem saltar para o gelo. O coronel, a cavalo, ali ao pé, ergueu a mão e abriu a boca para lhe dizer fosse o que fosse. Subitamente uma bala passou tão rente que todos baixaram a cabeça. Ouviu-se um estalido em cima de qualquer coisa mole e o coronel caiu juntamente com o cavalo no meio de um charco de sangue. Ninguém olhou para ele e ninguém se lembrou de o ajudar a levantar.

— Salvemo-nos por cima do gelo! Salvemo-nos por cima do gelo! Vamos a isto! Volta! Não ouves! Para a frente! — gritaram, milhares de vozes, assim que o coronel caiu varado, sem que ninguém soubesse ao certo o que estava a dizer.

Uma das peças da retaguarda que avançara para o dique obliquou em direção ao gelo. Soldados em massa lançaram-se nesse momento sobre a laguna. O gelo estalou sob os pés de um dos fugitivos, e uma das suas pernas enterrou-se-lhe; quis levantar-se, mas não tardou a afundar-se até à cintura. Os soldados que estavam mais perto dele ficaram imóveis, o condutor da peça refreou o cavalo, mas lá para trás continuavam a ressoar os gritos: “Salvemo-nos por cima do gelo! Por que é que aquele parou? Para a frente! Para a frente!” Gritos de terror se ouviram. Os soldados vizinhos da peça chicoteavam os cavalos para os obrigar a voltar e avançar. Estes afastaram-se da margem. O gelo que sustinha os peões quebrou-se num largo espaço e os quarenta homens que sobre ele se encontravam viram-se precipitados para todos os lados, afogando-se, agarrados uns aos outros.

As balas regularmente continuaram a assobiar e a cair sobre o gelo, na água, e sobretudo no meio da massa humana que enchia o dique, a albufeira e as margens.

Capítulo XIX

No planalto de Pratzen, exatamente no mesmo sítio onde tinha caído com a bandeira na mão, estava estendido o príncipe André Bolkonski, perdendo sangue e soltando inconscientemente fracos e queixosos gemidos, como os de uma criança.

Para o fim da tarde deixou de se queixar e calou-se por completo. Não soube quanto tempo esteve sem sentidos. De súbito reanimou-se sentindo uma dor pungente e lancinante na cabeça...

“Onde está aquele céu sem fundo que eu nunca tinha visto e que vi hoje pela primeira vez?”, tal foi o seu primeiro pensamento. “E estas dores, também as não conhecia. Sim, até hoje ignorava tudo. Mas onde estou?”

Apurou o ouvido e apercebeu um ruído de cavalos que se aproximavam e de vozes que falavam francês. Abriu os olhos. Por cima da sua cabeça lá estava ainda o mesmo céu profundo, com as suas nuvens flutuantes, cada vez mais altas e que deixavam ver o infinito azulíneo. Não voltou a cabeça e não viu aqueles que, a avaliar pelos ruídos que percebia, se aproximavam e paravam.

Esses cavaleiros eram Napoleão e dois ajudantes-de-campo. Bonaparte havia percorrido o campo de batalha e dera ordens para reforçarem as baterias que faziam fogo sobre o dique de Augezd. Agora examinava os mortos e os feridos que jaziam no campo.

— Que belos homens! — dizia ele, diante do cadáver de um granadeiro russo estendido de barriga para baixo, a cara contra o solo, a nuca negra, os braços estendidos a todo o comprimento e já rígido.

— Estão esgotadas as munições das peças, Sire! — disse nesse momento um ajudante-de-campo que chegava vindo das baterias que bombardeavam Augezd.

— Mande avançar as da reserva — replicou Napoleão. Depois de ter dado alguns passos deteve-se junto do príncipe André, estendido de costas, ao lado da haste da bandeira que tinha sido tomada como troféu pelos franceses.

— Eis uma bela morte! — disse, ao vê-lo.

André compreendeu que era dele que estavam a falar e que era Napoleão quem falava. Tinha ouvido chamar sire à personagem de quem se tratava. Mas as palavras afluíam-lhe os ouvidos como se fossem zumbidos de moscas. Não só lhe não interessavam como lhes não prestava a mais pequena atenção, e breve lhe abandonaram o espírito. A testa escaldava-lhe, sentia que o sangue se lhe ia esvaziando das veias, e continuava sempre a ver o céu longínquo, profundo e eterno. Sabia Napoleão ali. Napoleão, o seu herói, e naquele instante Napoleão, em comparação com o drama que se desenrolava entre a sua alma e

aquele céu profundo, sem limites, em comparação com aquelas nuvens que fugiam, parecia-lhe perfeitamente insignificante. Naquele instante era absolutamente indiferente àquele que se debruçava sobre ele, àquele que falava dele; mas estava contente com o fato de aqueles homens se haverem detido, e apenas desejaria que eles o socorressem e o fizessem regressar àquela vida que tão bela lhe parecia desde que a compreendia de outra maneira. Chamou a si todas as suas forças para conseguir fazer um movimento e articular alguns sons. Agitou debilmente a perna e despediu uma queixa fraca e dolorosa, que acordou em si próprio um sentimento de piedade.

— Ah! Vive! — disse Napoleão. — Levantem este rapaz e levem-no à ambulância!

Depois de ter dito estas palavras, Napoleão afastou-se e foi ao encontro do marechal Lannes, que, sorrindo, se descobriu e se aproximou para o felicitar.

André não pôde reter mais nada. A dor tremenda que lhe causaram o transporte na maca, os choques e as sondagens da sua ferida na ambulância fizeram-no perder de novo os sentidos. Só voltou a si no fim do dia quando o transportaram para o hospital com vários outros oficiais russos feridos e prisioneiros. Durante o trajeto sentiu-se um pouco reconfortado e pôde dar fé do que se passava em torno dele e até mesmo falar.

As primeiras palavras que ouviu ao voltar a si foram as do oficial francês que os conduzia:

— É preciso fazer alto aqui. Vai passar o imperador. Convém dar-lhe o prazer de ver estes senhores prisioneiros.

— Hoje são tantos os cativos, quase todo o exército russo, que ele já deve estar farto — disse outro.

— Sim, mas, no entanto, este, segundo dizem, é o comandante da guarda pessoal do imperador Alexandre — voltou o primeiro, apontando para um oficial ferido, de uniforme branco da Guarda montada.

Bolkonski reconheceu o príncipe Riepnine, que conhecia dos salões de Petersburgo. Ao lado via-se um jovem de uns dezanove anos, igualmente ferido e também fardado de cavaleiro da Guarda.

Bonaparte, aproximando-se a galope, deteve o seu cavalo junto deles.

— Qual é o de posto mais elevado? — perguntou, ao ver os prisioneiros.

Indicaram-lhe o coronel príncipe Riepnine.

— É o comandante do regimento de cavalaria da Guarda do imperador Alexandre? — interrogou Napoleão.

— Eu comandava um esquadrão — replicou Riepnine.

— O seu regimento cumpriu nobremente o seu dever.

— O elogio de um grande capitão é a melhor recompensa de um soldado.

— É com prazer que lha concedo — voltou Napoleão — Quem é esse jovem que está a seu lado?

O príncipe Riepnine disse o nome do tenente Suktelen.

Napoleão olhou-o, a sorrir:

— Muito novo veio ele ter conosco.

— A juventude não impede um homem de ser bravo — disse Suktelen, numa voz trêmula de emoção.

— Bela resposta, mancebo — disse Napoleão — Irá longe!

Para completar o troféu dos prisioneiros, o príncipe André, colocado também na primeira fila, diante do imperador, não podia deixar de lhe atrair a atenção. Napoleão recordou-se de o ter visto no campo de batalha, e dirigindo-se a ele deu-lhe esse mesmo tratamento de rapaz, o aspecto sob o qual ele se lhe havia gravado na memória.

— E você, meu rapaz? — disse-lhe. — Como é que se sente, meu valente?

Ainda que cinco minutos antes André tivesse podido dizer algumas palavras aos soldados que o transportavam, agora calava-se, os olhos fixos em Napoleão. Afiguravam-se-lhe tão medíocres naquele momento os interesses que preocupavam o imperador, o próprio herói que lhe parecia tão insignificante, com a sua vaidade mesquinha e a alegria da vitória, quando comparava tudo isto ao espetáculo daquele céu imenso, pleno de justiça e de bondade, cuja grandeza compreendera, que lhe era impossível responder.

E, com efeito, tudo lhe parecia inútil, miserável, ao pé dos pensamentos severos e sublimes que o esgotamento das forças lhe provocara após a efusão de sangue, as dores e a expectativa de uma morte próxima. Ao mergulhar o seu olhar no de Napoleão, pensava na vaidade da grandeza, na insignificância da vida, cujo sentido ninguém podia compreender, e ainda mais na da morte, cujo significado se conservava ininteligível e impenetrável a todos os vivos.

O imperador deu meia volta sem esperar resposta, e, ao retirar-se, dirigiu-se a um comandante:

— Tomem conta destes senhores e transportem-nos ao meu acampamento, para que o meu médico, Larrey, lhes examine os ferimentos. — E, esporeando o cavalo, a galope prosseguiu no seu caminho.

No rosto de Napoleão lia-se íntimo contentamento e verdadeira felicidade. Os soldados que tinham transportado o príncipe André e lhe haviam

furtado a imagenzinha de ouro que Maria, sua irmã, lhe suspendera ao pescoço, ao verem a benevolência do imperador para com os prisioneiros, deram-se pressa em restituir-lha. Como, não o soube André, mas de repente a medalhinha apareceu-lhe suspensa do uniforme pela sua cadeia de ouro.

“Que felicidade”, dizia ele de si para consigo, fitando a imagem que a irmã lhe confiara com tanta emoção e piedade, “que felicidade, se tudo fosse tão claro e simples como a Maria imagina! Que felizes seríamos sabendo a quem pedir auxílio nesta vida e o que nos espera depois, para além do túmulo! Como eu seria feliz e que tranquilo eu me sentiria se neste momento pudesse dizer: Senhor, tende piedade de mim!... Mas a quem hei de eu dirigir esta oração? Será esta força indefinível, incompreensível, a que não só me não posso dirigir, mas que nem mesmo posso exprimir por palavras, o grande todo ou o nada, ou então esse Deus representado nesta medalha que me deu Maria? Não há nada, nada certo, além do pouco valor de tudo quanto eu posso compreender e da sublimidade desse incompreensível que ultrapassa toda a grandeza!”

Pegaram na maca. De cada vez que a sacudiam, o príncipe André sentia uma dor insuportável; o seu estado febril agravou-se. Delirou. A lembrança de seu pai, de sua mulher, de sua irmã, do filho que ia nascer, a recordação do enternecimento que sentira na véspera da batalha, a figura desse pequeno Napoleão que tão insignificante lhe parecera e ainda por cima a obsessão daquele céu profundo, tudo lhe povoava os sonhos de imagens de fogo. Uma vida serena e de tranquila felicidade conjugal em Lissia Gori perpassava-lhe pela imaginação. Mas, mal sentia a alegria desta felicidade, repentinamente lhe aparecia o pequeno Napoleão de olhar frio, limitado, contente com a infelicidade alheia, e de novo começavam os horrores da dúvida e da dor. Só a imagem do céu lhe trazia um certo apaziguamento. Lá para a madrugada todos estes sonhos se misturavam, numa espécie de caos, e ele precipitou-se nessas trevas da inconsciência e do olvido que na opinião do próprio Larrey deveriam terminar muito mais provavelmente com a morte que com a vida.

— É um indivíduo nervoso e bilioso — dissera ele. — Não escapará desta.

O príncipe André, bem como outros feridos com poucas esperanças de cura, foi confiado aos cuidados dos habitantes da região.

Quarta Parte

Capítulo I

Nos princípios de 1806, Nicolau Rostov veio a casa em gozo de licença. Denissov também regressava a Voroneje e Rostov conseguira persuadi-lo a acompanhá-lo até Moscou e a hospedar-se em casa dos seus. Na antepenúltima muda, para festejar o encontro com o seu camarada, Rostov despejara duas ou três garrafas na companhia do amigo. Às portas da capital, apesar dos barrancos da estrada, estendido ao comprido no fundo do trenó de posta, Denissov continuava a dormir, enquanto Rostov, à medida que se aproximava do seu destino, se mostrava mais e mais impaciente.

“Estaremos lá não tarda nada! Estaremos lá não tarda nada! Oh, estas ruas insuportáveis, estas lojas, estes calatch ³⁰, estes revérberos, estes izvochtchiks³¹” ia ele dizendo para consigo mesmo quando, nas barreiras, lhe verificaram a licença e entraram finalmente em Moscou.

— Denissov, cá estamos! Ainda dormes? — gritou, lançando instintivamente o corpo para avante, como se assim esperasse acelerar a marcha do trenó.

Denissov não respondeu.

— Olha a encruzilhada onde costuma estar Zakar, o cocheiro: e lá está ele, o Zakar, sempre com o mesmo cavalo. E aqui está a lojinha onde nós costumávamos comprar o prianiki³²! Avia-te! Hem!

— Qual é a casa? — perguntou o postilhão.

— Lá adiante, ao fundo, a grande, não vês? Aquela é que é a nossa casa! Denissov! Estamos a chegar.

Denissov ergueu o pescoço, tossicou e não disse palavra. — Dimitri — gritou Rostov para o lacaio sentado ao lado do postilhão — Há luz na nossa casa?

— Sim, senhor, está iluminado o gabinete do papa.

— Ainda não teria ido para a cama? Hem! Que te parece? Olha o que te digo, não te esqueças de tirar já da mala a minha nova samarra húngara — acrescentou, cofiando o bigodinho novo. — Avia-te, anda, mais depressa! — gritou para o postilhão. — Eh! acordas ou não, Vássia? — disse, sacudindo Denissov, que voltara a adormecer. — Vamos, francamente! Tens três rublos para vodka, francamente! — prosseguia, e já poucas casas o separavam da sua. Afigurava-se-lhe que os cavalos não saíam do mesmo sítio. Finalmente, o trenó voltou à direita, em direção à entrada. Rostov viu a cornija tão sua conhecida, com o seu gesso esborcinado, os degraus da entrada, o marco do passeio. Saltou do trenó em andamento e correu para a porta. A casa lá estava, imóvel, pouco hospitaleira, como que absolutamente alheia àquele que acabava de chegar. No vestíbulo ninguém. Ah! Deus meu, terá acontecido alguma, coisa?”, pensou

Rostov. Deteve-se alguns instantes, o coração apertado, e logo continuou a correr através do corredor e das escadas tão suas conhecidas, de degraus irregulares. Lá estava o mesmo puxador na porta, cuja sordidez irritava a condessa. Continuava a abrir-se com a mesma facilidade de outros tempos. Na antecâmara estava uma candeia acesa. O velho Mikailo dormia deitado em cima de uma arca. Prokofi, o lacaios, tão forte que era capaz de erguer um carro pelo rodado traseiro, estava a entrançar orlas de laptis³³. Voltou-se quando a porta se abriu e imediatamente o seu ar sonolento e indiferente se converteu em susto, num susto a que vinha misturar-se uma certa alegria,

— Ah! Deus do céu! O condezinho! — exclamou, ao reconhecer o menino. — Que aconteceu? Meu querido menino! — E Prokofi, todo trêmulo, precipitou-se para a porta do salão, naturalmente para anunciar o acontecimento, mas, refletindo, voltou atrás e deixou-se cair contra o ombro do seu amo.

— Está tudo bem? — perguntou Rostov, soltando os braços.

— Graças a Deus! Está tudo bem! Acabaram agora mesmo de jantar. Deixa-me olhar-te, Excelência!

— Está tudo mesmo bem?

— Está, está, graças a Deus!

Rostov, que se esquecera por completo de Denissov, sem querer que ninguém o anunciasse, atirou a peliça, e em bicos de pés correu para o salão grande, às escuras. Tudo estava como dantes: as mesmas mesas de jogo, os mesmos lustres enfiados nas mesmas camisas. O jovem já fora pressentido em casa, e mal entrara no salão uma porta lateral abrira-se e a família rompeu com fragor, caindo sobre ele aos abraços e aos beijos. Depois, por outras portas, veio chegando mais gente; e houve abraços, beijos, exclamações, lágrimas de alegria. Rostov não era capaz de saber quem era o pai, quem era Natacha, quem era Pétia. Todos gritavam, falavam e o abraçavam ao mesmo tempo. Só uma pessoa faltava: a mãe. Rostov deu por isso.

— Eu não sabia... Nikoluchka... meu querido!

— Aí está ele... o nosso... o meu amigo Kólia... Como estás mudado! Luz! Sirvam o chá!

— Dá cá um beijo!

— E a mim também, queridinho!

Sônia, Natacha, Pétia, Ana Mikailovna, Vera, o velho conde, o apertavam contra o peito. Os criados, as criadas de quarto, que enchiam o salão, todos falavam ao mesmo tempo, soltando exclamações.

Pétia dependurava-se-lhe nas pernas.

— E eu! — clamava ele.

Natacha beijocava-o, depois puxava-o para si, beijava-o por toda a cara, agarrava-se-lhe às abas do dólman, dava cabriolas e despedia gritos agudos.

Só se viam lágrimas de alegria, olhares cheios de ternura; só se ouviam beijos.

Sônia, vermelha como kumatch³⁴, enfiara-lhe o braço, e toda ela era plenitude, uma plenitude que lhe subia aos olhos felizes, sempre à procura dos de Rostov. Já fizera dezasseis anos e era muito bonita, sobretudo naquele momento em que a alegria se lhe estampava no rosto. Olhava para Rostov e não podia apartar dele os olhos, toda sorridente, como que sufocada de felicidade. Rostov estava-lhe muito reconhecido, mas não deixava de esperar e de procurar fosse quem fosse. A velha condessa ainda não aparecera. E eis que se ouvem passos junto à porta. Eram tão rápidos que não acreditava que pudessem ser de sua mãe.

Mas era, era ela, era ela com um vestido novo que ele nunca lhe vira, um vestido que mandara fazer na sua ausência. Todos se afastaram, e Rostov correu para ela. Uma vez um ao pé do outro, a mãe deixou-se cair contra o peito do filho, rompendo em soluços. Sem forças para levantar a cabeça, escondia a cara nos frios alamares do dólman.

Denissov, de que ninguém ainda se apercebera, entrara e detivera-se a olhar para toda aquela gente, esfregando os olhos.

— Vassili Denissov, um amigo do Nicolau! — exclamou, apresentando-se ao conde, que o interrogava com os olhos.

— Bem-vindo seja! Bem sei, bem sei! — disse o conde, apertando Denissov nos seus braços e dando-lhe um beijo. — O Nikoluchka avisou-me... Natacha, Vera, cá está ele, é o Denissov.

As mesmas caras juvenis, felizes e cheias de vida precipitaram-se sobre a hirsuta figura de Denissov, rodeando-o.

— Meu querido Denissov! — exclamou Natacha, que, não podendo reprimir o seu entusiasmo, foi para ele, pegou-lhe nos braços e pôs-se a beijá-lo. Toda a gente se sentiu embaraçada com aquela atitude de Natacha. O próprio Denissov corou, mas, sorrindo, tomou-lhe a mão e levou-a aos lábios.

Conduziram Denissov ao aposento preparado para ele, e toda a família Rostov se reuniu no quarto do divã à volta de Nikoluchka.

A velha condessa, sem abandonar a mão do filho, que a cada momento levava aos lábios, sentou-se a seu lado. Os demais, todos em volta, bebiam-lhe cada um dos seus gestos, cada uma das suas palavras, cada um dos seus olhares, não deixando de o fixar com olhos amorosos e extasiados. O irmão e as irmãs debatiam-se, roubando-se mutuamente os lugares mais próximos, e lutavam uns com os outros para lhe apresentarem a xícara de chá, o lenço, o cachimbo.

Rostov sentia-se muito feliz com todas estas demonstrações de afeto; mas os primeiros momentos após o seu regresso haviam-no tornado tão feliz que a alegria que sentia agora era pouca coisa e continuava à espera, esperava sempre, uma felicidade maior.

No dia seguinte os viajantes, fatigados da viagem, não se levantaram antes das dez horas.

No quarto contíguo ao deles viam-se, a monte, os sabres, as mochilas, as cartucheiras, as malas abertas, as botas enlameadas. Dois pares de botas, com as respectivas esporas, depois de engraxadas, acabavam de ser alinhadas junto à parede. Criados traziam bacias de mãos, água quente para a barba e roupas limpas. Havia no ambiente um cheiro a tabaco e a utensílios militares.

— Eh! Grichka, o meu cachimbo! — gritou Vassili Denissov com voz rouca. — Rostov, levanta-te!

Rostov, esfregando os olhos pegados pelo sono, ergueu a cabeça hirsuta da macia almofada.

— Que aconteceu? Já é tarde?

— É. Já deram dez horas — respondeu a voz de Natacha, e no quarto contíguo ouviu-se um roçar de vestidos engomados, um segredar e risos de raparigas; através da porta entreaberta surgiu qualquer coisa azul, fitas, cabelos pretos e caras joviais. Eram Natacha, Sônia e Pétia, que vinham espreitar para ver se ele estaria levantado.

— Nikolenka, a pé! — ouviu-se da porta a voz de Natacha.

— É já!

Entretanto, Pétia, que no quarto contíguo descobrira os sabres e se apropriara de um deles, cheio daquele entusiasmo tão próprio dos rapazes mais novos diante do aparato bélico de um irmão mais velho, esquecendo-se de que não era decente para as irmãs ver homens em trajes menores, abriu a porta.

— É o teu sabre? — gritou.

As meninas deram um salto à retaguarda. Denissov, assustado, tratou de esconder as pernas debaixo da colcha, lançando um olhar aflito ao camarada. A porta deixou passar Pétia, depois voltou a fechar-se. Atrás dela ouviam-se risos.

— Nikolenka, veste o teu roupão — disse Natacha.

— É o teu sabre? — repetiu Pétia. — Ou é o seu? — acrescentou, com profunda veneração, dirigindo-se à espessa bigodeira preta de Denissov.

Rostov calçou-se à pressa, enfiou um roupão e apareceu à porta. Natacha já tinha enfiado uma das botas de esporas e tratava de se introduzir dentro da outra. Sônia girava sobre os tacões, fazia inchar o balão da saia e ia

acocorar-se naquele momento. Estavam ambas de azul e com os vestidos do mesmo feitio, que eram novos, muito rosadas, frescas e risonhas. Sônia fugiu, e Natacha, enfiando o braço no do irmão, levou-o para o quarto do divã, onde se puseram a tagarelar. Ainda não tinham tido tempo de perguntar um ao outro essas mil pequenas coisas que só a eles interessavam. Natacha ria a cada palavra que trocavam, não porque fosse para rir o que diziam, mas apenas por se sentir alegre e lhe não ser possível reprimir essa transbordante alegria,

— Ah! Que bom que é! — dizia ela a cada momento. Rostov, graças àqueles calorosos eflúvios de ternura, sentia pela primeira vez de há um ano para cá desabrochar-se-lhe no coração e na cara aquele riso infantil que o abandonara por completo desde que saíra de casa.

— Agora, ouve — dizia ela -, agora és um verdadeiro homem, não é assim? Nem sabes como eu estou contente por seres meu irmão. — Puxou-lhe pelos bigodes. — Ah! Como eu gostava de vos conhecer bem a vocês, homens. Diz-me cá, parecem-se conosco? Hem?

— Por que é que a Sônia se esgueirou? — perguntou Rostov.

— Oh! Há muito que dizer a esse respeito. E, conta-me lá, como é que a vais tratar? Vais tratá-la por tu ou por senhora?

— É como calhar.

— Não a trates por tu, peço-te, depois te direi por quê.

— Mas por quê?

— Bom, vou dizer-te por quê. Tu sabes que a Sônia é minha amiga, uma amiga por quem eu seria capaz de queimar um braço. Olha, queres ver?

Natacha arregaçou a manga de musselina e mostrou, debaixo do braço delgado, magricela e mole, junto ao ombro, num ponto ordinariamente escondido pelos próprios vestidos de baile, um sinal vermelho.

— Fui eu que me queimei para lhe provar a minha amizade. Aqueci uma régua no fogão e cheguei-a aqui.

Sentado num divã cheio de almofadas na antiga sala de estudo, diante de si os olhos extraordinariamente animados de Natacha, Rostov sentia-se de novo mergulhado naquele mundo familiar da sua infância, que a ninguém mais podia interessar senão a ele próprio, mas que lhe proporcionava os melhores prazeres da sua existência, e a aventura do braço queimado com a régua em brasa não lhe pareceu uma coisa insignificante; compreendia-a sem se surpreender.

— É só isso? — perguntou ele.

— Ah, somos tão amigas, tão amigas! A história da régua é uma estupidez... Mas somos amigas para toda a vida. Ela, quando gosta de alguém, é para toda a vida. Eu cá não sou assim; esquecer-me-ia depressa.

— E então de que se trata?

— Pois bem, é que ela gosta de mim e também de ti. Natacha ficou de repente toda corada.

— Sim, lembras-te, antes da partida... Sim, ela disse que mesmo que tu esquecesses tudo... “Hei de sempre gostar dele, mas quero que ele se sinta livre...” Não é verdade que isto é lindo, que isto é nobre? Sim, sim, não é lindo? Não é nobre? Responde! — exclamou Natacha, com um tom de voz tão grave e tão comovido que se via perfeitamente já ter chorado mais do que uma vez ao pensar nisso.

Rostov ficou pensativo.

— Eu nunca quebrarei a minha palavra — declarou. — Aliás, a Sônia é tão maravilhosa que era preciso eu ser um imbecil para me negar à felicidade com ela.

— Não, não — tornou Natacha com vivacidade. — Já conversamos as duas sobre o assunto. Tínhamos a certeza de havias de falar assim. Mas não pode ser, porque, é preciso que compreendas, se tu te considerares ligado pela tua palavra, pode julgar-se que ela o fez de propósito. E tu acabarias por casar com ela por obrigação, o que não pode ser.

Rostov apercebeu-se de que tudo aquilo era muito sensato. Desde que a vira, na véspera, que Sônia o impressionara pela gentileza. Há pouco, embora a tivesse visto apenas de relance, ainda lhe parecera melhor. Era uma encantadora mocinha de dezasseis anos, que, evidentemente, o amava com paixão, disso não podia duvidar um só momento. Por que é que a não desposava agora? Ah! Eram tantos os seus motivos de alegria e tantas as coisas que o preocupavam! Sim — refletia Rostov -, elas têm razão. É preciso que eu continue livre.

— Bom, então, ótimo, havemos de voltar a falar no assunto. Ah! Que contente eu me sinto por tornar a ver-te! E olha lá — acrescentou -, tu não atraíçoaste o Bóris?

— Que patetice é essa?! — exclamou Natacha, rindo. — Não penso nele nem em ninguém, nem quero mesmo pensar seja em quem for.

— Quê? Tu não pensas em ninguém? Então em que pensas?

— Eu? — respondeu Natacha com um sorriso pleno de felicidade. — Viste o Duport?

— Não.

— O célebre Duport, o bailarino, nunca o viste? Então é inútil; não podes compreender. Eu, eu sou assim.

Natacha, arredondando os braços, pegou na saia, à imitação das bailarinas, deu alguns passos correndo, voltou-se, fez uma pirueta, juntou os pés, batendo um no outro, e ergueu-se em pontas.

— Hem! Olha para isto! Seguro-me. Vês? — disse ela. Mas não conseguia aguentar-se na ponta dos pés. — Aqui tens o que eu quero ser! Nunca me casarei, e hei de vir a ser bailarina. Mas não digas a ninguém.

Rostov teve um ataque de riso tão forte e tão sincero que Denissov, no quarto contíguo, sentiu ciúmes daquele riso; Natacha, sem se poder conter, desatou a rir também.

— Não é verdade que é lindo? — repetia ela a cada momento.

— É, mas então já não queres casar com o Bóris?

Natacha ficou toda escarlate.

— Não quero casar com ninguém. E hei de dizer-lho a ele mesmo assim que o vir.

— Não pode ser.

— E, depois, tudo isto são patetices — prosseguiu ela. — E Denissov, que tal? É simpático?

— Muito, muito simpático.

— Bom, adeus, vai-te arranjar. E, ouve lá, mete medo, o Denissov?

— Por que é que ele havia de meter medo? Não, o Vaska é bom rapaz.

— Como é que tu lhe chamas? Vaska?... Tem graça. Então é simpático?

— Claro que é.

— Então não te demores para o chá. Tomamo-lo juntos.

Natacha voltou a erguer-se em pontas e atravessou o quarto à maneira das bailarinas, sorrindo como só o fazem as rapariguinhas de quinze anos. Rostov, ao dar com Sônia no salão, ficou muito corado. Não sabia que atitude tomar diante dela. Na véspera tinham-se beijado, nas primeiras efusões do regresso, mas agora compreendia que isso não podia ser. Sentia sobre ele os olhares interrogadores de toda a gente, da mãe e das irmãs em particular, sempre à espera de ver o que ele faria. Beijou-lhe a mão e não a tratou por tu. Encontrando-se, porém, os olhos de ambos diziam tu e atiravam beijos um ao outro. O olhar de Sônia pedia-lhe perdão de haver ousado lembrar-lhe, por intermédio de Natacha, a promessa dele e agradecia-lhe o amor que lhe tinha. O dele, por sua vez, agradecia-lhe o ela ter-lhe restituído a sua palavra e protestava, firme, que de uma maneira ou de outra nunca deixaria de a amar, pois lhe não era possível viver sem gostar dela.

— Em todo o caso, é curioso — disse Vera, aproveitando um momento em que toda a gente estava calada -, é curioso que a Sônia e o Nikolenka agora não se tratem por tu; parecem dois estranhos.

A observação era acertada, como em geral acontecia a tudo quanto ela dizia, mas, como sempre, igualmente, um grande embaraço se apoderou de toda a gente, e não só de Sônia, de Nicolau e de Natacha, como até da própria condessa, que não via com bons olhos aqueles amores do filho. Semelhante inclinação podia fazê-lo perder algum brilhante partido. E ela também corou como qualquer rapariguinha. Denissov, com grande espanto de Rostov, de farda nova, penteado e perfumado, entrou na sala com a mesma elegância que costumava ter no campo de batalha, e junto das senhoras comportou-se como um verdadeiro mundano, o que não deixou de surpreender o amigo.

Capítulo II

No seu regresso a Moscou, Nicolau Rostov fora recebido pela família como o melhor dos filhos, um herói, o incomparável Nikoluchka; pelos seus outros parentes, como um rapaz encantador, distinto e bem educado; pelos seus conhecidos, como um belo tenente de húsares, um excelente dançarino e um dos melhores partidos da capital.

Toda Moscou conhecia os Rostov. Naquele ano, o velho conde estava próspero, visto haver renovado as hipotecas sobre os seus domínios. Eis por que Nikoluchka dispunha de um trotador, usava calções de montar à última moda e botas altas como ainda mais ninguém usava em Moscou, de biqueira aguçada, e esporas de prata. Levava uma rica vida. Regressando a casa, Rostov experimentava a impressão agradável de quem se readapta, após um longo intervalo, a antigos hábitos de existência. Tinha a sensação de que crescera e de que era agora um homem completo. As suas aventuras de criança, o seu desespero na altura em que fizera exame de catequese e em que ficara reprovado, os seus pedidos de dinheiro ao cocheiro Gavril, os beijos trocados com Sônia às escondidas, tudo isso lhe vinha à lembrança como criancices de que estava muito longe. Agora era tenente de húsares, vestia um dólman agalado a prata com a cruz de S. Jorge de soldado e adestrava o seu trotador para as corridas na companhia de amadores hípicas conhecidos reputados e respeitáveis. Conhecera uma senhora com quem passava as noites. Dirigia a mazurca nos bailes dos Arkarov, falava da guerra com o marechal-de-campo Kamenski, frequentava o clube inglês e tratava por tu um coronel quarentão a quem Denissov o apresentara.

A sua paixão pelo imperador enfraquecera um pouco desde que estava em Moscou. Nunca o via, nem tinha ocasião para isso; mas, por vezes, falava dele, dizia quanto o estimava, dando a entender que falando assim calava alguma coisa e que nos seus sentimentos havia uma parte de mistério que o comum dos mortais não podia entender. No fundo do seu coração compartilhava da adoração geral da cidade por Alexandre Pavlovitch, a quem chamavam então correntemente “um anjo de carne e osso”.

Durante a sua estada em Moscou, enquanto não regressou ao regimento, Rostov antes se afastou de Sônia do que dela se aproximou. Ela era muito bonita, muito gentil, e, claro, amava-o apaixonadamente; mas ele atravessava então aquele período da juventude em que o homem parece ter tanta coisa a fazer que lhe falta tempo para se ocupar de ninharias, com que receia prender-se, e estima antes de mais nada a liberdade, que lhe é indispensável para tudo o mais. Quando pensava em Sônia durante essa estada em Moscou dizia consigo mesmo: “Sim! Há muitas, muitas mais como ela, que eu ainda não

conheço. Tenho tempo de pensar em amores quando me der na real gana, agora não, agora tenho mais em que pensar.” Além disso, afigurava-se-lhe humilhante para o homem que então era comprazer-se no convívio de mulheres. Frequentava os bailes e as reuniões femininas sempre com o ar de quem está contrariado. As corridas e as visitas “a casa dela”, isso era outra coisa: isso ficava bem a um verdadeiro húsar.

No princípio de março, o velho conde Ilia Andreitch Rostov andou muito ocupado com a organização de um banquete no clube inglês em honra do príncipe Bagration.

O conde, de roupão, ia e vinha ao longo dos salões, dando as suas ordens ao ecônomo do clube e ao famoso Feoktiste, cozinheiro-chefe, acerca dos espargos, dos pepinos frescos, dos morangos, das viandas e do peixe para o banquete. O conde era membro e presidente do clube desde a sua fundação. Tinham-lhe confiado a missão de organizar o banquete em honra de Bagration, pois ninguém sabia como ele, à grande e generosamente, preparar uma festa de gala, e poucos eram os que podiam e estavam dispostos — esse o seu caso — a puxar do seu dinheiro se viesse a faltar alguma coisa. O cozinheiro e o ecônomo do clube ouviam, satisfeitos, as instruções do conde, pois estavam cientes de que com ele, melhor do que com qualquer outro, muito teriam a ganhar com um repasto de alguns milhares de rublos.

— E, presta atenção, é preciso cristas-de-galo, sim, cristas-de-galo na sopa de tartaruga, sabias?

— Entradas, três, não é verdade? — perguntou o cozinheiro.

O conde concentrou-se.

— Sim, nada menos... uma maionese... uma... — contou pelos dedos.

— Então temos de mandar vir esturjões grandes? — perguntou o ecônomo.

— É claro, não pode deixar de ser e temos de lhes pegar, mesmo que eles não baixem o preço. Ah, valha-nos Deus, ia-me esquecendo... Ainda precisamos de outra entrada. Ah! Santo Deus! — Apertou a cabeça entre as mãos. — E quem vai fornecer as flores? Mitenka! Eh! Mitenka! A galope, Mitenka, vai ao meu domínio de Podrnoskovni — disse para o intendente, que acorrera ao chamamento -, corre, depressa, e diz ao jardineiro Maksimka que trate de mandar arranjar imediatamente trabalhadores porque quero aqui todas as flores das estufas devidamente acondicionadas em feltro. Sexta-feira preciso aqui de duzentos vasos de flores.

Depois de ter dado ainda instruções diversas, preparava-se para descansar um pouco junto da condessa quando se lembrou de um pormenor necessário; voltou atrás, chamou o cozinheiro e o ecônomo, e pôs-se de novo a

dar ordens. À porta ouviu-se um passo ligeiro, um tilintar de esporas, e o jovem conde entrou, bem posto, bonito e fresco, com o seu bigodinho novo. Via-se que a vida ociosa e tranquila de Moscou lhe restabelecera as boas cores.

— Ah, meu rapaz, é de perder a cabeça — disse o velho, sorrindo, um pouco envergonhado por ver-se surpreendido pelo filho em tais transes. — Ajuda-me, ao menos! Agora precisamos de cantores. Músicos já eu tenho, mas não seria bom arranjam-se ciganos? Vocês, militares, vocês morrem por isso.

— Realmente, meu pai, não creio que o Bagration, quando fazia os preparativos da batalha de Schöngraben, tivesse menos preocupações que o pai neste momento — disse o filho sorrindo também.

O velho conde fingiu-se zangado.

— Bom, já que tanto falas, faz alguma coisa em meu lugar.

E voltou-se para o cozinheiro, que, observador e malicioso, com uma respeitosa bonomia, olhava para o pai e para o filho.

— Vês como é a juventude, Feoktiste? — disse ele — Está sempre a fazer troça de nós, dos velhos.

— Pois claro, Excelência. Lá comerem um bom jantar sabem eles, o que não estão é para se incomodarem com os preparativos.

— É isso mesmo, é isso mesmo! — exclamou o conde, pegando nas duas mãos do filho, muito alegre. — Ora aqui tens já com que te entreter. Mete-te imediatamente no trenó de dois cavalos e vai à casa do Bezukov dizer-lhe que o conde Ilia Andreitch te manda pedir-lhe morangos e ananases frescos. Escusas de procurar noutra parte. Se ele não estiver em casa, vai ter com as princesas e depois dirige-te ao Razguliai: o cocheiro Itatka sabe onde é. Aí encontrarás o cigano Iliuchka, sabes?, aquele que dançou em casa do conde Orlov, lembras-te?, de casaco branco, e traz-mo cá.

— E quer que eu traga também as bailarinas? — perguntou Nicolau, rindo — Eh! Eh!

Nesse momento, em passos surdos, com o ar apressado, preocupado, e com a expressão de devota que nunca a abandonava, entrou Ana Mikailovna. Embora habituada a encontrar todos os dias o conde de roupão, este mostrava-se sempre muito embaraçado e pedia-lhe muita desculpa de assim estar vestido.

— Não tem importância, conde, meu bom amigo — disse ela, conservando os olhos modestamente no chão — Eu irei à casa de Bezukov. O Pedro acaba de chegar, e estou certa de que porá todas as suas estufas à nossa disposição. E eu preciso muito de lhe falar. Mandou-me uma carta do Bóris. Graças a Deus, está finalmente em serviço no estado-maior.

O conde mostrou-se contentíssimo de que Ana Mikailovna se encarregasse de uma parte das suas tarefas e mandou atrelar para ela o trenó

pequeno.

— Diga ao Bezukov que está convidado. Vou inscrevê-lo. E como vão agora as coisas com a mulher? — perguntou.

Ana Mikailovna rebolou os olhos e na sua expressão pintou-se um fundo desgosto.

— Ai, meu amigo, que infeliz que ele é — suspirou. — Se é verdade o que se diz, que horror! Quem é que havia de imaginar, quando todos estávamos tão contentes com a sua felicidade! E que boa alma, que alma celeste a desse moço Bezukov! Lastimo-o de todo o coração e hei de fazer tudo o que depender de mim para o consolar.

— Mas que aconteceu? — perguntaram, ao mesmo tempo, pai e filho.

Ana Mikailovna despediu um profundo suspiro.

— Diz-se que Dolokov, o filho de Maria Ivanovna — articulou ela, em tom misterioso — a comprometeu aos olhos de todos. O Pedro tinha-o acolhido, convidara-o para a sua casa de Petersburgo e... Chega ela, e aí temos aquele valdevinos a fazer-lhe a corte. — Expressando-se deste modo tinha a intenção de lamentar Pedro, mas certas entoações e meios sorrisos deixavam antes adivinhar simpatia por “aquele valdevinos”, como ela dizia. — Dizem que o Pedro está muito abatido.

— Isso não o impedirá de vir ao clube: até é uma distração. Vai haver uma festa de arromba.

No dia seguinte, 3 de março, às duas horas da tarde, duzentos e cinquenta membros do clube inglês e cinquenta convidados prestavam as honras da mesa a um hóspede ilustre, o herói da campanha da Áustria, o príncipe Bagration. Ao conhecer as primeiras notícias sobre a batalha de Austerlitz, Moscou ficara como que fulminada de espanto. Nessa época estava toda a gente tão acostumada na Rússia a que o país saísse sempre vitorioso que quando circulou a notícia da derrota uns limitaram-se a negar que fosse verdade, enquanto outros procuravam em razões extraordinárias a explicação de um acontecimento tão estranho. No clube inglês, ponto de reunião de tudo quanto havia de melhor, toda a gente bem informada e de opinião respeitável acordara, em dezembro, na altura em que principiaram a correr as más novas, em não falar nem da guerra nem da última batalha. As pessoas cuja opinião era de ouvir, o conde Rostoptchine, o príncipe Iuri Vladimirovitch Dolgoruki, Valuiiev, o conde Markov, o príncipe Viazemski, não apareceram no clube. Passaram a reunir-se em suas próprias casas, em pequenas rodas íntimas, e os moscovitas que se guiavam pela opinião alheia, como acontecia, por exemplo, a Ilia Andreitch Rostov, viram-se privados durante algum tempo de guias e de formar uma opinião definitiva

sobre a guerra. Suspeitavam do pouco otimismo das notícias, mas pensavam ser difícil discuti-las e que o melhor seria calarem-se. Alguns dias mais tarde, no entanto, como membros de um júri que abre a porta da sala das deliberações, as ilustres personagens cuja opinião era de ouvir no clube voltaram a aparecer, e então falou-se da guerra clara e francamente. Procuraram-se as causas deste acontecimento inacreditável, inaudito, impossível: uma derrota russa. Tudo se tomou claro e por toda a parte em Moscou passaram a ouvir-se as mesmas considerações. Entre as causas apontadas figuravam a perfídia dos austríacos, o mau abastecimento das tropas, a traição do polaco Przebyszevsky e do francês Langeron, a incapacidade de Kutuzov, e — acrescentava-se em voz baixa — a juventude e a inexperiência do czar, além da sua confiança em pessoas nulas e mal intencionadas. Mas era certo que as tropas, as tropas russas propriamente ditas, essas tinham sido extraordinárias e haviam praticado verdadeiros prodígios de heroísmo. Os soldados, os oficiais, os generais, todos eram heróis. Mas o herói dos heróis era o príncipe Bagration, que se distinguira sobretudo no recontro de Schöngraben e na retirada de Austerlitz, em que fora o único que conseguira retirar a sua coluna em perfeita ordem e resistir durante o dia inteiro a um inimigo duas vezes superior em número. Além do mais, o que concorria para que Bagration gozasse em Moscou da fama de herói era o fato de ele não ter aí relações pessoais e de ser estranho ao meio. Na pessoa do príncipe prestava-se homenagem merecida ao guerreiro, ao simples soldado russo, estranho às recomendações e às intrigas. Aliás o seu nome era inseparável do de Suvorov, em virtude das recordações da campanha de Itália. E depois, tributando-lhe esta homenagem, mais se acentuava, em relação a Kutuzov, o descontentamento que contra ele lavrava e a censura de que era vítima.

— Se Bagration não existisse era preciso inventá-lo — dizia o belo espírito que era Chinchine, parodiando o dito de Voltaire. Ninguém falava de Kutuzov, que alguns injuriavam mesmo em voz baixa, chamando-lhe catavento e velho sátiro.

Toda Moscou repetia as palavras do príncipe Dolgorukov: “Tanta vez o cântaro vai à fonte que lá fica...” E os moscovitas procuravam consolar-se do desastre evocando as vitórias passadas. Também se repetia o que costumava dizer Rostoptchine: que o soldado francês precisa de ser levado para a batalha com frases pomposas, que o alemão é sensível aos raciocínios lógicos, e é preciso dizer-se-lhe ser mais perigoso fugir que marchar em frente, mas que o russo, esse, mais não carece do que ser contido e só precisa que lhe digam: “Calma!” Por todo o lado se citavam novos pormenores da bravura revelada em Austerlitz pelos soldados e oficiais russos. Um deles salvara uma bandeira, outro matara cinco franceses, e tal outro, sozinho, fizera fogo com cinco canhões. As pessoas que o

não conheciam contavam que Berg, ferido no braço direito, pegara na espada com a mão esquerda e carregara sobre o inimigo. De Bolkonski não se dizia palavra, e apenas os seus íntimos lamentavam que ele tivesse morrido tão novo, deixando a mulher em vésperas de parto junto do seu originalíssimo pai.

Capítulo III

No dia 3 de março todas as salas do clube inglês estavam cheias do rumor das conversas, e tanto os sócios como os seus convidados, tal qual um enxame de abelhas na primavera, iam e vinham, sentavam-se ou levantavam-se, agrupavam-se ou isolavam-se, uns de uniforme, outros de fraque, alguns mesmo de cabeleira empoada e de cafetã russo. Junto das portas, espiando, atentamente, os mais pequenos gestos dos presentes, prontos a oferecer-lhes os seus serviços, viam-se os lacaios, de libré, cabeleiras postiças, meias de seda e escarpins. A maioria dos convidados compunha-se de personagens idosas e respeitáveis, de largos e resolutos traços, grossos dedos, vozes e gestos opiniáticos. Sentadas nos seus lugares reservados, formavam suas rodas habituais. A minoria compreendia os hóspedes de passagem, principalmente moços, a cujo número pertenciam Denissov, Rostov e Dolokov, o último dos quais retomara os galões de oficial do regimento Semionovski. Na expressão destes jovens, especialmente dos militares, havia um matiz de deferência assaz desdenhosa para com os velhos. Pareciam dizer-lhes: “Não nos recusamos a manifestar-vos respeito e consideração, mas ficai sabendo que o futuro é nosso,”

Nesvitski estava presente, na sua qualidade de velho sócio do clube. Pedro, que por ordem da mulher deixara crescer os cabelos, já não usava lunetas e se vestia à moda, passeava pelos salões com um ar sombrio e triste. Ali, como de resto em toda a parte, cercava-o uma multidão que dobrava a cerviz diante da sua riqueza, enquanto ele, habituado a reinar, a todos tratava com uma menosprezadora indiferença.

Pela idade devia estar junto dos jovens, mas pela fortuna fazia parte da roda dos velhos, das pessoas respeitáveis. Por isso ia passando alternadamente do grupo de uns para o dos outros. Os velhos mais em destaque formavam o centro dos grupos de que se aproximavam com respeito os próprios desconhecidos desejosos de ouvir falar as personalidades importantes. As rodas mais numerosas eram à volta do conde Rostoptchine, de Voluiev e de Narichkine. Rostoptchine contava que os russos haviam sido espezinhados pelos austríacos em debandada e se tinham visto obrigados a abrir caminho à baioneta pelo meio deles.

Valuiev contava, confidencialmente, que Uvarov não fora enviado a Petersburgo senão para conhecer a opinião dos moscovitas sobre Austerlitz.

Num terceiro grupo. Narichkine falava do conselho de guerra em que Suvorov se pusera a cantar de galo perante as inépcias dos generais austríacos. Chinchine, que estava presente, tratou de fazer espírito, dizendo que Kutuzov nem sequer tivera habilidade para aprender com Suvorov a arte pouco complicada do rococó. Mas os velhos fulminaram com o olhar o gracejador de

mau gosto, dando-lhe a entender que naquele recinto e àquela hora não era decente falar daquele modo de Kutuzov.

O conde Ilia Andreitch Rostov, preocupado, de botas moles, ia, num passo rápido, da sala de jantar ao salão, cumprimentando à pressa, e com igual familiaridade, as personalidades importantes e as de pouca monta, todas suas conhecidas, ao mesmo tempo que procurava, de quando em quando, com o olhar, o seu belo rapagão. Fitava-o jovial e piscava-lhe o olho amistosamente.

O jovem Rostov estava à janela com Dolokov; tinha-o conhecido havia pouco e parecia muito interessado nesse conhecimento. O velho conde aproximou-se e apertou-lhe a mão.

— Dá-me o prazer de passar lá por casa, visto que és íntimo do meu rapagão... Estiveram lá ambos, foram ambos heróis... Olha, o Vassili Ignatitch... Viva, meu velho — disse ele para um ancião que passava; mas não teve tempo de acabar o cumprimento: houve um tumulto geral, e um lacaios apareceu, dizendo, fora de si: — Está a chegar!

Ouviram-se toques de campainha. Os membros da direção do clube acorreram; os convidados, distribuídos pelas diversas salas, como centeio revolvido à pá, vieram juntar-se todos no mesmo sítio, ficando estacionados no salão nobre mesmo junto da porta.

Bagrations surgiu no limiar do vestíbulo, de cabeça descoberta e sem a espada, que deixara, segundo o regulamento do clube, no bengaleiro. Não trazia a barretina debruada de pele de astracã e o chicote em bandoleira, como Rostov o vira na véspera de Austerlitz, mas vestia um uniforme novo, cingido, e ostentava as condecorações russas e estrangeiras e a cruz de S. Jorge do lado esquerdo do peito. Via-se perfeitamente que mandara cortar o cabelo e aparar as suíças de propósito para a recepção, e isso alterava-lhe desvantajosamente a fisionomia. Tinha um ar endomingado, o que, mercê dos seus traços másculos e duros, lhe dava um todo algo cômico. Beklechov e Fédor Petrovitch Uvarov, que tinham chegado ao mesmo tempo que ele, detiveram-se junto da porta para deixar passar aquele ilustre visitante. Bagration sentiu-se embaraçado com a polidez que lhe manifestaram; houve uma suspensão geral, e por fim decidiu-se a passar. Caminhava, sem saber que rumo dar aos braços, embaraçado e tímido, ao longo do parquet do salão nobre. Com certeza estava muito mais à vontade quando, em Shöngraben, debaixo de uma chuva de balas, avançava pelos campos lavrados à frente do regimento de Kursk. Os membros mais destacados do clube acolheram-no junto da primeira porta, manifestando-lhe, nalgumas breves palavras, a alegria que sentiam por tornar a ver um hóspede tão querido, e, sem aguardar qualquer resposta, tomaram conta dele e conduziram-no ao salão. Foi quase impossível entrar aí, tanta a gente que se comprimia, tentando ver, por cima dos ombros dos

que estavam à frente, a figura de Bagration, como se se tratasse de um animal exótico. O conde Ilia Andreitch, rindo, gritava em voz forte: — Deixem passar, meus senhores, deixem passar — e, empurrando os que estavam ao seu alcance, introduziu o convidado no salão, indicando-lhe o divã central. As personagens graúdas, sócios em evidência do clube, cercaram o recém-chegado. Ilia Andreitch, abrindo de novo caminho através da turbamulta, voltou a atravessar o salão, e na companhia de um sócio do clube reapareceu daí a pouco, com uma grande salva de prata, que apresentou a Bagration. Na salva havia uma composição em verso composta e impressa em honra do herói. Bagration, ao ver a salva, lançou à volta de si um olhar aflito, como que implorando proteção. Mas todos os olhares lhe pediam que se resignasse. Quando viu que nada podia fazer, pegou com ambas as mãos, num gesto enérgico, na salva de prata, fitando, furioso, o conde, que a trouxera. Alguém, delicadamente, tomou-lhe a salva das mãos, pois de outra maneira era muito capaz de a manter assim pela noite adiante e era até pessoa para se sentar à mesa com ela.

Chamaram-lhe a atenção para a composição em verso. “Está bem! eu já a leio”, parecia dizer Bagration. Depois, fitando no papel os olhos fatigados, principiou a ler com um ar concentrado e sério. Então o autor dos versos pegou no papel e deu começo à leitura. Bagration ouvia, a cabeça descaída sobre o peito.

*Sê tu a glória do século de Alexandre
E o guardião de Tito no seu trono;
Sê terrível na guerra e na paz homem de bem
Rifeu na tua pátria e César no combate.
Napoleão, no apogeu da sua glória,
Aprende à sua custa a temer Bagration
E a não ousar outra vez provocar os russos Alcides...*³⁵

Mal acabara de ler estes poucos versos quando o chefe de mesa gritou, numa voz atrojada: — O jantar está servido! — A porta abriu-se, e na sala de jantar romperam os acordes da polaca: “Trovões da vitória retumbai, alegra-te, russo valoroso!”³⁶

O conde Ilia, o olhar colérico fito no autor dos versos, que prosseguia na sua leitura, inclinou-se profundamente diante de Bagration. Toda a gente se ergueu, fazendo votos para que o jantar fosse melhor do que a poesia, e, com Bagration à frente, deu entrada na sala do banquete. Convidaram o herói a sentar-se no lugar de honra, entre dois Alexandres, Beklechov e Narichkine, alusão ao nome do imperador. Os trezentos convivas tomaram lugar à mesa consoante a sua classe e as suas prerrogativas, os mais nobres mais perto do conviva

homenageado: coisa facilmente compreensível, aliás, pois a água corre sempre para onde o solo é mais baixo.

Antes de se dar começo ao banquete, Ilia Andreitch apresentou o filho ao príncipe. Este reconheceu-o e disse algumas palavras inconsequentes e embaraçadas, como todas, de resto, que veio a pronunciar naquela noite. O conde relanceava um olhar entre alegre e orgulhoso a todos os presentes enquanto durou essa breve conversa.

Nicolau Rostov, bem como Denissov e o seu novo amigo, sentaram-se juntos, quase a meio da mesa. Diante deles estava Pedro, ao lado do príncipe Nesvitski. O conde Ilia Andreitch sentava-se em frente de Bagration, junto de outros magnates do clube, que faziam as honras da casa como representantes da cordial hospitalidade moscovita.

O conde não tinha perdido o seu tempo. O repasto por ele organizado, virtualhas magras e gordas, era suntuoso. Antes de tudo terminado não pôde deixar de manifestar grandes inquietações. Trocava olhares de entendimento com o chefe de mesa, dava ordens em voz baixa aos lacaios, e não sem emoção ia aguardando o aparecimento de cada prato, aliás todos muito do seu conhecimento. Tudo correu às mil maravilhas. Aquando da chegada do segundo prato, ao entrar na sala um gigantesco esturjão, ao vê-lo, Ilia Andreitch corou, jubiloso e confuso, os lacaios principiaram a fazer saltar as rolhas das garrafas de champanhe. Depois do peixe, que não deixou de causar sensação, o conde trocou um olhar com os membros do clube: “Vai haver muitos brindes, era talvez oportuno principiar”, segredou-lhes ele, e levantou-se, de copo na mão. Todos se calaram, muito atentos ao que ele ia dizer.

— À saúde do nosso soberano, o imperador! — exclamou, com os seus bons olhos orvalhados de lágrimas de alegria e triunfo. Nesse mesmo instante ouviu-se entoar: “Trovões da vitória retumbai.” Toda a gente se levantou gritando “Hurra!”, e Bagration gritou “Hurra!” com a voz do campo de batalha de Schöngraben. Por entre as trezentas vozes ouviu-se distintamente a voz entusiasta do jovem Rostov. Mal podia suster as lágrimas. “À saúde do imperador”, gritou, “Hurra!”. Depois de ter bebido de um trago, quebrou a taça no chão. Muitos outros lhe seguiram o exemplo. E as aclamações prolongaram-se por muito tempo. Quando se restabeleceu o silêncio, os lacaios apanharam os cristais partidos e toda a gente tornou a sentar-se, satisfeita com a manifestação. Ilia Andreitch levantou-se ainda uma vez, lançou um golpe de vista ao apontamento que tinha ao lado do prato, e em seguida pronunciou um brinde em honra do herói da última campanha, o príncipe Piotre Ivanovitch Bagration, e mais uma vez os seus olhos azuis se umedeceram de lágrimas.

“Hurra!” gritaram de novo os trezentos convivas, e, em vez da orquestra, cantores executaram uma cantata composta por Paulo Ivanovitch Kutuzov:

*Para os russos não há
obstáculos,
A garantia da vitória está na
coragem.
Nós temos os nossos Bagration
,
E os inimigos cair-nos-ão aos
pés.*

Mal os cantores se calaram, novos brindes se ouviram, e Ilia Andreitch mais comovido ficou, e as taças continuaram a partir-se, e os gritos foram cada vez mais vibrantes. Bebeu-se à saúde de Beklechov, de Narichkine, de Uvarov, de Dolgorukov, de Apraksine, de Valuiev, à saúde da direção do clube, do seu administrador, de todos os seus membros e de todos os seus convidados, e, por fim, muito em particular, ao organizador do banquete, o conde Ilia Andreitch. Ao ouvir este último brinde, o conde puxou do lenço, e, nele escondendo a cara, rompeu em soluços.

Capítulo IV

Pedro estava sentado diante de Dolokov e de Nicolau Rostov. Bebeu e comeu muito e com avidez, como era seu costume. Mas aqueles que o conheciam bem puderam verificar que mudara muito. Esteve calado durante todo o repasto. De sobrolho carregado, ora lançava em torno os olhos de míope ou então, de olhar fixo e ar inquieto, metia os dedos pelo nariz. Tinha um aspecto triste e sombrio. Dir-se-ia não ver nem ouvir o que se passava em volta de si, concentrando todos os seus pensamentos num único problema, penoso e insolúvel.

A questão angustiosa que o atormentava dizia respeito às alusões da princesa, em Moscou, à intimidade de Dolokov e da sua própria mulher, alusões essas agravadas por uma carta anônima, recebida nessa manhã, em que lhe diziam, no tom cínico de gracejo característico de tal gênero de missivas, que ele não via lá muito bem, apesar das lunetas, e que só para ele ainda era segredo a ligação da mulher com Dolokov. Pedro não acreditava numa só palavra da princesa nem da carta, mas era-lhe muito penoso agora olhar para Dolokov, sentado diante de si. De cada vez que, por acaso, o seu olhar pousava nos belos olhos canalhas do oficial, logo se sentia invadido por monstruosos e tremendos sentimentos, e afastava a vista. Confrontando, sem querer, todo o passado da mulher com o que diziam na carta, compreendia poder muito bem ser a expressão da verdade o que nela constava, ou podia, pelo menos, parecer a verdade, desde que isso não dissesse respeito à sua própria mulher, dele, Pedro Bezukov. Lembrava-se involuntariamente de Dolokov, a quem haviam restituído os galões depois da campanha, no momento em que regressara a Petersburgo e se apresentara em sua casa. Aproveitando as relações que entre eles existiam dos tempos de deboche, viera diretamente para sua casa. Pedro acolhera-o, emprestara-lhe dinheiro. Recordava-se do sorriso de Helena ao exprimir-lhe o desagrado que lhe causara a instalação do hóspede lá em casa e lembrava os elogios cínicos de Dolokov à beleza de sua mulher. E pensava que desde então até à vinda para Moscou ele não mais os havia abandonado um só instante que fosse.

“Sim, é muito bom rapaz”, pensava. “É um fato. Sentiria um prazer muito especial em desonrar o meu nome e em troçar de mim, precisamente por eu ter dado alguns passos em seu favor e de lhe ter testemunhado a minha proteção e o meu auxílio. Eu sei, eu compreendo o sabor que isso lhe acrescentaria à traição, se fosse verdade o que se diz. Mas eu não acredito, não tenho o direito de acreditar, não posso.” E lembrava-se da expressão cruel de Dolokov, por exemplo, no momento em que amarrara o polícia ao dorso do urso e o atirara à água, ou quando certa vez desafiara em duelo alguém sem motivo ou matara o

cavalo de um postilhão. E tinha muitas vezes a mesma expressão ao olhar para ele. “Sim, é um brigão”, dizia Pedro de si para consigo. “Para ele, matar um homem é coisa sem importância. Está convencido de que toda a gente tem medo dele e isso deve dar-lhe um prazer muito especial. Deve supor que eu também tenho medo dele. E a verdade é que tenho.” E estes pensamentos despertavam ainda em Pedro sentimentos tremendos e monstruosos. Dolokov, Denissov e Rostov, sentados na sua frente, pareciam alegríssimos. Rostov conversava alegremente com os seus dois amigos, um deles um bravo hússar e o outro um brigão de renome e declarado maroto. De tempos a tempos, lançava a Pedro um olhar motejador, a Pedro, que impressionava toda a gente com a sua fisionomia maciça, secreta e preocupada. Aliás, a pouca simpatia que Rostov lhe testemunhava vinha, primeiro, do fato de Pedro, do seu ponto de vista, dele, hússar, não passar de um civil ricaço, marido de uma beleza famosa, e ainda por cima de pouco tino, e depois, de Pedro, de tão preocupado e distraído que estava, não parecer reconhecê-lo, a ele, Rostov, e nem sequer lhe ter retribuído o seu cumprimento.

Aquando da saúde ao imperador, Pedro, pensativo, não se levantara nem pegara na taça.

— Então? — gritou-lhe Rostov, fitando-o com uma severidade solene. — Não ouve? À saúde do nosso soberano, o imperador!

Pedro, com um suspiro, levantou-se, submisso, despejou a taça, e enquanto esperava que todos os demais voltassem a sentar-se, fitou Rostov com o seu bondoso sorriso nos lábios.

— Ora esta! E não o tinha eu reconhecido — observou. Mas Rostov já o esquecera. Estava todo absorvido a gritar “Hurra!”.

— Por que é que se não deu a conhecer? — perguntou Dolokov a Rostov.

— Diabos o levem, imbecil! — replicou este último.

— Devemos ser amáveis para com os maridos das bonitas mulheres — gracejou Denissov.

Pedro não ouvia o que se dizia, mas desconfiava de que falavam dele. Corou e voltou-se para outro lado.

— Bom, agora vamos fazer uma saúde às mulheres bonitas — tornou Dolokov, muito sério, embora com um sorriso nos cantos da boca, dirigindo-se a Pedro.

— À saúde das mulheres bonitas, Petrucha, e daqueles que gostam das mulheres bonitas — insistiu.

Pedro, de olhos baixos, bebeu sem olhar para Dolokov e sem lhe responder. Um lacaios que andava a distribuir exemplares da cantata de Kutuzov

entregou um a Pedro na sua qualidade de convidado de distinção. E Pedro dispunha-se a pegar-lhe quando Dolokov se debruçou para ele, lhe arrancou o papel das mãos e se pôs a ler. Pedro relanceou-o com um olhar e as pálpebras abaixaram-se-lhe. Os pensamentos terríveis e maus que o haviam atormentado durante o repasto tumultuaram de novo no seu íntimo e apossaram-se dele por completo. Estendeu o corpo obeso por cima da mesa.

— Com licença! — gritou.

Ao ouvirem esta voz estridente e ao perceberem a quem ela se dirigia, Nesvitski e o seu vizinho da direita, assustados, deram-se pressa em serenar Bezukov.

— Então, calma, que é isso? — murmuraram-lhe, baixinho, assustadíssimos.

Dolokov fitou Pedro com os seus olhos cintilantes, alegres e cruéis, sorrindo, como se dissesse: “Eh! gosto disso!”

— Larga — disse ele acentuando a palavra.

Pedro, muito pálido, os lábios trêmulos de cólera, arrancou-lhe o papel das mãos.

— O senhor... o senhor é um miserável!... Exijo-lhe satisfações — balbuciou, repelindo a cadeira e erguendo-se.

No mesmo instante em que Pedro fazia este gesto e pronunciava estas palavras, veio-lhe a sensação nítida de que o problema da culpabilidade da mulher, que tão poderosamente o atormentara naqueles últimos dias, se encontrava definitiva e incontestavelmente resolvido pela afirmativa. Sentiu que a odiava e que para sempre estava separado dela. Embora Denissov lhe pedisse que o não fizesse, Rostov anuiu em servir de testemunha a Dolokov, e depois do banquete teve uma conversa com Nesvitski, a testemunha de Bezukov, sobre as condições em que se realizaria o duelo. Pedro voltou para casa, e Rostov, na companhia de Dolokov e de Denissov, ficou no clube até muito tarde, a ouvir os ciganos e os cantores militares.

— Bom, então é amanhã, em Sokolniki ³⁷ — frisou Dolokov, ao despedir-se de Rostov nos degraus do clube.

— E tu estás calmo? — perguntou Rostov. Dolokov parou.

— Olha, em duas palavras vou revelar-te o segredo do duelo. Se na véspera de um duelo escreveres o teu testamento e redigires cartas emocionantes aos teus parentes, se pensares na hipótese de poderes ser morto, é que és um imbecil e estás perdido. Se, pelo contrário, fores para esse duelo com firme intenção de matar o teu adversário, e o mais cedo e o melhor que puderes, tudo correrá às mil maravilhas. Era o que me dizia o nosso matador de ursos de Kostroma. “Quem é que não há de ter medo de um urso?”, dizia ele. “Mas

quando a gente põe os olhos no bicho, adeus medo, e aí estamos nós prontos a fazer tudo para que a fera se nos não escape.” Pois bem, eu, nestes casos, é o que costume fazer. Até amanhã, meu caro!

No dia seguinte, às oito horas da manhã, Pedro e Nesvitski chegaram ao bosque de Sokolniki, onde já encontraram Dolokov, Denissov e Rostov. Pedro dava a impressão de estar preocupado fosse com o que fosse menos com o que ia passar-se. Estava amarelento de tez e os traços eram fatigados. Via-se que não pregara olho em toda a santa noite. Olhava distraidamente em torno de si e piscava os olhos como se estivesse um sol muito forte. Duas coisas o preocupavam exclusivamente: a culpabilidade da mulher, de que não tinha a mais pequena dúvida após aquela noite de insônia, e a inocência de Dolokov, sem razão alguma para poupar a honra de um homem, tanto mais quando esse homem lhe era, em verdade, um estranho. “Sem dúvida que eu, no seu lugar, teria feito o mesmo”, dizia Pedro de si para consigo. “Sim, é mais do que certo que teria feito o mesmo; e então, a que propósito este duelo, este assassinato? Ou sou eu quem o mata, ou então será ele quem me atingirá na cabeça, num braço, num joelho. Se eu pudesse ir-me embora, fugir, esconder-me em qualquer parte!” E precisamente no momento em que estes pensamentos lhe vinham à cabeça perguntava, com um ar especialmente sereno e desprendido, coisa que impressionou os que o observavam: — Está tudo pronto?

Quando tudo estava em ordem, enterrados na neve os sabres que marcavam o limite que não poderia transpor-se, e as pistolas carregadas, Nesvitski aproximou-se de Pedro.

— Faltaria ao meu dever, conde — disse-lhe com voz tímida -, e não justificaria a confiança e a honra que me deu escolhendo-me para sua testemunha se neste grave, gravíssimo momento, não lhe dissesse toda a verdade. Sou de opinião de que esta pendência não tem motivos bastante importantes que a justifiquem e que não merece que se derrame sangue por ela... O conde teve culpa, não tem inteira razão, deixou-se exaltar...

— Ah! sim, é espantosamente estúpido... — disse Pedro.

— Nesse caso, deixe que eu transmita o seu pesar, e estou persuadido de que o seu adversário aceitará as suas desculpas, prosseguiu Nesvitski, que, como todos os circunstantes e em geral todos os que testemunham casos do mesmo gênero, não podia acreditar que as coisas fossem até ao duelo. — Não preciso dizer-lhe, conde, que é muito mais nobre reconhecermos os nossos erros do que praticarmos um ato irreparável. Não houve ofensa grave nem de uma nem da outra parte. Consinta que eu vá parlamentar.

— Não, para quê? — disse Pedro. — Isto não tem importância... Então! Está tudo pronto? Diga-me apenas onde é que eu devo colocar-me para

disparar — acrescentou com uma doçura um pouco afetada.

Pegou na pistola e perguntou como se disparava. Era a primeira vez que pegava numa pistola, mas não o queria confessar.

— Ah! Sim, bem sei, não sabia, tinha-me esquecido.

— Nada de desculpas, absolutamente — disse Dolokov a Denissov, que por seu lado fazia tentativas de conciliação, e também ele se aproximou do local designado.

O duelo ia travar-se a uns oitenta passos da estrada onde tinham ficado os trenós, numa clareirazinha de um pinheiral coberto de neve que o degelo dos dias anteriores principiava a derreter. As testemunhas, ao procederem à medição do terreno, haviam deixado impressos na neve mole os contornos dos pés desde o ponto em que estavam até aos sabres de Nesvitski e de Denissov, que delimitavam o campo, cravados a dez passos um do outro. Tudo estava pronto há uns três minutos, e no entanto uma hesitação qualquer impedia o começo do duelo. O silêncio era geral.

Capítulo V

— Bom! Vamos a isto — disse Dolokov.

— Vamos — tornou Pedro, sem deixar de sorrir.

A situação tornava-se grave. Era evidente que aquele caso, principiado tão à ligeira, ninguém já o podia deter, e ia seguir o seu curso à margem da vontade dos homens. Tinha de ir até ao fim.

Denissoff foi o primeiro a avançar até à marcação e declarou: — Visto os adversários se terem recusado à conciliação, não acham ser tempo de começar? Peguem nas pistolas e quando ouvirem dizer “três” principiem a avançar.

— Um! Dois! Três! — gritou violentamente e afastou-se. Os dois homens aproximaram-se, seguindo o caminho aberto, vendo-se pouco a pouco melhor através do nevoeiro. Os adversários tinham o direito, ao avançarem para o limite fixado, de disparar quando quisessem. Dolokov caminhava em passos lentos, fixando Pedro com os seus olhos azuis, claros e brilhantes. Na sua boca, como sempre, desenhava-se um sorriso.

“Então, quando me apetecer, posso disparar”, disse Pedro para si mesmo ao ouvir a palavra “três!”, e pôs-se a andar, a passos rápidos, afastando-se do caminho batido e seguindo em plena neve. Tinha a pistola na mão, no extremo do braço estendido, como se receasse ferir-se a si próprio com aquele engenho. Mantinha o braço esquerdo estudadamente à retaguarda, pois o seu desejo seria servir-se dele para firmar o direito, e sabia que isso não era permitido. Depois de ter dado cinco ou seis passos, como se afastasse do caminho traçado, olhou para os pés, lançou um rápido olhar a Dolokov e disparou, puxando o gatilho como lhe tinham ensinado. Como não esperava ouvir uma detonação tão forte, estremeceu, depois sorriu com a impressão que experimentara e ficou imóvel. O fumo, que o nevoeiro ainda tornou mais espesso, não o deixou ver fosse o que fosse nos primeiros momentos; mas não teve a percepção da segunda detonação, que ele esperava. Ouviram-se apenas os passos precipitados de Dolokov e a sua silhueta desenhou-se através do nevoeiro. Tinha uma mão apoiada no flanco esquerdo e com a outra segurava a pistola descaída. Estava pálido. Rostov correu para ele e disse-lhe qualquer coisa.

— Não... — respondeu Dolokov, de dentes cerrados. — Não... ainda não acabou. — E dando ainda alguns passos titubeantes e trôpegos, até junto do sabre, caiu no chão ao lado deste. Tinha a mão esquerda ensanguentada, que limpou ao uniforme, apoiando-se nela. O rosto estava pálido, sombrio e todo trêmulo.

— Façam fa... — principiou ele, sem poder concluir a frase. Façam fa... — articulou com esforço,

Pedro, com um soluço, precipitou-se e ia a ultrapassar o espaço marcado como limite quando Dolokov gritou: — Na baliza! — e Pedro, percebendo do que se tratava, deteve-se junto do sabre. Não havia mais de dez passos a separá-los. Dolokov meteu a cabeça na neve e encheu a boca avidamente, em seguida soergueu o busto, endireitou-se e sentou-se, procurando um ponto de apoio. Continuava a mastigar e a chupar a neve que metera na boca. Os lábios tremiam-lhe, mas não deixava de sorrir, e os olhos brilhavam-lhe com a força que fazia e com o exaspero que sentia no meio da luta que travava consigo próprio. Levantou a pistola e esforçou-se por apontar.

— Ponha-se de perfil, cubra-se com a pistola — disse Nesvitski.

— Proteja-se! — não pôde deixar de gritar o próprio Denissov, testemunha do adversário.

Pedro, com o seu afável sorriso de piedade e de pesar, sem defesa, estendia os braços e as pernas, oferecendo precisamente de frente a Dolokov o seu largo peito, enquanto o fitava com tristeza. Denissov, Rostov e Nesvitski fecharam os olhos. Ao mesmo tempo que a detonação ouviu-se Dolokov:

— Errei o alvo! — gritou com cólera, voltando a deixar-se cair, sem forças, a cara de rojo na neve.

Pedro apertou a cabeça entre as mãos, voltou costas e desapareceu no meio do pinheiral, dando grandes passadas em plena neve e dizendo em voz alta palavras sem sentido:

— Estúpido... Estúpido! A morte... Mentira... — repetia ele, o rosto descomposto.

Nesvitski foi ao seu encontro, deteve-o, e reconduziu-o a casa. Rostov e Denissov levaram o ferido.

Dolokov, de olhos fechados, estava estendido no trenó e nada respondia ao que lhe perguntavam. No entanto, ao chegarem a Moscou, veio repentinamente a si, e, erguendo penosamente a cabeça, pegou na mão de Rostov, que estava a seu lado. Este sentiu-se impressionado pela fisionomia completamente transformada e pelo ar ao mesmo tempo solene e enternecido de Dolokov.

— Então, como te sentes? — perguntou-lhe Rostov.

— Mal! Mas não é disso que se trata, meu amigo — disse-lhe ele, numa voz entrecortada. — Onde estamos? Em Moscou, bem sei. Eu, não é nada, mas ela, matei-a, matei-a... Ela não vai suportar isto. Ela não o suportará...

— Quem? — perguntou Rostov.

— Minha mãe, minha mãe, o meu anjo, o meu anjo adorado, minha mãe...

E Dolokov chorava, apertando a mão do amigo.

Quando se sentiu mais calmo explicou a Rostov que vivia com a mãe, e que se a mãe o visse assim moribundo não suportaria o golpe. Suplicou-lhe que a fosse preparar.

Rostov cumpriu a sua missão, e assim veio a saber, com grande surpresa sua, que Dolokov, essa peste do Dolokov, esse brigão do Dolokov, vivia em Moscou na companhia de sua velha mãe e de sua irmã corcunda e que era o mais carinhoso dos filhos e dos irmãos.

Capítulo VI

Pedro, nesses últimos tempos, raramente se encontrava sozinho com a mulher. Tanto em Petersburgo como em Moscou, a casa estava sempre cheia de gente. Na noite que se seguiu à do duelo, como lhe acontecia muitas vezes, não se retirou para o seu quarto de cama, mas ficou no imenso gabinete do pai, nesse mesmo gabinete onde este falecera. Deitou-se num divã, disposto a dormir, a fim de esquecer tudo que acontecera, mas não lhe foi possível. Elevou-se dentro de si subitamente uma tal tempestade de sentimentos, de pensamentos, de recordações as mais diferentes, que não só lhe não foi possível passar pelo sono, como não pôde sequer estar deitado, e teve de erguer-se do divã para percorrer a sala de um lado para outro, em grandes passadas. Lembrava-se dela nos primeiros tempos de casados, os ombros nus, os olhos pisados de paixão, e imediatamente via a seu lado o bonito e cínico rosto de Dolokov, atrevido e escarninho, exatamente como no dia do banquete, e logo em seguida se lhe deparava esse mesmo rosto pálido, trêmulo, doloroso, o rosto que tinha quando rodopiou e caiu, pesado, sobre a neve.

“Que aconteceu?”, perguntava a si mesmo. “Matei o amante, sim, matei o amante de minha mulher. Eis o que se passou. E por quê? Como é que eu descí a isto? Mas por que casaste com ela?”, respondeu-lhe uma voz íntima.

“Mas em que é que procedeste mal?”, perguntava ele a si próprio. “Nisto apenas: em seres casado sem amor; em que a enganaste enganando-te a ti próprio.” E esse instante em que, depois do jantar, em casa do príncipe Vassili, ele lhe dissera, finalmente, aquelas palavras que se recusavam a sair-lhe da boca: “Amo-a”, representou-se-lhe vivo na sua memória. “É daí que vem todo o mal.”

“Eu sentia então”, continuou ele de si para consigo, “eu bem sentia então que não era isso que eu lhe devia ter dito, que eu não tinha o direito de falar assim. E, no entanto, nem por isso deixou de acontecer o que aconteceu.”

Lembrava-se da lua-de-mel, e esta recordação fazia-o corar. Um incidente, sobretudo, o humilhava e o enchia de vergonha: pouco tempo depois do casamento, viera uma manhã ao seu gabinete, com um roupão de seda, ao sair do quarto de cama. Encontrara aí o seu intendente principal, que respeitosa e humildemente lhe fizera uma vênia, e que, ao vê-lo naquele traje íntimo, se permitira um ligeiro sorriso, como a testemunhar-lhe a parte que tomava na felicidade do seu amor.

“E quantas vezes me senti orgulhoso dela, orgulhoso da sua altiva beleza, do seu tato mundano”, pensava. “Sentia-me orgulhoso de a ver tão inacessível. E havia razões de sobra para me sentir orgulhoso! De mim para comigo dizia que não a compreendia. Quantas vezes, ao pensar no seu caráter, eu supunha que a culpa era minha, que era eu quem não compreendia a sua serenidade perpétua, o seu ar sempre satisfeito, a ausência de toda a espécie de

preferências ou desejos, quando a solução do enigma consistia apenas em que ela era uma mulher dissoluta. E quando encontrei a solução, tudo se tornou claro! Anatole ia procurá-la para lhe pedir dinheiro emprestado e beijava-lhe os ombros nus. Ela não lhe dava dinheiro, mas consentia que ele lhe beijasse os ombros. Se o pai, gracejando, lhe excitava o ciúme, ela respondia-lhe, sorrindo, tranquila, não ser tão parva que estivesse disposta a sentir ciúmes. Pedro pode fazer o que quiser, dizia ela de mim. E um dia em que eu lhe perguntei se não sentia qualquer indício de gravidez, pôs-se a rir com um ar distante, dizendo-me não ser tão parva que estivesse disposta a ter filhos, e que, fosse como fosse, filhos meus é que ela nunca teria.”

Lembrou-se depois da trivialidade das suas ideias, da vulgaridade das expressões que lhe eram familiares, não obstante a educação que tivera num meio altamente aristocrático: “Não sou tão parva como isso... Experimenta e verás... Ora vai passear.” Muitas vezes, considerando o êxito de que ela gozava junto das pessoas dos dois sexos, jovens e velhos, Pedro não podia compreender porque a não amava. “Não, nunca a amei”, dizia para consigo. “Eu sabia muito bem que ela era uma mulher dissoluta, mas nunca tive coragem de o reconhecer. E agora, lá estava Dolokov, meio deitado na neve, procurando sorrir, talvez a morrer, respondendo com uma falsa bravata às minhas palavras de arrependimento!”

Pedro fazia parte do número das pessoas que, apesar da fraqueza natural do seu caráter, nunca procuram confidentes dos seus desgostos. Ruminava-os sempre consigo próprio.

“Ela, só ela, só ela é culpada de tudo”, prosseguia para consigo mesmo. “Mas que hei de fazer? Por que é que me prendi a ela? Por que é que lhe disse ‘Amo-a’, quando era mentira, e, pior ainda, por que essa mentira? A culpa é minha e devo aguentá-la... Eh! O quê? A desonra do meu nome, uma vida infeliz? Eh! que vem a ser tudo isto? A vergonha do nome, a honra, tudo isso é relativo, tudo isso depende do meu próprio ser.”

“Eles executaram Luís XVI”, refletia, “porque eles eram de opinião de que ele tinha faltado à sua palavra e que era um criminoso, e eles tinham razão do seu ponto de vista, como tinham razão igualmente os que sofreram por ele o martírio e lhe deram um lugar ao lado dos santos. Depois executaram Robespierre, porque era um déspota. Quem é que tinha razão? Quem é que estava em erro? Ninguém. Vive enquanto estás vivo: amanhã morrerás, como eu podia ter morrido há uma hora. Valerá a pena atormentar-se uma pessoa quando a vida não é mais que um segundo relativamente à eternidade?”

Precisamente nesse instante, quando ele se sentia calmo com todos estes raciocínios, surgiu ela, de súbito, na sua imaginação, e precisamente tal como era nesses momentos em que lhe testemunhava o seu mentiroso amor.

Sentiu o sangue afluir-lhe ao coração e de novo se viu obrigado a levantar-se, a caminhar, a partir e a dilacerar tudo o que lhe caía nas mãos. “Por que é que eu lhe disse: amo-a?”, repetia a todo o momento. E ao formular-se pela décima vez, pelo menos, esta interrogação, pôs-se a rir sozinho, lembrando-se da frase de Molière: “Mas em que vespeiro, cos diabos, se havia de meter!”

Durante a noite tocou a campainha para chamar o criado de quarto e mandou-o preparar as bagagens, a fim de partirem para Petersburgo. Pensava ser-lhe impossível voltar a encontrar-se frente a frente com a mulher. Resolveu partir no dia seguinte e deixar-lhe uma carta onde lhe diria estar na intenção de se separar dela para sempre.

Pela manhã, quando o criado de quarto entrou no seu gabinete com o café, Pedro, estendido na otomana, dormia, com um livro aberto na mão. Acordou sobressaltado e esteve muito tempo assustado antes de perceber onde se encontrava.

— A senhora condessa manda perguntar se Vossa Excelência a pode receber — disse o criado de quarto.

Ainda Pedro não tivera tempo de pensar na resposta e já a condessa em pessoa, num roupão de cetim branco, bordado a prata, e em cabelo, com o lindo rosto coroadado em diadema pelas suas duas espessas tranças, penetrava no gabinete com um ar tranquilo e imponente. No entanto, na sua fronte de mármore, ligeiramente arqueada, havia uma ruga de cólera. Com a sua calma soberana não quis falar diante do criado de quarto. Ouvira falar do duelo e viera para conversar sobre o caso. Esperou que o criado pousasse a bandeja e saísse. Pedro olhava-a timidamente através das lunetas, e, tal qual uma lebre rodeada por uma matilha de cães que se mantém de orelha murcha, diante do inimigo, Pedro fingiu continuar a ler. Depois, sentindo o absurdo e a impossibilidade da sua atitude, lançou-lhe ainda um olhar tímido. Ela não se sentou, mas olhando-o e sorrindo com desdém, aguardou que o criado saísse.

— Que vem a ser isto agora? Que fez? Estou a perguntar-lhe! — disse-lhe ela severamente.

— Eu? Que fiz eu? — balbuciou Pedro.

— Ora aqui está o grande valente! Então, diga alguma coisa, que significa esse duelo? Que quis provar com isso? Então? Estou a falar consigo!

Pedro revolveu-se pesadamente no divã, abriu a boca, mas não pôde articular palavra.

— Visto que não responde, sou eu quem vai falar — prosseguiu Helena. — Acredita em tudo o que lhe dizem. Contaram-lhe... — Despediu uma gargalhada. — que Dolokov era meu amante. — Falava francês e disse a palavra sem qualquer embaraço, com o seu cinismo de linguagem habitual. — E

acreditou no que lhe disseram! E agora que provou com isto? Que provou com este duelo? Isto apenas: que o senhor é um asno: coisa que toda a gente já sabia. E para chegar a que conclusão? Para fazer de mim a mofa de toda Moscou; para fazer com que se diga que, em estado de embriaguez, fora de si, provocou em duelo um homem de quem tinha ciúmes sem razão... — Helena ia erguendo a voz progressivamente e ia aquecendo... — um homem que vale mais do que o senhor de todos os aspectos...

— Hem!... Hem!... — regougou Pedro, piscando os olhos, sem a olhar e sem fazer um movimento.

— E que o leva a pensar que ele é meu amante?... Diga! É por me agradar a companhia dele? Se o senhor fosse mais espirituoso e mais amável, talvez preferisse a sua.

— Basta... peço-lhe — exclamou Pedro, em voz anelante.

— E por que é que eu me dei de calar? Nada me impede de falar e de proclamar que deve haver muito poucas mulheres com um marido como o senhor que não tivessem arranjado amantes, coisa que aliás não fiz.

Pedro quis dizer uma palavra e olhou-a com uma expressão tão estranha que ela não a compreendeu, depois voltou a deitar-se. Sofria fisicamente naquele momento: tinha o peito oprimido e não podia respirar. Dava-se conta de que era preciso fazer fosse o que fosse para pôr ponto final àquele sofrimento, mas ao mesmo tempo o que ele queria fazer era terrível demais.

— É melhor que nos separemos — disse ele, numa voz entrecortada.

— Separemo-nos, se assim o quer, mas com a condição de me dar com que viver... — disse Helena. — Separarmo-nos, como se isso me metesse medo!

Pedro saltou do divã e lançou-se, cambaleante, sobre ela.

— Eu mato-te! — gritou, e, agarrando, com uma força que ele próprio desconhecia, no tampo de mármore da mesa, deu um passo para ela, agitando-o no ar.

Helena teve uma expressão de terror: soltou um grito agudo e atirou-se para trás. O sangue do pai tinha falado no íntimo de Pedro. Sentia a embriaguez e o prazer da raiva. Atirou com o tampo de mármore, que se partiu em pedaços, e, de punhos cerrados, caminhou para ela, gritando: — Sai! — numa voz tão terrível que toda a casa a ouviu repassada de terror. Só Deus sabe o que ele teria sido capaz de fazer naquele momento se Helena não tivesse fugido.

Uma semana mais tarde Pedro deu à mulher uma procuração para a administração de todos os seus bens na Grande Rússia, isto é, mais de metade da sua fortuna, e sozinho dirigiu-se a Petersburgo.

Capítulo VII

Dois meses tinham decorrido desde que se soubera em Lissia Gori da batalha de Austerlitz e do desaparecimento do príncipe André. Apesar de todas as cartas recebidas por intermédio da Embaixada e de todos os inquéritos, o seu corpo não fora encontrado e o seu nome não figurava na lista dos prisioneiros. O pior para a família era que não deixava de subsistir a esperança de que ele tivesse sido recolhido no campo de batalha pelos habitantes e de que talvez se encontrasse algures, curado ou moribundo, só, no meio de estranhos, impossibilitado de dar notícias. Os jornais, por intermédio dos quais o velho príncipe tivera conhecimento da derrota, tinham mencionado, e, como sempre, demasiado lacônica ou vagamente, que os russos, depois de brilhantes combates, haviam sido obrigados a bater em retirada e que esta se efetuara em boa ordem. Ele compreendera, através desta versão oficial, que os russos tinham sido batidos. Uma semana depois das notícias dos jornais recebera uma carta de Kutuzov informando-o do destino do filho.

“O seu filho” — escrevia ele — “diante de mim, com a bandeira na mão, à frente do seu regimento, caiu como um herói digno de seu pai e da sua pátria. Muito lamentamos, tanto eu como todo o exército, não podermos confirmar ainda se morreu ou se está vivo. Ainda se não perdeu a esperança de que o seu filho esteja vivo, pois a verdade é que de outro modo seria de esperar que o seu nome viesse mencionado entre os dos oficiais cujos corpos foram encontrados no campo de batalha, e cuja lista me foi entregue.”

Tendo recebido estas notícias já tarde, pela noitinha, quando estava só no seu gabinete, o velho príncipe, no dia seguinte, deu, como de costume, o seu passeio matinal; mas conservou-se taciturno diante do intendente, do jardineiro e do arquiteto, e, posto tivesse aspecto de encolerizado, não disse uma palavra a ninguém.

Quando, à hora habitual, entrou a princesa Maria no seu gabinete, estava ele ao torno, como de costume, e não voltou sequer a cabeça.

— Ah! princesa Maria! — exclamou subitamente, numa voz que não era a sua voz habitual, atirando fora a goiva. A roda continuou a girar, graças à velocidade adquirida. Por muito tempo Maria se lembrou do estridor da roda que lentamente se desvanecia e que para ela passou a fazer parte de tudo o que depois se seguiu.

Aproximou-se, viu a expressão do rosto do pai e sentiu-se de repente desfalecer. Pelos seus olhos perpassou como que uma nuvem. Aquele rosto, não propriamente triste nem abatido, mas mau e como que refletindo uma luta sobre-humana, fazia-lhe adivinhar uma tremenda desgraça suspensa sobre ela e prestes

a esmagá-la, a maior desgraça que ainda conhecera, uma desgraça irreparável, inconcebível, a morte dum ser amado.

— Meu pai! André! — exclamou a desajeitada e desgraciosa princesa, mas com um tal encanto indizível de dor e de esquecimento de si própria que o pai não pôde suportar o seu olhar e se afastou para chorar.

— Tenho notícias. Não está nem entre os prisioneiros nem entre os mortos. Se Kutuzov escreve — prosseguiu com violência e numa voz forte, como se, por esta violência, quisesse afastar a filha -, é que foi morto.

A princesa não caiu nem desmaiou. Estava já pálida, mas quando soube a notícia o seu rosto transformou-se e raios emanaram dos seus belos olhos luminosos. Dir-se-ia que uma alegria, uma alegria superior, independente das tristezas e das alegrias deste mundo, submergia a poderosa dor que sentia. Esqueceu todo o medo que tinha do pai, aproximou-se dele, pegou-lhe nas mãos, puxou-o para si e passou-lhe um braço pelo pescoço seco e nodoso.

— Meu pai — disse ela. — Não se afaste de mim, choremos os dois juntos.

— Os miseráveis, os brigões! — exclamou o velho, afastando dela a cara — Perdem o exército, fazem morrer homens! E para quê? Bom, vai prevenir a Lisa.

A princesa deixou-se cair sem forças numa poltrona, junto do pai, e rompeu em soluços. Via outra vez naquele momento o irmão no instante em que ele se fora despedir de ambas, dela e de Lisa, o seu ar carinhoso e ao mesmo tempo altivo. E via-o de novo no momento em que dependurava ao pescoço, gracejando, mas muito comovido no fundo, a pequena imagem que ela lhe dera. “Teria fé? Ter-se-ia arrependido da sua incredulidade? Estará ele agora na mansão do repouso e da felicidade eternas?”, dizia de si para consigo.

— Meu pai, diga-me, como foi? — perguntou, no meio das suas lágrimas.

— Vai, vai, ficou na batalha em que foram mortos os melhores soldados russos, onde pereceu a glória russa. Vai, princesa Maria. Previne a Lisa. Eu também vou, também vou contigo.

Quando a princesa Maria voltou dos aposentos do pai, a princesinha estava à sua mesa de costume e olhou para a cunhada com esse seu ar concentrado, misto de contentamento e de tranquilidade íntima, peculiar às mulheres no período da gravidez. Percebia-se bem que os seus olhos não viam a princesa Maria, mas se fixavam no mais profundo dela própria, no acontecimento feliz e misterioso que estava a preparar-se.

— Maria — disse ela, pousando o seu bordado e recostando-se na poltrona -, deixa ver a tua mão.

Pegou na mão da princesa e pousou-a no seu ventre. Os olhos sorriam-lhe enquanto esperavam, o lábio sombreado por um ligeiro buço soergueu-se-lhe e assim ficou, como se fosse uma criança feliz.

Maria ajoelhou diante dela e escondeu o rosto nas pregas do vestido da cunhada.

— Aqui, aqui? Sentes? Que engraçado! E sabes, Maria, vou gostar tanto dele — dizia Lisa, os olhos cintilantes de felicidade. Maria não podia erguer a cabeça. Chorava.

— Que tens tu, Macha?

— Nada... Senti-me triste... sim, ao pensar no André — disse ela, sufocando as lágrimas nos joelhos da cunhada.

Por várias vezes durante aquela manhã tentou prepará-la e de cada vez que o tentou as lágrimas não a deixaram falar. Esse pranto, que a princesinha não percebia, atormentava-a, apesar de pouco perspicaz. Nada disse, mas teve um olhar inquieto, como quando se espera qualquer coisa. Antes da refeição, viu entrar o velho príncipe, que sempre lhe metera medo, o qual, desta vez, trazia uma cara especialmente má e inquieta e voltou a sair sem dizer palavra. Ela pousou os olhos em Maria, depois ficou-se pensativa, com essa expressão recolhida em si própria tão vulgar nas mulheres grávidas, e de súbito rompeu a chorar. — Por certo têm notícias do André — disse ela.

— Não, bem sabes que ainda não houve tempo para isso, mas meu pai anda inquieto e eu atormentada.

— Então, não se sabe nada?

— Não, nada — respondeu Maria, olhando firmemente com os seus luminosos olhos.

Estava resolvida a nada lhe dizer e a persuadir o pai a que ocultasse a recepção das más notícias até ao momento do parto da princesinha, para muito breve. Tanto Maria como o velho príncipe, cada um a seu modo, lá iam suportando e escondendo a sua dor. O príncipe não queria esperar: decidira que André estava morto, e, posto houvesse enviado à Áustria um dos seus subordinados, com a incumbência de descobrir o rasto do filho, já encomendara em Moscou um monumento que pensava mandar erigir no parque e dizia a toda a gente que ele fora morto. Procurava fazer a vida de sempre, sem alterar coisa alguma aos seus hábitos, mas as forças atraíam-no: os seus passeios eram menos longos, comia e dormia menos e tornava-se mais fraco de dia para dia. Quanto à princesa Maria, essa continuava a ter esperança. Rezava pelo irmão como se ele estivesse vivo e a todo o momento esperava a nova do seu regresso.

Capítulo VIII

— Minha boa amiga — dizia a princesinha na manhã do dia 19 de março, depois do almoço, e o seu lábio, sombreado por um ligeiro buço, solejava-se, como de costume. Mas, como desde a chegada da terrível nova tanto os sorrisos como o tom das vozes e até o próprio andar das pessoas em casa só acusavam aflição, dir-se-ia que também ela, desta vez, afinara pelo tom geral, sem, aliás, perceber qual a razão daquela tristeza comum, e o seu sorriso refletia a mágoa de todos.

— Minha boa amiga, estou com medo de que o frushtik³⁸ como diz o nosso cozinheiro Foka, desta manhã, me tenha feito mal.

— Que tens, minha pomba? Estás tão pálida! Ah! Que pálida estás! — disse, assustada, a princesa Maria, aproximando-se, no seu passo lento e mole, da jovem princesinha.

— Excelência, não seria melhor mandar chamar Maria Bogdanovna? — perguntou-lhe uma das criadas de quarto então presentes. Maria Bogdanovna era a parteira do sítio, que há quinze dias se instalara em Lissia Gori.

— Realmente — replicou Maria — talvez seja necessário. Eu vou. Coragem, meu anjo! — E deu um beijo a Lisa, disposta a sair.

— Ah! não, não! — exclamava a princesinha, e no seu rosto, além da palidez e da dor física, refletia-se a infantil apreensão pelas dores inevitáveis.

— Não, é do estômago... Dize que é do estômago, dize Maria, dize... — E pôs-se a chorar como uma criança caprichosa que sofre e contorce os braços com certo exagero.

Maria saiu a correr em busca de Maria Bogdanovna.

— Meu Deus! Meu Deus! Oh! — continuava a gemer a paciente.

No caminho encontrou a parteira, que vinha ao seu encontro, esfregando as mãos nédias e brancas, com uma expressão importante e serena.

— Maria Bogdanovna! Parece-me que começou — disse Maria fixando a parteira com os olhos assustados e muito abertos.

— Pois ainda bem — volveu-lhe Maria Bogdanovna, sem alterar o passo. — Isto são coisas, menina, são coisas de que as meninas não entendem.

— E o médico de Moscou sem chegar! — suspirou a princesa. Para dar satisfação aos desejos de Lisa e do príncipe André, tinham mandado vir, para aquele transe, um médico parteiro de Moscou, e a todo o momento esperavam a sua chegada.

— Não é nada, princesa, não se apoquente — disse Maria Bogdanovna -, mesmo sem o médico tudo há de correr bem. Maria, dos seus aposentos, ouviu, cinco minutos depois, que transportavam qualquer coisa pesada. Viu os criados levar para o quarto de cama o divã de couro habitualmente

no gabinete do príncipe André. Os homens que o levavam tinham um aspecto calmo e solene.

Maria, sozinha no seu quarto, era toda ouvidos para o que estava a ocorrer em casa, abrindo a porta de quando em quando, sempre que alguém passava perto, e observando o movimento do corredor. Várias mulheres passaram e voltaram a passar, num passo tranquilo; olhavam para a princesa e afastavam-se. Maria não teve coragem de as interrogar, voltou a fechar a porta, recolheu-se outra vez aos seus aposentos, tornou a sentar-se na sua poltrona, pegou no seu livro de orações e ajoelhou-se diante das imagens. Infelizmente, com grande surpresa sua, verificou que a oração lhe não trazia sossego. De súbito, a porta do quarto abriu-se, e no limiar, com um lenço pela cabeça, surgiu a velha ama de Maria, Praskovia Savichna, que, por ordem expressa do príncipe, quase nunca entrava nos aposentos da princesa.

— Vim fazer-te companhia. Machenka — disse a ama — e aqui tens as velas do casamento dos príncipes que eu trouxe comigo para as acender diante dos santos, meu anjo — acrescentou, num suspiro.

— Ah, como eu gosto de te ver, ama.

— Deus é misericordioso, minha querida menina.

A ama acendeu, diante do oratório, as velas, envoltas em papel dourado, e sentou-se à porta a fazer meia. Maria pegou num livro e pôs-se a ler. Quando se ouviam passos ou vozes, a princesa e a ama olhavam uma para a outra, aquela com olhos assustados e de quem interroga, esta com uma expressão serena. As impressões que a princesa Maria estava a sentir eram as mesmas que a pouco e pouco se iam apoderando de toda a gente da casa. Dando ouvidos à crendice segundo a qual quanto menos as pessoas atentarem nos sofrimentos da parturiente tanto melhor ela passa, toda a gente fingia ignorar o que sucedia. Ninguém falava no parto mas todo o pessoal da casa, além da sua gravidade costumada e das boas maneiras habituais entre a gente do príncipe, traía um ar preocupado, modos carinhosos, como se aguardassem um grande e incompreensível acontecimento que iria realizar-se dentro de instantes.

Na grande quadra destinada à criadagem tinham deixado de se ouvir risos. No vestíbulo, os lacaios, calados, estavam prontos para tudo. No compartimento dos servos haviam-se acendido as lutchines e as candeias e ninguém dormia. O velho príncipe, no seu gabinete, andava de um lado para o outro na ponta dos pés e enviara Tikon colher informações junto de Maria Bogdanovna.

— Diz-lhe apenas: o príncipe mandou-me perguntar-te o que há de novo, e vens logo contar-me o que ela te disser.

— Comunica ao príncipe que os trabalhos de parto já principiaram — respondera Maria Bogdanovna, olhando significativamente para o mensageiro.

Tikon foi transmitir o recado ao príncipe.

— Está bem — tornou-lhe este, fechando a porta, e Tikon, cá fora, não voltou a ouvir o mais pequeno ruído no gabinete.

Pouco depois voltou a entrar no aposento sob o pretexto de arranjar as velas. Ao ver o amo estendido no divã ficou um instante a observar-lhe o rosto desassossegado, abanou a cabeça, aproximou-se dele, sem dizer palavra, beijou-o no ombro, e saiu sem tocar nas velas nem dizer por que havia entrado no gabinete. O mais solene dos mistérios deste mundo continuava a decorrer. A tarde passou, veio a noite. O sentimento de expectativa e de enternecimento de todos perante o incompreensível, em vez de se atenuar aumentou. Ninguém tinha vontade de dormir.

Era uma daquelas noites de março em que o inverno parece querer recuperar os seus direitos, desencadeando, com uma fúria desenfreada, as suas últimas tempestades de neve. Ao encontro do médico de Moscou, esperado a todo o momento, fora mandado um trenó à estrada real, e alguns homens a cavalo, munidos de lanternas, haviam sido colocados à entrada do caminho vicinal com a missão de o guiarem através dos atoleiros e das poças de neve fundida.

A princesa Maria há muito já que pousara o livro que estava lendo. E ali continuava sentada, sem dizer nada, os olhos luminosos fitos no rosto enrugado da ama, que ela conhecia em seus mais pequeninos detalhes, nas madeixas dos seus cabelos brancos, que lhe saíam do lenço amarrado à cabeça, e nos refegos do seu queixo.

A ama Savichna, sempre a fazer meia, ia contando, na sua voz tranquila, sem que ela própria ouvisse ou entendesse o que estava a dizer, uma história que cem vezes narrara já, isto é, a maneira como a falecida princesa mãe dera à luz a princesa Maria, em Kichiniev, assistida apenas por uma matrona da Moldávia.

— Deus é misericordioso; não são precisos doktores ³⁹ para nada.

De súbito um golpe de vento veio sacudir o caixilho da janela (em obediência às ordens do príncipe, assim que chegavam as andorinhas eram retirados os duplos caixilhos das janelas), e, abalando o fecho mal premido, afastou os cortinados de seda e apagou a vela, ao mesmo tempo que o frio e a neve penetravam no quarto. A princesa Maria estremeceu; a ama pousou a meia e, aproximando-se da janela, debruçou-se e segurou o caixilho aberto. O vento frio açoitava-lhe as pontas do lenço da cabeça e os caracóis brancos dos cabelos.

— Princesa, minha filha, vem alguém pela avenida! — exclamou ela, segurando o caixilho sem o fechar. — E traz lanternas. Naturalmente é o doktor...

— Ah! meu Deus! Louvado seja Deus! — exclamou Maria. — É preciso ir ao seu encontro; não sabe russo.

Atirou um xale para os ombros e saiu ao encontro dos visitantes. Ao atravessar o vestíbulo viu, através da janela, uma carruagem, de lanternas acesas, parada diante da escadaria. Foi até à escada. No corrimão havia uma lanterna cuja luz o vento agitava. Filipe, o criado, de aspecto alterado, estava em baixo, no patamar, com uma lanterna na mão. Mais abaixo ainda, no cotovelo da escadaria, ouviam-se passos abafados. E uma voz falava, não de todo desconhecida da princesa Maria.

— Louvado seja Deus! — dizia a voz. — E meu pai?

— Foi-se deitar — respondia a voz de Demiane, o mordomo, que descia até ao fundo da escadaria.

A voz ainda pronunciou mais algumas palavras, a que Demian respondeu e os passos abafados aproximaram-se do cotovelo invisível da escadaria.

“É o André!”, exclamou para si mesma a princesa Maria. Não, não pode ser, seria realmente extraordinário!”, e no mesmo momento em que estes pensamentos lhe atravessavam o espírito surgiu no patamar onde estava o criado com a luz a silhueta do príncipe André, com a gola da peliça toda salpicada de neve. Sim, era ele, mas pálido e emagrecido, o rosto mudado, os traços alterados e estranhamente amaciados. Galgou a escada e abraçou-se à irmã.

— Não receberam a minha carta? — perguntou, e sem aguardar resposta, que lhe não dariam, naturalmente, pois a princesa estava incapaz de falar, voltou-se para o médico, que encontrara na última muda, e na sua companhia continuou a subir a escada, tomando outra vez a irmã nos braços.

— Que estranho acaso! — exclamou ele. — Macha, minha querida! — e depois de tirar a peliça e as botas, penetrou nos aposentos da esposa.

Capítulo IX

A princesinha, de touca branca, estava reclinada num monte de almofadas. As dores tinham diminuído. As madeixas de seus cabelos negros emolduravam-lhe as faces febris e cobertas de suor. Na sua encantadora boquinha rosada e entreaberta, com o lábio sombreado pelo ligeiro buço, havia um sorriso alegre.

O príncipe André entrou e parou diante dela, junto do divã sobre o qual jazia. Os olhos dela, com uma expressão infantil, detiveram-se nele, perturbados e cheios de susto, sem mostrar qualquer nova expressão. “Gosto de toda a gente, nunca fiz mal a ninguém, por que é que sofro assim? Ajudem-me!”, diziam os seus olhos,

Via o marido, mas não podia compreender o que significava aquela aparição súbita. O príncipe André contornou o divã e depôs-lhe um beijo na testa.

— Minha adorada — disse-lhe ele, usando uma palavra que nunca costumava empregar. — Deus é misericordioso...

A princesinha interrogou-o com os olhos, num momo de criança mimada. “Esperava que me ajudasses, e nada, nada. És como os outros!”, diziam os olhos dela. Não estava admirada de o ver: não compreendia por que é que ele tinha aparecido. A chegada dele não tinha a mais pequena relação com os sofrimentos que a torturavam e com o consolo que esperava. As dores recommençaram, e Maria Bogdanovna pediu ao príncipe que saísse.

O médico entrou no quarto. O príncipe André saiu e dirigiu-se ao quarto da irmã. Ali começaram a falar em voz baixa, mas a conversa interrompia-se a todo o momento. Escutavam e esperavam.

— Vá, meu amigo — disse-lhe a princesa Maria.

André voltou para os aposentos da mulher e sentou-se no quarto contíguo ao dela, disposto a esperar. Uma mulher com o rosto transtornado saiu do quarto e ao ver o príncipe André ficou perturbada. Este apertou a cabeça nas mãos e assim esteve alguns minutos. Queixumes que faziam lembrar gemidos de um animal ferido ouviram-se através da parede. André levantou-se e aproximou-se da porta, na intenção de a abrir. Alguém a segurava pela parte de dentro.

— Não pode entrar, não pode entrar! — arquejou uma voz assustada.

Pôs-se a andar no quarto de um lado para o outro. Os gemidos cessaram: decorreram ainda alguns segundos. De repente ouviu-se um grito pavoroso, que nada tinha de humano: não era ela quem assim podia gritar.

André correu precipitadamente: o grito extinguiu-se; agora era um vagido de criança que se ouvia.

“A que propósito esta criança?”, disse André de si para consigo no primeiro momento. “Uma criança? Que criança?... Por que é que está aqui uma

criança? Será um recém-nascido?”

De súbito compreendeu a alegria que este grito significava; os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, e apoiado ao parapeito da janela principiou a soluçar como se fosse uma criança. A porta abriu-se. O médico, com as mangas arregaçadas, sem redingote, pálido e um estremecimento nervoso na cara, entrou no quarto onde estava o príncipe André. Este quis interrogá-lo, mas ele olhou-o com um ar alucinado e voltou a sair sem dizer palavra. Depois apareceu uma mulher, mas, ao ver o príncipe, quedou-se, indecisa, no limiar da porta. André entrou no quarto. A mulher estava estendida, morta, na mesma posição em que ele a vira cinco minutos antes, e a mesma expressão, não obstante a fixidez do olhar e a palidez das faces, estampava-se naquele encantador rosto infantil com o lábio sombreado por uma ligeira penugem.

“Gosto de todos e não fiz mal a ninguém, que é que fizeram de mim?”, dizia aquele encantador e lastimoso rosto de morta. A um canto qualquer coisa de ínfimo e vermelho rosnavava e choramingava entre as mãos brancas e trêmulas de Maria Bogdanovna.

Duas horas mais tarde o príncipe André entrava, em lentos passos, no gabinete do pai. O velho não dormia. Estava à porta, e assim que esta se abriu tomou entre as suas mãos rudes e secas, como se fossem tenazes, o pescoço do filho e soluçou como uma criança.

No dia seguinte, pela manhã, foi o enterro da princesinha, e, para lhe dizer adeus, André subiu os degraus do catafalco e olhou-a dentro do ataúde. Ela tinha a mesma cara, mas de olhos fechados. “Ah! que é que fizeram de mim?”, continuava a dizer, e André sentiu no seu íntimo como que uma laceração e confessou-se a si próprio culpado de um pecado irreparável e inesquecível. Não podia chorar. O velho também se aproximou e beijou a mãozinha de cera da defunta, sossegadamente estendida, e o seu rosto pareceu-lhe dizer também: “Ah! por que é que me tratou assim?” E o velho, ao ver a expressão deste rosto, voltou a cara, iracundo.

Passaram-se cinco dias, e foi o batizado do principezinho Nicolau Andreievitch. A parteira segurava com o queixo as roupinhas da criança, enquanto o sacerdote, com uma pena de pato, ungia as palmas das mãos e as plantas dos pés vermelhas e enrugadas da criança.

O padrinho, que era o avô, todo trêmulo, com receio de o deixar cair, deu a volta à velha pia batismal com o neófito nos braços e foi entregá-lo à madrinha, a princesa Maria. André, tremendo de susto, com receio de que afogassem a criança, ficara na sala contígua, aguardando o fim da cerimônia. Foi com alegria que o olhou quando a ama lho trouxe, e abanou a cabeça satisfeito

quando esta lhe disse que o pedaço de cera com cabelos da criança lançado na pia não fora ao fundo, mas ficara à tona de água.

Capítulo X

A participação de Nicolau no duelo Dolokov — Bezukov fora abafada, graças ao velho conde, e em vez de ser degradado, como se esperava, Rostov foi nomeado ajudante-de-campo do general governador de Moscou. Por causa disso não lhe fora possível ir para o campo com toda a família e passara todo o verão no desempenho das suas novas funções. Dolokov restabeleceu-se, e Rostov, durante a convalescença, tornou-se seu amigo. Dolokov, enquanto doente, foi tratado em casa da mãe, que o amava apaixonadamente. A velha Maria Ivanovna, que se afeiçoara a Rostov em virtude da amizade deste pelo seu Fédia, falava-lhe muitas vezes do filho:

— Sim, conde, o meu filho é nobre demais, tem uma alma pura demais — dizia ela — para o século em que vivemos. Ninguém gosta da virtude, que ofusca toda a gente. Mas diga-me, conde, acha que foi justo, acha que foi digno o que fez Bezukov? Fédia, com toda a sua nobreza de alma, era-lhe afeiçoado e ainda agora mesmo nunca diz mal dele. Pois não é verdade que fizeram juntos muitas partidas, por exemplo aquela ao polícia em Petersburgo? E a verdade é que Bezukov nada sofreu com isso, enquanto que Fédia pagou as favas. E o que ele sofreu! Sim, voltaria a dar-lhe os galões, mas como não o fazerem? Ah! sim, bravos, filhos da pátria como ele não andam por aí aos pontapés. E esse duelo? Ouça o que eu lhe digo. Terá essa gente coração, honra? Sabendo que ele é filho único, provocaram-no e dispararam contra ele à queima-roupa. Felizmente Deus teve pena de nós E por quê? Sim, quem é que no nosso tempo não é vítima de intrigas? Há o direito de uma pessoa ser ciumenta àquele ponto? Ainda podia compreender se ele lhe tivesse dito antes alguma coisa, mas há um ano que aquilo durava. E, ouça, ele desafiou-o pensando que Fédia não se quereria bater com ele porque lhe devia dinheiro. Que baixeza! Que vilania! Bem sei, o senhor compreendeu o Fédia, meu caro conde, por isso eu gosto tanto de si, creia. São poucos os que o compreendem. É uma alma tão elevada, tão pura!

O próprio Dolokov, durante a convalescença, dizia-lhe coisas que não era de esperar da sua boca.

— Consideram-me má pessoa — dizia. — Está bem, suponhamos que sou assim. Não quero conhecer senão as pessoas a quem estime e por essas sou capaz de dar a própria vida. Quanto aos demais a esses era capaz de os esmagar a todos se os viesse a encontrar no meu caminho. Tenho uma mãe a quem idolatro, de quem não sou digno, dois ou três amigos, no número dos quais conto, e, quanto aos outros, esses apenas os considero na medida em que me podem ser úteis ou nefastos. E quase todos eles são prejudiciais, especialmente as mulheres. Sim, meu velho — prosseguia ele -, tenho encontrado homens dignos, de sentidos nobres e elevados. Mas entre as mulheres, até hoje, só encontrei

criaturas que se vendem, e, quer sejam condessas ou cozinheiras, é o mesmo. Ainda não encontrei essa pureza celeste, essa dedicação que procuro na mulher. Se um dia encontrasse uma mulher assim, era capaz de dar a vida por ela. Quanto às que eu conheço... — Teve um gesto de desprezo. — E, acredita, se me interessa viver, é apenas na esperança de ainda vir a encontrar essa criatura celeste, que me regenerará, me purificará, me resgatará. Mas tu não me podes compreender.

— Pelo contrário, compreendo-te muito bem — respondeu-lhe Rostov, completamente dominado pelo seu novo amigo.

No outono, a família Rostov estava de regresso a Moscou. No princípio do inverno, Denissov voltou também a Moscou e instalou-se-lhes em casa. Esse inverno de 1806, o primeiro que Nicolau Rostov passou em Moscou, foi um dos mais alegres e felizes para ele e para a família Rostov. Atraíra consigo à casa dos pais muitos rapazes; Vera estava uma linda rapariga de vinte anos; Sônia, uma mocinha de dezasseis, em todo o encanto da sua juventude; Natacha, meio criança meio mulher, engraçada como uma criança, fascinante como uma donzela.

Nessa época a casa de Rostov estava envolvida numa atmosfera especial de carinhosos sentimentos, como costuma acontecer onde há raparigas muito gentis e muito jovens. No meio destas caras frescas, expressivas, sorrindo a cada passo — naturalmente à sua própria felicidade -, no meio deste rodopio de fogosa animação, ouvindo este chalar feminino, tão inconsequente, mas tão afetuoso para toda a gente, e a todo o propósito tão cheio de esperança, e o ressoar do canto e da música, misturados, fosse quem fosse o jovem que entrasse naquela casa logo se sentia predisposto para o amor e para a felicidade, atmosfera em que respirava toda aquela juventude.

Um dos primeiros rapazes que tinham sido ali levados por Rostov fora Dolokov, que a todos agradara, menos a Natacha, que quase se indispusera com o irmão por sua causa. Sustentara teimosamente ser ele má pessoa. Que no duelo com Bezukov quem tivera razão fora o Pedro, que Dolokov fora o culpado, e que era pouco amável e muito pretensioso.

— Podes dizer o que quiseses — gritava ela, obstinada -, é mau e não tem coração. Mas o teu Denissov, desse, gosto. Pode ser um depravado e tudo quanto quiserem. Seja como for, gosto dele, e compreende-se muitíssimo bem. Não sei explicar... No outro tudo é calculado antecipadamente, e é disso que eu não gosto; quanto ao Denissov...

— Sim, o Denissov é outra coisa — replicava Nicolau, deixando perceber que, comparado com Dolokov, o próprio Denissov não valia um caracol.

— É preciso compreender a grande alma que é Dolokov, é preciso vê-lo ao pé da mãe, que coração o seu...

— Isso não sei; a verdade é que ao pé dele me não sinto à vontade. E, sabes? Está apaixonado pela Sônia.

— Aí estás tu a dizer disparates...

— Vais ver se eu não tenho razão.

As suposições de Natacha eram exatas. Dolokov, que de resto não apreciava a sociedade das mulheres, começou a frequentar assiduamente a casa dos Rostov, e, embora ninguém falasse no assunto, foi coisa tacitamente assente que vinha por causa de Sônia. E esta, posto nunca ousasse dizê-lo, sabia que assim era; sempre que Dolokov aparecia ficava muito corada.

O jovem oficial jantava muitas vezes em casa dos Rostov, não perdia espetáculo em que a família comparecesse e ia ao baile dos Adolescentes, à casa de Ioguel, onde a família Rostov era assídua. Mostrava-se particularmente atencioso para com Sônia e olhava para ela de tal maneira que esta não lhe sustentava o olhar sem ruborizar-se muito, e tanto a velha condessa como Natacha, perante isso, também se sentiam corar.

Era evidente que aquele estranho colosso se achava sob a irresistível influência daquela graciosa morenita que amava outro. Rostov notara haver fosse o que fosse entre Dolokov e Sônia, mas não tinha opinião formada acerca da natureza dessas novas relações. “Nesta casa as pequenas estão sempre enamoradas de alguém”, dizia ele para si próprio, pensando em Sônia e em Natacha. Mas a verdade é que já não estava tão à vontade diante de Sônia e Dolokov e já não se demorava tanto em casa.

No outono de 1806 voltou a falar-se na guerra com Napoleão e mesmo com mais entusiasmo ainda que no ano anterior. Foi decretado o recrutamento na proporção de dez em mil homens para o exército regular e de nove em mil para a milícia. Por toda a parte se lançava o anátema a Bonaparte e em Moscou não se falava noutra coisa senão na guerra iminente. Quanto à família Rostov estes preparativos bélicos só lhe tocavam por que Nikoluchka se recusava terminantemente a permanecer em Moscou e apenas aguardava o termo da licença de Denissov para regressar à sua unidade após as festas. Esta próxima partida não o impedia de se divertir; pelo contrário, dava-lhe uma grande excitação. Passava a maior parte do seu tempo fora de casa em jantares, saraus e bailes.

Capítulo XI

No terceiro dia das festas do Natal jantava Nicolau em casa dos pais, coisa que raramente lhe acontecia naqueles últimos tempos. Era um jantar oficial de despedida, pois eles partiam, Denissov e Nicolau, de regresso ao regimento, logo após o dia de Reis. Havia vinte talheres, e Dolokov e Denissov eram convidados. Nunca em casa dos Rostov houvera tanta ternura no ar, nunca ali se estivera mergulhado numa atmosfera tão apaixonada como naqueles dias de festa. “Aproveita estes momentos de felicidade, ama e sê amado! Esta é a única coisa real no mundo; o resto é tolice. Só isso deve interessar”, eis o que parecia aconselhar aquela atmosfera.

Nicolau, como sempre, depois de haver estoirado duas parelhas, sem ter podido ir a toda a parte aonde queria e para onde fora convidado, chegou a casa precisamente quando o jantar ia para a mesa. Mal entrou logo se sentiu envolvido naquela atmosfera de carinho que pairava na casa e sentiu o curioso embaraço de alguns dos convivas. Sônia, Dolokov, a velha condessa e até mesmo, de certo modo, Natacha, estavam particularmente comovidos. Nicolau compreendeu ter-se passado qualquer coisa entre Sônia e Dolokov antes do jantar, e, com a delicadeza de coração que lhe era própria, durante todo o repasto mostrou-se enternecido e reservado para com os dois. Nessa noite devia realizar-se um baile promovido pelo mestre de dança Ioguel em honra dos seus alunos de ambos os sexos.

— Nikolenka, vais à casa do Ioguel? Peço-te, não deixes de ir — dizia Natacha. — Ele conta contigo, e o Vassili Dmitritch (era Denissov) também vai.

— Iria fosse onde fosse às ordens da condessa! — replicou Denissov, que, por graça, representava em casa o papel de escudeiro de Natacha. — Estou até disposto a dançar o pas de châte.

— Irei, se tiver tempo. Estou convidado para casa dos Arkarov. Há lá hoje uma recepção — disse, por sua vez, Nicolau. — E tu?... — acrescentou, dirigindo-se a Dolokov. Mas, mal tinha feito a pergunta, logo se deu conta da indiscrição.

— Sim, é possível... — replicou Dolokov, friamente e com azedume, lançando um olhar a Sônia; depois, de sobrecenho carregado, fitou Nicolau com o mesmo olhar com que fixara Pedro no jantar do clube.

“Alguma coisa se passou”, disse Nicolau consigo mesmo, e as suas suspeitas mais se avolumaram quando viu que Dolokov saía logo após o jantar. Chamou Natacha e perguntou-lhe o que havia.

— Andava precisamente à tua procura — disse-lhe ela, vindo ao seu encontro. — Eu bem dizia e tu não querias acreditar prosseguiu, vitoriosa. —

Declarou-se à Sônia.

Posto Sônia muito pouco o preocupasse nesses últimos tempos, sentiu como que rasgar-se-lhe o coração ao ouvir o que lhe dizia Natacha. Dolokov era um partido invejável e de certos aspectos até mesmo brilhante para uma órfã sem fortuna como Sônia. Aos olhos da velha condessa e do mundo seria absurdo recusar uma proposta daquelas. Por isso, a primeira reação de Nicolau ao tomar conhecimento do fato foi de irritação contra Sônia. E dispunha-se a dizer que estava muito bem, que era perfeitamente natural pôr de parte os compromissos da infância e que o que era preciso era aceitar, mas não teve tempo.

— Pois não queres saber? Recusou, recusou redondamente! exclamou Natacha. — Disse-lhe que gostava de alguém — prosseguiu ela depois de uma ligeira pausa.

“Era isso mesmo que eu esperava da minha Sônia!”, pensou Nicolau de si para consigo.

— E recusou, por mais que a mãe lhe pedisse, e estou convencida de que não mudará de atitude...

— A mãe pediu-lhe? — articulou Nicolau, despeitado.

— Pediu — volveu Natacha. — Ouve, Nikolenka, não te zangues, mas eu sei que nunca casarás com ela. Estou convencida disso só Deus sabe por quê, mas tenho a minha opinião formada a tal respeito.

— Ora aí está uma coisa que tu não podes afirmar — replicou Nicolau. — Mas tenho de falar com ela. Que encanto aquela Sônia! — acrescentou, sorrindo.

— Sim, é encantadora! Vou dizer-lhe que venha ter contigo.

E Natacha abalou, depois de ter beijado o irmão.

Momentos depois entrava Sônia, muito confusa, muito perturbada, com uma expressão de pessoa que cometeu uma falta. Nicolau aproximou-se dela e beijou-lhe a mão. Era a primeira vez, após o seu regresso, que se encontravam a sós e que falavam de coisas sentimentais.

— Sônia — principiou ele, de começo timidamente e depois com ousadia crescente -, teve coragem de recusar um partido tão brilhante e tão vantajoso? É um bom rapaz, um nobre coração... É meu amigo...

Sônia interrompeu-o:

— Sim, recusei — apressou-se a dizer.

— Se foi por mim, receio que da minha parte...

Sônia interrompeu-o de novo. Lançou-lhe um olhar entre súplice e assustado.

— Nicolau, não me diga isso.

— Digo, devo dizê-lo. Talvez seja petulância da minha parte, mas vale mais falar. Se recusou por minha causa, eu, pela minha parte, devo dizer-lhe toda a verdade. Gosto de si, quero-lhe, estou convencido disso, quero-lhe mais do que a qualquer outra...

— E é quanto basta para mim — disse Sônia, corando.

— Sim, mas já gostei várias vezes e ainda posso vir a gostar de outras, embora não tenha por ninguém tanta amizade, confiança e amor como tenho por si. E, depois, ainda sou muito novo. A mãe não vê isto com bons olhos. E é por isso, numa palavra, que eu não estou disposto a comprometer-me. Peço-lhe que pense na declaração de Dolokov — concluiu, articulando com esforço o nome do amigo.

— Não me fale assim. Não quero nada. Gosto de si como um irmão e sempre hei de gostar de si; de nada mais preciso.

— É um anjo e eu não sou digno de si. O receio que tenho é de não poder corresponder ao que espera de mim.

E Nicolau beijou-lhe outra vez a mão.

Capítulo XII

Era em casa de Ioguel que se realizavam os mais alegres bailes de Moscou. Eis o que afirmavam as mães ao olharem para as suas adolescentes ensaiando o novo passo de dança que acabavam de aprender, eis o que diziam as próprias adolescentes e os adolescentes, que dançavam até cair extenuados; era também a opinião dos rapazes e raparigas de mais idade que tinham ido ali por mera condescendência e que se divertiam lá como em parte alguma. Naquele mesmo ano já ali se haviam preparado dois casamentos. As duas lindas princesas Gortchakov ali haviam encontrado noivos, e estes enlaces mais tinham feito aumentar o prestígio dos bailes. A particularidade destas festas estava no fato de não haver nem dono nem dona de casa. Havia apenas o bom do Ioguel, o qual, leve como uma pena, se desfazia em reverências segundo as regras da sua arte e dava lições pagas a todos os seus convidados. Outra particularidade destes bailes era só ali ir quem, de fato, queria dançar e divertir-se, como sabem divertir-se as rapariguinhas de treze a catorze anos que pela primeira vez vestem vestidos compridos. Todas, salvo raríssimas exceções, eram ou pareciam ser muito bonitas; todas tinham um sorriso tão triunfante, olhares tão ardentes! Acontecia que as melhores alunas dançavam até o pas de châte e entre elas distinguia-se Natacha, cuja graça dava nas vistas. Mas naquele último baile do ano estabelecera-se que só se devia dançar a escocesa, a inglesa e a mazurca, que então principiava a estar na moda. Ioguel pedira a Bezukov lhe cedesse um dos salões do seu palácio e o êxito da festa estava assegurado na opinião de toda a gente. Havia lindas carinhas no baile, e as meninas Rostov figuravam entre as mais belas. Ambas resplandeciam de felicidade e alegria. Nessa noite, Sônia, muito orgulhosa com a declaração de Dolokov e por não a haver aceitado e ter tido uma explicação com Nicolau, ainda estava em casa, muito desassossegada e sem deixar que a criada lhe acabasse de pentear as tranças. Toda ela resplandecia de exuberância e jovialidade.

Natacha, não menos orgulhosa por ser a primeira vez que aparecia de vestido comprido num baile a valer, ainda estava mais radiosa. Ambas trajavam vestidos brancos de musselina, enfeitados com fitas cor-de-rosa.

Natacha, assim que entrou na sala, sentiu-se como que instantaneamente deslumbrada. Apaixonava-se não em particular por quem quer que fosse, mas por toda a gente ao mesmo tempo. Enamorava-se no mesmo instante do primeiro em que pousava os olhos.

— Ah! que bonito! — dizia a todo o momento para Sônia. Nicolau e Denissov iam e vinham, percorrendo as salas, com olhares amáveis e protetores para os que dançavam.

— Que linda que ela é! Há de vir a ser uma beleza! — exclamava Denissov.

— Quem?

— A condessa Natacha. E que bem que dança! Que graça que tem! — acrescentou, depois de uma ligeira pausa.

— De quem estás tu para aí a falar?

— De quem? Da tua irmã — replicou ele, com impaciência. Rostov sorriu.

— Meu querido conde, considero-o um dos meus melhores alunos, é preciso que dance — disse o insignificante Ioguel ao aproximar-se de Nicolau. — Não vê tantas meninas bonitas?

E dirigiu o mesmo pedido a Denissov, que também fora aluno seu.

— Não, meu caro, eu sirvo de figura decorativa — replicou este. — Já se não lembra de como eu aproveitei mal as suas lições?

— Oh! Não! — exclamou Ioguel. — Não era dos mais atentos, mas tinha jeito, sim, senhor, tinha jeito.

A orquestra rompeu com uma mazurca, dança então em pleno êxito, novidade que era. Nicolau não pôde desculpar-se e foi convidar Sônia. Denissov sentou-se ao pé das senhoras idosas e, apoiado no sabre, batendo o compasso com o pé, principiou a contar-lhes histórias alegres, para fazê-las rir, vendo dançar a juventude. Ioguel, no primeiro par, dançava com Natacha, o seu orgulho e a sua melhor aluna. Deslizando, suave e molemente, nos seus escarpins, foi o primeiro a lançar-se sala fora com Natacha intimidada, mas que lhe acompanhava atentamente o passo. Denissov não a perdia de vista, marcando o compasso com o sabre, como se dissesse que se não dançava era apenas por não querer e não por não saber. No meio de uma das figuras interpelou Rostov, que passava perto.

— Não é nada disso — disse ele. — Que mazurca polaca é essa? De resto, ela dança maravilhosamente.

Como sabia que, na Polônia, Denissov ganhara fama pela maneira como dançava mazurca polaca, Nicolau correu para Natacha.

— Vai convidar o Denissov. Ele dança isto maravilhosamente! Quando chegou a vez de Natacha, esta levantou-se e, deslizando, levíssima, nos seus sapatinhos de cetim, atravessou, muito corada, a sala na direção onde estava Denissov. Percebeu que toda a gente a olhava aguardando o que ela ia fazer. Nicolau, de longe, viu os dois a discutir, sorrindo. E viu que Denissov recusava mas ria. Dirigiu-se para eles.

— Faça-me isso, Vassili Dmitritch — dizia Natacha. — Venha daí, por favor.

— Oh! tenha pena de mim, condessa — dizia Denissov.

— Então, Vassia, vai com ela — interveio Nicolau.

— Vocês fazem-me festas como se eu fosse o vosso gatinho Vaska — disse Denissov, de brincadeira.

— Prometo-lhe que hei de cantar uma noite inteira para si — volveu Natacha.

— Feiticeira, faz de mim o que lhe apetece — consentiu Denissov por fim, tirando o sabre.

Saiu da fila das cadeiras, agarrou com energia a mão do seu par, ficou muito direito, com o pé avançado, aguardando o compasso. Era a cavalo ou a dançar a mazurca que deixava de se notar a sua pequena estatura e que adquiria uma atitude marcial. Enquanto esperava o compasso, teve um olhar de soslaio, ao mesmo tempo vitorioso e brincalhão, para o seu par, depois, subitamente, bateu com o pé no chão e despediu como uma bola de borracha, arrastando consigo a sua dama. Assim, num pé só, percorreu metade do salão, sem fazer o mais pequeno ruído. Dir-se-ia lançar-se sobre as cadeiras diante dele. Mas de súbito as esporas retiniram, e, de pernas alargadas, deteve-se um instante em cima dos tacões, batendo com os pés no chão. Depois deu uma volta rápida, bateu com a perna direita contra a esquerda e recomeçou a girar sobre si mesmo. Natacha adivinhava todos os seus movimentos e, inconscientemente, seguia-lhe as evoluções, abandonando-se. Ora a fazia rodopiar pela mão direita ou pela esquerda, ora, ajoelhando, a arrastava, fazendo-a descrever um círculo em volta dela. Em seguida dava um pulo de súbito e lançava-se para a frente, rápido, como se quisesse, de um salto só, percorrer todas as salas, para de novo parar e de novo principiar uma figura nova e imprevista. Quando voltou a depor a dama no seu lugar, fazendo-a rodopiar magistralmente com um bater de esporas, Natacha esqueceu-se da reverência. Fitou-o com os seus olhos espantados, sorrindo, como se o não conhecesse.

— Que quer dizer isto? — dizia.

Embora Ioguel houvesse declarado que aquilo não era a verdadeira mazurca, toda a gente ficara maravilhada com o virtuosismo de Denissov. Vinham-no convidar a cada passo, e as pessoas de idade, sorrindo, começaram a falar da Polônia e dos bons tempos de outrora. Denissov, muito corado por causa da dança e enxugando a testa, veio sentar-se ao lado de Natacha e não a deixou até ao fim da noite.

Capítulo XIII

No dia seguinte, Rostov não viu Dolokov em casa de seus pais e nunca mais lá voltou a encontrá-lo. Na manhã do outro dia recebeu dele um bilhete nestes termos:

Como não faço tenção de voltar a aparecer em vossa casa por motivos que tu muito bem conheces, e como regresso à minha unidade, ofereço hoje aos meus amigos um jantar de despedida. Peço-te que venhas, pois, ao Hotel de Inglaterra.

Rostov, ao sair do teatro aonde fora com os seus e Denissov, chegou às dez horas do dia marcado ao Hotel de Inglaterra. Conduziram-no imediatamente à melhor sala, reservada para aquela noite por Dolokov. Estavam aí reunidas umas vinte pessoas em volta de uma mesa. Quem presidia era Dolokov, que se sentava no meio de dois brandões. Em cima da mesa havia dinheiro em ouro e papel e o oficial fazia de banqueiro. Nicolau, que não voltara a vê-lo depois da declaração a Sônia e da recusa de que fora objeto, sentiu-se um pouco embaraçado por se ver na sua presença.

O frio e brilhante olhar de Dolokov pousou nele assim que Nicolau entrou no aposento, como se o esperasse há muito.

— Há quanto tempo nos não víamos! — disse-lhe ele. — Obrigado por teres vindo. Assim que eu acabe a banca, temos aí o Iliuchka com os seus cantores.

— Foi a teu convite que vim — disse Rostov, corando. Dolokov não respondeu.

— Podes fazer a tua parada — disse-lhe a certa altura. Lembrou-se naquele momento da curiosa conversa que certo dia tinham tido. “Não há ninguém com mais sorte ao jogo do que os imbecis”, dissera-lhe ele.

— Ou terás medo de jogar comigo? — perguntou-lhe, sorrindo, Dolokov, que parecia adivinhar o que ia no pensamento de Rostov.

Este sorriso fez compreender a Nicolau que o amigo estava no estado de espírito em que o vira aquando do jantar do clube ou quando sentia a necessidade, esmagado pelo tédio de uma vida terra-a-terra, de se evadir por um ato estranho e violento.

Rostov sentia-se embaraçado. Procurou, sem o encontrar na sua imaginação, o gracejo digno de servir de resposta ao que Dolokov acabava de dizer. E ainda o não conseguira já Dolokov, fitando-o nos olhos, dizia lentamente, e destacando as palavras, de maneira a que toda a gente pudesse entender:

— Lembras-te do que uma vez dissemos: que não há ninguém com mais sorte ao jogo do que os imbecis? É para ganhar que uma pessoa deve jogar e eu quero experimentar.

“Devemos experimentar a sorte ou jogar para ganhar?”, disse Rostov de si para consigo.

— Realmente, era bem melhor que não jogasses — acrescentou, pousando as cartas, que acabava de baralhar. — Banca, meus senhores.

Tendo posto o seu dinheiro na banca, Dolokov preparava-se para dar as cartas. Rostov sentou-se a seu lado e a princípio absteve-se de jogar. Dolokov lançou-lhe um olhar de lado.

— Então, não jogas? — disse-lhe.

Coisa curiosa. Nicolau sentiu-se como que obrigado a pegar numa carta, a pousar sobre ela uma soma insignificante e a principiar a jogar.

— Não tenho dinheiro comigo — murmurou.

— Tens crédito.

Rostov apostou cinco rublos na sua carta e perdeu, fez nova parada e voltou a perder. Dolokov “matou”, o que quer dizer que ganhou dez cartas seguidas a Rostov.

— Meus senhores — disse ele, depois de ter estado algum tempo a servir de banqueiro -, peço-lhes que ponham o vosso dinheiro em cima das cartas, de outro modo posso enganar-me nas contas.

Um dos jogadores alegou esperar que se dignassem ter confiança nele.

— Evidentemente, mas tenho medo de me enganar — replicou Dolokov. — Por isso peço-lhes o favor de porem o dinheiro em cima das cartas. Quanto a ti, não te importes, depois faremos contas os dois — disse ele, dirigindo-se a Rostov.

O jogo prosseguiu; um lacaio ia servindo champanhe. Todas as cartas de Rostov foram “mortas” e o seu débito já subia a oitocentos rublos. Dispunha-se a inscrever esta soma numa carta, mas, como lhe ofereciam champanhe, reteve-se e fez a parada habitual: vinte rublos.

— Deixa — disse Dolokov, fingindo não reparar — não tarda muito que te tenhas refeito. Perco com todos e “mato” todas as cartas. Terás tu medo de mim?

Rostov pediu desculpa, deixou ficar os oitocentos rublos e apresentou um sete de copas, com um canto dobrado, que apanhara do chão. Lembrar-se-ia disso perfeitamente mais tarde. Apresentou o seu sete de copas, depois de ter escrito sobre ele, com a ponta de um giz, oitocentos rublos em algarismos direitos, bem desenhados, despejou a taça de champanhe um pouco amornado que lhe apresentavam, sorriu ao ouvir as palavras de Dolokov, e esperando, com o coração a bater, um sete, olhou para as mãos de Dolokov, que tinha o baralho. Ganhar ou perder aquele sete de copas representava muito para

ele. No domingo anterior o conde Ilia Andreitch dera-lhe dois mil rublos, e, contra o seu costume de falar de dificuldades de dinheiro, acrescentara ser a última soma que lhe dava até maio, e que, portanto, seria bom ele mostrar-se desta vez mais econômico. Nicolau respondera que lhe chegava perfeitamente e que lhe dava a sua palavra de honra de que se contentaria com aquele dinheiro até à primavera. Naquele momento ainda dispunha de mil e duzentos rublos. Eis por que daquele sete de copas dependia não só a perda de mil e seiscentos rublos, mas também a necessidade de quebrar a palavra que dera. Com o coração a bater fitava as mãos de Dolokov, dizendo de si para consigo: “Vamos, venha de lá depressa essa carta e vou daqui cear com Denissov, Natacha e Sônia, e tenho a certeza de nunca mais na minha vida voltar a pegar numa carta.” E naquele momento todos os pequenos nada da vida familiar, as partidas de Pétia, as conversas com Sônia, os duetos com Natacha, o jogo do piquet com o pai, a recordação da sua cama tão sossegada da rua Povarskaia, tudo isso lhe perpassava pela mente com toda a força, toda a nitidez e todo o encanto de uma felicidade há muito passada, perdida e sem preço. Era-lhe impossível admitir que um estúpido acaso, fazendo com que um sete estivesse à direita e não à esquerda, o pudesse privar de semelhante felicidade, de novo reconquistada e que de novo o iluminava com os seus raios, para o mergulhar num abismo de desgraças ainda não experimentadas e desconhecidas. Era qualquer coisa que não devia ser, mas, nem por assim pensar, deixava de observar os movimentos das mãos de Dolokov. Essas mãos ossudas e vermelhas, cobertas de pelos até aos punhos, pousaram as cartas e pegaram na taça que lhe apresentavam e no cachimbo.

— Com que então, não tens medo de jogar comigo? — repetiu Dolokov, e, como se quisesse contar qualquer história brejeira, recostou-se no espaldar da cadeira e pôs-se a dizer, com todo o sossego, e a sorrir:

— Sim, meus senhores, vieram dizer-me que eu em Moscou tinha fama de batoteiro. É por isso que lhes peço que estejam prevenidos.

— Vamos, parte — disse Rostov.

— Oh! Estes más-línguas de Moscou — tornou Dolokov sorrindo e voltando a pegar nas cartas.

— Ah! — exclamou Rostov, puxando os cabelos. O sete de que ele precisava estava por cima da primeira carta do baralho. Tinha perdido mais do que podia pagar.

— Então, que é isso? Não te vás espetar — disse-lhe Dolokov, de lado e continuando a partir.

Capítulo XIV

Hora e meia depois, já os jogadores não consideravam mais que mera brincadeira as paradas que tinham feito.

Todo o interesse do jogo se concentrava em Rostov. Em vez de mil e seiscentos rublos, à sua conta havia uma longa coluna de algarismos, que contara até dez mil, mas que naquele momento, como ele confusamente pensava, devia atingir os seus quinze mil. Na realidade, o total ultrapassava já os vinte mil.

Dolokov já não ouvia o que se dizia nem já contava mais histórias. Seguia o mais pequeno movimento das mãos de Rostov e de tempos a tempos lançava os olhos à sua conta. Decidira continuar o jogo até o total atingir os quarenta e três mil rublos. Fixara esses algarismos porque era quanto somavam a sua idade e a de Sônia. Rostov, com a cabeça entre as mãos, apoiava os cotovelos na mesa coberta de inscrições, de nódoas de vinho e de cartas espalhadas. Obcecava-o a mesma penosa impressão, sempre a mesma: aquelas mãos ossudas e vermelhas, peludas até aos punhos, aquelas mãos, que ao mesmo tempo amava e odiava, pareciam tomar conta dele.

“Seiscentos rublos, um ás, paroli, um nove... Já não há maneira de me salvar!... Oh! que bem se estava em casa... O valete sobre uma paz... Mas não pode ser!... Por que me trata ele desta maneira... ?” E tudo isto, ao mesmo tempo, lhe afluía ao cérebro. Acontecia-lhe fazer uma parada mais forte, mas Dolokov recusava o jogo e indicava ele próprio a soma a jogar. Nicolau obedecia e encomendava-se a Deus, como o fizera no campo de batalha, na ponte de Amsteten; ou então punha-se a imaginar que aquela carta, a primeira do monte de cartas amarrotadas em cima da mesa, talvez o salvasse; outras vezes empenhava-se em contar os alamares do dólman que vestia; perguntava a si mesmo em que carta tinha o palpite da sua perdição; lançava olhares de angústia aos outros jogadores ou então contemplava o rosto impassível do seu parceiro e fazia tudo para lhe adivinhar o pensamento.

“Sim, ele sabe muitíssimo bem o que esta perda representa para mim. É impossível que queira a minha ruína. É meu amigo. Tenho amizade por ele... Mas não tem culpa. Que há de ele fazer, se a sorte o favorece? Eu também não sou culpado”, refletia, “Não pratiquei qualquer má ação. Matei, ofendi ou quis mal a alguém? Então como é que se explica esta tremenda pouca sorte? E quando é que principiou? Apenas há instantes. Aproximei-me desta mesa, na esperança de ganhar cem rublos, de comprar aquela caixinha para oferecer à mãe no dia dos seus anos e de me ir embora. Que feliz, que livre, que alegre eu estava então! E não avaliava a felicidade de que gozava! Quando é que tudo isso acabou para dar lugar a esta tremenda situação? Em que se manifesta uma tal transformação? Estou sentado no mesmo sítio, a esta mesa, com o gesto de apanhar e de mostrar

as cartas, de olhar aquelas mãos ossudas e sutis. Quando e como é que isto foi possível? Que é que aconteceu? Estou de perfeita saúde, vigoroso, sou a mesma pessoa, e não me mudei daqui. Não, isto não pode ser! Com certeza que tudo isto acaba em nada!”

Estava vermelho, coberto de suor, embora não fizesse muito calor na sala, e a sua cara metia medo e dó ao mesmo tempo, sobretudo em virtude do esforço que fazia para parecer sereno.

O total atingiu a soma fatal de quarenta e três mil rublos. Rostov preparava já a carta que devia fazer paroli com os três mil que acabava de ganhar quando Dolokov atirou com o baralho de cartas para cima da mesa, pegou no giz e se pôs a inscrever rapidamente, com a sua letra miúda e firme, partindo o giz, a soma que Rostov perdera.

— Vamos cear! São horas de cear! Aí estão os ciganos!

E, com efeito, entrava nesse momento, trazendo consigo o frio que fazia lá fora, um certo número de mulheres e de homens amulados, que falavam entre si com um sotaque cigano. Nicolau compreendeu que tudo estava acabado; mas disse com indiferença:

— Bom! Mais uma partida? Tenho aqui uma cartinha catita. — Afetava não estar interessado senão pela distração do jogo.

“Está tudo acabado, estou perdido”, dizia para si mesmo. “Uma bala na cabeça é tudo o que me resta a fazer.” E nem por isso deixou de dizer alegremente:

— Então, mais esta cartinha.

— Bom — disse Dolokov, que tinha concluído a soma. — Muito bem. Vinte e um rublos jogados — dizia, apontando para o número 21, por cima dos quarenta e três mil, e, pegando nas cartas, dispôs-se a jogar. Rostov, submisso, apagou o seu paroli e em vez de seis mil escreveu, com todo o cuidado, 21.

— É-me completamente indiferente — murmurou -, o que me interessa é saber se “matarás” a minha carta ou me darás aquele dez.

Dolokov pôs-se a jogar com toda a seriedade. Oh! como Rostov, naquele momento, odiava essas mãos vermelhas, de dedos curtos e peludas até aos punhos, que o tinham em seu poder... O dez ganhou.

— Tem quarenta e três mil rublos à sua conta, conde — disse Dolokov, que se levantou da mesa, distendendo o corpo. — Tanto tempo sentado cansa uma pessoa.

— Sim, também eu, não posso mais — disse Rostov.

Dolokov, como se quisesse lembrar-lhe que lhe não ficava bem gracejar, interrompeu-o:

— Quando é que poderei receber o que me deve, conde?

Rostov, corando, levou-o consigo para uma sala contígua.

— Não te posso pagar tudo de uma só vez, espero que aceites uma letra — disse-lhe ele.

— Ouve, Rostov — replicou Dolokov, com um sorriso aberto e fitando-o nos olhos. — Conheces o provérbio: feliz aos amores, infeliz ao jogo. A tua prima está apaixonada por ti, bem sei.

“Oh! Como é terrível sentir-me nas mãos deste homem!”, disse Rostov consigo. Tinha diante dos olhos a dor que iria dar ao pai e à mãe quando lhes confessasse o que perdera. E concebia a felicidade que representava o poder desembaraçar-se de tudo aquilo, e para si mesmo dizia que Dolokov, ciente de que lhe poderia evitar toda aquela vergonha e todo aquele sofrimento, o que queria era brincar com ele como o gato brinca com o rato.

— A tua prima... — principiou Dolokov. Nicolau, porém, interrompeu-o:

— A minha prima nada tem que ver com isto e não é para aqui chamada! — exclamou furioso.

— Então, quando me pagas? — perguntou Dolokov.

— Amanhã — respondeu Rostov, e desapareceu.

Capítulo XV

Dizer “até amanhã” mantendo um tom natural não era difícil; mas regressar a casa sozinho, tornar a ver irmãs, irmão, pai e mãe, resignar-se a uma confissão e pedir um dinheiro a que não tinha direito depois de, sob palavra, haver declarado não precisar dele, eis o que era terrível.

Ainda ninguém dormia em casa. A gente nova, depois de voltar do teatro e de ter ceado, havia-se sentado ao cravo. Assim que penetrou no salão grande, Nicolau sentiu-se envolvido por aquela atmosfera poética e sentimental naquele inverno corrente em casa e naqueles últimos dias, após a declaração de Dolokov e do baile em casa de Ioguel, concentrada em torno de Sônia e de Natacha, como uma nuvem antes de uma tempestade. As raparigas, com os vestidos azuis que tinham levado ao teatro, muito bonitas, e sabendo que o estavam, felizes e sorridentes, rodeavam o cravo, de pé. Vera, no salão, jogava xadrez com Chinchine. A condessa velha, aguardando o filho e o marido, fazia uma paciência com uma idosa senhora nobre que vivia na sua companhia. Denissof, os olhos brilhantes e os cabelos desgrenhados, sentara-se, numa pose teatral, diante do cravo, e, percorrendo o teclado com os seus curtos dedos, tirando acordes e rebolando os olhos inchados, com a sua vozinha rouca mas justa, cantava uma poesia de que era autor, e que tentava musicar:

*Feiticeira — diz-me cá — que
impulso é este
que me leva a acordar sonhos
adormecidos?
Que fogueira me acendeste no
coração
que arrebatadamente se me
insinuou na alma?*

Cantava com uma voz apaixonada, e seus olhos, negros como ágata, fixavam-se em Natacha, perturbada mas feliz:

— Soberbo! Magnífico! — exclamava Natacha. — Mais outra estância — prosseguia, sem reparar em Nicolau.

“Cá em casa tudo está na mesma”, dizia este de si para consigo, relanceando a vista para o outro salão, onde viu que estava Vera, bem como a mãe na companhia da senhora idosa.

— Ah! Cá está o Nikolenka!

Natacha correu para ele.

— O pai está? — perguntou Nicolau.

— Que contente estou por tu teres vindo! — exclamou Natacha, sem lhe responder. — Divertimo-nos tanto! Sabes? O Vassili Dmitritch ficou mais um

dia por minha causa.

— Não, o pai ainda não voltou — disse Sônia.

— Até que enfim, queridinho, anda cá, meu filho — exclamou a voz da condessa no salão.

Nicolau caminhou para a mãe, beijou-lhe a mão, e, sentando-se, calado, junto da mesa, pôs-se a seguir-lhe os dedos, que iam distribuindo as cartas. No salão grande continuavam a ouvir-se risos e ditos engraçados dirigidos a Natacha.

— Está bem, está bem — condescendia Denissov. — Mas agora já não pode recusar. Agora tem de cantar a barcarola. Peço-lhe!

A condessa envolveu num olhar o filho, muito calado.

— Que tens tu? — perguntou-lhe.

— Nada — respondeu ele, como se estivesse irritado com uma pergunta que lhe faziam pela centésima vez. — O pai ainda demora muito?

— Acho que não.

“Nada mudou neles. Não sabem nada! Onde poderei eu encontrar refúgio?”, dizia de si para consigo, voltando a aproximar-se do cravo, no salão grande.

Sônia estava sentada e tocava os primeiros compassos do prelúdio da barcarola de que Denissov tanto gostava. Natacha preparava-se para cantar. Denissov devorava-a com os olhos.

Nicolau pôs-se a andar de um lado para o outro.

“Que prazer terá ela de cantar? Como é que ela pode cantar? Que alegres que estão todos aqui!”, dizia consigo mesmo.

Sônia fez soar os primeiros acordes do prelúdio.

“Meu Deus! Sou um homem ao mar! Um homem desonrado! Uma bala na cabeça, eis tudo quanto me resta, que bonitas horas para cantar! Ir-me embora? Mas para onde? E daí, que cantem, que é que isso me faz?”

Nicolau, sempre de um lado para o outro, na sala, lançou um olhar para o grupo de Denissov e das raparigas, evitando encontrar-lhes os olhos.

— Nikolenka, que tens tu? — parecia perguntar-lhe o olhar de Sônia, pousado nele. Sônia tinha percebido imediatamente que alguma coisa lhe acontecera.

Nicolau desviou a vista. Também Natacha, com a sua perspicácia, notara imediatamente o estado de espírito do irmão. Mas naquele momento tamanha era a sua alegria, estava tão longe de tudo que fosse tristeza, dor ou censura que, como é frequente entre a gente nova, propositadamente se enganava a si própria. “Não! Não estou disposta a sacrificar a minha alegria pensando nas

tristezas dos outros, e, aliás”, cogitava, “estou convencida de que me engano: naturalmente está tão alegre como eu.”

— É agora, Sônia — disse ela, dando alguns passos para o meio do salão, visto ali, segundo pensava, as condições acústicas serem melhores.

De cabeça erguida, os braços pendentes como as bailarinas, Natacha, num passo elástico e martelado, avançou até meio da sala e estacou.

“Olhem para mim, cá estou eu!”, parecia dizer, em resposta ao olhar apaixonado com que Denissov a seguia.

Natacha emitiu a sua primeira nota, a garganta dilatou-se-lhe, o peito sollevou-se-lhe, o seu olhar tornou-se sério. Não pensava naquele instante em nada de particular e as notas desprenderam-se-lhe dos lábios sorridentes. Eram notas que qualquer pode soltar mil vezes, com os mesmos intervalos e as mesmas pausas, ficando nós completamente frios, e que à milésima primeira vez que as ouvimos estremecemos e choramos.

Naquele inverno, pela primeira vez, Natacha dispusera-se a cantar a sério, sobretudo por causa de Denissov, que estava rendido ao seu talento. Já não cantava como as crianças: já o não fazia, como antes, numa espécie de aplicação infantil e brincalhona; mas ainda não tinha chegado à perfeição, no dizer dos entendidos que a escutavam, “Tem uma linda voz, mas não está trabalhada”, comentavam. Este juízo, porém, apenas o formulavam muito depois de Natacha se haver calado. No momento em que aquela voz, ainda pouco trabalhada, cheia de suspiros defeituosos, de garganteios penosos, ressoava, esses juízes severos calavam-se, incapazes de outra coisa que não fosse deixarem-se invadir por aquele canto ainda fruste e só com um desejo: continuarem a ouvi-lo. Aqueles acentos ainda virgens, aquela força que a si mesmo se desconhecia, aquela doçura de veludo, sem preparação alguma, tudo dizia tão bem com as faltas de técnica que dir-se-ia nada poder ser alterado naquela voz sem estragar o conjunto.

“Que vem a ser isto?”, dizia de si para consigo Nicolau, abrindo muitos os olhos enquanto ia ouvindo aquela voz. “Que lhe teria acontecido? Que bem que ela hoje está a cantar!” Subitamente tudo no mundo deixou de existir para ele, salvo a nota, a frase que ia seguir-se; tudo se desvaneceu diante do compasso a três tempos: Oh, mio crudele affetto... Um, dois, três... Oh, mio crudele affetto... Um, dois, três... Um... Ah! que estúpida é a vida!”, dizia Nicolau consigo mesmo. “Tudo isso, e a infelicidade e o dinheiro e Dolokov e a cólera e a honra, tudo isso não passa de uma grande tolice... Isto, sim, isto é verdade... Continua. Natacha, continua, minha querida, continua, minha menina. Será capaz de dar este si? E deu! Louvado seja Deus”. E ei-lo ali, sem reparar que ele próprio estava cantando, que cantava a segunda voz para aguentar aquela alta nota. “Ah! que bem! E fui eu quem deu esta nota? Que lindo!”

Oh! como aquela nota tinha vibrado, e que comovido Rostov se sentiu no mais íntimo da sua alma. E era como se estivesse separado do mundo inteiro, como se estivesse mais alto que o mundo todo. “O que vale ao pé disto o que se perde ao jogo e todos esses Dolokov e todas as palavras empenhadas?... Tudo isso não passa de fatuidade! Uma pessoa pode assassinar, roubar, e no entanto sentir-se feliz...”

Capítulo XVI

Havia muito tempo que Rostov não sentia tanto prazer em ouvir música como naquela noite. Mas assim que Natacha acabou de cantar a sua barcarola voltou-lhe o sentimento da realidade. Saiu da sala sem dizer nada e desceu para o seu quarto. Um quarto de hora mais tarde, o velho conde, muito alegre e satisfeito, chegava do clube. Nicolau, ao ouvi-lo entrar, foi procurá-lo.

— Então, divertiste-te? — inquiriu Ilia Andreitch, sorrindo, orgulhoso, para o filho.

Nicolau quis responder afirmativamente, mas não pôde: as lágrimas iam romper-lhe dos olhos. O conde, com o cachimbo na boca, não notava o estado de espírito do filho.

“Então, é preciso ter coragem”, disse de si para consigo, tomando uma resolução. E, de súbito, num tom desprendido, de que ele próprio sentiu vergonha, no mesmo tom com que teria pedido uma carruagem para o levar a qualquer parte, disse ao pai:

— Pai, vim procurá-lo para lhe falar de negócios. Já me esquecia. Preciso de dinheiro.

— Que dizes tu?! — exclamou o pai, que estava bem disposto. — Eu bem te disse que não te ia chegar. Precisas de muito?

— Preciso... de muito — respondeu Nicolau, corando, e com um sorriso desprendido e tolo, de que por muito tempo sentiu remorsos. — Perdi algum dinheiro, isto é, perdi muito, muito mesmo, quarenta e três mil rublos.

— Quê? Com quem?... Estás a brincar?! — exclamou o conde, cuja nuca se cobria subitamente de uma vermelhidão apoplética, coisa frequente entre os velhos.

— Comprometi-me a pagar essa dívida amanhã — replicou Nicolau.

— Ah!.... — balbuciou o pai, deixando-se cair no divã sem forças e num estado desesperado.

— Que hei de eu fazer? Não é coisa que acontece a toda a gente? — redarguiu o filho, num tom desprendido e ousado, quando, no fundo de si mesmo, estava a chamar-se a si próprio canalha, cobarde, perdido para a vida inteira. Teria querido beijar as mãos do pai, pedir-lhe perdão de joelhos, e tomava aquele ar indiferente, quase descortês, para dizer que aquelas coisas aconteciam a toda a gente.

O conde Ilia Andreitch, surpreendido por aquele tom, baixou os olhos, e, embaraçado, apressou-se a responder:

— Sim, sim, não vai ser fácil, tenho os meus receios, vai ser difícil arranjar essa importância... São coisas que acontecem! Sim, essas coisas acontecem...

E o conde saiu da sala, lançando, de soslaio, um olhar ao filho. Nicolau contava encontrar resistência, mas nunca aquela atitude.

— Pai! Pai! — gritou, seguindo atrás do conde, chorando. — Perdoe-me.

E, agarrando-lhe na mão, pousou nela os lábios, soluçando.

Enquanto se desenrolava esta explicação de Nicolau com o conde, mãe e filha tinham uma entrevista não menos importante. Natacha, muito comovida, refugiara-se ao pé da mãe.

— Mãe! mãe!... ele fez-me...

— Que é que ele fez?

— Fez-me, fez-me uma declaração. Mãe! Mãe! — A condessa não podia crer no que ouvia. Denissov tinha feito uma declaração. Uma declaração a quem? Àquela garota da Natacha, que ainda mal deixara de brincar com as bonecas e ainda estudava.

— Cala-te, Natacha, tudo isso são patetices — disse ela, na esperança de que realmente fosse uma brincadeira.

— Patetices? Nada disso. Falo sério — replicou Natacha, furiosa. — Venho eu pedir-lhe o seu conselho, e a mãe diz-me que são patetices.

A condessa encolheu os ombros.

— Se é verdade que o Sr. Denissov te fez uma declaração, responde-lhe que é parvo e está tudo dito.

— Mas, não, não é parvo — replicou Natacha, muito séria e com um ar formalizado.

— Então que queres que eu te diga? Nessa idade todas vocês têm os seus namoricos. Se gostas dele, casa com ele e deixa-nos em paz — volveu-lhe a condessa, com irritação.

— Não, mãe, eu não gosto dele, penso que não gosto dele.

— Então por que esperas? Diz-lhe isso mesmo.

— Mãe, a mãe está zangada? Não se zangue, mãe querida, acha que eu sou culpada?

— Não, mas que pretendes que eu faça? Queres que eu lhe vá falar? — voltou a mãe, sorrindo.

— Não, eu me encarregarei disso sozinha; mas que hei de dizer? É tudo tão fácil para si. Ah! se a mãe visse como ele me falou! De resto, eu vi bem que ele não queria, mas escapou-lhe.

— Isso não é razão para o não rejeitares.

— Não, não, tenho tanta pena dele! É tão simpático!

— Então aceita-o. Aliás, já vai sendo tempo de te casares — acrescentou a mãe num tom entre zangado e irônico.

— Ah, mãezinha, tenho tanta pena dele! Não sei que lhe hei de responder.

— Não és tu quem lhe deve falar, mas eu — concluiu a condessa, irritada apenas por alguém ter ousado tratar como uma mulher aquela miúda da Natacha.

— De maneira alguma. Sou eu quem lhe vai falar sozinha, e a mãe fica a escutar à porta. — E Natacha entrou a correr no salão grande, onde Denissov continuava sentado ao pé do cravo, com a cabeça nas mãos.

Estremeceu ao ouvir aproximar-se aquele passo ligeiro.

— Natacha — disse, dirigindo-se-lhe precipitadamente -, decida do meu destino. Está nas suas mãos.

— Vassili Dmitritch, tenho tanta pena de si!... Ah! é tão bom... Mas não pode ser... não... e hei de gostar sempre muito de si.

Denissov inclinou-se para lhe beijar a mão e ela ouviu um ruído abafado de soluços, que a perturbou. Pousou os lábios nos seus cabelos hirsutos e emaranhados. No mesmo instante, ouviu-se o frufu precipitado do vestido da condessa, que se aproximava.

— Vassili Dmitritch, muito obrigada pela honra que nos concede — disse ela numa voz comovida, que a Denissov se afigurou severa -, mas a minha filha é tão nova e eu sempre pensei que, como amigo de meu filho, se dirigiria primeiro a mim. Não me teria obrigado, nesse caso, a esta atitude de recusa.

— Condessa — principiou Denissov, de olhos baixos e com uma expressão de quem se sente culpado; quis dizer mais alguma coisa, mas a voz entaramelou-se-lhe.

Natacha não podia vê-lo naquela atitude de sofrimento sem se comover. Rompeu em ruidosos soluços.

— Condessa, procedi mal — pôde dizer por fim Denissov, numa voz entrecortada -, mas, creia-me, tenho uma tal adoração pela sua filha e por toda a sua família que daria duas vidas... — Lançou um olhar à condessa e viu que ela conservava uma expressão severa. — Bom, adeus, adeus, condessa — acrescentou, beijando-lhe a mão, e, sem olhar Natacha, saiu da sala num passo rápido e decidido.

No dia seguinte, Rostov viu partir Denissov, que não quis ficar um só dia mais em Moscou. Todos os seus amigos o haviam acompanhado à casa dos ciganos, e era-lhe impossível saber como o haviam metido no trenó e como tinha percorrido as três primeiras mudas.

Depois de Denissov partir, Rostov, à espera do dinheiro que o pai não pudera arranjar imediatamente, ficou ainda quinze dias em Moscou, sem sair de casa, quase sempre entretido com as raparigas nos seus aposentos.

Sônia mostrava-se mais terna e mais afetuosa do que nunca. Parecia querer mostrar-lhe que o dinheiro por ele perdido ao jogo era um ato que ainda lhe despertava maior amor, e Nicolau, pelo seu lado, considerava-se agora indigno dela.

Enchia o álbum das meninas com versos e músicas, e logo que mandou os quarenta e três mil rublos e lhe foi enviado o recibo de Dolokov, abalou, em fins de novembro, sem se despedir de nenhum dos seus amigos, a fim de reingressar no seu regimento, então na Polônia.

Quinta Parte

Capítulo I

Depois da explicação que tivera com a mulher, Pedro partira para Petersburgo. Na estação de posta em Torjok não havia cavalos, ou o dono da posta não lhos quis dar. Pedro viu-se obrigado a esperar. Deitou-se, sem se despir, num divã de cabedal, diante de uma mesa redonda sobre a qual estendeu os pés com as suas botas forradas e pôs-se a pensar.

— Quer que traga as malas? É preciso arranjar a cama, trago-lhe chá? — perguntou o criado de quarto.

Pedro não respondeu, pois não ouvia nada, não via nada. As suas reflexões duravam desde a última muda e nelas se mantinha tão absorvido que não prestava a mínima atenção ao que se passava à sua volta. Não só lhe não interessava saber se chegaria a Petersburgo mais cedo ou mais tarde, ou se poderia dispor ou não de uma cama na estação da posta, mas, em relação aos pensamentos em que cogitava, isso era-lhe indiferente: tanto se lhe dava passar algumas horas naquele local ou a vida inteira.

O dono da estação de posta, a mulher, o criado de quarto, uma vendedeira de bordados de Torjok, todos tinham vindo oferecer-lhe os seus préstimos. Pedro, sem alterar a posição das pernas, olhava para eles através dos cristais das suas lunetas sem chegar a compreender o que queriam e como é que eles todos poderiam viver sem terem resolvido os problemas que o preocupavam. E eram sempre os mesmos desde o dia em que ele regressara de Sokolniki, depois do duelo, e passara uma tão penosa noite de insônia; simplesmente, agora, no isolamento da viagem, esses problemas haviam-se tornado mais prementes. Fosse qual fosse o curso dos seus pensamentos, regressava sempre a estas mesmas perguntas, que não podia resolver e que não podia deixar de se formular. Afigurava-se-lhe estar falseada na sua cabeça a engrenagem de que dependia toda a sua vida. Certo parafuso não podia continuar a desempenhar as suas funções nem sair donde estava encaixado, e girava sempre, sem sentido, na sua ranhura, sendo impossível fazê-lo parar.

O dono da estação de posta entrou e rogou humildemente a Sua Excelência que se dignasse esperar duas horazinhas, comprometendo-se, depois disso, a arranjar a Sua Excelência, acontecesse o que acontecesse, os cavalos de posta de que ele precisava. Mentia, naturalmente, e apenas tinha em vista extorquir algum dinheiro ao viajante.

“Fará bem ou mal?”, perguntava Pedro aos seus botões. “Para mim faz bem; mas para o viajante que se seguir faz mal, e também para ele próprio, isso é inevitável, pois não tem outra maneira de viver. Garantiu-me que um oficial lhe tinha batido por ter feito a mesma coisa; mas se o oficial lhe bateu é porque queria seguir depressa. Eu disparei contra Dolokov porque me

considerava ofendido, e Luís XVI foi guilhotinado porque o consideravam um criminoso, e se um ano mais tarde mandaram matar aqueles que o tinham guilhotinado, é porque também havia razões para isso. O que é o mal? O que é o bem? Que devemos nós amar? Que devemos odiar? O que é a vida? O que é a morte? Que forças dirigem tudo isto?”

E não havia resposta a qualquer destas perguntas, salvo uma resposta ilógica, que não explicava coisa alguma. Esta resposta era: “Um dia hás de morrer e tudo acabará. Tu morrerás e saberás tudo ou deixarás de formular estas perguntas.” Mas morrer era uma coisa horrível.

A vendedeira de bordados de Torjok, na sua voz estridente, oferecia as suas mercadorias, e em especial chinelas de camurça. “Tenho centenas de rublos que não sei em que empregar, e ali está aquela mulher com a sua peliça esfarrapada a olhar para mim cheia de timidez”, pensava Pedro. “E por que é que ela precisa de dinheiro? Poderá este dinheiro proporcionar-lhe, por pouco que seja, a felicidade e o sossego da alma? Haverá alguma coisa no mundo capaz de fazer com que ela ou eu estejamos menos expostos ao mal e à morte, essa morte que acabará com tudo e que chegará hoje ou amanhã, pouco importa o momento, pelo menos aos olhos da eternidade?” E de novo fez andar o parafuso que girava no vácuo e o mecanismo continuou a trabalhar sempre no mesmo sítio.

O criado apresentou-lhe um romance de Madame de Souza, meio aberto. Pôs-se a ler a história dos trabalhos e das lutas virtuosas de uma certa Amélie de Mansfeld. “E por que é que ela há de lutar contra o seu sedutor”, pensava ele, “visto gostar dele? Deus não lhe pode ter introduzido no coração tendências contrárias à sua vontade. A minha ex-mulher, essa não lutou, e talvez ela tivesse tido razão.” E Pedro disse ainda para si mesmo: “Nada foi inventado. Apenas podemos saber que não sabemos nada. E este é o mais alto grau da sabedoria humana.”

Em si próprio e em torno de si tudo lhe parecia confuso, absurdo e repugnante. Mesmo nesse afastamento de tudo que o cercava, Pedro encontrava uma espécie de gozo e de excitação.

— Atrevo-me a pedir a Sua Excelência permita que este senhor se sente aqui — disse o dono da estação de posta, entrando e trazendo consigo um segundo viajante, que ali parara por falta de cavalos.

Este viajante era um velho de pequena estatura, ossudo, de tez amarelenta, cheia de rugas, e sobrancelhas brancas proeminentes sobre uns olhos brilhantes, cinzento indeciso.

Pedro tirou as pernas de cima da mesa, levantou-se e estendeu-se na cama que lhe tinham preparado, lançando de tempos a tempos um olhar ao recém-chegado, o qual, de aspecto taciturno e fatigado, sem se dignar olhar para o

seu companheiro, se ia despindo, com dificuldade, ajudado pelo criado. Tendo ficado apenas com uma pele de carneiro surrada com forro de ganga e os pés magros e ossudos metidos numas botas de feltro, instalou-se no divã e deixou cair em cima do travesseiro a sua grande cabeça, de têmporas largas e cabelo rapado; depois pôs-se a fitar Bezukov. Pedro sentiu-se impressionado com a expressão severa, inteligente e penetrante desse olhar. Veio-lhe um grande desejo de entabular conversa com o viajante, mas quando se dispunha a interrogá-lo sobre a sua viagem reparou que ele já fechara os olhos e que ficara imóvel, com as velhas mãos rugosas encruzadas, numa das quais tinha um anel de metal com uma caveira. Dir-se-ia ora descansar ora refletir tranquilamente em qualquer árduo problema. O seu criado também era um velhinho de tez amarelenta e todo enrugado, sem bigode nem barba, não por se ter barbeado, mas por ausência de pelo. Este velhinho tirava das malas agilmente o necessário, preparava a mesa do chá e trouxera um samovar onde a água fervia. Quando tudo estava pronto, o amo abriu os olhos. Aproximando-se da mesa encheu de chá um copo para si, encheu outro para o velho e deu-lho. Pedro principiou a agitar-se e teve a impressão clara de que se tornava obrigatório e até mesmo inevitável meter conversa com o viajante.

O criado pousou o seu copo vazio, virado de fundo para o ar em cima do pires e sobre ele um cubo de açúcar que não utilizara, e perguntou ao amo se era precisa mais alguma coisa.

— Nada. Dá cá o meu livro — disse-lhe o amo.

Deu-lhe um livro, que Pedro julgou ser um livro de orações, e o desconhecido principiou a ler atentamente. Pedro continuou a olhar para ele. De súbito, viu-o fechar o livro e pô-lo de lado, e outra vez, de olhos cerrados, deitar-se para trás na almofada do divã, retomando a posição anterior. Pedro não teve tempo de afastar os olhos: o velho abriu os seus e fitou-o de maneira resoluta e severa.

Pedro sentiu-se perturbado e quis evitar aquele olhar, mas os olhos brilhantes do velho atraíam-no irresistivelmente.

Capítulo II

— É ao conde Bezukov que eu tenho o prazer de dirigir a palavra, se me não engano — disse o viajante, em voz alta e sem pressa.

Pedro, sem dizer palavra, interrogou o interlocutor olhando-o por detrás dos cristais das lunetas.

— Tenho ouvido falar de si — continuou o velho — e da desgraça de que é vítima. — Acentuou a palavra, como se quisesse dizer: “Sim, seja qual for o nome que lhe queira dar, é uma desgraça, eu sei que o que lhe aconteceu em Moscou é uma desgraça.” — Creia que sinto muito.

Pedro corou, deu-se pressa em saltar da cama e inclinou-se para o velho com um sorriso forçado e tímido.

— Não foi por mera curiosidade que lhe falei disto, mas por mais graves razões.

Calou-se o velho sem deixar de fitar Pedro e convidou-o, dando-lhe lugar no divã, a que se sentasse a seu lado.

— Eu sei que é infeliz — prosseguiu ele. — É novo e eu sou velho. Na medida das minhas forças, muito gostava de o poder auxiliar.

— Ah! sim — disse Pedro, com o seu sorriso forçado. — Ficar-lhe-ei muito reconhecido... Onde vem?

O recém-chegado tinha uma expressão bem pouco cordial, mesmo fria e severa até. No entanto a sua palavra e a sua expressão atraíam irresistivelmente o conde Bezukov.

— Mas se a minha conversa, por esta ou aquela razão, lhe for desagradável — disse o velho -, peço-lhe que mo diga francamente.

No seu rosto perpassou, sem ser esperado, um sorriso paternal e afetuoso.

— Mas de maneira alguma, pelo contrário, gostei muito de o conhecer. — E lançando outro olhar ao anel do seu novo amigo, examinou-o de mais perto. Era uma caveira com dois ossos cruzados, insígnia da franco-maçonaria.

— Permita-me que lhe pergunte — disse ele. — É franco-mação?

— Sim, pertenço à fraternidade dos franco-mações — disse o viajante, fixando Pedro com uma insistência cada vez maior. — E em meu nome e em nome deles aqui tem a minha mão fraternal.

— Tenho medo — balbuciou Pedro, sorrindo hesitante entre a confiança que lhe inspirava aquele indivíduo e o seu hábito de trocar das crenças maçônicas -, tenho medo de estar muito longe da compreensão... como é que hei de dizer? Tenho receio de que as minhas ideias relativamente ao universo em geral sejam tão opostas às suas que não nos possamos entender.

— Conheço as suas ideias — replicou o mação — e essas opiniões de que fala e que lhe parecem o resultado de um pensamento pessoal são as ideias da maioria das pessoas, são o fruto, sempre o mesmo, do orgulho, da indolência e da ignorância. Desculpe-me, meu caro senhor, mas se eu o não tivesse conhecido não teria entabulado conversa consigo. As suas opiniões são um erro lamentável.

— Exatamente como se eu pretendesse afirmar que era o senhor quem estava em erro — disse Pedro, com um breve sorriso.

— Nunca me atreveria a afirmar que estou na posse da verdade — voltou o mação, que cada vez impressionava mais o interlocutor com a nitidez e a firmeza das suas palavras — Ninguém só por si pode atingir a verdade. Só pedra a pedra, com o concurso de todos, graças a milhões de gerações, desde o nosso primeiro pai, Adão, até hoje, se vai erguendo o templo digno de ser habitado pelo Grande Deus — acrescentou, cerrando os olhos.

— Devo confessar-lhe que não creio, não creio... em Deus — disse Pedro com esforço e como penalizado, sentindo, no entanto, a necessidade de dizer toda a verdade.

O franco-mação observou-o atento, sorrindo como sorriria um homem rico, com as mãos cheias de dinheiro, dirigindo-se ao pobre que lhe dissesse que lhe faltavam cinco rublos para ser feliz.

— É certo que o senhor O não conhece — disse-lhe ele -, o senhor não O pode conhecer. O senhor não O conhece, e é por isso mesmo que é infeliz.

— Sim, é verdade, sou infeliz — corroborou Pedro — mas que hei de eu fazer?

— O senhor não o conhece, e é por isso que é infeliz. O senhor não O conhece e Ele está aqui. Está em mim. Está nas minhas palavras. Está em ti e até mesmo nas palavras sacrílegas que acabas de proferir! — disse o velho numa voz severa e trêmula. Calou-se e suspirou, procurando, claramente, retomar a serenidade. — Se Ele não existisse — continuou em voz baixa — nós não estaríamos aqui, o senhor e eu, a falar d'Ele. De quê? De quê e de quem falamos então? Quem é que tu acabas de negar? — prosseguiu, com uma exaltação severa e autoridade na voz. — Quem é que O inventou então se Ele não existe? Donde é que te veio então a ideia de um ser tão incompreensível? Donde é que então o mundo inteiro e tu próprio tiraram a noção da existência de um ser inacessível, de um ser todo-poderoso, eterno e infinito em todos os seus atributos?...

Calou-se e ficou silencioso por muito tempo. Pedro não pôde nem quis romper esse silêncio.

— Existe, mas é difícil compreendê-l'O — recomeçou, sem olhar de frente o interlocutor. Com os olhos fitos diante de si e com as suas mãos de velho, que não podia manter quedas, mercê da agitação interior que o tomava, ia virando

as páginas do livro. — Se se tratasse de um homem de cuja existência tu duvidasses, eu trazer-te-ia esse homem, pegar-lhe-ia pela mão e mostrar-to-ia. Mas como é que eu, miserável mortal, saberia mostrar a Sua força todo-poderosa, a Sua eternidade, a Sua misericórdia infinita àquele que é cego, ou àquele que tapa os ouvidos, ou àquele que fecha os olhos para O não ver, para O não compreender e para não ver e para não compreender a sua própria miséria, a sua própria corrupção? — Ficou um momento calado. — Quem és tu? Que és tu? Julgas-te um sábio só porque és capaz de pronunciar essas palavras sacrílegas — prosseguiu ele, com um sorriso amargo e desdenhoso — e ainda és mais tolo e mais insensato do que o garoto que se entretém com o movimento artisticamente combinado de um relógio e que seria capaz de dizer que pelo fato de não compreender a finalidade de todas aquelas engrenagens também não acredita no artista que o fez. Conhecê-lo é difícil... Durante séculos, desde o nosso primeiro pai, Adão, até aos nossos dias, trabalhamos nessa ciência e ainda estamos muito longe do fim a alcançar: mas é nesta impossibilidade que se revelam a nossa fraqueza e a Sua grandeza.

Pedro, com o coração angustiado, fitando no franco-mação os seus olhos brilhantes, escutava-o sem o interromper, sem lhe fazer qualquer pergunta e de todo o seu coração acreditava nas palavras desse homem, um estranho para ele. Seriam as deduções lógicas daqueles discursos que o tinham persuadido, ou, como acontece às crianças, a entoação, o acento de convicção e sinceridade do seu interlocutor? Estaria ele abalado por essa emoção que chegava a interromper a voz do orador ou por esses olhos cintilantes de um homem que envelhecera agarrado à sua fé, ou por essa serenidade, essa segurança, a consciência do apóstolo que se lia em todo aquele ser e que tanto mais o perturbava a ele, Pedro, quanto era certo ser ele próprio cobarde e sem energia moral? Fosse como fosse, o certo é que ele desejava de todo o seu coração adquirir fé e experimentava um alegre sentimento de serenidade, de renovação e como que de regresso à vida.

— Não se chega lá pela inteligência, mas pela experiência da vida — disse o franco-mação.

— Não compreendo — interrompeu Pedro, sentindo, com angústia, erguerem-se nele as dúvidas. Tinha medo de verificar a obscuridade e a fraqueza dos argumentos do interlocutor, tinha receio de não acreditar nele. — Não compreendo como é que o espírito humano não pode alcançar esse conhecimento de que o senhor fala.

O velho sorriu, e o seu sorriso era benigno e paternal.

— A suprema sabedoria e a verdade são como um orvalho muito puro de que nós gostaríamos de nos sentir repassados. Poderei eu recolher este puro orvalho num vaso impuro e pensar que ele é a própria pureza? Só graças a

uma redenção interior poderei fazer que este orvalho que eu venha a recolher em mim atinja um certo grau de pureza.

— Sim, é assim mesmo — exclamou Pedro com alegria.

— A sabedoria suprema não se baseia apenas na razão, nas ciências profanas como a física, a história, a química e outras em que o conhecimento intelectual está dividido. A sabedoria suprema é una. A sabedoria suprema só conhece uma ciência — a ciência do todo, a ciência que explica toda a criação e o lugar que o homem ocupa. Para instilar esta ciência em nós próprios temos de purificar e de renovar o nosso eu interior, e assim, antes de conhecermos, devemos crer e tornarmo-nos perfeitos. E para atingirmos esta finalidade há no interior da nossa alma uma luz divina, que é a consciência.

— Sim, sim — aprovou Pedro.

— Contempla com os olhos da alma o teu ser interior e pergunta a ti mesmo se estás contente contigo. Onde é que chegaste guiado apenas pela inteligência? Quem és tu? É novo, rico, inteligente, cultivado, meu caro senhor. Que fez de todos estes bens que lhe foram concedidos? Está contente consigo e com a sua existência?

— Não, odeio-a — exclamou Pedro, franzindo as sobrancelhas.

— Odeia-a? Então transforma-a, purifica-te, e, à medida que te fores purificando, conhecerás a sabedoria. Lance um olhar à sua existência, meu caro senhor. Como é que a passou? Em orgias e no deboche. Tendo recebido tudo da sociedade e sem nada lhe restituir, adquiriu a riqueza. Que uso fez dela? Que fez pelo próximo? Já pensou nas dezenas de milhares dos seus escravos? Ajudou-os, porventura, física e moralmente? Não. Tirou benefício do seu trabalho para levar uma vida desregrada. Eis o que o senhor fez. Escolheu porventura uma profissão em que fosse útil ao próximo? Não. Tem passado a vida inteira ocioso. Em seguida, veio o casamento, meu caro senhor, e o senhor assumiu a responsabilidade da conduta de uma mulher. E que fez? Não a ajudou a procurar o caminho da verdade e arrastou-a para o abismo da mentira e da infelicidade. Um homem ultrajou-o e o senhor procurou matá-lo, e é o senhor quem diz agora que não acredita em Deus e que odeia a sua própria existência. Não há nada de estranho em tudo isso, meu caro senhor!

Tendo assim falado, o franco-mação, como se se sentisse fatigado por uma longa conversa, de novo voltou a recostar-se na almofada do divã, fechando os olhos. Pedro pôs-se a contemplar aquele rosto de velho, severo e imóvel, que parecia quase sem vida, e remexeu os lábios sem dizer uma palavra. Teria querido dizer: “Sim, que miserável vida de ociosidade e deboche!”, mas não ousou romper o silêncio.

O franco-mação teve uma tosse rouca, como é próprio dos velhos, e chamou o criado.

— E então, os cavalos? — perguntou, sem olhar para Pedro.

— Trouxeram-nos agora mesmo. Não descansa um bocadinho?

— Não, manda atrelar.

“Ir-se-á ele embora, deixando-me só, sem ter dito tudo que queria dizer e sem me prometer o seu apoio?”, dizia Pedro de si para consigo, e, erguendo-se, pôs-se a andar de um lado para o outro através do quarto, de cabeça baixa, lançando olhares furtivos para onde estava o franco-mação. “Sim, nunca tinha pensado nisso, mas a verdade é que tenho levado uma vida desprezível de deboche. É certo que a detestava e que não era o meu ideal. Este homem conhece a verdade, e, se estivesse disposto, podia revelar-ma.”

Era isto mesmo que Pedro lhe queria dizer, mas não o ousava. Tendo o viajante acabado de arranjar as bagagens com suas velhas mãos assaz diligentes, pôs-se a abotoar a peliça. Assim que acabou voltou-se para Bezukov e disse-lhe, em tom indiferente e cortês,

— Aonde se dirige, meu caro senhor?

— Eu?... Eu vou para Petersburgo — replicou Pedro numa voz hesitante de criança. — Estou-lhe muito reconhecido. Estou inteiramente de acordo consigo. E não vá julgar que sou uma pessoa tão perversa como pensa. De todo o coração gostaria de poder vir a ser o homem que o senhor queria que eu fosse. Mas nunca encontrei ninguém que me ajudasse... De resto, sou eu, claro está, o maior culpado. Ajude-me, instrua-me, e talvez eu venha a ser...

Pedro nada mais pôde dizer. A emoção estrangulou-o, e afastou-se.

O franco-mação ficou calado por muito tempo, como quem reflete.

— A ajuda só Deus a pode dar — disse ele -, mas aquela que nossa ordem está em condições de lhe prestar, essa prestar-lha-á, meu caro senhor. Como vai para Petersburgo, entregue isto ao conde Villarski. — Abriu a pasta e escreveu qualquer coisa numa grande folha de papel que dobrou em quatro. — Permita que lhe dê ainda mais um conselho. Assim que chegar à capital consagre os primeiros dias à solidão, faça o seu exame de consciência e não volte à sua vida antiga. Agora desejo que faça boa viagem, meu caro senhor — acrescentou ao ver entrar o criado — e que seja feliz.

Este viajante chamava-se Osip Alexeievitch Bazdeiev, como Pedro veio a saber pelo livro da posta. Era franco-mação e martinista dos mais conhecidos desde os tempos de Novikovki. Muito tempo depois da sua partida ainda Pedro, sem se deitar nem dar ordem para que atrelassem, continuava a ir e vir na sala da posta, pensando no seu passado corrupto e figurando-se, com o entusiasmo da renovação, um futuro venturoso para ele e irrepreensível na sua

virtude, coisa que lhe parecia agora muito fácil de realizar. Pelo que imaginava, apenas era um homem corrompido por haver esquecido sem querer quanto era belo ser virtuoso. Na sua alma não havia vestígios das suas antigas dúvidas.

Acreditava firmemente na possibilidade de uma união fraternal dos homens com vista a auxiliarem-se mutuamente no caminho da virtude e era assim que imaginava a franco-maçonaria.

Capítulo III

Uma vez em Petersburgo, Pedro não comunicou a ninguém que tinha chegado, não foi a parte alguma e passou os seus dias a ler um livro de Tomás A. Kempis, obra que lhe viera já não sabia donde. E o único proveito que extraía desta leitura era a satisfação, para ele desconhecida até esse momento, de poder acreditar na possibilidade de atingir a perfeição e de realizar entre os homens esse amor fraternal e atuante que lhe havia revelado Osip Alexeievitch. Oito dias depois da sua chegada, o jovem conde polaco Villarski, que Pedro conhecia de vista da sociedade petersburguesa, apresentou-se uma tarde em sua casa, com esse ar oficial e solene que havia assumido para se lhe apresentar a testemunha de Dolokov. Fechou a porta assim que entrou, e depois de se certificar de que não havia mais ninguém na sala além de Pedro dirigiu-se-lhe nestes termos:

— Vim visitá-lo, conde — disse-lhe sem se sentar -, a fim de cumprir uma missão e fazer-lhe uma proposta. Uma pessoa altamente colocada na nossa ordem intercedeu para que o senhor seja admitido entre nós antes do prazo habitual e pediu-me que fosse seu padrinho. Considero um dever sagrado dar cumprimento às suas disposições. Está o senhor disposto, sob o meu patrocínio, a entrar na fraternidade dos irmãos franco-mações?

O tom frio e severo deste homem, que Pedro se habituara a ver quase sempre nos bailes sorrindo amavelmente no meio dos mais brilhantes ornamentos da sociedade elegante, impressionou-o.

— Sim, é esse o meu desejo — respondeu. Villarski aprovou com um aceno de cabeça.

— Uma pergunta, conde, à qual eu peço que me responda com toda a sinceridade, não como futuro maçã, mas como homem de bem. Renegou as suas opiniões antigas, acredita em Deus?

Pedro refletiu um momento.

— Sim... sim, creio em Deus — disse ele.

— Nesse caso — continuou Villarski, mas Pedro interrompeu-o.

— Sim, acredito em Deus — repetiu mais uma vez.

— Nesse caso, podemos seguir — voltou Villarski. — A minha carruagem está à sua disposição.

Durante todo o trajeto, Villarski conservou-se calado. Quando Pedro lhe perguntou o que tinha a fazer e que devia responder, contentou-se em afirmar que irmãos mais dignos do que ele iriam experimentá-lo e que ele não tinha a dizer senão a verdade.

Assim que chegaram à porta do edifício onde estava instalada a loja, subiram uma escada escura e penetraram numa pequena antecâmara iluminada onde, sem que qualquer criado os ajudasse, despiram as peliças. Dali passaram

para outra dependência. Um homem de estranhas roupagens surgiu no limiar da porta. Villarski, indo ao seu encontro, disse-lhe algumas palavras em francês em voz baixa e aproximou-se de um pequeno armário em que Pedro viu umas vestes como nunca vira. O seu companheiro pegou num lenço, vendou-lhe os olhos e atou-o com um nó na nuca, deixando uma madeixa de cabelo desastradamente metida no nó. Depois puxou-o para si, abraçou-o e conduziu-o, levando-o pela mão. Pedro, incomodado com a venda que lhe repuxava os cabelos, fazia caretas e ao mesmo tempo sorria com um ar embaraçado. A sua espessa figura, os braços balouçando, com o rosto todo contraído e sorridente, ia seguindo Villarski com passos tímidos e hesitantes.

Depois de ter dado uns dez passos, o guia deteve-o.

— Aconteça o que acontecer — disse-lhe ele — tudo deve suportar com coragem, caso esteja firmemente resolvido a dar entrada na nossa instituição. — Pedro acenou afirmativamente com a cabeça. — Quando ouvir bater à porta — acrescentou Villarski — tire a venda. Coragem e que seja bem sucedido. — E saiu, depois de lhe ter apertado a mão.

Uma vez só, Pedro continuou a sorrir. Por duas ou três vezes encolheu os ombros, impaciente, levou a mão à venda, como a querer arrancá-la, e voltou a deixá-la cair. Os cinco minutos decorridos depois que lhe haviam vendado os olhos afiguravam-se-lhe uma longa hora. Tinha as mãos dormentes, as pernas vergavam-se-lhe. Parecia extraordinariamente cansado. As impressões que sentia eram das mais complexas e das mais variadas. Tinha medo do que se estava a passar com ele, e ainda receava mais mostrar que o tinha. Estava curiosíssimo por saber o que lhe iriam fazer e o que lhe iam revelar; mas nele dominava a alegria de ver chegar o momento em que finalmente entrasse no caminho da renovação e da vida ativa e virtuosa com que sonhava desde o seu encontro com Osip Alexeievitch. Na porta ressoaram umas pancadas violentas. Pedro desatou a venda e olhou em volta de si. A dependência estava às escuras. Havia apenas um recanto iluminado em que bruxuleava uma lamparina sobre qualquer coisa branca. Pedro aproximou-se e verificou que a lamparina estava pousada em cima de uma mesa preta onde havia um livro aberto. O livro eram os Evangelhos e o objeto branco em que ardia a lamparina uma caveira. Leu as conhecidas palavras “Ao princípio era o Verbo e o Verbo era Deus”, em seguida deu a volta à mesa e viu uma grande caixa aberta a transbordar. Era um caixão cheio de ossos. Pedro não sentiu a mínima surpresa perante o que via. No seu desejo de principiar uma vida completamente nova, totalmente diferente da anterior, contava com coisas extraordinárias, muito mais extraordinárias ainda do que aquelas que estava a ver. A caveira, o caixão, o Evangelho, por isso esperava ele, e afigurava-se-lhe que devia esperar ainda muito mais. Esforçou-se por sentir

qualquer emoção como um sentimento devoto. “Deus, a morte, o amor, a fraternidade humana”, dizia dentro de si mesmo, procurando que estas palavras encerrassem não emoções obscuras, mas símbolos de felicidade. A porta abriu-se e alguém entrou.

À pálida luz que, apesar de tudo, permitia que Pedro distinguisse os objetos, apareceu um homem de pequena estatura. Ao passar da luz para a obscuridade, parou; depois, em passos prudentes, aproximou-se da mesa, na qual pousou as suas pequenas mãos enluvadas.

O recém-chegado trazia um avental de pele branca que lhe cobria o peito e parte das pernas; no pescoço tinha uma espécie de colar debaixo do qual apareciam uns altos bofes brancos que lhe encaixilhavam o rosto alongado, iluminado pela parte inferior.

— Por que veio aqui? — disse ele, voltando-se para o lado donde vinha o ruído que Pedro estava a fazer. — Por quê, se não acredita na verdadeira luz, se a não vê, por que veio aqui, que quer de nós? A sabedoria, a virtude, a cultura?

Logo que a porta se abria e que o desconhecido entrara, Pedro sentira-se tomado por um sentimento de temor e de respeito semelhante ao que costumava experimentar na infância quando se confessava: encontrava-se frente a frente com um homem muito afastado pela sua condição e muito perto do ponto de vista da fraternidade humana. Com palpitações que lhe cortavam a respiração, aproximou-se do reitor — o nome que se dá na franco-maçonaria ao irmão encarregado de preparar o recipiendário que aspira a entrar na organização. Mais de perto reconheceu tratar-se de um dos seus amigos, um certo Smolianinov, e impressionou-o pensar que aquele homem seu conhecido para ele devia ser apenas um irmão e um iniciador virtuoso. Esteve muito tempo sem poder encontrar palavras, obrigando o reitor a repetir as perguntas.

— Sim, eu... eu... quero regenerar-me — acabou por articular.

— Bom — disse Smolianinov, que prosseguiu: — Tem alguma noção dos meios de que a nossa santa ordem dispõe para o fazer alcançar o seu objetivo? — A sua palavra era calma e pronta.

— Sim... espero... ser guiado... socorrido... na minha regeneração — disse Pedro, a voz trêmula e as palavras difíceis, ao mesmo tempo o resultado da emoção e do pouco hábito de exprimir em russo ideias abstratas.

— Que noção tem da franco-maçonaria?

— Penso que a franco-maçonaria é a fraternidade e a igualdade dos homens que têm a virtude por objetivo — replicou Pedro, que, à medida que ia falando, sentia vergonha de empregar palavras por demais vulgares para a solenidade de momento. — Eu julgo...

— Bom — deu-se pressa em responder o reitor, visivelmente satisfeito com a resposta. — Procurou na religião os meios de alcançar esse fim?

— Não, sempre a considerei contrária à verdade, e não a segui — disse Pedro tão baixo que o mação não ouviu e pediu-lhe que repetisse. — Eu era ateu — acrescentou.

— Procura a verdade a fim de se conformar com as suas leis na vida; por conseguinte, procura a sabedoria e a virtude, não é assim? — prosseguiu o reitor, depois de um instante de silêncio.

— Procuro, procuro — afirmou Pedro.

O franco-mação tossicou, cruzou sobre o peito as mãos enluvadas e retomou a palavra.

— Devo agora revelar-lhe os principais objetivos da nossa ordem, se essa finalidade concordar com a sua, terá vantagem em fazer parte da nossa agremiação. O essencial, e por conseguinte a base sobre a qual assenta a ordem e que nenhuma torça humana pode destruir, é a conservação e a transmissão à posteridade dos importantes mistérios que chegaram até nós vindos dos séculos mais recuados e até mesmo do primeiro homem, mistérios de que depende talvez o destino do gênero humano. Mas como estes mistérios são de tal ordem que ninguém os pode conhecer e tirar deles partido desde que se não tenha preparado por uma longa e cautelosa purificação de si próprio, nem toda a gente se pode vangloriar de os possuir facilmente. Eis por que o nosso segundo objetivo consiste em predispor os nossos irmãos tanto quanto possível para purificar os seus corações e para elevar e esclarecer a sua razão, graças aos meios que a tradição nos desvendou, em nome daqueles que se esforçaram por esclarecer esses mistérios, e torná-los assim capazes de os receber. Pela purificação e regeneração dos nossos adeptos esforçamo-nos, em terceiro lugar, por corrigir igualmente a humanidade inteira, oferecendo-lhe modelos de honestidade e de virtude e assim procuramos com todas as nossas forças combater o mal que reina no mundo. Reflita nisto, que eu voltarei a visitá-lo — acrescentou e saiu.

“Lutar contra o mal que reina no mundo...”, repetiu Pedro de si para consigo, e diante dos seus olhos perpassou a sua ação futura nesse sentido. Afigurou-se-lhe estar perante homens tal como ele próprio quinze dias antes e mentalmente dirigia-lhes uma alocução. Representavam-se-lhe esses homens corruptos e infelizes, a quem ele levaria auxílio nas suas palavras e nos seus atos. Representavam-se-lhe os opressores a quem ele arrancaria as suas vítimas. Dos três objetivos enumerados pelo reitor, este último, a regeneração do gênero humano, era o que mais lhe agradava. Os graves mistérios de que aquele homem falara, ainda que excitassem a sua curiosidade, não se lhe afiguravam essenciais. Quanto ao segundo objetivo, a purificação e a regeneração próprias, interessava-

lhe pouco, desde que naquele mesmo momento experimentava a grande satisfação de se encontrar já totalmente liberto dos seus vícios de outrora e unicamente preparado para o bem. Meia hora depois o reitor voltou para comunicar ao recipiendário as sete virtudes, correspondentes aos sete degraus do templo de Salomão, que cada mação deve cultivar em si próprio. Estas virtudes eram as seguintes: 1ª A modéstia, que guarda os segredos da ordem; 2ª A obediência aos seus superiores; 3ª Os bons costumes; 4ª O amor da humanidade; 5ª A coragem; 6ª A generosidade, e 7ª O amor da morte.

— Em sétimo lugar — disse-lhe o reitor — esforçai-vos, pensando muitas vezes na morte, por chegar a encará-la não como uma inimiga terrível, mas como uma amiga... que liberta desta vida de misérias a alma atormentada pelos trabalhos da virtude para a introduzir na mansão da recompensa e do repouso.

“Sim, deve ser assim”, dizia Pedro quando, depois de ter pronunciado estas palavras, o reitor desapareceu outra vez, deixando-o entregue às suas reflexões solitárias. “Deve ser assim, mas eu sinto-me ainda tão fraco que amo a minha existência, cujo sentido só agora se vai descobrindo pouco a pouco aos meus olhos.” Mas as cinco outras virtudes que Pedro enumerava, contando pelos dedos, essas sentia-as na sua alma: a coragem, a generosidade, os bons costumes, o amor da humanidade e particularmente a obediência aos superiores, que até para ele não era uma virtude, mas antes uma venturosa sorte, de tal modo, com efeito, ele se sentia feliz por poder agora escapar ao seu livre arbítrio e submeter a sua vontade àquele e àqueles que possuíam a incontestável verdade. Quanto à sétima virtude, Pedro tinha-a esquecido e não foi capaz de se lembrar dela.

Pouco depois, pela terceira vez, voltou a aparecer o reitor, e perguntou-lhe se ele continuava decidido na sua resolução e se estava disposto a submeter-se a tudo quanto dele exigissem.

— Estou pronto para tudo — disse Pedro.

— Devo fazer-lhe saber ainda — voltou ele — que a nossa ordem ensina a sua doutrina não só pela palavra, mas por outros meios, que agem sobre aquele que procura verdadeiramente a sabedoria e a virtude talvez mais poderosamente ainda do que as explicações orais. Esta sala, com a decoração que tem diante dos olhos, já deve estar a agir sobre o seu coração, se o seu coração é sincero, mais fortemente que as palavras. É natural que à medida que for sendo iniciado venha a tomar contacto com outros meios de ensino do mesmo genero. A nossa ordem imita as sociedades antigas, que desvendavam a sua doutrina através dos hieróglifos. O hieróglifo — acrescentou ele — é o símbolo das coisas que

não impressionam os nossos sentidos e que possuem qualidades semelhantes às daquelas que ele representa.

Pedro sabia perfeitamente o que era um hieróglifo, mas não tinha coragem de abrir a boca. Ouvia em silêncio, pressentindo, por tudo quanto escutava, irem principiando as provas.

— Se está decidido, devo proceder à sua iniciação — disse então o reitor, aproximando-se dele. — Em testemunho da sua generosidade, peço-lhe que me entregue tudo quanto possui de precioso.

— Mas eu nada trouxe comigo — disse Pedro, que supunha estarem a pedir-lhe tudo o que ele possuía.

— O que traz consigo: relógio, dinheiro, anéis...

Pedro apressou-se a entregar a bolsa do dinheiro, o relógio, e levou muito tempo para tirar do grosso dedo o anel de casamento. Quando acabou, o franco-mação disse:

— Em sinal de obediência, peço-lhe que dispa o seu fato. Pedro tirou o fraque, o colete e a bota do pé esquerdo, consoante a indicação do reitor. Este levantou a camisa do lado esquerdo do peito e, baixando-se, dobrou o canhão da calça, na perna esquerda, à altura do joelho. Pedro preparava-se para descalçar também a bota do pé direito e dobrar a outra perna da calça, para assim poupar esse trabalho àquele homem, mas o franco-mação disse-lhe não ser preciso e deu-lhe um chinelo para calçar no pé esquerdo. Com um sorriso infantil em que havia embaraço, hesitação e troça de si mesmo, sorriso que, sem querer, se lhe espalhava pelo rosto, Pedro continuava de pé, os braços balouçando e as pernas afastadas, diante do seu iniciador, aguardando novas ordens.

— E por fim, em sinal de sinceridade, queira confessar-me qual é a sua principal fraqueza — disse-lhe este.

— A minha fraqueza! — exclamou Pedro. — Eu tenho tantas...

— A fraqueza que de entre todas mais o faz hesitar no caminho da virtude.

Pedro ficou calado, refletindo.

“O vinho? A carne? A ociosidade? A preguiça? A exaltação? A cólera? As mulheres?” Mentalmente ia enumerando os seus vícios, pesando um por um, sem saber a qual deles dar preferência.

— As mulheres! — disse, em voz baixa, quase imperceptível.

O mação não pestanejou e ficou por muito tempo silencioso depois desta resposta. Por fim caminhou para Pedro, pegou no lenço que estava em cima da mesa e de novo lhe vendou os olhos.

— Pela última vez, digo-lhe: entre em si próprio, ponha um freio às suas paixões e procure a felicidade, não nessas paixões, mas no seu próprio

coração. A fonte da felicidade não está fora de nós, mas em nós mesmos...

Pedro sentia-se já penetrado por um manancial refrigerante de felicidade que naquele momento lhe enchia o coração de alegria e de enternecimento.

Capítulo IV

Pouco tempo depois vieram buscar Pedro à dependência escura, já não o reitor, mas o seu padrinho, Villarski, a, quem reconheceu pela voz.

Às perguntas que este lhe fez sobre a firmeza das suas resoluções, Pedro replicou: — Sim, sim, consinto -, e com o seu sorriso irradiante de criança, com o gordo peito nu, marchando timidamente, coxeando, um dos pés calçado e o outro descalço, caminhou enquanto Villarski mantinha uma espada com a ponta apoiada no seu peito nu.

Levaram-no ao longo de corredores, obrigando-o a dar voltas para diante e para trás, e por fim conduziram-no à porta da loja. Villarski tossiu; como resposta ouviram-se pancadas com o maço maçônico e a porta abriu-se. Alguém com voz de baixo — Pedro conservava os olhos vendados — lhe perguntou quem era, onde e quando tinha nascido, etc. Conduziram-no em seguida para o local, sem lhe tirarem a venda dos olhos, falando-lhe constantemente, por alegorias, das dificuldades da sua viagem, da santa amizade, do Supremo Arquiteto do Universo, da coragem com que devia suportar os sofrimentos e enfrentar os perigos. Durante todo o trajeto Pedro notou que lhe chamavam ora aquele que procura, ora aquele que sofre, ora ainda aquele que pede, e que iam batendo sempre de maneira diferente com os maços e as espadas. Enquanto o aproximavam de um certo objeto, notou que uma hesitação e uma confusão se apoderavam dos guias. Percebeu que as pessoas que o rodeavam estavam a discutir umas com as outras em voz baixa e que uma delas insistia para que o conduzissem a um certo tapete. Em seguida, pegaram-lhe na mão direita, que pousaram sobre fosse o que fosse e disseram-lhe que apoiasse um compasso, com à esquerda, no seio esquerdo, em seguida fizeram-no repetir, à medida que lha iam lendo, a fórmula de juramento de fidelidade às regras da ordem. Depois apagaram as velas, acenderam álcool, o que Pedro percebeu pelo cheiro, dizendo-lhe que ia contemplar uma pequena luz. Tiraram-lhe a venda e Pedro viu, como em sonhos, à pálida luz do álcool, algumas pessoas com aventais semelhantes ao do reitor, de pé diante dele, todas com uma espada apontada ao seu peito. Entre eles estava um homem com uma camisa branca ensanguentada. Ao ver isto, Pedro fez um movimento de peito na direção das espadas, como se quisesse ser trespassado. Mas as espadas afastaram-se e de novo lhe amarraram a venda.

— Agora já viste a pequena luz — disse-lhe uma voz. Depois acenderam as velas outra vez, disseram-lhe que ia agora ver a grande luz, de novo lhe desataram a venda e uma dúzia de vozes clamou de repente: *Sic transit gloria mundi*.

Pouco a pouco, Pedro foi voltando a si e pôs-se a observar a sala onde se encontrava e as pessoas que o rodeavam. Em volta de uma comprida

mesa coberta com um pano negro estavam sentados doze homens que envergavam trajes iguais aos que ele vira anteriormente. Alguns deles, pessoas da sociedade petersburguesa, eram seus conhecidos. No lugar da presidência estava um jovem desconhecido para ele, que tinha, pendente do pescoço, uma condecoração especial. À sua direita sentava-se o sacerdote italiano que ele vira havia um ano em casa de Ana Pavlovna. Estavam presentes também um alto dignitário e um governador suíço que ele encontrara outrora em casa dos Kuraguine. Todos se conservavam num silêncio solene escutando o presidente, que empunhava um maço. Suspensa da parede, via-se uma estrela flamejante: a um dos lados da mesa desdobrava-se uma pequena tapeçaria representando diversos atributos, no outro erguia-se uma espécie de altar com o Evangelho e uma caveira. A toda a volta perfilavam-se sete castiçais, como os que se veem nas igrejas. Dois dos irmãos conduziram Pedro ao altar, fizeram-no abrir as pernas em forma de esquadro e intimaram-no a que se deitasse no chão, dizendo que assim se prosternava perante as portas do templo.

— É preciso que ele receba primeiramente a colher de pedreiro — murmurou um dos presentes.

— Basta — disse outro.

Pedro, estupefato, sem compreender, olhava em volta com os seus olhos de míope, e, de súbito, sentiu que a dúvida lhe entrava no espírito:

“Onde estou eu? Que estou eu a fazer? Não estarão a troçar de mim? Não me virei a envergonhar quando me lembrar de tudo isto?” Mas a dúvida foi breve. Fitou as caras sérias que o rodeavam, recordou-se de tudo quanto fizera já, e de si para consigo reconheceu que não podia deter-se a meio caminho. Sentiu-se aterrado ao verificar que duvidara, e, esforçando-se por recuperar o primitivo enternecimento, prosternou-se perante as portas do templo. E, efetivamente, um enternecimento mais violento ainda do que o anterior se apoderou dele. Depois de ter estado prostrado algum tempo, disseram-lhe que se erguesse, ataram-lhe o avental de carneira branca igual ao que os outros traziam e puseram-lhe na mão uma colher de pedreiro e três pares de luvas. Depois o grão-mestre dirigiu-lhe a palavra. Disse-lhe que tudo devia fazer para não macular a brancura daquele avental, emblema da firmeza e da inocência. Em seguida, referindo-se à colher de pedreiro, explicou-lhe que com ela devia esforçar-se por purgar o seu coração dos vícios e aplanar condescendentemente o coração do próximo. Quanto ao primeiro par de luvas de homem, disse-lhe que ele não poderia compreender-lhe o significado, mas que era bom que o conservasse; quanto ao segundo par, de homem também, disse que o devia trazer às reuniões; e por fim, quanto ao terceiro, esse de mulher, declarou: “Irmão, estas luvas de mulher também te foram igualmente atribuídas. Dá-as à mulher que tu respeitares acima de todas.

Este presente será o penhor da pureza do teu coração para com aquela que deves escolher como digna companheira de um pedreiro-livre.” E, após um momento de silêncio, acrescentou: “Mas cautela, meu irmão, não consintas que mãos impuras calcem essas luvas.” Enquanto o grão-mestre falava, Pedro julgou perceber nele uma certa perturbação. E ele próprio se sentiu também confuso. Corou, com as lágrimas nos olhos, como costuma acontecer às crianças, olhou apreensivamente à roda e reinou um silêncio embaraçoso.

O silêncio foi interrompido por um dos irmãos, que, ao conduzir Pedro em direção à tapeçaria, se pôs a ler, num caderno, a explicação de todas as figuras aí representadas: o sol, a lua, o maço, o fio-de-prumo, a colher de pedreiro, a pedra bruta e cúbica, a coluna, as três janelas, etc. Em seguida foi-lhe apontado o seu lugar, mostraram-lhe as insígnias da loja, disseram-lhe o santo e a senha, consentindo, por fim, que se sentasse. O grão-mestre procedeu à leitura do regulamento. Este era muito extenso, e Pedro, possuído de alegria, de emoção e de embaraço, sentia-se incapaz de compreender fosse o que fosse. Não conseguiu ouvir com atenção senão os dois últimos parágrafos: “Nos nossos templos”, dizia o grão-mestre, “não conhecemos outros graus além daqueles que separam a virtude do vício. Evita oposições que possam destruir a igualdade. Corre em auxílio do teu irmão, seja ele quem for, ajuda aquele que se extraviar, levanta aquele que cair e jamais nutras cólera ou ódio contra o teu irmão. Sê amável e afável. Alimenta em todos os corações a chama da virtude. Partilha a felicidade que tiveres com o teu próximo e que a inveja não perturbe nunca esta bem-aventurança. Perdoa ao teu inimigo, e vinga-te dele fazendo-lhe bem. Desde que cumpras assim a lei suprema voltarás a encontrar os trilhos da tua antiga grandeza perdida.”

Terminada que foi a leitura, levantou-se, estreitou Pedro nos seus braços e beijou-o. Este, os olhos cheios de lágrimas de alegria, olhava em roda, sem saber que responder quer às felicitações que sobre ele afluíam quer aos cumprimentos dos que com ele queriam estreitar relações. Não distinguia particularmente qualquer amigo seu; em toda aquela gente apenas via irmãos com os quais muito desejava trabalhar.

O grão-mestre bateu com o maço em cima da mesa. Todos se sentaram nos seus lugares, e um dos presentes leu algumas linhas sobre o dever de humildade.

Em seguida, alguém propôs que se cumprisse o último rito. O grande dignitário que desempenhava as funções de irmão mendicante percorreu a assembleia. Pedro teria desejado inscrever-se no rol das coletas com toda a sua fortuna, mas receava dar assim uma prova de orgulho e inscreveu apenas uma importância igual à de todos os demais.

A sessão estava terminada, e, ao regressar a casa, Pedro julgou-se de volta de uma longa viagem que durara dezenas de anos; afigurava-se-lhe estar completamente transformado e que se despedira para sempre do tempo passado e de todos os seus antigos hábitos.

Capítulo V

No dia imediato ao da sua iniciação, estava Pedro retido em sua casa e a procurar compreender o significado do quadrado em que um dos lados simboliza Deus, o outro o mundo moral, o outro ainda o mundo físico e o último uma miniatura dos dois anteriores. De tempos a tempos, levantava os olhos do livro e do quadrado, e na sua imaginação representava-se-lhe o seu novo plano de vida. Na véspera, na loja, tinham-lhe dito que a história do seu duelo havia chegado aos ouvidos do imperador e que seria prudente para ele afastar-se de Petersburgo. Pensava ausentar-se para os seus domínios do sul e aí dedicar-se aos seus camponeses. Sonhava, feliz, com esta sua nova vida quando, de improviso, viu entrar o príncipe Vassili.

— Meu amigo, que fizeste tu em Moscou? Por que é que te indispuseste com a Liolia, meu caro? Estás completamente enganado! — exclamou, assim que assomou à porta. — Sei tudo, posso garantir-te que Helena está tão inocente diante de ti como Cristo diante dos judeus.

Pedro ia responder, mas o príncipe interrompeu-o.

— E por que é que tu, sem rodeios, te não dirigiste diretamente a mim, como a um amigo? Sei tudo, compreendo tudo, procedeste como é próprio de um homem que preza a sua honra, talvez com um tudo-nada de precipitação, mas não falemos mais nisso. Pensa, contudo, na situação em que nos colocas, a ela e a mim, perante a sociedade, e até mesmo perante a corte — acrescentou, baixando a voz. — Ela em Moscou, e tu aqui. Pensa bem nisto, meu caro. — Apertou-lhe a mão. — Tudo isto não passa de um mal-entendido. Tu próprio já deves ter dado por isso, creio eu. Vamos escrever-lhe os dois imediatamente e ela não tardará aí. Tudo se há de explicar. De outra maneira, sempre te direi, meu caro, que podes vir a sofrer com isto.

O príncipe Vassili lançou-lhe um olhar significativo:

— Sei de fonte limpa que a imperatriz viúva está interessadíssima no caso. Como sabes, ela gosta muito da Helena.

Pedro, por mais de uma vez, esteve para responder, mas não só o príncipe lho não permitia, como também receava replicar-lhe num tom que implicasse recusa definitiva a qualquer acordo, tom que aliás estava decidido a empregar para com o sogro. Além disso, lembrava-se dos termos do mandamento maçônico: “Sê amável e afável.” Franzia o sobrolho, corava, levantava-se e voltava a sentar-se, lutando consigo mesmo numa das circunstâncias mais penosas por que ainda tivera de passar: dizer a uma pessoa, cara a cara, palavras desagradáveis, dizer àquele homem, por pior que ele fosse, coisas que ele não esperaria ouvir de ninguém. Tão habituado estava a submeter-se ao ar do príncipe, a um tempo de indiferença e segurança, que nem mesmo naquele

momento se sentia com forças para resistir. No entanto, tinha a certeza de que o seu futuro dependia das palavras que proferisse. Continuará ele pelo mesmo caminho, ou tomará, de fato, os novos rumos tão atraentes que os pedreiros-livres lhe haviam mostrado e nos quais estava firmemente convencido de vir a encontrar uma vida regenerada?

— Então, meu caro — disse o príncipe Vassili, em tom de zombaria — diz-me que sim, e eu lhe escreverei em teu nome, trataremos de matar o bezerro da fábula e...

Mas o príncipe não pôde concluir a frase. Pedro, o rosto toldado pela cólera, tal qual seu falecido pai, disse em voz baixa, sem olhar para o interlocutor:

— Príncipe, eu não o mandei chamar, vá-se embora, peço-lhe, vá-se embora — repetiu, sem poder crer nas suas próprias palavras, e sentindo-se contente por ver a expressão de embaraço e de receio que se pintava no rosto do visitante.

— Que tens tu? Estás doente?

— Vá-se embora — repetiu, mais uma vez, na sua voz trêmula. E o príncipe Vassili não teve outro remédio senão abalar, sem mais explicações.

Oito dias mais tarde, Pedro, depois de se despedir dos seus amigos da maçonaria e de lhes ter deixado, como oferenda, importantes somas, partiu para as suas terras. Os seus novos irmãos deram-lhe cartas para os pedreiros-livres de Kiev e de Odessa e prometeram-lhe escrever-lhe para o guiarem na sua nova carreira.

Capítulo VI

O caso de Pedro e Dolokov fora abafado, e não obstante a severidade que o imperador costumava mostrar nesse tempo para com os duelos, o certo é que nem as testemunhas nem os adversários se viram envolvidos em qualquer processo. Mas a história do duelo, agravada pelo rompimento de Pedro com a mulher, era comentadíssima na sociedade. Se é certo que esta tinha mostrado indulgência e estima para com Pedro enquanto ele fora filho ilegítimo, que o havia adulado e festejado enquanto fora o melhor partido de todo o império, depois do seu casamento, assim que mães e filhas casaduras deixaram de pôr nele qualquer esperança, os seus créditos desceram muito na opinião da alta sociedade, tanto mais que ele não sabia nem queria atrair a benevolência fosse de quem fosse. Então todos o acusavam, a ele só, do que acontecera, diziam-no um ciumento insuportável, capaz de acessos de furor sanguinários tal qual seu falecido pai. E quando, depois da partida do marido, Helena reapareceu em Petersburgo, todas as pessoas conhecidas a acolheram não só com simpatia, mas até com não sei quê de respeitoso, em lembrança da sua infelicidade. Quando em conversa o nome do marido vinha a talho de foice, assumia um ar de dignidade, que então adotara, um pouco inconscientemente e apenas graças a um tato especial, que era bem seu. Esse ar queria dizer estar resolvida a suportar sem lamentações a sua desventura e o marido ser para ela como que uma cruz enviada por Deus. O príncipe Vassili, esse, era mais franco na expressão do que pensava. Encolhia os ombros quando lhe vinham falar de Pedro e, levando um dedo à testa, dizia:

— Está pílulas, assim o julguei sempre.

— E eu bem o disse — confirmava Ana Pavlovna -, e ainda há pouco repeti diante de toda a gente — insistia, especialmente, na prioridade -, que ele era um rapaz com o cérebro desarranjado, completamente estragado pelas ideias corruptas do século. Já o dizia quando toda a gente lhe cantava hinos, na altura em que ele regressou do estrangeiro. E não sei se se lembram daquela noite em que ele quis armar em Marat. Como é que tudo isto acabou? Desde essa ocasião que fui contrária a tal casamento, e tinha previsto tudo quanto aconteceu.

Ana Pavlovna continuava a organizar soirées, da mesma maneira, nos seus dias livres, e como só ela sabia, e onde se reunia, antes de mais nada, a nata da verdadeira alta sociedade, a fina flor da essência intelectual da sociedade de Petersburgo, como ela própria costumava dizer. Além desta fina seleção de convidados, as suas soirées eram célebres porque primava em apresentar aos convidados em cada uma delas uma nova e interessante personalidade, e que em nenhum outro lado em Petersburgo mais clara e seguramente se podia apreciar a temperatura política dos meios legitimistas da corte.

No fim de 1806, quando foram conhecidos todos os tristes pormenores do desbaratamento por Napoleão do exército prussiano em Iena e Auerstaedt e a capitulação da maior parte dos redutos fortificados, já o exército russo se encontrava na Prússia e principiara a segunda guerra contra o imperador dos franceses, Ana Pavlovna deu em sua casa uma soirée. A nata da verdadeira sociedade consistia na encantadora e infeliz Helena, abandonada pelo marido, em Mortemart, no sedutor príncipe Hipólito, havia pouco chegado de Viena, em dois diplomatas, na tia, num jovem cujos únicos predicados consistiam em se dizer dele que se tratava de um homem de muito mérito, numa dama de honor promovida pouco antes, e que se fazia acompanhar da mãe, e em mais algumas pessoas de menor notoriedade.

A personalidade que Ana Pavlovna primava em apresentar a seus convidados como novidade da noite era Bóris Drubetskoi, chegado havia pouco a Petersburgo, proveniente do exército prussiano, como correio e ajudante-de-campo de uma muito alta personalidade.

A temperatura que nessa noite acusava ali o termômetro político era a seguinte. “Por mais que os soberanos e os altos postos”, dizia-se, “façam por se entender com Bonaparte, a fim de me causar ou de nos causar dissabores e aborrecimentos, a nossa opinião acerca dele não pode modificar-se. Não deixaremos nunca de a este respeito exprimirmos francamente a nossa maneira de ver, e tudo quanto poderemos dizer ao rei da Prússia e aos demais é isto: tanto pior para eles... Tu a quiseste, Georges Dandin, eis tudo quanto nos cabe dizer.” Este o grau de temperatura que atingira em casa de Ana Pavlovna o termômetro político. Quando Bóris, preparado para a apresentação aos convidados, penetrou na sala, quase toda a sociedade estava já reunida, e a conversa, orientada pela dona da casa, girava em torno das relações diplomáticas da Rússia com a Áustria e da esperança que então lavrava de conseguir-se uma aliança com esse país.

Bóris, no seu elegante uniforme de ajudante-de-campo, galhardo, fresco e rosado, entrou na sala com o seu ar desembaraçado e foi conduzido, como era da praxe, à presença da tia, a quem tinha de apresentar as suas homenagens, misturando-se depois ao grupo principal dos convidados. Ana Pavlovna deu-lhe a beijar a mão seca, apresentou-o a algumas das personalidades que ele não conhecia, esclarecendo-o em voz baixa acerca de cada uma delas.

— O príncipe Hipólito Kuraguine, um rapaz encantador. O Sr. Krug, encarregado de negócios de Copenhague, um espírito profundo, ou então, simplesmente: O Sr. Shitoff, um homem de muito mérito.

Bóris, durante o período de serviço, graças às diligências de Ana Mikailovna, aos seus gostos particulares e à descrição do seu caráter, conseguira a mais invejável das situações. Era ajudante-de-campo de uma alta personalidade,

desempenhara uma importante missão na Prússia e acabava de chegar daquele país como correio. Havia-se iniciado inteiramente naquela disciplina não regulamentada que tanto lhe agradara em Olmutz e de harmonia com a qual um alferes podia ocupar uma posição incomparavelmente muito mais elevada que a de um general, e segundo a qual, para se triunfar na carreira, não havia necessidade de esforço, de trabalho, de coragem, ou de perseverança, mas simplesmente de um talento especial para tratar com os distribuidores de recompensas. E o certo é que ele próprio se surpreendia com os seus rápidos êxitos e com o fato de ver os outros não compreenderem o interesse de semelhantes manobras. Esta revelação transformara por completo a sua existência, as suas relações com os seus conhecimentos anteriores, todos os seus projetos de futuro. Não era rico, mas empregava os seus últimos rublos vestindo-se muito melhor do que os demais. Preferia privar-se de muita coisa que lhe desse prazer a apresentar-se numa carruagem ordinária ou a permitir que o vissem nas ruas de Petersburgo envergando um uniforme velho. Não se relacionava nem procurava relacionar-se senão com as pessoas de posição mais elevada do que a sua e que, por conseguinte, lhe poderiam vir a ser úteis. Adorava Petersburgo e tinha o maior desdém por Moscou. Era-lhe pouco agradável lembrar-se dos Rostov e do seu entusiasmo de infância por Natacha, e desde que se incorporara no exército nunca mais pusera os pés em sua casa.

Convidado para a soirée de Ana Pavlovna, honra que considerava passo importante na sua carreira, imediatamente compreendera o seu papel e deixara que esta aproveitasse o interesse que ele para ela poderia ter, dedicando-se a observar atentamente cada uma das personagens presentes e a pesar as possibilidades e as vantagens das relações a estabelecer com esta ou com aquela. Sentou-se no lugar que lhe indicaram, ao lado da bela Helena, e apurou o ouvido para a conversa geral.

— Viena considera as bases do tratado tão inaceitáveis que se não poderiam conseguir nem mesmo com uma série de êxitos brilhantes e põe em dúvida os meios que os poderiam proporcionar. É esta a frase textual do gabinete de Viena. — Era assim que falava o encarregado de negócios da Dinamarca.

— A dúvida é que é lisonjeira — replicou o homem de espírito profundo, com um fino sorriso nos lábios.

— É preciso não confundir o gabinete de Viena com o imperador da Áustria — atalhou Mortemart. — O imperador da Áustria nunca pensou numa coisa dessas, só o gabinete é que fala assim.

— Eh! Meu caro visconde — correu Ana Pavlovna.

— A Urope...

— Pronunciava a Urope sem qualquer razão, julgando utilizar deste modo uma sutileza de linguagem a que se podia dar o luxo falando, como falava, o francês. — A Urope nunca será nossa aliada sincera.

E encaminhou em seguida a conversa para a firmeza e a coragem do rei da Prússia, na intenção de levar Bóris a entrar em cena.

Este ouvia com toda a atenção aquele que falava, aguardando sua vez, e de tempos a tempos relanceava a vista à sua vizinha, a bela Helena, a qual, por várias vezes, respondera com um sorriso aos olhares do belo e jovem ajudante-de-campo.

Muito naturalmente, a propósito da situação da Prússia, Ana Pavlovna pediu a Bóris que contasse a sua viagem a Glogau e que dissesse o que pensava do estado do exército prussiano. Bóris, sem se apressar, num francês puro e correto, expôs alguns pormenores muito interessantes acerca das tropas e da corte, evitando cuidadosamente, em toda a sua exposição, formular uma opinião pessoal sobre os fatos que relatava. Durante algum tempo monopolizou a, atenção geral, e Ana Pavlovna pôde verificar que os seus convidados muito apreciavam a novidade que ela lhes oferecia. Helena, mais do que ninguém, prestou atenção à conversa de Bóris. Por várias vezes o interrogou sobre as suas viagens e pareceu muito preocupada com a situação do exército prussiano. Quando Bóris se calou, virou-se para ele com o seu sorriso habitual:

— É absolutamente indispensável que venha a minha casa — disse-lhe, num tom que podia fazer acreditar que, mercê de certas combinações misteriosas para ele, a sua visita era imprescindível.

— Terça-feira, entre as oito e as nove. Dar-me-á grande prazer.

Bóris deu-se pressa em prometer-lhe que estava à sua disposição e preparava-se para uma longa conversa quando Ana Pavlovna chamou Helena com o pretexto de que a tia desejava ouvir as histórias do militar.

— Conhece o marido dela, não é verdade? — disse Ana ao oficial, assumindo um ar de mistério e assinalando, com um gesto, a bela Helena. — Ah! que encantadora e infeliz mulher! Não fale no nome dele diante dela, peço-lhe, não fale no nome dele! É muito penoso para ela.

Capítulo VII

Quando Bóris e Ana Pavlovna se acercaram novamente do grupo, o príncipe Hipólito era o centro da conversa. Chegando-se para a borda da poltrona em que se sentava, pronunciou: “O rei da Prússia!”, e pôs-se a rir. Toda a gente se voltou para o seu lado.

— O rei da Prússia! — repetiu; depois voltou a rir e tornou a enterrar-se na sua poltrona, retomando o seu ar sério e calmo. Ana Pavlovna aguardou alguns instantes e, vendo que decididamente Hipólito nada mais dizia, pôs-se a contar como esse ímpio do Bonaparte roubara em Potsdam a espada de Frederico, o Grande.

— É a espada de Frederico, o Grande que eu... — ia a dizer, mas Hipólito interrompeu-a.

— O rei da Prússia... — e mais uma vez, quando toda a gente se mostrava já atenta às suas palavras, não teve mais que dizer e calou-se.

Ana Pavlovna mostrou uma expressão descontente. Mortemart, o amigo de Hipólito, disse-lhe bruscamente:

— Vejamos, que aconteceu ao vosso rei da Prússia?

Hipólito pôs-se a rir como se se sentisse embaraçado.

— Não, não é nada, eu queria apenas dizer... — Pensava repetir um gracejo que ouvira em Viena e para que procurara toda a noite um a propósito. — Eu apenas queria dizer que é disparate fazermos a guerra pelo rei da Prússia.

Bóris pôs-se a sorrir com circunspecção, de modo a que o seu sorriso pudesse ser interpretado ao mesmo tempo como censura ou como aprovação, consoante a maneira como o gracejo viesse a ser recebido. Todos se puseram a rir.

— É mau o seu trocadilho, espirituoso, mas injusto — disse Ana Pavlovna, ameaçando-o com o dedo. — Nós não fazemos a guerra pelo rei da Prússia, mas pelos bons princípios. Ah! que mau este príncipe Hipólito!

Durante toda a noite nunca mais a conversa se esgotou, abordando principalmente boatos políticos. Mas foi sobretudo no fim que mais se animou, quando se falou das recompensas concedidas pelo imperador.

— Se N. N. recebeu o ano passado uma tabaqueira com o retrato — disse o homem de espírito profundo -, porque é que S. S. não poderá receber uma igual?

— Peço perdão, uma tabaqueira com o retrato do imperador é uma recompensa, não uma distinção — replicou o diplomata — ou antes um presente.

— Houve antecedentes, citar-lhe-ei Schwarzenberg.

— É possível — objetou uma terceira pessoa.

— Aposto. A grã-cruz é diferente...

Quando se levantaram para partir, Helena, que tinha falado muito pouco durante toda a noite, renovou junto de Bóris o pedido que lhe fizera, ou, antes, a ordem amável e instantânea para que viesse vê-la na terça-feira seguinte.

Quando no dia aprazado, pela noite, Bóris entrou no suntuoso salão de Helena, não pôde compreender de princípio, claramente, a necessidade que ela tivera de o ver. Outras pessoas da sociedade estavam presentes, e a condessa poucas palavras lhe dirigiu. Apenas quando ele se despediu, beijando-lhe a mão, ela lhe segredou, em voz muito baixa, deixando nesse momento, estranhamente, de sorrir: “Venha jantar amanhã... à noite. É preciso que venha... Venha”.

Durante aquela sua primeira estada em Petersburgo, Bóris tornou-se íntimo da condessa Bezukov.

Capítulo VIII

A guerra reacendia-se e o teatro das operações aproximava-se das fronteiras russas. Por toda a parte se ouvia clamar contra Bonaparte, o inimigo do gênero humano. Milícias e recrutas agrupavam-se pelas aldeias, e do teatro da guerra chegavam notícias contraditórias, falsas, como sempre, e por isso mesmo interpretadas de maneiras completamente diferentes.

A vida do velho príncipe Bolkonski, do príncipe André e da princesa Maria mudara muito de 1805 para cá.

Em 1806, o velho príncipe fora designado para o cargo de um dos oito chefes da milícia nomeados para toda a Rússia. Apesar da sua decrepidez, que muito se acentuara durante o período em que supusera o filho morto, julgou de seu dever não recusar as funções que o imperador em pessoa lhe confiara, e esta atividade nova que se lhe oferecia ajudava-o a recuperar a coragem e o vigor. Andava continuamente a girar pelos três distritos que tinha a seu cargo. Cumpria escrupulosamente as suas obrigações. Era severo, quase cruel, para com os subordinados, e descia aos mais pequenos pormenores da sua tarefa. A princesa Maria deixara de dar lições de Matemática com o pai e só penetrava no gabinete do ancião pela manhã, acompanhada da ama e do príncipezinho Nicolau, como lhe chamava o avô, quando o velho príncipe estava em casa. A criança, com a ama e Savichna, a velha criada, ocupavam os aposentos da falecida princesa, e Maria passava a maior parte do tempo ao pé do sobrinho, procurando substituir o melhor que podia a mãe do pequenino. Mademoiselle Bourienne parecia também apaixonadamente afeiçoada à criança e a princesa Maria, privando-se muitas vezes dessa alegria, deixava à amiga a satisfação de ameigar o seu anjinho, como ela dizia, e de brincar com ele.

Junto do altar da igreja de Lissia Gori tinham mandado levantar um oratório sobre o túmulo da princesinha, e aí haviam erguido um monumento de mármore, encomendado em Itália, que representava um anjo de asas abertas pronto a esvoaçar. Este anjo tinha o lábio superior um pouco soerguido, como se fosse sorrir, e um dia André e a irmã, ao saírem do oratório, verificaram — coisa curiosa — que aquele rosto lembrava o da finada. Mas, mais estranho ainda, coisa que André não confessou a Maria, é que ele encontrava nos traços que o artista por acaso dera à fisionomia a mesma expressão de lamentosa queixa que ele próprio lera no rosto da mulher morta. — “Ah! por que me trataram assim?...”

Pouco tempo depois do seu regresso, o velho príncipe atribuíra ao filho a parte que lhe competia na herança e dera-lhe Bogutcharovo, domínio importante situado a quarenta verstas de Lissia Gori. Ou fosse por causa das penosas lembranças que andavam ligadas a esta casa, ou porque não pudesse suportar por mais tempo o caráter do pai, ou ainda porque tivesse necessidade de

solidão, o príncipe André tomara conta da sua nova propriedade, onde mandara fazer obras, e lá passava a maior parte do seu tempo.

Depois da campanha de Austerlitz o príncipe André tomara a resolução de não voltar a servir no exército. Quando a guerra recomeçou e que toda a gente teve de partir, para não reingressar no serviço ativo passou a desempenhar funções, sob as ordens paternas, no engajamento das milícias. O pai e o filho, depois da campanha de 1805, parecia terem trocado as suas opiniões mútuas relativamente aos acontecimentos. O velho príncipe, esporeado pela sua nova atividade, esperava os melhores resultados da campanha em marcha; André, pelo contrário, que não tomava parte na guerra, e a deplorava secretamente, via tudo sob a mais negra perspectiva.

No dia 26 de fevereiro de 1807 o velho príncipe partiu para uma inspeção. André, como em geral era seu costume, durante as ausências do pai, ficou em Lissia Gori. Havia já três dias que o pequeno Nicolau não passava bem de saúde. Os cocheiros que tinham conduzido o velho príncipe regressaram trazendo da cidade cartas e papéis para o príncipe André.

O criado de quarto, com as cartas, não o encontrando no gabinete, dirigiu-se aos aposentos da princesa Maria, onde também o não encontrou. Disseram-lhe que estava no quarto do filho.

— Com sua licença, Excelência, está ali o Petruchka, com uns papéis — disse uma das criadas ao príncipe André, que se havia sentado numa cadeirinha de criança e, de mãos trêmulas e sobancelhas carregadas, vertia o conteúdo de um frasco num meio copo de água.

— Que é? — perguntou, contrariado, e um seu movimento involuntário fez com que despejasse algumas gotas a mais. Lançando tudo fora, voltou a pedir água. Uma criada veio trazer-lha.

No quarto havia uma cama de criança, duas arcas, duas poltronas, uma mesinha, um guéridon e uma cadeira pequena, aquela precisamente em que o príncipe André se sentava. Os cortinados estavam repuxados e havia apenas uma vela acesa em cima da mesa, por detrás de um caderno de música, para que a luz não incidisse sobre a cama.

— Meu amigo — disse-lhe Maria, que estava ao pé do doentinho -, espera um bocado... é melhor assim.

— Ah, por amor de Deus, estás sempre a dizer disparates — replicou o príncipe André, em voz baixa, e em tom irritado, na intenção evidente de ferir a irmã.

— Meu amigo, era melhor não o acordar, ele adormeceu — voltou ela, num tom insistente.

André ergueu-se e em bicos de pés aproximou-se do leito com a poção que deitara no copo.

— Achas realmente que o não devemos acordar? — interrogou ele, indeciso.

— Como tu quiseses... realmente... eu supunha... mas, como tu quiseses — acrescentou a princesa Maria, vergonhosa de ver que a sua opinião triunfava. Chamou-lhe a atenção para a criada, que continuava à espera.

Era a segunda noite que passavam à cabeceira da criança, que ardia em febre. Durante aquelas quarenta e oito horas, em que, muito pouco confiantes no médico da casa, haviam mandado chamar outro à cidade, tinham experimentado tudo. Moídos pela insônia e pela inquietação, atiçavam um contra o outro o seu mal-estar, dirigindo-se mutuamente censuras.

— Petruchka está ali com uns papéis que vêm da parte do pai de Vossa Excelência — disse a criada em voz baixa.

O príncipe André saiu.

— Ah! chega em boa hora! — exclamou, e, depois de receber as instruções orais que o pai lhe transmitia pelo criado, bem como as cartas, voltou para junto do filho.

— E então? — perguntou.

— Na mesma. Espera, peço-te. Karl Ivanitch está sempre a dizer que o sono é o melhor dos remédios — murmurou Maria. André aproximou-se da cama e tomou o pulso da criança. A sua mãozinha escaldava,

— Que vão passear, tu e o teu Karl Ivanitch! — Foi em busca da poção e voltou para junto do leito.

— André, não faças isso! — implorou a irmã.

Franziu o sobrolho, colérico, e, como se olhar para ela o fizesse sofrer, debruçou-se para a criança com o copo na mão.

— Exijo-o — disse. — Vamos, dá-lhe tu o remédio.

Maria encolheu os ombros, mas, pegando, submissa, na poção, procurou ministrar-lha com a ajuda da criada. A criança chorava e engasgava-se. André, com as mãos na cabeça, saiu do quarto e foi sentar-se na sala contígua.

Continuava com as cartas fechadas na mão. Abriu-as, maquinalmente, e pôs-se a ler. O velho príncipe, em papel azul, no seu miúdo cursivo, aqui e ali recorrendo a uma abreviatura, escrevia-lhe nos seguintes termos:

Acabo de saber, por um correio, uma feliz nova, caso não se trate de invenção. Bennigsen, segundo se diz, teria desbaratado Bonaparte em Eylau. Em Petersburgo o entusiasmo é geral e as recompensas chovem sobre o exército. Embora se trate de um alemão, felicito-o. Não sei o que tem feito o comandante

de Kortchevo, um tal Kandrikov; até à data ainda não conseguimos receber reforços nem víveres. Vai imediatamente procurá-lo e diz-lhe que lhe farei saltar os miolos se dentro de oito dias não tiver em meu poder o que é preciso. Voltei a receber carta de Petienka, na qual me fala da batalha de Preussisch-Eylau; tomou parte nela, é tudo verdade. Quando as pessoas se não metem naquilo a que não são chamadas, até mesmo um alemão é capaz de bater Bonaparte. Diz-se que bateu em retirada em completa desordem. Não te esqueças: dirige-te sem delongas a Kortchevo e cumpre as minhas ordens!

Soltando um suspiro, o príncipe André abriu a segunda carta. Era de Bilibine: duas páginas numa caligrafia miúda. Voltou a dobrá-la sem a ler e recomeçou a carta do pai, que terminava: “dirige-te sem delongas a Kortchevo e cumpre as minhas ordens!”

“Não, queira desculpar, não irei enquanto o meu filho não estiver restabelecido”, disse ele para consigo mesmo e encaminhou-se para a porta na intenção de ver o que se passava no quarto da criança.

Maria continuava junto da cama, embalando o pequeno com toda a suavidade.

“É isto mais uma notícia desagradável para mim”, pensava, rememorando a carta do pai. “Sim, os nossos derrotaram Bonaparte agora, precisamente quando eu já não estou em armas. É verdade, é verdade, o destino está sempre a troçar de mim... Pois seja, faça-se a sua vontade!...” E pôs-se a ler a carta, escrita em francês, que lhe enviava Bilibine. Olhava para as linhas sem perceber metade do que lia e fazia-o apenas para, por momentos, deixar de pensar no que por demasiado tempo o havia exclusivamente atormentado.

Capítulo IX

Bilibine encontrava-se nesse momento adido ao quartel-general, na condição de diplomata, e na sua carta, com seus gracejos e seus boleios à francesa, descrevia toda a campanha, usando uma franqueza bem russa, franqueza essa que não recuava nem diante dos juízos pessoais nem diante da própria zombaria. Dizia pesar-lhe a discrição diplomática e sentir-se feliz por ter alguém como André a quem escrever, pessoa com quem não se importava de se abrir, derramando toda a bÍlis acumulada desde que via o que se estava a passar no exército. A carta, de data já não muito recente, era anterior à batalha de Preussisch-Eylau.

Desde o nosso grande êxito de Austerlitz, como sabe, meu caro príncipe, que não mais me separei dos quartéis-generais. Pelo que se vê, tomei gosto à guerra, e estou-lhe no papo. É inacreditável o que vi durante estes três meses.

Começo ab ovo. O inimigo do gênero humano, como sabe, ataca os prussianos. Os prussianos são aqueles nossos fiéis aliados que em três anos apenas nos enganaram três vezes. Damos por eles o corpo ao manifesto. Mas, ao que parece, o inimigo do gênero humano não quer saber dos nossos lindos discursos, e, com o seu modo impolido e selvagem, lança-se sobre os prussianos sem lhes dar tempo de terminarem a parada e num abrir e fechar de olhos deixa-os a deitar a língua pela boca fora e trata de se instalar no Palácio de Potsdam.

“Desejo ardentemente”, escreve o rei da Prússia a Bonaparte, “que Vossa Majestade seja recebido e tratado no meu palácio da maneira que mais lhe agradar, e nessa intenção tomei todas as medidas que as circunstâncias me permitem. Oxalá o tenha conseguido! Os generais prussianos primam em ser corteses para com os franceses e depõem as armas à primeira intimação.”

O comandante da guarnição de Glogau, com dez mil homens sob o seu comando, pergunta ao rei da Prússia o que deve fazer caso seja intimado a render-se... Tudo isto são fatos reais.

Numa palavra, esperando apenas impor-nos pela nossa firme atitude militar, eis-nos em guerra a valer, e, o que é pior, em guerra nas nossas próprias fronteiras com e pelo rei da Prússia. Tudo está a postos, falta-nos apenas uma coisa sem importância — o general-chefe. Como se chegou à conclusão de que o êxito de Austerlitz teria sido mais decisivo se o general-chefe fosse menos jovem, passa-se revista aos octogenários, e, entre Prozorofski e Kamenski, escolhe-se o último. O general chega-nos em kibik à moda de Suvorov, e é acolhido com manifestações no meio de aclamações de alegria e triunfo.

No dia 4 chega o primeiro correio de Petersburgo. Transportam as malas para o gabinete do marechal, que gosta de fazer tudo pelas suas próprias

mãos. Chamam-me para ajudar à distribuição das cartas e tomar conta das que nos são destinadas. O marechal segue o nosso trabalho e aguarda os despachos que lhe são dirigidos. Procuramos; nem um. O marechal impacienta-se, ele próprio decide procurar e encontra cartas do imperador para o conde T., para o príncipe V. e quejandos. Então, aí o temos num dos seus ataques de fúria negra. Despede raios e coriscos contra toda a gente, apodera-se das cartas, abre-as, e lê as que o imperador endereça a outros. “Ah! É assim que se comporta para comigo? Não tem confiança em mim! Ah! Dá instruções para me espiarem. Fora daqui!” E ei-lo que redige a famosa ordem do dia para o general Bennigsen:

“Estou ferido, não vosso montar a cavalo e portanto comandar o exército. O senhor levou o seu corpo de exército derrotado para Pultusk, onde este se encontra sem lenha e sem forragens e desprovido do necessário, por isso, como ainda ontem o disse ao conde Boekshevden, é preciso retirar para a nossa fronteira, o que tem de fazer-se hoje mesmo.”

“As minhas expedições a cavalo”, escreveu ao imperador, provocaram-me uma ferida proveniente do abuso da sela, o que, além de outros inconvenientes, me impede por completo de montar e comandar um exército da importância deste; eis por que confiei o comando ao general mais antigo, o conde Boekshevden, transmitindo-lhe todos os serviços, e aconselhei-o a que, no caso de lhe faltarem mantimentos, se retirasse para mais perto de nós, para o interior da Prússia, visto que não há pão para mais de vinte e quatro horas e nalguns regimentos já acabou de todo; foi isso, pelo menos, o que declararam os comandantes de divisão Ostermann e Siedmorietski, e nos lares dos camponeses tudo foi devorado. Quanto a mim, aguardando o meu restabelecimento, fico no hospital de Ostrolenko. Ao transmitir, com data de hoje, o presente relatório a Vossa Majestade, tenho a honra de lhe participar que, se o exército permanecer ainda quinze dias no seu atual acampamento, quando chegar a primavera não restará um só soldado válido.

“Permita Vossa Majestade que um velho se retire para o campo, levando consigo a vergonha de não ter podido cumprir o grande e glorioso destino para que fora escolhido. Aguardarei aqui, no hospital, a vossa muito augusta autorização, para que não venha a desempenhar no exército o papel de ‘escriba’ em vez do de chefe. A minha retirada do exército não produzirá a mais ligeira sensação — é um cego que se retira do exército, nada mais. Homens como eu encontram-se na Rússia aos pontapés.”

O marechal zangou-se com o imperador e castigou-nos a todos; não é lógico?

E aqui tem o primeiro ato. No ato seguinte, o interesse e o absurdo crescem, como é natural. Depois da partida do marechal, chegou-se à conclusão

de que nós estávamos à vista do inimigo e era preciso travar batalha. Boekshevden é general-chefe por antiguidade, mas o general Bennigsen não é dessa opinião, tanto mais que, estando com o seu corpo de exército diante do inimigo, quer aproveitar a ocasião para uma batalha aus eigener Hand⁴⁰, como dizem os alemães. E teve-a. Foi a batalha de Pultusk, que tem sido considerada uma grande vitória, mas que, na minha opinião, de vitória nada tem. Nós, civis, temos, como sabe, o mau hábito de decidir quando uma batalha é uma vitória ou uma derrota. O que se retira depois do combate é, em nossa opinião, aquele que a perdeu, e foi por isso que nós perdemos a batalha de Pultusk. Em resumo, retiramos no fim da batalha, mas enviamos um correio a Petersburgo com a notícia de uma vitória, e o general não cede o comando em chefe a Boekshevden na esperança de receber de Petersburgo, em reconhecimento da sua vitória, o título de general-chefe. Durante este interregno iniciamos um plano de manobras extremamente interessante e original. A nossa finalidade não consiste, como seria de esperar, em evitar o inimigo ou atacá-lo, mas unicamente em evitar o general Boekshevden, o qual, por direito de antiguidade, seria o nosso chefe. Visamos este objetivo com tanta energia que até mesmo quando atravessamos um rio não vadeável queimamos as pontes para cortarmos a ligação com o nosso inimigo, o qual, de momento, não é Bonaparte, mas Bockshevden. Este livrou-se de ser atacado e aprisionado por forças inimigas superiores graças a uma das nossas belas manobras, que nos livrava dele. Boekshevden persegue-nos, fugimos. Assim que ele atravessa para a margem do rio onde nós estamos, nós passamos para a margem contrária. Finalmente, o nosso inimigo Boekshevden apanha-nos e ataca-nos. Os dois generais zangam-se. Chega mesmo a haver um desafio para duelo da parte de Boekshevden e um ataque de epilepsia da parte de Bennigsen. Mas, no momento crítico, o correio que leva a notícia da nossa vitória de Pultusk traz-nos de Petersburgo a nomeação do general-chefe, e o primeiro inimigo, Boekshevden, está liquidado: podemos pensar agora no segundo, Bonaparte. Mas então acontece que nesse momento se ergue diante de nós um terceiro inimigo, o exército ortodoxo, que pede, clamando, pão, carne, suchari, feno, que sei eu! Os armazéns estão vazios, os caminhos impraticáveis. O exército ortodoxo lança-se na pilhagem e de maneira tal que o que viu na última campanha lhe não pode dar a mais pequena ideia do que se está a passar. Metade dos regimentos forma tropas livres, as quais percorrem o país levando tudo a ferro e fogo. Os habitantes estão completamente arruinados, os hospitais transbordam de doentes e a fome grassa por toda a parte. O quartel-general já por duas vezes foi atacado por bandos de salteadores e o próprio general-chefe viu-se obrigado a pedir o auxílio de um batalhão para correr com eles. Aquando um desses ataques levaram-me a minha mala vazia e o meu roupão. O imperador quer conceder a todos os comandantes

de divisão autorização para fuzilar os salteadores, mas tenho o meu receio de que esta medida venha a obrigar metade do exército a fuzilar a outra metade.

De princípio, o príncipe André limitara-se a deixar errar os olhos pela carta, mas, depois, sem dar por isso, e embora conhecesse o grau de veracidade que devia atribuir às asserções de Bilibine, sentiu-se cada vez mais interessado pela leitura. Ao chegar a este ponto amarfanhou a carta e deitou-a fora.

O que o irritava não era o que ela dizia, mas o sentir que o que estava a ocorrer no teatro da guerra, e que lhe era estranho, o podia emocionar àquele ponto. Fechou os olhos, passou a mão pela testa, como para afastar as preocupações que a sua leitura lhe despertara, e apurou o ouvido para o que estava a acontecer no quarto do filho. De súbito pareceu-lhe ouvir atrás da porta um ruído estranho. Invadiu-o uma onda de terror; teve medo de que o estado da criança se tivesse agravado enquanto estivera entretido na leitura. Aproximou-se da porta em bicos de pés e abriu-a.

Nesse momento viu que a velha criada, com ar apavorado, escondia qualquer coisa e que Maria já não estava junto da cama.

— Meu amigo — murmurou por detrás dele a voz da irmã, com um acento, assim se lhe afigurou, verdadeiramente desesperado.

Como acontece muitas vezes depois de uma longa insônia e de violentas inquietações, assenhoreou-se dele um terror irracional; convenceu-se de que o filho estava morto. Tudo quanto via e ouvia parecia confirmar o seu pavor.

“Acabou tudo”, pensou, e um suor frio lhe cobriu a testa. Como louco, aproximou-se do pequeno leito, persuadido de que o ia encontrar vazio, de que a criada escondera a criança morta. Afastou os cortinados, e durante algum tempo os seus olhos nada puderam distinguir. Por fim viu a criança: as faces vermelhas, a cabeça mais baixa do que a almofada. Mamava em sonhos e respirava com toda a regularidade. Ao vê-la, o príncipe André, tanto mais alegre quanto era certo estar persuadido de que a tinha já perdido, debruçou-se, e, à semelhança do que vira fazer à irmã, chegou os lábios à fronte do filho para se certificar se ele teria febre. A tenra pele estava úmida; tateou-a com a palma da mão, até os cabelos escorriam, tão abundante era a transpiração. Não só não estava morto, como era evidente ter o príncipezinho vencido a crise e que recuperara a saúde. André teria querido agarrar, estreitar contra o seu coração aquele serzinho delicado, mas não ousou. Ali ficou, de olhos fitos naquela cabecinha, naquelas mãozinhas, naquelas perninhas que se desenhavam debaixo das roupas. O sussurro de um vestido ouviu-se junto dele e uma sombra apareceu sob o cortinado da cama. André não se voltou, continuando, de olhos fitos na criança, a ouvir a sua respiração compassada. A sombra era da princesa Maria,

que, em passos muito leves, se havia aproximado e soerguera o cortinado. O príncipe, sem voltar a cabeça, reconheceu-a e estendeu-lhe a mão, que ela apertou nas suas.

— Está a transpirar — disse ele.

— Era isso que eu te vinha dizer.

A criança, a dormir, agitou-se ligeiramente, sorriu e comprimiu a testazinha de encontro à almofada.

André olhou para a irmã. Os luminosos olhos de Maria, na penumbra dos cortinados, brilharam mais do que habitualmente, cheios de lágrimas felizes. Inclinou-se para o irmão e beijou-o, suspendendo-se ligeiramente nas sanefas do leito. Receosos de acordar o doentinho, assim ficaram, na meia luz dos cortinados, sem poderem apartar-se daquela intimidade em que os três formavam como que um mundo à parte de tudo o mais. Foi André quem primeiro se afastou, despenteando os cabelos na musselina dos cortinados.

“Sim, é tudo quanto me resta”, murmurou ele para si mesmo, num suspiro.

Capítulo X

Pouco depois da sua admissão na confraria maçônica, Pedro, munido de um memorial completo, propositadamente escrito para ele, de tudo quanto era necessário fazer-se nos seus domínios, foi-se de longada para o distrito de Kiev, onde vivia a maior parte dos seus servos.

Chegado que foi, mandou convocar para a “contadoria” principal todos os seus intendentes, a quem expôs as suas intenções e os seus desígnios. Disse-lhes que deveriam tomar imediatamente medidas tendentes à emancipação completa dos seus camponeses, e que de então até essa data estes não deveriam ser sobrecarregados de trabalho, que as mulheres e as crianças seriam dispensadas de tarefas pesadas, que era necessário prestar-lhes auxílio, que os castigos corporais passariam a ser substituídos por repreensões orais e que em cada um dos seus domínios se organizariam hospitais, asilos e escolas. Alguns dos seus intendentes, e entre eles havia vários quase analfabetos, ouviam-no aterrorizados, interpretando as palavras do jovem conde como se elas quisessem dizer que ele não estava contente com a sua administração e não desconhecia os roubos de cada um; outros, depois de um momento de pânico, puseram-se a achar graça às intenções do amo e às palavras novas que nunca tinham ouvido; outros ainda escutavam-no com prazer, e outros finalmente, os mais inteligentes, a cujo número não pertencia o intendente-geral, perceberam, pelo que lhe ouviam, qual a atitude que teriam de tomar para com ele para melhor conseguirem os seus fins.

O intendente-geral disse da sua grande simpatia pelos projetos do amo, mas não sem deixar de lhe observar quão necessário lhe seria, à parte estas transformações, ocupar-se dos próprios bens, em vista do mau estado dos negócios.

Apesar do enorme patrimônio do conde Bezukov, depois que a herança lhe viera parar às mãos e com ela, segundo se dizia, os quinhentos mil rublos de rendimento, o certo é que ele se encontrava muito menos rico do que quando recebia os dez mil rublos de pensão que o pai lhe dava. Nas suas linhas gerais, o orçamento do novo conde Bezukov era este, pouco mais ou menos: pagava ao conselho pela totalidade dos seus domínios cerca de oitenta mil rublos; a manutenção da sua propriedade próxima de Moscou, da sua casa da mesma cidade e os encargos com as dispendiosas mesadas às princesas orçavam por trinta mil rublos: as pensões elevavam-se a quinze mil e as obras de beneficência a mesma coisa, aproximadamente. Cento e cinquenta mil eram pagos à condessa para a sua manutenção. Pagava, de juros de dívidas contraídas, cerca de setenta mil rublos. A construção de uma igreja ainda em obras tinha-lhe absorvido nos dois últimos anos perto de dez mil rublos. E o restante, cerca de cem mil, era despendido nem ele sabia como, de tal sorte que todos os anos se via obrigado a

contrair novas dívidas. Além disso, constantemente o intendente-geral lhe escrevia a dar-lhe parte de incêndios, de más colheitas, de reparações em armazéns e prédios. E eis que a primeira tarefa que se impunha a Pedro era aquela para que ele tinha menos aptidão e gosto: cuidar dos seus próprios interesses.

Todos os dias Pedro trabalhava com o seu intendente-geral. Mas cedo percebeu que não passava da cepa torta. Dava-se conta de que a atividade que desenvolvia era em pura perda, que os negócios lhe escapavam das mãos e que, por isso mesmo, não os via progredir. Por um lado, o intendente expunha-lhe as coisas sob a sua pior luz, mostrando-lhe a necessidade de pagar as dívidas e de empreender novos trabalhos com a ajuda dos servos, e nisso não queria Pedro ouvir falar. Por outro, exigia que se apressasse a emancipação, ao que o intendente opunha a necessidade de pagar antes a dívida ao conselho de tutela, o que tornava impossível a realização imediata dos projetos do amo.

O intendente não declarava ser completamente impossível a sua efetivação: para conseguir este objetivo propunha se vendessem as florestas do distrito de Kostroma, as terras do Baixo Volga e o domínio da Crimeia. Mas estas operações, na sua opinião, eram tão complicadas, implicavam tanta papelada, tantos embargos, tantas intimações, tantos éditos dos tribunais, tantas autorizações que Pedro perdia a cabeça e contentava-se em responder-lhe: “Bem, bem, anda para diante.”

Faltava a Pedro esse espírito prático e essa tenacidade que lhe teriam permitido tomar conta ele próprio de todos os seus negócios. Mas, como esse trabalho lhe repugnava, contentava-se em fingir, diante do intendente, estar interessadíssimo por ele. Quanto ao intendente, esse procurava dar-lhe a impressão, na sua presença, de considerar todos esses trabalhos da mais alta importância para ele, seu amo, enquanto que para si os considerava aborrecidíssimos.

Na grande cidade encontrou pessoas conhecidas. Os desconhecidos davam-se pressa em relacionar-se com ele e cumulavam de amabilidades esse ricaço da última hora, o mais importante proprietário do distrito. Aquilo que ele confessara ser a sua maior fraqueza aquando da admissão na loja maçônica tentou-o tão fortemente que lhe foi impossível resistir. Passou de novo dias, semanas, meses completamente absorvido pelas recepções, pelos almoços, pelos bailes, sem tempo de se refazer, tal qual como em Petersburgo. Em lugar da vida nova que esperava recaiu na antiga, só com a diferença de ser noutras condições.

Não tinha outro remédio senão reconhecer que de entre as três obrigações impostas pela franco-maçonaria não cumpria aquela segundo a qual cada maçã deve ser um modelo no ponto de vista moral e que das sete virtudes requeridas não possuía duas: os bons costumes e o amor da morte. Ia-se

consolando convencendo-se intimamente de que cumpria a outra obrigação, isto é, o interesse pela melhoria das condições de vida do gênero humano e que era detentor de outras virtudes: o amor do próximo e principalmente a generosidade.

Na primavera de 1807 decidiu regressar a Petersburgo. Pensava percorrer durante a viagem todos os seus domínios e verificar pessoalmente em que pé se encontravam as ordens que dera e em que situação se achava nesse momento aquele povo que Deus lhe havia confiado e que ele se esforçava por cumular de benesses.

O intendente, a cujos olhos todos os projetos do moço conde não passavam de rematada loucura, ao mesmo tempo prejudicial para si, para o proprietário e para os camponeses, viu-se obrigado, no entanto, a fazer certas concessões. Embora persistisse em considerar impossível a emancipação dos servos, tomou medidas, em virtude da próxima visita do amo, no sentido de mandar construir em todos os domínios grandes barracões, que serviriam de escolas, hospitais e asilos. Por toda a parte preparou recepções de que eram excluídas a solenidade e a pompa, pois sabia que não agradavam a Pedro. Mas pensou que manifestações de caráter religioso, com acompanhamento de imagens e oferendas de pão e sal, prova do reconhecimento dos camponeses, essas deviam, na sua maneira de compreender o amo, influir sobre ele e impressioná-lo.

A primavera naquelas paragens do sul, uma viagem rápida e confortável na sua caleça vienense, a solidão da estrada — tudo isso foi de efeito feliz no animo de Pedro. Os domínios que ele ainda não tinha visitado eram todos muito pitorescos. Por toda a parte os camponeses pareciam prósperos e em extremo reconhecidos pelos benefícios recebidos de tal modo era acolhido por todos os seus servos. Conquanto essa recepção calorosa o enchesse de confusão, dava-lhe no fundo da sua alma uma grande alegria. Em certo lugar os camponeses apresentaram-lhe o pão e o sal com uma imagem de S. Pedro e S. Paulo, e pediram-lhe licença, em honra daqueles santos patronos e em testemunho de amor e reconhecimento pelos benefícios recebidos, para erguerem, a expensas suas, uma nova capela na igreja. Além disso, mães, com seus filhos de peito, vieram ao seu encontro agradecer-lhe tê-las poupado a trabalhos penosos. Ainda noutro lugar aguardava-o um padre, de cruz alçada, rodeado de um bando de crianças a quem, graças ao conde, ele ensinava catequese e a ler e escrever. Em todos os seus domínios Pedro pôde ver, com seus próprios olhos, dependências de alvenaria em construção, ou já concluídas, todas segundo uma planta única: hospitais, escolas, hospícios, que deveriam estar prontos num prazo relativamente curto. Por toda a parte lhe foi dado ver, graças aos relatórios dos feitores, que o trabalho fora diminuído e ouvia comovedoras provas de reconhecimento da boca

dos próprios camponeses que vinham ao seu encontro, em delegações, com seus cafetãs azuis na cabeça.

Ignorava porém que a aldeia onde lhe tinham apresentado o pão e o sal e onde se pretendia erguer uma capela a S. Pedro e S. Paulo era uma povoação mercantil com feira pelo S. Pedro e que aquela capela de há muito fora começada pelos ricos locais, esses mesmos que se lhe haviam apresentado em delegação, quando o certo é que nove décimos dos camponeses se achavam na mais completa miséria,

Ignorava que desde que tinham deixado de mandar executar trabalhos pesados às mães com filhos de colo, essas mesmas mulheres se viam obrigadas a suportar, dentro de casa, um trabalho tanto ou mais penoso que o que faziam fora dela. Ignorava que o padre que o recebera de cruz alçada oprimia os paroquianos obrigando-os a pagar dízimos em espécie e que os alunos reunidos à sua volta lhe tinham sido confiados entre lágrimas, e que se seus pais os quisessem reaver teriam de pagar avultadas somas. Desconhecia que as construções de pedra, consoante os seus planos, haviam sido feitas pelos próprios camponeses, o que lhes agravara as tarefas, apenas suavizadas no papel. Ignorava que ali mesmo, onde o intendente lhe mostrara os foros reduzidos de um terço, consoante os seus desejos, a tarefa fora aumentada de metade. Eis por que Pedro se sentia encantado com a viagem através dos seus domínios e de novo possuía daquele entusiasmo filantrópico que se apoderara dele quando saíra de Petersburgo, e a tal ponto que escreveu cartas entusiastas a seu irmão instrutor, nome que dava ao grão-mestre.

“Que fácil é, quão pouco esforço é preciso para se conseguir tanto bem”, dizia Pedro de si para consigo, “e que descuidados que nós somos!”

Sentia-se feliz com o reconhecimento que lhe testemunhavam, se bem que ao mesmo tempo experimentasse um certo mal-estar aceitando-o. Isso vinha lembrar-lhe estar na sua mão fazer muitíssimo mais por aquela gente simples e boa.

O seu intendente-geral, um celerado, assaz estúpido, de resto, que soubera levar o moço conde, inteligente mas ingênuo, e que fazia dele o que queria, como se ele fosse um brinquedo, ao ver o efeito que nele provocaram os processos de que lançara mão, logo tratou de extrair daí novos argumentos sobre a impossibilidade, e sobretudo sobre a inutilidade, da emancipação dos servos, os quais não precisavam de uma tal medida para se sentirem completamente felizes.

Pedro, no fundo do seu coração, estava de acordo com ele, pelo menos para reconhecer ser difícil conceber gente mais feliz e que só Deus sabia o que a liberdade lhes viria a dar. Mas, apesar de tudo, insistia na realização do que ele considerava uma causa justa. O intendente prometia-lhe fazer tudo quanto lhe

fosse possível para dar cumprimento ao seu desejo, sabendo perfeitamente que ele nunca seria capaz de verificar se se tinham tomado medidas para a venda das florestas e dos bens, para o resgate ao conselho de tutela, e que, ainda por cima, nunca mais falaria no caso e não chegaria a saber que as dependências construídas permaneciam vazias e que os camponeses continuavam a dar em trabalho e em dinheiro o que sempre tinham dado por toda a parte, ou seja, tudo de quanto fossem capazes.

Capítulo XI

No regresso da sua viagem ao sul, na melhor das disposições de espírito, Pedro pôs em execução o seu muito antigo projeto de ir visitar o seu bom amigo Bolkonski, a quem não via há dois anos.

Bogutcharovo ficava numa região plana e razoavelmente feia, coberta de prados e florestas de pinheiros e bétulas, em parte dizimadas. A residência senhorial era na extremidade da aldeia, que se estendia em linha reta dos dois lados da estrada, na retaguarda de um tanque recentemente cavado, completamente cheio, cujas margens ainda não estavam guarneçadas de erva, no meio de um bosque novo onde se erguiam, aqui e ali, alguns pinheiros.

A residência compunha-se de um cerrado para os molhos de trigo, um grupo de construções que davam para o pátio, cavalariças e estufa, e de uma grande casa de pedra com um frontão semicircular, ainda não concluído. Em torno da casa havia um parque recém-plantado. As paliçadas e o portal eram sólidos e novos. Sob um alpendre viam-se duas bombas de incêndio e um tonel pintado de verde. Os caminhos eram direitos, as pontes sobre os cursos de água resistentes e guarneçadas de parapeitos. Em tudo se via ordem e boa administração. Os criados que encontrou, aos quais perguntou onde habitava o príncipe, apontaram-lhe um pequeno pavilhão novo marginando o tanque. O velho valido do príncipe André, Antônio, ajudou Pedro a apear-se da sua caleça, disse-lhe que o príncipe estava em casa e conduziu-o a uma pequena antecâmara muito asseada.

Pedro sentiu-se impressionado com a modéstia daquela pequena casa limpa em comparação com o luxo brilhante de que vira cercado o seu amigo a última vez que com ele estivera em Petersburgo. Deu-se pressa em penetrar no pequeno salão, que cheirava a resina de pinheiro e ainda por rebocar. Quis ir mais longe, mas Antônio precedeu-o em bicos de pés e bateu à porta.

— Que se passa? — disse uma voz rude e pouco amável.

— Uma visita — respondeu Antônio.

— Diz-lhe que entre — e ouviu-se o ruído de uma cadeira que se afastava.

Pedro aproximou-se vivamente da porta e encontrou-se cara a cara com André, que vinha a sair, de aspecto pouco satisfeito e traços envelhecidos. Pedro abraçou-o e, depois de tirar as lunetas, beijou-o na cara e olhou-o de perto.

— Ora aqui está o que eu não esperava. Ótimo! — exclamou André.

Pedro, silencioso, olhava, assombrado, o amigo, sem poder apartar os olhos dele, aturdido com a mudança que nele se operara. As suas palavras eram acolhedoras, tinha o sorriso nos lábios, mas aos olhos apagados, como mortos, por mais que fizesse não conseguia comunicar-lhes sombra de alegria. Não que

tivesse emagrecido ou estivesse pálido, mas aquele seu olhar e aquela sua fronte sulcada de rugas, sinal de pensamentos concentrados, impressionavam Pedro e causavam-lhe como que uma sensação de repulsa, uma vez não habituado a vê-los no amigo.

Como sempre acontece depois de uma longa separação, não foi fácil encetarem desde logo uma boa conversa. As perguntas e as respostas eram breves, posto abordassem assuntos de que tanto um como outro estavam certos de ser dignos de mais larga explanação. Mas, por fim, voltaram a tratar dos assuntos a que apenas se haviam referido abreviadamente: o passado, os seus planos de futuro, a viagem de Pedro, as suas ocupações, a guerra, etc. A preocupação e o abatimento que Pedro notara no olhar do seu amigo refletiam-se agora mais pronunciadamente no sorriso com que ele acolhia as tiradas de Pedro, especialmente quando o ouviu falar com jovial emoção do passado e do futuro. Apesar de toda a sua boa vontade, André não podia mostrar interesse por essas palavras, e Pedro acabou por compreender que, diante do seu amigo, não caíam bem nem o seu entusiasmo, nem os seus sonhos, nem as suas esperanças de felicidade e de virtude. Sentiu-se embaraçado ao expor todas as suas novas teorias maçônicas, especialmente aquelas que a sua última viagem lhe tinha permitido renovar e despertar em si. Refreava-se, receava parecer ingênuo, ao mesmo tempo que ansiava mostrar, quanto mais depressa melhor, já não ser a mesma pessoa, que era agora um Pedro bem melhor do que aquele que André conhecera em Petersburgo.

— Não posso dizer-lhe quanto me aconteceu nestes últimos tempos. Nem eu próprio me reconheço.

— Efetivamente mudaste muito, muito, de então para cá — disse André.

— E quanto a si, quais são os seus projetos?

— Os meus projetos? Os meus projetos? — repetiu André, surpreendido ele próprio com o sentido dessas palavras. — Como vêes, dedico-me à construção, quero estar definitivamente instalado no ano que vem...

Pedro, em silêncio, ficou-se a contemplar firmemente o rosto envelhecido do seu amigo.

— Não é isso; estava a perguntar-lhe... — Mas André interrompeu-o:

— Para que havemos de falar de mim?... Conta-me, conta-me a tua viagem, tudo o que fizeste lá longe, nos teus domínios.

Pedro pôs-se a contar-lhe o que tinha feito, procurando dissimular o mais possível a sua própria participação nos melhoramentos realizados. Por mais de uma vez André antecipou-se a Pedro na conclusão das descrições por ele encetadas, como se para ele o que o amigo contava fossem coisas de há muito

suas conhecidas e ele escutasse todas essas histórias não só sem interesse, mas até com algum enfado.

Pedro acabou por se sentir pouco à vontade na companhia do amigo. Calou-se.

— E, como vês, meu caro — disse André, que estava sentindo, era evidente, os mesmos embaraços e enfado que o seu amigo. — Estou aqui como num acampamento e vim apenas para passar os olhos por isto. Volto hoje mesmo para junto de minha irmã. Terei muito prazer em apresentar-te. Mas creio que tu a conheces. — Dir-se-ia que não procurava senão matar o tempo na companhia do seu hóspede, cujas ideias nada tinham já de comum com as suas próprias. — Abalamos depois do jantar. E agora queres visitar as minhas instalações?

Saíram, e até ao jantar deambularam pela propriedade, conversando acerca das coisas políticas e dos amigos comuns, como se fossem pessoas de pouca intimidade. O príncipe André falou-lhe com animação, e pondo nisso um certo interesse, das obras novas que estava a fazer, mas no meio da conversa, ainda sobre os próprios andaimes, no momento em que lhe descrevia a futura disposição dos aposentos, calou-se repentinamente:

— De resto, nada disto tem o mais pequeno interesse. Vamos jantar e depois abalamos.

Durante o jantar veio a talho de foice falarem do casamento de Pedro.

— Fiquei muito surpreendido quando me disseram — disse André.

Pedro corou, como sempre acontecia em tal momento, e deu-se pressa em dizer:

— Hei de contar-lhe um dia como tudo isso se passou. Mas, como sabe, acabou, e para sempre.

— Para sempre? Nada se faz para sempre.

— Mas então não sabe como isso acabou? Ouviu falar do duelo?

— E tiveste de chegar a esse ponto!

— A única coisa em que estou agradecido a Deus é de não ter matado esse homem — murmurou Pedro.

— E por quê? Não fica mal a ninguém matar um cão danado.

— Sim, mas matar um homem não está bem, não é justo...

— Não é justo por quê? — insistiu André. — Ao homem não compete decidir do que é justo ou do que o não é. O homem sempre errou e sempre há de errar, e principalmente naquilo que ele considera justo ou injusto.

— É injusto o que prejudica o próximo — observou Pedro, que sentia prazer em verificar, pela primeira vez desde que chegara, que o amigo

começava a animar-se e a tomar calor pela conversa, e pretendia, deste modo, dar a conhecer tudo que o levara ao estado em que atualmente se encontrava.

— E como sabes distinguir o que prejudica o próximo? — perguntou André.

— O mal! O mal! — exclamou Pedro. — Todos nós sabemos muito bem o que é mau para nós próprios.

— Sim, é verdade, sabemos, mas o que me faz mal pode não fazer mal a outro — redarguiu André, cada vez mais animado e desejoso de expor a Pedro o seu novo ponto de vista. E acrescentou em francês: “Na vida só conheço dois males bem reais: o remorso e a doença. Só a ausência destes dois males é que é o bem.” Viver para mim próprio e limitar-me a evitar estes dois males, eis, atualmente, em que consiste toda a minha sabedoria.

— E o amor do próximo, e a dedicação? — atalhou Pedro. — Não, não posso concordar consigo. Viver apenas para não fazer mal, para evitar o remorso, é pouco, muito pouco. Vivi assim, vivi só para mim e malogrei a minha vida. E só agora é que estou a viver, ou, pelo menos, a esforçar-me por viver — retificou por modéstia — para os outros. Só agora é que compreendi a felicidade da existência. Não, não posso estar de acordo consigo, e estou convencido de que não pensa o que diz.

O príncipe André fitou Pedro sem dizer nada, com um sorriso zombeteiro nos lábios.

— Vais ver a minha irmã Maria. Estarão os dois de acordo — disse. — É possível que tenhas razão no que te diz respeito — acrescentou após alguns momentos de silêncio. — Cada um vive como melhor entende. Tu, tu viveste para ti e entendes que vivendo assim ias malogrando a tua vida e que não soubeste o que era felicidade senão no dia em que começaste a viver para os outros. Eu, por mim, fiz a experiência contrária. Vivi para a glória. E que é a glória? É também o amor do próximo, o anseio de fazer alguma coisa por ele, o desejo de merecer os seus louvores. Quer dizer que eu vivi para os outros e que não só estive em risco de comprometer a minha existência, como a malogrei, de fato, completamente. Eis por quê, de então para cá, desde que não vivo senão para mim, passei a ter uma vida mais serena.

— Mas como é possível viver-se só para si? — interrogou Pedro, cada vez mais exaltado. — E seu filho, sua irmã, seu pai?

— Continuam a ser eu, não são os outros — replicou André. — Os outros, o próximo, como dizem, tu e a Maria, são a causa principal do erro e do mal. O próximo são esses camponeses de Kiev a quem tu queres fazer bem.

Olhou para Pedro com um olhar irônico e provocador. Era evidente que procurava desafiá-lo.

— Pelo que vejo, quer divertir-se — replicou Pedro, cada vez mais animado. — Onde é que pode haver erro e mal no desejo que há em mim de praticar o bem? E se eu não fizer quase nada, e mal, a minha boa intenção lá está sempre, e, seja como for, sempre fiz qualquer coisa. Que mal é que pode haver em ensinar aos desgraçados dos nossos camponeses, homens como nós, que vivem e morrem sem outra noção de Deus e da verdade que não sejam ritos vãos e orações sem qualquer significado para eles, que mal é que pode haver em ensinar-lhes a consoladora crença numa vida futura, numa recompensa proporcional aos seus atos, num alívio das suas dores? Que mal, que erro é que haverá em impedir que os homens morram de doença sem qualquer socorro, quando é tão fácil auxiliá-los materialmente, arranjando para eles remédios, hospitais e asilos onde acabem os seus tristes dias? E não será um bem palpável e incontestável que eu procure descanso e alívio no trabalho para o camponês e para a mulher que amamenta o seu filho, pobres deles que não sabem o que seja repouso nem de noite nem de dia?... — acrescentou Pedro com a sua gagueice atrabiliária. — E foi isso que fiz, mal, incompletamente, de acordo, mas a verdade é que o fiz em certa medida, e não só ninguém me dissuadirá de que não foi um bem o que eu pratiquei, como ninguém me convencerá de que o André não pensa da mesma maneira. E o mais importante — concluiu — e é isso que eu sei, e disso estou convencido, é que a única verdadeira felicidade da vida é a satisfação que se tira do bem que se faz.

— Sim, se se puser assim o problema, é outra coisa — disse o príncipe André. — Eu construo uma casa, planto um parque, tu fundas hospitais. Tanto o meu ato como o teu podem ser considerados mero passatempo. Mas, quanto ao que é justo, ao que é o bem, deixa àquele que tudo sabe, e não a nós, o cuidado de o decidir. Contudo, se queres continuar a discussão, está bem, seja feita a tua vontade!

Levantaram-se da mesa e foram instalar-se na escada, que formava como que uma varanda.

— Bom, vamos à discussão — principiou André. — Tu dizes: escolas, instrução e tudo o mais — continuou, contando pelos dedos -, isso quer dizer que tu queres tirar aquele — apontou para um camponês que ia passando e os saudou — do seu estado animal e dar-lhe o sentido das necessidades morais. Pois eu penso que a sua única felicidade possível é a felicidade animal, e tu queres privá-lo disso. Invejo-o, e tu, tu queres torná-lo eu, sem lhe dares, aliás, todos os meus recursos. Em segundo lugar, tu dizes: aliviemo-lo do seu trabalho. Mas, na minha opinião, o trabalho físico, para ele, é uma necessidade, uma condição da sua existência, tal qual como para ti o trabalho intelectual. Tu, tu não podes deixar de pensar. Eu deito-me às três horas da manhã e tanta coisa me vem

à cabeça que não posso conciliar o sono. Revolvo-me na cama, fico sem dormir até alta madrugada, apenas porque penso, e não posso deixar de pensar, da mesma maneira que ele não pode deixar de lavrar ou de ceifar. Sem isso iria para a taberna e ficaria doente. Assim como eu não poderia suportar o seu tremendo trabalho físico — bastavam oito horas para me matar —, ele não suportaria a minha ociosidade física, tanto engordaria que acabaria por morrer. Em terceiro lugar, que disseste tu, afinal? — André agarrava o seu terceiro dedo — Ah! sim, os hospitais, os medicamentos. Suponhamos que ele tem uma apoplexia. Tu sangra-lo e ele cura-se. Ficaré dez anos entrevado, um tropeço para toda a gente. Seria muito melhor e muito mais simples morrer. Outros virão a este mundo e há sempre gente de sobra. Se ao menos tu lamentasses perder um trabalhador encarando o problema como eu, mas tu queres tratá-lo por amor dele próprio. Ele não precisa disso. E, de resto, que ilusão a tua ao pensares que a medicina já curou alguém! Que tem morto muita gente é um fato! — acrescentou, de sobancelhas carregadas e voltando a cara.

André expunha as suas ideias com tanta clareza e tanta nitidez que se depreendia facilmente não ser a primeira vez que analisava aqueles problemas, e ao falar fazia-o com tanto prazer e tão abundantemente que se via bem não se expandir há muito. Tanto maior era a animação do seu olhar quanto era certo serem pessimistas as conclusões a que chegara.

— Ah! é terrível! é terrível! — disse Pedro. — Não posso compreender que se viva com semelhantes ideias. Sim, confesso que tenha passado por fases semelhantes ainda não há muito tempo, em Moscou e em viagem. Mas nessas alturas sinto-me de tal modo arrasado que é como se deixasse de viver; tudo me é odioso... a começar por mim próprio. Então deixo de comer, deixo de me lavar... E a si, André, que lhe acontece?

— Por que hei de eu desleixar-me? Isso não é próprio. Pelo contrário, acho que devemos procurar tornar a nossa existência o mais agradável possível. Estou vivo, e a culpa não é minha, por isso é bom que continue a viver o melhor que puder, sem incomodar ninguém, até à hora da morte.

— Mas que o leva a ter semelhantes ideias? Está disposto, então, a ficar assim, sem se mexer, sem qualquer iniciativa...

— A vida se encarrega de nunca nos deixar em repouso. Ficaria encantado se nada tivesse que fazer, mas deu-se o caso de a nobreza da região me ter dado a honra de me escolher para seu marechal: só eu sei quanto me custou ver-me livre dessa gente. Não havia meio de perceberem que eu era completamente destituído dos predicados necessários para o desempenho de tal cargo, que me faltava essa espécie de vulgaridade parrana e buliçosa, a qualidade mais apreciada nas pessoas nessa situação. E, ainda por cima, tenho esta casa, que

foi preciso construir para ter umas telhas minhas que me cubram e onde eu possa viver em paz. E agora a milícia.

— E por que é que não voltou para a tropa?

— Depois de Austerlitz? — replicou ele, sorumbático. — Não, graças a Deus! Jurei a mim mesmo não voltar a servir no ativo. E estou disposto a não o fazer. Ainda mesmo que Bonaparte aqui aparecesse, em Smolensko, ameaçando Lissia Gori, eu não voltaria a pegar em armas. Sim, como te dizia — prosseguiu ele, serenando, — agora estão a mobilizar a milícia, meu pai é o comandante-chefe da 3ª região e a única maneira que eu tenho de evitar o regresso ao meu posto é estar ao seu serviço.

— Quer dizer, portanto, que continua a prestar serviço.

— Sim, continuo.

Calou-se por alguns instantes.

— E quais são, em rigor, as suas funções?

— É simples. Meu pai é um dos homens mais notáveis da sua época.

Mas está velho e, embora não possamos dizer que é uma pessoa dura, é fato que tem um caráter muito impetuoso. O hábito em que está de dispor de um poder sem limites torna-o terrível, principalmente agora, que depende, como chefe da milícia, diretamente do imperador. Há uns quinze dias, se eu tenho chegado duas horas mais tarde, tinha mandado enforcar um escriba em Iuknov — acrescentou André com um ligeiro sorriso. — E então presto serviço porque ninguém a não ser eu tem influência sobre meu pai, e será esta a única maneira de evitar que ele cometa qualquer ato de que mais tarde viria a sentir remorsos.

— Então, como vê...

— Sim, mas não é como o senhor pensa! — prosseguiu André. — Não tinha nem tenho qualquer sentido de benemerência para com esse canalha desse escriba, que roubara uns pares de botas aos milicianos. Teria sentido mesmo um grande prazer em vê-lo enforcado, mas tive pena de meu pai, isto é, de mim próprio.

O príncipe André parecia cada vez mais agitado. Os olhos brilhavam-lhe febrilmente no momento em que procurava convencer Pedro de que nos seus atos não existia o mais pequeno desejo de fazer bem ao próximo.

— Com que então, queres dar carta de alforria aos teus camponeses! Ótimo! Mas não vejo que isso seja um bem, quer para ti, pois estou convencido de que nunca açoitaste fosse quem fosse nem nunca mandaste ninguém para a Sibéria, quer muito menos para os teus camponeses. De resto, quando acontece baterem-lhes, açoitam-nos, deportarem-nos para a Sibéria, não creio que venham a sentir-se pior por isso. Na Sibéria continuam a mesma vida animal. E, quanto aos açoites, acabam por se curar das feridas e não ficam por isso mais

infelizes do que anteriormente. Mas aqueles para quem eu julgo necessária a liberdade são os que moralmente estão perdidos, os carregados de remorsos, os que fazem tudo para calar a voz da consciência, os que se endurecem no abuso que cometem do seu direito de punir, justa ou injustamente. Eis os que lamento e no interesse de quem gostaria de ver libertar os servos. Tu, naturalmente, nunca conhecestes qualquer, mas eu tenho tratado com criaturas muito dignas, educadas na tradição do poder sem limites, que, com o correr dos anos, se tornaram irritáveis, se fizeram duras e cruéis; conscientes disso, mas sem se poderem dominar, acumulam assim sobre si próprias desgraças sobre desgraças.

O príncipe André falava com tamanha convicção que Pedro, sem querer, dizia para consigo mesmo que tais reflexões haviam sido sugeridas ao amigo pelo estado moral de seu próprio pai. Não soube que responder-lhe.

— Sim, isto é que me inspira piedade: a dignidade do homem, a tranquilidade da consciência, a pureza da alma comprometida, e não as costas e as cabeças dos outros, pois, quer as açoitem, quer as tosquiem, nem por isso deixam de ser costas e cabeças.⁴¹

— Seja como for, não, nunca serei da sua opinião — concluiu Pedro.

Capítulo XII

À tardinha, o príncipe André e Pedro meteram-se numa caleça e partiram para Lissia Gori. André, que relanceava furtivos olhares a Pedro, de tempos a tempos interrompia o silêncio para dizer qualquer coisa em que se denunciava a sua excelente disposição.

Falava-lhe, apontando para os campos, nos aperfeiçoamentos agronômicos que tinha introduzido na lavoura.

Pedro, macambúzio, limitava-se a responder por monossílabos, parecendo mergulhado nos seus pensamentos.

De si para consigo ia dizendo que o amigo era infeliz, que estava em erro, que ignorava a verdadeira luz e que o seu papel era vir em seu auxílio, iluminá-lo e levantar-lhe o espírito. Mas, assim que se punha a congeminar o que lhe iria dizer e como o diria, compreendia que André, com uma simples palavra e um só argumento, arrasaria a sua argumentação, e tinha medo de principiar, tinha medo de expor a zombarias muito possíveis a arca santa das suas crenças.

— Ora vejamos: que é que o leva a pensar assim — principiou ele, de chofre, de cabeça baixa, como um touro que arremete -, que é que o leva a pensar assim? Não tem o direito de pensar assim.

— De pensar o quê? — interrompe André, surpreso.

— Pensar assim a respeito da vida, do destino do homem. Isso não pode ser. Eu também pensei assim, e quer saber o que me salvou? A franco-maçonaria. Ah! não se ria. Pode crer, a franco-maçonaria. Não é uma seita religiosa, cheia de ritos, como eu julgava, mas a melhor, a única expressão do que há de melhor, do que há de eterno no homem.

E pôs-se a expor-lhe em que consistia a franco-maçonaria e como ele a compreendia. Disse-lhe que era a doutrina cristã emancipada dos estorvos dos governos e das religiões, a doutrina da igualdade, da fraternidade e do amor.

— A nossa santa confraria é a única que possui o verdadeiro sentido da vida — continuou ele -, tudo o mais são fantasias. Creia, meu amigo, fora desta associação só há mentira e falsidade. E eu estou de acordo consigo e pronto a dizer que ao homem honesto e inteligente nada mais lhe resta que acabar por viver como o André vive, com a única preocupação de não incomodar os outros. Mas, se adotar os nossos princípios fundamentais, se entrar na nossa confraria, se se nos entregar, se se deixar dirigir por nós, acabará por sentir, como eu próprio senti, que é um elo desta cadeia enorme e invisível cujo princípio se esconde nos céus.

André ouvia falar Pedro sem dizer palavra, de olhos fixos diante dele. Como o ruído do carro o não deixava ouvir bem, por mais de uma vez lhe pediu que repetisse o que estava a dizer. O fulgor que brilhava nas pupilas de

André e o seu silêncio garantiam a Pedro que as suas palavras não estavam a cair em cesto roto e que ele não pensava interrompê-lo nem zombar do que ele dizia.

Chegaram a um rio cujas águas haviam transbordado e o qual tiveram de atravessar de barco.

O príncipe André, encostado à amurada, contemplava, calado, a massa líquida a que os raios do sol poente arrancavam labaredas.

— Então? Que é que pensa de tudo isto? — perguntou Pedro. — Por que é que não diz alguma coisa?

— Que é que eu penso? Mas estou a ouvir-te. Tudo isso está muito bem — replicou. — Tu dizes-me: entre na nossa confraria e nós lhe mostraremos o fim da vida, o destino do homem e as leis que governam o mundo. Mas quem somos nós? Homens! Como é que vocês sabem tudo isso? Por que será que só eu não vejo o que vocês veem? Vocês veem na terra o domínio do bem e da verdade, mas eu não o vejo.

Pedro interrompeu-o.

— Acredita numa vida futura? — perguntou.

— Numa vida futura? — Mas Pedro não o deixou prosseguir, e, tomando esta interrogação como uma negativa, tanto mais que de longa data sabia do ateísmo do seu amigo, de novo o interrompeu. — Acha que lhe é impossível ver o reino do bem e da verdade sobre a terra. Também eu não acreditava em tal coisa e não é possível admiti-lo se se considerar a nossa vida como o fim de tudo. Sobre a terra, principalmente sobre a terra — dizia ele, apontando para os campos -, não há verdade: tudo é mentira e maldade. Mas no universo, no conjunto do universo é a verdade que reina. Nós somos por um momento filhos da terra, mas eternamente somos filhos do universo. Não sentirei eu, no fundo da minha alma, que sou uma parte deste todo, enorme e harmonioso? Não sentirei eu que nesta imensa e infinita quantidade de seres, através da qual se manifesta a divindade ou a suprema força, o que vem a dar no mesmo, eu sou um fuzil, um degrau da escada dos seres que vai do mais ínfimo ao mais elevado? Se eu vejo, se vejo claramente esta escada que vai da planta até ao homem, porque é que eu hei de partir do princípio de que ela se detém precisamente em mim em vez de alcançar sempre mais longe, cada vez mais longe? Eu sinto em mim que, pela mesma razão de que nada se perde no universo, também eu não posso desaparecer e que continuarei a ser para todo o sempre como sempre tenho sido. Sinto que além de mim e para além de mim há espíritos vivos e que é nesse universo que reside a verdade.

— Sim, é a doutrina de Herder — interveio André. — Mas, meu caro, não é essa doutrina que me convence: a vida e a morte, sim. O que me convence é ver uma criatura a quem queremos muito, a quem muito estamos

presos, para com quem nos sentimos culpados e de que esperamos remir o mal que lhe fizemos — e ao dizer estas palavras a sua voz tremia e desviava a vista — e que de um momento para o outro começa a sofrer, a padecer tremendas dores e deixa de existir... Por quê? É impossível que não haja uma resposta para isto! E eu estou convencido de que há... Eis o que me convence, eis o que me convenceu — concluiu ele.

— Claro, claro — repetiu Pedro. — Mas não é isso precisamente que eu estive a dizer?

— Não. O que eu quero dizer é que não são os raciocínios que me convencem da necessidade duma vida futura, mas este fato apenas: o de irmos pela vida fora de mão dada com um ser humano, e este ser, de repente, desaparecer além, no nada, e então determo-nos diante desse abismo e ficarmos a olhar. E eu, eu olhei...

— E então? Sabe que há um além, que há alguém. Além é a vida futura. Esse alguém é Deus.

O príncipe André permanecia calado. Havia muito já que a carruagem e os respectivos cavalos tinham atingido a outra margem, que estes já estavam de novo atrelados, que o sol já mal se via no horizonte e que a geada do crepúsculo começava a cobrir de estrelas de gelo o lamaçal do atracadouro, e ainda Pedro e André, com grande espanto dos lacaios e dos barqueiros, continuavam no barco entretidos a falar.

— Se Deus existe, se há uma vida futura, a verdade existe, existe a virtude, e a suprema felicidade do homem consiste no esforço para as alcançar. É preciso viver, é preciso amar, é preciso crer — dizia Pedro -, pois não vivemos apenas nesta hora, sobre este pedaço de terra, mas sempre vivemos e eternamente havemos de viver, além, no Todo. — E apontava para o céu.

André continuava apoiado à borda do barco e ouvia Pedro sem deixar de fixar os reflexos vermelhos do sol poente nas águas cada vez mais azuis. Pedro calou-se. A serenidade era completa. Há muito que o barco estava atracado e não se ouvia senão o tênue ondular da superfície líquida batendo de encontro ao fundo da embarcação. A André afigurou-se-lhe que aquele sussurro confirmava o que dizia Pedro: “É a verdade, acredita.”

Soltou um suspiro e envolveu num olhar de criança, luminoso e terno, o rosto de Pedro, muito corado e vitorioso, e como sempre intimidado diante da superioridade do amigo.

— Sim, se ao menos assim fosse! — exclamou. — Vamos, o carro espera-nos. — E, pondo os pés em terra, soergueu os olhos para o céu que Pedro lhe apontara e, pela primeira vez depois de Austerlitz, tornou a ver aquele céu profundo e eterno, o céu que havia contemplado estendido no campo de batalha, e

sentimentos há muito nele adormecidos, melhores sentimentos, despertaram subitamente na sua alma, como numa ressurreição de alegria e juventude. Entregues aos hábitos quotidianos da vida, todas as suas tendências íntimas se haviam desvanecido pouco a pouco, mas, embora não tivesse sabido nutri-las, o certo é que continuava a senti-las vivas dentro de si. Desta sua conversa com Pedro passou a datar uma vida que, se exteriormente parecia a mesma, no seu foro íntimo passara a ser completamente nova.

Capítulo XIII

Era noite quando André e Pedro se apearam diante da entrada principal de Lissia Gori. No momento em que chegavam, André chamou a atenção do amigo, todo sorridente, para a azáfama junto da escada de serviço. Uma velha, toda corcovada, de alforje às costas, e um homenzinho vestido de preto, de grande cabeleira, ao verem aproximar-se a caleça esconderam-se no alpendre. Duas mulheres correram atrás deles e os quatro, depois de haverem lançado um olhar espavorido à carruagem, desapareceram na pequena escada,

— São as almas de Deus da Macha — observou André. — Julgaram que era meu pai que chegava. Eis a única coisa em que ela se lhe não submete: ele deu ordem para Macha correr com estes peregrinos, mas continua a recebê-los.

— E que vêm a ser estas almas de Deus? — inquiriu Pedro.

O príncipe André não teve tempo de lhe responder. Os criados acorriam ao seu encontro. Perguntou-lhes pelo velho príncipe e se o esperavam breve.

Naquele momento ainda estava na cidade, e aguardavam-no de um momento para o outro.

André conduziu o amigo aos seus antigos aposentos, os quais, em casa de seu pai, estavam sempre preparados para o receber, e dirigiu-se ao quarto do filho.

— Vamos ver minha irmã — disse ele quando voltou para o levar consigo. — Ainda a não vi. Está escondida com as suas almas de Deus. É bem feito para ela. Vai ficar envergonhadíssima. Mas ficarás conhecendo essa gente. É curioso, palavra.

— Que vêm a ser estas almas de Deus?

— Já vais ver.

A princesa Maria ficou realmente muito envergonhada, e a cara cobriu-se-lhe de manchas escarlates ao vê-los entrar. No seu quarto confortável, com os seus oratórios de ícones diante dos quais ardiam lamparinas, sentado num divã, ao lado dela, tomando chá, estava um rapazola de nariz aquilino e cabelos compridos, vestido de frade.

Junto deles, numa poltrona, sentava-se uma velha descarnada e rugosa, de expressão cortês e infantil.

— André, por que me não preveniste? — disse ela com uma entoação de censura na voz suave e pondo-se diante dos seus peregrinos, como uma galinha diante dos seus pintainhos.

— Muito prazer em o ver. Estou muito contente por o ver — disse ela para Pedro, enquanto este lhe beijava a mão. Conhecera-o ainda muito

criança, e agora a amizade que ele tinha por André, as suas infelicidades com a mulher, e sobretudo o seu bondoso feitio, a sua simplicidade, dispunham-na muito bem para com ele. Olhando-o com os seus lindos olhos luminosos parecia dizer-lhe: “Gosto muito de si, mas, por amor de Deus, não faça troça dos meus.”

Depois dos primeiros cumprimentos todos se sentaram.

— Ah! Com que então também cá está o Ivanuchka! — exclamou André, sorridente, dirigindo-se ao moço peregrino.

— André! — suplicou a irmã.

— É preciso que saibas que é uma mulher — André esclareceu Pedro.

— André, por amor de Deus! — insistiu Maria.

Via-se perfeitamente que os gracejos de André a propósito dos peregrinos e a baldada intervenção de Maria em seu favor eram hábito corrente entre os dois irmãos.

— Mas, minha boa amiga — prosseguiu André — deveria, pelo contrário, estar-me reconhecida por eu explicar a Pedro a sua intimidade com este jovem.

— Realmente? — disse Pedro, que, com uma expressão curiosa e cheia de seriedade, coisa por que Maria lhe estava particularmente reconhecida, observava, por detrás das lunetas, a figura de Ivanuchka. Este, percebendo que se lhe referiam, olhava para todos com o seu olhar astuto.

Não valia a pena que Maria se mostrasse tão incomodada por causa dos seus. Eles não mostravam o mais pequeno embaraço. A velha, de pálpebras descidas, mas relanceando furtivamente os olhos aos recém-chegados, pousara no pires a chávena de fundo para o ar, pusera de lado o torrão de açúcar já meio roído e quedara-se muito sossegada na sua poltrona, esperando que lhe oferecessem mais chá. Ivanuchka, enquanto bebia, em pequenos goles, pelo pires, a furto ia fitando os dois amigos, com os seus olhos maliciosos, muito femininos.

— Ouve lá, estiveste em Kiev? — perguntou André à velhinha.

— Estive, paizinho — replicou a velha, prolixamente. — Precisamente pela Natividade, tive a dita, junto dos santos padres, de participar nos santos mistérios do céu. E agora vou a Koliazine, paizinho. Houve ali um grande milagre...

— E Ivanuchka vai contigo?

— Não, eu sigo o meu caminho, meu benfeitor — disse Ivanuchka, fazendo o possível por imprimir à voz um registo de baixo. — Foi em Iuknov que eu me encontrei com Pelagueiuchka.

Pelagueiuchka interrompeu a companheira. Morria por contar tudo quanto vira.

— Em Koliazine, paizinho, houve um grande milagre.

— E que foi que aconteceu? Novas relíquias? — perguntou André.

— Por amor de Deus, André — intercedeu Maria. — Pelagueiuchka, não contes nada.

— Que dizes tu, mãezinha, por que é que eu não lhe hei de contar? Eu gosto muito dele. É bom, é enviado de Deus. É meu benfeitor; deu-me dez rublos, lembro-me muito bem. Quando eu estava em Kiev, Kiriuchka falou-me. É um inocente, uma verdadeira alma de Deus. Anda sempre descalço, tanto no verão como no inverno. “Por que é que tu não vais”, disse-me ele, “aonde deves ir? Vai a Koliazine. Houve ali um milagre, a nossa Mãe, a Santíssima Maria Mãe de Deus, manifestou-se.” Ao ouvir estas palavras despedi-me dos santos padres e abalei.

Todos estavam calados. Só a peregrina falava, numa voz pausada, entrecortada de profundas inspirações.

— Quando lá cheguei, paizinho, a gente disse-me: “Um grande milagre aconteceu: os santos óleos escorrem das faces da nossa Mãe, a Santíssima Mãe de Deus”...

— Bem, bem, basta, depois contarás isso — disse a princesa Maria, corando.

— Deixa que eu lhe faça uma pergunta — interveio Pedro. — Viste isso com os teus próprios olhos?

— Pois vi, paizinho, tive essa felicidade. Na cara da santa havia uma claridade tal que parecia uma luz do Céu, e das suas faces aquilo escorria, escorria...

— Mas isso é uma fraude! — exclamou Pedro, ingenuamente, depois de ter prestado muita atenção às palavras da peregrina.

— Ah! paizinho, que estás tu a dizer? — suspirou Pelagueiuchka, aterrorizada, e como se procurasse socorro junto de Maria.

— É assim que se engana o povo — prosseguiu ele.

— Oh! Jesus Cristo. Nosso Senhor! — exclamou de novo a peregrina, benzendo-se. — Oh! não fales assim, paizinho. Havia um “anaral”⁴² que não acreditava e dizia: “É uma artimanha dos frades.” E assim que abriu a boca cegaram-se-lhe os olhos. E então teve um sonho, viu a Nossa Mãe das Criptas, que caminhava para ele e lhe dizia: “Acredita em mim e eu te curarei.” E então ele clamou: “Levem-me, levem-me até junto dela.” E tudo isto é a pura verdade, vi com os meus próprios olhos. Levaram logo dali o cego até ao pé da santa. Aproximou-se, prosternou-se diante dela: “Cura-me e eu te darei”, disse ele, “tudo o que o czar me concedeu.” E eu vi, paizinho, eu vi a sua estrela posta

na imagem. E que julga? Ele ficou a ver. É pecado falar assim. Deus te castigará — disse ela para Pedro num tom severo.

— Realmente a estrela apareceu na imagem? — perguntou Pedro.

— Naturalmente promoveram a Nossa Mãe a general — zombou André, sorrindo.

Pelagueiuchka empalideceu de repente estorcendo os braços de desespero.

— Paizinho, paizinho, que pecado, e tu tens um filho! — exclamou ela, de pálida tornando-se subitamente escarlate. — Paizinho, que estás tu a dizer, que Deus te perdoe! — benzeu-se. Senhor, perdoa-lhe! — Voltou a benzer-se. — Senhor perdoa-lhe! Ah! mãezinha, o que é que... — prosseguiu ela, voltando-se para Maria. Levantou-se e, quase a chorar, pôs-se a preparar o alforje. Via-se claramente estar aterrorizada e também envergonhada de haver aceitado esmolas numa casa onde era possível pronunciarem-se coisas daquelas, ao mesmo tempo que denotava certa pena por dever renunciar a essas mesmas esmolas.

— Que prazer tiveram nisto? — interveio a princesa Maria. — Era bem melhor que não tivessem aparecido aqui...

— Eu estava a brincar, Pelagueiuchka — replicou Pedro. Princesa, palavra que não a quis ofender, disse isto sem querer. Não lighes importância, eu estava a brincar — voltou ele, sorrindo timidamente, e procurando fazer esquecer o que se passara. — E André também, ele também estava a brincar.

Pelagueiuchka, por momentos, pareceu incrédula, mas Pedro tinha uma expressão tão sincera ao confessar-se arrependido e André fitava com tanta doçura ora Pedro ora a peregrina que esta pouco a pouco acabou por se acalmar.

Capítulo XIV

A peregrina, mais serena e entrando de novo na conversa, pôs-se a narrar longas histórias do tio Anfíloke, cuja vida era tão santa que das suas mãos se evolava cheiro a incenso. Depois contou como uns frades seus conhecidos, aquando da sua última viagem a Kiev, lhe haviam dado a chave das criptas e como, só com uma bolacha no estômago, ali passara quarenta e oito horas junto dos santos padres. “Rezava a um deles, lia as minhas orações, ia até ao pé do outro. Dormitava um bocadinho, voltava a tocar nos túmulos e, mãezinha, havia ali tanto sossego, sentia em mim tanta graça que me não apetecia voltar para a luz de Deus.”

Pedro ouvia-a muito atento e com a maior serenidade. O príncipe André saiu, e Maria, deixando as almas de Deus acabar o seu chá, conduziu Pedro até ao salão.

— Muito bom é o Pedro — disse-lhe ela.

— Ah! realmente, eu não tinha a mais pequena intenção de a ofender, compreendo-a perfeitamente e aprecio muito os seus sentimentos.

A princesa Maria olhou para ele e sorriu com suavidade.

— Sim, há muito que o conheço e estimo-o como se fosse meu irmão — disse ela. — Como lhe pareceu o André? — apressou-se ela a perguntar-lhe, sem lhe dar tempo a responder às suas palavras amáveis. — Ando muito preocupada com ele. No inverno passou melhor de saúde, mas na primavera a ferida voltou a abrir e o médico disse-lhe que lhe convinha ir fazer uma cura no estrangeiro. E o seu moral também me atormenta muito. Os homens não são como nós, ele não pode dar largas à sua dor e chorar a sua mágoa. Traz tudo isso lá dentro de si. Hoje está alegre e animado, mas é a sua presença que lhe dá essa boa disposição. Muito raramente o vejo assim. Se fosse capaz de o convencer a ir até ao estrangeiro! Ele precisa de atividade, e esta vida calma e sempre igual acaba com ele. Os outros não dão por isso, mas eu vejo perfeitamente que é assim.

Às dez horas, assim que ouviram os guizos da carruagem do velho príncipe, que chegava, os lacaios precipitaram-se para a escada principal. André e Pedro saíram também ao seu encontro.

— Quem é? — perguntou o velho príncipe, ao apear-se, dando com os olhos em Pedro. — Ah! Muito prazer! Dá cá um beijo! — exclamou, assim que reconheceu o jovem.

Estava de ótima disposição e foi amabilíssimo com Pedro. Antes da ceia, André, de regresso ao gabinete do pai, encontrou os dois em calorosa discussão. Pedro queria provar que ainda chegaríamos a um tempo em que acabariam as guerras.

O príncipe, escarnecendo dele, mas sem se zangar, sustentava o ponto de vista contrário.

— A única maneira de acabarem as guerras é sangrar os homens e poremlhe água no lugar do sangue. Patetices de mulher, patetices de mulher — dizia ele, batendo amigavelmente no ombro de Pedro.

Em seguida aproximou-se da mesa junto da qual estava André, que visivelmente evitava tomar parte na discussão, folheando os papéis que o pai trouxera da cidade. Pôs-se a falar-lhe da milícia.

— O marechal da nobreza, conde de Rostov, não me pôde fornecer os homens que eram precisos. Pois não queres saber? Assim que aí chegou meteu-se-lhe na cabeça oferecer um grande jantar. Eu lhe darei os jantares... Olha, repara nisto... Pois é verdade, meu rapaz — continuou, dirigindo-se ao filho e batendo nas costas de Pedro -, é um belo rapaz o teu amigo. Gosto dele! Dá-me calor. Qualquer outro era capaz de se pôr para aí com discursos muito ajuizados e não tínhamos prazer algum em ouvi-lo. Mas este farta-se de dizer patetices e enche-me de energia, a um velho como eu! Bom, vão, vão! É muito natural que eu também apareça, que vá cear com vocês. Continuaremos a nossa discussão. Espero que gostes da minha pateta, da princesa Maria — gritou ele a Pedro já do limiar da porta.

Somente ali, durante aquela estada em Lissia Gori, é que Pedro pôde apreciar todo o ímpeto e todo o encanto da sua amizade por André. E esse encanto estava não tanto nas suas relações com o amigo, mas ainda mais no trato com os seus parentes e com toda a gente da casa. Tanto em relação ao velho príncipe, assaz rebarbativo, como à doce e tímida Maria, posto mal os conhecesse, foi como se de repente sentisse que sempre os estimara. Aliás toda a gente gostava dele. Maria, seduzida pelas suas maneiras delicadas para com os peregrinos, fitava-o com o mais luminoso dos seus olhares. Até o pequeno Nicolau, o príncipe de um ano, como lhe chamava o avô, tinha risadinhas para Pedro e ia aos seus braços sem chorar. Mikail Ivanovitch e Mademoiselle Bourienne presenteavam-no com os seus sorrisos mais afáveis, enquanto ele conversava com o velho príncipe. Este assistiu à ceia: fazia-o, evidentemente, em honra de Pedro. Durante os dois dias que este passou em Lissia Gori foi extremamente amável para com ele, convidando-o para conversar.

Quando Pedro partiu e toda a família voltou a encontrar-se reunida, cada um deu a sua opinião acerca dele, como é costume sempre que um convidado novo visita uma casa, e, coisa rara, ninguém teve que dizer dele senão bem.

Capítulo XV

Desta feita, pela primeira vez desde que regressara de licença, Rostov percebeu até que ponto era afeiçoado a Denissov e a todo o seu regimento.

Ao chegar experimentou qualquer coisa de semelhante ao que sentira ao aproximar-se da casa da rua Povarskaia. Ao deparar-se-lhe o primeiro húsar de uniforme desabotoado, ao ver o ruivo Dementiev e as parelhas de cavalos baios, ao ouvir Lavruchka gritar jovialmente para o seu amo: “Lá vem o conde!”, ao descobrir Denissov, tal como estava deitado na sua barraca, correndo a abraçá-lo e aos oficiais agrupados à sua volta, Rostov sentiu a mesma impressão que experimentara quando a mãe, o pai e as irmãs o haviam acolhido entre carinhos, e lágrimas de alegria lhe subiram aos olhos, embargando-lhe a voz. O regimento ainda era para ele um lar, uma casa tão querida e agradável como a própria casa paterna.

Depois de apresentado ao comandante do regimento e de empossado, no mesmo esquadrão em que estivera incorporado antes, nas funções do serviço de abastecimento de forragens, ei-lo que, nos mil e um pormenores da vida de caserna, naquele sentir-se privado de liberdade e forçadamente cingido a um quadro estreito e invariável, experimentava a mesma sensação de sossego, de amparo, de estar em sua própria casa, no seu devido lugar, como quando se encontrava sob o teto paterno. Ali nada se pare — cia com aquele tumulto da vida no mundo livre, onde não encontrava o seu lugar, onde não sabia viver, ali já não havia uma Sônia a quem fosse preciso dar ou não explicações. Acabavam-se as alternativas em que era obrigado a decidir se ia ou não a tal ou tal lugar. Não mais aqueles longos dias de vinte e quatro horas que é preciso preencher de maneiras tão diversas; não mais aquela multidão com quem se não tem a mais pequena intimidade e que ao mesmo tempo também nos não é completamente estranha; não mais problemas de dinheiro com o pai, nem sempre muito claros; não mais a lembrança dessa terrível perda ao jogo por causa de Dolokov! Ali, no regimento, tudo era preciso e simples. O universo estava dividido em duas partes desiguais: uma o seu regimento de Pavlogrado, a outra o resto do mundo. E esse “resto do mundo” era-lhe completamente indiferente. No regimento a todos conhecia. Sabia quem era o tenente, quem o capitão, quem era boa pessoa, quem má rês, mas, fosse como fosse, todos eram seus camaradas, e isso é que importava. O cantineiro fiava-lhe; pagar-se-lhe-ia de quatro em quatro meses. Nada a combinar, nenhuma escolha a fazer no regimento de Pavlogrado, mais não havia do que abster-se cada um do que não era acertado, e, se alguém recebia ordem de levar a cabo determinada missão, só uma coisa tinha a fazer: o prescrito e ordenado em termos claros e minuciosos. E tudo batia certo.

Ao retomar os seus hábitos regulares da caserna, Rostov sentia uma alegria e um alívio muito parecidos com aqueles que experimenta um homem fatigado que descansa. Esta vida durante a campanha foi-lhe tanto mais agradável quanto, depois da perda ao jogo, coisa que, não obstante toda a indulgência dos pais, ele a si próprio não podia perdoar, tomara a resolução de fazer o seu serviço, não como antes, mas de molde a apagar a falta que cometera, fazendo-o bem feito, como camarada e oficial modelos, isto é, transformando-se num perfeito cavalheiro, o que lhe parecia mais difícil na alta sociedade do que no regimento. Resolvera igualmente reembolsar os pais, no prazo de cinco anos, da dívida que contraíra por causa do jogo. Recebia uma pensão anual de dez mil rublos. Decidira contentar-se de então para o futuro com dois mil, consagrando o excedente à amortização desse débito.

Depois de múltiplos movimentos de retirada e de marchas avante, após as batalhas de Pultusk e de Preussisch-Eylau, o exército russo concentrara-se em Bartenstein. Aguardava-se a chegada do imperador para se recommençar a campanha.

O regimento de Pavlogrado, que fazia parte daquela fração do exército que participara na campanha de 1805, depois de completar os seus efetivos na Rússia, chegara demasiado tarde para as primeiras operações. Não estivera nem em Pultusk nem em Preussisch-Bylau, e para a segunda parte da campanha, uma vez reunido ao exército em pé de guerra, fora integrado no destacamento de Platov.

Este destacamento operava independentemente do exército.

Por várias vezes os húsares de Pavlogrado haviam tomado parte em escaramuças com o inimigo e feito prisioneiros. De uma das vezes destruíram mesmo as bagagens do marechal Oudinot. No mês de abril tinham estado acantonados algumas semanas numa povoação alemã abandonada e completamente em ruínas, sem nunca de lá saírem.

O degelo principiava. Tudo era lama, fazia frio, os cursos de água descongelavam, os caminhos tornavam-se intransitáveis. Durante alguns dias não houve ração de forragem para as montadas nem rancho para os homens. Como os comboios de abastecimentos se não podiam deslocar, os soldados espalhavam-se pelas aldeias abandonadas e desertas à procura de batatas, que até essas eram cada vez mais raras.

Tudo fora devorado e quase todos os habitantes tinham desaparecido. Os poucos que ficaram viviam mais desgraçados que mendigos. Nada tinham para pilhar, e os soldados, inclusivamente, aliás pouco propensos à piedade, em vez de os privarem do pouco de que dispunham, repartiam com eles as suas migalhas.

Nas operações em que tomara parte, o regimento de Pavlogrado apenas tivera dois feridos, mas depois, mercê da fome e da doença, perdera quase metade dos seus efetivos. Era tão certa a morte nos hospitais que os soldados, consumidos pela febre e cobertos de pústulas, consequência da má alimentação, preferiam continuar nas fileiras, arrastando-se penosamente, a dar baixa por doença.

Com a chegada da primavera descobriram uma planta, parecida com o espargo, à flor da terra, e a que chamaram, não se sabe por quê, “a doce raiz de Maria”. Em busca desta “raiz doce”, em verdade amarga, percorriam os prados e os campos, desenterravam-na com as pontas dos sabres e comiam-na, não obstante haver ordens terminantes para que o não fizessem. Uma doença se disseminou com a primavera, que consistia no inchaço das mãos, dos pés e da cara, e que os médicos atribuíam à ingestão desta raiz. Apesar de todas as ordens em contrário, os soldados do esquadrão de Denissov continuaram a comer a raiz desta planta, pois havia quinze dias já que os últimos biscoitos estavam racionados — cabia apenas meio arrátel a cada homem — e as batatas ultimamente recebidas chegaram geladas.

Havia igualmente quinze dias que as montadas comiam o colmo que cobria as casas: a sua magreza era esquelética e, como ainda não tinham sido tosqueadas, o pelo de inverno formava tufos empastados.

Não obstante todas estas desgraças, tanto soldados como oficiais mantinham a mesma vida. Pálidos, de caras inchadas, cobertos com uniformes em andrajos, os húsares continuavam a comparecer à chamada, a proceder à limpeza das suas montadas e ao polimento do correame: arrancavam o colmo das coberturas das casas para os cavalos, apresentavam-se ao rancho, donde voltavam esfomeados, e acabavam por zombar do mau passadio e da barriga vazia. Continuavam, como sempre, nos ócios do serviço, a atear grandes fogueiras, a aquecer-se ao fogo, a fumar, a andar pelos campos na colheita de batatas para cozer, embora já geladas e fermentadas, a contar histórias ou a ouvir o que se passara nas campanhas de Potemkine ou de Suvorov, ou ainda as aventuras de Aliocha, o espertalhão, ou de Milkolka, o artesão do pope.

Com os oficiais acontecia a mesma coisa, metidos aos dois e aos três em casas sem tetos nem paredes, parte em ruínas. Os oficiais de patente superior tratavam dos abastecimentos de forragem e de batatas e em geral da ração dos homens. Os subalternos, como sempre, jogavam as cartas, pois tinham dinheiro de sobra quando não havia que comer, ou quaisquer outros jogos inocentes, como a svaika ou a bola. Pouco se falava da marcha geral das operações, porque nada de positivo se sabia a tal respeito e porque confusamente se pressentia que as notícias não deviam ser por aí além.

Rostov, como anteriormente, habitava com Denissov, e a amizade entre ambos ainda era maior agora, depois da última licença. Denissov nunca lhe falava da família, mas a carinhosa afeição que o comandante testemunhava ao seu oficial dava a perceber a este que era ao seu desventurado amor por Natacha que devia aquele recrudescimento amistoso. Procurava Denissov expor Rostov o menos que podia a qualquer ação perigosa, fazendo o possível por conservá-lo em segurança, e grande era o seu contentamento sempre que o via regressar são e salvo de qualquer escaramuça. Durante uma dessas missões de reconhecimento o jovem oficial descobrira, numa povoação evacuada e deserta onde fora procurar abastecimentos, um velho polaco, bem como uma filha deste, com um filhinho de peito. Esfarrapados e mortos de fome, não podiam arrastar-se nem tinham meio, fosse qual fosse, que os levasse dali.

Rostov trouxe-os consigo para o acampamento, instalou-os na sua própria cabana, e enquanto o velho se não restabeleceu, isto durante algumas semanas, foi ele quem os sustentou. Um dos seus camaradas, ao falar-se de mulheres, pusera-se a zombar dele, dizendo que Rostov ainda era mais maroto que os marotos e que o que ele tinha a fazer era apresentar aos camaradas a linda polaca a quem salvara a vida. Rostov não gostou da zombaria, cobriu de injúrias o camarada, e só a muito custo Denissov conseguiu evitar que ambos se batessem em duelo. Depois do incidente. Denissov, que também ignorava qual o gênero de relações do amigo com a polaca, pôs-se a censurá-lo pela exaltação que mostrara, e Rostov explicou-lhe:

— Que queres tu?... Para mim é como se fosse minha irmã, e nem sei dizer-te porque me senti ferido... pois a verdade é que... o que ele disse...

Denissov bateu-lhe afetuosamente no ombro e principiou a passear de um lado para o outro sem olhar para ele, costume muito seu quando se sentia comovido.

— Sempre me saíram uns doidos, estes Rostov! — exclamou, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

Capítulo XVI

Em abril, com a notícia da chegada do imperador ao campo de batalha, as tropas reanimaram-se. Rostov não teve a sorte de assistir à parada de Bartenstein em que o soberano passou revista aos corpos de exército: os húsares de Pavlogrado estavam na primeira linha, muito longe daquelas paragens.

Tinham acampado. Denissov e Rostov instalaram-se numa barraca de terra, cavada pelas praças, coberta de ramadas de verdura. Este gênero de abrigos estava então em moda no exército e a sua construção era como segue: cavava-se uma trincheira de cerca de uma archina e meia de largura, duas de profundidade e três e meia de comprimento. Numa das extremidades talhavam-se alguns degraus, que serviam de escada de acesso. A trincheira era o quarto, o qual, para os felizardos, como, por exemplo, o comandante do esquadrão, dispunha, no lado oposto ao da saída, de uma prancha de madeira, assente sobre duas estacas, que fazia de mesa. Nas duas paredes da trincheira, a terra, cavada na extensão de duas archinas, ajeitava-se para camas e divãs. O teto dispunha-se de maneira que na parte central se podia estar de pé: por cima das camas havia mesmo espaço suficiente para um homem se sentar, aproximando-se da mesa. Denissov, muito estimado pelos homens do seu esquadrão, vivia com um certo conforto. Podia orgulhar-se de dispor na frente da sua barraca de uma prancha de madeira com um vidro partido, mas consertado. Quando o frio apertava, vinham colocar-lhe nos degraus da escada, no “salão”, como Denissov costumava dizer, uma lata coberta de brasas que iam buscar às fogueiras do acampamento. Então a temperatura tornava-se tão agradável que os oficiais, sempre numerosos na barraca dos dois amigos, se punham em mangas de camisa.

No mês de abril Rostov estivera de guarda. Tendo regressado ao acampamento certo dia, às oito horas da manhã, depois de uma noite em claro, mandou que lhe trouxessem brasas vivas, pois estava encharcado. Depois de mudar de roupa, fez as suas orações, bebeu o chá, aqueceu-se, arrumou as suas coisas no seu canto e em cima da mesa e estendeu-se de costas, em mangas de camisa, apoiando a cabeça nos braços cruzados na nuca, o rosto todo crestado pelas mordeduras do vento. Pensava na agradável perspectiva de vir a ser promovido por esses dias, em virtude do reconhecimento que ultimamente fizera, e ia aguardando a chegada de Denissov, que estava ausente. Muito desejava dar a língua com ele. Nas traseiras da barraca, entretanto, ressoou a voz furiosa de Denissov, que parecia fora de si. Rostov precipitou-se para a abertura, para ver com quem ralhava ele, e deparou-se-lhe o quartel-mestre Toptcheenko.

— Tinha-te dado ordens para que os não deixasses comer dessas tais raízes de Macha — vociferava Denissov. — Eu bem vi o Lazartchuk, que vinha do campo carregado.

— Eu dei ordens, Alta Nobreza, mas eles não me dão ouvidos — replicava o quartel-mestre.

Rostov voltou a deitar-se e disse para os seus botões: “Ele que se avenha; agora, cá por mim, acabei o meu serviço e estou a dormir, pois claro!” Do sítio em que estava distinguiu ainda, além da voz do quartel-mestre, a de Lavruchka, a esperta e astuciosa ordenança de Denissov. Falava de comboios, de biscoitos e de bois, coisas que ele lobrigara quando fora por mantimentos.

A voz de Denissov, porém, de novo ressoou, afastando-se e gritando: “Selar cavalos! Segundo pelotão!”

“Aonde irão eles?”, perguntava Rostov a si mesmo.

Cinco minutos mais tarde Denissov entrava na barraca, subia para cima da cama com as botas enlameadas, remexia em todas as suas coisas, pegava no chicote e no sabre e saía. Como Rostov lhe perguntasse aonde ia, respondeu, vagamente e colérico, que tinha que fazer.

— Que Deus me julgue e o grande imperador! — exclamou, ao sair, e Rostov ouviu atrás da barraca ferraduras de cavalos patinhando na lama. Não se preocupou mais com o destino do amigo. Bem quente no seu cantinho adormeceu e não voltou a sair senão ao fim da tarde. Denissov ainda não voltara. O tempo limpava. Em volta da barraca vizinha dois oficiais e um junker jogavam à svaika, enterrando, por graça, raízes na lama mole. Rostov associou-se-lhes. No meio do jogo viram aproximar-se umas carroças, atrás das quais quinze húsares trotavam, montados em pilecas. As carroças com a sua escolta aproximaram-se e logo foram rodeadas por uma multidão de húsares.

— E estava o Denissov a lamentar-se — disse Rostov — com os abastecimentos à vista.

— É verdade! — exclamaram os oficiais. — Vamos ter os homens contentes.

Um pouco mais atrás surgiu Denissov na companhia de dois oficiais de infantaria, com quem conversava.

Rostov foi ao seu encontro.

— Devo preveni-lo, capitão — dizia um deles, um oficial pequenino e franzino, que parecia furioso.

— Já lhe disse, não lhe entrego coisa alguma — repontava Denissov.

— É bom que tome nota, capitão, é um ato de violência que pratica apoderando-se dos nossos comboios. Há dois dias que os nossos soldados não comem.

— E os meus há quinze! — respondia Denissov.

— É um ato de pilhagem, compreende, meu caro senhor?! repetia o oficial de infantaria, elevando a voz.

— Que é que os senhores querem? Hem? — gritava Denissov, exaltando-se de chofre. — Pois bem, fique descansado, eu prestarei contas, mas não a si, e deixe-se de me gritar aos ouvidos, ou então a coisa é falada. Destroçar! — acrescentou, dirigindo-se aos oficiais.

— Pois muito bem! — volveu o pequenino oficial, sem se comover e sem ceder. — É um roubo e eu...

— Vá para o diabo que o carregue! Destroçar! E já, se não quer que elas lhe doam. — E Denissov esporeou o cavalo contra ele.

— Está muito bem, está muito bem! — exclamou o oficial de infantaria, em tom ameaçador. E, dando de rédea à sua montada, afastou-se a trote, mal sentado na sela.

— Olhem para aquilo. É tal qual um cachorro em cima de uma estaca! Um autêntico cachorro em cima de uma estaca — gritou-lhe Denissov. Era o maior insulto que um homem de cavalaria podia dirigir a um soldado de infantaria a cavalo. E desatou a rir ao aproximar-se de Rostov.

— Roubei a infantaria, roubei-lhes o comboio à força! — exclamou ele. — Então os nossos homens hão de estourar de fome?

As carroças que caíram nas mãos dos húsares destinavam-se a um regimento de infantaria, mas Denissov, ao saber, por Lavruchka, que o comboio não trazia escolta, tratara de se apoderar dele com os seus homens. Logo foram distribuídos biscoitos à discrição, e até os outros esquadrões receberam a sua parte.

No dia seguinte o comandante do regimento convocou Denissov e disse-lhe, fitando-o através dos dedos afastados: “Aqui tem como eu encaro o caso: nada sei e não mandarei proceder a qualquer inquérito, mas acho que seria melhor apresentar-se no estado-maior e tratar de arranjar as coisas na repartição de abastecimentos, e até, se isso fosse possível, assinar um recibo em que confirmasse ter recebido as provisões. Caso contrário, a remessa será escriturada na conta do regimento de infantaria. Instaurarão um processo, e tudo isto pode vir a acabar mal.”

Denissov, assim que deixou o comandante do regimento, dirigiu-se ao estado-maior na sincera disposição de lhe seguir o conselho. Ao fim da tarde regressou à barraca num estado em que Rostov nunca o vira. Não podia falar, sufocava. Quando o amigo lhe perguntou o que tinha, só lhe ouviu proferir invectivas e ameaças que ninguém podia entender, tão rouca e sem alento era a sua voz.

Alarmado com o estado do amigo, Rostov ajudou-o a despir-se, deu-lhe de beber e mandou chamar o médico.

— Vou ser julgado por pilhagem, percebes? Dá-me de beber. Pois que me julguem, mas hei de lhes dar uma coça, hei de dar uma coça a esses canalhas! E hei de falar com o imperador. Dá-me gelo — gritava ele.

O médico do regimento, depois de o observar, disse ser preciso sangrá-lo. Extraíram-lhe do cabeludo braço uma tigela cheia de sangue negro, e só então ele se viu em estado de contar tudo o que se passara.

— Chego eu — contou ele. — Ora onde é que está o vosso comandante? “É aquele”, disseram-me. “Não poderá esperar?” Tenho que fazer, tive de caminhar trinta verstas, não tenho tempo para esperas. Vai-me anunciar... Ora, pois, ali me aparece o chefe dos bandidos, e mete-se-lhe na cabeça, também a ele, de me pregar moral: “Foi um assalto!” — Não é ladrão — disse-lhe eu — aquele que se apodera de alimentos para matar a fome dos seus soldados, mas o que rouba para encher as algibeiras! “Pelo que vejo, não está disposto a calar-se. Bom. Vai assinar uma declaração no comissário e o caso seguirá o seu curso.” — Chego ao comissariado. Entro. Sentado à mesa... quem vejo eu? Hem! Vê se adivinhas?... Quem é que nos condena a morrer de fome? — gritou, batendo na mesa com a mão que acabara de ser sangrada e com tal violência que a mesa oscilou e os copos embateram uns nos outros. — Telianine! Quê? És tu quem nos condena a morrer de fome? E, zás-pás, ali mesmo nas bochechas! Ah! aquilo não levou muito tempo! Ah! grandecíssimos... A sova que eu lhe dei! Sim, posso-me gabar, pagou-mas todas! — E Denissov mostrava os dentes brancos, por baixo dos bigodes pretos, num riso feroz. — Teria dado cabo dele se o não tivessem levado da minha vista.

— Bom, não grites tanto, tem calma — disse-lhe Rostov. — Lá está o sangue a correr de novo. Quietinho, hem! É preciso arranjar outra vez a ligadura.

Fizeram-lhe de novo o penso e levaram-no para a cama. No dia seguinte acordou sereno e jovial.

Ao meio-dia, porém, o ajudante-de-campo do regimento, apreensivo e triste, apareceu na barraca dos dois amigos e apresentou ao major Denissov, não sem lhe exprimir o seu pesar, um papel oficial, da parte do comandante do regimento, em que se lhe faziam diversas perguntas acerca da aventura da véspera. Comunicou-lhe que o caso ia assumir um aspecto muito grave, que fora nomeada uma comissão de inquérito e que, em face da atual severidade dos regulamentos sobre roubos e indisciplina no exército, aquilo, na melhor das hipóteses, teria por consequência uma baixa de posto.

Do ponto de vista dos queixosos, o caso apresentava-se da seguinte maneira: depois do assalto ao comboio, o major Denissov, sem para isso ter sido convocado, apresentara-se, em estado de embriaguez, no gabinete do intendente-

chefe dos abastecimentos, chamara-lhe bandido, ameaçara bater-lhe, e, como tivesse sido posto na rua, precipitara-se para outra repartição, batera em dois funcionários e provocara uma luxação no braço de um deles.

Perguntando-lhe o amigo o que havia de verdade em tudo aquilo, Denissov respondeu-lhe, rindo, que, efetivamente, um quidam se metera na contenda, mas que toda aquela história não passava de imbecilidade e bagatela, que não tinha medo algum dos juízes e que se aqueles miseráveis se atrevessem a tomá-lo de ponta podiam estar certos de que nunca mais se esqueceriam dele.

Afetava falar com negligência de toda aquela história, mas Rostov conhecia-o o bastante para compreender que, no fundo e apesar de tudo, receava ter de afrontar a justiça e estava seriamente preocupado com uma aventura que por certo lhe iria causar muitos dissabores. Todos os dias chegavam papéis, a que era preciso responder, pedidos de esclarecimentos para o quartel-general, e no primeiro de maio recebeu ordem para entregar o comando do esquadrão ao oficial mais antigo e para se apresentar perante o estado-maior da divisão a fim de prestar declarações sobre o caso de pilhagem de que a comissão de abastecimentos fora vítima. Na véspera, Platov dirigira um reconhecimento com dois regimentos de cossacos e dois esquadrões de húsares. Denissov, como sempre, adiantara-se nas linhas para mostrar a sua coragem. Uma bala disparada pelos franceses veio atingi-lo na barriga da perna. É natural que em qualquer outra ocasião Denissov não tivesse deixado o seu regimento por virtude de um ferimento tão insignificante, mas, nas circunstâncias de momento, aproveitou-se do fato para não comparecer na divisão e deu baixa ao hospital.

Capítulo XVII

Em junho deu-se a batalha de Friedland, em que os húsares de Pavlogrado não tomaram parte e à qual se seguiu um armistício. Rostov sentiu muito a falta do amigo. Desde que ele partira nada mais soubera dele, e, atormentado com as consequências do seu caso e com os resultados do seu ferimento, aproveitou o armistício e pediu licença para visitar Denissov no hospital.

Este estava instalado num povoado prussiano por duas vezes arrasado, uma pelas tropas russas, outra pelas francesas. Precisamente porque se estava no verão, época do ano em que o campo é tão belo, essa aldeola, com os seus telhados desmantelados, os seus muros em ruínas, as suas ruas cheias de lixo, os seus habitantes esfarrapados, os soldados bêbedos ou doentes errando pelas ruas, oferecia um espetáculo particularmente triste.

Uma casa de alvenaria com o pátio atulhado de destroços, as janelas e os vidros quebrados, servia de hospital. Alguns soldados, envoltos em ligaduras, pálidos e inchados, andavam de um lado para outro ou sentavam-se no pátio, ao sol.

Quando Rostov entrou sentiu um cheiro a podridão e a hospital que lhe causou vômitos. Na escada encontrou o médico militar russo, de charuto na boca. Era seguido por um oficial dos serviços de saúde.

— Não posso estar em toda a parte — dizia ele. — Vem esta noite à casa de Makar Aleksieitch, que lá me encontrará.

O oficial dos serviços de saúde perguntou-lhe ainda fosse o que fosse.

— Pois sim, faz o que entenderes! Não é sempre a mesma coisa? — O médico viu Rostov, que subia a escada. — Que deseja Vossa Mercê? disse-lhe ele. — Que pretende? Pelos vistos, como as balas o pouparam, prepara-se para apanhar um tifozinho, não é verdade? Isto aqui, meu velho, é a casa dos pestíferos.

— Que diz? — perguntou Rostov.

— O tifo, meu velho. Quem aqui entra fica condenado à morte. Só nós os dois, Makieev e eu — apontou o oficial dos serviços de saúde -, é que podemos prestar serviço nesta casa. Já lá vão cinco dos nossos colegas. Sempre que chega algum de novo, dentro de oito dias vai desta para a melhor — acrescentou com visível satisfação. — Mandaram-se vir oficiais prussianos, mas os nossos queridos aliados não gostam disto.

Rostov disse-lhe que desejava ver o major de húsares Denissov, ali hospitalizado.

— Não sei, não conheço, meu velho. Imagine, só à minha conta tenho três hospitais, para cima de quatrocentos doentes! Temos de dar graças a Deus que as senhoras piedosas prussianas nos mandem café e gaze, dois arrátéis por mês. Se não fosse isso, estaríamos perdidos. Sim, meu velho — acrescentou a rir -, quatrocentos! E todos os dias me estão a mandar mais. Não é verdade, quatrocentos? Hem!? — perguntou ele, dirigindo-se ao oficial dos serviços de saúde.

Este parecia exausto. Via-se aguardar com impaciência a partida daquele médico tagarela.

— Sim, o major Denissov — repetiu Rostov — que foi ferido em Moloten.

— Parece-me que morreu. Não é verdade, Makieev? — perguntou com indiferença.

Rostov descreveu a figura de Denissov.

— Sim, sim, tinha um assim — voltou o médico em tom prazenteiro. — Mas parece-me que morreu. De resto, vou já verificar nas minhas listas. Tem-nas aí, Makieev?

— As listas estão em casa de Makar Aleksieitch — respondeu o oficial dos serviços de saúde. — Mas vá ver na sala dos oficiais, pode verificar com os seus próprios olhos — acrescentou, dirigindo-se a Rostov.

— É melhor não se meter nisso, meu velho — disse o médico -, pois pode acontecer que já não volte a sair de lá.

Mas Rostov não lhe deu ouvidos e pediu ao oficial dos serviços de saúde que lhe indicasse o caminho.

— Depois, pelo menos, não se queixe — gritou-lhe o médico, já do fundo da escada.

Rostov e o seu guia penetraram num corredor. Naquele recanto obscuro era tão intenso o cheiro a hospital que Rostov tapou o nariz e teve de parar a tomar fôlego antes de prosseguir. À direita abriu-se uma porta e no limiar surgiu um homem magro e amarelento, de muletas, descalço, e apenas com uma camisa em cima do corpo. Apoando-se à ombreira, pôs-se a olhar para os que chegavam com pupilas brilhantes, cheias de inveja.

Rostov relanceou os olhos pela porta e viu que deitados no chão, em cima de palha e de mantas, havia doentes e feridos.

— Posso ver? — perguntou.

— Que quer ver? — disse o oficial dos serviços de saúde.

Mas, precisamente porque este não parecia muito desejoso de entrar, é que Rostov avançou pela sala dos soldados. O cheiro, que não tivera outro remédio senão respirar no corredor, era ali ainda mais intenso. Não era bem a

mesma coisa: era mais acre, e agora via-se ser dali mesmo que provinha. Na comprida sala que o sol brilhante alagava penetrando pelas altas janelas, em duas filas, as cabeças contra a parede, apenas com uma passagem no meio, estiravam-se os feridos e os doentes. A maior parte deles parecia inconsciente e não prestou a mais pequena atenção aos que entravam. Os conscientes soergueram o corpo ou levantaram o rosto magro e amarelo, e todos se puseram a seguir Rostov, sem o perder de vista, ao mesmo tempo numa expectativa de socorro e num sentimento de despeito ou inveja perante alguém em tão perfeito estado de saúde. Rostov avançou até a meio da sala, lançou um olhar, através das portas abertas, para os quartos vizinhos, e dos dois lados se lhe apresentou o mesmo espetáculo. Deteve-se, olhando em volta de si, sem dizer palavra. Estava longe de pensar que se lhe depararia um quadro daqueles. A seus pés, meio atravessado na coxa central, ali mesmo, no soalho, estava prostrado um doente, um cossaco, com certeza, pois rapara os cabelos carateristicamente. Deitado de costas, tinha as pernas estendidas e os braços enormes abertos. A sua cara era vermelho-púrpura, e os seus olhos, absolutamente em alvo, deixavam-lhe ver a córnea completamente branca. Nas pernas e nos braços, nus e também muito vermelhos, os tendões salientes pareciam cordas. Batia com a nuca de encontro ao soalho e numa voz rouca repetia sempre a mesma palavra. Rostov apurou o ouvido e pôde perceber o que ele dizia. “Beber! Beber! Beber!” Procurou com os olhos alguém que deitasse aquele doente no seu lugar e lhe desse de beber.

— Quem diabo é que toma conta aqui destes doentes? — perguntou ao oficial dos serviços de saúde.

Neste momento, de um quarto contíguo saiu um soldado do trem em serviço no hospital que, depois de alguns passos, se perfilou em sentido diante do oficial,

— Deus salve a Vossa Mercê! — gritou, cravando os olhos em Rostov, a quem, evidentemente, tomara pelo diretor do hospital.

— Põe-no na cama e dá-lhe água — disse Rostov, apontando para o cossaco.

— Às ordens de Vossa Mercê — tornou o soldado, condescendente, arregalando os olhos, ainda mais e sempre na posição de sentido, sem se mexer, aliás.

“Ah! sim, aqui nada há a fazer”, disse Rostov de si para consigo, baixando os olhos. E dispunha-se a retirar-se, quando, à direita, sentiu um olhar obstinadamente fito nele. Voltou-se. Quase ao canto, sentado sobre um capote, um velho soldado, de barba branca muito crescida, a cara severa, esquelética e amarela, olhava-o fixamente. O vizinho de um dos lados murmurou-lhe qualquer coisa, acenando para Rostov. Este percebeu que o velho lhe queria fazer um

pedido. Aproximou-se e viu que ele só tinha uma perna; a outra fora-lhe arrancada até um pouco acima do joelho. O vizinho do lado oposto, estendido, imóvel, com a cabeça tombada para trás, a pequena distância do velho, era um soldado moço, pálido de cera, de nariz aquilino, a cara cheia de sardas e os olhos em alvo. Rostov examinou o soldado e estremeceu.

— Mas parece-me que este... — disse para o oficial dos serviços de saúde.

— Já estamos fartos de pedir que o levem, Excelência — gemeu o velho soldado, o queixo a tremer de comoção. — Morreu esta manhã. Somos homens, não somos cães...

— Eu vou tratar disso, vou mandar alguém. Vão já levá-lo, vão já levá-lo — apressou-se a dizer o oficial dos serviços de saúde. — Quando quiser...

— Vamos, vamos — disse Rostov, e também apressadamente, de olhos baixos, e encolhendo-se, como para passar despercebido, saiu varado pelo fogo dos olhares de censura e inveja que o alvejavam.

Capítulo XVIII

De novo no corredor, o oficial dos serviços de saúde encaminhou Rostov para a sala dos oficiais, a qual se compunha de três corpos, cujas portas tinham ficado abertas. Havia várias camas; os oficiais feridos ou doentes estavam uns sentados, outros deitados. Alguns deles, de capote hospitalar, passeavam de um lado para o outro. A primeira pessoa que Rostov encontrou foi um homenzinho magricela e manco, de barrete de algodão e capote, que chupava um cachimbo curto, andando para cá e para lá na sala. Procurava lembrar-se onde o teria visto.

— Tem graça, muito pequeno é o mundo — disse o homenzinho. — Tuchine, sou eu. Tuchine, lembra-se de mim? Aquele que o trouxe lá de diante, de Schöngraben! E, como vê, tiraram-me um pedacinho... — acrescentou, com um suspiro, mostrando a manga vazia do capote. — Anda à procura de Vassili Dmitrievitch Denissov, um camarada que está aqui? — disse ele, adivinhando quem Rostov procurava. — Por aqui, por aqui! — E Tuchine conduziu-o à dependência contígua, onde várias pessoas riam ao mesmo tempo.

“Como é que esta gente pode viver aqui, e ainda por cima com vontade de rir?”, pensou Rostov, ainda de narinas impregnadas daquele cheiro a cadáver que respirara na dependência dos soldados. E os olhares invejosos que o haviam ali dardejado continuavam a persegui-lo. Diante dele estavam sempre os olhos em alvo do moço soldado.

Denissov, a cabeça enterrada na almofada, dormia a sono solto, embora já fosse meio-dia.

— Eh! Rostov? Como vai isso? Como vai isso?! — exclamou ele, acordando, com a voz que tinha no regimento. Rostov, porém, pesaroso, observou que nas suas maneiras desenfadadas, na sua animação habitual, se ocultava um sentimento novo — uma espécie de azedume — que, inclusivamente, se lhe pintava no rosto, lhe transparecia nas palavras e até na entoação da voz.

De pequena importância, o ferimento que recebera ainda não cicatrizara, embora seis semanas tivessem decorrido desde a data em que baixara ao hospital. Estava pálido e tinha o rosto inchado, como todos os demais hospitalizados. Mas não foi isso que mais impressionou Rostov. Impressionou-o sobretudo o amigo não parecer muito satisfeito de o ver e sorrir de modo contrafeito. Nada lhe perguntara sobre o regimento e a marcha geral das operações. E quando o camarada aflorou o assunto, deixou cair a conversa.

Rostov teve até a impressão de que ele mostrava uma certa contrariedade quando se lhe fazia qualquer referência ao regimento e à vida ao ar livre lá de fora, para lá das paredes do hospital. Dir-se-ia fazer tudo para esquecer a sua vida passada e se não preocupar senão com o seu conflito com os

funcionários dos abastecimentos. Como Rostov lhe perguntasse em que pé estavam as coisas, logo ele puxou de um papel, de debaixo da almofada, papel que recebera da comissão de inquérito, e o rascunho da respectiva contestação. Pôs-se a ler-lhe a resposta e nessa altura animou-se um pouco, chamando a atenção de Rostov para as ironias que dirigia aos inimigos. Os seus camaradas de hospital, que faziam círculo à volta de Rostov, alguns vindos de fora, dispersaram a pouco e pouco logo que Denissov principiou a ler esses papéis. Rostov percebeu que todos eles já tinham ouvido vezes sem conta aquela história, que principiava a cheirar-lhes mal. Apenas ficaram a ouvi-lo o vizinho de cama, um corpulento ulano, de cachimbo na boca, taciturno, e o pequenino maneta Tuchine, que abanava a cabeça, reprovador. No meio da leitura o ulano interrompeu-o:

— Na minha opinião — disse ele, dirigindo-se a Rostov -, só uma coisa há a fazer: pedir a clemência do imperador. Ouvi dizer que vão distribuir muitas recompensas e que naturalmente também haverá indultos...

— Quê? Eu pedir clemência ao imperador? — exclamou Denissov num tom a que procurava imprimir o calor e a energia de outrora, mas em que não vibrava senão uma vã irritação. — E por quê? Se eu fosse um salteador pediria clemência, mas a verdade é que estou precisamente a ser perseguido por ter denunciado os ladrões. Pois que me julguem! Não tenho medo de ninguém! Servi o czar e a pátria com honra e não sou ladrão. Arrancarem-me os galões, a mim, e... Escuta, digo-lhes isso claramente. Aqui tens o que eu escrevi: “Se eu fosse um ladrão dos dinheiros públicos...”

— Tudo isso está bem, não há dúvida — interrompeu Tuchine. — Mas não é disso que se trata. Vassili Dmitritch — e prosseguiu, dirigindo-se sempre a Rostov. — Uma pessoa tem de se submeter e Vassili Dmitritch não está disposto. E o que é certo é que o auditor lhe disse que o caso era grave.

— Se é grave, tanto pior! — exclamou Denissov.

— O auditor já lhe redigiu um pedido de clemência — prosseguiu Tuchine. — Agora é preciso assiná-lo para que este senhor o leve consigo. — Apontou para Rostov. — Está bem relacionado no estado-maior. Boa oportunidade.

— Já disse, não me vergarei diante seja de quem for — interrompeu Denissov, retomando a leitura do papel.

Rostov não ousava aconselhar o amigo, embora, intuitivamente, compreendesse que o caminho apontado por Tuchine e os outros era o mais seguro, e que grande satisfação teria se lhe pudesse prestar qualquer serviço. A verdade é que lhe conhecia muitíssimo bem o gênio obstinado e estava a par da sua justíssima revolta.

Quando Denissov terminou a leitura do seu verrinoso arrazoado, que durara para cima de uma hora, Rostov ficou calado e levou o resto da tarde na mais triste das disposições, na companhia dos camaradas de Denissov, outra vez reunidos em volta da cama deste. Contou tudo quanto sabia e por sua vez ouviu o que lhe contaram os doentes. Durante toda a tarde, Denissov manteve-se num taciturno silêncio.

Já de noite, quando se dispunha a partir, Rostov perguntou ao amigo se nada queria lá de fora.

— Quero, espera — disse ele. Lançou um olhar ao grupo dos oficiais, e, retirando de debaixo da almofada todos os seus papéis, dirigiu-se à janela onde tinha o tinteiro e pôs-se a escrever.

— Para grandes males grandes remédios — murmurou, de volta da janela, entregando a Rostov um grande sobrescrito. Era o pedido de clemência endereçado ao imperador e redigido pelo auditor, no qual Denissov, sem a mais leve referência às suas queixas contra o intendente, se limitava a implorar um indulto.

— Transmite isto; está claro que...

Não pôde concluir. No rosto esboçou-se-lhe um sorriso doloroso e forçado.

Capítulo XIX

De regresso ao regimento, e depois de ter posto o comandante ao corrente das circunstâncias em que se encontrava o processo de Denissov, Rostov dirigiu-se a Tilsitt com a carta para o imperador.

A 13 de junho, os imperadores francês e russo haviam-se encontrado nessa cidade. Bóris Drubetskoi tinha pedido à alta personagem a que estava adido que o deixasse fazer parte da comitiva que devia ir a Tilsitt:

— Eu gostava de ver esse grande homem — dissera ele, referindo-se deste modo a Napoleão, a quem sempre chamara, como toda a gente, Bonaparte.

— Está a falar de Bonaparte? — perguntara-lhe, sorrindo, o general.

Bóris relanceou um olhar interrogador ao superior e compreendeu imediatamente tratar-se de um gracejo para o experimentar.

— Meu Príncipe, refiro-me ao imperador Napoleão — replicou ele. O general bateu-lhe amistosamente no ombro.

— Hás de ir longe — comentou, e incluiu-o na comitiva.

Bóris, com mais alguns privilegiados, estava no Niemen no dia da entrevista dos imperadores. Viu as jangadas com os monogramas imperiais, viu Napoleão, na margem oposta, passando diante do cordão da Guarda, viu o rosto pensativo de Alexandre aguardando, em silêncio, na estalagem à beira do rio, a chegada de Napoleão. Viu ainda os dois imperadores nas suas canoas e Napoleão, que fora o primeiro a chegar à jangada, avançando, em passos rápidos, e acolhendo Alexandre de mão estendida. E viu desaparecer os dois no pavilhão. Desde que frequentava as altas esferas, Bóris habituara-se a observar atentamente o que se passava à sua volta e a tomar notas por escrito. Durante a entrevista de Tilsitt teve o cuidado de perguntar os nomes das pessoas que acompanhavam Napoleão. Observou os uniformes que envergavam. Ouviu atentamente o que diziam as altas personalidades. Precisamente no momento em que os imperadores penetravam no pavilhão, viu as horas no relógio e não se esqueceu de fazer o mesmo quando Alexandre saiu. A entrevista durara uma hora e cinquenta e três minutos. Anotou este pormenor nessa mesma noite entre outros que ele pressentia de importância histórica. Como a comitiva do imperador fora pouco numerosa, era da maior importância, para uma pessoa empenhada em subir na sua carreira, ter assistido à entrevista dos dois monarcas, e Bóris, pelo fato de lá ter estado, desde logo percebeu que a sua posição se havia fortemente consolidado. A partir daí não só passou a ser conhecido, como a atrair os olhares, e desde então a sua presença tornou-se familiar. Duas vezes foi encarregado de missões junto do imperador, de sorte que o próprio monarca o conhecia de vista, e os cortesãos, em vez de procurarem evitá-lo, como até aí, puseram-se a considerá-lo como uma nova personagem e grande teria sido a sua surpresa se o não tornassem a ver.

Bóris coabitava com outro ajudante-de-campo, o conde Jilinski. Educado em Paris, este rico polaco gostava doidamente dos franceses e quase todos os dias, enquanto se conservaram em Tilsitt, oficiais da Guarda e do grande estado-maior francês se reuniam para jantar e almoçar com Jilinski e Bóris.

No dia 24 de junho, o conde Jilinski ofereceu uma ceia aos seus amigos franceses. Entre eles encontrava-se certo convidado de grande categoria, um ajudante-de-campo de Napoleão, vários oficiais franceses da Guarda e um jovem, de uma velha e aristocrática família, pagem do imperador. Nesse mesmo dia, Rostov, aproveitando a obscuridade, para não ser reconhecido, chegara a Tilsitt à paisana e dirigira-se à casa de Jilinski e de Bóris.

Tanto Rostov como o exército donde provinha estavam longe de ter mudado de sentimentos para com Napoleão e os seus súditos, os quais, até ali inimigos, tinham passado a ser amigos. Esta reviravolta só se havia verificado, porém, no quartel-general de que Bóris fazia parte. No exército toda a gente continuava a sentir pelos franceses, como até aí, um misto de cólera, de desdém e de terror. Ainda ultimamente, Rostov, tendo-se exaltado no decurso de uma discussão com um oficial dos cossacos de Platov, sustentara que se Napoleão viesse a ser capturado o tratariam como criminoso e não como imperador. E dias atrás, em presença de um coronel francês ferido, tanto se exasperara que dissera não poder falar-se em paz entre um imperador legítimo e um bandoleiro da espécie de Bonaparte. Eis por que fora grande o seu espanto ao depararem-se-lhe em casa de Bóris oficiais franceses e esses mesmos uniformes que ele estava habituado a ver, em circunstâncias muito diferentes, nos postos avançados. Assim que dera com um oficial francês à porta de Bóris apossara-se dele esse sentimento bélico, esse ódio ao inimigo perfeitamente naturais num soldado. Detendo-se no limiar da porta, perguntou, em russo, se era de fato ali que habitava Drubetskoi. Bóris, ao ouvir uma voz estranha no vestíbulo, saiu a informar-se de quem era. Assim que percebeu tratar-se de Rostov, não pôde ocultar uma certa contrariedade.

— Ah, és tu! Que grande prazer, que grande prazer em ver-te! — disse, no entanto, ao mesmo tempo que, sorrindo, caminhava para ele. Mas a Rostov não escapara a primeira reação de Bóris.

— Não chego em boa hora, segundo creio. E realmente não teria vindo se não tivesse aqui que fazer — articulou friamente.

— Estou apenas admirado que tenhas podido deixar o teu regimento. — Um momento, volto já — respondeu a uma voz que o chamava.

— Vejo perfeitamente que não cheguei em boa hora — repetiu Rostov.

A expressão contrariada de Bóris tinha-se desvanecido. Era de crer que, depois de refletir, houvesse tomado uma atitude, e, com a maior tranquilidade deste mundo, pegou-lhe nas duas mãos e levou-o para uma dependência contígua. Bóris fitava Rostov com serenidade e firmeza. Dir-se-ia ter posto diante dos olhos qualquer coisa como as lunetas azuis peculiares a quem sabe viver. Pelo menos foi isso que Rostov pensou.

— Então, que ideia é essa? Como é que podes pensar que serias importuno?! — exclamou.

Conduziu-o à sala onde estava posta a mesa para a ceia, apresentou-o aos seus convidados, dizendo-lhes o nome e explicando não se tratar de um paisano, mas de um oficial de húsares seu velho amigo.

— O conde Jilinski, o conde N. N., o capitão S. S. — acrescentou, ao apresentar os seus convidados. Rostov lançou um olhar insulso aos franceses, saudou-os com rígido aprumo e remeteu-se ao silêncio.

Jilinski não pareceu acolher com grande satisfação no seu meio este russo desconhecido e não lhe dirigiu a palavra. Bóris fingia não perceber o constrangimento que sobreviera e fazia o possível por animar a conversa, mantendo a mesma serenidade e a mesma amabilidade mundana que mostrara ao receber Rostov. Um dos franceses, com a proverbial cortesia da sua raça, dirigiu a palavra a Rostov, sempre calado, e perguntou-lhe se não viera de propósito a Tilsitt para ver o imperador.

— Não, vim tratar de outro assunto — respondeu secamente o oficial russo.

Rostov ficara mal disposto desde que vira a expressão contrariada que aflorara ao rosto de Bóris e, como sempre acontece às pessoas em tal estado de espírito, desde logo se lhe afigurou que toda a gente lhe era hostil e que estava ali a servir de estorvo. E efetivamente assim era: todos se sentiam constrangidos, e só ele não tomava parte na conversa geral que desde logo se travara.

“Que diabo vem este aqui fazer?”, pareciam dizer-lhe todos os olhos fitos nele. Levantou-se e aproximou-se de Bóris.

— Vejo muito bem que te estou a incomodar — disse-lhe, em voz baixa. — Permite que te fale no que aqui me traz, e ir-me-ei imediatamente embora.

— De maneira alguma — replicou Bóris. — Aliás, se te sentes fatigado, vamos até ao meu quarto e descansarás um pouco.

— Como tu quiseres...

Penetraram no pequeno quarto onde Bóris dormia. Rostov, sem mesmo se sentar, pôs-se imediatamente a contar-lhe o que o trazia ali, num tom irritado, como se Bóris o tivesse contrariado em qualquer coisa, perguntando-lhe

se ele, por intermédio do general de quem era ajudante-de-campo, queria ou podia interceder por Denissov junto do imperador, informando-se, inclusivamente, por quem seria mais conveniente transmitir-lhe a carta. Rostov, só depois de a sós com Bóris, se deu conta, pela primeira vez, de que não estava à vontade diante do amigo de infância. Este, sentado, de pernas cruzadas, e esfregando as mãos uma na outra, ouvia Rostov como um general costuma ouvir a exposição de um subordinado. Ora o olhava de lado ora de frente, mas sempre com o mesmo ar de quem sabe viver que momentos antes lhe mostrara. E o certo é que de cada vez que Rostov sentia esse olhar pousado nele, embaraçado, baixava a vista.

— Já ouvi falar de histórias desse gênero e estou informado de que o imperador é muito severo em casos destes. Em minha opinião, acho que não se deve pensar em apelar para Sua Majestade. Sou de parecer que seria melhor recorrer diretamente para o comandante do corpo... Creio, de resto...

— Se não estás disposto a fazer qualquer coisa, é melhor que o digas desde já! — gritou Rostov, num tom irritado, sem olhar para o interlocutor.

— Pelo contrário, farei tudo que estiver nas minhas mãos; simplesmente sou de opinião de que...

No mesmo instante ouviu-se à porta a voz de Jilinski chamando Bóris.

— Bom, vai-te embora, vai-te embora... — disse Rostov, que, recusando-se a tomar parte na ceia, ficou só na pequenina dependência e se pôs a passear de um lado para o outro, enquanto na sala vizinha se ouvia o estrépito jovial de vozes que falavam francês.

Capítulo XX

Rostov chegara a Tilsitt num dia muito mal escolhido para intervir a favor de Denissov. Como estava de fraque e deixara o regimento sem a devida autorização, nem ele próprio podia pensar em procurar o general. Quanto a Bóris, mesmo que quisesse, era-lhe impossível fazer fosse o que fosse no dia seguinte ao da chegada de Rostov. Nesse dia, 27 de junho, deviam assinar-se os preliminares da paz. Os imperadores tinham trocado entre si as respectivas condecorações. Alexandre fora galardoado com a Legião de Honra e Napoleão com a grã-cruz de Santo André, e nesse mesmo dia estava aprazado um banquete oferecido pela Guarda francesa ao batalhão de Preobrajenski. Deviam estar presentes os dois imperadores.

Rostov, tão irritado e contrariado estava com Bóris que, quando este o veio procurar depois da ceia, fingiu dormir e na manhã seguinte, ainda de madrugada, levantou-se e partiu, evitando encontrá-lo. De fraque e chapéu de coco, pôs-se a vaguear pela cidade, observando os franceses e os seus uniformes, inspecionando as ruas e as casas onde se tinham instalado os dois imperadores. Viu as mesas postas e os preparativos do banquete em plena praça. As ruas estavam engalanadas de colgaduras e bandeiras russas e francesas com enormes monogramas: A e N. Nas janelas também havia bandeiras com os mesmos monogramas.

“Já que Bóris nada está disposto a fazer por mim, não voltarei a dirigir-me a ele. Decidido de uma vez para sempre”, dizia Rostov com os seus botões. “Tudo acabou entre nós, mas não me irei embora daqui sem tudo ter tentado para salvar Denissov, sobretudo sem ter feito chegar a carta às mãos do imperador... O imperador?... E o imperador ali!?” E, sem dar por isso, ia-se aproximando da residência imperial.

À porta estavam parados cavalos de sela, e a comitiva ia montando, naturalmente para acompanhar o imperador,

“De um momento para o outro tenho-o diante dos olhos”, dizia Rostov de si para consigo. “Desde que eu possa entregar-lhe diretamente o apelo, desde que eu tenha tempo de lhe explicar tudo... Serão eles capazes de me prender por eu estar à paisana? Não. Não é possível. O imperador há de saber compreender de que lado está a justiça. Compreende tudo, sabe tudo. Quem haverá aí mais equitativo e mais magnânimo do que ele? E, de resto, mesmo que me prendessem por eu estar aqui, que mal havia nisso?...” Rostov assim pensava enquanto seguia com os olhos um oficial que entrava na residência do imperador. “Ah! Estou a ver. Então as pessoas podem entrar... Que estupidez! Eu me encarregarei então de lhe entregar a carta em mão própria. Tanto pior para o Drubetskoi, que me obriga a dar este passo.” E, de súbito, numa decisão de que

ele próprio se não julgava capaz, tateando o papel na algibeira, avançou direito à porta da residência imperial.

“Desta vez não vou perder a oportunidade, como depois de Austerlitz”, dizia de si para consigo, esperando ver-se, de um momento para o outro, diante do imperador. E só o pensar em tal trazia-lhe o sangue todo ao coração. “Deixar-me-ei cair a seus pés, implorar-lhe-ei. Ele há de ajudar-me a levantar do chão, ouvir-me-á, agradecer-me-á. Sinto-me sempre feliz quando posso fazer bem, mas não há maior felicidade para mim do que reparar uma injustiça.” Eram estas as palavras que, em sua opinião, o imperador lhe dirigiria. E ei-lo que avança, ante os olhares curiosos dos presentes, pela escadaria da residência.

Depois da escadaria de acesso, outra grande escada conduzia diretamente ao andar nobre. À direita havia uma porta, que estava fechada. Ao fundo da escada, outra porta abria para o rés-do-chão.

— Quem procura? — perguntou alguém.

— Quero entregar uma carta, um apelo a Sua Majestade — respondeu Nicolau em voz trêmula.

— Um apelo? Ao oficial de serviço. Por aqui, se faz favor. — Indicaram-lhe a porta ao fundo da escada. — O pior é que ele o não recebe.

Ao ouvir esta voz indiferente, Rostov foi tomado de pavor. A ideia de vir a encontrar-se subitamente na presença do monarca era-lhe ao mesmo tempo tão fascinante e tão temerosa que só desejou desaparecer, mas o furriel que o tinha recebido abriu-lhe a porta do oficial de serviço e não teve remédio senão entrar.

No meio da dependência, de pé, estava um homenzinho cheio, dos seus trinta anos de idade, de calças brancas e botas de canhão, que naquele mesmo momento acabava de enfiar uma camisa de fina cambraia. De costas, o criado abotoava-lhe os suspensórios novinhos em folha, todos bordados a seda, que logo saltaram à vista de Rostov. Entretanto, ia conversando com alguém que devia estar no quarto pegado.

— Bem feita, e de uma beleza diabólica — dizia ele, mas, lobrigando Rostov, calou-se e franziu o sobrolho.

— Que deseja? Um apelo?...

— Que é? — perguntaram do outro quarto.

— Mais um peticionário — replicou o homem dos suspensórios.

— Diga-lhe que volte outro dia. Ele vai sair, tem de montar a cavalo.

— Outro dia, outro dia, amanhã. É muito tarde...

Rostov deu meia volta e dispôs-se a partir, mas o indivíduo dos suspensórios deteve-o.

— Da parte de quem? E o senhor quem é?

— Da parte do maior Denissov — respondeu Rostov.

— E o senhor, quem é o senhor? Oficial?

— Tenente conde Rostov.

— Que audácia, hem! Transmita pelas vias competentes. E o senhor desapareça, desapareça sem perda de tempo... — Dizendo o que enfiou o uniforme que o criado de quarto lhe estendia.

Rostov saiu para o vestíbulo e viu na escadaria da entrada muitos oficiais e alguns generais, em grupo, todos de grande uniforme, através dos quais forçosamente tinha de abrir caminho.

Amaldiçoando a audácia que tivera, tomado de grande pânico ao lembrar-se de que de um momento para o outro podia vir a achar-se diante do próprio imperador, vergonha que o levaria à cadeia, e só agora medindo a imprudência do seu comportamento, que muito sinceramente lamentava, ia-se esgueirando, de cabeça baixa, daquela casa à porta da qual estacionava tão brilhante comitiva, quando ouviu uma voz conhecida pronunciar-lhe o nome e sentiu uma mão que o detinha.

— Eh! meu rapaz, que anda por aqui a fazer, e ainda por cima de fraque? — perguntou-lhe uma voz de baixo.

Era um general de cavalaria que durante a campanha soubera conquistar as boas graças do imperador e em tempo fora comandante da divisão a que Rostov pertencia.

Assustado, Rostov procurou, de princípio, justificar-se, mas, ao ver a expressão de zombadora bonomia que se pintava no rosto do general, chamou-o de parte e numa voz comovida expôs-lhe toda a história de Denissov, pedindo-lhe que intercedesse a favor do seu amigo, que ele tão bem conhecia. O general, depois de o ter ouvido, abanou a cabeça, preocupado.

— É triste, é triste a situação desse bravo. Deixa ver o apelo. — Ainda Rostov não tinha acabado a sua narrativa e entregado a carta quando na escada ressoou um precipitado retinir de esporas. O general, afastando-se dele, aproximou-se da escadaria. Eram os membros da comitiva que desciam para montar a cavalo. O escudeiro Eneux, aquele mesmo que estivera em Austerlitz, aproximou-se com o cavalo do imperador, enquanto na escada se ouvia um ligeiro ranger de botas, que Rostov imediatamente compreendeu de quem era. Esquecendo por completo o perigo que corria, precipitou-se, com outros civis curiosos, para o parapeito da escadaria, e, como dois anos antes, tornou a ver aqueles mesmos traços adorados, aquele rosto, aquele olhar, aquele porte, aquele mesmo misto de doçura e majestade... E a sua alma de novo se sentiu repassada, mais ainda do que da última vez, de entusiasmo e amor pelo seu monarca. O

imperador, com o uniforme do Preobrajenski, de calções de pele branca e botas de cano, no peito uma condecoração que Rostov nunca vira — a Legião de Honra -, surgiu no alto da escadaria, de chapéu debaixo do braço, calçando as luvas. Deteve-se, olhou em torno de si e tudo pareceu iluminado pela cintilação do seu olhar. Disse qualquer coisa a um dos seus generais. Reconheceu igualmente o comandante da divisão de Rostov, sorriu-lhe e chamou-o para junto de si.

Toda a comitiva se afastou, e Rostov viu que o general dirigia ao imperador um discurso assaz longo. Este respondeu-lhe qualquer coisa e deu um passo para o cavalo que o aguardava. De novo as personalidades da comitiva e o público, de que Rostov fazia parte, voltaram a aproximar-se. Parado junto do cavalo, com a mão na sela, o imperador disse, em voz alta, ao general de cavalaria, evidentemente na intenção de que todos o ouvissem:

— Não posso, general, e não posso porque a lei está acima de mim — e assentou o pé no estribo.

O general inclinou-se respeitosamente. O imperador montou a cavalo e despediu a galope. Rostov, arrebatado pelo entusiasmo, precipitou-se, com a multidão, atrás dele.

Capítulo XXI

Na praça para onde se dirigia o imperador se alinhavam, à direita, um batalhão do regimento de Preobajenski, à esquerda, outro, da Guarda, com as suas barretinas de pele de urso.

Enquanto o imperador cavalgava por um dos flancos dos batalhões, que apresentavam armas, pelo outro galopava um idêntico grupo de cavaleiros, à frente dos quais Rostov julgou ver Napoleão. Não podia ser outra pessoa. Galopava, com o seu pequeno bicórnio na cabeça, a grã-cruz de Santo André ao pescoço, o uniforme azul desabotoado, deixando ver o colete branco, no seu puro-sangue árabe, cinzento, coberto por uma gualdrapa bordada a ouro. Ao chegar ao pé de Alexandre soergueu o bicórnio e Rostov, num golpe de vista de cavaleiro experimentado, logo percebeu por esse gesto que Napoleão não era um bom selim. Os batalhões gritavam: “Hurra!” e “Viva o imperador”. Napoleão disse qualquer coisa a Alexandre. Desmontaram e apertaram as mãos. Bonaparte tinha um sorriso falso e forçado. Alexandre pronunciou algumas palavras muito cortesias,

Sem perder de vista os dois imperadores, não obstante o tropear das montadas dos gendarmes franceses, que mantinham a multidão a distância, Rostov seguia-lhes todos os movimentos. O que mais o impressionou, pois o não esperava, foi ver Alexandre tratar Bonaparte de igual para igual e verificar o à-vontade deste na presença do czar da Rússia, como se essa familiaridade lhe fosse tão íntima como habitual.

Alexandre e Napoleão, seguidos do longo cortejo da sua comitiva, aproximaram-se do flanco direito do batalhão do regimento de Preobrajenski, caminhando de frente para a multidão que estava desse lado. O público tão perto se viu subitamente do imperador que Rostov, na primeira fila de povo, teve medo de ser reconhecido.

— Sire, peço licença para conferir a Legião de Honra ao mais valente dos seus soldados — disse uma voz cortante e clara, destacando cada sílaba.

Era o miúdo Bonaparte quem falava, fitando Alexandre nos olhos. Este prestou grande atenção às suas palavras e, aprovando com um movimento de cabeça, sorriu, numa expressão amável.

— Àquele que mais galhardamente se bateu nesta última guerra — acrescentou Napoleão, martelando palavra por palavra e percorrendo com os olhos, numa serenidade e numa segurança que revoltaram Rostov, as fileiras dos russos que, diante dele, numa atitude militar, se mantinham em sentido, fixando os olhos no seu imperador, sem um movimento.

— Consente Vossa Majestade que eu peça a opinião do coronel? — disse Alexandre, e deu alguns passos precipitados para o príncipe Kozlovski, comandante do batalhão.

Bonaparte, entretanto, descalçava de uma das suas mãos brancas uma luva que se rasgou e ele deitou fora. Um ajudante-de-campo precipitou-se a apanhá-la.

— Quem escolheremos? — perguntou Alexandre, em russo, e em voz baixa, ao príncipe Kozlovski.

— Quem Vossa Majestade haja por bem ordenar.

O imperador franziu ligeiramente as sobrancelhas e disse, circunvagando a vista:

— Mas temos de lhe responder seja o que for.

Kozlovski, tomando uma decisão, percorreu as fileiras com os olhos, e Rostov sentiu-se abrangido por esse olhar.

“Serei eu, porventura?”, disse de si para consigo.

— Lazarev! — gritou o coronel, num tom severo, e Lazarev, o primeiro soldado da fileira, galhardamente, avançou na forma.

— Aonde vais? Deixa-te estar aqui! — murmuravam algumas vozes àquele homem, que não sabia para onde ir. Lazarev estacou, olhando de viés, receoso, para o seu coronel. Movimentos nervosos faziam-lhe estremecer as linhas do rosto, como costuma acontecer aos soldados chamados nas fileiras.

Napoleão voltou a cabeça imperceptivelmente e fez um gesto com a sua pequena mão rechonchuda como se fosse pegar em qualquer coisa. Os membros da comitiva, adivinhando imediatamente de que se tratava, agitaram-se, segredaram entre si fosse o que fosse, fizeram circular ordens, e um pagem, o mesmo que Rostov vira na véspera em casa de Bóris, correu, e, inclinando-se respeitosamente para a mão estendida, e sem delongas, depôs nela uma condecoração com uma fita vermelha. Napoleão, sem olhar, apertou-a entre dois dedos. Avançou para Lazarev, o qual, de olhos arregalados, obstinadamente, continuava a não ver senão o seu imperador, e relanceou a vista ao czar Alexandre como a mostrar-lhe que o que naquele momento estava a fazer era por ele e não pelo seu aliado. A pequena mão branca que sustinha a cruz aflorou os botões do uniforme do soldado Lazarev. Dir-se-ia que Napoleão sabia que para fazer perpetuamente feliz aquele soldado, para que ele se tornasse alvo de recompensas e de atenções de toda a gente, era quanto bastava a sua mão dignar-se tocar-lhe na arca do peito. Napoleão limitou-se a aproximar a cruz do arcabouço de Lazarev e, retirando a mão, voltou-se para Alexandre, como se estivesse ciente de que a cruz lá ficaria dependurada. E a verdade é que ficou.

Mãos solícitas, tanto de russos como de franceses, apanharam-na instantaneamente e fixaram-na no uniforme. Lazarev fitou, taciturno, o homenzinho das mãos brancas que sobre ele fizera certos gestos, e continuando, imóvel, a apresentar armas, pôs-se a olhar para Alexandre, firme nos olhos, como a perguntar-lhe se devia continuar ali, se devia afastar-se ou, talvez, fazer qualquer outra coisa. Mas, como lhe não davam qualquer ordem, assim ficou, imóvel, por muito tempo.

Os imperadores montaram, de novo, nos seus cavalos e afastaram-se. Os soldados do regimento Preobrajenski debandaram, misturando-se aos da Guarda, depois foram sentar-se às mesas do banquete preparado para eles.

Lazarev ocupou o lugar de honra. Oficiais russos e franceses abraçavam-no, felicitavam-no, apertavam-lhe as mãos. Muito povo e grande número de oficiais se aproximaram para o ver de perto. Ia um burburinho de risos e conversas, em russo e em francês, por toda a praça, em volta das mesas. Dois oficiais, de rosto iluminado, alegres e contentes, passaram ao pé de Rostov.

— Ora aí tens, amigo, um mimo! Até nos servem em tachos de prata — disse um deles. — Viste o Lazarev?

— Vi.

— Segundo ouvi dizer, amanhã os do Preobrajenski vão dedicar-lhe uma festa,

— Imagina! Que sorte que teve aquele Lazarev! Uma pensão de doze mil francos por ano, hem!

— Eh! Isto é que é uma barretina, rapazes! — exclamou um soldado, enterrando na cabeça a barretina de pelo de urso de um camarada francês.

— Soberbo! Magnífico!

— Sabes qual é o santo e a senha? — disse um oficial do Preobrajenski ao camarada. — Antes de ontem era: Napoleão. França, bravura. Ontem: Alexandre. Rússia, grandeza. Hoje é o imperador que os dá; amanhã Napoleão. O imperador vai dar amanhã a cruz de S. Jorge ao mais valente dos soldados da Guarda francesa. Não pode deixar de ser. Tem de pagar-lhe na mesma moeda.

Bóris, com o amigo Jilinski, veio também fazer uma visita ao local do banquete aos soldados do Preobrajenski. Ao voltar-se, descobriu Rostov parado no recanto de uma casa.

— Eh! Rostov, viva! Mal nos chegamos a ver — disse-lhe ele, e não pôde deixar de perguntar-lhe o que tinha ele, tão sombria e perturbada lhe viu a expressão.

— Nada, absolutamente nada — replicou Rostov.

— Passas lá por casa?

— Naturalmente, sem falta.

Ficou muito tempo, de pé, no seu recanto, olhando de longe os convivas. Operava-se nele um doloroso trabalho que não conseguia levar a bom fim. Dúvidas terríveis lhe invadiam o espírito. Recordava-se de Denissov e da mudança que nele se dera, da sua inesperada submissão, e do hospital, com os seus amputados de braços ou de pernas, da sua imundície, dos seus doentes. Tão viva fora a impressão que tudo aquilo lhe produzira que continuava a sentir nas narinas o cheiro cadavérico do hospital, e chegava a voltar-se para ver donde é que lhe viria tamanha pestilência. Diante dos seus olhos representavam-se-lhe Bonaparte, bem disposto, e a sua mão branca, esse homem agora nada mais nada menos que imperador e a quem Alexandre cumulava de afeição e respeito. Mas então por que aquelas pernas e aqueles braços mutilados, por que aqueles mortos? E vinha-lhe à memória Lazarev, condecorado, e Denissov, castigado, sem esperança de perdão. Tão estranhos eram os pensamentos que o assaltavam que teve medo.

De um lado os aromas que se evolavam das mesas do banquete, de outro a fome que o devorava arrancaram-no àquela perplexidade. Não tinha remédio senão comer alguma coisa antes de meter-se a caminho. Encaminhou-se para o hotel que vira nessa manhã. Transbordava de gente. Eram muitos os oficiais à paisana como ele; dificilmente conseguiu que o servissem. Dois camaradas da mesma divisão a que ele pertencia vieram juntar-se-lhe. A conversa que se entabulou veio abordar naturalmente o tema da paz. Estes oficiais, como quase todos os seus camaradas em armas, mostravam-se descontentes com a paz depois de Friedland. Eram de opinião de que se tivessem resistido mais tempo Napoleão estaria perdido, pois as tropas francesas já não tinham nem biscoitos nem munições. Nicolau comia sem dizer palavra, e ainda bebia mais do que comia. Só à sua conta emborcou duas garrafas. As preocupações que o trabalhavam interiormente, sem que ele lhes visse solução, não deixavam de o atormentar. Tinha medo de se lhes abandonar, sem, de resto, lhes poder fugir. De súbito, ao ouvir a um dos oficiais que era uma humilhação aquele encontro com os franceses, pôs-se aos gritos, com uma veemência que nada parecia justificar e que muito surpreendeu os camaradas presentes. Estava muito corado.

— Com que autoridade é que se atrevem a julgar o que está feito? Como se atrevem a julgar os atos do imperador?! Não está ao nosso alcance compreender nem as suas intenções nem os seus atos!

— Mas eu não mencionei o imperador — protestou o oficial, não sem deixar de atribuir à embriaguez aquela súbita diatribe. Rostov, porém, não se calava:

— Nós não somos diplomatas, somos soldados, e nada mais do que isso — prosseguiu. — Mandam-nos dar a vida, e não temos outra coisa a fazer senão dar a nossa vida. Se nos castigarem é porque somos culpados. Não nos compete julgar. Se apraz ao nosso monarca reconhecer Bonaparte como imperador e se entende que deve estabelecer com ele uma aliança, isso mesmo é que é necessário. Se nos puséssemos a julgar e a discutir tudo, nada seria sagrado. Podíamos dizer que Deus não existe, que nada existe! — Enquanto falava, Nicolau batia com o punho fechado em cima da mesa, e por mais intempestivos que os seus discursos se apresentassem aos seus interlocutores, o certo é que obedeciam exatamente ao curso dos pensamentos que o atormentavam. — A nossa obrigação é cumprir o nosso dever, bater-mo-nos, não pensar, e é tudo — concluiu.

— E beber também! — exclamou um dos oficiais, pouco disposto a discussões.

— Isso mesmo, e beber — confirmou Nicolau. — Eh, tu, tu aí, venha de lá mais uma garrafa — clamou.

Sexta Parte

Capítulo I

Em 1808, o imperador Alexandre dirigiu-se a Erfurth para de novo se encontrar com Napoleão, e na alta sociedade de Petersburgo muito se falou dos esplendores dessa entrevista solene.

Em 1809, as relações entre os dois “soberanos do mundo”, como então se lhes chamava, haviam-se tornado tão íntimas que quando, nesse ano, o imperador francês declarou guerra à Áustria, um corpo de exército russo atravessou a fronteira a fim de cooperar com o seu ex-inimigo Bonaparte contra o seu ex-aliado o imperador da Áustria, e até nas altas esferas se falou do casamento de Napoleão com uma das irmãs de Alexandre. E à margem das combinações políticas exteriores, a sociedade russa do tempo dava mostras de uma preocupação particularmente viva em face das transformações que se operavam então em todos os setores da administração do Estado.

Entretanto, a vida, a existência quotidiana, com os seus interesses materiais — a saúde, a doença, o trabalho, o descanso -, com as suas preocupações intelectuais e quejandas — a ciência, a poesia, a música, o amor, a amizade, o ódio, as paixões, o mal -, continuava, como anteriormente, alheia às alianças políticas novas e a todas as novas reformas em projeto.

O príncipe André passou consecutivamente dois anos no campo. Todas as iniciativas que Pedro procurara pôr em prática nos seus domínios, e que haviam resultado infrutíferas, pois passava a vida a mudar de ideias, realizou-as o príncipe André sem disso se vangloriar e sem grande dificuldade.

Era dotado no mais alto grau dessa tenacidade prática que tanta falta fazia a Pedro. Realizava fosse o que fosse sem bulha nem esforço.

Os trezentos servos de um dos seus domínios foram inscritos no número dos trabalhadores de condição livre, e foi este um dos primeiros atos do gênero praticados em toda a Rússia. Em outros dos seus domínios o trabalho forçado foi substituído pelo foro. Em Bogutcharovo instalara, à sua custa, uma parteira, e um padre, pago por ele, ensinava a ler os filhos dos camponeses e os criados.

Parte do tempo passava-o o príncipe em Lissia Gori, na companhia do pai e do filho, então ainda ao cuidado das criadas, e a outra parte decorria para ele no seu “eremitério” de Bogutcharovo, como lhe chamava o velho príncipe. Apesar da indiferença que costumava exhibir diante de Pedro por tudo quanto se passava no mundo, seguia atentamente os acontecimentos, recebendo muitos livros, e com grande espanto observava que as pessoas, recém-chegadas de Petersburgo — o centro da vida do país -, que porventura os visitavam, quer a ele, quer ao pai, sabiam muito menos de política interna e externa que ele próprio, que nunca deixava a sua aldeia.

Além de cuidar da administração dos seus domínios e de se dar às mais variadas leituras de ordem geral, André por essa época ocupava-se especialmente do exame crítico das últimas duas infelizes campanhas russas, ao mesmo tempo que se dava à elaboração de um projeto de reforma dos códigos e regulamentos militares do país.

Na primavera de 1809 foi de visita aos domínios de Riazan, propriedade de seu filho, de quem era tutor.

Estendido na sua caleça, aos raios já quentes de um sol primaveril, ei-lo que contempla a relva tenra, as primeiras folhas das bétulas e as primeiras nuvens brancas da primavera correndo pelo azul vivo do céu. Em nada pensava, e ia olhando, alegre e vago, ora para a direita ora para a esquerda do caminho,

Ficaram-lhe para trás o rio e o barco em que no ano anterior palestrara longamente com Pedro. E também um povoado sujo, cerrados, trigo de inverno ainda verde. Depois desceu à ponte, onde ainda se viam vestígios de neve, galgou uma ladeira argilosa, percorreu campos de restolho e brejos de onde em onde com os seus tufos verdes e penetrou numa mata de bétulas que bordejava os dois lados da estrada. No meio da mata quase fazia calor, não soprava a mínima aragem. As bétulas, salpicadas de folhas verdes e viscosas, estavam imóveis, e de sob o tapete de folhas secas do ano anterior rompiam, verdejantes, soerguendo-o, as primeiras ervas, semeadas de flores violetas. Pinheiros baixos esparsos pelo meio dos vidoeiros, com a sua perpétua e sombra verdura, evocavam desagradavelmente o inverno que findara. Os cavalos assustaram-se ao entrar na mata e daí a pouco estavam cobertos de suor.

Piotre, o lacaios, disse qualquer coisa ao cocheiro, que lhe respondeu afirmativamente. Logo se viu, porém, que o assentimento do cocheiro lhe não bastava. Voltou-se na almofada para o amo.

— Veja Vossa Excelência que bem que se respira! — disse, sorrindo com deferência.

— O quê?

— Que bem que se respira, Excelência.

“Que é que ele quer dizer?” -, pensou André. “Ah! sim, já sei, está a referir-se à primavera.” E circunvagando o olhar: “Que verde que tudo está... e tão depressa! As bétulas, as cerejeiras, os álamos, já principiaram... E os carvalhos não se veem. Ah! ali está um.”

No extremo do caminho avultava um carvalho. Provavelmente dez vezes mais velho que as bétulas da mata, era dez vezes mais grosso e erguia-se dez vezes mais alto. Era um carvalho enorme, uma árvore de duas braças de tronco, com ramos certamente de há muito lascados e a casca rachada com grandes cicatrizes. Com os seus braços e os seus dedos tortuosos e estirados,

desairosos e sem simetria, dir-se-ia, no meio das bétulas novinhas todos sorridentes, um velho monstro intratável e desdenhoso. Só os pinheiros esparsos pela floresta, com a sua verdura morta e perpétua, os pinheiros e aquele carvalho teimavam em mostrar-se insensíveis aos encantos da primavera, recusando-se a dar pelo sol que brilhava e pela primavera que chegava.

“Primavera, amor, felicidade!”, parecia proclamar o velho carvalho. “Será possível não estardes ainda desiludidos com todas estas néscias e absurdas miragens? Sempre a mesma coisa, sempre as mesmas ficções! Não há primavera, nem sol, nem felicidade! Olhai, vede estes pobres pinheiros como mortos, para ali esmagados, sempre sós, e volvei os olhos para mim, que também continuo a estender os meus dedos retalhados e esmigalhados, onde quer que rompam, do meu dorso, dos meus flancos, e para aqui estou, como eles me querem, e não creio nas vossas esperanças nem nas vossas mentiras!”

O príncipe André, ao atravessar a floresta, mais de uma vez se voltou para este como à espera de o ver dirigir-lhe qualquer aceno amistoso. Mesmo à sombra dele havia relva, flores, embora a velha arvore, macambúzia, imóvel, continuasse monstruosamente carrancuda no meio da vida em torno.

“Sim, este carvalho tem razão, toda a razão”, pensava o príncipe André. “As ilusões são boas para os outros, para os que são novos; para nós, que conhecemos a vida, tudo acabou!” E toda uma onda de novos pensamentos desesperados, em que para ele havia contudo um certo encanto, embora triste, se lhe levantou na alma à vista daquele carvalho. No decurso desse dia veio a refletir de novo na sua própria existência, acabando por chegar, como sempre, a esta desencantada, se bem que apaziguadora, conclusão: que nada devia tentar na vida, limitando-se a acabar os seus dias sem praticar o mal, sem se atormentar e sem desejar fosse o que fosse.

Capítulo II

Em virtude de certas questões de tutela sobre o domínio de Riazan, André teve necessidade de se avistar com o marechal da nobreza do distrito, nem mais nem menos o conde Ilia Andreievitch Rostov. Em meados de maio apresentou-se em sua casa. Entrara-se já no período tépido da primavera. As florestas já estavam vestidas de folhagem. Havia poeira e fazia calor, e quando se passava junto de um curso de água já apetecia mergulhar na corrente.

André, triste, preocupado com as mil coisas que tinha de tratar com o marechal, atravessou as áleas do parque da casa Rostov em Otradnoie. À direita pareceu-lhe ouvir nos maciços de verdura alegres vozes femininas, e daí a pouco viu um bando de raparigas que se atravessava diante da cabeça. À frente delas salientava-se uma mocinha trigueira, de olhos negros, muito esbelta, extraordinariamente esbelta, com um vestidinho de algodão amarelo, na cabeça um lenço branco, por debaixo do qual lhe esvoaçavam os caracóis soltos do cabelo. Gritou qualquer coisa, mas, ao ver que se tratava de alguém desconhecido, tornou a desaparecer no maciço donde emergira, rompendo a rir, sem olhar para trás.

De súbito o príncipe André sentiu uma impressão penosa. O tempo estava tão belo, o sol, tão vivo, havia tanta alegria na natureza, e aquela rapariguinha sem conhecer nem querer conhecer nada fora dela, satisfeita e feliz com a sua própria existência, a sua existência tola, sem dúvida, mas despreocupada e alegre. “Donde lhe virá tanta alegria? Em que pensará ela? Com certeza não nos regulamentos militares e na organização dos camponeses de Riazan. Em que pensará então? Que a fará feliz?”, eis o que o príncipe André não podia deixar de perguntar a si mesmo, cheio de curiosidade.

O conde Ilia Andreievitch levava em Otradnoie, no ano da graça de 1809, a mesma vida de sempre, isto é, recebia em sua casa quase toda a província, sempre pronto a oferecer aos convidados caçadas, espetáculos, jantares, concertos. Quem quer que aparecesse de novo encantava-o; por isso acolheu André com grande alegria e quase à força obrigou-o a passar a noite em sua casa.

No decurso de um bem fastidioso dia, durante o qual se vira monopolizado pelo seu velho anfitrião e os convidados deste mais em evidência — estava-se em vésperas de uma rija festa e a casa cheia -, Bolkonski por várias vezes relanceou os olhos a Natacha, risonha e jovial no meio dos rapazes e das raparigas, e sempre que para ela olhou pôs a si mesmo esta pergunta: “Em que pensará ela? Donde lhe virá tanta alegria?”

À noite, sozinho num local onde vinha pela primeira vez, muito lhe custou a adormecer. Pôs-se a ler, depois apagou a vela, daí a pouco tornou a

acendê-la. No quarto, com as portadas fechadas por dentro, fazia calor. E sentia-se furioso com o imbecil do velho — que assim tratava Rostov — por ter querido retê-lo em sua casa, persuadindo-o de que não conseguira ainda os papéis necessários da cidade. E consigo próprio também por ter ficado. Levantou-se e aproximou-se da janela para abri-la. Mal entreabrira as portadas, logo o luar, como se há muito aguardasse aquele sinal, lhe entrou pelo quarto dentro. Abriu a janela de par em par. A noite estava fresca, calma e luminosa. Precisamente defronte da sacada encontrava-se um fileira de árvores podadas, de um dos lados muito negras, e do outro banhadas por uma claridade de prata. A seus pés entrevia-se um tapete de plantas carnudas e úmidas. As folhas frisadas e os caules escorriam luz. Mais para além, para lá das árvores escuras, lobrigava-se uma espécie de telhado, que cintilava, coberto de orvalho; mais para a direita uma grande árvore esguedelhada, com o tronco e os ramos de um branco vivo, e no alto a lua quase cheia, num céu de primavera por assim dizer sem estrelas. André encostou-se ao parapeito da janela e abandonou os olhos à contemplação do firmamento.

O quarto do príncipe ficava num andar intermédio. Por cima havia outros quartos igualmente habitados, e também ali se não dormia. Ouviam-se vozes de mulher.

— Sim, só mais uma vez — murmurava uma dessas vozes, que André imediatamente reconheceu.

— Mas quando te dispões a dormir? — replicava outra dessas vozes.

— Não, não vou dormir, não quero dormir, não posso, que hei de eu fazer? Espera só um pouco mais...

As duas vozes femininas trautearam uma espécie de frase musical, por certo remate de qualquer melodia conhecida.

— Oh, que bonito! Bom, agora vamos dormir. Acabou-se.

— Dorme tu, se queres, eu não posso — voltou a primeira voz.

A que falara aproximara-se da janela e até certamente se debruçara, pois sentia-se-lhe o ruje-ruje do vestido e o ofegar da respiração. Tudo estava em silêncio e como que estático: a rua, o luar, as sombras. O príncipe André procurava não se mexer, para não denunciar a sua presença indiscreta.

— Sônia, Sônia — voltou a primeira voz. — Como queres que uma pessoa durma? Vem ver, que lindo! Oh, que lindo! Acorda, Sônia. — E esta voz dir-se-ia repassada de lágrimas. — Nunca na minha vida vi noite tão linda!

Na resposta de Sônia houve qualquer coisa de impaciente.

— Mas vem ver, só um bocadinho, que linda lua!... Oh, que lindo! Anda, ver! Querida, minha queridinha, vem ver! Achas que não? Basta uma

pessoa pôr-se de joelhos, assim, e agarrar os joelhos, agarrar-se muito. Depois, aí vou eu pelos ares fora, a voar! Olha, assim!

— Então? Deixa-te disso! És capaz de cair!

Ouviu-se, como que uma luta e a voz descontente de Sônia, que dizia: “São quase duas horas!”

— Oh, estragas tudo. Vai-te embora, vai-te.

Tudo recaiu no silêncio, mas André sentia que alguém continuava à janela, graças aos ligeiros sussurros, aos breves suspiros que lhe chegavam aos ouvidos.

— Meu Deus! Meu Deus! Que quererá dizer tudo isto? — exclamou a voz de súbito. — Já que é preciso dormir, vamos dormir. — E fechou a janela.

“E a minha existência que lhe importa!”, pensava André ao escutar aquelas vozes e, sem saber por quê, receoso e ao mesmo tempo como que esperançado de ele próprio estar envolvido naquelas palavras. “Outra vez ela! Parece de propósito!”

De repente ergueu-se no fundo da sua alma uma tal confusão de pensamentos e de esperanças pueris, perfeito contraste com toda a sua existência, que André, incapaz de explicar a si próprio claramente o que nele se estava a passar, adormeceu quase de chofre.

Capítulo III

No dia seguinte pela manhã, depois de se despedir do conde e sem aguardar que as senhoras estivessem visíveis, abalou.

Eram já princípios de junho quando André, no decurso da sua jornada de regresso, voltou a atravessar aquela mata de bétulas onde um carvalho todo contorcido lhe fizera uma impressão tão curiosa e memorável. O tilintar das campainhas dos cavalos da carruagem ainda era mais surdo que mês e meio antes: tudo eram sombras e mato bravo. Os pinheiros novos esparsos pela floresta não prejudicavam já a beleza do conjunto e, harmônicos com o ambiente, os seus botões de feltro haviam-se coberto de uma macia verdura.

O dia estivera quente. Algures preparava-se uma tormenta, mas apenas uma pequenina nuvem borrifara a poeira do caminho e as folhas inchadas de seiva. O lado esquerdo da floresta estava na penumbra; o direito, orvalhado e todo lustroso, brilhava ao sol, ligeiramente agitado pelo vento. Tudo estava em flor. Aqui e ali ouviam-se os rouxinóis soltar os seus trinados e garganteios.

“Sim, foi nesta floresta que eu vi aquele carvalho que tantas afinidades tinha comigo”, dizia de si para consigo André. “Onde estará ele agora?” E olhava à esquerda do caminho, sem saber onde encontrá-lo, sem o reconhecer. De súbito, maravilhado, encontrou a árvore. O velho carvalho, transfigurado, distendia-se, como um zimbório de luxuriante e sombria verdura, e parecia crescer, quase imóvel, sob os raios do sol poente. Dos seus membros contorcidos, das suas escaras, das suas antigas dúvidas, das suas velhas dores, nem sinal. Folhinhas novas, túmidas de seiva, rompiam-lhe diretamente da casca dura e centenária, e de tal sorte que custava a crer que aquele ancião fosse seu progenitor. “Sim, é realmente o mesmo carvalho”, pensou André, e de súbito sentiu-se inundado de um obscuro sentimento de alegria e renovo primaveril. Todos os melhores instantes da sua existência passada lhe acorreram à memória, de repente e ao mesmo tempo. E Austerlitz, com o seu céu profundo, e a máscara da sua mulher morta com a expressão de censura, e Pedro, no barco, e a rapariguinha embriagada pelo esplendor da noite, daquela mesma noite, e a magnificência do luar, tudo isto, de um só golpe, se lhe figurou real na imaginação.

“Não, a vida não acabou aos trinta e um anos”, concluiu, firme e definitivo. “E não basta que eu veja claro em mim, é preciso que todos vejam igualmente claro em si próprios. E Pedro e esta rapariguinha que queria voar pelos céus fora. É preciso que todos eles me conheçam, que a minha vida não decorra só para mim, que não seja tão independente que não se reflita na sua e a deles na minha e que todos eles, em sua vida, se confundam comigo.”

De regresso da viagem, André decidiu ir a Petersburgo no outono e, para justificar essa resolução, deu-se ao trabalho de colecionar várias razões. Toda uma série de deduções, qual delas a mais lógica, capazes de justificar esta viagem, e inclusivamente um vago projeto de retomar as suas funções na corte, acorreram ao seu encontro. Agora nem sequer podia compreender como pudera pôr em dúvida a necessidade de se consagrar a uma vida ativa, tal qual como há um mês lhe não pudera vir ao espírito a ideia de abandonar o campo. Afigurava-se-lhe claramente que toda a experiência da vida que lhe fora dado adquirir se perderia sem vantagem para quem quer que fosse; não passaria de um puro contrassenso, caso ele lhe não desse a ação por finalidade e ele próprio se não decidisse a tomar parte nela. Era-lhe mesmo impossível imaginar como é que até aí, levado por deduções tão lógicas como as atuais, embora igualmente pobres, se lhe tinha representado como certo que seria rebaixar-se, depois de tão duras lições da vida, acreditar ainda na possibilidade de ser útil, na possibilidade do amor e da ventura. A lógica agora sugeria-lhe coisa completamente diferente. De volta da sua viagem, começou a aborrecer o campo, as ocupações que até aí o entretinham já lhe não interessavam. Muitas vezes, sentado no seu gabinete, solitário, levantava-se, aproximava-se de um espelho e punha-se a mirar longamente os traços que lhe vincavam o rosto. Depois afastava os olhos do espelho e pousava-os no retrato de Lisa, sua falecida mulher, que, com os seus caracóis apanhados à moda grega, docemente lhe sorria, na moldura dourada. Já lhe não dirigia as terríveis censuras de outrora, olhava-o alegremente, simplesmente, com um ar curioso. E André, as mãos atrás das costas, passeava no seu gabinete de um lado para o outro, por muito tempo, ora preocupado, ora sorridente, deixando que o espírito lhe errasse por mil pensamentos extravagantes que as palavras não poderiam exprimir, secretos como se fossem criminosos, em que se associavam Pedro, a glória, a rapariguinha da janela, o carvalho, a beleza feminina, o amor, pensamentos que haviam transformado toda a sua existência. E se nesses instantes alguém o procurava, mostrava-se particularmente seco, severo, cortante, de uma rígida lógica.

“Meu amigo”, sucedia, às vezes, dizer Maria inocentemente, penetrando no gabinete a uma hora dessas, “hoje não podemos sair com Nikoluchka. Está muito frio.”

“Se estivesse calor”, replicava ele em tom seco, “eram capazes de o deixar sair em camisa, mas, como está frio, basta que lhe vistam qualquer coisa quente, já que os fatos quentes não foram feitos senão para isso. É o que é preciso concluir quando se verifica estar frio e não tomar a resolução de o deixar em casa, quando a verdade é que uma criança precisa de respirar ar puro”. André afetava

uma tal lógica como para se castigar a si próprio desse trabalho ilógico e inconfessado a operar-se dentro de si próprio.

Maria, então, dizia de si para consigo que a reflexão faz dos homens criaturas secas.

Capítulo IV

O príncipe André chegou a Petersburgo em agosto de 1809. Estava-se no apogeu da glória do moço Speranski e era a altura em que ele mostrava mais energia na realização das suas reformas. Foi nesse mês de agosto que o imperador, ao passear de carruagem, tivera um acidente, magoara um pé, e ficara três semanas fechado em Peterof, todos os dias em contacto com Speranski. Nessa época se elaboraram não só os dois célebres ucasses, que tão grande celeuma levantaram, sobre a ordenação da hierarquia na corte e a criação dos exames para a colegiada de assessores e conselheiros de Estado, mas também uma verdadeira constituição destinada a revolucionar o regime judiciário, administrativo e financeiro vigentes, desde o conselho do império até às autoridades dos volostes⁴³. Foi então que se realizaram e tomaram vulto os vagos sonhos liberais que o imperador Alexandre alimentava ao subir ao trono e que já tentara aplicar com o auxílio dos seus colaboradores, os Czartoriski, os Novossiltsov, os Kotchubei e os Strogonov, a quem, por graça, costumavam chamar a sua comissão de salvação pública.

Agora Speranski substituíra-os a todos nos negócios civis e Araktcheiev ocupava-se das questões militares. O príncipe André, pouco depois da sua chegada, e, na sua qualidade de camarista, apareceu na corte e nas audiências privadas do imperador. Este, que por duas vezes o encontrara no seu caminho, não se dignara honrá-lo com uma única palavra. Pensava André ser antipático ao imperador e que a sua cara e toda a sua pessoa lhe eram desagradáveis. O olhar seco e distante que Alexandre lhe lançou ainda veio confirmar mais tal suposição. Os cortesãos explicaram-lhe esta frieza atribuindo-a ao fato de Sua Majestade ter ficado descontente por ele, desde 1805, não ter voltado a prestar serviço no exército.

“Bem sei que não está nas nossas mãos regermos as nossas simpatias e as nossas antipatias”, dizia André com os seus botões, “por isso, o melhor que eu tenho a fazer é não pensar apresentar ao imperador a minha memória sobre o novo código militar. A ideia acabará por seguir o seu destino sozinha.”

Expôs as suas ideias a um velho marechal amigo do pai. Este, que lhe marcara uma data para o receber, acolheu-o amavelmente e prometeu-lhe falar ao imperador. Alguns dias depois participara-lhe que devia apresentar-se ao ministro da Guerra, o conde Araktcheiev.

Às nove horas da manhã do dia aprazado o príncipe André apresentou-se na sala de espera do conde Araktcheiev.

Não o conhecia pessoalmente e nunca o vira mesmo, mas o que dele sabia não o predispunha muito a seu favor.

“É ministro da Guerra, é homem de confiança do imperador; ninguém, portanto, pode intervir nos assuntos que lhe dizem respeito. Confiaram-lhe o exame do meu memorial porque só ele pode pô-lo em vigor”, pensava André, enquanto esperava ser recebido, no meio de várias personalidades, mais ou menos importantes, na sala de espera de Araktcheiev.

No desempenho das suas funções, principalmente enquanto fora ajudante-de-campo, André passara por muitas antecâmaras de altas personagens e estava habituado a distinguir as suas características próprias. A do conde Araktcheiev era inconfundível. As pessoas de somenos importância que aguardavam a sua vez mostravam confusão e humildade; as demais categorias traíam geralmente um certo embaraço, oculto sob uma falsa despreocupação, uma espécie de zombaria de si próprias, da sua própria situação e da personalidade diante de quem iam comparecer. Havia ainda os que andavam na sala para cá e para lá, preocupados, e os que riam, cochichando. André percebia que falavam da pessoa do ministro, tratando-o pela alcunha de Sila Andreitch, e pronunciando as palavras “ele vai tratar-te da saúde”. Um general, personalidade importante, visivelmente vexado por ser obrigado a esperar tanto tempo, estava de pernas cruzadas e sorria para si mesmo.

Logo, porém, que a porta se abriu, em todas as caras instantaneamente transpareceu o sentimento do medo. André pediu ao funcionário de serviço que o anunciasse segunda vez, mas ele fitou-o com ar zombeteiro dizendo-lhe que esperasse a sua vez. Depois de algumas das personagens presentes haverem sido introduzidas no gabinete do ministro e de novo reconduzidas por um ajudante-de-campo, fizeram passar pela porta temerosa um oficial cuja humilde e assustada aparência chamara a atenção de André. A audiência deste oficial foi morosa. Ouviu-se, de súbito, atrás da porta, o fragor de uma voz irritada e lá de dentro saiu, muito pálido, de lábios trêmulos, o pobre oficial, que atravessou a sala de espera apertando a cabeça nas mãos.

Chegou em seguida a vez do príncipe André e o funcionário de serviço segredou-lhe: “À direita, ao pé da janela.”

André penetrou num gabinete muito simples e asseado e viu, sentado a uma mesa, um homem dos seus quarenta anos, de longo busto, em cima do qual uma cabeça, também muito longa, de cabelos curtos, grossas rugas, sobranceiras espessas sobrepujando uns olhos apagados verdes-acastanhados e um nariz vermelho proeminente. Araktcheiev voltou a cabeça para ele sem o fitar.

— Que pretende? — perguntou.

— Nada pretendo, Excelência — replicou André com a maior tranquilidade.

Os olhos de Araktcheiev voltaram-se para ele.

— Tenha a bondade de se sentar, príncipe Bolkonski.

— Nada pretendo, mas o imperador dignou-se transmitir a Vossa Excelência a nota que eu apresentei...

— Deixe dizer-lhe, meu caro senhor, que li a sua memória — interrompeu Araktcheiev. Eram as primeiras palavras amáveis que pronunciava, e imediatamente se pôs a olhar para outro lado e a afetar um tom cada vez mais indiferente e desdenhoso. — O senhor propõe novas leis militares? Há muitas leis, leis antigas, e muito pouca gente que as aplique. Hoje em dia todos têm a mania de fazer leis. É mais fácil escrever do que agir.

— Eu vim aqui, por desejo do imperador, saber de Vossa Excelência qual o destino que pensa dar ao meu memorial — disse André polidamente.

— Anotei a minha opinião no próprio memorial e transmiti-o à comissão. Por mim não o aprovo — disse Araktcheiev erguendo-se e pegando num papel que estava em cima da mesa. — Aqui tem! — E estendeu-lhe o papel.

Atravessado, escrito a lápis, sem maiúsculas, sem ortografia, sem pontuação, liam-se as seguintes linhas: “Elaborado com pouca seriedade, visto ser copiado pelo Código Militar francês, difere sem motivo do regulamento militar em vigor.”

— E a que comissão foi transmitido? — inquiriu André.

— À comissão do Código Militar, e propus o nome de Vossa Mercê para fazer parte dela. Mas sem honorários.

Um sorriso perpassou pelos lábios de André.

— Mas eu não pretendo tal cargo...

— Como membro sem honorários — repetiu Araktcheiev. — Boa tarde. Eh! A pessoa que se segue. Quem é que está aí ainda? gritou, fazendo uma vênica ao príncipe André.

Capítulo V

Enquanto aguardava a nomeação para membro da comissão do Código Militar, o príncipe André voltou a relacionar-se com antigos conhecimentos, principalmente com as pessoas que ele sabia muito poderosas e em condições de lhe poderem vir a ser úteis. Uma curiosidade inquieta e irresistível, muito semelhante àquela que experimentara nas vésperas das batalhas, arrastava-o agora, que estava na capital, para essas altas esferas em que se prepara o futuro e se decide do destino de milhões de homens. Ia percebendo, através da irritação dos antigos, a curiosidade dos não iniciados, a reserva dos demais, a agitação e a inquietação de todos e a profusão de juntas e de comissões, das quais o número de membros crescia hora a hora, que naquele ano de 1809 se preparava em Petersburgo uma imensa batalha civil cujo generalíssimo era essa personagem misteriosa, desconhecida para ele e que a seus olhos avultava sob a sedução de um gênio: Speranski.

E este movimento reformador, que ele muito vagamente conhecia, e Speranski, o seu animador, começaram a interessá-lo tão apaixonadamente que não tardou a relegar para segundo plano das suas preocupações o destino do Código Militar.

André estava na melhor das disposições para ser bem acolhido em todas as altas esferas da sociedade petersburguesa de então. O partido dos reformadores procurava cativá-lo e testemunhava-lhe simpatia, primeiro porque ele gozava da fama de homem muito inteligente e de vasta cultura, e em segundo lugar porque conquistara já, emancipando os camponeses, reputação de espírito liberal. O partido dos velhos descontentes, contrário às reformas, mostrava interesse por ele supondo-o adepto das ideias do pai. As mulheres, ou, como quem diz, a sociedade, festejavam-no como um futuro marido rico e titular e uma figura nova, aureolada da aventura romanesca de haver passado por morto e de ter perdido a esposa em circunstâncias trágicas. Além disso, a opinião unânime de todos quantos outrora o haviam conhecido era de que ele mudara muito, e com vantagem, naqueles cinco anos, que se lhe robustecera e suavizara o caráter, que perdera os ares afetados de antigamente, o orgulho e o espírito cáustico, e que ganhara a serenidade que só o tempo vai dando aos homens. Falavam dele, interessavam-se por ele e toda a gente o procurava.

No dia seguinte ao da sua visita a Araktcheiev, foi a uma soirée à casa do conde Kotchubei, a quem contou o que se passara na entrevista com Sila Andreitch. Kotchubei assim se referia a Araktcheiev, empregando a alcunha com essa mesma vaga ironia que André tivera ocasião de observar na antecâmara do ministro da Guerra.

— Meu caro, mesmo no seu caso, não poderá deixar de precisar de Mickail Mikailovitch. É o grande obreiro. Eu falarei com ele. Prometeu-me vir aqui esta noite...

— Mas que tem Speranski com os regulamentos militares? — perguntou André.

Kotchubei abanou a cabeça, sorrindo, como que surpreendido com a ingenuidade de Bolkonski.

— Falamos de si há dias — prosseguiu ele — dos seus trabalhadores livres...

— Ah! foi então o senhor, príncipe, que emancipou os seus camponeses? — perguntou um velho da época de Catarina, voltando-se para Bolkonski com um ar desdenhoso.

— Era um pequeno domínio que não dava rendimento algum — replicou este, para não irritar inutilmente o velho e assim atenuar a importância do seu ato.

— Tem medo de estar atrasado — continuou o ancião, lançando um olhar a Kotchubei. — Há uma coisa que eu pergunto: quem há de trabalhar a terra se se der a liberdade aos servos? Fazer leis é fácil, mas governar é bem mais difícil. É o mesmo que vai acontecer agora. Diga-me, conde, quem virá a ser chefe de administração se toda a gente tem de ser submetida a um exame?

— Aqueles que forem aprovados nesse exame, suponho eu — replicou Kotchubei, cruzando as pernas e circunvagando os olhos pela sala.

— Assim, por exemplo, eu tenho nos meus escritórios um tal Prianitchnikov: é um homem excelente, um homem precioso, mas já fez sessenta anos. Irá ele apresentar-se a exame?

— Sim, é de fato difícil, tanto mais que a instrução está muito pouco espalhada, mas...

O conde Kotchubei não concluiu a frase. Levantou-se e, pegando no braço de André, encaminhou-se em direção a alguém que acabava de chegar: um grande homem louro, calvo, dos seus quarenta anos, alta testa, rosto comprido, estranho, e de uma brancura extraordinária. Vestia um fraque azul, trazia uma condecoração ao pescoço e um crachá no lado esquerdo do peito. Era Speranski. O príncipe André reconheceu-o imediatamente e sentiu uma emoção interior, como é costume nos momentos cruciais da existência. Seria respeito, seria inveja, seria curiosidade? Ignorava-o.

A figura de Speranski era de um tipo original que o fazia sobressair no meio de todas as demais. Nunca, em qualquer das pessoas que André conhecia, surpreendera uma calma semelhante e uma tal segurança associadas a tanto embaraço e a tanto acanhamento nos gestos. Em ninguém encontrara um

olhar ao mesmo tempo tão enérgico e tão suave nuns olhos — assim semicerrados e como que repassados de água, tanta firmeza num sorriso insignificante, uma voz tão débil, tão igual, tão calma e sobretudo uma tal brancura fina num rosto e principalmente numas mãos, excessivamente gordas e meigas, embora grandes. Tal brancura e tal suavidade de pele nunca André pudera observá-las senão nos soldados com muito tempo de hospital. Eis Speranski, o secretário de Estado, o referendário do imperador, seu companheiro em Erfurth, onde, por mais do que uma vez, se encontrara com Napoleão.

O olhar de Speranski não ia de uma pessoa para outra como acontece involuntariamente quando alguém é introduzido numa sociedade numerosa. Também não se dava pressa em falar. Sua voz era serena, sentia-se nela a certeza de quem sabe que é escutado e não olhava senão para a pessoa com quem conversava.

André observava com atenção particular todas as palavras e todos os gestos de Speranski. Como é vulgar nas pessoas habituadas a julgar severamente o próximo, quando se tratava de alguém de reputação, tendia sempre a encontrar nesse alguém uma sùmula de todas as perfeições humanas.

Speranski afirmou a Kotchubei que lamentava muito não ter podido chegar mais cedo, mas estivera retido no palácio. Não disse ter sido o imperador quem o retivera. E André notou esta afetação de modéstia. Quando Kotchubei lhe apresentou o príncipe André, Speranski dirigiu lentamente os olhares para ele, sempre com o mesmo sorriso, e olhou-o silenciosamente.

— Tenho muito prazer em conhecê-lo. Ouvi falar de si, como, aliás, toda a gente — disse ele.

Kotchubei aludiu em poucas palavras ao acolhimento que Araktcheiev fizera a Bolkonski. O sorriso de Speranski acentuou-se.

— O presidente da comissão do Código Militar é amigo meu, o Sr. Magnitski — observou, articulando claramente cada sílaba e cada palavra -, se quiser posso proporcionar-lhe uma conferência com ele. — Calou-se para sublinhar a pausa do parágrafo. — Espero que vá encontrar simpatia junto dele e o desejo de fazer tudo que seja razoável.

Imediatamente se formou uma roda em volta de Speranski, e o ancião que falara de um tal Prianitchnikov também se permitiu dirigir-lhe uma pergunta.

André, sem tomar parte na conversa, observava todos os movimentos daquele homem, ainda ontem um obscuro seminarista, e em cujas mãos brancas e gordas estava agora o destino da Rússia. Impressionou-o a serenidade extraordinária e o ar desdenhoso na resposta de Speranski ao velho. Dir-se-ia deixar cair de inacessíveis alturas a palavra condescendente. Tendo o velho

elevado um pouco a voz, sorriu e disse que não era juiz das vantagens ou dos inconvenientes das decisões que o imperador tinha por bem tomar.

Depois de participar por algum tempo na conversa geral Speranski levantou-se e, aproximando-se do príncipe André, levou-o consigo para o outro extremo da sala.

Era evidente que julgava necessário parecer interessar-se por Bolkonski.

— Não tive tempo de falar consigo, príncipe, no meio da animada conversa a que me obrigou aquele venerando ancião — disse-lhe, sorrindo, com uma certa discrição desdenhosa, querendo demonstrar com isso ambos saberem muitíssimo bem a que ponto eram nulas as pessoas com quem ele acabava de conversar. E esta atitude não deixou de lisonjear André. — Conheço-o há muito, primeiro graças à sua conduta para com os camponeses, exemplo que nós gostaríamos de ver seguido por muitos outros proprietários, e em segundo lugar porque o príncipe é o único dos camaristas que não se julgou atingido pelo novo ucasse relativo às categorias da corte, que tanta discussão e tantas recriminações provocou.

— Sim — replicou André. — Meu pai não quis que eu me beneficiasse desse direito. Principiei o meu serviço pelos graus inferiores.

— Seu pai, embora homem de outro tempo, está realmente muito acima dos nossos contemporâneos, que tanto criticam uma medida em que se procura simplesmente estabelecer a justiça nas suas bases naturais.

— No entanto, parece-me que essas críticas não deixam de ter o seu fundamento... — disse André, que diligenciava combater em si próprio a influência de Speranski, de que se apercebia crescente.

Desagradava-lhe aprová-lo em tudo: desejava refutá-lo. O certo é, porém, que, embora de costume se exprimisse com fluência e clareza, naquele momento, ao falar com o homem de Estado, sentia certo embaraço. Aquela personalidade, que o levava a tantas observações, prendia-lhe demasiadamente a atenção.

— Quero dizer que na maior parte dos casos essas críticas não têm talvez por fundamento senão o amor-próprio ferido — objetou, tranquilamente, Speranski.

— Ou então, em parte também, os interesses do Estado — voltou o príncipe André.

— Como assim?... — inquiriu Speranski, baixando os olhos.

— Eu sou partidário de Montesquieu — respondeu André. — E a sua máxima de que o princípio das monarquias é a honra parece-me incontestável.

Certos direitos e privilégios da nobreza parecem-me meios de manter este sentimento.

O sorriso desapareceu do branco rosto de Speranski e a sua fisionomia só ganhou com isso. Seguramente, a máxima citada por André parecera-lhe digna de interesse.

— Se encara a questão por esse ponto de vista — principiou ele, exprimindo-se em francês com dificuldade visível e pondo ainda mais morosidade na dicção que quando falava russo, mas com muita serenidade.

Exprimiui a opinião segundo a qual a honra não pode ser mantida por privilégios prejudiciais ao bom andamento dos negócios públicos, de que a honra ou é a noção puramente negativa da abstenção de atos censuráveis ou um certo estimulante capaz de nos levar a conquistar a aprovação ou as recompensas em que esta se traduz. As suas deduções eram concisas, simples e claras.

— A instituição que encorajasse a honra como fonte de emulação seria a todos os títulos semelhante à Legião de Honra do grande imperador Napoleão, que, em vez de prejudicar, concorre para o bom andamento dos serviços, sem que seja por isso privilégio de casta ou de corte.

— De acordo, mas não há que negar que os privilégios da corte atingem o mesmo objetivo — contraveio André. — Todos os privilegiados se consideram na obrigação de manter dignamente a sua categoria.

— No entanto, pelo que vejo, não quis tirar partido desse benefício — observou Speranski, rematando deste modo com uma palavra amável um debate que principiava a embaraçar o interlocutor. — Queira dar-me a honra de me procurar na próxima quarta-feira — acrescentou. — Entretanto terei falado com Magnitski e já poderei dizer alguma coisa que lhe interesse, além do prazer que me dará conversar mais longamente consigo.

Saudou, de olhos baixos, e, à francesa, sem se despedir, saiu, procurando não ser notado.

Capítulo VI

Logo nos primeiros tempos da sua permanência em Petersburgo, André apercebeu-se de que toda a construção de ideias que nele se elaborara no decurso da sua vida solitária fora relegada para um canto, preterida pelas inúmeras pequeninas preocupações que o absorviam.

Ao fim da tarde, de regresso a casa, registava no seu livro de notas quatro ou cinco visitas indispensáveis, ou um encontro marcado para determinada hora. As ocupações quotidianas, o emprego do tempo fixado de maneira a chegar pontualmente onde era mister, absorviam-lhe o melhor da sua capacidade de trabalho. Nada fazia, não pensava mesmo em coisa alguma, não tinha tempo, e as opiniões que emitia — com razoável êxito — eram apenas o resultado do muito que meditara enquanto estivera no campo.

Às vezes observava, desgostoso, que repetira no mesmo dia as mesmas coisas em locais diferentes. Tão ocupado andava o dia inteiro que nem mesmo tinha tempo de reconhecer que não pensava em coisa alguma.

À semelhança do que acontecera aquando do seu primeiro encontro em casa de Kotchubei, foi grande a impressão que lhe fez Speranski ao recebê-lo, quarta-feira, em sua casa e ao manter com ele um longo e confiado colóquio.

Tanta era a gente que o príncipe André julgava desprezível ou nula e tão grande o seu desejo de encontrar em quem quer que fosse o ideal vivo da perfeição a que aspirava que lhe não foi difícil acreditar que Speranski representava efetivamente esse padrão ideal de inteligência e de virtude.

Se Speranski pertencesse ao mesmo meio que André, se tivesse a mesma educação, a mesma formação moral, cedo este teria descoberto as fraquezas humanas desse homem, a sua carência de qualquer espécie de heroísmo. Mas a verdade é que esse espírito lógico que o surpreendia nele lhe inspirava tanto mais respeito quanto era certo não o apreender em toda a sua extensão. Além disso, ou porque apreciasse a capacidade de André ou porque julgasse conveniente conquistá-lo, Speranski, na presença do príncipe, exibia um juízo sereno, isento de parcialismo, e mostrava-lhe essa lisonja sutil, à mistura com uma certa presunção, que consiste em um homem reconhecer tacitamente que o seu interlocutor e ele próprio são as únicas pessoas capazes de compreender quão néscios são os demais e sensatas e profundas as suas próprias ideias, as ideias só deles os dois.

No decurso da longa conversa que mantiveram quarta-feira à noite, Speranski repetira muitas vezes frases deste jaez: “Entre nós considera-se tudo quanto ultrapassa o nível dos hábitos inveterados...”, ou então, sorrindo: “Mas nós outros queremos ao mesmo tempo que os lobos se saciem e os cordeiros fiquem intactos...”, ou ainda: “Eles não podem compreender isto...” E falava num

tom que queria dizer: “Nós, isto é, tu e eu, sabemos muito bem o que eles valem e quem nós somos, nós.”

Esta demorada conversa havia consolidado em André a impressão que Speranski lhe causara no primeiro dia em que lhe falara. Tinha-o por um espírito poderosamente lógico e pensante, um homem de alta inteligência, que conseguira conquistar o poder à força de energia e de vontade e que se não servia dessas qualidades senão para maior glória da Rússia. A seus olhos Speranski era precisamente o homem que ele próprio teria desejado ser, aquele que sabe joeirar na peneira da razão todas as manifestações da vida, o homem que só considera digno de interesse o que é razoável e que a tudo aplica o mesmo metro-padrão racional. Nas deduções de Speranski tudo se lhe apresentava tão simples e claro que, sem dar por isso, estava sempre de acordo com ele. O fato de lhe fazer algumas objeções e de o discutir obedecia apenas ao desejo de se mostrar independente e de lhe fazer compreender que se não submetia a todas as suas opiniões. Nele tudo estava certo, tudo era perfeito. Duas coisas, porém, perturbavam André: aquele olhar frio, glacial como o cristal de um espelho, que impedia que se lhe penetrasse na alma, e aquelas mãos brancas e macias, que ele não podia deixar de contemplar como se contemplam as mãos dos detentores do poder. Esse olhar com reflexos de cristal e essas mãos macias exasperavam André. Desagradável lhe era também o desprezo pelos homens que notara em Speranski e a variedade de argumentos de que lançava mão para apoiar as suas opiniões. Utilizava todas as armas do raciocínio ao seu alcance, salvo a analogia, e essas suas transições de uma para outra linha de defesa afiguravam-se ao príncipe André demasiado violentas. Ora se instalava no plano prático e censurava sonhadores, ora lançava mão da sátira e varava, sarcástico, os adversários, ora ainda se mostrava severamente lógico quando não ascendia repentinamente ao plano metafísico. E este processo de raciocínio era a sua arma favorita. Conduzia os problemas até aos altos páramos da metafísica, dava definições do espaço, do tempo, do pensamento e, extraíndo daí argumentos polêmicos, regressava ao terreno da discussão.

Em suma, o traço principal desta inteligência, aquele que mais vivamente impressionara o príncipe André, era a sua fé incontestável, inabalável, no poder e nos direitos do espírito. Via-se perfeitamente que nunca lhe aflorara ao pensamento esta ideia, tão familiar a André, segundo a qual nem sempre é possível ao homem exprimir o que ele próprio pensa, nem jamais perguntara a si próprio se porventura tudo aquilo em que pensava, tudo aquilo em que acreditava não seriam, no fim de contas, puras tolices. E o certo é que esta forma particular do espírito de Speranski era a que mais seduzia o príncipe André.

Nos primeiros tempos das suas relações com este homem, o príncipe sentira por ele uma exaltação apaixonada muito parecida com a que alimentara outrora por Bonaparte. O fato de ser filho de um padre, circunstância que levava muito tolo a olhá-lo com desprezo, considerando-o membro de uma classe inferior, fazia que André se mostrasse circunspecto no seu entusiasmo, reforçando-lhe inconscientemente os sentimentos que por ele nutria. Naquela primeira noite que estiveram juntos, Speranski, a propósito da comissão encarregada da revisão das leis, contou-lhe que essa comissão existia há cento e cinquenta anos, que já custara milhões de rublos, nada tendo feito ainda, e que Rosenkampf se limitara a colar etiquetas em todos os artigos de legislação comparada.

— E aqui tem para o que o Estado despendeu todos estes milhões! — disse ele. — Queremos dar ao Senado um poder judiciário novo e não temos leis. E é por isso mesmo que considero um crime ver afastadas do poder pessoas como o príncipe.

Bolkonski respondeu que para tanto carecia de uma formação jurídica que não tinha.

— Mas se ninguém a tem, como queria tê-la o príncipe? É um círculo vicioso, de que só à força poderemos sair.

Oito dias depois André era membro da comissão do Código Militar, e — coisa com que não contava — chefe da seção da comissão de legislação. A pedido de Speranski consentiu em encarregar-se da primeira parte do Código Civil. E, socorrendo-se do código de Napoleão e das leis de Justiniano, meteu ombros à revisão do capítulo respeitante aos direitos do homem.

Capítulo VII

Dois anos antes, em 1808, Pedro, no regresso da viagem que fizera aos seus domínios, vira-se, sem o pretender, à testa da franco-maçonaria de Petersburgo. Organizou lojas capitulares e lojas funerárias, recrutou novos membros, tratou da unificação das diversas lojas e das atas que lhes competiam. Distribuiu donativos para a construção de templos e tanto quanto lhe foi possível completou o produto de coletas, coisa em que geralmente os membros davam provas de avareza e pouca diligência. Quase só com dinheiro seu manteve a casa dos pobres fundada pela ordem em Petersburgo.

Entretanto continuava a viver da mesma maneira, entre as mesmas tentações e as mesmas manifestações de libertinagem. Gostava de comer bem e de beber melhor e, conquanto considerasse o fato degradante e imoral, não podia abster-se de compartilhar dos prazeres dos celibatários com quem se associava.

Apesar do entusiasmo que punha no desempenho das suas múltiplas ocupações, Pedro começou a compreender, um ano decorrido, que o terreno da franco-maçonaria em que assentava pés se lhe tornava menos firme quanto mais firmemente nele se procurava apoiar. Apercebia-se ainda de que, com o volver do tempo, mais difícil se tornava libertar-se. Ao entrar para a franco-maçonaria tivera a impressão de pousar o pé confiante na superfície lisa de um pântano. E, mal o pousara, logo se sentira afundar. Para melhor experimentar a solidez do terreno, avançara o outro pé e enterrara-se ainda mais, atolara-se, e agora patinhava, mergulhado até aos joelhos na lama do pântano.

José Alexeievitch não estava em Petersburgo, ultimamente havia-se desinteressado das lojas da capital e nunca deixava Moscou. Todos os membros das lojas eram indivíduos com quem Pedro privava na sociedade e era-lhe difícil ver neles só irmãos maçônicos, esquecendo serem também o príncipe B. ou Ivan Vassilievitch D., criaturas que ele geralmente conhecia por fracos caracteres e pessoas sem valor moral. Por debaixo dos aventais e das insígnias maçônicas via aparecer os uniformes e as condecorações, a maior aspiração de tais criaturas. Muitas vezes, ao recolher as esmolas e ao completá-las com os vinte ou trinta rublos solicitados — era frequente uma dezena de membros, metade dos quais tão ricos como ele próprio, deixarem a coleta em débito —, Pedro lembrava-se do juramento maçônico em que cada irmão se compromete a dar todos os seus bens ao próximo, e na sua alma nasciam dúvidas, que procurava desvanecer.

Os irmãos seus conhecidos dividiam-se, para ele, em quatro categorias. Da primeira faziam parte os que não participavam ativamente quer nos assuntos das lojas, quer nos problemas da humanidade, exclusivamente ocupados no estudo dos mistérios da ordem, nos problemas relativos à Trindade Divina ou ao tríplice princípio de todas as coisas — o enxofre, o mercúrio e o sal

— ou ainda ao significado do quadrado e das figuras simbólicas do templo de Salomão. Pedro venerava esta categoria de irmãos, a que pertenciam os mais antigos, e na qual, pensava, se incluía o próprio José Alexeievitch, embora não partilhasse das suas preocupações. O lado místico da franco-maçonaria não lhe cativava as preferências.

Na segunda categoria considerava, consigo próprio, aqueles que se lhe assemelhavam, os que procuravam, que hesitavam, e que, sem terem achado na franco — maçonaria um caminho direito e límpido, persistiam na esperança de o vir a encontrar.

No terceiro grupo incluía aqueles — e eram os mais numerosos — que não viam na ordem mais que as suas manifestações exteriores e as cerimônias e que se consagravam ao cumprimento desses ritos sem se preocuparem com o seu conteúdo e o seu sentido oculto. Era o caso de Villarski e até do grão-mestre da loja principal.

O quarto, por fim, abrangia igualmente grande número de irmãos, neófitos sobretudo. Nele figuravam, consoante lhe fora dado observar, os que em nada acreditavam, nada desejavam, e que apenas se haviam filiado para conhecer os irmãos ricos e poderosos, graças às suas relações e à sua fidalguia, espécie muito abundante.

Pedro começava a sentir-se pouco contente com a atividade que desenvolvia. A maçonaria, pelo menos a maçonaria que tinha diante dos olhos, na maior parte dos casos afigurava-se-lhe não passar de um puro formalismo. Claro está que não pensava em atacar os fundamentos da própria instituição, mas estava persuadido de que a maçonaria russa ia por caminho errado e se afastava dos seus objetivos. Eis porque no fim do ano abalou para o estrangeiro na intenção de se iniciar nos altos mistérios da ordem.

No verão de 1809, Pedro estava de regresso a Petersburgo. Os pedreiros-livres russos haviam sabido, através dos seus correspondentes no estrangeiro, que Bezukov conquistara a confiança de vários altos dignitários, fora iniciado num grande número de mistérios e tinha sido promovido aos graus mais elevados, regressando cheio de projetos úteis à maçonaria russa. Os irmãos de Petersburgo todos se apressaram em visitá-lo, procurando conquistar-lhe a simpatia e ficaram persuadidos de que ele lhes reservava qualquer surpresa.

Convocou-se a reunião solene de uma loja do segundo grau, onde Pedro prometera comunicar a mensagem, de que era portador, destinada aos irmãos de Petersburgo, da parte dos altos dignitários da ordem. A sessão era plenária. Após as cerimônias habituais, Pedro levantou-se e principiou:

“Queridos irmãos!”, disse, corando e gaguejando, com o discurso escrito na mão, “não basta cumprir os nossos mistérios no segredo da loja, é

preciso agir... sim, agir. Estamos neste momento adormecidos e precisamos de agir.”

Pegou nas folhas e pôs-se a ler:

A fim de espalhar a verdade pura e de conseguir o triunfo da virtude, devemos libertar os nossos semelhantes dos preconceitos, difundir regras de acordo com o espírito do nosso tempo, darmos-nos à tarefa de instruir a mocidade, unirmo-nos por laços indissolúveis aos espíritos mais esclarecidos, vencer, ao mesmo tempo corajosos e prudentes, a superstição, a incredulidade e a estultícia, formando, entre aqueles que nos são dedicados, pessoas ligadas entre si pela unidade do objetivo e dispondo do poder e da força. Para alcançar esta finalidade é preciso que a virtude prevaleça sobre o vício e que o homem de bem receba já neste mundo recompensa eterna das suas virtudes. Mas a verdade é que a estes altos desígnios se opõe um grande número de instituições políticas externas. Que fazer em tal estado de coisas? Favorecer as revoluções, arrasar tudo, usar da força contra a força?... Não, isso não está nos nossos desígnios. Todas as reformas impostas pela violência são censuráveis, pois nunca corrigirão o mal enquanto os homens continuarem a ser o que são e visto que a prudência dispensa perfeitamente a violência. A nossa ordem deve procurar formar homens decididos, virtuosos e unidos pela identidade de convicção, a qual consiste em querer, por toda a parte e com todas as suas forças, castigar o vício e a estultícia e proteger o talento e a virtude, numa palavra, arrancar da lama os que disso são dignos, para os associarmos à nossa ordem. Só então a nossa instituição terá o poder de amarrar insensivelmente as mãos dos fautores da desordem e de os dirigir sem que eles próprios deem por isso. Em resumo, seria preciso estabelecer uma forma de governo universal e dirigente capaz de se propagar pelo mundo inteiro, sem no entanto romper os laços civis dos vários Estados, e sob cuja égide todos os demais governos continuariam a existir de acordo com a sua lei habitual, em tudo livres na sua ação, exceto em oporem-se ao fim supremo da nossa ordem, o qual é o de procurar que a virtude triunfe do vício. Esse o objetivo do próprio cristianismo. Foi ele que ensinou os homens a ser prudentes e bons e a seguirem, para seu bem, o exemplo e as lições dos melhores e dos mais prudentes.

No tempo em que tudo estava mergulhado nas trevas bastava exortação só por si. O ineditismo da verdade proclamada dava-lhe uma força especial; mas hoje precisamos de meios muito mais poderosos. Atualmente é necessário que o homem, guiado pela sua própria sensibilidade, encontre na virtude como que um encanto sensual. Não é possível extirpar as paixões.

Temos de limitar-nos a dirigi-las para uma finalidade nobre e é por isso que cada um de nós deve poder dar-lhes satisfação nos limites da virtude e a nossa ordem estar pronta a proporcionar-nos os meios.

Logo que haja em cada Estado um certo número de homens dignos de nós, cada um deles se encarregará de formar outros iguais a si: todos acabarão por estar estreitamente unidos e então tudo será possível na nossa ordem, a qual, em segredo, já tanto conseguiu para bem da humanidade.

O discurso provocou na loja não só uma forte impressão, mas também uma certa emoção. Reconhecendo nas doutrinas expostas as perigosas teorias do iluminismo, a maioria acolheu-o com uma frieza que surpreendeu Pedro. O grão-mestre procurou refutá-lo. Pedro, cada vez mais caloroso, pôs-se a desenvolver as suas ideias. Havia muito que se não assistia a uma sessão tão tempestuosa. Formaram-se partidos: uns atacavam Pedro, acusando-o de iluminismo; outros defendiam-no. Foi a primeira vez que este se deu conta da diversidade infinita dos espíritos, razão pela qual nenhuma verdade é vista do mesmo aspecto por duas pessoas. Até mesmo aqueles que pareciam seus partidários o compreendiam à sua maneira, sugerindo-lhe restrições, modificações com que ele não podia estar de acordo, uma vez que o seu objetivo principal era precisamente o de transmitir as suas ideias tal qual ele próprio as concebera.

No fim da sessão o grão-mestre deu-lhe a entender, com alguma malevolência e num tom irônico, que ele se exaltara demais e que fora antes o entusiasmo da discussão que o amor da virtude que o determinara. Pedro não respondeu e em poucas palavras perguntou se a sua proposta era aceite. Como lhe respondessem negativamente, saiu sem aguardar as formalidades ordinárias e voltou para casa.

Capítulo VIII

Pedro viu-se de novo assaltado pelo tédio que tanto receava. Nos três dias que se seguiram ao discurso que proferira na loja esteve estendido num divã sem receber ninguém e sem ir a parte alguma.

Foi nessa altura que recebeu uma carta da mulher pedindo-lhe uma entrevista. Queixava-se da mágoa que aquele apartamento lhe causava e dizia-se disposta a consagrar-lhe, daí para o futuro, toda a sua existência.

No fecho da carta anunciava-lhe chegar dentro de dias a Petersburgo, de regresso do estrangeiro.

Pouco depois, um dos menos estimados entre os irmãos maçônicos de Pedro forçava-lhe o isolamento, e, conduzindo a conversa para o capítulo da sua vida conjugal, insinuava-lhe, como se fosse um irmão que lhe falasse, quanto era injusta a sua dureza para com a esposa e que procedendo desse modo se mostrava em contradição com a regra essencial da maçonaria segundo a qual devíamos perdoar a quem se arrepende.

Por essa altura também a sogra, a mulher do príncipe Vassili, lhe mandara recado a pedir-lhe que a visitasse, por pouco tempo que fosse, pois queria falar-lhe de coisas muito importantes. Pedro percebeu existir uma conjura e que o queriam reconciliar com a mulher e a verdade é que no estado moral em que se encontrava nem sequer achou o caso desagradável. Tudo lhe era indiferente. Nada lhe parecia de grande importância na vida, e sob a influência do tédio que o atormentava não procurava defender a sua independência nem sequer já pensava na resolução que tomara de castigar a mulher.

“Ninguém tem razão, ninguém é culpado; talvez que ela própria não seja culpada”, dizia de si para consigo.

Se não cedeu imediatamente, aceitando desde logo uma reconciliação, foi apenas porque no estado de apatia moral em que se encontrava não tinha forças para fazer fosse o que fosse. Se a mulher viesse naquele momento ao seu encontro, seria certo que a não afastaria de si. Pois não lhe era indiferente, perante as preocupações que o absorviam, viver ou não com ela?

Sem responder nem à mulher nem à sogra, um dia, já noite fechada, meteu-se a caminho de Moscou na intenção de consultar José Alexeievitch. Eis o que anotou no seu diário:

Moscou, 17 de novembro.

Acabo de sair de casa do Benfeitor e dou-me pressa em registar as minhas impressões a esse respeito. José Alexeievitch vive pobremente e há já três anos que sofre muito com uma doença de bexiga. Ninguém lhe ouviu ainda uma queixa ou um murmúrio. Desde manhã até noite alta, excetuando as horas em que toma os

seus mais que frugais repastos, está todo entregue a trabalhos científicos. Recebeu-me afetuosamente e mandou-me sentar na cama em que ele próprio estava estendido. Fiz-lhe o sinal dos cavaleiros do Oriente e de Jerusalém, a que ele me respondeu no mesmo estilo e com o seu meigo sorriso perguntou-me o que tinha eu aprendido nas lojas da Prússia e da Holanda. contei-lhe tudo quanto sabia, expus-lhe as ideias que desenvolvera na nossa loja de Petersburgo e contei-lhe o mau acolhimento que aí encontrara e o meu rompimento com os irmãos. José Alexeievitch, depois de muito ter refletido em silêncio, expôs-me o seu ponto de vista, o qual iluminou instantaneamente todo o meu passado e o caminho que doravante se abria diante de mim. Fiquei surpreendido ao perguntar-me se eu me lembrava do tríplice objetivo da ordem: 1º a conservação e o estudo dos mistérios; 2º a purificação e a regeneração de nós próprios com vista a podermos participar desses mistérios, e 3º o aperfeiçoamento do gênero humano graças aos esforços feitos em vista desta purificação. Qual destes objetivos é o mais importante e o primeiro deles? Claro está que a emenda e a purificação de nós próprios. É este o único que nós sempre nos podemos esforçar por conseguir, independentemente de todas as circunstâncias. Ao mesmo tempo, porém, é ele que exige de nós os maiores esforços: eis por quê, desorientados pelo orgulho, deixamos de lado este objetivo essencial e nos consagramos quer ao conhecimento dos mistérios que no nosso estado de impureza não somos dignos de compreender, quer ao aperfeiçoamento do gênero humano, quando o certo é que nós próprios estamos a ser exemplo de indignidade e de perversão. O iluminismo não é boa doutrina precisamente porque os seus adeptos se deixaram levar pelo desejo de desempenhar um papel social e é o orgulho que os domina. Desse ponto de vista José Alexeievitch censurou o meu discurso e tudo quanto eu fizera. No fundo da minha alma senti-me de acordo com ele.

A respeito da minha vida familiar, eis o que ele me disse: “O principal dever do franco-maçã, como acabo de lhe dizer, está no aperfeiçoamento de si próprio. Muitas vezes, porém, julgamos poder alcançar mais depressa este objetivo afastando de nós todas as dificuldades da vida. É o contrário, meu caro senhor”, afirmou, “é no meio da agitação do mundo que nós podemos alcançar os nossos três objetivos: 1º o conhecimento de nós mesmos, pois o

homem não pode conhecer-se verdadeiramente senão por comparação; 2º o aperfeiçoamento, que se não alcança senão na luta; 3º a virtude suprema, que é o amor da morte. Só as vicissitudes da vida nos podem mostrar toda a vaidade desta, contribuindo para nos inspirar o amor da morte, isto é, o desejo da ressurreição numa nova vida.”

Estas palavras eram tanto mais extraordinárias quanto é certo José Alexeievitch, apesar de todos os seus sofrimentos físicos, nunca sentir o peso da existência, mas amar a morte, para a qual, apesar de toda a sua pureza e toda a sua sublimidade, ainda se não sentia suficientemente preparado. Em seguida o Benfeitor explicou-me por completo o significado do grande quadrado da criação e demonstrou-me que os algarismos 3 e 7 são o fundamento de tudo quanto existe. Aconselhou-me a que não renunciasses a todas as relações com os meus irmãos de Petersburgo e, conquanto me limitasse a desempenhar na loja funções de segunda ordem, que me devia esforçar por desviá-los dos caminhos do orgulho, trazendo-os para a verdadeira senda do conhecimento e do aperfeiçoamento de nós próprios. Além disso, a mim, pessoalmente, aconselhou-me a que antes de mais nada me observasse a mim mesmo e nessa intenção ofereceu-me um caderno — este mesmo em que neste momento escrevo -, onde de futuro registarei todos os meus atos.

Petersburgo, 23 de novembro.

Voltei a viver com minha mulher. Minha sogra, toda chorosa, veio a minha casa e disse-me que a Helena se encontrava em Petersburgo e me implorava que a ouvisse, que estava inocente, que era infeliz abandonada por mim e mais muitas outras coisas. Eu sabia que desde que consentisse em tornar a vê-la não teria coragem para resistir às súplicas que me fizesse. Sem saber que fazer, perguntava a mim mesmo a quem pediria socorro e conselho. Se o Benfeitor aqui estivesse, ter-me-ia guiado. Recolhi-me em mim mesmo, reli as cartas de José Alexeievitch, recordei as nossas conversas e concluí que se não me devia negar a quem pede, antes estender a todos mão caritativa, com mais razão o devia fazer a uma pessoa que me estava ligada por laços tão estreitos, não me furtando à minha cruz. Mas já que é em nome do triunfo da virtude que eu lhe perdoo, ao menos que a minha união com ela tenha apenas finalidade espiritual. Tomei esta resolução e dei parte dela a José Alexeievitch. Pedi a minha mulher que esquecesse todo o passado, que me perdoasse aquilo em que eu tivesse andado mal para com ela e que pela minha parte nada tinha a perdoar-lhe. Sentia-me feliz por lhe falar nestes termos. Que ela não saiba quanto me foi penoso tornar a vê-la. Instalei-me

nos andares superiores da nossa casa e a felicidade que sinto neste momento é a de alguém que de novo recomeçou a vida.

Capítulo IX

A alta sociedade que se reunia quer na corte, quer nos grandes bailes dividia-se então, como sempre, de resto, em vários círculos, cada um com a sua fisionomia própria. O mais numeroso era o francês — partidário da aliança com Napoleão -, o do conde Rumiantsov e Caulaincourt. Helena passou a ocupar neste círculo um dos lugares mais em evidência assim que veio reinstalar-se em Petersburgo com o marido. A gente da Embaixada de França, e grande número de pessoas, notáveis pelo seu espírito e pela sua polidez, que faziam parte da mesma sociedade, frequentaram os salões da condessa.

Helena encontrava-se em Erfurth aquando da famosa entrevista dos imperadores e foi aí que encetou as suas relações com todos os nomes ilustres da Europa e do meio napoleônico. Brilhante fora o seu êxito. Napoleão, que a vira no teatro, dissera dela: “É um soberbo animal.” Estes êxitos de mulher bela e elegante não surpreenderam Pedro, pois, com os anos, tornara-se ainda mais formosa. Grande foi, porém, a sua surpresa ao verificar que naqueles dois anos ela arranjava maneira de gozar da reputação “de uma mulher encantadora, tão espiritual quão bela”. O famoso príncipe de Ligne escrevia-lhe cartas de oito páginas. Bilibine reservava as primícias dos seus ditos de espírito para a condessa Bezukov. O ser-se admitido nos seus salões equivalia a receber diploma de pessoa de espírito. Os jovens liam livros de propósito antes de se apresentarem nas suas recepções, para assim disporem de um assunto de conversa, e os secretários de embaixada, e por vezes os próprios embaixadores, confiavam-lhe segredos diplomáticos, de tal sorte que Helena, no seu gênero, era um verdadeiro potentado. Pedro, que a tinha por muito estúpida, assistia por vezes, num estranho misto de perplexidade e de receio, às recepções e aos jantares que ela dava e em que se falava de política, de poesia ou de filosofia. Experimentava um sentimento semelhante ao do prestidigitador que espera a todo o instante ver descoberto o truque de que usa. Ou porque a estupidez fosse precisamente o que convinha para dirigir um salão deste gênero ou porque os logrados sentissem prazer em se deixar iludir, o certo é que o truque não era descoberto e a reputação de mulher encantadora e espiritual tão solidamente se arraigara à personalidade de Helena Vassilievna Bezukov que ela podia pronunciar as maiores necedades e as mais rotundas tolices que nem por isso os seus admiradores deixavam de se extasiar perante o que ela dizia, dando-se ao cuidado de atribuir a cada uma das suas palavras um sentido profundo, sentido que ela própria estava longe de suspeitar.

Pedro, eis o marido talhado para esta brilhante mundana. Era o original distraído, o esposo fidalgo, que não incomodava ninguém, e não só não estragava a impressão geral do alto tom do salão, mas, antes pelo contrário, mercê do contraste que estabelecia com a distinção e o tato da mulher, lhe servia de

vantajoso pano de fundo. No decorrer desses dois anos, a contínua contenção de espírito a que se obrigara na familiaridade com as coisas abstratas, o seu perfeito desdém por tudo o mais levava-o a assumir nesta sociedade bem pouco interessante para ele um certo tom de indiferença, de desprendimento e de indulgência para com tudo — coisa que se não adquire artificialmente — que não deixava de inspirar respeito. Entrava no salão da mulher como um ator que entra no palco, conhecia toda a gente, a todos acolhia bem, mantendo-se a igual distância de todos. Por vezes participava numa conversa que o interessava, e então, sem se preocupar em saber se os cavalheiros da Embaixada estavam ou não presentes, exprimia, tartamudeando, ideias que frequentemente eram muitíssimo contrárias ao tom da ocasião. Porém a opinião acerca do original marido de a mulher mais distinta de Petersburgo tão radicada estava que ninguém tomava a sério as suas inconveniências.

Entre os numerosos jovens que frequentavam assiduamente os salões de Helena um dos mais íntimos, após o regresso de Erfurth, era Bóris Drubetskoi, que já então fizera uma brilhante carreira. Helena chamava-lhe o meu pagem e tratava-o como se ele fosse uma criança. Os sorrisos que lhe dirigia eram iguais aos que dirigia a todos os outros, e no entanto Pedro por vezes sentia-se perante eles desagradavelmente impressionado. Bóris testemunhava ao marido de Helena uma deferência especial, cheia de dignidade e como que de compaixão, e punha nisso uma nuance que ainda mais inquietava Pedro. Este sofrera tanto, três anos antes, com a ofensa que recebera da esposa que procurava agora evitar um ultraje semelhante, em primeiro lugar mantendo-se como se não fosse marido da mulher e em seguida não se permitindo a si próprio suspeitar da sua conduta.

“Sim, agora que ela armou em bas-bleu, é porque renunciou para sempre aos desvarios de outrora”, dizia para si mesmo. “Não há exemplo de uma bas-bleu se abandonar a desvarios do coração”, repetia, desenterrando, nem ele sabia donde, este axioma a que se agarrava com unhas e dentes. No entanto, coisa estranha, a presença de Bóris no salão da mulher, onde era visto a todo o instante, exercia sobre ele um efeito quase físico: paralisava-o de braços e pernas, suprimia-lhe o automatismo dos movimentos e dos gestos.

“Que curiosa antipatia”, dizia consigo mesmo; “no entanto, antigamente até gostava dele, e mesmo muito.”

Eis como, aos olhos do mundo, Pedro passava por um grande senhor, marido, um pouco míope e ridículo, de uma mulher célebre, um original espiritual que nada fazia, mas que, por isso mesmo, não fazia mal a ninguém, um fraco e pobre diabo. Contudo na alma de Pedro ia-se realizando, entretanto, um trabalho complicado e difícil de desenvolvimento interior, que lhe abria largos

horizontes e o conduzia, ao mesmo tempo que a não poucas dúvidas, a muitas alegrias morais.

Capítulo X

Prosseguindo no seu diário, eis o que ele escrevia por essa altura:

24 de novembro.

Levantei-me às oito horas, li as Sagradas Escrituras, depois fui à minha reunião. (Pedro, a conselho do Benfeitor, consentira em fazer parte duma comissão.) Voltei para jantar. Comi só. A condessa tem muitos convidados que a mim me são desagradáveis. Comi e bebi moderadamente e depois da refeição copiei documentos para os irmãos. À noite desci aos salões da condessa; contei ali uma divertida história acerca de B. e tarde demais é que reconheci, em virtude das grandes gargalhadas de toda a gente, que não devia ter contado a história.

Deito-me, sereno e feliz de espírito. Senhor Todo-Poderoso, ajuda-me a seguir pelas Tuas sendas, isto é: 1º a dominar os meus ataques de cólera, graças à cordura e à paciência; 2º a vencer a luxúria, graças à continência; 3º a afastar-me das agitações mundanas, embora não abandonando: a) os negócios públicos; b) os interesses de família; c) as relações de amizade, e d) os assuntos económicos.

27 de novembro.

Levantei-me tarde, e, uma vez acordado, fiquei muito tempo na cama, por preguiça. Ó meu Deus! Ajuda-me e fortalece-me, para que eu possa caminhar pelas tuas sendas. Li as Sagradas Escrituras, mas sem o recolhimento necessário. O irmão Urussov apareceu, falamos das vaidades deste mundo. Referiu-se aos novos projetos do imperador. Principiei por criticá-los, mas lembrei-me das regras e do que me disse o Benfeitor, que o verdadeiro irmão maçônico deve ser zeloso instrumento do Estado quando lhe pedem o seu concurso e espectador passivo do que lhe não diz respeito. A minha língua é a minha maior inimiga. Os irmãos G. V., e O. também apareceram. Tivemos uma conversa preambular sobre a admissão de um novo irmão. Confiaram-me as funções de reitor. Sinto-me indigno e incapaz de bem desempenhar esse cargo. Falamos depois da interpretação das sete colunas e dos degraus do templo, das sete ciências, das sete virtudes, dos sete vícios, dos sete dons do Espírito Santo. O irmão O. foi muito eloquente. À noite houve recepção. As novas instalações concorreram largamente para a magnificência do espetáculo. Foi Bóris Drubetskoi o irmão recebido. Coube-me ser seu padrinho e igualmente seu reitor. Um estranho sentimento me agitou durante todo o tempo em que estive com ele no templo obscuro. Surpreendi-me a sentir por ele um ódio que debalde procurei dominar. E, no entanto, sinceramente, desejaria salvá-lo do mal e conduzi-lo ao caminho da verdade, mas os maus pensamentos não me abandonavam. Para comigo

dizia que, ao filiar-se, o seu objetivo não era outro senão aproximar-se de certas pessoas, de ganhar as boas graças daqueles que pertencem à nossa loja. Efetivamente, por mais de uma vez perguntou se Fulano ou Sicrano não faziam parte da loja, coisa que aliás eu lhe não pude confirmar. Como me foi dado observar, é com toda a certeza incapaz de ter respeito pela nossa santa ordem e está por demais preocupado com a sua pessoa física e por demais satisfeito consigo mesmo para aspirar a qualquer aperfeiçoamento moral. No entanto não tenho razões especiais para duvidar dele. Pareceu-me, todavia, pouco sincero e durante todo o tempo em que estive sozinho comigo no templo obscuro afigurou-se-me que sorria com desdém dos meus discursos e não me faltaram desejos de lhe trespassar a valer o peito nu com a espada que nele apoiava. Não me pude mostrar eloquente, mas, sinceramente, não podia dar parte das minhas dúvidas aos irmãos e ao grão-mestre. Ó Grande Arquiteto do Universo, ajuda-me a encontrar as verdadeiras sendas que me farão sair do labirinto da mentira.

Três páginas em branco se sucediam. Depois estava escrito o seguinte:

Tive uma longa e instrutiva conversa em segredo com o irmão V., que me aconselhou a que me acautelasse com o irmão A. Muitas coisas me foram reveladas, ainda que eu seja indigno delas. Adonai é o nome daquele que criou o mundo. Elloim é o nome do que dirige todas as coisas. O terceiro nome é aquele que se não pronuncia: significa o Todo. As minhas conversas com o irmão V. fortalecem-me, iluminam-me e consolidam-me no caminho da virtude. Nele a dúvida não existe. Vejo claramente a diferença que há entre as pobres ciências que se ensinam no mundo e a nossa santa doutrina, que abarca tudo. As ciências humanas fragmentam tudo para compreenderem, matam tudo para examinarem. Na santa ciência da nossa ordem tudo é uno, tudo é inteligível na sua complexidade, na sua vida. A tríade, os três elementos das coisas, são o enxofre, o mercúrio e o sal. O enxofre tem ao mesmo tempo as propriedades do azeite e do fogo; junto ao sal excita nele, graças ao fogo que encerra, o desejo, por meio do qual atrai o mercúrio, o apanha, o retém e produz com ele corpos distintos. O mercúrio é a essência espiritual no estado líquido e gasoso. É o Cristo, o Espírito Santo, o Ser.

3 de dezembro.

Acordei tarde, li as Sagradas Escrituras mas fiquei insensível. Em seguida saí do meu quarto e passei de um lado para o outro no salão. Queria meditar, mas em vez disso a minha imaginação representou-me um fato ocorrido há quatro anos. Encontrando-me em Moscou, depois do duelo,

Dolokov disse-me que esperava que eu usufruísse agora de uma perfeita quietude da alma, apesar da ausência de minha mulher. Não lhe respondi então; mas agora lembro-me de todos os pormenores dessa conversa e mentalmente dirijo-lhe as diatribes mais malévolas e as palavras mais cáusticas. Refiz-me e sacudi de mim estes pensamentos, mas não me arrependi devidamente. Depois apareceu Bóris Drubetskoi e pôs-se a contar diversas anedotas. Não lhe mostrei boa cara e dirigi-lhe mesmo algumas palavras pouco amáveis. Respondeu-me. Exaltei-me e disse-lhe uma série de coisas desagradáveis e até mesmo descorteses. Calou-se; eu quis fazer esquecer as minhas palavras, mas já era tarde demais. Meu Deus, não consigo saber comportar-me para com ele. A causa está no meu amor-próprio. Considero-me muito acima dele, de modo que a minha conduta é bem pior do que a sua. Ele mostra-se indulgente para com a minha grosseria, enquanto eu, pelo contrário, só mostro desdém para com ele. Meu Deus, permite que eu diante dele veja melhor a minha indignidade e que proceda de modo a ser útil, até mesmo a ele. Depois de jantar passei pelo sono, durante o qual ouvi distintamente uma voz que me dizia ao ouvido esquerdo: “Chegou a tua hora.”

Sonhei que caminhava na escuridão e que de súbito me via rodeado de cães. Nem por isso caminhava com menos medo. De repente um cachorrinho deitou-me os dentes à barriga da perna esquerda e não me largava. Lancei-lhe as mãos ao pescoço e estrangulei-o. Mal me libertara de um, logo outro, muito maior, me ferra os dentes. Agarro-o, e quanto mais o levanto no ar mais pesado e maior ele se torna. De súbito aparece o irmão A., que me pega por debaixo dos braços, me leva consigo e me conduz a um edifício onde se não pode entrar senão depois de se atravessar uma prancha muito estreita. Quando principiei a andar por cima dela, a prancha oscilou e caiu e eu trepei por uma paliçada a que dificilmente me podia agarrar. Depois de grandes esforços consegui içar o corpo de tal sorte que fiquei com as pernas de um lado e o tronco do outro. Voltei-me e vi o irmão A., de pé em cima da paliçada, apontando-me uma grande avenida e um parque no qual havia uma bela e imponente construção. Acordei. Senhor, Grande Arquiteto do Universo, ajuda-me a ver-me livre destes cães, que são as minhas paixões, e do último de entre todos, aquele que em si concentra a potência de todos os demais. Ajuda-me a penetrar nesse templo da virtude cuja visão eu tive no meu sonho.

7 de dezembro.

Sonhei que José Alexeievitch estava em minha casa e eu me sentia feliz e muito desejava tratá-lo bem. Mas como eu tagarelava indefinidamente com

estranhos e de súbito me lembrei de que isso lhe era desagradável, tive vontade de me aproximar dele e de o apertar nos meus braços. Porém, ao aproximar-me, vi que o seu rosto se transfigurava, remoçando, e ouvi algumas palavra mas em voz muito baixa sobre a doutrina da ordem, e tão baixa que o não pude compreender. Em seguida saímos todos da sala e então aconteceu qualquer coisa muito curiosa. Estávamos sentados, uns, ou deitados no chão, outros. E ele falava-me. Mas eu, querendo mostrar-lhe a minha sensibilidade, sem prestar atenção às suas palavras, pus-me a evocar dentro de mim o estado do meu ser interior e a graça de Deus que me inunda. E então os olhos encheram-se-me de lágrimas e muito feliz me senti por ele ter visto que eu chorava. Mas lançou-me um olhar de descontentamento e afastou-se de mim, interrompendo a conversa. Senti-me intimidado e perguntei-lhe se era de mim que ele tinha querido falar. Não me respondeu, mostrou-me uma expressão amável e depois, repentinamente, surpreendemo-nos no meu quarto, onde há uma cama de casal. Deitou-se ele à beira da cama e eu, que senti desejos de por ele ser acariciado, estendi-me também a seu lado. E eis que ele me interroga: “Diga-me a verdade, qual é a sua maior paixão? Sabe qual é? Creio que já a conhece.” Perturbado com a pergunta, redargui-lhe que a preguiça era a minha maior paixão. Abanou a cabeça, incrédulo. Então respondi-lhe, cada vez mais perturbado, que, embora estivesse com minha mulher, como ele me aconselhara, não vivia com ela maritalmente. A isto ele objetou que eu não devia privar minha mulher das minhas carícias. Deu-me a entender ser essa a minha obrigação. Eu, porém, respondi-lhe que tinha vergonha, e de repente tudo desapareceu. Acordei e veio-me à memória este passo das Sagradas Escrituras: “E a vida era a luz dos homens. E a luz brilhou nas trevas e as trevas não a receberam.” O rosto de José Alexeievitch resplandecia de juventude. Nesse mesmo dia recebi uma carta do Benfeitor a propósito dos deveres conjugais.

9 de dezembro.

Tive um sonho que me fez acordar com o coração febril. Sonhei que estava na minha casa de Moscou, deitado num divã, e que José Alexeievitch saía do salão. Vi imediatamente que se havia operado nele como que uma ressurreição e corri ao seu encontro. Beijei-lhe a cara e as mãos e ele disse-me: “Notaste que a minha cara não é a mesma?” Olhei-o mantendo-o apertado nos meus braços, e vi que ele tinha cara de mulher, mas que lhe faltavam os cabelos e que mudara por completo de fisionomia. E disse-lhe então: “Tê-lo-ia reconhecido apesar de tudo se o tivesse encontrado por acaso.” E, entretanto, para mim mesmo murmurava: “Estarei a dizer a

verdade?” E de súbito vi-o diante de mim estendido como um cadáver; depois, pouco a pouco, voltou a si, e entrou comigo no meu espaçoso gabinete tendo na mão um grande livro pintado, de folhas de papiro. E eu disse-lhe: “Fui eu quem o pintou.” E ele respondeu-me com um aceno de cabeça. Abri o livro; em todas as suas páginas havia lindos desenhos. E eu sabia que esses desenhos representavam as aventuras amorosas da alma com aquele a quem a alma ama. Numa das páginas vi uma linda imagem de uma virgem, com vestes transparentes, a erguer-se nas nuvens. E eu sabia que essa virgem mais não era que uma representação do Cântico dos Cânticos. E, ao contemplar esses desenhos, sentia perfeitamente que estava fazendo mal, mas não podia desprender deles os olhos. Senhor, ajudai-me! Ó meu Deus! Se o abandono a que me votas é obra tua, que seja feita a vossa vontade. Mas, se sou eu a sua causa, ensina-me o que devo fazer. Morrerei vítima da minha depravação se me abandonas completamente.

Capítulo XI

A situação econômica dos Rostov não melhorara no decurso dos dois anos que haviam passado no campo. Embora Nicolau, obstinado na sua resolução, continuasse a sua obscura carreira num regimento desconhecido, gastando relativamente pouco, o certo é que o gênero de vida que a família levava em Otradnoie era o que sempre fora. Além disso, Mitenka, tão bem ou tão mal conduzia os negócios que as dívidas aumentavam de ano para ano. O velho conde só via uma maneira de salvar a situação: aceitar um cargo, e ei-lo que vai para Petersburgo em cata de um lugar. Procurava um lugar, mas, assim o dizia, ao mesmo tempo fazia por divertir as pequenas pela última vez. Pouco depois de chegarem a Petersburgo, Berg pediu a mão de Vera e o pedido foi aceite.

Em Moscou os Rostov faziam parte da alta sociedade sem darem por isso e sem perguntarem a si próprios de que sociedade faziam parte. Em Petersburgo, porém, a sua situação era incerta e pouco definida. Provincianos, não eram visitados pela mesma gente que em Moscou teria jantado à custa dos Rostov nem eles previamente perguntaram a que sociedade pertenciam. Viviam em Petersburgo tão faustosamente como em Moscou e os seus jantares reuniam as mais variadas personagens: vizinhos do campo, velhos proprietários rurais pouco abastados com suas filhas, a dama de honor Peronskaia, Pedro Bezukov e o filho de um mestre-escola do distrito empregado na capital. Não tardou que os íntimos dos Rostov fossem Bóris, Pedro, a quem o velho conde trouxera consigo certa vez que o encontrara na rua, e Berg, que passava dias inteiros lá em casa prestando à filha mais velha dos Rostov, a condessa Vera, as homenagens que habitualmente presta à noiva o rapaz com intenções matrimoniais.

Berg mostrava com orgulho a toda a gente o braço direito ferido em Austerlitz. A mão esquerda apoiava-a num sabre que para nada lhe servia. Tão obstinadamente decidira contar o seu feito a qualquer que lhe aparecia, e tão grande era a importância que lhe atribuía, que acabara por fazer que os outros acreditassem na autenticidade e no valor do seu ato, e o certo é que, graças a essa proeza, obtivera duas condecorações.

Tivera igualmente ocasião de se distinguir na guerra da Finlândia. Apanhara um estilhaço de obus que acabava de matar um ajudante-de-campo junto do general-chefe e entregara-o ao comandante. E exatamente como acontecera com o caso de Austerlitz, com tantos pormenores e tão insistentemente relatara o fato que toda a gente acabou por acreditar tratar-se de um ato exemplar e, finda que foi a guerra da Finlândia, lá lhe foram concedidas mais duas condecorações. Em 1809 era capitão da Guarda, com o peito constelado de veneras, e em Petersburgo desempenhava um cargo bem remunerado.

Havia cétricos que costumavam sorrir sempre que diante deles se falava dos méritos de Berg, mas ninguém se atrevia a dizer que ele não era um soldado pontual e corajoso, muito bem visto pelos seus superiores, moço de ótima moralidade, com uma carreira brilhante diante de si e até mesmo uma sólida situação na sociedade.

Quatro anos antes, ao encontrar na plateia de um teatro de Moscou um dos seus camaradas alemães, apontara-lhe Vera Rostov, dizendo-lhe, em alemão: “Aquela será minha mulher.” E a partir desse momento a sua resolução estava tomada. Atualmente, em Petersburgo, comparando a posição dos Rostov com sua própria, decidira que o momento tinha chegado e fizera o seu pedido.

A proposta de Berg principiara por ser acolhida com um espanto pouco lisonjeiro para ele. Considerava-se um pouco estranho que o filho dum obscuro fidalgo da Livônia pedisse em casamento uma condessa Rostov, mas o traço principal do caráter de Berg era o egoísmo, um egoísmo tão ingênuo e inofensivo que os Rostov, inconscientemente, concluíram tudo estar certo, visto ele próprio disso se mostrar firmemente convencido. Para mais, tão abalada estava a fortuna da família que o noivo não podia ignorar a situação. E a verdade é que Vera tinha vinte e quatro anos, aparecia muito em sociedade, e, embora bonita e sensata, ainda ninguém se lembrara de lhe fazer a corte. A proposta foi aceite.

“Estás a ver”, dizia Berg ao camarada, a quem só dava o nome de amigo pela simples razão de que era natural que tivesse pelo menos um. “Estás a ver, examinei o caso por todos os lados. Não me teria casado se não tivesse feito convenientemente todos os meus cálculos e se não chegasse à conclusão de que o passo não tinha desvantagens para mim. Pelo contrário. Atualmente meus pais gozam de uma situação desafogada, desde que eu lhes arranjei uma quinta nos países bálticos. Agora eu posso viver perfeitamente em Petersburgo com o meu soldo, a fortuna dela e o meu espírito de economia. Podemos viver mesmo muito bem. Não me caso por causa do dinheiro: acho isso pouco nobre. Mas é bom que a mulher contribua com a sua quota-parte e o marido com a dele. Eu tenho as minhas funções a desempenhar, ela as suas relações e uma pequena fortuna. Nos tempos que correm isto não é coisa para desdenhar, não é verdade? E o principal é uma pessoa casar com uma linda e honesta rapariga, e ela gostar de nós...”

Berg, ao dizer isto, sorriu, corando.

“E eu também gosto dela, pois acho-lhe um caráter sério e excelente. E aí tens, por exemplo, a irmã: essa é muito diferente, tem um caráter desagradável, falta-lhe bom senso e não sei que há nela, não atrai... Enquanto que a minha noiva... Espero que venhas a nossa casa...”, ia a dizer “jantar”, mas conteve-se, “...tomar chá”, e, graças a um especial movimento da língua, emitiu

um pequeno arco de fumo de tabaco, emblema perfeito de todos os seus sonhos de felicidade.

Uma vez passado o primeiro momento de embaraço provocado pelo pedido de Berg, a família, como é costume em casos tais, entrou numa quadra de festas e alegria, embora de alegria pouco sincera e toda exterior. Os pais pareciam constrangidos e um pouco envergonhados. Receavam deixar transparecer que gostavam pouco de Vera e que lhes não era desagradável verem-se livres dela. Mais do que ninguém na família, o conde era a pessoa mais contrariada. É certo que ele próprio não poderia claramente explicar a causa da contrariedade que sentia, mas eram os embaraços de dinheiro que o atormentavam. Ignorava por completo o que possuía, qual o montante das dívidas e o que estava em condições de dar a Vera como dote. Quando nasceram, a cada uma das filhas atribuíra-lhes, respectivamente, trezentas almas em dote. Mas uma das aldeias abrangidas já fora vendida, a outra estava hipotecada e tão atrasada no pagamento dos juros que era mister vendê-la, e assim não havia mais remédio que renunciar às propriedades base. Quanto a dinheiro de contado, era coisa que também não existia.

Havia já mais de um mês que Berg estava noivo, só faltavam oito dias para o casamento e o conde ainda não resolvera, pela sua parte, o caso do dote nem falara ainda no assunto à mulher. Ora queria atribuir à filha o domínio de Riazan, ora vender uma floresta, ora ainda pedir dinheiro emprestado sobre letra. Alguns dias antes da cerimônia, Berg apresentou-se de manhã cedo no gabinete do conde e, sorridente, perguntou, respeitosamente, ao futuro sogro em que consistia o dote da condessa Vera. O conde tão embaraçado ficou com a pergunta, a qual, aliás, há muito previa, que respondeu ao acaso a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Acho muito bem que te preocupes com isso, estou muito contente. Vais ver que não terás razão de queixa.

E, dando algumas pancadinhas no ombro de Berg, levantou-se como que disposto a dar por finda a conversa. Mas Berg, sempre sorridente, declarou que continuava sem saber em que consistia precisamente o dote de Vera e que se lhe não fosse dado tomar conta imediatamente, pelo menos, de parte dele ver-se-ia obrigado a retirar o seu pedido.

— Reflita, conde, que se eu consentisse em casar sem dispor dos meios necessários para manter minha mulher o meu procedimento seria desonesto.

O conde, desejoso de se mostrar mãos-largas e não querendo expor-se a novos pedidos, deu por finda a conversa pondo a sua assinatura numa letra no valor de oitenta mil rublos. Berg teve um sorriso benigno, beijou o ombro do

conde e disse estar-lhe muito agradecido, mas que lhe era impossível organizar a sua nova vida sem dispor de trinta mil rublos em dinheiro,

— Ao menos vinte mil, conde — acrescentou -, e nesse caso a letra seria apenas de sessenta mil.

— Bem, bem, muito bem — acorreu o conde -, desculpa-me, meu amigo, podes contar com os teus vinte mil rublos em dinheiro e a letra não será de menos de oitenta mil. Bem, dá cá um abraço.

Capítulo XII

Estava-se em 1809 e Natacha acabara de fazer dezasseis anos, o termo por ela assinalado no dia em que se tinham beijado, quatro anos antes. Desde então nunca mais tornara a vê-lo, uma vez que fosse. Quando se falava de Bóris diante de Sônia e da mãe, Natacha dizia, com o maior desembaraço, ser evidente que todas essas velhas histórias não passavam de infantilidades de que não valia a pena falar, completamente esquecidas há muito. Mas no fundo do seu coração perguntava-se a si mesma com ansiedade se, em verdade, o laço que a prendia a Bóris seria uma brincadeira ou uma promessa séria a que estivesse realmente ligada.

Desde a época em que Bóris, em 1805, deixara Moscou para ingressar no exército, nunca mais tornara a ver os Rostov. Várias vezes estivera em Moscou, passara a pequena distância de Otradnoie, mas nunca se decidira a visitá-los.

Natacha pensava às vezes que ele não queria tornar a vê-la e as suas suspeitas vieram a confirmar-se graças ao tom contristado que assumiam as pessoas idosas da família ao falarem no caso.

— Nos tempos de hoje esquecem-se facilmente os amigos — dizia a condessa sempre que alguém aludia a Bóris.

Também Ana Mikailovna aparecia ultimamente muito pouco, adotara uma espécie de atitude de dignidade, e sempre que falava dos méritos do filho e da brilhante carreira que encetara fazia-o com um acento de entusiasmo e compenetração. Quando os Rostov chegaram a Petersburgo, Bóris foi visitá-los.

Não o fez sem emoção. A lembrança de Natacha era uma das suas mais poéticas reminiscências. No entanto dava este passo na firme resolução de fazer compreender, tanto a ela pessoalmente como aos pais, que as suas relações de infância não implicavam qualquer espécie de compromisso, quer da parte dela, Natacha, quer da parte dele, Bóris. Gozava de brilhantíssima situação na sociedade, graças à sua intimidade com a condessa Bezukov. E também estava fazendo brilhante carreira, mercê da proteção de certa importante personagem junto de quem gozava de inteira confiança, nutrindo, além disso, um projeto de casamento com um dos mais ricos partidos de Petersburgo, projeto facilmente realizável. Quando Bóris entrou no salão dos Rostov, Natacha estava nos seus aposentos. Ao saber que ele chegara, apareceu, muito corada, nos lábios um sorriso onde havia mais alguma coisa que amabilidade.

Bóris lembrava-se da Natacha de vestidos curtos, olhos negros faiscando sob os caracóis do cabelo, o riso infantil em catadupa, que ele conhecera quatro anos antes. Por isso, quando viu entrar no salão uma Natacha

completamente diferente, grande perturbação o tomou e também uma profunda admiração. Natacha deu por isso e regozijou-se.

— Então, já não conheces a tua amiguinha azougada? — disse-lhe a condessa.

Bóris beijou a mão de Natacha, dizendo não estar em si com a modificação que nela se operara.

— Como está linda!

— Assim parece! — replicaram-lhe os olhos risonhos da mocinha. — E o pai, acha que envelheceu? — perguntou ela.

Natacha sentou-se, e, sem tomar parte na conversa de Bóris e da condessa, pôs-se a examinar, concentrada, o noivo da sua infância nos mais pequeninos pormenores. Por sua vez, Bóris sentia aflorá-lo esse olhar afetuoso, mas obstinado, e de tempos a tempos olhava também para ela.

O uniforme, as esporas, a faixa, o penteado de Bóris, era tudo à última moda e muito comme il faut... Foi o que ela notou imediatamente. Bóris estava sentado, a três quartos, numa poltrona ao pé da condessa e ia afagando com a mão direita a luva imaculada que lhe moldava a mão esquerda. Falava, com uma prega especial dos lábios, um pouco afetada, da alta sociedade petersburguesa, e com ligeira ironia do tempo de Moscou e das pessoas conhecidas de então. Não foi por acaso, como Natacha teve ocasião de notar, que aludiu, a propósito da alta aristocracia, ao baile da embaixada onde estivera, dos convites para casa de Fulano e de Sicrano.

Natacha conservou-se calada todo esse tempo, relanceando os olhos a furto. Estes seus olhares acabaram por inquietar e perturbar Bóris. A cada passo se voltava para ela, interrompendo o que estava a dizer. Não se demorou mais de dez minutos, erguendo-se e pedindo licença para se retirar. E sempre os mesmos olhos curiosos, um pouco provocantes e zombeteiros, seguindo-lhe os movimentos. Depois desta primeira visita, Bóris, reconhecendo que achava Natacha tão atraente como outrora, entendeu não dever abandonar-se a esse sentimento, uma vez que um casamento com ela, menina quase desprovida de fortuna, acarretaria a ruína da sua carreira, e renovar as antigas relações sem pensar em casar seria proceder com pouca correção. Decidiu de si para consigo evitar encontrá-la. No entanto, apesar desta resolução, voltou a aparecer em casa dos Rostov alguns dias mais tarde, renovando depois essas visitas com frequência e lá ficando dias inteiros. Passava o tempo a dizer a si próprio que se tornava necessária uma explicação entre ele e Natacha, que lhe devia fazer compreender que era preciso esquecerem o passado, que apesar de tudo... ela não podia vir a ser sua mulher, que ele não tinha fortuna e que nunca lhe concederiam a sua mão. Mas nunca conseguia falar, e sentia-se embaraçado demais para abordar

semelhante explicação. À medida que os dias passavam mais difícil a situação se tornava. Natacha, assim o observava a mãe e Sônia, parecia de novo enamorada de Bóris como antigamente. Cantava-lhe as melodias preferidas, mostrava-lhe o álbum de recordações, pedia-lhe que escrevesse qualquer coisa e impedia-o de pensar nos tempos antigos, tão belos lhe tornava os momentos presentes. De dia para dia ele se ia perdendo no meio da neblina, sem lhe comunicar as suas intenções, não sabia o que fazia, nem porque voltava a vê-la, nem como tudo aquilo iria acabar. Bóris deixara de aparecer em casa de Helena, de quem recebia todos os dias bilhetinhos cheios de queixas. Nem por isso, contudo, as suas visitas à casa dos Rostov, onde passava dias inteiros, mostravam rarear.

Capítulo XIII

Certa noite em que a condessa velha, de camisa de dormir, sem os caracóis postiços e com as guedelhas a aparecer por debaixo da touca de algodão, fazia, ajoelhada no tapete, as profundas genuflexões das suas orações da noite, gemendo e tossicando, a porta abriu-se e Natacha apareceu a correr, os pés, sem meias, dentro das chinelas de quarto, também de camisa de dormir e com papelotes. A condessa voltou-se e franziu o sobrolho. Terminava a última oração: “Será este leito o meu túmulo?” De súbito todo o seu recolhimento se desvaneceu. Natacha, muito corada e em grande excitação, ao ver que a mãe rezava, estacou, de súbito, meio acororada, e deitou a língua de fora, como se acabasse de ser surpreendida em qualquer maldade. Como a mãe continuava a rezar, correu para a cama, a pé-coxinho, tirou as chinelas e deu um pulo para cima do leito que a condessa receava viesse a ser o seu túmulo. Era uma grande cama de penas, com cinco almofadas, de tamanho decrescente.

Natacha, uma vez em cima da cama, meteu a cabeça no edredão, deixou-se descair até junto da parede e pôs-se a encolher-se, a aninhar-se, puxando os joelhos para o queixo, agitando as pernas e com um riso abafado, ora escondendo a cabeça, ora lançando um olhar de viés para o lado onde estava a mãe. A condessa, findas as suas orações, aproximou-se da cama com uma expressão severa. Ao ver, porém, que Natacha escondia a cabeça debaixo das cobertas, um sorriso meigo e bom lhe veio aos lábios.

— Então, que é isso? — disse ela.

— Mãe, podemos conversar as duas um bocadinho? — perguntou Natacha. — Deixa-me beijar-te aqui, no pescoço, uma só vez. — Abraçou-se à condessa e beijou-a debaixo do queixo. Nestes seus modos havia uma certa brusquidão, mas era tão ligeira e hábil que quando abraçava a mãe conseguia sempre não lhe fazer mal algum, nem aborrecê-la ou maçá-la.

— Bom, que aconteceu hoje? — disse a mãe, ajeitando-se nas almofadas e esperando que a filha, depois de dar duas voltas sobre si mesma, viesse instalar-se a seu lado, debaixo da mesma coberta, as mãos fora dos lençóis e a cara muito séria.

Estas visitas noturnas que Natacha fazia à mãe antes de o conde regressar do clube eram os momentos mais felizes das duas — mãe e filha!

— Que aconteceu hoje? Eu também queria falar contigo...

Natacha pôs-lhe a mão na boca.

— De Bóris... Bem sei — disse ela, num tom muito sério. — Foi por isso que vim até aqui. Não diga, eu sei. Agora, fale — tirou a mão. — Diga, mãe. Acha-o gentil?

— Natacha, já fizeste dezasseis anos. Na tua idade já eu estava casada. Dizes que Bóris é gentil. Sim, é muito gentil rapaz, gosto dele como se fosse meu filho, mas, que queres fazer?... Que intenções são as tuas? Deste-lhe volta ao miolo, é o que eu tenho visto...

Dizendo estas palavras, a condessa voltou-se para a filha. Natacha continuava estendida, sem se mexer, de olhos fixos numa das esfinges de acaju esculpidas a cada canto da cama, de modo que a mãe apenas podia vê-la de perfil. A condessa sentiu-se impressionada pela expressão séria e concentrada que se lhe lia no rosto.

Natacha estava cismadora.

— Bom, então o que aconteceu? — disse ela.

— Deste-lhe volta ao miolo, é um fato, e que quer isso dizer? Que lhe queres? Bem sabes que não podes casar com ele.

— Por quê? — perguntou Natacha, sem alterar a posição.

— Porque ele ainda é muito novo, porque é pobre, porque é teu parente... porque tu própria não gostas dele.

— Quem lhe disse?

— Tenho a certeza, e isso não é bonito, minha filha.

— E eu... se eu quisesse... — balbuciou Natacha.

— Não digas tolices.

— E se eu quiser...

— Natacha, sério, sério...

Natacha não a deixou concluir, puxou para si a grossa mão da condessa, beijou-a por cima e por baixo, em seguida voltou-a e beijou-lhe os nós dos dedos, depois o intervalo entre cada um deles, ainda os outros nós, contando: — Janeiro, fevereiro, março, abril, maio. Então, fale, mãe, porque está calada? Fale!

Fitava a mãe, que a envolvia num olhar terno, e na contemplação em que estava parecia ter esquecido tudo que tinha para dizer.

— Isso não é decente, minha querida. Nem toda a gente conhece a vossa familiaridade de criança, e o verem-te em tal intimidade pode prejudicar-te aos olhos dos outros rapazes que frequentam a nossa casa. E sobretudo só serve para o atormentar inutilmente. É natural que a esta hora já tenha encontrado um partido rico que mais lhe convenha. E o certo é que anda de cabeça perdida.

— Acha? — disse Natacha.

— Vou falar-te com juízo. Também eu tive em tempos um primo...

— Sim, bem sei... Kirilo Matveitich, mas esse é velho.

— Nem sempre foi velho. Por isso, olha, Natacha, é bom que eu fale com o Bóris. Não convém que venha cá tantas vezes...

— E por que não, se lhe dá prazer?

— Porque eu sei que isto não tem pés nem cabeça...

— Quem lhe disse? Não, mãe, não fales com ele. São tolices! — exclamou a rapariguinha assumindo o tom de alguém a quem querem tirar o que lhe pertence. — Está descansada. Não caso com ele. Então, por que não há de ele aparecer, se isso nos diverte tanto a ele como a mim? — Natacha pôs-se a sorrir a olhar para a mãe. — Não caso com ele, e tudo ficará como estava.

— Que dizes tu, minha filha?

— Sim, como estava. É absolutamente necessário que eu não case com ele? Então tudo ficará como está.

— Como está, como está — repetiu a condessa enquanto uma grande gargalhada a agitava dos pés à cabeça, uma grande gargalhada de velha.

— Oh, não se ria assim, cale-se! — exclamou Natacha. — A cama está toda a tremer. É tão parecida comigo, é tão alegre... Espere... — Pegou-lhe nas duas mãos e continuou a contar, beijando-as a partir do dedo mínimo: — Junho, julho. — E passando para a outra mão: — Agosto... Diga, mãe, acha que ele gosta muito de mim? Que lhe parece? Também gostaram assim tanto de si? Sim, é muito gentil, muito, muito gentil! Mas para meu gosto é um bocadinho estreito, assim como a caixa do relógio... Não percebe?... Sim, estreito, e cinzento-claro...

— Que estás tu para aí a dizer?

— Não me diga que não compreende — prosseguiu ela — O Nikolenka, esse, compreenderia tudo... Bezukov, por exemplo, é azul, azul-forte, com vermelho à mistura... e é quadrado.

— Quer-me parecer que também tu fazes um bocadinho coquette com esse, não é verdade? — disse a condessa a rir.

— Não. Disseram-me que era pedreiro-livre. É bom rapaz, mas vermelho e azul-carregado... Como é que lhe hei de explicar?

— Condessinha — disse a voz do conde atrás da porta. — Estás acordada? — Natacha deu um pulo para o chão, procurou as chinelas e fugiu para o quarto.

Custou-lhe a adormecer. Não se cansava de dizer a si própria que ninguém podia compreender tudo quanto ela sentia, tudo quanto ela tinha na cabeça.

“Sônia!” dizia de si para consigo, olhando para a prima, que dormia toda enrolada como uma galinha felpuda. “Ah, sim, é verdade, esta sim, é virtuosa a valer. Está apaixonada pelo Nikolenka e de nada mais quer saber. A mãe também me não compreende. Ninguém é capaz de perceber a menina inteligente que eu sou e como a menina Natacha é bonita”, prosseguiu, falando de

si mesma na terceira pessoa, como se fosse alguém muito inteligente, uma joia de homem, que dela estivesse falando. “Tem tudo, tudo por si. É espirituosa, extraordinariamente gentil, e boa, extraordinariamente boa, e habilidosa... Nada, monta muito bem a cavalo e tem uma voz! É o que lhe digo: uma voz surpreendente!”

Trauteou a sua frase favorita de uma ópera de Cherubini, deitou-se em cima da cama, pôs-se a rir ao pensar que ia adormecer repentinamente, chamou Duniacha para apagar a vela, e ainda Duniacha não saíra do quarto já ela abalara para o venturoso mundo dos sonhos, onde tudo é tão fácil e tão belo como na realidade, e até mesmo muito mais belo, pois é de outra maneira.

No dia seguinte a condessa mandou chamar Bóris, com quem teve uma conversa, e desse dia em diante Bóris deixou de frequentar a casa.

Capítulo XIV

No dia 31 de dezembro, na véspera do Ano-Novo de 1810, para festejar o reveillon, havia baile em casa de um grande fidalgo do tempo de Catarina. O corpo diplomático e o próprio czar deviam comparecer.

Uma brilhante iluminação fazia resplandecer a fachada do muito conhecido palácio da grande personalidade, situado no Cais dos Ingleses. No átrio, atapetado de vermelho, estava a polícia, e não apenas guardas, mas o próprio chefe, com uma dúzia de oficiais. Carruagens partiam e chegavam incessantemente, com seus lacaios de farda vermelha ou chapéus emplumados, conduzindo senhores de uniformes agaloados, com grandes cordões e veneras. Senhoras, de vestidos de cetim e peliças de arminho, apeavam-se, com grandes precauções, por entre o ruído das ferragens que faziam os estribos ao fecharem-se, e lá iam, tapete fora, em passos apressados e silenciosos.

De cada vez que uma carruagem se aproximava era quase certo desprender-se um murmúrio da multidão. Havia chapéus no ar.

“É o czar?... Não, é o ministro... o príncipe... o embaixador... Não vês as plumas?...”, ouvia-se no meio da turba. Alguém, ao que parecia, mais bem vestido do que os outros, conhecia toda a gente e designava pelo nome os mais ilustres dignitários da época.

Já um terço dos convidados tinha chegado e ainda em casa dos Rostov, que deviam assistir ao baile, se procedia aos últimos retoques febris nas toilettes.

Quantas conferências, quantos preparativos feitos já, que receios de não serem convidados, de os vestidos não estarem prontos a tempo, de as coisas se não arranjamem como convinha...

Maria Ignatievna Peronskaia, amiga e parente da condessa, dama de honor da antiga corte, criatura magra e amarelenta, acompanhava os Rostov, guiando aqueles provincianos nos meandros da alta sociedade de Petersburgo.

Às dez horas deviam os Rostov ir buscar a dama de honor ao Palácio de Tavritcheski. Já eram dez menos cinco e as meninas ainda não estavam vestidas.

Era o primeiro grande baile de Natacha. Levantara-se às oito horas e levantara todo o dia numa febril agitação. Desde manhã que não fazia outra coisa senão empenhar-se em que todos, a mãe, Sônia e ela própria, se apresentassem o melhor possível.

Sônia e a condessa entregavam-se-lhe inteiramente. A condessa devia levar um vestido de veludo vermelho-escuro, as duas raparigas trajas brancos vaporosos, em cima de uma sombra de seda cor-de-rosa com rosas no corpinho. E iriam penteadas à grega. O essencial já estava feito. Já tinham lavado

a cara, já se haviam perfumado, e o rosto, as mãos, o colo, as orelhas, tudo fora cuidadosamente polvilhado de pó-de-arroz, como convinha para um baile. Já estavam enfiadas as meias de seda de ponto aberto e calçados os sapatinhos de cetim com fitas. Os penteados estavam prontos. Sônia dava os últimos retoques na toilette, a condessa também. Mas Natacha, que ajudara toda a gente, ainda estava atrasada. Com o roupão pelos ombros magricelas, lá estava diante do espelho. Sônia, já pronta, no meio do quarto, espetava um alfinete, picando-se, com o dedo mínimo, procurando ajeitar a última fita, que repontava.

— Assim não, assim não, Sônia — dizia Natacha. De cabeça voltada, por causa da criada que a penteava, agarrara os cabelos, antes que a aia tivesse tempo de os largar. — O nó assim não. Vem cá.

Sônia sentou-se. Natacha pôs-lhe a fita de outra maneira.

— Desculpe, menina, assim nada posso fazer — protestou a criada de quarto, sem largar os cabelos de Natacha.

— Oh, meu Deus, bem, espera um pouco. Assim, Sônia.

— Vejam se se aviam — disse a condessa. — Estão a dar dez horas.

— É já, é já. E a mãe, já está pronta?

— Só me falta pôr o toucado.

— Não ponha a touca sem eu a ajudar — gritou Natacha. — A mãe não sabe!

— Mas são dez horas.

Resolvera estar no baile pelas dez e meia e Natacha ainda tinha de enfiar o vestido, e havia que passar ainda pelo Palácio de Tavritcheski.

Terminado que foi o penteado, Natacha, de saia de baixo, que lhe deixava à mostra os sapatinhos de baile, e vestida uma camisola trapalhona da mãe, aproximou-se de Sônia, examinou-a e depois correu para a condessa. Obrigou-a a voltar a cabeça, ajeitou-lhe o toucado, beijou-lhe os cabelos brancos e aí vem ela outra vez a correr para as criadas que lhe cosiam a bainha do vestido.

Procuravam encurtar a saia, comprida demais. Duas criadas empenhavam-se nessa tarefa, na precipitação cortando as linhas com os dentes. Ainda outra criada, de alfinetes na boca, ia e vinha entre a condessa e Sônia. E outra ainda sustinha, de braço erguido, o vaporoso vestido.

— Mavrucha, despacha-te, minha querida!

— Deixe ver o dedal, menina.

— Então, estamos finalmente prontos? — disse o conde, que apareceu no limiar da porta. — Aqui têm os vossos perfumes. Mademoiselle Peronskaia já deve estar à espera.

— Pronto, menina — disse a criada de quarto, erguendo, em dois dedos, o vaporoso vestido bordado. E soprou-lhe, agitando-o, gesto que punha em

relevo a sua beleza e a sua brancura. Natacha começou a vesti-lo.

— Um momento, um momento, não entres, pai — gritou ao conde, que entreabrira a porta. A voz de Natacha emergia da nuvem de tecido que a escondia por completo.

Sônia foi fechar a porta. Um minuto depois deixaram entrar o conde. Vestia um fraque azul, meias de seda e escarpins. Todo ele era perfume e pomadas.

— Ah! pai querido, que lindo que estás, que encanto! — disse Natacha, de pé, no meio do quarto, ajeitando as pregas da saia.

— Espere, menina, espere — dizia uma das criadas, que, de joelhos, segurava o vestido e com a língua movia os alfinetes que tinha na boca.

— Digam o que quiserem — exclamou Sônia, excitadíssima, examinando o vestido de Natacha. — Digam o que disserem, ainda está muito comprido!

Natacha afastou-se para se mirar no espelho do trenó. Efetivamente Sônia tinha razão.

— Meu Deus, não, menina, não está comprido — protestou Mavrucha, de gatas, no chão, atrás da ama.

— Se está muito comprido faz-se mais curto. É um instante enquanto se arranja — disse, num tom decidido, Duniacha, tirando uma agulha do corpete e metendo mãos à obra.

Nesse mesmo instante, a condessa, com um ar tímido e em passinhos miúdos, penetrou no quarto, de toucado e vestido de veludo.

— Eh! Eh! minha linda! — exclamou o conde. — É a mais linda de todas!...

Quis abraçá-la, mas ela, corando, afastou-o, para que ele lhe não amarrotasse o vestido.

— Mãezinha, o toucado um pouco mais descaído para o lado — disse Natacha. — Eu vou espetar-lhe um alfinete. — E precipitou-se para a mãe, mas as criadas que lhe cosiam a bainha do vestido não tiveram tempo de a seguir no seu movimento e um pedaço da musselina rasgou-se.

— Oh, meu Deus! Que aconteceu? Francamente, a culpa não foi minha...

— Não tem importância, eu vou arranjar tudo, nada se vê — correu Duniacha.

— Minha linda, minha rainha! — exclamou a ama, que acabava de entrar. — E a Soniuchka, então! Ah! minhas lindas!...

Às dez horas e um quarto, finalmente, toda a família subia para a carruagem e abalava. Mas ainda era preciso passar pelo Jardim de Tavritcheski.

Mademoiselle Peronskaia estava pronta. Apesar da sua idade e de ser feia, tudo se havia passado em casa dela como na dos Rostov, só com menos precipitação, atendendo a que estava muito habituada a situações idênticas. Sua velha carcaça fora perfumada, frisada, empoada, não havia pormenor na sua cara que não tivesse sido cuidadosamente inspecionado e até o vestido que levava provocou a admiração entusiástica da criada de quarto quando ela apareceu de vestido amarelo ornado com o emblema imperial. Mademoiselle Peronskaia admirou as toilettes das senhoras Rostov.

Estas, por sua vez, louvaram o gosto da velha senhora e os seus enfeites e, com mil cautelas no penteado e nos vestidos, cerca das onze horas todas se meteram nas suas carruagens e partiram.

Capítulo XV

Durante todo o dia Natacha não tivera, por assim dizer, um minuto de descanso e por isso não lhe fora possível pensar um instante que fosse no que a aguardava.

No ar úmido e frio da noite, comprimida nos assentos da carruagem, aos solavancos, no meio de uma profunda escuridão, pela primeira vez se representou na imaginação o espetáculo que ia contemplar: o baile, as salas iluminadas, a música, as flores, as danças, o imperador, toda a brilhante juventude de Petersburgo. Era tão belo o que a esperava que não queria acreditar, ali com aquela sensação de frio, de incômodo e de obscuridade dentro da carruagem. Só no momento em que, depois de ter pisado o tapete vermelho do átrio, penetrou no vestíbulo, tirou a peliça e se engolfou, ao lado de Sônia, à frente da mãe, por entre as flores da grande escadaria iluminada pôde avaliar o que isso era. Só então pensou na compostura que devia mostrar no baile e procurou assumir esse porte solene que julgava indispensável a toda a rapariguinha em tais circunstâncias. Porém, felizmente para ela, teve a sensação de que os olhos lhe giravam nas órbitas: nada podia ver com nitidez, o pulso batia-lhe desordenadamente e o sangue afluía-lhe ao coração. Não lhe foi possível assim afetar aqueles ares que a teriam ridicularizado, e avançou, num desfalecimento de emoção, procurando por todos os modos dissimular a perturbação que a tomava. E era exatamente essa a compostura que mais lhe convinha. Por todos os lados caminhavam convidados também com trajes de baile e trocando palavras em voz baixa. Os espelhos da escadaria iam devolvendo imagens de senhoras nos seus vestidos brancos, azuis, cor-de-rosa, carregados de pérolas e diamantes, os braços e ombros nus.

Natacha via-se nos espelhos e não era capaz de se reconhecer, confundida com as outras. Tudo se misturava, fundindo-se num desfile brilhante. Quando entrou no primeiro salão, o murmúrio das vozes, dos passos, dos cumprimentos que se trocavam, ensurdeceu-a e a refulgência da luz ainda mais a cegou. Os donos da casa, que se encontravam havia meia hora, de pé, à porta, repetindo a cada um dos seus convidados a eterna frase: “Muito prazer em vê-lo”, acolheram amavelmente os Rostov e Mademoiselle Peronskaia.

As duas rapariguinhas, de vestidos brancos iguais, com rosas nos cabelos pretos, fizeram a mesma reverência, mas o olhar da dona da casa demorou-se mais na cintura fina de Natacha. Ao olhá-la teve para ela um sorriso especial, diferente dos que consagrava a toda a gente. Lembrava-se, sem dúvida, ao vê-la, do seu passado brilhante de donzela, para sempre perdido, e do seu primeiro baile. O dono da casa seguiu-a igualmente com os olhos e perguntou ao conde se era sua filha.

— Encantadora! — disse ele, enviando-lhe um beijo na ponta dos dedos.

O grande salão regurgitava de convidados, que se acumulavam à porta de entrada aguardando o imperador. A condessa foi colocar-se nas primeiras filas. Natacha apurava o ouvido e tinha a impressão de que falavam dela e que a miravam. Adivinhava agradar a todos quantos a notavam e isso apaziguou-lhe um pouco a emoção que a tomara.

“Há idênticas a nós, mas há quem se apresente muito pior”, dizia de si para consigo.

Mademoiselle Peronskaia segredava à condessa o nome das pessoas mais conhecidas.

— Lá está o embaixador da Holanda, vê, aquele, ali, o de cabelos brancos — dizia, indicando um velhinho de cabeleira de prata muito anelada, rodeado de senhoras a quem fazia rir. E ali tem a rainha de Petersburgo, a condessa Bezukov — acrescentou, mostrando Helena, que dava entrada no salão. — Linda mulher! Nada fica a dever a Maria Antonovna. Repare como novos e velhos a rodeiam. É linda e tem espírito... Dizem que o príncipe imperial... está doido por ela. E estas duas, embora nada bonitas, ainda têm uma corte mais numerosa.

Indicou duas senhoras que entravam, mãe e filha, realmente muito feias.

— Um partido que vale milhões — disse Mademoiselle Peronskaia. — E ali tem os amadores.

— Aquele é o irmão da condessa Bezukov, Anatole Kuraguine — prosseguiu ela, mostrando um belo oficial, de uniforme da Guarda, que ia passando, de cabeça erguida, diante delas, o olhar distante.

— Que belo moço! Não é verdade? Vão casá-lo com uma noiva riquíssima. Mas o vosso primo Drubetskoi também lhe faz a corte. Fala-se em milhões. Mas, que vejo? O embaixador da França em carne e osso — observou, mostrando Caulaincourt, enquanto respondia a uma pergunta da condessa. — Repare. Parece um rei. Apesar de tudo, são amáveis, muito amáveis, estes franceses. Não há pessoas mais amáveis em sociedade. Ah! lá está ela finalmente. Esta, sim, leva a palma a todas, a nossa Maria Antonovna! E a simplicidade com que ela se veste! Que mulher encantadora! E aquele gordo, de lunetas, pedreiro-livre universal — disse, designando Bezukov. — Ponha-o ao lado da mulher. Um autêntico fantoche!

Pedro caminhava, rebolando o seu espesso corpo, atropelando as pessoas, acenando com a cabeça para a direita e para a esquerda, com tanta

franqueza e despreocupação como se circulasse na praça do mercado. Abria caminho, dir-se-ia procurar alguém.

Natacha descobriu com satisfação a figura de Pedro, tão sua conhecida, esse “fantoche”, como lhe chamava Mademoiselle Peronskaia. Sabia que eram eles, e ela particularmente, quem ele procurava entre a multidão. Pedro prometera-lhe que viria àquele baile e que lhe apresentaria rapazes para dançar.

No entanto, antes de se aproximar, Bezukov deteve-se ao pé de um homem moreno, de estatura mediana, bonito rapaz, de uniforme branco, que conversava com um outro, de grande estatura, carregado de condecorações, no vão de uma janela. Natacha reconheceu imediatamente o jovem de uniforme branco: era Bolkonski, que se lhe afigurou remojado, mais alegre e bonito.

— Ali está outra pessoa conhecida, mãe: Bolkonski, vê? — disse Natacha. — Lembra-se? Passou a noite em nossa casa, em Otradnoie.

— Ah! conhecem-no? — perguntou Mademoiselle Peronskaia. — Eu não posso com ele. Põe e dispõe de tudo. E é de um orgulho sem limites! Sai ao pai. É todo do Speranski. Passam a vida a fazer projetos. Repare como ele trata as senhoras! Olhem aquela que se lhe dirige, e ele a voltar-lhe as costas. Eu lhe diria se se atrevesse a portar-se assim comigo.

Capítulo XVI

De súbito, um frêmito percorreu os salões, a multidão segredou qualquer coisa, afastou-se, e por uma ala aberta no meio dos espectadores, ao som das fanfarras, entrou o imperador. Os donos da casa seguiam-no. O czar caminhava, saudando ligeiramente à esquerda e à direita, como se tivesse pressa de acabar com aquela estopada. A orquestra tocava uma polaca, então em voga, de cuja letra constava: “Alexandre, Isabel, como o nosso coração rejubila...”

O imperador dirigiu-se para o salão mais pequeno. Toda a gente veio espreitar à porta. Pessoas com ar circunspecto principiaram a andar de um lado para o outro. Então os convidados desimpediram a porta do salão onde o czar conversava com a dona da casa. Um jovem de expressão perturbada veio pedir às senhoras que recuassem. Algumas, esquecendo todas as conveniências mundanas, sem receio de descompor as toilettes, fizeram parede na primeira fila. Os cavalheiros aproximaram-se das damas e formaram-se os pares para a polaca.

Toda a gente se afastou, e o imperador, sorridente, dando a mão à dona da casa, saiu do salão. Caminhava a compasso. Atrás dele vinha o anfitrião com Maria Antonovna Narishkina, em seguida os embaixadores, os ministros, os generais. Mademoiselle Peronskaia ia recitando os seus nomes sem interrupção. Mais de metade das senhoras, convidadas para dançar, dispunham-se para a polaca. Foi então que Natacha percebeu que tanto Sônia, como a mãe, como ela própria, faziam parte do pequeno número condenado a servir de pano de fundo. Natacha ali estava, de pé, os braços finos balançando, os pequeninos seios, ainda adolescentes, em alvoroço, retendo a respiração. Olhava em frente, com os olhos brilhantes e inquietos, uma expressão indecisa, agitada entre uma grande alegria e um imenso desgosto. Não a preocupavam nem o imperador nem qualquer das outras altas personagens que Mademoiselle Peronskaia havia apontado. Só pensava numa coisa: “Será realmente verdade que ninguém me convidará para dançar? Não figurarei entre os primeiros pares? Não serei notada por algum destes homens que parecem não me ver agora, ou, se porventura olham para mim, é como se dissessem: ‘Ah! não é ela! Então escusamos de a olhar.’ Não, isto não pode ser! É preciso que eles saibam que quero dançar, que danço muitíssimo bem e que grande seria o prazer que eu lhes daria se dançassem comigo.”

Os compassos da polaca que por muito tempo ressoavam não tardaram que chegassem aos ouvidos de Natacha com uma cadência lúgubre. Davam-lhe vontade de chorar. Mademoiselle Peronskaia afastara-se. O conde estava no outro extremo do salão. E ela, a condessa e Sônia ali estavam, sozinhas, como que perdidas no meio de uma floresta, entre toda aquela gente que lhes era estranha, sem despertarem o interesse de ninguém, sem que alguém se

preocupasse com elas. Passou o príncipe André, com uma senhora pelo braço, sem dar sinais de as ter reconhecido.

O belo Anatole, sorridente, trocava algumas palavras com o par, relanceando a Natacha o olhar indiferente com que se olha para uma tapeçaria. Por duas vezes Bóris passou perto delas, voltando disfarçadamente a cara. Só Berg e a mulher, que não dançavam, vieram juntar-se-lhes.

Natacha sentiu-se mortificada com aquela cena de família, ali, em pleno baile, como se um baile fosse o local mais indicado para semelhantes confraternizações. Não prestava a mais pequena atenção a Vera, que lhe falava do seu vestido verde. Por fim o imperador reconduziu o seu terceiro par; já dançara com três senhoras e a orquestra deixara de tocar. Um ajudante-de-campo, com um ar preocupado, aproximou-se das senhoras Rostov pedindo-lhes que recuassem um pouco mais, embora já estivessem encostadas à parede, e a orquestra encetou os primeiros acordes de uma valsa, lentos e suaves, arrebatadores e bem ritmados. O imperador percorreu a sala com os olhos, sorrindo. Decorreram segundos sem que qualquer par se mexesse. Outro ajudante-de-campo com funções protocolares aproximou-se da condessa Bezukov e convidou-a para dançar. Esta, sorrindo e sem para ele olhar, pousou-lhe a mão no ombro. O ajudante-de-campo, com mestria, seguro de si, sem se apressar, enlaçou-a vigorosamente e levou-a consigo, primeiro deslizando até à extremidade da pista, depois, pegando-lhe na mão esquerda, fazendo-a rodopiar ao ritmo cada vez mais célere da música. Só se ouvia o retinir cadenciado das esporas nos pés ágeis do dançarino, enquanto o vestido de veludo da senhora que rodopiava fazia balão naquelas evoluções, acompanhando o compasso a três tempos. Natacha ao vê-los quase chorava, por não ter sido convidada para aquela primeira valsa.

O príncipe André, de uniforme branco de coronel de cavalaria, meias de seda e escarpins, ar alegre e animado, estava na primeira fila, não longe dos Rostov. Conversava com ele, acerca da primeira sessão do Conselho do Império, que devia realizar-se no dia seguinte, o barão Vierov. André, íntimo de Speranski e membro da comissão de legislação, podia proporcionar seguros esclarecimentos a respeito da sessão anunciada, a qual estava provocando uma série de comentários. A verdade, porém, é que não ouvia o que Vierov ia dizendo e ora olhava para o imperador ora para os pares que se preparavam para dançar a valsa sem se decidirem a fazê-lo.

Examinava os cavalheiros, intimidados pela presença do imperador, e as senhoras, mortas por serem convidadas para dançar.

Pedro aproximou-se e tomou-lhe o braço.

— O príncipe, que está sempre pronto para dançar, por que não convida a minha protegida, a menina Rostov? Ali a tem — disse ele.

— Onde? — perguntou Bolkonski. — Queira desculpar-me — disse para o barão. — Falaremos depois neste assunto; num baile é preciso dançar. — Avançou na direção que Pedro lhe apontara. A figurinha ansiosa e desolada de Natacha impressionou-o imediatamente. Reconheceu-a, adivinhando-lhe os desejos, percebeu que era a primeira vez que vinha a um baile, lembrou-se da conversa que surpreendera à janela e com uma expressão jovial aproximou-se da condessa Rostov.

— Dê-me licença que lhe apresente minha filha — disse a condessa, corando.

— Já tenho o prazer de a conhecer, se a condessa bem se recorda — volveu o príncipe, inclinando-se profundamente com uma cortesia que desmentia por completo a rudeza que lhe atribuíra Mademoiselle Peronskaia. Aproximou-se de Natacha e estendeu o braço para lhe enlaçar a cintura, antes mesmo de ter formulado qualquer convite. A carinha desolada de Natacha, tão pronta a refletir o desespero como a suprema alegria, iluminou-se subitamente com um sorriso infantil, cheio de felicidade e reconhecimento.

“Há quanto tempo eu te esperava”, parecia dizer, ao mesmo tempo assustada e feliz, no seu sorriso, que desabrochava no meio das lágrimas prontas a correr, mal apoiou a mão no ombro do príncipe André. Era o segundo par que entrava na pista. Bolkonski era um dos melhores dançarinos da época. Por sua vez, Natacha acompanhava-o maravilhosamente. Os seus pés, nos sapatinhos de cetim, rápidos e ligeiros, pareciam não tocar o solo. No rosto fulgia-lhe uma venturosa animação. Seu colo nu e seus braços eram magros e não muito bonitos, comparados com os de Helena. Não tinha os ombros cheios, nem os seios formados, os braços eram delgados, mas a verdade é que Helena parecia já poluída pelo fogo dos milhares de olhos que lhe deslizavam pelo corpo, enquanto Natacha era a perfeita imagem da donzela que pela primeira vez enverga um vestido decotado e que naturalmente por isso se teria sentido envergonhada caso lhe não tivessem dito ser indispensável.

O príncipe André gostava de dançar e como antes de mais nada queria subtrair-se às conversas políticas e sérias com que o atormentavam, como queria afastar de si quanto mais depressa melhor a atmosfera de embaraço provocada pela presença do imperador, pusera-se a valsar e escolhera Natacha, primeiro para ser agradável a Pedro, depois por ser ela a primeira rapariga bonita que lhe chamara a atenção. Quando, porém, lhe passou o braço pela cintura fina e flexível e a sentiu tão perto de si agitada pelo ritmo da dança e a viu sorrir-lhe de tão perto, dir-se-ia que uma embriaguez o tomara. Quando, anelante, voltou a conduzi-la para junto da condessa e por alguns instantes, em repouso, fitou os

pares que continuavam a dançar, uma onda de mocidade e de vida se ergueu dentro dele.

Capítulo XVII

Depois de André veio Bóris convidar Natacha e em seguida o ajudante-de-campo que organizava as danças e inaugurara o baile, e ainda outros, de tal modo que Natacha transferia para Sônia o excedente dos seus pares. Muito animada e feliz, dançou toda a noite. Não viu nem deu por nada à sua volta. Não reparou que o imperador conversava demoradamente com o embaixador de França, que falava a esta ou àquela senhora com uma amabilidade especial, que o príncipe Fulano ou Sicrano fizera isto ou aquilo, que Helena tivera um grande êxito e que determinado cavalheiro lhe prestara uma atenção particular. Nem sequer deu pela partida do imperador, a não ser porque depois dela o baile recrudescera de animação. O príncipe André voltou a dançar com ela um dos mais alegres cotillons antes da ceia. Lembrou-lhe que a vira pela primeira vez na avenida de Otradnoie e recordou-lhe aquela noite de luar em que ela não podia dormir e a conversa que involuntariamente ouvira. Estas recordações fizeram corar Natacha; procurou justificar-se, como se tivesse vergonha dos sentimentos que o príncipe André nela surpreendera.

Bolkonski, como toda a gente de sociedade, adorava encontrar-se com pessoas isentas do banal selo mundano. Era o caso de Natacha, com os seus deslumbramentos, a sua alegria, a sua timidez. Até os seus erros de francês tinham encanto. Conversando com ela, tratava-a com suave e afetuosa delicadeza. Sentado a seu lado, falando-lhe das coisas mais vulgares e insignificantes, admirava-lhe o fulgor do olhar e o sorriso, que não traduzia respostas a palavras trocadas, mas uma espécie de alegria interior. Enquanto dançava com outros, admirava-lhe especialmente a graça ingênua. No meio do cotillon, Natacha, depois de uma figura, voltou, anelante, para o seu lugar. Um novo par a convidou. Sem fôlego, sem poder mais, estava prestes a recusar, mas, de súbito, apoiou-se no ombro do par, sorrindo para o príncipe André.

“Gostaria muito de descansar e de ficar ao pé de si; estou cansada, mas, bem vê, procuram-me... Sinto-me alegre, sou feliz; esta noite gosto de toda a gente; e nós entendemo-nos tão bem!” Eis o que o seu sorriso dizia, isto e muito mais ainda. Quando o par a reconduziu, Natacha pôs-se a correr pela sala para arranjar duas senhoras para a figura.

“Se for a prima a primeira pessoa a quem se dirigir, e só depois procurar outra, será minha mulher”, disse o príncipe André, de si para consigo, de maneira absolutamente inesperada, enquanto a seguia com os olhos. Foi à prima que Natacha se dirigiu primeiro.

“Que tolices nos passam às vezes pela cabeça”, pensou ele. “Mas a verdade é que esta rapariguinha é tão gentil e tão original que lhe não dou um mês para ir a bailes antes de estar casada... Ninguém aqui se lhe compara.” Eis

em que pensava quando Natacha, compondo a rosa do corpete, voltou a sentar-se junto dele.

No fim do cotillon, o velho conde, de fraque azul, aproximou-se. Convidou o príncipe André a visitá-los e perguntou à filha se se divertira. Natacha não respondeu logo e sorriu, como se dissesse: “E pode perguntar-se uma coisa destas?”

— Diverti-me como nunca na minha vida! — disse ela, e André viu-a, num gesto espontâneo, erguer os braços delgados para estreitar o pai e depois tornar a deixá-los cair. Sim, sentia-se feliz como nunca. Atingira esse supremo instante de felicidade em que tudo é perfeição e bondade e em que se não pode acreditar nem no mal, nem na desgraça, nem na dor.

No decurso deste baile, Pedro sentiu-se pela primeira vez humilhado pelo prestígio de que gozava a mulher nas altas esferas da sociedade. Estava taciturno e distraído. Uma grande ruga lhe sulcava a fronte, e, de pé, junto duma janela, olhava, sem ver, através dos vidros das lunetas.

Natacha, que ia cear, passou pela sua frente. Impressionou-a a sua expressão triste e infeliz. Parou junto dele. Teria desejado socorrê-lo, comunicarlhe a felicidade a mais que sentia.

— Que divertidos que todos estão, não acha, conde? — disse ela.

Pedro sorriu com um ar distraído, sem perceber o que a jovem lhe dizia.

— Sim, muito feliz — tornou ele.

“Como é que uma pessoa pode estar descontente?”, dizia Natacha de si para consigo. “E tratando-se de um homem tão bom como este Bezukov!” A seus olhos, todos os que estavam no baile eram igualmente bons, gentis, belos e amavam-se uns aos outros. Ninguém seria capaz de ofender o semelhante, e eis por que toda a gente devia sentir-se feliz.

Capítulo XVIII

No dia seguinte, André lembrou-se do baile da véspera, mas não se demorou muito tempo a pensar nisso. “Sim, um baile brilhantíssimo. E então... sim, aquela Rostov, que gentil! Há nela qualquer coisa de fresco, de especial, que não é de Petersburgo e que a distingue de todas as demais.” E a isso se limitaram os seus pensamentos. E depois do chá pôs-se a trabalhar.

No entanto, ou por fadiga ou insônia, o certo é que não estava nos seus melhores dias, e era-lhe impossível fazer fosse o que fosse. Achava pouco interesse no trabalho entre mãos, e, como muitas vezes acontece, foi grande o seu contentamento quando lhe vieram anunciar uma visita, um tal Bitski, membro de diversas comissões, assíduo nos círculos de Petersburgo, encarniçado partidário de Speranski e das suas reformas e zeloso alvissareiro dos escândalos da capital, um desses homens prontos a acompanhar as opiniões em voga como quem se adapta à moda no vestir e que assim gozam da fama de partidários das ideias novas. De aspecto preocupado, mal se desembaraçou do chapéu, precipitou-se para André e inopinadamente pôs-se a falar. Acabava de ser informado do que se passara essa manhã na sessão do Conselho do Império, inaugurado pelo imperador, e foi com grande entusiasmo que se lhe referiu. O discurso do czar fora a todos os títulos notável. Falara como só o costumam fazer os monarcas constitucionais. “O imperador disse sem rodeios que o Conselho e o Senado constituíam corpos do Estado, que o Governo devia basear-se não na arbitrariedade, mas em princípios sólidos. Afirmou que as finanças e os orçamentos públicos deviam ser reorganizados.” Bitski relatava tudo isto, frisando certas palavras e esbugalhando muito os olhos.

— É um fato, estamos perante um acontecimento que representa o início de uma era nova, a era mais grandiosa da nossa história — concluiu.

O príncipe André ouvia aquele relato sobre a inauguração do Conselho do Império, que com tanta impaciência aguardara e a que atribuía tamanha importância, e surpreendia-se que um tal acontecimento, agora que se realizara, não só lhe não causasse a mais pequena emoção, mas se lhe afigurasse até insignificante. Ouvia com serena ironia o relato entusiasta de Bitski. Uma ideia muito simples lhe vinha ao espírito: “Que tenho eu e que tem este Bitski que ver com isto? Que nos importa que o imperador se tenha dignado falar assim no Conselho? Tornar-me-á isto mais feliz ou melhor?”

E esta pequenina reflexão reduziu a nada subitamente todo o interesse que ele poderia ter nas reformas realizadas. Nesse mesmo dia jantaria em casa de Speranski “na intimidade”, como dissera o anfitrião. Este jantar, na roda da família e dos amigos de um homem por quem ele tinha tão grande entusiasmo, despertara-lhe tanto maior interesse quanto é certo nunca haver

surpreendido Speranski na intimidade. Mas agora perdera todo o interesse em assistir ao jantar. No entanto, à hora marcada, batia à porta da pequena moradia de Speranski, no Jardim de Tavritcheski. Na sala de jantar da residência de Speranski, de um meticuloso asseio, que fazia lembrar uma cela de convento, André, um pouco atrasado, às cinco horas, veio encontrar já reunidos todos os componentes dessa reunião de amigos, pessoas íntimas apenas. Não havia outra senhora além da filha do ministro, com a mesma esguia figura do pai, e a preceptora. Os convidados eram Gervais, Magnitski e Stolipine. Já no vestíbulo André ouvia o estridor das vozes e um riso sonoro e claro semelhante ao que se costuma ouvir no palco. Alguém — dir-se-ia Speranski — espaçava os ah, ah! ah! E como o príncipe André nunca ouvira rir Speranski, sentiu-se desagradavelmente impressionado por aquele riso vibrante e agudo.

Entrou na sala de jantar. Toda a gente estava de pé, entre duas janelas, junto da mesinha dos hors-d'oeuvre. Speranski, de fraque cinzento e condecorações, ainda, evidentemente, com o mesmo colete branco e a mesma alta gravata clara que levara à famosa sessão do Conselho do Império, estava, diante da mesa, com uma expressão jovial. Os convidados faziam roda em torno dele. Magnitski, voltado para Mikail Mikailovitch, contava uma anedota. Speranski ouvia, rindo antecipadamente do que ele diria. Quando o príncipe André entrou, as gargalhadas abafavam de novo as palavras de Magnitski. Stolipine ria num tom de baixo, mastigando um pedaço de pão com queijo. Gervais, com um riso sibilante. Speranski, com o seu riso agudo e desbragado.

Sem deixar de rir, estendeu ao príncipe André a mão branca e macia.

— Muito prazer em vê-lo, príncipe — disse. — Um instante — acrescentou, dirigindo-se a Magnitski e interrompendo a sua história. — Fizemos um acordo: hoje é jantar de amigos, estão proibidos os assuntos sérios. — E, voltando-se para o narrador, pôs-se novamente a rir.

André, ao ouvi-lo rir assim, sentiu-se ao mesmo tempo surpreendido e desapontado. Afigurava-se-lhe estar diante de outro homem. Tudo que até aí ele representara para si de misterioso e de sedutor se desvanecera subitamente e nada de cativante via nele já.

A alegre conversa continuou. Era um rosário de anedotas. Assim que Magnitski se calou, logo outro convidado mostrou desejos de contar qualquer coisa ainda mais jocosa.

Em geral eram anedotas relativas, senão ao meio dos burocratas, pelo menos a alguns deles. Naquela roda todos pareciam tão convencidos da nulidade de tal gente que o partido que tomavam a seu respeito era o de uma sátira indulgente. Speranski contou que na sessão do Conselho dessa manhã, como alguém perguntasse a um dignitário duro de ouvido qual a sua opinião, este

respondera que era da mesma. Gervais contou pormenorizadamente um caso de inspeção particularmente notável pela estupidez de todos os comparsas que nele intervinham. Por sua vez, Stolipine, gaguejando, associou-se ao colóquio e pôs-se a falar calorosamente dos abusos do regime anterior, o que fazia que a conversa corresse o perigo de assumir um tom sério. Magnitski troçou do entusiasmo de Stolipine. Gervais disse um gracejo e a conversa retomou o tom frívolo desejado.

Era um fato que Speranski gostava de descansar dos seus trabalhos e desopilar com os amigos, e os seus convidados, cientes desse seu desejo, procuravam distraí-lo, divertindo-se a si próprios. Mas esta alegria produziu em André um efeito penoso.

O timbre agudo da voz de Speranski era-lhe desagradável, o seu riso constante parecia soar-lhe a falso e irritava-lhe os nervos. E ele, o único que não ria, teve receio de parecer enfadonho, embora, em verdade, ninguém houvesse reparado que ele não estava no diapasão da roda. Todos pareciam alegríssimos.

Por várias vezes tentou André entrar na conversa, mas de todas elas as suas palavras pulavam como uma rolha na água. Era-lhe impossível afinar pelo tom dos gracejos.

Nada havia de mal ou de inconveniente no que eles diziam, tudo era espirituoso e podia até ser divertido; mas a verdade é que lhe faltava fosse o que fosse, o sal de toda a verdadeira alegria. E o certo é que os convivas nem sequer pareciam suspeitar de que esse sal existisse.

Findo que foi o repasto, a filha de Speranski e a preceptora levantaram-se. Speranski acariciou com a sua branca mão o rosto da filha e beijou-a. E também este gesto pareceu pouco natural ao príncipe André.

À moda inglesa, os homens ficaram sentados à mesa e beberam vinho do Porto. No meio da conversa que se entabulou a propósito da guerra de Espanha, em que todos estavam de acordo para aprovar Napoleão, André pôs-se a defender um ponto de vista contrário. Speranski sorriu, e no desejo evidente de mudar de conversa contou uma anedota sem a mais pequena relação com o que se estava a dizer. Todos se calaram durante alguns instantes.

Tendo ficado mais algum tempo à mesa, Speranski rolhou a garrafa do vinho, dizendo:

— Hoje este vinho anda por mesas altas. — E entregou-a a um criado, levantando-se. Todos o imitaram, e em ruidosa conversa entraram no salão. Vieram entregar a Speranski duas cartas que um correio acabava de trazer. Pegando nelas, o dono da casa retirou-se para o seu gabinete. Mal ele saiu da sala a alegria geral desapareceu e os convidados puseram-se a conversar entre si em voz baixa e num tom sensato.

— Bom, agora são horas de recitar! — disse Speranski, ao voltar do gabinete. — Tem um talento extraordinário! — acrescentou, para o príncipe André, apontando-lhe Magnitski. Imediatamente este se empertigou, principiando a declamar versos humorísticos em francês, inspirados em personagens célebres de Petersburgo. E por várias vezes os aplausos o obrigaram a calar-se.

Finda a recitação, André aproximou-se de Speranski e pediu-lhe licença para retirar-se.

— Onde é que vai tão cedo? — perguntou-lhe ele.

— Prometi ir à casa de uns amigos...

Ambos se calaram. O príncipe André fitou de perto aqueles olhos de reflexos metálicos que impediam qualquer penetração e sentiu-se ridículo por ter pensado poder esperar alguma coisa daquele homem e dos empreendimentos em que andava envolvido. E perguntou a si mesmo como pudera tomar a sério tudo quanto ele fazia. Aquele riso forçado, sem verdadeira alegria, por muito tempo ficou a ressoar-lhe nos ouvidos depois que deixou a casa de Speranski.

De regresso a casa, entregou-se a recordar toda a sua existência em Petersburgo durante aqueles últimos quatro meses, como se se tratasse de qualquer coisa nova. Lembrou-se das suas diligências, das suas iniciativas, da história do seu projeto de código militar aceite para exame e sobre o qual todos se empenhavam em guardar silêncio unicamente porque outro trabalho, muito inferior, já estava preparado e havia sido apresentado ao imperador. Vieram-lhe ao espírito as sessões da comissão de que Berg fazia parte. Recordou-se como nessas sessões se haviam discutido, cuidadosa e longamente, todas as questões de forma e de processo e como houvera o cuidado de pôr de lado o essencial. E lembrou-se também dos seus próprios trabalhos legislativos, de como traduzira cuidadosamente em russo os artigos do direito romano e do código francês, deplorando o tempo que perdera com isso. Depois o pensamento levou-o até Bogutcharovo, lembrou-se das suas ocupações na aldeia, da sua viagem a Riazan, dos seus mujiques, do estaroste Drone e, olhando os artigos do Direito das Gentes que cuidadosamente distribuía por artigos, sentiu-se admirado como pudera consagrar tanto tempo a um trabalho tão estéril.

Capítulo XIX

No dia seguinte o príncipe André foi visitar algumas pessoas a quem ainda não vira, e entre elas os Rostov, com quem reatara relações no último baile. Não era só a cortesia que o levava a fazer esta visita, também se sentia arrastado a fazê-la pelo desejo de rever aquela rapariguinha, cheia de vivacidade e caráter, que lhe deixara uma impressão tão agradável.

Natacha foi a primeira pessoa a aparecer-lhe. Trazia um vestido azul, caseiro, e assim vestida ainda pareceu mais bonita ao príncipe André que na toilette de baile. Tanto ela como toda a demais família Rostov o acolheram como a um velho amigo, simples e cordialmente. Aquela gente, que ele severamente julgara outrora, afigurava-se-lhe agora composta de pessoas excelentes, simples e boas. Tais eram a hospitalidade e a bonomia do velho conde, qualidades particularmente encantadoras em Petersburgo, que ele não pôde recusar o convite para jantar.

“Sim, é gente boa e simpática”, dizia para consigo mesmo. “E nem sabem o tesouro que têm em Natacha. Boas pessoas e ótimo fundo para fazer sobressair uma rapariga tão poética, tão cheia de vida.”

Ao pé de Natacha sentia-se abeirar de um mundo que ignorava completamente, um mundo especial, pleno de alegrias de que nunca compartilhara, um mundo que muito o intrigara já na alameda de Otradnoie e à janela banhada pelo luar. E agora já esse fundo o não intrigava, já lhe não era estranho. Abeirando-se dele, novas alegrias viera encontrar.

Depois de jantar, e a seu pedido, Natacha sentou-se ao cravo e cantou. O príncipe André, de pé junto da janela, conversando com as senhoras, escutava-a. No meio de uma frase calou-se, e, sem que ele próprio soubesse como, sentiu que uma comoção lhe subia à garganta, coisa de que se não julgava capaz. Fitou Natacha, que continuava a cantar, e uma vaga de felicidade como jamais sentira lhe inundou a alma. Parecia feliz e ao mesmo tempo tristíssimo. Não tinha razão para chorar, e no entanto estivera a ponto disso. Chorar por quê? Pelo seu primeiro amor? Pela defunta princesinha? Pelas suas ilusões perdidas? Pelas suas esperanças de futuro?... Por tudo isso e também por outra coisa.

O que antes de mais nada lhe provocava aquela comoção era a súbita revelação que nele se operava de uma assustadora contradição entre o que sentia de infinitamente grande e de inacessível no fundo de si próprio e o ser estreito e corpóreo que ele também era e que ela era também. Tal contradição era todo o seu tormento e toda a sua alegria enquanto Natacha cantava.

Quando ela acabou, aproximou-se de André e perguntou-lhe se gostara de a ouvir. Feita a pergunta, logo uma grande perturbação a tomou,

compreendendo que a não devia ter feito. André olhou-a sorrindo e disse-lhe que o seu canto lhe agradara como lhe agradava tudo quanto ela fazia.

O príncipe André só tarde, pela noite dentro, se retirou de casa dos Rostov. Deitou-se maquinalmente, mas não tardou que verificasse não poder conciliar o sono. Ora se deixava estar deitado na cama, de vela acesa, ora se erguia, para voltar a deitar-se, sem que aquela insônia o fatigasse, tais os sentimentos novos e alegres que sentia. Era como se saísse da atmosfera asfixiante de um quarto fechado para o ar livre da natureza. Não lhe passava pela cabeça a ideia de estar enamorado de Natacha. Não pensava nela sequer, embora a tivesse diante dos olhos, e por isso mesmo a vida se lhe apresentava agora sob uma luz completamente nova. “Que receio eu? Por que é que me aflijo, por que é que me preocupo dentro deste quadro estreito, quando o certo é que a vida, toda a vida, com todas as suas alegrias, está diante de mim?”, dizia consigo mesmo. E pela primeira vez de há muito tempo para cá se pôs a fazer alegres planos para o futuro. Decidiu chamar a si a educação do filho, que precisava de arranjar um preceptor a quem o confiar, e depois que deveria pedir a demissão e viajar pelo estrangeiro, visitar a Inglaterra, a Suíça, a Itália. “Tenho de aproveitar a minha liberdade enquanto me sinto com juventude e força”, pensava. “Pedro tinha razão quando dizia ser preciso acreditar na felicidade para sermos realmente felizes, e eu agora também o creio. Que os mortos enterrem os mortos. Enquanto estamos vivos precisamos de viver e de ser felizes.”

Capítulo XX

Uma manhã, o coronel Adolfo Berg, que Pedro conhecia, como de resto conhecia toda a gente em Moscou e Petersburgo, apresentou-se-lhe em casa com o seu vistoso uniforme novo, as madeixas penteadas para diante e lustrosas de cosméticos, à moda do imperador Alexandre Pavlovitch.

— Acabo de estar com a condessa sua mulher — disse ele, sorrindo — e não posso esconder o meu desgosto por não ter visto deferido o meu convite. Espero ser mais feliz consigo, conde.

— Que pretende, coronel? Estou às suas ordens.

— Conde, estou hoje completamente instalado na minha nova casa — disse Berg, persuadido de antemão de que esta notícia não podia deixar de ser acolhida com sumo prazer — e por isso desejava oferecer uma pequena festa às pessoas das minhas e das relações da minha mulher. — E um sorriso ainda mais gracioso lhe perpassou pelos lábios. — Queria pedir à condessa e a si, caro conde, que me dessem a honra de vir a nossa casa tomar uma chávena de chá e partilhar da nossa ceia.

Infelizmente, a condessa Helena Vassilievna, considerando a sociedade de Berg indigna dela, tivera a crueldade de declinar o seu convite. Tão claramente Berg explicou por que desejava reunir em sua casa um grupo de pessoas pouco numeroso, mas escolhido, pois isso a ele lhe daria grande prazer e seria o primeiro a lamentar fazer sacrifícios para outros fins, como jogar as cartas ou coisas igualmente prejudiciais, embora para receber gente de tom se não poupasse a sacrifícios, tanto insistiu, que Pedro não pôde recusar o convite e prometeu aparecer.

— Mas não venha muito tarde, conde, já que me permite, aí pelas oito horas menos dez, se faz favor. Jogaremos uma partida, também lá estará o nosso general. É muito bom para mim. Depois cearemos. Fica então combinado.

Contrariamente ao seu costume, que era chegar sempre atrasado, Pedro nessa noite chegou à casa dos Berg às oito menos um quarto, e não às oito menos dez.

Os Berg, já com tudo a postos para a soirée, aguardavam os convidados de ponto em branco.

Berg e a mulher recebiam no seu gabinete, muito asseado, muito bem iluminado, decorado de bustos e de quadros e guarnecido de mobiliário novo. Ele, de uniforme, igualmente novo e rigorosamente abotoado, explicava à mulher ser de toda a conveniência ter relações entre as pessoas de uma situação mais elevada, visto dessa gente só poderem esperar-se coisas agradáveis. “Há sempre qualquer vantagem nisso, há sempre qualquer coisa que se lhes pode pedir. Observa, por exemplo, a minha carreira desde os mais baixos postos. — Não

contava o tempo por anos, mas por promoções. — Os meus camaradas nesta altura ainda nada são, e eu, como vês, estou em vésperas de ser nomeado comandante de regimento e tenho a grande dita de ser teu marido.” Levantou-se para beijar a mão de Vera, mas de passagem ajeitou um dos cantos do tapete, que estava dobrado. “E a quem devo eu tudo? Antes de mais nada à arte de escolher as minhas relações. Claro está que além disso é bom sermos virtuosos e cumpridores.”

Berg sorriu com a consciência da sua superioridade sobre uma fraca mulher e calou-se, dizendo de si para consigo que, afinal de contas, aquela encantadora pessoa a quem chamava esposa era fraca como todas as mulheres e não podia aspirar ao que constitui a dignidade do homem, a dignidade de “se ser um homem”⁴⁴.

Entretanto, Vera sorria também, consciente da sua superioridade sobre o virtuoso e excelente marido, o qual, no entanto, em sua opinião, compreendia mal a vida, como, aliás, todos os homens. Berg, que julgava as outras mulheres através da sua própria, considerava-as a todas seres fracos e estúpidos. Vera, julgando os homens através do marido e generalizando as suas observações, supunha que todos eles não faziam outra coisa senão considerar-se cheios de razão, embora na realidade nada compreendessem e não passassem de criaturas orgulhosas e egoístas.

Berg levantou-se e, enlaçando a mulher cautelosamente, para lhe não amarrotar a romeira, que lhe custara a ele muito cara, beijou-a nos lábios.

— Há uma coisa que temos de considerar: não devemos ter filhos por ora — ponderou, mercê de uma inconsciente associação de ideias.

— Tens razão — assentiu Vera. — Também é esse o meu desejo. Precisamos de viver para a sociedade.

— A princesa Iusupova tem uma muito parecida — disse Berg, apontando para a romeira com um sorriso bondoso e feliz.

Neste momento anunciaram o conde Bezukov. Os esposos trocaram um sorriso de satisfação, cada um deles chamando a si a honra daquela visita.

“A isto é que se chama saber cultivar relações”, pensou Berg. “A isto é que se chama saber-se um homem conduzir na vida!”

— Peço-te que não venhas interromper-me quando eu estiver a falar com os convidados — advertiu Vera. — Sei muitíssimo bem como me hei de dirigir a cada um e o que é preciso dizer às pessoas com quem conversar.

Berg sorriu.

— Nem sempre: às vezes, com os homens, é preciso ter conversas de homens — observou ele.

Pedro foi recebido numa sala inteiramente mobilada de novo, onde era impossível uma pessoa sentar-se sem alterar a meticulosa simetria. Parecia compreensível e de modo algum insólito que Berg, generosamente, se tivesse proposto alterar a disposição das poltronas e do divã em atenção a tão querido visitante, mas a sua perplexidade era tanta que deixou o convidado decidir. Este, porém, não teve dúvidas em quebrar a simetria, puxando de uma cadeira. E imediatamente Berg e Vera deram início à soirée, interrompendo-se a cada momento um ao outro no decurso da conversa com o conde.

Vera, que, mulher sensata, decidira que devia falar a Pedro na Embaixada de França, principiou logo por abordar esse tema. Por sua vez, Berg, partindo do princípio de que uma conversa de homens se tornava igualmente necessária, interrompeu a mulher para abordar o caso da guerra com a Áustria e inconscientemente não tardou que tivesse transitado das considerações gerais para as circunstâncias pessoais acerca das propostas que lhe haviam sido feitas para tomar parte na campanha e das razões que o tinham levado a declinar o convite. Embora a conversa resultasse, por isto mesmo, assaz descosida e Vera estivesse furiosa com a intervenção do marido, foi com prazer que os esposos verificaram ter a soirée principiado muito bem, conquanto nessa altura apenas ainda com um só convidado, e parecer-se, como duas gotas de água se parecem, com todas as demais soirées em que se conversa, se bebe chá e há velas acesas.

Daí a pouco apareceu Bóris, velho camarada de Berg. E foi com um matiz de superioridade e certo ar protetor que se dirigiu ao casal. Depois chegou a vez do coronel e de uma senhora, e do próprio general, e dos Rostov, e então a soirée tornou-se incontestavelmente igual a qualquer outra. Berg e Vera não podiam esconder a satisfação que lhes causava o bulício que reinava na sala, ao ouvirem aquelas conversas desirmanadas, o ruje-ruje dos vestidos e as saudações que se iam trocando. Tudo se estava a passar como em toda a parte. Sobretudo o general parecia-se com todos os outros generais, todo ele elogios à instalação, batendo amistosamente no ombro de Berg e organizando, com uma desenvoltura toda paternal, a mesa do boston. Depois sentou-se ao lado do conde Ilia Andreitch, considerando-o, depois de si, a pessoa de maior representação. Os velhos com os velhos, os jovens com os jovens, a dona da casa na mesa de chá com os seus bolos em cestinhos de prata, absolutamente como na soirée dos Panine, tudo decorreu sem tirar nem pôr como em qualquer outra soirée.

Capítulo XXI

Pedro, na sua qualidade de convidado de marca, teve de tomar lugar à mesa do boston com Ilia Andreitch, o general e o coronel. E ali veio a encontrar-se sentado diante de Natacha e não pôde deixar de sentir-se impressionado com a estranha mudança que nela se operara desde a noite do baile. Conservava-se calada, e não só menos bonita que então, mas até mesmo pareceria feia se não fosse a expressão de doçura e a indiferença por tudo que se lhe espelhavam no rosto.

“Que terá ela?”, dizia de si para consigo enquanto a olhava. Natacha, sentada ao lado da irmã na mesa de chá, desprendida e sem o fitar, ia respondendo a Bóris, que estava perto de ambas. Pedro, que acabava de jogar uma partida completa e fizera cinco vazas, ouvindo rumor de passos e troca de cumprimentos, lançou um olhar a Natacha.

“Que lhe terá acontecido?”, repetiu, ainda mais admirado.

O príncipe André, com um ar atencioso e enternecido, estava diante de Natacha e dirigia-lhe a palavra. Ela erguia os olhos para ele, muito corada, procurando dissimular a emoção que a tomava. De novo lhe flamejava no rosto a labareda de um fogo interior. Parecia completamente transfigurada: de feia que ainda há momentos parecia, voltara a recuperar a beleza da noite do baile.

André aproximou-se de Pedro e este julgou ver também na cara do amigo uma expressão nova e um ar de juventude.

No decurso da partida Pedro mudou várias vezes de lugar, ora de costas para Natacha, ora de frente para ela, e durante o tempo dos seis robbers nunca deixou de os observar, aos dois.

“Há entre eles qualquer coisa de muito importante”, pensou, e um misto de alegria e de mágoa a tal ponto o emocionou que se esqueceu das suas próprias preocupações.

Findos os seis robbers, o general levantou-se dizendo não ser possível jogar em condições tão adversas, e Pedro voltou a estar livre. A um canto, Natacha conversava com Sônia e Bóris; Vera dizia qualquer coisa ao príncipe André, sorrindo com finura. Pedro aproximou-se do amigo e sentou-se ao lado dos dois, tendo o cuidado de perguntar se não estaria a ser indiscreto. Vera, que percebera as atenções de André para com Natacha, julgara-se na obrigação de, numa festa em sua casa, uma autêntica soirée, fazer algumas finas alusões sentimentais, e, aproveitando uma oportunidade em que via o príncipe só, encetara com ele uma conversa sobre o amor em geral e a irmã em particular. Julgava ela necessário, perante um convidado inteligente, que assim aos seus olhos se apresentava o príncipe André, pôr em jogo toda a sua diplomacia.

Quando Pedro se aproximou, notou que Vera parecia muito exaltada e que o príncipe André, coisa que raramente lhe acontecia, estava comovido.

— Que acha? — perguntava ela, com um sorriso sutil. — Diga-me, príncipe, já que é tão perspicaz e tão bem compreende o caráter das pessoas, que pensa de Natacha? Acha-a capaz de ser constante nos seus afetos, como qualquer outra mulher? (Queria, claro está, referir-se a si própria.) E que será capaz de gostar de um homem e ficar-lhe fiel para sempre? Isto considero eu o verdadeiro amor. Que acha, príncipe?

— Conheço muito pouco a sua irmã — replicou o príncipe André com um sorriso onde a ironia procurava ocultar uma certa perturbação -, conheço-a muito pouco para poder responder a uma pergunta tão delicada. E, de resto, devo confessar-lhe, a mulher é tanto mais fiel quanto menos atraente. — E, enquanto isto dizia, ia olhando para Pedro, que se aproximava.

— Sim, tem razão, príncipe — retomou Vera. — No nosso tempo... — Vera falava do seu tempo como em geral as pessoas de espírito acanhado, que supõem ter descoberto e julgado as particularidades do seu tempo e estão persuadidas de que os homens se transformam consoante as épocas. — No nosso tempo as raparigas gozam de tanta liberdade que o prazer de ser cortejada asfixia nelas muitas vezes o verdadeiro sentimento. E Natália, há que o reconhecer, é muito sensível a isso. — Esta nova alusão a Natacha fez que André franzisse outra vez o sobrolho. Quis levantar-se, mas Vera continuou, sorrindo ainda com mais finura:

— Creio que ninguém tem sido mais cortejada do que ela. Mas a verdade é que até à data ainda nenhum homem lhe agradou a sério. E o conde sabe isso muito bem — acrescentou dirigindo-se a Pedro. — Até mesmo o nosso primo Bóris, que chegou, aqui para nós, muito, muito longe na arte de seduzir...

Ao ouvir estas palavras, o príncipe André franziu as sobrancelhas e continuou calado.

— É amigo de Bóris? — perguntou-lhe Vera.

— Sim, conheço-o...

— Naturalmente ele já lhe falou no seu amor de infância por Natacha?

— Ah! Houve um amor de infância? — perguntou o príncipe André, corando repentinamente.

— Sim. Como sabe, entre primos e primas a intimidade acaba muitas vezes em amor; quanto mais prima... Não acha?

— Oh! Evidentemente — tornou o príncipe André, e, numa forçada animação, pôs-se a gracejar com Pedro, dizendo-lhe que ele precisava de ter muito cuidado com as primas quinquagenárias de Moscou. E, sempre no mesmo

tom de gracejo, levantou-se, travou-lhe do braço e levou-o consigo para um recanto.

— Que se passa? — perguntou Pedro, surpreendido com a estranha agitação do amigo, a quem não passara despercebido o olhar que André lançara a Natacha quando se erguera.

— Preciso... preciso de falar contigo — respondeu ele. — Como sabes, as nossas luvas de mulher... — referia-se às luvas que era costume oferecer aos franco-mações recém-iniciados para que estes as ofertassem à mulher de quem viessem a gostar. Eu... Não, depois falarei contigo... — E com uma estranha chama no olhar e um extremo nervosismo aproximou-se de Natacha e sentou-se a seu lado. Pedro percebeu que ele lhe pedia qualquer coisa e que ela lhe respondia corando subitamente.

Mas nesse mesmo momento Berg aproximou-se de Pedro para lhe pedir encarecidamente que viesse tomar partido na disputa que se travara entre o general e o coronel acerca dos acontecimentos de Espanha.

Berg sentia-se contente e feliz. Havia no seu rosto um sorriso perene. A sua soirée era uma perfeita soirée e em tudo igual às demais soirées a que ele assistira. Tudo tal qual: as delicadas conversas das senhoras, os jogos, o general jogando as cartas e engrossando a voz, o samovar, os bolos. Só faltava uma coisa, uma coisa que ele observara em todas as soirées cujo modelo imitava: uma conversa ruidosa entre homens e uma discussão sobre um assunto grave e interessante. O general encetara uma conversa desse gênero e Berg deu-se pressa em chamar Pedro para que viesse tomar parte nela.

Capítulo XXII

No dia seguinte, o príncipe André foi jantar à casa do conde Ilia Andreitch e passou a tarde inteira em casa dos Rostov. Toda a gente adivinhara a razão da sua visita e ele, sem se importar com os demais, todo o dia procurou não se afastar de Natacha. Esta, assustada no fundo, mas feliz e palpitante, pressentia, como toda a gente em casa, que um acontecimento solene se ia dar. A condessa lançava ao príncipe olhares sérios e tristes quando o via com Natacha, e timidamente, para disfarçar, punha-se a tagarelar disto e daquilo sempre que o olhar de André se dirigia para ela. Sônia receava afastar-se de Natacha e ao mesmo tempo tinha medo de ser importuna ficando ao pé deles. Natacha empalidecia de receio quando ficava por instantes sozinha com o príncipe André, cuja timidez a surpreendia. Sentia-o pronto a fazer-lhe uma confidência que não chegava.

Quando, à noite, o príncipe abalou, a condessa foi ter com Natacha e disse-lhe em voz baixa:

— Então?

— Mãe, por Deus, peço-lhe, nada me pergunte neste momento. Não posso falar nisso — replicou ela.

Isto não a impediu, contudo, de permanecer nessa mesma noite, por muito tempo, na cama da mãe, ora num sobressalto de emoção, ora palpitante de receio, o olhar imóvel num ponto qualquer. Contava que ele lhe dissera muitas coisas amáveis e que falara numa viagem ao estrangeiro e que lhe perguntara onde pensavam passar o verão, e que também falara de Bóris.

— Mas nunca, nunca me aconteceu uma coisa assim! — murmurou. — Diante dele tenho medo, tenho sempre medo. Que quer isto dizer? Quer dizer que desta vez é verdade, não é? Está a dormir, mãe?

— Não, minha querida, também estou cheia de medo. Bom, vai para a tua cama.

— Já sei que não poderei dormir. Que absurdo dormir! Mãezinha, mãezinha, nunca senti nada parecido com isto! — exclamou, assustada e surpreendida com o sentimento que descobria na alma. — Quem havia de dizer!...

Natacha julgava-se enamorada de André desde a primeira vez que o vira, em Otradnoie. E estava assustada, como perante uma felicidade estranha e inesperada, com o fato de aquele homem em que ela reparara então — estava firmemente persuadida disso — ter surgido de novo no seu caminho e ela lhe não parecer indiferente.

— E havia de vir precisamente nesta ocasião a Petersburgo, agora que nós aqui estamos. E havíamos de nos encontrar naquele baile. O destino é

que é o culpado. Sim, o destino: tudo isto tinha de acontecer. Já então, quando o vi, senti qualquer coisa de extraordinário.

— Que mais te disse ele? Que versos são esses? Lê-os, filha... — perguntou a mãe, que estivera cismando e a interrogava agora sobre uns versos que André escrevera no álbum de Natacha.

— Mãe, acha que parece mal casar com um viúvo?

— Cala-te, Natacha. Reza a Deus. No céu se casa.

— Querida mãezinha adorada, gosto tanto de si, e que feliz eu sou! — exclamou Natacha, lançando-se nos braços da mãe, os olhos cheios de lágrimas repassadas de felicidade e emoção.

A essa mesma hora. André, em casa de Pedro, falava do seu amor por Natacha e da firme resolução de casar com ela.

Nesse mesmo dia, a condessa Helena Vassilievna dava uma recepção em sua casa. Estavam presentes o embaixador de França, o príncipe imperial, havia pouco visita íntima da condessa, muitas senhoras e personalidades de distinção. Pedro desceu ao rés-do-chão, deu uma volta pelos salões e toda a gente reparou no seu aspecto alheio e taciturno.

Desde a noite do baile que Pedro, pressentindo a aproximação de um ataque de hipocondria, fazia o possível por reagir. Desde que o príncipe era íntimo de sua mulher vira-se inopinadamente nomeado camarista, e a partir desse momento passara a sentir na alta sociedade uma impressão desagradável, misto de vergonha e de embaraço, e de novo principiavam a assaltá-lo os seus tristes pensamentos sobre a vaidade de todas as coisas humanas. E a disposição melancólica ainda mais realçava a comparação que a cada passo estabelecia entre a sua situação e a de André, depois que assistia à marcha dos sentimentos que de dia para dia aproximavam o seu amigo e a sua protegida. Procurava não pensar igualmente nem na mulher, nem em Natacha, nem em André. De novo tudo se lhe afigurou sem importância ao pé do sentimento de eternidade, e de novo se lhe formulou no espírito este pensamento: “Para quê?” E dia e noite, ocupado com os trabalhos de maçonaria, tentava afastar do seu espírito os maus pensamentos. Era meia-noite, saíra há pouco dos aposentos da condessa, e estava instalado nas suas dependências do andar inferior, numa sala de teto baixo, cheia de fumo, com um roupão enxovalhado pelas costas, sentado à mesa, copiando as atas autênticas das lojas escocesas, quando alguém penetrou no aposento. Era o príncipe André.

— Ah! É o príncipe? — exclamou Pedro, distraído e enfadado. — Eu, como vê, estou a trabalhar — acrescentou, mostrando o caderno em que escrevia, num gesto de pessoa infeliz que trabalhando procura esquecer os aborrecimentos da vida.

André deteve-se diante dele, o rosto radiante e como que transfigurado pela alegria, e sorriu-lhe, num egoísmo de felicidade, sem reparar no aspecto infeliz do amigo.

— É verdade, Pedro, quis falar-te ontem, e aqui estou hoje pronto a fazê-lo. Nunca senti nada que se pareça com isto. Estou enamorado, meu amigo.

Pedro, de súbito, soltou um grande suspiro, e deixou-se cair sobre o divã, ao lado de André, com todo o peso do corpo.

— De Natacha Rostov, não é verdade?

— Sim, sim, de quem havia de ser? Nunca pensei, mas este amor é mais forte do que eu. Ontem atormentei-me e sofri, e, no entanto, por nada desta vida desejaria não ter sofrido assim. Não vivia. Agora, sim, agora vivo, e não posso viver sem ela. E ela, gostará ela de mim?... Para Natacha já sou um velho... Então, nada me dizes?

— Eu, eu? Que hei de eu dizer — exclamou Pedro, de repente, erguendo-se e principiando a andar de um lado para o outro. — Sempre pensei que... Esta rapariga é um verdadeiro tesouro, um tesouro tal... sim, uma pérola! Meu querido amigo, não pense mais. Deixe-se de hesitações, case-se, case-se, case-se... Estou convencido que não haverá homem mais feliz no mundo.

— E ela?

— Gosta de si.

— Não digas tolices... — replicou André sorrindo e olhando para Pedro bem nos olhos.

— Gosta, tenho a certeza — insistiu Pedro enfadado.

— Então ouve — tornou o príncipe, travando-lhe do braço. — Sabes em que situação moral me encontro? Preciso de abrir o coração seja a quem for.

— Bom, bom, diga. Sentir-me-ei muito feliz — replicou Pedro, e com efeito a expressão modificou-se-lhe subitamente; as rugas da testa desapareceram-lhe, e, sorrindo, pôs-se a ouvir o príncipe André, que parecia outro homem. Onde o seu tédio, o seu desprezo pela vida, o seu desencanto? Pedro era a única pessoa diante de quem ele se atrevia a desabafar. E disse-lhe tudo quanto lhe ia na alma. Descreveu-lhe os seus planos fáceis e audaciosos para o futuro, declarou-lhe que não podia sacrificar a sua felicidade a um capricho do pai, que estava disposto a obrigá-lo a dar o seu consentimento para a boda e a fazê-lo gostar da sua noiva, ou que então passaria sem isso. E por outro lado mostrou-lhe o assombro que sentia perante aquele sentimento desconhecido que o dominava por completo, como se fosse qualquer coisa estranha e independente dele.

— Se alguém me tivesse dito que eu viria a gostar assim de uma mulher, não teria acreditado — acrescentou. — O que sinto agora é

completamente diferente do que outrora experimentei. Atualmente o universo divide-se para mim em duas partes: uma, em que ela está presente, e onde tudo é felicidade, esperança, luz; a outra, em que ela não figura, e onde tudo são trevas e dores...

— Trevas e obscuridade — repetiu Pedro -, sim, sim, compreendo, compreendo.

— Não posso deixar de amar a luz, não tenho culpa de que assim seja. E sinto-me muito feliz. Compreendes? Sei que compartilhas da minha alegria.

— Sim, sim — confessou Pedro, observando o amigo com um olhar enternecido e tristonho. Quanto mais o destino do príncipe se iluminava, mais lúgubre se lhe afigurava o seu.

Capítulo XXIII

Para casar, André precisava do consentimento paterno, e por isso no dia seguinte partiu para a aldeia.

O velho encarou a comunicação do filho com uma serenidade aparente e uma cólera secreta. Não podia compreender que alguém quisesse modificar a sua vida e nela introduzir qualquer coisa de novo quando a sua própria chegava ao fim. “Que, ao menos, me deixem acabar os meus dias a meu gosto, depois poderão fazer o que quiserem”, dizia de si para consigo o ancião. Para com o filho, contudo, procedeu com a diplomacia das grandes ocasiões. Foi com um ar sereno que discutiu com ele.

Em primeiro lugar, aquele casamento, do ponto de vista do parentesco, da fortuna e da fidalguia, não era uma aliança brilhante. Em segundo lugar, André não estava na primeira juventude e tinha pouca saúde, e o velho insistia principalmente neste ponto, porquanto ela era muito jovem. Em terceiro lugar, havia uma criança, que não podia ser confiada aos cuidados de uma garota. E por fim, acrescentou, fitando o filho com um ar trocista:

— Eis o que te peço, espera um ano, vai viajar pelo estrangeiro, cuida de ti, trata de arranjar um alemão para dirigir a educação do príncipe Nicolau, como é teu desejo, e depois, se o teu amor, a tua paixão, a tua obstinação, tudo o que tu quiseses, continuarem os mesmos, então casa-te. E aqui tens a minha última palavra, fica sabendo, a minha última palavra... — E concluiu num tom que significava nada haver no mundo que o fizesse mudar de opinião.

O príncipe André percebeu que o pai esperava que os sentimentos dele, seu filho, ou os de sua noiva não resistiriam à prova de um ano, ou então que, tendo em vista a sua avançada idade, ele próprio viria a morrer entretanto. E decidiu acatar a sua vontade, adiando o casamento para daí a um ano. Três semanas depois da última noite em casa dos Rostov, André estava de regresso a Petersburgo.

No dia que se seguiu à explicação que tivera com a mãe, Natacha, de manhã à noite, esperou a visita de Bolkonski, mas este não apareceu. No segundo e no terceiro dia, a mesma coisa. Pedro também não apareceu, e Natacha, que ignorava que André partira para a aldeia, não podia compreender aquela ausência.

E assim decorreram três semanas. Natacha recusava-se a aparecer em parte alguma e andava de um lado para o outro, de sala para sala, como uma sombra, ociosa e desolada. À noite, a ocultas de toda a gente, chorava, e já não procurava a mãe na sua cama. A cada momento corava e irritava-se. Imaginava que todos sabiam das suas decepções, todos a troçavam ou deploravam. E estas mordeduras no seu amor-próprio, acrescidas do seu grande desgosto, ainda a tornavam mas infeliz.

Certo dia foi ter com a mãe, quis dizer-lhe fosse o que fosse e rompeu a chorar. As suas lágrimas eram como as de uma criança castigada que não sabe por que a puniram.

A condessa procurou consolá-la. Natacha principiou por ouvir o que a mãe dizia, depois, subitamente, interrompeu-a:

— Não diga mais, mãe, não penso e não quero voltar a pensar mais nisso! A verdade é que apareceu e depois ninguém o tornou a ver, nunca mais... — Tremia-lhe a voz, ia chorar de novo, mas conteve-se e prosseguiu tranquilamente:

— Não me quero casar. Além disso, tinha medo dele. Agora estou completamente sossegada, completamente.

No dia seguinte, Natacha enfiou um vestido velho de que muito gostava, porque se lembrava das manhãs alegres em que o vestira, e voltou à vida antiga, que havia abandonado em seguida à noite do baile. Depois do chá, dirigiu-se ao salão mais espaçoso, seu preferido por causa da boa acústica, e recomeçou o solfejo. Assim que terminou a primeira lição, postou-se no meio da sala e entoou uma frase musical de que muito gostava. Entretinha-se a ouvir o efeito maravilhoso e inesperado para ela daquelas notas soltas derramando-se pelo vazio da sala e lentamente morrendo. E de repente sentiu-se alegre. “Para que hei de eu pensar em tudo isto? Assim também estou bem”, dizia de si para consigo. E começou a passear de um lado para o outro do grande salão, caminhando pelo sonoro pavimento, não em passo natural, mas apoiando primeiro o tacão e depois a biqueira dos sapatos novos, seus preferidos. E ao ouvir o martelar cadenciado do tacão e da biqueira dos sapatos, rangendo, experimentava um prazer tão grande como o que sentira ao escutar o eco da sua própria voz. Passando por diante de um espelho, relanceou-lhe um olhar. “Aquela sou eu!”, parecia dizer a expressão que se lhe pintara no rosto. “Ótimo! Não preciso de ninguém.”

Um criado quis entrar na sala para proceder à limpeza, mas ela mandou-o embora, fechou a porta e prosseguiu no seu passeio. Naquela manhã regressara ao profundo amor de si própria e à admiração pela sua própria pessoa. “Que encanto esta Natacha!”, exclamava, dando a palavra a uma terceira pessoa, ser coletivo e do sexo forte. “É bonita, nova, tem uma linda voz, não incomoda ninguém. Deixem-na então em paz.” Mas, ainda mesmo que a deixassem em paz, não mais saberia recuperar a tranquilidade antiga, isso mesmo teve ocasião de verificar não tardou muito.

A porta do vestíbulo que abria para a rua abriu-se e alguém perguntou: “Estão em casa?” E uns passos se ouviram. Natacha lançou um olhar ao espelho, mas já lá não estava. Ouvia ruído no vestíbulo. Porém, quando

conseguiu tornar a ver-se no espelho empalideceu. Era ele. Tinha a certeza, embora a custo lhe percebesse a voz para além da porta fechada.

Muito pálida e assustada, correu para o salão.

— Mãe, está ali Bolkonski! — exclamou. — Não posso, mãe, é insuportável. Não quero sofrer. Que hei de fazer?...

Ainda a condessa não tivera tempo de responder, já o príncipe entrava na sala, com um aspecto preocupado e sério. Assim que seus olhos encontraram Natacha, o rosto iluminou-se-lhe. Beijou a mão da condessa e da filha e sentou-se.

— Há muito tempo não tínhamos o prazer... — principiou a condessa, mas o príncipe André cortou-lhe a palavra, para lhe responder imediatamente, tanta pressa tinha de dizer o que queria:

— Não tornei a aparecer porque estive em casa de meu pai: precisava de conversar com ele sobre um assunto muito grave. Cheguei esta noite — disse, fitando Natacha. — Preciso de lhe falar, condessa — acrescentou, depois de um momento de silêncio.

A condessa baixou os olhos, suspirando.

— Estou às suas ordens — disse ela.

Natacha percebia que devia retirar-se, mas não era capaz de se decidir a fazê-lo. Tinha um nó na garganta e olhava para André de uma forma quase descortês, bem de frente, com os olhos muito abertos. “Vai ser agora? Já?... Não, não pode ser”, dizia para si mesma.

André voltou a fitá-la, e então Natacha convenceu-se de que se não enganava. Sim, agora, já, ia decidir-se o seu destino. — Vai, Natacha, eu te chamarei — segredou-lhe a condessa. Natacha lançou a André e à mãe um derradeiro olhar, súplice e consternado, e saiu.

— Condessa, vim pedir-lhe a mão de sua filha — principiou André.

Um grande rubor subiu à cara da condessa, mas não respondeu logo.

— O seu pedido... — disse, pausadamente, enquanto ele se calava e a fitava nos olhos. — O seu pedido... — estava perturbada — é-nos agradável, e por mim aceito-o, estou muito contente. E meu marido... espero... mas tudo depende dela.

— Falarei a Natacha quando tiver o seu consentimento... Concedemo? — inquiriu o príncipe André.

— Com certeza — replicou ela, e estendeu-lhe a mão. E depois, num misto de embaraço e de ternura, poisou-lhe os lábios na testa no momento em que ele se inclinava para lhe beijar a mão. Desejaria querer-lhe como a um filho, mas sentia-o por demais distante. Intimidava-a. — Estou convencida de que meu marido não se oporá — acrescentou ela. — Mas seu pai...

— Meu pai, a quem comuniquei os meus projetos, pôs-me como condição do seu consentimento que o casamento se não realize antes de um ano. E era isto precisamente o que eu lhe queria dizer.

— É verdade que Natacha ainda é muito nova, mas tanto tempo...

— Não pode ser de outra maneira — volveu André, suspirando.

— Vou chamar Natacha. — disse a condessa, saindo da sala.

— Senhor, tende piedade de nós! — ia implorando ao afastar-se.

Sônia disse-lhe que Natacha estava no quarto. Sentada na cama, pálida, os olhos secos cravados nos ícones, os lábios balbuciantes, persignando-se rapidamente, murmurava fosse o que fosse. Ao ver entrar a mãe, saltou da cama, correu para ela e caiu-lhe nos braços.

— Que é, mãe? Que é?

— Vai, vai, está à tua espera. Pediu-me a tua mão — disse a condessa friamente, pelo menos assim pareceu a Natacha. — Vai... vai — prosseguiu ela com tristeza e reprovação, ao vê-la despedir numa carreira, e soltou um profundo suspiro.

Mais tarde Natacha quis lembrar-se de como entrara no salão e não podia. Ao chegar ao limiar da porta, ao vê-lo, estacou. “Será possível que este estranho se haja tornado agora tudo para mim?”, perguntou a si própria, e imediatamente ouviu a resposta: “Sim, tudo, ele e só ele, é agora para mim a pessoa mais querida do mundo.” O príncipe André aproximou-se dela de olhos baixos.

— Enamorei-me de si desde o primeiro instante em que a vi. Posso ter esperanças?...

Ergueu os olhos para ela, e a expressão grave e apaixonada de Natacha impressionou-o. Aquele rosto parecia dizer-lhe: “Perguntar para quê? Para que duvidar do que é evidente? Para que falar quando as palavras não podem exprimir o que uma pessoa sente?”

Aproximou-se, e de novo parou. André pegou-lhe na mão e beijou-a.

— Gosta de mim?

— Gosto, gosto! — exclamou Natacha, como se lhe estivessem a arrancar uma confissão. E por várias vezes respirou fundo, como se sufocasse, e rompeu em soluços.

— Que foi? Que tem?

— Oh, sou tão feliz! — balbuciou ela, suspirando, os olhos cheios de lágrimas. Inclinou-se para ele e, hesitando um momento, como a perguntar-se a si própria se o poderia fazer, beijou-o.

O príncipe André apertava-lhe as suas mãos nas dele, olhava-a nos olhos, e já não conseguia encontrar no fundo do seu coração o mesmo amor que

sentira por ela. Produzira-se nele subitamente como que uma revolução. A misteriosa e poética atração do desejo desaparecera, e em seu lugar surgia agora uma espécie de compaixão por aquela fragilidade de criança e de mulher, agora havia nele uma espécie de susto diante daquele abandono e daquela entrega. Era a consciência, misto de alegria e de tristeza, do dever que para sempre o ligava a ela. Conquanto não tão poéticos e luminosos como outrora, os sentimentos que ela agora lhe inspirava eram mais sérios e mais fortes.

— Sua mãe disse-lhe que só nos poderemos casar daqui a um ano?
— articulou André, sem deixar de a olhar nos olhos.

“Será possível que eu, a garota que sou para toda a gente”, dizia Natacha de si para consigo, “será possível que eu seja agora a mulher deste homem amável, uma igual deste homem inteligente, um estranho ainda para mim, e a quem o meu próprio pai respeita? Será isto verdade? Será verdade que a vida tenha deixado de ser para mim uma brincadeira, que eu seja agora uma pessoa crescida, que tenha de prestar contas de todos os meus atos e de todas as minhas palavras? Mas que me estava ele a dizer?”

— Não — replicou ela, sem perceber o que André lhe perguntava.

— Perdoe-me — disse ele -, a Natacha é tão nova e eu já passei por tantas coisas na vida. Tenho medo por si. Ainda se não conhece a si mesma.

Natacha escutava-o com toda a atenção, fazendo esforços para compreender o sentido das palavras que ele lhe dizia, mas sem o conseguir.

— Por mais penoso que seja para mim este ano que me separa da felicidade — prosseguiu André — dar-lhe-á tempo de avaliar os seus sentimentos. Peço-lhe que me faça feliz dentro de um ano. Até lá considere-se sem compromissos. O nosso noivado manter-se-á secreto e se entretanto se convencer de que me não ama ou, pelo contrário, se continuar a gostar de mim... — acrescentou com um sorriso forçado.

— Por que é que me fala assim? — interrompeu Natacha. — Bem sabe que principiei a gostar de si desde que o vi pela primeira vez, em Otradnoie — acentuou com o firme acento da verdade.

— Tem um ano para bem se conhecer...

— Um ano inteiro! — disse, de súbito, Natacha, compreendendo finalmente que o casamento só se realizaria daí a doze meses. — Mas um ano, por quê? Por que um ano?... — O príncipe André pôs-se a explicar-lhe os motivos. Natacha, porém, não o ouvia já.

— Mas não pode ser de outra maneira? — perguntou.

André não respondeu, e Natacha percebeu pela sua fisionomia que a decisão era irrevogável.

— É horrível! Oh! é horrível, horrível! — exclamou de súbito Natacha, rompendo a chorar. — Se tiver de esperar um ano, morro. Não pode ser, é horrível! — Ergueu os olhos para o noivo e viu que a perplexidade e a dor o alanceavam.

— Bom, bom! Farei tudo que for preciso — disse ela, enxugando rapidamente as lágrimas. — Sou tão feliz!

Então os pais de Natacha entraram na sala e deram a sua bênção aos noivos.

A partir desse dia, o príncipe André passou a frequentar a casa dos Rostov na qualidade de noivo de Natacha.

Capítulo XXIV

Não se festejou o noivado e a ninguém foi participado que Bolkonski e Natacha eram noivos. O príncipe André assim o quis. Dizia que já que era ele o causador daquele contratempo sobre ele deviam pesar todos os seus inconvenientes. E acrescentou que a palavra dada era para ele um compromisso eterno, mas que Natacha continuaria senhora da sua inteira liberdade. Se dentro de seis meses verificasse que o não amava, teria pleno direito de se desligar do compromisso. Escusado dizer que nem Natacha nem os pais queriam ouvir falar nisto, mas André era inabalável nesse ponto. Ia todos os dias à casa dos Rostov, mas não tratava Natacha como noiva: não a tuteava e limitava-se a beijar-lhe a mão. Entre os dois, após o pedido de casamento, as relações passaram a ser muito diferentes do que até então — mais íntimas, mais simples. Até aí haviam sido como estranhos um ao outro. Achavam graça lembrarem-se da maneira como mutuamente se encaravam naquele tempo em que ainda não eram nada um para o outro. E agora era como se se sentissem outras pessoas: antigamente dissimulavam, agora eram simples e sinceros. De princípio, a família experimentava certo embaraço na presença de André. Consideravam-no como que pertencendo a outro mundo, e Natacha levou muito tempo antes de conseguir familiarizar a sua gente com o noivo: dizia-lhes, orgulhosa, que só na aparência ele era assim uma pessoa especial, mas que no fundo era igual aos demais, que a não intimidava e que ninguém devia intimidar-se dele. Depois de algum tempo, habituaram — se, e naturalmente voltaram aos seus hábitos de vida antigos, hábitos com que o próprio príncipe, de resto, se identificava. Sabia falar de assuntos agrícolas com o conde, de vestidos com a condessa e Natacha, e de bordados e álbuns com Sônia. Por vezes, a família Rostov, na intimidade ou na presença de André, referia-se à surpresa que lhe causava o que acontecera, vendo sinais de destino em tudo: na chegada do príncipe a Otradnoie, na vinda deles para Petersburgo, as semelhanças de Natacha e do noivo assinaladas pela velha criada aquando da primeira visita deste, a altercação em 1805 entre André e Nicolau e ainda muitas outras coisas.

Na casa respirava-se esse tédio poético e silencioso que costuma envolver os noivos. Às vezes, sentados à mesma mesa, todos se calavam. E acontecia as outras pessoas levantarem-se e irem-se embora, e os noivos, que ficavam sós, continuarem calados. Raramente falavam do futuro. O príncipe André receava esse tema e tinha escrúpulos em abordá-lo. Natacha partilhava do mesmo sentimento, como, aliás, de todos os seus pensamentos secretos, que sempre adivinhava. Só uma vez se lembrou de lhe falar do filho. André sorriu, o que muitas vezes acontecia agora, e o que muito agradava a Natacha, e replicou que o filho não viveria com eles.

— E por quê? — interrogou Natacha, assustada.

— Não posso tirá-lo ao avô, e além disso...

— Ia gostar tanto dele! — exclamou Natacha, que logo lhe adivinhou o pensamento. — Já sei, não quer que tenham alguma coisa a dizer de nós.

O velho conde costumava abeirar-se às vezes do príncipe André, beijava-o, pedia-lhe conselhos sobre a educação do Pétia ou a respeito da vida militar de Nicolau. Quanto à velha condessa, essa suspirava olhando para os noivos. Sônia, receosa a todo o momento de ser indiscreta, estava sempre a arranjar pretextos para os deixar sós, mesmo quando não era necessário. Quando André falava — tinha um verdadeiro talento de narrador — Natacha ouvia-o cheia de orgulho, e quando era ela quem falava podia ver, num misto de alegria e de receio, como ele a olhava, atento e escrutador. E perguntava-se, inquieta: “Que procura ele de mim? Que quer ele dizer com este olhar? Que acontecerá se não encontrar em mim o que procura?” Às vezes apoderava-se de Natacha aquela louca alegria tão própria do seu temperamento, e era com grande satisfação que via e ouvia rir o príncipe André. Este raramente ria, mas, quando o fazia, era sem reservas, e então mais ela se sentia, graças a esse riso, identificada com ele. Se não fosse a ideia da separação que se aproximava, enchendo-a a ela de pavor e a ele, quando nisso pensava, fazendo-o empalidecer, Natacha ter-se-ia sentido plenamente feliz.

Na véspera da sua partida para Petersburgo o príncipe André apareceu na companhia de Pedro, que não voltara à casa dos Rostov desde a noite do baile. Pedro parecia confuso e perturbado. Pôs-se a conversar com a condessa. Natacha e Sônia foram jogar o xadrez e convidaram André, que se abeirou delas.

— Há muito que conhecem Bezukov? — perguntou. — Gostam dele?

— Gostamos. É muito bom rapaz. Mas um pouco ridículo.

E, como sempre que Natacha falava de Pedro, contou histórias a propósito das suas distrações, algumas das quais eram inventadas.

— Sabe que lhe falei no nosso segredo? — disse André. — Conheço-o desde criança. É um coração de ouro. Peço-lhe uma coisa, Natacha — acrescentou, de súbito, muito sério. — Vou partir e só Deus sabe o que pode vir a acontecer. Pode deixar de gostar de mim... Sim, bem sei que não devo falar assim. Mas, enfim, aconteça o que acontecer, durante a minha ausência...

— Que poderá acontecer?

— Se acontecesse alguma desgraça — prosseguiu ele -, peço-lhe, Mademoiselle Sophie, suceda o que suceder, só a ele peçam conselho e amparo. É uma pessoa distraída, um pouco ridícula, mas um coração de ouro.

Nem o pai, nem a mãe, nem Sônia, nem o próprio André puderam prever o efeito que a partida deste produziria em Natacha. Agitada, muito vermelha, os olhos sem uma lágrima, ia e vinha pela casa, ocupada nas coisas mais insignificantes, como se não compreendesse o que a esperava. Não chorou sequer no momento em que ele, ao despedir-se, lhe beijou pela última vez a mão. “Não se vá embora!”, disse ela apenas, numa tal voz que ele se perguntou a si próprio se não deveria ficar realmente, e por muito tempo havia de lembrar-se daquele instante. Depois de ele partir, também não chorou, mas durante alguns dias deixou-se ficar sentada nos seus aposentos, sem se interessar por coisa alguma, repetindo de quando em quando:

“Ai! por que se foi ele embora?”

No entanto, quinze dias depois, inesperadamente, ante a surpresa de todos, despertou daquele torpor, voltou a ser como era antes, embora com outra expressão mental, como costuma acontecer às crianças quando se levantam depois de uma prolongada doença.

Capítulo XXV

A saúde e o caráter do velho príncipe Nicolau Andreievitch Bolkonski no ano que se seguiu à partida do filho pioraram muito. Tornou-se ainda mais irritável e todos os seus arrebatamentos de cólera imotivada caíam geralmente sobre a princesa Maria. Dir-se-ia escolher adrede todos os recantos sensíveis do coração desta para a fazer sofrer moralmente com a maior crueldade que podia. Maria tinha duas paixões, e portanto duas alegrias: o sobrinho Nikoluchka e a religião, e esses os dois objetivos favoritos dos ataques e das ironias do príncipe. Falasse-se do que se falasse, logo ele conduzia a conversa para as superstições das solteironas e a indulgência e os mimos excessivos destas para com as crianças. “O que querias era fazer dele uma menina como tu. Fazes mal. O príncipe André precisa de um filho, não de uma filha”, dizia-lhe ele. Ou então, dirigindo-se a Mademoiselle Bourienne, perguntava-lhe, na presença de Maria, que pensava ela dos popes e dos ícones russos, e lá vinham de novo os seus sarcasmos...

Feria a cada passo e a qualquer pretexto a princesa Maria, mas a filha, para lhe perdoar, nem por isso tinha de fazer um grande esforço. Como poderia ele ser culpado a seus olhos? E como é que ele, que no fundo tanto lhe queria, podia ser injusto para com ela? E, de resto, em que consistia realmente a equidade? A princesa não tinha a mais pequena noção dessa palavra grandiloquente. Para ela todas as complicadas leis da humanidade se resumiam numa só, simples e clara, a lei do amor e do sacrifício, a lei ensinada aos homens por aquele que, sendo Deus, muito padeceu por amor da humanidade. Que lhe importava a ela a justiça ou a injustiça de outrem? A sua condição era sofrer e amar e isso mesmo estava ela fazendo.

No inverno, o príncipe André apareceu em Lissia Gori. Mostrara-se alegre, compassivo e terno como ainda a irmã o não vira. E previu que alguma coisa acontecera, mas André nada lhe disse a respeito dos seus amores. Antes de tornar a partir, teve uma longa conversa com o pai e a princesa Maria pôde observar que a entrevista os deixara a ambos descontentes.

Pouco depois da partida do irmão, a princesa escreveu de Lissia Gori para Petersburgo à sua amiga Júlia Karaguine, a noiva que ela sonhava — sonho sempre na mente das raparigas solteiras — para o príncipe André. Júlia estava de luto pelo irmão, que morrera na guerra da Turquia:

Está escrito que a nossa sina seja o sofrimento, minha querida e boa amiga Júlia.

Tão cruel é a perda que acabas de sofrer que eu a não posso explicar senão como uma mercê particular de Deus, que assim quer, por muito vos amar, pôr-te à prova a ti e à tua boa mãe. Ah! minha amiga, só a religião, só ela,

pode, não digo consolar-nos, mas salvar-nos de cairmos no desespero. Só a religião nos pode explicar tudo quanto, sem a sua ajuda, o homem é incapaz de compreender; ou seja, porque chama Deus a si as criaturas de bom coração, de nobres sentimentos, que sabem dar felicidade aos outros na vida, não fazem mal a ninguém e são mesmo precisas para a felicidade alheia, enquanto deixa viver criaturas más, inúteis, prejudiciais, e um fardo para elas próprias e para os outros. A primeira morte a que assisti e que não mais poderei esquecer — a da minha cunhada — obrigou-me a pensar muito. Assim como tu perguntas ao destino porque foi o teu bom irmão chamado para o seio de Deus, também eu lhe perguntei porque Lisa, aquele anjo, tinha de morrer; ela, que não só nunca fizera mal a alguém, mas em cuja alma só houvera bons sentimentos. E que queres que te diga, minha amiga? Cinco anos são passados e só agora na minha fraca inteligência começo a compreender por que é que ela devia morrer e como esta morte não era senão um sinal da misericórdia infinita do Criador, cujas ações, ainda mesmo quando nós as não compreendemos, são sempre a prova do amor sem limites que ele dedica à criatura humana. Muitas vezes penso que ela era, naturalmente, de uma inocência angélica demais para dispor de energias que a deixassem cumprir os seus deveres de mãe. Se como rapariga era irrepreensível, talvez o não tivesse sido como mãe. Agora não só nos deixou a todos, e muito especialmente a André, as saudades mais preciosas, como o certo é que a esta hora já deve ter alcançado lá em cima um lugar que eu não ousa esperar para mim própria. Sem falar da recompensa que terá obtido, esta morte prematura e terrível teve sobre meu irmão e sobre mim o efeito mais benéfico, apesar da nossa dor. Quando passamos por este desgosto, se tais pensamentos me tivessem ocorrido, tê-los-ia afastado de mim com horror; agora, porém, tudo isto se tornou tão claro e incontestável! Se te digo estas coisas, minha amiga, é apenas para te convencer da verdade evangélica, que se tornou a regra da minha vida! “Nem um só cabelo nos cai da cabeça sem a sua vontade.” E a vontade do Senhor só o seu ilimitado amor por nós a conduz e é por isso que tudo quanto nos sucede só para nosso bem acontece. Perguntas-me se passaremos o inverno em Moscou? Apesar do meu desejo de tornar a ver-te, não o creio nem o desejo. Estranharás, talvez, que a culpa seja de Bonaparte. Já verás como. A saúde de meu pai está a decair muito; não suporta a menor contradição e está muito irritável. Esta irascibilidade, como sabes, é provocada especialmente pela política. Não pode tolerar a ideia de Bonaparte tratar de igual para igual todos os soberanos da Europa e em particular o nosso, o neto da grande Catarina! Como deves calcular, a

política não me interessa, mas, através do que diz meu pai e das suas conversas com Mikail Ivanovitch, estou ao par de tudo quanto sucede no mundo, e sobretudo de todas as honras que prestam a Bonaparte, e, ao que parece, no mundo inteiro; só em Lissia Gori lhe recusam o título de grande homem e de imperador dos franceses. Realmente, meu pai não pode tolerar que assim seja. Calculo que, principalmente em virtude das suas ideias políticas e na previsão de todos os aborrecimentos que lhe poderia vir a causar a sua maneira de proceder e os hábitos em que está de exprimir as suas opiniões sem querer saber do que os outros pensam, não vê com bons olhos a ida para Moscou. Tudo quanto ganha no tratamento que está a seguir perder-se-ia mercê das inevitáveis discussões sobre Bonaparte. De qualquer maneira, muito em breve saberei o que se resolve. A nossa vida familiar segue o seu curso habitual, a não ser no que diz respeito a meu irmão André, que continua ausente. Como já te disse, mudou muito nestes últimos tempos. É este o primeiro ano depois da infelicidade de que foi vítima em que parece em verdade ter renascido moralmente para a vida. Voltou a ser o que era quando criança: bom, terno, um coração de ouro, como outro melhor não conheço. Compreendeu por fim, ao que parece, que a vida ainda não acabou para ele. Mas, se mudou do ponto de vista moral, fisicamente decaiu muito. Está mais magro e mais nervoso. Estou inquieta por ele e sinto-me muito contente que ele tenha resolvido fazer esta viagem ao estrangeiro, há muito prescrita pelos médicos. Tenho esperanças nos seus resultados salutareos. Disseste-me que em Petersburgo se fala dele como um dos jovens mais ativos, mais cultos e mais inteligentes. Perdoa-me este orgulho de irmã, mas sempre assim pensei. Não podes calcular o bem que ele tem feito aqui tanto aos seus mujiques como à nobreza da região. Em Petersburgo só encontrou o que merecia. Estou muito surpreendida com os boatos que correm e que chegaram até aí, a Moscou, especialmente com as atoardas como essa de que me falas sobre um suposto casamento de meu irmão com a pequena Rostov. Não acredito que ele volte a casar seja com quem for e com muito mais forte razão com essa pequena. E aqui tens por quê: primeiro, embora ele fale raramente da sua falecida mulher, o desgosto que sofreu foi tão profundo que não creio pense em substituí-la e em dar uma madrasta ao nosso anjinho; em segundo lugar, pelo menos quanto me é dado sabê-lo, essa rapariga não pertence à categoria das mulheres que lhe podem agradar. Não creio que o príncipe André case com ela e francamente te digo que o não desejo. Mas já vai longa esta carta e estou a terminar a minha segunda folha de papel. Adeus, minha querida amiga, que Deus te

*tenha na sua santa guarda. A minha querida companheira, Mademoiselle
Bourienne, envia-te um beijo.*

— *MARIA*

Capítulo XXVI

Em meados do estio, Maria recebeu da Suíça uma carta inesperada do irmão em que este lhe dava parte de um caso imprevisto e surpreendente. Participava-lhe estar noivo de Mademoiselle Rostov. Esta carta vinha banhada do mais exaltado amor pela noiva e da maior ternura e de uma completa confiança pela irmã. Dizia-lhe nunca ter amado como agora e que só também agora compreendia a vida; pedia-lhe que lhe perdoasse nada lhe ter dito, aquando da sua visita a Lissia Gori, a respeito das suas intenções, embora houvesse falado disso ao pai. Não lhe falara no caso porque Maria teria intercedido junto do velho príncipe para ele dar o seu consentimento e com isso só teria concorrido para o exasperar, sem nada obter, ficando depois a suportar o peso inteiro do descontentamento paterno, “Aliás”, escrevia ele, “as coisas ainda não estavam definitivamente resolvidas nessa altura, mas agora sim. O pai, então, impôs-me que esperasse um ano; já lá vão seis meses, metade do prazo, e a verdade é que nunca estive mais decidido na minha resolução. Se os médicos me não obrigassem a conservar-me aqui, nas águas, já eu estaria na Rússia, mas ainda tenho de esperar três meses. Tu conheces-me bem e sabes quais as minhas relações com o pai. Não preciso de lhe pedir seja o que for e sempre serei independente, mas agir contra sua vontade, despertar-lhe a cólera, talvez quando já tão pouco tempo tem para viver conosco, seria tornar incompleta a minha felicidade. Escrevo-lhe sobre o mesmo assunto e peço-te que escolhas o momento que te parecer mais favorável para lhe entregares a carta que te remeto, informando-me, depois, da, maneira como ele encarou a situação e se achas que há alguma esperança em consentir que antecipe de quatro meses o prazo fixado!”

Depois de largas vacilações, de muitos escrúpulos e fervorosas preces, Maria entregou a carta ao pai. No dia seguinte o velho príncipe disse-lhe com a maior tranquilidade:

— Escreve a teu irmão e diz-lhe que espere que eu morra... Não tardará muito... Dentro de pouco tempo estará livre de mim...

Maria quis objetar qualquer coisa, mas o pai não lho consentiu, e foi levantando a voz.

— Casa-te, casa-te, querido amigo... Soberba parentela!... Pessoas de mérito, não haja dúvida! E ricas, não é verdade? Ah! Claro, que linda madrasta para o Nikoluchka! Diz-lhe que se case amanhã mesmo. Eh! Eh! Eh! Nikoluchka terá uma madrasta, e eu, eu, por mim, caso com a Buriénka!... Eh! Eh! Eh! Assim também eu lhe darei a ele uma madrasta! O pior é que não quero mais mulheres cá em casa. Que se case, mas que vá viver para outra parte. Talvez tu queiras ir viver para casa dele. Pois muito boa viagem! E que passes por lá muito bem! Muito bem!...

Depois deste desabafo, o príncipe não voltou a falar no assunto. Mas o desagrado que lhe causava a fraqueza de André transparecia a cada passo nas relações entre o velho príncipe e a filha. Um novo motivo de ironia veio juntar-se aos anteriores — o da madrasta e o do seu namoro em perspectiva com Mademoiselle Bourienne.

— Por que diabo não hei de eu casar com ela? — dizia ele para a filha. — Fazia-se dali uma ótima princesa!

E, com efeito, naqueles últimos tempos Maria notara, com grande pasmo, que o pai, de dia para dia se mostrava mais íntimo com a francesa. Escreveu a André sobre a forma como o pai acolhera a carta que ele lhe escrevera, dando-lhe, no entanto, algumas esperanças, pois talvez conseguisse levá-lo a dar o seu consentimento.

Nikoluchka e a sua educação, André e a religião, eis as únicas alegrias e os únicos motivos de satisfação da princesa Maria. Mas, além disso, como todos precisamos de aspirações pessoais, no mais fundo do seu coração Maria ocultava um sonho e uma esperança, todo o lenitivo da sua vida. Essa ilusão consoladora e essa esperança devia-as aos homens de Deus, os inocentes e os peregrinos que frequentavam a casa às escondidas do príncipe. Quanto mais vivia, quanto mais experiência adquiria, quanto mais observava a vida tanto mais se surpreendia com a cegueira dos homens que procuram na terra a felicidade e os gozos, que lutam, que sofrem e que mutuamente se querem mal para alcançar essa miragem impossível e vã a que chamam felicidade. O príncipe André tinha amado uma mulher, que morrera; e isso não lhe bastava, queria procurar de novo a felicidade junto de outra mulher. O pai opunha-se a esse casamento porque desejava para ele uma mulher de sangue mais nobre e de família mais rica. E eis-os lutando e sofrendo e atormentando o semelhante e perdendo a sua alma, a sua alma imortal, para alcançarem prazeres que não duram mais do que uma hora. Não só o sabemos por nós próprios, mas também por Cristo, o filho de Deus, que desceu à terra e nos disse que esta vida não é mais do que um breve espaço de tempo e uma prova. E, no entanto, aí estamos nós, que nos agarramos a ela, pensando encontrar a felicidade cá em baixo. “Como é que ninguém ainda percebeu isto?”, interrogava-se Maria. “Ninguém, a não ser os homens de Deus, escárnio de toda a gente. E eles, de sacola ao ombro, aí vêm, pela escada de serviço, com medo de que o príncipe os veja, não com receio de serem maltratados, mas apenas para que ele não caia em pecado. Abandonarem a família, a terra natal, todas as preocupações deste mundo, não se prenderem a seja o que for e errarem de um lado para o outro, cobertos de andrajos, sob um nome suposto, sem nunca fazerem mal a outrem e rezando tanto pelos que os protegem como pelos que os maltratam, não, não há vida, não há verdade superiores à sua!”

Maria conhecia uma peregrina, uma tal Fiedossiuschka, mulher dos seus cinquenta anos, pequenina, picada das bexigas, sossegada, que havia trinta anos andava descalça e carregada de cadeias. Tinha por ela uma especial afeição. Certo dia em que Fiedossiuschka lhe falava da sua vida, no seu obscuro quarto apenas iluminado pela lamparina do ícone, a princesa Maria pensou de súbito tão intensamente que só aquela mulher encontrara o verdadeiro caminho da vida que ela própria decidiu fazer-se peregrina. Quando Fiedossiuschka se retirou, a princesa meditou muito tempo e por fim chegou à conclusão de que, por mais estranho que isso fosse, o devia fazer. Confiou esta decisão ao seu confessor, o monge Akinfii, que aprovou as suas intenções. A pretexto de dar um presente a uma das peregrinas, Maria tratou de arranjar um traje completo: bata, cafetã, uns lapti e um lenço preto. Por vezes, ao abeirar-se da cômoda onde escondera essas coisas, detinha-se, irresoluta, perguntando a si própria se não chegara o momento de pôr em prática o seu projeto.

Escutando as histórias dos peregrinos, essas histórias simples e mecânicas para eles, mas cheias de profundo sentido para ela, a princesa Maria, por várias vezes, esteve a ponto de tudo abandonar e de fugir de casa. Em sua imaginação, via-se já com Fiedossiuschka, vestida como ela, de grosseiros andrajos, de bordão em punho e sacola ao ombro, por essas estradas pedregosas, de um lado para o outro, sem ódios nem amores humanos, sem desejos nem invejas, chegando definitivamente onde não há mais dores nem mais suspiros, mas sim a alegria e a beatitude eternas.

“Chegarei a qualquer parte, rezarei, e antes que ganhe amor a esse lugar partirei para outro. Continuarei a andar até que chegue finalmente a esse asilo eterno e sereno onde não há mais tristeza nem dores...”, dizia Maria de si para consigo.

Mas mal via o pai, e sobretudo o pequeno Koko, vacilava na sua resolução, chorava às escondidas e reconhecia ser uma pecadora: queria mais ao pai e ao sobrinho do que a Deus.

Sétima Parte

Capítulo I

A tradição bíblica ensina-nos que a felicidade do primeiro homem antes da queda consistia na ausência de trabalho, isto é, na ociosidade. O gosto da ociosidade manteve-se no homem réprobo, mas a maldição divina continua a pesar sobre ele, não só por ser obrigado a ganhar o pão de cada dia com o suor do seu rosto, mas também porque a sua natureza moral o impede de encontrar satisfação na inatividade. Uma voz secreta diz ao homem que ele é culpado de se abandonar à preguiça. E, no entanto, se o homem pudesse achar um estado em que se sentisse útil e em que tivesse o sentimento de que cumpria um dever, embora inativo, nesse estado viria a encontrar uma das condições da sua felicidade primitiva. Esta condição de ociosidade imposta e não censurável é aquela em que vive toda uma classe social, a dos militares. Em tal ociosidade está e estará o principal atrativo do serviço militar.

Nicolau Rostov desde 1807 que lhe saboreava as delícias no regimento de Pavlogrado, onde continuava incorporado no esquadrão cujo comando lhe fora transmitido por Denissoff.

Rostov transformara-se num belo rapaz, de maneiras rudes. Os seus conhecidos de Moscou tê-lo-iam achado com “mau ar”. A verdade, porém, é que os seus camaradas, os seus subordinados e até os seus superiores o estimavam e respeitavam, e por isso mesmo a vida militar lhe sorria. Nos últimos tempos, quer dizer em 1809, nas cartas que recebia de casa havia frequentes queixas da mãe acerca do estado financeiro da família, de fato assaz precário, acrescentando a condessa que principiava a ser tempo de ele voltar, para consolo e alegria dos seus velhos pais.

Ao ler estas cartas, Nicolau receava que o quisessem tirar do meio em que ele, alheado de todas as preocupações, vivia tranquilo e ditoso. Pressentia que mais tarde ou mais cedo se veria obrigado a entrar de novo na engrenagem da vida, com todas as suas trapalhadas, as contas com os administradores, as discussões, as intrigas, as relações, a sociedade, o caso de Sônia e as promessas que lhe fizera. Tudo isto se lhe apresentava terrivelmente difícil e confuso, e então respondia à mãe, em cartas frias e clássicas, que principiavam sempre: “Minha querida mãe”, terminando pela fórmula: “Seu filho muito obediente” e em que nada dizia quanto ao regresso a casa. Em 1810 uma carta dos pais veio informá-lo do noivado de Natacha com Bolkonski, acrescentando que o casamento se não realizaria senão daí a um ano, em virtude da oposição do velho príncipe. Esta notícia entristeceu e mortificou um pouco Nicolau. Em primeiro lugar tinha pena de ver afastar de casa Natacha, a irmã querida, e depois, do seu ponto de vista de húsar, lamentava não ter estado presente para fazer compreender a Bolkonski que não era honra tão grande quanto ele supunha a

aliança que lhe oferecia, e que, se era verdade ele gostar da irmã, eis o bastante para dispensar a autorização do louco do seu pai. Pensou, por momentos, pedir uma licença para falar com Natacha antes do casamento, mas aproximava-se a época das manobras e, ao lembrar-se de Sônia e das complicações que o aguardavam, resolveu adiar o projeto. Entretanto, na primavera desse mesmo ano recebeu uma carta da mãe, escrita às escondidas do conde, e esta carta decidiu-o a partir. Dizia-lhe ela que se ele se não resolvesse a tomar conta dos negócios da família todo o patrimônio acabaria vendido em hasta pública e eles todos reduzidos à miséria. O conde era um fraco, confiava demais em Mitenka, era muito bom e toda a gente o enganava e as coisas iam sempre de mal a pior. “Por Deus te peço que venhas imediatamente se queres pôr cobro à desgraçada situação de toda a nossa família.”

Esta carta impressionou muito Nicolau, que era dotado desse bom senso dos medíocres que lhes indica sempre o que mais convém fazer.

Se quisesse abalar desde logo teria de pedir baixa ou então uma licença. Não sabia lá muito bem por que fazê-lo, mas, depois de dormir a sesta, deu ordem para lhe selarem Março, o cavalo pigarço, garanhão fegoso que não montava havia muito, e ao voltar para casa com o animal coberto de espuma participou a Lavruchka (o criado que herdara de Denissov) e aos camaradas reunidos para a noite que pedira uma licença para voltar a ver os pais. Custava-lhe partir sem ter sido informado pelo estado-maior, coisa para ele de alta importância, se iria ser promovido a capitão e se lhe seria concedida a cruz de Sant’Ana por causa das últimas manobras. Também lhe custava partir sem ter vendido ao conde Golukovski a troika de cavalos pigarços que aquele fidalgo polaco regateara com ele e que apostara vender-lhe por dois mil rublos. Igualmente lhe parecia impossível não assistir ao baile que os húsares promoviam em honra de Madame Psazdetzka para arrelhar os ulanos, que estavam a organizar outro em honra de Madame Borzovska. Apesar de tudo, sabia que tinha de abandonar aquele meio tão franco e tão simpático, para o trocar por outro onde o não aguardavam senão tolices e complicações. Oito dias depois chegava a concessão da licença. Os húsares seus camaradas, não só os do regimento, mas de toda a brigada, ofereceram-lhe um jantar, a quinze rublos por cabeça, com duas orquestras e dois grupos de cantores. Rostov dançou a trepak⁴⁵ com o major Bassov; os oficiais, qual deles o mais bêbado, balançaram-no, apertaram-no nos braços e deixaram-no cair. Os soldados do 3º esquadrão, por sua vez, também o balançaram, gritando: “Hurra!” Por fim meteram Rostov no trenó e levaram-no até à primeira muda.

Durante a primeira metade do caminho, isto é, de Krementchug a Kiev, como é costume, todos os pensamentos de Rostov foram para os lugares

que acabava de deixar, para o seu esquadrão. Mas, uma vez percorrida esta parte do trajeto, começou a esquecer-se dos cavalos pigarços, do ferrador Dojoveika, e pôs-se a pensar, apreensivo, sobre o que iria encontrar em Otradnoie. Quanto mais se aproximava mais intensamente pensava na casa. Dir-se-ia que nele os sentimentos morais obedeciam à lei da queda dos corpos. Na última muda antes de Otradnoie deu três rublos de gorjeta ao postilhão e foi como um verdadeiro garoto que trepou, sem fôlego, os degraus de sua casa.

Depois das efusões do primeiro instante, apoderou-se dele essa sensação estranha de desapontamento que faz dizer, quando alguém não encontra o que procura: “Tudo está na mesma. Para que tive eu tanta pressa?” Mas, pouco a pouco, acabou por se habituar ao antigo ambiente da casa. Os pais, as mesmas pessoas, apenas haviam envelhecido um pouco. O que neles havia de novo era uma espécie de inquietação, por vezes uma como que desinteligência, que outrora não existia, originada, assim em breve o reconheceu, pela má situação financeira. Sônia já andava perto dos vinte anos. Mais bela não podia estar, tanto dera agora do que prometera antes, e isso bastava. Tudo nela falava de amor e felicidade desde que Nicolau chegara, e o certo é que a fiel e inabalável dedicação daquela rapariga o enchia de orgulho. Pétia e Natacha eis quem mais o surpreendia. Pétia estava um rapagão de treze anos, inteligente, bem disposto e travesso, cuja voz principiava a engrossar. Quanto a Natacha, por muito tempo a olhou admirado e sorrindo:

— Já não és a mesma! — exclamou.

— Quê? Estou mais feia?

— Pelo contrário, olhem para o seu ar importante! Uma princesa! — murmurou ele.

— Sim, sim — replicou Natacha, muito contente.

E pôs-se a contar-lhe os seus amores com o príncipe André, a chegada deste a Otradnoie, e mostrou-lhe a última carta que dele recebera.

— Estás contente? — perguntou ela. — Por mim, estou tranquila e sinto-me feliz.

— Muito contente — replicou Nicolau. — É um homem encantador. E estás realmente apaixonada?

— Muito — exclamou ela. — Gostei do Bóris, do meu professor, de Denissov, mas agora é outra coisa. Sinto-me tranquila, estou em terreno sólido. Sei que não há pessoa melhor do que ele e sinto-me agora tão sossegada, tão feliz! Não, não é como antigamente...

Nicolau disse a Natacha quanto achava desagradável aquele compasso de espera de um ano, mas Natacha replicou-lhe, com certa irritação, demonstrando-lhe não poder ser de outra maneira, e que não seria bom entrar na

sua nova família contra a vontade do sogro, e que ela própria, de resto, assim o quisera. — Nada percebes, absolutamente nada — concluiu.

Nicolau, concordando com a irmã, calou-se. Às vezes, olhando-a a furto, estranhava-a. A atitude de Natacha não era de modo algum a de uma noiva apaixonada longe do noivo. Mostrava-se serena, alegre e sempre igual, exatamente como outrora. E isto surpreendia-o; olhava aquele noivado com uma ponta de desconfiança. Não acreditava, de fato, que o futuro da irmã estivesse definitivamente estabelecido, tanto mais quanto era certo nunca ter visto juntos os dois noivos. Parecia-lhe que qualquer coisa faltava àquele projeto de casamento. “Que significa este compasso de espera? Por que não se celebrou o pedido de casamento?”, perguntava a si próprio. E um dia em que conversava com a mãe pôde verificar, com surpresa e quase satisfação, que também ela, lá no fundo do seu coração, confiava pouco naquela aliança.

— Olha o que ele diz — disse para o filho mostrando-lhe uma carta do príncipe André, com aquele tom de hostilidade secreta que há em todas as mães quando se trata do futuro conjugal de suas filhas — olha o que ele escreve: que não poderá vir antes de dezembro. Que o prende longe daqui? Naturalmente está doente. Tem muito pouca saúde. Nada digas a Natacha. Embora pareça alegre, realmente não o está. São os últimos dias da sua vida de rapariga, e eu sei bem o que lhe vai no coração de cada vez que recebe uma carta. Aliás, quem sabe? Talvez tudo acabe bem — concluía de cada vez que falava no caso. — É uma excelente pessoa.

Capítulo II

Nos primeiros tempos Nicolau parecia preocupado e triste. Atormentava-o a ideia de ver-se envolvido naquelas estúpidas histórias de interesses por causa das quais a mãe o mandara regressar a casa. Para se ver livre quanto mais depressa melhor de um tal fardo, três dias depois da sua chegada, furioso e sem dizer aonde ia, de má catadura, encaminhou-se para o pavilhão de Mitenka a fim de lhe pedir contas de tudo. Que vinham a ser essas contas de tudo, Nicolau sabia-o menos que o próprio Mitenka, aterrorizado e surpreso com a sua visita. As contas e as explicações de Mitenka não foram longas. Os estarostes, o ajudante e o estaroste do distrito, que aguardavam no vestíbulo, ouviram, assustados, mas não sem satisfação, a voz do jovem conde, primeiro surda, depois cada vez mais alta, e por fim as palavras injuriosas com que o verberou.

“Bandido! Ingrato!... Mato-te como se mata um cachorro... Não estás a tratar com meu pai... Ladrão!...”

Depois, essas mesmas criaturas, não com menos susto e também não menor contentamento, viram o jovem conde, muito encarnado, os olhos injetados, arrastar Mitenka pelo pescoço e, com grande destreza, aplicar-lhe um pontapé por cada palavra que ia dizendo.

“No olho da rua! Que eu nunca mais te torne a ver aqui, malandro!”

Mitenka precipitou-se pela escada abaixo e desapareceu no meio de um maciço da mata. Aquele maciço era o refúgio de todos os culpados de Otradnoie. O próprio Mitenka, quando voltava bêbado da cidade, aí costumava ocultar-se, e muitos outros, que por sua vez tinham de esconder-se de Mitenka, lá procuravam asilo.

A mulher do intendente e as cunhadas, assustadas, assomaram à porta do quarto onde cantava um samovar reluzente e em que se via a cama alta de Mitenka, com a sua colcha de trapos.

O jovem conde, sufocado, passou junto delas sem lhes prestar atenção, e num passo resolutivo entrou em casa.

A condessa, a quem as criadas vieram contar imediatamente o que se passara no pavilhão, por um lado, tranquilizou-se, dizendo de si para consigo que desta vez as coisas iam entrar no bom caminho, mas, por outro, inquietou-a o estado em que esta cena deixara o filho. Várias vezes se aproximou, na ponta dos pés, da porta do quarto onde Nicolau ia fumando cachimbo sobre cachimbo.

No dia seguinte o velho conde chamou Nicolau de parte e advertiu-o, com um sorriso embaraçado:

— Sempre te digo que te exaltaste em vão. Mitenka contou-me tudo.

“Eu já sabia”, disse Nicolau com os seus botões, “que nada conseguia perceber do que se passa nesta casa de doidos.”

— Zangaste-te por ele não ter escriturado aqueles setecentos rublos, mas estavam na outra página, que tu não viste.

— Meu pai, ele é um canalha, um ladrão, tenho a certeza. E o que eu fiz foi bem feito. Mas, se assim quer, nada mais lhe direi.

— Não, meu amigo... — O conde estava um pouco perturbado. Sabia que administrara mal a fortuna da mulher e que aos olhos dos filhos era culpado, mas não via maneira de remediar o seu erro. — Peço-te que te ocupes de tudo, estou velho e...

— Perdoe, pai, se fui desagradável, mas ainda sei menos que o pai de tudo isto.

“Diabos levem estes camponeses, estas contas, estas verbas inscritas na outra página”, dizia de si para consigo. “Em tempo ainda cheguei a compreender o que era um paroli de seis vazas, mas do que eles dizem nada percebo.” E daí para o futuro não voltou a tocar naqueles assuntos. No entanto, certo dia a condessa mandou-o chamar e disse-lhe que tinha em seu poder uma letra assinada por Ana Mikailovna, no valor de dois mil rublos, e gostava de saber que destino entendia ele dever dar-lhe.

— Pois aqui tem o que penso — replicou Nicolau. — Diz a mãe que depende de mim. Não gosto nem de Ana Mikailovna nem de Bóris, mas foram nossos amigos e são pobres. Aqui tem o que devemos fazer! — E rasgou a letra. A mãe principiou a chorar de alegria. A partir de então, o jovem Rostov, sem se preocupar com os assuntos administrativos da família, apaixonou-se por um divertimento novo para ele, a caça, divertimento que em casa do velho conde era tido em grande conta.

Capítulo III

Os primeiros gelos matinais apareceram, e as terras, alagadas pelas chuvas de outono, ficaram endurecidas pela geada. Os trigos outonais principiavam a deitar tufos e o seu verde-vivo destacava-se das manchas amarelas do restolho das ceifas anteriores, pisado pelo gado e entrecortado pelas franjas avermelhadas do trigo sarraceno. As copas das árvores, que em fins de agosto ainda formavam ilhas de verdura no meio dos campos negros novamente lavrados e dos restolhos, eram agora ilhas de ouro ou então de um vermelho-vivo por entre o trigo novo verde-claro. As lebres cobriam-se de pelo, as raposas novas principiavam a dispersar e os lobitos deitavam corpos maiores que os dos cães. Era a melhor época para a caça. A matilha do jovem e fogoso caçador Rostov não só ainda estava magra, mas em tal estado que foi decidido no conselho geral dos caçadores que se dessem aos cães três dias de repouso e que não principiassem a caçar antes de 16 de setembro, iniciando a batida pela mata onde fora vista uma ninhada de lobinhos por ora intacta.

Eis a situação a 14 de setembro. Durante aquele dia os caçadores permaneceram em casa; havia gelo e frio, mas lá para o fim da tarde o tempo melhorou e principiou a degelar. No dia seguinte, quando o jovem Rostov assomou, pela manhã, de roupão, à janela do seu quarto viu que estava uma manhã de caça como outra melhor não havia. O céu parecia fundir-se e, sem vento, deixar-se cair sobre a terra. O único movimento que se percebia na atmosfera era a precipitação, de cima para baixo, das microscópicas partículas do opaco nevoeiro. Gotas transparentes que caíam sobre as folhas recém-tombadas pendiam dos ramos nus das árvores da mata. Na horta a terra negra molhada e brilhante, como sementes de papoula, confundia-se a certa distância com o lençol embaciado e úmido da neblina. Nicolau veio até à escada encharcada, coberta de lama: tinha nas narinas o aroma lânguido das florestas à mistura com o cheiro dos cães. Milka, a cadela preta malhada, de largas ancas, com grandes olhos negros à flor da testa, levantou-se mal viu o dono, espreguiçou-se, voltou a deitar-se como uma lebre e depois, de chofre, deu um pulo e veio lambê-lo a cara e os bigodes. Outro cão, um galgo, ao vê-lo, correu de um maciço de flores, onde estava deitado, precipitou-se para a escada, e, alçando a cauda, começou a roçar-se pelas pernas de Nicolau.

“Oh! Oh!”, ouviu-se naquela altura. Era o grito inimitável dos caçadores em que a voz de baixo, mais profunda, se une à mais aguda, de tenor, e o monteiro Danilo surgiu, vindo de um dos ângulos da casa. Era um caçador de cabeça branca, com o rosto sulcado de rugas e cabelos aparados em forma de ferradura, à moda da Ucrânia. De chibata dobrada na mão, havia nele aquele ar importante e de supremo desdém peculiar aos caçadores. Ao chegar junto do amo

tirou o gorro circassiano e lançou-lhe um olhar altivo. Nesse olhar, um pouco desdenhoso, nada havia porém de ofensivo. Nicolau pôde ver que aquele homem, que desprezava toda a gente e se considerava mais do que ninguém, era afinal o seu homem de confiança, o seu caçador.

— Danilo! — exclamou, impressionado por aquele tempo ideal, pelos cães, pelo monteiro, como que trespassado por aquele frêmito irresistível que tudo faz esquecer aos caçadores e em que há seja o que for da emoção de um namorado diante da mulher amada.

— Que deseja, Excelência? — perguntou Danilo, numa voz grossa, que fazia lembrar a de um primeiro-diácono, uma voz rouca de tanto gritar aos cães. Dois olhos negros, brilhantes, olharam de soslaio o amo, que continuava calado. “Então, parece que não te aguentas!”, pareciam dizer aqueles olhos.

— Lindo dia, não é verdade? Que dirias tu a uma caçada? — murmurou Nicolau, coçando Milka atrás das orelhas.

Danilo piscou os olhos sem responder.

— Mal amanheceu mandei o Uvarka ver o que havia — voltou o monteiro, na sua voz de baixo, após alguns instantes de silêncio. — Disse-me que passaram para a reserva de Otradnoie. Ouviu-os uivar. (Queria isto dizer que a loba, que sabiam ambos andar por ali, passara com a sua ninhada para a floresta de Otradnoie, reserva de caça aproximadamente a duas verstas da propriedade.)

— Então temos de ir já? — voltou Nicolau. — Venham cá, tu e o Uvarka.

— Às suas ordens!

— Espera. Não dês ainda de comer aos cães.

— Bom.

Cinco minutos depois, Danilo e Uvarka chegaram ao grande gabinete de Nicolau. Danilo era de pequena estatura, mas ali, dentro de uma sala, dava a impressão de um cavalo ou de um urso num parquet, no meio de móveis ou por entre objetos de uso diário. E ele próprio se dava conta disso mesmo, e por isso, como de costume, não passava do limiar da porta, fazendo esforços para falar em voz baixa, por em nada mexer, receoso de quebrar alguma coisa nos aposentos do amo e procurando despachar o mais depressa que podia tudo quanto tinha a dizer, pressuroso de voltar ao ar livre e sair de sob aquele teto para de novo se sentir debaixo da curva do firmamento.

Concluídas que foram as perguntas e depois que Danilo lhe garantiu que os cães não corriam qualquer risco — ele próprio não desejava outra coisa senão ver-se a caçar -, Nicolau deu ordem para selarem os cavalos. Quando porém Danilo saía, entrava Natacha, numa carreira, ainda por pentear e vestir, embrulhada no xale da criada. Com ela vinha Pétia.

— Vais à caça? — disse ela. — Bem me queria parecer. A Sônia dizia que não, mas eu sei muito bem que com um dia destes não deixarias de sair.

— Sim, é verdade — replicou Nicolau de má catadura, pois desde que se propusera uma caçada a valer não queria ter consigo nem Natacha nem Pétia, que só podiam embaraçá-lo. — Mas só aos lobos. E isso para ti não é divertido.

— Estas enganado. É do que mais gosto — replicou Natacha. — Oh! que mau, resolveu ir à caça, mandou selar os cavalos e nada nos disse.

— Para os russos não há obstáculos! — exclamou Pétia. — Mas tu não podes ir, foi a mãe quem o disse — tornou Nicolau, dirigindo-se a Natacha.

— Pois irei, sem dúvida alguma — tornou esta, peremptória. — Danilo, manda selar os cavalos e diz a Mikailo que traga o meu casal de galgos — acrescentou, dirigindo-se ao monteiro.

Assim como parecia a Danilo inconveniente e penoso estar numa sala, tratar com uma senhora também se lhe afigurava impossível. Baixou os olhos, e, como se aquilo não fosse com ele, deu-se pressa em sair, pondo o maior cuidado em não tocar em Natacha com qualquer movimento brusco.

Capítulo IV

O velho conde, que sempre mantivera um excelente grupo de caça, cuja direção agora confiara ao filho, naquele dia, 15 de setembro, estava muitíssimo bem disposto e preparava-se também para tomar parte na caçada.

Uma hora depois todos os caçadores estavam reunidos junto da escadaria principal. Nicolau, sério e preocupado, o que significava não ter tempo para atentar em ninharias, passou por Natacha e Pétia sem prestar atenção ao que eles diziam. Examinou todos os preparativos da caçada, deu ordem para que uma das matilhas, com os seus respectivos batedores, fosse na frente, montou o seu alazão do Don, e, depois de ter assobiado à sua própria matilha, atravessou a sebe e dirigiu-se aos campos que levavam à floresta de Otradnoie. O cavalo do velho conde, um alazão pequenino, de grandes crinas brancas, chamado Viflianka, era levado pela arreata por um estribeiro. O conde iria de carro para o lugar que lhe fora indicado.

Contavam-se ao todo cinquenta e quatro cães, conduzidos por seis monteiros ou guardas de canil. Além dos amos havia oito caçadores, com mais de quarenta galgos, de tal sorte que, no conjunto, para a caçada contavam-se cerca de cento e trinta cães e vinte caçadores montados.

Cada galgo conhecia bem o seu dono e dava pelo seu nome. Por sua vez, cada caçador sabia o que tinha a fazer e tinha um conhecimento preciso do seu posto e do papel que lhe cabia. Assim que atravessaram a sebe da floresta, todos, sem fazer ruído, sem pronunciar uma palavra, alinharam-se, simétrica e tranquilamente, pelos caminhos e pelos campos que levavam à mata de Otradnoie.

Os cavalos avançavam campos fora como por um tapete macio, patinhando por vezes nos charcos ao atravessarem os caminhos. A neblina continuava a descer sobre a terra, vagarosa e imperceptivelmente, fundindo-se com as coisas. De tempo a tempo ouvia-se quer o assobio de um caçador, quer o relincho de um cavalo, quer o estalido de um chicote ou o ganir de um cão chamado à ordem.

Já teriam andado uma versta quando emergiram do nevoeiro, ao encontro dos caçadores, mais cinco cavaleiros com os seus respectivos cães. À frente deles trotava um velho de agradável aspecto, fresca tez e fartos bigodes brancos.

— Bons dias, tio — disse Nicolau, quando o velho se aproximou dele.

— Muito bem, vamos a isto... já desconfiava — disse o tio, parente afastado dos Rostov, não muito rico e seu vizinho -, já desconfiava que não te ias ficar, e fizeste bem. — “Muito bem, vamos a isto”, era a sua expressão favorita.

— Toma já conta da mata; o meu Guirtchik disse-me que os Ilaguine estão em Korniki com os seus homens. Vão-te roubar o rasto dos lobos; muito bem, vamos a isto!

— Pois vamos. Será preciso reunir as matilhas? — perguntou Nicolau. — Que acha?

Reuniram os cães numa só matilha e o tio lá foi ao lado de Nicolau. Natacha, enrolada no lenço donde emergia o rosto em que os olhos brilhavam, muito animados, aproximou-se deles a trote, seguida do Pétia, do seu caçador e do estribeiro Mikailo, encarregado pela velha ama de tomar conta dela. Pétia ria sem saber de quê, fustigando e excitando o cavalo. Natacha, segura e elegante, montava o seu arabtchik e dirigia-o com mão firme e sem esforço.

O tio olhou, descontente, para Natacha e Pétia. Não lhe agradavam brincadeiras na caça, para ele coisa séria.

— Bons dias, bons dias, mas tenham cuidado, não pisem os cães — replicou o velho severamente.

— Nikolenka, olha o Trunila, que lindo cão! Conheceu-me! exclamou Natacha, apontando o seu cão de caça predileto. “Em primeiro lugar, Trunila não é um cão como outro qualquer, é um cão de caça”, disse Nicolau de si para consigo, fitando a irmã com severidade, na esperança de lhe fazer compreender a distância que os separava naquela altura. Natacha percebeu.

— Tio, não tenha medo que a gente os vá atrapalhar — disse-lhe ela. — Prometemos-lhe não sair do nosso posto.

— Muito bem, condessinha — volveu-lhe o tio. — Mas cuidado, não vão cair do cavalo, senão então, muito bem, vamos a isto! nunca mais nos entendemos.

A tapada de Otradnoie já se via a umas cem sagenas e os caçadores principiavam a chegar. Rostov, que conseguira assentar definitivamente com o tio o local donde deviam ser largados os cães, e após ter indicado a Natacha o lugar em que ela ficaria e por onde não podia passar animal algum, dirigiu-se para o mato, do outro lado da ravina.

— Tem cuidado, sobrinho, vais defrontar-te com um lobo velho — disse o tio. — Cautela, não vá ele fugir-te.

— É isso que se vai ver — retorquiu Rostov. — Karai ⁴⁶, aqui! — gritou ele, para responder às palavras do tio. Era um velho cão, muito feio, de pelo ruço, afamado por atacar sozinho as velhas lobas. Toda a gente ocupou os seus postos. O velho conde, que bem conhecia a paixão do filho pela caça, dava-se pressa para não chegar atrasado, e ainda os caçadores não tinham ocupado os seus lugares já Ilia Andreitch, muito corado e folgazão, as bochechas trêmulas, desembocava no meio dos trigais verdes, ao trote dos seus cavalos, nas

imediações do posto que lhe fora designado. Desabotoando a peliça e tomando conta dos seus apetrechos de caça, montou o Viflianka, bom animal, bem tratado, lúcido e sossegado, que também principiava a envelhecer. A carruagem que o trouxera partia de regresso. Conquanto não fosse caçador de fibra, o certo é que conhecia a fundo as leis da caça. Foi colocar-se na clareira da floresta, colheu as rédeas, e depois de bem sentado na sela e em forma, sorrindo, olhou em roda.

Junto dele estava o seu criado de quarto, Simeão Tchekmar, velho cavaleiro, que principiava a ficar pesado. Tchekmar trazia à trela três molossos vigorosos, mas gordos demais, como acontecia ao cavalo e ao cavaleiro. Dois outros cães, animais inteligentes, sem trela, deitaram-se ali ao lado. A uns cem passos, na clareira do bosque, postava-se outro estribeiro do conde, um tal Mitka, calção temerário e apaixonado caçador. O conde, de acordo com as velhas usanças, antes da caçada bebeu um golo de vodka num copo de prata e trincou qualquer coisa regada com meia garrafa do seu bordéus favorito.

Ilia Andreitch, depois da caminhada e do vinho que bebera, corara um pouco. Os olhos, úmidos, tinham uma cintilação especial, e, encavalitado no selim, todo embrulhado na peliça, dir-se-ia uma criança que levam a passear.

Tchekmar, magro e de faces cavadas, cumprida que foi a sua tarefa, fitou o amo, a quem servia com a maior fidelidade havia mais de trinta anos, e, sentindo-o muito bem disposto, resolveu entabular com ele uma aprazível cavaqueira. Entretanto alguém se aproximou, circunspecto — via-se bem que assim o tinham instruído —, vindo do lado da floresta, e parou por trás do conde. Era um velho de barba branca, de casaco de mulher e gorro alto: nem mais nem menos que o bufão a quem chamavam Nastásia Ivanovna, nome de mulher.

— Olá, Nastásia Ivanovna! — exclamou o conde, em voz baixa, piscando o olho. — Cautela, não espantes as feras, senão tens de te haver com o Danilo!

— Ora essa! Já tenho barba na cara! — replicou Nastásia Ivanovna.

— Chiu! Cala-te... — sussurrou o conde, e voltando-se para Simeão

— Viste a Natália Ilinitchna? — disse-lhe. — Onde está ela?

— Com o Piotre Ilitch, à saída dos matagais de Jarov — replicou Simeão, sorrindo. — Também as senhoras querem meter o nariz...

— E se tu visses, Simeão, como ela monta a cavalo... — disse o conde. — Não fica atrás de qualquer homem!

— Estou pasmado. De nada tem medo, e que ligeira!

— E o Nikolenka? Onde está? Para os lados do barranco de Liadov, não é verdade? — perguntou o conde, sempre em voz baixa.

— Isso mesmo. Sim, senhor, ele sabe muito bem onde é que se há de colocar. E aquilo é que é saber montar! No outro dia Danilo e eu ficamos

pasmados — disse Simeão, que sabia muito bem como agradar ao amo.

— Monta bem, não é verdade? E que porte a cavalo, hem!

— É uma estampa! Ainda há tempo, quando andava à caça nos matagais de Zarvazino e levantou um raposo, era vê-lo saltar, metia medo! O cavalo vale bem mil rublos, mas o cavaleiro não há dinheiro que o pague. Não há para aí outro menino assim!

— Não há... — murmurou o conde, que parecia lamentar que Simeão tivesse acabado tão cedo o seu discurso. — Não há outro... — repetiu ele, afastando as abas da peliça para tirar a caixa do rapé.

— Há dias, quando ia a sair da missa, todo janota, Mikail Sidoritch... — Simeão não concluiu a frase, pois ouvira distintamente o latir de dois ou três cães. Pôs-se à escuta, inclinando a cabeça, e acenou ao amo em silêncio, para que este se calasse. — Vão atrás das feras... — murmurou. — Devem ter acabado de chegar ao barranco de Liadov.

O conde, ainda com um vago sorriso, olhava à distância, na sua frente, a mão em pala diante dos olhos e a caixa de rapé fechada, sem se lembrar de tomar a pitada. Depois do latido dos cães ouviu-se o grito: “Lobo”, que soltava a voz de Danilo, cava como a duma trombeta. Toda a matilha veio juntar-se aos dois ou três primeiros cães e ouviu-se o alarido sonoro e prolongado do latido dos galgos, peculiar quando no encalço de um lobo. Os monteiros já não açulavam os cães e apenas gritavam: “A boca!”, e sobre todas as demais vozes ouvia-se a de Danilo, ora grave, ora aguda e penetrante. Parecia encher toda a floresta e prolongar-se na distância.

Depois de algum tempo à escuta, calados, o conde e o estribeiro perceberam que os cães se tinham dividido em duas matilhas: a primeira, a mais numerosa, que ladrava com toda a força e se ia afastando a pouco e pouco, e a outra, que corria ao longo da mata, para os lados do conde, e era daí que se ouviam os “A boca!” de Danilo. O latir das duas matilhas misturava-se, cascalhava e ia-se afastando.

Simeão soltou um suspiro e agachou-se para ajeitar a trela em que um cachorro se havia enredado. Também o conde suspirou, e ao dar pela caixa de rapé na mão abriu-a e tirou uma pitada. “Para trás!”, gritou Simeão a um dos cães que aparecera na clareira da floresta. O conde estremeceu e deixou cair a caixa do rapé. Nastásia Ivanovna desmontou e foi apanhar a caixa.

O conde e Simeão olhavam para ele. De súbito, como costuma acontecer, a vozearia aproximou-se: dir-se-ia que estavam mesmo ali o latir dos cães e a voz potente de Danilo,

O conde virou-se e viu à sua direita Mitka a olhar para ele, com os olhos fora das órbitas, enquanto, de barrete na mão, lhe apontava alguma coisa lá

adiante, do outro lado.

— Atenção! — gritou numa voz que, por muito tempo retida, parecia explodir, como um trovão, e pôs-se a galopar, atrás dos cães, na direção do conde.

O conde e Simeão saíram da clareira e viram à sua direita o lobo, que, num curto galope, se dirigia para a orla do bosque que eles acabavam de deixar. Os cães, que ladravam raivosos, libertando-se da trela, lançaram-se sobre a fera mesmo sob as patas dos cavalos.

O lobo parou a custo, como se tivesse qualquer coisa no cachaço, voltou a grande cabeça para os cães e em dois ou três pulos desapareceu na orla da mata, agitando a cauda. No mesmo momento, da orla oposta, com um latido que parecia um lamento, surgiram primeiro um, depois dois, em seguida três cães, por fim a matilha inteira, todos correndo em direção ao local por onde o lobo acabara de passar. Daí a pouco, por entre as aveleiras, surgiu o alazão de Danilo coberto de espuma. Sobre a sua larga garupa, numa bola, todo inclinado para diante, vinha ele, sem barrete, os cabelos brancos, esguedelhados, caindo-lhe para a cara, muito vermelha e coberta de suor.

— A boca! A boca! — gritava. Quando viu o conde, no seu olhar havia rancor.

— Arr... — vociferou, brandindo o látego, ameaçador. — Espantaram o lobo... Isto é que são caçadores! — E, como se reconhecesse que o conde, assustado e confuso, não merecia que lhe dissessem mais nada, fustigou o flanco do alazão, coberto de suor, vibrando-lhe os golpes que apetecia para o amo, e despediu na peugada dos cães. O conde, atordado com tudo aquilo, voltou-se, tentando sorrir, como que a implorar a indulgência de Simeão. Este porém, que se afastava, contornava os matagais, para obrigar o lobo a sair do seu reduto. Os cães, por ambos os lados, continuavam a perseguir a fera, mas esta deslizara por entre os arbustos e nenhum caçador a pôde alcançar.

Capítulo V

Entretanto, Nicolau Rostov lá estava no seu posto esperando a fera. Consoante se distanciava ou se aproximava a matilha, conforme o latir dos cães, muito seu conhecido, e a voz dos monteiros, mais perto ou mais longe, ia acompanhando tudo quanto se passava na floresta. Sabia haver ali lobos velhos e crias novas, e também que as matilhas se tinham cindido em duas e que algures haviam desalojado uma fera e que a perseguição redundara em fracasso. A todo o momento esperava ver surgir um lobo na sua frente. Mil conjecturas lhe atravessavam o espírito acerca da direção que o animal tomaria e a maneira de o atacar. A esperança nele alternava com o desalento. Por várias vezes implorara a Deus que lhe mandasse o lobo direito a ele. Rezava com um arrebatamento um pouco pueril, como acontece quando qualquer causa insignificante provoca uma violenta emoção. “Que te custava fazeres isso por mim?”, dizia ele. “Sei que és poderoso e que é talvez pecado pedir-te uma coisa destas, mas rogo-te, faz com que um lobo velho me apareça e que, diante de meu tio, que está ali a espreitar-nos, Karai lhe ferre os dentes no cachaço.”

Milhares de vezes naquela meia hora Rostov percorreu de olhar obstinado, tenso, inquieto, a clareira do bosque, com os seus dois carvalhos de folhas ralas emergindo de um emaranhado de faias, o seu barranco de paredes abruptas e o barrete do tio, que mal se via por cima das moitas, à direita.

“Não, não vou ter essa sorte!”, exclamava ele. “E isso que custava? Mas não terei essa sorte! É o que sempre me acontece em tudo, nas cartas, na guerra, só tenho azar!” Austerlitz e Dolokov perpassaram-lhe sucessivamente, com toda a nitidez, diante dos olhos. “Que ao menos uma vez na vida, uma só, me seja dado matar um lobo velho. Nada mais peço!”, pensava, enquanto apurava o ouvido e perscrutava à direita e à esquerda, para que não lhe escapasse o mais pequeno rumor da perseguição.

De novo voltou a olhar para a direita e pareceu-lhe ver qualquer coisa correndo na sua direção, através do campo deserto. “Não, não pode ser!”, murmurou entre dentes, soltando um suspiro de satisfação, como um homem que vê finalmente realizar-se um sonho muito antigo. Ia cumprir-se um dos seus grandes desejos, e simplesmente, sem alarido, sem ostentação, sem qualquer circunstância particular. Não podia acreditar no que os olhos lhe mostravam, e por momentos essa dúvida manteve-se. Um lobo avançava diante dele, galgando pesadamente o barranco que lhe cortava o caminho. Era um animal já idoso, de lombo esbranquiçado, a barriga ruça e magra. Corria sem grande pressa, persuadido naturalmente de que ninguém o via. Rostov, a respiração suspensa, olhou para os cães. Uns estavam deitados, outros de pé, mas não tinham visto o lobo e não davam por coisa alguma. O velho Karai, de cabeça entre as pernas,

caçava as pulgas, arreganhando os dentes amarelentos e, ferrando-os, irado, nas patas traseiras.

“A boca! A boca!”, incitou Rostov, em voz baixa, estendendo os lábios. Os cães estremeceram e de um salto ficaram de orelhas espetadas. Karai deixou de morder as patas, levantou-se, de orelhas espetadas também, e pôs-se a agitar a cauda, de que pendiam tufo de pelo.

“Solto-os ou não?”, perguntava Nicolau a si próprio, enquanto o lobo continuava a avançar para ele, afastando-se da floresta. De súbito houve uma mudança no aspecto da fera: parecia inquieto ao ver, coisa provavelmente nova para ele, olhos humanos fitos na sua corpulência, e, com a cabeça ligeiramente voltada para o caçador, estacou. “Que hei de eu fazer: continuar a andar ou voltar para trás? Tanto faz! Adiante!”, parecia dizer de si para consigo, e prosseguiu em frente, sem voltar a olhar para trás, em pulos suaves, espaçados, caprichosos, mas firmes.

“A boca! A boca!...”, gritou Nicolau numa voz que não era a sua. E, de rompante, o seu bom cavalo lançou-se barranco abaixo, galgando os charcos, para ir cortar a retirada ao lobo. Mais rápidos ainda do que ele, os cães ultrapassaram-no. Nicolau não ouvia os seus próprios gritos, não se apercebia dos saltos que dava, não via os cães nem o terreno por onde galopava: só via o lobo, que, cada vez mais veloz, galgava os charcos sem mudar de direção. Milka, a cadela preta, de larga anca, foi a primeira a aparecer nas imediações da fera e não tardou a seu lado. Cada vez se aproximava mais e mais... E eis que a apanha. Mas o lobo olhou-a de soslaio, e Milka, em vez de forçar a carreira, como era seu costume, alçou o rabo e apoiou-se nas patas dianteiras. “A boca! A boca!”, gritava Nicolau.

O ruço Liubime surgiu na retaguarda de Milka, lançou-se a sete pernas sobre o lobo e ferrou-lhe os dentes nas patas traseiras. No mesmo instante, contudo, assustado, deu um salto para o outro lado. O lobo acocorou-se, rangendo os dentes e, erguendo-se de novo, de novo se lançou numa carreira, ganhando avanço, seguido, coisa de uma archina de distância, por toda a matilha, que o não podia apanhar.

“Escapa desta! Não, não pode ser!”, disse Nicolau com os seus botões, e continuava a gritar em voz já rouca: “A boca! A boca!...”, procurando com os olhos o seu velho cão, toda a sua esperança. Karai, com todas as suas forças de velho, puxando quanto podia pelo corpo, os olhos cravados na fera, corria, pesadamente, a seu lado, tentando cortar-lhe o passo. No entanto, a agilidade do lobo e a relativa lentidão do galgo indicavam claramente que os prognósticos do resultado seriam favoráveis ao lobo.

Nicolau estava a ver, diante dele, a pequena distância, a mata onde certamente o lobo iria embrenhar-se. Foi então que na sua frente surgiu um caçador e os seus cães, vindos ao seu encontro. Ainda havia uma esperança. Um cachorro, castanho-ruço, de longo corpo, desconhecido dele, e proveniente de uma matilha estranha, lançou-se sobre o lobo e quase o deitou a terra. Mas a fera, mais célere do que seria de esperar, soergueu-se e voltou-se, de dentes arreganhados, contra o cão, o qual, coberto de sangue, o flanco trucidado, mergulhou, de focinho na terra, despedindo uivos desesperados.

“Karaiuchka! Pobrezinho!...”, murmurava Nicolau, quase a chorar.

O velho cão, as coxas cheias de tufo de pelos a dar a dar, aproveitando a vantagem do que acontecera, já estava a uns cinco passos do lobo, pronto a cortar-lhe o passo. Como se pressentisse o perigo, a fera olhou de soslaio para Karai, colocou a cauda ao ventre e forçou a marcha. Nessa altura Nicolau deu-se conta de que alguma coisa se estava a passar entre a fera e o cão. Num abrir e fechar de olhos, Karai caíra em cima do adversário e os dois foram rolar de cabeça num tremedal que se lhes abria adiante.

Foi para Nicolau um dos mais felizes momentos da sua vida aquele em que viu os dois animais chafurdando no barranco, o lombo grisalho do lobo a emergir da água, as patas traseiras entesadas, o focinho, de orelhas estiradas, que Karai abocanhava, aterrado e arquejante. Já se agarrava ao arção da sela, pronto a desmontar e acabar com o lobo, quando, de súbito, do meio da matilha, que acorrera, o focinho da fera se soergueu e as suas patas dianteiras surgiram no rebordo do barranco. O lobo arreganhou os dentes — Karai já lhe largara o cachaço -, ergueu-se, sobre as patas traseiras, fora do charco e depois, com o rabo entre as pernas, de novo liberto dos cães, ei-lo que dá às de vila-diogo. Por sua vez, Karai, o pelo todo eriçado, contuso e ferido provavelmente, saiu também do fosso.

— Meu Deus! Que hei de fazer? — exclamou Nicolau, desesperado.

O monteiro do tio surgiu a galopar, vindo de outro lado, para cortar o passo ao lobo, e de novo a fera se viu cercada pelos cães.

Nicolau, o seu estribeiro, o tio e o monteiro deste andavam à roda da matilha gritando “A boca!”, prontos a desmontar de cada vez que o lobo assentava os quartos traseiros no solo, para de novo voltarem à perseguição assim que ele se refazia e tentava alcançar o matagal, onde estava o seu porto de salvamento.

Desde o princípio da perseguição que Danilo ouvira os gritos dos caçadores e saíra da clareira. Vira o Karai enrolado com o lobo, e detivera a montada quando julgara tudo terminado. Mas como os caçadores não desmontavam, e o lobo, liberto dos seus inimigos, se preparava para fugir, ei-lo

que lança o seu alazão, não contra a fera, mas em frente, na direção da floresta, para assim, à imitação do que fizera Karai, lhe cortar a retirada. Graças a esta manobra caía a galope sobre o lobo no mesmo instante em que, pela segunda vez, os cães do tio o imobilizavam. Danilo galopava sem gritos, uma faca desembainhada na mão esquerda, fustigando, rápido, os flancos tensos do cavalo.

Nicolau não vira nem ouvira nada de Danilo até ao momento em que o cavalo deste, arquejante, passou diante dele e em que sentiu como que a queda de um corpo e logo viu o monteiro, no meio dos cães, atacando o lobo pela retaguarda e tentando apanhá-lo pelas orelhas. Tornou-se evidente então, tanto para os cães como para os caçadores e para o próprio lobo, ser chegado o fim.

Assustada, de orelhas encolhidas, a fera tentou ainda soerguer-se, mas os cães assaltaram-na por todos os lados. Danilo, levantando-se, deu um passo a tropeçar e, com todo o peso do corpo, como se se deixasse cair na cama, precipitou-se sobre o animal, agarrando-o pelas orelhas. Nicolau quis atravessá-lo com a faca, mas Danilo murmurou-lhe:

— Não é preciso, vamos amarrá-lo vivo. — E, mudando de posição, assentou um pé no pescoço da fera. Introduziram-lhe uma estaca nas goelas, amarraram-lhe uma corda, como se lhe atassem um baraço, laçaram-lhe as patas e Danilo, por duas ou três vezes, virou-o de um lado para o outro.

De parecer sorridente, embora cansados, os caçadores carregaram o lobo vivo no dorso de um cavalo, que relinchava, assustado, e, entre os latidos da matilha, puseram-se a caminho do local onde fora combinado reunirem-se. Uns a pé, outros a cavalo, toda a gente veio ver a fera que, com a sua cabeçorra tombada e uma estaca atravessada nas goelas, olhava com os grandes olhos vítreos a turbamulta de cães e de homens que a rodeava. Quando alguém lhe tocava, um frêmito lhe agitava os membros amarrados, e havia nela ao mesmo tempo qualquer coisa de simples e de selvagem. Também o conde Ilia Andreitch lhe quis tocar.

— Oh! Que grande lobo! É velho, não é? — perguntou a Danilo, de pé junto da fera.

— É, sim, Excelência — replicou este, desbarretando-se, ligeiro.

O conde lembrou-se do lobo que deixara fugir e da imprecação de Danilo.

— Estavas muito zangado comigo, hem, rapaz! — segredou-lhe.

Danilo não respondeu; limitou-se a sorrir timidamente, com um sorriso infantil, doce e agradável.

Capítulo VI

O velho conde voltou para casa; Natacha e Pétia prometeram não se demorar. Como ainda era cedo, a caçada prosseguiu. Por volta do meio-dia soltaram os cães no fundo de um barranco coberto de mato espesso. Nicolau ficou num campo de restolho, donde abrangia todos os caçadores.

Diante dele havia uma seara nova, e um pouco mais além, num fosso, estava escondido o seu monteiro, por trás de uma frondosa mata de aveleiras. Assim que soltaram os cães. Nicolau começou a ouvir, de quando em quando, o latido de um deles, conhecido seu. Era o Voltorn. Logo outros cães se lhe vieram juntar, ora calados, ora recomeçando os latidos. Momentos depois uma voz, lá do matagal, gritou: “Raposo à vista”, e toda a matilha se lançou naquela direção, afastando-se de Nicolau.

Este via os caçadores, com os seus gorros encarnados, galopando pela borda do barranco, no meio dos cães, e esperava a todo o momento ver surgir o raposo do outro lado do matagal, na seara nova. O caçador postado no fosso mudou de posição, soltando os cães, e foi então que Nicolau viu um raposo cor de fogo, animal raro, de patas curtas, que, de rabo eriçado, dava às de vila-diogo através da seara. Os cães iam em cima dele. À medida que se aproximavam, o bicho ia descrevendo círculos, cada vez mais apertados, pelo meio da matilha, e a cauda sempre a arrastar pelo chão. Por fim caem sobre ele primeiro um cão branco, estranho, depois um preto, e tudo se confunde.

Finalmente, os cães param, formando um círculo, e assim ficam, quase imóveis, com os flancos voltados para o exterior. Dois caçadores lançam-se a galope para o campo de batalha: um, de barrete encarnado, o outro, desconhecido, de cafetã verde.

“Que vem a ser isto?”, disse Nicolau de si para consigo. “Donde veio aquele caçador? Não é o monteiro do tio.”

Os caçadores acabaram com o raposo e durante algum tempo ali permaneceram. Em torno deles viam-se os cavalos com as suas selas altas e os cães deitados no chão. Os caçadores gesticulavam, apontando para o raposo. A certa altura ressoa a trompa de caça, sinal de disputa.

— É um caçador dos Ilaguine — disse o estribeiro de Nicolau — que está a discutir com o nosso Ivã.

Nicolau deu ordem ao escudeiro para procurar Natacha e Pétia e encaminhou-se, a passo, para o local onde os monteiros concentravam os cães. Alguns dos caçadores dirigiram-se para onde se dirimia o pleito.

Nicolau desmontou e deteve-se junto dos cães com Pétia e Natacha, acabados de chegar, aguardando o resultado da disputa.

O caçador que tomara parte na altercação apareceu na clareira do bosque com o raposo dependurado na sela do seu cavalo e aproximou-se do jovem amo. De longe desbarretou-se, procurando manter uma atitude respeitosa; estava pálido, a cólera sufocava-o e no rosto pintava-se-lhe a ira. Tinha um dos olhos negros, mas parecia não dar por isso.

— Que foi? — perguntou Nicolau.

— Pois não querem ver que eles passam agora a caçar com os nossos cães? Quem filou o raposo foi a minha cadela cinzenta. Que se atreva a dizer o contrário! Queria apanhar-me o animal! Era o que mais faltava! Aqui o tem, o raposo dele. E se querem ver como elas mordem! — acrescentou, puxando pela faca de caça, como se ainda estivesse perante o adversário.

Nicolau, sem lhe responder, pediu à irmã e a Pétia que o esperassem ali e encaminhou-se para o local onde estavam os caçadores de Ilaguine.

O Monteiro vencedor juntou-se ao grupo dos seus camaradas e ali, no meio dos curiosos, relatou a sua façanha.

Eis o que acontecera. Ilaguine, com quem os Rostov andavam em demanda, costumava caçar nas terras pertença da família destes desde tempos imemoriais, e naquele dia, dir-se-ia de propósito, aproximara-se do local privativo onde caçava a gente do vizinho, consentindo que um dos seus monteiros seguisse o rasto do animal levantado pelos cães de Rostov. Nicolau, que nunca pusera os olhos em cima de Ilaguine, excessivo sempre nos seus juízos e sentimentos, tendo em vista o que sabia dos atos de violência e arbitrariedade de tal senhor, odiava-o cordialmente, considerando-o o mais fígadal dos seus inimigos.

Em grande irritação, avançava apertando na mão, furioso, a sua chibata, decidido a recorrer aos atos mais enérgicos e perigosos.

Mal atingira a clareira da floresta, viu encaminhar-se para si um gordo cavalheiro de gorro de castor, montado num belo murzelo e ladeado por dois escudeiros.

Em lugar do inimigo com que contava, deparou-se-lhe em Ilaguine um senhor muito respeitável e cortês, assaz desejoso de conhecer o jovem conde. Assim que se aproximou levou a mão ao gorro, numa saudação, e imediatamente se pôs a dizer quanto lamentava o sucedido, que mandaria castigar o Monteiro que se atrevera a seguir o rasto de uma matilha alheia e que tinha muito prazer em travar relações com o moço, oferecendo-lhe, inclusivamente, as suas terras para nelas caçar.

Receando que o irmão cometesse alguma violência, Natacha seguiu-o, de perto, muito emocionada. Ao ver os dois inimigos cumprimentarem-se amistosamente aproximou-se. Ilaguine saudou Natacha com um cumprimento ainda mais rasgado, e, sorrindo amavelmente, disse-lhe que a achava o perfeito

retrato de Diana tanto na sua paixão pela caça como na sua beleza, de que, aliás, muito ouvira falar já.

Para reparar a falta do seu monteiro, Ilaguine pediu insistentemente a Rostov que se dignasse passar pelas suas tapadas, a uma versta dali, e, onde, segundo ele, as lebres abundavam.

Nicolau acedeu, e o grupo de caçadores, agora duplicado, prosseguiu o seu caminho.

Para se atingir o outeiro de Ilaguine era preciso atravessar os campos. Os monteiros haviam-se juntado e lado a lado os amos cavalgavam. O tio de Rostov e Ilaguine examinavam furtivamente os cães uns dos outros, procurando não serem mutuamente notados e sempre no receio de se lhes deparar algum exemplar melhor do que os seus próprios.

A Rostov impressionou-o sobretudo a beleza de uma das cadelas, não muito grande, de pura raça, fina, de músculos de aço, olhos negros à flor da pele, e malhas avermelhadas, que fazia parte da matilha de Ilaguine. Ouvira falar na fogosidade dos cães do vizinho e aquela linda cadela afigurava-se-lhe, de fato, rival digna da sua Milka.

No meio de uma conversa muito grave, encetada por Ilaguine, a respeito das colheitas daquele ano, Nicolau chamou-lhe a atenção para a cadela das malhas avermelhadas.

— Parece boa esta cadela — disse-lhe em tom despreocupado. — É fogosa?

— Aquela? Ah, sim, é um belo animal, e caça muito bem — retorquiu Ilaguine com certa indiferença, se bem que, em troca da sua Erza, um ano antes, houvesse cedido a um vizinho três famílias de servos. — Então em sua casa, conde, também não foi grande coisa a colheita? — prosseguiu ele. E porque lhe parecia cortês pagar a gentileza ao jovem conde, pôs-se a examinar-lhe os cães, em especial Milka, cujas amplas formas o haviam impressionado.

— Também ali tem um belo animal. É soberba a cadela das malhas pretas! — observou.

— Sim, não é má. Corre bem — replicou Nicolau.

“Se agora aqui nos aparecesse uma lebre velha eu te diria o que ela vale!”, pensava ele, e, voltando-se para o escudeiro que o acompanhava, disse-lhe estar pronto a dar um rublo a quem lhe levantasse uma lebre, isto é, a quem a descobrisse na toca.

— Não consigo perceber por que é que os caçadores têm inveja do que os outros caçam ou dos cães que os outros possuem. Digo-lhe com toda a franqueza, conde, a mim o que me agrada é um bom passeio. Haverá alguma coisa melhor que uma boa companhia como esta? — De novo cumprimentou

Natacha, tirando o barrete. — Lá isso de contar as peles das peças mortas nada me diz!

— Claro, claro.

— Ou pôr-se uma pessoa a discutir lá porque outro cão que não o seu apanhou uma peça de caça... isso de modo nenhum. Para mim, desde que possa admirar o espetáculo de uma caçada é quanto basta. Não lhe parece que tenho razão, conde? Além disso, acho que...

“A ela! A ela!”, gritou nesse momento um dos monteiros, estacando. Estava no alto de uma corcova, no meio do restolho, de látego no ar. E de novo voltou a despedir um grito prolongado: “A ela! A ela!” Este grito e o látego erguido queriam dizer que acabava de descobrir uma lebre na toca.

— Acho que farejou uma lebre — disse Ilaguine com indiferença. — Que lhe parece? Vamos a isto, conde?

— Acho que sim... Mas como? Juntos? — replicou Nicolau, relanceando um olhar a Erza e ao cão ruço do tio, Rugai, os dois rivais com os quais ainda não medira as forças da sua cadela.

“E se eles deixassem a minha Milka para trás?”, cogitava, enquanto se encaminhava, na companhia de Ilaguine e do tio, ao encontro da lebre.

— É velha? — inquiriu Ilaguine ao aproximar-se do caçador que descobrira a lebre. Depois, um pouco agitado, afastou-se e assobiou a Erza.

— E então, Mikail Nikanoritch? — perguntou, dirigindo-se ao tio.

O tio cavalgava de cenho carregado.

“Para que hei de eu meter-me nisto? Foram os seus cães... então, muito bem, vamos a isto! Cada cão lhe custou uma aldeia! Animais de mil rublos! Pois faça brilhar os seus, eu contentar-me-ei com a vista.”

— Rugai! Aqui, aqui! Rugaiuchka! — gritou, pondo nesse diminutivo toda a ternura e toda a esperança que o cachorro ruço lhe inspirava. Natacha, que dera conta da emoção secreta dos dois velhos e do irmão, compartilhava do mesmo sentimento.

O caçador continuava no alto da corcova, de látego no ar; os amos aproximavam-se a passo. Os cães, espalhados, farejavam, enquanto os caçadores convergiam de vários pontos. Todos avançavam lentamente e em silêncio.

— Onde está a lebre? — perguntou Nicolau, quando chegou a uns cem passos do monteiro.

Porém, antes de este ter tempo de responder, a lebre, pressentindo o perigo, abandonara a sua toca e despedira numa carreira. A matilha inteira precipitou-se atrás dela. Toda a partida — por um lado, os picadores, contendo os cães, gritando-lhes: “Alto!”, e, pelo outro, os monteiros açulando os galgos: “A boca!” -, depois de se agrupar, meteu a trote em direção ao campo. O impassível

Ilaguine, Nicolau, Natacha e o tio cavalgavam sem saber para onde, diante deles apenas os cães e a lebre, procurando não perder, por um instante que fosse, o espetáculo da caçada. A lebre era velha e veloz. Depois de cada salto detinha-se e alçava as orelhas, atenta aos gritos e ao trotar dos cavalos que subitamente principiaram a ouvir-se de todos os lados. Tendo dado uns dez pulos sem grandes pressas, deixando aproximar os cães, escolheu a direção e, consciente do perigo, repuxou as orelhas para trás e despediu a toda a brida. Conseguira meter-se no restolho, mas diante dela estendia-se a seara nova, onde o terreno era lamacento. Os dois cães do caçador que levantara a lebre, mais próximos dela do que os outros, foram os primeiros a persegui-la. Mas não tinham corrido muito quando surgiu a cadela de Ilaguine, Erza, a das malhas avermelhadas. A poucos passos da lebre, e na intenção de lhe ferrar os dentes na cauda, largada a toda a velocidade, formou um pulo, mas veio rolar no solo de pernas para o ar. A lebre arqueou o lombo e rompeu numa carreira ainda mais veloz. Atrás da Erza apareceu a cadela de malhas pretas, a Milka, a das ancas largas, que dentro de pouco ganhava terreno sobre a lebre.

— Miluchka! Pequenina! — gritava Nicolau, vitorioso. Dir-se-ia que Milka ia apanhar a lebre e cair-lhe em cima, mas logo a ultrapassou, sendo precipitada mais longe. A lebre agachara-se, e de novo a linda Erza se lançou atrás dela, e, mesmo colada à sua cauda, dir-se-ia tomar precauções para que desta vez se não enganasse ao ferrar-lhe os dentes na perna traseira.

— Erzauska! Pequenina! — gritava Ilaguine, numa voz suplicante, e completamente modificada. Mas Erza não ouvia as palavras do dono. Precisamente no momento em que se preparava para abocanhar a lebre, esta deu uma guinada e veio surgir na linha que separava o restolho da seara. Erza e Milka, como uma parelha de cavalos atrelados, seguiam, lado a lado, ao longo da pista. Ali a lebre estava mais à vontade e os cães não a podiam bater em velocidade.

— Rugai. Rugaiuchka! Muito bem, vamos a isto! — gritou naquela altura ainda uma nova voz, e Rugai, o cão ruço e corcunda do tio, estirando-se e arqueando o lombo, como que movido por uma mola, alcançou as duas cadelas. Depois passou-lhes adiante, e num grande esforço colou-se à própria lebre, obrigando-a a mudar de direção e a meter pelo meio da seara nova. Perseguiu-a ainda mais encarniçadamente ao longo desses campos lamacentos, enterrando-se até ao ventre. De súbito virou os pés por cima da cabeça e rolou com a presa no meio da lama. Então os outros cães rodearam-no, formando uma estrela. Num abrir e fechar de olhos, toda a gente veio juntar-se à volta dos cães. O tio, o único caçador contente, saltou do cavalo e, pegando na lebre, acabou com ela. Sacudia-a para que o sangue corresse enquanto olhava emocionado para a direita e para a

esquerda, rolando as pupilas, sem saber que destino dar às mãos e aos pés e balbuciando palavras sem nexos: “Claro! Muito bem! Vamos a isto! Isto é que é um cão! Chegou para todos, até para os de mil rublos... Muito bem! Vamos a isto!” Sufocava e rolava os olhos com fúria, como se injuriasse alguém, como se toda a gente lhe tivesse azar, como se o houvessem ofendido e só agora lhe fosse dado vingar-se. “Pois aí têm para que servem os cães de mil rublos; muito bem! Vamos a isto!”

— Rugai. Toma, toma lá! — gritou atirando ao cão uma das patas da lebre, mascarrada de terra. — Bem a mereces! Muito bem; vamos a isto!

— Estava muito cansada! Já tinha corrido hoje três vezes — dizia Nicolau, que também não ouvia o que se dizia nem se importava com que o não ouvissem.

— Essa é boa! Atravessou-se-lhe no caminho! — ocorreu o monteiro de Ilaguine.

— Assim era fácil; desde que o primeiro a deixou escapar, qualquer fraldiqueiro a teria apanhado — pôs-se a dizer Ilaguine, muito corado, arquejante, quase sem fôlego, mercê da carreira e da emoção. Por sua vez, Natacha, sufocada, soltava gritos de alegria e de entusiasmo tão agudos que vibravam nos ouvidos. Era a sua maneira de traduzir o que os caçadores exprimiam com palavras. E tão selvagens eram os seus gritos que em qualquer outra circunstância ela própria se sentiria envergonhada de os soltar e os outros não teriam podido deixar de ficar surpreendidos. O tio amarrou a lebre à sela do seu cavalo, com um ar desembaraçado e folgazão, estendeu-a sobre a garupa, como se com tal gesto quisesse censurar qualquer coisa aos companheiros e como se a ninguém quisesse falar saltou para a montada e abalou. Todos os demais, tristonhos e arreliaados, acabaram por se separar sem ter podido recuperar o aspecto de afetada indiferença que anteriormente mostravam. Por muito tempo foram seguindo com o olhar o perro ruço e corcunda, que, de lombo coberto de lama e sacudindo a coleira, prosseguia o seu caminho entre as patas do cavalo do amo com ar sereno e triunfador.

“Que diabo! Sou como qualquer outro quando se não trata de perseguir uma peça de caça. Caso contrário, cautela comigo!” Era isto, pelo menos, o que Nicolau julgava depreender da atitude de Rugai.

Quando daí a pouco o tio se aproximou de Nicolau, este não pôde deixar de se sentir lisonjeado pelo fato de ele se dignar dirigir-lhe a palavra depois de tudo o que se passara.

Capítulo VII

Pela noite, quando Ilaguine se despediu de Nicolau, este encontrava-se tão longe de Otradnoie que aceitou o convite do tio para se instalar com a sua gente lá em casa, na sua aldeia de Mikailovka, e aí passarem o serão.

— Era melhor que viessem para minha casa; muito bem, vamos a isto! — disse-lhe ele. — O tempo está úmido, podiam descansar e a condessita voltaria para a quinta de carro.

Aceitaram a proposta, enviaram um caçador a Otradnoie buscar transporte e os três irmãos lá se dirigiram para casa do tio. Cinco criados, entre moços e velhos, acorreram, ao alto da escada principal, a receber o amo. Na escada de serviço juntaram-se dezenas de mulheres, de todas as idades e de todos os tamanhos, espreitando a chegada dos caçadores. A presença de Natacha, uma senhora, e uma senhora a cavalo, despertou tamanha curiosidade nos criados que muitos deles, sem cerimônia, se aproximaram dela, para a olharem de perto, e sobre ela se puseram a fazer observações, como se ela fosse um desses fenômenos de feira que, não sendo criatura humana, não ouve nem percebe o que dizem a seu respeito.

— Arrinka, olha para ela sentada de esguelha! Está sentada e tem a saia caída por ela abaixo... e também tem uma trompa! — Santo Deus, e a faca que ela tem!

— Parece uma tártara!

— E como é que tu não caíste? — perguntou uma mais atrevida, dirigindo-se diretamente a Natacha.

O tio desmontou em frente da escada principal da sua casa rodeada de verdura e, lançando um olhar aos criados, gritou-lhes, autoritariamente, que se fossem os que ali não faziam falta e que preparassem as coisas para receber os convidados e os caçadores.

Todos dispersaram. O tio ajudou Natacha a desmontar e ofereceu-lhe a mão para ela subir os degraus pouco firmes da escada de madeira. A casa, de vigas à vista e paredes sem reboco, não era de um asseio por aí além. Via-se que os seus habitantes pouco se preocupavam com a limpeza. No entanto não se podia dizer que o enxovalho fosse grande. No vestíbulo, de cujas paredes pendiam peles de lobo e de raposa, cheirava a maçãs frescas. O tio conduziu os seus convidados através de um salita onde havia uma mesa de desarmar e cadeiras de mogno, depois fê-los entrar numa sala mobilada com uma mesinha redonda de bétula e um divã e por fim no gabinete de trabalho, com o seu canapé esfarrapado, o seu tapete coçado e as suas paredes decoradas com os retratos de Suvorov, dos pais do proprietário e do próprio, fardado de militar. Cheirava ali muito a tabaco e a cães. O tio disse-lhes que se sentassem e que estivessem à vontade como em sua

própria casa e saiu da sala. Rugai, ainda coberto de lama, não tardou a entrar também, indo aninhar-se debaixo do divã, onde se pôs a lamber-se. Do gabinete partia um corredor em que se via um biombo de estofado esfarrapado. Por detrás desse biombo ouviam-se risos e vozes de mulher. Natacha, Nicolau e Pétia desembaraçaram-se dos seus equipamentos de caça e sentaram-se no divã. Pétia, com a cabeça encostada ao braço, não tardou a adormecer; Natacha e Nicolau ficaram calados. Com a cara afogueada, morriam de fome, mas sentiam-se alegres. Entreolhavam-se. Uma vez a caçada finda, Nicolau achava desnecessário continuar a manter perante a irmã a sua superioridade de homem. Natacha piscou-lhe o olho, e os dois, sem poderem conter-se, romperam em grandes gargalhadas antes mesmo de encontrarem um motivo que justificasse o riso.

Daí a pouco voltava o tio, de sobrecasaca, calça azul e botas de meio cano. E Natacha percebeu que aquele traje, que tanto a surpreendera e lhe despertara tamanha troça certo dia em que vira o tio assim vestido em Otradnoie, não era afinal nem pior nem melhor que o redingote e o fraque. O velho também estava muito alegre; não só não se ofendeu com as gargalhadas dos dois irmãos, pois lhe não passava pela cabeça que eles se rissem da sua maneira de vestir, como se juntou a eles e riu também.

— Muito bem, menina condessa, muito bem! Vamos a isto! Nunca na minha vida vi uma menina assim — disse, oferecendo a Rostov um cachimbo de comprido pipo e tomando para si outro de pipo mais curto, que enchia com três dedos, conforme o seu costume. — Todo o dia a cavalo como um homem, ninguém diria!

Entrementes, uma criada, naturalmente descalça, a avaliar pelo som abafado dos passos, abriu a porta e uma formosa quarentona, cheia, de duplo queixo, lábios vermelhos e grossos, entrou no gabinete com uma bandeja cheia de iguarias. Com ar hospitaleiro e gestos afáveis, observou os convidados enquanto os saudava respeitosamente com um sorriso cordial. Apesar da rotundidade invulgar, que a obrigava a empinar o seio e o ventre e a manter a cabeça inclinada para trás, esta mulher, a governanta do tio, tinha um andar muito leve. Aproximou-se da mesa, colocou sobre ela a bandeja, e habilmente, com as suas mãos brancas e rechonchudas, pôs-se a retirar dela, o que fez num abrir e fechar de olhos, as garrafas, os zakusskis e outras iguarias. Feito isto, afastou-se e, com um sorriso nos lábios, deixou-se ficar no limiar da porta. “Aqui têm! E agora compreendes o teu tio?”, parecia dizer a Rostov aquela aparição. Como não compreendê-lo? Não só Rostov, como a própria Natacha, compreendiam o tio e o que significavam aquelas suas sobancelhas um pouco altivas e aquele seu sorriso feliz e satisfeito que lhe perpassava pelos lábios quando entrara Aníssia Fiodorovna. A bandeja trouxera vodka, licores, cogumelos em vinagre, folhados

de trigo, mel cozido e espumoso, maçãs, nozes frescas e torradas e nozes com mel. Aníssia Fiodorovna voltou a sair e depôs ainda em cima da mesa marmelada com mel e açúcar, presunto e um frango acabado de sair do forno.

Tudo isto fora cuidado e preparado por Aníssia Fiodorovna. Tudo sabia, por assim dizer, a Aníssia Fiodorovna e tinha a sua frescura, o seu asseio, a sua brancura e o seu agradável sorriso.

— Coma, menina condessinha — disse ela, enquanto ia oferecendo a Natacha agora isto, logo aquilo.

Natacha de tudo comeu e parecia-lhe nunca ter visto nem comida tão bons folhados, tão perfumada marmelada, tão boas nozes com mel e um frango tão apetitoso. Aníssia Fiodorovna saiu.

Rostov e o tio beberam licor de cerejas enquanto iam falando de caçadas, de Rugai, dos cães de Ilaguine. Natacha, de olhos brilhantíssimos, mantinha-se muito direita no divã e escutava-os. Por várias vezes tentara acordar Pétia, para que ele comesse alguma coisa, mas este apenas soltara palavras ininteligíveis, sem conseguir despertar. Natacha estava tão alegre e sentia-se tão bem naquele meio novo para ela que só receava ouvir chegar cedo demais os drojkis que a viriam buscar. Depois de um momento de silêncio inesperado, como costuma acontecer em casa daqueles que recebem pela primeira vez pessoas conhecidas, o tio disse, como se respondesse ao pensamento íntimo dos seus hóspedes:

— E aqui têm como vou acabando os meus dias... Depois de uma pessoa morrer, muito bem, vamos a isto! Acaba-se tudo! Então para que há de a gente ser infeliz?

Muito expressiva era a cara do tio! Dir-se-ia quase belo ao dizer estas palavras. Ao espírito de Rostov correu então o bem que o pai e os vizinhos diziam dele. Em todo o distrito gozava da reputação do mais desinteressado e do mais nobre dos homens. Era chamado para servir de árbitro nas questões de família, davam-no como executor testamentário, confiavam-lhe segredos, tinham-no eleito para o cargo de juiz e ainda para outras funções, mas ele recusara aceitar qualquer emprego público. Passava os meses de outono e da primavera a percorrer os campos no seu alazão, no inverno deixava-se ficar em casa e no verão estendia-se à sombra das árvores no seu frondoso jardim.

— Por que não presta o tio serviço no exército?

— Fui funcionário, mas depois deixei-me disso. Essas coisas não são para mim, muito bem, vamos a isto! De nada percebo. Isso é bom para vocês. Seria perder o meu latim! Lá a caça é outra cantiga, muito bem, vamos a isto! Abram a porta — gritou. — Para que a fecharam?

A porta, no extremo do corredor, a que o tio chamava o “colidor”, abria para o cubículo dos caçadores, que tal era o nome dado à habitação do pessoal servo das caçadas.

Ouviram-se uns pés descalços que caminhavam apressadamente e uma mão invisível abriu a porta do cubículo dos caçadores. Do corredor chegavam, nítidas, as notas de uma balalaika, tocada, evidentemente, por um virtuoso na sua arte. Havia algum tempo já que Natacha prestava ouvidos àquela música e saiu para o corredor para melhor a ouvir.

— É o meu cocheiro, o Mitka... Comprei-lhe uma rica balalaika. Gosto muito! — disse o tio.

Era costume de Mitka, depois de uma caçada, pôr-se a tocar no seu instrumento no cubículo dos caçadores. O tio apreciava muito ouvi-lo.

— Mas que bem! Francamente toca muito bem! — disse Nicolau um pouco desprendidamente, como que envergonhado de confessar que aquela música lhe agradava.

— Toca bem! — exclamou Natacha, ofendida com o tom do irmão — Mas é um encanto!

Assim como os cogumelos, o mel e os licores do tio se lhe haviam afigurado os melhores do mundo, a canção que ouvia era para ela o suprasumo da arte musical.

— Continue, peço-lhe, continue — suplicou ela, da porta, quando o instrumento emudeceu. Mitka afinou a balalaika e atacou de novo as notas da Barinia⁴⁷, com variações e matizes. O tio escutava de cabeça inclinada e um leve sorriso nos lábios. O tema da Barinia repetiu-se um ror de vezes. Por várias vezes se puseram a afinar o instrumento e de novo voltava a mesma ária, sem cansar o auditório, que continuava a pedi-la. Aníssia Fiodorovna apareceu e apoiou-se pesadamente à ombreira da porta⁴⁸.

— Está a ouvir? — perguntou a Natacha, com um sorriso dir-se-ia decalcado do do amo. — Ah, que bem que toca!

— Esta passagem não a toca bem! — exclamou o tio, de súbito, fazendo um gesto enérgico. — Ali é preciso um trinado, sim, muito bem, vamos a isto! É preciso um trinado!...

— Sabe tocar? — perguntou Natacha.

O tio sorriu e não respondeu.

— Vai, Anissiuska, vai ver se a minha guitarra tem cordas. Há muito tempo que não toco, muito bem, vamos a isto! Tinha-a posto de lado.

Aníssia Fiodorovna deu-se pressa, com o seu passo ligeiro, em dar cumprimento à ordem do amo, e apareceu com a guitarra.

O tio, sem cerimônias, soprou o pó do instrumento, bateu com os dedos ossudos na caixa, afinou-o e instalou-se na poltrona. Num gesto algo teatral, com o cotovelo esquerdo afastado do corpo, agarrou na guitarra pelo alto do braço e, depois de ter piscado o olho a Aníssia Fiodorovna, em vez de atacar as notas da Barinia, após um acorde sonoro e puro, pôs-se a trinar, tranquilo, lentamente e com mão segura, uma melodia muito serena, a conhecida canção Pela estrada empedrada. Nicolau e Natacha sentiram vibrar na sua alma em uníssono e com alegria o tema daquela canção — a alegria que respirava todo o ser de Aníssia Fiodorovna. A governanta ficou toda corada e, escondendo a cara no lenço, abalou sem deixar de sorrir.

O tio continuava a tocar com energia, precisão e firmeza, lançando um olhar inspirado para o lugar onde estivera Aníssia Fiodorovna. Um vago sorriso lhe irradiava da cara e do bigode grisalho, acentuando-se à medida que a canção prosseguia, que acelerava o ritmo e se tornava mais emocionante em certos passos.

— É maravilhoso, é maravilhoso, tio! Mais, mais! — exclamou Natacha, quando ele acabou. Saltando do divã, lançou os braços à volta do pescoço do tio e beijou-o. — Nikolenka! Nikolenka! acrescentou, voltando-se para o irmão, como a dizer-lhe: “Que tal?”

Nicolau também estava encantado. O tio atacou de novo a canção. O rosto sorridente de Aníssia Fiodorovna apareceu outra vez à porta e atrás dela outras caras.

*Espera, espera, rapariga,
grita ele quando ela à fonte vai.*

E uma nova variação lhe brotou dos dedos, rematando num acorde que ele acompanhou com um movimento de ombros.

— Continue, continue, querido tio! — suplicou Natacha, tão implorativamente que dir-se-ia a sua vida correr perigo.

O tio levantou-se e então foi como se houvesse nele dois homens: um, sério, que sorria ao alegre companheiro, e o outro, o folião, que se entregava a ingênuas momices antes de principiar a dançar.

— Anda, sobrinha! — gritou. E, com um movimento da mão, feriu um acorde.

Natacha tirou o lenço, colocou-se diante do tio, e com as mãos na cinta, à espera, fez um movimento de ombros.

Onde, quando e como é que aquela condessinha, educada por uma emigrada francesa, pudera, apenas em contacto com o ar russo que respirava, assimilar aquele à-vontade, aquelas maneiras que o pas de châte de há muito deveria ter anulado? Mas a verdade é que Natacha fez precisamente os gestos e

tomou as atitudes inimitáveis, não aprendidas, lidimamente russas, que o tio esperava dela. Assim que ela se plantou diante do tio, com a sua expressão sorridente de confiança em si própria e de malícia, o receio que se apossara de Nicolau e dos demais assistentes, que a julgaram incapaz de chegar ao fim, desapareceu, e todos se puseram a admirá-la. Tão bem se saiu que Aníssia Fiodorovna, que lhe passara logo o xale indispensável aos meneios, se pôs a rir com as lágrimas nos olhos diante daquela menina delgada, graciosa, tão diferente dela em tudo, criada no meio das sedas e dos veludos, e que tão bem sabia exprimir a sua própria alma, dela, Aníssia Fiodorovna, e a do pai de Aníssia e a de sua tia e a de sua mãe, e a de cada russo em particular.

— Muito bem, condessinha, muito bem, vamos a isto! — exclamou o tio, rindo, assim que a dança acabou. — Bravo, minha sobrinha! Agora só precisas de arranjar um bom marido, muito bem, vamos a isto!

— Já o arranjou! — disse Nicolau, a sorrir.

— Hem! — voltou o tio, surpreendido e interrogando-a com o olhar. Natacha, com um sorriso feliz, acenou afirmativamente com a cabeça.

— E que marido! — exclamou ela. Mas assim que acabara de pronunciar estas palavras, outras ideias e outros sentimentos tomaram conta dela. “Que queria dizer o sorriso de Nicolau quando exclamara: ‘Já o arranjou!’ Gostará ou não deste casamento? Dir-se-ia querer dizer que o meu Bolkonski não aprovaria, não compreenderia a nossa alegria. Engana-se, compreenderia tudo. Onde estará ele neste momento?” E, de súbito, uma grande tristeza se lhe pintou no rosto. Por pouco tempo, porém. “Não pensemos nisto! Não tenho que pensar nisto!”, disse de si para consigo, e, retomando o seu sorriso, veio sentar-se de novo ao lado do tio, para lhe pedir que tocasse mais alguma coisa.

O tio tocou outra canção e uma valsa, e depois de um silêncio tossicou e pôs-se a entoar a sua canção de caça preferida:

Como ela caía

A neve pela noite...

Cantava, como o povo costuma cantar, com a mesma inocente certeza de que todo o sentido da canção está nas palavras, que a melodia se lhe vem juntar por si, naturalmente, e que por si própria não existe, apenas serve para reger a cadência. É essa a razão por que aquele canto, tão inconsciente, por assim dizer, como o de uma ave, era tão belo na voz do tio. Natacha, fora de si, decidiu ali mesmo que não continuaria a estudar harpa e que queria aprender a tocar guitarra. Pediu ao tio que lhe emprestasse o instrumento e pôs-se imediatamente a dedilhar uma canção.

Às dez da noite chegaram uma lineika, alguns drojkis ⁴⁹ e três cavaleiros que vinham buscar Natacha e Pétia. O conde e a condessa, que não

sabiam onde eles paravam, estavam inquietos, no dizer dos homens.

Pegaram em Pétia, mesmo a dormir, e deitaram-no, como morto, na lineika. Natacha e Nicolau instalaram-se num dos drojkis. O tio enrolou a sobrinha em cobertores e despediu-se dela com grande ternura. Acompanhou-os a pé até à ponte, que precisavam de contornar para passar a vau, e deu ordem aos monteiros que fossem adiante com lanternas.

— Adeus, minha querida sobrinha — gritou-lhe, na obscuridade. E a sua voz não era a voz de todos os dias, mas a voz que tinha quando entoava a sua canção:

*Como ela caía
A neve pela noite...*

Na aldeia, que atravessaram, havia muitas luzes vermelhas e cheirava ao bom aroma do fumo das lareiras.

— Que tio encantador! — exclamou Natacha, quando principiaram a rolar na estrada real.

— É verdade — replicou Nicolau. — Não tens frio?

— Não, estou muito bem, muito bem. Sinto-me tão bem! voltou ela, como que surpreendida com o bem-estar que sentia. Por muito tempo foram calados. A noite estava escura e úmida. Não se viam os cavalos, ouvia-se-lhes apenas o tropear na lama invisível.

Que se passava naquela alma impressionável de criança, pronta a refletir e a assimilar tão avidamente as impressões mais diversas? Como é que tudo isso se organizava dentro dela? Fosse como fosse, sentia-se muito feliz. Quando se aproximaram de casa, subitamente, pôs-se a trautear a canção: “Como ela caía...”, a qual viera procurando de memória todo o percurso e que finalmente aprendera.

— Apanhaste-a afinal! — disse-lhe Nicolau.

— Em que estavas a pensar agora, Nikolenka? — perguntou Natacha.

Às vezes gostavam de fazer um ao outro esta pergunta imprevista.

— Eu? — balbuciou Nicolau. — Pois seja! Primeiro pensei que o Rugai, o cão ruço, se parece com o tio, e que, se ele fosse homem e o tio cão, o teria sempre em casa, senão para caçar, para seu regalo. Nunca o largaria. Que bom carácter aquele tio! Não achas? E tu, em que estavas a pensar?

— Eu? Espera aí. Ah, sim, já sei, primeiro pensei: ora aqui vamos nós de carro como se fôssemos para casa, mas não vamos; só Deus sabe para onde, por este negrume, e de repente eis que chegamos, não a Otradnoie mas a um país encantado. Depois pensei... Não, em nada mais pensei...

— Sei, tenho a certeza de que pensaste nele — acrescentou Nicolau, com um sorriso, que assim pelo menos se afigurava a Natacha graças à entoação da voz nas trevas.

— Não — replicou ela, embora, efetivamente, houvesse pensado no príncipe André ao perguntar-se a si própria se o tio seria homem para lhe agradar a ele. — E todo o caminho tenho vindo a dizer: que boa aquela Anissiuska, como ela sabe... — E Nicolau adivinhava, na obscuridade, o riso sem razão de Natacha, sonoro e feliz. — Queres saber? — continuou ela, de súbito. Sinto que nunca mais hei de voltar a ser tão feliz, tão tranquila, como neste momento.

— Que tolice! — exclamou Nicolau, enquanto pensava: “Que encantadora esta Natacha! Nunca tive nem nunca terei uma amiga como ela! Para que há de ela casar? Poderíamos andar sempre os dois juntos!”

“Que encantador este Nicolau!”, pensava Natacha, pelo seu lado.

— Olha, ainda há luz no salão — disse ela, apontando para as janelas que brilhavam na obscuridade úmida e aveludada da noite.

Capítulo VIII

O conde Ilia Andreitch renunciara às suas funções de marechal da nobreza porque isso lhe acarretava grossas despesas. No entanto, as suas finanças não davam mostras de melhorar. Por vezes, Natacha e Nicolau surpreendiam os pais em conversas secretas e inquietantes e acabaram por perceber tratar-se da venda do rico patrimônio senhorial dos Rostov em Moscou e da propriedade nas imediações da capital. Desde que se demitira do seu cargo, o conde já não precisava de oferecer grandes recepções e a vida de Otradnoie tornou-se mais sossegada do que nos anos anteriores. Nem por isso, contudo, a enorme casa e os pavilhões anexos tinham menos gente. À mesa juntavam-se todos os dias mais de vinte convivas: familiares, gente da casa, como que da família, ou então pessoas que dir-se-ia não poderem deixar de lá viver. Era o caso de Dimmler, o músico, e de sua mulher, o do mestre de dança Vogel e de toda a sua família, o da velha solteirona Bielovna e o de muitos outros ainda, como os preceptores de Pétia e uma antiga preceptora das meninas ou, então, nada mais nada menos que os indivíduos que achavam muito mais prático viver em casa do conde que na sua própria. É certo não haver tão grandes reuniões como outrora, mas o trem de vida mantinha-se o mesmo, e o conde e a condessa pareciam não saber viver de outra maneira. Conservavam sempre o mesmo pessoal das caçadas, que Nicolau ainda aumentara, na cocheira lá estavam sempre os mesmos cinquenta cavalos e os seus quinze cocheiros, e eram sempre os mesmos ricos presentes pelos aniversários e os mesmos banquetes de gala em tais ocasiões, com, presença de toda a gente das vizinhanças, e as mesmas partidas de whist ou de boston, em que o conde habitualmente mostrava as cartas a todos os parceiros, donde resultava os vizinhos de lugar o aliviarem regularmente de algumas centenas de rublos, considerando, por isso mesmo, fonte de receita muito vantajosa aquelas partidas de cartas do conde Ilia Andreitch.

O conde caminhava às cegas pelo meio da imensa rede dos seus embaraços financeiros, procurando convencer-se de que não se enredava e comprometendo-se cada vez mais. Não tinha ânimo quer para romper com aquela rede, quer para tomar disposições sábias e pacientes próprias para acabar com ela. A condessa, no fundo do seu coração amantíssimo, pressentia a ruína dos seus filhos, dizendo de si para consigo que o conde não era culpado, que não podia ser de outra maneira, que ele próprio sofria, embora o escondesse, por causa daquela situação deplorável, tanto para ela como para os seus, e lá ia procurando uma solução. Do seu ponto de vista de mulher, só uma se lhe oferecia: casar Nicolau com uma herdeira rica.

Eis a sua última esperança, ciente de que se Nicolau recusasse o partido que ela lhe propunha seria necessário renunciar para sempre a

restabelecer a situação. Esse partido era nem mais nem menos que Júlia Karaguine, filha de excelentes e virtuosos pais, íntima de Rostov desde criança e presentemente rica herdeira à espera de noivo por virtude do falecimento de seu último irmão.

A condessa escreveu diretamente, para Moscou, a Madame Karaguine, falando-lhe deste projeto, e recebeu resposta favorável. Madame Karaguine dizia-lhe que pela sua parte estava de acordo, mas que tudo dependia das inclinações de sua filha. Convidava Nicolau a ir a Moscou.

Por várias vezes a condessa, com lágrimas na voz, dissera ao filho que, neste momento, em que suas irmãs estavam arrumadas, o seu único desejo seria vê-lo casado. Garantira-lhe que morreria descansada se isso acontecesse. E acrescentara depois que já lançara as suas vistas sobre uma encantadora rapariga desejosa de saber o que Nicolau pensava do caso.

Aproveitando certas ocasiões fizera o elogio de Júlia e aconselhara Nicolau a que fosse a Moscou, para se distrair, aquando das festas do Natal. Nicolau, que facilmente adivinhara a intenção da mãe, obrigou-a um dia a explicar-se com toda a franqueza. A mãe declarou-lhe que a única esperança no restabelecimento da fortuna dos seus assentava agora no casamento dele com Mademoiselle Karaguine.

— Com que então, mãe, se eu gostasse de uma menina sem fortuna, eras capaz de me obrigar a sacrificar o meu amor e a minha palavra por causa do dinheiro? — disse ele à condessa, sem se dar conta da crueldade da pergunta e apenas na intenção de mostrar a sua nobreza de sentimentos.

— Ainda me não compreendeste — volveu-lhe a mãe, que não sabia como justificar-se. — Não me compreendeste, Nikolenka. O que desejo é a tua felicidade. — Falando assim ela sabia muitíssimo bem que não dizia a verdade. E por isso, muito perturbada, rompeu a chorar.

— Mãe, não chore, basta que me diga ser isso o que quer de mim, e fique certa de que estarei pronto a dar a minha vida, que estarei pronto a tudo para a ver satisfeita. Tudo sacrificarei por si, inclusivamente os meus sentimentos.

Mas a condessa não o ouvia. Não lhe pedia que se sacrificasse. Era ela quem teria querido sacrificar-se por ele.

— Não, não me compreendeste, não falemos mais nisso — disse ela enxugando as lágrimas.

“Sim, posso gostar de uma rapariga pobre”, dizia Nicolau para si mesmo, “e então será preciso que eu sacrifique ao dinheiro os meus sentimentos e a minha palavra. Custa-me a crer que minha mãe me tenha proposto uma coisa destas. Lá porque Sônia é pobre, já a não posso amar, não posso corresponder ao

seu amor fiel e devotado? E por certo serei mais feliz com ela que com essa espécie de boneca que é a tal Júlia. Sacrificar os meus sentimentos, eis o que estou pronto a fazer por amor de meus pais, mas o que não posso é anulá-los. Se amo Sônia, este amor, para mim, está mais alto e é mais forte do que tudo o mais.”

Nicolau não partiu para Moscou, a condessa nunca mais lhe falou no casamento, e contristada e, às vezes, inclusivamente encolerizada, observava a intimidade cada vez maior entre o filho e Sônia, menina sem dote. Embora se censurasse a si própria, não podia evitar certos azedumes para com Sônia e certas quezílias com ela, interpelando-a sem motivo e tratando-a por “senhora” e “minha querida”. E o que mais irritava a boa condessa era o fato de esta pobre sobrinha sua, de olhos pretos, ser tão meiga, tão boa, tão dedicada e tão reconhecida para com os seus benfeitores e tão fiel, tão constante, tão desinteressada no seu amor por Nicolau que em verdade era impossível censurar-lhe fosse o que fosse.

Nicolau estava a chegar ao termo da sua licença em casa dos pais. Recebera-se do príncipe André uma nova carta — a quarta -, esta de Roma, onde ele dizia que desde há muito devia estar de regresso, caso não tivesse acontecido, inopinadamente e em virtude do clima quente, ter-se-lhe aberto a ferida, o que forçava a adiar a partida até ao princípio do ano próximo.

Natacha ainda estava enamorada do noivo, a certeza de ser amada sossegava-lhe a imaginação e continuava a mostrar-se acessível a todas as alegrias da vida. A verdade, porém, é que, após o quarto mês de separação, era tomada por momentos de tristeza contra os quais não sabia lutar. Tinha pena de si própria, lamentava todo aquele tempo perdido sem proveito para ninguém, quando era certo sentir-se capaz de amar e de ser amada. Na casa dos Rostov a alegria acabara.

Capítulo IX

Chegaram as festividades do Natal⁵⁰, e, à exceção da missa solene, das felicitações rituais e enfadonhas, dos vizinhos e dos criados, dos trajes novos que toda a gente estreara, nada de especial assinalou essa quadra. No entanto, com aquele frio de 20° abaixo de zero, sem vento, aquele dia de um sol claro, resplandecente, e aquela noite de inverno picada de estrelas, era impossível não se sentir a necessidade de celebrar a data fosse como fosse.

No terceiro dia das festas, depois do jantar, cada um retirou-se para os seus aposentos. Foi o momento mais enfadonho da jornada. Nicolau, que nessa manhã andara em visita aos amigos da vizinhança, adormecera na sala do divã. O velho conde descansava no seu gabinete. No salão, em torno da mesa redonda, Sônia copiava um desenho e a condessa fazia uma paciência. Nastásia Ivanovna, o bufão, sentara-se, de cariz triste, ao pé da janela, com duas velhinhas. Natacha entrou na sala, foi direita a Sônia, deitou os olhos ao trabalho que ela tinha entre mãos e acercou-se da mãe, junto da qual se deixou ficar parada, sem abrir a boca.

— Que andas tu para aí a fazer como uma alma penada? — disse-lhe a mãe — De que precisas?

— Preciso “dele”... e já, preciso dele neste mesmo instante — replicou Natacha, os olhos brilhantes e uma expressão muito séria.

A condessa abriu os olhos e fitou a filha atentamente.

— Não olhe para mim, mãe, não olhe para mim, ou ponho-me a chorar imediatamente.

— Senta-te ao pé de mim.

— Mãe, é dele que eu preciso. Que ando eu para aqui a fazer, mãe?

Suspendeu-se-lhe a voz, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, e para escondê-las deu-se pressa em voltar a cara e sair. Penetrou no seu quarto, hesitou um momento, refletindo, e dirigiu-se para a dependência do pessoal. Uma criada idosa repreendia uma moça que acabava de entrar, tiritando de frio, vinda das dependências dos criados.

— Basta de divertimentos — dizia a velha. — Há tempo para tudo.

— Deixa-a, Kondratievna — interveio Natacha. — Vai, anda, vai, Mavrucha.

Depois de Mavrucha em liberdade, Natacha atravessou o salão e dirigiu-se ao vestíbulo. Um velho e dois lacaios moços jogavam as cartas. Ao vê-la chegar suspenderam a partida e puseram-se de pé.

“Que lhes hei de eu dar a fazer?”, disse Natacha para consigo mesma.

— Vamos, Nikita, fazes favor.

“Onde o hei de mandar?”, murmurou para si mesma.

— Vai à dependência dos criados e traz-me um galo, e tu, Micha, vai buscar-me aveia.

— Não muita aveia? — perguntou Micha, jovial e divertido.

— Vai, vai, avia-te — interveio o velho.

— E tu, Fiador, vai-me buscar greda.

Ao passar pela copa, deu ordem para se preparar o samovar, embora ainda não fossem horas.

O mordomo Foka era o homem mais desabrido de toda a casa. Natacha gostava de manifestar a autoridade que tinha sobre ele. Foka não queria acreditar nos seus ouvidos e foi informar-se se devia obedecer.

— Oh! Estas meninas! — exclamou Foka, fingindo má cara a Natacha.

Ninguém em casa incomodava tanta gente nem dava tanto que fazer como Natacha. Quando via alguém desocupado, logo tratava de lhe ordenar fosse o que fosse. Dir-se-ia procurar experimentar se as pessoas se não zangariam com ela, se não se enfadariam com as ordens que ela dava, mas a verdade é que todos se apressavam a executá-las com muito maior satisfação de que quando obedeciam às ordens de outros.

“Que hei de eu fazer? Onde é que irei?”, perguntava-se ela a si mesma pelo corredor fora.

— Nastásia Ivanovna, que filhos deitarei eu ao mundo? perguntou ao bufão, que vinha ao encontro dela, metido na sua katsaveika⁵¹.

— Pulgas, cigarras, grilos — replicou o bufão.

“Meu Deus, meu Deus, sempre a mesma coisa! Onde me hei de ir meter? Que hei de eu fazer?” E batendo com os pés no chão, galgou a escada de Vogel, que vivia com a mulher no andar de cima.

Ali estavam as duas preceptoras, na mesa havia pratinhos com uvas secas, alfarrobas e amêndoas. As preceptoras falavam da carestia da vida, comparando os preços de Moscou com os de Odessa. Natacha sentou-se, e esteve a ouvir a conversa, com ar sério e cismador, e depois levantou-se.

— A ilha de Madagáscar — exclamou. — Ma-da-gás-car — repetiu, destacando as sílabas, e, sem responder a Madame Schoss, que lhe perguntava o que dizia ela, abalou.

Pétia, o irmão, estava também no andar de cima, preparando, com o auxílio do seu velho preceptor, um fogo de artifício que queria queimar nessa noite.

— Pétia! Pétia! — gritou-lhe ela — leva-me às cavalitas até lá baixo.

Pétia veio a ela e ofereceu-lhe as costas. Natacha saltou-lhe para cima, passando-lhe os braços em volta do pescoço. Pétia, cambaleando, deu

alguns passos com a irmã às cavaleiras.

— Obrigada, é quanto basta... ilha de Madagáscar — articulou ela, e, pondo os pés no chão, voltou a descer a escada.

Como se tivesse percorrido os seus estados, e, depois de fazer sentir bem a sua autoridade, se sentisse satisfeita com a obediência dos súditos, sem deixar de reconhecer o enfado de todos, regressou ao salão, pegou numa guitarra, sentou-se num recanto sombrio atrás de um armário, e, pisando as cordas, procurou dedilhar um compasso de que se lembrava e que ouvira na ópera em Petersburgo, na companhia do príncipe André. Para os outros o que ela estava a tocar nada lhes dizia, mas para ela aquelas notas acordavam-lhe muitas recordações. Ela ali estava, atrás do armário, os olhos fitos numa zona de luz que se projetava da porta da copa, escutando-se a si mesma e recordando-se. Toda ela se afundava na evocação do tempo passado.

Sônia, com um copo na mão, atravessou a sala na direção da copa. Natacha relanceou-lhe um olhar, em que perpassou, igualmente, a fenda da porta entreaberta, e teve a impressão de ter visto já aquela faixa de luz e Sônia passando com um copo na mão. “Sim, exatamente como agora”, murmurou ela.

— Sônia, que é isto? — gritou-lhe Natacha, pisando o bordão da guitarra.

— Ah! Estás aí — disse Sônia, estremecendo. Aproximou-se para a ouvir. — Não sei. Talvez A tempestade, não? — acrescentou timidamente, receando enganar-se.

“Pois bem! Sim, foi assim mesmo que ela estremeceu, foi assim mesmo que se aproximou e que timidamente sorriu da outra vez, quando tudo isto se passou”, dizia Natacha. “E então também pensei, como agora, que lhe faltava qualquer coisa.”

— Não, não, é o coro dos Aguadeiros, não ouves? — E pôs-se a trautear, de ponta a ponta, todo o motivo, para que Sônia se recordasse. — Aonde ias? — perguntou-lhe.

— Mudar a água do copo. Acabei o meu desenho.

— Tu tens sempre que fazer, mas eu, como vês, para nada tenho jeito. E o Nicolau, onde está ele?

— Está a dormir, creio.

— Vai acordá-lo, Sônia — voltou Natacha. — Diz-lhe que venha cantar para aqui.

Natacha continuou agachada no seu canto, perguntando-se a si mesma como podia ter aquilo acontecido, e, sem ser capaz de resolver esse problema, o que, de resto, lhe não dava grande cuidado, transportou-se de novo,

em imaginação, ao tempo em que os dois estavam juntos e em que ele a fitava com os seus olhos apaixonados.

“Ah! Que venha o mais depressa possível. Tenho tanto medo que ainda se demore muito! E depois tudo será diferente, estou a envelhecer, é o que é! Já não serei como agora. E quem sabe? Talvez ele chegue hoje, talvez chegue agora mesmo. Quem sabe se já chegou e já lá está em baixo no salão! Quem sabe se já chegou ontem e foi isso que eu esqueci!”

Levantou-se, pousou a guitarra e entrou no salão.

Toda a gente da casa, os preceptores, as preceptoras e os hóspedes se sentavam já à mesa do chá. Os criados estavam de pé em volta da mesa, mas em parte alguma o príncipe André, e tudo decorreu como de costume.

— Ah! aí está ela! — disse Ilia Andreitch ao ver entrar Natacha — Muito bem, senta-te aqui a meu lado — Mas Natacha deteve-se junto da mãe, enquanto, com os olhos, parecia procurar fosse o que fosse.

— Mãe — exclamou. — Dá-mo, dá-mo o mais depressa possível. — E de novo lhe custou refrear as lágrimas.

Sentou-se à mesa e ficou a ouvir a conversa das pessoas mais idosas e de Nicolau, que chegou depois dela. “Meu Deus, meu Deus! Sempre as mesmas caras, sempre as mesmas frases, sempre o pai com a chávena na mão a soprar o chá, como todos os dias!”, murmurou ela de si para consigo, sentindo-se tomada por uma profunda aversão contra toda aquela gente, nada mais nada menos por todos eles serem iguais todos os dias.

Depois do chá. Nicolau, Sônia e Natacha dirigiram-se à sala do divã, procurando refugiar-se no seu recanto favorito, onde conversavam sempre com a maior intimidade.

Capítulo X

— Não te acontece às vezes pensar — disse Natacha ao irmão, uma vez instalados -, não te acontece pensar que nada mais terás, absolutamente mais nada, que toda a felicidade que podias usufruir já te foi concedida? E isto não é tão triste?

— Naturalmente! — voltou ele. — Às vezes, quando me sinto feliz, quando toda a gente está alegre em volta de mim, de repente sinto uma espécie de desgosto de tudo e vem-me à ideia que todos temos de morrer. Uma vez, quando estava na tropa, não quis sair a passear, embora a música estivesse a tocar no jardim... Fui tomado por um tédio tal...

— Oh! sei muito bem o que isso é! Como te compreendo! — correu Natacha. — Era ainda muito pequena quando isso aconteceu. Lembras-te? Tinham-me castigado por eu ter comido ameixas. Enquanto todos vocês dançavam, eu fiquei fechada na sala da aula. E o que eu chorava! Nunca me esquecerei desse momento! E tinha pena de vocês também, por mim e por vocês, por todos. E o principal é que não tinha culpa. Lembras-te?

— Sim, lembro-me — voltou Nicolau. — Lembro-me de que depois fui ter contigo e quis consolar-te, e, queres saber?, não sabia como. Muito patuscos éramos! Eu tinha nessa altura um boneco e quis oferecer-to. Lembras-te?

— E tu lembras-te? — voltou Natacha com um sorriso sonhador. — Muito antes, muito antes, quando nós ainda éramos muito pequeninos e o tio nos chamou ao gabinete. Era ainda na velha casa e estava muito escuro. Entramos, e que vemos nós?

— Um preto — concluiu Nicolau, sorrindo alegremente. Pois então não me havia de lembrar? E ainda hoje não tenho a certeza se era realmente um preto ou se nós o teríamos visto apenas em sonhos ou se nos teriam contado uma história assim.

— Estava muito sujo, lembras-te? E tinha os dentes brancos, e estava ali de pé e nós a olharmos para ele.

— Lembras-te, Sônia? — perguntou Nicolau.

— Sim, sim, eu também me lembro vagamente — interveio Sônia, hesitando.

— Falei deste preto ao pai e à mãe — disse Natacha — e eles disseram-me que nunca tinha havido qualquer preto cá em casa. Mas a verdade é que te lembras disso perfeitamente!

— Claro, e lembro-me mesmo dos seus dentes, como se os tivesse diante de mim.

— Que engraçado, dir-se-ia que sonhamos. E é isso que é maravilhoso!

— E lembras-te de uma vez, estávamos nós a fazer rebolar ovos no salão, quando de repente entram duas velhas e se põem a andar à roda em cima do tapete. Teria isto acontecido ou não? Lembras-te? Que engraçado era!

— Sim, e quando o pai, de peliça azul, deu um tiro na escada principal?

Sorridentes, iam fazendo desfilar diante deles não recordações tristes, mas esses quadros poéticos da infância, essas impressões do mais longínquo passado, em que os sonhos se confundem com a realidade. Sônia, como sempre, mantinha-se à margem, se bem que as suas reminiscências fossem comuns. De resto, as suas eram mais pobres, e as que porventura recordava não lhe despertavam na alma as mesmas impressões poéticas. No entanto, já era muito para ela contentar-se com a alegria dos dois e poder vibrar ao mesmo diapásão.

Só interveio na conversa quando eles se puseram a recordar a chegada dela à casa paterna. Sônia contou que Nicolau lhe causara medo ao vê-lo com um bibe atado com cordões e que a ama lhe dissera que ela também seria amarrada assim.

— Pois eu recordo-me de que me contaram que tu nasceras debaixo de uma couve — disse Natacha. — E então não me atrevia a pensar que não fosse verdade, embora me custasse a acreditar.

Nessa altura surgiu na frincha da porta traseira da sala do divã a cabeça de uma criada de quarto.

— Menina, já aí está o galo — disse ela em voz baixa.

— Já não é preciso, Polia, diz que o levem — replicou Natacha.

A certa altura deste colóquio, Dimmler entrou e foi sentar-se diante da harpa, que estava a um canto. Tirou-lhe a capa que a cobria e o instrumento soltou uma nota discordante.

— Eduardo Karlich, toque, se faz favor, o meu noturno favorito, de Field — exclamou a velha condessa, lá de dentro do salão.

Dimmler deu um acorde, e, voltando-se para os três jovens, disse-lhes: — Que formal está a mocidade!

— Sim, estamos a filosofar — volveu Natacha, relanceando-lhe um olhar e prosseguindo na conversa. Falavam agora de sonhos.

Dimmler pôs-se a tocar. Natacha, sem fazer ruído, na ponta dos pés, aproximou-se da mesa, pegou numa vela, trouxe-a consigo e retomou silenciosamente o seu lugar. Na sala, especialmente ao pé do divã onde eles estavam sentados, fazia escuro, mas através das altas janelas entrava a luz prateada da lua cheia, que vinha projetar-se no chão.

— Sabes em que estou a pensar? — perguntou Natacha, em voz surda, aproximando-se de Nicolau e de Sônia, quando Dimmler, acabada a execução da sua peça, dedilhava ligeiramente as cordas da harpa, como a perguntar se devia erguer-se ou tocar outro trecho. — Que quando estamos a evocar as nossas recordações acabamos por nos lembrar do que se passou antes de virmos a este mundo...

— Isso é a metempsicose — disse Sônia, que fora sempre muito estudiosa e tinha presente o que aprendera. — Os egípcios acreditavam que as nossas almas viveram primitivamente nos corpos dos animais e para eles voltarão depois da nossa morte.

— Pois eu não creio que tenhamos sido animais — replicou Natacha, sempre em voz baixa, embora os sons da harpa se houvessem suspendido. Do que eu tenho a certeza é que fomos anjos, lá não sei onde, e aqui também, e é por isso que nos lembramos de tudo...

— Posso ficar ao pé dos meninos? — perguntou Dimmler, aproximando-se e sentando-se junto deles.

— Se tivéssemos sido anjos, como é que teríamos vindo parar cá tão em baixo? — observou Nicolau. — Não, isso não pode ser.

— Por que não? Quem te disse que estamos mais em baixo?... Como é que eu hei de saber o que fui anteriormente? — observou Natacha, convicta. — A alma é imortal... e isso quer dizer que se eu tenho de viver para sempre é que já vivi na eternidade.

— É certo, mas é muito difícil fazermos uma ideia dessa eternidade — interveio Dimmler, que principiara por se juntar ao grupo dos jovens com um sorriso afável, embora um tudo-nada trocista, e agora tomava parte a sério na discussão.

— Por que há de ser assim tão difícil fazer uma ideia da eternidade? — observou Natacha. — Depois de hoje será amanhã e sempre da mesma maneira por aí adiante; ontem já passou, anteontem também lá vai e é sempre assim...

— Natacha, agora é a tua vez. Canta qualquer coisa para nós ouvirmos — disse a mãe na sala contígua. — Que estão vocês a fazer aí dentro, como se fossem conspiradores?

— Oh, mãe, não me apetece! — volveu-lhe Natacha, erguendo-se no entanto.

Ninguém, nem o próprio Dimmler, que já não era criança, desejava interromper aquela conversa e abandonar o recanto da sala do divã, mas Natacha levantara-se e Nicolau fora sentar-se ao cravo. Como era seu costume, colocando-

se no meio do salão, no lugar onde a acústica era melhor. Natacha pôs-se a cantar a melodia de que a mãe mais gostava.

Dissera não lhe apetecer cantar, e no entanto há muito o não fazia como naquela noite, e por muito tempo não voltaria a cantar tão bem. O conde Ilia Andreitch, do seu gabinete, onde falava com Mitenka, ouvia-a e tal qual o estudante que morre por brincar finda a lição, ei-lo que se embrulha nas ordens que dá, e por fim acaba por calar-se. Mitenka, de ouvido à escuta também, permanecia de pé diante do conde, calado, sorrindo. Nicolau não tirava os olhos da irmã e respirava quando ela respirava.

Ouvindo-a, Sônia pensava quão diferentes eram uma da outra, ela e a prima, e para si mesma dizia que nunca, nem de longe, seria capaz de exercer uma semelhante fascinação. A velha condessa, a sorrir, melancólica e feliz ao mesmo tempo, de lágrimas a bailar-lhe nos olhos, escutava, pensativa, abanando a cabeça de tempos a tempos. Pensava em Natacha e na sua própria mocidade, e ia dizendo para si mesma haver qualquer coisa de pouco natural e de inquietante naquele casamento da filha com o príncipe André.

Dimmler, sentado perto da condessa, ouvia, de olhos fechados.

— Realmente, condessa — acabou por dizer — está ali um talento europeu. Já nada tem que aprender: aquela sonoridade, aquela doçura, aquela força...

— Oh, faz-me tanto medo, tanto medo esta pequena! — exclamou a condessa, sem reparar com quem falava. O seu instinto maternal dizia-lhe haver em Natacha alguma coisa de excessivo que lhe não permitiria ser feliz. E ainda ela não tinha acabado de cantar apareceu Pétia, todo contente, anunciando que haviam chegado os mascarados.

Natacha calou-se imediatamente.

— Tonto! — gritou para o irmão, e precipitou-se para uma cadeira, onde se deixou cair, rompendo em soluços tais que muito tempo decorreu antes que serenasse.

— Não é nada, mãe, não é nada, juro-lhe, foi o Pétia quem me assustou — dizia ela, procurando sorrir, mas as lágrimas continuavam a correr e os soluços embargavam-lhe a voz.

Os criados, disfarçados de ursos, de turcos, de taberneiros, de senhoras, uns temíveis, outros burlescos, entraram, joviais, trazendo consigo o frio lá de fora. Começaram por aparecer timidamente na antecâmara, depois, escondendo-se uns atrás dos outros, irromperam pelo salão; uma vez ali, primeiro acanhados, depois mais à vontade, começaram a cantar, a dançar, a fazer rodas e outros entretenimentos próprios do Natal. A condessa reconhecia-os um por um,

ria com os seus disfarces, e, por fim, retirou-se do salão. O conde Andreitch, todo ele sorrisos, ficou na sala, encorajando-os. A juventude desaparecera.

Meia hora mais tarde apareceu, por entre os mascarados que já estavam no salão, uma senhora idosa, de anquinhas: era Nicolau. Pétia estava vestido de turco. Dimmler de palhaço. Natacha de hússar e Sônia de circassiano, com sobrelanceiras e bigodes feitos a carvão.

Quando os não mascarados acabaram de se mostrar simuladamente surpresos, fingindo não os reconhecer e tributando-lhes grandes louvores, os jovens, muito orgulhosos dos seus disfarces, que julgavam perfeitos, resolveram ir dali mostrar-se a outras pessoas conhecidas.

Nicolau, que muito desejava dar um passeio na sua troika e levar consigo toda a gente, propôs apresentarem-se mascarados em casa do tio na companhia de uma dezena de criados.

— Então, que ideia é essa de irem maçar o pobre velho? — disse a condessa. — E, além disso, onde é que vocês têm lá espaço para se moverem? Se querem ir a qualquer parte vão à casa dos Meliukov.

A Meliukova era uma viúva, cuja moradia, cheia de filhos de todas as idades, de preceptoras e de preceptores, ficava a umas quatro verstas da propriedade dos Rostov.

— Ora aí está, minha querida, uma boa ideia — interveio o velho conde, todo folgazão. — Esperem, eu também me vou mascarar e saio com vocês. Vão ver como eu vou fazer rir a Pachette.

A condessa, porém, não deixou que o conde fosse com eles: nos últimos dias queixara-se muito da sua perna. Decidiu-se que ele não iria, mas sim as meninas, se Luísa Ivanovna, isto é, Madame Schoss, as acompanhasse. Sônia, embora sempre muito tímida e reservada, foi quem mais insistiu com Madame Schoss para anuir.

O traje de Sônia era o mais feliz de todos. Os bigodes e as sobrelanceiras ficavam-lhe a matar. Todos lhe diziam estar muito bonita e a verdade é que se encontrava numa disposição de espírito pouco vulgar nela, cheia de entusiasmo e de alegria. Uma voz interior dizia-lhe que aquela noite seria decisiva, então ou nunca, e vestida de homem parecia outra pessoa. Luísa Ivanovna acabou por consentir e meia hora depois quatro troikas, com guizos e campainhas, estavam diante da porta de entrada, com os seus patins rangendo sobre a neve.

Natacha foi a primeira a dar a nota de alegria naquela noite de Natal, e essa alegria, comunicando-se de uns aos outros, cresceu, cresceu cada vez mais, até que atingiu o auge quando todas as máscaras apareceram cá fora, ao ar frio da

noite, e, chalrando, chamando umas pelas outras, rindo e gritando, se instalaram nos trenós.

Duas das troikas eram trenós de serviço; a terceira era do velho conde e tinha um grande trotão das coudelarias de Orlov atrelado ao meio; a quarta, que era de Nicolau, aos varais centrais tinha o seu pequeno murzelo, de pelo emplumado. Era o próprio Nicolau, vestido de senhora idosa, com o capote de hússar por cima, quem estava de pé no meio do trenó, com as rédeas na mão.

A noite estava tão clara que ele via brilhar, à luz da lua, as placas de cobre dos arreios e os olhos dos cavalos, que voltavam as cabeças, medrosos, para os viajantes, agitando-se ruidosamente sob o alpendre obscuro da entrada.

No trenó de Nicolau sentaram-se Natacha, Sônia, Madame Schoss e duas criadas; no do velho conde, Dimmler, a mulher e Pétia; nos demais, os criados mascarados.

— Vai tu à frente, Zakar! — gritou Nicolau ao cocheiro do pai, para assim ter oportunidade de o ultrapassar na estrada.

A troika do velho conde, aquela que transportava Dimmler e o seu grupo, abalou, fazendo ranger os patins, que pareciam colados à neve, e tilintando com todas as suas campainhas.

Os cavalos dos lados comprimiam-se contra os varais, enterrando as patas na neve sólida e brilhante como açúcar. Nicolau abalou atrás da primeira troika, e a seguir à dele partiram as outras, no meio de alaridos e rangidos. De princípio meteram a passo pelo caminho estreito. Enquanto atravessavam o jardim, a sombra das árvores desnudas atravessava-se na estrada e interceptava a luz da lua, mas, assim que transpuseram os muros, uma planície nevada, reluzente como diamante, com reflexos azulados, descobriu-se, a perder de vista, imóvel e banhada de luar. Primeiro um, depois outro, os trenós da vanguarda foram sacudidos; aos que vinham atrás aconteceu-lhes o mesmo, e rompendo audazmente a profunda serenidade afastaram-se em fila.

— Olha o rasto de uma lebre, outro, outro! — ressoou a voz de Natacha no ar gelado.

— Que noite tão clara, Nicolau! — exclamou Sônia.

Nicolau voltou-se para ela e teve de se debruçar para lhe ver melhor o rosto. Uma carinha nova, encantadora, com uns bigodes e, umas sobranceiras vincadas a preto, emergia da zibelina e fitava-o à luz do luar, muito próxima e muito distante ao mesmo tempo.

“Onde está a Sônia de outrora?”, disse de si para consigo, contemplando-a, sorridente.

— Que tens, Nicolau?

— Nada — replicou ele, voltando-se para os cavalos.

Ao chegarem à estrada real, em que, à luz do luar, se viam os sulcos abertos pelos patins dos trenós e os trilhos das parelhas, os próprios cavalos arrebataram as rédeas e aceleraram o andamento. O cavalo da esquerda, a cabeça voltada para fora, dava sacões no bridão. O do meio balançava-se, eriçando as orelhas, como se perguntasse se podia principiar ou se ainda seria cedo. Ao longe, já a uma certa distância, num tropel de campainhas que se afastava, via-se nitidamente, sobre o fundo branco da neve, a troika negra de alçar. Ouviam-se os gritos, as exclamações e as gargalhadas dos mascarados.

— Eh, meus amigos! — gritou Nicolau, segurando as rédeas com uma das mãos e com a outra brandindo o chicote.

E bastava o vento mais vivo que fustigava os rostos e a tensão dos cavalos das extremas, cada vez maior, para se avaliar da rapidez da troika. Nicolau olhou para trás. Os outros trenós lá vinham, entre gritos e rangidos, e ouviam-se as vozes e as chicotadas estimulando os cavalos. O animal do meio balançava, valentemente, sob o arco dos varais, sem pensar em desistir, e disposto, pelo contrário, a ir cada vez mais depressa, desde que lhe pedissem.

Nicolau alcançou a primeira troika. Desciam agora uma ladeira e meteram por um caminho espaçoso, sulcado por trilhos de carruagens abertos num prado ao longo de um rio.

“Onde estamos nós?”, perguntou Nicolau aos seus botões. “Naturalmente é o prado Kossoi. Não, não, são sítios novos, que eu nunca vi. Não é o prado Kossoi, não é a colina de Demiane. Só Deus sabe o que é! São sítios novos e mágicos! Enfim, tanto faz!” E, gritando aos cavalos, propôs-se ultrapassar a primeira troika.

Zakar, refreando por instantes os cavalos, voltou para o amo a cara cheia de gelo até às sobrelhas.

Nicolau lançou a troika a toda a brida; Zakar, de braços estendidos, fez estalar a língua e picou os seus.

— Cuidado, patrão! — gritou-lhe.

Ambas as troikas correram, lado a lado, e o galope dos cavalos tornou-se ainda mais largo. Nicolau ganhou terreno. Zakar, sempre com os braços estendidos, fez um gesto com a mão que segurava as rédeas.

— Está enganado, patrão! — gritou-lhe.

Nicolau, com os seus cavalos sempre a galope, ultrapassou Zakar. Os animais salpicavam a cara dos viajantes com uma neve fina e seca, e na troika rival tudo eram gritos e desafios, sombras que passavam a toda a velocidade. Só se ouviam rangidos de patins sobre a neve e vozes de mulher de timbre agudo.

Nicolau refreou os cavalos e olhou em torno de si. Em volta era sempre a mesma planície feérica, banhada pelo luar e salpicada de estrelas de

prata.

“Zakar grita-me que volte à esquerda, mas por que hei de eu voltar à esquerda?”, disse de si para consigo. “Iremos nós, de fato, à casa dos Meliukov? Será para ali Meliukova? Só Deus sabe para onde vamos e só Deus sabe o que fazemos. Seja como for, tudo isto é estranho e maravilhoso!” Voltou-se para dentro do trenó.

— Olha para estas sobrancelhas e estes bigodes todos brancos — disse um daqueles seres estranhos, gentilíssimos e desconhecidos que se sentavam no trenó, precisamente o das sobrancelhas e dos bigodes bem desenhados.

“Aquela parece a Natacha”, dizia Nicolau para consigo. “E aquela outra é Madame Schoss, e talvez não seja. E aquele circassiano de bigodes? Esse não sei quem seja, mas sei que gosto dele.”

— Não têm frio? — perguntou-lhes.

Não responderam e puseram-se a rir. Dimmler, do trenó da retaguarda, gritou fosse o que fosse, naturalmente muito engraçado, mas não puderam compreender o que ele dizia.

— Sim, sim — replicaram umas vozes risonhas.

Entretanto, eis que surge uma floresta encantada, com grandes sombras movediças, cintilações de diamante, degraus de mármore, e depois os telhados de prata de um palácio mágico e os guinchos finos de uma fera. “Se esta é a aldeia de Meliukova, ainda é mais estranho que, tendo nós andado à aventura, pudéssemos chegar a porto seguro”, murmurou para si mesmo Nicolau.

Era, realmente, Meliukova, e já se viam criados e lacaios acudindo à entrada de risonhos semblantes e velas acesas.

— Quem são? — perguntaram do alto da escada.

— Mascarados do conde; já conheci os cavalos — responderam outras vozes.

Capítulo XI

Pelagueia Danilovna Meliukova, uma robusta matrona, de lunetas e capa a flutuar, estava sentada no salão rodeada das filhas, a quem procurava distrair. Fundiam cera e observavam no escuro as figuras que se iam formando⁵² quando ressoaram no vestíbulo os passos e as vozes dos recém-chegados.

Os húsares, as senhoras, as bruxas, os palhaços, os ursos, tossindo e limpando os rostos cobertos de gelo, penetraram no salão, onde se acenderam as luzes apressadamente. Dimmler, de palhaço, e Nicolau, de senhora idosa, abriram o baile. Os mascarados, acolhidos pelo alarido jovial das crianças, escondendo a cara e falando em falsete, cumprimentavam a dona da casa e iam encostar-se em fila contra as paredes.

— Oh, é impossível reconhecê-los! Espera, esta é a Natacha! Olhem para o ar dela! A sério, lembra-me não sei quem. E que bem o Eduardo Karlich! Não era capaz de o reconhecer. E como ele dança! Oh, meu Deus! um circassiano! Que bem a Soniuchka! este quem é? Que divertido! Nikita. Vania, retirem as mesas! E nós que estávamos para aqui tão sossegados!

— Ah! ah! ah! Um húsar! Parece um miúdo. E os pés dele!... Não posso ver... — dizia alguém.

Natacha, a predileta dos jovens Meliukov, desapareceu com eles nos aposentos das traseiras. Pediu que lhe arranjassem uma toalha e alguns roupões e fatos de homem, que uns braços nus recolheram, através da porta entreaberta, das mãos dos lacaios.

Dez minutos depois toda a gente nova da família Meliukov vinha juntar-se às outras máscaras.

Pelagueia Danilovna, que dera ordem para se arranjar espaço para as visitas e mandara preparar uma refeição, ia de um lado para o outro, as lunetas encavalitadas no nariz, com o seu sorriso discreto, pelo meio de toda aquela gente mascarada, olhando um por um cara a cara e sem conseguir identificar fosse quem fosse. Não só não reconhecia os Rostov e Dimmler, mas também as suas próprias filhas, mascaradas com roupões de homem e uniformes sortidos.

— E aquela, quem é aquela? — perguntava à preceptora, apontando para a sua própria filha, vestida de tártaro de Kazan. — Parece-me um dos Rostov. E o senhor húsar, a que regimento pertence? — perguntou a Natacha. — À turca deem-lhe geleia de fruta — dizia ao criado de mesa, a servir de roda. — A religião não lhe proíbe de comer...

Por vezes, ao ver os passos estranhos e patuscos que os dançarinos executavam, pois, uma vez persuadidos de que ninguém os reconhecia assim mascarados, sentiam-se à vontade para fazer o que lhes apetecesse, Pelagueia

Danilovna escondia a cara no lenço de assoar, e toda a sua possante corpulência estremecia, abalada por um irresistível gargalhar de velha matrona.

— Minha Sacha! Eh! minha Sacha! — exclamava ela. Depois das danças e dos coros russos, Pelagueia Danilovna reuniu todos os criados e todos os amos numa grande roda. Trouxeram um anel, um fio e um rublo e principiaram a jogar.

Ao fim de uma hora todos os trajes estavam amarrotados e desfeitos, as sobancelhas e os bigodes pintados a rolha queimada haviam desaparecido das caras juvenis e animadas, reluzentes de suor. Pelagueia Danilovna pôde finalmente reconhecer os que estavam mascarados, soltando grandes exclamações perante a perfeição dos disfarces, principalmente os das meninas, e agradecendo a toda a gente a alegria que lhe tinham proporcionado. A ceia dos amos foi servida no salão e na sala comeram os criados.

— É terrível ouvir a sina na estufa! — exclamou uma velha criada no fim da refeição.

— Por quê? — perguntou a filha mais velha dos Meliukov.

— A menina não seria capaz, é preciso ter muita coragem...

— Pois eu era — disse Sônia.

— Conte-nos o que aconteceu a essa menina — pediu a segunda filha dos Meliukov.

— Um dia foi lá uma menina — contou a velha criada. Tinha levado consigo um galo, dois talheres, tudo o que era preciso. Sentou-se. E assim esteve, por muito tempo, à espera. De repente, eis que chega uma carruagem... era um trenó, com as suas campainhas e os seus guizos a tilintar. A menina pôe-se à escuta: uma pessoa chegava. Essa pessoa entrou, tinha a figura de um homem, dir-se-ia um oficial a valer. Chegou e sentou-se, diante da menina, em frente do segundo talher.

— Oh! Oh! — exclamou Natacha, de olhos arregalados, cheia de medo.

— E então, falou?

— Pois, como se fosse um homem qualquer, naturalmente. E pôs-se a contar-lhe muita coisa. E ela, a menina, tinha de conversar com ele até ao cantar do galo. Mas teve tanto medo que escondeu a cara nas mãos. E então ele agarrou-a. Felizmente, as criadas vieram acudir-lhe...⁵³

— Para que estão a assustar as meninas? — repreendeu Pelagueia Danilovna.

— Mãe, mas tu própria tiraste a sina — disse-lhe a filha.

— E também se tira a sina no celeiro? — perguntou Sônia.

— Pois, agora mesmo, quem quiser pode ir ao celeiro e pôr-se à espera. Escuta. Se ouvir umas marteladas, se baterem, é mau sinal, mas se ouvir o milho a cair é bom, e também acontece.

— Mãe, conta-nos o que uma vez te aconteceu no celeiro.

Pelagueia Danilovna sorriu.

— Ah, de nada me lembro. — tornou ela. — Haverá algum de vocês que lá queira ir?

— Eu, eu, Pelagueia Danilovna, deixe-me ir — disse Sônia.

— Pois sim, se não tens medo.

— Luísa Ivanovna, dá licença? — pediu Sônia.

Ou quando se jogava às prendas, ou quando se conversava como naquele momento, Nicolau não tirava os olhos de Sônia, a quem olhava como pela primeira vez. Afigurava-se-lhe, ao vê-la com aquele traje e com aqueles bigodes pintados, nunca a ter visto antes. Efetivamente, naquela noite Sônia estava alegre, bonita e muito animada. Natacha também nunca a vira assim.

“E ali está como ela é, eu não passo de um imbecil!”, pensava ele observando-lhe os olhos brilhantes, o sorriso feliz e vitorioso — o sorriso que lhe desenhava nas faces duas covinhas por debaixo dos bigodes pintados -, coisas em que não reparara até aí.

— De nada tenho medo — disse ela. — Já, se quiserem. — E levantou-se.

Explicaram-lhe onde ficava o celeiro e disseram-lhe que ela tinha de ficar calada, a escutar, e deram-lhe a peliça. Embrulhou-se nela, passando-a pela cabeça, ao mesmo tempo que relanceava os olhos a Nicolau.

“Que encantadora pequena!”, dizia ele de si para consigo. “Em que tenho estado a pensar até agora?”

Sônia saiu para o corredor, na intenção de se dirigir ao celeiro. Nicolau deu-se pressa em desaparecer pela porta principal, alegando haver ali muito calor. Realmente lá dentro sufocava-se, tanta era a gente ali acumulada.

Lá fora continuava o mesmo frio e a mesma imobilidade, havia a mesma lua, apenas um pouco mais brilhante ainda. Tão intensa era a claridade e tantas as chispas de luz que se desprendiam da neve que nem apetecia erguer os olhos para a abóbada celeste, onde cintilavam as estrelas. O céu estava negro e triste, mas a terra, pelo contrário, toda era alegria.

“Que pateta! Para que esperei eu até agora?”, pensava Nicolau. Desceu a escada e contornou a casa pela alameda que conduzia à porta de serviço. Sabia que Sônia tinha de passar por ali. A meio do caminho havia uma pilha de toros de madeira, coberta de neve, que ensombrava a alameda. Do outro lado, sobre a neve e o caminho que conduzia ao celeiro, projetava-se a sombra

das velhas tílias desnudadas. As paredes do celeiro e o telhado da construção, alvos de neve, que dir-se-ia talhados em pedras preciosas, chispavam à luz do luar. Uma árvore estalou na mata e tudo de novo recaiu no silêncio. A Rostov afigurava-se-lhe não ser ar que os seus pulmões respiravam, mas os poderosos eflúvios da eterna mocidade e da eterna alegria.

Pela escada de serviço descia alguém e os passos soavam mais fortes no último degrau, coberto de neve. Depois ouviu-se a voz da velha criada.

— Sempre a direito, sempre a direito, por este caminho, menina. Mas não olhe para trás.

— Não tenho medo — entoou a voz de Sônia, e no caminho, cada vez mais perto de Nicolau, rangeram os seus sapatinhos leves, aproximando-se.

Caminhava toda embuçada na peliça. Só viu Nicolau a dois passos dele. E, ao vê-lo, também o irmão de Natacha foi para Sônia uma pessoa completamente diferente da que ela conhecia e a quem sempre temera um pouco. Vestido de mulher, tinha os cabelos desgrenhados e nos lábios um sorriso feliz como ela nunca lhe vira. Sônia correu para ele.

“Parece outra e no entanto é a mesma”, murmurou Nicolau de si para consigo ao fitar-lhe o rosto banhado na luz do luar. Tateou-lhe a peliça que lhe cobria a cabeça, apertou-a nos braços, estreitou-a contra si e beijou-lhe os lábios, que cheiravam a rolha queimada. Sônia, por sua vez, beijou-o também na boca e, libertando as mãos, pegou-lhe na cara com as palmas nas duas faces.

— Sônia!...

— Nicolau!... — foi tudo quanto disseram. Correram ao celeiro e regressaram a casa entrando cada um pela porta por onde haviam saído.

Capítulo XII

Quando abalaram de casa de Pelagueia Danilovna, Natacha, que sempre via e notava tudo, organizou as coisas de tal modo que tanto ela como Luísa Ivanovna ficaram no trenó de Dimmler, indo Sônia para o de Nicolau e das criadas.

Este, sem pensar já em tomar a dianteira aos outros, manteve os seus cavalos num andamento moderado. A cada momento contemplava Sônia à estranha luz do luar, como que procurando descobrir àquela luz cambiante, por debaixo das sobrancelhas e dos bigodes mascarrados, a Sônia de outrora e a de hoje, a Sônia de quem estava firmemente resolvido a não mais se separar. Olhava-a fixamente, e, ao vê-la sempre a mesma e sempre diferente, lembrava-se do cheiro a rolha queimada que ela tinha nos lábios, e respirava a plenos pulmões o ar gelado. Diante da paisagem que lhe fugia debaixo dos olhos e do céu cintilante sentia-se de novo num reino encantado.

— Sônia, estás bem? — perguntava-lhe de vez em quando.

— Estou — replicava ela. — E tu?

No meio do caminho, Nicolau passou as rédeas ao cocheiro, apeou-se do trenó, correu para o de Natacha, e trepou para cima dos patins.

— Natacha — segredou-lhe em francês. — Queres saber? Resolvi-me a respeito de Sônia.

— Disseste-lhe?! — exclamou Natacha, de súbito, radiante.

— Oh, não sei o que pareces com esses bigodes postiços! Natacha, estás contente?

— Estou, estou contente, muito contente! Principiava a zangar-me contigo. Nada te dizia, mas achava que procedias mal para com ela. Tem tão bom coração, Nicolau! Estou tão contente! Eu sou má muitas vezes; confesso-te, no entanto, que chegava a ter vergonha de ser feliz sozinha, sem ela — continuou Natacha. — Agora estou contente. Anda, corre para o pé dela.

— Não, espera... Estás tão engraçada! — voltou Nicolau, sem deixar de a fitar e descobrindo nela, nos seus traços, fosse o que fosse de novo, de inusitado, qualquer coisa de maravilhoso e de terno que nunca lhe vira antes. — Não achas, Natacha, que tudo isto parece magia?

— Parece — replicou ela -, mas procedeste muito bem.

“Se eu alguma vez a tivesse visto como hoje”, dizia Nicolau de si para consigo, “há muito me teria aconselhado com ela, e tudo teria corrido bem.”

— Então, estás contente e achas que fiz bem?

— Oh, sim, fizeste. Ainda há pouco tive uma discussão com a mãe por tua causa. A mãe dizia que ela andava atrás de ti. Como se pode dizer uma

coisa dessas? Quase me zanguei com ela. Nunca consentirei que digam nem que pensem mal dela. É a bondade e o bom senso em pessoa.

— Então achas que fiz bem — repetiu Nicolau, observando mais uma vez a expressão da irmã, como para ter a certeza de que ela estava a falar com sinceridade, e, fazendo ranger as botas, saltou do trenó de Natacha para regressar ao seu. Lá estava o mesmo circassiano, feliz e risonho, com os seus grandes bigodes e os seus olhos brilhantes que o fitavam do fundo do capuz de zibelina. E aquele circassiano era nem mais nem menos que Sônia e aquela Sônia iria ser, com certeza, mais tarde ou mais cedo, a sua amantíssima e felicíssima mulher.

Chegaram, e, depois de terem contado à condessa o que se passara em casa dos Meliukov, foram para a cama. Enquanto se despiam, ainda de bigodes, foram conversando das suas venturosas vidas. Falaram do seu futuro de mulheres casadas, da boa harmonia do casal, da felicidade que as aguardava. Na mesa de Natacha estavam ainda os espelhos que Duniacha ali pusera na véspera.

— Quando chegará esse dia? Receio tanto que nunca chegue... Ah! seria bom demais! — exclamou Natacha, levantando-se e abeirando-se dos espelhos.

— Senta-te, Natacha, talvez o vejas — disse Sônia.

Natacha acendeu as velas e sentou-se.

— Estou a ver uma pessoa de bigodes — murmurou ela, que acabava de descobrir a sua própria imagem.

— Não faça troça, menina — respondeu Duniacha.

Com o auxílio de Sônia e da criada de quarto, Natacha conseguiu a boa posição do espelho. Ficou muito séria e calada. E assim esteve por muito tempo sentada no mesmo lugar com os olhos na série infinita das velas multiplicando-se pelos espelhos fora sempre à espera de ver refletido no último, onde tudo se misturava e confundia, como rezava a lenda, quer um caixão, quer ele, o príncipe André. Por muito que quisesse, contudo, descobrir numa sombrazinha a cara de um homem ou um caixão, o certo é que não viu coisa alguma. Começou a pestanejar e acabou por afastar-se dos espelhos.

— Por que será que as outras pessoas veem e só eu não distingo coisa alguma? — disse ela. — Vem cá, Sônia, senta-te aqui no meu lugar. Hoje tem de ser, sem falta... Ao menos faz isso por mim... Tenho tanto medo hoje!

Sônia sentou-se diante do espelho, colocou-o segundo o preceito e pôs-se a olhar.

— Sônia Alexandrovna tem de ver, sem falta — murmurou Duniacha em surdina. — As meninas também estão sempre a rir-se...

Sônia ouviu estas palavras e a resposta ciciada de Natacha.

— Sim, tenho a certeza de que ela o há de ver. Já no ano passado viu qualquer coisa.

Durante dois ou três minutos as meninas conservaram-se caladas.

— Tem de ser! — acrescentou Natacha em voz surda, sem concluir o seu pensamento. De súbito. Sônia repelira o espelho e escondia a cara nas mãos.

— Ai, Natacha! — exclamou ela.

— Viste? Viste? Que viste? — acudiu Natacha, segurando o espelho, que ia cair.

Sônia nada vira. Ia levantar-se para descansar a vista no momento em que Natacha murmurava o seu “Tem de ser!!!”.

Não queria ser uma decepção para as duas, mas estava cansada daquela postura.

Nem ela própria sabia ao certo como e por que gritara e também por que escondera a cara entre as mãos.

— Viste-o, a ele? — perguntou Natacha, pegando-lhe nas mãos.

— Sim, espera... sim, foi ele quem vi — respondeu Sônia, involuntariamente, sem saber a quem Natacha se referia, e se o ele de Natacha significava Nicolau ou André.

“E por que não hei de dizer que vi? Já muitas outras viram. Quem será capaz de me provar que vi ou não vi?”, pensava ela.

— Sim, vi-o — disse Sônia.

— Como? Como? De pé ou sentado?

— Isto é, eu vi-o... Primeiro nada se via, e depois, de repente, lá estava ele estendido.

— O André? Está doente? — perguntou Natacha, fitando Sônia, de olhos assustados.

— Não, pelo contrário, pelo contrário, estava alegre, e voltou-se para mim. — E ao dizer isto afigurava-se-lhe ter visto realmente o que dizia.

— E depois, Sônia?...

— Não se via bem... Era qualquer coisa azul e vermelha...

— Sônia! Quando voltará ele? Quando o tornarei a ver? Meu Deus, tenho receio por ele e por mim! Tudo me mete medo... Sem responder às palavras com que Sônia procurava consolá-la, deitou-se e já as luzes estavam apagadas há muito e ainda ela continuava estendida na cama, imóvel, os olhos muito abertos, fitando o frio luar através das vidraças cobertas de geada.

Capítulo XIII

Pouco tempo depois do Natal, Nicolau falou à mãe no seu amor por Sônia e na sua resolução de casar com ela. A condessa, que de há muito observava os dois e já esperava aquela confidência, ouviu-o calada até ao fim. Depois voltou-lhe que estava na sua mão casar-se com quem quisesse, mas que nem ela nem o pai jamais consentiriam naquele enlace. Foi a primeira vez na sua vida que Nicolau viu a mãe descontente com ele e disposta a não transigir por muito que lhe quisesse. Friamente, e sem olhar para ele, mandou chamar o marido. Quando este chegou, em poucas palavras, muito serena, na presença de Nicolau, tentou fazer-lhe compreender do que se tratava, mas acabou por não poder reprimir-se: despeitada, rompeu a chorar, saindo da sala. O velho conde pôs-se a repreender Nicolau num tom hesitante, pedindo-lhe que renunciasse ao seu projeto. O filho replicou-lhe não poder retirar a palavra dada, e o pai, visivelmente comovido e suspirando, deu-se pressa em interromper a discussão abalando ao encontro da condessa. Sempre que se via diante do filho, o conde, lembrando-se da má situação da sua casa, sentia-se culpado para com ele. Efetivamente não tinha o direito de lhe querer mal por ele haver recusado casar com uma rica herdeira, preferindo Sônia, menina sem dote. A verdade é que se ele não tivesse dilapidado a fortuna, que melhor esposa poderia desejar Nicolau? Se havia um culpado era ele, ele e o Mitenka, com os seus hábitos incorrigíveis.

Nem o pai nem a mãe voltaram a trocar palavra com o filho sobre o assunto. Alguns dias depois, porém, a condessa mandou chamar Sônia e com uma crueldade que nem a própria rapariga nem ela própria, condessa, podiam prever, acusou a sobrinha de haver seduzido o filho e de ser uma ingrata. Sônia, calada e de olhos baixos, ouviu as duras palavras da condessa sem compreender o que exigiam dela. Estava pronta a tudo sacrificar pelos seus benfeitores. A ideia do sacrifício não lhe era estranha, mas no presente caso não sabia a quem queriam vê-la sacrificada. Se lhe era impossível deixar de amar a condessa e toda a família Rostov, também não podia esquecer Nicolau e ignorar que a felicidade dele dependia do seu amor. Ficou calada e triste, sem responder fosse o que fosse. Nicolau, não podendo suportar por mais tempo a situação, teve uma conversa com a mãe. Principiou por pedir-lhe que lhes perdoasse, a Sônia e ele, e consentisse no casamento, ameaçando-a em seguida de que casaria imediatamente com Sônia em segredo caso a viessem a perseguir.

A condessa, com uma frieza que o filho lhe não conhecia, respondeu-lhe que ele era maior e que se o príncipe André ia casar-se sem o consentimento do pai também ele o podia fazer; no entanto ela é que nunca reconheceria aquela “intriguista” por sua filha.

Indignado pela palavra “intriguista”, Nicolau ergueu a voz, disse à mãe nunca ter pensado que ela fosse capaz de o obrigar a vender o coração, e que se essa era a sua vontade, seria aquela a última vez que lhe falava... Não teve tempo, porém, de pronunciar a palavra decisiva, que a mãe aguardava com pavor, a julgar pela expressão do rosto, palavra essa que naturalmente teria ficado entre os dois como qualquer coisa inesquecível. Não pôde concluir porque Natacha, pálida e séria, aparecera no limiar da porta. Ouvira tudo.

— Nikolenka, não digas tolices! Cala-te, cala-te! Peço que te cales!... — gritou quase, para abafar o ruído da voz do irmão. — Mãe, minha querida mãe, não é isso... mãezinha querida! — implorou da condessa, a qual, à beira de um rompimento definitivo com o filho, olhava para ele apavorada, embora sem querer nem poder ceder, obstinada que estava, mercê da própria luta.

— Nikolenka, eu explico tudo, vai-te embora; e a mãe, ouça, ouça, querida mãezinha.

Estas palavras, sem qualquer sentido, deram o resultado desejado.

A condessa, soluçando, escondeu o rosto no colo da filha, enquanto Nicolau se levantava, de cabeça entre as mãos, e saía da sala.

Natacha, prosseguindo na sua obra de reconciliação, conseguiu que a mãe promettesse a Nicolau deixar Sônia em paz desde que ele se comprometesse a não tomar qualquer atitude sem o conhecimento dos pais.

Na firme intenção de abandonar a vida militar uma vez tudo em ordem no seu regimento, para, de regresso a casa, desposar Sônia, Nicolau, triste e apoquentado com a ideia do seu desacordo com os pais, embora, segundo supunha, apaixonadíssimo, abalou para a tropa no princípio de janeiro.

Depois da partida de Nicolau a casa de Rostov ficou mais triste do que nunca. A condessa, abalada por tantas comoções, caiu de cama.

Se a ausência de Nicolau era um motivo de sofrimento para Sônia, também sofria, e muito mais, com os modos hostis que a condessa não podia esconder para com ela. Grande era o embaraço do conde, preocupado com o mau aspecto da sua situação financeira, a pedir enérgicas medidas. Tornava-se inadiável vender a casa de Moscou e a propriedade nas imediações da capital. Para isso tinha de deslocar-se àquela cidade, mas o estado de saúde da condessa obrigava-o a adiar consecutivamente a viagem.

Natacha, que principiara por aceitar sem dificuldade e até com alegria a separação do noivo, tornava-se agora de dia para dia mais nervosa e impaciente. A ideia de que o tempo ia passando desperdiçado, quando ela o teria sabido aproveitar tão bem com a sua mocidade, tornara-se-lhe um tormento de todos os instantes. A maior parte das vezes as cartas de André irritavam-na. Ofendia-a pensar que enquanto ela levava o tempo a lembrar-se dele, por seu

lado, ele, numa vida perfeitamente normal, via novas terras e conhecia novas gentes que o interessavam. Quanto mais pormenorizadas e cativantes as suas cartas mais ela se sentia despeitada. Ao escrever-lhe, não o fazia com prazer, era como se cumprisse uma obrigação, obrigação que lhe soava a falso. Não encontrava que dizer-lhe, pois era-lhe impossível exprimir por palavras a milésima parte do que estava habituada a dizer de viva voz, com o sorriso, com o olhar. As cartas que lhe escrevia eram monótonas, secas, cartas clássicas, a que ela própria não atribuía a mínima importância, e cuja ortografia a mãe se encarregava de corrigir ainda no rascunho.

A condessa continuava a gozar de pouca saúde. A viagem a Moscou ia sendo adiada. No entanto era preciso mandar fazer o enxoval e vender a casa, além de que o príncipe André devia ir à capital, onde o príncipe Nicolau Andreivitch passava o inverno. Natacha estava até convencida de que ele já estaria em Moscou. Eis por que a condessa ficou na aldeia e o conde, acompanhado de Sônia e Natacha, partiu para a cidade no fim de janeiro.

Oitava Parte

Capítulo I

Depois dos esponsais do príncipe André e de Natacha, Pedro, sem qualquer causa aparente, sentiu de súbito ser-lhe impossível continuar a vida que levava. Apesar da sua firme convicção nas verdades que lhe havia revelado o Benfeitor e da alegria que lhe provocava o trabalho de regeneração interior a que se entregara com tanto entusiasmo, depois do noivado do príncipe André, e sobretudo depois da morte de Osip Alexeievitch, de que tivera conhecimento quase na mesma altura, a vida para ele perdera por completo todo o seu encanto. Nada mais lhe ficou, por assim dizer, que o esqueleto da vida: a casa, a mulher, cada vez mais esplendorosa e gozando então das boas graças de uma personagem muito importante, as suas relações mundanas com todo Petersburgo e as funções que desempenhava, com o seu cortejo de indigestas formalidades. A vida que levava inspirou-lhe de súbito profundo horror. Deixou de escrever o diário, evitou a companhia dos irmãos maçons, principiou a frequentar de novo o clube, voltou a beber, e muito, e passou a acamaradar outra vez com o grupo dos celibatários. A vida a que se entregou era de tal ordem que a condessa Helena Vassilievna se sentiu na obrigação de o repreender severamente. Pedro achou que ela tinha razão e abalou para Moscou, disposto a não comprometer mais a mulher.

Quando entrou no seu imenso palácio, com as princesas, que mais pareciam múmias, e os seus numerosos criados, quando viu, ao atravessar a cidade, a capela da Virgem Iverskaia, com os seus inumeráveis círios acesos diante de ícones de molduras douradas, e pôs os olhos na Praça do Kremlin, com a sua neve quase imaculada, quando tornou a ver os cocheiros e as vetustas casas de Sivtsev Vrajek⁵⁴, os velhos moscovitas, que nada desejavam e lá iam acabando tranquilamente os seus dias, as senhoras, os bailes e o clube inglês, foi como se se sentisse em sua própria casa, num verdadeiro porto de abrigo. Moscou era para ele como um velho roupão, confortável, quentinho, a que estivesse habituado, embora um tanto sujo.

Toda a sociedade moscovita, a principiar nos velhos e a acabar nos mais novos, acolheu Pedro como um hóspede de há muito esperado, cujo lugar estivera devoluto sempre preparado para o receber. O conde era para essa gente o mais encantador, o melhor, o mais inteligente, o mais alegre, o mais generoso dos originais, o tipo por excelência do fidalgo russo à moda antiga, distraído e generoso. De tão abertas para todos, andava sempre de algibeiras vazias. Estava sempre pronto a auxiliar espetáculos de caridade, a adquirir quadros e estátuas sem mérito, a ajudar sociedades de beneficência, ciganas, escolas, subscrições para jantares, orgias, irmãos maçônicos, coletas de igreja, publicações de obras, e, se não fossem dois ou três amigos que lhe pediam emprestadas grossas maquinas e o haviam posto praticamente sob tutela, acabaria por distribuir tudo quanto tinha.

No clube não havia jantar ou recepção a que ele não comparecesse. Assim que se afundava no seu lugar habitual no divã, após ter ingerido duas ou três garrafas Château-Margaux, formava-se uma roda em torno dele e principiavam as discussões, as pilhérias, as anedotas. Se alguém se irritava, Pedro, com o seu bom sorriso e uma palavra cordata dita a tempo, restabelecia a boa disposição. As lojas maçônicas, se ele não estava, eram enfadonhas e tristes.

Quando, depois de uma ceia de solteirões, acedendo ao desejo dos convivas joviais, Pedro se levantava, com o seu bom e doce sorriso, disposto a acompanhá-los, gritos de vitória e satisfação prorrompiam de entre os mais jovens. Nos bailes, se faltava um par, lá estava ele para dançar. Agradava às senhoras e às meninas, visto que, sem cortejar nenhuma, se mostrava indistintamente amável com todas, sobretudo depois da ceia. “É encantador, não tem sexo”, diziam dele.

Pedro fazia parte do número desses camaristas na inatividade, às centenas em Moscou, que terminam os seus dias na maior tranquilidade.

Grande indignação teria sido a sua, se sete anos antes, ao desembarcar, de regresso do estrangeiro, alguém lhe houvesse dito que nada tinha nem a procurar nem a imaginar, pois o seu caminho de há muito estava traçado para sempre e que fizesse ele o que fizesse viria a ser o que haviam sido todos os outros na mesma situação do que ele! Pois não desejara, de todo o seu coração, implantar a república na Rússia ou ser um Napoleão ou um filósofo, ou o estrategista que venceria o imperador? Não fora ele quem julgara possível a regeneração do gênero humano e apaixonadamente a desejava, contando chegar ao mais alto grau de aperfeiçoamento moral? Não fora ele quem fundara escolas e hospitais e dera liberdade aos seus servos?

E em vez de tudo isso, que era ele afinal? O marido rico de uma mulher infiel, um camarista reformado, o bom copo e o bom garfo que, à vontade depois de um bom jantar, se põe comedidamente a criticar o governo. E ali estava o membro do clube inglês de Moscou e ai-jesus da sociedade moscovita. Durante muito tempo custou-lhe a acreditar que era isso mesmo, o tipo do camarista moscovita na inatividade, essa personagem a quem tão profundamente desprezava sete anos antes.

Por vezes consolava-se dizendo ser apenas momentânea a vida que levava, mas logo o aterrorizava a ideia de que muitos como ele também se haviam dado momentaneamente a tal vida, àquela existência de clube ainda com todos os cabelos na cabeça e todos os dentes na boca, tendo chegado ao fim carecas e desdentados.

Nas suas horas de orgulho, quando se punha a refletir no que era, dizia de si para consigo não se parecer em coisa alguma com esses tais camaristas

a quem outrora desprezara, com essas criaturas vulgares e estúpidas, contentes e satisfeitas consigo próprias. “Eu, pelo contrário, atualmente, não me sinto satisfeito com coisa alguma, continuo a desejar fazer seja o que for para bem da humanidade”, pensava então. “Mas, quem sabe? Também eles, atualmente meus companheiros, se atormentaram assim, procurando como eu um novo caminho na vida e, tal como eu, vítimas da força das circunstâncias, do meio, do nascimento, escravos desta tirania dos elementos contra a qual o homem nada pode, todos eles se viram arrastados para a situação em que eu próprio estou”, dizia de si para consigo nas horas de modéstia. E ei-lo que depois de alguns meses de Moscou, em vez de os desprezar, pusera-se a amá-los, a estimá-los e a lamentá-los, como se eles fossem ele próprio, esses seus pobres companheiros de infortúnio.

Já o não assaltavam, como antigamente, momentos de desespero, desgosto e hipocondria. A doença, que antes se lhe manifestava por violentos acessos, fora recalcada para o seu íntimo, sem por isso deixar de o atormentar. “Para quê? Por quê? Que drama se representa no mundo?”, perguntava-se a si próprio, angustiado, muitas vezes ao dia, procurando, debalde, compreender o sentido dos fenômenos da vida. Sabendo, porém, que as suas interrogações ficariam sem resposta, dava-se pressa em desviar delas o pensamento. Pegava num livro, ia até ao clube ou punha-se a tagarelar com Apolo Nikolaievitch sobre os escândalos da cidade.

“Helena Vassilievna, que nunca amou nada além do seu belo corpo e é uma das mais estúpidas mulheres à face da terra”, repetia Pedro com os seus botões, “aos olhos do mundo é como que o suprasumo do espírito e da inteligência, e toda a gente se prosterna diante dela. Napoleão Bonaparte, enquanto foi um grande homem todos o desprezaram, e agora, que não passa de um desprezível comediante, até o imperador Francisco lhe oferece a filha por concubina. Os espanhóis rendem graças a Deus, por intermédio do clero católico, por lhes haver concedido derrotarem os franceses no dia 14 de junho e os franceses fazem outro tanto, por intermédio do mesmo clero, por no mesmo dia 14 de junho igualmente terem vencido os espanhóis⁵⁵. Os meus irmãos pedreiros-livres juram, pelo sangue das suas veias, estarem prontos a tudo sacrificar por amor do próximo, e não se dignam dar um rublo sequer no peditório para os pobres. E intrigam, tomando o partido da Astreia contra o dos Buscadores do Maná, prestando-se a todas as baixezas para conseguirem o verdadeiro ‘tapete’ escocês e uma ata que ninguém percebe, nem mesmo aquele que a redigiu, nada significando, nem tendo qualquer préstimo. Todos nós professamos a lei cristã, que manda perdoar as injúrias e amar o próximo, e em nome desta lei erigimos em Moscou quarenta vezes quarenta igrejas⁵⁶, embora ainda ontem açoitássemos de morte um desgraçado desertor a quem o ministro desta mesma lei de amor e

perdão, o sacerdote, deu a cruz a beijar antes do suplício.” Assim meditava Pedro, e esta geral hipocrisia, aceita por todos, apesar do hábito que dela tinha, todos os dias o revoltava como se fosse um caso novo.

“Sinto-as, vejo-as por todo o lado, esta hipocrisia e esta cegueira”, prosseguia ele ainda, “mas onde arranjar palavras para explicar-lhes tudo quanto tenho a dizer-lhes? Sempre que o tentei, pude verificar que lá no fundo eram todos da minha opinião, mas que se negavam a reconhecer o fato. É possível que assim tenha de ser! Mas eu, que destino será o meu?...” Pedro gozava deste triste privilégio, frequente em muitos homens, mas especialmente nos russos, graças ao qual, embora acreditem na verdade e no bem, com tanta clareza veem o mal e a mentira dos humanos que lhes faltam forças para os combater a fundo. A seus olhos, todos os domínios da atividade humana estavam imbuídos do mal e da mentira. Fizesse o que fizesse, tentasse o que tentasse, sempre se sentia repellido por esta mentira perpétua: todas as vias da atividade humana se lhe fechavam. E no entanto era preciso viver, algo tinha de fazer, apesar de tudo. Deixar-se esmagar sob o peso destes problemas insolúveis, eis o que se lhe afigurava horrível, e por isso mesmo, quanto mais não fosse para esquecê-los, entregava-se ao que quer que houvesse a fazer. Frequentava todas as sociedades, bebia muito, colecionava quadros, erigia castelos no ar e lia, lia principalmente.

Lia, lia tudo o que lhe vinha à mão, e de tal maneira que até mesmo à noite, quando o criado o ajudava a despir, continuava a ler. Finda a leitura, vinha o sono, e, findo o sono, era a conversa dos salões e do clube, da conversa passando às orgias e às mulheres, e, das orgias, voltando outra vez à conversa, à leitura e ao vinho. Beber tornara-se para ele uma necessidade ao mesmo tempo física e moral. Não obstante a opinião dos médicos, que o advertiam de quanto o vinho lhe era prejudicial devido à sua corpulência, continuava a beber furiosamente. Não se sentia bem senão quando, quase inconsciente, depois de despejar uma boa dose de copos de vinho, sentia então por todo o corpo uma agradável sensação de calor, e todo ele era ternura para com o semelhante e tendência para abordar todos os problemas sem ir ao fundo de nenhum.

Só depois de haver despejado uma ou duas garrafas percebia vagamente que aquele nó tão terrível e complicado da existência, nó que o enchia de horror, era afinal menos medonho do que ele imaginava. Com a cabeça a zumbir, falando, ouvindo as conversas alheias ou lendo após as refeições, a seu lado lá estava sempre aquele nó que era preciso cortar. Apenas sob a ação do vinho, porém, dizia de si para consigo: “Não é nada. Hei de desatá-lo... Sim, tenho uma explicação ao meu alcance. Por agora falta-me tempo. Depois pensarei nisso.” Este “depois”, contudo, nunca chegava.

Pela manhã, ainda em jejum, os mesmos problemas lhe apareciam tão insolúveis e terríveis como sempre, e ei-lo que se dava pressa, então, de pegar num livro, e, se alguém o vinha visitar, ficava encantado.

Às vezes lembrava-se de ter ouvido contar que os soldados na guerra, nas linhas avançadas, sob o fogo do inimigo, quando ociosos, procuravam uma ocupação qualquer para mais facilmente esquecerem o perigo. A seus olhos os homens sempre procediam como esses soldados, na esperança de se esquecerem da vida, e davam-se à ambição, ao jogo, elaboravam leis, entretinham-se com mulheres, divertiam-se, criavam cavalos, dedicavam-se à política, ou à caça, ou ao vinho, ou aos negócios públicos. “Em conclusão, nada há desprezível, nada há importante, tudo é indiferente”, pensava Pedro, “desde que uma pessoa saiba subtrair-se a essa realidade da vida, desde que uma pessoa se não veja frente a frente com a vida, esta terrível vida!”

Capítulo II

No princípio do inverno o príncipe Nicolau Andreievitch Bolkonski veio instalar-se com a filha em Moscou. Graças ao seu passado, à sua inteligência e à sua originalidade, mercê sobretudo de um amortecimento, naquela altura, do entusiasmo que o reinado do imperador Alexandre provocou e também do renascimento dos sentimentos antifranceses e patrióticos que então reinava nos espíritos, logo ele se tornou para os Moscovitas o objeto de um respeito muito particular e o fulcro da oposição ao governo.

O príncipe envelhecera muito naquele ano. Já dava indiscutíveis indícios de senilidade: ficava-se a dormir intempestivamente, esquecia acontecimentos recentíssimos, recordando-se, em compensação, dos fatos mais remotos e aceitava com uma infantil vaidade o papel de chefe da oposição moscovita. Apesar disto, quando, especialmente nas recepções, aparecia à hora do chá, de peliça curta e cabeleira empoada, e alguém o provocava, dando-se a contar, entrecortadamente, como sempre, anedotas de antanho, e formulando sobre o tempo presente juízos incisivos, em geral o sentimento de respeito que então provocava entre os seus convidados aquele velho palácio, com os seus grandes tremós, o seu mobiliário anterior à Revolução, os seus lacaios de cabeleira empoada e aquele velho do século passado, de modos bruscos mas inteligente, com uma filha tímida e uma francesa bonita, que o veneravam, representava para as visitas um espetáculo cheio de encanto. O que todos ignoravam, porém, é que, para além das duas ou três horas em que viam os donos da casa, havia vinte e duas de uma vida íntima e secreta. Nos últimos tempos, em Moscou essa vida tornara-se extremamente penosa para a princesa Maria. Faltavam-lhe as suas maiores alegrias: as longas conversas com os Homens de Deus e a solidão que em Lissia Gori a reconfortava de todos os seus desgostos. E em contrapartida não lhe era dado gozar de qualquer das vantagens e distrações da vida da capital. Não frequentava a sociedade; toda a gente sabia que o pai a não deixava sair sozinha e que ele, em virtude da precária saúde, a não podia acompanhar. Eis porque a não convidavam para jantares ou recepções. Perdera toda a esperança de casar. A frieza e o azedume com que o pai desde logo acolhia, para depois afastar, todos os rapazes em situação de a pedirem em casamento que porventura se atreviam a frequentar-lhe a casa eram do conhecimento público. Tão-pouco tinha amigas. Desde que chegara a Moscou perdera todas as ilusões sobre a conduta de duas pessoas a quem consagrara uma grande afeição. Mademoiselle Bourienne, com quem já não podia ser inteiramente franca, era-lhe agora abertamente desagradável, e Maria tinha razões para a manter afastada. Júlia, que vivia em Moscou, e com quem se carteara cinco anos, tornara-se-lhe uma estranha mal tivera oportunidade de privar diretamente

com ela. Esta sua amiga, que depois da morte dos irmãos se convertera numa das mais ricas herdeiras de Moscou, dera-se de corpo e alma ao turbilhão dos prazeres mundanos. Andava sempre rodeada de uma chusma de rapazes que, assim ela pensava, de um momento para o outro se tinham posto a apreciar-lhe os méritos. Chegara àquele período da vida das meninas de sociedade já maduras em que estas sentem ser o momento de aproveitar a última oportunidade, caso contrário nunca mais encontrarão marido. A princesa Maria, com um melancólico sorriso, todas as quintas-feiras se lembrava de que já a ninguém tinha que escrever, visto Júlia, essa Júlia cuja presença lhe não dava já qualquer alegria, viver a dois passos e todas as semanas se encontrarem. Tal qual esse velho emigrado que não quisera casar com a senhora em casa de quem passara todos os seus serões durante anos, ei-la que lamentava agora estar Júlia tão perto dela, privando-a assim de lhe escrever. Em Moscou ninguém mais tinha com quem falar e a quem confiar as suas tristezas, e agora muitas preocupações novas a torturavam. A data do regresso do príncipe André aproximava-se e o seu casamento também, e o certo é que ela não só se não desempenhara da missão de que ele a encarregara junto do pai, preparando-o para isso, como essa missão se lhe afigurava inútil: bastava ouvir o nome dos Rostov para o velho príncipe perder as estribeiras; aliás estava sempre de má catadura. Às demais preocupações que a afligiam viera juntar-se nestes últimos tempos as das lições que dava ao sobrinho, de seis anos. Verificara com terror no decurso destas lições dar mostras de uma irritabilidade muito semelhante à do seu velho pai. Por mais que a si própria dissesse que não devia exasperar-se, sempre que pegava no alfabeto francês para dar lição ao sobrinho, tão apressada se mostrava em iniciá-lo em tudo que ela própria sabia que à mais pequena desatenção da criança, de antemão receosa de encolerizar a tia, ficava nervosa, impacientava-se, exaltava-se, levantava a voz, chegando a dar-lhe beliscões e a mandá-la de castigo para o canto da casa. Depois de a castigar, chorava, acusando-se a si própria de ser má, e Nikoluchka, choroso também, lá vinha do seu canto, sem autorização, e aproximando-se da tia, num gesto carinhoso, puxava-lhe as mãos na cara úmida de lágrimas, consolando-a. O que mais a afligia no entanto era o carácter irascível do pai, que a tomara de ponta e cada vez estava mais duro para com ela. Se ele se lembrasse de a mandar passar a noite de joelhos, se lhe batesse, se a obrigasse a acarretar lenha ou água, nunca lhe teria passado pela cabeça considerar isto qualquer coisa de penoso; mas aquele verdugo, cruel sobretudo por muito lhe querer, e essa era a razão por que a atormentava a ela e se atormentava a si próprio, de propósito, não só a ofendia e humilhava, mas a todo o momento lhe queria mostrar como em tudo e por tudo procedia mal. Nos últimos tempos um fato novo surgira que ainda mais penalizara a princesa Maria: as atenções que ele

tributava a Mademoiselle Bourienne. Desde que soubera da inclinação do filho, metera-se-lhe na cabeça a tola mania de casar com Mademoiselle Bourienne caso André teimasse na sua ideia. Parecia sorrir-lhe esta perspectiva e naqueles últimos tempos, apenas para a humilhar — assim pensava Maria — dava-se ao capricho de se mostrar particularmente atencioso para com a francesa e irritado para com a filha, como se estivesse enamorado daquela.

Um dia, em Moscou, diante de Maria, que bem vira tê-lo ele feito de propósito, o velho príncipe beijou a mão de Mademoiselle Bourienne, e, puxando-a para si, abraçou-a com certa intimidade. A princesa Maria, muito corada, saiu da sala. Daí a pouco, Mademoiselle Bourienne veio ter com ela, muito sorridente, e pôs-se a contar-lhe qualquer coisa alegre com voz insinuante. Maria enxugou as lágrimas que lhe umedeciam o rosto, aproximou-se dela em passo resolutivo e sem se dar conta do que fazia, num acesso de cólera, gritou-lhe: “É feio, é baixo, é inumano tirar partido da fraqueza...” E sem concluir a frase: “Saia, saia daqui”, acrescentou, já em soluços.

No dia seguinte o príncipe não lhe dirigiu a palavra, e ao jantar Maria notou que ele dera ordem ao criado para servir Mademoiselle Bourienne em primeiro lugar. No fim da refeição, quando o lacaios, conforme o costume, servia o café principiando pela princesa, o príncipe, num súbito ataque de ira, atirou a bengala à cabeça do criado e imediatamente lhe deu ordem para que se alistasse como soldado.

— Não ouviste?... Disse-o duas vezes... Não ouviste? É a primeira pessoa da casa. É a minha melhor amiga! — vociferou ele — E tu — acrescentou, iracundo, dirigindo-se à filha pela primeira vez desde a véspera -, se te atreveres, se ousares outra vez, como ontem... esqueceres-te diante dela, eu te ensinarei quem é aqui o dono da casa. Fora, que eu te não volte a ver. Pede-lhe perdão.

A princesa Maria pediu perdão a Mademoiselle Bourienne e ao pai, em seu nome e no do lacaios Filipe, que lhe rogara intercedesse por ele.

Em tais momentos Maria sentia na alma um sentimento a que poderia dar-se o nome de orgulho do sacrifício. Logo em seguida, porém, aquele pai, a quem ela censurava, punha-se à procura das lunetas, às apalpadelas, sem ver, esquecendo coisas que acabavam de suceder, ou as débeis pernas lhe faziam dar um passo em falso, e ele voltava a cabeça para ver se alguém dera por isso ou, coisa bem pior ainda, quando não havia convidados ficava-se a dormir sentado à mesa, o guardanapo caído, enquanto a cabeça trêmula lhe pendia para o prato... “Tão velho e fraco e eu atrevo-me a censurá-lo!”, pensava a princesa, horrorizada consigo própria.

Capítulo III

Em 1810 vivia em Moscou um médico francês que gozava de grande voga. Era alto, elegante, amável, como todos os franceses e, segundo se dizia em Moscou, de extraordinário talento. Chamava-se Métivier. Na alta sociedade recebiam-no mais como amigo que propriamente como médico.

O príncipe Nicolau Andreievitch, que ria da medicina, aconselhado por Mademoiselle Bourienne, chamara-o nesses últimos tempos e acostumara-se a ele. Métivier visitava o príncipe duas vezes por semana.

No dia de S. Nicolau, festa onomástica do velho, todo Moscou se apresentou em sua casa, mas ele deu ordem para não receberem ninguém, salvo as pessoas íntimas, cuja lista confiara a Maria e a quem esta convidou para jantar.

Métivier, que viera pela manhã apresentar as suas felicitações, julgou conveniente, na sua qualidade de médico, forçar as ordens dadas, segundo disse à princesa Maria, e entrou para ver o príncipe. Aconteceu precisamente que nessa manhã o velho príncipe se achava num dos seus dias de má disposição. Começara o dia de um lado para o outro repreendendo toda a gente e fingindo não perceber o que lhe diziam e não ser compreendido pelos outros. Por demais conhecia Maria este estado de espírito em que o pai se mostrava de uma irascibilidade concentrada e aparentemente serena, e que, geralmente, terminava num ataque de fúria. Toda a manhã se sentira por isso como diante do cano de uma espingarda carregada, sempre à espera do tiro inevitável. Tudo correra bem até ao momento da chegada do médico. Depois de o ter acompanhado, foi sentar-se, com um livro, no salão, junto da porta donde poderia ouvir o que se passava no gabinete.

De princípio apenas lhe chegou aos ouvidos a voz de Métivier, depois ouviu a voz do pai e por fim as de ambos, que falavam ao mesmo tempo. Subitamente a porta abriu-se de par em par, surgindo no limiar a alta estatura do médico, com a sua carapinha preta e a cara espantada, e logo atrás o príncipe, de barrete de dormir e roupão, a máscara descomposta e os olhos fora das órbitas.

— Não comprehendes? — gritava-lhe ele. — Mas eu compreendo perfeitamente! Espião francês, lacaios de Bonaparte, espião, fora daqui! Fora daqui, fora daqui!... — E fechou-lhe a porta nas costas. Métivier, encolhendo os ombros, aproximou-se de Mademoiselle Bourienne, que acorrera, vinda da sala contígua, ao ouvir a gritaria.

— O príncipe não está muito bem de saúde. Está bilioso e delira. Mas sosseguem, eu volto amanhã — disse, pondo um dedo nos lábios, a pedir silêncio, saindo apressadamente.

Por detrás da porta ouviram-se os chinelos de quarto do príncipe e exclamações: “Espões! Traidores! Traidores por toda a parte! Já não pode uma pessoa estar sossegada em sua casa!”

Depois da saída de Métivier, o velho príncipe chamou a filha e sobre ela despejou toda a sua indignação. Era Maria quem tinha a culpa de aquele espião haver entrado em sua casa. Pois não fizera ele uma lista e não dera ordem para não deixarem entrar quem nela não figurasse? Por que tinham então aberto a porta àquele miserável? A culpa era dela. Por sua causa não podia ter um minuto de repouso, não podia morrer tranquilo — disse-lhe ele.

— Sim, minha menina, temos de nos separar, temos de nos separar! Fica sabendo, sim, fica sabendo! Já não posso mais — prosseguiu ele, dando um passo para a porta. E receoso, naturalmente, de que ela não tomasse a sério as suas palavras, voltou atrás e acrescentou, procurando manter a serenidade: — E não julgues que te digo isto num momento de exaltação. Estou sereno, tenho pensado muito e a minha última palavra é esta: separemo-nos. Arranje onde ficar!... — Não se conteve todavia por muito tempo e numa exaltação, só possível talvez no homem que muito ama, ergueu os punhos ameaçadores para a filha, ele próprio presa de um grande sofrimento, gritando:

— Ainda se houvesse um imbecil que casasse com ela! — Em seguida bateu com a porta, mandou chamar Mademoiselle Bourienne ao seu gabinete e sossegou.

Às duas horas chegaram as seis pessoas convidadas para jantar: o célebre conde Rostoptchine, o príncipe Lopukhine, com o sobrinho, o general Tchatrov, velho camarada do príncipe, e, entre os jovens, Pedro e Bóris Drubetskoi. Todos o aguardaram no salão.

Bóris, havia pouco chegado a Moscou em gozo de licença, desejara ser apresentado ao príncipe Nicolau Andreievitch e tão bem soubera conquistar-lhe as graças que este abrira uma exceção a seu favor, visto não receber jovens solteiros.

O palácio do príncipe não estava classificado entre as casas consideradas “da sociedade”: frequentava-o uma pequena roda, de que pouco se falava; contudo ser nele admitido constituía uma honra. Eis o que Bóris pudera perceber oito dias antes, quando, na sua presença, o conde Rostoptchine respondera ao general-governador, que o convidava para o jantar no dia de S. Nicolau, não poder aceitar o convite:

— Nesse dia vou sempre venerar as relíquias do príncipe Nicolau Andreievitch.

— Ah, sim, é verdade — respondera o general. — E ele como vai?

O pequeno grupo reunido antes do jantar no salão à moda antiga, com o seu velho mobiliário, dava a impressão de um conselho solene de juizes convocado para tomar uma deliberação. Mantinha-se calado, e quando alguém falava era em voz baixa.

O príncipe Nicolau Andreievitch estava grave e silencioso. A princesa Maria parecia mais tímida e doce do que nunca. Raramente os convidados lhe dirigiam a palavra, certos de que lhe não interessava o que estavam dizendo. Quem conduzia a conversa era o conde Rostoptchine, que falava dos últimos acontecimentos políticos e das novidades da capital. Tanto Lopukhine como o velho general poucas vezes abriram a boca.

O príncipe Nicolau Andreievitch ouvia, como um juiz supremo ouve a informação que lhe prestam, limitando-se a mostrar com o silêncio ou algumas breves palavras tomar nota do que lhe diziam. Tal era o tom da conversa, que logo se percebia ninguém aprovar o que estava acontecendo nos meios políticos.

O que se dizia dos acontecimentos confirmava plenamente irem as coisas de mal a pior. No entanto, algo era de notar no que cada um dizia ou no que cada um opinava: que o narrador se interrompia ou se via interrompido sempre que se aproximava daquele ponto em que a personalidade do imperador poderia estar em causa.

Durante o jantar falou-se das últimas novidades políticas: da ocupação pelo imperador dos franceses do grão-ducado de Oldemburgo e da nota russa, muito hostil à França, endereçada a todas as cortes da Europa.

— Bonaparte procede para com a Europa como um pirata na ponte de um navio conquistado — disse o conde Rostoptchine, repetindo uma frase que lhe andava na boca de há tempo àquela parte. — O que me surpreende é a apatia ou a cegueira dos reis. Agora é o papa quem está em jogo, e Bonaparte, que perdeu a vergonha, parece disposto a derrubar o chefe supremo da Igreja, e toda a gente fica calada! Só o nosso imperador protestou contra a ocupação do grão-ducado de Oldemburgo. E ainda isso... Rostoptchine calou-se, sentindo que chegara ao extremo limite onde todos os juízos eram suspensos.

— Ofereceram-lhe outras possessões em troca do ducado de Oldemburgo — interveio o príncipe Nicolau Andreievitch. — Procede para com os duques como eu para com os meus mujiques quando transportei os meus camponeses de Lissia Gori para Bogutcharovo e os meus domínios de Riazan.

— O duque de Oldemburgo enfrenta a desgraça com uma força de ânimo e uma resignação admiráveis — disse Bóris, tomando parte na conversa em tom respeitoso.

Falava desta maneira porque no momento de deixar Petersburgo tivera a honra de ser apresentado ao duque. Nicolau Andreievitch fitou o mancebo como se fosse sua intenção responder-lhe, mudando de parecer por julgá-lo, talvez, novo demais.

— Li o nosso protesto a propósito deste caso e fiquei surpreendido com a deplorável redação dessa nota — comentou Rostoptchine, no tom

indiferente de quem fala dum assunto muito do seu conhecimento.

Pedro olhou para ele com uma surpresa ingênua, sem compreender por que o preocupava tanto aquela má redação.

— O estilo que importa, conde — observou ele -, desde que o fundo seja enérgico?

— Parece-me, meu caro, que os nossos quinhentos mil homens nas fileiras deveriam inspirar-nos um bom estilo — disse Rostoptchine.

Pedro compreendeu então por que o inquietava, ao conde, a redação da nota.

— Parece-me que escribas não faltam agora — voltou o velho príncipe. — Lá em Petersburgo não fazem senão escrever, e não apenas notas, volumes inteiros cheios de novas leis. O meu Andriucha, só à sua parte, compôs um livro de leis para a Rússia. Hoje em dia passa-se a vida a escrever! — acrescentou, com um sorriso forçado.

A conversa cessou por um momento. O velho general chamou a atenção, tossicando.

— Ouviram falar do que aconteceu na parada de Petersburgo? Aquele comportamento do novo embaixador de França!

— Ah, sim, contaram-me: deu uma resposta inconveniente a Sua Majestade.

— Sua Majestade chamara-lhe a atenção para a divisão de granadeiros e o seu desfile em passo de parada — prosseguiu o general — e, ao que parece, o embaixador não só lhe não prestou a mínima atenção como se permitiu mesmo dizer-lhe que no seu país, em França, ninguém se preocupava com bagatelas daquela espécie. O imperador não se dignou responder e na parada seguinte, segundo se diz, nem uma só vez lhe dirigiu a palavra.

Toda a gente se conservou calada. Como o fato se referia ao imperador, não era possível fazer qualquer comentário.

— Insolentes! — exclamou o príncipe. — Conhecem o Métivier? Pu-lo na rua esta manhã. Apareceu aí, deixaram-no entrar, embora eu tivesse dado ordens para não permitirem a entrada fosse a quem fosse — acrescentou, lançando um olhar irritado à filha. E pôs-se a contar o que se passara entre ele e o francês, e as razões que o levavam a acreditar tratar-se de um espião. Embora as suas razões fossem praticamente improcedentes e muito pouco claras, ninguém fez qualquer objeção.

Depois do assado foi servido o champanhe. Os convidados ergueram-se para felicitar o velho príncipe. Maria também se aproximou.

O príncipe olhou-a com frialdade e dureza enquanto lhe oferecia a rugosa cara barbeada de fresco. Maria compreendeu que a conversa dessa manhã

não estava esquecida e que a resolução do pai se mantinha inabalável; só a presença dos convidados o retinha.

Quando passaram ao salão para tomar o café, os velhos sentaram-se todos juntos.

O príncipe Nicolau Andreievitch animou-se um pouco mais e expôs o que pensava a respeito da guerra futura.

Disse que as guerras com Bonaparte não teriam êxito enquanto os russos se obstinassem em procurar aliar-se aos alemães e interviessem nos assuntos europeus, e a isso se viam arrastados pela paz de Tilsitt. — Os russos não deviam intervir nem contra a Áustria nem a seu favor. A nossa política está toda no Oriente, e, no que diz respeito a Bonaparte, só temos uma coisa a fazer: armar a nossa fronteira e mostrarmo-nos firmes. Eis a maneira de ele nunca mais transpor a nossa fronteira, como aconteceu em 1807.

— E como poderíamos lutar contra os franceses, príncipe? — interrogou então o conde Rostoptchine. — Poderemos acaso armar-nos contra nossos amos e deuses? Ponde os olhos na nossa juventude, olhai para as senhoras da nossa sociedade. Os nossos deuses são os franceses, o nosso éden é Paris — prosseguiu mais alto, naturalmente para que todos o ouvissem. — Modas francesas, ideias francesas, sentimentos franceses, tudo é francês! Pôs na rua o Métivier, por ser francês e canalha, mas as nossas belas damas rojam-se-lhe aos pés. Ainda ontem estive numa recepção: das cinco senhoras presentes, três eram católicas e bordavam ao domingo, com autorização especial do papa. Pois estavam quase nuas como se fossem tabuletas de um balneário, com sua licença. Ah! príncipe, quando ponho os olhos na nossa juventude, vêm-me ganas de ir buscar o bastão de Pedro, o Grande, ao museu e de lhe dar uma sova à russa. Talvez assim lhe passasse a maluqueira! — Fez-se silêncio. O velho príncipe olhava Rostoptchine, aprovando com a cabeça, o rosto iluminado por um sorriso.

— Bom, adeus, excelência. Muita saúde! — acrescentou Rostoptchine, erguendo-se e estendendo a mão ao príncipe, com a brusquidão que lhe era peculiar.

— Adeus, meu caro. E o teu gusli⁵⁷? Sempre gostei muito de o ouvir — disse o velho príncipe, retendo entre as suas as mãos de Rostoptchine, enquanto lhe dava a cara a beijar. Seguindo o exemplo de Rostoptchine, os demais ergueram-se também.

Capítulo IV

A princesa Maria, que assistira à cavaqueira dos velhos, nada compreendera do que eles disseram. Só tinha uma preocupação: que os convidados não percebessem o seu desacordo com o pai. Não reparara sequer nas atenções e amabilidades que Drubetskoi lhe testemunhara durante todo o jantar. Era a terceira visita que lhe fazia. Com um olhar interrogador e distraído, a princesa dirigiu-se a Pedro, que, de chapéu na mão e muito sorridente, se aproximou dela depois de o príncipe sair, quando ficaram sós no salão.

— Posso ficar mais um bocadinho? — disse ele, deixando cair o corpanzil numa poltrona, junto da princesa.

— Com certeza — volveu ela. “Notou alguma coisa?” lia-se-lhe no olhar.

Pedro estava muito bem disposto, como era seu costume após os repastos. Sorria docemente, olhando, vago, em torno de si.

— Há muito tempo que conhece este rapaz, princesa? — perguntou.

— Que rapaz?

— Drubetskoi.

— Não, há pouco...

— E gosta dele?

— Gosto, é um rapaz agradável... Porque mo pergunta? disse ela, sempre preocupada com a conversa que tivera com o pai nessa manhã.

— Porque observei uma coisa: não é natural que um rapaz venha de Petersburgo a Moscou noutra intenção que não seja a de arranjar um casamento rico.

— Notou isso? — volveu ela.

— Notei — prosseguiu ele, sorrindo — e esse rapaz costuma aparecer sempre onde há herdeiras ricas. Leio-lhe na alma como num livro aberto. A esta hora está ele a perguntar a si mesmo por qual das duas deve principiar o ataque: por si ou pela Júlia Karaguine, junto de quem é muito assíduo.

— Costuma lá ir?

— Sim, muitas vezes. E sabe como é moda agora fazer a corte às senhoras? — disse ele, com um sorriso jovial, naturalmente num desses momentos de indulgente ironia de que não poucas vezes se lamentava no diário.

— Não — tornou Maria.

— Agora, para agradar às meninas casadouras de Moscou, é preciso ser melancólico. E mostra-se muito melancólico junto de Mademoiselle Karaguine — disse Pedro.

— Ah, sim? — tornou ela, fitando o bondoso rosto do moço, sem esquecer o seu desgosto: “Seria um alívio para mim poder confiar as minhas preocupações a alguém”, pensava ela. “E o Pedro é a pessoa a quem eu gostaria de contar tudo. Tem tão bom coração! É tão nobre! Que bem me faria! Podia dar-me um conselho!”

— Era capaz de casar com ele? — perguntou Pedro.

— Oh! meu Deus, conde! Há momentos em que casaria fosse com quem fosse — exclamou Maria, quase inconscientemente, com um soluço na garganta. — Oh! é tão triste gostarmos de alguém e sentirmos que somos um motivo de desgosto para esse alguém, sobretudo quando sabemos que é sem remédio — acrescentou em voz trêmula. — Só há uma solução: afastarmo-nos. Mas eu, para onde hei de eu ir?

— Que tem? Que é isso, princesa?

A princesa Maria rompeu num choro convulso.

— Não sei o que tenho hoje. Não ligue importância, esqueça que acabo de lhe dizer.

A alegria de Pedro desapareceu. Pôs-se a interrogar carinhosamente a princesa, pediu-lhe que lhe contasse tudo, que lhe confiasse o seu desgosto. Ela, porém, limitou-se a pedir-lhe que esquecesse o que lhe dissera, que ela já de nada se lembrava, que não havia na sua vida outros desgostos além daqueles que ele muito bem conhecia, visto o casamento de André pôr em perigo as relações do pai com o filho.

— Tem tido notícias dos Rostov? — perguntou ela para mudar de conversa. — Disseram-me que estão para chegar em breve. Também espero o André de um dia para o outro. Muito gostaria que se encontrassem aqui.

— Como encara ele atualmente o casamento? — perguntou Pedro, referindo-se ao velho príncipe.

Maria abanou a cabeça.

— Que havemos nós de fazer? Poucos meses faltam já para terminar o prazo de um ano. E não pode ser. Desejaria poupar a meu irmão as primeiras horas do seu regresso. Seria melhor que eles chegassem primeiro. Gostaria de ter uma conversa com ela. Já que os conhece tão bem e há tanto tempo, diga-me, com a mão no coração, o que pensa de tudo isto: que espécie de pessoa é ela e qual a sua opinião a seu respeito? Peço-lhe que me fale com toda a franqueza. Casando contra vontade do pai, o André arrisca-se tanto que eu gostaria de ter a certeza...

Um instinto obscuro fez saber a Pedro que por detrás destas instâncias e destes reiterados pedidos da princesa Maria para lhe falar com toda a franqueza se escondia, da parte dela, uma certa má vontade para com a futura

cunhada, e que era seu desejo que ele não aprovasse a escolha de André. Pedro, contudo, disse mais o que sentia do que o que pensava.

— Não sei como hei de responder à sua pergunta — balbuciou, corando sem saber por quê. — Não lhe posso dizer de maneira alguma que espécie de menina ela é. Não me é possível analisar-lhe o caráter. É uma pessoa encantadora, mas por quê? Não sei. E nada mais lhe sei dizer.

A princesa Maria suspirou e no seu rosto lia-se: “Sim, era isto mesmo que eu esperava e que também receava.”

— É inteligente? — perguntou ela.

Pedro ficou um momento calado a refletir.

— Talvez não e talvez sim — redarguiu. — Ser inteligente nada lhe diz a ela... Basta-lhe ser encantadora, e é tudo.

A princesa Maria voltou a abanar a cabeça com uma expressão de quem desaprova.

— Oh! queria tanto gostar dela! Diga-lhe isso mesmo, se por acaso a vir antes de mim.

— Ouvi dizer que está para chegar por estes dias — replicou ele.

Maria expôs a Pedro o seu projeto de a visitar, assim que a família chegasse a Moscou, e a intenção em que estava de fazer tudo para que o velho príncipe a recebesse.

Capítulo V

Bóris, que perdera um rico casamento em Petersburgo, viera a Moscou arranjar outro. Hesitava entre os dois partidos mais ricos da capital: Júlia e a princesa Maria. Apesar da sua fraca beleza, a princesa parecia-lhe, evidentemente, mais sedutora do que Júlia, mas a verdade é que de certo modo experimentava uma espécie de embaraço na corte que lhe fazia. A última vez que a vira, no dia do aniversário do velho príncipe, sempre que tentara declarar-se-lhe, ela respondera-lhe distraidamente, sem perceber, com efeito, o que ele pretendia dela.

Júlia, pelo contrário, embora de uma forma muito especial, e bem sua, aceitara com agrado os seus galanteios.

Tinha então Júlia perto de vinte e sete anos. Com a morte dos seus dois irmãos ficara riquíssima. Já não era bonita. No entanto, não só se tinha na conta de muito bela, como se julgava ainda mais sedutora do que antigamente. O que lhe alimentava este erro era antes de mais nada o fato de ter passado a ser um riquíssimo partido, e em segundo lugar o pensar que quanto mais envelhecia menos perigosa se tornava para os homens, que se achavam no direito de ter mais liberdades para com ela e, sem assumirem qualquer responsabilidade, beneficiarem dos seus jantares, das suas recepções e da agradável sociedade que se reunia em sua casa. Aquele que, dez anos antes, tivesse evitado frequentar assiduamente o lar onde havia uma menina de dezassete primaveras, com receio de a comprometer ou de se comprometer, agora pouco se lhe daria apresentar-se todos os dias nos seus salões e de a tratar não como donzela casadoura, mas como alguém de agradável convívio cujo sexo pouco importa.

Naquele inverno o salão das Karaguine era considerado entre os mais brilhantes e hospitaleiros de Moscou. Não contando com as recepções e os jantares especiais, todos os dias se reunia em casa das Karaguine numerosa sociedade, principalmente masculina. Ceava-se por volta da meia-noite, e ali se ficava até cerca das três horas da madrugada. Júlia não faltava a um baile, a um passeio, a um espetáculo. Vestia à última moda. No entanto, cultivava o gênero de quem está desencantada de tudo: dizia a toda a gente não acreditar nem na amizade, nem no amor, nem em qualquer das alegrias da vida e não esperar sossego senão no além. Adotava o tom da mulher que passou por uma grande decepção, como se tivesse perdido um ser adorado ou houvesse sido cruelmente enganada. Embora nada disso lhe tivesse acontecido na vida, todos fingiam acreditá-la, e o certo é que ela própria acabara por convencer-se de que efetivamente sofrera grandes desgostos. Esta disposição melancólica, que a não impedia de se divertir, tão-pouco impedia os rapazes que frequentavam a sua casa de passarem muito bem o seu tempo. Todos os seus convidados principiavam por

pagar tributo à melancolia da dona da casa, para depois se darem com o maior entusiasmo à conversa mundana. À dança, aos jogos de salão e às frases rimadas, então em moda na sua roda. Só alguns rapazes, entre os quais Bóris, acompanhavam mais de perto a melancolia de Júlia, e ela gostava de ter com eles colóquios prolongados e solitários sobre a vaidade das coisas deste mundo, e mostrava-lhes os seus álbuns, cheios de desenhos, de pensamentos e de poesias repassados da mais pungente tristeza.

Júlia mostrava-se particularmente carinhosa com Bóris: lamentava o seu prematuro desencanto da vida e prodigalizava-lhe as consolações da amizade nas suas possibilidades, dela, que tanto sofrera já, devassando-lhe o seu álbum. Nele desenhara Bóris duas árvores com esta legenda: “Arbustos bravios, vossos ramos sombrios derramam trevas e melancolia.”

Noutra página desenhara um túmulo e escrevera:

*A morte é misericordiosa e
apaziguadora
Não há outro refúgio contra a
dor.*

— Há algo tão delicioso no sorriso da melancolia — dizia-lhe ela, repetindo, palavra a palavra, a frase que lera num livro. — É um raio de luz no meio das trevas, cambiante entre a dor e o desespero, que aponta a possível consolação.

E a isto respondera Bóris com os seguintes versos:

*Venenoso alimento de uma
alma sensível.
Tu, sem quem a felicidade seria
impossível.
Terna melancolia, ah! vem
consolar-me,
Vem, serena os tormentos deste
sombrio refúgio,
E mistura uma secreta doçura
Às lágrimas que sinto correr.*

Júlia tocava na sua harpa os mais plangentes noturnos para Bóris ouvir, e ele, que lhe lia em voz alta a Pobre Lisa estrangulado pela emoção, via-se por vezes obrigado a interromper a leitura. Quando se encontravam na sociedade, seus olhares diziam um ao outro serem eles os únicos a quem era indiferente o que se passava à sua volta e que só eles se compreendiam.

Ana Mikailovna, que vinha muitas vezes visitar as Karaguine, organizava partidas de cartas para a mãe de Júlia e ia-se informando do dote da

filha: dote esse que consistia nas suas propriedades de Penza e em florestas em Nijni-Novgorod. Plenamente submissa à vontade da Providência e sempre muito humilde, encarava com simpatia a dor etérea que unia a rica Júlia a seu filho.

— Sempre encantadora e melancólica, esta querida Júlia. — dizia-lhe ela. — Bóris tem-me dito que só nesta casa a sua alma tem descanso. Tem tido tantas decepções e é tão sensível! — acrescentava, para a mãe. — Oh! meu querido, nem sabes como me tenho dedicado a Júlia nestes últimos tempos! — comunicava ao filho. — E realmente quem não há de gostar dela! É um anjo do Céu! Oh. Bóris. Bóris! E a pena que eu tenho da mãe dela! — prosseguia, após uma curta pausa. — Ainda hoje me esteve a mostrar as cartas e as contas que lhe mandam de Penza, onde têm uma propriedade imensa. Pobre senhora, vê-se obrigada a fazer tudo sozinha, e estão sempre a enganá-la!

Bóris sorria imperceptivelmente ao ouvir a mãe. Esta ingênua astúcia despertava nele um sorriso afável, mas ouvia-a com atenção e às vezes fazia-lhe perguntas sobre as propriedades de Penza e de Nijni.

Júlia esperava havia muito que o seu melancólico adorador se declarasse, disposta, está claro, a não o repelir. Mas uma repulsa secreta, sobretudo perante o violento desejo em que ela estava de arranjar um marido, a sua pouca naturalidade, o terror de ter de renunciar para sempre a um amor sincero, ainda detinham Bóris. Aproximava-se o termo da licença que gozava. Levava dias inteiros em casa das Karaguine, mas todos os dias, refletindo, adiava para o dia seguinte a declaração. Diante de Júlia, perante aquele seu rosto e aquele seu queixo já sarabulhentos e cobertos de pó-de-arroz, diante daqueles seus olhos úmidos, daquela sua expressão pronta a passar da melancolia ao entusiasmo exaltado se alguém se lembrasse de a pedir em casamento, Bóris sentia-se incapaz de pronunciar as palavras decisivas, embora de há muito, em imaginação, se visse possuidor dos seus imensos domínios e a empregar à larga os seus rendimentos. Júlia notava a indecisão de Bóris, pensando às vezes que lhe não agradava, se bem que a sua vaidade feminina logo lhe viesse oferecer consolações e ela se pusesse a dizer para si mesma que era o amor afinal que o tornava tão tímido. No entanto, a melancolia de Júlia ameaçava tornar-se exaspero e eis como pouco tempo antes do dia marcado para a partida de Bóris pôs em prática um enérgico plano de campanha. Na altura em que ia terminar, porém, a licença do seu pretendente, chegava a Moscou, e, como é natural, logo apareceu no seu salão, Anatole Kuraguine, e Júlia, dizendo adeus à melancolia, imediatamente se mostrou alegríssima, testemunhando ao recém-chegado a mais acentuada preferência.

— Meu caro — disse Ana Mikailovna ao filho — sei de fonte segura que o príncipe Basílio mandou o filho a Moscou para o fazer casar com Júlia.

Gosto muito dela e tenho pena que isso aconteça. Que pensas tu?

A ideia de passar por tolo e de haver desbaratado inutilmente todo aquele mês de galã melancólico junto de Júlia, vendo cair nas mãos de outro todos os rendimentos de Penza e congêneres, aos quais, em imaginação, já dera bom destino, e principalmente o saber que esse outro era o imbecil do Anatole, fê-lo perder a cabeça. Acorreu à casa das Karaguine decidido a declarar-se. Júlia recebeu-o sorridente e com um ar distraído, contando-lhe, negligente, quanto se divertira no baile da véspera e depois perguntou-lhe quando tencionava partir. Bóris, que viera disposto a falar-lhe do seu amor e resolvido a mostrar-se carinhoso, não pôde deixar de lamentar, em tom acerbo, a inconstância das mulheres e a facilidade com que elas trocam a dor pela alegria, acrescentando que o seu estado de espírito só depende afinal daqueles que as cortejam. Júlia, ofendida, replicou-lhe que efetivamente tinha razão, que as mulheres apreciam a variedade e que nada é mais enfadonho para elas que a monotonia.

— Por isso mesmo aconselho-a... — principiou Bóris, procurando ferir Júlia. Nesse momento, contudo, lembrou-se da humilhação que seria para ele deixar Moscou sem atingir o seu objetivo e perdidos todos os seus passos, coisa que jamais lhe acontecera.

Calou-se no meio da frase, baixando os olhos para não ver a expressão irritada e resoluta que se pintara no rosto dela e disse-lhe:

— Não foi para me zangar consigo que aqui vim. Pelo contrário...

Fitou-a, a ver se devia prosseguir. Toda a irritação lhe desaparecera do rosto e os seus olhos implorativos e inquietos pousavam-se nele numa febril ansiedade. “Hei de arranjar maneira de vê-la o menos que puder”, dizia Bóris de si para consigo. “Já que as coisas chegaram até aqui, é bom que tenham um fim.” Corou muito, ergueu os olhos para ela e murmurou:

— Bem sabe o que sinto por si!

Não precisava de dizer mais. Júlia resplandecia de contentamento e triunfo. Mas obrigou Bóris a pronunciar as palavras que se dizem habitualmente em tais circunstâncias: que a amava e que nunca pensara noutra mulher com aquele entusiasmo... Júlia sentia, em nome dos seus domínios de Penza e das suas florestas de Nijni, que tinha o direito de o exigir, e obteve o que tanto desejava.

Os noivos, sem tornarem a falar das “árvores que os cobriam de trevas e melancolia”, fizeram os seus projetos para se instalarem num luxuoso palácio em Petersburgo, visitaram as pessoas conhecidas e consagraram-se aos preparativos do brilhante enlace.

Capítulo VI

O conde Ilia Andreitch, em fins de janeiro, chegou a Moscou na companhia de Sônia e Natacha. A condessa, sempre doente, não estava em condições de viajar e era impossível permanecer na aldeia até ao seu restabelecimento. O príncipe André era esperado de um dia para o outro; além disso havia que tratar do enxoval, vender a propriedade dos arredores de Moscou e aproveitar a estada do velho príncipe na capital para lhe apresentar a futura nora. A residência dos Rostov não estava aquecida, a família demorava-se pouco e a condessa não o acompanhava — eis as razões que levaram Ilia Andreitch a instalar-se em casa de Dmitrievna Akrossimova, que tantas vezes lhe oferecera a sua hospitalidade.

Já pela noite adiante, as quatro carruagens que conduziam os Rostov penetraram no pátio de Maria Dmitrievna, na rua das Velhas Cavalariças. Esta senhora vivia sozinha. Casara a filha e todos os seus filhos estavam no exército. Conservava-se tão direita como noutro tempo. Falava sem papas na língua, dizia o que pensava com toda a franqueza e em voz alta e parecia censurar aos outros com toda a sua pessoa as fraquezas e paixões que não admitia. Levantava-se muito cedo e apenas com um penteador pelos ombros consagrava-se aos trabalhos caseiros e depois da igreja às compras. Assistia todos os domingos à missa e ia visitar os cárceres, onde a levavam assuntos que a ninguém comunicava. Nos dias de semana, assim que se arranjava, recebia visitantes de condições diversas, que diariamente lhe acorriam a casa, e depois jantava. Das refeições, suculentas e abundantes, compartilhavam sempre três ou quatro convidados. Em seguida vinha a partida de boston. Ao serão tinha quem lhe lesse os jornais em voz alta e os livros novos enquanto tricotava. Raramente fazia visitas, e se se permitia qualquer exceção era apenas para ir à casa das pessoas mais importantes da cidade.

Ainda não estava deitada quando os Rostov chegaram. Ouviu ranger os gonzos da porta do vestíbulo, que se abria para deixar entrar os viajantes e a sua gente e o frio que vinha lá de fora. De lunetas acavaladas no nariz, a cabeça repuxada para trás, lá estava, de pé, no limiar da porta da sua grande sala, olhando com o seu ar severo e furioso. Dir-se-ia irritada por vê-los chegar e pronta a correr com eles, mas a verdade é que dera logo ordens para instalarem os viajantes e as bagagens.

— São do conde? Trá-las para aqui — dizia ela, apontando para as malas, sem cumprimentar ninguém. — São das meninas? Para ali, pela direita. Que estão vocês para aí a fazer com tantas contumélías? — gritou para as criadas. — Tratem de acender o samovar! Engordaste, estás mais bonita! — exclamou, agarrando Natacha, muito vermelha do frio, pela ponta do capuz. — Oh, estás

gelada! Trata de te despir imediatamente. Está gelada, palavra! — repetiu, ao ver o conde, que se dispunha a beijar-lhe a mão. — Deem-lhe rum com o chá! Soniuchka, bom dia — disse, por fim, dirigindo-se a Sônia, pondo na saudação um matiz de à-vontade afetuoso, como era seu costume quando falava com ela.

Depois de mudarem de fato e de se haverem recomposto da fadiga da jornada, foram tomar chá, e Maria Dmitrievna a todos beijou, um por um.

— É com a maior alegria que vos vejo hóspedes da minha casa — disse ela. — Ah! Já não era sem tempo! — acrescentou, piscando o olho, significativamente, para Natacha. — O velho está em Moscou e o filho é esperado de um momento para o outro. Sim, é preciso, é preciso que o conheças. Bom, temos tempo de falar nisso — prosseguiu ela, relanceando um olhar a Sônia que significava não desejar abordar o assunto diante dela. — E agora ouve — continuou, voltando-se para o conde. — Que pensas fazer amanhã? Quem vais mandar vir? Chinchine? — perguntou, contando pelos dedos. — A chorona de Ana Mikailvona? — E dobrou outro dedo. — Está aí com o filho. Já sabes? O filho vai casar! Quem mais? Bezukov? Também aí está com a mulher. Tinha-a posto com dono, mas ela tratou de lhe deitar a mão. Jantou aqui na terça-feira. E quanto a elas — apontou para as meninas — vão amanhã comigo a Iverskaia e depois a Madame Aubert-Chalmé⁵⁸. Não é verdade que querem tudo novo? Não me vão imitar a mim. Agora as mangas usam-se assim... No outro dia a princesa Irene Vassilievna, a nova, veio visitar-me: era de meter medo! Parecia que tinha dois barris em cada braço. De resto, a esta hora já a moda é outra. Muda todos os dias. E tu, pessoalmente, que te traz por cá? — perguntou ela ao conde, reassumindo a sua expressão severa.

— Tudo se juntou ao mesmo tempo — replicou o conde. — É preciso tratar dos trapos e arranjar um comprador para a minha propriedade e para a casa de Moscou. Se não fosse muita maçada, aproveitava para ir a Marinskoie e deixar-lhe-ia as minhas garotas.

— Pois sim. Na minha casa estarão seguras. Irão comigo aonde for preciso. Saberei ralhar com elas, mas também lhes saberei dar mimos — disse Maria Dmitrievna, acariciando com a sua manápula as facezinhas da afilhada e menina preferida que era Natacha.

Na manhã do dia seguinte, Maria Dmitrievna levou as meninas a Iverskaia e à loja de Madame Aubert-Chalmé. Esta tanto medo tinha dela que lhe cedia sempre os tecidos pelo preço mais baixo, na esperança de a ver pelas costas o mais depressa possível. Maria Dmitrievna encomendou-lhe a maior parte do enxoval. De regresso a casa despediu toda a gente menos Natacha, a quem mandou sentar numa poltrona a seu lado.

— Pois bem, agora vamos conversar um bocadinho. Dou-te os meus parabéns pelo noivo que arranjaste. Apanhaste um dos bons! Estou muito contente por ti. Conheci-o ainda ele era deste tamanho... — Pusera a mão espalmada a uma archina do soalho. Natacha corara de satisfação. — Gosto muito dele e de toda a sua família. E agora, ouve. Como sabes, o velho príncipe Nicolau não gosta lá muito que o filho se case. Que velho casmurro! Está claro que o príncipe André não é uma criança e dispensará o consentimento do pai. No entanto, a verdade é esta: não é bom uma pessoa entrar numa família contra vontade do chefe. É bem melhor conseguir a paz, fazer com que gostem de nós. Não és tola, espero que te saibas sair bem. Procede com tato e inteligência e tudo acabará pelo melhor.

Natacha conservava-se calada, por timidez, supunha Maria Dmitrievna; mas na realidade não estava contente que viessem imiscuir-se nos seus problemas sentimentais com o príncipe André. Eram tão diferentes de todos os demais problemas humanos, que ninguém, em sua opinião, poderia compreendê-los. Só o amava e conhecia a ele; ele também lhe queria e ia chegar de um momento para o outro e casar com ela. Nada mais era preciso.

— Sabes? Conheço-o há muitos anos, a ele e à Machenka, de quem gosto muito também. Cunhadas são cunhadas, é verdade, mas esta não é capaz de fazer mal a uma mosca. Pediu-me que te levasse a sua casa. Irão lá amanhã, tu e teu pai; sê carinhosa com ela. És mais nova. Quando ele chegar já tu a conhecerás e terás visto o pai e assim todos estarão a gostar de ti. Não é verdade? Não achas muito melhor assim?

— Claro — respondeu Natacha, contrariada.

Capítulo VII

No dia seguinte, de acordo com o conselho de Maria Dmitrievna, o conde Ilia Andreitch dirigiu-se com Natacha à casa do príncipe Nicolau Andreievitch. O conde não morria de amores por aquela visita: no fundo tinha medo da entrevista. Lembrava-se da última vez que vira o velho, na altura da formação da milícia, quando em resposta ao convite para jantar que lhe endereçara fora mimoseado com uma série de impropérios por não ter fornecido o número de homens suficiente. Natacha, com o seu mais lindo vestido, estava, pelo contrário, muito bem disposta. “É impossível que me não achem simpática”, dizia de si para consigo. “Toda a gente gosta de mim. Estou disposta a fazer por eles tudo o que quiserem, a gostar do velho, que é seu pai, e dela, que é sua irmã. Não posso compreender por que não hão de gostar de mim!”

Tinham chegado à velha e sombria casa de Vozdvijenka e entraram para o vestíbulo.

— Bom, que Deus nos abençoe! — exclamou o conde, meio sério meio a rir. Natacha notou a agitação do pai ao entrar e que fora em voz baixa e tom humilde que perguntara se o príncipe e a princesa estavam em casa.

Quando se soube quem eram os visitantes, houve grande rebuliço entre a criadagem. O lacaios que fora anunciá-los viu-se detido no salão por um dos seus camaradas e ambos se puseram a segredar qualquer coisa. Também apareceu uma criada de quarto que lhes disse, muito à pressa, algumas palavras sobre a ama. Finalmente surgiu um velho lacaios, de ar severo, que declarou aos Rostov que o príncipe não podia recebê-los, mas que a princesa Maria pedia o favor de entrarem para os seus aposentos.

Mademoiselle Bourienne foi a primeira a receber as visitas. Acompanhou-as com extrema cortesia, conduzindo-as junto da princesa. Esta, com o rosto transtornado e em pânico, as faces cobertas de placas vermelhas, veio ao encontro deles no seu andar pesado, tentando debalde aparentar expressão despreocupada e alegre. Natacha não lhe agradou logo ao primeiro golpe de vista. Pareceu-lhe demasiado elegante e de uma alegria frívola e vaidosa demais. Não se dava conta de que antes de ter posto os olhos na sua futura cunhada já estava mal disposta para com ela graças à inveja involuntária que lhe despertavam a sua beleza, a sua mocidade, a sua felicidade e o amor que lhe tinha o irmão. Além disso, ainda estava perturbadíssima com o incidente que acabava de se dar. O pai, quando lhe anunciaram as visitas, pusera-se a gritar não estar disposto a recebê-las, que Maria o fizesse, se assim queria, mas que era escusado pensarem em conduzi-las à sua presença. A princesa decidira recebê-las, mas receava que, de um momento para o outro, o pai fizesse algum escândalo, tão excitado parecia.

— Pois bem, minha querida princesa, aqui lhe trago a minha cantora — disse o conde, numa mesura, enquanto olhava para a direita e para a esquerda, sempre à espera, cheio de medo, de ver surgir o velho príncipe. — Gosto tanto que se conheçam... Que pena, que pena o príncipe continuar adoentado. — Em seguida, após mais alguns lugares-comuns, levantou-se. — Se me dá licença, princesa, enquanto vou aqui ao lado, à Praça dos Cães, à casa de Ana Semionovna, deixo consigo a minha Natacha. É questão de um quarto de hora. Venho já buscá-la.

Ilia Andreitch inventara aquele estratagema diplomático, assim o confessou à filha depois, para que as futuras cunhadas falassem com toda a franqueza e também para evitar encontrar-se com o príncipe, a quem tanto receava. Isto não o disse ele a Natacha, mas esta percebeu o terror e a inquietação do pai e não pôde deixar de se sentir melindrada. Corou de vergonha por ele, e o ter corado ainda mais a irritou. O seu olhar ousado e provocante, que dizia não ter medo de pessoa alguma, fixou-se na princesa. Esta entretanto respondera ao conde ter o maior prazer e que só uma coisa lhe pedia, o demorar-se quanto mais melhor. E Ilia Andreitch desapareceu.

Mademoiselle Bourienne, apesar dos olhares impacientes com que Maria a dardejava, ansiosa por ficar só com Natacha, não saía da sala e continuava a falar das diversões e dos teatros de Moscou. Natacha sentia-se magoada ao mesmo tempo pela confusão que presenciara no vestíbulo, pela apreensão do pai e pelo tom forçado da princesa, que dir-se-ia fazer um grande favor em recebê-la. Tudo isto lhe era muito desagradável. Não gostou da princesa Maria. Pareceu-lhe muito feia, afetada e seca. Sentiu de súbito crispar-se-lhe a alma e assumiu sem querer um ar de indiferença que ainda mais contribuiu para afastar de si a interlocutora. Cinco minutos depois de terem encetado uma conversa forçada e penosa ouviram-se os passos rápidos de um homem arrastando chinelos de quarto. A princesa Maria ficou lívida. A porta abriu-se e entrou o príncipe, de roupão e gorro branco.

— Oh! menina — exclamou -, a senhora condessa... a condessa Rostov, se não estou em erro... Queira desculpar. Mil perdões... Não sabia, menina. Juro por Deus que ignorava que nos tivesse dado a honra de visitar-nos. Era no quarto de minha filha que eu julgava entrar... vestido desta maneira. Queira desculpar... Juro por Deus que não sabia — repetiu, num tom tão pouco natural, acentuando a palavra “Deus”, e tão desagradável, que a princesa Maria permaneceu calada, de olhos baixos, sem ter coragem de olhar o pai nem Natacha.

Natacha, que se levantara, e depois voltara a sentar-se, também não sabia que fazer. Só Mademoiselle Bourienne continuava a sorrir.

— Queira desculpar, queira desculpar. Juro por Deus, não sabia — roncou o velho, que, depois de mirar Natacha dos pés à cabeça, abalou dali.

Mademoiselle Bourienne foi a primeira a recompor-se após esta aparição, pondo-se a falar da pouca saúde do príncipe. Natacha e Maria olhavam uma para a outra sem dizer palavra e à medida que este exame mútuo se prolongava, sem que qualquer delas quisesse exprimir o que sentia, dir-se-ia ir crescendo a antipatia que experimentavam uma pela outra.

Quando o conde voltou, Natacha nada fez para esconder a alegria que sentiu e logo se deu pressa de partir. Naquele momento quase odiava aquela princesa seca e envelhecida que a obrigava àquela situação desagradável, tornando possível passarem juntas meia hora sem dizer uma palavra acerca do príncipe André.

“Não podia ser eu a primeira a falar dele, e ainda por cima na presença desta francesa”, dizia para si própria. A Maria atormentava-a o mesmo pensamento. Sabia o que devia ter dito a Natacha, mas não o pudera fazer, primeiro por sentir-se embaraçada com a presença de Mademoiselle Bourienne, e depois, sem que soubesse por quê, por lhe ser penoso falar daquele casamento. No momento em que o conde saía, Maria aproximou-se de Natacha e, pegando-lhe resolutamente na mão, disse-lhe num profundo suspiro:

— Espere, eu quereria...

Sem saber por quê, Natacha olhou para ela com ar trocista.

— Querida Natália — disse Maria -, não quero deixar de lhe manifestar a alegria que sinto por meu irmão ter encontrado a felicidade...

Calou-se, sentindo não dizer a verdade. Natacha notou esta hesitação e adivinhou — lhe a causa.

— Parece-me, princesa, que passou já o momento de falar no assunto — volveu Natacha com uma dignidade e uma frieza aparentes, sentindo a voz embargada pelos soluços.

“Que disse eu? Que disse eu?”, pensou ao transpor a porta da sala.

Naquele dia esperaram muito tempo Natacha para jantar. Fechada no seu quarto, soluçava como uma criança, dolorosamente sentida. Sônia, de pé, junto dela, beijava-lhe os cabelos.

— Natacha, por que choras? — dizia-lhe ela. — Para que hás de preocupar-te com eles? Tudo passará, Natacha.

— Ah, se tu soubesses o que custa... É como se eu...

— Não falemos mais nisso, Natacha. Não tens culpa. Então por que te preocupas? Dá cá um beijo, anda — murmurou Sônia.

Natacha ergueu a cabeça e beijou a amiga nos lábios, apertando contra o dela o seu rosto, banhado de lágrimas.

— Não sei, não sei. Ninguém é culpado — balbuciou Natacha. — Sou eu a culpada. Como tudo isto é horrível! Ai, por que não vem ele?...

Quando desceu para jantar tinha os olhos vermelhos. Maria Dmitrievna, que sabia como o príncipe recebera Rostov, fingiu não reparar na mágoa de Natacha, levando o repasto a dizer graças ao conde e aos seus hóspedes na sua voz grossa e potente.

Capítulo VIII

Nessa noite, os Rostov foram à ópera, para onde Maria Dmitrievna lhes arranjava um camarote.

Natacha não queria ir, mas não pôde recusar esta amabilidade de Maria Dmitrievna, que os convidara precisamente por sua causa. Quando, já vestida, penetrou no salão, para aí aguardar o pai, depois de relancear a vista ao grande espelho e verificou estar bonita, e mesmo muito bonita, ainda mais triste se sentiu; à sua tristeza misturava-se uma espécie de amoroso desfalecimento.

“Meu Deus, se ele aqui estivesse, não seria como antigamente, não sentiria esta timidez estúpida, abraçar-me-ia a ele, apertar-me-ia contra ele, obrigá-lo-ia a olhar para mim com aquele lampejo de curiosidade interrogadora que tantas vezes lhe vi nos olhos. Depois fá-lo-ia rir como antigamente. Ah! aqueles olhos, parece que os estou a ver!”, murmurava Natacha para si mesma. F depois pensava: “E a mim que me importam o pai e a irmã? É dele de quem gosto, só dele, da sua cara, dos seus olhos, do seu sorriso ao mesmo tempo de homem e de criança... Ah! o melhor é não pensar nisso, em nada pensar, esquecer, esquecer tudo, pelo menos por algum tempo. Esta ausência mata-me, não posso reter as lágrimas.” Afastou-se do espelho, num grande esforço para conter o pranto. “Como pode Sônia gostar de Nikolenka assim tão serena, tão tranquilamente, e esperar tanto tempo e com tanta paciência?”, pensava ainda ao ver entrar a amiga, já vestida também, com o leque na mão. “Sônia é muito diferente de mim. Eu não posso!”

Naquele momento tamanha era a ternura refreada que Natacha sentia que lhe não bastava amar e saber-se amada: tomava-a um desejo imperioso de apertar nos seus braços, imediatamente, o homem amado e de lhe dizer e de colher de seus lábios as frases de amor que lhe transbordavam do peito. Durante o percurso, de carruagem, ao lado do pai, olhando, cismadora, perpassar pelos vidros embaciados das portinholas os relâmpagos furtivos dos revérberos, a sua alma ainda estava mais triste e amorosa, e esquecia tudo à sua volta. Tomando lugar na fileira das carruagens, o carro dos Rostov, que arranhava suavemente a neve, chegou à entrada do teatro. Natacha e Sônia saltaram ligeiras para o chão, erguendo os vestidos. Depois apeou-se o conde, ajudado pelos lacaios, e de roldão com as senhoras e os cavalheiros que entravam e à mistura com os vendedores de programas dirigiram-se, todos três, para o corredor dos camarotes. Através das portas fechadas já se ouviam os acordes da orquestra.

— Natália, os teus cabelos... — murmurou Sônia.

O empregado, com uma pressurosa cortesia, deslizou por diante das senhoras e abriu a porta do camarote. Ouviu-se mais distintamente a orquestra e do outro lado surgiu a fila dos camarotes iluminados, cheios de senhoras

decotadas, e a plateia resplandecente de uniformes de gala. Uma dama que penetrava num camarote vizinho observou Natacha com um olhar cheio de inveja. O pano ainda não subira e tocavam a abertura. Depois de compor o vestido, Natacha entrou com Sônia, sentou-se e pôs-se a olhar a fila dos camarotes do outro lado. De repente apoderou-se dela uma sensação não experimentada há muito: aquelas centenas de olhos fitos nos seus braços e no seu colo nus eram uma coisa ao mesmo tempo agradável e penosa, acordando nela enxames de recordações, de desejos, de inquietações. As duas raparigas, muito belas, acompanhadas do conde Ilia Andreitch, que há muito não era visto em Moscou, chamaram imediatamente a atenção de toda a assistência. Além disso toda a gente ouvira falar do noivado de Natacha com o príncipe André, e também se sabia que desde então os Rostov viviam no campo. Aquela que ia casar com um dos melhores partidos de toda a Rússia era examinada com a maior curiosidade.

Natacha fizera-se mais bonita durante a temporada na aldeia. Essa a opinião de toda a gente, e nessa noite, precisamente, graças à emoção que experimentava, ainda estava mais linda. Impressionava a sua exuberância de vida, a plenitude das suas formas e também a indiferença por tudo quanto a rodeava. Seus olhos pretos erravam pela multidão sem procurar ninguém e tinha o braço delicado, nu até um pouco acima do cotovelo, pousado no parapeito de veludo do camarote. Maquinalmente abria e fechava a pequenina mão, como a marcar o compasso da abertura, enquanto ia vincando o programa.

— Olha, as Alenina — dizia Sônia. — A filha e a mãe, parece-me.

— Santos Padres! Mikail Kirilitch! Está ainda mais gordo! — exclamava o velho conde.

— Olhe para a touca da nossa Ana Mikailovna!

— As Karaguine e o Bóris. Estão noivos ele e a Júlia. Vê-se logo. Já a teria pedido?

— Pediu, sim, acabam de mo dizer — disse Chinchine, que entrava no camarote dos Rostov.

Natacha olhou na direção que tomavam os olhos do conde e viu Júlia, sentada ao pé da mãe, com um ar feliz; do seu grosso e vermelhusco pescoço, que ela sabia todo empoado, pendia um grosso colar de pérolas. Atrás delas, todo sorridente e debruçando-se para ouvir o que Júlia dizia, Bóris mostrava a linda cabeça muito penteada. Tendo olhado de relance para os Rostov, murmurou qualquer coisa ao ouvido da noiva.

“Estão a falar de nós, de mim!”, dizia Natacha consigo mesma. “Naturalmente está a dizer-lhe que escusa de ter ciúmes de mim. Não vale a pena! Se soubessem como me são todos indiferentes!”

Ana Mikailovna, com a sua touca verde, sempre entregue a Deus e uma expressão de dias de festa, triunfante, sentara-se atrás deles. O camarote parecia banhado nessa atmosfera especial dos noivos que Natacha conhecera e lhe causava inveja. Virou-se e de repente veio-lhe à memória toda a humilhação por que passara durante a visita dessa manhã.

“Que direito tem ele de me não querer aceitar na família? Oh, é melhor não pensar nisso, pelo menos enquanto o príncipe André não vier!”, disse de si para consigo, e pôs-se a percorrer, uma por uma, as caras conhecidas e desconhecidas da plateia. Na primeira fila, bem ao meio, de costas apoiadas à ribalta, estava Dolokov, com os seus espessos cabelos frisados penteados para diante. Vestia à persa. Pusera-se bem em evidência, sabendo que todo o teatro olhava para ele, e tão à vontade como se estivesse em sua própria casa. Toda a juventude elegante de Moscou fazia roda em torno dele e via-se perfeitamente ser ele o chefe.

O conde Ilia Andreitch acotovelou, rindo, Sônia, muito corada, para lhe mostrar o seu antigo admirador.

— Conheceste-o? — disse-lhe ele. — Onde veio ele? — perguntou o conde a Chinchine. — Desaparecera por completo.

— É verdade — replicou Chinchine. — Esteve no Cáucaso e desertou. Dizem que foi ministro de um príncipe persa e que matou o irmão do xá. Ora aí tem! Todas as mulheres de Moscou estão doidas por ele. Dolokov, o persa, e está tudo dito! Não se fala noutra coisa. Joram invocando o nome dele. E fazem-se convites para o ver, como se se tratasse de comer um esturjão. — E acrescentou: — Dolokov e Anatole Kuraguine deram volta ao miolo de todas as mulheres.

Nesse momento penetrou no camarote vizinho uma alta e bela mulher, exibindo uns ombros e um colo cheios e muito brancos, com um colar de duas voltas de grossas pérolas. Levou tempo a instalar-se, exibindo ruidosamente o amplo vestido de seda.

Natacha, involuntariamente, contemplou aquele colo, aqueles ombros, aquelas pérolas, aquele penteado, admirando tanto a beleza da mulher como o fulgor das joias. Quando a observava pela segunda vez, ela voltou-se e, ao encontrar os olhos do conde Ilia Andreitch, fez-lhe um breve aceno de cabeça, sorrindo-lhe. Era a condessa Bezukov, a mulher de Pedro. O conde, que conhecia toda a gente, debruçou-se para ela e principiou a conversar.

— Já está aqui há muito tempo, condessa? — disse ele. — Irei sem falta fazer-lhe uma visita. Eu vim tratar de negócios e trouxe comigo as pequenas. Dizem que a Semionovna trabalha maravilhosamente. O conde Piotre Kirilovitch Bezukov não nos esqueceu, com certeza. Está aí?

— Sim, tinha intenção de vir — disse Helena, olhando atentamente Natacha.

O conde retomou o seu lugar.

— É bonita, não é? — perguntou em voz baixa à filha.

— Maravilhosa! — replicou Natacha. — Compreendo que os homens gostem dela!

Naquele momento ressoaram os últimos acordes da abertura e ouviram-se as três pancadas da batuta do maestro. Os cavalheiros retardatários deram-se pressa em ocupar os seus lugares e o pano subiu.

Fez-se então na sala um profundo silêncio. Tanto os velhos como os jovens, de fraque ou de uniforme, as senhoras decotadas e cobertas de joias, todos, curiosos, voltaram os olhos para a cena. Natacha seguiu-lhes o exemplo.

Capítulo IX

O centro do cenário era de tábuas uniformes; de cada um dos lados, cartões pintados fingindo árvores e no fundo um pano corrido. Raparigas de blusas vermelhas e saias brancas formavam um grupo ao meio do palco. Uma delas, corpulenta, de vestido de seda branca, estava sentada num banco muito baixo atrás do qual havia um cartão verde colado. Cantavam em coro. Quando acabaram, a vestida de branco deu alguns passos na direção da caixa do ponto. Então aproximou-se dela um homem de calções de seda, que lhe cingiam as grossas pernas, chapéu emplumado e punhal à cinta, que se pôs a cantar com muitos gestos.

O homem dos calções justos cantou sozinho, depois cantou a rapariga de branco. Em seguida calaram-se ambos, ouviu-se a orquestra e o homem pegou na mão da companheira, como para lhe contar os dedos, aguardando o compasso para o dueto. Quando acabaram de cantar, o teatro em peso aplaudiu e os dois artistas que desempenhavam o papel de namorados sorriram, fazendo medidas e agitando as mãos para um lado e para o outro da plateia.

Acabada de chegar da aldeia e na sua disposição de espírito não podia Natacha deixar de encarar o espetáculo como uma coisa grotesca e insólita. Era-lhe impossível acompanhar o desenvolvimento da ação, e nem sequer seguia a música; apenas via panos pintados, homens e mulheres vestidos de estranha maneira, mexendo-se, falando e cantando rodeados de luz intensa. Evidentemente que compreendia a significação do que a cena representava, mas tudo lhe parecia, no seu conjunto, tão convencional e falso, tão pouco natural, que ora tinha vergonha pelos atores ora lhe dava vontade de rir. Olhava em volta de si, procurando descobrir na fisionomia dos espectadores o mesmo estado de espírito, mas verificava que toda a gente seguia com atenção o que estava a passar-se no palco e nos seus rostos havia um entusiasmo que a ela se lhe afigurava falso. “Naturalmente, tem de ser assim”, dizia de si para consigo. Tão depressa observava as filas das cabeças da plateia espelhantes de brilhantina como as senhoras decotadas dos camarotes, especialmente Helena, sua vizinha, que, seminua, olhava para o palco, com um sorriso doce e plácido, sem nunca desviar os olhos, toda ela exposta à luz violenta que se derramava na sala e à quente palpação que emanava da plateia. Pouco a pouco Natacha sentiu-se tomada de uma espécie de embriaguez, disposição que há muito não sentia. Já não sabia o que fazia, onde estava, o que se passava diante dos seus olhos. Olhava sem ver, enquanto os pensamentos mais estranhos e incoerentes lhe atravessavam o cérebro. Ora lhe davam ganas de escalar o proscênio e de cantar a ária que a atriz garganteava, ora lhe vinham desejos de, com a ponta do leque, espevitá-la o

velhinho sentado na plateia, não muito longe dela, ou ainda de se debruçar para Helena e de lhe fazer cócegas nas costas.

Numa dessas pausas da orquestra que antecedem os acordes de um novo andamento, a porta da plateia rangeu, lá para os lados do camarote dos Rostov, e ouviram-se passos de alguém que chegava atrasado. “Aí está o Kuraguine!”, segredou Chinchine. A condessa Bezukov voltou-se, sorrindo, para quem entrava. Natacha seguiu-lhe o olhar e viu um ajudante-de-campo, de uma beleza extraordinária, dirigindo-se para o seu camarote com um ar ao mesmo tempo seguro de si e cheio de cortesia. Era Anatole Kuraguine, a quem não esquecera desde que o vira no baile de Petersburgo. Vestia o uniforme de gala de ajudante-de-campo, com dragonas e agulhetas. Mantendo em atitude arrogante a perfumada cabeça, avançava, num passo contido, que teria sido ridículo se no seu todo não exprimisse um contentamento tão cordial e tão boa disposição, e se ele próprio não fosse tão belo homem. Embora o espetáculo já tivesse principiado, não se dava pressa, caminhando ao longo da passadeira do corredor com as esporas e o sabre a tilintar ligeiramente. Depois de um olhar a Natacha, aproximou-se da irmã, apoiou a mão, moldada na luva, no parapeito do camarote, acenou-lhe com a cabeça e, debruçando-se para ela, perguntou-lhe qualquer coisa enquanto designava a vizinha.

— Mas é encantadora! — exclamou, falando evidentemente de Natacha, que o percebeu mais pelo movimento dos lábios que propriamente por ter ouvido o que diziam. Depois Kuraguine dirigiu-se para a primeira fila de poltronas e sentou-se ao lado de Dolokov, a quem acotovelou distraída e amistosamente, o Dolokov a quem todos os outros tratavam com tanta deferência. Sorriu-lhe, piscando-lhe, jovialmente, o olho, enquanto punha o pé sobre o varão metálico que os separava da ribalta.

— Muito se parecem os dois irmãos! — exclamou o conde. — E são ambos bem bonitos!

Chinchine, a meia voz, contou-lhe a história de uma aventura de Kuraguine em Moscou, e Natacha ficou-se a ouvi-lo simplesmente porque ele dissera, referindo-se a ela, que a achava encantadora. O primeiro ato terminou. Toda a gente se levantou, uns saíram, outros começaram a passear de um lado para o outro no vestíbulo da plateia.

Bóris veio cumprimentar os Rostov ao seu camarote. Com a maior naturalidade aceitou as felicitações que lhe dirigiam e, depois de assumir um ar preocupado, com um sorriso distraído, convidou Natacha e Sônia, em nome da noiva, para o seu casamento. E saiu. Natacha felicitara aquele mesmo Bóris de quem outrora estivera enamorada, com um sorriso em que havia jovialidade e

uma certa coquetterie. No estado de embriaguez em que estava tudo lhe parecia simples e natural.

Helena, seminua, sentada muito perto dela, dirigia a todos, indistintamente, o seu perpétuo sorriso, e assim Natacha, do mesmo modo, sorria para Bóris.

Não tardou que o camarote de Helena estivesse cheio e ela rodeada de titulares e homens distintos, que pareciam querer mostrar a toda a gente serem das suas relações.

Kuraguine, durante o intervalo, ficou na plateia, ao lado de Dolokov, de olhos fitos no camarote dos Rostov.

Natacha, sabendo que ele falava dela, sentia-se lisonjeada. Colocou-se mesmo de maneira que ele a pudesse ver de perfil, posição que a favorecia, segundo pensava. Antes de principiar o segundo ato apareceu Pedro na plateia. Os Rostov ainda o não tinham visto desde que estavam em Moscou. Parecia triste e ainda engordara mais desde a última vez que Natacha o vira. Caminhou para as primeiras filas da plateia sem olhar para ninguém. Anatole aproximou-se dele e disse-lhe qualquer coisa, enquanto lhe chamava a atenção para o camarote dos Rostov. Ao ver Natacha, Pedro animou-se e, passando apressadamente por entre as filas de cadeiras, aproximou-se do camarote do conde, que era rente à plateia. Apoiou os cotovelos no parapeito e ficou-se a conversar com ela. Enquanto o escutava, Natacha julgou ouvir uma voz de homem no camarote da condessa Bezukov e pensou que seria Kuraguine. Voltou-se e os seus olhos encontraram-se. Com um ligeiro sorriso, ele fitava-a, com um olhar ao mesmo tempo tão caloroso e acariciador que lhe pareceu estranho ver-se tão perto dele e olhá-lo assim tão segura de lhe ter agradado, embora o não conhecesse senão de vista.

O cenário do segundo ato representava uns monumentos funerários e tinha um buraco no pano de fundo a fingir a lua. Havia retirado o quebra-luz das gambiarras, as trombetas e os contrabaixos tocavam em surdina e da direita e da esquerda surgia muita gente de manto negro. Brandiam qualquer coisa, talvez punhais. Em seguida apareceram outras pessoas que impeliam na sua frente a rapariga que no primeiro ato estava vestida de branco e agora se vestia de azul. Não a levaram logo, mas cantaram muito tempo com ela antes de o fazerem, e então, por três vezes, ouviu-se nos bastidores um ruído metálico, e todos ajoelharam entoando uma oração. Tudo isto foi interrompido várias vezes pelos gritos entusiastas dos espectadores.

Durante o espetáculo, sempre que Natacha olhava para a plateia, via Anatole Kuraguine, com o braço passado por trás da poltrona, todo voltado, a olhar para ela. Sentia-se encantada ao vê-lo enamorado dela e não lhe passava pela cabeça que nisso houvesse qualquer mal.

Quando terminou o segundo ato, a condessa Bezukov levantou-se, voltando-se para o lado do camarote dos Rostov, que só então puderam ver que ela tinha os seios descobertos. Depois, chamando, com um sinalzinho da sua mão enluvada, o velho conde, sem prestar a mais pequena atenção às pessoas que entravam no seu camarote, pôs-se a conversar com ele, sorrindo graciosamente.

— Apresente-me às suas encantadoras filhas — disse-lhe ela. — Toda a gente fala delas em Moscou e só eu as não conheço.

Natacha levantou-se e fez uma reverência à esplêndida condessa. Lisonjeada pelo galanteio daquela beleza célebre, sentiu-se corar.

— Agora também quero tornar-me moscovita — prosseguiu Helena. — Não se envergonha de ter pérolas dessas escondidas na aldeia?

Merecia, realmente, a fama de feiticeira de que gozava. Tinha o dom de dizer o que não pensava e especialmente de manejar a arma da lisonja com a maior naturalidade.

— Querido conde, tem de consentir que eu me ocupe de suas filhas. Embora não vá demorar-me aqui muito tempo, como, de resto, todos nós, quero que elas se divirtam. Ouvi falar muito de si em Petersburgo e há muito que desejava conhecê-la — acrescentou, dirigindo-se a Natacha e dedicando-lhe o seu amável sorriso. — Falaram-me muito de si, em primeiro lugar o meu pajem, Drubetskoi — sabe que vai casar? — e depois o grande amigo de meu marido, o príncipe André Bolkonski. — Frisou particularmente este nome, para dar a entender não ignorar as relações que havia entre eles. Para melhor se relacionarem, pediu ao conde consentisse que uma das suas filhas viesse para o seu camarote. E Natacha passou para junto da condessa.

No terceiro ato, a cena representava um salão todo iluminado, com as paredes cobertas de retratos de cavaleiros barbados. No centro do palco estavam duas personagens, naturalmente o rei e a rainha. Aquele fez um gesto com a mão direita e, visivelmente intimidado, cantou uma ária bastante mal, indo depois sentar-se num tronco cor de amaranto. A rapariga que aparecera primeiro vestida de branco, depois de azul, agora nada mais tinha em cima de si além de uma camisa, e, de cabelos caídos, estava ao lado do trono. Pôs-se a cantar o seu desespero, dirigindo-se à rainha, mas o rei fez com a mão um gesto severo e, vindos dos lados, apareceram homens e mulheres, todos de fato de malha, que cantaram em coro. Em seguida os violinos tocaram uma ária ligeira e jovial. Uma das mulheres, com as suas planturosas coxas moldadas pela malha e uns braços magricelas, depois de se separar das companheiras, entrou nos bastidores, para arranjar o corpete, voltando para o meio do palco, onde desatou aos pulos enquanto batia com os pés um no outro, muito enérgica. Toda a plateia rompeu em aplausos, gritando: “Bravo!” Em seguida um homem foi colocar-se a um

canto. Na orquestra os címbalos e as trompetas ressoaram mais alto e, sozinho, um homem de fato de malha pôs-se a dar saltos muito altos, batendo com os pés um no outro. Esse homem era Duport, o qual, só por fazer aqueles exercícios, ganhava sessenta mil rublos anuais. Todos os espectadores, tanto na plateia, como nos camarotes e no galinheiro, romperam em aplausos e a chamá-lo com toda a força dos pulmões, e o bailarino deteve-se e a sorrir veio agradecer, voltando-se para todos os lados do teatro. Outras pessoas vieram dançar também, homens e mulheres, e o rei, acompanhado pela orquestra, gritou umas palavras e todos, como uma só voz, entoaram um coro. De súbito desencadeou-se uma tempestade, a orquestra executou escalas cromáticas e acordes da sétima menor; todos acorreram, arrastando consigo, de novo, para os bastidores um dos artistas, depois do que caiu o pano. Os espectadores principiaram então a vociferar e todos gritavam com o maior entusiasmo: “Duport! Duport! Duport!”

Natacha já nada achava estranho. Olhava para o que ia à sua volta com satisfação e sorrindo.

— Não acha o Duport admirável? — perguntou-lhe Helena.

— Acho, sim — replicou Natacha.

Capítulo X

Durante o intervalo, abriu-se a porta e uma corrente de ar frio filtrou-se no camarote de Helena. Anatole entrou, inclinando-se, para não tropeçar em ninguém.

— Dá licença que lhe apresente meu irmão? — disse Helena, mirando ora um ora outro, um pouco preocupada.

Natacha voltou a sua linda cabeça para aquele belo moço e sorriu-lhe por cima do ombro nu. Anatole, que era bonito rapaz tanto de perto como de longe, sentou-se a seu lado, dizendo-lhe que havia muito desejava ser-lhe apresentado, desde que tivera o prazer, inesquecível para ele, de a ver no baile dos Narichkine. Kuraguine era muito mais simples e inteligente ao pé das mulheres do que com os homens. Falava resolutamente e com simplicidade e foi com prazer que Natacha verificou nada encontrar de assustador naquele homem de quem se dizia tanta coisa, e em quem, antes pelo contrário, via um sorriso simples, alegre e cordial.

Perguntou-lhe Anatole se gostara do espetáculo e contou-lhe que na representação antecedente Semionovna caíra em cena.

— Sabe, condessa — acrescentou, tratando-a, de chofre, como se ela fosse uma velha conhecida sua -, estamos a organizar um baile de máscaras. Não pode faltar. Vai ser muito divertido. Reunimo-nos em casa das Karaguine. Peço-lhe, não deixe de aparecer.

Enquanto falava não deixava de fitar, com os seus risonhos olhos, o rosto, o colo e os braços nus de Natacha. Agora ela tinha a certeza de que ele a admirava. E isto era-lhe agradável, embora, sem que soubesse por quê, a presença dele, ao mesmo tempo que a perturbava, lhe fosse penosa. Quando apartava dele a vista sentia nos ombros o peso dos seus olhares e inconscientemente desejaria poder interceptar esses olhares, para que ele a fitasse antes no rosto. Porém, quando o olhava de frente percebia não existirem já entre os dois essas barreiras que o pudor, naturalmente, costumava levantar entre ela e os outros homens. Sem se dar conta, em menos de cinco minutos, sentiu-se extremamente próxima daquele homem. Quando voltava a cara, receava vê-lo pegar-lhe na mão nua ou surpreendê-lo a beijar-lhe os ombros. Falavam das coisas mais insignificantes, mas Natacha, de si para consigo, dizia serem íntimos e haver entre eles uma familiaridade como nunca existira entre ela e qualquer outro homem. Interrogava Helena e o pai com os olhos, como se quisesse perguntar-lhes a significação de tudo aquilo, mas a condessa estava entretida a conversar com um general e não lhe respondeu e o pai dizia-lhe o mesmo de sempre: “Divertes-te? Ainda bem, gosto muito disso.”

Para romper um silêncio embaraçoso, em que Anatole a olhava, tranquila e obstinadamente, com os seus olhos à flor da pele, Natacha perguntou-lhe se gostava de Moscou. Mal lhe fizera esta pergunta logo se sentiu corar: afigurava-se-lhe, a todo o momento, estar fazendo qualquer coisa de inconveniente quando falava com ele. Anatole sorriu como a encorajá-la.

— De princípio Moscou não me entusiasmou por aí além. O que faz uma cidade agradável são as mulheres bonitas, não é verdade? Mas agora agrada-me muito — acrescentou, fitando-a de maneira significativa. — Vai ao baile, condessa? Vá. — E avançando a mão para as flores que Natacha trazia consigo, e baixando a voz: — Será a mais bonita. Prometa que vai, querida condessa, e para selar a promessa dê-me esta flor.

Natacha não pôde compreender por completo o sentido oculto que ele punha naquelas palavras, mas nem por isso deixou de sentir que eram inconvenientes. Sem saber que responder, desviou a cara, fingindo não ter ouvido. Mas nesse mesmo instante a ideia de que ele estava ali, atrás dela, e tão perto, de novo a tomou.

“Que estará ele a fazer?”, perguntava a si própria. “Terá ficado atrapalhado? Estará zangado comigo? É preciso arranjar as coisas!” E não resistiu: voltou a cabeça para trás. Os olhos dela foram pousar diretamente nos dele e a sua presença tão próxima, a sua confiança, a sua simpática cordialidade conquistaram-na. Sorriu com ele, olhando-o bem de frente. E de novo pensou, assustada, que entre eles não havia barreiras.

O pano voltou a subir. Anatole saiu do camarote, feliz e sereno.

Natacha voltou para junto do pai, completamente subjugada pelo novo mundo que acabava de entrever. Tudo o que passava à sua roda se lhe afigurava agora o que havia de mais natural e nem por um instante sequer lhe vieram à mente as suas antigas preocupações com o noivo, com a princesa Maria, com a vida na aldeia: era como se tudo isso fizesse parte de um passado longínquo.

No quarto ato apareceu no palco, gesticulando, uma espécie de demônio, que se pôs a cantar até que um alçapão se entreabriu e ele desapareceu pelo chão abaixo. Eis tudo quanto Natacha viu. Sentia-se inquieta e perturbada, e Kuraguine, a quem ela não deixava de seguir com os olhos, mesmo sem querer, era o responsável daquela agitação. À saída aproximou-se, mandou avançar a sua própria carruagem e instalou-os a todos lá dentro.

Ao ajudar Natacha a subir para o carro apertou-lhe o braço um ponto acima do cotovelo. Muito corada e confusa, ela ergueu para ele as pupilas. Anatole fitou-a com seus olhos brilhantes e sorriu-lhe.

Só ao chegar a casa Natacha pôde medir com clareza o que se passara, e de súbito, ao lembrar-se do príncipe André, um grande medo a tomou, soltou um grito e saiu da sala onde todos tomavam chá, corada até às orelhas.

“Meu Deus! Estou perdida!”, exclamou de si para consigo. “Como pude eu permitir-lhe?” Longo tempo assim ficou, o rosto, muito afogueado, escondido nas mãos, tentando dar-se conta exata do que se passara no teatro, embora sem conseguir perceber nem o que sentira nem o que estava experimentando. Tudo lhe parecia obscuro, indistinto e terrível.

Lá, naquela sala toda iluminada, onde, sobre o palco, acompanhado pela orquestra, Duport dava pulos, de fato de malha e coberto de lantejoulas, e em que raparigas, velhos, Helena, toda decotada, sorrindo sempre serena e orgulhosa, gritavam entusiásticos bravos, ali, à sombra daquela Helena, tudo era claro e simples, mas agora, ao ver-se sozinha, entregue a si mesma, nada compreendia. “Que quer isto dizer? Que significam o terror que senti diante dele e estes remorsos que me esmagam?”, murmurava.

Só na cama, à noite, à velha condessa teria podido confiar aqueles pensamentos. Sônia, por demais o sabia, com os seus severos e rígidos princípios, ou nada teria percebido ou ter-se-ia sentido aterrada com tal confissão. Entregue a si própria, sozinha, Natacha procurava descobrir a causa das suas angústias.

“Estarei ou não perdida para o amor de André?”, perguntava-se a si própria, e a si mesma respondia, trocista: “Que parva sou com estas perguntas! Que aconteceu? Nada. Nada fiz, não tenho culpa alguma do que sucedeu. Ninguém saberá nada e eu não o voltarei a ver.” E pensava ainda: “Está claro que nada se passou, que não tenho que me arrepender seja do que for. O príncipe André pode continuar a gostar de mim como sou. Mas que serei eu, realmente? Ah! Meu Deus, meu Deus! Por que não o tenho aqui a meu lado?”

Natacha por instantes ficara sossegada, mas daí a pouco um instinto secreto lhe dizia de novo que, embora tudo aquilo fosse verdade e nada tivesse acontecido, a antiga pureza do seu amor por André fora-se de uma vez para sempre. E em imaginação ia recordando a conversa com Kuraguine e tornava a ver o rosto, os gestos, o terno sorriso daquele homem audacioso e belo no momento em que lhe apertara o braço.

Capítulo XI

Anatole Kuraguine vivia em Moscou porque o pai o mandara sair de Petersburgo, onde gastava mais de vinte mil rublos por ano e contraía dívidas de igual importância, que o príncipe se via obrigado a satisfazer.

O pai fizera compreender ao filho ser a última vez que lhe pagava metade das dívidas, mas com a condição de ele ir para Moscou como ajudante-de-campo do general-chefe, cargo que ele próprio lhe conseguira, e de casar, finalmente, com uma rica herdeira. A princesa Maria e Júlia Karaguine eram as visadas.

Anatole acedeu e foi para Moscou, hospedando-se em casa de Pedro. Este principiou por recebê-lo de má vontade, mas acabou por se habituar à sua presença. Às vezes participavam das mesmas orgias e a título de empréstimo adiantava-lhe dinheiro.

Anatole, como dizia acertadamente Chinchine, fizera perder a cabeça a todas as mulheres desde que chegara a Moscou, precisamente porque não lhes ligava importância, desdenhando-as pelas belas ciganas e as francesas, especialmente por uma tal Mademoiselle Georges, com quem, segundo constava, mantinha relações íntimas. Não faltava a qualquer orgia em casa de Danilov e de outros boêmios de Moscou, bebia como uma esponja noites inteiras e assistia a todas as soirées e a todos os bailes da alta sociedade. Contavam-se dele vários escândalos com senhoras de Moscou e nos bailes cortejava algumas delas. Mas com as raparigas nada queria, especialmente com as casadouras, as quais, pela maior parte, não tinham graça alguma, e pela excelente razão, que todos desconheciam, salvo os amigos íntimos, de estar casado havia já dois anos.

Dois anos antes, efetivamente, durante o tempo em que estivera com o regimento na Polônia, um fidalgo polaco, não muito rico, obrigara-o a casar com uma filha. Anatole abandonou a mulher, e a troco de dinheiro, que prometera enviar ao sogro, comprara o direito de passar por celibatário.

Anatole estava sempre contente com a vida, consigo e com os outros. Instintivamente, parecia convencido de que não podia viver de outra maneira e de que nunca procedera mal. Não era capaz de compreender que os seus atos podiam prejudicar as outras pessoas. Estava persuadido de que pela mesma razão que o pato fora feito para viver na água ele fora criado por Deus para viver com trinta mil rublos de rendimento e para ocupar um lugar preponderante na sociedade. E tão persuadido estava disso que os outros, ao vê-lo, igualmente se convenciam de que ele tinha razão, não lhe recusando nem a posição preponderante na sociedade nem o dinheiro que ele pedia emprestado ao primeiro que lhe aparecia, evidentemente sem a mais leve intenção de pagar.

Não jogava, ou, pelo menos, não jogava para ganhar. Não tinha amor-próprio. Era-lhe absolutamente indiferente o que os outros pensassem dele. Tão-pouco podia ser considerado ambicioso. Mais de uma vez fizera perder a cabeça ao pai comprometendo a sua própria carreira, e menosprezava todas as honrarias. Não era avaro e nunca negava o que lhe pediam. Acima de tudo amava o prazer e as mulheres, e, como em sua opinião não havia nisso qualquer sentimento vil, não lhe passava pela cabeça que pudesse prejudicar os outros a satisfação, que buscava, dos seus prazeres, considerando-se sinceramente irrepreensível, desprezando com a mesma sinceridade os patifes e os covardes, erguendo bem alto a cabeça, sinal de uma consciência tranquila.

Todos os estroinas, tanto os homens-Madalenas como as Madalenas-mulheres, vivem com a secreta e ingênua convicção de serem perfeitamente inocentes, persuadidos de que toda a gente está disposta a perdoar-lhes. “Muito lhe será perdoado pelo muito que amou; muito lhe será perdoado pelo muito que se divertiu.”

Dolokov, que reaparecera naquele ano em Moscou depois do seu exílio e das suas aventuras na Pérsia, e que vivia ali no luxo e na devassidão, voltara a relacionar-se com Kuraguine, seu antigo camarada de Petersburgo, e dele se utilizava por interesse próprio.

Anatole apreciava sinceramente a inteligência e a coragem do amigo. Dolokov, que precisava do nome, da notoriedade e das relações de Anatole Kuraguine para atrair e depenar ao jogo os rapazes ricos, tirava partido dele, sem lho dar a entender, e com isso se divertia. Além dos seus cálculos interesseiros, o simples fato de dirigir a seu talante a vontade de outrem era para ele um hábito e uma necessidade.

Natacha impressionara vivamente Kuraguine. Durante a ceia, depois do espetáculo, descreveu pormenorizadamente, perito que era, na presença de Dolokov, a beleza dos braços, dos ombros, dos minúsculos pés e dos cabelos da filha do conde Ilia Andreitch, confessando-se na disposição de lhe fazer uma corte sem tréguas. Quanto ao que daí podia resultar, pouco importava a Anatole, pela simples razão de que nunca o preocupavam as consequências de qualquer dos seus atos.

— Sim, é bonita, meu velho, mas não é para a nossa boca — volveu-lhe Dolokov.

— Vou dizer a minha irmã que a convide para jantar — tornou Anatole. — Que achas?

— É melhor esperares que esteja casada...

— Sabes? — declarou Anatole -, adoro as rapariguinhas: perdem logo a cabeça.

— Já uma vez foste apanhado por uma dessas rapariguinhas... — comentou Dolokov, que sabia da história do casamento. — Tem cuidado!

— Não se é apanhado duas vezes! Que achas? — replicou Anatole, numa gargalhada.

Capítulo XII

No dia seguinte ao do espetáculo ninguém saiu em casa dos Rostov e nenhuma visita apareceu. Maria Dmitrievna, às escondidas de Natacha, teve uma conversa com o pai. Natacha percebeu que haviam falado do velho príncipe e que tinham combinado pôr em prática um projeto qualquer, o que a deixou inquieta e irritada. Aguardava de um momento para o outro o príncipe André e por duas vezes nesse dia mandou o porteiro a Vozdvijenka saber se ele teria realmente chegado. Mas o príncipe não viera. Sentia-se ainda mais acabrunhada do que nos primeiros dias após a sua chegada. Agora, à impaciência e ao desgosto por ele ocasionados vinham acrescentar-se a penosa lembrança do seu encontro com a princesa Maria e o velho príncipe e um terror e uma inquietação cuja causa não sabia explicar. Afigurava-se-lhe que ele nunca mais viria ou que antes da sua chegada qualquer coisa fatal para ela aconteceria. Era-lhe impossível agora pensar nele, como outrora, serena e amorosamente, a sós consigo mesma. Assim que se dava a pensar em André, vinha misturar-se aos seus pensamentos a lembrança do velho príncipe, da princesa Maria, da noite no teatro e de Kuraguine. E de novo surgia nela a pergunta que a si própria fazia: não seria culpada? Não teria atraído a sua fidelidade ao príncipe André?, obrigando-se a recapitular, nos seus mínimos pormenores, cada palavra, cada gesto, cada expressão fisionômica daquele homem que soubera despertar nela um sentimento tanto mais para rechar quanto era certo lhe ser incompreensível. Aos olhos das pessoas de família, Natacha parecia mais animada do que de costume, mas a verdade é que estava longe de se encontrar tão serena e feliz como antigamente.

No domingo, pela manhã, Maria Dmitrievna propôs aos seus hóspedes ouvirem missa na paróquia da Assunção de Moguilts.

— Não gosto das igrejas à moda — dissera, jactando-se da sua largueza de espírito. — Deus é o mesmo em toda a parte. Temos ali um pope muito bom, diz lindamente os ofícios e mesmo até com nobreza, e o diácono também. Não consigo perceber como os concertos no coro tornam mais santos os templos. Não gosto, são divertimentos como outros quaisquer. — Maria Dmitrievna apreciava muito os domingos e sabia festejá-los. No sábado era a casa cuidadosamente lavada e espanejada; ao domingo tanto ela como o seu pessoal se abstinham de trabalhos manuais, vestiam-se com trajes festivos e iam todos à missa.

O jantar dos amos era acrescentado com pratos suplementares e a criadagem tinha uma dose de vodka, pato assado ou leitão. Mas em nenhum outro rosto, por toda a casa, se espelhava mais festivo ar que na larga e severa cara de Maria Dmitrievna, que por essa altura assumia a expressão imutável dos dias solenes.

Quando, depois da missa, tomado já o café no salão, donde se haviam retirado as capas que cobriam os móveis, vieram anunciar a Maria Dmitrievna que a sua carruagem a esperava, ela, com o seu ar severo, embrulhada no seu xale de cerimônia, levantou-se e declarou que ia à casa do príncipe Nicolau Andreievitch Bolkonski, para com ele ter uma explicação a respeito de Natacha.

Assim que ela saiu, chegou uma costureira da parte de Madame Chalmet, e Natacha, a quem esta diversão muito agradava, fechou a porta do quarto contíguo ao salão e preparou-se para provar o seu novo fato. Vestia ela um corpinho apenas alinhavado e ainda sem mangas e de cabeça descaída para trás observava no espelho o seu cair nas costas quando ouviu no salão a voz animada do pai e de qualquer outra pessoa, o que a fez corar imediatamente. Era a voz de Helena. Ainda não tivera tempo de despir o corpinho que provara e já a porta se abria e a condessa Bezukov entrava, radiosa no seu bom e afetuoso sorriso, vestida de veludo lilás-carregado e gola alta.

— Ah, minha deliciosa pequena! — exclamou para Natacha, que corara muito. — Não, isto é impossível, meu querido conde — acrescentou, dirigindo-se a Ilia Andreitch, que a seguia. — Viver em Moscou e não ir a parte alguma! Sim, já os não largo. Esta noite recebo em minha casa. Vamos ouvir Mademoiselle Georges recitar, haverá apenas algumas pessoas íntimas. Se não me traz as suas lindas filhas, que valem bem mais do que ela, corto relações convosco. O meu marido não está, foi para Tvier, caso contrário pedir-lhe-ia que as viesse buscar. Venham, sem falta, sem falta, às nove horas.

Saudou com um movimento de cabeça a costureira sua conhecida, que lhe fez uma respeitosa reverência, e sentou-se numa poltrona junto do toucador, ajeitando graciosamente as pregas do vestido de veludo. Num tom jovial e cheio de cordialidade, continuou a tagarelar, a cada momento extasiada perante a beleza de Natacha. Viu uma por uma as toilettes da jovem condessa, elogiou-as muito, pondo em relevo, igualmente, a sua própria, novinha, de gaze metálica, acabada de chegar de Paris, aconselhando Natacha a que mandasse fazer uma igual.

— De resto, a si, minha linda, tudo lhe fica bem — acrescentou.

O rosto de Natacha resplandecia de satisfação. Sentia-se feliz, e toda ela era vida ouvindo os elogios daquela amável condessa Bezukov, que de princípio se lhe afigurara tão altiva e inabordável e que a tratava agora com tanta simpatia. Contentíssima, ei-la pronta a adorar aquela mulher tão bela e tão boa. Helena, por seu lado, era sincera na admiração que mostrava por Natacha e no desejo que tinha de a distrair. Anatole pedira-lhe que os aproximasse e por essa

razão viera à casa dos Rostov. A ideia de aproximar o irmão daquela jovem antolhava-se-lhe divertida.

Embora tivesse sentido outrora um certo despeito por Natacha lhe haver roubado Bóris, já se não lembrava disso e queria-lhe bem, do coração, à sua maneira. Antes de retirar-se, chamou de parte a sua protegida.

— Ontem meu irmão jantou em minha casa, íamos morrendo a rir... Não come e passa a vida a suspirar por si, feiticeira! Está louco, mas louco de amor por si, minha querida.

Ao ouvir isto, Natacha ficou toda corada.

— Ai que corada, que corada, minha deliciosa pequena! Então não falte. Se ama alguém, minha deliciosa pequena, não é razão para fazer vida de monja. Até mesmo se estiver prometida, tenho a certeza de que o seu prometido preferiria sabê-la a fazer vida de sociedade do que a definhar de tédio.

“Então, ela sabe que eu estou comprometida; naturalmente falaram disso, ela e o marido, com Pedro, esse homem que é a retidão em pessoa” dizia de si para consigo Natacha. “E riram-se desta aventura. Portanto, é coisa sem importância...” E subitamente, sob a influência de Helena, o que ainda há pouco lhe parecia horrível afigurou-se-lhe tudo que havia de mais simples e natural. “E ela, essa grande senhora, tão gentil, e que com certeza gosta muito de mim! Realmente, por que me não hei de distrair?”, concluía, pousando em Helena os seus grandes olhos inocentes muito abertos.

Maria Dmitrievna voltou para casa à hora do jantar. Pelo seu ar taciturno e pensativo via-se que sofrera uma decepção em casa do velho príncipe. Ainda estava demasiado impressionada para poder contar serenamente o que se passara. À pergunta do conde respondeu que tudo corria bem e que no dia seguinte falariam do caso. Ao saber da visita da condessa Bezukov e do seu convite, declarou:

— Não gosto da companhia de Madame Bezukov e não vos aconselho a que vão a sua casa, mas, se lhe prometeste, então vai. É uma distração para ti — acrescentou dirigindo-se a Natacha.

Capítulo XIII

O conde Ilia Andreich levou as meninas à casa da condessa Bezukov. Havia muita gente nos salões, mas quase todos os convidados eram desconhecidos de Natacha. O pai verificou, pouco satisfeito, que a maior parte eram homens e senhoras conhecidas pela sua liberdade de costumes. Mademoiselle Georges, rodeada de uma corte de rapazes, estava num dos recantos do salão. Havia alguns franceses, entre os quais Métivier, que se tornara íntimo da casa desde que Helena chegara. O conde Ilia Andreitch resolveu não jogar para não se afastar das filhas e retirar-se assim que a artista houvesse recitado.

Anatole estava à porta procurando não perder a chegada de Natacha. Depois de cumprimentar o conde, aproximou-se dela e seguiu-a de perto. Esta mal o vira logo sentira, como no teatro, esse estranho sentimento misto de vaidade, por perceber que lhe agradava, e de temor, por verificar que os não separavam quaisquer barreiras morais.

Helena acolheu alegremente Natacha e extasiou-se em voz alta elogiando-lhe a beleza e o vestido. Pouco depois, Mademoiselle Georges desaparecia do salão para mudar de toilette.

Principiaram a dispor as poltronas e a mandar sentar os convidados. Anatole trouxe uma cadeira a Natacha e quis sentar-se a seu lado, mas o conde, que não perdia a filha de vista, ocupou o lugar e Anatole sentou-se atrás dela.

Mademoiselle Georges, com os seus fortes braços desnudados, um xale encarnado atirado para o ombro, avançou pelo espaço livre reservado entre as cadeiras e ficou imóvel, numa atitude afetada. Pela sala perpassou um sussurro de admiração.

Depois de percorrer a assistência com um olhar profundo e sombrio, Mademoiselle Georges principiou a declamar uns versos franceses em que se falava da criminosa paixão de uma mulher pelo próprio filho. Em certos passos elevava a voz, noutros falava baixo, empertigando a cabeça soberbamente, e noutros ainda calava-se, suspirando e rolando as pupilas.

“Adorável, divino, delicioso!”, ouvia-se dizer por todos os lados.

Natacha, de olhos fitos na planturosa Georges, nada percebia, nada via, nada compreendia do que se passava à sua roda. De novo e definitivamente se sentia arrastada para esse mundo louco e estranho, tão diferente daquele em que sempre vivera, um mundo onde se não podia distinguir o bem do mal, o razoável do insensato. Atrás dela estava Anatole e, sentindo-o tão próximo de si, esperava, numa angústia.

Findo que foi o monólogo todos se levantaram, rodeando Mademoiselle Georges, a quem manifestavam o seu entusiasmo.

— É tão bonita! — exclamou Natacha para o pai, que também se erguera e se dirigia para a atriz levado pela assistência.

— Não acho quando olho para si — murmurou Anatole, que a seguia, aproveitando uma oportunidade em que só ela o poderia ouvir. — É encantadora... Desde o momento em que a vi nunca mais deixei...

— Vamos, vamos, Natacha — disse o conde, voltando ao encontro da filha. — Que linda!

Natacha, sem dizer palavra, aproximou-se do pai, interrogando-o, assustada, com os olhos.

Depois de declamar ainda algumas cenas, Mademoiselle Georges retirou-se e a condessa Bezukov pediu aos seus convidados que passassem para a sala.

O conde dispôs-se a partir, mas Helena implorou-lhe que não lhe estragasse o prazer que tinha naquele baile improvisado. E os Rostov ficaram. Anatole convidou Natacha para dançar a valsa, e enquanto dançava com ela, apertando-lhe a cintura e as mãos, repetia-lhe que a achava encantadora e que a amava. Durante a escocesa, que também dançaram juntos, no momento em que ficaram sós, Anatole limitou-se a olhá-la sem lhe dirigir palavra. E Natacha perguntou-se então a si mesma se não teria sonhado com o que ele lhe dissera enquanto dançavam a valsa. No fim da primeira marca, de novo ele lhe apertou a mão. Natacha ergueu para ele uns olhos assustados, mas o olhar terno e o sorriso de Anatole tinham tanta segurança e doçura que ela não pôde deixar de lhe dizer o que entendia ser obrigação sua. Baixou as pálpebras.

— Não me diga essas coisas — pronunciou, rapidamente. — Estou noiva e amo outra pessoa. — E então olhou para ele. Anatole não parecia nem perturbado nem ofendido com o que ela dissera.

— Não me fale disso. Que me importa? Já lhe disse que estou louco, apaixonado loucamente por si. Que culpa tenho eu de que seja encantadora? Somos nós que temos de principiar.

Natacha, animada e inquieta, olhava sem ver com os olhos assustados, muito abertos, e parecia mais alegre do que de costume. Não dava pelo que se passava à sua volta. Dançaram a escocesa, e depois o grossvater ⁵⁹. O pai quis levá-la, mas ela pediu-lhe que ficassem mais algum tempo. Onde quer que fosse, conversasse com quem conversasse, sentia sobre ela aquele olhar. Depois recordava-se de ter dito ao pai que ia ao toucador arranjar o vestido, e de que Helena a seguira, lhe falara, rindo, do amor do irmão e de que se encontrara com Anatole num pequeno gabinete e de que Helena desaparecera e de que os dois haviam ficado sós e de que Anatole, pegando-lhe nas mãos, lhe dissera numa voz cheia de ternura:

— Não posso visitá-la em sua casa, mas será possível que a não torne a ver? Amo-a loucamente. Será possível que nunca?... E, cortando-lhe o caminho, aproximou o seu do rosto dela.

Dois grandes olhos faiscantes estavam tão próximos dos dela que para Natacha tudo o mais deixou de existir.

— Natália! — murmurou a sua voz, e Natacha sentiu as suas mãos muito apertadas. — Natália!

“Nada sei, nada tenho que lhe dizer”, parecia replicar o seu olhar atônito.

Uns lábios ardentes premiram os seus e no mesmo instante sentiu-se subitamente livre. Ouviu uns passos e o ruje-ruje do vestido de Helena. Natacha voltou-se, depois olhou para Anatole com uns olhos onde havia angústia e pavor e encaminhou-se para a porta.

— Uma palavra, uma palavra, por amor de Deus! — prosseguiu Anatole.

Natacha parou. Precisava de que ele pronunciasse a palavra que lhe explicaria o que acontecera, e a que ela responderia.

— Natália, uma palavra, uma palavra apenas — repetia ele, não sabendo, evidentemente, o que havia de dizer, e não deixou de pronunciar estas palavras enquanto Helena se aproximava deles.

Helena e Natacha regressaram ao salão. Os Rostov retiraram-se antes da ceia.

De regresso a casa, Natacha não dormiu. Não deixava de atormentar um problema insolúvel: a quem amava ela, a Anatole ou ao príncipe André? Amava André, com certeza, não esquecera quão viva se mantinha a sua afeição por ele. Mas também gostava de Anatole, era incontestável. “Se assim não fosse, como poderia ter acontecido o que aconteceu?”, dizia ela. “Se eu pude, depois, ao despedir-me, responder com um sorriso ao sorriso dele, se pude chegar até aí, não quererá isto dizer que desde o primeiro momento gostei dele? Não quererá dizer que ele é bom, nobre e excelente, e que era impossível não o amar?” E não achava resposta para estas angustiosas interrogações.

Capítulo XIV

Chegou a manhã com as suas ocupações e os seus quefazeres quotidianos. Todos se levantaram, se agitaram, tagarelaram. De novo apareceram as modistas. Depois Maria Dmitrievna e todos se reuniram para tomar chá. Natacha, cujos olhos a insônia ainda tornara maiores, como se quisesse impedir que a olhassem fundo nas pupilas, mirava toda a gente com inquietação, esforçando-se por parecer igual à Natacha de todos os dias.

Depois do almoço, Maria Dmitrievna — e era esse o seu grande momento — sentou-se na sua poltrona e chamou para junto de si Natacha e o velho conde.

— Ora aqui têm, meus amigos: pensei muito em tudo isto, e o meu conselho é este — principiou ela. — Ontem, como sabeis, fui à casa do príncipe Nicolau. E falei com ele... Deu-lhe para gritar. E eu ainda gritei mais. Despejei ali todo o meu saco!

— E ele, que disse? — inquiriu o conde.

— Ele é doido... nada quer ouvir. Para que serve tornar a falar no caso? Já atormentamos bastante esta pobre pequena. A minha opinião é esta: trate o conde de resolver as suas coisas e voltem para casa, para Otradnoie... e esperem ali...

— Não! Não! — gritou Natacha.

— Sim, sim, é preciso voltar para casa — insistiu Maria Dmitrievna — e esperar lá. Se o noivo agora aqui aparecesse, era certa uma discussão; mas uma vez só com o velho, saberá levar a água ao seu moinho e depois lá irá ter convosco. — Ilia Andreitch aprovou a proposta de Maria Dmitrievna, assimilando imediatamente a prudência da medida. Se o velho se humanizasse, era sempre tempo de regressarem a Moscou ou de o procurarem em Lissia Gori. Caso contrário, não seria possível casarem sem o seu consentimento senão em Otradnoie.

— Tem toda a razão — corroborou ele. — Sinto ter ido a sua casa e ter levado comigo minha filha.

— Não tem que se arrepender. Estando em Moscou, não podia deixar de lhe dar essa prova de cortesia. Mas se ele não quer, que se avenha! — acrescentou Maria Dmitrievna, enquanto procurava fosse o que fosse na algibeira. — E, visto que o enxoval está pronto, não têm que esperar mais tempo. O que faltar eu me encarrego de o expedir. Tenho pena de que se vão embora, mas acho melhor. Ide e fazei boa viagem.

Tendo encontrado na algibeira o que procurava, entregou-o a Natacha. Era uma carta da princesa Maria.

— Escreveu-te. Muito sofre ela, coitada! Tem medo de que possas pensar que não gosta de ti.

— E é verdade, não gosta de mim — disse Natacha.

— Tolice, não digas isso — exclamou Maria Dmitrievna.

— Em nada acredito do que me digam; sei muito bem que ela não gosta de mim — insistiu Natacha com decisão, pegando na carta. No seu rosto pintava-se uma resolução fria e maldosa, que levou Maria Dmitrievna a fitá-la com atenção, franzindo o sobrolho.

— Não digas isso, minha santa — censurou ela. — O que te estou a dizer é a verdade. Deves responder-lhe.

Natacha, sem dar réplica, retirou-se para o seu quarto, disposta a ler a carta.

A princesa Maria dizia-lhe que o mal-entendido que se estabelecera a deixara num grande desespero. Fossem quais fossem os sentimentos do pai, pedia a Natacha que acreditasse não querer negar o seu afeto àquela que fora escolhida por seu irmão, e que estava pronta a tudo sacrificar pela felicidade dela.

“De resto”, prosseguia, “não pense que meu pai tem qualquer má vontade para consigo. É um velho e um doente, a quem é preciso perdoar; mas no fundo é bom, magnânimo, e acabará por estimar aquela que fizer a felicidade do filho.” Maria pedia-lhe depois que lhe marcasse um dia para a tornar a ver.

Natacha, finda que foi a leitura da carta, sentou-se à mesa disposta a responder. “Querida princesa”, escreveu, rápida e maquinalmente. Em seguida deteve-se. Que havia ela de dizer depois do que se passara na véspera? “Sim, sim, não é a mesma coisa, agora tudo é diferente”, disse de si para consigo, diante da carta principiada. “É preciso acabar com isto. Mas será preciso? É horrível!...” E para fugir àquelas medonhas ideias foi ter com Sônia e ambas se puseram a ver riscos de bordados.

Depois do jantar, Natacha retirou-se para o quarto e continuou a carta. “Será possível que tudo tenha terminado já?”, pensou. “Como é que tudo sucedeu tão depressa e tão depressa fez esquecer o passado?” Lembrou-se do seu amor pelo príncipe André então em plena força e percebeu ser Kuraguine a quem amava. Pôs-se a imaginar-se casada com André e a imaginação pintou-lhe diante dos olhos o quadro, tantas vezes evocado, da felicidade que a aguardava junto dele, mas no mesmo instante sentiu que toda a sua alma se incendiava à lembrança do encontro a sós, na véspera, com Anatole.

“Por que não poderei eu amar os dois ao mesmo tempo?”, interrogava-se, por vezes, numa perfeita obnubilação de espírito. “Só então me sentiria completamente feliz; mas agora tenho de escolher, e privada de um deles nunca mais poderei ser feliz. Confessar a André o que se passou ou ocultar-lho é

por igual impossível. Afinal nada aconteceu de irremediável. Serei eu obrigada a renunciar para sempre ao amor de André, esse amor que por tanto tempo foi toda a minha felicidade?”

— Menina — murmurou uma criada, em voz muito baixa e com um ar misterioso, entrando-lhe no quarto! — Olhe o que um homem me deu para lhe entregar. — E a moça passou-lhe uma carta para as mãos. — Mas, por Deus... — prosseguiu a criada.

Natacha, porém, sem lhe responder, arrancou maquinalmente o lacre e leu a carta. Não percebeu uma só palavra. Apenas sabia que aquela carta era dele, do homem a quem amava. Sim, amava-o. Se o não amasse, poder-se-ia dar o que estava a suceder? Poderia ela ter entre as suas mãos aquela carta apaixonada que ele lhe endereçara?

Nas suas mãos trêmulas tinha Natacha a carta inflamada de paixão que Dolokov redigira para Anatole e, lendo-a, era como se encontrasse nela íntimas correspondências com os sentimentos que julgava transbordar-lhe do coração.

“Desde ontem à noite que o meu destino está decidido: ou o seu amor ou a morte. Não tenho outro caminho!” Assim principiava a carta. Depois dizia saber que os pais dela nunca consentiriam em dar-lhe sua mão, que para isso havia razões secretas que só a ela podia revelar, mas se em verdade ela o amava bastava dizer que sim e não havia forças humanas capazes de se oporem à sua felicidade. O amor vence todos os obstáculos. Raptá-la-ia para a levar consigo para o fim do mundo.

“Sim, sim, amo-o!”, exclamava Natacha para si mesma, lendo pela vigésima vez aquela carta e deixando-se trespassar por cada uma das suas palavras, como se nelas houvesse um sentido profundo.

Nessa noite Maria Dmitrievna foi à casa dos Arkarov e propôs às meninas que a acompanhassem. Natacha, sob o pretexto de que lhe doía a cabeça, ficou em casa.

Capítulo XV

Já tarde, ao regressar a casa, Sônia entrou no quarto de Natacha e com grande surpresa sua foi encontrá-la a dormir num canapé, toda vestida. Na mesa, a seu lado, estava a carta aberta de Anatole. Sônia pegou nela e pôs-se a ler. Enquanto a lia ia olhando para Natacha adormecida, como que a procurar no seu rosto a explicação do que lia e sem conseguir encontrá-la. O rosto dela respirava serenidade, felicidade e doçura. Levando as mãos ao peito para não sufocar, Sônia, pálida e trêmula de emoção e receio, deixou-se cair numa cadeira, rompendo em soluços.

“E eu não dei por coisa alguma. Como puderam as coisas chegar a este ponto? Teria ela deixado de gostar do príncipe André? E como pôde consentir isto a Kuraguine? Não há dúvida de que é um impostor e um miserável. Que dirá Nicolau, o nobre, o gentil Nicolau, quando vier a saber? Agora já compreendo o que queria dizer aquele rosto transtornado, decidido a tudo, nada natural, que ela tinha nestes últimos dias”, dizia Sônia de si para consigo. “Mas não, não o pode amar. Naturalmente abriu a carta sem saber de quem vinha. É impossível que se não tivesse sentido ofendida. Não pode fazer uma coisa destas!”

Sônia enxugou as lágrimas e aproximou-se de Natacha, examinando-a mais uma vez.

— Natacha — chamou muito baixo.

Natacha acordou e viu Sônia.

— Já voltaste?

E, num destes acessos de ternura que se costumam ter ao acordar, lançou-se nos braços da amiga. Ao ver, porém, a emoção que se pintava no rosto de Sônia, Natacha perturbou-se também e mostrou-se desconfiada.

— Sônia, tu leste a carta? — perguntou ela.

— Li — murmurou Sônia.

Natacha sorriu vitoriosa.

— Oh! Sônia, não posso, não posso mais esconder-te... Sabes? Amamo-nos!... Sônia querida, escreve-me... Sônia...

Sônia, como se não percebesse o que ouvia, olhou para ela com os olhos muito abertos.

— E Bolkonski? — interrogou.

— Oh! Sônia, oh! se tu pudesses saber como sou feliz! — exclamou Natacha. — Mas se tu não sabes o que é o amor...

— Mas, então, Natacha, tudo acabou com o outro?

Natacha olhava para ela, com os olhos muito abertos, como se não compreendesse.

— Então rompestes com o príncipe André?

— Oh! nada percebes. Não digas tolices. Ouve... — respondeu Natacha, com impaciência.

— Não, não posso acreditar — repetiu Sônia. — Confesso que não compreendo. Quer dizer, tu, durante um ano inteiro, gostaste de um homem, e de repente... Um homem que tu mal viste por duas ou três vezes. Natacha, não acredito, tu estás a brincar. Em três dias esqueceres tudo e...

— Três dias... — exclamou Natacha. — Tenho a impressão de que o amo há cem anos. Parece-me que nunca ameí alguém antes dele. Não podes compreender... Sônia, vem cá, senta-te ao pé de mim. — E estreitou-a nos braços, depondo-lho um beijo na cara. — Tinha ouvido dizer que estas coisas acontecem, e com certeza também ouviste dizer o mesmo, mas só agora me foi dado sentir um amor assim. Oh! é muito diferente do outro. Assim que o vi, senti ser aquele o meu senhor e eu a sua escrava, senti que não podia deixar de o amar. Sim, sou a sua escrava! Pode mandar o que quiser, que estou pronta a obedecer. Não podes compreender. Mas, diz-me, que posso eu fazer, que posso eu fazer, Sônia? — acrescentou com uma expressão de felicidade a que se misturava qualquer coisa de receoso.

— Pensa no que fazes — tornou Sônia. — Eu não posso deixar as coisas assim. Estas cartas recebidas a ocultas... Como pudeste consentir? — continuou com um horror e uma repulsa impossíveis de dissimular.

— Já te disse — replicou Natacha. — Deixei de ter vontade. Pois não compreendes? Amo-o!

— Não consentirei, vou contar tudo! — exclamou Sônia, rompendo em soluços.

— Oh, meu Deus! que estás a dizer?... Se contares alguma coisa considero-te minha inimiga. É que me queres mal, é que queres que nos separem...

Ao ver o pânico de que Natacha fora tomada, Sônia chorou lágrimas de vergonha e compaixão pela amiga.

— Que houve então entre vocês? — perguntou. — Que te disse ele? Por que não vem ele a nossa casa?

Natacha não respondeu à pergunta.

— Por amor de Deus, Sônia, nada digas a ninguém, não me faças sofrer — implorou ela. — Lembra-te de que ninguém se deve meter nestas coisas. Confessei-te...

— Por que todo esse mistério? Por que não vem ele a nossa casa? Por que não pede ele diretamente a tua mão? Realmente, o príncipe André deu-te plena liberdade para decidires, caso esta oportunidade surgisse. Mas numa coisa

eu não posso acreditar. Já pensaste, Natacha, no que podem ser essas “razões secretas”?

Natacha fitou em Sônia uns olhos assombrados. Era, evidentemente, a primeira vez que esta pergunta lhe vinha ao espírito, e na verdade não sabia responder-lhe.

— Não sei que razões serão essas. Mas devemos crer que as haja!

Sônia suspirou e abanou a cabeça com desconfiança.

— Se há razões... — principiou ela.

Natacha, adivinhando as dúvidas da amiga, interrompeu-a, assustada.

— Sônia, não devemos duvidar dele! Não devemos, não devemos, compreendes? — exclamou.

— Gosta de ti?

— Se gosta de mim? — redarguiu Natacha com um sorriso de comiseração. — Não leste a carta dele, não a leste?

— E se ele não fosse um homem digno?

— Ele? Um homem indigno? Se tu o conhecesses!

— Se é um homem digno — voltou Sônia com energia -, deve dizer quais as suas intenções ou então deixar de te ver. E se tu não lho quiseses dizer, eu me encarregarei disso. Escrever-lhe-ei e contarei tudo ao pai.

— Não posso viver sem ele! — exclamou Natacha.

— Natacha, não te compreendo. Que estás a dizer? Lembra-te de teu pai, do Nicolau.

— De ninguém preciso, não quero saber de mais ninguém senão dele. Atreves-te a dizer que ele não é um homem digno? Não sabes que o amo? Sônia, vai-te embora! Não me quero zangar contigo. Vai-te, vai-te, por amor de Deus! Vai-te! Não vês que me fazes sofrer? — Natacha falava com ira e numa voz cheia de desespero. Sônia, não podendo sustentar as lágrimas, retirou-se.

Natacha sentou-se à sua mesa e sem um momento de reflexão escreveu à princesa Maria a carta que não fora capaz de redigir durante a manhã inteira. Em poucas palavras dizia-lhe que o mal-entendido entre elas acabara, que o príncipe André, ao partir, lhe dera plena liberdade e que ela aproveitava a sua generosidade. Pedia-lhe esquecesse o que se passara e lhe perdoasse se em alguma coisa a magoara, declarando-lhe que não podia ser mulher de seu irmão. Naquele momento tudo lhe parecia fácil, simples e claro.

Na sexta-feira deviam os Rostov regressar à aldeia, e na quarta-feira o conde dirigiu-se à sua propriedade nas imediações de Moscou na companhia de um comprador.

No dia da partida do conde, Sônia e Natacha estavam convidadas para um jantar em casa das Karaguine, e foi Maria Dmitrievna quem as

acompanhou. Natacha voltou a encontrar-se com Anatole, e Sônia pôde ver que ela lhe falava de maneira a não ser ouvida por mais alguém e que durante o jantar ainda lhe pareceu mais agitada do que antes. No regresso a casa, Natacha foi a primeira a dar a explicação que Sônia esperava da amiga.

— Vês, Sônia, eu bem dizia que só tinhas dito tolices a respeito dele — principiou ela, nesse tom insinuante habitual nas crianças quando querem que as elogiem. — Tivemos uma explicação.

— E então? Que te disse ele? Ainda bem que não estás zangada comigo, Natacha. Conta-me toda a verdade. Que te disse?

Natacha ficou um momento pensativa.

— Oh, Sônia, se tu o conhecesses como eu o conheço! Disse-me... Perguntou-me em que pé estava o meu noivado com Bolkonski. Ficou tão contente quando soube que de mim dependia acabar com tudo...

Sônia soltou um profundo suspiro.

— Mas não acabaste com o Bolkonski — disse ela.

— E se eu realmente tivesse acabado? Se, efetivamente, tudo tivesse acabado com ele? Por que pensas tu tão mal de mim?

— Não penso mal de ti. Mas não percebo...

— Espera. Sônia, já vais compreender tudo. Já vais ver como ele é. Não penses mal nem dele nem de mim.

— Não penso mal de ninguém. Gosto de toda a gente e tenho piedade de todos. Mas que hei de eu fazer?

Sônia não se deixava levar pelas meigas palavras de Natacha. Quanto mais mimados e insinuantes os modos da amiga, mais sério e grave era o seu rosto.

— Natacha — disse ela -, pediste-me que te não falasse nisso, de nada te falei e és tu a referires-te ao caso. Natacha, eu não tenho confiança nele. Que significa este mistério?

— Outra vez! Outra vez!

— É que tenho medo por ti, Natacha.

— De que tens medo?

— Tenho medo de que te percas — disse Sônia, num tom enérgico, como se ela própria se sentisse assustada com o que estava a dizer.

O rosto de Natacha de novo assumiu uma expressão de ira.

— Pois bem, perder-me-ei, perder-me-ei, e quanto antes! Nada tens com isso. O mal será para mim e não para vós. Deixa-me. Deixa-me. Odeio-te!

— Natacha! — exclamou Sônia, assustada.

— Odeio-te! Odeio-te! És minha inimiga para sempre!

E Natacha saiu a correr do quarto.

Não voltou a falar mais com Sônia e evitou tornar a encontrá-la. Natacha vagueava pela casa com o seu ar perturbado e a sua expressão de pessoa culpada, ora fazendo isto, ora aquilo e sem acabar coisa alguma.

Embora isso lhe fosse penoso, Sônia não perdia de vista Natacha. Na véspera do dia em que o conde devia regressar notou que ela estivera toda a manhã à janela do salão como se aguardasse fosse o que fosse e viu-a fazer sinais a um militar que passava pela rua e lhe pareceu Anatole.

Então pôs-se a observá-la com mais atenção e reparou que durante o jantar e à noite Natacha tinha uma atitude estranha e pouco natural: respondia às perguntas a trouxe-mouxe, principiava frases que não acabava e ria a propósito de tudo.

Depois do chá viu uma criada muito atrapalhada esperando à porta do quarto de Natacha. Aguardou que ela entrasse, e, escutando à porta, veio a saber que uma nova carta chegara.

E de súbito Sônia compreendeu que Natacha ocultava um projeto inconfessável para aquela mesma noite. Bateu à porta, mas não a deixaram entrar.

“Vai fugir com ele”, disse Sônia para si mesma. “Capaz disso é ela! Pareceu-me hoje especialmente triste, mas decidida. Ao despedir-se do pai chorou. Sim, estou convencida de que vai fugir com ele; que hei de eu fazer?”, interrogou-se a si própria, recordando todos os pormenores que podiam revelar o terrível projeto de Natacha. “O conde não está. Que hei de fazer? Escrever uma carta a Kuraguine a pedir-lhe uma explicação? Quem o obrigaria a responder-me? Escrever ao Pedro, como me recomendou o príncipe André se viesse a dar-se alguma desgraça...? Mas não acabou ela com Bolkonski? Efetivamente, foi ontem à noite que ela respondeu à princesa Maria. E o meu tio não está em casa...” Dirigir-se a Maria Dmitrievna, que tinha tanta confiança em Natacha, parecia-lhe horrível. “Seja como for”, dizia ela, de si para consigo, no corredor sombrio, “chegou agora o momento de mostrar que não esqueço o bem que eles me têm feito e que gosto de Nicolau. Ainda que tenha de passar três noites sem dormir, deste corredor é que eu não arredo pé, e hei de evitar que ela saia daqui, nem que seja à força. Não consinto que tal vergonha cubra esta família!”

Capítulo XVI

Ultimamente Anatole fora viver para casa de Dolokov. O plano de rapto de Mademoiselle Rostov fora combinado e preparado por este havia vários dias e devia ser posto em execução na noite em que Sônia, escutando atrás da porta de Natacha, decidira não a perder de vista. Natacha prometera ir ter com Kuraguine às dez horas da noite, saindo pela escada de serviço. Anatole metê-la-ia numa troika preparada de antemão e conduzi-la-ia a umas sessenta verstas de Moscou, ao povoado de Kamenka, onde um pope interdito os devia consorciar. Em Kamenka estaria preparada uma muda, que os levaria para mais longe, pela estrada de Varsóvia, donde, na mala-posta, seguiriam para o estrangeiro.

Anatole arranjava um passaporte, um livre-trânsito, dez mil rublos, que a irmã lhe havia emprestado, e mais outros dez mil, que conseguira por intermédio de Dolokov.

As testemunhas, Kvostikov, um antigo amanuense que Dolokov utilizava nas suas operações de jogador, e Makarine, hússar na reserva, homem franco e ingênuo, de uma ilimitada dedicação por Kuraguine, estavam sentadas na sala de espera tomando chá.

No amplo gabinete de Dolokov, revestido de alto a baixo de tapetes persas, peles de urso e armas, o dono da casa, de traje de viagem e botas altas, estava sentado diante da secretária aberta, onde havia contas e maços de notas. Anatole, com o uniforme desabotoado, andava de um lado para o outro, entre a sala onde estavam as testemunhas, atravessando o gabinete e um quarto das traseiras, onde o seu criado francês, ajudado por outros, preparava as bagagens. Dolokov contava o dinheiro e anotava as somas.

— Bom, então é preciso dar dois mil rublos ao Kvostikov.

— Pois dá-lhos — replicava Anatole.

— Makarka — assim tratava Makarine — de nada precisa. Era capaz de se deitar a afogar por ti. Bom, as contas estão prontas — disse Dolokov, mostrando-lhe a nota. — Está bem?

— Com certeza — replicou Anatole, que evidentemente nada ouvira e olhava vago na sua frente, sempre com o mesmo sorriso.

Dolokov fechou a secretária e dirigiu-se em tom zombeteiro a Anatole:

— Sabes o que te digo? Ainda estás a tempo, deixa-te disso!

— Imbecil! — exclamou Anatole. — Não digas tolices. Se soubesses... Só o diabo sabe o que isto é!

— Falo sério; deixa-te disso — insistiu Dolokov. — Estou a falar-te a sério. Estarás convencido de que se trata de uma brincadeira?

— Lá estás tu outra vez. Vai para o diabo que te carregue! — exclamou Anatole, franzindo o sobrolho. — Palavra, não estou com disposição de te ouvir dizer tolices. — E fez menção de sair do gabinete.

Dolokov sorriu, ao mesmo tempo formalizado e condescendente.

— Escuta, peço-te pela última vez. Para que havia eu de estar a brincar contigo? Porventura te levantei algum obstáculo? Quem preparou tudo, te arranhou um pope, te obteve um passaporte, te conseguiu dinheiro? Eu.

— Pois bem, e estou-te agradecido. Julgas talvez que te não estou reconhecido? — E Anatole, suspirando, abraçou Dolokov.

— Ajudei-te, mas, no entanto, devo dizer-te a verdade: a aventura é perigosa, e, se nos pomos a pensar nela, é mesmo estúpida. Bom, tu raptá-la, está bem. Mas julgas que vão deixar as coisas assim? Hão de acabar por saber que és casado. Serás chamado aos tribunais...

— Tolices, tolices — contraveio Anatole, contrariado. — Pois não te expliquei eu já, hem? — E Anatole, com a obstinação própria das pessoas pouco inteligentes sempre que tomam uma resolução, repetiu o raciocínio que lhe expusera já centos de vezes. — Já te expliquei. Aqui tens o que eu resolvi. — E, contando pelos dedos: — Primeiro, se este casamento não é válido, não tenho qualquer responsabilidade; segundo, se é válido, estou-me nas tintas: ninguém saberá disso no estrangeiro. Não é assim? E nem mais uma palavra, nem mais uma palavra, nem mais uma palavra!

— Ouve o que te digo: deixa-te disso! Vais enterrar-te...

— Vai para o diabo! — vociferou Anatole, e com as mãos na cabeça saiu do gabinete, para voltar em seguida a sentar-se, escarranchado numa poltrona, mesmo diante do amigo. — Só o diabo sabe o que isto é! Olha, repara como ele bate — pegou-lhe na mão e pousou-a sobre o coração. — Ah, que pés, meu caro, que olhar! Uma deusa!

Dolokov, sorrindo friamente, olhava para ele com os seus belos olhos insolentes e brilhantes, divertido, evidentemente, à custa do amigo.

— Acaba-se o dinheiro, e depois?

— Depois? — repetiu Anatole, repentinamente embaraçado diante de tal perspectiva. — Depois? Sei lá! E depois, deixa-te de tolices. São horas! — acrescentou, consultando o relógio.

Entrou no quarto das traseiras.

— Então, está pronto? Que estão para aí a fazer? — gritou para os criados.

Dolokov guardou o dinheiro, chamou um dos criados, para que ele lhes trouxesse qualquer coisa para comer antes da abalada, e entrou na sala onde estavam Kvostikov e Makarine.

Anatole, estirado no divã do gabinete, sorria, pensativo, enquanto sua bela boca ia balbuciando palavras ternas.

— Vem comer qualquer coisa! — gritou-lhe Dolokov da outra sala.

— Não tenho fome — replicou Anatole, sem deixar de sorrir.

— Anda, já aí está o Bálaga.

Anatole levantou-se do divã e entrou na sala de jantar. Bálaga era um afamado postilhão de troika, que havia cinco ou seis anos servia os dois amigos; recorriam frequentes vezes aos seus serviços. Mais de uma vez, quando o regimento de Anatole estava em Tvier, o trouxera de noite daquela cidade: chegava a Moscou de madrugada e voltava a levá-lo na noite no dia seguinte. Por várias vezes conseguira livrar Dolokov dos apuros que o perseguiam. Passeara os dois pela cidade na companhia de ciganos e “senhoritas”, como costumava dizer. E até, ao bater as ruas com eles, atropelara pessoas e sempre aqueles “senhores”, como ele dizia, o tinham livrado de complicações. Que de cavalos ele rebentara já ao seu serviço! Muitas vezes o tinham emborrachado, enfrascando-o de champanhe e madeira, o seu vinho predileto, e a verdade era estar no segredo de aventuras que a outros, que não a eles, de há muito os teriam atirado para a Sibéria. Convidavam frequentes vezes Bálaga para as suas orgias, obrigavam-no a dançar e a beber em casa dos ciganos e já lhe tinham passado pelas mãos muitos milhares de rublos. Arriscava a vida e a pele mais de vinte vezes por ano para lhes ser agradável e já rebentara cavalos que o dinheiro que eles lho haviam dado a ganhar não pagava de modo algum. Mas gostava deles à sua maneira; morria por aquelas corridas loucas, a dezoito versts à hora, adorava fazer os cocheiros de praça virarem os pés por cima da cabeça e esmagar os peões nas ruas de Moscou, lançando-se depois à desfilada. Gostava de ouvir vozes avinhadas gritar-lhe, frenéticas: “Mais depressa! Mais depressa!”, quando já lhe não era possível ir mais veloz. O que ele gostava de chicotear a nuca dos camponeses que, mais mortos do que vivos, se não voltavam a tempo! “São uns senhores às direitas”, dizia de si para consigo.

Por seu lado, tanto Dolokov como Anatole tinham Bálaga em alta conta, grande mão de rédea que era, e em matéria de gosto afinavam uns pelos outros. Quando se tratava de outras pessoas, fazia os seus preços, pedia vinte e cinco rublos por uma corrida de duas horas, sendo raro também ser ele a conduzir quando eram outros os fregueses, e nesse caso mandava um dos seus moços. Com “aqueles senhores”, porém, como costumava dizer, era ele quem aparecia em carne e osso e nunca pedia fosse o que fosse. Quando sabia pelos criados que eles tinham dinheiro, coisa que acontecia uma vez de dois em dois ou de três em três meses, aparecia pela manhã, sem ter bebido, e pedia-lhes que o livrassem de apuros. Então “aqueles senhores” mandavam-no sempre sentar.

“Acuda-me, meu paizinho Fiodor Ivanovitch”, ou então: “Excelências, estou sem cavalos. Tenho de ir à feira: emprestem-me o dinheiro que puderem.”

Anatole e Dolokov, quando abonados, davam-lhe sempre mil ou dois mil rublos.

Bálaga era um camponês dos seus vinte e seis anos, louro, corado, de pescoço vermelho e cheio, membrudo, de nariz arregaçado, olhos vivos e uma barbicha curta. Usava cafetã azul com forro de seda por cima da peliça.

Benzeu-se ao passar pelo recanto dos ícones e aproximou-se de Dolokov, estendendo-lhe a mão negra.

— Boas noites, Fiodor Ivanovitch! — disse, inclinando-se.

— Boas noites, irmão! Ora aqui está ele!

— Boas noites, Excelência — repetiu, para Anatole, que acabava de entrar, estendendo-lhe igualmente a mão.

— Ouve, Bálaga — disse-lhe Anatole, batendo-lhe no ombro. És realmente meu amigo? Então, presta-me um serviço... Que cavalos tens tu? Hem?

— Aqueles que me mandou trazer, os seus, os fogosos.

— Então, ouve, Bálaga! Arrebenta a tua troika, mas quero que me ponhas lá em três horas, hem!

— Se arrevento os cavalos, como havemos de lá chegar? — observou Bálaga, malicioso.

— Deixa-te de graças ou apanhas dois estalos! — gritou Anatole, subitamente, com os olhos fora das órbitas.

— Por que não hei de brincar? — volveu o cocheiro, sorrindo. — Já alguma vez disse que não a estes senhores? Enquanto os cavalos puderem, está visto.

— Bom! — exclamou Anatole — Vamos, senta-te.

— Senta-te, não ouves? — insistiu Dolokov.

— Estou bem de pé, Fiodor Ivanovitch.

— Tolice! Senta-te e bebe — voltou Anatole, enchendo-lhe um copázio de madeira.

Ao ver o vinho os olhos do cocheiro coriscaram. Primeiro recusou, por cortesia, e depois bebeu de um trago, limpando os beiços com um tabaqueiro de seda vermelha que trazia no fundo do boné.

— Então quando abalamos, Excelência?

— Pois — imediatamente — disse Anatole, consultando o relógio. — E toma tento, Bálaga, hem! É preciso chegar a horas.

— Depende da partida. Se estivermos com sorte... E por que não havemos nós de chegar a horas? — tomou Bálaga. — Pois não viemos uma vez

de Tvier em sete horas? Lembras-te, Excelência?

— Sim, é verdade, uma vez, pelo Natal, viemos de Tvier — disse Anatole sorrindo. Lembrava-se muito bem. E, voltando-se para Makarine, que o olhava cheio de devoção, de olhos muito abertos. — Não calculas, Makarka, até nos cortava a respiração, tão depressa vínhamos. A certa altura deparou-se-nos um comboio de carros: passamos por cima de duas galeras. Que te parece?

— Também aquilo é que eram cavalos! — prosseguiu Bálaga, e, dirigindo-se a Dolokov: — Tinha atrelado dois animais novos ao meu alazão claro. Acredita, Fiodor Ivanovitch, aqueles diabos fizeram de uma tirada sessenta verstas. Não havia quem os segurasse. Tinha as mãos dormentes. Gelava que era um louvar a Deus! Acabei por abandonar as rédeas. Pegue nelas, Excelência. Não podia mais e deixei-me cair no fundo do trenó. Não só não era preciso tocá-los, como custava a ter mão neles. Aqueles diabos fizeram o percurso em três horas! Só o da esquerda se foi abaixo.

Capítulo XVII

Anatole desapareceu, voltando daí a pouco com uma peliça cingida à cintura por uma correia com fivela de prata, um gorro de zibelina posto gaiatamente à banda e que muito bem lhe ficava ao rosto. Depois de passar os olhos pelo espelho e na postura em que se mirara postou-se diante de Dolokov e bebeu de um trago um copo de vinho.

— Bom, Fédia, adeus! Obrigado por tudo. Adeus! — exclamou. — Camaradas, amigos da minha mocidade, vamos — acrescentou, pensativo, dirigindo-se a Makarine e aos outros. — Adeus!

Embora todos o acompanhassem, Anatole queria dar um tom solene e comovido àquela despedida. Falava alto e devagar, enchendo o peito e abanando uma perna.

— Vamos beber todos, tu também, Bálaga. Camaradas, amigos da minha mocidade, passamos juntos muitos anos e muita loucura fizemos. Quando nos tornaremos a ver? Vou para o estrangeiro. Adeus, rapazes! Levamo-la direita! A vossa saúde! — Bebeu de um trago e jogou o copo ao chão.

— A sua saúde! — disse Bálaga, virando também o seu copo e limpando a boca com o tabaqueiro.

Makarine, os olhos rasos de lágrimas, abraçou-se a Anatole.

— Oh, príncipe! Custa-me tanto separar de ti — murmurou.

— Vamos! A caminho! — comandou Anatole.

Bálaga ia sair.

— Espera! Um momento! — interrompeu Anatole. — Fecha a porta, sentemo-nos todos. Ali, assim.

Fecharam a porta e toda a gente se sentou.

— E agora, a caminho, rapazes! — exclamou Anatole, erguendo-se.

Joseph, o criado, entregou-lhe uma maleta e o sabre e todos saíram para o vestíbulo.

— Onde está a peliça? — perguntou Dolokov. — Eh! Ignatka! Vai num rufo pedir a peliça a Matriona Matvieвна, uma rica zibelina. Sim, eu sei como estas coisas se fazem, os raptos — acrescentou, piscando o olho. — A pequena vai sair de casa, mais morta do que viva, tal como está. Basta um pequeno atraso e lá vêm as lágrimas, o papá e a mamã e ela toda a tremer de frio e a querer voltar para casa... Mas tu embrulha-la logo ali na peliça e mete-la no trenó.

Um lacaios veio com um casaco de mulher de pele de raposa.

— Imbecil! Eu não te disse que era de zibelina? Eh, Matrioshka! A capa de zibelina! — gritou numa voz tão forte que ressoou por toda a casa.

Uma linda cigana, magra e pálida, de olhos pretos, muito brilhantes, e caracóis negros cheios de reflexos, como a asa de um corvo, um xale vermelho pelas costas, apareceu com a capa de zibelina.

— Julgas que tenho pena dela? Toma-a, leva-a — disse, visivelmente intimidada diante do amo e cheia de pena pela perda da peliça.

Dolokov, sem lhe responder, pegou na capa, assentou-a nas costas de Matrioshka, e embrulhou-a nela.

— Assim, e depois assim — disse, levantando a gola de sorte que só lhe ficava de fora parte da cara. — E depois assim, vês? — E obrigou Anatole a espreitar pela abertura através da qual se via brilhar o sorriso da cigana.

— Bom, adeus, Matrioshka — disse Anatole, beijando-a. Acabaram-se todas as minhas loucuras aqui! Diz adeus por mim a Stiochka. Vamos, adeus, adeus, Matrioshka. Deseja-me sorte!

— Que Deus lhe dê todas as venturas, príncipe! — murmurou Matrioshka, com o seu sotaque cigano.

À porta estavam duas troikas com dois postilhões a postos. Bálaga subiu para a primeira e, erguendo os cotovelos, apanhou as rédeas sem pressas. Anatole e Dolokov sentaram-se na sua troika. Makarine, Kvostikov e os criados tomaram lugar na outra.

— Tudo pronto? — perguntou Bálaga. — Avante! — gritou enrolando as rédeas em volta do braço, e o trenó despediu a galope pela Avenida Nikitski.

— Oh! Oh!... Avante!... Oh! Oh!... — gritavam Bálaga e o rapaz sentado a seu lado.

Na Praça Arbatskaia a troika abalroou outro carro. Ouviu-se um estampido, depois um grito e ela aí vai direita ao seu destino. Depois de ter percorrido de ponta a ponta Podnovinski, Bálaga refreou os cavalos e, voltando para trás, foi parar na encruzilhada da rua Staraia Koniushina.

O moço saltou do assento para pegar no bridão dos cavalos. Anatole e Dolokov meteram pelo passeio. Ao chegar junto do portão, Dolokov assobiou. Respondeu-lhe outro assobio e à porta apareceu uma criada.

— Entre para o pátio. Aqui podem vê-lo. A menina já aí vem — disse ela.

Dolokov ficou junto do portão. Anatole seguiu a criada, contornou o recanto do pátio e galgou os degraus da escada. Gavrila, um homenzarrão que tratava dos cavalos de Maria Dmitrievna, saiu ao encontro de Anatole.

— A senhora quer falar consigo, faça favor — disse, numa voz de baixo, cortando-lhe o caminho.

— Que senhora? Quem és tu? — perguntou Anatole, numa voz entrecortada.

— Faça favor, tenho ordens para isso.

— Kuraguine! Para trás! — gritou Dolokov. — Fomos traídos! Raspa-te!

Dolokov, que ficara no portão, lutava com o porteiro, que tentava fechar a porta para não deixar sair Anatole. Apelando para todas as suas forças, conseguiu empurrar o porteiro. Depois, agarrando um braço de Anatole, que aparecera, correndo, puxou-o para a rua e ambos deram às de vila-diogo em direção à troika que os esperava.

Capítulo XVIII

Maria Dmitrievna encontrara Sônia a chorar no corredor e obrigara-a a contar-lhe tudo. Depois de apanhar a carta de Natacha e de a ter lido, apresentou-se no quarto dela com o papel na mão.

— Miserável! Desavergonhada! — gritou-lhe. — Não quero ouvir nem uma palavra.

Empurrando Natacha, que, assustada, olhava para ela com os olhos enxutos, fechou-a à chave, e depois de ter dado ordens ao porteiro para deixar entrar as pessoas que aparecessem naquela noite, não as deixando, porém, sair, disse ao criado que lhas trouxesse à sua presença e sentou-se no salão à espera dos raptos.

Quando Gavrila lhe veio anunciar que eles tinham fugido, levantou-se; de sobrolho carregado e de mãos atrás das costas pôs-se a passear na sala, refletindo sobre o que devia fazer.

À meia-noite, apalpando a chave na algibeira, apresentou-se no quarto de Natacha. Sônia estava no corredor, a soluçar.

— Maria Dmitrievna, deixe-me entrar consigo, peço-lhe! — suplicou.

Maria Dmitrievna abriu a porta sem lhe responder e entrou. “Que vergonha!... Que porcaria!... Debaixo do meu teto... Miserável! Má filha!... Só tenho pena do pai!”, dizia de si para consigo, procurando refrear a cólera que a tomava. “Embora não seja fácil, farei com que todos se calem e o conde nada há de saber.” Entrou no quarto de Natacha num passo decidido.

Esta, estirada no divã, com a cabeça nas mãos, sem se mexer, continuava na posição em que Maria Dmitrievna a deixara.

— Muito bem, muito bonito! — exclamou ela. — Na minha casa, receber amantes na minha casa! Escusas de esconder! Ouve quando te falam! — Maria Dmitrievna tocou-lhe no braço. — Ouve quando te falam. Portaste-te como uma desavergonhada! Eu bem sei o que devia fazer... mas tenho pena de teu pai. Nada lhe direi.

Natacha não se mexeu, mas todo o seu corpo estremeceu. Soluços secos e convulsivos a sufocavam. Maria Dmitrievna trocou um olhar com Sônia e veio sentar-se ao lado dela.

— Ele teve sorte em escapar. Mas hei de apanhá-lo — disse ela, na sua voz rude. — Ouves o que estou a dizer-te?

Passou a grande mão pelo queixo de Natacha e obrigou-a a virar-se para ela. Maria Dmitrievna e Sônia ficaram atarradas com a expressão que lhe viram. Seus olhos estavam brilhantes e sem uma lágrima, os seus lábios cerrados, as suas faces cavadas.

— Deixem-me... Quero lá saber... Vou morrer... — murmurou, libertando-se, com um sacão, de Maria Dmitrievna e retomando a sua primeira postura.

— Natália!... — disse Maria Dmitrievna. — Só quero o teu bem. Deixa-te estar deitada, deixa-te estar assim, não te tocarei, mas ouve... Não preciso de te dizer da culpabilidade que te cabe. Tu bem sabes. Mas o teu pai chega amanhã. Que lhe hei de dizer? Hem!

De novo estremeceu, abalada pelos soluços.

— Há de sabê-lo, sim, e teu irmão, e teu noivo também!

— Já não tenho noivo, acabei — gritou Natacha bruscamente.

— Tanto faz — prosseguiu Maria Dmitrievna. — Seja como for, hão de saber tudo. Julgas que deixarão as coisas assim? E o teu pai, conheço-o muito bem... E se o desafiar para um duelo, vai ser bonito, hem?

— Oh, deixe-me. Por que estragou tudo? Por quê? Quem lhe pediu? — gritou Natacha, soerguendo-se e olhando para Maria Dmitrievna com uns olhos irados.

— E tu, que querias tu fazer? — exclamou a pobre senhora, exaltando-se. — Tínhamos-te fechada, porventura? Quem o impedia de vir a nossa casa? Por que havia ele de te raptar como se fosses uma boêmia? E se te tivesse raptado, julgas que o não encontrariam? Ou o teu pai, ou o teu irmão, ou o teu noivo... Um desavergonhado, um valdevinos, é o que ele é!

— Vale mais que todos vós! — gritou Natacha, empertigando-se. — Se me não tivessem impedido... Oh, meu Deus! Por quê? Por quê? Sônia, por quê? Deixem-me!

E rompeu a chorar com tanto desespero como só choram aqueles que se sentem a causa das suas próprias infelicidades. Maria Dmitrievna quis ainda dizer qualquer coisa, mas Natacha pôs-se a gritar: — Vão-se embora! Vão-se embora! Todos me odeiam, todos me detestam! — E voltou a deixar-se cair sobre o divã.

Maria Dmitrievna ainda esteve algum tempo a exortá-la, dizendo-lhe ser preciso ocultar tudo do conde e que ninguém saberia coisa alguma desde que Natacha promettesse esquecer e evitasse que qualquer coisa chegasse aos ouvidos fosse de quem fosse. Natacha não respondeu. Deixara de chorar, mas agora arrepios de febre a faziam estremecer. Maria Dmitrievna pôs-lhe uma almofada debaixo da cabeça, cobriu-a com dois cobertores e trouxe-lhe uma chávena de tília. Natacha, porém, continuava calada.

— Bom, deixemo-la dormir! — disse Maria Dmitrievna, retirando-se, persuadida de que Natacha adormecera.

Natacha não dormia porém, e os seus olhos, muito abertos, no rosto pálido, olhavam fixamente diante de si. Toda a noite esteve sem dormir, sem chorar, sem dizer nada a Sônia, que várias vezes se levantou para vigiá-la.

No dia seguinte, à hora do almoço, como prometera, chegou o conde Ilia Andreitch, de regresso das suas propriedades nas imediações de Moscou. Vinha muito contente. Tudo ficara resolvido com o comprador e já nada o retinha em Moscou e longe da condessa, de quem se sentia muito saudosos.

Maria Dmitrievna foi ao seu encontro e contou-lhe que a filha estivera muito doente na véspera, que mandara chamar o médico, mas que estava agora muito melhor. Natacha nessa manhã ficou no quarto. De lábios fechados e a tremer de frio, os olhos secos e fixos, permaneceu à janela, observando ansiosamente o vaivém dos transeuntes, e voltando-se, de súbito, sempre que alguém entrava no seu quarto. Aguardava, evidentemente, notícias de Anatole, esperava que ele se apresentasse pessoalmente ou lhe escrevesse.

Quando o conde entrou, Natacha estremeceu ao ouvir passos de homem, mas assim que o reconheceu a expressão tornou-se-lhe fria e teve mesmo um movimento de irritação. Nem sequer se levantou.

— Que tens, meu anjo, estás doente? — perguntou-lhe o pai.

Natacha ficou calada.

— Sim, estou doente — acabou por dizer.

Inquieto, o conde quis saber por que estava ela tão abatida e se acontecera alguma coisa entre ela e o noivo. Natacha garantira-lhe que nada acontecera, pedindo-lhe que se não atormentasse, e Maria Dmitrievna confirmou junto do conde as palavras de Natacha. Apesar de tudo, o conde, diante da doença simulada de Natacha e da expressão embaraçada de Sônia e Maria Dmitrievna, percebeu que alguma coisa de grave ocorrera durante a sua ausência. A verdade, porém, é que a ideia de que poderia ter acontecido alguma coisa capaz de afetar a dignidade da sua filha preferida o assustava de tal modo, e tão amigo era da sua tranquilidade, que tratou de não fazer perguntas, persuadindo-se de que nada de anormal tinha ocorrido e limitando-se a lastimar que a doença de Natacha viesse retardar o seu regresso à aldeia.

Capítulo XIX

Pedro, desde que a mulher chegara a Moscou, passava a vida a arranjar pretextos para sair de casa, a fim de não se ver obrigado a encontrar-se com ela. A impressão que lhe fizera Natacha, aquando da sua viagem, ainda mais concorrera para acelerar a realização dos seus propósitos. Dirigiu-se a Tvier, à casa da viúva de Osip Alexeievitch, que há muito lhe prometera confiar-lhe os papéis de seu defunto marido.

De regresso a Moscou, entregaram-lhe uma carta de Maria Dmitrievna, que lhe pedia viesse a sua casa por causa de um assunto muito importante que dizia respeito a André Bolkonski e à noiva. Pedro procurava não ver Natacha. Para si mesmo dizia que ela lhe inspirava um sentimento mais vivo do que aquele que seria razoável na sua qualidade de homem casado e amigo do noivo. No entanto, o destino parecia comprazer-se em reuni-los a cada passo.

“Que terá acontecido? E que tenho eu a ver com isso?”, cogitava ele enquanto se preparava para dirigir-se à casa de Maria Dmitrievna. “O que é preciso é que o André venha quanto mais depressa melhor e que eles tratem de se casar”, pensou, já a caminho.

Ao passar pela Avenida de Tvier, alguém chamou-o.

— Pedro, já chegaste há muito tempo? — gritou-lhe uma voz conhecida. Levantou a cabeça. Num trenó tirado por dois cavalos cinzentos que levantavam nuvens de neve passaram junto dele Anatole e o seu inseparável camarada, Makarine. Anatole aprumava-se no assento, na clássica postura dos militares elegantes, o mento enterrado na gola de castor, a cabeça ligeiramente inclinada. Tinha a pele rosada e fresca, e o chapéu, com uma pluma branca, posto ao lado, deixava ver os cabelos frisados e cheios de brilhantina, salpicados de uma poeira de neve muito fina.

“Ora ali está um homem com juízo!”, exclamou Pedro. “Não tem olhos para ver mais longe que o prazer do momento. Nada o preocupa e por isso passa a vida alegre, contente e tranquilo!” E olhou-o com inveja. “Que não daria eu para me parecer com ele?”

No vestíbulo de Madame Akrosiuova, o criado, enquanto o ajudava a despir a peanha, disse-lhe que Maria Dmitrievna lhe pedia que subisse ao seu quarto.

Ao abrir a porta do salão viu Natacha sentada à janela, de rosto afilado e pálido, com uma expressão dura e má. Olhou para ele, franzindo as sobrancelhas, e desapareceu, afetando uma reserva fria.

— Que aconteceu? — perguntou Pedro, ao entrar no quarto de Maria Dmitrievna.

— Lindas coisas! — exclamou ela. — Há cinquenta e oito anos que ando cá por este mundo e nunca tive ocasião de presenciar uma vergonha assim.

E depois de ter exigido de Pedro a sua palavra de honra de que não abriria a boca acerca do que ela lhe diria, contou-lhe que Natacha desfizera o casamento sem nada dizer à família e que a culpa era de Anatole Kuraguine, que a mulher de Pedro lhe apresentara e com quem Natacha pensava fugir, na ausência do pai, para com ele casar secretamente.

Pedro, de ombros encolhidos e a boca aberta, ouvia toda aquela história sem poder acreditar nos seus ouvidos. Pois quê, a noiva bem-amada do príncipe André, a encantadora Natacha Rostov, preferia a Bolkonski o imbecil do Anatole, homem casado aliás (Pedro estava a par do seu casamento secreto), e a tal ponto gostava dele que consentia que a raptasse? Eis o que Pedro não podia compreender nem admitir.

Não lhe era possível consentir que no seu espírito se associasse a simpática e encantadora figura de Natacha, que ele conhecia desde pequena, a tanta baixeza, a tanta estupidez, a tanta crueldade. Lembrou-se da sua própria mulher. “São todas iguais”, dizia de si para consigo, pensando que, no fim de contas, nem só a ele cabia o triste privilégio de estar ligado a uma mulher desprezível. E no entanto vieram-lhe as lágrimas aos olhos ao lembrar-se do príncipe André, sofrendo pelo seu ferido orgulho. E quanto mais lastimava o amigo maior era o seu desprezo pela Natacha que havia momentos passara por ele afetando um ar de fria dignidade. Mal sabia ele que a alma de Natacha transbordava então de desespero, de vergonha, de humilhação, não sendo culpada de trazer afivelada aquela máscara fria e severa.

— Quê? Casar? — balbuciou Pedro. — Ele não pode casar-se, já é casado.

— Era o que faltava — suspirou Maria Dmitrievna. — É fresco, o menino! Que canalha! E aí está ela à espera, há dois dias que espera. Que ao menos deixe de esperar. É preciso que saiba.

Depois de tomar conhecimento dos pormenores do casamento de Anatole, Maria Dmitrievna aliviou a sua cólera, soltando violentas injúrias, e explicou a Pedro por que mandara chamá-lo. Receava que o conde ou mesmo Bolkonski, capaz de chegar de um momento para o outro, viessem a saber do caso, que ela, pela sua parte, estava disposta a esconder-lhes, e desafiassem Kuraguine para um duelo. Eis por que lhe rogava que pedisse em seu nome ao cunhado que saísse de Moscou e que nunca mais ali aparecesse. Pedro prometeu-lhe que o faria, e só então se apercebeu do perigo que ameaçava ao mesmo tempo o velho conde, Nicolau e o príncipe André. Expôs-lhe, pois, em poucas palavras e com clareza o que queria dele e acompanhou-o ao salão.

— Cuidado, o conde de nada sabe. Finja nada saber — pediu-lhe ela. — Por mim, vou dizer a Natacha que escusa de esperar. E fica para jantar, se te apetece — acrescentou na sua grossa voz.

Pedro dirigiu-se ao velho conde, que parecia profundamente perturbado. Nessa mesma manhã Natacha dissera-lhe que desfizera o noivado com Bolkonski.

— Que desgraça, que desgraça, meu caro! — exclamou ele -, quando lhes falta a mãe. Não calcula a pena que tenho de ter feito esta viagem. Vou ser franco consigo. Pois não sabe? Despediu o noivo sem dizer coisa alguma a ninguém. Realmente nunca me entusiasmei muito este casamento. Sim, bem sei, é um homem às direitas, mas, pois não é verdade?, uma pessoa não pode ser feliz quando age contra a vontade de seu pai, e a Natacha não faltam pretendentes. Mas o que é certo é que isto já durava há muito, e dar semelhante passo sem consultar nem o pai nem a mãe!... E para aí está doente, só Deus sabe com quê! Ah, conde, tudo corre mal, tudo corre mal quando falta a mãe a uma filha...

Pedro, ao ver o conde tão comovido, procurou mudar de assunto, mas ele voltava sempre à sua preocupação.

— Natacha não passa bem de saúde. Está nos seus aposentos e queria falar consigo. Maria Dmitrievna está ao pé dela e também lhe queria falar. É verdade, como é amigo de Bolkonski, naturalmente quererá mandar-lhe algum recado — acrescentou o conde. — Meu Deus, meu Deus, e ia tudo tão bem!

E, levando as mãos aos escassos cabelos que tinha ainda na cabeça, saiu do salão.

Maria Dmitrievna dissera a Natacha que Anatole já era casado. Esta não quisera acreditar em tal e pedira a Pedro que viesse junto dela confirmar o fato. Eis o que Sônia explicou a Pedro enquanto o acompanhava ao quarto de Natacha.

Natacha, pálida e de severa expressão, ao lado de Maria Dmitrievna, assim que o viu surgir no limiar da porta pousou nele uns olhos interrogativos em que se sentia brilhar a febre. Não teve um sorriso nem um movimento de cabeça. Limitou-se a fitá-lo obstinadamente e no seu olhar apenas se lia uma pergunta: estava diante de um amigo ou de um inimigo, como todos os outros, no que dizia respeito a Anatole? Era evidente que Pedro, em si próprio, naquele momento, não existia para ela.

— Pedro sabe tudo — disse Maria Dmitrievna, apontando para ele. — Ele que diga se faltei à verdade.

Natacha, tal um animal perseguido, e já ferido, que vê aproximar cães e caçadores, olhava com uns olhos vagos e errantes.

— Natália Ilinitchna — principiou Pedro, baixando os olhos, tomado de uma profunda piedade por ela e de um invencível desgosto pelo que se via obrigado a dizer. — Verdade ou mentira, isso deve-lhe ser indiferente, porque...

— Então não é verdade que está casado?

— Sim, é verdade.

— Está casado, e há muito tempo? — insistiu ela. — Palavra de honra?

Pedro deu-lhe a sua palavra de honra.

— Ainda cá está? — perguntou Natacha vivamente.

— Está. Acabo de o encontrar.

Natacha não teve forças para dizer mais e fez com a mão um gesto a suplicar que a deixassem.

Capítulo XX

Pedro não ficou para jantar; depois disto saiu do aposento e abalou. Andou por toda a cidade à procura de Anatole Kuraguine. Só pensar nele lhe fazia afluir o sangue ao coração e o deixava sem fôlego. Não estava nas montanhas, nem com os ciganos, nem em casa de Comoneno. Dirigiu-se ao clube. Ali tudo na mesma: os sócios que vinham jantar formavam vários grupos. Cumprimentaram Pedro e puseram-se a falar dos casos do dia.

Um criado, familiarizado com os hábitos de Bezukov, depois de lhe ter feito uma vênia, disse-lhe que a sua mesa estava reservada na salinha de jantar, que o príncipe Fulano se encontrava na biblioteca e que Sicrano ainda não chegara.

Um dos seus conhecidos, entre outras coisas triviais, perguntou-lhe se ouvira dizer que Mademoiselle Rostov fora raptada por Kuraguine, caso de que muito se falava em Moscou, e se era verdade. Pedro replicou-lhe, rindo, ser um absurdo, pois acabava de sair de casa dos Rostov. A toda a gente perguntou por Anatole. Alguém disse-lhe que ele ainda não chegara, e houve também quem o informasse de que viria jantar com toda a certeza. Pedro observava com um estranho sentimento aquele agregado de pessoas tranquilas e indiferentes completamente alheias ao que se estava a passar na sua alma. Andou a vaguear pelos salões, aguardando que toda a gente chegasse, e, vendo que Anatole não aparecia, decidiu não jantar e voltar para casa.

Anatole naquele dia jantara em casa de Dolokov e conferenciara com ele acerca da maneira de reparar o que falhara. Parecia-lhe indispensável tornar a ver Mademoiselle Rostov. À noite dirigiu-se à casa da irmã para lhe falar na maneira de conseguir um encontro com Natacha. Quando Pedro, depois de ter percorrido debalde toda a cidade, voltou para casa, soube pelo criado que o príncipe Anatole Vassilievitch se encontrava com a condessa. O salão de Helena estava cheio.

Sem cumprimentar a mulher, a quem não via desde que voltara a Moscou — mais do que nunca a odiava naquele momento —, Pedro penetrou no salão da condessa, viu Anatole e foi direito a ele.

— Ah, Pedro!... — exclamou a condessa, aproximando-se. Não imaginas o estado em que está Anatole...

Calou-se ao ver na atitude do marido, na sua cabeça baixa, nos seus olhos brilhantes, no seu passo enérgico, aqueles terríveis sinais de ira e violência que ela tão bem conhecia e cujos efeitos experimentara aquando do duelo com Dolokov.

— Onde a senhora estiver só há depravação e maldade — pronunciou Pedro. — Anatole, venha cá, preciso de lhe falar — acrescentou em

francês.

Anatole olhou a irmã e levantou-se docilmente, disposto a seguir Pedro. Este, pegando-lhe por um braço, arrastou-o consigo para fora do salão.

— Como se atreve, na minha sala... — ia a dizer Helena, em voz baixa, mas Pedro saiu da sala sem lhe responder.

Anatole seguiu o cunhado com a sua arrogância habitual, embora houvesse inquietação nos traços do seu rosto.

Assim que entrou no gabinete, Pedro fechou a porta e dirigiu-se a Anatole sem olhar para ele.

— É verdade que prometeu casar com a condessa Rostov e que a quis raptar?

— Meu caro — replicou Anatole em francês (foi em francês, de resto, que se travou todo o diálogo) — não me julgo obrigado a responder a perguntas formuladas nesse tom.

O rosto de Pedro, pálido até então, surgiu descomposto pelo furor. Agarrando Anatole, com as suas grossas mãos, pela gola do uniforme, pôs-se a sacudi-lo de um lado para o outro de tal maneira que um indizível terror se pintou na cara do rapaz.

— Se eu lhe disse que precisava de falar consigo... — repetia Pedro.

— Que é isto? Está doido! — exclamou Anatole, apalpando a gola, em que o botão arrancado pendia juntamente com um pedaço de pano.

— O senhor é um canalha, um bandido, não sei por que lhe não rebento a cabeça com isto — exclamou Pedro, exprimindo-se um pouco artificialmente, pois falava em francês.

Pegara num bojudo pesa-papéis, erguera-o num gesto de ameaça e voltara a depô-lo sobre a mesa.

— Prometeu casar com ela?

— Eu, eu, acho que não. De resto, não lhe prometi coisa alguma, visto que...

Pedro cortou-lhe a palavra:

— Tem cartas dela? Tem cartas dela? — repetiu, aproximando-se dele.

Anatole fitou-o, e imediatamente, metendo a mão ao bolso, tirou a carteira.

Pedro pegou na carta que Anatole lhe estendia e, afastando a mesa, que o estorvava, deixou-se cair no divã.

— Não serei violento, por isso não tem nada a recear — disse, em resposta a um gesto receoso de Anatole. — Primeiro as cartas... — continuou como se repetisse de cor uma lição. — Depois... — acrescentou, após uma pausa,

em seguida à qual se ergueu e se pôs a andar de um lado para o outro. — Em segundo lugar amanhã vai sair de Moscou.

— Mas como hei de poder...

— Em terceiro lugar — continuou Pedro sem lhe dar ouvidos -, a ninguém deve dizer uma palavra acerca do que se passou entre o senhor e a condessa. Bem sei que não o posso proibir, mas se ainda lhe resta um vislumbre de consciência...

Pedro continuou, em silêncio, a sua caminhada.

Anatole estava sentado à mesa, de sobrelhas carregadas e mordendo os lábios.

— É impossível que o senhor não compreenda que independentemente dos seus prazeres pessoais há a felicidade e a tranquilidade das outras pessoas; é impossível que não compreenda que deita a perder uma vida inteira apenas porque lhe apetece divertir-se. Se isso lhe agrada, divirta-se com mulheres no gênero da minha, tem direito a isso: essas sabem perfeitamente o que o senhor pretende delas. Estão armadas contra o senhor pela mesma experiência da devassidão. Mas prometer casamento a uma donzela... enganá-la... raptá-la... Será possível que não compreenda que é vilania tão grande como bater num velho ou numa criança?!

Pedro calou-se e fitou Anatole, já não com ira, mas interrogativamente.

— Não sei — disse Anatole, ganhando audácia à medida que Pedro dominava a sua cólera. — Não sei nem quero saber — prosseguiu, olhando-o e com um nervoso movimento do queixo -, mas o senhor disse-me coisas... o senhor pronunciou a palavra covarde e ainda outras palavras que eu, como um homem de honra, a ninguém posso admitir.

Pedro olhou-o com espanto, sem perceber onde ele queria chegar.

— Embora isto se tenha passado só entre nós — prosseguiu — eu não posso...

— Quê? Está a exigir de mim uma reparação? — murmurou Pedro, em tom sarcástico.

— Pelo menos podia retirar as suas expressões! Se quer que cumpra as suas condições, hem?

— Retiro-as, retiro-as — disse Pedro — e peço-lhe desculpa — acrescentou, lançando um olhar ao botão arrancado de Anatole. — E se tiver necessidade de dinheiro para a viagem...

Anatole sorriu. Este sorriso tímido e covarde, que Pedro conhecia por tê-lo visto na mulher, exasperou-o.

— Oh, raça vil e sem coração! — exclamou, saindo do gabinete.

No dia seguinte Anatole partia para Petersburgo.

Capítulo XXI

Pedro dirigiu-se à casa de Maria Dmitrievna para lhe comunicar que o seu desejo fora satisfeito, que Kuraguine saíra de Moscou. Toda a gente lá em casa estava consternada e abatida. Natacha adoecera gravemente e Maria Dmitrievna contou em segredo a Pedro que naquela noite, quando ela soubera que Anatole era casado, tomara arsênico, que conseguira arranjar às escondidas. Depois de ter ingerido uma pequena dose, tão assustada ficou que foi acordar Sônia, a quem revelou o que fizera. Como haviam empregado a tempo os meios mais enérgicos, estava livre de perigo, mas tão fraca que era impossível pensar em levá-la para a aldeia e que tinham mandado vir a condessa. Pedro foi encontrar o conde compungido e Sônia desfeita em lágrimas, mas não pôde ver Natacha. Nesse dia jantou no clube. Por toda a parte se falava na tentativa de rapto de Mademoiselle Rostov, empenhando-se ele opiniosamente em refutar essa atoarda, garantindo a toda a gente que nada mais houvera além de um pedido de casamento da parte de seu cunhado, pedido que fora mal sucedido. Pedro pensava ser obrigação sua esconder a verdade, salvando, assim, a reputação de Natacha.

Esperava aterrorizado o regresso do príncipe André e todos os dias ia saber dele à casa do velho príncipe.

O príncipe Nicolau Andreievitch fora informado por Mademoiselle Bourienne do que se dizia na cidade e lera a carta que Natacha escrevera à princesa Maria considerando o noivo desobrigado da palavra dada. Parecia mais alegre do que habitualmente e aguardava, impaciente, a chegada do filho.

Alguns dias depois da partida de Anatole, Pedro recebeu um bilhete do príncipe André comunicando-lhe que regressara a Moscou e pedindo-lhe que passasse por sua casa.

Assim que chegara fora o príncipe André informado pelo pai do teor da carta de Natacha à irmã, carta esta furtada à princesa Maria por Mademoiselle Bourienne e por ela entregue ao príncipe. Além disso o pai tivera o cuidado de lhe contar, consideravelmente ampliado, o que se dizia sobre o rapto de Natacha.

Pedro foi à casa do príncipe André na manhã seguinte ao dia da sua chegada. Julgando encontrá-lo num estado semelhante ao de Natacha, grande foi o seu espanto ao ouvir, no momento em que entrava no salão, a bem timbrada voz de André, que no seu gabinete contava, animado, uma intriga recente de Petersburgo. O velho príncipe e uma pessoa desconhecida interrompiam-no de quando em quando. Ao encontro de Pedro veio a princesa Maria. Num suspiro, apontou-lhe com os olhos a porta do quarto do irmão, procurando deste modo mostrar quanto sentia o desgosto de André, mas Pedro viu claramente na sua expressão que ela estava satisfeita com o que acontecera e com a maneira como ele recebera a notícia da traição da noiva.

— Disse que já contava com isso — observou ela. — Compreendo que o orgulho lhe não deixe exprimir o que sente, mas a verdade é que recebeu a notícia melhor do que eu esperava. Evidentemente que assim tinha de ser...

— Será possível que tudo tenha acabado? — perguntou Pedro.

A princesa Maria olhou-o surpreendida. Nem sequer compreendia que se pusesse o problema. Pedro penetrou no gabinete. O príncipe André, à paisana, muito mudado, e naturalmente com melhor aspecto, mas com uma nova ruga entre as sobrancelhas, estava de pé diante do pai e do príncipe Mechtcherski e discutia acaloradamente, gesticulando com energia. Falava-se de Speranski, da notícia do seu repentino exílio e da sua pretensa traição, que acabava de se espalhar em Moscou.

— Agora, todos os que há um mês se entusiasmavam com ele estão prontos a acusá-lo e a condená-lo — dizia o príncipe André -, gente incapaz de compreender o alcance das suas medidas. É muito fácil julgar um homem quando cai em desgraça e atribuir-lhe então todos os erros alheios. Pois bem, na minha opinião, entendo que se alguma coisa de bom se fez no atual reinado a ele e só a ele se deve.

Calou-se ao ver entrar Pedro. Um estremecimento nervoso lhe perpassou pelo rosto, denotando de súbito uma violenta irritação.

— A posteridade se encarregará de lhe fazer justiça — concluiu. E depois, voltando-se para Pedro: — Ah! és tu? Continuas a engordar — disse com vivacidade, enquanto se lhe cavava mais funda a nova ruga da testa. — Sim, isto vai melhor! — replicou ele, sorrindo, em resposta a uma pergunta de Pedro acerca da sua saúde.

Este sorriso queria dizer, e assim o compreendeu Pedro: “Sim, bem sei, mas ninguém precisa de saber se estou bom de saúde.”

Depois de ter trocado algumas palavras com Pedro sobre o medonho estado das estradas entre a fronteira da Polônia e Moscou, de lhe ter falado de umas pessoas que encontrara na Suíça, e que eram das relações do amigo, e de ter aludido a Monsieur Dessalles, que consigo trouxera do estrangeiro para dirigir a educação do filho, André enfronhou-se de novo com entusiasmo na discussão sobre Speranski, que prosseguia entre os dois velhos.

— Se houvesse traição e se existissem provas da sua conivência secreta com Napoleão, já a esta hora seriam conhecidas — disse ele com uma apaixonada vivacidade. — Pessoalmente não gosto de Speranski, mas sou pela equidade.

Pedro via que o amigo sentia a necessidade — necessidade que tão bem lhe conhecia — de entusiasmar-se e discutir qualquer assunto estranho para assim mais facilmente esquecer pensamentos íntimos demasiado penosos.

Quando o príncipe Mechtcherski se retirou, André travou do braço de Pedro e conduziu-o ao quarto expressamente preparado para si. Estava ali uma cama armada e no chão havia malas e baús abertos.

O príncipe André aproximou-se de um deles e pegou numa caixa. Dentro estava um pacote embrulhado em papel. Tudo isto ele fez muito depressa e sem dizer palavra. Depois soergueu-se, tossicando. A expressão era taciturna e tinha os lábios cerrados.

— Desculpa se te incomodo...

Pedro compreendeu que ele lhe queria falar de Natacha e no seu cheio rosto pintaram-se-lhe compaixão e simpatia. A irritação de André foi maior ainda. Prosseguiu, num tom cortante e resolutivo, mas que soava a falso:

— A condessa Rostov repudiou-me e ouvi falar de um pedido de casamento do teu cunhado ou de qualquer coisa no mesmo gênero. É verdade?

— É verdade e não é — principiou Pedro, mas André interrompeu-o:

— Aqui tens as cartas dela e o seu retrato — articulou.

Pegou no maço de papéis e entregou-o a Pedro.

— Entrega isto à condessa... quando a vires.

— Está muito doente — disse Pedro.

— Ah! Ainda está em Moscou? E o príncipe Kuraguine? — perguntou, precipitadamente.

— Abalou há dias. Ela esteve à morte...

— Tenho muita pena — replicou, sorrindo com uma expressão fria, má, desagradável, muito parecida com a do pai.

— Pelo que vejo, o Sr. Kuraguine não se dignou conceder a sua mão à condessa Rostov? — disse ele.

Por várias vezes pareceu fungar.

— Não podia casar com ela; já é casado — observou Pedro.

O príncipe André pôs-se a rir, exatamente como o pai.

— E onde está ele neste momento, o teu cunhado, pode saber-se?

— Foi para Peters... Isto é, não tenho a certeza.

— Sim, pouco importa — comentou André. — Peço que digas, da minha parte, à condessa Rostov que ela sempre foi e continua a ser completamente livre e que lhe desejo muitas felicidades.

Pedro pegou no maço das cartas. O príncipe André, como se a si próprio perguntasse se não estaria a esquecer-se ainda de qualquer coisa ou como se aguardasse que Pedro dissesse fosse o que fosse, interrogou-o com os olhos.

— Escute; lembra-se da nossa discussão em Petersburgo? — murmurou Pedro. — Lembra-se...

— Lembro-me — apressou-se André a responder — Dizia-te que era preciso perdoar à mulher que cai, mas eu não disse que lhe podia perdoar. Eu não posso.

— Podem comparar-se as duas situações? — observou Pedro.

André interrompeu-o. Em tom sarcástico exclamou:

— Sim, pedir de novo a sua mão, ser magnânimo e outras coisas do mesmo teor?... Sim, é muito nobre, mas não me sinto capaz de ficar reduzido a apanhar-lhe as migalhas. Se queres que eu continue a ser teu amigo nunca mais me fales no caso. Bom, então adeus! Está combinado, tu entregas-lhe...

Pedro foi dali aos aposentos do velho príncipe e da princesa Maria.

O velho parecia mais animado do que de costume. Maria continuava a mesma, mas Pedro via claramente que na compaixão que ela mostrava pela infelicidade de André se traía a alegria que lhe causava o desmanchar daquele casamento. Observando-os, pôde compreender o desdém e a inimizade que ambos nutriam pelos Rostov, e percebeu que não seria possível sequer pronunciar na sua presença o nome daquela que fora capaz de trocar o príncipe André por um homem qualquer.

À mesa falou-se da guerra, que parecia iminente. O príncipe André não parava de falar e de discutir, ora com o pai ora com Dessalles, o preceptor suíço, e mais do que nunca dir-se-ia dominado por uma excitação cuja causa Pedro conhecia muitíssimo bem.

Capítulo XXII

Nessa mesma noite, Pedro foi ter com os Rostov a fim de dar cumprimento à sua missão. Natacha estava de cama, o conde fora para o clube e Pedro, depois de entregar as cartas a Sônia, procurou Maria Dmitrievna, ansiosa por saber como o príncipe André acolhera o caso. Passados uns dez minutos, Sônia apareceu também nos aposentos de Maria Dmitrievna.

— Natacha quer ver sem falta o conde Pedro Kirillovitch — disse ela.

— Como assim? Há de ir ao quarto dela, onde está tudo desarrumado? — disse Maria Dmitrievna.

— Arranjou-se e espera por ele no salão — voltou Sônia.

Maria Dmitrievna limitou-se a encolher os ombros.

— Quando chegará a condessa? Já não posso mais. Tem cuidado, não lhe digas tudo — recomendou a Pedro. — Não há coragem para a censurar: é tão infeliz, tão infeliz!

Natacha, magra, pálida e com uma expressão severa, mas sem de modo nenhum denunciar a mais pequena humildade, como Pedro esperava, recebeu-o de pé no meio do salão. Ao vê-lo aparecer no limiar da porta teve um movimento de hesitação, como que indecisa, sem saber se devia aproximar-se ou aguardar que ele viesse para ela.

Pedro apressou o passo. Julgou que ela lhe ia estender a mão como de costume, mas, ao aproximar-se viu-a imóvel, a respiração opressa e os braços caídos, numa atitude exatamente igual à que costumava tomar outrora quando cantava, embora fosse muito diferente a sua expressão.

— Pedro Kirillovitch — principiou ela numa voz precipitada -, o príncipe Bolkonski era seu amigo; é seu amigo — retificou. Dir-se-ia que para ela nada havia do que existira e que tudo era diferente agora. — Disse-me então que me dirigisse a si...

Pedro fitava calado, a respiração opressa. Até àquele momento não fizera outra coisa senão censurá-la no fundo do seu coração, esforçando-se por desprezá-la. Naquele momento, porém, tamanha era a piedade que ela lhe inspirava que não lhe passava pela cabeça dirigir-lhe qualquer censura.

— Ele está cá... Diga-lhe... que me per... que me perdoe.

Natacha calou-se, o peito a arfar, mas sem uma lágrima.

— Sim... dir-lhe-ei — replicou Pedro -, mas...

Não sabia que dizer.

Natacha, assustada com a ideia que poderia ter ocorrido a Pedro, disse-lhe vivamente:

— Não, sei muito bem que tudo acabou. Nunca mais poderá recompor-se. A única coisa que me atormenta é o mal que lhe causei. Mas diga-lhe que lhe peço me perdoe, me perdoe, me perdoe...

Um estremecimento nervoso lhe percorreu todo o corpo. Sentou-se numa cadeira.

Um sentimento de piedade como nunca experimentara até então inundou a alma de Pedro.

— Dir-lhe-ei, dir-lhe-ei tudo... mas desejaria saber uma coisa...

“Saber o quê?”, perguntavam os olhos de Natacha.

— Desejaria saber se amou... — Pedro perguntou-se a si mesmo se devia pronunciar o nome de Anatole, e este pensamento fê-lo corar... — se amou esse malvado?

— Não lhe chame malvado — disse Natacha. — Não sei, já nada sei...

Rompeu a chorar. Um sentimento de piedade, de ternura e de amor mais veemente ainda inundou a alma de Pedro. Sentia as lágrimas a escorrerem pelos vidros das lunetas e desejava que ela se não apercebesse disso.

— Não falemos mais nisso, minha amiga — disse ele.

Esta voz doce, terna, em que vibrava uma nota profunda, surpreendeu Natacha.

— Deixemos isso, minha amiga, dir-lhe-ei tudo, mas só uma coisa lhe peço; é que de hoje para o futuro me considere seu amigo. Se precisar de auxílio, de conselho, se algum dia sentir a necessidade de abrir o seu coração a alguém, agora não, quando puder olhar com clareza para dentro de si mesma, lembre-se de mim. — Pegou-lhe na mão e beijou-a. — Sentir-me-ei muito feliz, se for capaz...

Pedro perturbou-se.

— Não me fale assim, eu não o mereço! — exclamou Natacha, fazendo menção de retirar-se. Pedro, contudo, reteve-a. Sabia haver ainda qualquer coisa para lhe dizer. Pronunciadas que foram porém as suas palavras, ele próprio se surpreendeu.

— Não, não, não diga isso: tem a vida toda diante de si — murmurou ele.

— Eu? Não, para mim tudo acabou — replicou ela num sentimento em que havia vergonha e humildade.

— Tudo acabou! — repetiu ele. — Se eu não fosse quem sou, se fosse o mais belo e o mais inteligente dos homens sobre a terra, e se fosse livre, pedir-lhe-ia, neste mesmo momento, de joelhos, a sua mão e o seu amor.

Natacha, pela primeira vez de há muito tempo para cá, foi acometida de um ataque de choro, choro de reconhecimento e de emoção, abandonando a sala com um olhar de agradecimento.

Pedro saiu logo atrás dela, refugiando-se, por assim dizer, no vestíbulo, enquanto sufocava as lágrimas de felicidade que lhe haviam subido aos olhos. E, enfiando a peliça ao acaso, subiu para o trenó que o aguardava.

— Aonde vamos agora? — perguntou o cocheiro.

“Aonde vamos?”, repetiu Pedro de si para consigo. “Aonde poderemos ir agora? Ao clube ou fazer visitas?” Tudo se lhe afigurava tão miserável, tão pobre, em comparação com os sentimentos de amor e doçura que o tinham invadido com aquele olhar comovido e cheio de reconhecimento, velado de lágrimas, que Natacha pousara nele.

— Para casa — gritou Pedro, que, apesar de dez graus abaixo de zero, abrira a peliça de urso e deixava dilatar de felicidade o seu largo peito.

Nevava, mas o tempo estava muito claro. Ao alto das ruas sujas e quase em trevas, por cima dos telhados negros, alastrava um céu escuro salpicado de estrelas. Só a contemplação dessas altas esferas permitia a Pedro evadir-se do aflitivo contraste entre a baixeza do que é humano e os nobres sentimentos que lhe enchiam a alma. Ao chegar à Praça de Arbate, viu, por cima da cabeça, uma vasta toalha de céu estrelado. Quase no centro deste horizonte, ao alto da Avenida Pretchistenski, cercado de estrelas por todos os lados, mas avultando no meio de todas elas, muito mais próximo, com a sua branca luminosidade e a sua longa cabeleira arqueada na ponta, surgia o brilhante e enorme cometa de 1812, esse mesmo cometa, dizia-se, presságio de grandes desgraças e do fim do mundo. A verdade, porém, é que esta luminosa estrela, com a sua longa cabeleira cintilante, não despertou o mais pequeno terror em Pedro. Muito pelo contrário: olhava-a com os olhos cheios de lágrimas. Dir-se-ia que depois de haver percorrido, a uma velocidade incalculável, espaços incomensuráveis, seguindo uma curva parabólica, se imobilizara, de súbito, como uma flecha que se crava na terra, no ponto que escolhera naquele negro céu e ali estava plantada, a cabeleira hirsuta, espelhando as cintilações da sua branca claridade no meio de um sem-número de outras cintilantes estrelas. Pedro sentia que aquele astro vinha acordar na sua alma, toda aberta, uma vida nova, comovida e reconfortada.

Nona Parte

Capítulo I

Em fins de 1811, principiaram os armamentos intensivos e a concentração das forças da Europa ocidental e, em 1812, estas forças, ou seja, milhões de homens, no número das quais se contava transportes e abastecimentos, puseram-se em marcha do Ocidente para o Oriente, em direção às fronteiras da Rússia, para onde se encaminhavam, igualmente, a partir de 1811, os exércitos russos. No dia 12 de junho, os exércitos da Europa ocidental atravessaram a fronteira e a guerra principiou, isto é, produziu-se então um acontecimento em desacordo completo com a razão e a própria natureza do homem. Estes milhões de homens praticaram, em relação uns aos outros, tão grande número de abominações, de fraudes, de traições, de roubos, de falsificações de moeda, de pilhagens, de incêndios e de morticínios como não há exemplo nos arquivos dos tribunais do mundo inteiro, funcionando há séculos, e sem que, no entanto, durante todo este período, aqueles que cometeram tais crimes fossem considerados, realmente, criminosos.

Que produziu tão monstruoso acontecimento? Quais as suas causas? Os historiadores, com uma segurança ingênua, foram buscá-las ao insulto de que foi vítima o duque de Oldemburgo, não observância do bloqueio continental, à ambição de Napoleão, à resistência de Alexandre, aos erros da diplomacia etc.

Por conseguinte, teria bastado que Metternich, Rumiantsov ou Talleyrand, entre uma recepção na corte e uma reunião política, conviessem em redigir com arte uma nota bem cozinhada ou que Napoleão pegasse na pena para escrever a Alexandre: “Senhor meu irmão, consinto em devolver o ducado ao duque de Oldemburgo”, para que não tivesse havido guerra.

É natural que fosse este o ponto de vista dos contemporâneos. Concebe-se que Napoleão tivesse atribuído a guerra às intrigas da Inglaterra, como declarou na ilha de Santa Helena. Admite-se que os membros do Parlamento inglês pensassem que deveriam ir buscar-se-lhe as causas à ambição de Napoleão; que o duque de Oldemburgo as tivesse visto na violência de que fora vítima; o comércio no bloqueio que arruinava a Europa; que os velhos militares e os generais tenham dado como pretexto do conflito a necessidade de ocupar os seus homens; os legitimistas da época a urgência em restabelecer os bons princípios, enquanto os diplomatas pensavam que tudo provinha de a aliança da Prússia com a Áustria em 1809 não ter sido habilmente escondida de Napoleão e de o memorando nº 178 haver sido mal redigido. Compreende-se que os contemporâneos tenham invocado estas e ainda outras razões, tantas ou tão poucas que o número delas pode variar consoante os numerosos pontos de vista.

Para nós, a posteridade, que contemplamos em toda a sua amplitude este acontecimento considerável e que penetramos o seu sentido simples e

terrível, todas elas são, evidentemente, insuficientes. Não podemos conceber como milhões de cristãos puderam matar-se uns aos outros e torturar-se mutuamente só porque Napoleão era ambicioso, Alexandre firme, a política da Inglaterra tortuosa e o duque de Oldemburgo se sentia ofendido. Não é possível compreender a ligação que existe entre todas estas circunstâncias e as violências e os morticínios propriamente ditos.

Para nós, a posteridade, nós, que não somos historiadores, nem nos deixamos levar pelo entusiasmo das investigações, e examinamos, por conseguinte, com um bom senso imperturbável os acontecimentos, as causas aparecem-nos em número incalculável. Quanto mais nos enfronhamos na investigação dessas causas mais numerosas elas se nos revelam e cada uma em si ou uma série delas se nos afiguram igualmente justas, embora falsas também, dada a sua insignificância quando comparadas com a imensidade do acontecimento, e igualmente falsas pela sua insuficiência, independentemente de todas as demais causas concordantes poderem ter produzido o resultado encarado. Uma delas, por exemplo, o fato de Napoleão se ter recusado a retirar as suas tropas para o outro lado do Vístula e restituir o ducado de Oldemburgo, parece-nos valer tanto como a recusa de um primeiro-cabo francês a realistar-se, pois a verdade é que, se este não tivesse querido voltar à atividade e o seu exemplo houvesse sido seguido por milhares de soldados, teria havido muito menos homens no exército de Napoleão e este ver-se-ia impossibilitado de declarar a guerra.

Se Bonaparte se não houvesse sentido ofendido ao receber a comunicação em que se lhe pedia que se retirasse para a outra margem do Vístula e não tivesse dado às suas tropas ordem de marcha, não teria havido guerra. Mas se todos os seus sargentos se houvessem recusado a realistar-se também a agressão não se daria. Fosse como fosse, não se teria dado se não tivesse havido intrigas da Inglaterra, se não existisse o príncipe de Oldemburgo, se Alexandre não fosse tão suscetível, se a Rússia não tivesse um governo autocrático, se não tivesse havido a Revolução Francesa e assim por diante. Sem qualquer destas causas nada teria acontecido. É muito possível que para que o acontecimento se produzisse tivesse sido preciso o encontro de todas estas causas, de milhares de causas, o que só quer dizer não haver causas exclusivas e que as coisas acontecem porque têm de acontecer.

Milhões de homens, repudiando todo o sentimento humano e toda a espécie de razões, tinham de marchar do Ocidente para o Oriente dispostos a matar os seus semelhantes, tal qual, séculos antes, massas de homens tinham marchado do Oriente para o Ocidente matando igualmente o seu semelhante.

Os atos de Napoleão e de Alexandre, cuja palavra, na aparência, só por si podia impedir ou desencadear os acontecimentos, eram tão pouco livres e arbitrários como os do simples soldado destinado pela sorte ou o recrutamento a tomar parte na campanha.

As coisas não podiam passar-se de outra maneira, pois, para que fosse cumprida a vontade de Napoleão ou de Alexandre, na aparência senhores onipotentes, era absolutamente necessária a concordância de numerosas circunstâncias, e bastava faltar uma só que fosse para nada vir a produzir-se. Era necessário que milhões de homens entre cujas mãos se encontrava a força atuante — soldados para disparar e transportar abastecimentos e canhões — estivessem de acordo para cumprir a vontade daqueles dois fracos indivíduos, se isolados, e que a tal fossem conduzidos por um número infinito de razões, tão complicadas quão diversas.

A intervenção do fatalismo na história é inevitável para explicar estas manifestações desprovidas de sentido, ou, antes, cujo sentido nos não é dado compreender. Quanto mais procuramos explicá-las logicamente tanto mais desarrazoadas e incompreensíveis se nos apresentam.

O homem vive para si mesmo, goza de liberdade para alcançar os seus objetivos particulares; todo o seu ser lhe diz que pode realizar ou não imediatamente este ou aquele ato; mas assim que age, realizado que seja o seu ato em tal ou qual momento da continuidade temporal, ei-lo que passa a ser irrevogável e a pertencer daí para o futuro à história, perdendo o seu caráter de ato livre para ocupar um lugar que lhe é previamente designado.

A vida do homem tem duas faces. Há, em primeiro lugar, a vida individual, tanto mais livre quanto mais gerais os seus interesses, quanto mais abstratos; e depois a vida como um elemento social, a vida do cortiço humano, em que o homem tem inevitavelmente de se submeter às leis que lhe são prescritas.

O homem vive conscientemente a sua vida individual, servindo de instrumento inconsciente à realização dos fins históricos da humanidade inteira. O ato realizado torna-se irrevogável, e, graças à sua concordância com os milhões de outros atos realizados ao mesmo tempo, assume valor histórico. Quanto mais alto o homem está colocado na escala da humanidade, quanto mais importantes as personagens com quem entra em contacto, tanto maior, igualmente, o seu poder sobre os outros homens e mais evidente o caráter de predestinação e de fatalidade de cada um dos seus atos.

“O coração dos reis está na mão de Deus.” “O rei é escravo da história.”

A história, quer dizer, a vida inconsciente, geral, elementar, da humanidade serve-se de todos os minutos da vida dos reis para alcançar os seus objetivos.

Embora então, em 1812, Bonaparte estivesse mais do que nunca convencido de que não dependia senão dele “fazer ou não verter o sangue dos povos”, como dizia Alexandre na última carta que lhe escreveu, a verdade era mais do que nunca encontrar-se sujeito a essas leis fatais que, enquanto lhe davam a ilusão de agir por si, segundo o seu próprio capricho, o compeliavam a colaborar na obra comum, a história, realizando o que necessariamente tinha de realizar-se.

Os homens do Ocidente puseram-se a caminho do Oriente para se chacinarem uns aos outros. E, segundo a coincidência das causas, colaboraram neste acontecimento e encontraram-se em correlação com ele milhares de pequenas causas desse movimento e dessa guerra, entre as quais a violação do bloqueio continental, a ofensa ao duque de Oldemburgo, os deslocamentos de tropas na Prússia, realizados, segundo pensava Napoleão, com o único fim de se conseguir uma paz armada; o amor da guerra do imperador dos franceses e o hábito em que estava de a fazer, de acordo com as disposições particulares do seu povo; o entusiasmo a que levavam os preparativos grandiosos; as despesas que estes preparativos determinaram; a necessidade de conseguir vantagens que compensassem tais despesas; as honrarias inebriantes que recebera em Dresden; as conversações diplomáticas que, de acordo com a opinião dos contemporâneos, haviam sido realizadas com o sincero desejo de alcançar a paz e que no fim de contas só serviram para irritar o amor-próprio de parte a parte; milhões de milhões de outras causas, enfim, que concorreram para a realização do acontecimento ou que coincidiram com ele.

Uma maçã cai quando está madura. Por quê? É o peso que a faz cair? Ou porque se lhe seca o pé, porque o sol a queima, porque se tornou pesada demais, porque o vento a sacudiu ou, muito simplesmente, porque um garoto junto da árvore morria por comê-la?

Nenhuma destas causas é a válida. Não há mais que uma concordância de condições favoráveis na realização de qualquer dos acontecimentos elementares da vida orgânica. O botânico que descobre que a maçã cai como consequência da decomposição do tecido celular ou qualquer coisa semelhante não tem mais razão que o garoto dizendo que a maçã caiu porque ele a desejava comer e nesse intuito rezou a Deus. Igual razão ou sem-razão terá aquele que vier dizer que Napoleão entrou em Moscou por ser esse o seu desejo e que aí se perdeu por ser essa a decisão de Alexandre. Igualmente estará em erro e terá razão aquele que disser que uma montanha de milhões de

puds⁶⁰ que acabou por se desmoronar minada na base caiu graças ao último golpe de picareta do último dos sapadores. Nos fatos históricos, esses a quem se dá o nome de grandes homens não passam, no fundo, de etiquetas para designar o acontecimento. Aqueles têm tão pouca relação com tais fatos como as próprias etiquetas que lhes põem.

Nenhum dos seus atos que a eles se lhes afigurem produto do livre arbítrio podem considerar-se em verdade voluntários no sentido histórico da palavra, pois estão relacionados com a marcha geral da história, onde o seu lugar se encontra assinalado para toda a eternidade.

Capítulo II

No dia 29 de maio, Napoleão abandonou Dresden, onde passara três semanas, rodeado por uma corte de príncipes, de duques, de reis e até por um imperador. Antes da sua partida, agradecera aos príncipes, aos reis e ao imperador que mereceram os seus elogios, dera uma lição aos reis e aos príncipes de quem tinha razões para estar descontente, presenteara com pérolas e diamantes do seu próprio escrínio, isto é, roubados a outros reis, a imperatriz da Áustria, e, depois de estreitar amorosamente nos braços Maria Luísa, deixara-a, assim dizia um historiador, profundamente dorida com uma despedida que, ao que parece, esta Maria Luísa muito sentia, considerando-se já esposa de Bonaparte apesar da outra esposa que ficara em Paris.

Não obstante a confiança dos diplomatas na manutenção da paz, para que trabalhavam com afinco, não obstante a carta autógrafa de Napoleão a Alexandre, em que o tratava por Senhor meu irmão e lhe dava a sincera garantia de não querer a guerra e de nunca vir a deixar de lhe consagrar estima e amizade, não obstante tudo isso, pôs-se em marcha, em seguimento do exército, dando as suas ordens, em cada muda, para se ativar o movimento das tropas para o Oriente. Numa sege de viagem tirada por seis cavalos, rodeado de pajens, de ajudantes-de-campo e seguido de uma escolta, ei-lo que toma a estrada de Posen Thorn, Dantzig e Königsberg. Milhares de pessoas vieram ao seu encontro em cada uma destas cidades movidas por um entusiasmo a que se misturava algum terror.

O exército deslocava-se para o Oriente e após ele o levava aquela sege tirada por seis cavalos mudados em cada nova posta. A 10 de junho alcançou o exército e passou a noite em plena floresta de Wilkowyski, na propriedade de um conde polaco, onde lhe haviam reservado aposentos.

No dia seguinte ultrapassou o exército, seguindo de sege até às margens do Niemen, e, disposto a estudar um local propício à passagem das suas tropas, envergou um uniforme polaco e apeou-se do cavalo para examinar o rio.

Ao ver os cossacos na outra margem, as estepes perdendo-se na distância, no meio das quais estava Moscou, a cidade santa, a capital desse mesmo império dos citas por onde passara Alexandre da Macedônia, Napoleão, com espanto de todos, e contrariamente a todas as considerações, quer estratégicas quer diplomáticas, deu ordem para avançar, e no dia seguinte as suas tropas atravessaram o Niemen.

A 12, de madrugada, saiu da tenda armada sobre uma eminência da margem esquerda e pôs-se a observar com o óculo a vaga das tropas que saíam da floresta de Wilkowyski e enfiavam pelas três pontes que mandara lançar sobre o rio. Os soldados, sabendo que o imperador estava presente, procuravam-no com os olhos, e quando o descobriram sobre a escarpa, diante da tenda, afastado do

resto da comitiva, de redingote e chapéu, lançaram ao ar as barretinas de pelo, gritando: “Viva o imperador!”. E, inesgotável, lá continuava a correr, da enorme floresta em que se ocultava, aquela torrente de homens que, dividindo-se pelas três pontes, inundava a margem oposta.

— Desta é que vamos longe. Quando ele próprio intervém no assunto a coisa aquece... Com mil demônios!... Ei-lo!... Viva o imperador!... São estas, pois, as estepes da Ásia! De qualquer modo, uma terra feia. Adeus, Beauché; reservo-te o mais belo palácio de Moscou. — Adeus, boa sorte. — Viste o imperador? Viva o imperador... rador...! — Se me nomearem governador das Índias, Gérard, faço-te ministro de Caxemira, fica combinado. — Viva o imperador! Viva! Viva! Viva! — É ver como eles fogem, esses marotos dos cossacos. Viva o imperador! Ei-lo! Viste-o? Vi-o duas vezes tal como te estou a ver a ti. O pequeno cabo... Vi-o dar a cruz a um dos velhos... Viva o imperador!...

Eis o que diziam velhos e novos, homens de todos os feitios e posições sociais. Em todos os rostos se refletia a mesma alegria por verem iniciada uma campanha tão ardentemente esperada e o mesmo entusiasmo e a mesma dedicação pelo homem do redingote cinzento que lá estava em cima naquela eminência.

A 13 de junho trouxeram a Napoleão um cavalinho árabe, puro-sangue, que ele montou, e a galope despediu em direção a uma das pontes de Niemen, sempre no meio do mesmo clamor, clamor que ele apenas tolerava, via-se bem, por não ser possível impedir os seus soldados de assim exprimirem o amor que lhe tinham. Esses gritos que o perseguiram por toda a parte fatigavam-no e distraíam-no das preocupações militares que o assoberbavam desde que se juntara ao exército. Atravessou uma das oscilantes pontes de barcas e, embrenhando-se na outra margem, meteu à esquerda, e a galope seguiu na direção de Kovno, precedido pelos caçadores da Guarda, que, loucos de alegria, lhe abriam caminho por entre os soldados. Quando chegou junto do curso do grande Vístula, parou ao pé de um regimento de ulanos polacos que estacionava ali.

“Viva!”, gritavam os polacos com não menor entusiasmo que os próprios franceses, rompendo fileiras e acotovelando-se para melhor o verem.

Napoleão examinou o rio, desmontou e foi sentar-se num tronco de árvore junto das águas. A um seu gesto, trouxeram-lhe o óculo, que ele apoiou no ombro de um pajem, contentíssimo, que logo aparecera, e pôs-se a olhar para a margem oposta. Depois enfronhou-se no estudo do mapa aberto sobre o tronco da árvore. Sem erguer a cabeça, pronunciou duas ou três palavras e imediatamente dois dos seus ajudantes-de-campo despediram a galope em direção aos ulanos polacos.

“Que foi? Que disse ele?”, ouvia-se nas fileiras, à medida que se aproximava o ajudante-de-campo.

Fora dada ordem para se procurar um vau por onde passar à margem oposta. O coronel dos ulanos, homem idoso, mas de bela presença, corando e com a língua entaramelada pela emoção, perguntou ao oficial se lhes seria permitido, a ele e aos seus homens, atravessarem o rio a nado, sem se darem ao trabalho de procurar um vau. Receoso que lhe recusassem o que pedia, como um garoto que pede para montar a cavalo, solicitou autorização para atravessar o rio na presença do imperador, o ajudante-de-campo replicou ser muito natural que este excesso de zelo não deixasse de ser agradável ao imperador.

Ao ouvir estas palavras, o velho oficial de grande bigodeira, felicidade no rosto e os olhos cintilantes, puxou do sabre, gritando: “Viva!” Depois, dando ordem aos seus ulanos para que o seguissem, esporeou o cavalo e meteu-se ao rio. Fustigando, colérico, o animal, que vacilava, entrou na água, dirigindo-se para um local profundo onde a corrente era impetuosa. Atrás dele iam centenas de homens. Lá para o meio do rio, o frio principiou a apoquentá-los. Os soldados tropeçavam uns nos outros e caíam das montadas. Houve cavalos que se afogaram e alguns soldados também, enquanto outros procuravam nadar, agarrando-se às selas ou às crinas dos animais. Embora a meia versta apenas houvesse um vau, eles, procurando alcançar a outra margem, mostravam-se orgulhosos de nadar e morrer afogados à vista daquele homem sentado num tronco de árvore que nem sequer olhava para eles. Quando o ajudante-de-campo voltou para junto do imperador e, aproveitando um momento favorável, se permitiu chamar-lhe a atenção para a prova de lealdade dos polacos, o homenzinho do redingote cinzento levantou-se, chamou Berthier e pôs-se a passear com ele de um lado para o outro, ao longo da margem, dando-lhe ordens e lançando de tempos a tempos um olhar descontente para aqueles homens que se afogavam, distraíndo-lhe a atenção.

Não era a primeira vez que podia convencer-se de que bastava a sua presença, em qualquer parte do mundo, da África às estepes da Moscóvia, para despertar nos homens como que a loucura do sacrifício. Mandou que lhe trouxessem o cavalo e regressou ao acantonamento.

Quarenta ulanos se afogaram, apesar das barcas que foram socorrê-los. A maior parte dos corpos foi arrastada para a cidade que acabavam de deixar. O coronel e alguns soldados atravessaram o rio e com grande dificuldade conseguiram escalar a margem.

Assim que lá chegaram, com os uniformes a pingar, gritaram: “Viva!”, procurando com os olhos o local onde se devia encontrar Napoleão, que já lá não estava, e nesse momento sentiram-se plenamente felizes.

Pela noite, após ter tomado duas decisões, a primeira no sentido de apressar o envio de notas de banco eslavas falsificadas com destino à Rússia e a segunda de se executar um saxão em poder do qual se haviam encontrado informes relativos à situação do exército francês, ainda tomou uma terceira, mandando que fosse condecorado com a Legião de Honra, de que era chefe supremo, o coronel polaco que, sem necessidade, se precipitara no rio.

“Quos vult Juppiter perdere dementat prius.”

Capítulo III

Entretanto havia mais de um mês que o imperador da Rússia se encontrava em Vilna, onde passava revista às tropas e assistia às manobras. Nada estava disposto para a guerra que toda a gente esperava e para a preparação da qual o imperador deixara Petersburgo.

Não havia qualquer plano geral para as operações. As dúvidas e hesitações sobre o plano a seguir ainda eram maiores um mês depois de o imperador se achar no quartel-general. Cada um dos três corpos de exército tinha um general-chefe, mas não havia generalíssimo e o imperador não queria assumir semelhantes funções.

À medida que o tempo ia passando em Vilna mais atrasados estavam os preparativos.

Toda a gente se sentia cansada de esperar. Dir-se-ia que a maior preocupação do séquito de Sua Majestade era fazer que ele passasse agradavelmente o seu tempo e esquecesse a guerra iminente.

Depois de muitos bailes e festas oferecidos pelos magnates polacos, personagens da corte e pelo próprio imperador, um dos generais polacos ajudante-de-campo teve a ideia de organizar um jantar e um baile oferecidos pelos seus colegas. Esta ideia obteve o mais jovial acolhimento. O próprio imperador lhe deu o seu apoio. Os generais ajudantes-de-campo abriram uma subscrição. A senhora que gozava de maior prestígio junto do imperador aceitou desempenhar o papel de anfitrião. O conde de Bennigsen, proprietário na província de Vilna, pôs o seu castelo de Zakreta, nos arredores da cidade, à disposição dos organizadores da festa, e 13 de junho foi a data marcada para o festival, que se compunha de banquete, baile, passeio no rio e fogo de artifício.

No mesmo dia em que Napoleão dera ordem para se atravessar o Niemen e em que as guardas avançadas do seu exército, repelindo os cossacos, atravessavam a fronteira da Rússia, encontrava-se Alexandre no festival promovido pelos seus ajudantes-de-campo na propriedade de Bennigsen.

A festa foi alegre e brilhante; os entendidos opinaram que raramente se tinha visto um conjunto de tão lindas mulheres. A condessa Bezukov, que, na companhia de outras senhoras russas, seguira o imperador até Vilna, assistiu à festa eclipsando com a sua beleza tipicamente russa, um pouco pesada, a das mais airoas polacas. Chamou as atenções e o imperador concedeu-lhe a honra de a ir buscar para dançar.

Bóris Drubetskoi, de novo solteiro, como ele dizia, deixara a mulher em Moscou, e também assistiu ao baile. Embora não fosse ajudante-general, contribuíra com uma bonita soma para a coleta. Agora era o que se chama um homem rico, dado ao culto de honrarias de toda a espécie, sem precisar já de

proteções e tratando de igual para igual as mais altas personalidades do tempo. Encontrou-se com Helena em Vilna; não a via há muito e não lhe lembrou o passado, mas, como ela estava nas graças de uma personalidade muito importante, desde logo passaram a ser velhos amigos.

À meia-noite ainda se dançava. Helena, que não via à sua volta par digno de si, propôs a Bóris que a fosse buscar para a mazurca. Bóris, indiferente aos resplandecentes ombros nus de Helena, que emergiam de um corpinho de gaze escura bordado a ouro, falava de pessoas conhecidas sem deixar de seguir com os olhos, como que inconscientemente, o imperador, que se encontrava no mesmo salão. Este não dançava; estava de pé junto de uma porta e ora detinha este ora aquele, dirigindo a cada um a sua palavra amável como só ele sabia fazer.

No princípio da mazurca Bóris notou que o general ajudante-de-campo Balachov, um dos íntimos do imperador, se aproximou do monarca e esperava a seu lado, numa atitude inteiramente contrária ao protocolo, enquanto este conversava com uma senhora polaca. Quando a conversa acabou, o imperador interrogou-o com a vista e, compreendendo que Balachov não teria procedido daquela maneira se não fosse por qualquer grave motivo, fez uma mesura à senhora e voltou-se para o general. Poucas palavras ele dissera ainda e já no rosto do imperador se pintava um profundo espanto.

Travou do braço de Balachov e atravessou com ele a sala, sem prestar a mais pequena atenção às pessoas presentes, que abriram largas alas para o deixar passar. Bóris reparou que Araktcheiev, ao ver o imperador com Balachov, mostrara certa perturbação. O ministro, olhando para o monarca com olhos baixos e resfolgando pelo afogueado nariz, destacara-se da multidão, como que à espera que o imperador lhe dirigisse a palavra. Bóris percebeu que Araktcheiev sentia ciúmes de Balachov e estava contrariado com o fato de uma notícia, sem dúvida importante, não ser transmitida por ele.

No entanto, o imperador e Balachov atravessaram o salão sem o ver e penetraram no jardim iluminado. Araktcheiev, com mão na bainha da espada e olhares coléricos, seguiu-os a uns vinte passos de distância.

Enquanto durou a marcação da mazurca, Bóris deu voltas à imaginação para descobrir o que teria dito Balachov ao imperador e a maneira de o vir a saber antes de mais ninguém.

Como naquele momento lhe competia escolher outro par, murmurou ao ouvido de Helena que ia tirar a condessa Potochka, a qual, segundo pensava, saíra para a escada. Deslizando pelo parquet, precipitou-se para a porta que dava para o jardim e ao ver o imperador e Balachov entrarem no terraço deteve-se. Ambos se encaminhavam para a porta. Bóris, pressuroso, como se não tivesse

tido tempo de se afastar, colou-se, respeitosamente, contra o alizar, numa grande vênua.

O imperador, com a expressão de um homem pessoalmente ofendido, pronunciava estas palavras:

— Entrar na Rússia sem declaração de guerra! Só assinarei a paz no dia em que não houver sobre o meu território um único inimigo armado.

Afigurou-se-lhe, a Bóris, que Alexandre punha uma espécie de satisfação em exprimir-se daquela maneira: a forma que dera ao pensamento agradava-lhe. No entanto, pouco satisfeito se mostrou pensando ter sido ouvido.

— É preciso que ninguém saiba! — acrescentou, franzindo o sobrolho. Bóris percebeu que aquela advertência lhe dizia respeito e, baixando os olhos, vergou a cabeça. O imperador voltou ao salão e permaneceu no baile ainda cerca de meia hora.

Foi assim que Bóris veio a saber antes de mais ninguém que os franceses haviam atravessado o Niemen e deste modo lhe foi possível mostrar a algumas altas personalidades que tinha conhecimento do que os outros ignoravam. E isto tornou-o aos seus olhos maior ainda.

A notícia de que os franceses haviam atravessado o Niemen caía de improviso no meio do baile depois de um mês de expectativa! O imperador, no primeiro momento de indignação e de cólera, encontrara a fórmula, mais tarde célebre, que a ele próprio agradara, e que em verdade exprimia plenamente os seus sentimentos. No regresso do baile, às duas horas da madrugada, mandou chamar o seu secretário, Chichkov, a quem ditou uma ordem do dia dirigida às tropas e um rescrito com vista ao príncipe Soltikov. Teve o cuidado de transcrever a frase célebre em que declarava só assinar a paz no dia em que não houvesse um único francês armado sobre a terra russa.

No dia imediato dirigiu a Napoleão a carta que se segue:

Senhor meu irmão. Soube ontem que, apesar da lealdade com que mantive os meus compromissos para com Vossa Majestade, as suas tropas atravessaram as fronteiras da Rússia, e acabo de receber de Petersburgo uma nota em que o conde Lauriston, por causa dessa agressão, anuncia que Vossa Majestade se considerou em estado de guerra para comigo desde o momento em que o príncipe Kuraguine fez o pedido dos seus passaportes. Os motivos em que o duque de Bassano fundamentava a recusa de lhes passar nunca me fariam supor que essa diligência viria alguma vez a servir de pretexto para a agressão. Com efeito, o embaixador não fora a tal autorizado, como ele próprio o declarou, e logo que fui disso informado comuniquei-lhe quanto desaprovava essa deslocação, dando-lhe a ordem de se manter no seu posto. Se Vossa Majestade não tem a intenção de fazer

verter o sangue das nossas gentes por um mal-entendido desta espécie e se consentir em retirar as suas tropas do território russo, encararei o que se passou como se nada fosse, e será possível as coisas comporem-se entre nós. No caso contrário, Vossa Majestade, ver-me-ei forçado a repelir um ataque que nós não provocamos. Depende ainda de Vossa Majestade evitar à humanidade as calamidades de uma nova guerra.

*Sou, de Vossa Majestade,
etc.*

Alexandre

Capítulo IV

No dia 13 de junho, às duas horas da madrugada, o imperador mandou chamar Balachov, leu-lhe a carta que acabara de escrever a Napoleão, dando-lhe ordem para que a fosse entregar pessoalmente ao imperador dos franceses. Ao despedir-se dele repetiu as palavras que pronunciara no baile, ordenando-lhe que as repetisse fielmente a Napoleão.

Não as transcrevera na sua carta, pois sentia, com o seu tato habitual, que seriam ali deslocadas, visto tratar-se de uma última tentativa de conciliação. No entanto, ordenou a Balachov que lhas repetisse textualmente.

Tendo partido na noite de 13 para 14, Balachov, acompanhado de um trombeta e de dois cossacos, chegou de madrugada à aldeia de Rykonty, guarda-avançada dos franceses nessa margem do Niemen. As sentinelas da cavalaria francesa detiveram-no.

Um sargento de húsares, de uniforme amaranato e barretina de pelo, gritou-lhe que parasse. Balachov não obedeceu imediatamente e prosseguiu a passo.

De sobrelhas franzidas e soltando palavrões, o sargento atravessou-se na estrada com o seu cavalo, fazendo parar o general russo. Depois desembainhou o sabre e perguntou-lhe grosseiramente se era surdo, pois não parecia entender o que ele dizia.

Balachov declinou a sua identidade. O francês deu ordens a um soldado para que fosse chamar um oficial.

Indiferente ao enviado russo, o húsar pôs-se a conversar com os seus camaradas sobre assuntos que lhes diziam respeito, sem se dignar pousar nele os olhos.

Estranha impressão causou isto a Balachov. Ele, que estava em comunicação contínua com o poder supremo e as autoridades, ele que, algumas horas antes, falava com o imperador, ele, que no desempenho das suas funções estava habituado a ser tratado com todas as honras, via-se agora, em terra russa,

tratado como um inimigo e, pior ainda, sem qualquer respeito, por semelhantes representantes da força bruta.

O sol principiava a romper as nuvens; o ar era fresco e repassado de umidade. Um rebanho ia da aldeia a caminho dos montes. As andorinhas, umas após outras, como bolhas que rompem à superfície de água, saíam das sebes, soltando trinados.

Balachov olhava à sua roda enquanto aguardava o oficial que haviam ido buscar à aldeia. Os cossacos e o trombeta, em silêncio, de tempos a tempos, trocavam olhares com os húsares franceses.

O coronel dos húsares, que naturalmente acabara de saltar da cama, apareceu montado num belo cavalo cinzento, bem tratado, escoltado por dois dos seus homens. O oficial, os soldados, os seus próprios cavalos, respiravam contentamento e abastança.

Estava-se no princípio da guerra, nesse momento em que as tropas, de ponto em branco, parecem preparadas para uma parada do tempo da paz, apenas com qualquer coisa de mais bélico no equipamento e esse matiz de jovialidade e animação, traço característico de um exército quando principia uma nova campanha.

Só muito a custo o coronel francês reprimiu o bocejar, mas mostrou-se polido e percebeu, evidentemente, a importância da missão de que Balachov vinha incumbido. Fê-lo atravessar as linhas e garantiu-lhe que o desejo manifestado de ir à presença do imperador seria imediatamente satisfeito, visto o quartel-general, assim o supunha pelo menos, estar situado ali perto.

Atravessaram a aldeia de Rykonty pelo meio dos piquetes de húsares, de sentinelas e de soldados que faziam continência ao seu coronel e olhavam curiosos para o uniforme russo, e assim atingiram a outra extremidade da povoação. Segundo dizia o coronel, a dois quilômetros dali estava o comandante da divisão, que receberia Balachov e o conduziria ao seu destino.

O sol surgira no horizonte e brilhava alegremente sobre os campos muito verdes.

Mal ultrapassaram a estrada do monte viram surgir diante de si, descendo a encosta, um grupo de cavaleiros, à frente dos quais, montado num cavalo preto, cujos arreios brilhavam ao sol, cavalgava um homem de grande estatura, de chapéu emplumado, com os negros cabelos encaracolados caindo-lhe pelas costas, embrulhado numa capa vermelha e as pernas estendidas para a frente, característica maneira de montar dos franceses. Este homem galopava ao encontro de Balachov, e a sua pluma, as suas pedras preciosas, os seus galões dourados ondulavam e brilhavam ao ardente sol de junho.

Estava Balachov a menos de dois cavalos daquele cavaleiro em atitude solene e teatral, coberto de cordões, de plumas, de colares e de galões dourados, quando Ulner, o coronel francês, lhe segredou ao ouvido respeitosamente: “O rei de Nápoles.” Era, efetivamente, Murat, a quem chamavam então rei de Nápoles. Embora fosse absolutamente impossível saber por quê, o certo é que era rei de Nápoles, assim lhe chamavam, e ele próprio disso estava convencido, circunstância que lhe dava um aspecto mais imponente e solene. Tão persuadido estava da situação que na véspera da sua partida de Nápoles, andando a passear com a mulher nas ruas da cidade e ouvindo alguns italianos aclamá-lo, gritando “Viva il re!”, se voltou para a mulher com um triste sorriso e disse:

“Desgraçados! Ignoram que os deixo amanhã!”

Apesar da sua íntima convicção de ser realmente rei de Nápoles e de que os seus súditos suspiravam por ele, naqueles últimos tempos, depois de receber ordem para regressar ao serviço do exército, principalmente após a sua entrevista com Napoleão em Dantzig, quando ouviu o seu augusto cunhado dizer-lhe: “Eu tornei-o rei para que reinasse à minha maneira, não à sua”, confiou-se alegremente ao seu mister familiar e como um cavalo bem tratado e sem gorduras em excesso, que, sentindo-se atrelado, brinca entre os varais, arreado com as cores mais vistosas e as mais preciosas joias, ei-lo que vai caracolear, sem que ele próprio saiba muito bem aonde nem por quê, pelas estradas da Polônia.

Ao ver o general russo, atirou majestosamente para trás, numa atitude verdadeiramente real, a sua cabeça ornada de compridos cabelos encaracolados, e interrogou com os olhos o coronel francês. Este informou respeitosamente Sua Majestade da identidade de Balachov, cujo nome não conseguia pronunciar.

— De Bal-Machève! — articulou o rei, superando com decisão a dificuldade que o coronel não soubera vencer — muito prazer em conhecê-lo, general — acrescentou com um gesto de condescendência verdadeiramente augusto.

Assim que ergueu a voz e principiou a falar depressa, toda a sua dignidade real desapareceu como por encanto e, em vez dela, surgiu, sem que ele próprio desse por isso, um tom de bonomia familiar. Passou a mão pela crina do cavalo de Balachov.

— Pois bem, general, estamos então em guerra, ao que parece — disse, como se lamentasse uma circunstância de que se não sentia responsável.

— Sire — replicou Balachov — o imperador, meu senhor, não deseja a guerra, como Vossa Majestade pode verificar. — Para o que desse e viesse,

Balachov resolvera tratar Murat por Majestade, evidente despropósito, visto que se dirigia a alguém para quem esse título constituía uma novidade.

O rosto do rei de Nápoles todo se abriu numa estúpida satisfação enquanto lhe dirigia a palavra monsieur de Balachoff. Mas, realeza obriga, teve de reconhecer ser indispensável abordar negócios de Estado com o enviado de Alexandre, uma vez que era rei e aliado. Desmontando, pegou no braço de Balachov, afastou-se alguns passos da comitiva, que aguardava numa atitude respeitosa, e pôs-se a passear com ele de um lado para o outro, procurando imprimir autoridade às mais pequenas palavras que pronunciava. Lembrou que o imperador Napoleão ficara ofendido com o pedido que lhe fora dirigido no sentido de retirar as suas tropas da Prússia, sobretudo porque essa intimação fora divulgada por toda a parte, ferindo assim a dignidade da França.

Balachov replicou-lhe não haver a mais pequena ofensa num tal pedido, uma vez que... Murat interrompeu-o.

— Com que então, na sua opinião, o instigador não é o imperador Alexandre? — exclamou, de chofre, com o seu estúpido sorriso bonacheirão.

Balachov explicou-lhe por que entendia ser, de fato, Napoleão o causador da guerra.

— Eh! meu querido general — interrompeu de novo Murat -, desejo de todo o coração que os imperadores cheguem a um acordo e que esta guerra de que eu não sou responsável termine o mais cedo possível. — Dizendo o que, assumiu o tom dos criados que conversam entre si, querendo continuar bons amigos, embora os amos andem desavindos.

Em seguida quis saber como ia de saúde o grão-duque, recordando os agradáveis momentos que haviam passado juntos em Nápoles.

E de súbito, como se se tivesse lembrado da sua dignidade real, empertigou-se majestosamente, tomou a atitude que assumira por altura da coroação e com um gesto da mão direita:

— Não o retenho mais, general, e desejo-lhe o êxito da sua missão — exclamou, e, resplandecente no seu manto vermelho bordado a ouro, as plumas do chapéu a esvoaçar, as joias faiscantes, encaminhou-se ao encontro da comitiva que o aguardava respeitosamente.

Balachov prosseguiu o seu caminho, supondo, de acordo com o que lhe dissera Murat, que não tardaria a encontrar-se na presença de Napoleão. Mas, em vez disso, as sentinelas do corpo de infantaria de Davout detiveram-no ainda na localidade próxima, como acontecera na primeira linha, e um ajudante-de-campo conduziu-o à aldeia, à presença do marechal Davout.

Capítulo V

Davout era o Araktcheiev do imperador Napoleão. Araktcheiev em tudo menos na covardia, como ele meticoloso e cruel e incapaz de provar a dedicação que tinha ao amo de outra maneira que não fosse pela crueldade.

Nas engrenagens de um Estado, homens assim são tão necessários como os lobos na natureza. Existem sempre, aparecem sempre e mantêm-se, por mais absurda que a sua presença possa parecer, junto do chefe do Estado ou na sua intimidade. Graças à fatalidade desta lei se pode explicar que este cruel Araktcheiev, habituado a arrancar com as próprias mãos os bigodes aos granadeiros, e de resto incapaz, por fraqueza nervosa, de enfrentar o menor perigo, que este homem sem cultura e sem educação tivesse podido manter uma tal influência sobre a natureza nobre, cavalheiresca e doce de um Alexandre.

Balachov encontrou o marechal Davout na isbá de um aldeão, sentado num barril e ocupado a verificar umas contas. A seu lado, de pé, estava um ajudante-de-campo. Ter-lhe-ia sido possível arranjar uma instalação mais própria, mas Davout pertencia ao número dos homens que gostam de viver nas mais difíceis condições de vida para terem o direito de se conservar tristes e severos. E é por isso também que tais homens andam sempre apressados e esmagados com trabalho. “Como se há de pensar nas coisas agradáveis da vida quando, como vocês estão a ver, uma pessoa tem de sentar-se em cima de um barril numa isbá sórdida, sempre que precisa de trabalhar?” Eis o que parecia ler-se-lhe na cara. O maior prazer, a necessidade capital destas pessoas quando em presença de alguém contente de viver é atirar-lhes à cara o seu trabalho obstinado e taciturno. Eis a satisfação que sentiu Davout com a chegada de Balachov. Ainda mais se enfronhou nas suas contas ao ver aparecer o general russo, e, depois de lançar um olhar por cima das lentes àquela figura animada pela corrida matinal e a conversa que tivera com Murat, sem se erguer, sem fazer um movimento, ainda franziu mais as sobrancelhas, com um sorriso mau.

Vendo a impressão desagradável que o acolhimento provocava no recém-chegado, acabou por levantar a cabeça e perguntar-lhe friamente o que desejava.

Como Balachov só podia atribuir aquela recepção ao fato de Davout ignorar a sua dupla qualidade de general ajudante-de-campo e de enviado, junto de Bonaparte, do imperador Alexandre, tratou de declinar a sua identidade e de enunciar o objetivo da sua missão. Ao contrário, porém, do que esperava, Davout ainda se mostrou mais rude e severo.

— Onde está a sua mensagem? — interrogou ele. — Dê-ma, que eu envio-a ao imperador.

Balachov replicou que recebera ordens para a entregar pessoalmente ao imperador.

— As ordens do seu imperador só têm curso no exército dele; aqui o senhor tem de fazer o que se lhe diz.

E, como que para fazer compreender ao general russo que estava na dependência de uma força brutal, mandou um ajudante-de-campo procurar o oficial de serviço.

Balachov sacou do invólucro que continha a carta do imperador e pousou-o em cima da mesa, a qual era formada por uma porta donde pendiam ainda os gonzos, assente sobre dois barris. Davout pegou no sobrescrito e leu o endereço.

— É consigo tratar-me ou não com respeito — disse Balachov -, mas permita que lhe observe que tenho a honra de pertencer ao número dos generais ajudantes-de-campo de Sua Majestade.

Davout olhou-o sem dizer palavra e a irritação que se lia no rosto do oficial russo foi para ele evidente motivo de satisfação.

— Será tratado com as honras devidas — replicou, e, metendo a mensagem na algibeira, saiu da cabana.

Um minuto mais tarde entrou o ajudante-de-campo do marechal, o Sr. De Castries, que conduziu Balachov ao alojamento que lhe fora destinado.

Balachov jantou nesse dia com o marechal, na choupana, em cima da mesa de barris.

No dia seguinte Davout partiu logo de madrugada, depois de haver convocado Balachov e de lhe ter ordenado que permanecesse onde estava, que apenas se afastasse com o comboio, no caso de este receber instruções para se deslocar, e que não falasse fosse com quem fosse, à exceção de Castries.

Depois de quatro dias de tédio e solidão, agravados pelo sentimento de sujeição e de impotência, tanto mais impressionantes para ele quanto acabava de abandonar um meio onde era todo poderoso, após várias etapas com as bagagens pessoais do marechal e as tropas francesas que ocupavam toda a região, Balachov entrou em Vilna, então ocupada pelos franceses, pela mesma porta da cidade por onde havia saído quatro dias antes.

No dia seguinte, o camareiro do imperador, Monsieur de Turenne, veio anunciar-lhe que o imperador Napoleão lhe concedia uma audiência.

Quatro dias antes, sentinelas do regimento de Preobrajenski estavam de guarda à porta da casa onde conduziram Balachov; no lugar delas, agora, havia dois granadeiros franceses, de uniforme azul com largas bandas e barretinas de pelo, uma escolta de húsares e de ulanos, uma brilhante comitiva de ajudantes-de-campo, pajens e generais, que aguardavam a saída de Napoleão à roda do

cavalo do imperador, mantido pela arreata pelo mameluco Roustan. Napoleão recebeu Balachov na mesma casa de Vilna em que Alexandre lhe entregara a mensagem.

Capítulo VI

Embora Balachov estivesse muito habituado às magnificências da corte, o luxo e o fausto da de Napoleão impressionaram-no.

O conde de Turenne introduziu-o numa grande antecâmara onde esperavam muitos generais, camareiros e magnates polacos, a maior parte dos quais ele vira já na Rússia.

Duroc veio anunciar que Napoleão receberia o general russo antes do passeio habitual.

Após alguns minutos de espera, apareceu o camareiro de serviço, que, com uma polida reverência a Balachov, o convidou a segui-lo.

Balachov entrou numa salinha cuja porta dava para um gabinete, para esse mesmo gabinete em que recebera as últimas ordens do imperador da Rússia. Esperou dois ou três minutos. Atrás da porta ouviram-se passos precipitados. Os dois batentes foram bruscamente abertos, toda a gente se calou, e novos passos firmes e enérgicos ressoaram no gabinete: era Napoleão. Acabava de vestir-se para o seu passeio a cavalo. Envergava um uniforme azul, cujas bandas abertas deixavam ver o colete branco que lhe moldava a rotundidade do ventre, e calções brancos também cingindo-lhe as coxas gordas e as curtas pernas metidas em botas altas, de montar. Via-se que acabara de pentear os cabelos curtos, mas uma madeixa se lhe derramava pela ampla testa. O branco e anafado pescoço ressaltava da gola negra do uniforme; recendia a água-de-colônia. Em seu rosto cheio, ainda novo, de queixo proeminente, pintava-se a benevolência e a majestade de um acolhimento imperial.

Entrou apressado, uma espécie de estremecimento nervoso a cada passo que dava, a cabeça ligeiramente atirada para trás. Toda a sua figura, repleta e curta, de ombros largos e espessos, o ventre e o arcabouço do peito fugindo-lhe para avante, davam-lhe esse aspecto representativo e imponente próprio dos quarentões que sempre viveram vida folgada. E, depois, via-se que nesse dia estava muito bem disposto.

Com uma ligeira inclinação de cabeça respondeu à profunda e respeitosa saudação de Balachov, depois aproximou-se dele e imediatamente se pôs a falar como um homem para quem todos os minutos são preciosos, que não se dá sequer ao trabalho de preparar os seus discursos, persuadido de que dirá sempre o que é preciso.

— Bons dias, general! — exclamou. — Recebi a carta, que me trouxe, do imperador Alexandre e tenho muito prazer em vê-lo. — Fitou Balachov com os seus grandes olhos, desviando-os, porém, imediatamente.

Era evidente que a personalidade de Balachov o não interessava: o que tinha interesse para ele era o que se passava na sua própria alma. Tudo o que

lhe era exterior não tinha qualquer importância, uma vez que no mundo — pensava ele — tudo dependia da sua vontade.

— Não desejo, nem desejei a guerra — disse ele. — Obrigaram-me a fazê-la. E mesmo agora — acrescentou, acentuando estas palavras — estou pronto a aceitar todas as explicações que me possa dar.

E pôs-se a expor, pormenorizadamente, as causas do seu descontentamento em relação ao governo russo. Graças ao tom tranquilo, moderado e até mesmo amistoso que tomou então, Balachov persuadiu-se de que na verdade ele desejava a paz e estava disposto a entabular negociações.

— Sire!... O imperador, meu senhor... — tentou dizer Balachov, quando Napoleão, que se calara, o interrogou com o olhar.

O russo trazia preparado o seu discurso, mas aqueles olhos fitos nele desorientaram-no.

“Está perturbado, calma”, parecia dizer Napoleão, que examinava, com um imperceptível sorriso nos lábios, o uniforme e a espada de Balachov.

Este, serenando, continuou. Disse que o imperador Alexandre não considerava casus belli suficiente o pedido de passaportes de Kuraguine, que este agira por iniciativa própria, sem conhecimento do monarca, que Alexandre não queria a guerra e não assinara qualquer pato com a Inglaterra.

— Ainda não — interveio Napoleão, mas, receoso de se deixar arrastar pelos seus sentimentos, franziu as sobrancelhas e baixou ligeiramente a cabeça, dando a entender a Balachov que podia continuar.

Exposto que foi quanto lhe fora ordenado que dissesse, Balachov concluiu que o imperador Alexandre desejava a paz, porém que só entabularia negociações com a condição de... Neste ponto hesitou: lembrava-se das palavras que Alexandre não escrevera na sua carta mas que ordenara fossem introduzidas, sem esquecimento, no seu rescrito a Saltikov e que ele fora encarregado de repetir textualmente a Napoleão. Lembrava-se das palavras: “...enquanto houver um só inimigo em armas sobre a terra russa”, mas um sentimento muito complexo reteve-lhe a frase, prestes a escapar-lhe. Foi-lhe impossível pronunciá-la, embora o desejasse. Acrescentou: — Com a condição de que as tropas francesas se retirem para o outro lado do Niemen.

Napoleão dera-se conta da perturbação de Balachov no momento de pronunciar estas palavras: o rosto estremeceu-lhe e os músculos da barriga da perna esquerda tremeram-lhe. Sem se mover do sítio em que estava, mas em voz mais alta e mais precipitada, pôs-se a falar. Durante todo o discurso que se seguiu, Balachov, sempre que baixava os olhos, reparava, sem querer, no tremor da barriga da perna esquerda de Napoleão, que se ia acentuando à medida que o soberano levantava a voz.

— Não desejo menos a paz que o imperador Alexandre — principiou ele. — Não fui eu quem durante dezoito meses fez tudo para a conseguir? Há dezoito meses que espero explicações. E que exigem de mim para entabular negociações? — acrescentou, franzindo o sobrolho e fazendo um gesto enérgico com a pequena mão branca e anafada.

— A retirada das tropas para o outro lado do Niemen, Majestade — disse Balachov.

— Para o outro lado do Niemen? — repetiu Napoleão. — Então agora querem que eu retroceda para lá do Niemen? — insistiu, fitando Balachov nos olhos.

Este inclinou respeitosamente a cabeça.

Em vez de lhe exigirem, como quatro meses antes, a evacuação da Pomerânia, agora apenas lhe pediam a retirada para o outro lado do Niemen. Napoleão voltou as costas, num movimento brusco, e pôs-se a andar de um lado para o outro.

— Com que então, exigem de mim que retire para o outro lado do Niemen para entabular negociações? Mas há dois meses queriam que me retirasse para o outro lado do Oder e do Vístula, e apesar disso estão prontos agora a entabular negociações. — Percorreu a sala em silêncio de um extremo ao outro, depois deteve-se novamente diante de Balachov.

Este notou que a barriga da perna esquerda do imperador ainda tremia mais e que a sua máscara se havia como que petrificado numa expressão severa. Napoleão conhecia esta sua particularidade: “A vibração da barriga da perna esquerda é, em mim, um grande sinal”, costumava dizer.

— Proposta como essa, o abandono do Oder e do Vístula, é para fazer ao grão-duque de Baden, não a mim — exclamou, de súbito, com uma violência que o surpreendeu a ele próprio. Mesmo que me oferecessem Petersburgo e Moscou, não aceitaria as vossas condições. Dizem os senhores que eu principiei esta guerra! Mas quem primeiro concentrou as suas tropas? O imperador Alexandre e não eu. E vem o senhor falar-me de negociações quando eu já gastei milhões, quando sois aliados de Inglaterra e a vossa situação é má. Propõem-me negociações? Mas qual o objetivo da vossa aliança com a Inglaterra? Que vos deu ela? — Falava precipitadamente; via-se que o seu discurso não tentava mostrar as vantagens da paz e discutir a viabilidade desta, mas apenas demonstrar quer o seu direito, quer a sua força e provar os erros e as faltas de Alexandre.

Quando principiara a falar, tinha por finalidade, evidentemente, chamar a atenção para as vantagens da sua situação e que apesar de tudo aceitava

as negociações. Mas agora, quanto mais falava menos senhor era das suas palavras.

— Diz-se que assinaram a paz com os turcos?

Balachov inclinou a cabeça afirmativamente.

— A paz foi assinada... — principiou.

Mas Napoleão cortou-lhe a palavra. Havia nele uma necessidade imperiosa de monologar, e prosseguiu com essa eloquência irritada e essa intemperança de linguagem própria, às vezes, das pessoas favorecidas pela sorte.

— Sim, bem sei, assinaram a paz com os turcos sem terem conseguido nem a Moldávia nem a Valáquia. E eu teria dado essas províncias ao seu imperador, da mesma maneira que lhe ofereci a Finlândia. Sim — continuou — prometera e daria ao imperador Alexandre a Moldávia e a Valáquia, mas a verdade é que essas belas províncias lhe fugiram das mãos. E no entanto teria podido anexá-las ao seu império e sob o seu reinado a Rússia alargar-se-ia do golfo de Bótnia até às embocaduras do Danúbio. Nem a grande Catarina faria mais. — À medida que falava ia ficando mais exaltado.

De um lado para o outro, na sala, repetia a Balachov, quase palavra por palavra, o que dissera na entrevista de Tilsitt. — E teria tido tudo isso devido à minha amizade. Ah, que belo reino, que belo reino! — Repetiu várias vezes estas palavras, parou, tirou da algibeira uma caixa de rapé, de ouro, e sorveu avidamente uma pitada.

— Que belo reino poderia ter sido o do imperador Alexandre!

Olhou para Balachov com ar de compaixão e, como este ia dizer qualquer coisa, interrompeu-o:

— Que pode ele desejar e procurar que eu lhe não pudesse oferecer com a minha amizade?... — pronunciou, encolhendo os ombros. — E pensou que seria melhor rodear-se dos meus inimigos, e que inimigos? Chamou para junto de si os Stein, os Armfeld, os Bennigsen, os Wintzengerode. Stein, um traidor expulso do seu país, Armfeld, um libertino e um intriguista, Wintzengerode, um súdito francês foragido, Bennigsen, um pouco mais militar que os outros, mas tão inepto como eles, que não foi capaz de fazer fosse o que fosse em 1807 e cujo nome deve despertar no imperador Alexandre tremendas recordações... Se eles prestassem para alguma coisa, vamos, podiam ser úteis — prosseguiu Napoleão, cuja palavra dificilmente lhe obedecia, tantos os argumentos que lhe acorriam para demonstrar o seu direito e a sua força, a seus olhos, afinal, uma e a mesma coisa. — Não, para nada prestam, nem na guerra nem na paz! Barclay, segundo dizem, é o mais esperto deles todos, mas eu não sou dessa opinião, a julgar pelos seus primeiros passos. E eles que fazem? Que fazem todos estes cortesãos? Pfuhl propõe, Armfeld discute, Bennigsen examina. Quanto a Barclay, chamado para

agir, não sabe por onde começar. E o tempo vai passando sem nada acontecer de novo. Militar só Bagration. É estúpido, mas tem experiência, golpe de vista e decisão... E que papel desempenha o vosso jovem imperador no meio dessa massa amorfa? Comprometem-no e fazem pesar sobre ele a responsabilidade de tudo. Um soberano só deveria encontrar-se à frente do exército quando fosse general — concluiu Bonaparte, como se estas palavras fossem uma provocação direta ao czar. Ele bem sabia que Alexandre tinha o sonho de ser um grande capitão.

— Há oito dias que a campanha principiou e os senhores não souberam defender Vilna. O exército russo está cortado em dois e foi expulso das províncias polacas. As tropas rebelam-se.

— Perdão, Majestade — interrompeu Balachov, que, com dificuldade, apreendia aquela torrente de palavras. — Pelo contrário, as tropas ardem em desejos...

— Sei tudo — interrompeu Napoleão. — Sei tudo e o número dos vossos batalhões tão bem como dos meus. Os senhores nem duzentos mil homens têm em armas e eu tenho mais do triplo. Dou-lhe a minha palavra de honra — acrescentou, esquecendo-se de que esta sua garantia não podia ser tomada a sério —, dou-lhe a minha palavra de honra que tenho quinhentos e trinta mil homens deste lado do Vístula. Os turcos não os podem ajudar: para nada prestam, e mostraram-no bem quando assinaram a paz convosco. Os suecos, esses estão predestinados a ser governados por loucos. Tinham um rei louco: mudaram de rei e arranjam outro, Bernadotte, que logo enlouqueceu também, pois é preciso estar doido para, sendo sueco, assinar uma aliança com a Rússia.

Napoleão sorriu malevolamente e sorveu mais uma pitada de rapé. Cada frase sua sugeria uma réplica a Balachov, que gesticulava, como se fosse pedir a palavra. Napoleão, porém, interrompia-o sempre.

A propósito da pretensa loucura dos suecos queria dizer que a Suécia se transformava numa ilha, com a Rússia por detrás dela, mas Napoleão vociferava, para lhe abafar a voz. Estava nesse estado de irritação em que as pessoas têm necessidade de falar, de falar, de falar sempre, apenas para provarem a si próprias terem razão. A situação de Balachov era penosa.

Como embaixador, receava comprometer a sua dignidade e sentia dever apresentar objeções; como homem, encolhia-se moralmente perante os excessos de ira sem causa a que o imperador se entregava. Sabia que aquela torrente de palavras não tinha grande importância, que Napoleão, quando voltasse a si, seria o primeiro a envergonhar-se do que dissera. Conservava-se diante dele com os olhos baixos, observando as grossas pernas do imperador e procurando evitar-lhe o olhar.

— Que importam, no fim de contas, todos os vossos aliados? — dizia este. — Também os tenho, os polacos: oitenta mil homens que se batem como leões. E não tarda que sejam duzentos mil.

E indignado, provavelmente por ter a consciência de estar a mentir e da atitude de Balachov, o qual, dando a impressão de resignado perante a sua sorte, não dizia palavra e se mantinha sempre na mesma atitude, voltou-se bruscamente, veio colocar-se à frente do seu interlocutor e, com violentos gestos das suas mãos brancas, quase gritou:

— Fique sabendo que, se levantarem a Prússia contra mim, eu apagá-la-ei do mapa da Europa.

Estava pálido e desfigurado — pela ira e uma das suas pequenas mãos sobre a outra simulava o gesto de apagar.

— Sim, fá-los-ei retroceder para lá do Dvina, para lá do Dnieper e restabelecerei contra vós essa barreira que a Europa, cega e criminosa, permitiu que desaparecesse. Sim, eis o que vos espera, eis o que ganharam afastando-se de mim — concluiu. Depois, em silêncio, deu alguns passos, os largos ombros agitados por movimentos nervosos.

Guardou a caixa do rapé na algibeira do colete, voltou a tirá-la, levou-a várias vezes às narinas e de novo veio postar-se diante de Balachov. Calado, por momentos, olhou ironicamente nos olhos o general russo, dizendo em voz serena:

— E no entanto que belo reino poderia ter sido o do seu senhor!

Balachov, sentindo ser preciso objetar fosse o que fosse, disse que da parte dos russos as coisas não se apresentavam sob um aspecto tão tétrico. Napoleão continuou calado, olhando-o sempre com a mesma ironia, naturalmente sem o ouvir. Balachov acrescentou que na Rússia se esperavam ótimos resultados da guerra. Napoleão abanou a cabeça, condescendentemente, como a dizer-lhe:

“Bem sei, falas assim por obrigação, mas nem tu próprio acreditas no que estás a dizer. Convenci-te.”

No fim da tirada de Balachov, Napoleão puxou de novo da caixa de rapé, tomou outra pitada, e, como se fizesse um sinal, bateu duas vezes com o pé no chão. A porta abriu-se; um camareiro, respeitosamente vergado pela cintura, entregou ao imperador o chapéu e as luvas, outro pôs-lhe na mão o lenço de assoar. Napoleão, sem lhes prestar a mínima atenção, voltou-se para Balachov:

— Assegure, em meu nome, ao imperador Alexandre — disse, pegando no chapéu -, que continuo a ter por ele a mesma devoção de sempre: conheço-o e aprecio altamente as suas grandes qualidades. Não continuo a retê-lo, general, receberá a minha carta para o imperador.

E Napoleão encaminhou-se rapidamente para a porta. Todos os que estavam na sala de espera se precipitaram para a escada.

Capítulo VII

Depois de tudo o que Napoleão lhe dissera, dos seus arrebatamentos coléricos e das suas últimas palavras secas em extremo: “Não o retenho mais, general, receberá a minha carta dirigida ao imperador”, Balachov persuadiu-se de que o imperador não só não tinha o mais pequeno desejo de o tornar a ver, mas até evitaria mesmo voltar a encontrá-lo, a ele, embaixador humilhado, e sobretudo testemunha da sua intempestiva exaltação. Mas, com grande espanto seu, foi convidado por Duroc, nesse mesmo dia, para sentar-se à mesa do imperador.

Bessières, Caulaincourt e Berthier eram também convivas do jantar.

Napoleão recebeu Balachov alegre e afavelmente. Não só não deu mostras de molestado ou arrependido pelo que se passara nessa manhã, mas, muito pelo contrário, procurou pôr o seu hóspede perfeitamente à vontade. Era evidente de há muito estar convencido de que não podia enganar-se e que aos seus próprios olhos tudo quanto ele próprio fizesse estaria bem feito, não porque os seus atos estivessem de acordo com a ideia que ele tinha do bem e do mal, mas simplesmente por ser ele o autor de tais atos.

Voltara muito alegre do seu passeio a cavalo pelas ruas de Vilna, onde a multidão o acolhera e aclamara com entusiasmo. Todas as janelas das casas nas ruas que ele atravessara ostentavam colgaduras e bandeiras com as suas armas e as senhoras polacas haviam-no saudado agitando os lençinhos.

À mesa sentou Balachov a seu lado e não só o tratou amavelmente, mas como se fosse um dos seus cortesãos, como se pertencesse ao número dos que aprovavam os seus planos e deviam alegrar-se com os seus êxitos. Entre outras coisas, veio à fala Moscou, e Bonaparte interrogou-o acerca da capital, ao mesmo tempo como um viajante, desejoso de se instruir, que colhe informações sobre um país desconhecido que deseja visitar, mas também com a convicção de que Balachov, russo que era, se sentiria muito lisonjeado com esse interesse.

— Quantos habitantes tem Moscou? Quantas casas? É verdade que lhe chamam Moscou la sainte? Quantas igrejas tem? — perguntou.

E, ao ouvir que mais de duzentas, observou:

— Para quê tantas igrejas?

— Os russos são muito tementes a Deus — replicou Balachov.

— Convém notar que grande número de conventos e de igrejas é sempre sinal de atrasada civilização — disse o imperador, procurando a aprovação de Caulaincourt.

Balachov, respeitosamente, ousou exprimir opinião contrária.

— Cada terra com seus usos — disse.

— Mas nada há na Europa que se pareça com isso — voltou Napoleão.

— Que Vossa Majestade me perdoe — tornou o russo -, mas, além da Rússia, há a Espanha também, onde existem, igualmente, muitos conventos e igrejas.

Esta resposta, alusão à recente derrota dos franceses em Espanha, foi muito apreciada na corte da Rússia quando Balachov aludiu a ela, mas não produziu o mais pequeno efeito na mesa de Napoleão, onde passou despercebida.

Via-se na indiferença das máscaras atentas dos senhores marechais que eles não haviam apreendido o sal da resposta, bem sublinhado pela entoação de Balachov. “Se isso levava água no bico, não demos por tal, o que quer dizer que graça nenhuma tem”, pareciam dizer.

Tão bem apreciada foi tal resposta que Napoleão lhe não prestou qualquer atenção e se limitou a perguntar a Balachov quais as cidades atravessadas pela estrada direta para Moscou. Balachov, sempre de sobreaviso, respondeu que assim como todos os caminhos levavam a Roma, todos os caminhos levavam a Moscou, que, aliás, eram muitas as estradas e que no número delas se contava a que passava por Poltava, escolhida por Carlos XII. Balachov corou involuntariamente, satisfeito com resposta tão feliz. Mas ainda não acabara de pronunciar o nome de Poltava já Caulaincourt falava dos incômodos da estrada de Petersburgo a Moscou e das suas recordações da capital.

Depois do jantar foram tomar café para o gabinete de Napoleão, o qual, quatro dias antes, pertencera ao imperador Alexandre.

Bonaparte sentou-se, mexendo o seu café numa chávena de Sévres, e apontou a Balachov uma cadeira a seu lado.

Depois do jantar o homem está sempre numa disposição bem conhecida, a qual, mais persuasiva que qualquer razão lógica, o leva a sentir-se satisfeito consigo mesmo e disposto a não ver senão afeições à sua roda. O imperador estava nessa feliz disposição.

Imaginava-se rodeado de amigos que o adoravam. Estava convencido de que o próprio Balachov, depois daquele jantar, também era seu amigo e admirador. Observou-lhe com um sorriso amável e ligeiramente trocista:

— Disseram-me que o imperador Alexandre ocupava esta mesma sala. É curioso, não acha, general? — Não lhe passou pela cabeça que esta observação não podia agradar ao seu interlocutor, visto ser uma prova da sua superioridade, dele, Napoleão, sobre Alexandre.

Balachov, como não podia responder, limitou-se a inclinar a cabeça silenciosamente.

— Sim, há quatro dias, discutiam nesta mesma sala Wintzengerode e Stein — continuou Napoleão, sempre com um sorriso trocista e seguro de si. — Eis o que eu não posso perceber, que o imperador Alexandre se haja rodeado de todos os meus inimigos pessoais. É o que eu não posso compreender... Não teria ele pensado que eu poderia vir a fazer o mesmo? — Formulando a pergunta a Balachov, sentia-se, evidentemente, arrastado pela ira que o tomara nessa manhã, recordação bem presente no seu espírito.

— Pois é bom que ele saiba que o farei — acrescentou, levantando-se e afastando de si a chavena. — Enxotarei da Alemanha toda a sua parentela, os Wurtemberg, os Bade, os Weimar.... sim, correrei com eles. Trate de lhes arranjar refúgio na Rússia!

Balachov abanou a cabeça, dando a entender que desejava retirar-se e que não ouvia semelhantes considerações senão por lhe ser impossível proceder doutra maneira.

Napoleão não dera por coisa alguma; continuou a tratar Balachov não como um enviado do seu inimigo, mas como um homem agora absolutamente dedicado e que devia sentir-se contente com a humilhação infligida ao seu antigo amo.

— Por que assumiu o imperador Alexandre o comando dos seus exércitos? Que significa isso? A guerra é o meu mister, o dele é reinar, não comandar as tropas. Para que assumiu ele uma tal responsabilidade?

Bonaparte tornou a puxar da caixa de rapé, deu alguns passos em silêncio e de repente abeirou-se de Balachov. Com um ligeiro sorriso, num gesto firme, pronto e simples, como se executasse um ato não só importante, mas em extremo lisonjeiro para o general russo, aproximou a mão do rosto daquele homem de quarenta anos e puxou-lhe ao de leve uma orelha.

Receber um puxão de orelhas do imperador era considerado na corte de França uma grande honra e uma alta mercê.

— Então, não diz nada, admirador e cortesão do imperador Alexandre? — pronunciou ele, como se houvesse qualquer coisa de divertido de na sua presença ser-se cortesão e admirador de outro homem que não ele, Napoleão. — Os cavalos para o general estão prontos? — acrescentou, respondendo com um aceno de cabeça à saudação de Balachov. — Deem-lhe os meus, têm muito que andar.

A carta que Balachov levou consigo seria a última que Napoleão escreveria a Alexandre. Todos os pormenores da precedente conversa foram transmitidos ao imperador russo e a guerra principiou.

Capítulo VIII

Depois da sua conversa em Moscou com Pedro, o príncipe André dirigiu-se a Petersburgo para tratar de negócios, dissera ele à família, mas em verdade para se encontrar com Anatole Kuraguine, encontro que ele considerava indispensável. Procurou logo informar-se do paradeiro deste, mas Kuraguine já não estava em Petersburgo. Pedro fizera saber ao cunhado que André o procurava. Anatole obtivera imediatamente do ministro da Guerra uma comissão e partira a incorporar-se no exército da Moldávia. Em Petersburgo, o príncipe André encontrou Kutuzov, seu antigo general, sempre muito bem disposto a seu favor. Propôs-lhe que fosse com ele para o Moldávia, de cujo exército o velho general fora nomeado comandante-chefe. André, nomeado adido ao estado-maior do quartel-general, partiu para a Turquia.

O príncipe considerava inconveniente escrever a Kuraguine desafiando-o para um duelo. Achava que desafiá-lo sem alegar um pretexto plausível seria, da sua parte, comprometer a condessa Rostov; por isso procurava encontrá-lo pessoalmente, o que lhe proporcionaria a oportunidade desejada. Mas também não encontrou Kuraguine no exército da Turquia; este mal soubera da chegada de André regressara à Rússia. Naquele país desconhecido e nas suas novas condições de existência a vida pareceu-lhe mais fácil.

Depois da traição da noiva, tanto mais penosa para ele quanto mais procurava esconder o desgosto que sofrera, o meio em que fora feliz tornara-se-lhe insuportável e a liberdade e a independência, que tão caras lhe eram, ainda mais penosas. Não voltara ao estado de espírito que se apoderara dele pela primeira vez diante do céu de Austerlitz e às ideias que tanto gostava de discutir com Pedro e as quais lhe haviam enchido a solidão de Bogutcharovo e, depois, da Suíça e de Roma. Receava mesmo tornar a evocá-las, a essas ideias, que lhe abriam horizontes luminosos e infinitos. Agora não se ocupava de mais nada senão de interesses práticos imediatos, sem relação com os de outrora, e punha nisso tanto maior ardor quanto mais distantes lhe ficavam as antigas ideias. Dir-se-ia que a abóbada do céu perdida no infinito que tivera por cima da cabeça se transformara de súbito numa abóbada baixa, limitada, que o esmagava, e tudo era nítido e claro, sem nada já de misterioso e eterno.

De todas as ocupações a que podia consagrar-se, o serviço militar era a mais simples e a mais familiar. Nas suas funções de adido ao estado-maior de Kutuzov ocupou-se com perseverança e zelo do seu mister, surpreendendo o chefe com o afã e a pontualidade do seu trabalho. Não topou com Kuraguine na Turquia, julgou desnecessário ir atrás dele para a Rússia, o que o não impediu de dizer de si para consigo que, apesar do tempo que passara já, se viesse a encontrar Anatole, não obstante o desprezo que tinha por ele e as razões que alegava para o

julgar indigno de se bater consigo, consideraria indispensável, no entanto, desafiá-lo, pela mesma razão que um esfomeado que vê um prato de sopa não pode deixar de se atirar a ele. E o certo é que o sentimento de que a ofensa que recebera ainda não fora vingada, que a sua ira ainda não extravasara, continuando entranhada no fundo do seu coração, lhe envenenava a calma fictícia que criara na Turquia graças a uma atividade cheia de zelo e preocupações e de certa ambição e vaidade.

Quando, em 1812, chegou a Bucareste, onde, havia dois meses, Kutuzov passava os dias e as noites em casa de uma amante valáquia, a notícia da guerra com Napoleão, o príncipe André pediu licença para ser transferido para o exército do Ocidente. Kutuzov, a quem o zelo de Bolkonski ofuscava, como uma censura viva à sua indolência, de muito boa vontade lhe deu consentimento, confiando-lhe uma missão junto de Barclay de Tolly.

Antes de se juntar ao exército, que em maio estava no acampamento de Drissa, André passou por Lissia Gori, que ficava no seu caminho, a três verstas da estrada real de Smolensk. Naqueles três últimos anos houvera tantas modificações na sua vida, tantas revoluções nas suas ideias e nos seus sentimentos, vira tantas coisas nas suas viagens no Ocidente e no Oriente, que, ao chegar a Lissia Gori, sentiu uma impressão estranha verificando que a vida ali se mantinha imutável nos seus mais pequenos pormenores. Entrou na alameda e transpôs o pórtico de pedra da residência como se entrasse num castelo encantado. Sempre o mesmo alinhô, o mesmo asseio, a mesma serenidade em casa: os móveis eram os mesmos, as mesmas paredes; os ruídos os mesmos; o mesmo cheiro, as mesmas caras tímidas, embora um pouco envelhecidas. A princesa Maria a mesma, já não muito nova, feia e medrosa, vivendo continuamente em terrores e transes morais e assim passando os melhores anos da sua existência sem utilidade nem alegria. Mademoiselle Bourienne não mudara, apreciando alegremente os mais curtos momentos, fabricando para si própria as mais belas esperanças, coquette e satisfeita. “Apenas adquirira mais segurança em si própria”, assim pensou André. O preceptor, Dessalles, que ele trouxera da Suíça, vestia um redingote de talho eslavo, mastigava o russo com os criados e era sempre o mesmo pedagogo mediocrementemente inteligente, mas instruído, honestíssimo e um pouco pedante. O velho príncipe mudara fisicamente apenas nisto: a um canto da boca notava-se que perdera um dente; moralmente estava na mesma. Tornara-se apenas mais irritável e mais desconfiado de tudo neste mundo. Só Nikoluchka crescera, transformara-se, ganhara cores rosadas, e os seus cabelos eram agora castanhos encaracolados, rindo sem saber por quê, divertido com tudo. Soerguia o lábio superior da sua linda boca, tal qual a mãe, a falecida princesinha. Era o único que não queria saber da regra imutável que parecia

reinar naquele castelo encantado. Mas, embora as aparências fossem as mesmas, as relações íntimas dos habitantes tinham mudado muito desde que André partira. Havia dois campos opostos naquela casa, estranhos um ao outro e inimigos, que apenas agora na sua presença se aproximavam, renunciando provisoriamente aos seus hábitos. A um desses campos pertencia o velho príncipe, Mademoiselle Bourienne e o arquiteto; ao outro, Maria, Dessalles, Nikoluchka e todas as criadas e amas.

Durante a sua estada todos comeram juntos; sentia-se, porém, um mal-estar geral e o príncipe André tinha a sensação de ser um hóspede a favor de quem se faz uma exceção, e de que a sua presença era um embaraço para toda a gente. No primeiro dia, à mesa, sentindo esse embaraço, ficou-se silencioso, e o velho príncipe, que notava o seu ar pouco à vontade, mostrou-se igualmente taciturno e silencioso, retirando-se assim que a refeição acabou. Quando, pela noite, André o veio ver, e, para o distrair, se pôs a contar-lhe a campanha do jovem conde Kamenski, o pai, de repente, principiou a falar da princesa Maria, acusando-a de ser supersticiosa e de não gostar de Mademoiselle Bourienne, em sua opinião a única pessoa que lhe era verdadeiramente dedicada.

O velho príncipe assegurou ao filho que se estava doente a culpa era de Maria, pois o atormentava de propósito e o irritava, estragando o príncipezinho com os seus excessos de indulgência e as suas tolas histórias. Sabia muito bem que atormentava inutilmente a filha, que a vida dela, em tais condições, era muito penosa, mas também sabia que não podia impedir-se a si próprio de a atormentar e que ela merecia esse tratamento.

“Por que razão o André”, dizia de si para consigo, “que vê tudo isto, não me fala da irmã? Naturalmente porque julga que eu sou algum malfeitor ou um velho doido, que, sem motivos, se afastou da filha para se aliar com a francesa? Então ele não me compreende. É por isso que preciso de lhe explicar, é preciso que ele me entenda.” E pôs-se a demonstrar as razões por que não podia tolerar o caráter absurdo da filha.

— Se o pai me não tivesse pedido — voltou André, sem olhar para o príncipe, e era a primeira vez em sua vida que se atrevia a censurá-lo -, não lhe teria falado no caso, mas, desde que o pai pede a minha opinião, vou dizer-lhe francamente o que penso de tudo isto. Se existe entre o pai e Macha qualquer mal-entendido ou desacordo, não posso de maneira alguma acusá-la disso. Pois sei perfeitamente quanto ela lhe quer e quanto o venera. Desde que me pergunta a minha opinião — continuou André, irritando-se, o que, de resto, nesses últimos tempos se lhe tornara habitual -, só lhe direi uma coisa: se há qualquer mal-entendido, a única culpada é a insignificante dessa mulher, indigna de ser amiga de sua filha.

O velho, no primeiro momento, não cabia em si de surpreendido, os olhos fitos em André, mostrando, com um sorriso forçado, a falta do dente, coisa a que o filho não conseguira habituar-se.

— Que amiga é essa, meu caro? Hem! Estás a repetir a lição que aprendeste! Hem!

— Meu pai, não pretendo ser seu juiz — disse André num tom azedo e duro -, mas obrigou-me a isso e eu digo e direi sempre que a princesa Maria não tem culpa, que os culpados... a culpada é essa francesa... é essa francesa...

— Ah! Tu estás a julgar-me!... Estás a julgar-me! — exclamou o velho, em voz serena, e, assim pareceu a André, com um certo embaraço. Mas, de súbito, erguendo-se de um salto, gritou: — Fora daqui! Fora daqui! Não voltes a pôr aqui os pés!...

O príncipe André resolveu abalar imediatamente, mas Maria implorou-lhe que ficasse mais um dia. Durante todo esse dia não viu o pai, que não saiu dos seus aposentos nem admitiu ao pé de si mais alguém além de Mademoiselle Bourienne e de Tikon. Por várias vezes perguntou se André já partira. No dia seguinte, antes da abalada, o príncipe André foi despedir-se do filho. A criança, saudável e de cabelos encaracolados, como sua mãe, sentou-se-lhe nos joelhos. O pai pôs-se a contar-lhe a história do Barba-Azul, mas, antes de chegar ao fim, calou-se, pensativo. Não era na gentil criança que tinha nos joelhos que pensava, mas em si próprio. Procurava em si mesmo, sem nada encontrar, qualquer coisa que lhe dissesse estar arrependido de ter provocado a ira do pai ou penalizado por se ver obrigado a deixá-lo zangado com ele pela primeira vez na sua vida. E o mais importante ainda é que procurava debalde em si mesmo vestígios da sua antiga ternura pelo filho, tentando despertá-la acariciando-o e sentando-o nos seus joelhos.

— Anda! Conta-me o fim — dizia o filho.

Sem lhe responder, fê-lo saltar dos seus joelhos e saiu. Logo que deixava as suas ocupações quotidianas, sobretudo assim que voltava a sentir-se no meio antigo, em que fora feliz, o tédio da existência apoderava-se dele tão intenso que procurava fugir o mais depressa que podia das suas recordações, fazendo por encontrar uma ocupação qualquer.

— Decididamente, vais-te, André? — disse-lhe a irmã.

— Louvado seja Deus que me posso ir embora — respondeu-lhe ele — e só lamento não poderes fazer outro tanto.

— Por que falas assim? — voltou Maria. — Por que falas assim quando partes para essa guerra terrível e ele é tão velho! Mademoiselle Bourienne disse-me que perguntou por ti...

Maria não podia abordar este assunto sem que a emoção lhe fizesse tremer os lábios e as lágrimas se lhe soltassem dos olhos. O príncipe André afastou-se e principiou a passear na sala.

— Meu Deus, meu Deus! Quando uma pessoa pensa que seres desprezíveis podem ser a causa da infelicidade dos outros! — exclamou, com uma raiva que assustou a irmã.

Compreendera que os seres de quem ele falava eram não só Mademoiselle Bourienne, que a fizera infeliz a ela, mas também o homem que o fizera infeliz a ele.

— André, só te peço uma coisa, suplico-te — disse-lhe ela, travando-lhe do braço e fitando-o com uns olhos que cintilavam através das lágrimas. — Vai, compreendo-te — acrescentou, baixando os olhos. — Mas não penses que são os homens a causa das nossas dores. Os homens não são mais do que os seus instrumentos. — O olhar de Maria passou por cima da cabeça de André, como se ela procurasse, confiante, com os olhos, uma imagem familiar no seu lugar habitual. — As dores são-nos enviadas por ele e não pelos homens. Os homens são instrumentos, não são culpados. Se estás convencido de que alguém andou mal contigo, esquece e perdoa. Nós não temos o direito de castigar. Um dia compreenderás a felicidade de perdoar.

— Se eu fosse mulher, assim faria. Perdoar é uma virtude de mulher. Mas o homem não deve nem pode esquecer e perdoar. — Embora até então não tivesse pensado em Kuraguine, toda a sua cólera insatisfeita lhe afluíu subitamente ao coração.

“Se Maria me pede tanto que perdoe é porque há muito que eu o devia ter castigado”, disse de si para consigo. E, sem responder à irmã, pensou, com uma alegria raivosa, no momento em que encontraria Kuraguine, que sabia no exército.

A princesa Maria ainda suplicou ao irmão que ficasse mais um dia; disse-lhe saber muito bem que o pai sofreria caso ele partisse sem se reconciliarem. O príncipe André respondeu-lhe que podia muito em breve estar de volta do exército e que não deixaria de escrever ao pai, mas que naquela altura quanto mais tempo ali estivesse mais o seu desentendimento se acentuaria.

— Adeus, André. Recorde-se de que as desgraças provêm de Deus e que os homens nunca são culpados. — Tais foram as últimas palavras que a irmã lhe disse no momento da despedida.

“Assim deve ser!”, pensava o príncipe André ao deixar a alameda de Lissia Gori. “Ela, pobre e inocente criatura, aqui vai ficar entregue a este velho meio doido. O velho sabe que é culpado, mas não pode modificar-se. O meu pequeno cresce e sorri à vida, a vida, onde, como todos os outros, virá a enganar

ou ser enganado. Eu vou para a guerra, por quê? Nem eu próprio o sei, e só desejo encontrar esse homem que desprezo para lhe dar uma oportunidade de me matar e de se rir de mim!” Os elementos de que a sua existência se compunha não deixavam de ser os mesmos, mas antes formavam um conjunto uno e agora iam por água abaixo,

E uma série de visões insensatas e incoerentes se lhe foi representando no espírito.

Capítulo IX

O príncipe André chegou em fins de junho ao quartel-general. As tropas do primeiro exército, sob o comando do imperador, estavam concentradas no campo fortificado de Drissa, as do segundo recuavam, esforçando-se por juntar-se ao primeiro exército, de que as separavam, dizia-se, forças francesas muito consideráveis. Toda a gente se mostrava descontente com a marcha geral das operações, mas a ninguém passava pela cabeça que se pudesse vir a dar uma invasão das províncias russas, ninguém mesmo supunha que a guerra pudesse ultrapassar as províncias polacas de oeste.

O príncipe André encontrou Barclay de Tolly, junto do qual fora nomeado adido, estabelecido nas margens do Drissa. Como não havia qualquer casal ou povoado nas imediações do acampamento, grande número de generais ou dignitários da corte que estavam no exército tinha-se espalhado por uma área de dez verstas em volta, nas melhores casas das aldeias de um lado e outro do rio. Barclay de Tolly alojara-se a quatro verstas do imperador. Acolheu Bolkonski seco e friamente e disse-lhe, com o seu sotaque estrangeiro, que informaria o czar para que se lhe desse algum destino e que entretanto ficaria pertencendo ao seu estado-maior. Anatole Kuraguine, que André supunha no exército, também ali se não encontrava. Estava em Petersburgo, e esta notícia não lhe foi de todo desagradável.

Todo o seu interesse se concentrava agora naquela guerra gigantesca e sentia-se feliz por se ver livre por algum tempo do nervosismo que lhe causava a lembrança de Kuraguine. Durante os primeiros dias, em que ninguém lhe perguntou fosse o que fosse, deu-se a percorrer todo o campo fortificado, e, graças aos seus próprios conhecimentos e às conversas que teve com pessoas competentes, tratou de formar uma ideia exata da situação militar. Um problema, porém, não foi capaz de resolver: o da utilidade daquela posição. A sua experiência da guerra ensinara-lhe que os planos mais cuidadosamente elaborados pouco valor têm, coisa que pudera verificar por si próprio em Austerlitz, e que tudo depende da maneira como se riposta aos ataques inesperados e imprevisíveis do inimigo e da forma como são conduzidas as operações, bem como da capacidade daqueles que as dirigem. Na intenção de obter pormenores sobre este último ponto, procurou, mercê da situação que ocupava e dos conhecimentos que tinha, penetrar o caráter do comando e das pessoas e dos grupos que nele tomavam parte, e acabou por obter do conjunto o quadro seguinte:

Quando o imperador se encontrava ainda em Vilna, o exército achava-se dividido em três partes: o primeiro exército estava sob o comando de Barclay de Tolly; o segundo, sob o de Bagration; o terceiro, sob o de Termassov.

O imperador encontrava-se junto do primeiro corpo do exército, sem, no entanto, desempenhar funções de comandante-chefe. Na ordem do dia dizia-se apenas que ele estava presente, não que o comandava. Além disso, o imperador, pessoalmente, não tinha junto de si um estado-maior de comandante-chefe, mas o estado-maior do quartel-general imperial.

Sob as suas ordens tinha o chefe do estado-maior imperial, o general quartel-mestre príncipe Volkonski, generais, ajudantes-de-campo, diplomatas, uma turbamulta de estrangeiros, mas a verdade é que não existia estado-maior do exército. Também estavam com o czar, sem missão especial: Araktcheiev, o antigo ministro da Guerra, o conde Bennigsen, o general mais antigo da sua patente, o czarevitch, grão-duque Constantino Pavlovitch, o conde Rumiantsov, chanceler. Stein, antigo ministro prussiano. Armfeld, general sueco, Pfuhl, principal organizador do plano de campanha, Paulucci, ajudante-de-campo general e foragido da Sardenha, Woltzogen e muitos outros. Estas personalidades, embora não desempenhassem funções oficiais, exerciam pessoalmente grande influência, e muitas vezes um comandante de corpo de exército e até mesmo o comandante-chefe não sabiam em que qualidade Bennigsen ou o grão-duque, Araktcheiev ou o príncipe Volkonski lhes perguntavam isto ou aquilo ou lhes davam este ou aquele conselho, ignorando se tais observações provinham do seu comandante ou da parte do imperador, e se era mister ou não executá-las. Tudo isto, aliás, não passava de um cenário. No fundo ninguém se enganava sobre o que queria dizer a presença junto do exército do imperador e de todas essas personagens, as quais, necessariamente, na intimidade, não passavam, de cortesãos.

O imperador não assumira o título de comandante-chefe, mas na realidade tinha nas mãos todos os corpos do exército. As pessoas que o rodeavam eram seus colaboradores.

Araktcheiev era o fiel mantenedor da ordem e o guarda do corpo do soberano; Bennigsen, grande proprietário da região de Vilna, parecia limitar-se a fazer as honras do país, quando na realidade era um bom general, útil no conselho e ótimo para conservar de reserva e substituir Barclay. O grão-duque, esse apenas ali estava porque isso lhe dava prazer. O antigo ministro Stein encontrava-se presente na qualidade de conselheiro e por Alexandre ter em alta estima as suas qualidades pessoais. Armfeld era o inimigo implacável de Napoleão e um general muito seguro de si próprio, coisa que sempre impressionava o imperador. Paulucci era ousado e enérgico por palavras. Os generais ajudantes-de-campo estavam onde estivesse o imperador, e finalmente, ponto principal, Pfuhl achava-se presente por ser o autor do plano de campanha contra Napoleão, aprovado por Alexandre, que o considerava perfeito no seu conjunto, sendo ele quem na

realidade dirigia todas as operações. Ao lado de Pfuhl, Woltzogen encarregava-se de dar uma forma prática às ideias deste teórico de gabinete, homem violento, cheio de uma tal confiança em si próprio que tinha um soberano desprezo por tudo e todos.

Além destas personagens, russas e estrangeiras, principalmente estrangeiras — e estas, com a ousadia característica de todo o indivíduo que atua num meio que não é o seu próprio, todos os dias propunham novos planos -, ainda havia muitas mais, homens em posições subalternas, que se encontravam ali por os seus superiores lá estarem também.

Entre todas as ideias e opiniões que ganhavam corpo no meio daquela massa de gente inquieta, vaidosa e ávida de honrarias, não tardou que André pudesse distinguir correntes bem nítidas, partidos vários e diversas tendências.

O primeiro partido era formado por Pfuhl e os seus apaniguados, teóricos convencidos de que existe uma ciência da guerra fiel a leis imutáveis, como as do movimento oblíquo, do envolvimento do inimigo, etc. Pfuhl e os seus sequazes preconizavam a retirada para o interior do país, em virtude de leis estritas, fixadas pela pretensa teoria da guerra, e consideravam qualquer infração a esta teoria como uma prova de barbárie, de ignorância ou de má-fé. A este partido pertenciam os príncipes alemães, Woltzogen, Wintzengerode, e outros, numa palavra, sobretudo os alemães.

O segundo partido era diametralmente oposto. Como sempre acontece, pecava por excesso contrário. As pessoas que dele faziam parte reclamavam a ofensiva na Polônia, a partir de Vilna, e opunham-se a todos os planos traçados de antemão. Ao mesmo tempo que defendiam a ousadia na ação encarnavam o espírito nacional. Por isso eram ainda mais intransigentes nas discussões. Eram os russos: Bagration, Ermolov, que então principiava a elevar-se, e outros ainda. Contava-se então uma anedota de Ermolov. Dizia-se que ele pedira ao imperador uma única mercê: ser promovido a alemão. Os membros deste partido repetiam, lembrando-se de Suvorov, ser inútil conceber lindas teorias e espetar alfinetes num mapa, dizendo que o que era preciso era lutar, vencer o inimigo, não o deixar penetrar na Rússia e não dar tempo a que as tropas se desmoralizassem.

O terceiro partido, aquele que inspirava mais confiança ao imperador, era formado por cortesãos partidários de combinações entre as duas tendências extremas. As pessoas deste partido, pela sua maior parte civis, pensavam e diziam o que geralmente dizem os que não têm convicções, embora desejem mostrar-se convencidos de alguma coisa. Eram de opinião de que a guerra, sobretudo com um gênio como Bonaparte (de novo o chamavam assim),

exigia combinações profundas e conhecimentos científicos e que de tal ponto de vista Pfuhl era um talento. Nem por isso, no entanto, devia deixar de reconhecer-se que os teóricos são por vezes exclusivistas. Daí que se não depositasse neles uma confiança absoluta. Deviam ouvir-se também os adversários de Pfuhl e o que diziam as pessoas práticas, experimentadas na arte da guerra, preferindo um meio-termo.

Teimavam na necessidade de se manter a posição do Drissa, de acordo com o plano de Pfuhl, e de modificar o movimento dos demais corpos de exército. Embora desta sorte não se alcançasse nem uma nem outra solução, as pessoas deste partido pensavam ser aquele o caminho mais acertado.

A quarta tendência tinha por representante mais saliente o grão-duque herdeiro, que não podia esquecer o desastre de Austerlitz, em que ele se apresentara como numa parada militar, à frente da Guarda, de capacete e plumas, convencido de que num abrir e fechar de olhos esmagaria os franceses, tendo-se surpreendido de repente nas primeiras linhas, e só com grande dificuldade conseguindo escapar no meio da debandada geral. As pessoas deste partido tinham o mérito e ao mesmo tempo o defeito de serem sinceras. Temiam Napoleão, reconheciam ser forte e elas fracas e diziam-no às claras. Iam repetindo: “De tudo isto não nos virá senão vergonha, desgraça e a derrota! Já abandonamos Vilna e Vitebsk. Também acabaremos por abandonar Drissa. A única coisa razoável a fazer é assinar a paz, e o mais depressa possível, se não quisermos ser expulsos de Petersburgo!”

Esta opinião, muito espalhada nas altas esferas, obtinha eco também em Petersburgo e junto do próprio chanceler Rumiantzov, que outrossim sustentava o ponto de vista da paz por razões de Estado.

O quinto partido agrupava-se em volta de Barclay de Tolly, não tanto pelo seu valor pessoal como pelo fato de ser ministro da Guerra e comandante-chefe. Os membros deste partido diziam: “Seja como for (era assim que principiavam sempre), é um homem honesto e ativo e não temos melhor. Deem-se-lhe poderes absolutos, pois a guerra não pode ter êxito sem unidade de comando, e ele se encarregará de demonstrar do que é capaz, como aconteceu na Finlândia. Se o nosso exército é organizado e forte e já pôde recuar até ao Drissa sem nenhuma derrota, a Barclay, e só a Barclay, o devemos. Se agora o substituíssemos por Bennigsen tudo estaria perdido. Bennigsen já mostrou a sua incapacidade em 1807.”

O sexto grupo, de que faziam parte os partidários de Bennigsen, dizia, pelo contrário, não haver homem mais ativo e experimentado e que fizessem o que fizessem acabariam sempre por recorrer a ele.

E os membros deste grupo demonstravam ser a retirada russa até ao Drissa o mais vergonhoso dos desastres e uma cadeia ininterrupta de erros. “Quanto mais erros cometerem melhor! É a única maneira de compreenderem que as coisas não podem continuar assim”, diziam. “Não precisamos de um Barclay qualquer, mas de um homem como Bennigsen, que já se revelou em 1807, e a quem o próprio Napoleão fez justiça. E o único homem a quem todos reconheciam poderes é Bennigsen.”

As pessoas que constituíam a sétima categoria pertenciam a essa espécie de criaturas que sempre se encontram na roda dos jovens soberanos e que eram sobretudo numerosos junto do imperador Alexandre: generais e ajudantes-de-campo apaixonadamente devotados mais ao homem que ao soberano, que o adoravam sincera e desinteressadamente, como acontecera a Rostov em 1805, e que atribuíam ao imperador não só todas as virtudes, mas também todas as qualidades humanas. Essa gente, ao mesmo tempo que exaltava a modéstia do seu imperador, que se escusara a chamar a si o comando das tropas, censurava tão excessiva modéstia, declarando só desejarem uma coisa: que o seu soberano bem amado vencesse essa desconfiança exagerada, declarasse francamente que tomava o comando do exército, organizasse em torno de si um estado-maior de comandante-chefe e, depois de se ter aconselhado junto dos técnicos, práticos mais experimentados, conduzisse ele próprio no campo de batalha as suas tropas, a quem a sua presença, só por si, encheria de um entusiasmo desbordante.

O oitavo grupo, o mais importante de todos — em relação ao anterior na proporção de noventa e nove para um — era constituído por pessoas que não queriam nem a paz, nem a guerra, nem a ofensiva, nem campos entrincheirados em Drissa ou em qualquer outra parte, nem Barclay, nem o imperador, nem Pfuhl, nem Bennigsen: não procuravam senão uma coisa, para eles mais substancial que tudo o mais: o maior número possível de vantagens pessoais e de diversões. Nestas águas turvas de intrigas e de enredos que formigavam no quartel-general do imperador era possível atingir situações que noutra altura se não poderiam conseguir. Um, para não perder uma situação vantajosa, era hoje partidário de Pfuhl, amanhã do adversário deste, e depois de amanhã afirmava não ter opinião sobre determinado ponto, e isto apenas para evitar assumir responsabilidades e agradar ao imperador.

Outro, desejoso de se colocar bem, chamava sobre si a atenção do soberano fazendo muito barulho a propósito de uma observação que o imperador fizera na véspera, discutia, gritava no conselho, batendo no peito, desafiava para duelo aqueles que não eram da sua opinião e tudo isto para demonstrar que estava pronto a sacrificar-se pelo interesse geral. Um terceiro, entre dois conselhos, e na ausência dos seus inimigos, solicitava muito simplesmente auxílio pecuniário por

motivo dos seus fiéis serviços, convencido de naquele momento não haver tempo para lho recusarem. Um quarto procurava encontrar-se sempre, como que por acaso, esmagado de trabalho ante os olhos do imperador. Um quinto, para alcançar um objetivo ardentemente ambicionado — sentar-se à mesa imperial -, demonstrava encarniçadamente a justeza ou a falsidade de uma opinião recentemente adotada e para tal servia-se de argumentos mais ou menos sólidos e justos,

Toda esta gente não pensava noutra coisa senão em caçar dinheiro, cruces, categorias, e nessa caçada não seguia outra pista que não fosse o penacho da mercê imperial, e assim que verificava que esse penacho se voltava para determinado ponto, todo esse enxame de zangãos batia as asas na mesma direção, de tal sorte que se tornava por assim dizer impossível ao imperador fazê-lo girar noutro sentido. Em presença da incerteza da situação, da gravidade de um perigo iminente, que dava a todas as intrigas um caráter muito alarmante, no meio daquele remoinho de intrigas, de ambições e conflitos entre pontos de vista e tendências diferentes, na confusão daquela gente de nacionalidades várias, este oitavo grupo, o mais numeroso, exclusivamente preocupado com os seus interesses pessoais, contribuía de maneira singular para tornar a marcha geral mais difícil e complicada. Fosse qual fosse a questão que se levantasse, este enxame de zangãos, sem ter ainda resolvido um problema, tratava de voar para outro, ensurdecendo com os seus zumbidos e abafando cada vez mais as vozes sinceras que tomavam parte na discussão.

Na altura da chegada do príncipe André ao exército acabava de se constituir um novo partido, cuja voz apenas principiava a ouvir-se. Era o partido das pessoas idosas, sensatas, com experiência de assuntos políticos e que sabiam, sem partilhar nenhuma das opiniões contraditórias enunciadas, examinar objetivamente tudo quanto se passava no quartel-general, procurando maneira de acabar com a incerteza, a indecisão, a confusão e a fraqueza.

Esta gente dizia e pensava que o mal provinha antes de mais nada da presença do imperador e da sua corte militar junto do exército, que se haviam transplantado para o campo de batalha os hábitos de versatilidade, de hesitação e de indiferentismo, talvez próprios da corte mas fatais no exército, e que o papel de um soberano era o de reinar e não o de comandar tropas, e que a única saída para a situação consistia na partida do imperador e da sua corte. Bastava a sua presença para paralisar cinquenta mil soldados, indispensáveis para assegurar a sua guarda pessoal, e que o mais medíocre dos generais-chefes, sentindo-se independente, valia mais que o melhor deles enleado pela presença e pela vontade soberana do imperador.

Quando o príncipe André vivia em Drissa, sem ocupar-se em quaisquer funções definidas, o secretário de Estado, Chichkov, um dos membros mais influentes deste partido, escreveu uma carta ao imperador, que Balachov e Araktcheiev concordaram em assinar também.

Aproveitando a autorização que lhe fora concedida de apreciar a marcha geral das operações, propunha ao soberano, em termos respeitosos e salientando a necessidade de acordar o valor bélico do povo da capital, que abandonasse o exército.

Esta necessidade de animar o moral do povo, de chamá-lo à defesa da pátria, ação que mais tarde se tornou eficaz com a presença pessoal de Alexandre em Moscou e que veio a ser uma das razões principais da vitória russa, foi exposta ao imperador e por ele aprovada, ficando decidida a sua partida.

Capítulo X

Ainda esta carta não fora entregue ao imperador quando um dia Barclay, durante uma das refeições, disse a Bolkonski que Sua Majestade desejava vê-lo para o interrogar sobre a Turquia e que devia apresentar-se a Bennigsen nesse mesmo dia às seis horas.

Nessa mesma altura chegou ao quartel-general do imperador a notícia de um novo avanço de Napoleão que podia tornar-se perigoso para o exército, notícia esta que depois se reconheceu ser inexata. Pela manhã, o coronel Michaux percorrera com o imperador as defesas de Drissa e provara que aquele campo entrincheirado construído por Pfuhl, e que gozava da fama de obra-prima de técnica, destinado a vir a ser a ruína de Napoleão, não só não passava de uma utopia mas poderia vir a ser a perda do exército russo.

O príncipe André apresentou-se no alojamento de Bennigsen, que estava instalado numa casa senhorial nas margens do rio. Não encontrou nem Bennigsen nem o imperador, mas Tchernichov, o ajudante-de-campo do czar, recebeu Bolkonski e explicou-lhe que o soberano fora, na companhia do general Bennigsen e do marquês Paulucci, inspecionar, pela segunda vez nesse dia, as fortificações do campo, sobre cujo valor defensivo principiavam a correr sérias dúvidas.

Tchernichov lia um romance francês à janela da primeira sala. Esta dependência servira provavelmente outrora de salão; ainda lá se via um harmônio, sobre o qual se empilhavam tapetes. A um canto estava a cama de campanha do ajudante-de-campo de Bennigsen. O ajudante-de-campo estava presente. Provavelmente cansado por algum divertimento ou por muito ter trabalhado, dormitava na cama de campanha. Duas portas abriam para esta dependência: uma, em frente, dava diretamente para o antigo salão, a outra, à direita, para um gabinete. Através da primeira ouvia-se falar alemão e de longe em longe francês. No antigo salão, por desejo do imperador, reunira-se não um conselho de guerra, pois o czar gostava das designações vagas, mas um grupo de pessoas cuja opinião queria conhecer nas circunstâncias atuais. Não era um conselho de guerra, mas uma espécie de reunião de personalidades seletas para esclarecer certos problemas para interesse próprio do imperador. Tinham sido convocados: o general sueco Armfeld, o ajudante-de-campo Woltzogen, Wintzengerode, a quem Napoleão chamava o súdito francês foragido, Michaux, Toll, o conde Stein, que não era militar, e finalmente Pfuhl, que, como André veio a perceber, era a trave mestra do caso de que se tratava. André teve ocasião de o examinar muito bem, pois Pfuhl chegou pouco depois dele e passou pelo salão, detendo-se um momento a falar com Tchernichov.

À primeira vista, Pfuhl, com o seu uniforme de general russo mal feito, e que lhe ficava tão mal que parecia disfarçado, deu-lhe a impressão de alguém muito seu conhecido, embora nunca o tivesse visto antes. Parecia-se muito vagamente com os Weirother, os Mack, os Schmidt, com tantos outros generais teóricos que ele tivera oportunidade de ver em 1805, embora fosse mais típico que todos os demais. Nunca vira um alemão que reunisse a tal ponto os traços característicos de todos os alemães.

Pfuhl era de pequena estatura, mas de sólida complexão, bacia larga e omoplatas ossudas. Tinha a cara sulcada de rugas e os olhos profundamente enterrados nas órbitas.

Devia ter passado uma escova pelos cabelos, à frente e nas têmporas, mas atrás mechas soltas pendiam, ridiculamente. Entrou lançando à sua roda olhares inquietos e furiosos, como se tudo receasse na vasta sala em que penetrava. Segurando na espada desajeitadamente dirigiu-se a Tchernichov, perguntando-lhe em alemão onde estava o imperador. Era evidente que desejava atravessar a sala à pressa e desembaraçar-se das saudações e dos cumprimentos habituais para se instalar diante de um mapa, o seu elemento natural. Fez com a cabeça repetidos e breves acenos, enquanto ouvia Tchernichov, e teve um sorriso irônico quando este lhe disse que o imperador examinara o entrincheiramento que ele, Pfuhl, construía segundo as suas teorias. Numa voz rude de baixo, como é própria dos alemães muito seguros de si, resmungou para si mesmo: “Imbecil... está tudo estragado... Daqui não sai coisa que preste.”⁶¹ O príncipe André, que não conseguia perceber distintamente o que ele dizia, quis afastar-se, mas Tchernichov apresentou-o a Pfuhl, dizendo que ele acabava de chegar da Turquia, onde a guerra findara vitoriosa. Pfuhl mal o olhou: disse rindo: “Devia ter sido uma rica guerra táctica.”⁶² E com um riso desdenhoso penetrou na sala onde se ouviam vozes.

Pfuhl, irritável por natureza e propenso à ironia, estava evidentemente furioso por terem ousado na sua ausência examinar o seu campo entrincheirado, atrevendo-se a criticá-lo. Mercê daquela rápida entrevista com Pfuhl, e graças ao que vira em Austerlitz, não foi difícil ao príncipe André ficar com uma ideia muito nítida de tal personagem. Pfuhl era criatura de uma só peça e de uma teimosia tal que seria capaz de afrontar o martírio em defesa das suas ideias; era como só os alemães sabem ser, pois só eles são capazes de uma cega confiança nas noções abstratas, na ciência, isto é, no conhecimento pressuposto da verdade absoluta.

O francês é um homem seguro de si, persuadido de que, pessoalmente, quer pelo espírito, quer pelo físico, exerce uma irresistível sedução tanto nos homens como nas mulheres. O inglês também goza da mesma

segurança por estar persuadido de que é cidadão do Estado mais bem organizado do mundo, e daí saber sempre, na sua qualidade de inglês, que o que deve fazer e faz é indiscutivelmente perfeito. Pelo seu lado, o italiano tem confiança em si próprio porque facilmente se emociona, esquecendo-se ainda mais depressa de si e dos outros. Ao russo também não falta confiança, visto que tudo ignora e nada quer saber e estar convencido de que ninguém pode saber seja o que for. No que diz respeito ao alemão, porém, esse é o pior de todos, mais obstinado que ninguém e mais desagradável para todo o mundo, convencido de que conhece a verdade, ou seja a ciência que ele próprio fabrica, para ele, a verdade absoluta.

Evidentemente Pfuhl era assim mesmo. Tinha na sua mão uma ciência: isto é, a teoria do movimento oblíquo, colhida na história das guerras de Frederico, o Grande, e vai daí tudo quanto observava na história das guerras recentes a seus olhos não passava de insensatez, barbaria e um tremendo caos. Tantos eram os erros nelas cometidos que a bem dizer nem sequer mereciam o nome de guerras. Como não acertavam com a sua teoria, não podiam mesmo ser objeto de estudo. Em 1806, Pfuhl fora um dos autores do plano que conduziu a Jena e a Auerstadt, mas o resultado dessa campanha não lhe provara a falsidade da sua teoria. Pelo contrário, em sua opinião haviam sido precisamente os desvios dela as únicas causas do seu malogro e por isso dissera com ironia, muito contente de si próprio, coisa que lhe era peculiar: “Imbecil... está tudo estragado... vai tudo por água abaixo...”⁶³

Pfuhl pertencia à família desses teóricos que de tanto amarem as teorias em si acabam por esquecer-lhes os fins, ou seja a sua aplicação prática. Por amor da própria teoria odiava tudo quanto fosse prático, recusando sistematicamente prestar atenção a esse aspecto. Até o próprio fracasso lhe dava satisfação, uma vez que o insucesso provocado pela violação da teoria na sua aplicação prática só servia para lhe provar a ele a justeza da teoria que professava.

As poucas palavras que trocara com o príncipe André e Tchernichov sobre a guerra em curso foram pronunciadas no tom de quem sabe de antemão que tudo correrá mal e nada mais pode fazer senão lamentar que assim seja. O tufo de cabelos que lhe fustigava a nuca e as têmporas penteadas a preceito estavam a dizer isso mesmo com particular eloquência.

Entrou na sala contígua e imediatamente se principiou a ouvir a sua voz rabugenta de baixo.

Capítulo XI

Ainda o príncipe André não tivera tempo de ver desaparecer a figura de Pfuhl quando entrou, apressadamente, o conde de Bennigsen. Cumprimentando-o com um aceno de cabeça, penetrou no gabinete depois de ter dado ordens ao ajudante-de-campo. Como o imperador vinha logo atrás dele, tinha pressa de tomar algumas disposições antes de o receber. Tchernichov e André vieram até à escadaria da entrada. Com ar fatigado, o imperador desmontava. O marquês Paulucci dirigiu-lhe a palavra. O czar, inclinando a cabeça para a esquerda, ouvia, descontente, o que Paulucci lhe dizia, e este exprimia-se com uma violência desusada. O imperador, que evidentemente queria pôr ponto final naquele discurso, principiou a andar, mas o italiano, muito afogueado pela exaltação de que se achava possuído, esquecendo as conveniências, foi-lhe no encalço, falando sempre.

— Quanto àquele que aconselhou este campo, este campo de Drissa — dizia Paulucci, enquanto o imperador, subindo os degraus da escada, fixava o príncipe André, que, de momento, parecia não conhecer. — Quanto àquele, Sire — teimava ele num ímpeto de quem não pode dominar-se -, que aconselha o campo de Drissa, não vejo outra alternativa senão a casa amarela⁶⁴ ou a força.

Sem esperar pela conclusão do discurso e como se não tivesse ouvido o que dizia o italiano, o imperador, que acabava de reconhecer Bolkonski, dirigiu-se-lhe, muito cortês:

— Gostei muito de te ver: entra para a sala em que eles estão reunidos e espera lá por mim.

O czar penetrou no gabinete, onde o seguiram o príncipe Piotre Mikailovitch Volkonski e o barão Stein, e a porta fechou-se.

O príncipe André, servindo-se da autorização do imperador, entrou com Paulucci, a quem conhecera na Turquia, no salão onde estava reunido o conselho.

O príncipe Piotre Mikailovitch Volkonski desempenhava então as funções de chefe do estado-maior do imperador. Veio do gabinete com uns mapas que desdobrou em cima da mesa do salão. Depois pôs à assembleia as questões acerca das quais desejava conhecer a opinião dos presentes. Recebera-se durante a noite a notícia — que depois veio a saber-se, aliás, ser falsa -, de que os franceses se propunham contornar o campo de Drissa.

O primeiro a usar da palavra foi o general Armfeld. Inesperadamente, para enfrentar as dificuldades que se levantavam, propôs que se ocupasse uma posição completamente nova e que nada justificava (salvo o desejo que tinha de fazer ver que também podia ter uma opinião) a retirada das estradas de Petersburgo e Moscou, posição essa na qual, segundo ele, o exército devia

concentrar-se para aí aguardar o inimigo. Via-se perfeitamente que este plano de há muito estava elaborado pelo seu autor, o qual, se o expunha naquele momento, era menos para responder às questões formuladas, a que, aliás, nenhuma resposta dava, que para aproveitar a ocasião de o tornar conhecido. Era uma dessas numerosas propostas, nem melhor nem pior que qualquer outra aos olhos de quem quer que fosse sem a menor ideia do que aquela guerra viria a ser. Houve quem a combatesse e quem a defendesse. O moço general Toll, com mais ardor que nenhum outro, criticou esse plano, e, extraíndo da algibeira um manuscrito, pediu licença para proceder à sua leitura. Nessa exposição, amplíssima, propunha um plano de campanha inteiramente oposto ao de Armfeld e de Pfuhl. Para o refutar, Paulucci aconselhou a ofensiva e o ataque, única solução, em seu parecer, para arrancá-los a todos da incerteza e da ratoeira, nome que dava ao campo de Drissa, onde se encontravam. Durante a discussão, Pfuhl e o seu intérprete Woltzogen — era obrigado a fazer passar através dele todas as suas comunicações com a corte — mantinham-se calados. Pfuhl limitava-se a fungar desdenhosamente e a voltar as costas, mostrando que nunca desceria a refutar as tolices que ouvia. Quando o príncipe Volkonski, que presidia ao debate, lhe pediu que expusesse a sua opinião, limitou-se a dizer:

— Para quê? O general Armfeld propôs-lhe uma posição magnífica com as retaguardas descobertas. Podem escolher, igualmente, ou o ataque desse senhor italiano, que também é ótimo, ou então a retirada, que é melhor ainda⁶⁵. Para que pedem a minha opinião? Os senhores sabem tudo melhor do que eu.

Quando Volkonski franziu o sobrolho, dizendo pedir-lhe a sua opinião em nome do imperador, ele levantou-se, exaltando-se de repente, e prosseguiu:

— Estragaram tudo, complicaram tudo: toda a gente queria saber mais do que eu e agora recorrem a mim. Como reparar o que está mal? Nada há a reparar. O que é preciso é aplicar exatamente os princípios que eu estabeleci — afirmou, batendo com o dedo ossudo em cima da mesa. — Onde está a dificuldade da situação? Tolices! Kinderspiel!⁶⁶

Aproximou-se da mesa e pôs-se a falar muito depressa, enquanto ia batendo no mapa com a ponta do dedo seco, demonstrando que nenhum acontecimento imprevisto poderia modificar a eficácia do campo de Drissa, que tudo fora previsto e que se de fato o inimigo tentasse um movimento de flanco acabaria inevitavelmente por ser aniquilado.

Paulucci, que não sabia alemão, interrogou-o em francês. Woltzogen acorreu em auxílio do seu chefe, que falava mal o francês, e traduziu as suas explicações, seguindo-o com muita dificuldade, pois Pfuhl demonstrava, cada vez mais rápido, que, tudo, tudo, fora previsto no seu plano, não só o que acontecera,

mas também o que viria a acontecer, e que se presentemente algumas dificuldades se levantavam o mal advinha de o não terem executado tal qual. E continuava a fungar ironicamente, prosseguindo na sua demonstração. Por fim deixou de argumentar pela mesma razão que um matemático desiste de apresentar provas de um problema demonstrado. Woltzogen substituiu-o, e continuou a expor, em francês, as ideias de Pfuhl, dizendo de vez em quando: “Não é verdade, Excelência?”⁶⁷ Pfuhl, como um soldado que na excitação da batalha se põe a disparar contra os seus camaradas, gritava, furioso, a Woltzogen:

— Pois claro, pois claro, para quê tantas explicações?

Tanto Paulucci como Michaux refutavam Woltzogen, ao mesmo tempo, em francês. Armfeld dirigia-se a Pfuhl em alemão. Toll explicava em russo a Volkonski o que todos eles diziam. O príncipe André ouvia e observava em silêncio.

De entre todas aquelas personalidades, a que lhe despertava maior simpatia era Pfuhl, esse homem irascível, decidido e doidamente seguro de si próprio. De todos quantos ali estavam era aquele o único que nada queria para ele, a ninguém tinha inimizade. Apenas pretendia uma coisa: pôr em execução um plano assente numa teoria que lhe custara anos de trabalho. Evidentemente que era ridículo e desagradável com a sua permanente ironia, mas apesar de tudo inspirava respeito, graças à absoluta devoção pelas suas ideias. Aliás, em todos os discursos pronunciados, à exceção de Pfuhl, havia um traço comum, coisa que se não verificava nos do conselho de guerra de 1805: sentia-se neles uma espécie de terror pânico, conquanto dissimulado, perante o gênio de Napoleão, e esse pânico transparecia nos argumentos mais insignificantes. Estavam convencidos de que aquele homem era capaz de tudo, esperavam vê-lo aparecer em toda a parte ao mesmo tempo e o seu temido nome servia a cada um para dar um golpe de morte na posição do adversário. Só Pfuhl se atrevia a considerar bárbaro Napoleão, pela mesma razão que considerava bárbaro qualquer que se opusesse às suas teorias. Além do respeito que Pfuhl lhe inspirava, o príncipe André sentia por ele uma espécie de piedade. Pelo tom que tomavam os cortesãos ao dirigir-se-lhe, pelo que Paulucci se permitira dizer ao imperador, e sobretudo pelo amargor e pela violência de que as suas próprias palavras vinham repassadas, era evidente todos estarem certos, e ele mesmo já desconfiava disso, de ser chegada a hora da sua ruína. Eis por quê, não obstante a sua segurança e a sua acerba ironia de alemão, causava dó, com as melenas empastadas nas fontes e os tufos de cabelo a caírem-lhe na nuca. Embora dissimulasse os seus sentimentos por detrás de umas maneiras irritadas e desdenhosas, via-se que estava desesperado por ver fugir-lhe a ocasião única de verificar em vasta escala as suas teorias e de poder prová-las aos olhos do mundo.

Os debates prolongaram-se por muito tempo e quanto mais se prolongavam mais exaltados se mostravam os contendores, que gritavam e faziam alusões pessoais, e menos probabilidades havia de extrair qualquer conclusão prática de tudo quanto se dissera.

No meio de toda aquela confusão de línguas, de todas aquelas hipóteses, de todos aqueles planos, de todas aquelas contradições e de todos aqueles gritos não pôde o príncipe André deixar de se mostrar surpreendido que fosse possível falar-se tanto. Enquanto estivera no exército várias vezes fora levado a pensar que não havia nem podia haver uma ciência da guerra e que por isso mesmo se não devia falar num suposto gênio militar. E eis esta ideia confirmada agora com a plena evidência da verdade. Como falar-se em teoria e ciência numa matéria em que as condições e as circunstâncias são desconhecidas, não podendo ser definidas de antemão, e em que as forças atuantes mais dificilmente ainda podem ser determinadas? Nunca ninguém soube nem nunca ninguém poderá saber qual a posição do nosso exército e a do inimigo dentro de vinte e quatro horas e qual a ação deste ou daquele destacamento. Partindo do princípio de que na primeira fileira, em vez de um poltrão que debande a gritar: 'Estamos cortados!' se ouve, em seu lugar, um moço, valente e decidido, gritando 'Hurra!', aí temos como um destacamento de cinco mil homens vale mais de que um corpo de exército de trinta mil. Esse o caso de Schöngraben. O que não impede que, noutra altura, cinquenta mil homens debandem diante de oito mil. Assim acontecera em Austerlitz. Como falar em ciência numa matéria em que, como sucede com todas as coisas da vida prática, nada pode ser previsto antecipadamente e tudo depende de circunstâncias imponderáveis cuja importância surge de um momento para o outro, sem que ninguém saiba quando chegará a sua hora? Armfeld sustenta que o nosso exército está cortado: Paulucci, pelo contrário, afirma que colocamos o exército francês entre dois fogos; Michaux diz que o campo entrincheirado de Drissa é desvantajoso, pois o rio lhe fica na retaguarda, enquanto Pfuhl mantém ser precisamente isso que lhe dá força. Toll propõe um plano, Armfeld propõe outro.

“Todos estes planos são igualmente bons e igualmente maus e as vantagens de cada um deles não podem tornar-se evidentes senão no próprio momento em que os acontecimentos vierem a cumprir-se. Por que fala então toda a gente em gênio militar? Será gênio aquele que saiba abastecer a tempo de biscoitos o exército e envie Fulano para a direita e Sicrano para a esquerda? A verdade é esta: os gênios militares são brilhantes e poderosos e há uma multidão de cobardes sempre pronta a lisonjear o poder, chamando a tais homens gênios e atribuindo-lhes qualidades extraordinárias. Em vez de gênios, os melhores generais que eu conheci eram estúpidos ou pouco sérios. Bagration, por exemplo,

o melhor de todos, como o próprio Napoleão o reconheceu. E Bonaparte? Lembro-me perfeitamente da sua máscara cheia de suficiência na batalha de Austerlitz. Um bom militar nem precisa de ser gênio nem de ter qualidades especiais. Pelo contrário, deve ser desprovido do que há de melhor e de mais elevado no homem: o amor, a poesia, a ternura, a dúvida filosófica, filha da experiência. Deve ser limitado, estar persuadido de que é de alta importância tudo quanto faz. De outro modo faltar-lhe-á a persistência; só assim será um valoroso capitão. Que Deus o defenda de amar alguém, de se afeiçoar seja a quem for, de ser compadecido, de pensar no que é justo e no que o não é. Compreende-se que desde tempos imemoriais se tenha inventado para galardão seu a teoria do gênio, pois, em verdade, representa o poder. O êxito ou o desaire de uma ação militar não podem ser-lhe atribuídos, mas ao soldado que nas fileiras grita: ‘Estamos perdidos!’ ou então exclama ‘hurra!’. Somente nas fileiras um homem pode servir convencido de que é útil!”

Assim pensava o príncipe André enquanto ouvia as discussões e só deu por si quando todos se levantaram e Paulucci o chamou.

No dia seguinte, durante a revista, o imperador perguntou a André onde desejava prestar serviço. E foi então que ele para sempre perdeu os seus créditos junto da corte pedindo que o deixassem prestar serviço na frente de batalha, em lugar de se deixar ficar na comitiva do soberano.

Capítulo XII

Antes do princípio da campanha, Rostov recebera uma carta dos pais onde estes o informavam sumariamente da doença de Natacha e do seu rompimento com o príncipe André, rompimento que lhe explicaram como tendo sido provocado pela irmã, e de novo lhe rogavam que pedisse baixa do exército e voltasse para junto deles. Nicolau, quando recebeu esta carta, não tentou sequer obter licença ou autorização para deixar a tropa, e escreveu aos pais a dizer-lhes estar muito zangado por causa da doença de Natacha e do malogro do seu noivado, e que faria todo o possível para cumprir os desejos deles. A Sônia escreveu separadamente:

Adorada amiga do meu coração. — Nada, a não ser a honra, me impediria de regressar a casa. Mas neste momento, na altura em que se inicia a campanha, considerar-me-ia desonrado, não só perante os meus camaradas mas aos meus próprios olhos, se preferisse a minha felicidade ao meu dever e ao meu amor pela pátria. Esta será, porém, a nossa última separação, podes crer: assim que a guerra acabar e se eu for vivo e tu ainda me quiseses, deixarei tudo e correrei a apertar-te para sempre contra o meu coração fervoroso e apaixonado.

E, com efeito, só o início da campanha retivera Rostov e o impedira, como prometera, de voltar a casa para casar com Sônia. O outono em Otradnoie, com as suas caçadas, o inverno, com as suas festas do Natal, e o amor de Sônia prometiam-lhe toda uma perspectiva de serenas alegrias e o sossego de uma fidalga vida que ele outrora não conhecera e tanto o seduzia agora. “Uma esposa dedicada, filhos, uma boa matilha de cães com dez ou doze casais de vigorosos galgos, os trabalhos agrícolas, os vizinhos e as funções que competem à nobreza...”, pensava Nicolau.

Mas havia guerra e impunha-se-lhe ficar no regimento. E como tinha de ser, Nicolau Rostov, por índole, parecia satisfeito com a vida assim que levava no exército, procurando torná-la agradável.

No regresso da licença fora acolhido com grande alegria pelos camaradas. E, encarregado da remonta, trouxera consigo da Pequena Rússia ótimos cavalos, que muito o entusiasmaram e lhe mereceram as felicitações dos chefes. Durante a ausência fora promovido a capitão e quando o regimento foi colocado em pé de guerra, com os efetivos reforçados, deram-lhe o comando do seu antigo esquadrão.

A campanha principiou, o regimento foi enviado para a Polônia, dobraram os soldos, chegaram novos oficiais, praças novas, cavalos, e especialmente passou a reinar na tropa a animação de todas as novas campanhas.

Rostov, que apreciava as vantagens da sua posição, entregou-se inteiramente aos prazeres e aos deveres do serviço militar, sabendo perfeitamente que mais tarde ou mais cedo teria de abandonar o exército.

As tropas tinham evacuado Vilna por diversas e complicadas razões: razões de Estado, razões políticas e táticas. Cada passo à retaguarda era pretexto para toda uma rede de complicações de interesses, de combinações, e todo um jogo de paixões do estado-maior. Para os húsares do regimento de Pavlogrado esta retirada, na melhor estação do ano, com abastecimentos em abundância, não passava de uma agradável excursão. Tudo quanto fossem tristezas, inquietações, intrigas, era com o quartel-general; no seio do exército ninguém perguntava para onde iam e qual o motivo daquela retirada.

A única coisa que levava a tropa a lamentar ter de bater em retirada era o fato de se ver obrigada a mudar do alojamento a que estava afeita, renunciando a alguma bela polaca local. Se porventura algum dos oficiais se lembrava de pensar que as coisas não corriam bem, logo tratava de se sentir alegre, como é próprio de todo o bom soldado, e não pensava na situação geral, preocupando-se exclusivamente com as suas ocupações imediatas. De princípio estiveram alegremente acantonados em volta de Vilna, travando conhecimento com os proprietários polacos e preparando-se constantemente para as revistas que eram passadas pelo imperador e outros altos postos militares.

Depois vieram ordens para retirarem sob Svetsiany e destruírem os abastecimentos que não fosse possível transportar. Svetsiany ficou memorável para os húsares, pois esse acampamento veio a ser conhecido por todo o exército pelo “campo dos borrachos”, sendo muitas as queixas que se receberam por virtude de as tropas, que tinham ordem para se abastecer junto dos habitantes, haverem requisitado aos proprietários polacos, em matéria de abastecimentos, cavalos, equipagens e tapetes. Rostov lembrava-se muitíssimo bem de Svetsiany. No próprio dia da chegada vira-se obrigado a meter na ordem o sargento, nada podendo conseguir dos soldados do seu esquadrão, que se tinham emborrachado, bebendo cinco barris de cerveja velha roubada. Depois de Svetsiany cada vez recuava mais até ao Drissa, e ainda para além do Drissa, aproximando-se das fronteiras russas.

A 13 de julho, pela primeira vez, o regimento de Pavlogrado tomou parte numa operação séria.

A 12, pela noite, levantou-se uma grande tempestade com forte chuva e granizo. O estio de 1812 foi particularmente assinalado por numerosas tempestades.

Dois esquadrões do regimento de Pavlogrado acampavam numa seara de cevada pisada pelos homens e pelo gado. Chovia a cântaros, e Rostov,

mais o moço oficial Iline de nome, a quem tomara sob a sua proteção, abrigaram-se numa cabana construída ao deus-dará.

Um oficial do regimento, de grandes bigodanças, que regressava do quartel-general e fora surpreendido pela chuva, entrou no abrigo de Rostov:

— Acabo de chegar do estado-maior, conde. Já ouviu falar da façanha de Raievski?

E o oficial pôs-se a contar o que soubera acerca da batalha de Saltanovka.

Rostov, voltando o pescoço, onde a chuva penetrava, fumava o seu cachimbo e ouvia, com ar distraído, olhando de vez em quando para Iline, todo encolhido junto dele. Este oficial, um rapazote dos seus dezasseis anos chegado havia pouco ao regimento, era agora tratado por Nicolau como ele o fora, anos antes, por Denissov. Iline fazia por imitar Rostov em tudo e dir-se-ia enamorado dele como uma mulher.

O oficial da bigodaça, Zdrzinski, contava, enfático, como o dique de Saltanovka era agora as Termópilas russas e como o general Raievski aí realizara uma façanha digna da antiguidade. Raievski, sob intenso fogo inimigo, conduzira os seus dois filhos até ao dique e lançara-se na batalha com eles a seu lado. Rostov escutava o relato não só sem uma palavra que encorajasse o narrador, mas inclusivamente com uma cara que dir-se-ia envergonhada pelo que ouvia, embora nada tivesse que objetar. Depois de Austerlitz e da campanha de 1807, sabia, por experiência própria, que quem conta um episódio militar nunca fala inteiramente verdade, como com ele próprio acontecera então. Além disso, já era bastante experimentado na guerra para saber que nada se passa no campo de batalha como as pessoas o imaginam ou como é costume virem a contá-lo mais tarde. Por tudo isso, não lhe agradava o relato e também porque não morria de amores por Zdrzinski, que, com as suas bigodanças, tinha o péssimo costume de se debruçar sobre o interlocutor, estando a ocupar muito espaço na acanhada choupana. Rostov olhava para ele sem dizer palavra. “Em primeiro lugar, no dique em que se deu o ataque deve ter-se produzido uma tal barafunda e uma tal compressão que mesmo ainda que Raievski tivesse levado consigo os filhos, esse ato apenas poderia ter impressionado os dez ou doze homens que o rodeavam”, pensava Rostov. “Os outros não podiam ter visto com quem é que Raievski pusera os pés no dique. E aqueles que porventura o tivessem visto não deviam ter sentido uma impressão por aí além, pois a verdade era esta: que lhes importavam a eles os sentimentos paternais do general, quando eles próprios estavam a dar o corpo ao manifesto? E depois, o destino da pátria não dependia da tomada de tal dique. Não vinha, pois, a propósito falar-se das Termópilas. E para que servia aquele sacrifício? Que ideia era aquela de arriscar a pele dos próprios filhos no campo de

batalha? Eu, por mim, nunca me lembraria de expor assim meu irmão Pétia, nem mesmo Iline, que não é meu parente, embora seja um belo moço. Pelo contrário, tudo faria para o deixar em lugar seguro.” E Rostov assim ia pensando enquanto Zdrzinski falava, embora não lhe passasse pela cabeça dizer a alguém o que lhe ocorria naquele momento: a sua experiência pessoal dizia-lhe que era inútil. Sabia que todas aquelas histórias tinham por fim a glorificação dos exércitos russos; por isso o melhor era não pô-las em dúvida. E eis o que estava a fazer.

— Já não posso mais! — disse, por fim, Iline, que percebera que a algaraviada de Zdrzinski não agradava a Rostov. — As botas, a camisa, estou todo a escorrer. Vou tratar de arranjar outro abrigo. Parece-me que a chuva está a passar.

Iline abalou e Zdrzinski abalou também.

Cinco minutos depois já Iline estava de volta, patinhando na lama.

— Hurra! Rostov, despacha-te! Encontrei! A duzentos passos temos uma taberna, e os nossos já lá estão. Ao menos podemos enxugar a roupa. E está lá a Maria Henrikovna.

Maria Henrikovna era a mulher do médico do regimento: uma jovem e bonita alemã com quem ele se casara na Polônia. Ou porque não tivesse recursos para deixar a mulher em qualquer outra parte, ou porque não quisesse separar-se dela, nos primeiros tempos de noivado levava-a sempre consigo atrás do regimento, e os ciúmes que isso lhe causava tornaram-no motivo de troça entre a oficialidade.

Rostov embrulhou-se no capote, e, chamando Lavruchka, mandou que levasse as suas coisas para a taberna. E lá foi com Iline, patinhando na lama, debaixo da chuva, que ia passando, no meio das trevas da noite, de onde em onde iluminadas pelos relâmpagos longínquos.

— Rostov, onde estás tu?

— Aqui. Olha, isto é que são relâmpagos — iam dizendo um para o outro.

Capítulo XIII

A kibitka do médico estacionava diante da porta da taberna, onde já estavam quatro ou cinco oficiais. Maria Henrikovna, uma lourita alemã, roliça de carnes, de casaco e de touca de dormir, estava sentada, em lugar de honra, num grande banco. O marido, o médico, dormia atrás dela. Rostov e Iline foram recebidos com joviais exclamações e grandes risadas.

— Ótimo! Vocês estão muito alegres por estes sítios! — disse Rostov, rindo.

— E vocês, por que estão vocês aborrecidos?

— Ah! vêm em bonito estado! Deitam água por todos os lados! Nada de inundar o salão.

— É proibido sujar o vestido de Maria Henrikovna.

Rostov e Iline trataram de descobrir um recanto onde pudessem mudar de roupa sem ofender o pudor da mulher do médico. Passaram para o outro lado do tabique, para aí se despirem, mas o cubículo, iluminado por uma candeia pousada em cima de uma arca vazia, estava inteiramente ocupado por três oficiais que jogavam as cartas e por nada deste mundo lhes quiseram ceder o lugar. Maria Henrikovna então ofereceu-lhes a saia, que tirou para esse fim, com que eles fizeram um reposteiro, atrás do qual, auxiliados por Lavruchka, que lhes trouxera um carregamento de roupa, despiram as fardas molhadas e vestiram outras enxutas.

Acenderam a estufa desmantelada. Depois arranjaram uma tábua, que colocaram sobre duas selas de montar, cobriram-na com a gualdrapa de um cavalo, puseram-lhe em cima um samovar, uma cantina e meia garrafa de rum, e, tendo pedido a Maria Henrikovna que fizesse as honras da casa, juntaram-se todos à sua volta. Um deles ofereceu-lhe o lenço de assoar para enxugar as roliças mãos: outro pôs-lhe debaixo dos pés, para os resguardar da umidade, o seu capote de húsar: um terceiro tapou a janela com o seu para não deixar entrar o vento, e um quarto deu-se a afugentar as moscas da cara do médico para ele não acordar.

— Deixem-no em paz — exclamou Maria Henrikovna, com um sorriso jovial e nada tímido. — Está a dormir, porque passou a outra noite em claro.

— Impossível, Maria Henrikovna — replicou o oficial -, temos de ter cuidado com o doutor. Talvez seja a maneira de ele ter pena de nós quando for obrigado a cortar-nos um braço ou uma perna.

Só havia três copos. A água, de tão suja, tornara impossível saber se o chá estava forte ou fraco demais, e no samovar apenas havia beberagem para seis copos. Contudo era uma satisfação para todos receber o seu copo, à vez, e por ordem de antiguidade, das mãos rechonchudas, de curtas unhas, e nada

limpas, de Maria Henrikovna. Naquela noite dir-se-ia que todos os oficiais estavam realmente enamorados dela. Até os que se encontravam atrás do tabique a jogar as cartas acabaram por deixar o jogo, vindo juntar-se em volta do samovar, dispostos a fazer a corte a Maria Henrikovna. Ao ver-se rodeada de tantos moços distintos e corteses, a mulher do médico não cabia em si de contente, embora procurasse esconder essa satisfação e estivesse receosa de que o marido entretanto acordasse.

Havia apenas uma colher. O açúcar era de sobra, mas não se conseguia dissolvê-lo na beberagem. Foi por isso resolvido ser ela a mexer o açúcar de todos, cada um por sua vez. Rostov, depois de ter deitado rum num copo, pediu a Maria Henrikovna que lhe mexesse o chá.

— Mas o senhor não tem açúcar — exclamou ela, sorrindo sempre, como se tudo o que ela dizia ou o que os demais diziam fosse engraçadíssimo e se prestasse a um segundo sentido.

— Não preciso de açúcar, o que eu queria era vê-la a mexer o meu chá com a sua linda mãozinha.

Maria Henrikovna acedeu e pôs-se à procura da colher de que alguém se havia apropriado.

— Mexa com o seu dedinho, Maria Henrikovna — disse Rostov -, ainda será mais gostoso.

— Mas está muito quente! — protestou ela, toda ruborizada de satisfação.

Iline pegou num jarro de água, deitou-lhe dentro algumas gotas de rum e aproximou-se de Maria Henrikovna, a quem pediu que o mexesse com o dedo.

— É a minha chávena — disse ele. Ponha lá o seu dedinho que eu bebo tudo.

Uma vez despejado o samovar, Rostov pegou nas cartas e propôs-se jogar aos reis com Maria Henrikovna. Tiraram à sorte, para ver quem seria o parceiro dela. Rostov propôs, e foi aceite, que quem fosse rei teria o direito de beijar a mão de Maria Henrikovna e aquele que perdesse seria obrigado a preparar um novo samovar para o médico, quando este acordasse.

— E se o rei for Maria Henrikovna? — perguntou Iline.

— Já é rainha! E uma ordem sua é uma lei.

Assim que principiou o jogo, por detrás de Maria Henrikovna ergueu-se a cabeça toda esguedelhada do médico. Havia algum tempo já que estava acordado, ouvindo o que se dizia. E via-se perfeitamente que aqueles ditinhos alegres nada tinham, para ele, de engraçado ou divertido. Era triste e aborrecida a sua expressão. Sem saudar os oficiais, coçou a cabeça e pediu

licença para sair, pois vedavam-lhe o caminho. Mal ele desapareceu, todos romperam num estrondoso riso, o que fez com que Maria Henrikovna corasse muito, razão por que ainda ficou mais atraente aos olhos dos companheiros. Quando voltou a entrar, o médico disse à mulher, a qual perdera a vontade de rir e o olhava como se aguardasse, ansiosamente, a sentença que ele ia lavrar, que deixara de chover e que era melhor irem dormir para a kubitka, pois de outra maneira lhe roubariam as suas coisas.

— Se quiser mandarei uma sentinela... até duas — disse Rostov. — Não se preocupe, doutor.

— Eu próprio me encarrego de fazer de sentinela! — acrescentou Iline.

— Não, meus senhores, os senhores dormiram bem, mas eu há duas noites que não prego olho — disse o médico, sentando-se de má catadura ao pé da mulher, à espera que a partida acabasse.

O aspecto carrancudo do médico, que olhava a mulher de soslaio, ainda lhes tornou a cena mais divertida, e alguns deles não puderam reter o riso, rompendo em gargalhadas para que buscavam justificações adrede. Quando o médico e a esposa foram alojar-se na pequenina kubitka, os oficiais deitaram-se no chão, cobrindo-se com os capotes molhados. Mas muito tempo levaram antes que adormecessem: ora se punham a comentar o ar carrancudo do médico e a jovialidade da mulher, ora vinham à porta espreitar o que se estava passando dentro da kubitka.

Por várias vezes, Rostov, cobrindo a cabeça, tentara dormir, mas os ditos deste e as saídas daquele não lho consentiam, e as conversas recomeçavam, bem como as gargalhadas infantis, joviais, sem tom nem som, que rompiam de todos os lados.

Capítulo XIV

Às três horas da manhã, ainda não tinham conseguido conciliar o sono, apareceu um sargento com ordem de retirarem imediatamente para a aldeia de Ostrovno.

Sem deixarem de palestrar e de rir, fizeram os oficiais apressadamente os preparativos da partida, e de novo acenderam o samovar, metendo-lhe dentro a mesma água suja. Rostov, sem aguardar que o chá estivesse pronto, tratou de abalar para o esquadrão. Já era dia, deixara de chover, as nuvens abriam clareiras no céu. Sentia-se frio e umidade, sobretudo os que tinham em cima do corpo roupas mal secas. Quando saíram da taberna, Rostov e Iline, ao passarem, lançaram um olhar, através da semiobscuridade da madrugada, às cortinas de couro da kibitka, todas reluzentes da chuva, por baixo das quais se estiravam as longas pernas do médico, e para o seu interior, onde se descortinava, numa almofada, a touca de noite de Maria Henrikovna, ouvia-se lá dentro ressonar.

— Realmente, é uma linda mulher — disse Rostov para Iline.

— É encantadora! — replicou Iline, com a gravidade dos seus dezasseis anos.

Meia hora mais tarde estava o esquadrão alinhado na estrada.

A voz de comando “Montar!” ressoou. Os soldados persignaram-se e montaram a cavalo. Rostov tomou o comando da coluna e gritou: “Marchar!” Os húsares, quatro a quatro, no meio do estrépito das patas dos cavalos na lama da estrada, do entrechocar dos sabres e do rumor das conversas surdas, puseram-se a caminho ao longo da ampla estrada orlada de álamos, atrás da infantaria e da artilharia, que caminhavam na vanguarda.

O vento varria rapidamente as nuvens de um azul-violáceo, todas avermelhadas lá para os lados donde nascia o sol. Ia clareando cada vez mais. Via-se agora nitidamente a erva rasteira e frisada que corre sempre ao lado das estradas vicinais e que estava toda repassada da chuva da véspera. Os ramos dos álamos, todos molhados também, balançando ao vento, despediam gotas de água brilhantes. As caras dos soldados desenhavam-se cada vez mais distintamente. Rostov, com Iline, que o não deixava um só momento, cavalgava, ao longo da berma da estrada, entre duas fileiras de álamos.

Em campanha, Rostov dava-se ao luxo de montar, não um cavalo regimental, mas um cavalo de cossaco. Como afeccionado e entendedor que era, arranajara ultimamente um alazão do Dom, de crinas brancas, belo animal, vigoroso e possante, que nenhum outro podia vencer. Montá-lo era para ele um grande prazer. Pensando no seu cavalo, na manhã que chegava e na mulher do médico, nem um só momento lhe vinha à mente o perigo grande que os esperava.

Outrora, Rostov, antes de um combate, tinha medo; agora não sentia o mais pequeno receio. Não porque se tivesse acostumado à metralha (ninguém pode habituar-se ao perigo), mas aprendera a dominar a alma. Acostumara-se, quando ia para o combate, a pensar em tudo menos no que mais importava, a proximidade do perigo. Apesar de todos os seus esforços, não obstante chamar-se a si próprio cobarde, nos primeiros tempos fora-lhe muito difícil chegar àquele resultado, mas com os anos as coisas vieram naturalmente. Lá ia cavalgando, ao lado de Iline, entre os álamos, arrancando, de quando em quando, um ramo que lhe passava junto das mãos, outras vezes a florando de leve com as esporas o ventre do cavalo, ou, sem se voltar, estendendo o cachimbo ao húsar que o seguia, tão tranquilo e despreocupado como se fosse em passeio. Grande era a compaixão que lhe inspirava o rosto alterado de Iline, que falava muito e se mostrava inquieto. Conhecia por experiência aquela angústia na expectativa do medo e da morte que apertava o coração do porta-estandarte Iline e sabia que só o tempo lhe daria remédio.

Assim que o disco do sol apareceu numa faixa de céu descoberta, emergindo de entre as nuvens, o vento serenou como se não quisesse perturbar aquela magnífica manhã de verão após a tempestade da noite. Ainda caíram algumas gotas de chuva, mas verticalmente já, e tudo se acalmou... O sol descobrira-se por completo, surgindo por cima da linha do horizonte e desaparecendo em seguida por detrás de uma longa e estreita nuvem. Minutos depois despontou de novo, mais brilhante ainda, pela parte superior da nuvem, cujos bordos se franjaram, Tudo se iluminou e cintilou. E, como que para saudar esta onda de luz, ouviu-se, lá longe, o troar do canhão. Ainda Rostov não tivera tempo de se dar conta da distância a que estavam a troar os canhões quando surgiu, a galope, dos lados de Vitebsk, um ajudante-de-campo do conde Ostermann Tolstói com ordem de meterem a trote.

O esquadrão, ultrapassando a infantaria e a bateria de artilharia, que igualmente aceleraram a sua marcha, meteu por uma ladeira, atravessou uma povoação abandonada pelos habitantes, e outra vez subiu a encosta. Os cavalos estavam cobertos de suor e os rostos dos soldados afogueados pela cavalgada.

“Alto! Alinhar!”, gritou a voz do comandante. “À esquerda, marchar!”

Os húsares seguiram ao longo do flanco esquerdo das tropas e foram colocar-se por detrás dos ulanos da primeira linha. À direita, formando uma coluna compacta, estava a infantaria, que constituía a reserva. Por cima dela, na colina, destacavam-se os canhões russos iluminados pela luz clara e oblíqua da manhã. Lá para diante, no vale, divisavam-se as colunas e os canhões do inimigo.

As primeiras linhas russas já tinham entrado em ação, trocando vivo tiroteio com os franceses,

Como se ouvisse os primeiros compassos de uma alegre melodia, Rostov regozijou-se com o ruído da fuzilaria, que havia muito não ouvia! Trap, ta, ta, tap! As descargas sucediam-se, ora simultaneamente, ora sucessivas. Depois tudo ficava silencioso, e de repente os estampidos recomeçavam, como se fossem petardos que alguém tivesse pisado.

Os húsares permaneceram quase uma hora no mesmo sítio. O canhoneio recomeçou. Seguido da sua escolta, passou o conde Ostermann por detrás do esquadrão. Parou, trocou algumas palavras com o comandante do regimento e afastou-se na direção dos canhões instalados na colina.

Pouco depois de ele se ter afastado ouvia-se a voz do comandante dos ulanos gritar: “Formar colunas! Atacar!” A infantaria, que os encobria, abriu fileiras para deixar passar a cavalaria. Com as flâmulas das suas lanças flutuando ao vento, os ulanos desceram a trote a encosta ao encontro da cavalaria francesa, que se divisava no sopé da colina, à esquerda.

Assim que os ulanos abandonaram a sua posição, os húsares receberam ordem de subir à cumeada para cobrirem a bateria. Enquanto este movimento se executava, algumas balas, gemendo e assobiando, passaram, perdendo-se no ar.

Este ruído, que Rostov há muito não ouvia, ainda mais o estimulou que os primeiros que ouvira, enchendo-o de força e de alegria.

Endireitou-se na sela e pôs-se a observar o campo de batalha, que se descortinava do alto, e com toda a sua alma tomou parte no ataque dos ulanos. Estes caíram sobre os dragões franceses.

No meio da fumarada houve um momento de confusão e cinco minutos depois os ulanos retrocediam a galope, não para o lugar que anteriormente ocupavam, mas um pouco mais para a esquerda. Por entre os uniformes alaranjados dos ulanos em seus cavalos alazões, e também na sua retaguarda, distinguia-se um grupo compacto de dragões azuis montados em cavalos cinzentos.

Capítulo XV

Rostov, com o seu penetrante olhar de caçador, fora um dos que primeiro vira os dragões azuis na cola dos ulanos. Estes fugiam em debandada, e os franceses, que os perseguiam, cada vez se aproximavam mais deles. Já se podiam ver os homens, que lá no sopé da colina pareciam pequeníssimos, investirem agitando os sabres e os braços.

Rostov olhava para o espetáculo como se assistisse a uma caçada. Por instinto, compreendia que, se caísse, naquele momento, com os seus húsares, sobre os dragões franceses, estes não resistiriam, mas era preciso agir imediatamente, de chofre; de outra maneira seria tarde demais. Olhou à sua volta. O capitão, que estava a seu lado, também não perdia de vista a cavalaria lá no fundo da encosta.

— André Sevastianitch — disse. — Nós podíamos dar cabo deles...

— Realmente, que golpe magnífico — exclamou o capitão — e se...

Sem ouvir mais, Rostov esporeou o seu cavalo e pôs-se à frente do esquadrão. Não teve tempo de dar qualquer voz de comando; todos os seus homens, impelidos pelo mesmo sentimento, se precipitaram atrás dele. Nem ele próprio sabia como e porque agira daquela maneira. Procedera como se estivesse numa caçada, sem pensar, nem refletir. Ali muito perto via os dragões que galopavam. Tinha a convicção íntima de que não resistiriam. Sabia que, se perdesse a oportunidade, aquele minuto não voltaria. O assobio das balas excitava-o tanto, tamanha era a impaciência do seu cavalo, que não pudera resistir. No momento em que esporeava a montada, soltando o grito de comando, sentiu atrás de si todo o esquadrão que se agitava, e despediu a trote largo, pela encosta abaixo, direito aos dragões. Mal atingiram o fundo da encosta, os cavalos, espontaneamente, puseram-se a galopar, galope que se tornava cada vez mais rápido à medida que se aproximavam dos ulanos e dos dragões que os perseguiam. Estes estavam muito próximos. Os que iam na vanguarda, ao verem carregar os húsares, deram meia volta, e os da retaguarda pararam. Impelido pelo mesmo entusiasmo de quando se lançava atrás de um lobo, Rostov, lançando à rédea solta o seu cavalo do Dom, precipitou-se através das fileiras desordenadas dos dragões. Um ulano estacou, um soldado de infantaria deitou-se ao chão para não ser esmagado, um cavalo sem cavaleiro veio embater nos húsares. Quase todos os dragões fizeram meia volta. Rostov firmou-se num montado num cavalo cinzento, correu sobre ele. Na sua galopada surgiu-lhe diante uma moita; o seu rico cavalo empinou-se e galgou-a de um salto. Aguentando-se a custo em cima do selim, momentos depois Nicolau verificava ter apanhado o inimigo que se propusera atacar. Este, oficial, naturalmente, como se depreendia do uniforme, todo alapardado sobre o cavalo, galopava a mais não poder, fustigando-o com o

sabre. Num abrir e fechar de olhos a montada de Rostov veio embater com os peitorais na garupa do cavalo do dragão, que por pouco não atirou à terra, ao mesmo tempo que Nicolau, sem saber o que fazia, brandia o sabre e feria o inimigo.

De súbito todo o seu entusiasmo se desvaneceu por completo. O oficial caiu, não tanto em virtude da sabrada que recebera, a qual apenas lhe rasgara o braço um pouco acima do pulso, mas por causa do choque dos dois animais e do medo que o tomou. Refreando o seu cavalo, Rostov procurou-o com a vista para ver o homem a quem acabava de atacar. O oficial de dragões saltava, coxo, um dos pés preso no estribo. Fechava os olhos, franzia as sobrancelhas, cheio de medo, sempre à espera de receber uma nova cutilada, horrorizado, olhando, de baixo para cima, para o húsar. Aquele rosto, pálido e sujo de lama, muito infantil, de cabelos louros, olhos azul-claros, uma covinha no queixo, não era um rosto de guerreiro, um rosto de inimigo, mas a mais simples das caras, uma cara de filho de família. Ainda Rostov não sabia o que ia fazer dele quando o oficial gritou: “Rendo-me!”

Tentando libertar o pé do estribo, sem o conseguir, continuava a fitar Rostov com os olhos azuis espavoridos. Os húsares que acorreram soltaram-lhe o pé e ajudaram-no a montar. Por todos os lados havia húsares a bater-se contra os dragões. Um deles estava ferido, e embora o sangue lhe escorresse pela cara abaixo não largava o cavalo; outro, com um húsar nos braços, cavalgava montado na garupa; um terceiro montava amparado por um húsar. A infantaria francesa acorria em reforço, disparando. Os russos trataram de se retirar, levando consigo os prisioneiros. Rostov ia atrás deles, dominado por uma penosa sensação, que lhe alanceava a alma. Despontava nele um pensamento obscuro, complicado, que não compreendia, desde que fizera prisioneiro aquele homem, e sobretudo desde que o atingira com o sabre.

O conde Ostermann Tolstói acolheu os húsares, mandou chamar Rostov, felicitou-o e disse-lhe que comunicaria ao imperador o seu ato heroico, propondo-o para a cruz de S. Jorge. Quando o chamaram à presença do conde, lembrando-se de que atacara sem ordens superiores, ia convencido de que o iriam castigar por ter agido de moto próprio. Maiores foram por isso a sua surpresa e o contentamento que sentiu ao ouvir as palavras elogiosas de Ostermann e a promessa de uma recompensa. No entanto, o tal sentimento obscuro e penoso continuava a pesar-lhe no coração. “Então, que me está a atormentar?”, perguntava a si próprio, no regresso. “Iline? Não; esse está são e salvo. Procederia eu mal? Não. Não é nada disso.” Qualquer outra coisa o atormentava como um remorso. “Sim, sim, é aquele oficial francês com a covinha no queixo. Ah! sim, já sei! Foi o meu braço que se deteve quando o ergui para o acutilar.”

Ao ver aproximar-se a leva dos prisioneiros quis tornar a olhar para o francês. Lá vinha ele, com o seu estranho uniforme, montado num belo cavalo de húsar, lançando em roda olhares inquietos. A ferida que recebera no braço era por assim dizer insignificante. Sorriu para Rostov, com um ar embaraçado, acenando-lhe com a mão, como se o cumprimentasse. Também Rostov se sentiu embaraçado e quase com vergonha.

Durante todo aquele dia e no que se lhe seguiu, amigos e camaradas notaram que, embora não estivesse aborrecido ou zangado, permanecia silencioso, pensativo e concentrado. Não lhe apetecia beber, procurava estar só e dir-se-ia obcecado por uma ideia qualquer.

Rostov não se cansava de pensar na proeza que com grande espanto seu lhe valera a cruz de S. Jorge e lhe fizera ganhar a reputação de herói, dizendo de si para consigo haver ali qualquer coisa que ele não podia compreender. “Então eles ainda têm mais medo do que eu!”, dizia com os seus botões. “E é a isto que se chama heroísmo? Foi, realmente, pela minha pátria que eu fiz isto? E que culpa cabe àquele outro com a sua covinha no queixo e os seus olhos azuis? E o medo que teve! Julgava que eu o ia matar. E por que havia eu de o matar? Aliás, tremeu-me a mão. E dar-me-ão a cruz de S. Jorge! Realmente não consigo perceber!”

A verdade, porém, é que enquanto Rostov ia debatendo consigo todas estas interrogações, sem conseguir uma ideia clara do que o perturbava a tal ponto, a roda da fortuna, como tantas vezes acontece, rodava a seu favor. Depois da ação de Ostrovno foi promovido, nomearam-no comandante de batalhão e quando precisavam de um oficial corajoso para qualquer missão a ele se dirigiam.

Capítulo XVI

Quando teve conhecimento da doença de Natacha, a condessa, que ainda não estava restabelecida e se sentia fraca, partiu para Moscou com Pétia e toda a criadagem. A família abandonou a casa de Maria Dmitrievna e foi instalar-se na sua residência da capital, onde todos se reuniram.

A doença de Natacha era tão séria que, felizmente para ela e para os pais, as causas que a tinham provocado — o seu procedimento e o desmanchar do casamento — foram relegadas para segundo plano. Tão grave era o seu estado que ninguém pensava nas suas culpas e em tudo o que acontecera. Não comia, não dormia, emagrecia a olhos vistos, tossia e corria sério risco, como os médicos davam a entender. Não se podia pensar noutra coisa senão em tratá-la. Os médicos iam vê-la, quer separadamente, quer em conferência, discutiam muito em francês, alemão e latim, criticavam-se mutuamente, prescreviam os remédios mais variados, aptos para curar todas as doenças de que tinham conhecimento, mas nunca pela cabeça de qualquer deles passou a ideia tão simples de que a doença de que ela padecia estava tão pouco ao seu alcance como qualquer dos muitos males de que sofre a criatura humana. Cada homem, com efeito, tem sua constituição particular e traz consigo a sua doença especial, uma doença só dele, nova, complicadíssima, desconhecida da medicina, uma doença que não é dos pulmões, nem do fígado, nem da pele, nem do coração, nem dos nervos, etc., não está descrita nos livros, mas é produto de inumeráveis combinações produzidas pela alteração dos órgãos. Esta ideia simplíssima não podia vir à cabeça dos médicos — pela mesma razão que uma bruxa não pode renunciar aos seus bruxedos -, pois que o mister deles era curar, para isso eram pagos, e a essas funções consagravam os melhores anos da sua vida. Se antes de mais nada, porém, lhes não vinha à cabeça uma tal ideia, é porque sabiam incontestavelmente serem úteis, e o fato é que eram de grande utilidade para todos os habitantes da casa Rostov. Não por fazerem com que a doente ingerisse drogas geralmente prejudiciais, cujo nefasto efeito era, de resto, atenuado por serem tomadas em pequeninas doses. Eram úteis, indispensáveis, inevitáveis pelo fato de darem satisfação às necessidades morais da doente e daqueles que lhe queriam, e é essa a razão por que há e sempre haverá curandeiros, charlatães, homeopatas e alopatas. Davam satisfação aos desejos, perenes no homem, de consolação, à avidez de simpatia que há nele, à necessidade de que se ocupem dele sempre que sofre. Davam satisfação a essa perene necessidade que nas crianças se observa sob a sua forma elementar esfregando o sítio em que se magoam. A criança que se magoa vai logo lançar-se nos braços da mãe ou da ama, na esperança de que elas a beijem e lhe esfreguem o lugar ofendido, e o certo é que se sente consolada assim que obtém estes carinhos. Não lhe passa pela

cabeça que as pessoas mais fortes e mais crescidas do que ela sejam capazes de a não socorrer. E com efeito a esperança de um lenitivo, a simpatia que lhe testemunham enquanto a mãe lhe passa a mão pelo sítio lesado, eis quanto basta para a consolarem. Os médicos desempenhavam junto de Natacha o papel da mãe que beija o filho e lhe passa a mão pelo dói-dói. Diziam-lhe que o mal de que padecia se curaria desde que o cocheiro fosse comprar ao farmacêutico da Praça de Arbate, por um rublo e sete grivens, certos pós ou certas pílulas, numa caixinha muito bonita, e ela tomasse esses pós, sem falta, de duas em duas horas, nem mais nem menos, em água fervida.

Que seria de Sônia, do conde, da condessa, se todos tivessem de cruzar os braços em vez de cuidarem em dar-lhe essas pílulas de hora a hora, essas poções mornas, em vez de lhe prepararem esses caldos de galinha e tantas outras coisas prescritas pelos médicos, coisas para eles uma ocupação e uma consolação apreciáveis? Teria o conde podido suportar a doença da sua filha querida se não pudesse dizer consigo mesmo que esta já lhe custara mil rublos e que de bom grado despenderia outros mil para lhe dar alívio, se não pudesse pensar que para a restabelecer não se importaria de gastar outros mil rublos, levando-a a consultar médicos no estrangeiro sem olhar a despesas; se lhe não tivesse sido dado contar a toda a gente que Métivier e Feller nada tinham percebido do estado dela e que Friese acertara com o mal, mas que Mudrov ainda fora mais feliz no seu diagnóstico? Que teria sido da condessa se lhe não fosse dado zangar-se de quando em quando com a doente por esta não seguir à risca as prescrições médicas?

— Assim nunca mais te curas — dizia-lhe ela numa irritação que a fazia esquecer o desgosto -, se não ouves o que diz o médico e não tomas o teu remédio a tempo e a horas! Não é ocasião para brincadeiras, quando tudo isso pode degenerar numa pneumonia — acrescentava, consolada por poder empregar aquele termo científico nem só para ela ininteligível.

E Sônia, que teria feito Sônia pela sua parte se não lhe fosse dada a satisfação de dizer a si mesma que passara, de princípio, três noites sem se despir, sempre pronta a executar pontualmente as prescrições do médico e que ainda então mal fechava os olhos para não esquecer a hora de lhe administrar as pílulas assaz inofensivas da linda caixa dourada? E a própria Natacha, conquanto estivesse sempre a dizer que nenhum medicamento a poderia curar e que todas aquelas drogas eram tolice, ela própria sentia uma certa satisfação ao ver que as pessoas faziam por ela tantos sacrifícios, e tomava as suas poções a horas fixas. E até alegre se sentia descuidando-se do cumprimento das prescrições, por poder mostrar que não acreditava na cura e que não apreciava a vida.

Todos os dias vinha o médico, que lhe tomava o pulso, lhe olhava a língua e gracejava com ela, sem prestar atenção ao seu parecer desfeito. Depois, quando entrava no quarto contíguo, a condessa seguia-o, e ele, com um ar grave e abanando a cabeça pensativamente, afirmava que, embora a situação fosse bastante grave, tinha confiança no efeito do último remédio, que era preciso aguardar e ver, que a doença era sobretudo moral, mas que...

A condessa, procurando dissimular o pormenor, tanto aos seus próprios olhos como aos do médico, introduzia-lhe na mão uma moeda de ouro e voltava sempre com o coração mais aliviado para ao pé da doente.

As características da doença de Natacha consistiam em que comia e dormia pouco, tossia e não tinha ânimo para coisa alguma. Os médicos diziam que ela não podia estar sem assistência clínica e por isso a mantinham na atmosfera sufocante da cidade. Os Rostov passaram o ano de 1812 sem irem à aldeia.

Apesar da imensidade das pílulas absorvidas, das gotas e dos pós em garrafinhas e caixas, caixas de que Madame Schoss, que muito apreciava esse gênero de bugigangas, fizera uma coleção completa, apesar de a terem privado dos ares do campo, a mocidade venceu. O desgosto de Natacha foi pouco a pouco absorvido pelas impressões da vida quotidiana. Deixou de sentir uma dor tão violenta, que, lentamente, se foi desvanecendo e as forças físicas principiaram a reanimá-la.

Capítulo XVII

Natacha estava mais tranquila, mas não mais alegre. Não só evitava todas as oportunidades de se distrair — os bailes, os passeios, os concertos, os espetáculos -, como nunca ria sem que sentisse as lágrimas a borbulhar por detrás do riso. Já não podia cantar. Se se punha a rir, ou se tentava cantar só para si, as lágrimas sufocavam-na: lágrimas de arrependimento, lágrimas choradas sobre o seu inocente passado, que não mais voltaria, lágrimas de pesar por ter dissipado daquele modo a sua juventude, que tão feliz podia ter sido. O riso e o canto afiguravam-se-lhe como que uma profanação da sua dor. Nem sequer pensava em ser coquette, pelo que não precisava de se reprimir. Dizia para si mesma que todos os homens agora lhe eram tão indiferentes como Nastásia Ivanovna, o bobo. Uma voz íntima lhe interdizia ainda toda a espécie de prazeres. Já não sentia em si o amor à vida como outrora, no tempo em que fora rapariga descuidada, cheia de esperanças. Lembrava-se, com muitas saudades, dos meses do outono, da caça, do tio, das festas do Natal, na companhia de Nicolau, em Otradnoie. Que não teria ela dado para voltar atrás, um dia só que fosse, a esses felizes tempos! Mas não, tinham passado para sempre. Não a enganava o pressentimento de que nunca mais voltaria a encontrar a alma livre que tivera outrora, aberta a todas as alegrias. No entanto era preciso viver. Consolava-a pensar que não era mais feliz do que os outros, como imaginara antigamente, mas menos, muito menos feliz do que qualquer outra pessoa. O presente, contudo, pouco lhe importava. Desconfiava dele e perguntava a si mesma muitas vezes: “Que acontecerá mais tarde?” E o futuro também nada lhe dizia. Já não sentia alegria na vida e a vida continuava a passar. A única coisa que desejava era não ser pesada a ninguém, não incomodar fosse quem fosse, embora para si mesma nada pedisse. Conservava-se muitas vezes afastada de todos os que a cercavam e a única satisfação que tinha era junto de Pétia, seu irmão.

Divertia-se muito mais com ele do que com os outros e por vezes a sós com a criança voltava a ser alegre. Quase não saía de casa, e de todas as pessoas que a visitavam uma só lhe era simpática: Pedro. Ninguém era capaz de lhe falar com tanta ternura, tanto tato e ao mesmo tempo tanta seriedade como o conde Bezukov. Sem dar por isso, sentia bem toda aquela ternura, daí o grande prazer que lhe dava a companhia do amigo. E no entanto nem sequer lhe agradecia. Sabia que a bondade nada custava a Pedro. Tão natural lhe parecia a ele dever ser bom para toda a gente que lhe não advinha daí qualquer mérito. Por vezes Natacha percebia-o embaraçado e confuso na sua presença, principalmente quando ele queria ser-lhe agradável ou então quando receava que a conversa lhe pudesse trazer penosas recordações. Reparava nisso e atribuía o fato ao seu bom coração e sua timidez, que tímido, supunha-o ela, devia ele ser com toda a gente.

Desde aquele dia em que lhe dissera inopinadamente que se fosse livre lhe pediria de joelhos que lhe quisesse e casasse com ele, palavras pronunciadas num momento de profunda emoção, Pedro nunca mais lhe falara dos seus sentimentos e para ela era evidente que aquelas palavras, que então lhe haviam sido de grande lenitivo, não tinham tido mais importância do que o que se diz para consolar uma criança que chora. Não por Pedro ser casado, mas por Natacha sentir entre eles, no mais alto grau, aquela barreira moral que tanta falta lhe fizera na presença de Kuraguine; nunca lhe ocorrera que das suas relações pudesse nascer amor, não só nela, mas muito menos nele, ou sequer essa espécie de amizade amorosa, só poesia natural entre um homem e uma mulher, como ela conhecia alguns casos.

Depois da Quaresma de S. Pedro, Agráfena Ivanovna Bielova, vizinha dos Rostov em Otradnoie, chegou a Moscou para orar aos santos moscovitas. Propôs a Natacha que fizesse com ela as suas devoções e esta aceitou a ideia com alegria.

Apesar da advertência dos médicos, que a proibiam de sair de manhã cedo, ela insistiu em fazer as suas devoções, e não era como de costume em casa dos Rostov, ou seja mandando rezar três ofícios na capela particular, mas como as fazia Agráfena Ivanovna, isto é, durante uma semana inteira, sem faltar às matinas, à missa e ao ofício de vésperas.

Esta devoção religiosa agradou à condessa, que no fundo esperava, depois do tratamento pouco profícuo dos médicos, que a oração fosse mais eficaz do que as drogas. E embora receosa, escondendo o caso ao médico, cedeu aos desejos da filha, confiando-a à senhora Melova. Agráfena Ivanovna costumava chamar Natacha às três horas da manhã, e geralmente já a encontrava acordada. Arranjada à pressa, tendo enfiado o seu mais simples vestido e um casaco velho, lá ia a tremer de frio, pela algidez da noite, ao longo das ruas desertas, que a aurora começava já a iluminar. A conselho da companheira, Natacha não se dirigia à igreja paroquial, mas ao templo em que a devota Bielovna dizia haver um sacerdote muito austero e digno. Havia ali sempre muito poucos fiéis. As duas mulheres iam colocar-se no seu recanto habitual, diante do ícone da Virgem, que pendia da parte posterior do coro esquerdo. Um desconhecido sentimento de humildade invadia a alma de Natacha na presença de qualquer coisa de grande e de inacessível quando, àquela hora da manhã, contemplando o rosto enegrecido da Mãe de Deus iluminado pelos círios e a luz da madrugada filtrada pelas janelas, prestava atenção ao ofício divino, que procurava compreender. Se percebia as palavras, os seus sentimentos íntimos fundiam-se com a oração, se as não percebia, ainda lhe era mais grato pensar que o desejo de tudo compreender nascia do orgulho e não era possível saber tudo e que cada qual deve limitar-se a

crer e a confiar-se a Deus, que ela, naqueles instantes, sentia reinar no seu coração. Persignava-se, posternava-se e quando não compreendia limitava-se, horrorizada perante as suas inquietações, a pedir a Deus que lhe perdoasse e se amerceasse dela. As orações que proferia eram de contrição. No regresso a casa, a uma hora ainda muito matinal, quando nas ruas apenas se viam os operários a caminho do trabalho, os porteiros que varriam os passeios diante das portas, e toda a gente dormia, Natacha experimentava um sentimento novo para ela, a possibilidade de corrigir os seus defeitos e vir a conhecer ainda uma vida de regeneração pura e feliz.

Durante toda a semana em que se consagrou a estas piedosas práticas cresceu nela este sentimento de regeneração. E a felicidade que era para ela comungar, ou, como Agráfena Ivanovna gostava de dizer, recorrendo a um trocadilho, comunicar com Deus, afigurava-se-lhe tamanha que receava morrer antes da chegada desse bem-aventurado domingo.

Essa venturosa data chegou, por fim, e quando Natacha, nesse domingo memorável, voltou da comunhão, com o seu vestido de musselina branca, foi a primeira vez após muitos meses que se sentiu em paz consigo mesma e a vida deixou de lhe parecer penosa.

O médico, à hora da visita habitual, observou-a e mandou que continuassem a dar-lhe os pós que prescrevera quinze dias antes.

— É preciso tomá-los de manhã e à noite, sem falta — disse, convencido da eficácia da droga -, e com toda a regularidade, se fazem favor. Esteja descansada, condessa — gracejou, fechando com presteza, na palma da mão, a moeda de ouro costumada -, não tarda que a tornemos a ver cantar e divertir-se. Está com muito melhor parecer.

A condessa, olhando para as unhas, cuspiu⁶⁸, voltando muito contente ao salão.

Capítulo XVIII

Em princípios de julho espalharam-se em Moscou boatos cada vez mais inquietantes sobre a marcha das operações militares; falava-se numa proclamação do imperador dirigida ao povo e no seu regresso à capital. Ora como a 11 ainda se não tinha conhecimento de qualquer manifesto nem de qualquer proclamação, mais exagerados se espalharam os rumores a esse respeito e a propósito da situação. Dizia-se que o imperador abandonava o exército por este estar em perigo, que Smolensk se rendera, que Napoleão dispunha de um milhão de homens e que só um milagre podia salvar a Rússia.

Sábado, 11, recebeu-se o manifesto, mas ainda não fora tornado público. Pedro, que se encontrava nessa altura em casa dos Rostov, prometeu vir jantar no dia seguinte, domingo, e trazer o manifesto e a proclamação, que esperava obter através do conde Rostopchine.

Nesse domingo, como de costume, os Rostov foram ouvir missa à capela particular dos Razumovski. Estava muito calor. Desde as dez da manhã, hora a que os Rostov se apearam da sua carruagem diante da capela, que o vento quente, os pregões dos vendedores ambulantes, a multidão com os seus trajes claros do estio, as árvores das avenidas cobertas de poeira, o rataplã da banda de um regimento de pantalonas brancas dirigindo-se à parada, o rolar das carruagens ao longo dos pavimentos, o resplandecer de um sol de fogo, tudo se misturava, transmitindo já essa impressão amodorrante, misto de satisfação e de desgosto, que costuma sentir-se numa grande cidade em dia de muito calor. Boa parte da nobreza moscovita, personagens dos conhecimentos dos Rostov, estava reunida na capela dos Razumovski. Nesse ano, por causa dos acontecimentos, muitas das mais ricas famílias haviam ficado na capital, embora habitualmente passassem esses meses nas suas propriedades no campo. Seguindo atrás de um laçao que afastava a multidão, Natacha, ao lado da mãe, ouvia um rapaz falar dela em voz baixa.

— É a Rostov, a que...

— Que magra, mas ainda assim é uma linda rapariga!

Julgou ouvi-los pronunciar os nomes de Kuraguine e de Bolkonski. Aliás, isso acontecia-lhe frequentemente. Estava sempre a pensar que toda a gente falava da sua aventura. Dolorosamente sentida e de coração apertado, que assim estava sempre no meio da multidão, Natacha continuou a andar, com o seu vestido de seda lilás guarnecido de rendas pretas, num passo tanto mais calmo e majestoso quanto maior a vergonha e o desgosto no fundo da alma. Sabia muito bem, e não se enganava, que era muito bonita; mas não sentia com isso o prazer de outrora. Pelo contrário, ultimamente o reconhecer que assim era fazia-a sofrer, sobretudo num dia como aquele, claro e quente, em plena cidade. “Mais um

domingo, mais uma semana”, dizia de si para consigo, lembrando-se de que ali viera no domingo anterior, “e sempre a mesma vida, que não chega a ser vida, sempre a mesma gente agradável de antigamente. Sou bonita, sou nova e agora também sei que sou bondosa; antigamente era má, mas agora não, tenho a certeza, e assim, em pura perda, vão passando os meus dias sem proveito para nada, sem proveito para ninguém.” Ficou ao lado da mãe e cumprimentou com acenos de cabeça as pessoas conhecidas mais próximas. Como de costume, examinou os vestidos das senhoras, criticou o porte e a maneira pouco fina como uma delas fazia o sinal da cruz, e ali a dois passos, na estreita capela, pensou com despeito que diziam dela o que ela dizia das demais, mas de súbito, assim que principiou o serviço divino, sentiu-se como que assustada diante da sua própria baixeza e como que aterrada ao ver que perdera de novo a pureza de outrora.

Um velhinho, de venerável aspecto, oficiava, com a serena unção de tão apaziguadora influência na alma dos fiéis. As portas reais abriram-se; a cortina afastou-se lentamente; ouviu-se lá dentro uma voz misteriosa e doce. Lágrimas, cuja causa ela não compreendia, oprimiam Natacha, e uma impressão alegre e enervante a invadiu.

“Ensina-me o que tenho de fazer, como me devo conduzir na vida, como corrigir-me para sempre”, orava ela.

O diácono subiu ao púlpito, afastou com o dedo polegar as longas madeixas que lhe saíram do stikar, e depois de ter levado a cruz ao peito leu, em alta voz e solenemente, as palavras da oração.

“Oremos em paz a Deus nosso Senhor!”

“Oremos em paz todos juntos, isto é, sem distinções de classe, sem ódios, unidos no mesmo amor fraternal”, disse Natacha para si mesma.

“Oremos para que nos seja dado o reino dos Céus e a salvação das nossas almas!”

“Sim, o reino dos anjos e de todos os espíritos celestes que vivem por cima de nós”, pensou ela, ao mesmo tempo.

Quando rezaram pelo exército lembrou-se do irmão e de Denissov. Quando rezaram pelos que andam sobre a terra e sobre o mar, rezou pelo príncipe André, pedindo que o Senhor lhe perdoasse o mal que lhe fizera. Quando oraram pelos entes queridos, rezou pelos seus, pelo pai, pela mãe e por Sônia, e pela primeira vez sentiu quanto era culpada para com eles e quanto lhes queria. Quando rezaram pelos que têm ódio, procurou saber quais os seus inimigos e os que lhe queriam mal, para rezar por eles. Não achou, porém, senão os credores de seu pai e aqueles que com ele haviam questionado. E assim lhe veio à mente Anatole, que tanto mal lhe fizera, e embora o não considerasse no número dos que a odiavam, rezou por ele, satisfeita, como se de um inimigo se tratasse. Só

enquanto rezava era capaz de se lembrar serenamente e sem comoção do príncipe André e de Anatole, pois os sentimentos que nesse momento sentia nada eram ao pé do seu temor e do seu amor de Deus. Quando rezaram pela família imperial e pelo Santo Sínodo, ainda se posternou mais contra o solo, persignando-se e dizendo para si mesma que, embora o não compreendesse, lhe era impossível duvidar e que, fosse como fosse, tinha de amar o Sínodo e rezar por ele.

Dita que foi a lektenia, o diácono fez com a estola o sinal da cruz sobre o peito e murmurou: “Encomendemo-nos, e encomendemos as nossas vidas a Jesus Cristo Nosso Senhor!”

“Encomendemo-nos a Deus”, repetiu Natacha no seu íntimo. “Deus meu, entrego-me à tua vontade”, orou ela. “Nada quero nem desejo mais. Ensina-me o que devo fazer, como hei de empregar a minha vontade! Mas toma-me, toma-me!”, murmurou ela mentalmente com exaltação e impaciência, sem se benzer, deixando cair os braços, como se esperasse que uma força invisível, naquele mesmo instante, tomasse conta dela e a libertasse de si própria, das suas mágoas, dos seus desejos, dos seus remorsos, das suas esperanças e dos seus erros.

A condessa, por várias vezes durante o ofício, relanceara os olhos ao rosto recolhido e aos olhos fulgurantes da filha e rogara a Deus que a ajudasse.

Subitamente, no meio da cerimônia, e alterando a ordem que Natacha muito bem conhecia, o sacristão trouxe um escabelo, o escabão que costumava servir para ler as orações da Santíssima Trindade, e colocou-o diante das portas reais. O sacerdote, com a sua sotaina de veludo lilás, emergiu das portas, compôs os cabelos e ajoelhou com dificuldade. Todos os fiéis repetiram o seu gesto, olhando uns para os outros com grande surpresa. Ia-se rezar a oração, recentemente emanada do Santo Sínodo, rogando a Deus a salvação da Rússia, sob a ameaça da invasão estrangeira.

“Senhor Deus todo-poderoso, Deus da nossa salvação”, principiou o sacerdote nessa voz nítida, suave e sem ênfase tão característica dos eclesiásticos eslavos quando oram e que tão grande poder exerce sobre a alma russa.

“Senhor Deus todo-poderoso, Deus da nossa salvação! Concede a Tua graça e a Tua misericórdia às Tuas humildes criaturas e ouve a nossa oração, amerceia-Te de nós e tem piedade. O inimigo enche de confusão a terra e quer transformar o mundo num deserto. Este inimigo levanta-se contra nós. Homens criminosos reuniram-se para destruir o Teu bem, para arrasar a Tua fiel Jerusalém, a Tua Rússia bem-amada, para conspurcar os Teus templos, derrubar os altares e profanar os Teus santuários. Até quando, Senhor, até quando triunfarão os pecadores?

“Senhor todo-poderoso! Escuta-nos a nós, que Te imploramos: ampara com a Tua força o nosso mui piedoso imperador autocrata Alexandre Pavlovitch. Lembra-Te da sua lealdade e da sua doçura, recompensa-o pela bondade com que ele nos protege, a nós, a Tua Israel bem-amada. Abençoa as suas decisões, as suas empresas, as suas obras. Revigora com a Tua dextra todo-poderosa o seu reino e concede-lhe a vitória sobre o inimigo, como a Moisés sobre Amalek, Gedeão sobre Madian, David sobre Golias. Protege os seus exércitos, sustém o arco de cobre debaixo do braço dos que se armaram em Teu nome e cinge-os com a Tua força para o combate. Pega nas Tuas armas e no Teu escudo e vem em nosso auxílio. Que a confusão e a vergonha caiam sobre aqueles que nos querem mal e que eles sejam diante do rosto dos Teus fiéis armados como a poeira diante do vento e que o Teu Anjo todo-poderoso os expulse e persiga. Que uma rede os envolva sem eles darem por isso e que as armadilhas que escondem sirvam para que caiam nelas. Que eles caiam aos pés dos Teus escravos e que eles sejam esmagados pelos Teus exércitos, Senhor! Tens o poder que salva grandes e pequenos. Tu és Deus e o homem nada pode contra Ti.

“Deus de nossos pais! Lembra-Te da Tua generosidade e da Tua graça, que são eternas. Não nos afastes da Tua presença, não Te apartes das nossas iniquidades, mas, na grandeza da Tua bondade e na imensidade da Tua misericórdia, esquece os nossos crimes e os nossos pecados. Edifica em nós um coração puro e renova no nosso seio um espírito reto. Fortalece-nos a todos na nossa fé em Ti, revigora a nossa esperança, inspira-nos um verdadeiro amor ao próximo, une-nos a todos para a defesa legítima do patrimônio que Tu nos deste, a nós e a nossos pais, e que o cetro dos ímpios se não eleve sobre a terra daqueles a quem abençoaste.

“Senhor nosso Deus, em quem nós cremos e em quem temos firme confiança, não desiludas a nossa esperança na Tua graça e faz um milagre para nosso bem. Que o vejam aqueles que nos odeiam, a nós e à nossa fé ortodoxa, e que eles sejam confundidos e que pereçam e que todas as nações saibam que o Teu nome é Senhor e que nós somos Teus filhos. Revela-nos, Senhor, hoje mesmo, a Tua misericórdia e concede-nos a Tua salvação. Regozija o coração dos Teus escravos com a Tua graça. Fulmina os nossos inimigos e aniquila-os debaixo dos pés dos Teus fiéis. És o apoio, és o socorro e a vitória dos que confiam em Ti. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, agora e por todos os séculos dos séculos. Amém.”

No estado impressionante em que se encontrava, Natacha sentiu-se profundamente abalada por esta oração. Escutando as palavras referentes à vitória

de Moisés sobre Amalek, de Gedeão sobre Madian, de David sobre Golias e à ruína de Jerusalém, rezava com toda a doçura e toda a ternura do seu coração. Contudo, não compreendia lá muito bem o que estava a rogar a Deus. Com toda a sua alma pedia que se lhe purificasse o espírito, que se lhe fortalecesse o coração com a fé e a esperança e que nela reinasse o amor. Era-lhe impossível, porém, orar para que os seus inimigos fossem esmagados quando minutos antes desejara ter ainda mais inimigos para por eles poder rezar. No entanto, não podia duvidar da justiça da oração que se rezara de joelhos. No fundo do seu coração sentia um terror pleno de reconhecimento ao pensar no castigo que fulmina os pecadores e sobretudo no castigo a que a expunham os seus próprios pecados e pediu a Deus que lhes perdoasse a eles e a ela própria e que lhes concedesse a todos, igualmente, o descanso e a felicidade nesta vida. E parecia-lhe que Deus ouvia a sua oração.

Capítulo XIX

Desde o dia em que Pedro, ao sair de casa dos Rostov sob a impressão do olhar reconhecido de Natacha, contemplara o cometa e sentira como que desvendar-se-lhe um novo horizonte, deixara de ser atormentado pelo eterno problema da vaidade e da loucura de tudo quanto existe à face da terra. A terrível pergunta: “Por quê? Para quê?”, que outrora vinha associar-se às suas ocupações, achava-se substituída não por qualquer outra pergunta ou por qualquer solução, mas pela imagem que guardara dela. Quando escutava ou falava de coisas insignificantes, quando lia ou se inteirava de qualquer baixeza ou loucura humana, não se horrorizava como antigamente. Não estava sempre a perguntar-se a si próprio por que se agitam tanto os homens quando a vida é tão curta e depois os espera o desconhecido. Bastava evocá-la, no aspecto em que a vira pela última vez, e todas as suas dúvidas desapareciam, e não era porque ela desse resposta a estas perguntas, mas porque a sua imagem o transportava num instante a uma região luminosa da alma onde não podia haver nem justos nem culpados, à região da beleza e do amor, as únicas razões pelas quais vale a pena viver. Fossem quais fossem as misérias morais que a existência lhe oferecia, para si mesmo Pedro murmurava:

“Que me importa a mim que fulano roube o Estado e o czar e que o Estado e o czar o tenham cumulado de honrarias? Ontem ela sorriu-me e pediu-me que a fosse ver e eu amo-a e ninguém o saberá jamais.”

E a alma de Pedro ganhava a serenidade e a paz.

Pedro continuava a frequentar a sociedade, a beber muito, a levar a mesma vida ociosa e dissipada, pois, não falando nas horas que passava em casa dos Rostov, as demais tinha ele de as preencher de qualquer maneira. Os seus hábitos e as suas relações arrastavam-no vitoriosamente para aquela vida que o absorvia.

Mas ultimamente, quando principiaram a chegar do campo de batalha notícias cada vez mais alarmantes, quando a saúde de Natacha principiou a restabelecer-se e deixou de lhe inspirar aquele antigo sentimento de compaixão, uma vaga inquietação, cada vez mais inexplicável a seus olhos, se apoderou dele. Pressentia que a vida que levava não podia durar muito, que uma catástrofe se preparava que transformaria toda a sua existência, e ei-lo a espiar com impaciência os sinais anunciadores. Um dos pedreiros-livres seu irmão desvendara-lhe a profecia seguinte, referente a Bonaparte, extraída do Apocalipse de S. João.

No capítulo XIII do Apocalipse, versículo 18, diz-se: “Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento conte o número da besta; porque é número de homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.”

No mesmo capítulo, versículo 5: “E deu-se-lhe a boca para falar grandezas e blasfêmias: e deu-se-lhe poder para assim o fazer quarenta e dois meses.”

As letras do alfabeto francês, iguais às do hebraico, podem exprimir-se por meio de algarismos, e atribuindo às dez primeiras letras o valor das unidades e o das dezenas às restantes, o seu valor numérico é o seguinte:

a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m	n
1	2	3	4	5	7	8	9	10	20	30	40	50	
o	p	q	r	s	t	u	v	x	y	z			
60	70	80	90	100	110	120	130	140	150	160			

Utilizando este alfabeto cifrado, as palavras l’Empereur Napoléon correspondem, pelas suas letras, a uns números que, somados, davam o resultado 666. E aí estava como Napoleão era a besta de que falava o Apocalipse. Além disso, ao escrever-se, com esse alfabeto, as palavras quarante-deux, isto é, o limite que fora assinalado à besta para “falar grandezas e blasfêmias”, a soma das cifras obtidas era de novo igual a 666. Resultava, pois, que o poder de Napoleão teria o seu termo em 1812, data em que o imperador faria quarenta e dois anos. Esta profecia impressionara muito Pedro, que frequentemente perguntava a si próprio quem acabaria com o poder da besta, isto é, de Napoleão, e, graças à mesma representação das letras por algarismos e mercê dos mesmos cálculos, deu-se a procurar uma resposta para a interrogação. Escreveu como resposta a essa pergunta: “O Imperador Alexandre? A nação russa?” Calculou as letras, mas a soma era maior que 666. Uma vez em que estava entregue a estes cálculos escreveu: “Comte Pierre Bésouhoff”, mas não conseguiu obter o resultado desejado. Alterou a grafia e pôs um z no lugar do s, acrescentou a preposição de, o artigo le, mas também sem conseguir o resultado que esperava. Então ocorreu-lhe que, se a resposta à pergunta estivesse no seu nome, seria naturalmente necessário mencionar a nacionalidade. Escreveu então: “le russe Bésouhoff” e adicionando os algarismos obteve como resultado 671. Sobravam apenas cinco letras, e o cinco representava a letra e, a mesma letra e que em francês se suprime do artigo da palavra l’empereur. Suprimindo este e, não obstante resultar um erro, escreveu “l’ russe Bésouhoff”, isto é, precisamente 666. Esta descoberta perturbou-o. Como estava ele relacionado com aquele acontecimento previsto pelo Apocalipse? Eis o que a si próprio não sabia explicar. Mas não hesitou um momento. O amor por Natacha Rostov, o Anticristo, a invasão de Napoleão, o cometa, o número 666, “l’empereur Napoléon” e “l’russe Besouhoff”, todo aquele conjunto de fatos misteriosos devia amadurecer, tinha de acabar por explodir, impelindo-o para fora do círculo vicioso dos hábitos mundanos

moscovitas de que se sentia prisioneiro, e levando-o, por fim, a realizar um ato heroico e a alcançar uma grande felicidade.

Na véspera daquele domingo em que fora lida a oração, Pedro prometera trazer aos Rostov a proclamação do imperador e as últimas novas sobre o que se passava no exército, que procuraria obter junto do conde Rostoptchine, com quem estava em boas relações. Na manhã em que se apresentou em casa deste encontrou ali um correio que acabava de chegar do exército. Este correio era um dos melhores dançarinos dos bailes de Moscou, e, conhecido seu.

— Não quererá ajudar-me? — disse-lhe o correio — Trago uma mala cheia de cartas para pessoas de família.

Entre essas cartas havia uma de Nicolau Rostov dirigida ao pai. Pedro tomou conta dela. Por seu lado, o conde Rostoptchine entregou-lhe a proclamação do imperador ao povo de Moscou, que acabava de receber, as últimas ordens do exército e o último apelo por ele redigido. Ao percorrer as ordens do exército, Pedro descobriu, na lista dos mortos, dos feridos e dos agraciados, o nome de Nicolau Rostov, que fora condecorado com a cruz de S. Jorge, de 4ª classe, pelo ato de bravura que cometera em Ostrovno, e na mesma ordem do exército a nomeação de André Bolkonski para comandante de um regimento de caçadores. Embora não lhe parecesse muito agradável lembrar aos Rostov o nome de Bolkonski, não quis deixar de lhes comunicar a boa nova da distinção concedida, e, resolvendo ser ele próprio a levar-lhes as outras ordens do exército, a proclamação e o apelo, à hora do jantar, tratou de lhes mandar imediatamente a relação impressa e a carta.

A conversa que teve com o conde Rostopchine, o ar inquieto e azafamado deste, o encontro com o correio e as más novas do exército que o último lhe comunicara despreocupadamente, o boato que corria segundo o qual se haviam descoberto espiões em Moscou encarregados de distribuir panfletos em que se dizia que Napoleão prometera ocupar as duas capitais antes do outono e as conversações sobre a chegada do imperador, esperado no dia seguinte, tudo concorria para agravar a agitação e a inquietação em que andava Pedro desde a aparição do cometa, e sobretudo depois do começo da guerra.

Havia muito que lhe ocorrera a ideia de alistar-se no exército, e já o teria feito se, por um lado, não pertencesse à sociedade maçônica, a que estava ligado por um juramento, e a qual pregava a paz perpétua e a abolição das guerras, e, por outro, não tivesse visto como avultado número de moscovitas vestia o uniforme militar com grande alarde de patriotismo, coisa que, sem que ele soubesse muito bem por quê, o fazia sentir-se um pouco envergonhado de dar esse passo. A causa principal do seu retraimento, no entanto, era aquela vaga

convicção de ser ele “l’russe Bésouhoff”, quem representava o número 666, e de que a sua participação na grande obra de destruição do poder da besta estava decidida desde toda a eternidade, fato que o levava a pensar, por conseguinte, não dever tomar por si próprio qualquer resolução, mas esperar pelo que fatalmente tinha de acontecer.

Capítulo XX

Em casa dos Rostov, como era costume todos os domingos, havia algumas pessoas íntimas a jantar.

Pedro chegou mais cedo para encontrar a família só. Engordara tanto nesse ano que, se não fosse a sua grande estatura, estaria disforme. Os seus largos ombros e a sua grande robustez aguentavam perfeitamente aquela obesidade.

Subiu as escadas resfolgando e murmurando qualquer coisa entre dentes. O cocheiro não lhe perguntara se devia esperar; sabia muito bem que teria de aguardar até à meia-noite. Os lacaios de Rostov haviam-se precipitado para o ajudar a despir o casacão e tomarem conta do chapéu e da bengala. Deixava-os sempre no vestíbulo, como costumava fazer no clube.

A primeira pessoa que ele avistou foi Natacha, Ouvira-a mesmo antes de a ver quando despia o casacão na antecâmara. Dava-se a exercícios de solfejo no salão. Como Pedro sabia que ela não voltara a cantar desde que adoecera, o som da sua voz foi para ele uma surpresa muito agradável. Entreabriu a porta de mansinho e viu-a com o seu vestido lilás, o que levava à missa, andar de um lado para o outro cantando. Estava de costas quando ele abriu a porta, mas, tendo-se voltado bruscamente, descobriu, assombrada, a sua espessa figura. Corando muito, correu para ele.

— Estou com vontade de cantar outra vez — disse ela. — Ajuda-me a passar o tempo — acrescentou, como que a desculpar-se.

— Muito bem.

— Estou muito contente por ter vindo! Sinto-me hoje tão feliz! — continuou com a mesma animação de outrora, animação que Pedro lhe não via há muito. — Sabe? O Nicolau teve a cruz de S. Jorge! Estou cheia de orgulho por ele!

— Sim, bem sei, fui eu quem mandou a ordem do exército. Mas não a quero importunar — acrescentou, dispondo-se a passar ao salão contíguo.

Natacha deteve-o.

— Conde! Acha que faço mal em cantar? — disse, corando, enquanto o interrogava com os olhos.

— Mas... por quê? Pelo contrário... Por que me pergunta isso?

— Não sei — replicou ela precipitadamente. — Não gostava de fazer fosse o que fosse que lhe desagradasse. Tenho tanta confiança em si! Nem calcula a importância que tem para mim e o bem que me tem feito! — prosseguiu ela, no mesmo tom, sem reparar que Pedro ia corando à medida que ela falava. — Ah! também vi nessa mesma ordem do exército que ele está na Rússia, ele, Bolkonski — pronunciou o nome em voz baixa e precipitadamente -, e que voltou para o exército. Que acha? Crê que virá a perdoar-me? — acrescentou, em voz sumida,

como se receasse que as forças lhe faltassem antes de acabar a frase. — Acha que ficará para sempre zangado comigo? Diga. Que lhe parece?

— Acho... — voltou Pedro — que nada tem a perdoar-lhe... E se eu estivesse no lugar dele...

Por associação de ideias, transportara-se, subitamente, ao momento em que, para consolá-la, lhe dissera que se estivesse livre lhe pediria de joelhos que se casasse com ele, e os mesmos sentimentos de piedade, de ternura, de amor lhe encheram o coração e as mesmas palavras de então lhe vieram aos lábios. Natacha, porem, não lhe deu tempo de pronunciá-las.

— Oh, o Pedro... o Pedro... — articulou a palavra com exaltação — o Pedro é muito diferente. Ninguém conheço melhor, mais generoso, mais nobre e não pode haver outro. Se o não tivesse a meu lado então, e agora mesmo, não sei o que teria sido de mim, pois...

De súbito encheram-se-lhe os olhos de lágrimas. Voltou a cabeça para o lado, ergueu o caderno de música para esconder a emoção que a tomava e pôs-se a cantar, passeando na sala de um lado para o outro.

Nessa altura Pétia entrou no salão.

Era um rapazinho de quinze anos, fresco e rosado, com grossos lábios vermelhos, que se parecia com Natacha. Estava a preparar-se para entrar na universidade, mas ultimamente, tanto ele como o seu camarada Obolenski, congeminavam, às escondidas, fazer-se húsares.

Pétia precipitou-se a falar do problema ao seu homônimo.

Pedi-lhe que se informasse se o aceitariam no corpo de húsares.

Mas Pedro, sem o ouvir, continuava a andar de cá para lá.

Pétia travou-lhe do braço para lhe chamar a atenção.

— Então, como vão as minhas coisas, Pedro Kirilovitch? Por amor de Deus! É a minha única esperança! — exclamou Pétia.

— Ah, sim! O teu caso? Os húsares? Hei de falar nisso, hei de falar nisso. Hoje, sem falta.

— Então, meu caro, então! Arranjou a proclamação? — disse-lhe o velho conde assim que o viu. — A condessa foi à missa, à capela dos Razumovski. Rezaram uma nova oração. Parece que é muito bonita. Ela assim o diz.

— Sim, arranjei — redarguiu Pedro — O imperador chega amanhã... Haverá uma reunião extraordinária da nobreza e fala-se num recrutamento de dez por cada mil homens. E os meus parabéns!

— É verdade, é verdade! Louvado seja Deus! E do exército, que notícias há?

— Os nossos recuaram outra vez. Estão já nas proximidades de Smolensk, segundo se diz — replicou Pedro.

— Meu Deus, meu Deus! — exclamou o conde. — E onde é que tem a proclamação?

— A proclamação! Ah! sim!

Pedro pôs-se a mexer nos bolsos e não pôde dar com ela. Sempre revolvendo as algibeiras, ia beijando a mão à condessa, que entretanto penetrara na sala, e lançando olhares inquietos à sua roda, preocupado com Natacha, que deixara de cantar e não aparecia.

— Ora que isto, não sei onde a meti — disse ele.

— Perde tudo! — murmurou a condessa.

Natacha entrou nessa altura na sala com um ar enternecido e emocionado e sentou-se, sem dizer palavra, a olhar para Pedro. Ao vê-la na sala, o rosto deste, triste até então, iluminou-se de súbito, e, continuando nas suas pesquisas, olhava-a de vez em quando.

— Eu vou procurá-la. Devo tê-la deixado em casa. Com certeza...

— Vai chegar tarde para o jantar.

— É verdade, e o cocheiro foi-se embora.

Mas Sônia, que fora procurar os papéis ao vestíbulo, encontrara-os no chapéu de Pedro, onde ele os guardara cuidadosamente debaixo da vira. Pedro ia principiar a ler.

— Não, depois do jantar — atalhou o velho conde, que se preparava para apreciar devidamente a leitura.

Durante o jantar, em que se bebeu champanhe à saúde do novo cavaleiro de S. Jorge, Chinchine contou o que se dizia na cidade: falou na doença da velha princesa georgiana, no desaparecimento de Métivier, na história de um alemão que fora conduzido à presença de Rostoptchine, a quem disseram que se tratava de um champignon, mas que, como o próprio Rostoptchine contara, mandara soltar dizendo que não era um champignon francês, mas apenas um velho cogumelo alemão.

— Sim, sim, deitam-lhes a mão, deitam-lhes a mão — disse o conde -, e já tenho dito muitas vezes à condessa que não fale francês. Não é momento para isso.

— E querem saber? — voltou Chinchine. — O príncipe Galitzine contratou um preceptor russo, está a aprender russo. Começa a ser perigoso falar francês pelas ruas.

— Então, Pedro Kirilovitch, quando recrutarem a milícia, lá o verei a cavalo — disse o velho conde.

Pedro estivera silencioso e pensativo durante toda a refeição. Fitou o conde, que o interpelava, sem parecer tê-lo compreendido.

— Sim, sim, a guerra! — exclamou ele. — E eu, que belo guerreiro! De resto, é tudo tão estranho! Realmente não percebo coisa alguma. Não sei, sou um homem com muito pouca propensão para a guerra, mas nos tempos que correm ninguém pode responder por si.

Depois do jantar, o conde instalou-se tranquilamente numa poltrona, e, com grave semblante, pediu a Sônia, que tinha fama de pronunciar muito bem, que lesse a proclamação.

Dada em Moscou, a nossa primeira capital.

O inimigo atravessou com forças consideráveis as fronteiras da Rússia. Vem assolar a nossa pátria bem-amada, leu Sônia, meticulosamente, com a sua vozita fina. O conde ouvia-a de olhos fechados, suspirando de vez em quando em certos passos. Natacha, na sua cadeira, muito atenta, ia fixando, escrutadoramente, ora o pai ora Pedro. Este, sentindo que ela o olhava, evitava voltar-se para o seu lado. A condessa, sempre que havia uma frase solene na proclamação, abanava a cabeça num ar descontente e desaprovador. Em tudo aquilo via apenas que os perigos que ameaçavam o filho estavam longe de acabar. Chinchine, a boca franzida num sorriso trocista, preparava-se evidentemente para aproveitar todas as oportunidades que se lhe oferecessem para fazer espírito, quer a propósito da leitura de Sônia, quer do que o conde diria, quer ainda da própria proclamação, à falta de qualquer outro pretexto.

Depois de ter lido os passos relativos aos perigos que ameaçavam a Rússia, às esperanças que o imperador depositava em Moscou e sobretudo na sua gloriosa nobreza, Sônia, em voz trêmula, principalmente por virtude da atenção que lhe prestavam, chegou ao fim:

Não tarda que nós próprios nos encontremos entre o nosso povo nesta capital e em outros locais do nosso Império, prontos a deliberar e a guiar todas as nossas milícias, tanto as que atualmente cortam o passo ao inimigo como as que se vão formar para combatê-lo onde quer que ele se encontre. Que a perdição em que ele quer precipitar-nos recaia sobre a sua própria cabeça e que a Europa, liberta da escravidão, glorifique o nome da Rússia!

— Muito bem! — exclamou o conde, entreabrindo os olhos umedecidos e fungando por várias vezes, como se lhe dessem saís a cheirar. E acrescentou: — Basta

uma palavra do imperador, e estamos prontos a tudo sacrificar, sem poupar nada.

Ainda Chinchine não tinha tido oportunidade de proferir o seu gracejo sobre o patriotismo do conde quando Natacha correu para o pai.

— Que pai encantador eu tenho! — exclamou ela, beijando-o, e ao mesmo tempo relanceava de novo um olhar a Pedro com uma galanteria inconsciente, que acordava nela ao mesmo tempo que a alegria.

— Isto é que é uma patriota! — disse Chinchine.

— Não sou patriota, sou apenas... — ripostou Natacha, ofendida. — Ri-se de tudo, mas isto não é para rir...

— Que há nisto que dê vontade de rir...? — observou o conde. — Basta uma palavra sua, e todos nós nos levantaremos... Nós não somos como os alemães...

— Repararam que a proclamação diz: “prontos a deliberar”?

— Ou seja para isso ou para qualquer outra coisa.

Nesse momento Pétia, a quem ninguém prestava atenção, aproximou-se do pai, e, muito corado, numa voz entrecortada, ora vibrante ora quase surda, disse-lhe:

— Pois bem, pai, dir-lhe-ei agora, e a si também, minha mãe, se assim o querem; digo-lhes: deixem-me ingressar no exército, porque não posso mais... e é tudo...

A condessa, aterrorizada, elevou os olhos, apertou as mãos uma na outra e disse para o marido:

— Aqui tens! Foi isto o que tu conseguiste!

Mas o conde imediatamente baixou o calor do seu entusiasmo.

— Bom, bom — disse ele. — Olhem para este guerreiro. Não digas tolices! Trata mas é de ir para a escola.

— Não são tolices, pai. Obolenski Fédia é mais novo do que eu e também vai para a guerra. Além disso, por mais que faça, não sou capaz de estudar agora, que... — Pétia calou-se, corando até às meninas dos olhos, e concluiu: — a pátria está em perigo.

— Basta, basta! Deixa-te de disparates...

— Mas o pai ainda agora disse que estava pronto a sacrificar tudo.

— Pétia! Já te disse que te calasses! — gritou o conde, trocando um olhar com a mulher, a qual, muito pálida, não retirava os olhos do seu filho mais novo.

— E vou dizer-lhe... Pedro Kirilovitch lhe dirá...

— Já disse, são disparates. Ainda ontem era um menino de mama e já hoje quer ser soldado. Bem, bem, já te disse o que tinha a dizer-te.

E o conde, pegando na proclamação, naturalmente para voltar a lê-la no seu gabinete, antes de ir para a cama, dispunha-se sair.

— Pedro Kirilovitch — disse ele -, venha fumar um cigarro...

Pedro estava muito perturbado e indeciso. Sentia postos nele a todo o momento os olhos brilhantes e animados de Natacha, com uma insistência que não era apenas amabilidade.

— Não. Parece-me que vou para casa...

— Que diz? Para casa? Mas o senhor vinha passar a noite conosco... Vem poucas vezes a nossa casa. E esta... — continuou o conde, bonacheirão, apontando para Natacha — esta só parece alegre na sua presença.

— Sim, mas esqueci-me... Tenho de voltar a casa sem falta... Uns assuntos... — replicou Pedro, pressuroso.

— Bem, então adeus — disse o conde, retirando-se.

— Por que se vai embora? Por que está tão perturbado? Por quê? — perguntou-lhe Natacha, fitando-o provocadoramente nos olhos.

“Porque te amo!”, teria ele desejado dizer, mas não abriu a boca e corou até à raiz dos cabelos, baixando a vista.

— Porque seria melhor para mim visitá-los menos vezes... Porque... Não, seriamente, é porque tenho uns assuntos...

— Por quê? Diga-me por quê... — teimou Natacha, num tom decidido. De repente, porém, calou-se.

Os dois entreolharam — se, receosos e confusos. Pedro procurou sorrir, mas não pôde. No seu esgar havia sofrimento. Beijou a mão de Natacha em silêncio e desapareceu.

Pedro decidiu não voltar à casa dos Rostov.

Capítulo XXI

Pétia, depois de tão formal negativa do pai, fechou-se no quarto e chorou amargamente. Todos fingiram não dar por coisa alguma quando ele apareceu para o chá, triste e calado, com os olhos todos vermelhos.

No dia seguinte chegava o imperador. Alguns dos criados de Rostov pediram licença para assistir à chegada do czar. Naquela manhã Pétia levou muito tempo a vestir-se e a pentear-se e pôs um colarinho de homem. Franzia as sobancelhas diante do espelho, esboçava grandes gestos, encolhia os ombros. Finalmente, sem dizer nada a ninguém, pôs o chapéu e saiu pela porta de serviço, procurando não ser visto. Decidira ir diretamente ao local onde estivesse o imperador e explicar a um dos camaristas — pensava que o imperador andava sempre rodeado de uma nuvem de camaristas — ser o conde Rostov e que, não obstante muito novo, era seu desejo servir a pátria, e que a sua pouca idade não podia ser obstáculo quando se tratava de uma coisa assim e que estava disposto... Preparara uma série de lindos discursos para recitar ao dito camarista.

Pétia contava ser bem sucedido ao apresentar-se ao imperador precisamente porque era uma criança — pensava, inclusivamente, assombrar toda a gente com a sua juventude -, e, no entanto, na maneira como arranjava o colarinho, na forma como se penteava, no seu andar grave e moderado, procurava dar a impressão de ser um homem feito. À medida, porém, que ia avançando, mais distraído se mostrava com a multidão que afluía ao Kremlin, esquecendo-se de manter o ar grave que convinha. Ao aproximar-se do palácio, tratou de não deixar que a multidão o arrastasse e pôs-se a distribuir empurrões para a direita e para a esquerda, com ar ameaçador. Na porta da Trindade, apesar de toda a sua energia, a multidão, que provavelmente ignorava as suas intenções patrióticas, de tal modo o comprimiu de encontro à muralha que ele não teve outro remédio senão ficar ali parado espera que as carruagens que passavam sob o arco, estrondeando, houvessem desfilado. Ao pé dele estava uma mulher do povo, um lacaios, dois negociantes e um soldado reformado. Depois de algum tempo imobilizado, Pétia, sem esperar que desfilassem todas as carruagens, quis passar adiante dos demais e resolveu abrir caminho à força de cotovelos. Porém a mulher que estava a seu lado, a primeira pessoa a ser acotovelada, interpelou-o, colérica:

— Que é lá isso, senhorito? Não vê que estão todos à espera? Onde vai com essa pressa?

— Assim todos nós podíamos caminhar — corroborou o lacaios, que, servindo-se também dos seus cotovelos, o empurrou de encontro a um malcheiroso recanto da porta.

Pétia passou a mão pela cara coberta de suor e deu um jeito ao colarinho todo amarrotado que com tanto esmero pusera, à imitação das pessoas crescidas.

Reconhecia já não estar com aspecto decente e que se se apresentasse ao camarista não o deixariam aproximar-se do imperador. Mas recompor-se e sair daquele labirinto não lhe era possível. A certa altura viu passar um general conhecido da família. Pensou pedir-lhe que o ajudasse, mas logo reconsiderou, achando que isso não era atitude digna de um homem como ele. Assim que acabaram de desfilar as carruagens, a multidão precipitou-se e arrastou-o consigo até à praça, coalhada de povo. Havia gente por todos os lados, até em cima dos telhados. Assim que desembocou na praça ouviu distintamente o repicar dos sinos que enchia todo o Kremlin e o burburinho da turbamulta. De súbito abriu-se uma clareira entre a multidão, todas as cabeças se descobriram e mais uma vez toda a gente se lançou para diante. Pétia, esmagado pela multidão, mal podia respirar. Todos gritavam: “Hurra! Hurra! Hurra!”. O pequeno erguera-se na ponta dos pés, empurrava os vizinhos, agarrava-se a eles, mas nada mais podia ver além da multidão que o cercava.

Em todos os rostos havia o mesmo entusiasmo e o mesmo carinho. Uma vendedeira, a seu lado, rompeu em soluços, e as lágrimas caíam-lhe pela cara.

— Paizinho, meu anjo, meu paizinho! — balbuciava ela, enxugando as lágrimas com as mãos.

“Hurra!”, continuava a ouvir-se por todos os lados.

Por momentos, a multidão imobilizou-se, e de novo se lançou para a frente.

Pétia, sem dar conta do que fazia, de dentes cerrados e os olhos esbugalhados, precipitou-se também, distribuindo socos e gritando: “Hurra!”. Dir-se-ia que naquele momento estava pronto a matar os outros e a matar-se a si. A seu lado, pessoas com expressões idênticas e igualmente selvagens soltavam os mesmos clamores.

“Finalmente, lá está o imperador!”, pensava ele. “Ah! mas como apresentar-lhe a minha petição? Seria um atrevimento!” Nem por isso deixava contudo de furar a multidão desesperadamente, e por cima dos ombros dos que iam diante dele pôde ver um espaço livre com uma passadeira encarnada. No mesmo momento, porém, a multidão recuou, pois os polícias que estavam na frente tinham repellido os que haviam chegado perto demais do cortejo na altura em que o imperador, vindo do palácio, entrava na catedral de UsPENKI. Foi então que Pétia recebeu de repente uma grande pancada na cabeça e se sentiu de tal modo esmagado pela multidão que a vista lhe toldou e caiu sem sentidos. Quando

voltou a si, um dignitário da igreja, com um rabicho de cabelos brancos na nuca, vestindo uma sotaina azul desbotada, naturalmente um sacristão, amparava-o com uma mão por debaixo de um braço, enquanto com a outra o protegia da vaga da multidão.

— Iam matando este rapazinho! — clamava o sacristão. — Não veem?... Cuidado!... Está esmagado, esmagado!

O imperador entrava na catedral. A multidão apaziguou-se outra vez e o sacristão levou consigo Pétia, muito pálido, mal podendo respirar, até ao pé do rei dos canhões. Várias pessoas se compadeceram de Pétia e a multidão refluíu, de súbito, direita a ele, comprimindo-se à sua volta. Os que estavam mais perto desapertaram-lhe o fato, obrigaram-no a sentar-se no pedestal do canhão, manifestando a sua revolta contra os que o haviam posto em tal estado. “Podiam tê-lo liquidado! Sempre te digo! É um crime! Olhem para ele, pobre miúdo, está branco como a cal da parede!” murmurava-se na turba.

Não tardou que Pétia voltasse completamente a si. As faces tornaram a ficar coradas, a dor passou e graças a esta passageira indisposição pôde conseguir um bom lugar em cima do canhão, donde esperava poder ver agora perfeitamente o imperador no seu regresso da catedral. Não pensava mais, porém, na sua petição. Vê-lo que fosse já era uma grande felicidade.

Durante a cerimônia na catedral, em que se celebrava um serviço de ação de graças pelo regresso do imperador e outro pela conclusão da paz com os turcos, a multidão dispersou-se. Apareceram então os vendedores de kvas, de rosquilhas de amêndoa e de sementes de papoula, de que Pétia gostava muito; soltavam os seus pregões enquanto a multidão tagarelava. Uma vendedeira expunha o xale rasgado e dizia quanto lhe custara, outra garantia estarem as sedas por um preço doido. O sacristão que salvara Pétia falava com um funcionário sobre as personalidades que oficiavam com Sua Eminência. Por várias vezes pronunciou a palavra “concílio”, cuja significação Pétia ignorava. Dois comerciantes novos chalaceavam com duas moças que rilhavam nozes. Todas estas conversas, principalmente a dos rapazotes com as moças, coisa própria para o interessar na sua idade, não lhe despertavam a mais pequena curiosidade naquele momento. Ali estava empoleirado no pedestal do canhão, comovidíssimo, a pensar no imperador e no amor que lhe tinha. E a dor e o medo que experimentara quando se vira por terra, juntos ao entusiasmo que sentia, ainda lhe tornavam mais memorável aquela hora solene.

De repente estrondearam tiros de canhão ao longo do cais — eram salvas para comemorar a paz com os turcos -, e a multidão arrojou-se em peso para aquele lado na esperança de desfrutar o novo espetáculo. Pétia quis fazer o mesmo, mas o sacristão, que o tomara à sua guarda, não consentiu. Ainda as

salvas não tinham cessado quando saíram apressadamente da catedral oficiais, generais, camareiros, e atrás deles outra gente que caminhava menos apressada. Todos os presentes se desbarretaram e a multidão que ocorrera ao cais de novo afluiu àquele lado da praça. Finalmente quatro senhores de uniforme de gala apareceram à porta. “Hurra! Hurra!”, gritou a multidão.

“Qual é? Qual é?”, perguntava Pétia com lágrimas na voz, mas ninguém lhe respondia. Toda a gente estava embasbacada com o espetáculo. E, escolhendo ao acaso uma das quatro personagens que mal podia distinguir através das lágrimas de alegria que lhe inundavam os olhos, foi a ela que consagrou todo o seu entusiasmo. Gritou “Hurra!”, numa voz arrebatada, e ali mesmo resolveu definitivamente, custasse o que custasse, que a partir do dia seguinte seria soldado.

A turba correu atrás do imperador, acompanhando-o até ao palácio e em seguida dispersou. Era tarde, e Pétia, em jejum, sentia-se alagado de suor, que lhe gotejava da testa. Não saía, porém, de ao pé dos basbaques, cada vez mais raros, mas ainda muitos nessa altura. Enquanto durou o banquete do imperador deixou-se ficar diante do palácio, a olhar para as janelas, sempre à espera de um acontecimento qualquer, e cheio de inveja, ao mesmo tempo, quer dos dignitários que chegavam para tomar parte no jantar, quer dos lacaios que serviam à mesa e que se viam através das janelas.

Durante o banquete, Valuiev, lançando um olhar para a rua, disse:

— O povo ainda espera tornar a ver Vossa Majestade.

O jantar estava no fim, o imperador levantou-se, a trincar ainda um biscoito, e apareceu à varanda.

“Nosso anjo! Nosso pai! Hurra! Nosso pai!...”, gritava a multidão, e Pétia com ela. E de novo as mulheres e alguns homens também, mais discretamente, em cujo número se contava Pétia, choraram lágrimas de alegria.

Um pedaço de biscoito que o imperador tinha na mão caiu sobre o parapeito da varanda e daí para a rua. Um cocheiro, de avental, que estava mais perto, precipitou-se para apanhá-lo. Os que se encontravam nas imediações lançaram-se sobre ele. Vendo o que, o czar mandou lhe trouxessem o prato dos biscoitos e despejou-o do alto da varanda. Os olhos de Pétia injetaram-se de sangue. O perigo de ser pisado ainda mais o excitava, e precipitou-se. Não sabia por quê, mas sentia que precisava absolutamente de um dos biscoitos arrojados pela mão do imperador e por nada deste mundo teria desistido do seu intento. Na sua carreira atirou ao chão uma velha que ia deitar a mão a um deles, a qual se não deu por vencida, embora de joelhos em terra. Tinha, porém, o braço muito curto. Pétia deu-lhe uma joelhada, apanhou o biscoito, e, para não ficar atrás dos outros, gritou de novo: “Hurra!”, mas desta vez numa voz rouca.

O imperador recolheu-se e então a maior parte do povo dispersou.

“Eu bem te disse que era bom esperar. Aqui tens, conseguimos vê-lo!”, dizia-se, alegremente, no meio da multidão.

Apesar da alegria que experimentava, Pétia não estava satisfeito por voltar para casa; o prazer daquela jornada findara para ele. Por isso, em vez de regressar ao lar, dirigiu-se a casa do seu camarada Obolenski, que tinha quinze anos e ia ingressar no exército. Quando voltou a casa, Pétia declarou resolutamente que fugiria se o não deixassem alistar-se. E no dia seguinte, embora sem ter dado ainda a sua autorização formal, o conde Ilia Andreitch foi informar-se de qual seria a melhor maneira de alistar o filho sem o expor demasiado.

Capítulo XXII

No dia 15, de manhã, três dias depois dos acontecimentos relatados, grande número de carruagens estacionava diante do Palácio Slobotski.

Os salões estavam cheios de gente. No primeiro havia nobres envergando os seus uniformes; no outro, comerciantes de grandes barbas, com as suas condecorações e os seus cafetãs azuis.

Na sala da nobreza tudo era bulício e agitação. Diante de uma grande mesa, sob o retrato do imperador, em cadeiras de alto espaldar, sentavam-se as personalidades mais importantes, mas a maior parte das pessoas deambulava pela sala.

Toda esta fidalguia, a mesma gente que Pedro encontrava todos os dias no clube ou a quem visitava, vestia uniformes de épocas diferentes, do tempo de Catarina, de Paulo, de Alexandre, ou então a farda vulgar da nobreza. Mas esses uniformes, no fundo bastante parecidos, davam um aspecto estranho e fantástico a essas figuras, jovens ou idosas, tão diferentes e ao mesmo tempo tão conhecidas. Os mais extraordinários eram os velhos: desdentados, calvos, meio cegos, cobertos de uma gordura amarelenta ou então magros e rugosos. A maior parte permanecia sentada, sem dizer palavra, e, se alguns se levantavam para conversar, iam instalar-se ao pé dos mais novos.

À semelhança do que acontecia com os rostos da multidão estacionada na praça em que estivera Pétia, também na expressão desta gente se refletiam as mais variadas preocupações: a expectativa de um acontecimento memorável ou a recordação do fato mais banal da vida, uma partida de boston, um bom jantar preparado pelo cozinheiro Petrushka, a boa saúde de Zenaida Dmitrievna e coisas do mesmo teor.

Desde manhã muito cedo que Pedro, que a custo se enfiara no seu uniforme de fidalgo, muito apertado, se encontrava na sala. Uma grande emoção o dominava. Esta reunião extraordinária, não só da nobreza, mas dos próprios comerciantes, aquela reunião das diversas classes, os estados gerais, despertava nele uma revoada de ideias há muito abandonadas, embora profundamente arreigadas no seu espírito, relativas ao Contrato Social e à Revolução Francesa.

As palavras da proclamação anunciando que o imperador iria a Moscou para deliberar com o seu povo confirmavam-no na sua maneira de ver. E na suposição de que se preparava, nesta ordem de ideias, qualquer coisa de importante, que há muito esperava, ia e vinha, observava, prestava o ouvido às conversas, sem de resto nada encontrar em parte alguma que viesse ao encontro dos pensamentos que o absorviam.

Foi lida a proclamação, que despertou entusiasmo, depois formaram-se grupos fazendo comentários. Além dos assuntos triviais de conversa, Pedro

reparou que se falava do lugar em que deviam ficar colocados os marechais da nobreza quando entrasse o imperador, da data do baile em sua honra, e as pessoas perguntavam umas às outras se deveriam reunir-se por distritos ou por províncias, etc. Sempre porém que se falava da guerra e do objeto preciso daquela reunião, só se diziam coisas vagas e indecisas. As pessoas preferiam ouvir a falar.

Um homem de certa idade, com ar marcial, bonita figura e farda de oficial da marinha reformado, falava numa das salas a um grupo de pessoas que o rodeavam. Pedro aproximou-se e pôs-se a escutar.

O conde Ilia Andreitch, com o seu cafetã de voivoda do tempo de Catarina, cirandava com um sorriso nos lábios por meio da multidão, tudo gente sua conhecida. Aproximando-se igualmente do grupo, apurou o ouvido, com esse ar bonacheirão que tinha sempre em tais casos, enquanto abanava a cabeça aprovadoramente. O marinheiro sustentava opiniões muito atrevidas, como podia depreender-se da expressão dos que o ouviam e do fato de pessoas que Pedro conhecia como pacíficas e serenas se afastarem dele com modos reprovadores ou contradizendo-o. Abrindo caminho até meio do grupo, Pedro, depois de escutar por algum tempo, convenceu-se de que quem falava era realmente um liberal, mas um liberal de uma natureza muito diversa da sua. O orador tinha uma voz de barítono, sonora e cantante, comia os rr e abreviava as consoantes, uma dessas vozes que costumam gritar: “Rapaz, o meu cachimbo!” e coisas idênticas. Falava com o entono e a segurança de quem está habituado a mandar.

— E então? Que tem que os de Smolensk tenham oferecido milícias ao imperador? São eles quem faz as leis? Se a digna nobreza da província de Moscou assim o entender, tem outras maneiras de mostrar a sua dedicação. Já esquecemos a milícia de 1807? Só ganharam com isso os ladrões e os filhos de pope...

O conde Ilia Andreitch, sorrindo docemente, abanava a cabeça, aprovador.

— E então? De que serviram ao Estado os milicianos? De nada. A única coisa que fizeram foi arruinar as nossas propriedades. Ainda o melhor é o recrutamento... Se assim não for, aqueles que voltarem da guerra nem serão soldados nem camponeses, mas malandros, malandros, nada mais. Os nobres não poupam a sua vida, todos nós lá iremos individualmente e levaremos conosco os recrutas. Basta que o imperador chame por nós, e estaremos prontos a morrer por ele — concluiu o orador, cada vez mais entusiasmado.

Ilia Andreitch engasgava-se, de tão contente, e ia dando cotoveladas a Pedro, pela sua parte desejoso de dizer alguma coisa também. Deu alguns passos em frente, arrebatado pelas circunstâncias, mas sem saber ao certo o que ia dizer.

Mal abriu a boca, logo foi interrompido por um senador desdentado, de expressão inteligente, mas furibunda, que estava ao lado do orador. Via-se ser homem habituado a presidir a debates, e falava numa voz serena, mas precisa.

— Suponho, meu caro senhor — disse, com a sua boca desdentada -, não termos sido convocados para discutir o que é preferível para o imperador na hora que passa: o recrutamento ou a milícia. Temos de responder à proclamação com que o imperador nos honrou. Quanto a escolher entre o recrutamento e a milícia, deixemos que o poder supremo decida...

Pedro encontrou logo uma saída para a exaltação que o tomava.

Estava indignado com as vistas curtas e com as limitações que o senador queria impor às opiniões da nobreza. Deu um passo em frente e interrompeu-o. Ele próprio não sabia o que ia dizer, mas pôs-se a falar com vivacidade, usando palavras francesas intercaladas num russo assaz livresco.

— Perdoe-me, Excelência — principiou ele. Era íntimo do senador mas entendia dever dar-lhe esse tratamento. — Embora eu seja da opinião deste senhor... — Engasgou-se. Era sua intenção dizer: meu muito digno preopinante... — Deste senhor... que não tenho a honra de conhecer, suponho que a nobreza não foi convocada apenas para exprimir a sua simpatia e o seu entusiasmo, mas também para discutir as medidas que entenda úteis à pátria. Suponho — prosseguiu ele, cada vez mais animado — que o próprio imperador ficaria descontente se visse que não passávamos de proprietários de campônios postos às suas ordens para... carne de canhão, em vez de um... conselho.

Vários circunstantes afastaram-se ao verem o sorriso desdenhoso do senador, além de acharem que Pedro empregava uma linguagem muito livre. Só Ilia Andreitch aprovou o discurso deste, tal qual como havia aprovado antes o do marinheiro, o do senador e em geral de todos quantos fossem os últimos a falar.

— Suponho — prosseguiu Pedro — que antes de discutirmos estas questões devemos pedir respeitosamente ao imperador que nos comunique o número de soldados de que dispomos e a situação em que está o nosso exército e então...

Mas Pedro não pôde continuar. Interpelaram-no de três lugares distintos. E o mais violento dos seus antagonistas foi um homem que ele conhecia havia muito, seu parceiro no jogo do boston, sempre nos melhores termos com ele, um tal Stepan Stepanovitch Adraksine. Este tal Stepan Stepanovitch envergava o uniforme, e, ou fosse por essa ou por outra razão, Pedro viu diante de si um homem completamente diferente. Com uma súbita cólera senil pintada no rosto, gritou para Pedro:

— Em primeiro lugar, devo chamar-lhe a atenção para o fato de não termos o direito de formular tais perguntas ao imperador, e, em segundo lugar,

ainda mesmo que a nobreza russa tivesse esse direito, o imperador não podia responder-nos. A marcha das nossas tropas está subordinada à do inimigo. Ora vão ora vêm...

Outra voz ressoou, a voz de um homem de estatura média, dos seus quarenta anos, que Pedro outrora vira em casa das ciganas e que conhecia por batoteiro. Completamente outro, talvez também mercê do uniforme que vestia, avançou para Pedro, interrompendo Adraksine.

— O momento não é para discussões — disse ele -, mas para agir: temos a guerra em casa. O nosso inimigo avança disposto a esmagar a Rússia, a profanar os túmulos dos nossos antepassados, a levar consigo as nossas mulheres, os nossos filhos. — Ao dizer estas palavras o orador bateu no peito. — Levantar-nos-emos todos, daremos tudo ao nosso pai, o czar! — Gritava com os olhos injetados fora das órbitas, e na multidão ouviram-se algumas palavras de aplauso. — Somos russos e não pouparemos o nosso sangue na defesa da fé, do trono e da Rússia. E se somos dignos filhos da nossa pátria, deixemos de lado todas essas quimeras. Mostraremos à Europa como a Rússia é capaz de se levantar pela Rússia.

Pedro teria querido replicar, mas achou melhor não abrir a boca. Tinha percebido que as suas palavras, independentemente das ideias que exprimissem, teriam menos repercussão que as daquele nobre exaltado.

Ilia Andreitch, lá atrás do grupo, aprovou também o orador. Quando este terminou o seu discurso, alguns dos presentes voltaram-se para ele e exclamaram:

“Muito bem! Muito bem!”

Pedro teria querido dizer estar pronto também a todos os sacrifícios monetários, e em homens igualmente, e até a sacrificar-se a si próprio, mas que entendia ser preciso conhecer a situação para lhe dar remédio. Não o pôde fazer porém. Toda a gente gritava e falava simultaneamente. Ilia Andreitch não tinha tempo de os aprovar a todos. E o grupo aumentava, dispersava-se, refazia-se, até que, finalmente, no meio do rumor das conversas, lá foi, através da sala, direito à grande mesa. Não só Pedro não lograva dizer uma única palavra, como o interpelavam grosseiramente, repeliavam-no, voltavam-lhe as costas, como se ele fosse um inimigo comum. Não é que estivessem descontentes com o sentido do seu discurso — tinham esquecido por completo o que ele dissera depois dos que haviam falado em seguida -, mas aquela multidão excitada necessitava de um objeto palpável que amasse ou odiasse. Pedro, eis o bode expiatório. Muitos foram os oradores que falaram ainda, e todos eles no mesmo tom. Alguns discursavam bastante bem e de maneira original.

O diretor do Mensageiro Russo, Glinka, a quem saudaram, ao reconhecê-lo, gritando: “O escritor! O escritor!”, disse que “o inferno devia ser repellido pelo inferno”, que “vira uma criança sorrir à luz dos relâmpagos e ao ribombar dos trovões”, mas ele “não era uma criança”.

“Sim, sim, o ribombar dos trovões!”, repetia-se lá para trás, nas últimas filas.

A multidão aproximou-se da grande mesa onde, de uniforme de gala, se sentavam as personalidades da alta nobreza, septuagenários de cabelos brancos uns, outros calvos. Pedro tinha-os visto quase todos, quer nas suas próprias casas, com os seus bufões, quer no clube, sentados às mesas do boston. As conversas nem por isso cessaram. Uns após outros, e às vezes ao mesmo tempo, iam os oradores tomando a palavra, comprimidos contra os altos espaldares das cadeiras. Os que estavam atrás notavam o que o orador precedente não dissera, para se darem pressa de o expressarem. Outros, no meio daquele calor e daquele apertão, procuravam no cérebro as ideias que lhes escapavam para que os outros as tomassem. Os nobres conservavam-se nos seus tronos, olhavam uns para os outros, um pouco sobressaltados, e na expressão dos seus rostos apenas se percebia estarem cheios de calor. No entanto, Pedro sentia-se emocionado também e aquele desejo de tudo sacrificar pela pátria que palpitava em todos os discursos acabou por comunicar-se-lhe. Não renegava qualquer das suas convicções, mas sentia-se confusamente culpado e queria justificar-se.

— Apenas digo que seriam mais fáceis os nossos sacrifícios se soubéssemos quais as necessidades a enfrentar — gritou, procurando dominar a outras vozes.

Um velhinho que estava perto de Pedro encarou-o, mas logo o distraíram os gritos que ressoaram na outra extremidade da mesa.

“Sim, Moscou render-se-á! Será a expiadora”, gritava alguém.

“É um inimigo da humanidade!”, vociferou outra voz. “Deixem-me falar... Os senhores sufocam-me!...”

Capítulo XXIII

Naquele momento entrou na sala, apressadamente, por entre a multidão, que se afastava, o conde Rostoptchine, de uniforme de general, banda militar a tiracolo, queixo proeminente e olhos coruscantes.

— Sua Majestade o imperador está a chegar — disse ele — Venho lá de dentro. Creio que na situação em que nos encontramos não temos muito tempo para discutir. O imperador dignou-se reunir-nos, bem como aos comerciantes. É dali que virão os milhões — acrescentou, apontando para a sala contígua. — A nós cabe-nos formar a milícia e não nos pouparmos a nós próprios... É o menos que podemos fazer.

Entre os notáveis que se sentavam em volta da mesa principiou uma espécie de conselho. Tudo se dizia em voz segredada. E depois da algazarra anterior era triste ouvir aquele rouquejar de velhos, emitindo as suas opiniões um por um. Dizia uma voz: “Estou de acordo”; e outra, para variar a fórmula, murmurava: “Sou da mesma opinião.”

Ao secretário foi dada ordem de inscrever a resolução seguinte da nobreza moscovita: “Os moscovitas, seguindo o exemplo dos habitantes de Smolensk, darão dez homens por mil com equipamento completo.” Em seguida levantaram-se, satisfeitos por poderem desentorpecer as pernas, afastando as cadeiras com fragor, e espalhando-se pela sala, de braço dado, dando à língua.

“O imperador! O imperador!”, gritaram daí a pouco, e toda a gente se precipitou para a entrada.

Em passos largos, pelo meio de uma fila de nobres, o imperador caminhou sala dentro. Em todos os rostos havia uma curiosidade respeitosa e assustada. Pedro, bastante longe, não pôde distinguir muito bem as palavras pronunciadas. Compreendeu apenas que o imperador falava do perigo em que se encontrava o império e das esperanças que tinha na nobreza de Moscou. Outra voz respondeu ao imperador para lhe comunicar os termos da resolução que acabava de tomar-se.

— Meus senhores — disse o imperador em voz trêmula. Um ligeiro sussurro percorreu a multidão, que instantaneamente se calou, e Pedro ouviu distintamente a voz simpática e comovedora do soberano, que dizia: — Nunca duvidei da dedicação da nobreza russa. Mas hoje sinto que ultrapassou as minhas esperanças. Agradeço-vos em nome da pátria. Meus senhores, mãos à obra, o tempo é precioso...

O imperador calou-se, a multidão comprimiu-se à sua roda e exclamações de entusiasmo irromperam de todos os lados.

“Sim, e o que é mais precioso ainda... é a palavra do czar”, dizia, soluçando, nas últimas filas, Ilia Andreitch, que nada ouvira e tudo compreendera

à sua maneira.

Da sala da nobreza o imperador passou à dos comerciantes. Esteve ali perto de dez minutos. Pedro, e como ele tantos outros, viram-no abandonar a sala com lágrimas de reconhecimento a bailar-lhe dos olhos. Como depois veio a saber-se, mal principiara o seu discurso aos comerciantes, as lágrimas saltaram-lhe dos olhos e foi em voz trêmula que pronunciou as últimas palavras. Quando Pedro o viu saía ele da sala acompanhado por dois dos assistentes. Um deles era seu conhecido, um grande produtor de álcool; o outro era administrador local, de rosto magro e amarelento, barba rala. Ambos choravam. O magro tinha lágrimas nos olhos, mas o outro soluçava como uma criança, repetindo constantemente:

“Majestade! Ofereço-vos a minha vida e a minha fortuna!”

Naquele momento Pedro não desejava outra coisa senão mostrar que para ele não havia obstáculos e que estava disposto a tudo sacrificar. Lamentava o seu discurso de tendências constitucionais. Procurava uma oportunidade para o fazer esquecer. Ao saber que o conde Mamonov oferecia um regimento inteiro, declarou imediatamente ao conde Rostoptchine que daria mil homens e se encarregaria da sua manutenção.

O velho Rostov não pôde contar sem lágrimas, à mulher, que o ouvia, o que se tinha passado, dando desde logo a Pétia o consentimento que ele pedia e indo ele próprio alistá-lo.

No dia seguinte o imperador partiu. Todos os nobres que tinham sido convocados despiram o uniforme, retomando os seus hábitos, tanto em casa como no clube, e foi resmungando que deram ordem aos intendentres respectivos para a formação das milícias, surpreendidos eles próprios dos seus oferecimentos.

¹ Nome familiar do urso na Rússia. (N. dos T.)

² Canal do rio Neva que divide o centro da cidade do bairro de Kazan. (N. dos T.)

³ Autor muito lido e traduzido na Rússia de então. (N. dos T.)

⁴ Passeio célebre em Moscou. (N. dos T.)

⁵ Provérbio russo intraduzível que se refere à avareza. (N. dos T.)

⁶ Espécie de tartaruga cozida. (N. dos T.)

⁷ Provérbio russo, que quer dizer que o melhor é não nos metermos na vida alheia. (N. dos T.)

⁸ Alusão a Júlia da Nova Heloísa. (N. dos T.)

⁹ Episódio militar russo, muito célebre, de 1790. (N. dos T.)

¹⁰ Em alemão no texto russo. (N. dos T.)

¹¹ Em alemão no texto russo. (N. dos T.)

¹² Em alemão no texto russo. (N. dos T.)

¹³ Em alemão no texto russo. (N. dos T.)

¹⁴ Em alemão no texto russo. (N. dos T.)

¹⁵ Expressão usada no jogo do faraó. (N. dos T.)

¹⁶ Matuchka (tiazinha). (N. dos T.)

¹⁷ Medida russa, equivalente a 2,1336 metros. (N. dos T.)

¹⁸ Em alemão no texto russo. (N. dos T.)

¹⁹ Alusão a Bagration, cujo nome completo era Piotre Ivanovitch Bagration. (N. dos T.)

²⁰ Este foi o ataque a respeito do qual Thiers escreveu: “Os russos portaram-se valentemente, e, coisa que raramente acontece na guerra, viram-se formações de infantaria inteiras marchar resolutamente umas contra

as outras, sem que nenhuma cedesse antes do corpo a corpo.” E Napoleão, em Santa Helena: “Alguns batalhões russos mostraram-se intrépidos.” (N. do A.)

²¹ Jogo semelhante ao da barra. (N. dos T.)

²² Nome dado na Rússia aos ministérios antes da reforma de Alexandre. (N. dos T.)

²³ Perspectiva, ou avenida do domínio senhorial. (N. dos T.)

²⁴ Embaixador da Rússia em Paris. (N. dos T.)

²⁵ Em alemão no texto russo. (N. dos T.)

²⁶ Aforismo intraduzível. (N. dos T.)

²⁷ Rua importante de Moscou. (N. dos T.)

²⁸ Nome corrente dos cachorrinhos. (N. dos T.)

²⁹ Em alemão no texto original. (N. dos T.)

³⁰ Pão que é uma especialidade de Moscou. (N. dos T.)

³¹ Carro de praça, (N. dos T.)

³² Guloseima feita de amêndoas. (N. dos T.)

³³ Calças dos mujiques. (N. dos T.)

³⁴ Tecido vermelho de camisas. (N. dos T.)

³⁵ Peça declamatória do gosto da época. (N. dos T.)

³⁶ Coro de um canto oficial russo (N. dos T.)

³⁷ Grande mata a noroeste de Moscou. (N. dos T.)

³⁸ A palavra frushtik (do alemão frühstück) é muitas vezes usada pelo povo em vez da palavra russa Zavtrak (pequeno-almoço). (N. dos T.)

- ³⁹ Nesta época, os médicos da Rússia eram quase todos estrangeiros, especialmente alemães. (N. dos T.)
- ⁴⁰ Por suas próprias mãos. (N. dos T.)
- ⁴¹ Tosquiar alguém é fazê-lo assentar praça. (N. dos T.)
- ⁴² Queria dizer general. (N. dos T.)
- ⁴³ Divisão territorial equivalente à província. (N. dos T.)
- ⁴⁴ Em alemão no texto original. (N. dos T.)
- ⁴⁵ A trepak é uma dança de camponeses, em que o dançarino se mantém de cócoras e lança alternadamente as pernas para diante. (N. dos T.)
- ⁴⁶ Nome que designa a cor: baio-escuro. (N. dos T.)
- ⁴⁷ A Senhora. É uma antiga canção popular. (N. dos T.)
- ⁴⁸ Atitude habitual dos criados na presença dos senhores. (N. dos T.)
- ⁴⁹ A lineika é um carro de dois lugares, cuja caixa abre de lado; drojkis é o nome que têm geralmente os carros de passeio. (N. dos T.)
- ⁵⁰ Pelo Natal, na Rússia, havia o costume de bandos mascarados visitarem amigos e parentes. (N. dos T.)
- ⁵¹ Camisola de mulher e traje característico dos bobos. (N. dos T.)
- ⁵² Uma das “adivinhas” características do Natal russo. (N. dos T.)
- ⁵³ Outra “adivinha” do Natal. (N. dos T.)
- ⁵⁴ Uma rua de Moscou. (N. dos T.)
- ⁵⁵ Alusão ao cerco do Convento de Santa Cruz, pelo marechal Ney, em junho de 1810. (N. dos T.)
- ⁵⁶ Antigo hábito eslavo de contar por quarenta. (N. dos T.)
- ⁵⁷ Espécie de saltério. (N. dos T.)
- ⁵⁸ Senhora francesa que vendia artigos de perfumaria e vestuário, em Moscou. (N. dos T.)

⁵⁹ Espécie de cotillon. (N. dos T.)

⁶⁰ toneladas: N. do R.

⁶¹ Em alemão no texto original. (N dos T.)

⁶² Em alemão no texto original. (N dos T.)

⁶³ Em alemão no texto original. (N. dos T.)

⁶⁴ Hospital de alienados, geralmente pintado de amarelo (N. dos T.)

⁶⁵ Em alemão no texto original. (N. dos T.)

⁶⁶ Brincadeira de crianças. (N. dos T.)

⁶⁷ Em alemão no texto original. (N. dos T.)

⁶⁸ Entre o povo russo, cuspir correspondia a um exorcismo. (N. dos T.)

Table of Contents

ROSTO

Primeira Parte

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Capítulo XI

Capítulo XII

Capítulo XIII

Capítulo XIV

Capítulo XV

Capítulo XVI

Capítulo XVII

Capítulo XVIII

Capítulo XIX

Capítulo XX

Capítulo XXI

Capítulo XXII

Capítulo XXIII

Capítulo XXIV

Capítulo XXV

Capítulo XXVI

Capítulo XXVII

Capítulo XXVIII

Segunda Parte

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

[Capítulo VI](#)
[Capítulo VII](#)
[Capítulo VIII](#)
[Capítulo IX](#)
[Capítulo X](#)
[Capítulo XI](#)
[Capítulo XII](#)
[Capítulo XIII](#)
[Capítulo XIV](#)
[Capítulo XV](#)
[Capítulo XVI](#)
[Capítulo XVII](#)
[Capítulo XVIII](#)
[Capítulo XIX](#)
[Capítulo XX](#)
[Capítulo XXI](#)

[Terceira Parte](#)

[Capítulo I](#)
[Capítulo II](#)
[Capítulo III](#)
[Capítulo IV](#)
[Capítulo V](#)
[Capítulo VI](#)
[Capítulo VII](#)
[Capítulo VIII](#)
[Capítulo IX](#)
[Capítulo X](#)
[Capítulo XI](#)
[Capítulo XII](#)
[Capítulo XIII](#)
[Capítulo XIV](#)
[Capítulo XV](#)
[Capítulo XVI](#)
[Capítulo XVII](#)
[Capítulo XVIII](#)
[Capítulo XIX](#)

[Quarta Parte](#)

[Capítulo I](#)
[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)
[Capítulo IV](#)
[Capítulo V](#)
[Capítulo VI](#)
[Capítulo VII](#)
[Capítulo VIII](#)
[Capítulo IX](#)
[Capítulo X](#)
[Capítulo XI](#)
[Capítulo XII](#)
[Capítulo XIII](#)
[Capítulo XIV](#)
[Capítulo XV](#)
[Capítulo XVI](#)

[Quinta Parte](#)

[Capítulo I](#)
[Capítulo II](#)
[Capítulo III](#)
[Capítulo IV](#)
[Capítulo V](#)
[Capítulo VI](#)
[Capítulo VII](#)
[Capítulo VIII](#)
[Capítulo IX](#)
[Capítulo X](#)
[Capítulo XI](#)
[Capítulo XII](#)
[Capítulo XIII](#)
[Capítulo XIV](#)
[Capítulo XV](#)
[Capítulo XVI](#)
[Capítulo XVII](#)
[Capítulo XVIII](#)
[Capítulo XIX](#)
[Capítulo XX](#)
[Capítulo XXI](#)

[Sexta Parte](#)

[Capítulo I](#)
[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)
[Capítulo IV](#)
[Capítulo V](#)
[Capítulo VI](#)
[Capítulo VII](#)
[Capítulo VIII](#)
[Capítulo IX](#)
[Capítulo X](#)
[Capítulo XI](#)
[Capítulo XII](#)
[Capítulo XIII](#)
[Capítulo XIV](#)
[Capítulo XV](#)
[Capítulo XVI](#)
[Capítulo XVII](#)
[Capítulo XVIII](#)
[Capítulo XIX](#)
[Capítulo XX](#)
[Capítulo XXI](#)
[Capítulo XXII](#)
[Capítulo XXIII](#)
[Capítulo XXIV](#)
[Capítulo XXV](#)
[Capítulo XXVI](#)

[Sétima Parte](#)

[Capítulo I](#)
[Capítulo II](#)
[Capítulo III](#)
[Capítulo IV](#)
[Capítulo V](#)
[Capítulo VI](#)
[Capítulo VII](#)
[Capítulo VIII](#)
[Capítulo IX](#)
[Capítulo X](#)
[Capítulo XI](#)
[Capítulo XII](#)
[Capítulo XIII](#)

[Oitava Parte](#)

[Capítulo I](#)
[Capítulo II](#)
[Capítulo III](#)
[Capítulo IV](#)
[Capítulo V](#)
[Capítulo VI](#)
[Capítulo VII](#)
[Capítulo VIII](#)
[Capítulo IX](#)
[Capítulo X](#)
[Capítulo XI](#)
[Capítulo XII](#)
[Capítulo XIII](#)
[Capítulo XIV](#)
[Capítulo XV](#)
[Capítulo XVI](#)
[Capítulo XVII](#)
[Capítulo XVIII](#)
[Capítulo XIX](#)
[Capítulo XX](#)
[Capítulo XXI](#)
[Capítulo XXII](#)

[Nona Parte](#)

[Capítulo I](#)
[Capítulo II](#)
[Capítulo III](#)
[Capítulo IV](#)
[Capítulo V](#)
[Capítulo VI](#)
[Capítulo VII](#)
[Capítulo VIII](#)
[Capítulo IX](#)
[Capítulo X](#)
[Capítulo XI](#)
[Capítulo XII](#)
[Capítulo XIII](#)
[Capítulo XIV](#)
[Capítulo XV](#)
[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)